CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA UFF / UNIOESTE

CARLA LUCIANA SOUZA DA SILVA

VEJA: O *indispensável* partido neoliberal
(1989 a 2002)

(Volume 1 e 2)

NITERÓI
2005

CARLA LUCIANA SOUZA DA SILVA

VEJA: O *indispensável* partido neoliberal (1989 a 2002)

(Volume 1 e 2)

Tese apresentada ao Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do Grau Doutor. Área de Concentração em História Moderna e Contemporânea

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Fontes

Niterói

2005

CARLA LUCIANA SOUZA DA SILVA

VEJA: O *indispensável* partido neoliberal

(1989 a 2002)

Tese apresentada ao Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História UFF / UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do Grau Doutor. Área de Concentração em História Moderna e Contemporânea

Aprovada em 17 de fevereiro de 2005

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Virgínia Maria Gomes Fontes (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof Dr. Carlos Gabriel Guimarães
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Badaró
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Roberto Leher
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Venício Lima
Universidade de Brasília

Niterói

2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos colegas do Grupo de Trabalho e Orientação, coordenado pela professora Virginia Fontes. Nossas discussões contribuíram decisivamente para minha formação. Discutindo partes deste trabalho, foram ao mesmo tempo profundamente críticos e incentivadores. Acompanharam e me impulsionaram diante de minhas angústias iniciais, dúvidas e inseguranças e da minha não desejada ansiedade. Especialmente agradeço a Eurelino Coelho, com toda minha admiração. E também aos colegas Leila Bianchi, Teresa Cavalcanti, Diana Berman, Antonio Cícero, André Guiot, Rodrigo Teixeira, Araci Lisboa, Renake Dias. E, claro, à Virginia, por nos proporcionar esta experiência tão rica e engrandecedora. Para vocês, "***Buenas noticias***: *llegan de atrás pero no importa son nuevas en verdad alentadoras / Marx se sabía su Shakespeare de memoria y el Che sentía latir precisamente en Marx igual palpitación que en Baudelaire / que suerte que esos dos tremendos tipos capaces de instalar sus desafíos completos para siempre en nuestras hemotecas hayan tenido ganas y hayan tenido tiempo de apuntalar su cólera infinitesimal y gigantesca con esa cuña de alma ese rubor tan verosímil esa frágil e inexpugnable barricada*". (Mario Benedetti).

Agradeço aos colegas que formaram comigo um grupo de estudos sobre a obra de Antonio Gramsci: Alexandre Blank, Caren Silveira, Claudira Cardoso, Daniel Milke e Gilberto Calil. À Caren meu especial agradecimento pela leitura de um capítulo ainda incompleto.

Meu agradecimento aos professores Marcelo Badaró, Denis de Moraes e Carlos Gabriel Guimarães que em minha banca de qualificação chamavam atenção sobre a necessidade de melhor compreender a obra do filósofo da práxis, além de tantas outras insuficiências algumas das quais espero tenham sido sanadas.

A todos os funcionários das instituições públicas em que pesquisei, as bibliotecas da USP, UFRJ, UFRGS, UNIOESTE, PUCRS e também aos seus funcionários de "xerox". À

inestimável secretária e amiga Iraci Urnau, por tudo o que fez para tornar viável o secretariado do Curso.

Ao senhor Genor Mascarelo e a Sra Maria Luiza Jaeger, por terem me doado a coleção quase completa da revista *Veja*, que me fez conviver com a poeira diariamente, e ter a não agradável onipresença da revista, mas em muito facilitou meu trabalho.

Aos estudantes e colegas professores do Colegiado de História da UNIOESTE o meu respeitoso agradecimento por todo o trabalho em excesso que tiveram para possibilitar meu afastamento por dois anos e meio, sem o qual essa tese não teria existido. Sei que a luta contra a privatização e o sucateamento da Universidade esteve no esforço de muitos de vocês.

Ao Núcleo Piratininga de Comunicação, especialmente ao Vito Gianotti e à Claudia Santiago, por terem me possibilitado, na fase final deste trabalho, apresentar e discutir algumas das suas conclusões. O trabalho do Núcleo afirma a importância e a possibilidade concreta de uma mídia contra-hegemônica.

Às professoras Vânia Fróes e Ismênia Martins, pela dedicação à realização do Programa Interistitucional UFF / UNIOESTE, para além das inúmeras dificuldades que encontramos.

Aqui também agradeço a todas as pessoas que auxiliaram enviando notícias, recortes, comentários críticos sobre a *Veja*. Felizmente, quanto mais a tese avançava, mais apareciam mobilizações de denúncia contra os "disparates de *Veja*", a "*revista falastrona*" e "*canalha*". Em especial agradeço aos jornalistas que, no início dessa pesquisa me ajudaram incentivando a idéia: Helio Fernandes, Duarte Pereira, Luiz Antonio Magalhães, Mario Jakobskind, Tao Golin.

Aos companheiros de lutas Emilio Gonzalez, Florence Carboni, Selma Duarte e Mario Maestri.

A todos os amigos que me hospedaram no Rio e em Niterói. Especialmente à Leila Bianchi e ao Rodrigo Ponce Bueno. E também às amigas queridas que cuidaram das minhas coisas rondonenses, Selma e Claudira.

E agora o mais importante agradecimento, à Virginia Fontes, pelo estímulo, pela confiança, pelo rigor e pela generosidade, outras palavrinhas de Benedetti: "*me sirve cuando avanza la confianza / me sirve tu batalla sin medalla / me sirve tu sendero compañero*".

Os agradecimentos muito pessoais: à minha mãe e ao meu padrasto; à Cátia, minha querida e sempre incentivadora irmã; ao César, Simone, Mariana, Manuela, Andressa; à família Grassi Calil, pelo estímulo e carinho; ao meu pai e minha madrasta (*in memorian*).

E por fim, ao companheiro de muitos desses passos, de muitas viagens, mergulhos, vôos. Enfim, das angústias e das alegrias, Gilberto.

LISTA DE TABELAS **8**

RESUMO **10**

RESUME **11**

INTRODUÇÃO **13**

BREVES CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS 15

A ORGANIZAÇÃO DA TESE 18

CAPÍTULO 1 *VEJA* NA HISTÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA **21**

1.1 AS QUESTÕES DE PESQUISA **22**

1.2 DUAS FORMAS DE COMPREENDER A IMPRENSA E SEU PAPEL HISTÓRICO **26**

1.2.1 A PREDOMINÂNCIA DO PADRÃO LIBERAL 26

1.2.2 PARTIDO, GERENCIAMENTO E AÇÃO PEDAGÓGICA 30

1.2.2.1 Organicidade da "opinião do dono": a imprensa como partido *31*

1.2.2.2 Estado Maior, formulação e gerenciamento *33*

1.2.2.3 A ação pedagógica: educação continuada *35*

1.3 PADRÕES EXTERNOS PARA A MÍDIA BRASILEIRA **37**

1.3.1 ANOS 1950: A INSERÇÃO NO SISTEMA TRANSNACIONAL DE COMUNICAÇÃO 37

1.3.2 MULTINACIONAIS, ESTADO MAIOR E HEGEMONIA 42

1.3.3 GLOBO, FOLHA E ABRIL: PADRÕES DE QUALIDADE E ENDIVIDAMENTO 44

1.3.4 DÍVIDAS E ENQUADRAMENTO 47

1.3.4 CONCENTRAÇÃO DA MÍDIA 49

1.3.5 GRUPO ABRIL E MÍDIA CONCENTRADA 51

1.4 A CRIAÇÃO DE *VEJA* E O MODELO TIME - NEWSWEEK **55**

1.4.1 PREMISSA TECNOLÓGICA, CRESCIMENTO EDITORIAL E LEGITIMAÇÃO 58

1.4.2 DIRETORES DE REDAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO 61

1.5 O PROGRAMA NEOLIBERAL DO FÓRUM NACIONAL **69**

1.6 CONCLUSÕES PARCIAIS **81**

CAPÍTULO 2 VEJA: AÇÃO PARTIDÁRIA E PROGRAMA INTELECTUAL **82**

2.1 CARTA AO LEITOR: O SENTIDO POLÍTICO DO EDITORIAL **82**

2.1.1 OS TEMAS DAS CARTAS: DIALOGANDO COM A SOCIEDADE POLÍTICA 84

2.1.1.1 Questões relacionadas à Veja *84*

2.1.1.2 Relação com a sociedade política nacional *84*
2.1.1.3 Problemas nacionais e soluções: ação orgânica *86*
2.1.1.4 Sociedade Política Internacional (SPI) *88*
2.1.1.5 Sociedade do Espetáculo e Indústria Cultural (SEIC) *88*
2.1.2. AS FUNÇÕES DE *VEJA*: SE ESTABELECENDO ENQUANTO "SUJEITO" 90
2.1.2.1 A criação do "sujeito VEJA" *91*
2.1.2.2 Ser semanal: hierarquizando a imprensa diária *92*
2.1.2.3 A missão da imprensa: rascunhar a história e publicar "apenas" as notícias "dignas de serem publicadas" *96*
2.1.2.4 Opinião pública: os interesses "do país", do "Brasil", "da sociedade" *103*
2.1.2.5 Reportagem x edição: espaços de conflito *107*

2.2 AS CAPAS: A AGENDA POLÍTICA E O ESPETÁCULO EM CARTAZ 114

2.3. PÁGINAS AMARELAS: AÇÃO PARTIDÁRIA E GERENCIAMENTO 119

2.3.1 SOCIEDADE POLÍTICA E EMPRESARIAL BRASILEIRA 120
2.3.2. SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E INDÚSTRIA CULTURAL 127

2.4 OS INTELECTUAIS DE VEJA: AFINANDO UM PONTO DE VISTA 129

2.4.1. OS INTELECTUAIS CONVOCADOS 130
2.4.2 OS INTELECTUAIS DE *VEJA* 132
2.4.2.1. Roberto Campos *133*
2.4.2.2. Mario Henrique Simonsen *136*
2.4.2.3. Stephen Kanitz *137*
2.4.2.4. Cláudio de Moura e Castro *142*
2.4.2.5. Em foco: Sergio Abranches e Gustavo Franco *143*

2.5 A PUBLICIDADE: SUSTENTANDO A ECONOMIA DE MERCADO 146

2.5.1 A PUBLICIDADE DE *VEJA* EM *VEJA* 146
2.5.2 OS ANUNCIANTES DE *VEJA* 149

2.6 CONCLUSÕES PARCIAIS 157

CAPÍTULO 3 A BUSCA DE ENTENDIMENTO NO GOVERNO COLLOR DE MELLO 159

3.1. DO PERÍODO SARNEY À ELEIÇÃO DE COLLOR: DELINEAMENTO DE PRINCÍPIOS 161

3.1.1 A DEFESA DA FALÊNCIA DO ESTADO 161
3.1.2 O APOIO A COLLOR: CONSTRUINDO E APOIANDO O CANDIDATO 165

3.2. ORGANIZAÇÃO DA DIREITA E O FÓRUM NACIONAL 172

3.3. A BUSCA DE HEGEMONIA COM RELAÇÃO AO GOVERNO COLLOR 177

3.3.1. A COBRANÇA DO PROJETO "LIBERAL" 177

3.3.2. OS EMBATES PELAS PRIVATIZAÇÕES 190

3.3.3 GOVERNO E CRISE NA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO 195

3.4. CRISE E IMPEACHMENT DE COLLOR 211

3.4.1. SEGURANDO A ONDA: EM NOME DO PROJETO 211

3.4.2. FINALMENTE, NÃO HÁ ENTENDIMENTO E "VEJA DERRUBA COLLOR" 219

3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS 223

CAPÍTULO 4 GOVERNO DE ITAMAR FRANCO: *VEJA* SEGUE *APONTANDO CAMINHOS* 225

4.1. VIGIAR E AMEAÇAR: A COBERTURA DO GOVERNO ITAMAR 226

4.1.1. ITAMAR FRANCO: UM "GOVERNO PÍFIO"? 226

4.1.2. O EXEMPLO CHILENO 235

4.1.3 PRODUZINDO FHC: A "GRANDE TACADA" 239

4.1.4 O NASCIMENTO DO PLANO REAL 242

4.2 EXPLICITANDO O PROGRAMA 247

4.2.1 A REVISÃO CONSTITUCIONAL 247

4.2.2. PRIVATIZAÇÕES E ABERTURA DE CAPITAL 255

4.2.3 RESUMINDO O PROJETO: SER MODERNO É SER "GLOBAL" 262

4.3 O PROCESSO ELEITORAL 264

4.3.1 EM BUSCA DE UM CANDIDATO À SUCESSÃO 264

4.3.2 ENFRENTANDO O RISCO LULA 272

4.3.3 ELEGENDO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO 280

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS 284

CAPÍTULO 5 VEJA E FHC: A GLOBALIZAÇÃO DO BRASIL 287

5.1 O PLANO REAL 289

5.1.1 A CRISE DO MÉXICO: UM ESPECTRO RONDA O PLANO REAL 291

5.1.2. O REAL DIANTE DA CRISE 296

5.1.2 O REAL DE PROPAGANDA: MUDANÇA DE MENTALIDADE 299

5.1.3 O PRESIDENTE "DO RUMO CERTO" 305

5.2. O REAL DE *VEJA*: "FESTA" E "TERREMOTOS" DA GLOBALIZAÇÃO 311

5.2.1. TIGRES ASIÁTICOS, RÚSSIA, E O IMBATÍVEL REAL 311
5.2.2. A CRISE NEOLIBERAL DO "GLOBALIZADO" REAL 321

5.3 APROFUNDANDO AS REFORMAS EM CURSO 327

5.3.1. REFORMAR A CONSTITUIÇÃO 327
5.3.1.1 Reafirmando o funcionalismo como inimigo 334
5.3.2 O PASSO DA PRIVATIZAÇÃO 336

5.4. O REAL X "A VOLTA AO PASSADO" 342

5.5. PROCESSOS ELEITORAIS 347

5.5.1. ELEIÇÕES DE 1998: O CANDIDATO REAL 347
5.5.2. ELEIÇÕES 2002: CADÊ O ANTI-LULA? 354

5.6. CONCLUSÕES PARCIAIS 362

CAPÍTULO 6 GERENCIAMENTO DO CAPITAL: CONSTRUINDO A "GLOBALIZAÇÃO" 364

6.1. GLOBALIZAÇÃO JUSTIFICANDO O PROGRAMA NEOLIBERAL 365

6.1.1 GLOBALIZAÇÃO EM VEJA: SEM CONFLITOS NEM CONTRADIÇÕES 366

6.2 OS GERENTES DO CAPITAL "GLOBALIZADO" 375

6.2.1 LIÇÕES PARA O BRASIL 376
6.2.2 O MODELO TRANSNACIONAL 380
6.2.3. AS PERSONIFICAÇÕES DO CAPITAL 384
6.2.4 AS CORPORAÇÕES, OU O ELOGIO DOS MONOPÓLIOS 389
6.2.5 NOVAS FORMAS DE GERENCIAMENTO 393

6.3. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, REFORMA TRABALHISTA E REPRESSÃO 400

6.3.1 O GERENCIAMENTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA 400
6.3.2 AS REFORMAS TRABALHISTAS 409
6.3.3 A GREVE DOS PETROLEIROS: DERROTAR O MOVIMENTO SINDICAL 411

6.4 CONTRADIÇÕES DO SISTEMA 415

6.5 CONCLUSÕES PARCIAIS 420

CAPÍTULO 7: NOVA ORDEM MUNDIAL IMPERIALISTA: A COBERTURA INTERNACIONAL DE VEJA 422

7.1 O MODELO DE PROPAGANDA 423

7. 2 A GUERRA FRIA ACABOU MAS AINDA HÁ UM XERIFE 427

7.3. KOSOVO, TIMOR LESTE E INDONÉSIA **434**

7.3.1. KOSOVO: JUSTIFICANDO A AÇÃO DA OTAN E DOS EUA 434

7.3.2. O OCASO DO TIMOR LESTE 441

7.3.3 INDONÉSIA: MASSACRE NATURALIZADO E CRISE DO CAPITAL 446

7.4. ÁFRICA: TERRA DE AVENTURAS, GUERRAS, FOME, INIMIGOS... ..... **449**

7.4.1 AS PRECONCEITUOSAS CURIOSIDADES DAS NOTAS INTERNACIONAIS 450

7.4.2 O "NEFASTO COMUNISMO" E "TERCEIRO-MUNDISMO" AFRICANOS 451

7.4.3. AS FOMES BÍBLICAS 453

7.4.4. A ÁFRICA NÃO É AQUI... 460

7.5. OS LUCRATIVOS ATENTADOS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001 ..... **462**

7.5.1. O INTERESSE MIDIÁTICO: MAIS UM ESPETÁCULO 462

7.5.2. A "GUERRA JUSTA" E A MUDANÇA DA ORDEM MUNDIAL 465

7.5.3 CRIANDO A "OPINIÃO PÚBLICA" 467

7.5.4 LIGAÇÕES PERIGOSAS: BUSH E BIN LADEN, PARCEIROS NO PETRÓLEO 469

7.5.5 OS INIMIGOS DESPREZÍVEIS DA "CIVILIZAÇÃO" 471

7.5.6 O TERRORISMO QUE SERVE AOS EUA 476

7.5.7 E OS EMISSORES DAS ARMAS BIOLÓGICAS? 477

7.5.8 O EIXO NATURAL DO MUNDO X O "ANTIAMERICANISMO" 478

7.5.9 OS RÁPIDOS E OS LENTOS: LEGITIMANDO A DIREITIZAÇÃO 481

7.6. CONCLUSÕES PARCIAIS **488**

CAPÍTULO 8 A INCONTROLÁVEL REALIDADE X O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE *VEJA* **490**

8.1. O "ADMIRÁVEL" X O "INCONTROLÁVEL": ESPETACULARIZAÇÃO DA REALIDADE **491**

8. 2 DIFERENTES NÍVEIS DE INCONTROLABILIDADE: MEGALÓPOLES, VIOLÊNCIA, QUESTÃO ECOLÓGICA, MISÉRIA **496**

8.2.1 PROBLEMAS DE MEGALÓPOLES: A RETOMADA DO MALTHUSIANISMO 497

8.2.4 MISÉRIA NO MUNDO DO CONSUMO 500

8.2.3 VIOLÊNCIA: O MEDO DO "FOSSO SOCIAL" 509

8.3 O "NOVO HOMEM" NO "ADMIRÁVEL MUNDO NOVO" **515**

8.3.1 TECNOLOGIA: COMPUTADORES, INTERNET, TELEFONE CELULAR... 515

8.3.2 AS TRIBOS, O SHOPPING CENTER, O MCDONALD'S 521

8.4 O "NOVO MUNDO ADMIRÁVEL": REINO DE FANTASIA E ABUNDÂNCIA..... 523

8.4.1 Os "podres de rico": a exibição da abundância..... 523

8.4.2 O mundo dos artistas e do espetáculo..... 532

8.4.3 Novos padrões de comportamento e de consumo da "classe média" 539

8.4.4 A nova "classe média"..... 545

8.4.5 Saúde, questão sexual e os novos somas..... 549

8.4.6 O mundo é dos muito magros e capazes de "se transformar em outras pessoas"..... 553

8.5 CONCLUSÕES PARCIAIS 557

CAPÍTULO 9 PARA VEJA NÃO PODE HAVER ALTERNATIVA..... 558

9. 1 UMA ALTERNATIVA PARA *VEJA*: "TERCEIRA VIA" 560

9. 2 NEGAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS: NOVA FACE DO ANTICOMUNISMO..... 566

9.2.1 Mais do mesmo: "não há alternativa"... 567

9.2.2 As muitas mortes do comunismo..... 570

9.2.3 O paradigmático caso cubano 572

9.3 MISTICISMO X AÇÃO POLÍTICA: A ALTERNATIVA DE *VEJA*..... 577

9.3.1 "Paulo Coelho é bom" e os Carismáticos "levantam a poeira" 577

9.3.2 Combatendo a Igreja militante..... 582

9.3.3 O ódio ao MST x o ódio do MST 585

9. 4 OS MOVIMENTOS "ANTI-GLOBALIZAÇÃO"..... 592

9.4.1. "Rebeldes sem causa" de um "utópico 1968" 594

9.4.2. Movimentos e globalização 596

9.4.3. Seattle e outras manifestações 598

9.4.4. Gênova e a "radicalização" da repressão 605

9.5 *VEJA* E O PARTIDO DOS TRABALHADORES: MUDANÇAS HISTÓRICAS..... 610

9.5.1. O PT que mete medo, para Veja..... 612

9.5.2. Uma esquerda sem rumos, segundo Veja..... 616

9.5.3. Veja consolidando um Lula light..... 618

9. 6 CONCLUSÕES PARCIAIS 625

CONCLUSÕES 626

O SUJEITO VEJA 626

FORMULAÇÃO **627**

OS INTERESSES DA REVISTA **629**

AÇÃO POLÍTICA PARTIDÁRIA **630**

GERENCIAMENTO **632**

AÇÃO PEDAGÓGICA **633**

REPRESSÃO E DESLIGITIMAÇÃO DE MOVIMENTOS **634**

ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA DO TEMA: OS CAPÍTULOS **635**

BIBLIOGRAFIA **640**

VERBETES EM DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIA 640
LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS 640
ARTIGOS EM REVISTAS E REVISTAS 645
TESES E DISSERTAÇÕES 646
MONOGRAFIAS 648
ARTIGOS EM PERIÓDICOS DE IMPRENSA E INTERNET 648
SITES DE DOCUMENTOS NA INTERNET: 649
OUTRAS FONTES 649
PUBLICAÇÕES DO FÓRUM NACIONAL 650

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

Tabela	Título	Página
1	Expansão da Editora Abril	41
2	Tiragem de Veja	46
3	Tiragem das maiores revistas	47
4	Conselho Diretor do Fórum Nacional	61
5	Sócios Instituidores do Fórum Nacional	62
6	Seminários do Fórum Nacional	66

Capítulo 2

1	Relações com a sociedade política	73
2	Problemas brasileiros nos editoriais	74
3	Problemas relacionados à violência nos editoriais	75
4	Problemas relacionados à ecologia nos editoriais	75
5	Problemas relacionados à religião nos editoriais	76
6	Questões internacionais nos editoriais	76
7	Questões culturais nos editoriais	77
8	Temas totais da Carta ao Leitor	77
9	Temas das capas de Veja	102
10	Economia e medo nas capas de Veja	105
11	Políticos brasileiros nas páginas amarelas	108
12	Marketing político nas Páginas Amarelas	111
13	Capitalistas e associações empresariais nas Páginas Amarelas	112
14	Economistas, advogados, consultores, especialistas	113
15	Políticos de outros países nas Páginas Amarelas	113
16	Espetáculos nas Páginas Amarelas	114
17	Páginas Amarelas: total dos temas de 1989 a 2002	115
18	Temas de Veja	116
19	Intelectuais convocados	118
20	Publicidade de Veja	135
21	Principais anunciantes de Veja	140
22	Setores da economia anunciados em Veja	141

Capítulo 3

1	Posição da "Elite da elite"	163
2	Funcionalismo público detratado por *Veja*	168
3	Indústria brasileira e gerenciamento	175
4	Principais assuntos de Veja no contexto de crise do governo Collor	186

Capítulo 4

1	Caça ao Anti-Lula	252

Capítulo 6

1	Os porta-vozes da "nova ordem mundial"	355
2	A liberalização do Brasil	359
3	Gerentes transnacionais e capitalsitas: exemplos bem sucedidos e lições para a adversidade	362
4	Exemplos de homens de sucesso	366
5	As dez maiores empresas do mundo	372
6	Novo gerenciamento empresarial	377
7	Trabalho e trabalhadores destacados nas Páginas Amarelas	381
8	Emprego e desemprego nas capas e reportagens	384

Capítulo 7

1	"Genocídios", segundo Veja	436
2	O 11 de setembro em Veja	442

Capítulo 8

1	Ricos e milionários nas capas de Veja	503
2	O mundo do espetáculo nas capas de Veja	512
3	Família e comportamento	517
4	A questão sexual nas capas de Veja	529
5	O "corpo perfeito" nas capas de Veja	532

RESUMO

O objeto deste estudo é a revista semanal *Veja*, publicada pela editora Abril. A análise centra-se no período de 1989 a 2002. O objetivo é a investigação de quais são os interesses de classe defendidos na linha editorial, investigando quem são os sujeitos políticos, econômicos e sociais que se fazem representar na linha ideológica da revista. A revista é um instrumento que permite noticiar, defender e encaminhar ações de sujeitos concretos. Buscamos compreender quais são e a quem visam atingir esses posicionamentos e sua relação com o desenvolvimento do sistema de reprodução e ampliação do capital. *Veja* tem uma ação como *partido político*, na acepção gramsciana do termo. Suas táticas para alcançar tal objetivo são: 1) formulação, 2) gerenciamento, 3) ação pedagógica. 1) *Veja* possui um projeto e um programa de ação estabelecido em conjunto com outros grupos, especialmente o Fórum Nacional, coordenado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso. O Fórum propunha, em inícios de 1990 a prática de um *aggiornamento*, que constituiria uma *contra-reforma moral e intelectual*, resumida na sua teorização sobre o "moderno". Buscava sintetizar e formular a experiência do *reagnomics* e *thatcherism* para a realidade brasileira. Reiterava a noção de que "*não há alternativas*". Engajou-se em campanha constante para apontar rumos, assumindo papel dirigente diante das conjunturas políticas que envolviam outros grupos: os partidos formais, o Congresso Nacional, entre outros. O apoio de *Veja* aos governos esteve em relação direta com o cumprimento de determinadas condições por ela estabelecidas. A revista manteve com os diferentes governos brasileiros uma linha de coerência inarredável em torno de seu programa, controlando sua aplicação. 2) Veja atuou na formação dos organizadores das mudanças e gerenciamento necessários à ordem neoliberal. Seus ensinamentos dirigiam-se aos pequenos e médios gestores dessas medidas, induzindo-os a considerarem necessárias as demissões e o enxugamento de postos de trabalho, o fim de direitos e o aumento de obrigações por parte dos trabalhadores que eles administram. Mesmo quando há apoio, a cobrança é permanente e sistemática contra quaisquer desvios. 3) O sentido pedagógico se centra em três aspectos. A) A cobertura internacional da revista, com papel relevante na construção da credibilidade jornalística, as notícias mundiais apresentadas de forma a justificar a exigência do programa de ação proposto. A cobertura sobre os acontecimentos internacionais atende ao modelo de propaganda: o privilégio de fontes oficiais, as razões do império como naturalmente hegemônicas, o controle das vozes dissonantes, o anticomunismo acirrado. Apresenta a hegemonia norte-americana como indispensável para a manutenção dos padrões de acumulação e reprodução do capital. B) A formulação de um "*admirável mundo novo*" é o outro eixo desta ação pedagógica, propondo uma ***contra-reforma moral e intelectual***, definindo um ***estilo de vida***, essencial para o projeto político e econômico gestado em *Veja*. Mas esse mundo esbarra nos elementos reais que o discurso apologético não tem como negar, e sobre eles tenta impor um pensamento homogeneizador e obscurecido do seu sentido contraditório. A miséria, violência, devastação, cada vez mais ampliadas, não podem ser negadas, porque são limites do próprio sistema, mas a revista, em contraposição, propõe um mundo de aparente harmonia, o *mundo do espetáculo*, uma das formas de obscurecer essa realidade. Também aqui, a revista retoma os padrões de gerenciamento do capital. Os seus gerentes precisam aprender a moldar seus estilos de vida, devem internalizar a face "cultural" do neoliberalismo (consumo exacerbado, novas tecnologias, padronização do corpo e da saúde, etc) como sendo a única (e a melhor) forma de vida possível. c) Por fim, a revista atua no sentido da coerção e cobrança da repressão policial. Um dos eixos neoliberais é o reforço de sua ação policial, o desmantelamento dos movimentos sindicais, a cooptação dos movimentos sociais. Para isso há uma ação sistemática no sentido de desmoralizar a ação coletiva dos trabalhadores e deslegitimar qualquer alternativa de contestação ao projeto neoliberal.

RESUME

L'objet de cette thèse est l'hebdomadaire *Veja*, publié par la maison d'édition Abril. L'analyse se concentre sur la période de 1989 à 2002. L'objectif est l'analyse des interêts de classe qui permettent d'expliquer la ligne éditoriale, découvrant les acteurs politiques, économiques et sociaux représentés dans la ligne idéologique de la revue. La revue est un instrument qui permet de rendre public, de défendre et d'aider aux actions d'acteurs concrets. Nous avons l'intention de comprendre quels sont ces prises de position et qui visent-elles, pour rendre compte de leur rapport avec le développement du système de reproduction et amplification du capital. *Veja* agit donc en tant que *parti politique*, dans le sens donné par Gramsci au mot. La tactique employée pour atteindre les objectifs se déploie en: 1) formulation, 2) gestion, 3) action pédagogique. 1) *Veja* se guide par un projet e un programme d'action établis en accord avec d'autres groupes, en particulier le Forum National, coordonné par l'ancien ministre João Paulo dos Reis Velloso. Le Forum proposait un *aggiornamento*, qui constituerait une *contre-réforme morale et intellectuelle*, présentée avec sa théorisation du "moderne". Il prétendait une synthèse et une reformulation de l'expérience du *reaganomics* et du *thatcherism* adaptées à la réalité brésilienne, et insistait sur l'expression "il n'y a pas d'alternatives". Il a entrepris une campagne pour imposer ses objectifs, jouant un rôle de dirigeant dans l'action politique menée par plusieurs groupes, par exemple les partis formels et le Congrès National. Le soutien qu'a apporté *Veja* aux successifs gouvernements a été directement lié à l'accomplissement de certaines conditions établies. La revue a toujours été marquée par une forte cohérence autour de son programme, contrôlant son application par les différents gouvernements brésiliens. 2) *Veja* a eu un rôle primordial dans la formation des organisateurs des changements dans les méthodes de gestion, nécessaires à la consolidation de l'ordre néoliberal. Cette formation s'addressait aux cadres responsables de l'application de ces décisions, pour les convaincre de la nécessité de démissions et de réduction de postes de travail, de la fin des droits sociaux et de l'augmentation des contraintes de toutes sortes sur les travailleurs. Si la revue manifeste son approbation pour les projets similaires au sien, elle n'en perd pas les occasions de les rappeler à l'ordre au moindre signe de déviation. 3) Nous pouvons diviser l'action pédagogique en trois grandes lignes. A) Dans la couverture internationale, importante pour la construction de la crédibilité de la revue, les nouvelles sont présentées de façon à justifier le programme d'action proposé. Elle correspond au modèle de la propagande: les sources officielles sont privilégiées, les raisons de l'empire sont dites naturellement hégémoniques, et elle instaure le contrôle des voix dissonantes et un anticommunisme poussé. Tout porte à croire que l'hégémonie des États-Unis est indispensable pour maintenir les niveaux d'accumulation et de reproduction du capital. B) La création du "meilleur des mondes" est un deuxième point fort de cette action pédagogique, qui propose une ***contre-réforme morale et intellectuelle***, et définit un ***mode de vie***, essentiel au projet politique et économique défendu par *Veja*. Cet effort, cependant, est limité par les éléments de la réalité que le discours optimiste ne peut pas cacher, de sorte que la revue essaye d'imposer une pensée homogénéisée et qui obscurcit sa signification contradictoire. Malgré l'augmentation à un rythme croissant de la misère, de la violence et de la dévastation, limites du système qui ne peuvent pas être niées, la revue propose, pour masquer cette réalité, un monde d'une apparente harmonie, le *monde du spectacle*. Là encore, *Veja* reprend les modes de gestion du capital. Ses cadres doivent apprendre à reconstruire leurs propres modes de vie, pour instaurer la face "culturalle" du néolibéralisme (consommation exacerbée, nouvelles technologies, uniformisation du corps et de la santé etc.). C) Finalement, la revue supporte aussi la coercition: elle exige l'intensification de la répression par la police, dont l'importance augmente avec le néolibéralisme, en même temps que les mouvements sociaux et syndicaux sont attaqués. L'action collective des travailleurs est constamment tournée en dérision, et aucune légitimité n'est conférée aux alternatives de contestation du projet néolibéral.

DESINFORMÉMONOS

DESINFORMÉMONOS HERMANOS
tan objetivamente como podamos

desinformémonos con unción
y sobre todo
con disciplina

que espléndido que tus vastas praderas
patriota del poder
sean efectivamente productivas

desinformémonos
qué lindo que tu riqueza no nos empobrezca
y tu dádiva llueva sobre nosotros pecadores
qué bueno que se anuncie tiempo seco

desinformémonos
proclamemos al mundo la mentidad y la verdira

desinformémonos
nuestro salario bandoneón se desarruga
y si se encoge eructa quedamente
como un batracio demócrata y saciado

desinformémonos y basta
de pedir pan y techo para el mísero
ya que sabemos que el pan engorda
y que soñando al raso
se entonan los pulmones

desinformémonos y basta
de paros antihigiénicos que provocan
erisipelas y redundancias
en los discursos del mismísimo

basta de huelgas infecto contagiosas
cuya razón es la desidia
tan subversiva como fétida

garanticemos de una vez por todas
que el hijo del patrón gane su pan
con el sudor de nuestra pereza

desinformémonos
pero también desinformemos

verbigracia
tiranos no tembléis
por qué temer al pueblo
si queda a mano el delirium tremens

gustad sin pánico vuestro scotch
y dadnos la cocacola nuestra de cada día

desinformémonos
pero también desinformemos
amemos al prójimo oligarca
como a nosotros laburantes

desinformémonos hermanos
hasta que el cuerpo aguante
y cuando ya no aguante
entonces decidámonos
carajo decidámonos
y revolucionémonos.

Mario BENEDETTI

INTRODUÇÃO

Quando esta tese começou a ser preparada, as Universidades Estaduais do Paraná iniciavam aquela que seria a maior greve do serviço público brasileiro até hoje. A situação de sucateamento, a falta de investimentos, os baixos salários foram razões de nossa luta contra o privatista governo de Jaime Lerner. Fomos vitoriosos. Nossa luta de quase seis meses mostrou que por mais que se diga o contrário, "há alternativas", que a luta dos trabalhadores segue sendo urgente e necessária.

Naquele momento se encerrava um ciclo de discussões que tive oportunidade de promover com os estudantes da UNIOESTE,[1] onde leciono, sobre as influências da mídia e seu papel político no processo histórico. Vínhamos em nosso Laboratório de Ensino de História acompanhando a grande imprensa, constituindo acervo, recortando e guardando material para realização de estudos, além de várias outras atividades. Devo algo de minhas indagações iniciais desta pesquisa às questões que os estudantes me colocavam sobre os limites do poder da imprensa, seus efetivos interesses, suas formas de disseminação.[2] Realizávamos também um projeto que visava a "observação do mundo contemporâneo",[3] em que as fontes para nossos temas advinham da imprensa "alternativa", porque não encontrávamos matérias sobre os reais problemas da América Latina, e da exploração do capital na grande imprensa.

---

[1] Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Campus de Marechal Cândido Rondon, Curso de História.

[2] Em especial à então estudante e bolsista Selma Martins Duarte, cujos questionamentos me ajudaram a ir muito além da aparentemente escassa bibliografia disponível.

[3] Projeto *Observatório do Mundo Contemporâneo*, coordenado por Gilberto Grassi Calil, que me colocou mais próxima da imprensa "alternativa" como fonte para conhecer a realidade latino-americana.

Fazia alguns anos que esses problemas, de uma forma ou de outra, me inquietavam. Tive a oportunidade, em meu Mestrado, de estudar jornais brasileiros da década de 1930 e perceber que interesses de classe estavam ali presentes, para além da aparência de opiniões pessoais ou de eventuais vínculos com partidos formais.[4] Posteriormente, no concurso público através do qual ingressei como docente na UNIOESTE, fui sabatinada sobre "sociedade e cultura de massas", e esse problema se colocou de forma mais sistemática: as ligações entre o "mundo da publicidade" e da "fantasia", com a imprensa e o poder político e econômico. Por isso meu trabalho na Universidade foi cada vez mais se encaminhando para elaborar questões sobre esses temas. Finalmente, no contexto da luta contra um governo neoliberal, que estava fazendo das universidades do Paraná um laboratório para os projetos do Banco Mundial para o ensino brasileiro, evidenciou-se para mim a urgência desta pesquisa: investigar quais eram os interesses e as redes de poder que sustentavam a grande imprensa.

Não fui criada lendo jornais. Eles só apareciam em casa quando meu pai queria comemorar as vitórias do nosso Internacional. Revistas eram impensáveis. Mas jamais esqueci de uma visita a uma casa de uma tia distante em que me deparei com uma antiga coleção de *Cruzeiro*. Ali realidade, história, política e fantasia pareciam se misturar. Iniciei então um ousado projeto de recortar todo jornal que aparecia em casa, porque eles me pareciam uma forma de compreender a história. Mas, uma bela tarde, foram - por minhas próprias mãos - todos arder no fogo. Parecia ser impossível dar forma de história para tanto papel. Incomodava-me a lembrança de meu avô materno sugerindo que eu fosse jornalista: "*que bonitas aquelas raparigas na televisão*...".

Como estudante de graduação, aprendi que a imprensa como fonte histórica deveria ser estudada com muito cuidado. Ela era, no mais das vezes, considerada uma "fonte secundária", por ser "apenas" um relato sobre os acontecimentos. Essa concepção continuou a me incomodar ao longo de meus estudos, pois se contrapunha à evidência do senso comum de que, além de ser portadora de um discurso, a imprensa também tinha "algo a mais", "interesses escusos", que faziam com que os acontecimentos existissem ou não em suas páginas. Ao trabalhar com os anos 1930, estudando jornais, essas inquietações estavam presentes, mas

---

[4] Realizado na PUCRS. A dissertação foi publicada com o título *Onda Vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros (1931 - 1934), Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

ainda sem conseguir dar conta delas de uma forma mais precisa. Em todo caso, os jornais mostraram que podiam ser portadores de algo que lhes interessava diretamente, faziam campanhas, portanto, agiam como sujeitos históricos, e mais precisamente, como partido político.

Meu contato com professores da rede de ensino público me alertou que a imprensa tem se constituído em um efetivo educador dos próprios professores. Os jornais, mas sobretudo as revistas semanais vêm cumprindo o papel de "reciclar" os professores, que muitas vezes acreditam estar recebendo informações críticas através desse material. No caso do nosso objeto, a *Veja* está presente em uma parcela enorme de escolas. E investe explicitamente nisso também com o projeto *Veja na sala de aula*. Estamos diante de um sujeito político que decididamente se propõe e disputar hegemonia e sabe como fazê-lo. Portanto, a justificativa social para a realização desta tese é concreta, viva e urgente. Entender as formas de dominação hoje exige explicar como se constrói e se amplia o poder dos meios de comunicação. Mais que isso, é preciso compreendê-los para poder elaborar meios de denunciá-los, combatê-los e a eles se contrapor.

Os historiadores têm que se sentir convocados a esta tarefa, que será eficiente apenas se realizada em conjunto com os profissionais da comunicação. A grande imprensa tem imposto uma visão de que ela faz "o rascunho da história", como se não estivesse com isso selecionando previamente o que deve constar em nossa memória, e como se isso não fosse em si um ato político com conseqüências concretas. Esses atos devem ser compreendidos em todas as suas dimensões, desde a criação do veículo até a sua distribuição e leitura. É urgente mostrar como veículos de imprensa, respondendo a grupos de interesses privados assumem o papel da educação continuada, com isso trazendo sua visão de mundo e ideologia travestidas de informação.

Breves considerações metodológicas

O objeto de estudo desta tese é a revista semanal *Veja*, publicada pela editora Abril. O período analisado situa-se entre janeiro de 1989 e outubro de 2002 (4/1/1989 a 30/10/2002). O objetivo da investigação é deslindar os interesses de classe defendidos na linha editorial da revista neste período, identificando os sujeitos políticos, econômicos e sociais que se fazem

representar na linha ideológica expressa pela revista. A revista é um instrumento que permite noticiar, defender e encaminhar ações de sujeitos concretos. Sendo assim, buscamos compreender quais são e a quem atingem os posicionamentos defendidos editorialmente, apontando sua relação com o desenvolvimento do sistema de reprodução e ampliação do capital.

Embora todos os exemplares da revista ao longo deste período tenham sido muitas vezes consultados, seria inviável a análise da íntegra de todo esse material. O procedimento metodológico seguido procurou centrar-se inicialmente nas partes da revista que expressam claramente a posição de *Veja*. Com essa definição das fontes preferenciais, elaboramos guias de pesquisa objetivando consolidar uma visão geral da atuação de *Veja* ao longo do período, abarcando suas partes mais relevantes: os editoriais; as páginas amarelas (entrevistas); as capas. A partir dessas seções criamos *tabelas guias* de análise para cada uma delas. Este passo inicial da pesquisa nos permitiu estabelecer uma noção mais ampla das principais seções e do sentido da ação da revista, apontando para as ações *partidária*, gerenciadora e pedagógica.

Os editoriais (*Carta ao Leitor*) foram todos xerocados e reunidos em quatorze cadernos encadernados por ano, com 52 páginas cada um. A partir daí, uma leitura detalhada e a construção de uma tabela com título e assunto de cada um serviram como indicativo das posições da revista ao longo do tempo. No segundo capítulo os editoriais são analisados em conjunto, evidenciando o sentido que a revista apresenta de si mesma: a construção do "*sujeito Veja*" que oculta o "*partido Veja*". Nos demais capítulos, os editoriais são fontes complementares e sempre um guia do posicionamento, pois neles se encontram as posições do Diretor de Redação, da direção da revista, que se diluem nas matérias e demais espaços editoriais. E sempre que alguma dúvida se colocou sobre a posição assumida, ou quisemos ressaltar um posicionamento, recorremos à Carta ao Leitor.

As páginas amarelas, que também foram objeto de elaboração de uma *tabela guia* serão analisadas de duas formas: através do levantamento completo de quais foram os entrevistados da revista, que permitirá traçar um perfil ideológico dessa seção, o que será feito no capítulo dois; buscando identificar as motivações da revista ao trazer algumas das falas que quer ressaltar, que falam o *Veja* quer que seja dito, ao longo dos embates políticos do período em análise. Privilegiaremos a interpretação da própria revista (título, apresentação, lide, que são produzidos pela edição), e não a fala do entrevistado, pois nos interessa entender porquê

ele está ocupando as páginas de *Veja*, pela definição da própria revista (que o convidou e que selecionou o que destacar de sua fala). No capítulo seis faremos uma análise sistemática do peso de capitalistas e grandes gerentes do capital, bem como das empresas transnacionais que estiveram ao longo dos anos cumprindo o papel educativo e até mesmo gerencial nas páginas amarelas de *Veja*.

As *capas* também foram tabuladas em uma tabela que serviu de guia de análise. Elas são o principal "cartaz" de divulgação da revista. Nem sempre a matéria de capa é a mais relevante, mas é através da capa que a revista se dirige ao leitor esporádico, agindo nas bancas como peça publicitária. Elas serão sistematizadas, permitindo perceber quais são os principais temas abordados (no capítulo dois), e serão citadas em vários momentos para mostrar o peso dado pela revista aos temas por ela destacados.

A partir das capas remetemos às matérias presentes nas várias seções da revista,[5] que não serão analisadas em separado.[6] As matérias foram analisadas independentemente das seções, embora haja um peso maior para *Brasil* e *Economia & Negócios*. A distinção entre as seções não se mostrou frutífera, o mesmo ocorrendo com relação à distinção dos repórteres e jornalistas (quando assinadas). Sempre que constava esse dado, buscamos citar o respectivo autor (que edita o texto, e não os repórteres). Todavia, optou-se por considerar as falas sempre pertencentes ao "*sujeito Veja*", como justificaremos ao longo do segundo capítulo. O trabalho jornalístico é muitas vezes auto-elogiado no editorial, mas o papel do editor faz com que os textos finais sejam sempre produto da edição que encaminha para o uníssono *Veja*. Os jornalistas da revista têm que se assumir enquanto *Veja*, dando autonomia de corte aos seus superiores hierárquicos. Os seus textos expressam sempre, formalmente ao menos, a posição "da revista", embora, evidentemente a revista em si não possa ser um sujeito, ela usa o resultado final, em seu próprio nome, para apresentar sua mensagem.

---

[5] Na edição 1061, de 4/1/1989, o índice apresentava estas seções: Capa, Brasil, Internacional, Cidades, Economia, Televisão, Arte, Cartas, Cinema, Comportamento, Cotações, Datas, Em Dia, Entrevista, Gente, Livros, Luis Fernando Veríssimo, Medicina, Música, Ponto de Vista, Radar, Saúde. Na edição 1775, de 30/10/2002 (última analisada), tínhamos as seções: Carta ao Leitor, Entrevista, Cartas, Radar, Ponto de Vista, Veja Essa, Holofote, Arc, Contexto, Gente, Em foco, Datas, VEJA Recomenda, Os livros mais vendidos, a semana, artes e espetáculos.

[6] O mesmo pode ser dito sobre as editorias, setores responsáveis por temáticas mais abrangentes, a análise não privilegiou suas distinções, tampouco as possíveis diferenças entre os editores responsáveis ao longo do tempo.

A seleção de matérias se vinculou ao sentido apontado pelo editorial ou pela capa da revista que chamavam atenção para matérias específicas. Mas em outros casos, a escolha se deveu à leitura inicial de reconhecimento da revista, que nos levou a selecionar matérias de acordo com a problemática da pesquisa, por exemplo, aquelas que se referissem ao Fórum Nacional, ou a qualquer projeto "nacional" que estivesse sendo defendido na revista. Elas foram separadas e analisadas. Ao longo da tese, a cada vez que se fizer necessário esclareceremos os critérios de seleção para os casos específicos. Em alguns casos foram analisadas todas as matérias sobre um assunto, em outros, foi realizada uma amostragem. Dada a vastidão do material, alguns temas não puderam ser analisados, mesmo que secundariamente dissessem respeito ao processo sob análise. Por exemplo, as questões vinculadas à corrupção, somente foram incorporadas quando eram imprescindíveis para compreender o momento, como no caso do impeachment, mas mesmo aqui o eixo foi a correlação de forças, e não a corrupção.

A partir da elaboração e análise das *tabelas guia*, foi possível perceber quais eram os eixos de ação da revista: sua ação partidária; gerenciadora e pedagógica que se interligam e intercambiam ao longo de toda a tese.

A organização da tese

A tese está dividida em três partes. A primeira delas trata de *Veja: projeto e programa de ação*. No primeiro capítulo apresentamos o objeto e as hipóteses de pesquisa, e buscamos, a partir disso, traçar alguns dos principais referenciais teóricos de análise, apresentando a concepção liberal de imprensa, à qual *Veja* diz se filiar. A ela contrapomos a visão da imprensa como *partido*, a partir de uma concepção gramsciana do papel histórico da imprensa. Nele ainda se historia a revista, a editora, e o contexto de expansão das multinacionais da comunicação e o estabelecimento de padrões de alta tecnologia que ajudam a tornar a grande imprensa mais poderosa. Nesta parte apresentamos o *Fórum Nacional*, que estamos compreendendo como um dos estados maiores de *Veja*, dando a base do programa em conjunto por ele e pela revista defendido ao longo dos anos.

O segundo capítulo propõe uma apresentação geral da revista. Inicialmente, tratamos o papel e importância da criação do "sujeito *Veja*", analisando como os sujeitos políticos e

econômicos representados na linha da revista são discursivamente apagados e substituídos pelos "interesses da nação". Aqui também se faz um levantamento geral das seções que serão guia da análise da revista: as *Cartas ao Leitor*, as páginas amarelas e as capas. Também os principais intelectuais da revista são brevemente apresentados. E por fim, apresentamos o levantamento da publicidade veiculada na revista, que foi feita a partir de uma amostragem de 10% do total dos 715 exemplares em análise.

A segunda parte da tese trata da relação entre o projeto de *Veja* e os embates políticos para a sua implementação. São três capítulos nos quais se analisam as relações da revista com os diferentes governos: de Fernando Collor, de Itamar Franco, de Fernando Henrique Cardoso. Nos três procuramos ter como foco a relação da revista com o programa o programa dos governos, e a posição da revista que a partir do seu projeto propunha uma ação programática permanente para o andamento das reformas neoliberais, como por exemplo: a abertura de capitais, as privatizações, a desregulamentação das relações de trabalho. Cada um destes capítulos apontará formas distintas mas coerentes do posicionamento da revista com relação aos governos.

A terceira parte se refere à ação pedagógica, gerenciadora e coercitiva da revista: imperialismo, espetáculo e repressão. O capítulo seis trata especialmente do gerenciamento do capital e da reestruturação produtiva. A análise se centra na ação de *Veja* como instrutora, definidora e indicadora aos gerenciadores de como devem agir, como se comportar, quais as alterações que devem aprender, introjetar e colocar em prática.

O capítulo sete trata da cobertura internacional de *Veja*. A partir do *modelo de propaganda* proposto por Noam Chomsky e Edward Herman, analisamos diferentes casos, mostrando como a posição da revista se mantém inarredável em defesa dos preceitos do capital. Analisamos parte da cobertura sobre: Kosovo, Timor Leste, Indonésia e do continente africano. Aqui estão também as análises da cobertura sobre o 11 de setembro, em que *Veja* deixou de lado qualquer resquício de precaução jornalística para divulgar propagandisticamente os interesses do império norte-americano que teria tido sua "honra" abalada o que obrigaria todo o mundo ocidental a enfrentar a guerra contra o "islamismo".

O capítulo oito trata de um aspecto fundamental e contraditório deste mundo que está sendo criado e divulgado por *Veja*: a realidade incontrolável gerada pelo sistema

sociometabólico do capital. E, em contrapartida, o mundo do espetáculo constituído como o *admirável mundo novo* disseminado pela revista.

Por fim, o capítulo nove tem como finalidade mostrar a defesa e exigência da repressão propugnada pela revista. A posição de *Veja* é a de desconstruir totalmente a possibilidade de que alternativas de esquerda, socialistas, comunistas, possam ser levadas adiante. Como mostramos ao longo da tese, a idéia do pensamento único pregava que "não há alternativas"; reencontramos aqui a forma pela qual a revista se obriga a deslegitimar, desmoralizar, descaracterizar, aqueles movimentos que ela não pode relegar ao esquecimento, pelo menos não o tempo todo.

CAPÍTULO 1
VEJA NA HISTÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA

Este capítulo tem três objetivos centrais. O primeiro deles é apresentar as grandes questões que nortearão a pesquisa. O segundo definir os principais referenciais teóricos que serão utilizados ao longo desta tese. O terceiro, traçar um breve histórico da editora Abril e da revista *Veja* no período anterior ao ano de 1989. A partir disso será possível perceber que o papel histórico de *Veja* se insere no processo de abertura de capital à transnacionalização das empresas de mídia, levando a uma série de implicações que serão discutidas.

Esta pesquisa propõe a busca do papel histórico da revista *Veja*, especialmente nos anos 1990. Para isso temos que ter em conta o fato de que *Veja* foi criada em 1968, e a editora Abril em 1950. Elas se inserem em um momento de expansão do capitalismo, desenvolvimento tecnológico e consolidação de um papel dos grandes veículos de comunicação, e a partir disso devem ser analisadas. São três os eixos que justificam o êxito da existência de grandes órgãos de imprensa. Eles possuem interesses diretos e indiretos no desenvolvimento do sistema capitalista, pois são sujeitos interessados enquanto empresa. Possuem relações capitalistas com os demais agentes. A força da imprensa se dá pelo seu poder dissuasório, de convencimento, e de criação de visão de mundo, o que está também diretamente relacionado com a necessidade de reprodução do sistema (seja pela defesa de práticas políticas, seja pela defesa de padrões de consumo, por exemplo). Interligando esses dois aspectos está o caráter de possibilitar e facilitar o gerenciamento em torno das necessidades capitalistas: através da formulação, a organização e a ação vigilante em torno da execução do planejado. Isso nos leva ao papel político e *partidário* desempenhado pela imprensa, a partir do qual ela cumpre o papel de estado maior das relações do capital, em conjunto com outras formas associativas, conforme será argumentado ao longo da tese.

1.1 AS QUESTÕES DE PESQUISA

O objetivo da tese é investigar quais são os interesses de classe defendidos na linha editorial de *Veja* de 1989 a 2002. Buscaremos perceber quem são os sujeitos políticos, econômicos e sociais que se fazem representar na linha ideológica expressa pela revista. A revista é um instrumento que permite noticiar, defender e encaminhar ações de sujeitos concretos. Sendo assim, nos interessa descobrir quais são e a quem atingem os posicionamentos defendidos editorialmente, apontando sua relação com o desenvolvimento do sistema de reprodução e ampliação do capital.

As questões específicas visando alcançar o objetivo exposto são: 1) Quais são as características de ação concreta da revista? a) Quais são os referenciais que permitem compreender o objeto *Veja*, seu nascimento e sua inserção no jornalismo brasileiro? b) Quais são e como funcionam as táticas da revista para o convencimento do leitor sobre si mesma, ou seja, como ela assume o lugar dos sujeitos que representa, apagando o caráter de classe dos projetos defendidos? 2. Quais são os sujeitos e projetos presentes na linha editorial? a) Como e onde são formulados esses projetos? 3. Como se dá a atuação da revista com relação à construção do neoliberalismo, face do capitalismo atual? a) Se o projeto de dominação leva em conta a complexidade: política, econômica e cultural; b) Se está presente a manutenção dos mecanismos de controle como face do projeto neoliberal. Para responder estas questões estabelecemos as seguintes linhas de investigação.

A ação da revista é tríplice: formula projeto, organiza e gerencia, age pedagogicamente em torno dele. Todas estas são ações *partidárias*, nos moldes propostos por Gramsci, que entende jornais e revistas como partes ativas do processo político. A linha editorial de *Veja* permite situá-la no campo da imprensa liberal, embora ela não esclareça aos seus leitores regras explícitas sobre sua ação jornalística (deontologia, manual de redação, relação entre editores e repórteres, etc). A expressão de seu "liberalismo" (responsabilidade social, quarto poder, opinião pública) é por ela colocada como a própria natureza e razão de ser da imprensa. A hipótese é de que essa definição permite a ela se construir a si mesma como um sujeito, ocultando ser portadora dos interesses do capital monopolista internacional e dos grupos brasileiros a ele subordinados. A revista busca definir quais são suas "funções" e "missão", sempre se credenciando como um jornalismo sério, objetivo e confiável, reiteradas e

insistentes vezes. Ao fazer isso, se dá o direito de apresentar a realidade da forma que lhe convém, buscando apagar discursivamente as suas contradições e, fundamentalmente, os sujeitos e interesses reais defendidos. Ao mesmo tempo, utiliza-se de mecanismos que lhe permitem se colocar como defensora do que sejam os "interesses supremos do Brasil". A criação do "*sujeito Veja*" é a forma de ocultar o "*partido Veja*".

Buscamos perceber quais são os grupos sociais, políticos e econômicos que são destacados por *Veja*. Os espaços editoriais (carta ao leitor, reportagens / matérias, colunas de opinião, entrevistas) são utilizados para defender projetos permanentemente. É esse o sentido do peso que é dado pela revista para a cobertura dos fatos políticos. Através deles, abrem-se ou fecham-se espaços para os diferentes interesses industriais, comerciais, bancários ou financeiros. A cobertura política se dá não porque a revista esteja interessada em pormenores do Congresso Nacional ou do Poder Executivo, mas porque nesses embates estão em jogo decisões fundamentais como: "livrar-se do fardo" da Constituição de 1988; impedir qualquer controle ao capital, sobretudo externo; privatizar; retirar funções sociais do Estado. A revista agiu muitas vezes nesses debates da grande política como *partido*, organizando e encaminhando a hegemonia dos grupos que defende e o consenso em torno de seu projeto.

A educação continuada dos gerentes do capital é um fator constante na linha editorial da revista. Várias matérias, inclusive de capa, em sintonia com as páginas amarelas, se colocaram como portadoras das novas formas de gerenciamento do capital, buscando sempre a manutenção do "medo de perder o emprego" como uma forma de trazer para o campo do individual o problema do desemprego. Por estar lidando com uma realidade incontrolável, a revista propõe a introjeção das "novas regras" de gerenciamento como forma de sobrevivência no "moderno" mundo "globalizado", em contrapartida, aqueles que não alcançam o "sucesso" passam a ser responsabilizados pelos seus próprios fracassos.

O consenso que está em construção não se dá apenas no campo político ou econômico, mas atinge em cheio um vasto campo que podemos chamar de social, cultural e comportamental, sintetizado na expressão "sociedade do espetáculo e indústria cultural", que constitui, para *Veja* um *admirável mundo novo*. A revista se coloca como um agente privilegiado para a divulgação de padrões de comportamento para as "classes médias". Ao mesmo tempo em que isso tem a função imediata de aumento de consumo de bens e serviços, tem a função ideológica de fazer com que sejam apreendidas as necessidades do próprio

sistema como sendo as mesmas de cada indivíduo, sem no entanto oferecer-lhes uma visão do todo e da complexidade da realidade. Leva à introjeção de um mundo "naturalmente marcado", ou seja, os próprios sujeitos sociais tomam como sua a bandeira de um mundo "globalizado" através da transformação de todas as esferas da vida humana em necessidades passíveis de serem mercadoria. Podemos falar, nesse sentido, de uma *contra-reforma moral e intelectual*, de uma "nova mentalidade", forjada no âmbito da revista, em consonância com outros grupos sociais.

As interpretações sobre a história reproduzem a lógica do "pensamento único" e de que "não há alternativas" fora daquilo que está sendo dito como o inexorável, inevitável, indiscutível por *Veja*. Para usar uma expressão da revista, é *inimaginável pensar* que pudesse ser diferente. Embora esse processo seja intrinsecamente conflituoso e contraditório, há uma intensa ação mundial em torno da "idéia de consenso", que é simplificadamente explicado como: o capitalismo ganhou a Guerra Fria, portanto, a esquerda estaria fora de órbita. Por isso, o discurso "vencedor" passa a ter o benefício de ser o único autorizado. É a prática do Pensamento Único,[7] que busca impor, artificialmente, a idéia de "consenso da opinião pública" em torno da própria história vivida. *Veja* reproduziu essa lógica: as mudanças ocorridas ao longo da década aparecem como inevitáveis, inexoráveis e desejáveis por todos aqueles de "bom senso". Desconstitui todo e qualquer pensamento oponente, repetindo sempre a premissa de que "não há alternativas". Justamente porque não é assim é que são sistematicamente reiteradas na busca do "consenso", essas "verdades", didaticamente em longas matérias que buscam explicar como "a coisa realmente funciona", cotidianamente, tanto ao discutir a política mundial, como ao propor um "novo estilo de vida".

Os interesses defendidos em *Veja* têm relação direta com o controle dos trabalhadores, embora ela não se dirija diretamente a eles. Isso se dá inicialmente por dar a conhecer as novas formas de organização do trabalho e as formas com que os trabalhadores devem se adaptar à inexistência de empregos. E também pela luta concreta, em que a revista tem uma ação ideológica muito presente, utilizando velhos métodos discursivos anticomunistas:

---

[7] Como expresso nos diversos textos da obra coletiva: Le Monde Diplomatique. *Pensamiento crítico versus pensamiento único*. Edición Española. Madrid, Vegap, 1998.

desconstruindo o pensamento divergente, se colocando no papel de apontar caminhos para a "esquerda", buscando impor limites à ação de contestação, apoiando a ação repressiva policial.

A partir disso, podemos formular a Hipótese Geral de que os interesses defendidos na linha editorial de *Veja* (que são também os do grupo Abril, que complementa o caráter da segmentação características de industria cultural), são diretamente vinculados ao capital externo, à "indústria" de entretenimento, e ao capital oligopolizado. De acordo com o crescimento dessas empresas mundialmente e a concentração das mídias, torna-se cada vez mais importante a defesa dos projetos políticos de desregulamentação da economia, para permitir englobar no Brasil os setores conglomerados: telefonia, bancos, mercado de valores, publicidade, empresas ligadas à fonografia, cinema, turismo, tendo presente que uma face indissociada desse processo é o peso do capital financeirizado dessas mesmas empresas, o que se completa no oligopólio. *Veja* se coloca na defesa do consenso neoliberal nessa perspectiva. Há um círculo: medidas econômicas que precisam de reformas políticas e que não prescindem de uma contra reforma moral e cultural. E ela formula e busca dirigir e ensina a diferentes níveis sociais como devem se comportar diante disso. O único elemento inquestionável é a supremacia do econômico: a economia aparece como um ente, elementos naturais, "tempestades", "ventos", "redemoinhos", aos quais se deve acompanhar. Por isso, *Veja*, que quer apontar o rumo utiliza-se da figura da bússola para definir a si mesma. Mais que isso, para quem não quer perder o rumo, tem que lembrar que *Veja* é *indispensável*. De fato, o é, mas apenas para a elaboração e manutenção do projeto de dominação na sua atual forma. O neoliberalismo, enquanto forma de gestão do capital, contempla os interesses dos diferentes setores burgueses, ainda que de forma distinta.[8] O caso das reformas trabalhistas, por exemplo, acaba por agregar toda a burguesia, desde o proprietário de pequenas fábricas com poucos empregados aos grandes capitães da indústria. Já a manutenção da política de juros é distinta, atende aos interesses do capital financeiro e bancário, em detrimento do capitalista que

---

[8] O neoliberalismo será entendido como um processo, que vem sendo construído ao longo das últimas décadas, levando a modificações na gestão política, na reestruturação produtiva, na linguagem ideológica e na imposição de uma cultura única. Ele se baseia em uma acelerada internacionalização da economia, na financeirização do capital, na desregulamentação de direitos sociais e no desmantelamento da organização dos trabalhadores. Trata-se de um processo, não de uma fórmula pronta, que vai sendo construído de acordo com os embates locais e específicos. Alguns dos referenciais que embasam nossa análise são: PETRAS; BOITO JR; CHESNAIS e MESZAROS (ver bibliografia no final da tese).

necessita de empréstimos bancários, e por aí vão as dificuldades em torno do programa neoliberal, que foi historicamente construído nestes embates.

O marco temporal dessa pesquisa tem como referência, genericamente, dois processos eleitorais. Por força do dinâmico processo de hegemonia que está de fundo neste período, tivemos um mesmo referente (o candidato Luis Inácio Lula da Silva) representando um projeto de oposição, à esquerda do espectro político em 1989; e de manutenção, renovação e aprofundamento da ordem neoliberal, em 2002, ainda que mantendo um discurso superficialmente de esquerda. O consenso neoliberal foi construído ao longo desse período, e justamente essa é a questão central de nossa análise: para além de todos os enfrentamentos e limites impostos, o grande capital conseguindo derrubar as barreiras e reestruturando suas formas de acumulação e reprodução.

1.2 DUAS FORMAS DE COMPREENDER A IMPRENSA E SEU PAPEL HISTÓRICO

A interpretação sobre o papel da imprensa no mundo contemporâneo não pode deixar de lado os conflitos presentes na própria sociedade capitalista. Por isso apontamos que a predominância da visão *liberal* faz parte do processo de ocultamento da função histórica da grande imprensa: a manutenção do processo de acumulação do capital. Esta é a forma mais usual de interpretação, usada pela própria imprensa, inclusive por *Veja*. Mas também é correntemente usada por leituras críticas. Essa concepção aparece como sendo a própria natureza da imprensa, como se a ela coubesse: vigiar o poder, aferir a opinião pública, ter responsabilidade social, garantir a liberdade de opinião. Se ela não cumpre com esses preceitos, se trataria de desvios de função que precisariam ser corrigidos.

Como contraponto, defendemos a visão da imprensa como agente *partidário*, a partir de uma leitura gramsciana. Ela existe enquanto sujeito político construtor de consenso e de hegemonia: formulador, organizador e fiscalizador de programas e projetos dos quais as próprias empresas jornalísticas fazem parte.

1.2.1 A predominância do padrão liberal

A definição da grande imprensa como liberal é genérica. Ela ajuda a naturalizar o caráter capitalista da imprensa. A visão predominante é aquela que mais corresponde à

disseminação do próprio capitalismo. Existem jornais e revistas que se dizem liberais, mas há também os que não se dizem e mesmo assim se identificam por uma série de idéias em comum: quarto poder, opinião pública, responsabilidade social, liberdade de expressão. Estes são valores comumente associados à imprensa "liberal", ou simplesmente "grande imprensa", e que aparecem como sendo a própria natureza da imprensa.

A noção da imprensa enquanto um instrumento social *a serviço* da sociedade, portanto, alheia aos seus conflitos, aparece nos ideais iluministas e na Declaração Universal dos Direitos do Homem. No artigo XI consta: "*a livre comunicação dos pensamentos e opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; cada cidadão pode por isso falar, escrever, imprimir livremente (...)*".[9] A liberdade de expressão é a chave de qualquer sociedade libertária. No entanto, são os grandes veículos de imprensa empresariais que se colocam como guardiões desses direitos. Aqui não está dito que a liberdade acaba sendo submetida ao acesso à impressão, à distribuição, ao financiamento, o que demarca limites permanentes na história da imprensa. Isso se agravou no final do século XX com uma enorme concentração de capital, que fez com que o jornalismo de abrangência nacional (sem nem referir ao internacional) se restringisse cada vez mais em torno de grandes empresas. O aparato tecnológico necessário para produzir e fazer circular jornais ou revistas, e a exigência de altos padrões de qualidade acabam reduzindo sensivelmente a possibilidade de sucesso de uma imprensa contra-hegemônica de grande abrangência. A grande imprensa tornou-se muito sólida, crescendo suas tiragens pelo domínio cada vez maior da técnica de produção e de inserção no mundo da mídia. E nela tem espaço quem se coaduna com os interesses do órgão em que escreve.

Provém da imprensa liberal a idéia de Quarto Poder, proposta em 1828 na Inglaterra, por Thomas Macauley.[10] Esse poder estaria colocado acima dos conflitos sociais, a ponto de ser capaz de imparcialmente julgar os atos dos demais poderes institucionalizados, sendo visto como uma "entidade" que vigiaria os outros poderes. O caráter vigilante faria da imprensa um sensor, que observaria e denunciaria eventuais irregularidades, o que seria feito em nome de toda a sociedade. Para que isso funcione a imprensa deve ser entendida como um agente neutro, tendo direito a acesso primordial às informações, para delas fazer as checagens e a

---

[9] Declaração dos direitos do homem. *A Revolução Francesa*. 1789-1989. São Paulo, Editora Três, 1989, p. 146.
[10] MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em 'tempo real'*: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002. p. 59.

divulgação que achar necessário, mas supondo que sempre o resultado de seu trabalho será a notícia, um relato verdadeiro dos fatos. A população daria uma representação política ao jornalista, que por sua vez seria o vigilante dos poderes constituídos. O "compromisso com o leitor" daria aos órgãos da imprensa o status de um sujeito acima dos demais, que poderia transitar no meio político sem com ele se confundir.

Encontramos reiteradamente a expressão de que "*a informação, mais do que nunca, constitui o quarto poder*".[11] Essa perspectiva já foi criticada: "*a proposta do jornalismo como mediador nos termos expostos pela idéia de 'quarto poder', jamais se realizou, nem pode se realizar, não só porque apenas disfarça o caráter ideológico inerente a todo discurso como porque ignora as condições em que o jornalismo é praticado*".[12] Nos parece correto dizermos que a imprensa vigia o poder. E faz isso supostamente em nome de todos, o que se consubstancia dizendo que fala em nome da "sociedade brasileira", do "país", etc. No entanto, isso é uma expressão ideológica que oculta que o papel de cão de guarda exercido pela grande imprensa se dá em nome dos próprios interesses das empresas jornalísticas e suas relações de classe.

Daí deriva a noção de "*responsabilidade social do jornalismo*".[13] Essa visão surgiu nos Estados Unidos, a partir de 1947, defendendo que a imprensa deveria "*proporcionar um relato verdadeiro, completo e inteligente dos acontecimentos diários dentro de um contexto que lhes dê significado*".[14] A imprensa deveria contextualizar o fato dando-lhes significação, ou seja, relatar e expressar sua opinião no mesmo ato, mas sem que isso seja claramente dito, pois a regra define que os espaços de posicionamento sejam aqueles dos editoriais ou os "pontos de vista" assinados.

Mas para se construir enquanto portadora da verdade é fundamental a idéia de objetividade, e por isso são estabelecidos modelos de atuação - a deontologia da mídia - que define regras e princípios, encarando a mídia como uma prestadora de serviços. Quanto às funções dos meios de comunicação, Bertrand, em seu manual, cita: "*observar o entorno"; "assegurar a comunicação social"; "fornecer uma imagem do mundo"; "transmitir a*

---

[11] PAILLET, Marc. Jornalismo. *O Quarto Poder*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 5.
[12] Idem, p. 57.
[13] NOVELLI, Ana Lucia. O Projeto Folha e a negação do quarto poder. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. (Org.) *Imprensa e poder*. Brasília, EdUnB, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 189-190.
[14] MORETZSOHN, op cit., p. 57.

cultura"; "contribuir para a felicidade: divertir; fazer comprar".[15] Ele caracteriza ainda como a principal "responsabilidade" da mídia "*servir bem a população*".[16] Nessa definição, temos a imprensa como prestadora de serviços, regida sob a lógica do mercado, visto que um de seus objetivos é "fazer comprar". Mas, ela não se submeteria a uma regulamentação legal ou externa de qualquer natureza, pois se trataria exclusivamente de um serviço, que seguiria regras mercadológicas. Além disso, a "liberdade de imprensa" seria regulada pela própria imprensa.

Um desdobramento dessa posição é a afirmação de que a publicidade garante a liberdade de expressão, como se o caráter empresarial da imprensa se desse exclusivamente pela garantia de ter anunciantes. É muito mais que isso, pois há relações políticas necessárias à manutenção dos interesses de mercado, seja para o jornal, seja para os anunciantes. E essas relações serão uma das faces da *ação partidária* da imprensa. Assim como também são vinculadas às necessidades de criação de estilo de vida e de comportamento, que permitem um programa político, social e econômico tanto para os anunciantes como para todo o mercado do qual a imprensa faz parte.

Imprescindível a essa concepção é a noção de "opinião pública", que também segue os mesmos preceitos. Ela seria expressão do pensamento "da maioria", e justificaria as tomadas de posição dos próprios órgãos de imprensa. Essa opinião pública não existe até o momento em que é criada.[17] Para que ela existisse deveria haver a garantia de que esse público tenha tido oportunidade conhecer, discutir, e só então opinar, e não é isso que ocorre. A opinião pública tem sido usada para permitir aos veículos defender quaisquer posições, bastando para isso manipular padrões técnicos de legitimação de suas posições, o que é feito em sintonia com os institutos de pesquisa, que muitas vezes pertencem às próprias empresas jornalísticas.

Tudo isso mostra a existência de limites à liberdade editorial. A liberdade de expressão e a construção de instrumentos de contra-hegemonia (imprensa alternativa, sindical, associativa), têm que enfrentar os limites impostos pela propriedade dos meios de produção, de distribuição e da concentração empresarial. O problema aumenta na medida em que ocorre

---

[15] BERTRAND, Claude-Jean. *A deontologia das mídias*. Bauru, EDUSC, 1999, p. 26-28.
[16] Idem, p. 13.
[17] SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Vozes, Petrópolis, 2002, p. 43. Essa interpretação se baseia também em BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: Michel J M Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social & enquete operária*. 5a ed. São Paulo, Polis, 1987.

o desenvolvimento das tecnologias de impressão e de distribuição, tornando cada vez mais inacessível o acesso à circulação de informações senão pelos proprietários de poderosos complexos industriais nos quais se transformaram os parques gráficos das grandes empresas jornalísticas.[18] Continua atual a sentença de Cláudio Abramo sobre "a regra do jogo": "*ao longo de minha experiência de chefe de redação deixei de publicar coisas dos outros. É um direito lícito do dono. Devo ter suprimido milhares de matérias ao longo de trinta anos. Não podia publicar, porque era contra a linha do jornal. Daí não existir liberdade de imprensa para o jornalista; ela existe apenas para o dono*".[19]

No Brasil a grande imprensa foi construída sob esses parâmetros. A filiação a esses padrões pela revista *Veja* será o questionamento central do nosso segundo capítulo. Mas aqui já apontamos que a partir dos anos 1950 foram fundamentais as influências do jornalismo liberal empresarial norte-americano, que levaram a uma maior dependência com relação ao centro da reprodução do sistema do capital. É justamente esse o contexto de surgimento da editora Abril, como apontaremos em seguida. Mas antes disso, devemos apresentar uma forma distinta de interpretar o papel da imprensa, partindo da interrogação sobre quais são os elementos que dão organicidade à "opinião do dono".

1.2.2 Partido, gerenciamento e ação pedagógica

Para interrogarmos as relações de poder das quais a mídia faz parte, não podemos tomá-la como um sujeito à parte, mas como integrante da própria engrenagem de reprodução do sistema do capital. Por isso buscaremos compreender as relações de classe das empresas jornalísticas, que embasam sua atuação *partidária*. Essa atuação não é isolada, remete à existência de estados maiores, onde são formuladas visões de mundo e formas de organizar a dominação, das quais derivam os encaminhamentos quanto ao gerenciamento da ordem do

---

18 Resta aos "pequenos" alugar os parques gráficos das grandes empresas, que se reservam o direito de imprimir ou não, de acordo com suas conveniências. O mesmo ocorre com os esquemas de distribuição nacional, como mostra o recente caso do jornal Brasil de Fato, um projeto de jornal vinculado ao MST e outros movimentos sociais, que correu risco de não poder circular porque as grandes distribuidoras nacionais se recusavam a distribuí-lo.

19 ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das letras, 1988, p. 117. Existem outras formulações semelhantes a essa, e não apenas para a imprensa brasileira, como expressam, por exemplo, Osvaldo Bayer e Horvath: "a *liberdade de imprensa é a propriedade*". In: HORVATH, Ricardo. *Revolución y periodismo*. Buenos Aires. Centro Cultural de la cooperación. 2003, p. 9.

capitalismo. E sua função ideológica se materializa na constante ação pedagógica. Em resumo, são três os eixos da atuação da imprensa que nos interessam, e nos quais a tese se desdobrará: a atuação partidária; o gerenciamento; a ação pedagógica.

1.2.2.1 Organicidade da "opinião do dono": a imprensa como *partido*

As reflexões de Antonio Gramsci sobre jornalismo são um ponto de partida para avançar com relação à questão da organicidade dos órgãos de imprensa e seu caráter partidário, pois o que dá unidade à "opinião do dono" não é fruto exclusivo de um gosto pessoal. Para Gramsci, jornais e revistas são "*meios para organizar e difundir determinados tipos de cultura*",[20] e estarão sempre articulados a um agrupamento cultural, "*mais ou menos homogêneo, de um certo tipo, de um certo nível e, particularmente, com uma certa orientação geral*". A organicidade do jornal, dada pelas relações de classe que ele encerra,[21] lhe confere o caráter de atuação *partidária*, atendendo a objetivos previamente definidos. Nesse sentido, Gramsci afirma que "*são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos*".[22] Isso se dá porque eles têm a dupla função: informar e opinar. E o tempo todo as duas são misturadas: a necessidade de ser informado faz com que muitas vezes se receba opinião e programa de ação partidário como sendo mera informação.

No momento em que Gramsci escreve temos a formação de "*uma classe média culta mais numerosa do que no passado, que lê mais, ao passo que as classes populares lêem muito menos*",[23] o que seria cada vez mais efetivo, ao mesmo tempo em que "*lêem mais revistas e livros do que jornais*". As revistas semanais ganham um público mais fiel, na medida em que a escassez de tempo não permite acompanhar os jornais diariamente. Teoricamente "*a cada semana informa aos leitores que não lêem o cotidiano, ou que querem ter, a cada semana, um quadro sintético da vida de toda a semana*".[24] Essa proposição, transformada em slogan, tem servido para ocultar a organicidade das revistas, mas para Gramsci, essas informações não são desvinculadas de opinião o que se dá não apenas no recorte de quais seriam as notícias "*dignas*

---

[20] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Vl. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2001. P. 32.
[21] Embora Gramsci diferencie revistas e jornais, em termos gerais eles se equiparam enquanto instrumentos partidários.
[22] Idem, p. 218.
[23] Idem, p. 187.
[24] Idem, p. 234.

de serem impressas",[25] ou merecedoras de serem "*rascunho da história*",[26] como querem os grandes jornais. Além disso, é inegável a edição manipuladora do texto, que deforma dados, oculta, privilegia certas fontes, utiliza títulos tendenciosos, entre outras.[27]

Há uma unidade em torno da qual se cria um órgão de imprensa. Ele não existe para expressar toda e qualquer posição, mas aquelas que se afinam entre si, mesmo quando nele existam espaços para expressão de posições contraditórias. Muitas vezes, a unidade precisa ser entendida em relação à editora, onde melhor se visualiza a ação empresarial, sobretudo na indústria cultural segmentadora. Isso só fortalece a unidade das revistas em separado, pois há mecanismos responsáveis pela sua unidade, sendo os editores uma parte disso.

Para avançar nessa questão, retomamos a associação entre jornalismo e partido político proposta por Gramsci. O partido é, para alguns grupos, "*nada mais do que o modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos*" e de que é "*o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, ou seja, proporciona a soldagem entre intelectuais orgânicos de um dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais*", posto que ele tem como papel "*elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como 'econômico' até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integra, civil e política*".[28]

Como qualquer partido formal, o jornal não escapa das contradições internas, e também de conflitos permanentes que a realidade lhe coloca. Diante disso, a capacidade de seu programa propor soluções é permanentemente colocada em xeque, num processo tenso de negação e reafirmação. Mas a sua atuação enquanto intelectual coletivo é a de formular, organizar e gerenciar. É, portanto, uma ação de direção e de dirigente, e a formulação se dá sempre em conjunto com outros agentes.

---

[25] Slogan criado pelo proprietário do New York Times: "all the News that´s fit to print". Ver: TALESE, Gay. *O reino e o poder*: uma história do New York Times. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
[26] Fala do diretor do The Washington Post (apud: Primeiro esboço para a história. *Veja*. Carta ao leitor, 12/2/1997, p. 7).
[27] Alguns desses padrões de manipulação da grande imprensa são descritos por: ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação da grande imprensa*. São Paulo, Perseu Abramo, 2003. O autor também reafirma o papel partidário da imprensa.
[28] Gramsci, op. cit., p. 24.

A imprensa se constitui como *sujeito* para permitir sua ação *partidária*. Os grandes jornais e revistas se utilizam desse mecanismo para legitimar a sua ação, escondendo seu caráter partidário. Eles atribuem a si mesmos um caráter autônomo, a partir dos preceitos da suposta independência, que permite, por exemplo, que a *Folha de São Paulo* "fale de si mesmo" como *A Folha, O Estado de São Paulo*, como *O Estadão,* e assim por diante. Eles aparecem quase como pessoas: querem, sentem, opinam... Eles "criam" a si próprios, e isso facilita encaminhar projetos e propostas concretas.

Eles apontam caminhos (rumos, norte) promovendo debates, assumindo para si o papel dirigente de classe, também por ser a ela atribuído o papel de organizar a "*agenda coletiva*".[29] Mas isso não implica em filiação a um partido formal, pois "*a imprensa é partidária, não no sentido de defender este ou aquele partido, mas no de ter um programa a defender*".[30] E isso remete à existência de vínculos com outros formuladores e gerenciadores.

1.2.2.2 Estado Maior, formulação e gerenciamento

Assim como ocorre com os demais partidos burgueses, a imprensa se vincula a associações com partidos formais, com outros órgãos de imprensa, e outras formas associativas, apontando para a constituição de estados maiores e *think tanks*, ou seja, organizações onde são formuladas as linhas gerais da ação de classe. A reprodução do capital necessita de gerentes que em níveis diferenciados agem nos embates políticos. A hegemonia não se dá de forma homogênea, mas é historicamente construída e cotidianamente defendida. É necessário interrogar as formas com que esse processo é coordenado.

O projeto de dominação não é criado por um jornal ou revista específico, tampouco é elaborado no âmbito exclusivo da imprensa, mas remete a uma experiência organizacional mais ampla, seus estados-maiores. Por isso, os grandes jornais e revistas podem ser vistos como os grandes "intelectuais orgânicos do capital". E estão indissociados do caráter teórico e

---

[29] Nos padrões atuais, como forma de desconstruir outros espaços de ação política, o papel de "agendar a discussão" se coloca como uma forma de despolitizar a discussão, pois é só na aparência que esse é um "espaço democrático". Muniz Sodré aponta para esse papel da mídia, alertando que essa é uma questão ainda pouco estudada. (Op. cit. p. 26.)

[30] JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e poder*: ligações perigosas. São Paulo, Salvador, Hucitec, Edufba, 1996, p. 26.

ideológico de defesa do neoliberalismo e a sua existência prática. Ou seja, fazem parte do "*governo mundial das empresas*".[31]

Uma das características desse processo são as concentrações das grandes empresas, sobretudo na área da comunicação e entretenimento. A articulação disso nos anos 1990 faz com que apareça como inevitável o caminho para "o mercado", como se uma mão invisível estivesse a guiar permanentemente a ação humana, aparecendo como natural no mundo "globalizado". O que temos, ao final é a manutenção da

> Hegemonia norte-americana no Ocidente, que reside em sua capacidade de formar a agenda política e noticiosa internacional, de produzir em seus laboratórios e indústrias a maior parte dos objetos da economia midiática e de atrair as consciências para uma forma de vida sempre modernizadora, por vias do liberalismo democrático e do consumo.[32]

Esse projeto se desdobra em vários aspectos, de acordo com a ação partidária específica. Mas tão relevante quanto a busca do convencimento em torno dos ideais neoliberais, é a explicação, o ensinamento e o gerenciamento em torno de suas necessidades concretas:

> Do mesmo modo que um exército precisa de oficiais superiores militares, uma massa de trabalhadores, que cooperam sob o comando do mesmo capital, necessita de oficiais superiores industriais (dirigentes, manegers) e suboficiais (...) que durante o processo de trabalho comandam em nome do capital. O trabalho da superintendência se cristaliza em sua função exclusiva.[33]

E, na complementação de Meszaros, "*as mudanças quantitativas na extensão da dimensão não-produtiva se convertem em um redimensionamento* qualitativo *de toda a estrutura. Como resultado, o funcionamento dos constituintes genuinamente produtivos se torna cada vez mais dependente da manutenção e do crescimento posterior dos setores parasitários*".[34] E isso se dá pela interligação entre Estado, sociedade política e "sociedade civil" para influenciar nas escolhas em termos organizativos e também para obrigar os

---

[31] Na expressão de CHOMSKY. Noam. *O lucro ou as pessoas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. p. 22.
[32] SODRÉ, M. Antropológica... Op. cit. p. 27.
[33] MARX. *O Capital*. vl. 1. Livro 1. São Paulo, Abril Cultural, 1983. Capítulo IX. Cooperação. P. 264.
[34] MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp, 2002. (Edição Original inglesa de 1995). p. 618. Grifo do autor.

governos a tomarem decisões neoliberais. E por outra, levar os subalternos, aqueles que vão dar as ordens diretamente ao mundo do trabalho sobre como devem se comportar.

Tudo isso envolve uma gama de profissionais, que têm diferentes níveis de ação como intelectuais orgânicos gerenciadores. Existe uma vasta organização transnacional ao longo do século XX, para além dos interesses nacionais, que têm como fim o controle social e o gerenciamento propriamente dito do processo de acumulação. Trata-se de uma verdadeira "*internacional capitalista*", como mostrou o vasto estudo documental de René Dreifuss. Nas palavras do autor

> A elite orgânica, enquanto estado-maior, estabelece a mediação entre a estrutura da classe dominante e o conflito de classe - desenvolvendo a diplomacia privada e a política efetiva em contraposição à oficial e pública -, o que implica na consolidação de uma liderança de classe dominante numa frente móvel de ação, mais ampla que a primeira, que viabilize a inserção político-ideológica, a comunicação social dos projetos particulares classistas e a sua conversão em demandas gerais, 'sociais', 'nacionais' ou de simples 'senso comum'.[35]

Um elemento aglutinador e justificador dessa ação até os meados dos anos 1980 foi a Guerra Fria e a "ameaça comunista". Essa ideologia pregava a necessidade de organização de poder, colocando em prática a "modernização conservadora". Nos anos 1990 passa a ser outro o elemento justificador, a "globalização" como portadora da nova forma de "modernização neoliberal". A partir dessas idéias gerais, definem-se grupos que as sintetizam e organizam a acumulação. Mas para que isso funcione plenamente, é necessária a ação pedagógica, que dissemina e vulgariza as formulações políticas.

1.2.2.3 A ação pedagógica: educação continuada

Gramsci também chama a atenção para o sentido pedagógico da atuação dos partidos. É aqui onde *Veja* tem uma ação mais transparente, ou seja, na consolidação de uma visão de mundo, tanto no que diz respeito à própria história vivida, como também na inserção dos seus leitores como seres políticos, agentes em posição específica no mundo do trabalho, o que requer padrões comportamentais de forma mais ampla. O jornalismo, nessa perspectiva, é visto como uma "*escola dos adultos*",[36] posto que "*não se pode falar de elite-aristocracia-*

---

[35] DREIFUSS, René. *A Internacional Capitalista*: estratégias e táticas do empresariado transnacional. 1918 – 1986. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1986. p. 27.
[36] GRAMSCI, op. cit. p. 229.

vanguarda como de uma coletividade indistinta e caótica",[37] portanto, faz-se necessária uma formação sólida e coerente. Assim, uma revista como *Veja* é um instrumento da luta de classes, na medida em que nela se constroem embates ideológicos vivos, ou seja, aqueles que dizem respeito ao desenvolvimento histórico. Mas, como vimos, a visão liberal muitas vezes busca ocultar o fato de que possui um "*projeto orgânico, sistemático e argumentado*",[38] que se cria no âmbito da editora, como uma "*estrutura material da ideologia*", que busca organizar a "*estrutura ideológica de uma classe dominante, isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a 'frente' teórica ou ideológica*".[39] Por isso, além de agir com relação aos problemas da grande política (as questões que definem o rumo dos acontecimentos macroeconômicos e políticos), mantendo uma ação permanente na pequena política (as pequenas questões e intrigas políticas). É nas grandes questões que *Veja* busca influenciar, sempre apontando o rumo a ser seguido.[40] Isso ocorre sistematicamente a partir das interpretações que são propostas acerca do real, que ampliam ou restringem a possibilidade de que o leitor perceba os elementos motores da história vivida.

Aquele que narra, que descreve, que opina, tem o poder de propor interpretações, o que acaba assumindo um "caráter oficial". A própria revista busca dar esse sentido à sua ação, dizendo que seu leitor é o "formador de opinião". Diz estar explicando o que acontece, inclusive "poupando tempo" do leitor, o que diz acaba sendo a versão sobre a realidade que acaba prevalecendo. A rigor, não existe o leitor, pois são as próprias revistas que criam a necessidade das pessoas lerem, fazendo-lhes acreditar que ali vão encontrar a interpretação, os caminhos, a saída. Como tratam de todos os temas, se colocando como portadora das atualidades, entretenimento e informação, fica mais fácil a sua *ação partidária* e a reprodução de opinião que é formulada nesse âmbito[41].

O alvo é a construção de uma organicidade em torno de uma ação de classe, criando seus próprios intelectuais, que querem com ela buscar uma unidade de ação comum. Por isso ela toma para si o papel de educação continuada, na medida em que mantém o processo

---

[37] Idem, p. 231.
[38] Idem, p. 32.
[39] Idem, p. 78.
[40] Cf definições em: GRAMSCI. Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. Caderno 13 (vl. 3), p. 21, 22.
[41] Certamente que isso não exclui as inúmeras possibilidades de leitura, de recepção, de mediação. Mas o nosso foco de análise é a produção desses mecanismos pela revista, mostrando-os como altamente eficientes.

educacional escolar, pautando, dizendo informar, e ao mesmo tempo mantendo a divisão dos "lugares sociais", ditando como cada um deve se comportar.[42] Mas o projeto é cuidadoso no sentido de buscar aparecer como sendo essencial para cada um, deve ser internalizado, fazer sentido na própria individualidade; ao mesmo tempo, diz ser para todos: "a nação", o "país", "a sociedade". A ação pedagógica ensina também o sujeito a se comportar de acordo com as mudanças de seu mundo, ou seja, o processo de criar necessidades, de criar o seu consumidor, e mais que isso, um novo estilo de vida. Há portanto um padrão tido como normal: o liberal (quarto poder e opinião pública sobretudo). E há uma ação política e econômica passível de ser percebida mas ocultada, a ação *partidária*: que formula, gerencia e educa.

1.3 PADRÕES EXTERNOS PARA A MÍDIA BRASILEIRA

A história da revista *Veja* (e sua editora) é marcada pela utilização de padrões internacionais de jornalismo. E, assim como os demais órgãos de imprensa desde os anos 1950, tem na manutenção dos interesses hegemônicos norte-americanos um ideal inabalável. Assim agiram a editora e a revista desde a sua criação, inclusive durante o regime militar. Foi o processo de democratização e os "ventos globalizadores", aliados a novas tecnologias, que impulsionaram o seu crescimento e a ampliação de suas atividades. Manteve-se sempre buscando equacionar os diversos interesses envolvidos de forma a que o rumo do programa neoliberal se mantivesse.

1.3.1 Anos 1950: a inserção no sistema transnacional de comunicação

Um marco histórico na imprensa brasileira é o período dos anos 1950. Há dois aspectos fundamentais: a entrada de empresas multinacionais e do capital estrangeiro, e as conseqüentes influências dos padrões norte-americanos de jornalismo. Várias mudanças tornaram as empresas jornalísticas progressivamente dependentes do capital, especialmente o externo, para sua manutenção. Não seria correto dizer que anteriormente os jornais não possuíam vínculos com o capital. Mas, o que os caracterizava era o seu caráter diretamente

---

[42] Sobre o papel educacional das revistas, ver: GENTIL, Rogério Henriques. *Reflexões sobre a importância política educacional das revistas*. Dissertação de Mestrado em Educação, UFF, 1999. O autor mostra uma estreita harmonia entre diferentes revistas da editora Abril: *Veja* (e o projeto *Veja na sala de aula*); Nova Escola e Exame. As mesmas posições são defendidas de forma "didaticamente compreensível" para os distintos níveis sociais. Mais que isso, explicando de forma diferente as funções de cada um na história presente.

vinculado à sociedade política, sem prejuízo de sua ação de classe. Ou seja, eram jornais ligados explicitamente a partidos ou grupos políticos, como apontam alguns estudos.[43] Cada partido tinha seu jornal, que se caracterizava por ser geral, propor uma interpretação política, econômica, cultural, a partir dos referenciais de cada um, como aponta Nelson Werneck Sodré.[44] Por isso se dizia que eram jornais de opinião. Com os novos padrões, os jornais que sobreviveram se colocavam como objetivos, sem vínculos partidários. Mas os vínculos de classe permanecem, embora busquem ocultá-los. Ao público, eles podem parecer como neutros, no máximo professando uma identificação doutrinária. Talvez por isso os grandes partidos formais não possuem jornais próprios, porque a relação com os jornais empresariais é mais frutífera. Mesmo que para isso tenham que se submeter a outras regras, como a necessidade da imprensa aparecer como neutra, não explicitar apoio formal a partidos e apenas a projetos. E ainda, fazer críticas pontuais, inclusive contra a corrupção, o que a permite se colocar como estando de fora do processo político e econômico ocultando seus vínculos diretos.

A prática de uma "imprensa objetiva" não é uma questão menor se lembrarmos que a Abril foi criada em 1950 e que desde seu início se projetava a criação de uma revista com o caráter de *Veja*. Essas relações permitem apontar elementos da organicidade da imprensa. Se o modelo anterior "de opinião" fora relegado ao passado, os jornais estariam livres para se colocar como "empresas". Isso implicou em criar a aparência de objetividade e neutralidade, partindo da desvinculação direta com a sociedade política, mas ficando livre para agir partidariamente no sentido de classe. A desvinculação formal de um partido político atende exatamente a esse interesse, pois o jornal não deixa de ser portador de "opiniões", mas pode assim se auto-proclamar "independente".

As influências das concepções empresariais na imprensa brasileira passam a ser muito fortes e incentivadas não apenas pelos jornais brasileiros, mas também por órgãos da imprensa

---

[43] Como por exemplo: CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*: imprensa paulista 1920-1945. São Paulo, Brasiliense, 1989. Esse trabalho mostra o caso clássico de um jornal com filiação partidária, mostrando os vínculos de O Estado de São Paulo e o liberalismo, posição que se mantém até hoje, como mostram os trabalhos de Francisco César Fonseca: *Imprensa liberal na transição democrática* (1984-1987): projeto político e estratégias de convencimento. (Revista *Visão* e jornal *O Estado de São Paulo*). Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Campinas, Unicamp, 1994; *Divulgadores e vulgarizadores*: a grande imprensa e a constituição da hegemonia ultraliberal no Brasil. Doutorado em História USP, 2001.

[44] SODRÉ, Nelson. *História da imprensa no Brasil*. 4a ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

norte-americana, que pagavam cursos para que jornalistas brasileiros fossem em suas sedes conhecer sua forma de produzir jornalismo.[45] Na década de 1950 "*o modelo norte-americano se implantou no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social*".[46] Ana Paula Ribeiro diz que com as reformas ocorridas nesse período demarca-se "*a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo*",[47] o que se dá sob os parâmetros norte-americanos. A questão maior que estava em jogo era que "*a imprensa deixa de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começa a ser pensada como um lugar neutro, independente*".[48] Talvez melhor seria dizermos que o padrão da neutralidade passa a ser visto como moderno, e torna-se modelo para a imprensa em geral que queira se constituir como grande empresa e empregadora de jornalistas profissionais, o que acaba abrindo campo para sua atuação partidária nos termos que estamos discutindo. O caráter empresarial e ideológico do modelo norte-americano é evidenciado por Sodré, que conclui por uma crise da imprensa,[49] naquele período:

> Na medida em que os monopólios norte-americanos se instalam e se expandem no Brasil, têm a necessidade, também, de estabelecer, aqui, o controle da opinião: **esse controle deriva da penetração daqueles monopólios**. O imperialismo, depois de dominar o mercado de coisas materiais, procura dominar o mercado da opinião e, assim, depois que se instala, instala a **sua** imprensa. E começa essa imprensa a difundir que "a solução dos nossos problemas está nos Estados Unidos".[50]

---

[45] Inclusive oferecendo bolsas de estudos para jornalistas brasileiros, como mostra SILVA, Carlos Lins. *O adiantado da hora*: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo, Summus, 1991. p. 79 e 86. O autor que também fez sua formação nos EUA e atuando como intelectual orgânico no jornal Folha de São Paulo, considera altamente benéficas essas influências.

[46] RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro nos anos 50*. Tese de Doutorado, UFRJ, Escola de Comunicação, 2000. p. 8.

[47] Idem, p. 25. Nos parece ser importante perceber, no âmbito dessas reformas, que embora elas instituam a supremacia da objetividade, nos parâmetros que estamos discutindo, buscando diminuir o peso opinativo dos jornais, isso não significa que os jornais até então não buscassem, também, ser informativos. Em pesquisa anterior, investigamos jornais como: *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Correio do Povo*, e constatamos que o objetivo da informação era central também naqueles veículos. Havia o acompanhamento assíduo da economia, da política, da cultura, dos esportes, dos acontecimentos policiais, que ocupavam espaço mais amplo do que as seções de opinião assinadas. Ver: SILVA. Carla. *Onda vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001.

[48] Idem, p. 26.

[49] A crise se dá também por outros fatores, como a diminuição do subsídio à importação de papel. Ver: RIBEIRO, op. cit.

[50] SODRÉ, Nelson. Op. cit, p. 438. Grifos do original.

Os exemplos dessa expansão citados pelo autor são as revistas de histórias em quadrinho da editora Abril e a revista *Realidade*. Ou seja, a editora é uma das portas de entrada desse modelo de fragmentação editorial e domínio ideológico. J. S. Faro aponta aspectos que considera positivos no lançamento desta revista, bem como de todo esse processo em curso de profissionalização. Para ele, a "*nova organização empresarial*', que permite "*a imprensa estar modernamente vinculada à dinâmica cultural*", e a qualificação técnica e formação universitária do profissional de imprensa, seriam fatores positivos daquele momento.[51] Mas, no seu trabalho ele mostra que mesmo *Realidade*, que passa a ser vista como um modelo de jornalismo investigativo para a imprensa brasileira, não foi imune ao que chamaríamos de construção da prevalência do capital monopolista, que naquele momento era profundamente marcada ideologicamente pelo anticomunismo. Esse posicionamento pode ser localizado no que o autor chama de "*padrões de modernidade ocidental que o pós-guerra havia instituído*".[52]

Na medida em que as empresas crescem, as máquinas e o próprio papel para impressão são importados, e cada vez mais caros pois são mais sofisticados, aumenta cada vez mais a dependência de fatores externos como: tecnologia importada, modelos jornalísticos; mas também internos: empréstimos, incentivos fiscais. A junção desses elementos acaba levando a comprometimentos políticos de todo tipo, em uma relação dupla: a nova empresa jornalística necessita do capital; o capital precisa da imprensa.[53] Com a progressiva oligopolização, esses interesses se misturam. Não se trata apenas daquilo que os anunciantes supostamente obrigam a dizer, mas de que anunciantes e veículos têm necessidades comuns a construir e preservar.

Some-se ainda o papel das agências internacionais de notícia, que fazem sua parte no sentido da unificação ideológica das diversas publicações. Segundo Anamaria Fadul,

---

[51] FARO, J. S. *Revista Realidade*. 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre, Age / Ulbra, 1999, p. 75.

[52] Idem, p. 209. Essa posição pode ser observada nos próprios jornalistas daquela época, que oscilavam entre uma visão crítica e os benefícios da racionalização e "objetividade" imposta ao seu trabalho, como pode ser percebido nos *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*, editados pelo Jornal do Brasil. Esse foi, aliás, o jornal pioneiro em mandar seus jornalistas aos cursos da Sociedade Interamericana de Imprensa nos EUA. (SILVA, Carlos. Op cit., p. 83).

[53] Para esse período, relatos importantes são dados por Samuel Wainer, que apontava para o "peso das empreiteiras", num momento de modernização das estradas e da construção civil em geral. Ver: WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1987.

> As agências de notícias criadas especialmente para trabalhar na contra-ofensiva ideológica foram outro importante elemento da Guerra Fria. Essa questão se tornou controvertida em nível da Unesco, pois se começou a perceber que os países altamente industrializados controlavam não somente a produção de mercadorias e sua distribuição, como também a produção e distribuição de notícias.[54]

Gerou-se uma verdadeira estrutura para além das fronteiras, que vem sendo construída ao longo das últimas décadas, com múltiplas dimensões, da comunicação, da publicidade e da cultura:

> Como parte do instrumental transnacional. É cada vez mais evidente que o sistema transnacional de comunicação se desenvolveu com o apoio e a serviço dessa estrutura transnacional de poder. É parte integrante do sistema, e por meio do qual é controlado o instrumento fundamental que é a informação na sociedade contemporânea.[55]

O pano de fundo do avanço tecnológico da imprensa brasileira foi a entrada de empresas multinacionais, também na área da comunicação, no Brasil. A partir do final dos anos 1950 acelerou-se a expansão dos grupos *Time Life, Reader's Digest*, *Washington Post* (proprietário da *Newsweek*), em toda a Europa e também na América Latina. Essa expansão se deu ou pelo lançamento de revistas, ou pela associação com editoras locais. Como resultado temos a entrada no Brasil de revistas como *Marie-Claire*, *Elle*, *Cosmopolitan*, *House & Garden*, *Forbes*, *Business Week*, *Playboy* e revistas infantis de Walt Disney, algumas editadas no Brasil pela Abril.[56] No Brasil foi a *Newsweek* que se associou à criação de *Veja*, estabelecendo um contrato que durou pelo menos até 1988.[57] Trata-se da própria história da revista *Veja*, a associação com as empresas e com o capital externo, criando uma aliança que propõe caminhos a serem seguidos no campo editorial, que passam pela formulação de projeto e programa de ação política.

---

[54] FADUL, Anamaria. A internacionalização da mídia brasileira. *Comunicação & Sociedade*. Identidades comunicacionais. N. 30, 1998. P. 76.

[55] SOMAVIA, Juan. A estrutura transacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, Fernando Reyes (Org). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. P. 35.

[56] MATTELART, Armand. *Multinacionais e sistemas de comunicação*: os aparelhos ideológicos do imperialismo. São Paulo, Ciências Humanas, 1976. p. 200-209.

[57] No mesmo período ocorria a expansão do grupo Time. Havia o interesse do grupo Abril em se associar a esse grupo, não sabemos porque motivos essa associação não se realizou, embora provavelmente isso se deva às ligações de Time com a Rede Globo. Mesmo assim, os referenciais para a redação da revista continuavam sendo o modelo Time. Ver: SOUZA, Ulysses Alves de. A história secreta de Veja. *Imprensa*. setembro 1988, p. 83. E também CHAGAS, Carmo. Et al. *Três vezes trinta*. São Paulo, Best Seller / Círculo do Livro, 1992.

1.3.2 Multinacionais, estado maior e hegemonia

Os vínculos orgânicos externos são concretos. Mattelart se refere a uma união de editores, cujo objetivo seria "*unir os homens que tomam as decisões no mundo empresarial e os dirigentes políticos de todas as nações*".[58] É relevante que lembremos da criação nos Estados Unidos de uma forte união empresarial que até hoje age como estado maior, o *Council of Foreign Relations*, e o *Council for Latin American*, que possuíam entre seus planos, respectivamente, a criação de um projeto para os anos 1980, e a organização da atuação na América Latina. Desses grupos participavam o próprio grupo Times Inc.[59] Tinha como seus divulgadores no Brasil a Fundação Getúlio Vargas,[60] e como representantes brasileiros em algumas de suas reuniões Mario Henrique Simonsen,[61] Roberto Campos,[62] (que seriam recuperados por *Veja* nos anos 1990 como seus conselheiros e colunistas), e também João Paulo dos Reis Velloso,[63] idealizador e coordenador do Fórum Nacional no final dos anos 1980. Como demonstrou Dreifuss, trata-se do estado maior em ação concreta:

> Ao longo de quase 20 anos de atuação em diversos países da América Latina, o Council utilizou um verdadeiro arsenal de recursos, inclusive os da mídia oral, escrita e visual, definidas de acordo com o público a ser atingido e o tipo de propaganda – geral ou seletiva – na televisão, nos jornais diários, nas revistas semanais, nos programas de rádio, panfletos, livros, revistas especializadas, outdoors, etc. dependendo do tipo de alvo, a mensagem podia ser preparada nas estufas ideológicas do Council e plantada nos meios de divulgação, ou até encomendada às empresas especializadas, às elites congêneres ou às associações empresariais vinculadas ao CLA.[64]

Até o final dos anos 1980 o que dava unidade editorial e de ação era a idéia de Guerra Fria. Entre várias outras medidas, grupos norte-americanos realizavam pesquisas e publicidade de "combate ao comunismo", o que dava homogeneidade à organização até os anos 1980. Um exemplo é um questionário de pesquisa aplicado a "formadores de opinião", pelo grupo Gallup, no Chile às vésperas das eleições de 1970: "*em sua opinião, porque o presidente João*

---

[58] Idem, p. 204.
[59] DREIFUSS. A Internacional..., op. cit., p. 122.
[60] Idem, p. 127.
[61] Idem, p. 165. Simonsen participou também como rearticulador desse grupo nos anos 1980. Idem, p. 170. Foge das possibilidades dessa pesquisa apontar as ligações entre a produção documental e a linha da Abril, mas é factível apontar as linhas gerais de afinidade.
[62] Idem, p. 167.
[63] Ver apêndice "Q" (Dreifuss, op. cit.).
[64] Idem, p. 173.

Goulart foi demitido de suas funções? a) porque fora longe demais com suas medidas de nacionalização das riquezas naturais do país; b) porque não respeitou os princípios constitucionais e tradicionais da nação; c) porque identificou-se com os partidos políticos de esquerda, particularmente com o partido comunista".[65] Ou seja, a publicidade e o material editorial não estavam desvinculados da linha estratégica mais ampla norte-americana, naquele momento, o controle da Guerra Fria nos países latino-americanos.

O acirramento dessas práticas ocorreu junto com a abertura das editoras para empresas multinacionais. Isso é demonstrado de forma muito rica no trabalho de Ana Figueiredo, sobre a propaganda dessas empresas no Brasil naquele período. Elas articulavam valores como trabalho, ordem, família, propriedade, para vender geladeiras, carros, televisores, etc. Ao mesmo tempo em que vendiam o produto, agiam no sentido da produção de consenso acerca de certas idéias articuladas à criação das necessidades de consumo e de comportamento, fazendo com que os novos produtos passassem a configurar como necessidade. E portanto também imprescindível o seu processo produtivo.[66] As peças publicitárias faziam, num primeiro momento, com que a população se identificasse com as multinacionais e quisessem que elas fossem implementadas, para o "bem do desenvolvimento nacional". As empresas fariam, de acordo com a propaganda, com que "*o progresso chegasse ao fim do mundo*". Em seguida, agiram no mundo do trabalho, promovendo a divisão entre trabalho x lazer, abrangendo um círculo da produção capitalista:

> O indivíduo, ansioso por alcançar a satisfação que não encontrava em seu trabalho, esforçava-se para ascender dentro da fábrica ou empresa em que trabalhava a fim de obter melhor remuneração e, com ela, tanto o acesso aos bens de consumo de massa que encerrariam os signos de sua ascensão, quanto às condições para o desfrute de seu lazer. Desse modo, ele se tornava um trabalhador ideal e, ao mesmo tempo, um consumidor padrão – tudo o que o sistema capitalista precisava para garantir indefinida e ininterruptamente sua reprodução.[67]

A publicidade e a imprensa de forma geral, agiram no sentido de não deixar dúvidas dos riscos que a população "ordeira e pacífica" correria diante do "perigo comunista", que abalaria a possibilidade inalienável de poder consumir, que seria o marco da "liberdade" capitalista e "proibida" no mundo comunista. É relevante lembrarmos que o período da

---

[65] MATTELART. Op. cit, p. 225.
[66] FIGUEIREDO, Ana. *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*. São Paulo, Hucitec, 1998.
[67] Idem, p. 86.

ditadura militar foi também de inovações tecnológicas no campo das comunicações, tendo como justificativa ideológica a defesa geopolítica do território contra o "perigo comunista", abrindo caminho concretamente para a livre atuação das empresas multinacionais. Essas inovações passaram pela construção de redes de comunicação, cabos submarinos, telefonia, satélites, por via de empresas multinacionais.

A encampação e divulgação desses ideais mais amplos não se restringem à editora Abril. Com justificações semelhantes (padrão de qualidade, desenvolvimento técnico, objetividade), cresceram e se desenvolveram outros órgãos com funções semelhantes: a Rede Globo e o Grupo Folha. O crescimento dessas empresas permite um paralelo: nos anos 1990, a hegemonia passa a ser sintetizada em torno de outras questões, mais "modernas": a "globalização". E esses grupos atuarão em conjunto nesse sentido, mas cada uma com suas especificidades. A ação geral é organizada em conjunto. Assim como existem na democracia vários partidos da classe dominante, isso ocorre também na imprensa. Mesmo tendo um eixo conjunto, há distinção de setores que são representados (indústria, finanças, etc) pelas empresas jornalísticas. Também os tipos de mídia definem linguagem e abordagem distintas: jornal, revista, televisão. Por isso é importante apontar linhas gerais de abrangência e convergência de interesses dessas empresas.

1.3.3 Globo, Folha e Abril: padrões de qualidade e endividamento

Ao final da década de 1990, a mídia brasileira se encontrou com muitas dificuldades devido ao seu endividamento. No entanto, apesar de endividados, os grandes grupos sobrevivem, e são justamente aquelas grandes empresas que tiveram altos investimentos tecnológicos, garantindo um elevado "*padrão de qualidade técnica*"[68] (o que é visto muitas vezes como avalista de uma suposta credibilidade dos órgãos jornalísticos). Os vínculos políticos e afinidades de projeto parecem ser pistas para compreender esse fenômeno.

É no contexto de ditadura e de abertura ao capital externo que se dá a implantação da Rede Globo de Televisão, com a entrada direta de capital estrangeiro e gestão da empresa pelo

---

[68] A manutenção dessas empresas esteve diretamente relacionada com o seu endividamento e às formas com que eles foram equacionados. A Rede Globo, por exemplo, tem sobrevivido graças a verbas públicas, não apenas em publicidade, mas através da ação de bancos públicos, especialmente o BNDES. Ver, por exemplo, a reportagem de capa de *Carta Capital*, 14/4/2004: BNDES: mídia brasileira.

grupo norte-americano Time-Life. A ilegalidade desse fato gerou a Comissão Parlamentar de Inquérito, que acabou inocentando a Rede Globo, depois de vários vícios no processo. Em que pesem as inúmeras irregularidades, a Globo foi absolvida por decreto do presidente Costa e Silva, em 23/11/1968, com o arquivamento do processo. Isso ocorreu porque os interesses estavam bem delineados:

> A superficialidade com que os ministros da área econômica trataram os problemas levantados não era, por certo casual. O governo implantado em 1964 tratava de contornar as resistências que surgiam, inclusive na área militar, mas manobrava para garantir a implantação da TV Globo, que seria um instrumento fundamental na política de internacionalização da economia através da criação de um mercado nacional de produtos industriais sofisticados. Roberto Campos era figura notoriamente identificada com os interesses do capital estrangeiro e também Octavio Gouvêa de Bulhões, que mais tarde chegaria a ser presidente da poderosa multinacional Ericcson, da indústria que, juntamente com Standart Eletric e a Nippon Electric Company, controlaram o mercado brasileiro de telecomunicações, criado com maciços investimentos do Governo após 1964.[69]

Essa conjuntura, a força desses nomes e dessas empresas foi decisiva para que enfim a Abril pudesse abrir-se para os investimentos necessários para uma revista do porte de *Veja*. Daniel Herz cita uma obra de denúncia desses negócios escusos, *O livro negro da invasão branca*, de João Calmon em que:

> Falava também da chegada de Victor Civita que estava instalando no Brasil aquela que hoje é a maior empresa editorial da América Latina, a Editora Abril: 'O Grupo da Editora Abril edita esta revista 'Realidade', que é a décima nona que lança no Brasil. O dono deste grupo chama-se Victor Civita. Este homem nasceu na Itália, naturalizou-se norte-americano. (...) Quando procurei apurar o que ele fazia nos Estados Unidos, antes de vir para o Brasil, soube que ele era empregado do grupo Time-Life. Chegou ao Brasil sem dispor de recursos financeiros e o seu irmão partiu para a Argentina.[70]

Ele aponta para o crescimento da editora, em consonância com o que ocorria no México e na Argentina, onde a ligação com os grupo Time era ainda mais explícita:

> Dentro de pouco tempo o grupo da Editora Abril lançou dezenove revistas no Brasil, dezenove revistas na Argentina e dezenove revistas no México. Outro detalhe interessante: a Editora Abril na Argentina edita uma revista chamada 'Panorama'. Em baixo do título da revista lê-se: 'uma revista do Editorial Abril e de Time-Life'. Na Itália, existe uma outra revista, com o mesmo título, 'Panorama' embaixo do título lê-se: 'uma edição de Time-Life e Mondatori'. Ora, é muita

---

[69] HERZ, Daniel. *A história secreta da REDE GLOBO*. 14a ed. Porto Alegre, Ortiz, 1991. p. 169.
[70] Idem, p. 92.

> coincidência. E é o grupo Civita na Argentina e o grupo da Editora Abril que opera em três países. Creio que nenhum grupo brasileiro terá capacidade financeira para manter dezenove revistas, no México, na Argentina e no Brasil.[71]

Esses dados confirmam que o capital externo já sustentava a imprensa brasileira e que foram fortes suas investidas nos anos 1950 e 60, articulados a um projeto mais amplo. Herz caracteriza o grupo *Time* como sendo: "*da linha mais reacionária e mais retrógrada do Partido Republicano, exclusivamente interessado em manter, em países como o nosso, bases anticomunistas*".[72] E fica claro que as relações deste grupo, a Globo e a Abril mereceriam maiores estudos, especialmente buscando os pontos de convergência de projeto.

Além da Rede Globo, teve vida longa de destaque, com um projeto editorial e organização empresarial modernos, a *Folha de São Paulo*. Nos anos 1960 a empresa tomou uma série de medidas no sentido da centralização de capital, ao mesmo tempo em que se ampliaram os investimentos no seu setor produtivo. Daí nasce a junção com entre *Folha da Manhã*, *Última Hora* e *Notícias Populares*:

> O novo complexo foi abordado a partir do binômio centralização-diversificação. A centralização englobou, em diversos graus, todas as operações que fosse possível centralizar: produção e reprodução da mensagem, distribuição, vendas, publicidade, administração, serviços de apoio.[73]

A autora observa ainda que o grupo não se restringe ao setor jornalístico, mas os seus proprietários têm investimentos em diversos tipos de atividade, "*só a título de exemplo, Frias é um dos maiores granjeiros, se não o maior, do país*".[74] Mario Sergio Conti também cita investimentos desse grupo na área rodoviária.[75] Ou seja, são muito diversificados os investimentos e interesses do grupo que publica o maior jornal impresso nacional. Outro marco no processo de modernização da imprensa ocorrria em meados dos anos 1980, com a implantação do *Projeto Folha*, que se tornara o novo marco do enquadramento jornalístico brasileiro. Os avanços tecnológicos implantados englobam novas técnicas que permitem mais eficientes e potentes impressões, fotografias, e comunicação em geral. As novas tecnologias

---

[71] Idem.
[72] Idem, p. 93.
[73] TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento*: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p. 156.
[74] Idem, ibid. Isso ajudaria a explicar, por exemplo, a ojeriza da Folha à organização do MST.
[75] CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*. A imprensa e Fernando Collor. São Paulo, Companhia das Letras, 1999. p. 185.

são mais uma vez usadas como uma forma de reforçar a idéia de credibilidade e para os mitos da objetividade e do profissionalismo, levando à reorganização da produção do jornal e inclusive demissões em conseqüências delas. Ocorre, por meio dessa tecnologia, a alteração do trabalho jornalístico, tornando em alguns casos dispensável a própria função do jornalista, ou, como diz Ramonet, "*rebaixando-os ao nível de retocadores de transmissões de agência*".[76] Um dos efeitos disso é a auto-censura, tornando os profissionais cada vez mais alinhados à linha editorial, ameaçados de perderem seus empregos se assim não o fizerem. Interessante citar a experiência do jornalista José Arbex Junior na *Folha de São Paulo*. Assim ele se refere ao *Projeto Folha*: "*sua implantação introduziu no Brasil, em ritmo acelerado, uma lógica empresarial que a moderna imprensa capitalista construiu ao longo de várias décadas nos Estados Unidos e na Europa*", adotando um "*discurso para o mercado*", adequando-se à "*expansão do neoliberalismo*". O projeto, segundo Arbex:

> Desde o início caracterizava a notícia como mercadoria, destinada a gerar lucros. Essa perspectiva exigia, obviamente, o fim da 'politização' da redação, uma das características mais fortes do jornalismo até então praticado no Brasil. Os jornalistas, em geral, tinham uma certa formação marxista ou de esquerda, até como reação ao autoritarismo de direita, traço marcante da história nacional. A adoção do Projeto Folha impunha, portanto, um 'saneamento ideológico' da redação.[77]

Embora ainda hoje existam algumas restrições legais para a abertura do mercado editorial brasileiro ao capital estrangeiro, que ele teve papel importante no desenvolvimento das empresas "nacionais" de comunicação, e no mais das vezes, com incentivo de dinheiro público. Com a abertura indiscriminada de outros setores da economia, os defensores dessa prática vêem como questão de tempo a abertura irrestrita da área de comunicação.

1.3.4 Dívidas e enquadramento

O Estado a serviço dos interesses de classe que o sustenta estiveram claro e comprovados na criação, já no início do governo de Fernando Henrique Cardoso, do PROER, o "programa salva-bancos". Embora ainda não tenha sido possível a efetivação do "proer da mídia", muito já se avançou em torno dele. As dívidas das principais empresas da mídia as

---

[76] RAMONET, Ignácio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 51.
[77] ARBEX JR. José. *Showrnalismo*: a notícia como espetáculo. São Paulo, Casa Amarela, 2001. p. 142, 143. Sobre essas mudanças, ver também: COSTA, Caio Túlio. *O relógio de Pascal*: a experiência do primeiro ombudsman na imprensa brasileira. São Paulo, Siciliano, 1991.

transformaram em empresas insolventes. A Rede Globo (Globopar), caso mais grave, tem uma dívida de duas vezes e meia seu patrimônio, está tecnicamente falida.[78] A grande parte dessas dívidas são feitas em dólar, portanto, ficam à mercê da política cambial. E, portanto, da política nacional de forma mais ampla.

A editora Abril também está endividada. Dados apontam uma dívida de R$926 milhões em 2002. Essas dívidas advêm, segundo a empresa, dos investimentos fracassados nas Tv a cabo. Por vários motivos, o consumo não acompanhou a oferta que exigiu grandes investimentos. O Grupo Abril, que na pessoa de seu presidente sempre propugnou pela abertura da mídia ao capital externo, foi o primeiro a beneficiar-se da lei que passou a permitir isso, formando o "*primeiro conglomerado da mídia brasileiro a atrair investimento*".[79] Segundo a própria editora, "*aportes de capital passaram a ser vitais para os grupos de mídia brasileiros, que, para poder investir nas novas tecnologias, como televisão a cabo, telefonia celular e Internet nos anos 90, se endividaram pesadamente em moeda estrangeira*". A sua avaliação só podia ser positiva: "*a transação sinaliza a retomada do interesse dos investidores estrangeiros por empresas brasileiras*".[80] Com a *Folha de São Paulo*, ocorre algo semelhante, embora sua dívida seja menor.[81]

Mantém-se o ciclo vicioso em torno da empresa, tecnologia, empréstimos, legislação. E por outro lado, o produto apresentado é cada vez mais atraente tecnicamente, e aparece ao consumidor como algo capaz de mudar sua vida e inseri-lo no mundo globalizado inclusive para a manutenção de seus postos de trabalho. E nas intenções do Grupo Abril, esse ciclo pretende não apenas atrelar ideologicamente os leitores, mas tornar cada um responsável por essa forma de capitalismo. Assim, o capital vem acompanhado de posturas políticas que se

---

[78] O esquema Marinho. www.exactaexpress.br/globo.htm. Lucio Flavio Pinto. Centro de Mídia Independente. A dívida era, em 2002 de 6.275 milhões de reais, com faturamento de 5.192 milhões.
[79] Um negócio pioneiro. *Veja*. 14/7/2004. p. 52.
[80] Idem. Os interesses da Abril vão além disso, pretende abrir seu capital de forma mais ampla: "*O Grupo Abril sonha em transformar todos os assinantes das revistas em acionistas da empresa*". Segundo Civita, "*quero 1 ou 2 milhões de acionistas*". Renata de Freitas. Reuters. www.vieiraceneviva.com.br/imprensa/noticia_32.html. No caso da Abril, os dados se referem à Editora Abril (Abril Gráfica, Datalistas, Dinap e outras) e TVA, não consolida Abril S/A (Ática e Scipione, MTV, Editora Caras, Símbolo e outras). Elvira Lobato. Mídia nacional acumula dívida de R$10 bi. *Folha de São Paulo*. Folha Dinheiro, 15/2/2004.
[81] Dados apontam, com base em 2002 uma dívida de 290 milhões de reais, e o faturamento da empresa em 1.211 milhões. (Idem).

enquadram com as necessidades das empresas, seja de abertura de capital, seja de transformações no mundo do trabalho e enquadramento ideológico.

A relação com as empresas multinacionais se dá pelo endividamento e também para manter o padrão técnico de qualidade. Com isso, gera-se a concentração em torno dos distintos aspectos: jornalismo, publicidade, capital financeiro, setor de serviços. A homogeneização que vinha sendo construída pelo menos desde a década de 1960 fica mais fácil. O estilo de vida e de comportamento moral ficam mais fáceis de serem aplicados. Nos anos 1990 estamos diante da entrada maciça do capital externo, que traz consigo influências técnicas e metodológicas que amarram de forma inescapável os veículos que buscam uma inserção nacional e os grandes anunciantes (que também são multinacionais). Esse funil só tende a piorar e as margens se tornam mais estreitas, na medida em que as grandes empresas se conglomeram, buscando aperfeiçoar os mecanismos de reprodução e acumulação do capital.

1.3.4 Concentração da mídia

Chegamos ao final dos anos 1990 com uma ampla concentração das empresas midiáticas. Por isso, pensar uma grande empresa jornalística no final do século XX implica em buscar as suas ligações transnacionais diretas. Os dados mundiais sobre a concentração da mídia são espantosos, e apontam para a diluição das áreas de atividades dessas empresas, que ficam cada vez mais dependentes umas das outras, e centralizadas por grandes conglomerados:

> Pelo mundo afora, conglomerados gigantes apoderam-se dos meios de comunicação. Nos Estados Unidos, onde as regras anti-concentração foram abolidas em fevereiro de 2002, a América On Line comprou a Netscape, a revista Time, a empresa cinematográfica Warner Brothers e o canal de notícias CNN; a General Motors, maior empresa do mundo por sua capitalização na Bolsa de Valores, abocanhou o canal de televisão NBC; a empresa Microsoft, de William Gates, reina no mercado de software, pretende conquistar o dos vídeo-games... e sua agência Corbis domina o mercado fotográfico de imprensa; a News Corporation, de Rubert Murdoch, assumiu o controle de alguns dos jornais ingleses e norte-americanos de maior tiragem (The Times, The Sun, The New York Post...), possui o canal de televisão por satélite BskyB e uma emissora de televisão nos Estados Unidos (Fox), além de uma das maiores empresas de produção de seriados para a televisão e de filmes (Twenty Century Fox)...[82]

---

[82] RAMONET, Ignácio. *Os novos imperadores da mídia*. Le monde diplomatique. Edição Brasileira, ano 3, n. 35. Editorial.

Essa concentração não se restringe aos EUA, e leva à concentração também dos grupos por setores. Na França, com a junção de *Le Figaro*, *L´Express*, a revista *L´Expansion* e mais de 14 títulos, o grupo do político de direita Dassault tornou a sua empresa, a Socpress "*o principal grupo de imprensa diária da França*". Essa concentração se completa com o grupo Lagardére, "*que possui as maiores editoras da França (Hachette, Fayard, Grasset, Stock...), que já possui jornais regionais (Nice Matin, La Provence), domina o mercado das revistas (Paris Match, Elle, Télé 7 jours, Pariscope...)*", comprou também o cartel editorial VUP (Larousse, Robert Laffont, Bordas...) "*tornando-se um dos gigantes das comunicações na Europa*". Esses dois grupos, além disso, estão vinculados a empresas que desenvolvem produtos militares. "*Realiza-se, portanto, a velha e temida profecia: alguns dos maiores veículos de comunicação estão, atualmente, nas mãos de mercadores de canhões*".[83] Em conclusão, "*o mercado global da mídia foi dominado pelas mesmas oito corporações transnacionais que dominam o mercado dos Estados Unidos: General Electric, AT&T/Leberty Media, Disney, Time Warner, Sony, News Corporation, Viacom e Seagram, mais a Bertelsmann, sediada na Alemanha*".[84]

No campo publicitário também há um enorme peso da concentração, sendo que "*a América Latina registra o maior crescimento publicitário – 12% ao ano. A média internacional oscila entre 6,5 e 7%. O Brasil consolida-se como sexto mercado mundial e primeiro da América Latina, com faturamento de US$12,8 bilhões*".[85] Isso leva ao maior investimento das holdings no país, bem como a fusão de empresas nacionais, como por exemplo, a "*DM9 do publicitário Nizan Guanaes com a DDB Needham (...) a união com a Giovani conferiu à FCB, maior agência do grupo True North, posição chave no Brasil (...) a internacionalização da publicidade brasileira deve prosseguir*".[86]

A formação de conglomerados, típica da exploração capitalista, se aprofunda no período neoliberal. As empresas da mídia, diferentemente do período anterior, ocupam agora um papel central, fazendo parte direta na oligopolização e no próprio sistema financeiro.[87]

---

[83] Ibid. Essa ligação com a indústria militar vinha sendo estudada por Matellart desde a década de 1970.
[84] McChesney, Robert. Nove irmãs nas comunicações. *Reportagem*. Oficina de Informações. n. 6/1/2000, p. 38.
[85] MORAES, Dênis de. *O concreto e o virtual*: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro, DP&A, 2001, p. 49.
[86] Idem.
[87] "*A oligopolização das mídias insere-se no painel de forte concentração de comandos estratégicos e de mundialização de conteúdos, mercadorias e serviços, facilitada pelas desregulamentações, pela supressão de*

Para que isso se consolidasse foi necessário transformar os grupos jornalísticos em grandes empresas, organizadas pela lógica do capital:

> As corporações estratégicas e megaconglomerados determinam um novo quadro macroeconômico e político-institucional, de alcance planetário, e estipulam padrões emergentes de organização social do trabalho, de alcance mundial. Tornam-se agentes centrais de uma nova etapa do processo de centralização e concentração transnacionalizada do conhecimento e da produção, que ganha feições globais.[88]

São envolvidas empresas jornalísticas, agências de notícia e publicitárias. Elas se ligam a outras do setor produtivo e dos diversos campos da comunicação, como a telefonia e do setor financeiro. As transformações que ocorrem no campo da tecnologia informacional levam a alianças que exigem cada vez mais uma aparência de homogeneidade de projeto. Essa é uma das faces do neoliberalismo construído nos anos 1990, a redução da "liberdade de expressão" aos interesses de seus proprietários. Mas isso não é, de forma alguma transparente, como mostra Ignácio Ramonet, ao explicar o funcionamento da "*tirania da comunicação*". Ao mesmo tempo em que se cria uma "dependência" tecnológica, gera a ilusão de que aquilo que é publicado é indispensável para a própria vida de cada um. E do ponto de vista da empresa, a olipolização, a abertura de capital, os joint ventures, associam as empresas a medidas mais amplas, em prol do mercado de capital.

Diante de restrições legais ou de outra natureza, a imprensa passa a ter papel importante para a consolidação desses novos conglomerados: pela ação *partidária* no sentido de que as barreiras legais sejam derrubadas; pelos ensinamentos necessários às novas formas de gestão e gerenciamento; pela consolidação da suposta primazia da técnica que os novos produtos oferecem; na criação de um modo de vida que necessite dos produtos e serviços oferecidos pelas novas tecnologias.

1.3.5 Grupo Abril e mídia concentrada

A editora Abril, criada em 1950, sempre teve suas atividades em várias áreas. Suas primeiras revistas foram *Claudia*, *Capricho* e *Quatro Rodas*. O seu parque industrial foi logo

---

barreiras fiscais, pela acumulação de capital nos países industrializados, pela deslocalização geográfica das bases de produção e, evidentemente, por redes tecnológicas de múltiplos usos." MORAES. Planeta mídia, op. cit., p. 59.

[88] DREIFUSS. René. *A época das perplexidades*. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 181.

aperfeiçoado, permitindo a publicação e listas telefônicas, chegando aos anos 1970 capacitada a receber trabalhos bastante lucrativos, como a publicação dos livros do Mobral. Nos anos 1990, ela poderia participar da compra de importantes editoras de livros didáticos, a Ática e Scipione, em parceria com o grupo francês Havas.[89]

O faturamento da Abril atualmente é estimado em torno de US$1,5 bilhão por ano, possuindo um conglomerado editorial que emprega mais de dez mil funcionários e possui o maior parque gráfico da América Latina. As quatro editoras da Abril "*juntas (Abril, Azul, Caras e Abril Jovem) concentram 69,3% das verbas publicitárias para revistas e 59% do faturamento do conglomerado*".[90] Provavelmente esses fatores contribuíram para que Victor Civita tenha sido eleito no final da década de 1990 o "Brasileiro do Século" na Categoria Comunicação[91], votação que teve como jurados alguns dos principais nomes da grande imprensa nacional. Não deixa de ser curiosa a escolha de um estrangeiro como brasileiro do século.

O Grupo Abril nos anos 1990 não se restringe a suas publicações.[92] A Abril[93] possui participação nos canais de televisão TVA, Direct TV, MTV, HBO Brasil, ESPN/Brasil, além de retransmitir os programas de vários outros canais. Esse sistema é chamado de Propriedade

---

[89] "*Em parceria com o grupo francês Havas, a Abril volta a investir em educação com a aquisição das editoras Ática e Scipione. Editar livros didáticos reforça um dos mais firmes compromissos da Abril com o Brasil – contribuir para o progresso da educação. Esta é a Abril que faz parte da sua vida*". Publicidade da Abril, veiculada em *Veja*. 8/9/1999, p. 154.

[90] MORAES. Planeta mídia, op. cit., p. 125. O autor completa os dados, que se referem a 1998: "*essa teia gera 211 milhões de exemplares de revistas por ano; 1,1 milhão de assinantes da TVA; 10 milhões de listas telefônicas, com 16 milhões de nomes no banco de dados Datalistas; 1,5 milhão de CDs vendidos por catálogo; milhões de livros, coleções de fascículos e CD-ROMs; e 750 mil sócios do MusiClub, clube de venda de CDs por pala direta*".

[91] Concurso realizado pela IstoÉ, em 1999. Mais informações se encontra na página: www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/seculo/indice.htm

[92] A Editora Abril possuía 78 Títulos em 2003: Ação Games; Ação Games PC; Ação Games Playstation; Guia do Estudante; Ana Maria; Arquitetura & Construção; Atividades (3 títulos); Boa Forma; Bons Fluídos; Capricho; Caras; Casa Claudia; Claudia; Claudia Cozinha; Contigo; Elle; Exame; Família DC Comics (5 títulos); Família Disney (5 títulos); Família Image (1 título); Família Marvel (1 título); Guias (18 títulos); Horóscopo; Info Exame; Manequim; Manequim Faça & Venda; Manequim Noiva; Manequim Ponto Cruz; Minha Novela; National Geographic Brasil; Nova; Nova Beleza; Nova Escola; Os Caminhos da Terra; Placar; Playboy; Quatro Rodas; Recreio; Revista da Web!; Revista Oficial Digimon; Revista Serafim; Saúde; Superinteressante; Tudo; Veja; Veja Rio; Veja São Paulo; Viagem & Turismo; Vip; Viva Mais; Você S.A.. Fonte: material publicitário da editora Abril.

[93] Há uma distinção legal das empresas: Editora Abril é composta por Abril Gráfica, Datalistas, Dinap e outras; Abril S/A é composta por Ática, Scipione, MTV, Editora Caras, Símbolo Editora e outras. Dados de Balanço, cf: Elvira Lobato. Mídia nacional acumula dívida de R$10 bi. Folha de São Paulo, Folha Dinheiro, 15/2/2004.

Cruzada, quando um mesmo grupo possui diferentes tipos de mídia do setor de Comunicações. A sua expansão se dá da seguinte forma:

Tabela 1. Expansão da Editora Abril

Área de atuação	Empresa	Sócios da Abril
TV por assinatura	sistema TVA	Chase Manhattan, Canbras (Bell Canadá), TV Filme, Hearst; Disney/ABC, Falcon
Provedor de acesso à internet via cabo	A JATO	TVA; Link Express (internet via cabo): TV Filme
Provedor de acesso à Internet	Universo On Line – UOL	Grupo Folha
Cooperativa de operadoras de TV por assinatura	Neo TV	17 operadoras independentes
Produtora de sites e conteúdo	Idealyze	

FONTE: LIMA, Venício. *Mídia*: teoria e política. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 102

Segundo a propaganda do Grupo, a Abril "*faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreia, negócios, esportes e cultura*".[94] O slogan da Abril é explícito: "*Faz parte da sua vida*", mostrando imagens de pessoas felizes, assistindo tv, cozinhando, estudando, fazendo negócios, assistindo MTV, na praia, lendo Playboy, assistindo filmes e viajando com o Guia Quatro Rodas. Isso aponta para a segmentação mercadológica, que se complementa com a concentração das mídias. Ao mesmo tempo em que um grupo de mídia é capaz de oferecer produtos para vários aspectos da vida cotidiana, ele cria, cada vez mais, necessidades de consumo, portanto, a empresa deve ser uma necessidade cotidiana das pessoas.

Mira Celeste defende que "*o consumo torna-se uma dimensão tão importante da vida dos indivíduos, dos grupos, das famílias, que pode ser pensado como um lugar privilegiado para a construção da identidade pessoal ou das identidades dos grupos*".[95] O veículo de comunicação assumiria o papel de "*estabelecer com eles canais de comunicação*".[96] Ainda segundo a autora, "*o mercado global tenta captar as ansiedades desses grupos prometendo-lhes a realização pessoal através do consumo. Para atingir seu objetivo, procura agir na questão crucial para quase todos os grupos ou movimentos, sobretudo os que foram*

---

[94] Propaganda nas revistas do grupo Abril veiculada no ano de 1998.
[95] MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo, Olho d`água, FAPESP, 2001. p. 215.
[96] Idem, p. 213.

historicamente discriminados: a auto-estima."[97] Essas identidades mudariam muito rapidamente pois "*essa diferenciação em massa é produzida pela modernidade, as desestruturar os modos de vida tradicionais*".[98]

De forma distinta é possível apontar o caráter pedagógico da atuação da editora Abril, como parte de sua estratégia de "*sustentação da hegemonia, reforçando o projeto dominante e criticando através da desqualificação os adversários e os seus projetos*"[99]. Nesse sentido, as revistas semanais se destacam "*como expressão dos valores da classe média. As grandes tiragens fazem com que, na produção do consenso dominante, essas revistas cumpram um papel fundamental captando, reprocessando e realimentando os temores das classes médias*".[100] Essa abordagem, que mostra a sintonia do projeto *Veja na Sala de Aula* e das revistas *Nova Escola* e *Exame*, recupera o que a anterior perdeu de vista: quais são as reais motivações das mudanças de comportamento, pela autora resumida pela vaga definição de "modernidade"; e a editora enquanto portadora de um projeto político ou social. Os dois aspectos se complementam, obscurecendo o papel da mídia enquanto incentivadora, formuladora e organizadora de tais mudanças, especialmente no campo daquilo que se chama "costumes e comportamentos". Na perspectiva da autora, a revista apenas "*se adapta às novas realidades*",[101] portanto, exclui a sua participação na formulação sobre a realidade. Não se trata de negar a segmentação mercadológica nos diversos campos da mídia, que se refletem na publicidade, no mercado editorial e no consumo em geral. Mas sim de ver que isso faz parte de uma lógica mais ampla: "*a recepção e o indivíduo-consumidor ocupam lugar central na concepção neoliberal da sociedade. Não mais se trata de um consumidor qualquer, mas de um consumidor considerado soberano em suas escolhas, num mercado também considerado livre*".[102] É por isso que nos planos da editora Abril está a abertura total de capital, atrelando mais ainda seu leitor, como proprietário (ainda que de ínfimas parcelas) do capital da empresa. O Grupo Abril "*sonha em transformar todos os assinantes das revistas em acionistas da*

---

[97] Idem, p. 216.
[98] Idem, p. 217.
[99] GENTIL, op. cit. p. 44.
[100] Idem, p. 31.
[101] Idem.
[102] MATTELART. 2002, Op. cit., p. 152.

empresa". Segundo Civita, "*quero 1 ou 2 milhões de acionistas*".[103] Há aqui um processo duplo: as lutas sociais se manifestam e se constituem muitas vezes no terreno da vida mais imediata, do senso comum. A atuação da mídia é voltada para cristalizá-as, bloqueando uma percepção sócio-política de cunho universal, o único – e inescapável – horizonte comum permitido em seu discurso é o mercado.

Temos portanto uma grande empresa, concentrada, com alto poder de penetração nas camadas sociais mais altas: proprietários, gerentes, formuladores. As formas de englobá-los são diversas. Também por isso a Abril possui gerentes de unidade editorial,[104] que têm como função manter a homogeneidade em torno das definições de seu estado maior.

1.4 A CRIAÇÃO DE *VEJA* E O MODELO TIME - NEWSWEEK

Os dados até aqui demonstram o caráter multinacional da criação de *Veja*. A revista surgiu sob influência da norte-americana *Time*, parte de um conglomerado das comunicações, que também financiou naquela época a criação da Rede Globo de Televisão. As ligações da editora Abril com esse processo são pouco claras. Victor Civita, ítalo-norte-americano que se naturalizou brasileiro, iniciou seu empreendimento no Brasil como proprietário do direito de publicação de revistas da Disney. Os planos de lançamento de uma revista aos moldes de *Time* no Brasil obedeceram a um planejamento muito cuidadoso. Roberto Civita, filho do proprietário da Abril, foi estudar nos Estados Unidos, estagiando e aprendendo na Times Inc, a fórmula para a construção da revista. Durante o estágio "*leu todo o que havia nos arquivos da empresa sobre a operação latino-americana*". Foi aluno tão aplicado que ganhou o cargo de vice-diretor de Time Inc no Pacífico. No entanto, não aceitou, pois os planos de seu pai eram de ampliar o seu próprio negócio: "*no Brasil, seria o único a saber os meandros de revistas: tiragens, circulação, tabela de publicidade, campanhas de lançamento e renovação de assinaturas. Seria o único e o primeiro*". Ele teria, nas palavras de Conti: "a sua *Time*, *Veja*, a sua *Fortune*, *Exame*, e sua *Playboy*, *Playboy*".[105] Posteriormente, os principais diretores da revista também passaram por estágios junto à revista norte-americana.

---

[103] Renata de Freitas. Reuters. www.vieiraceneviva.com.br/imprensa/noticia_32.html.
[104] A Abril possui um Diretor Editorial "*com a responsabilidade pela orientação editorial e manutenção da integridade jornalística*". Mudando para prosseguir. Roberto Civita. Carta do Editor. *Veja*. 25/1/1995, p. 27.
[105] CONTI, op. cit. p. 152.

Os relatos sobre a história de *Veja* são dotados de uma certa mitificação, pois, sendo uma das revistas de maior sucesso editorial do país, isso influencia nas análises, altamente elogiosas. O projeto que deu origem à revista chamou-se "Projeto Falcão", e foi preparado por Raymond Cohen. São muito insuficientes os dados sobre ele apontados na bibliografia. Praticamente se resumem à tiragem projetada, de 250 mil exemplares, e ao estabelecimento de 25 páginas de publicidade.[106] Os jornalistas que trabalharam na fase inicial da revista foram selecionados em um processo que envolveu 1.800 candidatos que responderam aos anúncios veiculados em outras revistas da Abril que perguntava: "*você quer ser jornalista*?" 250 pessoas foram classificadas inicialmente, e "*durante seis meses fazem um curso teórico e prático*", em São Paulo, com todas as despesas pagas pela editora.

> Pela manhã, assistem a conferências no auditório do centro da cidade com temas gerais de problemas sociais e políticos brasileiros. A Editora Abril trouxe para fazer essas palestras as pessoas mais importantes em sua área na época: general Sizeno Sarmento, cardeal Agnelo Rossi, Miguel Reale, deputado Ulysses Guimarães, ministro Delfim Netto, governador José Sarney Costa, Roberto Duailibi, ministro Jarbas Passarinho e outros.[107]

Intrigante: uma revista que alardeia sua independência como uma bandeira central convidou tantos nomes ligados à sociedade política nacional, incluindo ministros de Estado e um governador, além de representantes das Forças Armadas e da Igreja Católica. O que estava explícito era a necessidade de conhecer a realidade brasileira para nela poder intervir.

O lançamento foi marcado por dificuldades de aceitação, pelo público, de uma revista semanal. No depoimento de Carmo Chagas, ele afirma que nos dois primeiros anos de *Veja* ela teve um enorme prejuízo, mas não explica como um grupo com pouca tradição editorial no Brasil conseguiu manter-se. Diz o jornalista: "*nenhum de nós sabia fazer revista semanal de informação nacional. Víamos e revíamos a Time. Líamos e relíamos a Newsweek, com quem a Abril havia firmado acordo. Mas na hora não conseguíamos repetir a fórmula*".[108] Mario Sérgio Conti também dá vários exemplos de como a construção de *Veja* foi influenciada por *Time* e *Newsweek*, inclusive o número de páginas, que não podia exceder a um número

---

[106] SOUZA, Ulysses, op. cit., p. 82.
[107] Idem.
[108] CHAGAS. Op. cit, p. 70-71.

específico, usando a justificativa de que "*o leitor tem um tempo limitado para ler as reportagens que o interessam*".[109]

A criação da revista levou porém a uma crise na Abril, em vista do fracasso inicial das vendas da revista. De venda de um milhão de exemplares no lançamento, passou a 23 mil exemplares no momento de maior crise:

> Para um investimento como o que se fez para lançar a primeira revista semanal de informação nacional do Brasil, aquela quebra total de circulação representava uma catástrofe, um desastre, uma hecatombe. Entre jornalistas, normalmente, não se dá a devida importância à coragem e à firmeza da Editora Abril nesse episódio. Entre empresários, mesmo os alheios à área editorial, entende-se muito melhor o que representa acreditar num produto ao ponto de resistir a dois anos inteiros de vermelho mais intenso que a mais intensa das hemorragias. Foi um prejuízo de vários milhões de dólares. Prejuízo brabo, porque crescente. Cada semana exigia mais injeção de capital naquela operação fracassada. Uma caixa d'água que só tinha saída, uma saída incontrolável, e nada de entrada própria.[110]

Parece que os grupos que apoiaram a instalação da revista no Brasil realmente estavam dispostos a bancá-la mesmo a custo de alto preço. Os números do prejuízo aceitos pela editora estão em torno de US$6,5 milhões de dólares (nos anos 1960). Mas a memória construída sobre ela não busca esclarecer aquele período.[111] Pelo contrário, reproduz um mito, como nas palavras de Roberto Civita, comemorando os 30 anos da revista: "*lembro-me com orgulho... dos longos anos em que a revista perdia todo o dinheiro que a editora ganhava*".[112] Esses indícios nos levam a suspeitar de um caminho próximo ao que fora feito por Roberto Marinho com a Rede Globo, ou seja, recebendo apoio de investidores desses grupos editoriais externos, mas essa questão merece maiores investigações futuras, e talvez as relações com a ditadura possam dar alguns indícios.

---

[109] CONTI. Op. cit., p. 64.
[110] CHAGAS. Op. cit, p. 70.
[111] Para o contexto de crescimento da revista e das formas de superação da crise inicial, ver: SANTOS, Ulisses, op. cit. O autor demonstra que vários problemas de ordem editorial contribuíram para o fracasso da revista. Entre eles, o fato de que o público esperava uma revista mais fotográfica, no gênero de Manchete da editora Bloch. Mas foi como revista de caráter político que *Veja* se afirmou.
[112] A dura tarefa de transformar o importante em interessante. *Veja*. Ponto de Vista. Roberto Civita. Especial 30 anos. 1998, n. 42. p. 146.

1.4.1 Premissa tecnológica, crescimento editorial e legitimação

Veja hoje está entre as quatro maiores revistas em circulação do mundo. Isso faz com que seus números sejam impositivos: mais de 900 mil assinantes, perspectiva de 10 milhões de leitores, 10.528 páginas de anúncios, "*o equivalente a 2,8% do volume total dos investimentos em publicidade no Brasil*".[113] Segundo dados do IVC, relativos a janeiro de 2003, a revista contava com a tiragem de 1.119.000 exemplares. O seu sistema de distribuição é altamente eficiente, e é realizado por uma empresa do próprio grupo Abril, a Dinap, que faz com que 90% dos seus assinantes recebam a revista, que é fechada no sábado, já no domingo.

Veja publicou uma carta ao leitor de página inteira, o que significa a exclusão do anúncio publicitário, para divulgar a comparação com outras grandes revistas, onde se lê que "*acumulando recordes, a revista já é a que mais vende fora dos Estados Unidos*". Os dados de 1995 são:

TABELA 2: Tiragem das maiores revistas

Revista	País	Tiragem
Time	EUA	4.063.000
Newsweek	EUA	3.158.000
US News	EUA	2.400.000
VEJA	Brasil	1.037.000
Der Spiegel	Alemanha	1.003.000
Panorama	Itália	542.000
L'Express	França	498.000

Fonte: VEJA com mais de 1 milhão. *Veja.* Carta ao leitor, 3/5/1995.

A revista diz ainda que no Brasil, não tem concorrente, e em alusão a táticas de outras, diz que "*não recorreu ao sensacionalismo ou à vulgaridade, não se distribuíram miçangas, espelhinhos ou fascículos enganadores*".[114] Dados sobre o ano de 1999 apontam a seguinte ordem com relação a outras revistas semanais: *Veja*: 1.117.000; *Época*, 486.000; *Istoé*,

---

[113] Segundo os dados da editora Abril: www.abril.com.br/aempresa/areasdetuacao/revistas/pgart, consulta realizada em 14/6/2003. Ainda segundo o site, a revista publica todas as semanas dois suplementos especiais regionais: VEJA SÃO PAULO e VEJA RIO. "*Periodicamente faz edições especiais sobre crianças, jovens, mulheres, homens, tecnologia, ecologia e saúde e edições regionais. (...) A revista também engajou-se na batalha pela melhoria da educação no país, com o projeto VEJA NA SALA DE AULA*".

[114] VEJA com mais de 1 milhão. *Veja*. Carta ao leitor. 3/5/1995, p. 29. É interessante observar que no início da revista, o que a ajudou a salvar da falência foi a publicação de fascículos sobre a ida do Homem à Lua. Além disso, em vários momentos a revista faz oferta de brindes aos assinantes.

354.000; *Veja São Paulo*, 341.000; *Caras*, 334.000; *Veja Rio*, 116.000.[115] Ou seja, entre as seis maiores revistas, três são da própria *Veja* e quatro da Abril.

Durante o período de 1989 a 2002, *Veja* só deixou de ser editada uma única vez, em virtude de uma greve dos funcionários do setor gráfico da Abril.[116] A sua tiragem variou de 700.000 a 1,7 milhões. Os números mostram, no entanto, que atualmente há uma estabilidade com pequena queda no crescimento do número de exemplares.

TABELA 3: Tiragem de *Veja* a partir dos dados da própria revista

Data de referência	Assinaturas	Venda em banca	Total de exemplares
19/7/1989	721.000	160.000	881.000
5/12/1990			810.500
1/5/1991			900.000
30/9/1992	614.000		781.000
15/9/1993	703.000		847.358
19/10/1994	732.000	100.000	1.026.372
22/2/1995	1.019.000		1.078.521
13/11/1996			1.227.145
4/6/1997		161.000	1.235.388
9/12/1998		176.000	1.269.068
15/9/1999			1.294.121
17/5/2000			1.700.000
5/9/2001			1.304.678
23/10/2002			1.233.791

FONTES: Dados de assinaturas e venda em banca: a) 1992, 1993, 1994 e 1995, números relativos a assinaturas na última edição de agosto (em milhares). (Recorde histórico de assinantes. *Veja*. Carta ao leitor, 6/9/1995, p. 29). b) 1994, 1997 e 1998: médias anuais de venda em bancas, exemplares por semana. (Crescimento na crise. *Veja*. Carta ao leitor, 11/11/1998, p. 9.) Dados sobre total de exemplares: Índice de revistas dos anos respectivos (datas aleatórias).

Mesmo que estejam incompletos, os dados acima são importantes, porque acompanham exclusivamente a divulgação em editorial da tiragem da revista.[117] No discurso oficial da revista sempre foi ressaltado o caráter de crescimento, aliando a isso sua suposta credibilidade. Mas é evidente que há uma curva de crescimento seguido de estabilidade e decréscimo da tiragem da revista,[118] embora não seja possível apontar os motivos de forma simples, pois há uma tendência geral de queda de tiragem em virtude de jornais revistas disponíveis pela Internet, entre outros fatores. Mas talvez a revista tenha já atingido seu

---

[115] Evolução da circulação dos principais títulos. www.gm.org.br/midiadados/revista/140top.htm, consulta em 04/3/2003.

[116] Greve impediu que VEJA fosse impressa. *Veja*. Carta ao leitor. 10/5/1989, p. 58.

[117] Para ter uma idéia da evolução histórica dos dados, há o seguinte indicativo sobre as assinaturas, segundo a própria revista: 1976: 100.000; 1979 – 200.000; 1981 – 400.000; 1986 – 600.000. *Veja* chega aos 721.000 assinantes. *Veja*. Carta ao leitor. 19/7/1989, p. 28.

[118] Dados complementares parecem confirmar a tendência: 15/10/2003: 1.196.090; 20/10/2004: 1.201.096.

público alvo, e que ele seja mais ou menos fixo, ou seja, a "elite", que não muda substancialmente em termos quantitativos.

O auge da sua circulação foi a quantia de 1,7 milhões de exemplares, depois disso, os números viriam a se estabilizar ou mesmo cair. Segundo *Veja*, esse foi um recorde na história das revistas no Brasil. Como ela publica ainda as *Vejinhas*, que são distribuídas junto com *Veja* em São Paulo e no Rio de Janeiro, e nessa mesma data publicava o segundo número de *Vida Digital*, ela diz que "*na soma, são mais de 4 milhões de exemplares*", só naquela semana. Mas, diz ela, "*tão importante quanto os números de tiragem é o conteúdo de VEJA, cada vez mais rico e variado. O segundo número de Vida Digital é um guia para você tirar o melhor proveito da Internet*". Isso é importante porque, segundo ela, é indicador de seu público, e segundo a revista, "*70% dos leitores se encontram nas classes A e B da população*".[119]

Se tomarmos como base os dados da própria revista, do número de leitores é bastante flutuante. Em 1989, dizia ter 6 milhões[120]; em 1994, 8 milhões[121]; e em 2000, 4 milhões.[122] Se confiarmos nesses números, teremos, em seis anos, a diminuição pela metade do seu número de leitores. Isso indica a tentativa clara de tentar inflar a quantidade de leitores por parte da revista e auto-valorizar sua influência junto à "elite" para a qual *Veja* se propõe a formular e organizar.

Ao acompanhamento da tiragem da revista somam-se as notícias, também em nível editorial, dos aperfeiçoamentos técnicos de toda ordem pelos quais *Veja* passou ao longo dos anos. São permanentes os investimentos em infra-estrutura e em novas tecnologias que permitam atender à rapidez e qualidade. Essas mudanças dão conta das técnicas de impressão[123]; do uso de computadores na produção artística e gráfica[124]; da informatização da

---

[119] Novo recorde de VEJA. *Veja*. Carta ao leitor. 19/4/2000, p. 9.
[120] Veja chega aos 721.000 assinantes. *Veja*. Carta ao leitor. 19/7/1989, p. 28.
[121] O leitor é indispensável. Carta ao leitor. *Veja*. 28/9/1994, p. 29.
[122] O novo recorde de *Veja*. Carta ao leitor. *Veja*. 19/4/2000, p. 9.
[123] "*O novo processo, acoplado a computadores, garante a melhor qualidade gráfica possível, tanto em termos de nitidez de cores como em velocidade de impressão. O equipamento recém-implantado chama-se HK, ou Helioklischograph, foi fabricado na Alemanha e é o fruto de um investimento de 6 milhões de dólares*". Nova tecnologia na impressão de VEJA. Carta ao leitor. *Veja*. 26/6/1991, p. 17.
[124] "*A partir da semana passada, VEJA vence uma nova etapa nessa investida rumo ao futuro, iniciando a produção de capas, gráficos, mapas e ilustrações em outra rede de microcomputadores. Cada um dos cinco ilustradores da revista ganhou um microcomputador Macintosh, de fabricação americana, e foi convidado a aposentar lápis, pincéis e tintas*". O computador chega à arte de VEJA. Carta ao leitor. *Veja*. 30/10/1991, p. 17.

redação,[125] da ligação à Internet[126], da criação de sua versão on-line;[127] e até da construção do "prédio inteligente" da editora Abril.[128] Além disso, a revista se distingue pela qualidade do papel e da tinta empregados,[129] mas também pelo seu sistema de distribuição da Dinap, que permite alcançar a totalidade do território nacional semanalmente. O que se evidencia é o apelo à tecnologia, essencial para seu domínio editorial e para sua legitimação como um veículo moderno.

1.4.2 Diretores de Redação e contexto histórico

Veja teve ao todo cinco Diretores de Redação efetivos, que de formas diferentes marcaram a revista. A função do diretor engloba a elaboração de toda a revista, não apenas na sua parte editorial, mas também a execução gráfica e fechamento nos prazos previstos. A ele estão subordinados todos os editores da revista. É sua função a elaboração da Carta ao Leitor (editorial), bem como as decisões sobre a pauta, em conjunto com a presidência da Abril. Ele avalia junto com o diretor presidente a publicação semanalmente após a sua edição e "*conversam sobre a próxima semana*".[130]

O primeiro diretor foi Mino Carta, que fez parte da sua criação e lançou a revista em contexto de ditadura. As dificuldades iniciais da criação estiveram sob seu comando, junto

---

[125] "*Como as velhas máquinas de escrever, as 'carroças' não deixam saudades (...) os jurássicos computadores instalados quando a redação de VEJA entrou na fase da automação, há sete anos, começaram a ser substituídos na semana passada. Que descansem em paz no cemitério da tecnologia. Em seu lugar, entram máquinas possantes e modernas. Para quem adora esse tipo de detalhe: as carroças com 1 Mb de memória RAM, 30 Mb de hard disk e monitores monocromáticos dão lugar a microcomputadores Pentium 166 MHz, com 32 Mb de RAM, 2Gb de hard disk, CD-ROM, telas coloridas e outras maravilhas*". As carroças no cemitério. Carta ao leitor. *Veja*. 28/5/1997, p. 7.

[126] "*Ágeis e espertos, eles permitem a cada jornalista de VEJA escrever as reportagens e, simultaneamente, ter acesso imediato à Internet e ao Dedoc Eletrônico, a versão informatizada do Departamento de Documentação da Editora Abril*". Idem.

[127] Sobre isso: ARAGÃO, Daniella. *Novas mídias*: a síndrome do círculo vicioso: evolução e apropriação de modelos entre novas e velhas mídias. São Paulo, Mestrado em Ciências da Comunicação, USP, 2001.

[128] "*Esse número é o primeiro inteiramente realizado nas novas instalações da Editora Abril, na Marginal Pinheiros, em São Paulo. A nova sede (...) é aquilo que se convencionou chamar de prédio inteligente. O sistema de ar condicionado é dotado de uma rede de sensores que regula a umidade e a temperatura em cada ambiente de acordo com a quantidade de pessoas que ali se reúne (...) Tabelas, gráficos, ilustrações e diagramação da revista são feitos em computador, e juntamente com o texto, enviados através de uma antena de microondas à gráfica, situada em outro bairro, para a produção industrial de 1,2 milhão de exemplares semanais de VEJA*." A aventura tecnológica. Carta ao leitor. *Veja*. 14/1/1998, p. 7.

[129] Tanto papel como tinta são importados. Uma edição de 1,2 milhões de exemplares, consome 490 toneladas de papel e 18 de tinta. Papel e tinta mais caros. Carta ao leitor. *Veja*. 3/2/1999, p. 9.

[130] CONTI, op. cit, p. 65.

com Roberto Civita. Carta era reconhecido como um dos maiores jornalistas trabalhando no Brasil, e sua atuação na revista tinha uma relativa independência com relação à direção da empresa. Esse período não foi ainda suficientemente estudado, e há uma tendência a mistificar o papel da equipe jornalística. De fato, a revista foi censurada, recebendo inclusive censura prévia, que obrigava a enviar todo o material com antecedência a Brasília. Mas, manifestações que reivindicavam a necessidade da ditadura também estiveram presentes na revista daquele período. Um exemplo disto está na entrevista que inaugurou as páginas amarelas de *Veja*, com Nelson Rodrigues, em que a edição fechou a entrevista com esta fala:

> Tomaram o poder e esse poder lhes foi imposto pela inépcia, pela burrice, pela imbecilidade das esquerdas. As esquerdas fizeram tudo isso e colocaram as Forças Armadas **na obrigação elementar de intervir sumariamente** porque o Brasil de Jango foi o Brasil do caos, de caos mais idiota, mas estéril, mais infecundo, que não conduziria a nada a não ser ao próprio caos.[131]

Aqui o golpe é tratado com amenidade, repetindo a suposta inépcia do governo de Jango, que viria a ser marca da reconstrução da memória sobre o golpe. Portanto, mesmo tendo havido denúncia de torturas por parte da revista, a relação com o regime era contraditória. Mas a saída de Mino Carta foi solicitada pelo governo militar. Segundo ele, Civita ofereceu a demissão de Millor Fernandes, que fora contratado por Carta, em troca de conseguir um empréstimo da Caixa Econômica Federal para saldar dívidas no exterior.[132] Também os textos de Plínio Marcos incomodaram a Ditadura[133], e levaram à auto-censura por parte da revista, num momento que Carta estava de férias, episódio que é tido como a gota d'água para a sua demissão.[134] Da sua equipe fazia parte Raimundo Rodrigues Pereira, que propunha que a revista desse maior peso para a cobertura política, como forma de consolidá-la editorialmente. Ele protagonizou um fato instigante, que foi um atrito com o terceiro entrevistado das páginas amarelas, o Ministro João Paulo dos Reis Velloso. Em prejuízo do trabalho do jornalista, a revista publicou uma "*carta de resposta*" do ministro que se sentira

---

[131] Nelson Rodrigues entrevistado por Fernando Mercadante, na primeira entrevista das páginas amarelas da revista, 4/6/1969. Esta é a "*expressiva passagem que encerra a primeira amarelinha*", como aponta Freitas, op. cit., p. 126. Grifos meus.
[132] Ele não faz parte do Clube. Entrevista concedida a Frédi Vasconcelos, Paulo Donezetti e Renato Rovai. Revista dos Bancários. Disponível em: www.nova-e.inf.br/exclusivas/minocarta.htm, consultado em 20/3/2003.
[133] Cfe CHAGAS, op. cit, p. 88.
[134] O seu relato sobre esses fatos está em: CARTA, Mino. *O castelo de âmbar*. São Paulo, Record, 2000.

ofendido com uma posição do jornalista.[135] E o fez não na seção de cartas, mas como matéria, denotando uma sintonia entre a revista, a Ditadura e seus diletos intelectuais.[136]

O segundo diretor foi José Roberto Guzzo, que durante um curto período de tempo dividiu o cargo com Sérgio Pompeu, tendo como redator-chefe Carmo Chagas. O modelo adotado para a revista continuava sendo *Time* e *Newsweek*: "*precisavam resumir a semana, colocando os fatos num contexto. O leitor deveria gostar de ler as reportagens, e não atravessá-las como quem cumpre a obrigação de se informar*".[137]

Quando ele assumiu trouxe para a direção adjunta Elio Gaspari e para a chefia de redação a esposa desse, Dorrit Harazin. De 1979 e 1983, Gaspari foi diretor-adjunto "*determinando mudanças decisivas nos rumos editoriais de Veja*".[138] Segundo Conti, ele trocou nesse período mais de 90% da redação de *Veja*, de forma a que ela se adaptasse ao seu modelo de revista. Conti diz que Gaspari era visto com restrições por parte da redação, porque "*era visto por alguns como aliado da ditadura, um agente do general Golbery do Couto e Silva na imprensa*".[139] Em 30/1/1991 Gaspari assumiu uma coluna quinzenal na revista, também escrevendo algumas reportagens especiais. Foi, pelo menos até 1994, um editor chave para a revista, cumprindo o papel de resolver tarefas difíceis como, por exemplo, entrevistar Delfim Netto ou acompanhar uma caravana eleitoral de Lula.

Parece claro ter havido uma identificação entre o período dirigido por Mino Carta e a censura à revista, pois em dezembro de 1975 Mino Carta deixou a direção da revista e em abril de 1976 a censura prévia da revista acabou. Esse fato torna instigante a forma que a editoria apresentou o governo Geisel, como o seu grande benfeitor, retirando todos os conflitos daqueles momentos de ditadura. As relações de *Veja* com os governos ditatoriais tiveram portanto, importante marco na saída de Mino Carta da direção. E, por outro lado, nas

---

[135] O fato se refere a que o jornalista acusara o ministro de fazer "futurologia e magia", ao aumentar a projeção do PIB nacional, sem qualquer fundamentação. Ao ser criticado, exigiu que a resposta fosse publicada na Seção Brasil, o que acabaria acontecendo. Cita-se CONTI, op. cit. p. 75, mas o fato é relatado em outros locais, como SANTOS, op. cit.

[136] Velloso seria o criador da associação Fórum Nacional, em 1988, que buscaria construir hegemonia em torno de um projeto comum, com o aval de *Veja*.

[137] Segundo Conti, p. 69. Carmo Chagas avalia o trabalho de Guzzo na direção da revista com a mesma perspectiva.

[138] SANTOS, Ulisses, op. cit, p. 101.

[139] CONTI, op. cit., p. 105 e 106. O autor mostra várias manifestações de antipatia do editor, dentre as quais, a sua costumeira forma de se despedir: "*vocês que perderam em 1964 fiquem aí trabalhando que eu vou jantar*".

influências de Gaspari, que tinha relações com membros do governo que lhe permitiam acesso a fontes privilegiadas, tendo tido um "*relacionamento estreito e afetuoso*"[140] com o ex-presidente Ernesto Geisel. A Carta ao Leitor publicada quando da morte do ex-presidente louvava a "boa vontade" de Geisel ao retirar a censura à revista:

> Tinha ainda três anos de mandato pela frente quando determinou que seu secretário de imprensa avisasse VEJA de que não havia mais censura. Era mais fácil governar com a censura à imprensa, mas Geisel julgou que devia prescindir dela. Fez assim com outros instrumentos essenciais da vida democrática.[141]

Por fim, lembra que o general esteve "*dezoito vezes na capa de VEJA e figurou em 173 páginas de reportagens. É um material que será útil para historiadores que queiram, um dia, julgar o governo Geisel. Mas para VEJA o balanço de seu governo só pode ser positivo: ele acabou com a censura à revista*".[142] O editorial convenientemente apagava as mudanças que a empresa havia feito na revista, adequando-se à ordem ditatorial.

Essa posição fica ainda mais clara se observarmos a forma com que a revista se comportou no processo de abertura democrática. No governo Figueiredo, quando a opção pela abertura política era irrevogável, *Veja* apostou, ainda que timidamente, na possibilidade de eleição de Aureliano Chaves, que manteria a coerência de seu antigo partido, a UDN.[143] O elo de ligação entre o programa de abertura econômica e regime militar parece estar vinculado à figura da "iminência parda" de Golbery do Couto e Silva, que viria a ter ligações estreitas com Elio Gaspari. É relevante que, na eleição de Tancredo,[144] mesmo no contexto de abertura, a

---

[140] Conforme definiu o editor em: Geisel e a censura a VEJA. Carta ao leitor. *Veja*. 18/9/1996, ed. 1462, p. 7.

[141] Idem. Em vários outros momentos o general foi elogiado pela revista. Por exemplo: "**O ditador esclarecido**: num livro excepcional, Geisel conta como viveu, amou, conspirou e exerceu o poder". *Veja*. 22/10/1997, p. 42.

[142] Idem.

[143] Em editorial, no contexto da decisão de quem seria o candidato, se dizia que "*enquanto Maluf e Andreazza exibem bases diferentes e programas semelhantes, Aureliano parece buscar uma trilha capaz de fazer renascer as velhas raízes de seu partido e origem, a UDN, cavalgando uma mistura de modernidade com defesa das liberdades públicas. Por isso, dispõe de uma biografia. Foi um administrador de contas respeitado pela oposição e o primeiro político do PDS a defender a anistia, em 1977*", posição expressa em editorial, citado por Gazzotti, que conclui que "*a revista manteve sua posição centrista, proclamando mudanças sem se chocar com o governo*". GAZZOTTI, Juliana. *Imprensa e ditadura*: a revista Veja e os governos militares (168-1985). São Carlos, Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. 1998. p. 44; 39.

[144] A candidatura de Aureliano não foi aprovada. Em torno do "risco Maluf", houve a aliança em torno do conciliador Tancredo Neves.

revista abriu espaço para Médici e Golbery,[145] com a intenção de recuperar "*momentos positivos*" de seus governos.[146]

Ainda assim, *Veja* apoiou a campanha pelas diretas, em contraposição à Rede Globo de Televisão. Para *Veja* se tratou do "*maior movimento popular da História do Brasil*", indicando que para ela, o importante neste momento era o processo "democrático" para possibilitar aprofundar as reformas liberais. Mas é altamente relevante a complementação: "*justamente por ter amadurecido neste vinte anos, o país se acha pronto para escolher seu presidente*".[147] Dessa forma, o próprio golpe de 1964 fica justificado, pois se trataria de um país "imaturo", que agora sim poderia ser democrático. Na reconstrução da memória sobre o período, é instrumentalizada a própria censura à revista. Parece correto que ela contribuiu para que *Veja* não tenha falido nos seus primeiros anos, (não apenas pelos outros negócios do grupo Abril, que cresceram vinculados ao projeto de governo da ditadura), mas também porque a revista *"beneficiou-se da censura, porque sem censura seria mais difícil diferenciar-se das outras publicações existentes no país*", foi com isso que se "*firmou a imagem de independência*",[148] afirmando um público leitor.

Os princípios liberais de *Veja* conviviam tranqüilamente com a ditadura. Quando a revista comemorou seus dez anos de existência, o editorial assinado por Victor Civita falava na necessidade de

> Expor com clareza as próprias posições torna-se tarefa de crescente premência. (...) Para começar, **queremos afirmar que nos consideramos liberais.** Muito se tem

---

[145] Freitas cita um editorial de 1974 em que se dizia que "*quando a história oferecer seu juízo sereno à administração Médici, muitos haverão de ser os acertos e os erros (...) talvez ele venha a ser o governante que, mantendo a política na geladeira, impediu que ela fosse atirada ao quintal*". Carta ao leitor, 9/1/1974, p. 24. APUD: FREITAS, Jorge Roberto Martins. *A entrevista nas páginas amarelas da revista Veja*: a imagem do milagre econômico sob o ponto de vista do primeiro newmagazine brasileiro. Mestrado em Comunicação, UFRJ, 1989. p. 117.

[146] As entrevistas foram publicadas "*às vésperas de o Colégio eleitoral escolher para a presidência entre Paulo Salim Maluf (PDS) e Tancredo Neves*". Médici falara "*com exclusividade para Veja, concedendo uma entrevista formal ao repórter que freqüentava sua casa e conhecia seu pensamento ao longo dos anos sem publicar uma só palavra para o conhecimento do leitor*". (p. 112) Quanto a Golbery, a entrevista já estava pronta para ser publicada quando a revista quisesse, também por influência do editor Elio Gaspari que "*freqüentava o ex-ministro poderoso, mas que até então não havia escrito nenhuma linha de matéria com informações atribuídas ao ex-chefe da casa civil de dois governos militares e mentor intelectual da revolução [sic] de 1964*". E, segundo Freitas, "*demonstrou euforia com os resultados anunciados pelo então presidente*". (p. 115).

[147] Carta ao leitor. *Veja*. 18/4/1989. APUD GAZZOTTI, op. cit. p. 43. Esse processo é estudado também em: SILVEIRA, Caren Santos. *Aspectos de organicidade entre formas discursivas de oposição veiculadas na revista Veja nos anos 80*. Dissertação de Mestrado em História, Porto Alegre, PUCRS, 2003.

[148] FREITAS, op. cit. p. 151 e 152.

> discutido, com variados graus de sofisticação, sobre se estas velhas e tradicionais definições ainda são válidas. Para nós são. E ser liberal para nós, é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução, e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade. Acreditamos, assim, no capitalismo democrático e estamos convencidos de que **a livre iniciativa é o meio mais eficiente para se promover o progresso social**. Isso porque consideramos a livre iniciativa o único sistema compatível ao mesmo tempo com uma sociedade pluralista, com as liberdades fundamentais do indivíduo, com a eficiência, com o dinamismo, com a inovação. E o lucro não é apenas legítimo: é essencial como motivador, aferidor de eficiência e fonte de recursos para os investimentos inadiáveis de amanhã.[149]

O texto é quase um manifesto, uma profissão de fé, que permite inserir a revista no quadro mais amplo que estamos discutindo. O seu liberalismo convive com a ditadura, não está se colocando contra ela. Os parâmetros principais são o lucro e o crescimento do indivíduo que, na forma colocada, não necessitam da democracia para se realizarem, e sim da "livre iniciativa", ou seja, do mercado.

Na despedida de Guzzo da revista, em 1991, Civita definiu que "*nenhum nome tem sido mais importante do que o de José Roberto Guzzo, seu diretor de Redação durante os últimos quinze anos*".[150] O diretor lembra os grandes "fatos históricos" do seu período: "*o crescimento da consciência ecológica, a dívida social, a nova Constituição, o desmoronamento do comunismo e as sucessivas tentativas de controlar a nossa aparentemente indomável inflação*".[151] Quando ele deixou a direção, ao que tudo indica por escolha pessoal, Elio Gaspari foi convidado a assumir a direção da revista, mas não aceitou, pois estava em Nova Iorque escrevendo a obra que havia ficado devendo aos amigos ditadores, o que foi a oportunidade de mostrar suas ligações umbilicais com a ditadura.[152]

Com a saída de Guzzo, que passava a assinar uma coluna em *Exame*, Mario Sérgio Conti foi convidado para o cargo de Diretor de Redação, fazendo como exigências: "*um*

---

[149] CIVITA, Victor. APUD: GAZZOTTI, op. cit., p. 55. Grifos meus.
[150] Troca de guarda na direção de VEJA. Carta do Editor. *Veja*. 8/5/1991. p. 17.
[151] Idem.
[152] Para uma crítica da obra de Gaspari (Ditadura Envergonhada e Ditadura Escancarada, Companhia das Letras, 2002), ver: MAESTRI, Mario e JAKOBSKIND, Mario. A historiografia envergonhada. La insígnia, 3/5/2003. Os autores mostram como Gaspari busca reescrever a história da ditadura de uma forma amena, fruto de uma quase fatalidade histórica. A tortura é reduzida a uma "desorganização" do regime; o golpe dos militares é justificado por um hipotético golpe que seria dado pelo "atrapalhado" Jango; a esquerda é estereotipada; o problema maior seria o "tempo que durou" o regime, mas "se havia bruxas, deveriam ser caçadas...". Os autores explicam o fato da documentação de Geisel e Golbery ter sido doada ao jornalista: "possivelmente sonhavam com a coração de suas obras políticas por biografia parida por escritor de recursos solidário com suas ações". p. 6.

aumento de orçamento de Veja, para que pudesse contratar a cúpula do JB" e "*um curto estágio em Time e Newsweek*".[153] Ambas foram aceitas e ele foi o terceiro diretor de *Veja*, responsável pelos editoriais do período do impeachment de Fernando Collor de Melo. Destacamos seus comentários sobre uma reportagem publicada em *Time* sobre *Veja*. Segundo ele, para a revista norte-americana, a brasileira "*é a* ***publicação mais poderosa do Brasil*** *e a 'jóia da coroa' do Grupo Abril*". Assim se explica: "*Se a medida do jornalismo é a sua habilidade em* ***embaraçar os poderosos****, VEJA se provou bastante potente,* ***afirma a reportagem***".[154] Nas palavras do editor:

> Depois de notar que VEJA é a maior publicação brasileira, a quinta revista semanal de notícias do mundo e que 'apesar das dificuldades econômicas do Brasil sua tiragem dobrou desde 1981', Time explica que o sucesso do carro-chefe da Editora Abril 'se deve substancialmente à sua excelência editorial'. Uma excelência, nota a revista americana, escorada na 'independência política' de VEJA e na sua 'cobertura política objetiva e equilibrada - uma relativa raridade no Brasil'.[155]

Além de dizer que o seu jornalismo é independente, (o que só pode fazer escondendo o apoio que deu à campanha de Fernando Collor à presidência), ela não desmente o caráter "quase exclusivo" em relação aos outros órgãos de imrpensa da sua sposta independência. Ou seja, subentende-se na sua fala que, no Brasil, o jornalismo é muito atrelado ao poder político, mas que *Veja* seria uma exceção pela sua "indpendência". Assim, a reportagem de *Time*

> É motivo de grande orgulho. Com uma circulação de 4 milhões de exemplares nos Estados Unidos e uma edição internacional publicada nos cinco continentes, Time é a maior revista semanal de notícias do planeta. Depois dela há Newsweek, US News & World Reiport, a alemã Der Spiegel e VEJA. Desde a sua fundação, há quase setenta anos, Time tornou-se um modelo de jornalismo isento, criativo. Um modelo inclusive para VEJA, mesmo porque o próprio conceito e o formato de uma revista semanal de notícias foram inventados por Henry Luce, o criador de Time. Quando uma publicação com a autoridade de Time sublinha a excelência editorial, a independência política e a cobertura objetiva e equilibrada de VEJA, sentimos que estamos no caminho certo: aquele que visa o interesse público e a satisfação dos leitores.[156]

O parâmetro para o julgamento da revista emana de órgão de imprensa, que lhe serviu de modelo. Nenhuma palavra é dita sobre a estreita relação entre *Time* e *Veja*. A revista

---

[153] CONTI. Op. cit, p. 467.
[154] Jornalismo de VEJA investigado por Time. Carta ao leitor. *Veja*. 26/2/1992. p. 15. Grifos meus.
[155] Idem.
[156] Idem. Grifos meus.

mantém o ciclo fechado, definindo parâmetros de "liberdade de imprensa", segundo os quais o único julgamento aceitável para si deriva de outro órgão de imprensa. Esse parâmetro auto-referenciado será várias vezes reiterado pelos seus diretores quando surgem demandas sociais de controle externo aos meios de comunicação. Então, ela, que se inspira em *Time*, a utiliza para se auto-elogiar.

Quando Conti foi substituído, no início de 1998, Roberto Civita assinou o editorial novamente, ressaltando a sua atuação:

> O mandato de Mario Sergio foi marcado, principalmente, pelas reportagens sobre corrupção na política. VEJA fez as entrevistas e publicou as reportagens que selaram o destino da Presidência de Fernando Collor de Mello. Teve papel decisivo na apuração do escândalo da Comissão do Orçamento, que levou à CPI dos Anões e, depois da cassação de parlamentares.[157]

Civita ressalta também as edições especiais sobre "Amazônia", "computadores" e "mulheres", e edições extras publicadas pelo diretor. Segundo ele, Conti "*cobriu o Brasil e o mundo e os grandes temas deste fim de século com brio, ironia e inteligência*."[158] Não é oferecida uma justificativa para a sua saída, apenas a informação de que ele iria se dedicar a um projeto pessoal de publicar um livro, que viria a causar alguns inconvenientes para a revista.[159]

O quarto diretor foi Tales Alvarenga, desde 1998. Na sua estréia, Civita demonstrou no editorial sua preocupação:

> Tenho certeza que Tales e sua extraordinária equipe saberão não apenas manter o nível de integridade, persistência e coragem que caracteriza VEJA desde a sua criação, mas também continuar produzindo uma revista sintonizada com as

---

[157] Troca de guarda na direção de VEJA. Carta do editor. Roberto Civita. *Veja*. 7/1/1998. p. 7.
[158] Idem.
[159] Conti em seu livro levanta suspeitas de que a revista teria (claro, depois de sua saída), aceitado pagamento para publicar reportagens elogiosas sobre Íris Resende. (Conti, op. Cit, p. 373-376) O livro rendeu três páginas de comentários na revista. Nelas esse trecho polêmico é transcrito e o editor se defende: O raio x do poder: livro fala de jornais, políticos e empresários e conta os bastidores da era Collor. O capítulo VEJA. *Veja*. 1/12/1999, p. 176, 177. A resposta diz que "*a propósito*..."... "*como qualquer pessoa de boa-fé já sabe, VEJA nunca vendeu e nunca venderá uma única palavra de seu contudo editorial. (...) Nosso primeiro e único objetivo editorial é atender aos interesses de nossos leitores com informação bem apurada, bem verificada e bem apresentada. (...) publicar a verdade. Sem medo e sem favor, sempre*". Roberto Civita, p. 178. E não se voltou mais ao assunto no âmbito de Veja, mas Conti não trabalha mais para a editora Abril, ao contrário dos demais diretores de Redação que deixaram a revista.

> exigências e necessidades de seus leitores e dos tempos de enormes mudanças que estamos vivendo.[160]

Ele tinha tal sintonia com a revista que ao sair foi o único que se manteve na própria *Veja*, assinando uma coluna semanal de análise conjuntural, em que suas posições liberais-reacionárias ficam ainda mais explícitas do que nos seus editoriais. Em abril de 2004 houve uma nova mudança e Eurípedes Alcântara passou a ser o novo diretor. Na avaliação de Roberto Civita,

> Tales comandou uma transformação de VEJA, buscando adequá-la a um Brasil política e economicamente mais estável e a milhões de leitores tão interessados em novas idéias, como os avanços da globalização, os novos embates no cenário internacional com a emergência do radicalismo islâmico, os contornos cada vez mais acachapantes e inflexíveis do império americano e as reformas estruturais operadas no cenário brasileiro. (...) Como Diretor Editorial, Tales continuará trabalhando comigo na orientação de VEJA e na manutenção de sua independência, isenção e postura ética.[161]

Há, na interpretação do editor, uma supervalorização da revista, ao falar em "milhões de leitores". E se mantém a idéia central de que a revista seria um modelo de "independência, isenção e ética". Sua visão crítica sobre o papel dos EUA não confere com o que efetivamente se mostrou no período dos atentados de 11 de setembro de 2001, onde a revista fez uma verdadeira profissão de fé àquele país e ao que ele representa ao capitalismo.

Os diretores de redação foram peças chaves na história da revista. E através desse breve levantamento, está claro que estiveram em sintonia com a linha editorial da editora. Inicialmente, com Carta, alguma liberdade editorial em troca da necessidade da revista de se afirmar jornalisticamente. A partir de Guzzo, com as influências diretas de Elio Gaspari, a posição de sintonia com a ditadura e seus eixos programáticos estavam claros: abertura ao capital externo e os preceitos do mercado como sendo a própria natureza da história. Esses ideais teriam plena acolhida nos governos neoliberais que serão analisados.

1.5 O PROGRAMA NEOLIBERAL DO FÓRUM NACIONAL

> *"O chamado partido do estrangeiro não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais*

---

[160] Troca de guarda... op. Cit.
[161] Troca de guarda na direção de VEJA. Roberto Civita. Carta do Editor. *Veja*. 1/4/2004, p. 9.

> *nacionalista, que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do próprio país, representa sua subordinação à servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas*."[162]

Já referimos a prática de formulação e gerenciamento, apontando para a existência de estados-maiores em nível transnacionais que se remetem às empresas de comunicação. O gerenciamento, a ação *partidária* e pedagógica são os eixos da atuação de *Veja* e da Abril ao longo dos anos 1990. Mas ela não se pauta por si própria, nem é portadora de um programa para toda a burguesia, sequer que defina todos os meandros da dominação. Ela atinge a uma fração mais ou menos definida do que seria a "elite do país", e mesmo assim, em consonância com muitas outras organizações de classe. Por isso devemos avançar em apreender como se dá a organicidade de programa e projeto entre a revista e os setores que propõem a abertura da economia, procurando seus intelectuais orgânicos, *think tanks* e partidos.

A criação do Instituto Nacional de Altos Estudos, organizador do Fórum Nacional, em 1988, buscou pautar, organizar e gerenciar o sistema do capital no Brasil e suas transformações. A editora Abril, especialmente a revista *Veja*, tomou para si a disseminação desses ideais e práticas, tornando-os compreensíveis aos diversos setores sociais (através de sua ação pedagógica) e influenciando diretamente nas ações políticas por sua atuação *partidária* (junto ao Congresso Nacional e Poder Executivo), utilizando-se a justificação de sua "independência" e de ser portadora da "opinião pública". Essa ação não exclui a de outras entidades associativas, trata-se de uma ação em conjunto, de acordo com as especificidades dos diferentes segmentos de classe. Também não implica em que o Fórum tenha apenas a revista como alvo de ação.[163] Ele parece dar continuidade a ligações orgânicas de longa data. Muitos de seus intelectuais atuaram como técnicos de alto nível durante o regime militar, em acordo com definições de organizações como IPES, APEC, CONSULTEC, e outros.[164] As atividades do Fórum parecem se assemelhar a estas atuantes no âmbito da Ditadura em termos de formulação e poder organizativo.

---

[162] GRAMSCI. Op. cit. (vl.3), p. 20.

[163] Embora remetamos ao Fórum, nosso alvo é a *Veja*. Para compreender de forma mais específica a sua atuação e as relações de classe, serão necessários novos estudos.

[164] João Paulo dos Reis Velloso foi técnico burocrata da APEC (Análise e Perspectiva Econômica), vinculada à Consultec (Sociedade Civil de Planejamento e Consultas Técnicas Ltda), que tinha entre seus mais ilustres membros Roberto Campos. Cf: DRIFUSS. *1964*: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis, Vozes, 1981. p. 90-93.

Ao processo de redemocratização correspondeu uma reorganização desses mesmos grupos, retomando a ação de classe, e de busca de organicidade em suas ações políticas e de um projeto "nacional". Havia planos para a campanha eleitoral, mas não um projeto político unificado.[165] Após a Assembléia Nacional Constituinte de 1988 foram organizados grupos, em torno da preparação das eleições presidenciais, especialmente o Movimento da Convergência Democrática (MCD), que agregava várias associações dos diferentes ramos empresariais,[166] e propunha "*lançar as bases de uma 'revolução política nacional', mas 'não com armas, e sim com a difusão de idéias'*."[167] Entre seus objetivos principais estava a organização de um programa e a apresentação de um candidato viável às eleições. E

> Se cogitava do preparo de uma ação cuidadosa de acompanhamento do novo presidente e seu ministério, fosse ele mais ou menos simpático ao empresariado. O objetivo era mudar a mentalidade do empresariado e da população, numa perspectiva programático-política e não somente de ação. Em outras palavras: '**fazer 1964' nos moldes civis**, em termos de liderança intelectual e política. Ou seja, em termos de ação hegemônica.[168]

Por isso esse grupo assumiu o papel de "estado maior": "*incentiva estudos e pesquisas de natureza sociológica, econômica, política e científico-tecnológica – o que não só permitiria o detalhamento das propostas gerais, mas também a preparação de novos quadros*".[169] Havia a busca de organização e direção, ou seja, em termos concretos, não havia unidade em torno de um projeto político, as mudanças econômicas eram impostas a partir de fora. Estavam em busca de um candidato, pois somente isso permitiria a manutenção do poder no Estado. A escolha de Collor como candidato preferencial não foi consensual, mesmo porque seria necessário considerar as possibilidades reais de eleição de cada candidato.[170] Assim, "*as*

---

[165] Esse processo vinha sendo acompanhado por *Veja* permanentemente como mostra a capa da edição de 11/11/1987: Como a direita de organiza: as mil faces da reação conservadora.
[166] Dentre eles: Octavio Gouveia de Bulhões, ex-ministro da fazenda do primeiro governo militar; Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central; Ernane Galveas, ex-ministro da Fazenda; Ives Granda Martins, jurista; João Havelange, presidente da Fifa; José Olympio, editor; Mario Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda; Miguel Reale, jurista; Sergio Quintella, presidente da Internacional de Engenharia. Vários deles eram vinculados aos Ipes. Cfe: DREIFUSS, op. cit., p. 287-289.
[167] Idem, p. 287.
[168] Idem, p. 285.Grifos meus.
[169] Idem, p. 290.
[170] Foram três os candidatos apoiados pelo MCD: Collor, Afif Domingos e Aureliano Chaves. Cada um recebeu por parte do grupo um "padrinho" e uma equipe: "*Sérgio Quintella ficou com Collor; Ozíres Silva passou a cuidar de Aureliano; e Otávio Gouveia de Bulhões (com Ives Gandra da Silva Martins e Sobral Pinto) foi indicado como 'patrono de Afif Domingos'*. Idem, p, 292.

direitas não tinham projetos políticos para o país, mas apenas planos de campanha eleitoral"[171], mas tinham certeza de que apenas a sua organização de classe permitira alcançar o poder político e permanecer controlando o Estado. Há que ter presente as ameaças de volta dos militares, constantes sintomas da desorganização da direita e da organização dos movimentos sociais. Nos momentos em que estava comprometida a possibilidade de estabelecer consenso, a ameaça de retomada da força se fazia presente,[172] o que era reiterado muitas vezes por *Veja*. É nesse contexto que se organiza e ganha força o *Fórum Nacional*, que não se confunde com o MCD, mas possui membros em comum. Ele assumiu a tarefa da elaboração do programa de parcelas do empresariado nacional, com o sentido neoliberalizante. Segundo seus fundadores, ele

> Não é uma simples instituição de pesquisa, ou órgãos de debates. Funciona como agente da sociedade civil, em caráter independente e apartidário e com sentido pluralista. Sua preocupação é contribuir para o diálogo das lideranças nacionais, públicas e privadas (Poder Executivo, Congresso, Poder Judiciário, organizações empresariais, sindicais, acadêmicas, confessionais, comunitárias, personalidades de prestígio e influência). Diálogo orientado pela busca de caminhos para o desenvolvimento do país, em suas múltiplas dimensões: econômica, social, política, cultural. E voltado para o processo de tomada das decisões para tanto relevantes.[173]

Criado em 1988, paralelo e em sintonia com a criação do PSDB, ele não se restringiu ao processo eleitoral, teve existência e atuação ao longo de todo o período dessa pesquisa, mantendo seu papel de estado-maior, como fica claro nas definições de suas funções.[174] *Veja*, além de elogiar a iniciativa e dar-lhes cobertura, abriu diretamente suas páginas para que propusessem o seu "projeto nacional", o que nos faz acreditar na existência de ligações orgânicas em termos de projeto político e de elaboração ideológica. No entanto, a revista não

---

[171] Idem, p. 265.

[172] Como exemplo, a fala de Antonio Ermínio de Moraes: "*ou botamos o país nos trilhos ou o processo democrático corre perigo e vamos voltar a bater continência"*. Apud Dreifuss, p. 268.

[173] Fórum Nacional. www.inae.org.br, consultado em 23/12/2003. O Fórum criou o Instituto Nacional de Altos Estudos – Inae, que possibilita sua existência para além dos seminários que realiza.

[174] O Fórum foi criado com a seguinte definição oficial: "*O I Fórum Nacional, realizado no Rio de Janeiro em novembro de 1988 (tema básico: Idéias para a Modernização do Brasil), procurou desenhar um amplo painel das questões mais relevantes do desenvolvimento nacional, já com a clara intenção de encontrar as respostas para seu enfrentamento. Um grande número de especialistas debruçou-se, durante vários meses a examinar: I - os problemas conjunturais da economia (inflação, dívida externa, déficit público); II - a crise brasileira e a agenda para sua superação (orientada para o objetivo de modernização econômica, social e política); III - os desafios para o Brasil da nova economia mundial; IV - as várias opções estratégicas vislumbradas (nova estratégia industrial e tecnológica; retomada do crescimento; crescimento com redistribuição e reformas; modernização do capitalismo nacional; reforma do Estado*)." www.inae.org.br.

se assume enquanto porta-voz do Fórum, essa ligação é hipótese central de nossa tese. A organicidade se dá por: divulgação de materiais, inclusive com produção de matérias a partir dos textos produzidos nos Seminários do Fórum; recorrências aos seus membros como "porta-vozes" do programa de "globalização"; elogios diretos ao Fórum como um grupo que efetivamente estaria "pensando o país" mesmo em momentos de crise; elogios ao seu fundador, pelo papel de articulação, o ex-ministro do governo de Castelo Branco, João Paulo dos Reis Velloso. As tabelas a seguir mostram a formação dos principais membros do Fórum Nacional, seus diretores e instituidores.

TABELA 4. Conselho Diretor do Fórum Nacional

Nome	Principais cargos públicos
Fernando Henrique Cardoso (licenciado)	Presidente da República
Nelson Jobim	Ex-Ministro da Justiça, Ex-Deputado Federal, Ministro do Supremo Tribunal Federal
Aloizio Mercadante	Deputado Federal
Antonio Barros de Castro	Professor do Instituto de Economia da UFRJ. Ex-Presidente do BNDES
Aspásia Brasileira Alcântara de Camargo	Presidente do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada), do Ministério do Planejamento. Secretária Executiva do Meio Ambiente na gestão de Gustavo Krause (1995)
Augusto Franco Alencar	Chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas da FIRJAN
Celina Vargas do Amaral Peixoto	Diretora do Sebrae - Rio de Janeiro
Ernane Galvêas	Presidente da Associação Promotora de Estudos da Economia - APEC. Consultor Econômico da Confederação Nacional do Comércio. Ministro da Fazenda (gov. Figueiredo)
Fábio Erber	Diretor do BNDES (1992 a 1994), professor titular do Instituto de Economia da UFRJ. Secretário-geral adjunto do Ministério de Ciência e Tecnologia (1986 a 1989).
Francisco Dornelles	Professor da UFRJ e FGV. Deputado Federal 1987-2007 (PFL, PPR, PPB, PP). Ministro da Fazenda, 1985; Ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, 1996-1998; Ministro do Trabalho e Emprego, 1999-2002
Glauco Arbix	Presidente do IPEA
Helio Jaguaribe de Mattos	Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais, Iepes. Ex-Ministro da Ciência e Tecnologia
João Geraldo Piquet Carneiro	Presidente do Instituto Helio Beltrão
José Augusto Coelho Fernandes	Diretor-Executivo da Confederação Nacional da Indústria (CNI)
Luciano Martins de Almeida	Embaixador do Brasil em Cuba
Marcílio Marques Moreira	Ministro da Fazenda e Embaixador do Brasil nos EUA
Márcio João de Andrade Fortes	Presidente da ADEMI - Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário – *Presidente*
Marcos Pereira Vianna	Presidente do BNDES
Sergio Franklin Quintella	Conselheiro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro

FONTES: Site do Fórum Nacional: www.inae.org

TABELA 5: Sócios Instituidores do Fórum Nacional

Nome	Principais Cargos Públicos
Antonio Barros de Castro	Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de

	Janeiro (UFRJ). Ex-Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).
Dorothéa Fonseca Furquim Werneck	Ex-Ministra da Indústria e Comércio
Ernane Galvêas	Presidente da APEC. Consultor Econômico da CNC
Fernando Adolpho Ribeiro Sandroni	Engenheiro. Mestre pela École Nationale Superiéure de L'Aéronautique, Paris (1966/1967), em cibernética industrial.
Francisco Roberto André Gros	Ex-Presidente do BNDES
Giulite Coutinho	Presidente da Forlab Shitec S.A Comércio Internacional
João Geraldo Piquet Carneiro	Presidente do Instituto Helio Beltrão
João Paulo dos Reis Velloso	Ministro do Planejamento. Superintendente-Geral do Inae
Julian Alfonso Magalhães Chacel	Professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV)
Manoel Fernando Thompson Motta	Presidente da ABDAN – Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Atividades Industriais na Área Nuclear
Márcio João de Andrade Fortes	Presidente da ADEMI
Marcos Pereira Vianna	Ex-Presidente do BNDES
Paulo Roberto Nunes Guedes	Diretor-Executivo da J.G.P S.A. Vice-presidente Ibmec, Banco Pactual, MCD
Roberto Brás Matos Macedo	Ex-Superintendente do Ipea. Professor da USP
Roberto Cavalcanti de Albuquerque	Diretor-Técnico do INAE
Roberto Procópio de Lima Netto	Presidente da Unitas Telecom S.A
Roberto Teixeira da Costa	Ex-Presidente da Comissão de Valores Mobiliários, CVM. Executivo de Mercado de Capitais.
Sergio Franklin Quintella	Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro

FONTES:Cargos públicos: www.inae.org.br;

Percebemos ligações com outras entidades associativas e com o mundo acadêmico, onde se processa a formação dos intelectuais gerentes. E também com associações multinacionais e do mercado e ações. Há, em termos gerais, uma linha de continuidade com relação aos grupos estudados por Dreifuss e que deram os rumos econômicos do que viria a ser o regime militar, especialmente a abertura ao capital externo. Eles agora se rearticulavam, em nome da modernização no processo democrático.

Os setores que estão aqui representados são também alguns dos que veremos presentes nas páginas amarelas de *Veja*: os próprios capitalistas ("empresários"), os gerentes do capital nacional e externo, seus intelectuais orgânicos, e ainda a sociedade política, que agem como formuladores e executores. Essas pessoas são as articuladoras em torno do programa que seria colocado em curso, constituindo-se como um estado-maior que definiria as funções específicas de cada fração das classes dominantes no processo. Eles estiveram durante todo o período da pesquisa, várias vezes presentes nas páginas de *Veja,* como se observará ao longo deste trabalho, seja nas páginas amarelas como entrevistados, seja em citações diversas. Alguns, com cargos de maior destaque, ocuparam várias vezes a capa da revista, com destaque para

Fernando Henrique Cardoso, que esteve na capa e nas entrevistas de *Veja* também antes de chegar à presidência e fora de contexto eleitoral. Algumas dessas pessoas não são citadas diretamente pela revista. Mas há uma expressiva afinidade entre os intelectuais do Fórum que não fazem parte da sua direção e a revista.

A gestação de um "projeto para o Brasil" foi partilhada por *Veja* e pelo Fórum Nacional. De resto, a editora e o ex-ministro já vinham tendo atuação no sentido de propor um projeto para o Brasil.[175] Embora não se confundam, esses dois instrumentos convergem para o projeto encampado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso que ajudaram a eleger, agindo também como seu estado-maior. A afinidade com o governo é nítida. Mas existem divergências, especialmente no que diz respeito à forma como o governo equaciona as relações políticas no Congresso Nacional, e à própria condução da "democracia de massas". Para o Fórum sempre se coloca como problema o fato de se viver sob uma democracia, que colocaria limites ao poder de "dar o rumo" desejado. Essa questão vai aparecer muitas vezes na posição de *Veja*, como veremos. O termo governabilidade é a expressão para suavizar esse problema.

As publicações do FN expressam análises mais sistemáticas, formando efetivamente uma elite de intelectuais orgânicos vinculados ao "projeto para o Brasil". Muitas dessas formulações aparecem em *Veja*, de forma simplificada, ideologizada, objetivando formar uma grande "massa de intelectuais" reprodutores e em certa medida executores desse projeto de "democracia de massas". O debate – que efetivamente ocorre – gira em torno de um caminho único, dado como incontornável. O corolário disso é a construção e implementação do Plano Real. *Veja* conhece as discussões envolvidas na sua criação, especialmente as publicações do Fórum, além de outras,[176] e divulga de forma simplificada, o que convém ao seu programa, ou seja, análises que permitam balizar o comportamento político e econômico de seus leitores a partir de tais parâmetros.

---

[175] Velloso, antes da criação do Fórum já era referência para a editora Abril, como indica a publicação da obra: VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Brasil*: a solução positiva. São Paulo, Abril - TEC, 1978.

[176] Como pesquisas de diversos órgãos como IBGE, Fundação Getúlio Vargas, e também trabalhos universitários acadêmicos. É presumível que *Veja* faça um acompanhamento arbitrário para poder escolher aqueles que se adequem à sua visão de mundo, o que é muito perceptível na escolha dos entrevistados das páginas amarelas.

No início da década de 1990, João Paulo Reis Velloso apontava para o momento de "*repensar o Brasil e realizar o nosso aggiornamento*",[177] ou seja, propunha um ajuste histórico com o passado e uma projeção de futuro, apontando como amálgama desse projeto a idéia de modernização. Nesse sentido, várias vezes o FN encaminhou suas ações, "*através da realização simultânea das três modernidades: a econômica, a social e a política*".[178] Ao tratar do Plano Real remetem à essa retórica, buscando com isso pautar a discussão. Essa seria a forma atual de resolver o problema da "questão social", como alertava Velloso: "*modernidade não é apenas crescer rapidamente ou voltar-se para a competitividade*".[179]

Caberia ao Fórum "*apenas propor idéias para o projeto nacional, e não de ele próprio tentar elaborar um projeto, função destinada aos partidos políticos*".[180] Reserva-se a função de apontar rumos a serem seguidos pelas demais organizações políticas, pelo Congresso Nacional e pelo poder Executivo. Os órgãos de imprensa exercem aqui exatamente o que Gramsci denomina de ação *partidária*, juntos buscam produzir os elementos de direção consensual objetivando hegemonizar o conjunto da política.

Com o governo de Fernando Henrique Cardoso adquire estatuto central o tema da "governabilidade", definindo limites para a "democracia": "*como conciliar o nosso multipartidarismo com o avanço, no sentido de dar solução aos grandes problemas nacionais, e, em especial, com a boa gestão da economia*".[181] O Congresso Nacional, conclui Velloso, já mostrou que "*pode funcionar bem quando se trata de realizar reformas – mesmo constitucionais – de caráter mais nitidamente ideológico. Daí acontecer o impossível: a aprovação da flexibilização de monopólios, por esmagadora maioria, superando as grandes*

---

[177] VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Um país sem projeto*: a crise brasileira e a modernização da sociedade – primeiras idéias. In: VELLOSO (Coord.). *A crise brasileira e a modernização da sociedade*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1990. p. 6.

[178] Modernidade tríplice. In: VELLOSO. (Org). *Inovação e sociedade*. Rio de Janeiro, Jose Olympio, 1993, p. 12.

[179] A pauta da discussão do VI Fórum Nacional foi: a construção da modernidade econômico-social. In: VELLOSO e ALBUQUERQUE (org.) *Modernidade e pobreza*. São Paulo, Nobel, 1994, p. 13.

[180] Introdução Geral: idéias para a modernização do Brasil. In: VELLOSO, op. cit., p. xiv.

[181] VELLOSO. João Paulo Reis. Introdução: os grandes desafios econômico-sociais do país. In. VELLOSO e ALBUQUERQUE (coord). *Governabilidade e reformas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995. p. 9. O Fórum, no momento da eleição de FHC, continua com patrocínio de grandes empresas e dos "estados maiores internacionais". Na publicação do VI Fórum Nacional, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1994, os patrocinadores foram: Banco do Brasil, BID, BNDES, Centro Internacional de Pesquisas para o Desenvolvimento (Canadá), Fiesp, FINEP, FIRJAN, Fundação Ford, IBMEC, Instituto Latinoamericano de Desenvolvimento Econômico e Social, Sebrae, e de empresas como Bradesco, Fundação Brascam, Grupo Rhodia, Grupo Ultra, White Martins.

restrições a emendas constitucionais".[182] Ou seja, teria que ser possível levar adiante o projeto, "ainda que sob uma democracia" e com "tantos partidos". Isso, segundo ele, se devia ao fato de que a sociedade "*nos últimos anos, realizou em grande medida a sua transição intelectual e ideológica, em direção aos paradigmas da modernidade econômica, e contra os radicalismos estatizantes e nacionalistas*".[183] Ou seja, as condições apontadas como necessárias no início dos anos 1990, são "ensinadas" à exaustão pelo programa de reforma moral e intelectual expresso em *Veja*, estariam sendo concretizadas.

A eleição de Cardoso não obscureceu para *Veja* e para o Fórum a importância da continuidade da direção e da formação, de forma a permitir que nos momentos decisivos as mudanças neoliberais continuassem, ainda que houvesse posições divergentes. Ou seja, permanece a noção de projeto e a disputa hegemônica é explicitada no texto de introdução de 1994, do então Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero:

> Ainda não aprendemos que, depois da Constituição de 1988, temos um sistema em que o Congresso e o Judiciário reúnem soma de poderes muito grande, sobretudo no caso do Congresso. É preciso, ao eleger alguém, pensar não só nas qualidades pessoais, que, é claro, continuam decisivas, mas também em quais são as possibilidades que esse candidato tem de se viabilizar. O que nos tem faltado até agora é um **consenso operacional**, uma maioria estável no Congresso Nacional, enfim aquilo que os gramscianos chamam de uma **aliança hegemônica**.[184]

Ele sintetiza a atuação do Fórum Nacional, o estabelecimento de relações, a ampliação do Estado, permitindo a consolidação de seu projeto. A aplicação do programa neoliberal no Brasil esbarra em embates políticos. E cada vez mais o discurso "técnico" é usado para justificar medidas que somente os conhecedores de economia são capazes de compreender em sua complexidade, mas não são todas e quaisquer medidas que podem ser tomadas nessas condições. Na medida em que a conjuntura internacional se modifica, as táticas precisam ser revistas, mas a atuação do Fórum procurar estar sempre à frente da conjuntura. A tabela

---

[182] Idem.
[183] Idem.
[184] E Ricupero completa: "*é importante meditar sobre isso porque, na eleição passada, a primeira que representou uma escolha já com as regras de 1988, essa consideração não pesou absolutamente. Acabamos elegendo um presidente que talvez tivesse uma agenda, mas que não tinha maioria, não tinha partido, não tinha, como se revelou depois, condições não só de realizar sua agenda, mas sequer de se manter no poder quando surgiram as dificuldades conhecidas*". Essa análise coloca abertamente o problema da crise de hegemonia, tanto em 1989 como em 1994, corroborando com o que estamos argumentando. Introdução: o programa de estabilização e a crise brasileira. In: VELLOSO, J P R. (Coord.) *Estabilidade e crescimento*: os desafios do Real. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, p. 13. Grifos meus.

abaixo mostra os temas que foram discutidos pelo Fórum. Aponta também a sintonia com o governo de Fernando Henrique Cardoso, que como Presidente da República foi conferencista em mais de uma ocasião nas atividades do Fórum.

TABELA 6: Seminários do Fórum Nacional (1988 a 2002)

I Fórum Nacional (novembro 1988, Rio de Janeiro). Tema básico: *Idéias para a Modernização do Brasil*
"Procurou desenhar um amplo painel das questões mais relevantes do desenvolvimento nacional, já com a clara intenção de encontrar as respostas para seu enfrentamento. Um grande número de especialistas debruçou-se, durante vários meses a examinar: Os problemas conjunturais da economia (inflação, dívida externa, déficit público); A crise brasileira e a agenda para sua superação (orientada para o objetivo de modernização econômica, social e política); Os desafios para o Brasil da nova economia mundial; As várias opções estratégicas vislumbradas (nova estratégia industrial e tecnológica; retomada do crescimento; crescimento com redistribuição e reformas; modernização do capitalismo nacional; reforma do Estado)".
Resultados publicados em dez livros.
II Fórum Nacional (janeiro 1990, Rio de Janeiro). Tema básico: *As Perspectivas do Brasil e o Novo Governo*
"Procurou situar as questões já suscitadas no I Fórum no momento em que o primeiro presidente da República escolhido em eleições diretas após o regime autoritário se preparava para assumir o cargo. A reunião cumpriu dois objetivos: o de aprofundar o diálogo das lideranças nacionais e o de avançar em direção a maior convergência quanto à concepção de um projeto nacional modernizador".
Resultados publicados em um livro
III Fórum Nacional (novembro 1990, Rio de Janeiro).
"Ensejou, por um lado, uma conclusão relevante, a de que é possível, pela troca de idéias e pela negociação, chegar a consenso, em nível de estratégias, em favor do crescimento sustentado. Por outro lado, contudo, ficou claro que o Brasil ainda não demonstrara ser capaz de negociar uma política de estabilização, nem um programa de reformas sociais, tornando-se, assim, difícil obter a desejada conciliação do crescimento sustentado com a democracia de massas".
Resultados publicados em três livros
IV Fórum Nacional (novembro 1991) Tema básico: *Como Evitar uma Nova "Década Perdida"*
Foram realizados sete painéis: Precondições para a retomada do crescimento (combate à inflação e reforma fiscal); Congresso Nacional: reformas políticas e desenvolvimento; A nova ordem internacional: tendências e processos; Oportunidades estratégicas da indústria brasileira e ciência e tecnologia; Estratégia social: crescimento com redistribuição e reformas; Desenvolvimento e meio ambiente; Reflexão sobre o Brasil (o Brasil como projeto nacional).
Resultados publicados em sete livros.
V Fórum Nacional (maio 1993, São Paulo). Tema básico *As Bases do Desenvolvimento Moderno*
"Consolidou-se, no âmbito da instituição, proposta concreta de estratégia nacional de desenvolvimento, a qual, na percepção dos membros do Inae/Fórum Nacional, emergiu gradualmente, nos primeiros anos da presente década, a partir da confluência de decisões e ações, públicas e privadas, muitas das quais apresentadas e discutidas nos quatro Fóruns anteriores". "Durante a reunião, foram discutidos, nos seis painéis: As precondições do crescimento: estabilização e reforma do Estado; Novo modelo de desenvolvimento para o Brasil; O novo modelo: aceleração do progresso técnico-científico; O novo modelo: modernidade e pobreza; O novo modelo: estratégias para nova inserção internacional do Brasil; O novo modelo: agenda de modernização e sistema político-institucional. Uma das inovações do V Fórum foi a apresentação de cenários prospectivos de desenvolvimento (econômicos e políticos)".
Resultados publicados em seis livros
VI Fórum Nacional (abril 1994, Rio de Janeiro). Tema básico: *Modernidade e Pobreza: a Construção da Modernidade Econômico-social no Brasil*
"Procurou dar destaque a uma das dimensões essenciais do novo modelo de desenvolvimento para o país: a dimensão social, vista como devendo ser estrategicamente inserida na própria estratégia econômica. O painel central no Fórum (*A construção da modernidade econômico-social*) considerou as estratégias econômica e social como integrando um só processo de mudanças, conferiu ênfase à concepção de modelos, rurais e urbanos, de combate à pobreza e propôs as bases de projeto nacional de educação básica e qualificação da

força de trabalho. Os demais painéis abordaram: Problemas conjunturais da economia; Avaliação da abertura econômica, seguida do exame de alternativas para seu aprofundamento; Desenvolvimento industrial no contexto de visão sistêmica da competitividade; Governabilidade e sistema político; A questão da violência urbana (tema novo para o Inae/Fórum Nacional)".
Resultados foram publicados em três livros
VII Fórum Nacional (maio 1995, Rio de Janeiro). Tema básico: *Os Grandes Desafios do Novo Governo*
"Nele se afigurou mais uma vez oportuno examinar, em profundidade, nos diversos painéis, quais as questões centrais a ser enfrentadas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (aliás, um dos membros fundadores do Fórum) e sua equipe, e quais as opções estratégicas que poderiam (ou deveriam) ser consideradas".
Os resultado foram publicados em dois livros.
VIII Fórum Nacional (maio 1996, Rio de Janeiro). Tema básico *Estabilização, Crescimento e Reformas*.
"Sua preocupação básica foi a de discutir as bases para um novo ciclo de crescimento sustentado para o Brasil. Nele, também se abordou tema novo para os Fóruns, qual seja o da modernização da Justiça, e se discutiram os rumos da universidade brasileira."
Resultados foram publicados em um livro
IX Fórum Nacional (maio 1997, Rio de Janeiro). Tema básico: *O Plano real e visão de futuro nacional*.
"O evento constou dos seguintes painéis: Plano real e crescimento; Emprego e crescimento; Reestruturação atual da indústria e estratégias empresariais; Reforma agrária e política agrícola; Perspectivas das relações com os Blocos Econômicos Regionais; A gestão das grandes cidades".
Resultados foram publicados em um livro
X Fórum Nacional (maio 1998, Rio de Janeiro). Tema básico: *O Brasil e o Mundo no Limiar do Novo Século*
"Completando-se com ele dez anos de existência do Fórum Nacional e sua consolidação como o espaço de debates dos problemas nacionais mais respeitado em todo o Brasil. Propiciou a oportunidade de discussão das perspectivas internacionais e nacionais para os próximos cinco anos. E, com isso, a definição das condições para que a economia e a sociedade se situem adequadamente para enfrentar os desafios do século XXI". "O evento constou de: Solenidade de abertura, que contou com a presença do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que fez pronunciamento de ampla repercussão nacional; seis Painéis, sobre os seguintes temas: Para onde Vai o Brasil: o Real no limiar do novo século; As Perspectivas da Situação Mundial (Considerada a Crise da Ásia) e Implicações para o Brasil; Para onde Vai o Brasil: a Globalização e a Criação de uma Economia Internacionalmente Competitiva; Dilema Atual da Federação Brasileira, em Situação de Aguda Escassez de Recursos; Cidadania, Desigualdade e Pobreza; Imprensa, Poder e Sociedade".
Os resultados foram publicados em um livro (2 vl)
XI Fórum Nacional (maio 1999, Rio de Janeiro). Tema básico: *A Crise Mundial e a Nova Agenda de Crescimento*
"Cobriu desde análise da crise internacional em si, com a preocupação de criar um sistema financeiro mundial menos instável, até a discussão da crise brasileira, como conseqüência dos choques externos e das vulnerabilidades que a economia havia acumulado nos últimos anos, principalmente os dois déficits, fiscal e de balanço de pagamentos". "O evento constou da Solenidade de abertura; e de seis Painéis, sobre os seguintes temas: A Flexibilização do Câmbio, o ajuste fiscal e a viabilidade da "Nova Agenda" (Crescimento); Crise Mundial: Como tornar o sistema mais estável; Desenvolvimento industrial e expansão das exportações; O Day After da privatização da Infra-estrutura; O novo modelo de previdência social; Cultura e cinema como afirmação de identidade nacional". "Compareceram à Solenidade de Abertura, o Ministro da Fazenda Pedro Malan, o Ministro das Comunicações Pimenta da Veiga, o Embaixador Sérgio Paulo Rouanet, o Presidente do Banco Central Armínio Fraga, o Presidente do BNDES José Pio Borges, o Presidente da Confederação Nacional da Indústria Senador Fernando Bezerra que abriu os debates".
Os resultados foram publicados em um livro
XII Fórum Nacional (maio 2000, Rio de Janeiro). Tema básico: *Repensando o Brasil, futuro, presente e passado*
"O evento constou da Solenidade de Abertura; e de seis Painéis sobre os seguintes temas: Crescimento com

estabilidade: a retomada do crescimento e sua sustentação; Novas visões sobre o Brasil: o país que estamos querendo construir; A estratégia competitiva e a nova política industrial e tecnológica para exportar; Integração nacional e nova geografia econômica do país; A mulher brasileira: oportunidades, preconceitos e desafios; Repensando o Brasil: nosso legado histórico e o futuro do país". "O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, compareceu à Solenidade de Abertura proferindo conferência. Participaram do Painel I o Ministro da Fazenda Pedro Malan, o Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda Ministro Edward Amadeo; o Deputado Aloizio Mercadante, o Ministro Mailson Ferreira da Nóbrega, o Professor Renato Baumann, o Professor Affonso Celso Pastore, Dr. Raul Velloso, tendo sido iniciadores de debates o Ministro Marcílio Marques Moreira e o empresário Paulo Cunha".
Os resultados foram publicados em um livro.
XIII Fórum Nacional (maio 2001, Rio de Janeiro). Tema básico foi Como vão o Desenvolvimento e a Democracia no Brasil?
"O evento constou da Solenidade de Abertura, com os pronunciamentos do Ministro Pedro Malan, da Fazenda: A estratégia econômica para o biênio (Inclusive: A questão das restrições ao crescimento; perspectivas do crescimento; governo e gastos sociais), Armínio Fraga, Presidente do Banco Central: A estratégia de estabilização e Ministro Alcides Tápias, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: A estratégia de Política Industrial e Comércio Exterior; e de cinco Painéis sobre os seguintes temas: A estabilização está de volta. E o crescimento?; Interesse nacional, abertura às importações, investimento estrangeiro e 'desnacionalização'; Competidores globais e a inserção do Brasil no processo de globalização; Nova economia, velha economia e economia do conhecimento - Implicações para o Brasil; Como vai a democracia brasileira?"
Resultados publicados em um livro.
XIV Fórum Nacional (maio 2002, Rio de Janeiro). Tema básico: O Brasil e a Economia do Conhecimento
"O evento constou da Solenidade de Abertura, com a Conferência Inaugural do Presidente Fernando Henrique Cardoso, e de cinco painéis sobre os seguintes temas: Como Evoluir para um Ciclo Sustentado de Crescimento; A Economia do Conhecimento: A Opção de Estratégia de Competição Internacional Baseada no Investimento para Exportar; Economia do Conhecimento. Desenvolvimento das suas Tecnologias Genéricas; A Economia do Conhecimento. Aceleração do Progresso Tecnológico e Desenvolvimento de Capital Humano; Nova Ordem Internacional e Globalização, (após os Atentados)".
Resultados publicados em um livro.

FONTE: Site do INAE: www.inae.org. Os textos entre aspas são citações do Site do Fórum.

Há uma seqüência de temas que convergem para aquilo que o Fórum chama de modernização. E sempre seu sentido está sendo o de planejamento. Eles se colocam à frente dos fatos, pautando-os com antecedência, buscando organizar estratégias para o ano, biênio ou até mais. As idéias centrais apontam para isso: *Idéias para a Modernização do Brasil*; *As Perspectivas do Brasil e o Novo Governo*; *Como Evitar uma Nova "Década Perdida"*; *As Bases do Desenvolvimento Moderno*; *Modernidade e Pobreza: a Construção da Modernidade Econômico-social no Brasil*; *Os Grandes Desafios do Novo Governo*; *Estabilização, Crescimento e Reformas*; *O Plano real e visão de futuro nacional*; *O Brasil e o Mundo no Limiar do Novo Século*; *A Crise Mundial e a Nova Agenda de Crescimento*; *Repensando o Brasil, futuro, presente e passado*; *Como vão o Desenvolvimento e a Democracia no Brasil?*; *O Brasil e a Economia do Conhecimento.* Esses serão também os principais temas tratados por

Veja ao longo desse período em que foram pautados pelo Fórum Nacional, como pretendemos demonstrar ao longo da tese.

1.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

Os vínculos com o modelo neoliberal dos grandes órgãos jornalísticos brasileiros no final do século XX são pressupostos básicos. Eles obedecem a um processo histórico, apresentando uma linha de maior continuidade do que ruptura, inclusive com as medidas de abertura de capital que já vinham sendo preparadas pela ditadura militar. Mas, não se trata de um bloco homogêneo de um único projeto a ser aplicado. E sim, de um programa que aponta medidas programáticas que vão sendo implementadas na medida em que os embates políticos vencidos permitem.

Para poder exercer sua função *partidária* será essencial para *Veja* poder agir como um sujeito autônomo, um "simples veículo de imprensa". Esta atuação, de forma mais ampla, está contextualizada em todo o processo de modernização da imprensa a partir dos anos 1950, e da criação da editora Abril. Mas foi nos anos 1990 que *Veja* assumiu o papel de formuladora, em relação direta com os grupos vinculados à abertura irrestrita ao capital externo. O fato de ser um veículo com alto padrão de qualidade ajudou a ocultar suas posições políticas.

Assumir um discurso irônico e crítico também viria a ajudar neste intuito, como veremos no próximo capítulo. A construção da revista como um "sujeito" pelos padrões liberais, é essencial para que não seja transparente sua atuação partidária.

CAPÍTULO 2
VEJA: ação partidária e programa intelectual

Esse capítulo tem como objetivo principal traçar um perfil geral da revista *Veja* de 1989 a 2002. Buscaremos introduzir alguns aspectos que caracterizam a revista a partir do levantamento de cinco partes: a Carta ao leitor (editorial); as páginas amarelas (entrevistas); as capas; seus colunistas; a publicidade. Buscamos perceber se nestas seções são perceptíveis posições políticas por parte da revista. Ou seja, se há uma ação planejada, uma unidade editorial por parte da revista.

Buscaremos quantificar estas diferentes partes da revista, que são fontes distintas, que requerem metodologias distintas, posto que têm diferentes funções, embora sempre complementares, para o conjunto editorial. A partir desta quantificação será possível definir o sentido geral da atuação de *Veja*. A ligação entre os diferentes campos se dá pela ação sistemática enquanto intelectual orgânica do sistema do capital.

Nos próximos capítulos, parte desses temas será analisada de forma qualitativa, atendendo à problemática principal da tese: se *Veja* possui um projeto político, que projeto é esse e a quem ele interessa. Aqui, a análise privilegia a quantificação e, em certo sentido, as recorrências discursivas, que são contextualizadas apenas genericamente. Os editoriais, no entanto, serão analisados com mais vagar, pois eles indicam as formas da construção do "*sujeito Veja*".

2.1 CARTA AO LEITOR: O SENTIDO POLÍTICO DO EDITORIAL

A Carta ao leitor de *Veja* é o seu editorial. O fato de não chamar de editorial tem a ver com a tentativa permanente de descaracterizar esse texto como um posicionamento político,

buscando defini-lo como simples "verdade", mesmo que o seu sentido original fosse ser uma "carta" ao "leitor".[185] Ao longo do tempo, sofreu alterações, mas sempre foi escrita pelo Diretor de Redação, e em casos excepcionais pelo presidente do Grupo Abril, quando leva a sua assinatura e é chamada de Carta do Editor. Têm sido vários os recursos de *Veja* para levar à leitura do seu editorial. Existiu um cuidado progressivo em colocá-lo em um local mais destacado na revista. No final dos anos 1980 era difícil localizá-lo. Às vezes ele se encontrava depois da 30ª página da revista, embora houvesse algumas estratégias, como colocar propaganda de assinaturas em papel diferente junto ao editorial para levar ao manuseio daquela página. A partir do início dos anos 2000 há uma página fixa de editorial, que é efetivamente o primeiro texto da revista, e tem ao lado o índice.[186] Nesse espaço o editor "*procura cumplicidade com seus leitores*", pois "*ao falar da construção de suas capas, apresenta o lado humano de seus jornalistas, o trabalho artístico dos profissionais envolvidos, a complexidade do esquema industrial para confeccionar a revista, entre outras revelações de seus bastidores*".[187] Mas não é só isso que se faz na Carta ao leitor, como se discutirá a seguir.

O ex-editor de *Veja*, Carmo Chagas, afirmou que: "*são pouquíssimos os leitores de editoriais, mas aprendi que eles são escritos exatamente para esses pouquíssimos leitores. Os empresários mais sólidos, os políticos mais perspicazes, os economistas mais consistentes, os intelectuais mais atentos constituem a elite interessada na opinião que aparece todo dia na imprensa*".[188] A diferença dos leitores, segundo ele, se daria assim: "*a massa de leitores vai atrás das manchetes, das notícias mais quentes de cada dia. Atiram-se com sede à informação. A elite vai atrás das páginas de opinião com a mesma sede*".[189] No entanto, essa afirmação oculta o fato de o leitor de *Veja* por si só já é "elite", a revista não é um instrumento

---

[185] Parece provável que o sentido de "carta" tenha a ver com o primeiro diretor de redação, que, por ter maior autonomia editorial com relação à direção da revista criou essa expressão. A intenção parece clara: de (Mino) Carta ao leitor.

[186] A revista inverteu a posição do seu editorial a partir de outubro de 2002, aumentando o tamanho da fotografia que acompanha o texto. Ele deixou de ocupar a parte superior da folha direita e passou a ocupar toda altura da folha, dividindo espaço com o anúncio da joalheria H. Stern.

[187] CARVALHO, André Luiz Piva de. Quadros maquiados: gênese e produção de sentido da imagem impressa em revistas tendo como modelo a narrativa das capas da revista VEJA enfocando Fernando Collor de Melo. São Paulo. Dissertação de Mestrado – ECA/USP. 1998, p. 145.

[188] CHAGAS, Carmo; MAYRINCK, José Maria; PINHEIRO, Luiz Adolfo. 3 x 30: os bastidores da imprensa brasileira. São Paulo, Círculo do Livro, 1992. Primeira parte. Na cozinha das redações. Carmo Chagas. P. 58.

[189] Idem.

"de massas", por isso, o editorial é lido por um número maior de pessoas do que o ex-editor quis fazer crer.

2.1.1 Os temas das Cartas: dialogando com a sociedade política

A análise sistemática da Carta ao leitor nos mostrou que ela tem características mais ou menos permanentes. Podemos dividir os editoriais, *grosso modo* em: a) aqueles que informam sobre a própria revista, ou seja, que informam mudanças, aumento de tiragem, novas seções, novos colunistas, ressalta o jornalismo. É, em suma, um espaço de auto-elogio permanente; b) aqueles que se referem à sua ação partidária com relação à sociedade política, sejam os governos, o Parlamento, as associações; c) aqueles em que se apontam caminhos, mostra-se posição, apresentam-se projetos, denotando uma ação enquanto intelectual orgânica e gerenciadora. Esses textos podem ser dirigidos "à sociedade", aos "políticos" ou ainda a outros setores específicos.

A quantificação dos 715 editoriais do período estudado (da edição 1061 à 1775), foi realizada definindo, a partir da leitura de cada um, qual foi o seu tema principal. A intenção é traçar um quadro geral das temáticas. Embora haja elementos subjetivos nessa leitura, tentaremos torná-la mais clara de acordo com a divisão de temáticas.

2.1.1.1 Questões relacionadas à *Veja*

A revista se utilizou com bastante freqüência dos editoriais para falar sobre si mesma. Dos 715 editoriais, 152 (21,26%) foram utilizados para dar notícias sobre a própria revista. São aqueles em que destaca as principais matérias, a forma com que foram elaboradas, o tempo gasto, as dificuldades, ou seja, o foco não é a questão da reportagem, mas a sua produção. Igualmente, aborda os avanços tecnológicos, as alterações de colaboradores e de seções, e o crescimento das vendas e assinaturas. Esse é, portanto, o espaço privilegiado para o contato entre a direção da revista e seus leitores, para informar sobre o que o editor define como sendo as "vantagens de ler *Veja*".

2.1.1.2 Relação com a sociedade política nacional

Nas definições mais gerais, os temas nacionais são os mais recorrentes na revista. Aqui se reúnem os textos em que há um posicionamento da editoria da revista com relação à política

e à economia, buscando estabelecer um diálogo ou cobrança com relação aos poderes constituídos, especialmente o Executivo, seguido do Legislativo, tratando do Judiciário apenas em ocasiões especiais. É o que indica a tabela abaixo.

TABELA 1: Relação com a sociedade política

Tema	Recorrência
Economia	40
Eleições	31
Governo	29
Corrupção	28
Reformas	23
Caso Collor	15
FHC	14
Privatização	13
Congresso Nacional	11
Imprensa e governo	10
Inflação	9
Bancos	6
Justiça	5
Funcionalismo público	3
Previdência	3
Itamar Franco	3
Militares	3
Outros	3
Energia	2
Petrobrás	2
Senado	2
Democracia	2
Ética	2
TOTAL	259

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

Aqui são tratadas questões relacionadas à política econômica, os pacotes, as crises, as recessões, a inflação, enfim, tudo o que diga respeito à economia nacional e suas relações governamentais. Trata-se em grande medida de cobranças feitas ao governo sobre medidas tomadas, e também com relação ao Congresso Nacional. Os temas desses editoriais muitas vezes se confundem entre si, pois misturam as questões políticas e econômicas. A ênfase maior nesses editoriais está nas ações necessárias no âmbito político para alcançar um fim específico, o que se completa com os editoriais abaixo, que tratam de questões semelhantes, mas onde se observa de forma mais explícita uma atuação intelectual elaboradora e organizadora.

2.1.1.3 Problemas nacionais e soluções: ação orgânica

a) Sugestões para "problemas brasileiros"

Estes temas são paralelos aos citados na tabela anterior, mas a atuação da revista se dá mais no sentido de analisar a situação, trazendo estudos e reportagens sobre os temas sobre os quais quer interferir. A síntese estaria na "situação nacional", que é a forma de tratar dos interesses econômicos dos grupos que buscam a abertura de capital e as privatizações.

TABELA 2: Problemas brasileiros nos editoriais

Tema	Recorrência
Brasil / vários aspectos	51
Educação	11
Saúde pública	9
Saúde	8
Questão agrária	8
Miséria	7
Modelos: Ceará, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina	4
Outros	4
Infância	3
Emigração	2
Profissão	2
Greve	2
Garimpo	2
Questão urbana	2
Total	115

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

Nesse tópico estão as referências da revista ao que deve ser "feito pelo Brasil", os projetos que deveriam ser defendidos por todos, apresentando o que seria correto para "a nação". As reformas neoliberais defendidas no âmbito político são explicitadas, discutindo a educação, mas também outros campos sociais. São abordados temas candentes como a questão agrária, tendo *Veja* um papel relevante na construção de uma imagem negativa do MST. A questão da saúde é bastante ampla, com destaque para a saúde pública, que se refere a diferentes problemas relativos à falta de estrutura pública de atendimento à saúde, bem como epidemias, hospitais, médicos. Sempre que pôde, associou a precariedade da saúde ao que chamaria de "falência do Estado" e da Previdência Social. A miséria e a infância completam o quadro do que *Veja* chama de "social", que pode também ser visto em conjunto com o quadro anterior, ou seja, questões relacionadas ao trabalho.

b) Sistema Criminal e Penal

A violência tem um papel de destaque, porque é também uma forma de manutenção do medo social e é um dos limites absolutos do sistema do capital. Ela pode ser exercida contra mulheres, crianças, ou qualquer grupo social. As drogas abarcam o tráfico e em alguns casos, o consumo. A criminalidade se refere a crimes isolados ou não. Polícia e jogo de bicho completam o quadro como poucas recorrências. As tragédias são tema de interesse jornalístico geral, presentes também nas capas da revista. São temas não previstos, que ocorrem em cima da hora, e que seria do âmbito da imprensa diária, e não semanal, mas quando consegue e tem interesse, a revista os pauta, visando aumentar suas vendas. Mas apresentar "capas quentes" não é o objetivo central da revista.

TABELA 3: Problemas relacionados à violência nos editoriais

Tema	**Recorrência**
Violência	16
Drogas	8
Criminalidade	6
Tragédia	3
Polícia	2
Jogo do bicho	1
TOTAL	36

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

c) Ecologia

TABELA 4: Problemas relacionados à ecologia no editorais

Tema	**Recorrência**
Amazônia	10
Ecologia	9
TOTAL	19

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

Parecem ser importantes esses números, na medida em que correspondem a quase três semanas de cobertura se fossem todas na seqüência. Não estão contados aqui ainda as edições especiais sobre ecologia, ficando claro que o tema tem relevância para a revista.

d) Sociedade Religiosa

TABELA 5: Problemas relacionados à religião nos editoriais

Tema	Recorrência
Religião	7
TOTAL	7

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

2.1.1.4 Sociedade Política Internacional (SPI)

TABELA 6: Questões internacionais nos editoriais

Tema	Recorrência
Comunismo	16
Internacional	11
Globalização e neoliberalismo	11
Argentina	6
EUA	2
Espanha	1
Venezuela	1
Crescimento populacional	1
TOTAL	49

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

No tópico internacional encontramos temas como o terrorismo, guerras, conflitos. Mas há também os modelos políticos a serem seguidos, ou a serem refutados. O modelo explicitado é a "globalização" e o "neoliberalismo". Chama atenção a baixa recorrência de países latino-americanos. Aqui estão também todas as recorrências, diretas ou não, ao sistema comunista. De fundo trata-se do tratamento dado à chamada "nova ordem mundial".

2.1.1.5 Sociedade do Espetáculo e Indústria Cultural (SEIC)

Esse é um tema essencial para compreender a atuação da revista. O peso dessas questões no processo histórico vivido é tal que tem maior incidência que as questões internacionais, por exemplo.

TABELA 7: Questões culturais nos editoriais

Tema	Recorrência
Comportamento	17
História (diversos)	16
Personalidade	11
Esportes	9
Religião	7
Mulher	6
Televisão	4

Carnaval	3
Cinema	3
Língua	2
Cultura	2
Internet	1
TOTAL	55

FONTE: Carta ao leitor de *Veja*, 1989 a 2002

Esta tabela sofre um certo desvio porque em muitos casos nos quais a revista fala "sobre si mesma", as reportagens são vinculados ao espetáculo. Por exemplo, ao falar da capa sobre modelos fotográficas, a ênfase foi a tecnologia digital e as dificuldades para montar a capa, constando portanto na tabela anterior.

Em conclusão, podemos afirmar que o principal tema da revista *Veja* nas Cartas ao Leitor é "o Brasil", indicando para a indicação de necessidade de intervir nas questões nacionais. A tabela abaixo busca demonstrar a recorrência da totalidade das cartas ao leitor.

TABELA 8: TEMAS TOTAIS DA CARTA AO LEITOR

TEMA	**Recorrência**	**PERCENTAGEM**
Questões relacionadas à *Veja*	152	21,25
Questões e problemas nacionais (SPN)	436	60,98
Questões culturais (SEIC)	78	10,90
Questões internacionais (SPI)	49	6,86
	715	100,00

FONTE: Levantamento da Carta ao leitor de *Veja*

As questões nacionais são portanto o tema principal dos editoriais de *Veja*. Elas demonstram que a revista teve como foco de suas atenções diversas questões nacionais em debate. Ao longo do tempo, ela se esforçou permanentemente para estar participando e pautando a agenda nacional, sempre que possível se colocando à frente dos fatos. Analisaremos como isso se estabeleceu, quais os projetos e sujeitos foram defendidos, bem como seus interesses de classe, nos capítulos seguintes. As questões culturais são bastante abrangentes, englobando uma quantidade grande de temas que também podem ser encontradas nos comentários sobre as reportagens (sobre *Veja*). Elas dão a sustentação para a criação do "mundo do espetáculo" que a revista buscará que sirva como objetivo de vida premente de seus leitores. Confirma-se a baixa relevância dos temas internacionais para a revista, com apenas 6,85%. Dentre esses ainda se destacam aqueles dizem respeito aos modelos políticos e econômicos a serem praticados: globalização, neoliberalismo, Estados Unidos, Espanha. A percentagem das vezes que a revista tematiza a si própria é elevada (21,25%), sendo superior

às questões internacionais e culturais juntas (17,76). Essa percentagem indica que *Veja* realmente se atribui uma grande importância, 1/5 das Carta ao leitor reforça os laços entre o editor e o leitor, o que é fundamental para afirmar a existência do "sujeito / Veja".

2.1.2. As funções de *Veja*: se estabelecendo enquanto "sujeito"

Os editoriais nos dizem muito sobre a forma com que a revista quer ser "vista", e contribuem para que ela se constitua em efetivo sujeito político. A Carta ao leitor é um espaço de consolidação desse papel, agregando noções como a de Quarto Poder, responsabilidade social e opinião pública, que permitem naturalizar esse "sujeito / Veja", buscando ocultar os interesses aos quais a revista se vincula. Esses elementos permitem ocultar a existência da *ação partidária* da revista. Há que distinguir os reais sujeitos ocultados no uso da expressão VEJA, mas igualmente importante, esse uso tem um peso enorme para o convencimento da existência desse sujeito, alimentando novamente os preceitos liberais, concepção que o senso comum entende como a natureza da imprensa e que a própria revista ajuda a disseminar. Portanto, a revista necessita utilizar noções liberais permanentemente para "criar-se como sujeito", apagando com isso sua *ação partidária*.

A análise quantitativa possibilita que se apontem as permanências importantes no seu conjunto. Por se tratar da fala "oficial" da revista, permite que se busque o sentido mais amplo das recorrências discursivas que ao leitor esporádico passariam desapercebidas. O principal artifício que *Veja* se utiliza para "desaparecer" enquanto portadora de intencionalidades próprias, de interesses sociais e de frações de classe é a sua auto-definição enquanto um "sujeito", escondendo ser interveniente no próprio processo político que, como demonstrou a análise dos temas dos editoriais, é o eixo de sua ação. Para isso se coloca como defensora de uma "missão" e de uma dada "responsabilidade"; se atribui a função de "vigilante"; se coloca como portadora da "verdade". É sob essas bases que se coloca a revista *Veja*, ocultando sua ação concreta partidária. Essas posições serão melhor compreendidas a luz dos tópicos: a construção do sujeito; o fato de ser uma revista semanal; a sua "função" diante da história; o uso da "opinião pública"; a manipulação editorial ocultada na "excelência jornalística".

2.1.2.1 A criação do "sujeito VEJA"

Veja busca uma homogeneidade em torno de si, criando um "sujeito" como forma de negar os conflitos que porta. Esse sujeito aparece como homogêneo, e envolve tudo o que for publicado pelos seus jornalistas e editores. O editorial é o lugar preferencial de criação de *Veja*, ocultando os interesses que encerra. Esse "sujeito" incorpora o que já definiu como função da imprensa no geral, mas estabelece suas especificidades. No editorial, o editor deve sumir e dar lugar a *Veja*. Ela é sempre tratada pela terceira pessoa: ou é VEJA, sempre em maiúsculas, ou "a revista".[190] O editor fala em nome dela, dos editores, repórteres, fotógrafos, gráficos e outros profissionais. Todos, no seu trabalho, devem falar e mostrar o "pensamento" da revista, como nos exemplos:

> VEJA noticia os fatos com objetividade, opina com isenção e mantém sua postura de independência e está interessada tão-somente em buscar a verdade.191
>
> VEJA não faz campanhas nem age com a intenção de denegrir instituições.192
>
> VEJA não pretende ter respostas definitivas sobre as questões éticas embutidas nessas reportagens. O que a revista quer é informar o leitor sobre os fatos, o contexto em que se deram e quais as suas implicações.193
>
> Um dos objetivos centrais de VEJA é dar a seus leitores o maior número de informações relevantes, organizadas de forma que a leitura seja a mais proveitosa possível.194
>
> VEJA vem se esforçando para explicar o imbróglio de forma didática.195

Segundo esse "sujeito / Veja", ela ao mesmo tempo noticia e é o exemplo de objetividade, buscando "a verdade", mesmo que isso seja expressão de opinião, pois ela mesmo diz que o seu "fato" é "contextualizado", "colocado numa perspectiva". O mais importante a ressaltar é a sua alegada "independência". Diz que, por ser semanal, tem o direito de selecionar, "repassando" o "melhor" dos fatos, sempre pelos seus próprios parâmetros. Para isso, se utiliza de uma potente arma, que é a apresentação didática, que **troca tudo em**

---

[190] O mesmo se observa com relação às reportagens. Mesmo quando há assinatura do jornalista ou editor, o texto é colocado como intervenção da revista, e não do jornalista.
[191] O jogo sujo da retaliação. Veja, Carta ao leitor. 15/7/1992, p. 13.
[192] Resposta ao general Tinoco. Veja, Carta ao leitor. 6/11/1991, p. 17.
[193] Notícias e implicações éticas. Veja, Carta ao leitor. 23/4/1997, p. 7.
[194] As novas seções de VEJA. Veja, Carta ao leitor. 20/5/1998, p. 9.
[195] Conto e ensaio sobre títulos. Veja, Carta ao leitor. 26/3/1997, p. 7.

miúdos, **simplifica** a realidade. Ao mesmo tempo, propõe que "passa" algo "rico, denso, interessante". Como um "bom professor", ela diz ajudar "seus leitores" a "entender" o que se passa, estabelecendo que o leitor não teria interesse e talvez capacidade de ler o fato na sua complexidade, o que está sempre presente:

> Entre seus principais papéis está o de contar os fatos colocando-os em perspectiva e dentro de um contexto objetivo.196
>
> Seu objetivo é oferecer ao leitor um panorama cada vez mais denso, rico e interessante do que anda acontecendo em nosso admirável mundo novo.197

Esse mundo ao que parece, ocorre para além da intervenção do leitor de *Veja*, pois esse deve sobretudo observar (ver), sabendo sempre que a revista se esforça para simplicar as coisas, torná-las "mais interessantes". Aponta-se para a criação de uma visão de mundo, uma interpretação sobre a história. Mas antes, a distinção entre o que a revista "permite ver", que a qualificaria em relação aos demais veículos da imprensa.

2.1.2.2 Ser semanal: hierarquizando a imprensa diária

Veja busca se credenciar como mais qualificada em relação ao restante da grande imprensa pelo fato de ser uma revista semanal. Isso lhe daria maior possibilidade de síntese, não apenas na alegada busca de um "resumo da história", mas também no sentido da seleção dos fatos mais relevantes. Ela reitera sua inspiração na revista norte-americana *Time*. Segundo a revista brasileira, ela é "*um modelo inclusive para VEJA, mesmo porque o próprio conceito e o formato de uma revista semanal de notícias foram inventados por Henry Luce, o criador de* Time*"*.[198] Ela teria como função retirar do leitor o incômodo de ter que ler jornais todos os dias, visto que na "vida moderna", não sobraria tempo para esse tipo de "luxo", atribuindo-se então o direito de fazer a seleção:

> A missão central de uma revista semanal de informação é avaliar, selecionar e repassar aos leitores de forma inteligível as novidades que pipocam no Brasil e no mundo.199

---

[196] Além do nevoeiro da crise. Veja, Carta ao leitor. 9/9/1998, p. 9.
[197] O admirável mundo novo. Veja, Carta ao leitor. 22/4/1998, p. 7.
[198] Jornalismo de VEJA investigado por Time. Veja, Carta ao leitor. 26/2/1992, 1223, p. 15.
[199] O admirável mundo novo. Veja, Carta ao leitor. 22/4/1998, 1543, p. 7.

Afirma-se que o texto não se detém a relatar - como se fosse isso que a imprensa diária fizesse - mas sim a "colocar ordem nas coisas"; mais que isso, colocar as coisas em uma ordem de importância. Essa ordem é dada pela própria revista, que teria um sensor que captaria quais as "mudanças" que "realmente importam" na sociedade (da qual se auto-exclui). Essas mudanças, vistas pelo seu "binóculo", deveriam servir de guia para os demais "membros" da sociedade pautarem suas vidas. Essa visão se completa assim:

> A função de uma revista semanal de notícias é aprofundar a apuração, oferecendo ao leitor a moldura em que o [fato] ocorreu, o panorama histórico, as implicações imediatas e de longo prazo para a situação política (...) Mostrar como as pessoas agem de uma certa forma é outra das funções do jornalismo. (...) Não basta contar os fatos. É preciso tentar entendê-los.[200]

Veja se coloca como capaz de permitir ao leitor estar em dia com as tendências que "realmente importam", colocando-se como intérprete, também no campo "comportamental". Para isso, os seus "olhos" permitiriam "ver" de outra forma:

> Uma revista semanal de notícias não é um mero relato da semana que acaba de passar. É preciso **hierarquizar as notícias**, dando atenção maior aos fatos mais significativos que aconteceram no Brasil e no mundo. Uma revista semanal é feita, por fim, de um **outro tipo de notícia**. É o que ocorre nas reportagens que buscam detectar mudanças na sociedade, tendências de comportamento. Aí é necessário **inverter o binóculo, olhá-lo ao contrário**, como que, a partir de um fato específico, apresentar um panorama maior.[201]

Jorge Freitas chamou atenção para o nome da revista, diretamente vinculado ao "olho" que "vê":

> O imperativo afirmativo do verbo VER, utilizado como título da revista Veja, significa não uma ordem, uma determinação, mas um convite, uma exortação aos leitores para que cumpram a ação indicada, através do olhar, assim eles deverão informar-se sobre o que se passa no mundo. (...) Veja propunha, no olhar, um ponto de vista de Veja, na tentativa de repetir o itinerário da sombra à luz, proposto por Platão.202

---

[200] Contar e entender notícias. Veja, Carta ao leitor. 15/11/1998, 1418, p. 33.
[201] Notícias de perto e de longe. Veja, Carta ao leitor. 2/3/1994, 1329, p. 17.
[202] FREITAS. Jorge Roberto Martins. *A entrevista nas Páginas Amarelas da revista Veja*: a imagem do milagre econômico sob o ponto de vista do primeiro newsmagazine brasileiro. Dissertação de Mestrado, Comunicação UFRJ, 1989, p. 2.

Também o autor diz que a prática de comunicação posta em prática pela revista a partir de seu nome "*se insere no campo das tecnologias de disciplina e vigilância, regulando-se pelo ideal 'panóptico', do olho que tudo vê, ou pelo olhar de sobrevôo*".[203] E como estamos percebendo, esse olhar é sempre seletivo. É tão forte essa imagem que a revista criou um logotipo em que diz ser "*os olhos do Brasil*".[204] Na figura, o olho está no centro do círculo da bandeira brasileira, reafirmando a idéia de que ela seria quem melhor seria capaz de "ver" a realidade nacional.

As mudanças são propostas como novidades, não processuais. Há o apagamento da ação humana, ou melhor, a ação é apenas observada, ela não tem explicação externa, pois não se busca entender o "porquê", apenas o "como". Há um claro caráter político nessa forma de se colocar por parte da revista, se dizendo mais capaz de explicar a complexidade do real:

> Quem acompanha o noticiário diário sobre política e economia pode ficar com **impressão** de que o Brasil não muda. (...) Mas, ao se afastar um pouco do **noticiário cotidiano, fragmentado e superficial**, é possível perceber que, sim, **há modificações em curso no Brasil**. Com idas e vindas naturais, com testes e reformulações, com negociações e provas de força, com ziguezagues, é certo, mas as **mudanças estão ocorrendo.**[205]

Essa fala tem o sentido de dar irrestrito apoio às reformas do Estado, especialmente da Previdência Social, intentadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Nos interessa por ora destacar a função explicitada, de perceber as mudanças onde pode parecer que elas não existem, com um tom altamente otimista, induzindo a uma forma de se posicionar. A revista se coloca então como divulgadora das efetivas "mudanças sociológicas", que seriam "naturais", e não fruto das correlações de forças sociais. O mesmo sentido tem sua fala contra os "pessimistas":

> Há várias maneiras de **observar** o Brasil. Pode-se **escolher** o lado nevoento em que juízes são chamados a explicar seu enriquecimento suspeito e pede-se a ministros que devolvam o dinheiro público gasto em viagens de lazer. Outra **opção** é olhar para um aspecto do país que **sempre surpreende**. Nesse caso, a sua capacidade de resistência e de recuperação econômica.[206]

---

203 Idem, p. 16.
204 Ver tabela 10.
205 As mudanças estão acontecendo, sim. Veja, Carta ao leitor. 21/2/1996, 1432, p. 17.
206 O país que sempre surpreende. Veja, Carta ao leitor. 19/5/1999, 1598, p. 9.

A política e a economia são reduzidas a uma questão de opção de ponto de observação. Como o "olho de *Veja"* veria na "melhor perspectiva", ela aproveita para retirar atenção dos problemas nacionais, da corrupção, enfim, do pessimismo com relação ao processo político. E, algo recorrente, se coloca como portadora do que seriam os desejos do grande sujeito "Brasil". De acordo com esta fala não seriam os homens e mulheres que agem, mas "o país". Neste mesmo editorial, informa a abertura de uma nova seção, apresentando mais uma de suas funções, características de "ser semanal", que seria "ser útil":

> Um dos objetivos de VEJA, o de dar aos leitores informações organizadas de forma que a leitura seja a mais **útil** possível, é reafirmado nesta semana com a estréia de uma nova seção: VEJA Recomenda. Nela, os editores da revista vão fazer a indicação de um livro, um filme, um disco ou programa de televisão que consideram imperdíveis. A idéia é apresentar sugestões de obras que **sejam realmente proveitosas** e **não apenas dar opinião** sobre elas.[207]

Ao dar maior importância à cultura, a revista diz se colocar acima da própria opinião. O seu texto, a sua resenha, quer ser entendida como a mais proveitosa de todas, portanto, portadores da verdade. Para completar, agrega-se o propósito da intimidade com leitor:

> Afora noticiar e comentar os fatos que ocorrem a cada semana, acontecimentos que desfilam sua obviedade à frente de todos, VEJA tira suas reportagens de um manancial **mais útil**. A revista procura **assuntos novos**, que ainda não caíram no colo dos jornais e da televisão pela força da gravidade. São temas que só aparecem se alguém **puxar um fio da meada oculta** para apresentá-la ao público, **aberta e desvendada**.
>
> É, no conjunto, uma revista mais vibrante para **fazer companhia a você** nesta semana.[208]

Ao dizer ser mais apropriada para pautar o "que realmente importa" traz também a disputa com a imprensa diária, o que estaria nas várias críticas a programas televisivos feitos pela revista, contra os quais argumentava ter explicações mais complexas. Em dado exemplar, o editor diz: "*Se esta edição de VEJA fosse lida na televisão, o apresentador se estenderia pelo tempo equivalente ao de dez telejornais de meia hora de duração cada um, sem intervalos comerciais*".[209] E além desse sentido de informar melhor, ser mais profunda e capaz

---

207 Idem.
208 Além da notícia. Veja, Carta ao leitor. 7/4/1999, p. 7.
209 A ponta do iceberg. Veja, Carta ao leitor. 16/12/1998, p. 9.

de perceber os fatos estruturais mais importantes, dizendo que "não abre mão" de deixar os leitores inteirados dos fatos "realmente importantes".

O caráter fortemente comercial da revista faz com que ela publique edições extras especiais não previstas, em disputa direta com a imprensa diária. Trata-se das suas "edições extras", que ocorreram na morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek, na escolha de Ernesto Geisel para a presidência, no impeachment de Collor e na morte de Ayrton Senna.[210] São fatos altamente comercializáveis. Ela assim se justificou quando da edição extra pela morte de Senna: "*VEJA acredita que manteve seu* ***compromisso com o leitor*** *– o de publicar as notícias de maior impacto imediatamente, custe o que custar*",[211] o que só é possível pelo seu avançado parque gráfico, como ela explica reiteradas vezes. Também a tecnologia é usada para amalgamar sua "superioridade editorial", em nome do que seria o seu "compromisso", leia-se, "a verdade", sempre parcial mostrada como "o que realmente importa".

2.1.2.3 A missão da imprensa: rascunhar a história e publicar "apenas" as notícias "dignas de serem publicadas"

Reiteradas vezes o editor defende princípios próximos à noção de "responsabilidade social",[212] sintetizada no seu alegado "compromisso com o leitor". Segundo os editoriais, sua função iniciaria em vigiar os fatos: "*a imprensa, inclusive a internacional,* ***está de olho*** *no assunto*".[213] Não importa que o ato de observar não pressuponha uma ação posterior, pois pode-se observar e ficar parado, sem fazer nada posteriormente. É como se desejasse do leitor a inércia. Esse ato se completa com a investigação, que é a intervenção da imprensa:

---

210 Não tratamos aqui das Edições Especiais, que abordam temas, como: Crianças, Mulheres, Amazônia, Saúde, Vida Digital, Seu Dinheiro, Como Fazer o Bem, porque essas são planejadas com antecedência.
211 A edição só para as bancas. Veja, Carta ao leitor. 14/5/1994, p. 13.
212 Essa teoria, contextualizada no capítulo anterior, "entre outras coisas, recomendava que a imprensa deveria proporcionar 'um relato verdadeiro', completo e inteligente dos acontecimentos diários **dentro de um contexto que lhes dê significado'**." Eliel Abel. Hutchnis revisitado: trinta e cinco anos da teoria da responsabilidade social, in. Robert Schmuhl (org.) As responsabilidades do jornalismo – as questões de ética no país de maior liberdade de expressão. Rio de Janeiro, Nórdica, 1987, p. 54. Grifos do autor. Apud: MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo em "tempo real": o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002, p. 57. Perceba-se que a expressão grifada é uma das idéias chave defendida nos editoriais de Veja. Segundo Freitas, esta doutrina foi "expressa pela revista Veja, seguiu a orientação pragmática do mundo moderno". (op. Cit., p. 97.)
213 A Justiça deve dar o bom exemplo. Veja, Carta ao leitor. 1/5/1996, p. 29.

> É função da imprensa **descobrir** casos de corrupção.[214]
>
> A imprensa existe para **contar** e **explicar** o que está acontecendo.[215]
>
> A missão da imprensa é **buscar a verdade**, apurando os fatos com rigor.[216]
>
> É missão da revista buscar também a **notícia exclusiva**, apresentando-a num **contexto** maior, **delineando** suas **implicações.**[217]

Se ao observador cabe ficar parado, a descoberta deve ser encarada como a expressão da verdade, subentende-se. Ao fazer isso, a imprensa estaria na sua função deontológica, ou seja, cumprindo um serviço:

> Foi a imprensa, **cumprindo um serviço** inestimável ao país, que mostrou as proporções inacreditáveis a que chegou o assalto ao Estado.[218]

Mas, ela deve fazer isso também com o sentido de levar a uma ação concreta "da sociedade" (que não inclui a si própria). Ao mesmo tempo, enuncia que assume um posicionamento diante dos fatos:

> A tarefa de revistas e jornais é **noticiar o que está acontecendo**, contribuindo para que, através da informação e do debate, **a sociedade escolha as melhores opções**.[219]
>
> É função da imprensa **contribuir para os debates** dos problemas nacionais, apresentando a sua real dimensão.[220]
>
> A imprensa **serviu de alarme**, a Polícia Federal desvendou as ramificações do esquema (...) a Câmara Federal decidiu pelo afastamento do presidente. Nas ruas, **os brasileiros** expuseram em alto e bom som o que pensam dos corruptos.[221]
>
> Não é função da imprensa derrubar, indicar ou nomear ministros. Ela deve tão-somente **relatar os fatos, analisá-los, criticá-los e opinar** a respeito deles.[222]

A constatação é de que a imprensa tem uma função e que essa, na maioria das vezes, é mostrada como uma missão. Uma missão pode simplesmente ser uma incumbência de

---

214 A imprensa e a maré da corrupção. Veja, Carta ao leitor. 24/7/1991, p. 15. Todos os grifos em **negrito** daqui até o final desse capítulo são meus.
215 Lição de democracia. Veja, Carta ao leitor. 30/9/1992, p. 4 e 5.
216 Depoimento que não se pode ignorar. Veja, Carta ao leitor. 27/5/1992, p. 15.
217 O leitor de VEJA sabe antes das notícias. Veja, Carta ao leitor. 6/3/1996, p. 17.
218 A tragédia dos grandes problemas. Veja, Carta ao leitor. 16/9/1992, p. 17.
219 Caminhos para o ensino básico. Veja, Carta ao leitor. 20/11/1991, p. 31.
220 Com informações o debate melhora. Veja, Carta ao leitor. 10/7/1991, p. 15.
221 Chegou a hora da verdade. Veja, Carta ao leitor. 30/9/1992, p. 17.
222 Os olhos e ouvidos do presidente. Veja, Carta ao leitor. 8/12/1992, p. 17.

"informar", como pode trazer em si um caráter doutrinal, como que enviando aos incautos "palavras de boa fé". Esses dois elementos estão presentes na definição, pois ao mesmo tempo em que "noticia", "dá a real dimensão" dos acontecimentos. Ela não se confunde com os demais atores sociais, ela "presta um serviço" ao conjunto da nação, portanto, ela é importante, e como tal deve ser reconhecida. Esse serviço seria o desvendamento de fatos escondidos, obscuros. Para fazer isso, ela deve se colocar de fora dos acontecimentos, deve "ficar de olho", "dar o alarme". Assim, os outros setores desse complexo "harmônico" que, segundo ela, seria "a sociedade", cumprem suas funções e "fica tudo como deve ser". Ela, a imprensa, se coloca na posição de sempre "contar" o que está acontecendo, como um sujeito externo e neutro, que simplesmente observa.

Assim, *Veja* se propõe a contribuir para o debate dos problemas nacionais. Não se assume enquanto parte diretamente interessada nisso, mas como um ente capaz de dar a "real dimensão dos fatos", ou seja, "a verdade". É a partir dessa verdade que a "sociedade" (da qual ela busca discursivamente se auto-excluir) poderá buscar as "melhores opções", podendo até expor nas ruas em "alto e bom tom o que pensa". A sua versão é colocada como imbatível, visto que "o fato" não é desmentido. Um exemplo disso foi a quantidade de comentários e contestações sofridas pela revista quando, às vésperas das eleições presidenciais de 2002, publicou uma reportagem contra o candidato Luis Inácio Lula da Silva. Na edição seguinte o editor comentou que

> A reportagem *O que querem os radicais do PT* motivou um número recorde de cartas dos leitores. Foram 964 comentários. VEJA gostaria de registrar com orgulho que a reportagem não mereceu um único **reparo factual** dos leitores que escreveram contra ou a favor de sua publicação.[223]

Nos interessa neste momento ressaltar o sentido de entificação dessa imprensa, que aparece como um ser capaz de captar a realidade, desvinculado dos interesses e conflitos sociais. A supremacia do "fato" pode ter uma relação direta com o "caráter missionário" da imprensa, como mostra Sylvia Moretzsohn:

> Os princípios básicos do jornalismo baseiam-se na idéia de 'esclarecer os cidadãos', relacionada a critérios de objetividade que dizem respeito ao suposto poder de 'verdade' contido nos próprios fatos. Embora muito criticada, essa idéia sobrevive ainda hoje, não apenas nos manuais de redação, nas declarações de princípios dos

223 A utopia real. Veja, Carta ao leitor. 30/10/2002, p. 9.

> jornais e mesmo em alguns estudos acadêmicos, mas também em documentos que pretendem pontificar sobre a humanidade como um todo: em 30/5/2000 o Vaticano divulgou texto no qual apontava o jornalismo como nada menos do que uma profissão sagrada.[224]

Ou seja, os próprios órgãos de imprensa tentam colocar para si o que seria uma função, algo acima dos conflitos sociais. Por essa perspectiva não se trataria de uma versão, nem se teria intervenção na realidade no ato de narrá-la. Sintetizando, ela **busca a verdade** e dá a ela sua **real dimensão**. Essas questões aparecem em um editorial em que a revista rebate um discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, realizado na Universidade Stanford, Califórnia:

> Segundo o presidente, numa democracia de massas, essa revitalização tem de levar em conta o papel dos meios de comunicação. 'O risco, nos meios de comunicação de massa', disse Fernando Henrique Cardoso, 'é o de simplificar os fatos, de valorizar a parte em detrimento do todo, a frase em prejuízo do texto, a versão em prejuízo do fato real, a imagem em detrimento da argumentação e, principalmente, o destaque, em qualquer acontecimento, do aspecto particular que tem 'impacto', em vez de demonstrar o processo que levou a ele.225

O editor estabelece um debate com Fernando Henrique Cardoso, classificando-o como utópico. Deixa claro que está atento para os problemas colocados pelo presidente, mas diz que tem sobre eles uma percepção "mais verdadeira", que seria "calcada na realidade":

> No plano das idéias, o alerta do presidente para a imprensa **está correto**. No plano prático, contudo, a plataforma de Fernando Henrique para a imprensa é **utópica**. Se não, vejamos. Sim, simplificar os fatos muitas vezes é adulterá-los. Mas **tornar simples o complexo, trocar em miúdo questões incompreensíveis para o leigo**, é uma das **missões** da imprensa. Sim, ao valorizar a parte em detrimento do todo, pode-se perder o todo. Mas, às vezes a **parte serve de resumo, de símbolo para o todo**. Sim, uma frase, isolada pode mudar de significado quando colocada fora de contexto. Mas como fazer uma manchete, um título, uma capa de revista, se não for com frases curtas, para **anunciar** o que está no texto? Sim, o real deve sobrepor-se às versões. Mas **não há realidade que não nasça de versões** – e até de versões díspares. Sim, a argumentação é importante, mas no mais das vezes cabe à imprensa esforçar-se para apenas **apresentar os fatos**, para que o leitor chegue às suas próprias conclusões. Sim, 'impacto' pode ser disfarce para sensacionalismo. Mas, sem impacto, como **atrair a atenção do leitor** para **questões vitais**?
>
> Os riscos apontados pelo presidente existem. Não há profissional da imprensa, de boa-fé, que não tente obter o **justo balanço** entre os objetivos colocados por

---

224 MORETZSOHN, op. cit. P. 55.
225 A imprensa entre a utopia e o real. Veja, Carta ao leitor. 20/3/1996, p. 27.

> Fernando Henrique Cardoso e as inseparáveis **realidades e premências do cotidiano.**[226]

A revista assume o que seria a "missão da didatização", na perspectiva simplificadora da realidade. Ela desloca a possibilidade de uma imprensa preocupada com a complexidade dos fatos para o campo da utopia, da impossibilidade efetiva de ocorrer. Quando se colocam questões mais polêmicas, como a da versão, ela constata, e pronto, não há questionamentos. Não se esclarece o que entende por "*justo balanço entre preocupações complexas e realidade do cotidiano*", deixando-nos entender que no "cotidiano", por ser mais "simples", não haveria espaço para toda a complexidade do real. Trata o leitor como um ser incapaz, desinteressado, inerte, ao qual caberia a ela despertar, simplesmente, resumindo o mais importante, "poupando tempo e trabalho". Além disso, é importante que se ressalte, o que a revista apresenta não são "quaisquer questões". Segundo ela, são questões **vitais**, portanto, as que realmente importam, relegando ao esquecimento tudo o que estiver fora dessa narrativa.

O que a revista não expressa nessa sua intenção didática é que ela implica em apagar o que foi descartado pelo simples desconhecimento dado pela "desinformação" que induz a uma interpretação própria da história.[227] Não é a toa que *Veja* diz, citando Phil Graham ex-diretor do *Washington Post*, que

> A imprensa faz o **primeiro rascunho da História**. Esboço que, no futuro, historiadores poderão usar para compor um **quadro mais preciso.**[228]

Segundo essa concepção, ela não faz uma interpretação sobre a história, muito menos faz parte da história. É apenas uma prestadora de serviço que resume, de forma "crítica, opinativa e real", os acontecimentos, ainda que reconheça que essa história precise ser "passada a limpo". Isso nos faz lembrar do *Projeto Folha*, para o qual o jornalismo é um "*relato taquigráfico da história*".[229] Trata-se da imprensa assumindo para si a responsabilidade de sedimentar a realidade, como percebeu o jornalista José Arbex Jr: "*na memória coletiva, as suas imagens dos eventos*", estabelece-se a possibilidade de "*crise da memória*", na medida em que a memória que fica é essa, produzida pela mídia,

---

226 Idem.
227 Idéia desenvolvida por Ignácio Ramonet em A tirania da comunicação. Petrópolis, Vozes, 1999.
228 Primeiro esboço para a História. Veja, Carta ao leitor. 12/2/1997, p. 7.
229 Projeto Folha. Disponível em: http://www1folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc170806.htm

> A convivência da amnésia com a memória é o mecanismo fundamental do jogo praticado pela mídia – a qual, basicamente, constitui um imenso banco de dados que, aparente paradoxo, aposta permanentemente no esquecimento como condição básica para apresentar o 'velho', o 'já visto', como 'sempre novo'.[230]

Veja diz estar selecionando "o que realmente importa lembrar". O que não é selecionado é levado para o lugar do esquecimento, e só aparecerá quando ela o trouxer, da forma que considerar melhor. É a dimensão pedagógica do seu discurso, na medida em que está consciente de que diferentemente das paginas dos jornais, as suas têm vida longa, circulam por salas de aula e consultórios médicos. E aqui o que está escrito quer ser sinônimo de verdade histórica. É por isso que à *Veja* se aplicaria o slogan do *New York Times*: todas as notícias dignas de serem publicadas, ficando como um simples detalhe a decisão do que é ou não "digno de ser publicado".

Em 1998, *Veja* completou 30 anos de existência, e "*para comemorar a data, a Editora Abril, que publica a revista, promoveu em setembro uma recepção em São Paulo para 400 convidados, entre os quais* ***o presidente Fernando Henrique Cardoso***". Além de demonstrar prestígio, foi publicada mais uma edição especial, como um presente àqueles que "não puderam participar do jantar":

> Agora, chegou a vez de você, leitor, participar da comemoração. Junto com VEJA dessa semana, assinantes e compradores em banca estão recebendo uma revista à parte, uma edição que faz um **mergulho na História** dos últimos trinta anos. São 148 páginas que **mostram os fatos e as mudanças mais significativos** desse período por meio do que a revista publicou sobre esses assuntos. Pequenos textos de leitura rápida e agradável, condensados das reportagens originais de VEJA, permitem observar o quanto o mundo mudou nestas três décadas.[231]

É interessante observarmos o que a revista avaliou dever publicar nos seus 30 anos, ou seja, o que ela selecionou como os fatos mais relevantes desse período:

> A chegada do homem à Lua, o fim do comunismo, a Aids e a Internet são apenas alguns exemplos das mudanças dramáticas pelas quais a humanidade passou nesse período. No Brasil, as transformações foram ainda mais impressionantes. A **TV em cores**, o **computador**, as **viagens de avião** para a classe média, o **shopping center**, o **Big Mac**, tudo isso tornou parte da rotina de um país em que, até trinta anos atrás,

---

230 ARBEX JR, José. Showrnalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo, Casa Amarela, 2001, p. 37-8.
231 Brinde aos leitores. Veja, Carta ao leitor. 21/10/1998, 1569, p. 7

> a maioria da população vivia no campo e não tinha acesso à energia elétrica nem à água tratada.[232]

São essas as grandes mudanças reconstituídas por *Veja*, apontando para o mundo do consumo e da criação de necessidades, ressaltando sempre o seu caráter de atualidade com as mudanças do mundo. Ela busca passar o sentido de estar sempre certa sobre as opções a serem tomadas pelos seus leitores, apontando as tendências mundiais (que aparecem como inexoráveis). Para "deixar o leitor em dia" sua fonte preferencial é a própria imprensa:

> VEJA assina 45 jornais e revistas diferentes, em cinco idiomas, para saber o que se passa pelo mundo afora, seja na área de ciência, seja na de moda. As agências de notícias, o telefone, o fax e o correio despejam, sem parar, dados, dicas, palpites e denúncias. A cada semana, a redação recebe cerca de 700 cartas dos leitores com comentários, críticas e idéias de reportagens. Semanalmente, mais de vinte artigos de leitores concorrem a um espaço na seção Ponto de Vista. Todas as sugestões são bem-vindas. Não apenas porque, em algumas delas, estão as pistas para boas reportagens. Mas igualmente, porque é um orgulho para a revista que ela seja encarada pelo leitor como um canal para as suas sugestões e idéias.[233]

Também na edição final de 2000 a revista "presenteia" o leitor com duas revistas:

> A primeira reúne 100 fatos significativos do ano 2000, enriquecidos por dezesseis artigos de fundo com reflexões sobre períodos históricos mais longos, na maior parte dos casos **iluminando o futuro**. A intenção de VEJA é voltar aos acontecimentos que estiveram em suas páginas durante e ano que passou, levando em conta, porém, que os movimentos mais significativos da vida humana não podem ser contidos nas barreiras convencionais que usamos para medir o tempo. Muitos atravessam décadas, outros furam séculos inteiros ou até milênios. Para a marcha da História, os limites do calendário nunca foram um constrangimento.[234]

Ao publicar mais um número especial Vida Digital, conclui novamente: "*acreditamos que esta edição dupla apresente um conteúdo jornalístico com densidade e diversidade suficientes para* ***informar e entreter*** *os leitores neste período de comemorações de fim de ano*".[235] A revista fará companhia, informando sobre uma história que "marchará rumo ao futuro", sem definir os sujeitos dessa ação, pois se trata sempre de uma história reificada. E essa visão da história encontra um campo muito fértil das elaborações ideológicas da atual fase desenvolvimento do capitalismo.

---

232 Idem.
233 O que chega a VEJA e o que vira notícia. Veja, Carta ao leitor. 10/4/1996, 1439, p. 21.
234 Idem.
235 A marcha da História. Veja, Carta ao leitor. 27/12/2000, 1681, p. 9.

2.1.2.4 Opinião pública: os interesses "do país", do "Brasil", "da sociedade"

Os padrões de manipulação de um veículo de imprensa como *Veja* não são absolutos, e podem permitir mediação. Mas em muitos momentos são difíceis de serem percebidos. A análise sistemática dos editoriais está apontando justamente para a forma prática como a revista articula referenciais teóricos como o da "responsabilidade social", "quarto poder" e "opinião pública", com uma atuação concreta buscando parecer neutra, ocultando sua *ação partidária*. Está claro o sentido de "responsabilidade social" como prática das estratégias de *Veja*. Ela se utiliza de uma vaga noção de sociedade que não apenas justificaria mas desejaria dela uma ação pedagógica (que é sempre uma forma de ocultar sua ação partidária). E a isso se agrega a função de "quarto poder", pois diz estar "vigiando", expressão do panóptico olho que tudo vê. Uma forma de tornar mais clara a ambigüidade intencional dessa sociedade à qual representa, é observando a manipulação da noção de "opinião pública" de forma genérica.

Genericamente, é nas concepções de "opinião pública" e "sociedade" que *Veja* justifica sua ação, ocultando com isso seus reais interlocutores ou os sujeitos concretos do projeto que defende. Por mais que *Veja* tenha um público específico, ela sempre busca, na sua fala, se justificar em nome "da sociedade", "do país", "do Brasil". Com esse sentido também se utiliza indiscriminadamente da noção de "**opinião pública**" para legitimar as suas temáticas e tomadas de opinião. A essa noção se soma a de "interesse público", de que *Veja* seria portadora, em nome da sociedade brasileira:

> Nos sete últimos meses o país foi mantido em suspense pela história do grampo de altos funcionários do governo envolvidos no processo de privatização da Telebrás. No decorrer desse período, a revista cumpriu **exemplarmente sua função de divulgar informações de interesse público** pertinentes ao caso. (...) A resolução do episódio do grampo, com identificação e punição dos culpados, é uma **exigência da sociedade brasileira**.[236]

Em raros momentos a revista define quem forma e como é formada essa opinião. Nesse editorial, ela aponta: é algo para o qual se deva "prestar contas", seria então uma espécie de fiscalizador ou credor:

> Cada vez com maior nitidez, fica claro que um processo, profundo e devastador, está em andamento: o da erosão de um sistema podre e venal de se tratar das verbas auferidas através de impostos, de se fazer política e de se **prestar contas à opinião**

236 O último capítulo. Veja, Carta ao leitor. 9/6/1999, p. 7.

> **pública**. O processo vem de longe, mas seus marcos mais vistosos foram a CPI que culminou com o afastamento e Fernando Collor da Presidência e, agora, a CPI do Orçamento.[237]

Em segundo lugar, complementa de uma forma muito elucidativa, para não deixar dúvidas do seu papel no processo:

> E a opinião pública, concomitantemente, vai se formando e manifestando. Ela se manifesta nas conversas em casa, nos comentários nos locais de trabalho, nas discussões nas escolas, nos programas humorísticos da televisão, nos debates nas rádios. **O elemento decisivo na formação da opinião pública é a imprensa escrita.** Ao poder, imenso, da imprensa, deve existir uma dose igual, ou maior, de responsabilidade.[238]

Esse texto, de rara clareza quanto ao seu papel, contradiz outras acepções da opinião pública assumidas pela revista em outros momentos, quando ela diz "captar", "pesquisar" o que seria a "opinião" da maioria da "sociedade". Aqui está claro que é ela mesmo quem "formula a opinião" que depois vai distribuir como pública. Nos outros momentos ela usa da "opinião pública" como forma de apoiar projetos, ocultando o seu próprio papel em sua criação, como no caso do lançamento do Plano Real:

> O real saiu-se extraordinariamente bem na sua primeira semana de vida. A nova moeda foi trocada sem atropelo e a população, mais que depressa, aprendeu a usá-la. As pesquisas de **opinião pública** mostram que há uma **boa disposição popular em relação ao plano do governo**, com a maioria das pessoas achando que ele **vai dar certo**.[239]

Ora, se ela, enquanto imprensa, é decisiva para formar a opinião pública, não seria necessário fazer uma pesquisa de opinião pública para saber o que a sociedade pensa, bastaria vermos o que ela considera relevante. Talvez tenha exagerado na clareza do primeiro texto, pois é fundamental valorizar essa cara noção de que existe, como que pairando no ar uma "opinião", que a imprensa apenas "capta", ou ainda um "público", coeso, que pense dessa ou daquela forma e que já tenha se questionado sobre as questões em discussão para poder ter opinião sobre elas. A "opinião pública" tem justamente essa função, de criar a ilusão de que a "maioria" das pessoas tenha refletido, discutido, questionado, sobre um determinado assunto,

---

237 A responsabilidade maior da imprensa. Veja, Carta ao leitor. 24/11/1993, p. 29.
238 Idem.
239 Uma boa semana de estréia. Veja, Carta ao leitor. 13/7/1994, p. 19.

e, conhecedora de suas implicações, resolveu optar por essa ou aquela posição sobre ele, por entender ser a mais adequada ao seu coletivo.[240]

Um exemplo dessa utilização temos na posição assumida por *Veja* quanto à possibilidade de reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso: "*parece espalhar-se na* ***opinião pública*** *a sensação de que se vota na Câmara a possibilidade de conceder um segundo mandato ao atual ocupante do Planalto*".[241] O fato que gerou a discussão foi que o Congresso abandonou a sua pauta normal para, no limite do prazo, conceder ao presidente a alteração na Constituição que lhe permitiria a reeleição. Novamente, a revista explica:

> O que se está discutindo é a possibilidade de Fernando Henrique Cardoso concorrer de novo ao mesmo cargo, submetendo-se ao **voto do povo**. Nas **pesquisas de opinião pública**, a tese da reeleição é majoritária. Há no país uma **tendência** a se considerar que os quatro anos, **nas circunstâncias atuais** e com **o atual ocupante do Planalto**, são **tempo curto demais** para consolidar o clima de estabilidade que o país vem conquistando. Pensa isso o **cidadão comum** que é ouvido pelos institutos. Acha o mesmo **quem analisar** as perspectivas de maciços **investimentos** no país graças à diminuição significativa das incertezas econômicas.[242]

Aqui, *Veja* propõe que quem forma a opinião pública é o **cidadão comum,** ouvido pelos institutos. Ele é uma amostra do que será o **voto do povo**. E diz que a reeleição é necessária, pois **nas circunstâncias atuais**, (leia-se "com um governo tão bom quanto esse"): com "*o* ***atual ocupante do Planalto****, quatro anos são* ***tempo curto demais*** *para* ***consolidar o clima de estabilidade*** *que o* ***país*** *vem conquistando*". Reforça-se a noção da positividade desse governo, segundo ela, bom para todo o país ao "*conquistar a estabilidade*". Por isso, o povo, o cidadão comum, agiria influenciado pela "tendência atual", e, portanto, estaria correto ao querer conceder essa benesse. Aqui se trata da possibilidade de concorrer à reeleição. Mas ela fala como se, efetivamente, se tratasse de já reeleger o presidente em questão, pois o que justifica aceitar a reeleição é que *quatro anos são* ***tempo curto demais*** *para* ***consolidar o clima de estabilidade*** *que o* ***país*** *vem conquistando*. É como se já se tivesse absoluta certeza de qual seria o resultado das eleições que ocorreriam no final de 1998, ou seja, dali há quase dois anos. Para que não sobrasse nem uma sombra de dúvidas, o editorial esclarecia que não se tratava apenas de uma "visão superficial do povo", pois "*acha o mesmo* ***quem analisar*** *as*

---

240 Conforme: BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: Michel J M Thiollent. Crítica metodológica, investigação social & enquete operária. 5a ed. São Paulo, Polis, 1987.
241 Um tabu que pode cair. Veja, Carta ao leitor. 15/1/1997, p. 7.
242 Hora de fechar o bazar. Veja, Carta ao leitor. 9/1/1997, p. 7.

perspectivas de maciços ***investimentos*** *no país graças à diminuição significativa das incertezas*".

Em vários outros momentos a revista usa das "pesquisa de opinião", seja nos processo eleitorais, seja em enquetes sobre violência, religião, ou outros temas. O que parece estar claro é que embora haja um público específico, ela se justifica por se colocar como portadora do que seria o melhor para toda a sociedade brasileira, representada na "opinião pública". Ela fala em nome do que seriam esses consensos, sobre os mais variados assuntos. Os elementos aferidos pela "opinião pública" são positivos, como no exemplo em que a onda de euforia com o plano real contaminaria toda a sociedade:

> No Rio de Janeiro **não é apenas o Real**, bem entendido [que é motivo de otimismo]. A cidade começa a atrair novamente os turistas, que já estavam transferindo-se para as praias do Nordeste, porque há um **sentimento** de que a segurança aumentou nas ruas. O próprio carioca diz isso através de **pesquisas de opinião pública**. No comportamento, reforça essa crença: multidões estão freqüentando as praias da Zona Sul à noite. Não poderia haver coisa melhor para os moradores da cidade – e é um **excelente indício para o resto do Brasil.**[243]

Assim, um dado concreto que é o nível de segurança, ou ainda, a freqüência de pessoas em um dado local, é transformado em sentimento, que mostra como "as pessoas" estão mais tranqüilas e otimistas. Com isso se confirma sua tese de que "*o Brasil, basta* ***olhar para ver****, tem um potencial fora do comum*". Esse potencial estaria dado pelo sucesso do Plano Real e pela volta dos cariocas às suas praias, e lá está a "opinião pública" para não deixar *Veja* sem fontes argumentativas, basta "*olhar para ver*":

> Há motivos para confiança num país capaz de reação tão forte. **O Brasil estava sem pilha** até meados do ano passado. Bastou que se colocasse um pouco de ordem na economia que veio a resposta positiva em todos os setores. O turismo de janeiro é apenas o lado praiano desse fenômeno. As indústrias estão produzindo no gargalo, o comércio atravessa um período de febre e o bolso do cidadão anda mais abastecido. Nesse ritmo feliz, vai-se sedimentando a impressão de que as coisas são mais fáceis do que pareciam há apenas um ano e que o Brasil tem tudo para **chegar lá** bem depressa.[244]

A pesquisa mostraria o clima de otimismo: período de febre, bolso mais abastecido, ritmo feliz, as coisas mais fáceis. Tudo isso, levaria "o país", ente necessariamente harmonioso, a "chegar lá". Onde? "A revista" sabe, e aos poucos ela vai informando quais são

---

243 O Brasil invade a praia de janeiro. Veja, Carta ao leitor. 18/1/1995, p. 17.
244 Idem.

os "interesses gerais". Ela joga com aquilo que Freitas chama de sedução que "*decorre da capacidade dos meios de comunicação que nos convencem de estarmos vendo e ouvindo, através eles, a produção coletiva de idéias ou de valores*".[245] E a opinião pública aqui é uma forma clara de fazer crer que é em nome de um coletivo que está sendo colocado em prática um projeto que tem um sentido de classe muito claro e excludente, como discutiremos nos próximos capítulos.

2.1.2.5 Reportagem x edição: espaços de conflito

Outra forma de convencimento que a revista se utiliza, visando provar ao leitor de que seria o melhor veículo de imprensa informativo, é a apresentação do trabalho de seus profissionais, embora isso esteja em flagrante contradição com os poderes de corte das diferentes editorias e do Diretor de Redação. Assim *Veja* ressalta suas reportagens, ocultando sempre os cortes e montagens que a edição faz buscando homogeneidade do texto e do "sujeito" por ela criado, pois ao final sempre quem assume o discurso é VEJA, mesmo em reportagens assinadas:

> A edição especial sobre a queda da monarquia começou a ser preparada há **oito meses**, num trabalho que envolveu **dezenas** de pesquisadores e jornalistas.[246]
>
> Levaram **dois meses e meio** para entrevistar cinqüenta engenheiros.[247]
>
> Para investigar o que é o crack, a dupla trabalhou um **mês inteiro**. Foram **dez noites ou madrugadas**.[248]
>
> Foram **três meses** de apuração e outro mais para escrever as reportagens.[249]
>
> Em pouco mais de dez meses ele leu **uns dez livros** sobre escravidão no Brasil. São livros recentes, alguns deles inéditos e **só lidos por especialistas** no assunto.[250]
>
> Foram três meses de apuração, em que Virginie não só leu as mais de **1000 páginas dos sete volumes** do processo como entrevistou cerca de trinta pessoas.[251]

---

245 Freitas. Op. cit, p. 17.
246 Festejando os 100 anos de República. Veja, Carta ao leitor. 20/9/89, p. 43.
247 Cinqüenta casos exemplares. Veja, Carta ao leitor. 17/2/1993, p. 17.
248 Viagem ao mundo infernal do crack. Veja, Carta ao leitor. 4/5/1994, p. 27.
249 As brasileiras numa edição especial. Veja, Carta ao leitor. 10/8/1994, p. 27.
250 Jornalismo voltado para o passado. Veja, Carta ao leitor. 15/5/1996, p. 21.
251 A notícia atrás das grades. Veja, Carta ao leitor. 14/8/1996, p. 31.

> Costuma passar **horas lendo** revistas especializadas ou navegando pela Internet à procura de pesquisas e notícias, boas e ruins, sobre saúde.[252]
>
> Uma equipe de jornalistas de VEJA vasculhou a região durante quatro semanas. O fotógrafo Claudio Rossi, 34 anos de idade, apertou o botão de sua máquina mais de 2000 vezes, subiu em helicóptero e esbarrou no xerife de Fort Lauderdale.[253]
>
> O trio havia entrevistado 34 pessoas, consultado **dezenove trabalhos acadêmicos e nove livros** sobre o assunto.[254]
>
> Durante uma semana, percorreu mais de 500 quilômetros de selva e conversou com **26 pessoas**, entre executivos das empresas asiáticas, engenheiros florestais, funcionários do governo e ecologistas. Ao retornar à redação, tinha acumulado mais **de 3 quilos de documentos** sobre a atuação das madeireiras na Amazônia.[255]
>
> Há mais de **dez anos**, Eurípedes Alcântara acompanha o que acontece na área das vitaminas.[256]
>
> Leonel, um baiano de 40 anos, entrevistou generais no Recife, no Rio de Janeiro e em Brasília. Também leu uma **dezena de livros** sobre o regime militar e seus personagens.[257]

Além desse trabalho exaustivo, há um grande esforço em ressaltar o caráter informativo da revista, também pela demonstração do trabalho dos seus jornalistas:

> A reportagem sempre foi a alma do jornalismo de VEJA. Ela não se limita, porém, à coleta de informações e à produção de textos e fotos publicados na revista. Essa é apenas parte do trabalho. Tão importante quanto reunir boas informações é apresentá-las de uma forma atraente para os leitores. Para isso, é necessário converter alguns desses dados em mapas, gráficos, tabelas e desenhos que facilitem sua compreensão.
>
> Durante **duas semanas**, percorreram cerca de 5000 quilômetros no Pantanal, de carro, cavalo, barco e avião. Entrevistaram dezenas de pessoas, leram livros e documentos e reuniram uma infinidade de dados a respeito da região.[258]

---

252 Receita de notícias médicas. Veja, Carta ao leitor. 25/9/1996, p. 7.
253 Brasileiros na nova fronteira. Veja, Carta ao leitor. 17/7/1996, p. 29.
254 Stress em capa estressante. Veja, Carta ao leitor. 26/2/1997, p. 7.
255 A floresta em perigo. Veja, Carta ao leitor. 25/6/1997, p. 7.
256 Mitos e lendas das vitaminas. Veja, Carta ao leitor. 28/2/1996, p. 19.
257 Os generais sem estrelas. Veja, Carta ao leitor. 15/12/1999, p. 9.
258 Reportagem em duas frentes. Veja, Carta ao leitor. 2/6/1999, p. 9.

Aponta-se para a efetiva existência de pesquisa, mas cujos resultados nas respectivas reportagens, são submetidos aos interesses editoriais. Há até uma preocupação ao ver que a realidade nem sempre pode ser simplificada como bem entende:

> Para entendê-lo, Sandra preencheu **duas cadernetas** de anotações e entrevistou 32 pessoas... o esforço era necessário. O projeto, em alguns pontos, é tão complexo que **mesmo os especialistas têm interpretações divergentes.**[259]

Mas, a partir das anotações de conversas telefônicas da jornalista, a revista apresenta aquilo que passa a ser a verdade indiscutível e apresentada, didaticamente aos seus leitores, buscando com isso superar as divergências. Os trechos abaixo selecionados sintetizam o empenho e boa parte do sentido do jornalismo de *Veja*:

> Quatro jornalistas de VEJA **levaram semanas** para convencer os personagens de suas reportagens nesta edição a lhe dar entrevistas. A editora especial Dorrit Harazim **cancelou sua viagem ao Egito**... para se adaptar à agenda de Ruth Cardoso... A editora executiva Vilma Grizinski viajou para entrevista Marisa Lula da Silva, **mesmo sendo o dia do seu aniversário** e com sua filha Sofia querendo comemorá-lo. O editor assistente Morris Kachani, interessou-se em ouvir Susana Higuchi... armou-se de um vistoso **buquê de flores**. Deu certo. O editor especial Silvio Ferraz queria fazer uma reportagem sobre como vivem os sem-terra. Nada melhor, raciocionou, do que **viver com eles**. Passou dez dias em dois acampamentos de sem-terra. **Dormiu em barracas, comeu mal, passou frio,** e voltou com uma reportagem comovente.[260]
>
> Nove jornalistas viveram uma **grande aventura** nas imensidões do interior do Brasil... durante três semanas... foram mais de trinta viagens de avião, carro, buggy, barco, cavalo, búfalo e, na falta de outras alternativas, a pé. Atolou o carro numa estrada deserta e teve de andar a pé oito horas para encontrar socorro numa fazenda da região.[261]
>
> Dorrit entrou. **Passou oito dias no presídio**, sem sair, **comendo o que as presas comiam**, dormindo cada noite numa cela diferente, na maioria das vezes **trancada, como as internas**.[262]
>
> Friedlander **atacou por todos os lados**. Procurou banqueiros, empresários, ex-ministros, amigos pessoais de Brandão, seu alfaiate e **até um maître** que o serve há mais de vinte anos.[263]

---

259 Um bom sistema custa caro. Veja, Carta ao leitor. 22/10/1997, p. 7.
260 Semanas atrás de reportagens. Veja, Carta ao leitor. 21/9/1994, p. 31.
261 Uma aventura ecológica. Veja, Carta ao leitor. 7/12/1994, p. 31.
262 A vida dentro da prisão feminina. Veja, Carta ao leitor. 7/6/1995, p. 31.
263 O banqueiro se rendeu. Veja, Carta ao leitor. 22/1/1997, p. 7.

> Durante as três semanas anteriores à entrevista, ela **mergulhou no mundo do ilusionismo**. Leu dez livros sobre o tema, alguns deles encontrados em sebos, como uma antiga edição americana de segredos de Houdini, o mais célebre mágico de todos os tempos.[264]
>
> Nos últimos três meses, ele **estudou os brasileiros**. Partiu da suspeita de que, embora sejam as mesmas pessoas, os brasileiros de hoje teriam **traços psicológicos diferentes** daqueles que amargaram a recessão do governo Collor, a hiperinflação do governo Sarney e a Década Perdida dos Anos 80. Para isso, Grinbaum **leu seis livros, consultou 25 pesquisas sobre o assunto e conversou com mais de trinta pessoas** – sociólogos, historiadores, psicanalistas, antropólogos, escritores e pesquisadores de opinião pública. Por fim, ajudou a escolher as perguntas para uma pesquisa nacional encomendada por VEJA ao Instituto Vox Populi. Foi essa pesquisa que garantiu o arcabouço estatístico à investigação de Grinsbaum, suas conclusões **desmentem alguns mitos a respeito da índole nacional**. O brasileiro de 1996 é **otimista**, acredita no **futuro do país**, julga-se trabalhador e merecedor de confiança. É espantosa a vontade do brasileiro de **mudar**.[265]

São os mesmos argumentos para convencer da superioridade da revista: o empenho de seus jornalistas, que desmarcam viagens, deixam de comemorar aniversários, galanteiam, viajam no lombo de um búfalo, se submetem ao frio e má alimentação na prisão ou no acampamento sem-terra; vivem grandes aventuras; fazem de tudo para convencer seus entrevistados a falarem. Isso contribui para que a revista se coloque como superior às outras interpretações, que desaparecem no resultado final do seu trabalho, ou são tratadas simplesmente como "fora de moda", "desatualizadas" ou simplesmente, "erradas". Todo esse trabalho, no entanto, não resulta necessariamente em matérias amplas e que dêem conta de todo o esforço e multiplicidades de posições que tenham sido colhidas. O que acaba sendo publicado é a opinião "da revista", dada no fechamento do editor. O resultado dessas vastas pesquisas muitas vezes não passa de matérias totalmente reformuladas pelo editor,[266] que faz com a reportagem fale o que "*Veja* pensa", como explica Hernandes:

> Num jornal diário, o curto espaço de tempo entre edições faz com que os textos dos repórteres e redatores recebam correções dos editores sem grandes alterações. As funções são bem demarcadas. Em VEJA, o período maior de coleta criou outra dinâmica. As reportagens são muito mais trabalhadas e controladas e, geralmente, um produto de diversas mãos. O repórter, que já vive sob a camisa de força da pauta, na maioria das vezes, após a apuração

---

264 Por trás da cortina. Veja, Carta ao leitor. 4/6/1997, p. 7.
265 Um mergulho na alma do Brasil. Veja, Carta ao leitor. 10/1/1996, p. 17.
266 Muito desse material não aproveitado por Veja acaba sendo utilizado pelas demais revistas da editora Abril. Cf. CHAGAS, op. cit., p. 111.

> de dados, não tem controle do que será pinçado do seu relatório e considerado relevante no texto final. Quanto mais importante for um assunto, mais circula entre os editores, mais envolve diferentes áreas, sucursais, agências de notícias e de imagens.[267]

Esse processo obedece a ordens de importância de temas para revista:

> É comum um texto importante subir e voltar a descer na pirâmide hierárquica. Um editor pode acrescentar uma informação que ele apurou. Outro editor, num patamar superior, pode tirar a informação e colocar outras. Ou pedir para o escalão abaixo refazer toda a pesquisa.[268]

A revista tem várias formas de controle da edição, seja pela ação do editor, seja pela própria formação dos seus jornalistas. O controle da revista se dá, no final da hierarquia, pelo Diretor de Redação. Segundo Mario Sérgio Conti, que exerceu o cargo de 1991 a 1997, esse processo se inicia com as reuniões de pauta das segundas feiras, quando a semana tinha início em *Veja* "*às onze e meia da manhã com a reunião na sala do diretor de redação*". Se reuniam o diretor, os editores, o redator-chefe e diretor-adjunto, quando "*se discutia as possíveis reportagens de capa, quem poderia ser o entrevistado das páginas amarelas, as matérias de maior fôlego em andamento. Era uma reunião amena*".[269] Ainda segundo o ex-diretor, *Veja* tem um processo de produção textual extremamente centralizado pelas editorias. Citando um exemplo:

> O encarregado escrevia o texto, seu editor pedia complementos e determinava que fosse reescrito. A cada degrau na hierarquia a reportagem era reescrita novamente. Autorizada a publicação, era hora da checagem. (...) Esse ir e vir levava dias, às vezes semanas e, no gargalo final, era extenuante e neurótico. À meia noite, acontecia de se reescrever uma matéria de oito páginas, com um novo enfoque e mais entrevistados, que às vezes precisavam ser tirados da cama. (...) Apenas uma das oito pessoas que entrevistara durante horas fora citada. **Do seu texto original não sobraram nem as vírgulas**.[270]

Está claro que a revista cuida muito para manter sua homogeneidade, inclusive com a formação dos jornalistas, além da ação dos editores, que têm a palavra escrita final. O recorte não passa pelo conhecimento de quem escreveu a matéria / relatório, que só conhecerá o

---

267 HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização*: Uma análise semiótica. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001, p. 21.
268 Idem.
269 CONTI, Mario Sergio. Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo, Cia das Letras, 1999, p. 62.
270 Idem, p. 63.

resultado de seu trabalho após ter sido publicado. E isso está presente no próprio recrutamento dos seus jornalistas:

> VEJA costuma recrutar seus jornalistas de duas maneiras. A primeira é contratá-los entre os profissionais que se destacam em outras publicações. A segunda é por meio de treinamento de jovens recém-formados. Essa é uma tradição antiga da revista. Em 1968, 100 profissionais selecionados de diferentes Estados participaram, durante dois meses e meio, de um curso cujo objetivo era ensinar a fazer jornalismo semanal. Assim nasceu a primeira equipe de VEJA. O Curso Abril de Jornalismo é um programa de treinamento criado, em 1984, com o propósito de atrair novos talentos para essas revistas. Hoje é uma referência entre os formandos das escolas de comunicação.[271]

Alguns dos principais jornalistas da revista têm sido formados por esses cursos, como é o caso, por exemplo, de Eduardo Oinegue, da turma de 1986 que chegou a Redator Chefe da revista. Além de receber a formação, o jornalista tem a possibilidade de crescimento profissional, ocupando lugares de decisão e edição na revista. Interessante observarmos a posição do então Diretor de Redação, Tales Alvarenga sobre essa questão. Nilton Hernandes em entrevista com ele, questionou o fato de existirem mais editores que repórteres na revista, e resumiu assim o seu estranhamento com a posição de Alvarenga:

> Um aspecto notável da entrevista com o diretor de VEJA é que ele nega algumas características apontadas nas pesquisas e nas outras entrevistas com os profissionais da revista. A existência de um número maior de editores do que de repórteres seria apenas um problema de terminologia: 'VEJA não tem mais editores do que repórteres. A maior parte da redação é constituída por repórteres'.[272]

Na edição 1775, de 30/10/2002, contamos: um diretor de redação; um diretor adjunto; um redator chefe. 4 Editores Executivos. 9 editores; 13 subeditores; 1 editor assistente; 2 editor especial; 8 repórteres. Acrescentando os dados das sucursais temos: 5 editores; 1 editor especial; 2 chefes; 1 subeditor; 6 repórteres. Se somarmos todos os editores, temos 38; e os repórteres são 14. Ou seja, a defasagem constatada pelo pesquisador, permanece, apesar da afirmação em contrário do responsável pela revista. Isso indica que a preocupação com a homogeneidade do texto prevalece sobre a sua produção.

Todo esse processo de redução do trabalho jornalístico, ou de centralização de opinião, não impede o editor de citar, no editorial, os números de entrevistas realizadas, os lugares

---

271 Porta para novos talentos. Veja, Carta ao leitor. 11/2/1998, p. 7.
272 Entrevista de Tales Alvarenga a Nilton Hernandes. In: Hernandes, op. cit. p. 29 e 29.

visitados, e todo o trabalho envolvido. A apresentação desses dados nos parece ter dois motivos. O primeiro deles, é reforçar o caráter de pesquisa em nome da suposta seriedade da revista, sem no entanto esclarecer que isso tudo é submetido ao grande poder de corte do editor. O segundo é o apagamento dos conflitos entre redação e edição, ou ainda, entre realidade e discurso sobre a realidade. A elaboração do texto inicial e dos relatórios, bem como a própria pesquisa para a realização das matérias é onde existe o maior espaço para os jornalistas se manifestarem. No entanto, o poder do editor é que predomina, selecionando, recortando, citando da forma que lhe convém, dando voz aos sujeitos que ele escolhe, de acordo com as posições que quer privilegiar.

As Cartas ao Leitor mostraram-se a forma privilegiada com que a própria revista constrói um discurso sobre si, apresentando-se enquanto um sujeito. Isso é feito para escondê-la enquanto lugar de expressão de sujeitos reais, ou seja, um instrumento constituído para a defesa de interesses de classe. Ao se credenciar como portadora da verdade, aquela que seleciona os fatos que "realmente importam", ela se coloca como um ser neutro. Assim, pode defender propostas, as mais diversas, de forma a afirmar uma suposta credibilidade. Não foram contextualizadas aqui essas falas, mas apontamos a relevância que tem para *Veja* a intervenção nos problemas nacionais e a freqüência com que ela busca incidir sobre eles, cobrando ações da sociedade política, para o que se utiliza da idéia de "defensora da opinião pública".

Com esses artifícios, *Veja* tem se colocado como um sujeito portador de uma função que não se restringe às suas relações com seus leitores. Essa função diz respeito ao funcionamento da sociedade brasileira, ao país, e aponta para uma *ação partidária* concreta. São muitos os mecanismos para isso, destacando-se o fato de que ela, ao falar "para a elite", os "formadores de opinião", em outros termos, aos intelectuais orgânicos, está formando uma classe dirigente que deverá, segundo sua perspectiva, definir os "rumos da história", embora pouco saibamos ainda sobre quem são os efetivos sujeitos que são representados nesse sujeito / *Veja* e que têm no editor o seu porta-voz. Mas essa característica geral se complementa com as formações das capas e das páginas amarelas da revista, que serão abaixo analisadas.

2.2 AS CAPAS: A AGENDA POLÍTICA E O ESPETÁCULO EM CARTAZ

As capas possuem um caráter propagandístico, como um cartaz publicitário da revista, que muda a cada semana (exceto o logo e sua posição), e que pode fazer com que o leitor esporádico compre ou deixe de comprá-la em banca. Elas enunciam o tema que supostamente indica o principal fato jornalístico da semana. A capa é também o espaço privilegiado de produção de mensagens icônico-verbais da revista. A gramatura do papel e os grampos facilitam que ela seja sempre dobrada de forma que a capa fique exposta, seja no porta-revistas de casa, seja no consultório médico, seja no porta-jornais da biblioteca. Ela é mais vista e lida do que qualquer outra parte da revista. Elas

> Possuem práxis específica na construção de seus discursos jornalísticos. Interagindo os enunciados verbais e não verbais persuasivos, a partir de sofisticadas estratégias construtoras de sentido. A partir de uma visão simples da fotografia inserida num contexto específico, geralmente determinado por uma chamada verbal, evocando interpretações e segundo a intencionalidade dos editores, ou mesmo por montagens, ato bastante facilitado nos dias de hoje com a aplicação da infografia, técnica que *Veja* vem utilizando com muito sucesso.[273]

O estudo das capas deve levar em conta o conjunto dos elementos textuais (chamada, tarjeta, legendas, textos nas imagens); imagéticos (fotografia, cor, gravuras, charges); infográficos (gráficos, montagem); discursivos (linguagem, ironia, elementos semióticos), dentre outras características possíveis, como mostram alguns estudos sobre capas.[274] Todos esses elementos interagem para a construção de sentidos. Aqui nos interessa sobretudo a sistematização geral dos assuntos de capa ao longo das 715 revistas analisadas, onde se misturam pautas "quentes" e "frias". Temas quentes têm interesse imediato, conjuntural, e se não forem publicados naquele momento perdem o sentido de capa, como por exemplo, a morte de alguma personalidade. Já a pauta fria pode ser publicada a qualquer momento, pois trata de temas genéricos de maior abrangência.

Há na revista uma clara predominância de pautas frias, também indicando o fato de que ela procura definir, com o uso da capa, o que seria (ou não) temas nacionais dentre o material publicado na semana pelos jornais. Existe uma estreita proximidade entre os temas de capa e

---

273 CARVALHO, op. cit., p. 143.
274 Além dos já citados, destaca-se: FERREIRA, Soraya Venegas. A Imagem de Collor nas capas da revista VEJA – construção, consolidação e queda de um mito. Dissertação de mestrado. UFRJ Rio de Janeiro. Eco. 1996.

as cartas ao leitor, que muitas vezes é centrada no tema da reportagem principal da revista (o mesmo não se aplica com relação às páginas amarelas, que na maioria das vezes trata de temas alheios à capa). Nelas se mantém a aparência de um veículo que tem como fim a informação.

A tabela abaixo foi produzida a partir de uma *tabela guia* em que os assuntos de capa de cada um dos exemplares de *Veja*, da edição 1061 a 1775. Procuramos o sentido de cada uma das capas. Há a predominância dos temas correlatos à atividade econômica do Grupo Abril, que pautam a sociedade política nacional, em conjunto com a ação gerenciadora do capital, incluindo-se a ação como seu intelectual orgânico. Em resumo, temos, por ordem de ocorrência:

Tabela 9: Temas das capas de Veja

Tema	Recorrência
Sociedade do espetáculo e indústria cultural	303
Sociedade política nacional	219
Gerenciamento do capital / capitalistas	67
Sociedade política internacional	48
Intelectual orgânico do capital	33
Sociedade religiosa	16
Ecologia	16
Outros	13
TOTAL	715

FONTE: Capas de Veja de 1989 a 2002

Os temas se originam de decisão da própria revista, e não de fenômenos externos aos quais ela teria a obrigação de noticiar. Excetuando poucos casos de acidentes e tragédias, os temas são sempre fruto dos interesses políticos de *Veja*, mesmo quando ela pauta temas do cotidiano político nacional ou internacional. Não é característico na revista o furo de reportagem, mas sim as reportagens investigativas, mas que são sempre submetidas ao corte editorial, como vimos acima.

À ação política se soma a atuação gerenciadora. É o espaço em que os próprios agentes do capital são destacados, como por exemplo, a capa com Lázaro Brandão, presidente do Banco Bradesco. Aqui há a ação como intelectual orgânico concreta e visivelmente, como na capa em que foi publicado: "*BRASIL ANOS 90: uma agenda para vencer o atraso*",[275] cuja reportagem não passa de um texto de José Serra, em sintonia com o Fórum Nacional, principal agente de estado maior da *Veja*, como veremos no próximo capítulo.

275 Veja. Capa. 1/8/1990. A capa é um cartaz, sem nenhuma imagem.

O tema da sociedade do espetáculo e indústria cultural é o que individualmente teve maior recorrência. Trata-se de assuntos como: vida de artistas e formas de alcançar sucesso e fama; torneios esportivos e vida dos esportistas; questões familiares e vida sexual; saúde, especialmente dietas, ginástica, cirurgias plásticas e stress; divisão social em classes: miseráveis, pobres, classe média e milionários. Isso denota a preocupação com o estilo de vida, essencial para a consolidação do seu projeto político.

Mayra Gomes constatou que nas capas de *Veja* de 1968 a 1989 "*preponderam as chamadas nacionais, políticas e econômicas*",[276] o que sofre uma modificação no período mais atual, na medida em que estes temas permanecem fortes, mas são acrescidos, de ênfase à "sociedade do espetáculo". A autora mostra as permanências de alguns elementos nas capas de *Veja,*[277] constatando a mesmice e a inércia dada por uma "*indolência retórica*".[278] Símbolos que são utilizados ano após ano, representando sempre os mesmos valores, embora contextualizados a cada momento. Isso nos ajuda a entender, por exemplo, porque sempre que fala em "o que deve ser feito pelo Brasil", a revista dê preferência para as cores verde, amarelo e azul, mesmo que seja a estampar um tubarão, que seria a representação da "elite nacional".[279] Com essas cores mobiliza um certo sentimento de "nacionalismo" que acaba sendo o amálgama do projeto neoliberal na revista.

O uso do medo e da ameaça como recurso de estabelecimento de consenso em torno das medidas a serem tomadas esteve sempre presente nos enfrentamentos econômicos. Ele foi simbolizado pela fúria da natureza, por maremotos, naufrágios, ondas; ou também, pelo "dragão" da inflação. Um exemplo concreto está na tabela 10. Há uma associação entre o medo, o pavor, o desastre, e as "manobras econômicas", que devem sempre seguir "o rumo certo". Vários outros exemplos repisam esta estratégia, a exemplo da onda que ameaça Itamar Franco antes da posse de Fernando Henrique Cardoso no Ministério da Fazenda para colocar o Brasil "no rumo certo".

No ano de 1989, uma tragédia, cuja foto apareceu na capa, acabou sendo uma tácita referência para a economia: as mesmas cores de fundo e da chamada; a mesma tensão de um

---

276 GOMES, Mayra Rodrigues. Um texto icônico-verbal por semana: vendo / lendo capas de Veja. Dissertação ECA/USP, 1992. P. 293.
277 Idem, p. 296.
278 Idem, p. 290.
279 Capa. Veja. 20/6/1996.

barco náufrago. A mensagem é completada com: "*o país está farto do descaso*". Um barco em redemoinho é imagem tão forte que chegou a ser repetida. Em ambos os casos os barquinhos de papel são feitos com uma cédula da moeda brasileira. Portanto, é a todo o país que se ameaça. Uma capa é cópia da outra, com nove anos de diferença, destacando o ralo em que o barquinho da economia iria entrar, e talvez não sair mais. É uma ameaça concreta que deveria ser associada às imagens de desastre, como ficara claro em 1989. O elemento de um possível "inimigo externo" está também presente nas tarjetas da capa de 22/2/1989, que traz supostos assassinos; e em 5/12/1990, em que o mundo daria um ultimato a outro "assassino".

Douglas Kellner apontou para a recorrência com que momentos de crise, que poderiam levar a um abalo da instabilidade social, são acompanhadas pela produção cinematográfica com o fim precípuo de disseminação do medo. Ele mostrou o exemplo do filme Poltergeister como sendo uma eficiente forma de criar medo e insegurança de uma população que poderia se ver privada do seu direito à propriedade e à família conservadora. O medo difuso tornaria as medidas do governo Reagan mais palatáveis.[280] Assim, seria mais fácil exigir medidas governamentais para supostamente resolver "abalos naturais".

---

280 Em consonância com os filmes que criaram a figura de Rambo e dos novos inimigos árabes. Ver: KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, EDUSC, 2001.

TABELA 10: Economia e medo nas capas de *Veja*

BASTA! Uma combinação de ganância, desrespeito ao cidadão e desleixo das autoridades levou 52 pessoas à morte nas águas da Baía da Guanabara. O país está farto do descaso e do abuso – e quer punição exemplar para crimes como naufrágio do Bateau Mouche IV. Tarjeta: Reforma na Economia e no Ministério, o parto de Brasília. 11/1/1989	A ECONOMIA EM MAR REVOLTO: ameaçado pela volta da inflação e por sinais de desabastecimento, visto com desconfiança pelo país, o Plano Verão faz água no Congresso e une os sindicalistas em torno da idéia de uma greve geral. Só o governo, até agora, continua otimista. Tarjeta: Islamismo: o assassinato em nome de Deus. 22/2/1989
O RALO DA RECESSÃO. O Brasil já consome menos sapatos, roupas e comida, as demissões crescem e o PIB afunda. Tarjeta: o mundo dá um ultimato a Saddam Hussein. 5/12/1990	Manobra correta ou desastre à vista? 20/1/1999
A CRISE E O HOMEM. O papel do presidente num Brasil sem rumo. 19/5/1993	TITANIC. A tragédia que ninguém esquece vira o grande filme do verão. 14/1/1998

1

2

3

4

1. Capa. Veja. 26/5/1993. GRANDE TACADA. O maior desafio de Fernando Henrique é a última chance de Itamar Franco. Tarjeta: como o Chile saiu do buraco. **2**. Logotipo de Veja. **3**. Capa. Veja. 12/8/1998. Exclusivo. VEJA ouviu: "FUI EU". Francisco de Assis Pereira, o suspeito de ser o "maníaco do parque", disse que matou nove mulheres. **4**. Capa. Veja. 26/8/1998. Deu a louca no império. FUI EU. Bill Clinton confessa ter feito sexo com a estagiária. Depois, bombardeia o Sudão e o Afeganistão. Tarjeta: Enxaqueca: saiu um remédio mais potente. Crime: o Médico que matava médicos.

As capas que buscam disseminar o medo, a ameaça, alertando para situações conjunturais estão ligadas a outras que complementam a mensagem. É o caso explícito da capa com Fernando Henrique Cardoso, publicada na semana seguinte àquela em que o presidente Itamar Franco aparece diminuído diante da enorme onda, sem saídas. A saída aparece então na "grande tacada", ou seja, na nomeação de Cardoso ao Ministério da Fazenda.

A repetição também é o recurso das outras capas destacadas. No exemplo, a revista dá uma capa para um criminoso confesso, que é entrevistado no interior da revista. A manutenção da ameaça (de homens monstruosos) é cuidadosamente alimentada, aparecendo como um "dever" de noticiar, que é usado apenas quando interessa aos interesses da revista. Na seqüência, duas semanas depois, repete a mesma capa, inclusive com as mesmas palavras: "fui eu", e o mesmo perfil fotográfico. Mas agora o "criminoso" é o presidente democrata Bill Clinton, buscando a clara associação de Clinton com a idéia da confissão que deveria levá-lo à punição, na repetição de imagem e de palavras. Clinton estaria desrespeitando o império do qual ele mesmo era o chefe, portanto mereceu a exposição. Mas, ao assumir a culpa, estaria também se redimindo. Ao centro, o "olho que tudo vê", o de "*Veja*, os olhos do Brasil".

2.3. PÁGINAS AMARELAS: AÇÃO PARTIDÁRIA E GERENCIAMENTO

As Páginas Amarelas de *Veja* são das mais conhecidas seções do jornalismo brasileiro. É um espaço de extensão do editorial da revista,[281] na medida em que é um instrumento para expressar aquilo que está sendo defendido e sobre o que se busca construir consenso. Pode ser um reforço de algo já dito, ou a possibilidade de dizer (dando voz a alguém) algo que por alguma razão não pôde ser dito abertamente, ou por não ter tido condições políticas, ou por tática argumentativa.

Via de regra, a cada edição há uma entrevista, normalmente com três páginas, uma fotografia, alguns "olhos" de destaque,[282] e uma página de publicidade entre elas. Embora esse seja o espaço das entrevistas, em alguns casos especiais essas páginas deram lugar a outros tipos de texto, como seleção de frases de retrospectiva de final de ano; divulgação de obra

---

281 Freitas, op. cit., p. 4.
282 O olho é um recurso jornalístico em que uma frase qualquer da matéria figura ao centro, em letras maiores, em destaque.

literária (de Bill Gates); homenagem (Roberto Campos). Além disso, esse não é o único espaço de entrevistas, que podem ser publicadas no interior da revista. Casos especiais de entrevistas maiores são reservados a pessoas que supostamente merecem maior destaque, como Fernando Henrique Cardoso, que teve entrevistas com ilustrações e explicações paralelas.

O estudo das entrevistas implica em uma série de dificuldades, tendo em vista a heterogeneidade dos entrevistados, dos entrevistadores e das suas situações de produção. Nos interessa saber quem foram as "personalidades" ou "entidades" destacadas e entrevistadas. Elas têm o sentido de formar opinião e definir modos de vida, supostamente trazendo as "últimas tendências mundiais", seja na economia, na política ou no comportamento. Apresentamos a seguir os dados que nos parecem mais relevantes do levantamento feito na *tabela guia* das páginas amarelas.

2.3.1 Sociedade política e empresarial brasileira

Pelas páginas amarelas de *Veja* passaram personalidades como: políticos nacionais e internacionais (Fernando Henrique Cardoso, José Sarney, Tony Blair, Margareth Thatcher, Bill Clinton, George Bush); nomes ligados aos esportes, à televisão e ao cinema; nomes ligados a grandes ou pequenas empresas do mundo dos negócios; nomes ligados a descobertas científicas; e ainda, divulgação de "novidades filosóficas" e comportamentais, como a "auto-ajuda" ou o "fim da história".

> As entrevistas de VEJA firmaram uma tradição de qualidade no jornalismo brasileiro. (...) As páginas amarelas são uma seção em que chefes de Estado, líderes empresariais, pensadores e cientistas brasileiros e estrangeiros de renome se revezam com outros personagens que se qualificam como entrevistados menos por seu saber e mais por sua personalidade única. Nos últimos meses, VEJA entrevistou gente de peso como Shimon Peres, ministro das Relações Exteriores de Israel, Horst Koehler, diretor-geral do FMI, e Tony Blair, primeiro-ministro britânico.[283]

Há o claro intuito de estabelecer e consolidar sujeitos históricos, sendo assim um lugar onde *Veja* define aqueles que "realmente fazem história", como se depreende do comentário acima do editor. Para que se tenha uma visão do peso que a sociedade política tem nas entrevistas, destacamos na tabela as vezes em representantes de diversos órgãos políticos

---

283 Um século de sabedoria. Carta ao leitor. Veja. 10/4/2002, p. 9.

foram entrevistados. Foram preservadas as definições do momento em que as pessoas foram entrevistadas. Os ocupantes dos cargos políticos se modificaram ao longo do período em análise que compreende três processos eleitorais presidenciais. Por isso, os entrevistados podem ter mais de uma função: empresarial, intelectual ou gerencial. Portanto, as tabelas serão melhor compreendidas se vistas no seu conjunto.

TABELA 11: POLÍTICOS BRASILEIROS nas Páginas Amarelas

Data	Entrevistado	Cargo / função
4/1/1989	Octavio Gouvêa de Bulhões	Ex-ministro da Fazenda, conselheiro de Sarney
25/1/1989	Affonso Celso Pastore	Economista, ex-presidente do Banco Central
1/2/1989	Oscar Dias Corrêa	Ministro da Justiça
8/3/1989	Orestes Quércia	Governador de São Paulo
22/3/1989	Marcio Fortes	Presidente do BNDES
19/4/1989	Álvaro Dias	Governador do Paraná
21/6/1989	Roberto Campos	Deputado Federal, Ex-ministro
9/8/1989	Angelo Calmon de Sá	Ex-ministro e presidente do Banco do Brasil e banqueiro
23/8/1989	Albano Franco	Senador e presidente da CNI
1/11/1989	Wadico Waldir Bucchi	Presidente do Banco Central
29/11/1989	Fernando Collor de Melo e Luis Inácio Lula da Silva	Candidatos à presidência
6/12/1989	Leo Wallace Cochrane Jr	Presidente da FEBRABAN
24/12/1989	Maílson da Nóbrega	Ministro (demissionário)
24/1/1990	Bernardo Cabral	Ministro da Justiça
28/3/1990	Ibrahim Eris	Egresso do mercado financeiro, presidente do Banco Central
4/4/1990	Ricardo Fiúza	Líder do PFL na Câmara
18/4/1990	João Santana	Secretário de Administração Federal
25/4/1990	Zélia Cardoso de Mello	Ministra da Economia
9/5/1990	Alceni Guerra	Ministro da saúde
16/5/1990	Eduardo Modiano	Presidente do BNDES
6/6/1990	César Maia	Deputado do PDT
18/7/1990	João Paulo dos Reis Velloso	Ex-ministro do Planejamento
8/8/1990	Antonio Kandir	Secretário do Ministério da Economia
29/8/1990	Luis Octávio da Motta Veiga	Presidente da Petrobrás
7/11/1990	Francisco Graziano Neto	Membro do diretório nacional do PSDB e coordenador político do escritório do senador Fernando Henrique Cardoso
5/12/1990	Jarbas Passarinho	Coordenador político do governo, Ministro da Justiça
13/2/1991	Antonio Carlos Magalhães	Governador da Bahia
10/4/1991	Darcy Ribeiro	Senador do PDT
1/5/1991	Ives Granda da Silva Martins	Jurista, eleitor de Collor e de Afif
5/7/1991	Dorothea Werneck	Secretária Nacional de Economia
10/7/1991	Orestes Quércia	Ex-governador de São Paulo, candidato a sucessão de Collor
4/9/1991	Fernando Henrique Cardoso	Senador do PSDB
18/9/1991	João Santana	Ministro da Infra-estrutura
30/10/1991	Celso Furtado	Ex-ministro do Planejamento
13/11/1991	Luiz Antonio Freury Filho	Governador de São Paulo
27/11/1991	Francisco Gros	Presidente do Banco Central
1/12/1991	Bernardo Cabral	Ex-ministro da Justiça
29/1/1992	Ciro Gomes	Governador do Ceará
5/2/1992	José Goldemberg	Ministro da Ciência e Tecnologia

25/3/1992	Fernando Collor de Melo	Presidente da República
8/4/1992	Célio Borja	Ministro da Justiça
6/5/1992	Adib Jatene	Ministro da saúde
22/5/1992	Fernando Henrique Cardoso	Senador do PSDB
17/6/1992	Luis Octávio da Motta Veiga	Ex-presidente da Petrobrás
24/6/1992	Renan Calheiros	Ex-líder do governo Collor na Câmara
8/7/1992	José Serra	Deputado e Líder do PSDB
26/8/1992	Ibsen Pinheiro	Presidente da Câmara de Deputados
7/10/1992	Pedro Simon	Senador PMDB e coordenador político de Itamar
14/10/1992	Paulo Haddad	Ministro do Planejamento
21/10/1992	Maurício Corrêa	Ministro da Justiça
20/1/1993	Mario Henrique Simonsen	Ex-ministro do Planejamento
3/2/1993	Jarbas Vasconcelos	Prefeito do Recife
24/3/1993	Luis Inácio Lula da Silva	Presidente do PT
14/7/1993	José Sarney	Ex-presidente da República
15/9/1993	Antonio Delfim Netto	Ex-ministro do Planejamento
12/1/1994	Nelson Jobim	Deputado Federal e relator da revisão constitucional
19/1/1994	Romildo Canhim	Ministro da Administração
6/4/1994	Mario César Flores	Ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos
20/4/1994	Rubens Ricupero	Ministro da Fazenda
6/7/1994	Mario Henrique Simonsen	Ex-ministro do Planejamento
13/7/1994	Simon Schwartzman	Presidente do IBGE
18/1/1995	Darcy Ribeiro	Senador do PDT
8/3/1995	Osíris Lopes Filho	Ex-secretário da Receita Federal
7/2/1996	Gustavo Loyola	Presidente do Banco Central
24/4/1996	José Serra	Ministro do Planejamento
8/5/1996	Paulo Maluf	Prefeito de São Paulo
5/6/1996	César Maia	Prefeito do Rio de Janeiro
7/8/1996	Walfrido dos Mares G. Neto	Secretário de Educação de Minas Gerais
21/8/1996	Francisco Dornelles	Ministro da Indústria
25/9/1996	Gustavo Franco	Diretor do Banco Central
23/10/1996	Vitor Buaiz	Governador do Espírito Santo
20/11/1996	Olavo Setúbal	Ex-prefeito de São Paulo, patriarca do Itaú
8/1/1997	Celso Furtado	Ex-ministro do Planejamento
9/4/1997	Fernando Henrique Cardoso	Presidente da República
16/4/1997	Roberto Campos	Ex-ministro do Planejamento
25/6/1997	Fernando Collor de Mello	Ex-Presidente da República
23/7/1997	Sérgio Motta	Ministro da Comunicação
22/10/1997	Antonio Delfim Neto	Ex-ministro do Planejamento
8/2/1998	José Sarney	Ex-Presidente da República
18/3/1998	Tasso Jereissati	Governador do Ceará
15/4/1998	Edward Amadeo	Ministro do Trabalho
6/5/1998	Antonio Britto	Governador do Rio Grande do Sul
13/5/1998	João Paulo dos Reis Velloso	Ex-ministro do Planejamento
3/6/1998	Antonio Carlos Magalhães	Ex-governador da Bahia, presidente do Senado
15/7/1998	Cristóvão Buarque	Governador do Distrito Federal
22/7/1998	Oscar Schmidt	Candidato a senador
12/8/1998	Luiz Inácio Lula da Silva	Candidato a Presidência
16/9/1998	Cláudia Costin	Ministra da Administração
23/9/1998	Edmar Bacha	Diretor do Banco BBA, ex-presidente do BNDES e do IBGE
28/10/1998	André Lara Resende	Presidente do BNDES
2/12/1998	Francisco Weffort	Ministro da Cultura

17/2/1999	Rafael Greca	Ministro do Turismo
24/2/1999	José Ignácio Ferreira	Governador do Espírito Santo
28/4/1999	Olívio Dutra	Governador do Rio Grande do Sul
26/5/1999	Mario Covas	Governador de São Paulo
16/6/1999	Anthony Garotinho	Governador do Rio de Janeiro
25/8/1999	Armínio Fraga Neto	Presidente do Banco Central
15/9/1999	Pedro Simon	Senador do PMDB
27/10/1999	Cristóvão Buarque	Ex- Governador do distrito Federal
22/12/1999	Fernando Henrique Cardoso	Presidente da República
3/5/2000	Everaldo Maciel	Secretário da Receita Federal
31/5/2000	Gal Alberto Mendes Cardoso	Ministro do Exército
11/10/2000	Francisco Gros	Presidente do BNDES
1/11/2000	Pedro Simon	Senador do PMDB
15/11/2000	Raul Jungman	Ministro da reforma agrária
29/11/2000	Eduardo Suplicy	Senador do PT
14/3/2001	Armínio Fraga	Presidente do Banco Central
12/9/2001	Ronaldo Sardenberg	Ministro das Relações Exteriores
31/10/2001	Tasso Jereissati	Governador do Ceará
27/2/2002	José Serra	Ex-ministro da Saúde e do Planejamento
30/10/2002	José Sarney	Ex-Presidente da República

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002. Definição de função da edição.

A seleção levou em consideração a situação política nacional, e as titulações apontadas pela revista no momento da entrevista, agregando pessoas (108 homens e três mulheres) que ocuparam, em algum momento, cargos políticos, o que constitui, para *Veja,* fator de credenciamento e autoridade. Mas não são cargos de baixo escalão. Por exemplo, das estatais, apenas o presidente da Petrobras foi entrevistado. A ênfase na economia nacional é visível ao percebermos a relevância dos Ministros ou ex-Ministros do Planejamento, da Economia e da Fazenda; e presidentes do Banco Central e do BNDES.

A tabela aponta nos 111 nomes uma certa convergência de posições, o que fica explícito nos contextos de suas falas. Há uma relativa permanência de alguns nomes.[284] Os políticos brasileiros entrevistados duas vezes foram: Antonio Carlos Magalhães, Antonio Delfim Netto, Arminio Fraga, Bernardo Cabral, Celso Furtado, César Maia, Cristóvão Buarque, Darcy Ribeiro, Fernando Collor de Mello, Francisco Gros, João Paulo dos Reis Velloso, João Santana, Luis Octávio da Motta Veiga, Mario Henrique Simonsen, Orestes Quércia, Roberto Campos, Tasso Jereissati. Três vezes: José Sarney, José Serra, Luiz Inácio Lula da Silva, Pedro Simon. E quatro vezes, apenas um: Fernando Henrique Cardoso. É

284 Alguns desses nomes já foram entrevistados em período anterior, e também posterior à essa pesquisa. Sobre o período anterior, há um levantamento em FREITAS, op. cit, em que podemos destacar as figuras dos ministros Delfim Netto, Mario Henrique Simonsen e João Paulo dos Reis Velloso.

relevante lembrar que todos esses políticos são citados em várias reportagens, foram capa da revista ou até mesmo foram entrevistados em outros espaços, especialmente o presidente Cardoso, como discutiremos no capítulo cinco. Há, todavia, uma ausência notória. Se José Sarney foi três vezes entrevistado, mesmo tendo uma posição divergente da linha da revista, Itamar Franco, tendo sido presidente, jamais esteve nas páginas amarelas de *Veja*, no período em análise. Portanto, as páginas amarelas, na sua perspectiva política gira também em torno das questões centrais do projeto que vinha sendo defendido em *Veja*. Não basta ser membro do poder político, nem mesmo em seus mais altos cargos, para ser entrevistado, embora alguns espaços para posições divergentes sejam assegurados. Mas a divergência deve ficar em torno de nomes como Cristóvão Buarque, Darcy Ribeiro, Lula, Celso Furtado e tentaremos ao longo da tese entender porquê.

Paralelamente, a atuação das agências de marketing eleitoral se tornou cada vez mais importante nos processos eleitorais e políticos. Eles tiveram destaque em *Veja* não apenas nas páginas amarelas, mas também em reportagens especiais, em que se buscou naturalizar a formação da "opinião pública". A tabela abaixo indica esses entrevistados.

TABELA 12: Marketing político nas Páginas Amarelas

Atuação	**Recorrência**
Diretores e presidentes do IBOPE	2
Diretores e presidentes do Vox Populi	2
Marqueteiro de Clinton, FHC, Celso Pitta	1
Marqueteiro de Bill Clinton e de Fernando de la Rua	1
Sub-total	6

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002

As páginas amarelas também nos permitem perceber o peso efetivo dos capitalistas, seus intelectuais orgânicos e agentes gerenciadores do sistema do capital. Na tabela abaixo estão os principais empresários e / ou representantes de associações de classe brasileiros entrevistados nas páginas amarelas.

TABELA 13: Capitalistas e associações empresariais

Data	**Entrevistado**	**Cargo / função**
15/2/1989	Edegar Flexa Ribeiro	Diretor e dono de um conhecido colégio do Rio
12/7/1989	André Ranschburg	Dono da Stauroup
13/9/1989	Emerson Fittipaldi	Empresário, ex-piloto
4/10/1989	Cezar Rogério Valente	Empresário, Presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil
25/10/1989	Roberto Jeha	Diretor da Fiesp
6/12/1989	Leo Wallace Cochrane	Presidente da FEBRABAN

	Jr	
30/5/1990	Michel Pinot	Brasileiro, Diretor mundial do Carrefour
4/7/1990	Paulo Roberto Falcão	Craque que virou empresário
15/8/1990	Brian Jenkins	Sócio-diretor da melhor empresa de consultoria de segurança do país, a Kroll
17/4/1991	Ary Oswaldo Mattos Filho	Presidente da Comissão de Valores Mobiliários – CVM
16/10/1991	Eliezer Batista da Silva	Principal responsável pela transformação da Companhia Vale do Rio Doce em líder do mercado mundial de minério de ferro
15/4/1992	Abílio Diniz	Chefe do Pão de Açúcar
22/6/1992	Walther Moreira Salles	Lendário banqueiro, embaixador e homem público
10/2/1993	Wilson Fittipaldi Junior	Piloto e empresário
2/3/1994	Antonio Ermínio de Moraes	Um dos homens mais ricos do Brasil, com uma fortuna de 1,5 bilhão de dólares, à frente de quase uma centena de empresas, que faturam 3,2 bilhões de dólares no ano passado
10/8/1994	Paulo Cunha	Presidente do grupo Ultra
11/12/1996	Emerson Fittipaldi	Empresário bem-sucedido com um faturamento anual de 15 milhões de dólares
24/9/1997	Antonio Ermínio de Moraes	Dono do grupo Votorantim
9/12/1998	Eugênio Staub	Coordenador do Instituto de Estudos para o desenvolvimento Industrial, Iedi, uma associação de grandes empresários brasileiros que giraram seu discurso em 180 graus. Ficaram astutos
17/3/1999	Olacyr de Moraes	O bilionário que quase faliu critica banqueiros, diz que pagará tudo o que deve
10/11/1999	Rolim Amaro	O empresário diz que é cedo para comparar a queda do Fokker da TAM com a do jato da EgyptAir e conta por que não paga as viúvas
7/3/2001	Henrique Meirelles	O brasileiro que preside o BankBoston conta detalhes de sua carreira e dá a receita para quem quer ter êxito nos negócios
21/8/2002	Mario Amato	Antes, ele só falava mal de Lula. Agora, o empresário critica as mulheres, os homossexuais, a nudez e a própria virilidade

FONTE: PÁGINAS AMARELAS DE VEJA, 1989 a 2002 (definições de funções a partir da própria edição)

As páginas amarelas ganharam muito destaque como possibilidade para que os novos consultores e conselheiros do "mundo globalizado" pudessem expor suas idéias, incluindo-se as novas formas de organização do trabalho, de repressão, de controle. Numericamente são mais expressivos que os demais intelectuais, como mostra a tabela seguinte.

TABELA 14: Economistas, advogados, consultores, especialistas, nas Páginas Amarelas

Atuação	**Recorrência**
Consultores econômicos, advogados, consultores de qualidade total, de marketing, de educação, etc	14
Economistas das mais variadas instituições	23
Especialistas, conselheiros, "professores"	60
Sub-total	97

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002

Existe ainda uma grande quantidade de entrevistados que se constituem em personificações do capital. Há presidentes de multinacionais diversas: Microsoft, Coca Cola, Carrefour, Rhodia, Avon, AT&T, Esso, Fiat, GM, IBM, Olivetti, Sony, GEE, entre muitas outras. Há também os banqueiros, além dos já citados nacionais como: Banco Chase, Bank Boston, Banco Boa Safra. São grandes empresários, diretores e presidentes de transnacionais, que apontam os "exemplos" bem sucedidos de suas empresas, incitando sempre à abertura nacional ao capital externo, como discutiremos no capítulo seis.

Essa ação se complementa com a dos representantes de organismos internacionais, tais como a ONU, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial de Saúde, a Organização Mundial do Comércio, Organizações Não Governamentais diversas, Fundações, enfim, entidades empenhadas na expansão do neoliberalismo nos anos 1990 nos países da América Latina. *Veja* fomenta a divulgação das diretrizes "oficiais" desses órgãos. Dentre os diretores de agências internacionais, destacamos alguns cargos entrevistados: diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, Diretor Geral da OMC, Presidente do Banco Mundial, Diretor da CIA, Secretário Geral de Conferências da ONU, Consultor da OMS, Coordenadores de ONGs, Coordenador de pesquisas econômicas da McKinse, Diretor da Agência Ambiental dos EUA, Diretora de planejamento familiar da ONU, Diretora do Programa de população da Fundação MacArthur, Pesquisador da Fundação Ford, Presidente Comitê Olímpico Internacional, Presidente da Fifa, Presidente da fundação MacArthur, Presidente da Nasa, Presidente do Fundo Mundial para a Natureza.

TABELA 15: Políticos de outros países nas Páginas Amarelas

Cargos	**Recorrência**
Candidatos a presidente	3
Deputados, ministros, prefeitos, vereadores	4
Diplomatas e primeiras-damas	6
Presidentes, primeiro ministros, rainha e chanceler	18
Secretários de estado EUA	7
Outros	8
TOTAL	46

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002

O índice dessas entrevistas não é desprezível (6,53% do total). A ênfase se dá na atuação política desses entrevistados, que aparecem sempre como modelos ou contra-modelos, de acordo com a nova ordem em construção. Chama a atenção, embora não esteja aqui analisado, o interesse pela América Latina (21 entrevistas), e o esforço nítido da revista para

de enquadrá-la na "nova ordem" da "globalização". Veremos no último capítulo da tese, o peso especial atribuído à América Latina pela revista. Isso se deve à posição permanente de que estes países devem também "andar no rumo" e, na medida em que aplicam práticas neoliberais, sejam mostrados como exemplos.

2.3.2. Sociedade do espetáculo e indústria cultural

A construção da nova ordem neoliberal não estaria completa sem o "mundo do espetáculo". A "nova mentalidade" necessária ao mundo "globalizado" tem também seu campo mais ideológico, a criação de estilos de vida, exatamente a área de atuação empresarial do grupo Abril. Mais que isso, esse mundo permite amalgamar aspectos econômicos, políticos e culturais na criação de novas necessidades, condizentes com os interesses do capital, conforme discutiremos no capítulo oito. A tabela abaixo indica a relevância do tema.

TABELA 16: ESPETÁCULOS: Mídia, esportes nas Páginas Amarelas

Área	Recorrência
Cultura, tv, cinema, artes plásticas, moda, gastronomia, esportes	156
Escritores (literatos), críticos literários	34
Medicina (ênfase em doenças modernas, médicos de celebridades, dietas, terapias sexuais)	64
Crimes	22
Total	276

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002

Esses dados nos mostram que individualmente este é o tema mais recorrente para a revista, são 276 recorrências (39,20%). Em conjunto, essa ação se completa com a ação partidária (ver tabela 17). Este é um espaço para a ação pedagógica precípua, que busca mostrar a realidade espetacular, em várias de suas implicações, e ir apontando modelos que deveriam ser a base do estilo de vida, que é mostrado inclusive como indispensável para o sucesso profissional.

A tabela abaixo traz o levantamento de todas as páginas amarelas publicadas em *Veja* no período em análise,[285] totalizando 704 páginas amarelas dedicadas a alguém. A divisão tentou ao mesmo tempo preservar a definição dada pela própria revista, mas separando de acordo com a problemática de pesquisa. Não se trata de temas únicos, na sua maioria eles se interrelacionam e podem dizer respeito a mais de uma temática, portanto, a definição levou

285 Nem todas aprecem nas tabelas deste capítulo, mas estão contabilizadas na tabela abaixo.

isto em conta. É mais fácil definir a origem dos entrevistados do que suas falas, pois as entrevistas podem tratar de mais de um tema, embora a apresentação seja feita por uma mesma forma de edição: a "*Veja*". Por isso, esses dados são indicativos, e ficarão mais incisivos quando analisarmos separadamente a atuação política, gerencial e pedagógica das páginas amarelas em conjunto com o restante da revista. Em termos gerais, percebemos que as páginas amarelas se dividem em três campos relevantes: a) os temas políticos, ou ainda, tratados por membros da sociedade política, que muitas vezes tratam da economia, relacionados ao andamento da política e economia nacional; b) Os temas do capital, que estão imbricados nos políticos: sejam os empresários, os seus gerentes e organizadores. Os temas internacionais vêm neste mesmo sentido geral; c) Os temas do "espetáculo", que isolado, ainda tem predominância nas entrevistas da revista.

TABELA 17: PÁGINAS AMARELAS: total dos temas de 1989 a 2002

	Sigla do tópico	**Recorrência**	**%**
1	IND CULT	276	39,20
2	IOC	182	25,85
3	SOCIEDADE POLITICA	125	17,76
4	SOC POL INTERN	67	9,52
5	INTELECTUAIS	22	3,12
6	OUTROS	17	2,42
7	RELIGIÃO	8	1,14
8	ROT	7	0,99
		704	100,00

LEGENDA: IND CULT: Indústria cultural; IOC / GC: intelectual orgânico do capital / gerente ou capitalista; ROT: representante de organizações de trabalhadores

A tabela aponta para os três eixos básicos da atuação da revista, que se mantêm nas páginas amarelas. Individualmente, a indústria cultural (que é composta pela ação pedagógica que busca a formulação de um novo estilo de vida) é a principal temática,[286] com 35,08%. A ação gerenciadora e político partidária deve levar em conta todos demais pontos, exceto a religião e "outros". Desta forma, teríamos 56,36%[287] da temática das páginas amarelas vinculadas ao gerenciamento e à ação partidária de *Veja*. A tabela abaixo propõe uma visualização aproximativa dos principais temas tratados por *Veja* nas seções em análise: editoriais, capas, páginas amarelas. Os dados não são absolutos porque, como já ressaltamos, a

286 Conforme discutiremos no capítulo oito.
287 A partir da soma das linhas 2 + 3 + 4+ 5, que totalizam 403 entrevistas.

definição da temática leva em conta fatores subjetivos. Um mesmo editorial pode tratar de mais de um tema, por exemplo, e neste caso se optou por um deles para fazer a definição. As totalizações levam em conta as tabelas específicas de cada seção, onde foram as opções pelas definições temáticas.

TABELA 18: Temas de Veja (dados aproximados)

	Editoriais	**Capa**	**Páginas amarelas**
Indústria cultural	78	303	276
Gerenciamento e Ação partidária	485	383	403
Outros	152[288]	29[289]	25
	715	715	704

FONTE: Páginas Amarelas de *Veja*, de 1989 a 2002

A elaboração das *tabelas guias* destas seções da revista permitiu que tenhamos uma visualização geral do sentido da sua ação. A análise avançará ao longo dos capítulos, onde algumas das falas serão mostradas e contextualizadas e também os conjuntos de entrevistados serão referidos. Aqui enfatizamos o aspecto quantitativo, que precisa ser complementado com a análise posterior. Percebemos que o caráter de atuação política, partidária, dirigente da revista está plenamente caracterizado. Mas a ação pedagógica que propõe a formulação de um estilo de vida, estabelecido no âmbito cultural, é altamente relevante para os objetivos de *Veja*. E é a partir desta tríplice atuação complementar que pretendemos seguir analisando a revista.

O objetivo principal deste capítulo é apresentar em linhas gerais as seções da revista que nos pareceram mais adequadas para entender o sentido de sua atuação. Por isso ainda nos dedicaremos aos seus intelectuais e à publicidade.

2.4 OS INTELECTUAIS DE VEJA: AFINANDO UM PONTO DE VISTA

Existem três ordens de intelectuais presentes em *Veja*. A primeira delas, são aqueles profissionais que atuam no Brasil e que propõe análises para intervenção nesta realidade. Eles são recorrentes mas individualmente esporádicos nas páginas da revista. Eles são convocados pela revista e acabam de alguma forma convergindo para o projeto que está sendo proposto. A segunda são aqueles intelectuais contratados pela própria revista para assinarem colunas.

288 Editoriais sobre Veja, conforme discutido neste capítulo. Muitos destes editoriais se referem a reportagens sobre questões culturais.
289 Religião somada de "outros".

Trata-se de nomes vinculados à sociedade política, e que possuem relações empresariais relevantes. Eles parecem fazer parte da formulação mais ampla do programa de ação da revista. A terceira ordem são os intelectuais que possuem uma ação gerencial concreta, e que não se restringem ao Brasil. Eles não serão aqui tabulados, pois serão analisados em separado, no capítulo seis.

2.4.1. Os intelectuais convocados

Os gerentes do capital, e os membros da sociedade política têm uma ação concreta no sentido da implantação de um projeto político coletivo, agindo como seus intelectuais orgânicos. Mas, os capitalistas possuem também seus times próprios de intelectuais, para além dos seus organizadores, políticos, consultores e gerentes. São profissionais não vinculados à sociedade política que analisam a situação nacional, não diretamente econômica, apontando os caminhos que devem aparecer como naturais, o que é feito também nas páginas amarelas. Algumas poucas entrevistas apresentam falas críticas, destoantes da ordem geral. Mas isso se deve à necessidade da própria revista de, em alguns momentos de conflito, ampliar o leque de problemas em discussão, embora sua ordem seja insistir sempre que "não há alternativas". Algumas dessas falas (como a de José Luis Fiori ou Nelson Werneck Sodré), são críticas, mas não são enfocadas pela revista como "alternativas". A tabela abaixo indica os "pensadores" da situação nacional privilegiados por *Veja*.

TABELA 19: Intelectuais convocados

Data	Entrevistado	Cargo / Função
15/11/1989	Helio Jaguaribe	Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro
19/12/1990	Dércio Garcia Munhoz	Ex-assessor de Tancredo Neves, economista de corte heterodoxo
16/1/1991	Otávio Velho	Antropólogo, considerado um cientista qualificado. Prefere acreditar num país com chance de realizar sua receita com bom resultado
1/7/1992	Eduardo Giannetti da Fonseca	O economista diz que a inflação estimula falta de ética e que, no Brasil de hoje, a riqueza e o lucro são vistos com desconfiança
30/12/1992	Luiz Felipe Alencastro	Pensador que rema contra a maré
6/1/1993	Leôncio Martins Rodrigues	Cientista político acha que o país anda saturado de mudanças feitas por leis e decretos
28/4/1993	Wanderley Guilherme dos Santos	Cientista político com pés fincados na vida real do brasileiro
5/5/1993	Cláudio de Moura Castro	Economista do Banco Mundial, maior especialista do país em educação
28/7/1993	Sérgio Costa Ribeiro	Pesquisador da Fundação Ford, uma das suas especialidades é destruir mitos da educação brasileira
25/8/1993	João Manuel Cardoso	Seu livro O Capitalismo tardio é hoje um clássico para o estudo

	de Mello	das neurastenias da plutocracia nacional
13/10/1993	Candido Mendes de Almeida	É um intelectual versátil
27/10/1993	João Ubaldo Ribeiro	Vê com perplexidade a crise em que o país está mergulhado
8/12/1993	Barbosa Lima Sobrinho	Diz que a revolta popular contra a corrupção é bom sinal e desconfia da insistência na revisão constitucional
29/12/1993	Bolivar Lamounier	Pensar a política é a sua profissão. E ele a exerce como poucos
14/5/1994	Roberto Da Matta	O antropólogo defende que é ótimo enaltecer heróis e ídolos e diz que o povo é o que existe de melhor no Brasil
15/6/1994	Sérgio Abranches	O sociólogo recolhe pelo Brasil afora boas notícias que, batendo estrada, os candidatos escondem na poeira da campanha presidencial
12/10/1994	Stephen Kanitz	Suas idéias a respeito do país também o tornaram um requisitado conferencista entre empresários e executivos e um garoto-propaganda do país no exterior
16/11/1994	Milton Almeida Santos	Avesso às teorias que exaltam a globalização da sociedade moderna, o laureado geógrafo baiano alerta para o que chama de corrupção do saber
8/2/1995	Argelina Cheiub Figueiredo	Alerta: no fundo o Congresso é pior do que se pensa
6/9/1995	José Luís Fiori	O cientista político diz que, na era da globalização, os presidentes perderam importância e Fernando Henrique vive de charme, verbo e humor
27/9/1995	Nelson Werneck Sodré	Socialista que se considera incurável, apesar de todas as modas em contrário
7/1/1998	Evaldo Cabral de Mello	Nosso maior historiador em atividade
19/8/1998	Sergio Abranches	Ele duvida dos alarmantes dados sobre pobreza que são divulgados até por órgãos do próprio governo
27/1/1999	Hélio Jaguaribe	Ninguém pode atribuir ao cientista político... o pensamento que a esquerda batizou de neoliberal
3/2/1999	José Alexandre Scheinkman	Seus colegas da Universidade de Chicago e professores de outras instituições o têm procurado com freqüência para entender o que está acontecendo com o Brasil
24/3/1999	Fernando Abrucio e Valeriano Ferreira Costa	(Apontam) os muitos defeitos, as poucas virtudes da federação brasileira e algumas sugestões para melhorá-la
21/4/1999	Stuart Schwartz	Brasilianista diz que o pessimismo é uma velha mania dos brasileiros e compara a crise de hoje à da abertura dos portos em 1808
4/8/1999	Bolívar Lamounier	O cientista político critica os partidos de esquerda, o PMDB, os tucanos e o senador Antonio Carlos Magalhães
25/7/2001	Sergio Miceli	Para o sociólogo carioca, o Estado sempre exerceu e continua a exercer uma incrível atração sobre os intelectuais brasileiros

FONTE. PÁGINAS AMARELAS de Veja, de 1989 a 2002. Descrição de função da própria edição.

A ação desses intelectuais se completa com as dos demais que ocuparam cargos políticos ou administrativos elencados nas tabelas anteriores. Estão expostas idéias centrais ao ideário da revista, como a falência de alternativas, a necessidade de otimismo que seria "natural nos brasileiros", a necessidade de "limpar" o Congresso Nacional da corrupção como único problema do sistema político, entre muitas outras. Alguns desses nomes foram

recorrentemente citados em matérias pela revista ao longo dos anos (como Roberto Da Matta). Outros têm vínculos com o Fórum Nacional (como Bolívar Lamounier). E outros se tornaram colunistas de *Veja* (Alencastro, Kanitz e Castro). Há ainda outros destaques, que são recorrentemente citados, como o caso de Wanderley Guilherme, que recebeu uma seção perfil de quatro páginas, feita por Elio Gaspari: "***uma cabeça que bate contra a maré**: elitista e marginal, vencedor de causas perdidas*".[290] Ao nos atermos aos intelectuais da própria revista, há um afunilamento dessas idéias, como indica o próximo tópico.

2.4.2 Os intelectuais de *Veja*

A direção da revista, além de definir quem deve ser entrevistado, também tem ingerência direta sobre quem é convocado para figurar nas páginas amarelas. Uma das formas criadas para se legitimar é abrir espaços para *opinião,* como se fossem espaços para divergência, nos espaços concedidos a colunistas, mas que acabam mantendo o tom monocórdio do restante da revista. Ao longo do período analisado houve alterações nos ocupantes desses espaços e no peso que o mesmo teve para a revista. A partir de 1998, várias mudanças ocorreram, passando a ter maior ênfase os espaços *Ponto de Vista*[291] e *Em Foco*, que passaram a ter colunistas fixos.[292]

Vamos destacar aqui alguns colunistas, buscando sintetizar o sentido de suas falas: Roberto Campos, Mario Henrique Simonsen, Stephen Kanitz, Cláudio Moura e Castro, Sergio Abranches e Gustavo Franco.[293] Não se pretende dar conta do pensamento e nem do conjunto de suas colunas, mas apontar em termos gerais o caráter de sua participação na construção da revista. A junção desses intelectuais e gerentes mostra que há uma diversidade de posições,

---

290 Uma cabeça que bate contra a maré. Elio Gaspari. Veja. 18/5/1994, p. 40.

291 Outros intelectuais da revista de maior relevância foram Marcos Sá Correa, Roberto Pompeu de Toledo e Flavio Pinheiro. Os dois primeiros, com maior destaque, porque foram responsáveis por edições de reportagens, que serão citadas ao longo da tese.

292 Antes esse espaço era ocupado por convidados esporádicos, sem vínculos com a revista, que falavam sobre temas diversos, como por exemplo: Direito para todos. Lucia Rodrigues de Araújo. Veja. Ponto de Vista. 18/12/1996, p. 16. A autora, professora no Rio de Janeiro, diz que "familiares dos que morreram nas mãos de terroristas também têm direito à reparação".

293 Parte das colunas do Ponto de Vista de Veja foi reunida em uma obra coletiva, que agrega ainda algumas colunas de Luiz Felipe de Alencastro. Com relação a esse historiador, cabe apenas considerar que exerce o papel de intelectual erudito, conhecedor de informações históricas, com uma visão mais complexa, mas se encaixa perfeitamente no projeto mais amplo de "globalização" aqui explicitado. KANITZ, Stephen. (org). Ponto de Vista. São Paulo, Senac, 2000.

buscando atender a questões específicas de públicos diferenciados. Há uma linha clara de unidade entre eles, e a "globalização" é o seu centro.

2.4.2.1. Roberto Campos

A participação do ex-ministro Roberto Campos como colunista é importante por vários fatores, especialmente o fato de ser uma figura pública notoriamente defensora dos ideais neoliberais. Igualmente relevante é o fato de não ser um jornalista, ou seja, de ser alguém da sociedade política, que durante o período em que manteve a coluna em *Veja* foi Deputado Federal, além de ter sido ministro de Estado durante o período da ditadura militar e diplomata, representando o Brasil em conferências internacionais, incluindo-se aquelas que definiram o Consenso de Washington.[294] Relevante lembrar que foi sob sua direção que foi criado o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea, em 1964, que era na época coordenado por João Paulo dos Reis Velloso, indicando proximidade ideológica entre os dois dirigentes.[295] O IPEA até hoje partilha alguns de seus intelectuais com o Fórum Nacional. Além de ter ocupado as páginas amarelas, as referências a Campos são muito mais amplas, pois recorrentemente as matérias políticas remetem ao "deputado Roberto Campos" para avalizar posicionamentos.

Os seus textos no Ponto de Vista reproduzem suas intervenções na vida política, em outros órgãos de imprensa e em sua vasta produção bibliográfica: um anticomunismo acirrado, ao qual se soma a apologia aos Estados Unidos. Ele defende o Plano Real como via de concretização da abertura ao capital externo, desregulamentação, de privatizações, enfim, do neoliberalismo. É importante ressaltar ainda que Campos foi um seguidor de Eugenio Gudim, (elogiado por *Veja*), um dos mais importantes economistas a formar escola em torno da desregulamentação econômica, já como fundador da Fundação Getúlio Vargas em 1946.[296]

---

294 Seus principais cargos públicos: Presidente do BNDES; Ministro da Fazenda (1964 a 1967); Embaixador em Londres (1974 a 1982); Senador pelo PDS (1983 a 1991); Deputado Federal - reeleito (1991 a 1999).

295 Ver: LOUREIRO, Maria Rita. Os economistas no governo: gestão econômica e democracia. Rio de Janeiro, FGV, 1997, p. 85.

296 Sobre isso, Roberto Pompeu de Toledo publicou um ensaio em que comparava a posição de Roberto Campos, sua trajetória e filiação econômica, à do cepalino Celso Furtado. Roberto Campos, Celso Furtado e: a história da confiança e da desconfiança no Brasil, ao longo de duas vidas e duas carreiras paralelas. Veja. 28/7/1993. (40-50).

Segundo o editor de *Veja*, Campos significou um "reforço no seu time", com sua a entrada do "*colaborador*".[297] Ele é apresentado como alguém "à frente de seu tempo":

> Ex-embaixador em Londres e ministro do Planejamento no governo Castello Branco, Campos manteve-se coerente com suas idéias nos últimos quarenta anos. O que mudou foi a opinião do país a respeito delas. Conceitos como privatização de empresas e serviços públicos, controle das contas do governo e livre competição no mercado, que ele sempre defendeu, soavam no Brasil das últimas décadas como coisa quase exótica. Hoje, são moeda corrente na vida nacional. Até prefeitos do PT já andaram fazendo privatização de serviços públicos pelo Brasil afora.[298]

Dentre os temas de Campos em *Veja* estão: a privatização no sistema de previdência e as reformas neoliberais de forma geral e a inadequação da Constituição de 1988; a reiteração de que "não há alternativa" e análises desistoricizadas do comunismo; a permanente busca de tentar pautar setores da esquerda e dizer como eles deveriam se comportar. Assim ele definia o Brasil em 1989: "*um país fora de moda*", sendo colocado como alguém à frente de seu tempo:

> Comprou briga com meio mundo para defender suas idéias com a mesma veemência e método com que procura demolir a dos adversários. (....) Os seus principais oponentes no campo das receitas econômicas estão, como sempre, à esquerda – e, é, portanto, com redobrada malícia que ele examina as reformas produzidas na União Soviética pós Gorbachov, que apresenta quase como uma espécie de sócio ideológico, num paradoxo de efeito. Ele dá sua saída para a crise.[299]

Ao longo da década, ele seguiu com a pregação neoliberal, sempre defendendo que "não há opção". Por mais que as reformas avançassem, se mostrava insatisfeito por serem ainda "insuficientes", partindo de uma visão ideológica de um passado que se oporia à modernidade:

> Foram adiados os sonhos de grandeza e riqueza que minha geração sonhava para o ano 2000. **Estamos condenados a um reformismo intenso para recuperar o tempo perdido**. Não completamos as reformas de segunda geração e temos de encetar as de terceira geração: desregulamentação trabalhista, para aumentar a 'empregabilidade'; política, para melhorar a governabilidade; e a do Judiciário, para dar-lhe agilidade e substituí-lo, no possível, por sistemas de mediação. (...) A

---

297 Os colunistas não são assim chamados, mas como colaboradores, o que dá o sentido de afinidade e colaboração mesmo com o projeto.
298 Time reforçado. Carta ao leitor. Veja. 18/2/1998, p. 7.
299 Roberto Campos. Páginas Amarelas. Veja. 21/6/1989, entrevistado por Tales Alvarenga.

> agenda é intimidante. Mas **não há opção**, se quisermos escapar da mediocridade através da modernidade.[300]

A agenda de reformas é reforçada, apontando, em ano eleitoral, para a necessidade de que fosse aprofundada, sendo este o sentido de seus pontos de vista. Ele argumentava a existência de quatro erros fundantes na história recente brasileira: o "fetiche monopolístico", motivo de várias crônicas suas inflamadas contra a "Petrossauro", forma pejorativa com que chamava a Petrobrás; a fundação de Brasília, que seria o grande motivo de corrupção e inflação nacional; a política "nacionalista de informática legalizada em 1984"; e a Constituição de 1988:

> Híbrida no político, intervencionista no econômico e utópica no social. Às vésperas do colapso mundial do socialismo, expandimos de catorze para quarenta os instrumentos de intervenção estatal e criamos cinco novos monopólios. O engessamento da regulamentação trabalhista provocou desemprego ou fuga para a economia informal. (...) Não faltam naturalmente lances anedóticos, como o tabelamento de juros, ou a garantia do direito à vida para os idosos, induzindo-me na próxima pneumonia a impetrar um mandado de segurança contra as más intenções do Criador. Antigamente, as nações que erravam podiam alcançar na esquina o bonde da História. Hoje, a História anda de jato.[301]

O combate à Constituição seria um dos pontos de acordo total com o Fórum Nacional, pelos pressupostos que ambos partilhavam. Por fim, há que destacar seu combate virulento contra a esquerda, sobre a qual ele sempre se sentia a vontade para caracterizá-la à sua própria maneira. Assim, dizia que

> Na América Latina, o modismo do dia é dizer que o neoliberalismo é responsável pela agravação da exclusão e da pobreza. Nada mais idiota. O continente não é nenhum modelo de liberalismo. Na literatura sociológica mundial somos classificados como mercantilistas, patrimonialistas, dirigistas ou pré-capitalistas. E aqueles países que deram uma real guinada liberal, como Argentina e Chile, conseguiram pôr termos a longos períodos de estagnação que reduziram o padrão de vida individual e coletivo. No Brasil, as esquerdas conseguiram um soberbo ilusionismo semântico: o liberalismo ficou associado à imagem da indiferença social e o dirigismo, à idéia de justiça social. Nada mais absurdo.[302]

Prevalecem as idéias gerais: a esquerda como idiota e absurda. Os modelos argentino e chileno como de "modernidade", e de fundo mantendo a necessidade de aprofundar esse

---

300 Roberto Campos. Reflexões de fim de século. Veja. 13/5/1998. In: KANITZ (org.), p. 186. Grifos meus.
301 Roberto Campos. A história de quatro erros. Veja. 15/4/1998. In: KANITZ (Org.), p. 189.
302 Roberto Campos. É difícil amar o próximo. Veja. 5/8/1998. In: KANITZ, (org.) P. 176.

modelo "liberal", o que é feito de forma apologética. Em 1997, em atitude inédita, a revista lhe presenteou, na passagem dos seus oitenta anos, com uma edição especial das páginas amarelas, onde foram destacadas frases suas, elogiando-o: "*sempre teve o que dizer – e sua coerência intelectual resistiu a ciclos e a modas. Campos esteve no mesmo lugar enquanto o Brasil mudou muito. Andou para mais perto dele*".[303] Ele é, portanto, a própria personificação do capitalismo neoliberal: é para suas idéias que o país estaria caminhando. Alguns destaques de frases apontam para a forma política que seria necessária para a implementação do projeto comum neoliberal:

> "Só há três saídas para o país: Galeão, Cumbica ou liberalismo". 1991.
>
> "Exceto no Brasil, onde as idéias chegam com atraso como se fossem queijos que necessitam amadurecimento, a social-democracia não é percebida como último reduto do dirigismo, e sim como o primeiro capítulo do liberalismo". 1990.[304]

Esses foram os principais motivos de suas colunas e demais intervenções até o final de sua vida e colaboração com *Veja,* sendo muitas vezes citado pelos seus próprios colegas colaboradores e pela revista, forjando um "paradigma Roberto Campos".

2.4.2.2. Mario Henrique Simonsen

Mario Henrique Simonsen não foi colunista de *Veja*, mas foi uma figura muito importante para a revista e para a editora Abril, sendo um de seus principais formuladores. Ele se enquadra no mesmo contexto de Roberto Campos, mas as poucas vezes em que publicou textos de análise política, o fez com ares professorais, e não tão apologéticos. Simonsen teve participação no governo de Castelo Branco, colaborando na pasta de Campos. Em 1970 foi indicado presidente do Mobral, e no governo Geisel, a partir de 1974, foi Ministro da Fazenda, "*elaborando juntamente com Reis Velloso, o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento).*"[305] Posteriormente tornou-se professor da Fundação Getúlio Vargas. Quando morreu, a Carta ao leitor o homenageou:

---

303 Roberto Campos, 80 anos. Páginas Amarelas. Veja. 16/4/1997, p. 8.
304 Idem.
305 LOUREIRO, op. cit., p. 93. É interessante lembrar que nos anos 1970 a editora Abril era responsável pela edição dos livros do Mobral, o que em muito contribuía para a manutenção econômica da editora. E, posteriormente, uma das divisões da Abril seria a publicação de livros didáticos, que redundou na compradas editoras Ática e Scipione.

> Durante catorze anos, Simonsen colaborou regularmente com a revista, e discretamente doava seus honorários à Orquestra Sinfônica Brasileira. Era nosso crítico titular de música clássica e ópera, resenhista ocasional de livros e ensaísta. (...) Como colega, estava sempre pronto a esclarecer dúvidas de quaisquer jornalistas da revista. Quando se chegava a um problema especialmente complicado, o desfecho invariável era a frase: "vê com o Mario Henrique que ele deve saber". (...) Um amigo inesquecível.[306]

Recebeu também uma reportagem de oito páginas em que é tratado como "o professor" dos economistas brasileiros. O fato de ser sócio do Banco Bozano Simonsen "*um latifúndio financeiro cujas cercas vão da agropecuária aos shopping centers, dos minérios à privatização do Banerj*",[307] aparece como uma quase coincidência, "obra do acaso", como se ele não tivesse qualquer interesse de classe em ser também banqueiro. Demarca-se também sua distinção com relação a Delfim Netto que seria o responsável pela "*política de crescimento acelerado e euforia*",[308] que levaria Simonsen a qualificar a década de 1980 como a "década perdida". Simonsen teve também uma ligação com outros órgãos da editora Abril, especialmente a revista *Exame*, na qual possuiu uma coluna, caracterizando-o plenamente como um intelectual do grupo, como se observará nas muitas vezes em que seria citado no contexto político nacional pela revista.

2.4.2.3. Stephen Kanitz

Stephen Kanitz escrevia esporadicamente em *Veja* desde 1980. Em 1998 ganhou uma coluna fixa que é publicada até hoje a cada duas edições, inicialmente dividindo o espaço com Roberto Campos. Ele foi assim apresentado pelo editor:

> Consultor de empresas, com título de mestre em administração por Harvard e professor da Universidade de São Paulo, Stephen Kanitz foi um dos poucos analistas a ver com otimismo o futuro do país numa época em que os brasileiros viviam uma aguda crise de auto-estima. Antes mesmo do Plano Real, escreveu o livro O Brasil que dá certo, lançando-o na decolagem da nova moeda. Nele, previa um ciclo sustentado de crescimento entre 1995 e 2005. Era um prognóstico incomum, num momento ainda marcado pela inflação elevada. Com o sucesso da nova moeda, comprovou-se que o otimismo de Kanitz tinha fundamento. As crise

---

306 Colaborador, colega e amigo. Carta ao leitor. Veja. 19/2/1997, p. 7.
307 O homem que calculava. Veja. Marcos Sá Correa. 19/2/1997, p. 65. O autor destaca que ele "ficou rico por acaso, com patrimônio de 50 milhões de dólares", p. 68.
308 Idem, p. 67. Ele também volta a ser notícia quando seria publicado um livro sobre suas memórias: "o baú de Mario: depoimentos de amigos e colaboradores revelam histórias inéditas sobre o Brasil de Simonsen". Veja. Lucila Soares. 14/11/2001, p. 105.

> do México e da Ásia retardaram a decolagem brasileira. O Brasil, apesar de tudo, tornou-se uma das melhores apostas para os países emergentes.[309]

A rápida leitura desta apresentação mostra o sentido da análise que a revista busca: a previsão de um futuro otimista ligado ao programa neoliberal. Seus textos são bastante pragmáticos. Ele faz análises que aparentam ser menos "históricas", e busca apontar para uma ação concreta a ser realizada pelo leitor. Ele está diretamente ligado a mudanças em nível de administração das empresas capitalistas, sendo seu campo de atuação a formação universitária, a realização de palestras para executivos e a publicação de textos. Seus diferentes "lições" são permeados também pela vaga noção de "globalização", reduzindo sua ação à necessidade de reformas.

Ele propõe ajustes no capitalismo, reiterando a posição geral: "*para o bem ou para o mal, tudo indica que o capitalismo está lentamente vencendo sua longa luta contra o comunismo e o socialismo*".[310] Seria então necessário "*achar meios para aprimorar o capitalismo*", que "*se provou muito competente para produzir bens e serviços que os consumidores querem*".[311] O capitalismo, para ele, seria apenas uma forma de atender àquilo que a humanidade "quer". E, ao dizer que o sistema deveria aprimorar a produção de bens e serviços "de que as pessoas precisam", ele apela para a ação benemérita dos empresários, uma "*nova geração que está transformando um capitalismo de resultados em um capitalismo de benefícios*".[312]

Quando discute a privatização, critica as posições "emotivas e acaloradas", colocando em termos claros que "*em um mundo globalizado, onde empresas têm mais poder que os governos*",[313] a "democratização" fundamental seria dada no campo empresarial, e não do Estado. Todo o problema da privatização se reduziria ao fato de que a maior parte dos acionistas, que comprariam ações ao portador, não teriam direito a voto, assim, "*não democratizar efetivamente as empresas é um grande retrocesso que está sendo cometido pelo governo*", concluindo que: "*não podemos também ser os últimos a conceder o direito de voto*

---

309 Time reforçado. Carta ao leitor. Veja. 18/2/1998, p. 7.
310 Capitalismo beneficente. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 27/5/1998, p. 21.
311 Idem.
312 Idem.
313 O erro das privatizações. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 22/7/1998, p. 23.

à maioria dos acionistas brasileiros. ***É o princípio básico da democracia***".[314] Ou seja, a democracia teria o sentido de garantir a liberdade de mercado.

Um de seus temas preferidos é a defesa da tecnificação da administração, ou seja, a preparação de profissionais de nível superior, para gerir a máquina estatal, insistindo sobre a formação por parte dos gerentes do capital. Ao discutir o problema dos "*cargos de desconfiança*", a sua crítica diz que "*o problema é que a maioria dos políticos não conhece um número suficiente de pessoas em quem realmente possa confiar*".[315] Ele aponta a solução: "*em vez de contratar um amigo do peito, selecione o melhor e mais qualificado profissional possível para o cargo, independentemente de conhecê-lo ou não*".[316] E "*em seguida, cerque o contratado de controles gerenciais, fiscalização interna, auditoria externa, o que for necessário para manter o pessoal na linha*".[317] Por um lado, ele oculta o caráter estruturalmente clientelista da manutenção dos cargos de confiança, ao não questioná-lo, cobrando apenas que sejam competentes e fiscalizados, ocultando que é próprio dessa forma de Estado esses espaços de favorecimentos; por outro, mesmo diante desse problema, ele não ousa propor a criação de cargos efetivos com concursos públicos, pois o que se quer é o empresariamento e mercantilização do serviço público.

As batalhas pelas reformas constitucionais seguem a mesma linha, trazendo no seu discurso a proposital confusão: "*o Brasil tem muitas qualidades, mas também tem muitos defeitos. Um deles é que nós ainda não temos o que alguns chamam de senso de urgência. Deixamos coisas muito importantes para serem resolvidas tarde demais*".[318] Parte-se do grande sujeito, o Brasil, que a tudo justifica, para chegar no sujeito coletivo "nós", remetendo o fundamento da ação proposta para um sujeito indefinido, "alguns", para chegar no mais importante, à definição de quais são os "nossos" problemas a serem resolvidos: "*apesar de o Congresso ter aprovado o início de algumas importantes reformas, é bom lembrar que na realidade estamos até agora simplesmente corrigindo* ***erros conceituais*** *cometidos na Constituição de 1988*",[319] o que é motivo para citar Roberto Campos, e a enumeração de

---

314 Idem. Grifos meus.
315 Cargos de desconfiança. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 19/8/1998.
316 Idem.
317 Idem.
318 Senso de urgência. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 9/12/1998.
319 Idem.

"*dezenas de problemas urgentes a resolver*".[320] Tudo isso é feito a partir de uma perspectiva exteriorizada, falando em nome da entidade abstrata "o mundo", de forma ameaçadora:

> Infelizmente, o mundo não está esperando o Brasil resolver suas inúmeras dificuldades. A competição não é mais entre empregados e patrões, como acha a esquerda, nem entre empresas, como acha a direita. A grande competição comercial é entre as nações, algo que nossos políticos (...) não estão percebendo. Globalização não é uma corrida de 100 metros rasos em que todos os países estão calmamente esperando para que o Brasil amarre o cadarço de seu tênis. Os países que conseguirem um nível razoável de organização da sociedade sobreviverão. O resto não.[321]

Nesse texto, o Brasil é sinônimo de atraso. É como se a nação fosse uma entidade abstrata a serviço do lucro, e não constituída por agentes políticos e sociais e de relações sociais de classe. Para o autor, a saída para a ameaça é que cada um "mexa-se": "*a sociedade civil organizada. Uma sociedade que lute diretamente, questionando, ameaçando entrar na justiça, mandando cartas desaforadas para o responsável com cópia para a imprensa, criando home pages pedindo adesões para lutar pela solução de milhares de problemas, desde a reforma política até os meninos de rua*".[322] Assim devem ser solucionados os "graves problemas" da competição: "*se não for considerado um atrevimento da minha parte, eu também gostaria de mandar um email para o querido leitor:* ***mexa-se***!"[323] É também por isto que ele explicita que o voto é uma "arma", na medida em que permite "*renovar seu contrato social com a democracia do Brasil*".[324]

A afinidade das idéias por ele defendidas e o programa neoliberal ficam ainda mais claras na coluna "Ordem ou progresso". Diz ele que as empresas hoje em dia todas têm uma "missão", que costuma ser impressa em cartazes ao alcance dos funcionários. E o Brasil seria hoje um dos poucos países a terem também sua "*carta de princípios: ordem e progresso*".[325] E explica, que

> Boa parte da política econômica de Fernando Henrique Cardoso, Pedro Malan e Armínio Fraga Neto segue o lema positivista de manter a casa em ordem, sem

---

320 Idem. Dentre estes, estariam: a reforma política; a reforma tributária; a reforma administrativa; a reforma ética; a sonegação; o empreguismo; o corporativismo, entre outros.
321 Idem.
322 Idem.
323 Idem.
324 Democracia brasileira. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 29/11/2000.
325 Ordem e progresso. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 3/4/2002.

> inflação, por exemplo, como precondição para o progresso. Temos uma Constituição de mais de 300 parágrafos, que põe 'ordem' em tudo, ou em quase tudo.[326]

A questão é alterar a Constituição, citando Ricardo Semler: ou se escolhe "ordem" ou "progresso"; o Brasil não estaria crescendo por causa dos entraves burocráticos, fiscais e empregatícios:

> Quem coloca a sociedade em ordem não são os economistas, como nos querem fazer acreditar, mas sim advogados, administradores, analistas, jornalistas, historiadores, professores. São eles que ajudam a consolidar os 'progressos' feito pelos cientistas, empreendedores, criadores e revolucionários, sedimentando-os em leis e lições para que o restante possa imitá-los. Até os progressistas mais revolucionários precisam, periodicamente, de um governo mais conservador, para que as mudanças se tornem consagradas, sedimentadas e difundidas.[327]

E, completa, deixando clara a divisão social entre os intelectuais que "consolidam" a história e os que realmente a fazem: "*quem gera o progresso sem dúvida são os criadores, os inovadores, as pequenas empresas e os pequenos empresários, os artistas que quebram paradigmas, os que destroem a 'ordem' e a visão reinante, os que se arriscam e mostram o exemplo*".[328] E a "subversão", nesse caso seria clara, pois os empresários teriam rompido com as "amarras da Constituição" no sentido do "progresso". Em outros artigos, ele desmembra os diferentes problemas: "*o brutal desemprego neste país está diretamente vinculado às aposentadorias e ao déficit da previdência. Os assaltos e violência estão diretamente ligados a esta previdência socializada e injusta que temos*".[329] Já em outro momento "todo" o problema está na falta de administradores: "*aí está a principal razão para nosso desemprego, a desorganização de nossa economia e a estagnação econômica*".[330] Ou ainda: "*O Brasil está numa canoa furada não pela ganância do capital, dos empresários ou dos seus banqueiros, mas pela carga tributária do próprio governo, que praticamente consome 65% do custo dos nossos produtos. Isso explica porque nossa indústria está acabando e desempregando*".[331] Em síntese, ele é um defensor de novas formas de gerenciamento do capital, e do enxugamento ao

---

326 Idem.
327 Idem.
328 Idem.
329 A aposentadoria sumiu. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 20/10/1999. In KANITZ, (Org.), p.23.
330 A origem do desemprego. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 22/9/1999. In KANITZ, (Org.), p. 27.
331 Quero ser índio. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 30/6/1999. In KANITZ, (Org.), p. 30. Essa coluna prima pela hipocrisia, ao estabelecer um comparativo entre a vida de antes, dos "índios" que não precisavam pagar impostos, e que hoje "têm a melhor distribuição de rendas do Brasil".

máximo de qualquer responsabilização do Estado, expresso nas críticas permanentes ao sistema tributário. É necessário, para ele, privilegiar a ação individual, daqueles que têm "*iniciativa e acabativa*",[332] reiterando mais uma vez a tese de que o neoliberalismo é "criativo", que se deve abandonar a teoria e "partir para a prática".

2.4.2.4. Cláudio de Moura e Castro

Em 1996 novos colunistas foram contratados pela revista: Cláudio de Moura e Castro, Eugenio Bucci[333] e Luiz Felipe de Alencastro. Castro foi apresentado como "*um economista de 57 anos, diretor de projetos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID. Morando em Washington, é um dos maiores especialistas brasileiros em educação*".[334] A apresentação da sua entrevista nas páginas amarelas tornou claro seu papel na revista, qual seja, de iniciar uma campanha de denúncias contra o ensino público, de acordo com as orientações do Banco Mundial, do qual o próprio colunista é economista, e daí foi também alçado a diretor da Capes:

> O Brasil tira zero. Como diretor da Capes, órgão federal que concede bolsas de pesquisa, livrou a instituição dos critérios subjetivos para implantar ali o primado da qualidade e da competência. O economista do Banco Mundial, maior especialista do país em educação, diz que o Brasil não leva o ensino a sério e receita uma revolução para as escolas.[335]

Suas colunas, no entanto, não são sobre a situação da educação. Ele age com o sentido mais amplo de aconselhar aos pais sobre melhores escolas, dá e cobra lições de "civismo", e tem sempre como amálgama "o país". Idéias como a necessidade da "tolerância zero" para erros nas escolas são defendidas por ele, exemplificando com análises sobre a situação dos banheiros escolares,[336] ou ainda dando lições sobre "passinhos" para melhor a vida diária.[337]

---

332 Segundo ele, "acabativa é um neologismo que significa a capacidade que algumas pessoas possuem de terminar aquilo que iniciaram ou concluir o que os outros começaram. É a capacidade de colocar em prática uma idéia e levá-la até o fim". Em outras palavras, para ele, a "esquerda tem iniciativa", enquanto que a "direita tem acabativa". Iniciativa e acabativa. Stephen Kanitz. Ponto de Vista. Veja. 11/11/1998. In KANITZ, (Org.), p. 43.

333 Não serão analisados seus textos. Sua obra sobre ética e imprensa foi escrita sob licença de suas funções na editora Abril. Sua crítica à imprensa no livro se restringe à televisão, e à Rede Globo, permitindo que se subentenda que a imprensa escrita, especialmente as revistas da Abril, seriam um modelo de bom jornalismo. BUCCI. Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

334 Colunistas de primeira linha. Carta ao leitor. Veja. 9/10/1996, p. 9.

335 O Brasil tira zero. Entrevista de Cláudio de Moura e Castro. Páginas Amarelas. Veja. 5/5/1993.

336 Banheiros e desenvolvimento. Cláudio de Moura e Castro. Ponto de vista. Veja. 2/2/2000. in: KANITZ, (org), op. cit, p. 67.

Sua atuação como "colaborador de *Veja*", busca educar de forma mais ampla seus leitores no sentido de terem um comportamento mais "desenvolvido", como, por exemplo: "*se ninguém está olhando, o peão pára de trabalhar. Portanto, haverá um capataz tomando conta e o subtraindo do que poderia ser o seu salário*".[338] Ou seja, reproduz no senso comum introjetando nos trabalhadores as necessidades do capital, para concluir que "*se não criarmos as condições para que esses comportamentos mudem, nada feito. Viveremos dos sonhos do país do futuro*".[339]

A pesquisa de Loraci Hofmann Tônus abordou de forma mais ampla a educação neoliberal em *Veja*, inclusive o papel de Moura e Castro, que está em conjunto com outros discursos, inclusive do FMI e do Banco Mundial, que têm o mesmo sentido:

> Embora os níveis de linguagem sejam diversos, todos esses discursos falam, indubitavelmente, das mesmas coisas, defendem as mesmas teses, guardam com esmero as mesmas trincheiras, deixam em aberto as mesmas lacunas. O discurso de Veja apenas *moderniza*, populariza, a linguagem economicista dos intelectuais do neoliberalismo a respeito da educação. (....) Ao inocentar o sistema e culpabilizar sua vítima, o desempregado que não estudou, ou que quando o fez não soube fazer as escolhas certas, a Revista compactua para perpetuar uma forma lacunar de interpretar a realidade, pois apaga para o sujeito-leitor, a verdadeira causa do desemprego e o induz a culpar a si próprio, ou aos demais desempregados, por uma situação que é, na verdade, estrutural e não individual.[340]

Essa passagem aponta para a organicidade da posição não apenas de Castro, mas também de Kanitz, que insistia na necessidade de "profissionalização", e de formação como panacéia e individualização do problema estrutural, como voltaremos a discutir nos próximos capítulos.

2.4.2.5. Em foco: Sergio Abranches e Gustavo Franco

Também com o objetivo de direcionar "o olhar", *Em foco* é outro espaço para colunistas da revista. Dentre eles, destacam-se Sergio Abranches e Gustavo Franco. Ambos foram apresentados como economistas que "*costumam ter o Brasil como assunto e seus*

---

337 Passinhos do gigante desajeitado. Cláudio de Moura e Castro. Ponto de vista. Veja. 17/6/1998. in: KANITZ, (Org.), p. 80.
338 O desenvolvimento está nos detalhes. Cláudio de Moura e Castro. Ponto de vista. Veja. 20/5/1998. in: KANITZ, (Org.). p. 85.
339 Idem.
340 TONUS, Loraci Hofman. Escola pública e imprensa neoliberal: o caso da revista Veja. Curitiba, HD Livros, 2001, p. 166-167. Grifos do original.

comentários ultrapassam o campo econômico",[341] e como pessoas que "*não são praticantes do jargão dos economistas, uma língua tribal que tem o dom de transformar seus cultores em figuras marcantes para quem quer que seja de outra etnia*".[342]

Abranches tem uma empresa de consultoria e foi muitas vezes citado por *Veja* para refutar números sobre desemprego e miséria no Brasil. Segundo mostra a revista, ele "*diz que pesquisadores usam dados irreais e chegam a conclusões estapafúrdias a respeito da pobreza no Brasil*".[343] Esteve ao lado da reeleição de Cardoso, em nome das reformas e do suposto crescimento, mesmo que para isso jogasse projeções ao ar sem necessidade de comprovação: "*acho que Fernando Henrique terminará o processo de reformas para eliminar as restrições ao crescimento econômico e implantar um modelo de crescimento sustentado que permita dobrar a renda per capita do brasileiro em alguns anos*".[344] Sua argumentação é de que como "não há alternativa", a própria população brasileira estaria se dando conta da inevitabilidade histórica:

> A divisão ideológica entre capitalismo e socialismo desapareceu com o fim do socialismo, também não existe mais de forma contundente o debate do estatismo contra o liberalismo. A crise fiscal do Estado tornou impossível manter níveis adequados de investimentos nas estatais. É uma polêmica a menos para as eleições. O debate, agora, se volta para temas mais concretos e específicos, como saúde e educação. A população está mais pragmática.[345]

As posições são naturalizadas, como a repetição de que seria impossível manter o nível do investimento do Estado, leia-se: reduzir políticas sociais e pagar juros da dívida, distorcendo os efetivos motivos dessa situação do Estado e do seu atrelamento a políticas internacionais ditadas pelos gestores do capitalismo. Abranches seguiu publicando suas colunas em *Veja* também teve seu trabalhos publicados e divulgados pelo Fórum Nacional, onde discutiu, entre outros "*mudanças e impasse: cenários e saída*".[346]

---

341 A opinião de quem entende. Carta ao leitor. Veja. 15/9/1999, p. 9.
342 Idem.
343 Está tudo errado. Páginas Amarelas. Veja. Sergio Abranches entrevistado por Lauro Jardim, 19/8/1998, p. 11.
344 Idem, p. 13.
345 Idem.
346 ABRANCHES, Sergio. Mudanças e impasse: cenários e saída. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Org.). Estabilidade e crescimento: os desafios do Real. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994. p. 91 a 137.

Gustavo Franco foi apresentado como "*um dos comentaristas mais lúcidos da área econômica*".[347] Ex-presidente do Banco Central, umbilicalmente ligado ao governo Fernando Henrique e ao Plano Real, faz uma análise algo mais refinada do cenário econômico, o que poderia ser considerado até fora dos padrões de *Veja*. Em algumas ocasiões também colaborou com as publicações do Fórum Nacional.[348]

Ao contrário do que enunciou o editor, seu texto tem alguma dificuldade em cair na vulgarização comum à revista. Mas o sentido é o mesmo, defender as reformas neoliberais, atacando pontos cruciais mas pouco conhecidos, como o caso do artigo 192 da Constituição, que desregulamenta o setor financeiro. A sua revogação seria um passo decisivo para o capital financeiro: "*ninguém deve ter dúvidas sobre a enormidade das transformações que ocorreram no sistema financeiro nos últimos anos. Em conseqüência, foi ficando cada vez mais apertada a camisa-de-força construída pela exigência de uma lei complementar única para regulamentar o artigo 192*".[349] Isso porque, como ele explica, o artigo abrange temas muito amplos como "*a autorização e o funcionamento de instituições financeiras, companhias de seguro, resseguro, previdência privada e capitalização, cooperativas de crédito, organização e funcionamento do Banco Central, ou seja, quase tudo o que importa quando se trata de sistema financeiro*".[350] E para "sair dessa sinuca", argumenta que "*nosso Congresso não deveria obstruir ou procastinar matérias desse tipo, quem perde é o país, que se vê privado de uma discussão (...) sobre o papel do sistema financeiro no desenvolvimento econômico nacional*".[351] Ou seja, ele está pautando um tema que não estava naquele momento na prioridade do Congresso, a discussão pública da financeirização econômica à qual o país está sendo submetido. Mas faz isso em nome da necessidade de que o artigo em questão deixe de existir, pois o mesmo coloca entraves ao avanço desse processo de oligopolização e de livre circulação de capitais.

As diferentes origens dos colunistas da revista permitem que eles se coloquem, de perspectivas distintas, atuando em prol de um mesmo objetivo, o projeto político defendido

---

347 A opinião de quem entende. Carta ao leitor. Veja. 15/9/1999, p. 9.
348 Gustavo Franco. O Plano Real em perspectiva de médio prazo. In: VELLOSO, J. P. R. (Org.) O Brasil e o mundo: no limiar do novo século. Rio de Janeiro, José Olympio. 198. vl. 2. (57 – 80).
349 Gustavo Franco. Veja. Em foco. A sinuca do artigo 192. 2/8/2000.
350 Idem.
351 Idem.

por *Veja* e pelos setores políticos neoliberalizantes. Estas falas serão sistemáticas, a cada semana, com assento garantido. A diversidade entre eles apenas reforça o sentido do objetivo a atingir, pois parece que tudo "naturalmente" converge para o mesmo caminho, o "rumo certo".

2.5 A PUBLICIDADE: SUSTENTANDO A ECONOMIA DE MERCADO

A publicidade será abordada sob dois aspectos: a publicidade da própria revista construindo sua marca; e a dos anunciantes da revista, que, segundo *Veja*, sustentam sua "liberdade". A noção de liberdade tem um sentido fundamental para um veículo de comunicação. Em tese, seria em nome da liberdade de expressão e de informação que existiria a imprensa, cumprindo uma função social. No entanto, imprensa e publicidade no contexto capitalista estão indissoluvelmente vinculados a interesses de classe. Portanto, se eles têm liberdade, esta é delimitada pelos seus posicionamentos diante da realidade, ou seja, dos interesses que defende. Mas *Veja* sempre se mantém como guardiã desta suposta liberdade que é sempre restritiva, pois está demarcada pelo mercado, como ficará claro na posição da revista sobre a questão.

2.5.1 A publicidade de *Veja* em *Veja*

Veja investe no seu *branding*,[352] como pode ser percebido na análise dos editoriais. A revista constrói uma proximidade com seus leitores, ditando como os mesmo devem se comportar "durante a semana", e colocando-se no papel de indispensável para a sua própria identidade. *Veja* utiliza vários recursos discursivos para consolidar a sua marca, dizendo que "*não é currículo, mas é vitae*". O principal slogan dita: "*VEJA: indispensável*", com o qual a revista se pretende "*doadora de competência para realizar a ação, a vida, a própria existência*".[353] Para apresentar-se como "**indispensável**", deixa pairar a ameaça àqueles que não a consumirem, não lhes seria possível alcançar o tão almejado "sucesso". Outros exemplos de publicidade da revista reiteram o sentido político que ela busca para si mesmo,

---

352 O branding é o que permite à marca o forjamento da identidade pessoal a partir do seu uso (o produto fica em segundo plano). O que importa é que os consumidores sintam necessidade do consumo da marca e, em decorrência, legitimem as condições para que isso seja possível (práticas neoliberais). KLEIN, Naomi. Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003.
353 HERNANDES, Op. cit., p. 56.

como vemos na tabela abaixo, onde se destacam algumas das muitas peças publicitárias da revista.

TABELA 20: PUBLICIDADE DE VEJA

	Texto	Descrição	Data
1	*Uma revista é indispensável quando ela pertence a um só partido: o do leitor*. Veja. Indispensável.	Capa sobre a "República de Alagoas"	16/12/1992
2	*Em jornalismo como na vida, o importante é o que a gente tem por dentro*. Veja. Indispensável. A maior e mais respeitada revista do Brasil.	Fotografia em que aparecem sobrepostas as seções da revista.	13/9/1995
3	"*A imprensa é a vista da nação*". Rui Barbosa. Veja. Indispensável. A maior e mais respeitada revista do Brasil.	O "olho de Veja" com as cores da bandeira brasileira ocupa a íntegra de uma página dupla.	29/3/1995
4	*Você já percebeu que quando algo é muito importante, é destacado em amarelo*? Páginas Amarelas de Veja. As entrevistas mais importantes da semana.	Fotografia de uma caneta marca-textos amarela, ocupa as duas páginas.	9/8/1995
5	*Não é só no mar que você precisa de bússola*. Veja. Indispensável. A maior e mais respeitada revista do Brasil.	Duas folhas, uma com o texto na outra, uma foto de uma bússola.	14/6/1995
6	*A esquerda acha que a Veja é de direita. A direita, que Veja é esquerdista. Os moderados dizem que Veja é radical. Os radicais reclamam que Veja é moderada. Incrível que seja a maior revista do país, mesmo desagradando a tanta gente*.	Fotografia de alguém lendo com as respectivas capas abertas, (em 10 páginas duplas), em que só aparecem os olhos: 1.Capa A esquerda com raiva, 1549; 2. Capa Tucanos na mira, 1573; 3. Capa fome, 1545; 4. Capa carismáticos, 1541. 5. Capa As testemunhas falam, 1594.	2/6/1999
7	VEJA: a função da imprensa é dizer quando o rei está nu. E obrigá-lo a se vestir.	capa da edição 1595. A radiografia do escândalo.	Jul/99
8	Uma revista tão boa que as notícias nem precisam ser ruins	Capa de edição da revista	25/8/1999
9	Mesmo sendo imparcial e apartidária, Veja já mudou mais a história do país do que muito revolucionário por aí. Veja. Os olhos do Brasil.	Fotografia de alguém lendo com as respectivas capas abertas, com a capa "Pedro Collor conta tudo"	Dez/

FONTE: Publicidade de *Veja* veiculadas em *Veja* (ver anexos)

A revista e o grupo Abril esmeram-se em produzir a imagem da publicação indispensável, livre e independente. Analisemos rapidamente esses supostos atributos, a partir dos textos propagandísticos. Em primeiro lugar, tamanho é documento, para *Veja*, repetido no fato de ter a maior tiragem, que a tornaria a *mais respeitada*. A quantidade substitui a qualidade e não há nenhuma menção ao alcance efetivo de sua influência. Nos exemplos 2, 3, 4 e 8 a revista se pretende neutra. Ela não faria política, limitando-se a mostrar a realidade. Citando Ruy Barbosa, *Veja* diz ser o próprio "olho da nação", aquele que *vê* e *faz ver*, subentendendo um referencial: o país. Nos demais exemplos, a referência da realidade

continua sendo a própria revista: ela porta o que é importante dentro de si (2) destaca o que é importante (4) e pode relatar o que quer, sendo que isso a faz ser *boa* (8).

Sua função política é de várias formas escamoteada, denegada. Isso está presente ao dizer que é uma *bússola* (5), portanto, algo que aponta o *norte,* o rumo a que se quer chegar. A bússola de *Veja* aponta sempre o mesmo norte: é imantada pelo mercado e direcionando para ele seus leitores. É no exemplo 6, entretanto, que sua pretensão de neutralidade é explícita. A formulação pretende a onipotência. Ela divide a sociedade: esquerda, direita, moderados e radicais. E se coloca como estando acima de tudo isso, acima do bem e do mal. Mas é preciso perguntar: a quem jamais *Veja* desagrada? E a essa questão buscaremos responder ao longo da tese, os vínculos com os interesses empresariais que simultaneamente compartilha e defende em todos os níveis; e com os seus anunciantes.

Outras duas mensagens dizem respeito exatamente às questões que estamos problematizando: (1) "*Uma revista é indispensável quando ela pertence a um só partido: o do leitor. Veja. Indispensável*". Aqui a revista produz uma separação clara: ela busca se desvincular totalmente dos demais partidos. Ela diz pertencer a um partido, o "do leitor". Estes elementos são insuficientes para que se saiba o que caracteriza esse suposto partido. Mas há uma distinção com a gravura da "república de Alagoas", que não deve ser parte deste partido, subentende-se. E *Veja* se coloca como nada mais que *indispensável*. Na mensagem 13, temos de volta a questão partidária: "*Mesmo sendo imparcial e apartidária, Veja já mudou mais a história do país do que muito revolucionário por aí. Veja. Os olhos do Brasil*". Aqui não é mais o partido do leitor que a revista representaria, ela estaria acima de qualquer partido, além de ser totalmente imparcial. Mas, ela própria se desmente ao dizer que "já mudou a história do país", ainda que não esclareça a que se deveriam essas mudanças. Mais que isso, a mudança que ela diz promover é muito maior que a de "muito revolucionário por aí". Portanto, implícita está a idéia do pensamento único e de que de nada serviria "ser revolucionário", porque as mudanças efetivas são feitas (apenas) por sujeitos como *Veja*.

Outra estratégia da revista, além da publicação em suas próprias páginas, é o envio de correspondências a possíveis anunciantes, como esta:

> INDISPENSÁVEIS. VOCÊ PARA VEJA. VEJA PARA VOCÊ. Comece a cada semana com VEJA e sinta a diferença. [nome do destinatário]. Você, cidadão do mundo. Você, assinante de VEJA. A história da VEJA é feita, sim, de reportagens

> marcantes, entrevistas inesquecíveis, matérias mudaram o rumo dos acontecimentos. Mas a história da VEJA é feita, acima de tudo, de leitores como você, que exigem mais do que a descrição linear dos fatos. Precisam entender as **razões e conseqüências** daquilo que acontece. Foi atendendo as exigências de pessoas como você que VEJA tornou-se a mais lida, respeitada e comentada revista do país. A 4ª revista semanal de informação do mundo, atrás apenas de Time, Newsweek e U S News, conquistando cada vez mais assinantes. Só há uma maneira de provar que podemos fazer diferença em sua vida: levar a sua casa a revista que mostra como tudo o que acontece vai mexer com você. VEJA cobre desde o **mundo da política, economia, internacional, até artes e cultura**, com uma linguagem **clara** e **atraente**, **gostosa de ser lida**. Queremos que você comece a receber a análise semanal dos acontecimentos do Brasil e do mundo. Por isso preparamos uma oferta especial para você assinar VEJA.[354]

Veja procura ativamente conquistar novos leitores, apontando para sua diversidade, e para o fato de que propõe explicar, de modo sistemático e simplificado para que "qualquer um" possa gostar. E não são quaisquer fatos, mas aqueles que "mudam o rumo dos acontecimentos". Portanto, são "indispensáveis". Novamente, no meio do texto e de maneira discreta, o papel central de *Veja* se propõe: definir as razões do mundo e agir junto ao leitor para que este atue em consonância com o programa por ela estabelecido. O leitor deve ser conseqüência de *Veja*. A muitos deve parecer mesmo tentadora a proposta de encontrar tudo isso em um só lugar, e ainda se auto-proclamando como uma das "melhores do mundo". A que preço é o que estamos tentando ajudar a perceber.

2.5.2 Os anunciantes de *Veja*

A grande quantidade de publicidade da revista já levou o editor a dar explicações, o que parece gerar reclamações de alguns leitores. Segundo ele:

> VEJA publica semanalmente mais páginas editoriais que suas congêneres americanas. Enquanto Time publica 52 páginas e Newsweek, 53, VEJA nunca contém menos de setenta páginas editoriais por semana, seja qual for o número de páginas de publicidade.[355]

O argumento é especioso – o fato de manter as 70 páginas justificaria que estas venham embrulhadas, por vezes, em mais de 100 páginas de propaganda. Em outros termos, e usando o mesmo argumento mercantil de *Veja*, o leitor paga por um produto já pago. A revista

---

354 Correspondência publicitária enviada por veja. s/data. [2003]. Grifos meus.
355 Sem propaganda não há independência. Veja, Carta ao Leitor. 5/6/1996, 1447, p. 31. Grifos meus.

parece chegar nas bancas (ou nas casas dos assinantes) já integralmente paga. Ela vende-se antes de chega às bancas, muito antes do suposto – e dileto – cliente de sua propaganda institucional; os verdadeiros clientes da revista já a definiram.

Segundo a revista, o que sustentaria a "liberdade de imprensa" seria a publicidade privada, e para ela, em última análise, não haveria sequer democracia sem publicidade:

> A publicidade **é o verdadeiro lubrificante da economia de mercado, tão intimamente ligada à democracia**. Sem publicidade, seria difícil lançar produtos, ampliar suas vendas, promover a concorrência e gerar as economias de escala que resultam em qualidade melhor e preços menores. Seria ainda mais problemático sustentar a multiplicidade dos meios de informação, que divulgam idéias, investigam mazelas e estimulam o debate político. Seria, acima de tudo, virtualmente impossível sustentar uma imprensa livre, vigorosa e independente, alicerce - como sabem todos os ditadores – do primado da lei e da democracia.[356]

Ou seja, democracia, para a revista, está diretamente vinculado com o "direito" de consumir e escolher produtos. *Veja* considera que seu leitor é absolutamente incapaz de qualquer percepção crítica ou autônoma da realidade na qual se encontra e, para assegurar-se disso, esmera-se em uma pedagogia da repetição, na qual, ao longo dos anos e sob diversas roupagens, diz sempre o mesmo. Procura, aqui, reduzir a liberdade à sua própria obediência – cega e repetitiva – aos grupos econômicos seus parceiros e à necessidade do lucro. Vale perceber que, em nenhum momento, *Veja* averigua, investiga ou sequer se interroga sobre as condições de trabalho, o expatriamento de lucros ou sobre o "avesso da vida" de seus anunciantes. Ao contrário, revela-se sempre um cão de guarda fiel. Mais dramática – e politicamente mais esclarecedora da posição de *Veja* – é sua definição redutora de democracia, igualada a mercado.

De que liberdade e independência fala *Veja*? Com toda a evidencia – e isso será trabalhado ao longo desta tese – a liberdade que demanda *Veja* é, unicamente, a de mercado. Do ponto de vista da imprensa, isso se traduz para a revista, em apresentar os interesses, as visões de mundo, as concepções de política compartilhadas entre o Grupo Abril, o Fórum Nacional e os principais anunciantes de *Veja*. O que é a "independência" de *Veja*, se ela própria se constitui um Estado maior definidor de posições? Ela insiste que caberia à imprensa zelar pela lei e pela própria democracia. Jamais se fala, no entanto, das ligações entre o poder

---

356 Idem.

econômico dos anunciantes e o editorial da revista. A questão é tão fechada, que o argumento não se altera, *Veja* praticamente se repete sempre que trata do assunto:

> Publicações menores, às voltas com dificuldade de atrair anunciantes, costumam apontar a pujança de VEJA nesse campo como um incômodo para o leitor. Trata-se um argumento falacioso. VEJA nunca sacrifica páginas editoriais para publicar anúncios. Qualquer que seja o número de páginas dedicadas à publicidade numa determinada edição, a parte reservada às reportagens jamais diminui. Ao contrário, só vem aumentando. **Quanto mais amplo for o número de anunciantes, maior será a liberdade de um veículo de informação para divulgar idéias, investigar malfeitorias e estimular o debate**. Os anunciantes e os leitores, que compram em banca ou através de assinatura, são as duas únicas fontes de receita de VEJA. **São eles que garantem o suporte financeiro para que a revista faça um jornalismo crítico e independente**. Esta revista tem o orgulho de dizer que não depende de verbas do governo para sobreviver nem precisa submeter-se a pressão de espécie alguma. **Sem imprensa livre não há democracia**. **E sem propaganda não existe imprensa livre**.[357]

A publicidade é sempre colocada como um elemento que garante sua alegada independência. Isso também seria um fator que permitiria a ela se diferenciar das demais revistas, por isso se apresenta como crítica da publicidade estatal, como afirmação de sua suposta independência:

As verbas publicitárias provenientes de impostos pagos pela população são freqüentemente manipuladas para satisfazer interesses particulares. Governantes as usam para obter elogios e reportagens favoráveis de órgãos de imprensa. Empresas de comunicação que, na livre concorrência do mercado, teriam de sanear as suas finanças são mantidas vivas artificialmente, através das verbas publicitárias oficiais. Quem perde com esse incesto entre governos e meios de comunicação é a população. Primeiro, porque o dinheiro de seus impostos é malbaratado em privilégios. Depois, porque esse dinheiro público é usado para a proliferação de órgãos de imprensa acríticos, dependentes do poder. É esse incesto nocivo que deve ser alterado.[358]

Ao analisarmos os números, percebemos o peso da publicidade estatal não é determinante, mas é relevante para a revista. Em períodos de maior refluxo dos anunciantes, nos parece que quem mantém a publicidade é o setor estatal, embora isso merecesse maiores investigações. Um exemplo disso ocorreu em 1990, quando em uma seqüência de edições com

---

357 Publicidade e imprensa livre. Veja, Carta ao Leitor. 27/5/1998, 1548, p. 9.
358 Uso incestuoso de verbas oficiais. Veja, Carta ao Leitor. 6/5/1992, 1233, p. 15.

poucos anúncios, em uma edição[359] com um total de 27 páginas de anúncio, 11 foram governamentais.

Segundo o instituto Marplan,[360] uma página de publicidade de *Veja* custava, em março de 2003, R$96.200,00. Esse valor certamente é negociado com os anunciantes, que obtêm descontos de acordo com regras mercadológicas. Mas é um valor nominal bastante elevado. A tabela abaixo mostra os vinte principais anunciantes da revista, apontando o número de páginas anunciadas. Foi montada a partir do levantamento de uma amostragem de 10% dos anunciantes de *Veja* no período de 1989 (ed. 1071) a 2002 (ed. 1775). O total da amostragem foi de 72 edições,[361] sobre um total de 715 revistas.[362] Foram excluídos da contagem todos os anúncios de produtos da própria editora Abril.

TABELA 21: Principais anunciantes de VEJA

Anunciante	Setor	Origem Capital	Páginas Internas	Contra capa	Total de páginas
1º. Volkswagen	Indústria Automobilística	Externo	103	1	104
2º. Grupo Folha	Empresa de Comunicação	Nacional	82	0	82
3º. Ford	Indústria Automobilística	Externo	76	0	76
4º Banco Itaú	Financeiro	Nacional	54,3	20	74,3
5º. Banco Bradesco	Financeiro	Nacional	63	6	69
6º. Unibanco	Financeiro	Nacional	67	2	69
7º. General Motors	Indústria Automobilística	Externo	64	1	65
8º. Souza Cruz	Cigarros	Externo	31	29	60
9º. Banco Bamerindus	Financeiro	Nacional	53	2	55
10º. Gradiente	Eletrônicos	Nacional	51	0	51
11º. Philips	Eletrônicos	Externo	47	1	48
12º. Varig	Companhia de Aviação	Nacional	46,5	0	46,5
13º. Renault	Indústria Automobilística	Externo	41	5	46
14º. H Stern	Joalheria	Nacional	38,5	5	43,5
15º. Semp Toshiba	Eletrônicos	Externo	42	1	43
16º. Fiat	Indústria Automobilística	Externo	40	0	40
17º. Credicard	Financeiro	Externo	37,5	2	39,5

359 Edição de 25/7/1990. Os anunciantes foram: Zetaflex, Material de Construção, 1; Varig, 1; Unibanco, 2; Banco do Brasil, 2; Rosset Tecidos, 2; Marko, Material de Construção, 1; Alcoólicos Anônimos, 1; Grendene, 2; Governo do Piauí, 1; Cerâmica Brennand, 2; Governos de Minas Gerais, Goiás e Espírito Santo, 10; Brahma, 2.Do total de apenas 27 páginas de publicidade, temos: 11 governamentais (que não eram habituais), ao que se acresce ainda a publicidade do Banco do Brasil. O restante é completado pelos anunciantes habituais.

360 http://www.gm.org.br/MidiaDados/custos/248top.htm, consulta realizada em 4/3/2003.

361 Edições: 1070, 1080, 1090, 1100, 1110, 1120, 1130, 1140, 1150, 1160, 1170, 1180, 1190, 1200, 1210, 1220, 1230, 1240, 1250, 1260, 1270, 1280, 1290, 1300, 1310, 1320, 1330, 1340, 1350, 1360, 1370, 1380, 1390, 1400, 1410, 1420, 1430, 1440, 1450, 1460, 1470, 1480, 1490, 1500, 1510, 1520, 1520, 1530, 1540, 1550, 1560, 1570, 1580, 1590, 1600, 1610, 1620, 1630, 1640, 1650, 1660, 1670, 1680, 1690, 1700, 1710, 1720, 1730, 1740, 1750, 1760, 1770.

362 Recebi para fazer a tabulação das tabelas relativas aos anunciantes de Veja os prestimosos auxílios do historiador Gilberto Calil. Dele são a concepção e organização das tabelas 21 e 22. Também contribuiu com parte do levantamento da publicidade a historiadora Selma Martins Duarte. Aos dois, registro meus agradecimentos.

18º. Banco do Brasil	Financeiro	Estatal	39	1	39
19º. Grupo Estado	Empresa de Comunicação	Nacional	38	0	38
20º. Banco Real	Financeiro		35	0	35
21º Philco	Eletrônicos	?	35	0	35
22º IBM	Informática	Externo	34,5	0	34,5
23º Honda	Indústria Automobilística	Externo	32,3	1	33,3
24º American Express	Financeiro	Externo	26	3	29
25º Brasil On Line	Serviços em Informática	?	28	0	28
26º Citibank	Financeiro	Externo	25	2	27
27º Hoechst	Química	Externo	18	6	24
28º Itautec	Financeiro	?	22	1	23
29º Organizações Globo	Empresa de Comunicação	?	22	1	23
30º Companhia Siderúrgica Nacional	Siderurgia	?	23	0	23
30º Brastemp	Eletrodomésticos	?	23	0	23
32º Tok & Stok	Comércio	Nacional ?	22	0	22
33º Visa	Financeiro	Externo	20	1	21
34º TAM	Companhia Aviação	Nacional ?	21	0	21
35º Nokia	Aparelho Telefônico	Externo	19	1	20
36º Natura	Cosméticos	Nacional	19	0	19
37º Bank Boston	Financeiro	Externo	18	0	18
38º Embratel	Telecomunicações	Nacional	18	0	18
39º Fórum	Vestuário	Nacional?	18	0	18
40º Mastercard	Financeiro	Externo	18	0	18
41º Banco Sudameris	Financeiro	Externo ?	17	0	17
42º Caixa Econômica Federal	Financeiro	Estatal	17	0	17
43º Governo do Paraná	Governo Estadual	Estatal	17	0	17
44º Compac	Informática	Externo	16	1	17
45º Johnson & Johnson	Higiene Pessoal	Externo	15	1	16
46º BNDES	Governo Federal	Estatal	16	0	16
47º Vasp	Companhia de Aviação	Estatal	16	0	16
48º Volvo	Indústria Automobilística	Externo	16	0	16
49º Petrobrás	Indústria Petrolífera	Estatal	16	0	16
50º O Boticário	Cosméticos	Nacional ?	15,7	0	15,7

FONTE: Anúncios publicitários em Veja. Amostragem de 10% do total de 715 exemplares (72 revistas)

Existem empresas que há anos anunciam na revista ininterruptamente. Por exemplo, a Carta ao Leitor é um espaço privilegiado para a publicidade da revista. A joalheria H. Stern é o principal ocupante da meia página de publicidade que acompanha o editorial. Desde fevereiro de 1997, todas as Cartas ao Leitor têm uma anúncio seu. Isso reforça o argumento do nível do seu público alvo: a elite do país.

Ao agruparmos os anunciantes da revista fica clara a diversidade de setores da economia. Estes anúncios estão em sintonia com o estilo de vida que vem sendo defendido e construído na revista: o consumo de bens diversos, os carros, o turismo. Mas, sobretudo, o capital financeiro privado.

TABELA 22: Setores da Economia anunciados em Veja

	Setor	Páginas internas	Pg contra capa	Total páginas	%	Acum. %
1º	Financeiro – Privado	638,4	43	681,4	17,8%	17,8
2º	Indústria Automobilística	520,3	10	530,3	13,8%	31,6
3º	Indústria Eletrônica	242	5	247	6,4%	38
4º	Empresa de Comunicação	211	1	211	5,5%	43,5
5º	Vestuário	172	11	183	4,8%	48,3
6º	Companhia de Aviação	134,5	4	138,5	3,6%	51,9
7º	Informática	125,1	5	130,1	3,4%	55,3
8º	Indústria Alimentícia	99,1	14	113,1	2,9%	58,2
9º	Governo Federal	104,3	0	104,3	2,7%	60,9
10º	Indústria de Bebidas Alcoólicas	59,1	22	81,1	2,1%	63
11º	Governos Estaduais e Municipais	77	0	77	2%	65
12º	Associação Privada	74,5	0	74,5	1,9%	66,9
13º	Telecomunicações	67	2	69	1,8%	68,7
14º	Financeiro - Estatal	68	1	69	1,8%	70,5
15º	Eletrodomésticos	62	6	68	1,8%	72,3
16º	Cosméticos	66,7	1	67,7	1,7%	74
17º	Cigarro	33	32	65	1,7%	75,7
18º	Joalheria	46,7	11	57,7	1,5%	77,2
19º	Aparelhos Telefônicos	54,3	2	56,3	1,5%	78,7
20º	Serviços em Informática	52,5	0	52,5	1,4%	80,1
21º	Comércio	49,8	1	50,8	1,3%	81,4
22º	Seguradora	48	2	50	1,3%	82,7
23º	Relojoaria	41,1	5	46,1	1,2%	83,9
24º	Química	35	7	42	1,1%	85
25º	Indústria de Peças Automotivas	40,8	0	40,8	1%	86
26º	Serviços	36,8	0	38,8	1%	87
27º	Higiene Pessoal	32,7	2	34,7	0,9%	87,9
28º	Material de Construção	32,3	2	34,3	0,9%	88,8
29º	Indústria Farmacêutica	30,5	1	31,5	0,8%	89,6
30º	Ensino	23,3	0	23,3	0,6%	90,2
31º	Siderurgia	23	0	23	0,6%	90,8
31º	Hotel	21,5	0	21,5	0,5%	91,3
32º	Petroquímica	17,5	1	18,5	0,5%	91,8
33º	Evento	18,3	1	18,3	0,5%	92,3
34º	Indústria Petrolífera	15	1	16	0,4%	92,7
35º	Fotocopiadoras	15,5	0	15,5	0,4%	93,1
36º	Produto de Limpeza	12	3	15	0,4%	93,5
37º	Feira de Negócios	14.3	0	14,3	0,4%	93,9
38º	Equipamento Fotográfico	14,3	0	14,3	0,4%	94,3
39º	Imobiliária	11,3	2	13,3	0,3%	94,6
40º	Indústria Mobiliário	12	1	13	0,3%	94,9
41º	Indústria de Aços Finos	10,7	2	12,7	0,3%	95,2
42º	Agência de Publicidade	12	0	12	0,3%	95,5
43º	Locadora de Automóveis	9,2	1	10,2	0,3%	95,8
44º	Transportadora	10	0	10	0,3%	96,1
45º	Material Escolar	9,2	0	9,2	0,2%	96,3
46º	Artigos de Luxo	9	0	9	0,2%	96,5
47º	Previdência Privada	8	0	8	0,2%	96,7
48º	Segurança Privada	8	0	8	0,2%	96,9
49º	Indústria de Bicicletas e Brinquedos	8	0	8	0,2%	97,1

50º	Celulose	6,3	1	7,3	0,2%	97,3
51º	Agronegócio	7	0	7	0,2%	97,5
52º	Ótica	5	1	6	0,2%	97,7
53º	Sistema Elétrico	5	1	6	0,2%	97,9
54º	Empreiteira	6	0	6	0,2%	98,1
55º	Governo Federal - Exterior	6	0	6	0,2%	98,3
56º	Industria de Aviação	6	0	6	0,2%	98,5
57º	Turismo	6	0	6	0,2%	98,7
58º	Acessórios – Vestuário	4,5	1	5,5	0,1%	98,8
59º	Industria Fonográfica	5	0	5	0,1%	98,9
60º	Aparelhos de Ginástica	3,8	1	4,8	0,1%	99
61º	Serviço de Saúde	4,8	0	4,8	0,1%	99,1
62º	Alumínio	3	1	4	0,1%	99,2
63º	Plano de Saúde	4	0	4	0,1%	99,3
64º	Energia Elétrica	3	0	3	0,1%	99,4
65º	Ferramentas	3	0	3	0,1%	99,5
66º	Mineradora	3	0	3	0,1%	99,6
67º	Editora	2,5	0	2,5	0,1%	99,7
68º	E-commerce	2,3	0	2,3	0,1%	99,8
69º	Indústria Armamentos	2	0	2	0,1%	99,9
70º	Gerenciamento Empresarial	1,3	0	1,3	0,05%	100
		3627,1	208	3835,1	100%	

Fonte: Anúncios publicitários em Veja. Amostragem de 10% do total de 715 exemplares (72 revistas)

Os quatro maiores setores anunciantes da revista totalizam 43,3% de todos os anúncios. Ao longo da tese a relação da revista com estes anunciantes será explicitada. Temos em primeiro lugar o setor financeiro privado, setor central na configuração neoliberal: bancos e produtos financeiros diversos. Usando a argumentação da própria revista, de que é a publicidade que garante sua "liberdade", há que questionar o peso que os anunciantes no topo da lista possuem. A hipótese que estamos trabalhando parece mais uma vez se confirmar. A revista está em sintonia com a publicidade, e juntos propõem um estilo de vida, que está diretamente ligado ao sistema econômico. O papel que o sistema financeiro possui no neoliberalismo é tão importante quanto o que desempenha na manutenção de seus veículos de divulgação e naturalização, no caso, a revista *Veja*. São sistemáticos os anúncios dos bancos privados, dos cartões de crédito, e todos os produtos vinculados ao mercado financeiro. Esses são os maiores parceiros da revista, aqueles que, segundo sua lógica, sustentam sua "liberdade": "*não existe democracia sem imprensa livre. Não existe imprensa livre sem propaganda*":[363]

> Sem a livre iniciativa e a concorrência comercial não haveria publicidade. Sem publicidade não existiriam tantos veículos de comunicação de massa que recebem,

363 Publicidade da Editora Abril, veiculada em Veja em 1/12/1993.

> da propaganda comercial, o suporte necessário para chegar a todos os segmentos da população, independentemente de seu nível econômico. E, sem essa multiplicidade de vozes, é difícil imaginar a existência de uma sociedade aberta, pluralista e democrática.[364]

Não é o Estado que sustenta a revista, mas o capital financeiro privado. A indústria automobilística e a eletrônica têm o fim precípuo de incremento do consumo e de estilo de vida, fazendo também que se consumam outros produtos, inclusive da própria editora Abril. O anúncio de outras empresas de comunicação mostra como estas empresas se colocam também como produtos à venda, e que sua lógica é a do mercado.

Demarca-se o nível de consumo dos leitores da revista e de vozes portadoras da "diversidade". Uma parcela relevante desses anúncios se refere a carros importados. Mas são relevantes também os demais produtos que sustentam o estilo de vida que vem sendo construído pela revista. Produtos de consumo como eletrônicos, eletrodomésticos, Internet, informática; produtos de luxo, como jóias, relojoarias de luxo, bebidas; roupas "de marca", como Fórum, Benetton, M. Officer; cosméticos diversos, alimentando a indústria da beleza; indústria química e farmacêutica. Tudo em acordo com a sociedade do espetáculo e da indústria cultural como voltaremos a discutir.

De fato, não são os recursos públicos que sustentam regularmente *Veja* – a revista, seus anunciantes, o Grupo Abril, o Fórum Nacional, mobilizam poderosos recursos organizativos. Mas há uma grande distância entre o que *Veja* enuncia como sua independência frente ao Estado, seu alegado papel de "quarto poder" e o que constituem as íntimas relações entre esse empresariado organizado em poderoso aparelho privado de hegemonia e o Estado. *Veja* não está fora do Estado, e não mantém com ele uma relação de exterioridade. Precisa dele para assegurar o programa que defende e para exercer a coerção – dentro ou fora dos padrões legais – que a execução de políticas neoliberais pressupõem. Assim, não apenas seleciona, apresenta, louva (ou execra) determinados políticos, co-partícipes de seu programa político (enquanto porta-vozes, empresários ou aderentes) como exerce um rigoroso patrulhamento de sua ação, pronta a castigá-los no caso de alguma rebeldia ou a alardear sua competência (em caso de obediência aos princípios comuns), assegurando-lhes o afago narcísico e o reconhecimento propagandístico. A recorrente crítica ao Estado não passa da evidência anti-democrática de sua

---

364 Idem.

atuação: tudo o que resulte de lutas sociais ou atue em direção diferente ou divergente de *Veja* é apresentado como o Estado inerte ou incapaz. Em contrapartida, a implementação política – ou, em outros termos, a imposição de um formato estatal talhado segundo os moldes neoliberais – das medidas de privatização, desregulamentação, etc, através do Estado, assim como as medidas coercitivas correlatas são não apenas estimuladas e exigidas por *Veja*, como aplaudidas. Ela no fundo, é a maior defensora do Estado capitalista. O que lhe repugna é a participação popular nas instâncias públicas, sobretudo quando se traduzem em ações ou políticas públicas de cunho universalizantes.

2.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

Há uma clara sintonia entre as capas, os editoriais, as páginas amarelas de *Veja*. As quantificações dos temas nem sempre são exatas, pois muitas vezes tanto a capa, a entrevista ou editorial podem se referir a mais de um assunto, o que coloca limites para a tabulação de cada um deles. No entanto, a leitura geral nos permitiu ter uma percepção inicial de quais são os grandes eixos de ação da revista: a sua atuação na sociedade política, o gerenciamento do capital, e a ação pedagógica materializada na sociedade do espetáculo e do consumo.

Na análise dos editoriais, ainda que descontextualizada, localizamos um elemento central, que é a manutenção de padrões liberais da imprensa (quarto poder, responsabilidade social, opinião pública), por parte da própria revista. Mostrou-se ainda que esta característica é essencial para criar o "*sujeito Veja*", que diz falar em nome "do país", e se justifica na "opinião pública", como forma de ocultar sua ação partidária. Nas capas e páginas amarelas, com suas especificidades, são mantidas essas linhas gerais da revista: uma ação partidária e um programa intelectual de ordenamento, organização e gerenciamento do capital.

Os intelectuais da revista estão em sintonia com o programa político que estava sendo defendido e sobre o qual se buscava consenso. Mas isso não foi nada estanque, e sim muito dinâmico, com embates, recuos e avanços do projeto de neoliberalização da sociedade brasileira, o que ficará mais claro na próxima parte da tese. Mas aqui já se vislumbram os interesses e fundo: os grandes capitalistas, as multinacionais, o capital financeiro.

A análise da publicidade da revista apontou para três sentidos: a criação da marca *Veja* que propõe servir como elemento identitário e de reconhecimento do mundo; a proposição da

própria revista de que é a publicidade que garante sua “liberdade”, como de resto, a de toda a sociedade; a relação da revista com a publicidade privada, empresarial e, sobretudo, dos setores que incentivaram e levaram adiante o programa neoliberal.

CAPÍTULO 3
A busca de entendimento no governo Collor de Mello

O marco inicial dessa pesquisa é o ano de 1989. A campanha eleitoral para presidente, primeira depois do regime militar, acompanha o acirramento das lutas sociais do período de luta contra a ditadura, tanto no seu aspecto político, de luta pela democracia, como pelo agravamento da situação econômica, fruto da progressiva disseminação das políticas neoliberais em nível mundial. As inúmeras greves ocorridas nesse período originam-se dos movimentos de democratização, mas também da piora nas condições de vida às quais estavam sendo submetidos os trabalhadores nos mais diversos setores, da indústria à prestação de serviços. Ao mesmo tempo, 1989 traz um símbolo histórico, a derrubada do Muro de Berlim, o que contribuiu para a disseminação do discurso de que "não há alternativas". É também desse ano o Consenso de Washington, que propunha as formas de atrelamento dos países periféricos às políticas do FMI. É nesse contexto que se dão as eleições presidenciais, em que um candidato de esquerda chegou ao segundo turno.

Buscaremos perceber nesse capítulo o posicionamento de *Veja* com relação a essa conjuntura, especialmente em suas implicações na política nacional. Parte-se da constatação inicial de que a revista, a exemplo da grande imprensa como um todo, apoiou a candidatura de Fernando Collor de Mello, tendo como ponto de referência o projeto neoliberal. Em nome desse apoio, ela atuou como base política do presidente, inclusive no período de crise que precedeu a seu impeachment. O fato de ela ter contribuído para posterior queda de Collor, muitas vezes oculta o seu apoio irrestrito, em nome da governabilidade, mas sobretudo em torno do projeto, que foi elaborado com apoio e participação da própria revista, que buscava divulgá-lo e em termos de sua divulgação e de formação de consenso em torno dele.

A revista, em conjunto com o grupo ao qual se vinculou, teve o papel de propor ao governo eleito o seu projeto político, assumindo o papel de acompanhamento e cobrança em torno dele. Mais que isso, teve papel na própria elaboração de um projeto nacional, contribuindo para a organização de certos segmentos de classes dominantes e apontando um rumo nacional, a partir de parâmetros por ela definidos como modernos, ou seja, neoliberais. Mesmo com a desestabilização do governo, a defesa do projeto continuou intacta. Portanto, a hipótese é de que a revista, assim como as organizações às quais se vinculou, cumpriu o papel de intelectual coletivo, formulando um projeto econômico e político, propondo-o ao governo e assumindo o papel de fiscalizadora constante de sua execução, além de tentar estabelecer sobre ele consenso.

Para tratar dessa conjuntura, esse capítulo fará uma análise da posição da revista frente ao governo federal, tendo como ponto alto o processo eleitoral e posteriormente os processos de corrupção, que ocorreram para além dos planos de *Veja*. Buscamos apreender a conjuntura nacional, e a gestação de um projeto, por isso a análise se inicia no último ano do governo de José Sarney, ano das eleições que colocavam em jogo a possibilidade de um projeto político em sintonia com o programa de *Veja*. A compreensão desse processo implica explicitar a aproximação que se estabelece entre a revista e o Fórum Nacional, estado maior em que são articuladas as formas concretas do programa a ser implantado.

A posição de *Veja* com relação ao governo de Collor deve ser entendida tendo como eixo a sua relação com o programa neoliberal. Disso depende o apoio da revista, que se mantém sempre apontando caminhos. Serão definidos três momentos com relação a isso. No primeiro, a construção da candidatura e do político Collor. No segundo, que normalmente não é percebido, as tentativas de entendimento entre o governo, seu projeto de abertura, os empresários nacionais, e o Congresso Nacional. E os conflitos aqui existentes permanecem no período de crise política do impeachment. Somente ao final se dá a terceira fase, em que a revista ajuda a derrubar o mito político de Collor, contribuindo para o seu impedimento, mas cuidando para que tudo se mantivesse em ordem na sucessão.

A fonte principal deste capítulo são os editoriais, para enfatizar aquela que seria a posição oficial da direção da revista, o que nos permite diferenciar de análises que se centraram nas capas ou em comparação com outras revistas, o que poderia levar a uma visão mais amena ou diluída da posição efetivamente assumida por *Veja*. Também são analisadas

matérias e capas da revista, apontando para o fato de que há uma certa dessintonia entre a linha editorial, e o jornalismo da revista como um todo. Enquanto nas matérias aparecem conflitos vindos do mundo político ou no trabalho dos jornalistas, nos editoriais a posição é uníssona, e a defesa do entendimento resistiu o quanto pode aos conflitos externos.

3.1. DO PERÍODO SARNEY À ELEIÇÃO DE COLLOR: DELINEAMENTO DE PRINCÍPIOS

3.1.1 A defesa da falência do Estado

No início de 1989 já estava definida a centralidade política da questão das eleições presidenciais. Por isso, desde o início do último ano do governo Sarney a cobertura tinha como alvo as eleições e a configuração do projeto do futuro governante. A principal questão que restava ao governo Sarney seria a necessidade do governo controlar a inflação: "*não há o que discutir: neste momento é o poder público, e só ele, que pode ou não tirar o monstro da sala, para que depois se possa pensar numa arrumação melhor*". O restante dependeria da "***punição do mercado****, na forma de prejuízos – algo impossível de se verificar enquanto o governo continuar aviltando diariamente o valor do dinheiro com emissões, gastando o que não tem e concentrando a maioria dos recursos nacionais na manutenção de sua* ***máquina falida***".[365] Resume-se assim o governo a um administrador de uma "máquina falida", o que será reiterado ao longo do ano inúmeras vezes.

A forma do discurso traz elementos que seriam usados na campanha eleitoral, é elucidativa: "*o país teria na semana passada uma oportunidade extra para relembrar o Plano Cruzado*", portanto, a revista pretende falar "em nome do país". A operação consiste em supor que o país corresponde à *Veja* e a seu grupo. O país – a sociedade – deixa de ser um espaço conflitivo e atravessado por contradições e é homogeneizado pela revista, passando a figurar como o sujeito portador de uma única vontade: aquela formulada pelos grupos empresariais que se agregam em torno de *Veja* e dos quais, de fato, ela é porta-voz. Mas, nem todos são vistos como país, e nesse caso, é o governo que se quer deixar de fora: "*no centro da questão*

---

365 Carta ao Leitor. Veja. 25/1/1989, p. 17. São muitas as marcas definidoras do sentido do discurso do editorial: "obviamente", "na verdade", "já se sabe", "não há o que discutir". Grifos meus. Com este mesmo sentido se publica a capa com a manchete: "O Brasil parado: obras públicas paralisadas", Capa. Veja. 2/8/1989.

está mais uma vez a obrigação do governo de fazer sua parte no combate ao fantasma da hiperinflação. Isto é o que realmente conta", o que se completa novamente com a apelação ao grande sujeito: "*o país deseja que o programa antiinflacionário dê certo... mas é preciso que o governo ataque em primeiro lugar os seus próprios problemas*".[366] Ou seja, reitera o editorial anterior, "não há o que discutir", o governo não estaria cumprindo o seu papel. Esta questão está no cerne das preocupações do editorial: nem tanto a formação do governo, mas a forma de organização do Estado, o que envolve também o poder Legislativo, que o alvo neste momento:

> Ao bloquear a proposta do governo de extinção de diversos ministérios e de privatização de determinados setores da máquina estatal (...) os parlamentares provaram que, quando se trata de cortar o gasto público, retirar do Estado funções que ele não precisa exercer e criar condições para que o governo deste país funcione com menos gente, alinham-se de corpo e alma com as forças que, ao longo dos anos, construíram e mantêm vivo o monstro que aí está – um aparelho público que não existe para servir à população, mas para ser sustentado por ela.367

Aqui a revista demonstra sua desolação com "este país", ou seja, este que aí estava, não era o que ela desejava, posto que seria dominado por um "monstro". Leva adiante sua posição, ao dizer que embora a maioria dos parlamentares não tenha querido "*mexer em nada que diga respeito ao tamanho e à natureza do Estado brasileiro*", "*essa maioria tem até vergonha de proceder assim pois preferiu retirar-se do plenário, derrubando a proposição por falta de quorum*". Então, os deputados que não votaram, segundo *Veja*, sabiam que estavam "errados", e tiveram vergonha de assumir o ato, "*posição que irrita cada vez mais todo cidadão que não recebe nada dos cofres públicos*".[368] Embora não diga a quem se refere, o termo "cidadão" indica que seriam pessoas que se sentiriam representadas pelo desabafo da revista. Volta a definir, se trata de "*um anseio importante do país*", ao qual "*o Poder Legislativo fecha os olhos*". O país novamente seria "todos" que tiveram sua vontade desacatada pelos "olhos que não vêem", dos deputados que só defenderiam "*os interesses pessoais e políticos de seus próprios interesses.*" Define-se então, um campo de embates entre *Veja*, que "vê", e que diz ver em nome de todos, até mesmo do "país"; e os representantes políticos, em torno da questão

---

366 Carta ao Leitor. Veja. 8/2/1989, p. 17.
367 Carta ao Leitor. Veja. 22/2/1989, p. 17.
368 Idem. Mesmo com as críticas constantes ao governo, a revista publicou uma reportagem de capa, com a manchete: "Maílson da Nóbrega: um dia na vida do homem que tem o emprego mais chato do Brasil". A manchete da reportagem foi: "emprego dos diabos. Com salário de 7400 cruzados novos e diária democracia viagens ao exterior de 500 dólares, Maílson tem a pior ocupação do país – controlar a inflação". Veja. 7/6/1989, p. 118. Ou seja, a revista jamais se descuidou do acompanhamento da equipe econômica do governo.

da "natureza do Estado". Daqui deriva um dos slogans que a revista assumiria para si: "*Veja: os olhos do Brasil*", em que, a bandeira aparece tem seu círculo central substituído por um olho[369]

O "problema do Estado" voltava à tona logo em seguida, de forma mais específica e em tom de ameaça. Trata-se da negativação do funcionalismo público e da criação do senso comum em torno da sua "inutilidade". Para isso, busca justificação histórica:

> Era moda, no velho regime, falar da distância entre o governo e a sociedade (...) Pura verdade. Só que, **devolvida a democracia ao Brasil** se verifica que muitos ocupantes de cargos públicos da Nova República conseguem (...) manter-se tão distantes da sociedade quanto os seus antecessores da Velha. Essa questão é o preenchimento de empregos no serviço público.[370]

Indistintamente, os funcionários (que para ela, não são cidadãos), são responsabilizados por *Veja* pelo "*insulto ao cidadão e saque contra seu bolso*". E novamente, falando em seu nome, diz que "*talvez tenha chegado a hora de fazer alguma coisa. Chegou mesmo – como chegou, um dia, o descrédito que mandou o velho regime para casa*".[371] O clima de insegurança e a necessidade de planejar uma ação futura estavam colocados, e a ditadura aparecia veladamente como algo que poderia ainda voltar.

O "problema" dos "fantasmas", e "marajás" passaria a ser o tema central da campanha de Fernando Collor de Mello à presidência. Se Collor montou sua campanha a partir de "medições de opinião pública",[372] a grande imprensa, e *Veja* nesse caso, teve papel importante na formação dessa "opinião", que se dá misturando o problema dos "marajás",[373] com o

---

369 Ver tabela 10 no capítulo dois.

370 Carta ao Leitor. Veja. 1/3/1989, p. 17. Grifos meus.

371 Idem. Observe-se que em dois momentos ela se refere à ditadura (que no eufemismo de Veja aparece como "regime militar"), e nos dois o seu fim aparece como algo alheio aos movimentos sociais que a abalaram: a democracia "foi devolvida" e o descrédito "mandou-o para casa". Fica assegurado, além disso, que ele não "desapareceu", está "em casa", e pode voltar à cena se voltar a "ter crédito". Assim, "embora a volta ao governo não fosse intenção da maioria dos militares, a publicação periódica de reportagens deixando entrever o contrário produzia grande impacto e lançava suspeitas quanto aos rumos da transição política". AGUIAR, Leila Bianchi. "Não se trata de uma ameaça, mas...". Um estudo das declarações dos ministros militares durante o governo Sarney. Textos CPDOC, n. 34, 1999, P. 3.

372 Como indica Mario Sergio Conti. Notícias do Planalto. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

373 Francisco Oliveira diz que Collor conseguiu com essa expressão sintetizar os principais pontos: "o excesso de intervenção estatal, a ineficiência das empresas estatais, a dívida pública e o déficit fiscal como fulcros e causas da desorganização da economia e da 'década perdida', da altíssima inflação". OLIVEIRA, Francisco de. Collor: a falsificação da ira. Rio de Janeiro, Imago, 1992. p. 129. Essa era também uma das bandeiras de luta definidas pela direita em sua atuação "anti-PT", como mostra Dreifuss, René. O jogo da direita. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, 1989. p. 266.

funcionalismo, e a ação que a revista queria era sintetizada pela legenda da fotografia que aparece no editorial: "*hora de se fazer algo*". Já estava portanto definidos por *Veja* com uma imagem negativa o conjunto do setor público. A revista voltaria ao tema, novamente em tom de indignação, com o fato de que justamente os funcionários públicos "fazem greves bárbaras", que só servem para "*atingir direta e pesadamente a população mais necessitada do país, aquela que usa os serviços públicos para poder trabalhar ou cuidar da saúde*",[374] e segue dizendo que "*esses absurdos, cometidos por um sindicalismo irresponsável, representam um abuso selvagem do legítimo direito de greve*".[375] A ameaça vem em seguida:

> A selvageria não leva à conquista de reivindicações salariais e muito menos ajuda na consolidação da democracia. Em setores vitais, como o do transporte e da saúde, ela apenas penaliza ainda mais os trabalhadores de renda mais baixa, além de adicionar um perigoso elemento de tensão na vida brasileira.[376]

Há, de novo, uma ameaça velada aos movimentos sociais: o regime "foi para casa", mas poderia voltar a qualquer momento se não houvesse a "colaboração de todos". *Veja* está alertando e contribuindo para a manutenção do medo e da necessidade de controle social. É relevante ter presente sua posição no período da abertura, sempre ameaçando que os militares "podiam voltar", se a "sociedade civil" não se comportasse.[377] Também com o sentido de difundir o medo e incerteza, a revista publicou uma capa com a manchete: "*Evasão de dólares: porque tanto dinheiro está fugindo para o exterior*", com a tarjeta "*o que há por trás da explosão de consumo*". A reportagem alertava: "*corrida para fora: num ano de muitas incertezas, a evasão de dinheiro do país pode atingir um nível recorde de 12 bilhões de dólares*".[378]

O "problema do Estado" e de sua "natureza" vai ficando mais claro, na medida em que a própria revista o traz à tona, dispendendo para isso seus recursos jornalísticos, como vemos em longa reportagem para a qual designou vários jornalistas e fotógrafos, que "*visitaram o*

---

374 As greves que só prejudicam. Carta ao Leitor. Veja. 12/4/1989, p. 27.
375 Idem.
376 Idem.
377 Como mostra GAZZOTTI, Juliana. *Imprensa e ditadura*: a revista Veja e os governos militares (1968-1985). Mestrado em Ciências Sociais / Universidade Federal de São Carlos, 1998.
378 Corrida para fora. Veja. 31/5/1989. p. 104.

Brasil parado no tempo, conversaram com os síndicos da massa falida e registraram as dramáticas imagens do futuro enferrujando no pátio".[379] O tema é assim descrito:

> Uma história que começou como um projeto de grandeza e modernidade para terminar enterrando em pântanos, matagais e sob a crosta da corrosão algumas dezenas de bilhões de dólares. Abandonados pelos braços de um governo que perdeu sua capacidade de investir, equipamentos nunca instalados deixados ao relento, estradas e pontes inacabadas, fábricas estatais caindo na obsolescência moeram recursos descomunais, transformando em sucata boa parte da imensa dívida externa e da incipiente poupança nacional.[380]

Nessa perspectiva, não se exige a apuração de responsabilidades, correção e retomada da direção das obras. O que a revista traz é a "natureza" da questão, ou seja, defende que o Estado "não tem capacidade de investir", o que não se restringe a uma questão econômica, mas também à ineficiência de forma de gestão. Esses problemas deveriam ser sanados porque "*são demandas que precisam ser supridas para que a vida se organize de forma socialmente harmoniosa no país*".[381] Delineados esses princípios, como se fosse possível uma organização social harmônica, seriam eles que alimentariam também a campanha eleitoral.

3.1.2 O apoio a Collor: construindo e apoiando o candidato

As formas de construção do apoio à candidatura de Collor e de seu projeto privatizante são muito variadas e incontestáveis.[382] Até a publicidade assumiu a campanha de Collor, como mostra Roberto Sá mostrou que empresas como Hering, Caloi, Wolens, Shopping Praia de Belas, Tilibra, Pony, Skol, banco Bamerindus, utilizaram-se nas suas propagandas vários mecanismos de identificação com a campanha do candidato Collor e contra o candidato Lula.[383] Em termos gerais, Collor era associado à juventude, disposição, e às cores da bandeira

---

379 O futuro enferruja no quintal do país. Carta ao Leitor. Veja. 2/8/1989, p. 17.
380 Idem.
381 Idem.
382 Importantes trabalhos foram realizados sobre as capas da revista e a sua parcialidade com relação a Collor: Por exemplo: CARVALHO, André Luiz Piva. Quadros maquiados: gênese e produção de sentido da imagem impressa em revistas tendo como modelo a narrativa das capas da revista Veja enfocando Fernando Collor de Melo. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. ECA – USP, 1998; FERREIRA, Soraya Venegas. A imagem de Collor nas capas da revista Veja – construção, consolidação e queda de um mito. Dissertação de Mestrado em Comunicação, UFRJ, 1996.
383 SÁ, Roberto Boaventura da Silva. A revista Veja na campanha eleitoral de 1989: anúncios publicitários como extensão de textos jornalísticos. Doutorado em Comunicação, ECA, USP, 2002.

nacional; Lula, por sua vez foi associado à ignorância e ao atraso, em sintonia com a linha de *Veja*.

O posicionamento da revista vinha sendo elaborado há mais tempo, seja na perspectiva do programa liberal, sempre presente, seja mesmo na construção da candidatura de Collor. Emiliano José analisa reportagens de capa da revista de 1987 e 1988 que buscavam construir a imagem do "caçador de marajás",[384] inclusive já naquele momento aventando a possibilidade de que ele fosse o candidato à presidência. Essa opção deve ser entendida à luz das indecisões e desorganização da direita formuladora, e não à opção preferencial por Collor já naquele momento, como será discutido adiante. Ou seja, *Veja* estava "apontando caminhos".

Durante a campanha, a revista enviou dois jornalistas à Espanha para mostrar aquele país como um "modelo" para o Brasil, posto que estaria numa "*marcha acelerada de renovação que hoje a coloca numa condição invejável*".[385] Inicialmente, a semelhança se daria pelo fato de que os espanhóis "*se desvencilharam, sem maiores traumas ou tumultos, da ditadura do general Francisco Franco*". Depois, segue:

> Construíram instituições democráticas sólidas, capazes de resistir a aventuras golpistas. Por fim elegeram um governo que modernizou radicalmente a paisagem econômica do país, ao mesmo tempo que dizimava dogmas empoeirados do nacionalismo de sabor esquerdista. Sem maiores pudores ideológicos, o primeiro-ministro socialista Felipe Gonzalez fechou as portas das mineradoras, estaleiros e siderúrgicas estatais deficitárias, repassou outras empresas sob responsabilidade do governo para a iniciativa privada e abriu a Espanha para o **capital estrangeiro**.[386]

As condições e exigências de *Veja* estavam delineadas, e o projeto de Collor estava adequado: "consolidar a democracia", deixar de lado os "dogmas esquerdistas ou nacionalistas", ou seja, derrubar Lula e Brizola, e o principal, acabar com as empresas estatais, "passando-as" à iniciativa privada, e abrindo o país ao capital estrangeiro, que "*cria riquezas*", o que formaria a "*base impressionante*" do "*surto de progresso*" espanhol.[387] Embora a revista tenha afirmado que não apoiava ninguém,[388] esse editorial mostra que o apoio era construído

---

384 José cita as matérias: "A praga dos marajás", 12/8/1987; "Collor de Mello, o Caçador de Marajás", 23/3/1988; entre outras. JOSÉ, Emiliano. Imprensa e poder: ligações perigosas. Salvador, São Paulo, EDUFBA, Hucitec, 1996, p. 27-28.
385 Na Espanha, o surto de prosperidade. Carta ao Leitor. Veja. 1/11/1989, p. 32.
386 Idem. Grifos meus.
387 Idem.
388 "VEJA não está apoiando candidato algum nas eleições presidenciais". Uma ótima etapa da política brasileira. Carta ao Leitor. Veja. 11/10/1989.

de outras formas. A revista já tinha um programa e apoiaria os que se dispusessem a mantê-lo. E propunha a ligação entre "progresso" espanhol e as propostas do candidato Collor que falava também em "progresso" e privatização.

Adiante, outro exemplo seria o presidente da Argentina, Carlos Menem. Em outro editorial a revista diz que o processo eleitoral é apenas uma projeção de "*imagens do país em que quer viver no futuro*", e que depois das cerimônias, "*a realidade do país volta a se impor sem retoques. Os problemas nacionais continuam os mesmos, exigindo soluções rápidas e enérgicas*".[389] Assim, este seria também um modelo a seguir para o caso brasileiro. Segundo *Veja*,

> Na campanha eleitoral, o candidato peronista prometeu mundos e fundos: aumentos de salário, moratória da dívida externa e restrições ao capital estrangeiro. Instalado na Presidência, Menem adotou um receituário oposto ao que defendeu nos palanques. Arrochou os salários, buscou entender-se com os banqueiros internacionais e abriu a Argentina aos **investimentos estrangeiros.**[390]

O que quer ressaltar é o caráter exemplar. Afinal, se "não há alternativas" que não essas medidas, de nada adiantaria votar em um candidato que não acreditasse nelas, (mesmo sabendo que depois ele teria que mudar). Então, o melhor seria logo votar em quem assumisse como seu esse projeto, pois teria mais chances de estar preparado para ele:

> No Brasil de véspera de eleição, em que praticamente a cada dia surgem fatos novos e confusos, **convém observar a Argentina**. Qualquer que seja o candidato eleito, ele encontrará o Brasil numa condição econômica lastimável. Ele terá de agir de maneira rápida e incisiva, **deverá tomar medidas impopulares** e, mesmo assim não conseguirá modificar significativamente a situação geral do país nem a médio prazo.[391]

Para que não restassem dúvidas, o editor completava: "*os que não votaram em Menem garantem que, se ele tivesse dito que iria fazer o que acabou fazendo, não hesitariam em votar nele*".[392] Portanto, este seria um modelo certo, para que tentar com um "errado"?

A conjuntura nacional na qual Leonel Brizola, um candidato naquele momento associado à esquerda, ia despontando como favorito, levou a um clima de tensão bastante grande, dificultando a aparência de neutralidade. A vitória de Lula, que foi eleito para o

---

389 A Argentina de Menem depois das eleições. Carta ao Leitor. Veja. 8/11/1989, p. 31.
390 Idem. Grifos meus.
391 Idem. Grifos meus.
392 Idem.

segundo turno, mostrou uma conjuntura ainda mais grave, pois qualquer projeção permitia prever que os votos de Brizola migrariam para ele, elegendo então um candidato "radical", de esquerda, naquele momento desvinculado do projeto privatizante. Ficou claro o caráter de conflito de classes do processo em disputa, que levou à elaboração de um editorial mais explícito:

> O país marcha para o segundo turno da eleição presidencial com algumas pessoas tentando vender a idéia de que na campanha e nas urnas, haverá uma grande disputa entre capital e trabalho. É certo que Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva têm origens pessoais, carreiras políticas e propostas de governo bastante diferentes. Mas de **maneira alguma** é possível afirmar, a partir das diferenças entre os dois candidatos, que os eleitores estejam colocados ante a alternativa de escolher (...) um governo que vá fazer o país funcionar sem capital ou um outro que pretenda abolir a existência de trabalhadores.[393]

Ou seja, mesmo que propostas radicais pudessem estar no discurso de um dos candidatos, ou mesmo que apenas na cabeça de seus eleitores, *Veja* explicitava, e sua posição aparecia como irrefutável, que isso não seria possível **de maneira alguma**. Didaticamente, ela passa a explicar as razões:

> Essa alternativa não existe por três motivos básicos. Primeiro porque nem Collor nem Lula estão raciocinando nesses termos de **radicalismo absurdo**. Nas entrevistas publicadas nas páginas amarelas desta edição de VEJA, por exemplo, o candidato do PRN diz que preza o regime capitalista, enquanto o do PT afirma que o capital estrangeiro tem de vir para o Brasil e promete governar com a Constituição na mão - Constituição que, como se sabe, garante a livre iniciativa e o direito de propriedade. Em segundo lugar porque é inimaginável pensar que a economia brasileira, neste período difícil que atravessa, possa ser minimamente reordenada sem a colaboração da iniciativa privada e dos trabalhadores.[394]

Veja chamava para a colaboração de classes. A ênfase no segundo motivo apresentado é esclarecedora pois baseia-se em uma expressão de autoridade redundante: seria "inimaginável pensar" em uma solução alternativa. Se relembra implicitamente o exemplo espanhol com direção neoliberal, de um país que estava numa situação "parecida", e o "caso argentino", onde mesmo quem supostamente propunha algo diferente, teria acabado percebendo que "não há alternativa". A necessidade de "colaboração" readquiriu tons

---

393 Falsa oposição entre capital e trabalho. Carta ao Leitor. Veja. 29/11/1989, p. 45. Grifos meus.
394 Idem.

ameaçadores, para evitar que o regime que "foi para casa" pudesse voltar. Além disso, para que o leitor perceba que esse é um quadro mundial, se completava:

> Por fim, a História vem dando mostras em todos os pontos do planeta, e de maneira cada vez mais eloqüente, de que **a oposição frontal entre capital e trabalho não é solução para coisa alguma**. O que está em curso é um processo oposto: a combinação de mecanismos da economia de livre mercado com o incremento do bem-estar e dos direitos dos trabalhadores. Se o capitalismo selvagem não faz parte de nenhuma força política relevante no mundo inteiro, tampouco há partidos - principalmente no Leste Europeu e na própria União Soviética - dispostos a defender a **ortodoxia do marxismo e a ditadura do proletariado**. Qualquer que seja o eleito, ele terá de se haver com esse **mundo real** em que **capital e trabalho se aproximam**.[395]

Veja então diz o que deveria, necessariamente, fazer o presidente eleito. Mas não apenas isso, ela diz o que conforma o real e como ele funciona: onde capital e trabalho se aproximam. Na sua fórmula, não há escapatória. Para complementar, ataca o problema novamente, deslindando de forma mais elucidativa o "problema soviético":

> Os terremotos políticos na União Soviética e no Leste da Europa, onde ditaduras quase cinqüentenárias agora desabam num ritmo mensal, estão provocando reviravoltas em todos os cantos do planeta. (...) O que se tem como certo é que esse novo mundo que está surgindo precisa, e muito, de investimentos internacionais para poder progredir. Depois de passar décadas a fio deblaterando contra o capitalismo, a URSS e os países do Leste Europeu agora assinam sofregamente acordos com empresas ocidentais. Eles **necessitam desesperadamente de capital estrangeiro** para desemperrar suas economias burocratizadas e de baixa produtividade.[396]

O editorial informava que a revista "*propicia a seus leitores, na seção Economia*" um "*panorama do novo e espantoso relacionamento entre multinacionais capitalistas e governos da Europa Oriental. Contam-se às centenas as empresas da Itália, da França e dos Estados Unidos que estão fazendo joint ventures e inaugurando fábricas em países que aprenderam economia na escola do comunismo*".[397] A receita ja está pronta também para o Brasil, e para o "novo presidente":

> Os **investimentos** são feitos porque os países em que o capital é aplicado preenchem três requisitos básicos: eles têm suas moedas sob controle, não criam dificuldades a quem desembolsa o capital e mantêm uma razoável estabilidade

---

395 Idem.
396 Rotas do dinheiro multinacional. Carta ao Leitor. Veja. 6/12/1989, p. 45. Grifos meus.
397 Idem.

> política. Ao Brasil, que também necessita urgentemente de **investimentos estrangeiros**, bastaria cumprir esses requisitos para que o **capital internacional** contribuísse para o progresso do país. Não é preciso oferecer condições muito especiais para que aumente o **investimento estrangeiro** no país. O maior passo, evidentemente, seria o controle da inflação (...), acompanhado de uma limpeza no cipoal de restrições ao **capital estrangeiro**, para que o Brasil recebesse **novos investimentos**. Se o próximo presidente não fizer isso, o país continuará marcando passo na próxima década.[398]

Em 12 linhas, 6 vezes se repete a expressão que quer gravar: o único caminho possível seria o capital estrangeiro. As explicações estavam dadas, bastaria então ao (e)leitor juntar os dados e perceber que até no "países comunistas", experiências "não capitalistas" tinham fracassado. Até aqueles países estavam entrando na "economia de mercado" e se abrindo para o capital estrangeiro, desejo esse expresso em todos os editoriais citados. A atuação da revista é dupla. Por um lado, define a pauta política obrigatória para os próximos anos: controle da inflação e abertura ao capital estrangeiro, agindo como formuladora. Por outro lado, busca convencer os leitores – eleitores – que qualquer candidato que não se afinasse com essa "tendência", deveria ser descartado.

Mesmo que pareça já suficientemente comprovado o posicionamento da revista com relação ao processo eleitoral, a tensão de classes[399] estava de tal forma delineada que mesmo nas vésperas da eleição *Veja* optou por tornar sua opção ainda mais explícita e reiterada:

> **VEJA considera que não será com estatização**, com **cerceamento à livre iniciativa**, com o incremento de **conflitos entre capital e trabalho**, com **restrições aos investimentos**, com o **isolamento** do mundo desenvolvido e com o nivelamento por baixo que o país irá melhorar. **A revista defende desde a sua fundação**, e reafirma nesta véspera de eleição, que o caminho para melhorar as condições de vida dos brasileiros é o da **liberdade política e econômica**, com o Estado se limitando a atuar na área da infra-estrutura econômica e social e servindo como catalisador e redistribuidor dos **frutos do desenvolvimento**. É com base na defesa da liberdade política e econômica que **VEJA cobrará do próximo presidente** resultados concretos das promessas feitas por ele durante a sua campanha. Principalmente da promessa de melhorar decisivamente as condições sociais do país.[400]

---

398 Idem. Grifos meus.

399 Com relação ao caráter ideológico da disputa eleitoral, ver: SINGER, André. Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994. São Paulo, Edusp, Fapesp, p. 2000. E também, como fonte: POMAR, Wladimir. Quase lá. Lula, o susto das elites. São Paulo, Brasil Urgente, 1990.

400 Democracia avançada e miséria social. Carta ao Leitor. Veja. 13/12/1989, p. 43. Grifos em negrito meus. Grifo em itálico do original. Essa posição se aproxima com a de Roberto Marinho, presidente das organizações

As expressões que grifamos demarcam a diferença. Há necessidade por parte da revista de reafirmá-las, mostrando se tratar do oposto da conciliação harmônica de classes. Uma candidatura era expressão de movimentos sociais que tendiam a empurrar o governo para uma alternativa não comprometida com a "economia de mercado". A outra, representava tudo o que *Veja* estava reafirmando como seu projeto, a liberdade ditada pelos padrões do mercado, a falsa idéia de harmonia entre capital e trabalho, escondendo a dependência do primeiro com relação ao segundo, e o papel do Estado em manter o trabalho sob domínio do capital, dedicando-se prioritariamente a impulsionar a acumulação do capital. E a revista se colocava de forma ameaçadora: cobraria do presidente... É importante termos presente que essas questões não eram transparentes nem previamente decididas para os sujeitos que estavam vivendo e construindo aquela história. E justamente por isso que a revista precisou se dedicar tantas vezes ao tema, explicando, buscando convencer acerca do seu projeto e estabelecer consenso em torno dele, que foi por fim eleito.

Restava agora a construção da pauta programática que asseguraria (ou não) o apoio ao governo, o que se dá em sintonia com muitos setores nacionais, que construíam um sentido de consenso em torno do projeto político que seria implementado, que já vinha da escolha de Fernando Collor como candidato preferencial. Ocorreram então momentos distintos no processo. No primeiro tivemos a dispersão dos candidatos da direita, que resultou no pragmatismo em face de encontrar um possível vencedor. Depois, o risco concreto de Lula vencer quem quer que fosse. Isso levou a distintas formas de intervenção: a organização de um programa mínimo para qualquer governo; a organização dos grupos que sustentassem tal programa; a pauta, pela revista, do programa aos candidatos; o convencimento da necessidade de tal programa; o convencimento da própria burguesia e de seus setores recalcitrantes. E com isso a união política continuaria tênue e conflituosa ao longo de todo o curto governo Collor. E isso só reforça o peso da organização dos agentes formuladores.

Globo, em editorial no jornal O Globo "intitulado Convocação. Nele Marinho fazia vigorosa conclamação por uma 'candidatura de consenso', de cunho 'moderno e otimista', que permitisse 'uma alternativa melhor' que a de obrigar o povo brasileiro a escolher entre um 'projeto caudilhesco-populista' (Brizola) e um outro 'sectário e meramente contestatório' (Lula)". Apud DREIFUSS, op. cit., p. 291. A diferença da explicitação de posição com relação à Veja é que esse editorial datava de 2/4/1989, ou seja, já antevia o desenrolar do quadro ideológico e buscava a articulação da direita. Veja também agisse nesse sentido há mais tempo. O mais importante é o discurso quase uníssono de dois dos maiores veículos de imprensa do país e de seus grupos de suporte.

3.2. ORGANIZAÇÃO DA DIREITA E O FÓRUM NACIONAL

Fernando Collor tinha sido um dentre os candidatos desejáveis. Agora, após as eleições, tratava-se de subordiná-lo ao projeto já formulado, portanto, de pautar o governo. Além disso, o apoio a Collor não garantia "*saída para a ausência de um centro hegemônico que direcione o movimento de capitais*",[401] posto que seu programa não era suficientemente claro em torno das formas das mudanças "neoliberais".[402] Ao mesmo tempo, ele não poderia governar sem o apoio desses grupos que se organizaram e garantiram sua eleição, e dentre eles haviam divergências insuperáveis, configurando uma questão de disputa da direção política. Era o momento de retomada dos trabalhos dos estados-maiores, visando a reorganização dos padrões de dominação e de acumulação, de acordo com a "nova ordem".[403]

Já nos primeiros dias de 1990, logo após as eleições, foram realizadas iniciativas no sentido da organização dos grupos em torno do governo Collor e do debate da questão econômica e seus caminhos. É com esse sentido que se realizou o *Fórum Nacional Perspectivas do Brasil para os Anos 90,* dando continuidade ao intuito de "*enfrentar os problemas nacionais*". Segundo a revista,

> Foi com esse objetivo que algumas das **melhores cabeças** econômicas do país, das mais diversas tendências ideológicas, se reuniram (...). Nos debates cariocas houve um consenso básico a respeito do sentido das mudanças: é preciso **cortar as despesas** e aumentar a receita do Estado. Sem uma profunda **reforma na máquina estatal**, simplesmente não há jeito de o país sair da crise e melhorar as sofridas condições de vida da maioria da população.[404]

A justificativa das reformas dá-se em torno "da maioria da população", e não dos interesses dos grupos empresariais que patrocinam a discussão. Tudo se resume, na análise da

---

401 OLIVEIRA, op. cit., p. 95. A tendência seria a reorganização em torno do capital externo, o grande beneficiário das privatizações. Nesse sentido, a reorganização do novo bloco hegemônico deveria ter como eixo a abertura ao capital.

402 Por exemplo: no programa de Collor constava claramente a opção pela privatização, mas falava, em "defesa do patrimônio público, sobretudo as estatais brasileiras" (P. 105); a posição com relação ao FMI não era clara: "não quero, não pretendo nem desejo brigar com o FMI. Estou disposto, sim, a brigar dentro do FMI" (107). Projeto Brasil Novo. In: CLARET, Martins (coord.). O fenômeno Collor. São Paulo, Martins Claret, 1989.

403 "A acumulação de capital, sobretudo na vigência do Estado autoritário, fundou-se nesse amálgama [público e privado, onde o público equaciona os interesses privados]. Mais recentemente, quando o fluxo de capitais externos cessou, abrindo o passo à crise de acumulação do setor privado, utilizou-se a credibilidade das estatais para tomar empréstimos externos e por essa via se estatizou a dívida externa". A conseqüência é a estatização da dívida e o repasse de capital para a acumulação do setor privado, "sem riscos para este último". OLIVEIRA, op. cit., p. 130.

404 O país está farto de pacotes. Carta ao Leitor. Veja. 10/1/1990, p. 17. Grifos meus.

revista, a uma questão: "*o nó da questão brasileira é a maneira de se conseguir obter o aumento da receita e o corte das despesas estatais*".[405] Mas tudo precisava ser minimamente planejado, não poderia resultar em "pacotes estatizantes", porque "*as jogadas de efeito já não fazem efeito algum*".[406] Fica claro que não havia uma ligação direta entre a posição da revista e os planos do governo, pois foi justamente com um pacote "de efeito" que ele iniciou. Assim, a indicação de Zélia Cardoso de Mello como futura Ministra da Economia foi vista como uma medida "*na direção certa*". Isso se deve às suas "*idéias consistentes*": "*ela quer privatizar, cortar os gastos do Estado, demitir funcionários públicos, podar incentivos e subsídios, atrair investimentos. Está na direção correta,* ***sem dúvida***".[407] Ou seja, tratava-se de sustentar o governo, construindo o consenso em torno de um único projeto.

As idéias formuladas em reunião pelo Fórum Nacional,[408] foram sintetizadas pelo seu coordenador, João Paulo Reis Velloso.[409] Na revista ele foi referido como "*um dos comandantes do crescimento econômico da década de 70*", portanto, alguém a altura de indicar uma "*opção de cautela*".[410] Aqui ele sintetizava os rumos esperados:

> Promover o diálogo das lideranças nacionais, reunindo cientistas sociais, lideranças políticas, empresariais, sindicais; avanço no sentido da modernização dos diferentes projetos nacionais (...); submeter as revoluções de idéias do nosso tempo – os ventos liberalizantes do *thatcherism*, da *reaganomics* e da Perestroika – ao teste de como se mostrar relevante e aplicável, na prática, à situação brasileira e, pois, de evitar as panacéias e os slogans. Ao mesmo tempo, está ele permitindo avaliar a importância, para um país de graves desigualdades, da experiência de social-democracia (e em geral, dos partidos de esquerda e centro-esquerda européia) igualmente sem panacéia.[411]

Estava também em questão a criação de um partido "social-democrata", o PSDB, que deveria "*sem perder o caráter progressista, abrir mão da estatização dos meios de produção*",

---

405 Idem.
406 Idem.
407 O rumo conta mais que a velocidade. Carta ao Leitor. Veja. 7/3/1990, p. 29. Grifos meus.
408 Essa reunião do Fórum teve patrocínio institucional do BNDES e do Codimec (Comitê de Divulgação dos Mercados de Capitais), realizado de 3 a 5 de janeiro de 1990 no Senado Federal. Segundo o site do INAE, "a reunião cumpriu dois objetivos: o de aprofundar o diálogo das lideranças nacionais e o de avançar em direção a maior convergência quanto à concepção de um projeto nacional modernizador". www.inae.org.br.
409 Velloso é citado recorrentemente por Veja quando se trata de assuntos econômicos, e foi várias vezes entrevistado nas páginas amarelas.
410 João Paulo Reis Velloso. A opção de cautela. Veja. 18/7/1990. Entrevistado por Telma Mekler. Aqui ele diz que "o Brasil tem vantagens sobre os tigres asiáticos e deve ver a proposta de Bush com cuidado".
411 VELLOSO, João Paulo. As ideais do Fórum Nacional. In: Fórum Nacional. As perspectivas do Brasil e o novo governo. São Paulo, Nobel,1990. p. 14.

e "*propugnar a normal inserção na economia mundial; colocar a inflação como prioridade cronológica e realizar fortes ajustes fiscais*".[412] Isso se daria no sentido de "proporcionar melhores condições ao eficiente funcionamento do mercado", promovendo a sua "desideologização". Três seriam as tarefas básicas:

> A afirmação do **mercado como instrumento básico** de realização do projeto de produção, mas sob controle social; a **domesticação do capitalismo brasileiro**; a **institucionalização do conflito social**, criando liberdade sindical e abolindo o grevismo selvagem, num ambiente de conflito regulado, e à base, principalmente da livre negociação, com o mínimo de interferência do Estado.[413]

Essas seriam as três linhas chaves da atuação de *Veja* ao longo da década. Além disso, pregavam a "*institucionalização da reforma social*", viabilizando um "*amplo projeto nacional*".[414] Então, ao mesmo tempo em que previa a organização *partidária*, eram definidos caminhos dessa atuação, os quais seriam defendidos e reproduzidos por *Veja*. A atuação da revista aqui é nítida de convencimento do próprio empresariado ou dos segmentos recalcitrantes, o risco de uma convulsão os ameaçaria a todos.

Na edição de 27/7/1990, *Veja* deu destaque, em quatro páginas, a uma pesquisa realizada por Bolívar Lamounier e Amaury de Souza, do Instituto de Estudos Econômicos. A figura de Lamounier se destaca na revista, sendo entrevistado duas vezes nas páginas amarelas, quando foi elogiado por "*pensar a política é a sua profissão. E ele a exerce como poucos*".[415] Em outra conjuntura ele é visto como um grande crítico, capaz de dizer que "*a oposição é patética*".[416] Ele teve também seu trabalho transformado em matérias para a revista, atuando também como intelectual do Fórum, tendo sido responsável, por exemplo,

---

412 VELLOSO, J. P. R. Democracia de massas, crescimento e reformas. In: VELLOSO, op. cit., p. 37.
413 Idem, p. 39. Grifos meus.
414 Velloso define a necessidade da "formação de modernos partidos de massa, construção do mercado sob controle social e a superação do patrimonialismo de Estado". P. 33. Aponta então para os planos de que o PSDB assumisse para si essa tarefa de constituir-se em partido de massas, o que historicamente se mostrou inviável. Esse papel seria assumido pelo Partido dos Trabalhadores, que chegaria no final da década de 1990 defendendo esse mesmo projeto.
415 Bolivar Lamounier. Rumos da CPI. Veja. Entrevistado por Roberto Pompeu de Toledo. 29/12/1993. No resumo da entrevista se ressalta que ele "aponta uma agenda para que as lições das investigações sejam bem aproveitadas".
416 Bolivar Lamounier. A oposição é patética. Veja. 4/8/1999. Entrevistado por Maurício Lima.

pelo estudo de fundo sobre "*estrutura institucional e governabilidade na década de 1990*",[417] no IV Fórum Nacional, realizado em 1991.

A pesquisa em questão indica que o país estaria indo "*direto ao abismo: revela que a elite política do país teme que a miséria crie um quadro de convulsão social crônica até o ano 2000*".[418] A pesquisa na qual foram ouvidos "membros da própria elite", diagnosticando uma "crise", pela qual seria responsável o governo, e via uma situação alarmante como se depreende das respostas a um questionário (no qual podia marcar mais de uma opção): "*63% aposta no estado crônico de convulsão social; 40% acha que será criado um regime de apartheid social; 36% pensa que poderá ocorrer uma espécie de revolução extremista e 23% acredita no retorno dos militares ao poder*".[419] A reportagem traz um quadro dos nomes que seriam "a elite da elite", ou seja "*as pessoas mais influentes entre as pessoas consideradas influentes*", de acordo com os entrevistados, classificadas nessa ordem: José Serra, Mario Henrique Simonsen, Antonio Ermínio de Moraes, Fernando Henrique Cardoso, Delfim Netto, Lula, César Maia, Ozires Silva, Mario Covas, Roberto Campos. Um breve levantamento sobre essas figuras públicas e suas relações com a revista ao longo da década são reveladores de ligações estreitas, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1. Posição da "Elite da elite"

Nome	Principais cargos	Páginas amarelas no período da pesquisa
José Serra	Deputado Federal, Senador, Ministro da Fazenda e da Saúde	8/7/1992, 24/4/1996
Mario Henrique Simonsen*	Economista, Ministro da Fazenda 1974-1979, Presidente do Mobral 1970-74	20/1/1993, 6/7/1994
Antonio Ermínio de Moraes	Presidente da FIESP, Presidente do Grupo Votorantim	2/3/1994, 24/9/1997
Fernando Henrique Cardoso	Sociólogo, USP, Cebrap Presidente da República 1995 – 2002	4/9/1991, 20/5/1992, 9/4/1997, 22/12/1999
Delfim Netto	Ministro da Fazenda, Deputado Federal	15/3/1993, 22/10/1997
Lula	Deputado Federal, Presidente do PT	29/11/1989, 12/8/1998 24/3/1993
César Maia	Deputado Federal e Prefeito do RJ	6/6/1990, 5/6/1996
Ozires Silva	Ex-presidente Petrobrás e Embraer, MCD / presidente	Não
Mario Covas	Deputado Federal, Prefeito de São	26/5/1999

417 LAMOUNIER, Bolívar. O texto está publicado em: VELLOSO, J P R (Org). O Brasil e as reformas políticas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992. (23-47).
418 Direto ao abismo. Veja. 27/6/1990, p. 58.
419 Idem, p. 59.

	Paulo, Senador, Governador de São Paulo	
Roberto Campos*	Ministro da Fazenda, Deputado Federal, Senador, Embaixador	21/6/1989, 16/4/1997

OBSERVAÇÕES: *Mario Henrique Simonsen foi também colaborador de Veja, e Roberto Campos possuía uma coluna quinzenal; a coluna sobre *Veja* levou em conta apenas as páginas amarelas, mas muitos dessas pessoas foram citados inúmeras outras vezes.

Este quadro mostra a inegável afinidade entre a revista e a "elite". Excetuando-se Ozires Silva, todos os demais foram entrevistados nas páginas amarelas, a maioria deles, mais de uma vez. Seguindo a explicação de *Veja*, nem todas essas pessoas são "públicas", algumas vivem "*na mais completa obscuridade*",[420] mas cada uma delas "*formula opiniões, influencia as atitudes sociais e dispõe de uma inquestionável capacidade de mobilização*", até porque, essa elite "*é tão pequena que poderia se reunir no auditório de um cinema*".[421] Ao dar destaque a essas pessoas, *Veja*, de forma consciente, contribui para o objetivo de mobilizar em torno de suas idéias. Por mais que alegue ser "independente" de governos, também fica claro que, entre os destaques de seus intelectuais, estão invariavelmente pessoas ligadas aos diferentes governos brasileiros, que por sua vez são representantes do capital ("as elites", segundo *Veja*).

Os vínculos entre a revista e o Fórum não se encerram nesses casos específicos, e voltarão a aparecer no decorrer da análise de acordo com sua conjuntura específica. Eles abrangem pessoas de vários partidos e que fazem parte também de outras organizações de classe. O Fórum age enquanto estado-maior, definindo o que deve ser considerado como grandes problemas nacionais, com apoio de *Veja*, e tem interferência direta nos rumos da política brasileira, o que não implica que outros grupos deixem de ser organizar e elaborar propostas concretas de organização de classe. Suas ações são articuladas, respeitando-se suas especificidades e diferenças, agindo em conjunto quando isso se faz necessário. Durante o governo Collor foram constantes as disputas em torno do projeto político, e essas disputas estiveram em consonância também com outras organizações, que também estavam buscando construir consenso, como se pode perceber na ação de outros órgãos de imprensa nacional.[422]

---

420 Idem, p. 58.
421 Idem.
422 Sobre outros jornais, os estudos são ainda insuficientes, ou por não apontarem os interesses de classe concretos, ou por não darem conta das contradições desses grupos. O mais relevante trabalho é o de Francisco

3.3. A BUSCA DE HEGEMONIA COM RELAÇÃO AO GOVERNO COLLOR

Durante o governo Collor, *Veja* manteve-se em sua posição dúplice: definidora e difusora de uma certa política; mantendo uma distância e cobrança permanente frente ao governo. Portanto, se ela está "vigiando", está fazendo isso em torno de parâmetros que ela mesma estabelece como os corretos, mas que no seu discurso aparecem sempre como os únicos e indiscutíveis. Ao longo deste governo é perceptível uma atuação permanente em manter a governabilidade, até o momento em que tal posição se tornou insustentável, mas isso se deu sempre em nome do projeto em disputa.

3.3.1. A cobrança do projeto "liberal"

As críticas apresentadas ao Plano Collor, que previa entre outras coisas o confisco da poupança,[423] foram amenas, mesmo que antes a revista tivesse se colocado contra "planos enérgicos", como fora anunciado no editorial "*O país está farto de pacotes*" que "*já não fazem mais efeito algum*".[424] No entanto, diante do Plano de Collor, *Veja* demonstrou boa vontade, ressaltando o que considerava "*sinais animadores do governo*", que "*atestam a intenção de se chegar a uma situação em que o país tenha uma economia aberta, progredindo e propiciando o incremento da justiça social*".[425] Dentre as provas de que o governo estaria no "rumo certo", diz o editor, que "*se avança na extinção de estatais inúteis, como a Portobrás e a Siderbrás"* ressaltando que "*o importante é que o governo comece a promover as mudanças, como vem*

César Fonseca, que mostra que a construção da hegemonia neoliberal estava presente também nos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo. Mas, sua análise se refere ao período anterior, da Constituinte até 1989, o que nos coloca dificuldades em estabelecer comparações, especialmente em função da conjuntura ser distinta. Além disso, ao autor preocupou a coerência doutrinária desses jornais com relação aos princípios liberais, o que não é nosso foco de análise, e sim a construção do programa político e econômico. (Divulgadores e vulgarizadores: a grande imprensa e a constituição da hegemonia ultraliberal no Brasil. Doutorado em História USP, 2001).

423 As medidas principais do plano foram: mudança da moeda - que voltava a ser cruzeiro - e confisco do dinheiro depositado em poupança; desindexação, inclusive de preço e salários, com a adoção da "livre-negociação"; reformulação dos mercados cambiais; programa de privatizações, manutenção da moratória técnica do serviço da dívida externa e total abertura aos capitais estrangeiros; instituição de certificados de privatização, com prioridades ao setor privado; programa de desregulamentação; reforma administrativa; supressão de subsídios". OLIVEIRA, op. cit., p. 55-56.

424 O país está farto de pacotes. Carta ao Leitor. Veja. 10/1/1990.

425 Avançar no rumo certo. Carta ao Leitor. Veja. 25/4/1990, p. 17.

fazendo, e se mantenha no ***rumo certo***".[426] De resto, a grande imprensa como um todo apoiou o Plano Collor.[427]

A essas medidas se associava a defesa da abertura do mercado a empresas estrangeiras, com as devidas reformulações na legislação "restritiva" que até então existia, pois o importante seria a "concorrência", citando como exemplo a telenovela Pantanal da rede Manchete, que levaria as outras a "ter que melhorar".[428] *Veja* foi sistemática na cobrança (do seu projeto), chegando a dar prazo "*para ir da teoria à prática*",[429] pois "*eleito com base numa plataforma liberal, e até agora com um discurso vigoroso em defesa da diminuição da presença do Estado na economia, o governo Collor vem sendo de um intervencionismo a toda prova*".[430] A revista dizia que o governo estava reduzindo a intervenção, mas não "o suficiente", mostrando um limite de seu apoio: sempre empurrando o governo para seu programa. Para que não restassem dúvidas quanto à legitimidade da interpelação, no próprio editorial foi citado o discurso de posse de Collor criticando o "*comportamento errático e perverso do Estado, que inibe o* ***investimento nacional e estrangeiro*** *(...) compete primordialmente à iniciativa privada, e não ao Estado, criar riqueza e dinamizar a economia*".[431] Com isso, relembrava o apoio ao governo, para cobrar de forma enfática:

> Pode ser que o governo imagine que, para se chegar ao liberalismo econômico, o país tenha de atravessar uma fase de intervencionismo bruto, materializado em medidas e contramedidas de caráter assustador. Mesmo que o presidente esteja optando por esse caminho paradoxal, ainda assim **ele deve explicar** quando finalmente suas idéias se transformarão em prática: o governo precisa fixar um prazo a partir do qual o Estado abandona o papel de tutor e controlador-mor da economia.[432]

Esse posicionamento voltou a ser expresso em vários momentos relacionados ao Plano Collor, como no controle da inflação, e nos embates com empresários que cobravam indexação de preços, aos quais *Veja* criticava, apoiando o governo, coerentemente.[433] Um

---

426 Idem. Grifos meus.
427 Como indica OLIVEIRA, op. cit., p. 58: "um coro de unanimidade elevou-se em torno do plano e do presidente".
428 Os benefícios da concorrência. Carta ao Leitor. Veja. 9/5/1990, p. 27.
429 O prazo para ir da teoria à prática. Carta ao Leitor. Veja. 23/5/1990, p. 23.
430 Idem.
431 Idem. Grifos meus.
432 Idem. Grifos meus.
433 O cômodo refúgio da indexação. Carta ao Leitor. Veja. 6/6/1990, p. 16.

exemplo disso ocorreu quando o governo liberou o preço do leite, de forma descontrolada, ao que remendou, sua posição contraditória, dizendo que "*o liberalismo precisa de um pouco de modéstia*", para sintetizar uma "lição": "***o liberalismo é a melhor idéia que um governo tentou por em prática no Brasil de muito tempo para cá***. *Vale insistir, apesar dos problemas e dos tropeções*".[434]

Neste momento a revista elogiava o "*choque industrial: o governo anuncia seu projeto para a modernização da indústria, abre o portão para os importados e vai mexer até na informática*".[435] O remodelamento do parque industrial teria um sentido evidente, segundo a revista: "*qualquer leitura do projeto de Zélia mostra que ele é* ***revolucionário****, capaz de mandar para uma pensão de idosos o velho modelo industrial brasileiro*".[436] E completava: "*o que chama atenção é a disposição demonstrada em suas dobras para promover uma real abertura da economia brasileira para o resto do mundo*".[437] A economia aparece como algo desvinculado da sociedade, a própria síntese da ideologia capitalista. E a partir disso, a revista chega a falar em "***era pré-Collor***", como aquela em que existia ainda a Lei de Informática, buscando com isso inaugurar uma nova fase histórica. Ademais, ao elogiar as medidas como "*passar para a iniciativa privada alguns gingantescos cartórios estatais, como o sistema portuário, petroquímico e de telecomunicações*",[438] a revista lembra que isso não mais seria do que promessas de campanha de Collor. Como reforço do suposto acerto dessas medidas são citados elogios do presidente dos EUA, George Bush e de seu aliado ideológico, Roberto Campos: "*o governo brasileiro tomou gestos preparatórios vitais para a integração com o Primeiro Mundo*". Didaticamente eram apresentados os planos até o final do governo, enfatizando que esta sim seria a face "modernizante" do plano econômico, que englobaria ainda "*emagrecer a burocracia*". E também, a criação de um "mercado livre", "*essa é uma evolução que* ***estamos ansiosos para apoiar***",[439] são as palavras citadas do presidente norte-americano. Falava-se neste momento de "*uma zona de livre comércio que comece no Alasca, perto do Pólo Norte, e termine na terra do Fogo, que encosta no Pólo Sul*". Apontava-se para

---

434 A lição da guerra do leite. Carta ao Leitor. Veja. 25/7/1990, p. 27. Grifos meus.
435 O choque industrial. Veja. 4/7/1990, p. 62. Na capa da revista, a tarjeta com uma fotografia da Ministra da Economia, anunciava: "O Brasil abre suas fronteiras".
436 Idem. Grifos meus.
437 Idem.
438 Idem.
439 Idem, p. 63. Grifos meus.

reformas constitucionais, para, entre outras coisas acabar com "***o hábito*** *dos industriais brasileiros de piratear patentes farmacêuticas de indústrias dos EUA*".[440] Para que não sobrassem dúvidas, credenciava, e elogiava a equipe econômica do governo: "*a equipe de Zélia já mostrou que é especializada e competitiva em matéria de produção de projetos para a economia brasileira. Sempre que despeja um pacote, ele é considerado* ***virtualmente impecável*** *em sua engenharia acadêmica*".[441] Portanto, é demarcada por esses elogios que segue a relação da revista com o governo Collor no momento em que acenava com as medidas de "abertura econômica". E a revista busca fazer a intermediação entre governo e empresários recalcitrantes.

Um dos eixos centrais do argumento da revista continuou sendo "mostrar a falência do Estado", atacando o "problema do funcionalismo", que afinal era um dos eixos da campanha de Collor, o combate "aos marajás". No mesmo momento em que cobrava que estaria se "*esgotando o prazo marcado pelo governo para promover uma poda radical no funcionalismo público federal*", mandava seus repórteres a campo para "*averiguar a quantidade e a qualidade do serviço prestado pelo funcionalismo aos brasileiros*".[442] A conclusão é simplista: o problema seria a "irracionalidade", nos moldes empresariais, o Estado seria (ainda) um "*monstro de barnabés e marajás, funcionando às cegas*".[443] Interessante observar que na fotografia que acompanha o editorial, no qual se mostra uma manifestação, há a legenda: "*passeata contra demissões: irracionalismo*", e aqui o irracional deveria ser associado aos trabalhadores que se mobilizavam. Este editorial apresenta a capa da revista, que repetia um tema já abordado no governo Sarney, e sobre o qual agora se insistia, como indica a tabela abaixo. Em ambas as capas a figura do funcionário é um ser sem cabeça.

---

440 Idem, p. 64. Grifos Meus.
441 Idem, p. 65.
442 Funcionários sob um novo prisma. Carta ao Leitor. Veja. 20/6/1990, p. 25.
443 Idem.

TABELA 2: Funcionalismo público detratado por *Veja*

Manchete da capa	Figura	Matéria
1/3/1990. FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS. A reação ao abuso. Fantasmas e parentes protegidos começam a indignar o país	Suposto funcionário público (figura de massa de moldar representa homem de terno e colarinho branco), com dinheiro no bolso aparece em sua mesa de trabalho, onde aparece um telefone, uma bandeira do Brasil, canetas e cigarro. O homem não tem cabeça.	A CAÇA AOS FANTASMAS. O país reage ao empreguismo no serviço público e exige o fim de abusos como a tolerância com os que ganham sem trabalhar.
20/6/1990. Funcionalismo público. UMA TRAGÉDIA BRASILEIRA	Terno (com camisa de colarinho branco) pendurado em um cabide. (pendurado na letra e de veja). No desenho há uma sombra enigmática.	O PAÍS DOS BARNABÉS. O governo anuncia 68.000 dispensas e coloca em discussão a tragédia da máquina de um Estado que deixa cidadãos humildes morrerem na fila do Inamps.

FONTE: Capas e Matérias de *Veja*.

A amarração se dá mostrando o que o governo faria e relembrando o seu compromisso de campanha, remetendo ao programa mais amplo de reformas. Mas é instigante que ao tratar do tema do Estado, a indefinição dos sujeitos (sociedade e Estado) é uma marca presente na discussão sobre os rumos nacionais. Em nome de uma crise econômica, o governo propunha um "novo pacto nacional", e *Veja* se colocou como mediadora. Trata-se aqui da apresentação da reportagem sobre a "elite da elite", por isso a revista quer tornar explícito que

> **O Brasil** tem se acostumado a imaginar seu destino atado a uma contradição básica. De um lado, cobra-se do **governo** uma solução imediata para os problemas econômicos **do país.** (...) Por outro lado, **as pessoas** tendem a imaginar que o governo é incapaz de dar uma solução satisfatória para o grande desafio social que constrange o **país inteiro** - pela boa razão de que até hoje não conseguiu vencer o analfabetismo, a doença, a fome de milhões de pessoas e a injustiça que persegue os deserdados. Na verdade, as duas coisas se entrelaçam de maneira inevitável e cabe **a todos** encará-las como **desafios pessoais e coletivos** para que haja alguma esperança de solução.[444]

Assim, o Brasil é personificado: ele "imagina". Ao mesmo tempo *Veja* faz a diferenciação, existiriam "as pessoas", que percebem que "o governo" está errado. A conclusão é que "todos" deveriam fazer algo para melhorar. Mas, delimita-se que

> Na semana passada, o governo reuniu em Brasília aquele **grupo de figurantes** que se encontra toda vez que volta à cena a idéia do pacto nacional pela construção de

444 Um cenário de catástrofe. Carta ao Leitor. Veja. 27/6/1990, p. 25. Grifos meus.

> **um Brasil menos ameaçador**. A tentativa está gasta desde o governo Sarney porque, no fundo, os atores que se apresentam **não falam em nome do país** e talvez nem mesmo queiram firmar um acordo. Pactos exigem sacrifícios e também um certo respeito pelo fracasso. **Se não se teme alguma coisa no futuro, não há razão para dividir o sacrifício de um acordo social** qualquer no presente.[445]

Ao nomear o "grupo de figurantes", *Veja* está questionando o governo, mesmo que justifique o pacto como algo em torno da "construção de um Brasil menos ameaçador". Ao mesmo tempo, define que essa tentativa não pode dar certo, porque "no fundo, os atores que se apresentam não falam **em nome do país** e talvez nem mesmo queiram firmar um acordo". Então, está claro que esses "figurantes", até aqui tidos como aqueles que a revista mesmo ajudou a eleger, não representam o país, o que é um sinal de ruptura ou afastamento, exclusivamente demarcada pelos rumos econômicos do governo, especialmente o controle da inflação. Portanto, indica os limites de seu apoio aos integrantes do governo, deixando claro que se trata de um "pacto... ameaçador". A ameaça é a convulsão social e a forma de agir seria pela redução do Estado, controle da inflação e abertura de capitais. Restaria definir quem falaria em nome do país, o que faz em seguida:

> Curiosamente, o lado **mais influente do Brasil** - e não por coincidência aquele que faz pactos - está plenamente convencido de que o Brasil vai muito mal. De acordo com um detalhado estudo acadêmico sobre o pensamento das **elites políticas brasileiras**, que VEJA publica nesta edição, as elites tendem a pensar que a inflação não será vencida tão cedo e as mazelas sociais crescerão de tal forma que se tornarão uma ameaça à própria estabilidade das instituições. O que se imagina é que **o Brasil** poderá mergulhar de maneira crônica num estado de **convulsão social** capaz de tornar a vida um **pesadelo coletivo**. Pode ser apenas exagero. Já houve fases de pessimismo e **o Brasil** sempre se mostrou maior do que a crise que o ameaçava. O pessimismo, porém, tem a vantagem de funcionar ao menos como um alerta. A imaginação do grande desastre precede o esforço de evitá-lo.[446]

Veja coloca-se como estando à frente do problema, na medida em que apresenta a pesquisa, segundo ela, com o intuito de "evitar o desastre". Seu papel partidário é organizar o debate e propor soluções, o que é feito em nome "das elites", as quais realmente "têm influência". Faz isso desqualificando o governo, que "nem quer mesmo fazer nada", e possui um grupo de "figurantes", com isso lembrando do processo eleitoral e de seus compromissos. Sua preocupação não é Collor, mas sua política, especialmente sua economia. Por isso pode se

---

445 Idem. Grifos meus.
446 Idem.

apresentar como estando acima da política e do governo, defendendo os interesses nacionais de seu grupo.

Um mês depois, destaca-se a reportagem de capa, comentada em editorial. Se a elite estava desanimada e pessimista, a reportagem visava mostrar "uma saída". A revista transformou em reportagem de capa um artigo "*revelador*, *capaz de responder o que há de errado com o país*", cujo autor "*desembrulha o pacote dos problemas brasileiros, examina suas raízes e seus disfarces e aponta a* ***rota da redenção***".[447] Trata-se do então deputado pelo PSDB, José Serra (o "mais influente dos influentes", segundo a pesquisa anterior). As conclusões objetivavam "*uma injeção de ânimo aos empreendedores*":

> O balanço apalpa muitos problemas, mas é surpreendemente otimista no exame do futuro. 'O Brasil tem uma aptidão estrutural para crescer com superávits comerciais', acha o economista. Segundo ele, poucos países têm tantas condições de retomar a prosperidade com rapidez quanto o Brasil, **desde que se adotem as medidas necessárias** para reformá-lo em todas aquelas partes que estão mal costuradas. Há idéias anacrônicas a derrubar, numa sociedade que, segundo Serra, construiu um 'muro de burrice' em torno de si própria. Existem desafios a vencer, como o da educação do povo, num país analfabeto cuja universidade, no entanto, está entre as mais caras do mundo. É preciso reformar o Estado, entender que se vive num país pobre e, finalmente, atrelar o carro do desenvolvimento a uma utopia - pois sem ela patina-se na mediocridade. Trata-se, enfim, de um vasto painel do Brasil atual com o ataque daquelas questões que mais preocupam **os brasileiros** atualmente.[448]

O discurso é feito em nome de todos os brasileiros. E as indicações são de uma coerência que atravessaria a década, redundando inclusive na eleição do projeto do PSDB. O lide do artigo sintetizava a expectativa: "*a economia nunca esteve tão mal, a elite raras vezes foi tão burra, mas a prosperidade pode voltar*",[449] de forma semelhante ao que foi manchete de capa: "*enquanto os alemães derrubam o Muro de Berlim, o Brasil continua paralisado diante do seu Muro de Burrice; o Brasil precisa educar-se, reformar o Estado e atrelar-se a uma utopia*".[450] A utopia passaria a ser formulada no conjunto de elaborações acerca da

---

447 A crise e a rota do crescimento. Carta ao Leitor. Veja. 1/8/1990, p. 29. Grifos meus.
448 Idem. Grifos meus.
449 Existe uma saída. José Serra. Especial. Veja. 1/8/1990, p. 58. Seu artigo se propunha a fazer "um inventário do atraso e dos equívocos nas idéias e comportamentos das personalidades tidas como as mais bem informadas e preparadas do país". P. 59.
450 Capa. Veja. 1/8/1990.

"globalização", ou seja, trazendo consigo tudo o que buscava mobilizar positivamente como sendo essa ideologia.

Mas a ação orgânica da revista tem uma outra peça chave. Uma reportagem de capa publicada na seção Economia & Negócios. A capa traz novamente um cartaz, sem imagens,[451] tendo como fundo o "preto no branco": "*DUELO. O GOVERNO AVISA: os empresários que querem capitalismo sem competição e lucros exagerados vão quebrar mesmo*" (fundo preto e letras brancas); "*OS EMPRESÁRIOS ATACAM: o governo perdeu o controle da inflação, os juros altos tumultuam a economia e a recessão vem aí*", (fundo branco com letras pretas. Na palavra duelo as duas cores são invertidas).[452]

A reportagem apresenta três posições distintas, que já estão indicadas na capa. Na primeira, os empresários "que querem capitalismo sem competição", e aqui a revista está do lado do governo; na segunda, os empresários que mostram a ineficácia do governo, e aqui a revista está do lado deles. A terceira posição é a disputa, em que a imprensa, e a própria *Veja* neste momento, aparece como mediadora. Mas *Veja* se distancia: "***O revide da elite**: os empresários contra-atacam num duelo retórico com o governo, cobram resultados do plano e fazem previsões amargas*". Portanto, nesta perspectiva, a revista não teria ela própria interesses empresariais, nem os empresários seriam também seus anunciantes, assim como não estaria defendendo interesses de classe. A "elite" que ela diz defender são os outros, "os empresários". Assim inicia:

> Nos primeiros seis meses de vida da reforma econômica do presidente (F. C.) de Mello, os empresários brasileiros foram econômicos nas críticas e muito gentis nos elogios, ainda que durante a campanha o presidente, de uma maneira genérica e pejorativa, os tivesse tratado como uma elite arcaica. Na semana passada, numa cerimômia pública realizada pelo jornal econômico *Gazeta Mercantil*, de São Paulo, um time de primeira divisão do empresariado bateu firme, pesado e abertamente no plano econômico, com uma determinação que não se via há tempos. Essas cerimônias organizadas pelo jornal paulistano são aguardadas pelos empresários de todo o país. (...) A da última quarta-feira teve um timbre agressivo, no tom e no conteúdo do que disseram os empresários. 'Onde está a inflação de um dígito? A máquina enxuta? O governo moderno?', quis saber o empresário paulista Ricardo Semler, no discurso que fez como líder empresarial do ano. (...) **O que ele**

---

451 Capa. Veja. 7/11/1990. Há apenas na tarjeta uma fotografia de uma mulher (que seria de fato travesti) com a legenda "rififi no Jumbo". A legenda traz uma ameaça obscura, seu sentido real só pode ser apreendido lendo a reportagem, que diz se referir a um incidente ocorrido em um vôo de um passageiro que ameaçou aos demais com gás paralisante. Vestida para matar. Veja. 7/11/1990, p. 48.
452 Ver anexo.

> **dizia é simples**: para a tempestade que semeou em março, o governo deveria ter colhido muito mais sucesso do que conseguiu.[453]

Neste embate, a posição de *Veja* é a de tornar mais conhecido o debate, intervir, pressionar e explicar. Oculta que também ela foi amena nas críticas ao plano do governo, dando-lhe apoio tácito para que levasse adiante suas medidas. Lembra a revista que o presidente tinha sido hostil contra os empresários,[454] buscando com isso aumentar a indisposição destes com o presidente. E nesse momento, dá voz aos empresários, e à indignação que também a revista compartilha, inclusive explicando e completando sua posição: o governo deveria avançar na "modernização". A *Gazeta Mercantil* aparece como o palco público do debate, indicando uma outra forma de organização em torno dos interesses empresariais sintetizados em um órgão de imprensa. Esses interesses ficam mais explícitos na seqüência, em que *Veja* se diz surpresa com o empresário que fugia ao "*seu figurino tradicional*", que "*costuma ser cauteloso em suas palavras e normalmente está disposto a estabelecer alianças com os que comandam a economia em Brasília*".[455] Portanto, *Veja* colocava a ameaça em potencial desses empresários ao governo, para neste momento, unir-se aos ideais do capitalismo contra "este governo":

> No conclave da *Gazeta Mercantil*, ouviram-se previsões das mais pretas e um tom claro de desafio. 'Eu trabalho há 41 anos na indústria e nunca vi um período de juros tão elevados, e mesmo assim a inflação está na casa dos 15%, o mesmo nível que levou à demissão o ex-ministro Francisco Dornelles', lembrou o empresário Antonio Ermínio de Moraes, o capitão da Votorantim. 'A menos que se mude o financiamento agrícola, poderemos ter no Brasil falta de alimentos', disse o empresário Olacyr de Moraes, o grande senhor feudal [sic] da soja brasileira. 'Há uma série de concordatas em curso e a situação é preocupante', notou Edson Vaz Musa, o presidente da Rhodia.[456]

Estas mesmas frases alarmistas são repetidas com as fotografias, provavelmente posadas para a revista, dos respectivos capitalistas. O tom "escuro" traz um "claro desafio", é esta a idéia chave. E para fechar o quadro, em uma fotografia maior aparece o Presidente da República: "*a sociedade e o governo não podem contemporizar com empresários que querem capitalismo sem risco e sem competição (...) Vão cair empresas que não atentarem para a*

---

453 O revide das elites. Veja. 7/11/1990, p. 82. Grifos meus.
454 Hostilidade que a revista compartilharia nas páginas seguintes ao explicar o que os empresários deveriam fazer para mudar. Ou seja, mantém a aliança de programa com o governo.
455 Idem.
456 Idem.

necessidade de reduzir seus custos e lucros".[457] No destaque não há o contexto em que Collor falara isto, mas é instigante que a revista tenha colocado esta fala, sem entrar nas questões apontadas pelos empresários, para ameaçar os próprios.[458] Com isso, o que de fato importaria seria o programa que estaria embutido na fala de Collor e de *Veja*. A questão que estava em jogo era a abertura indiscriminada às importações efetivadas pelo governo, "*com uma velocidade que pode atrapalhar até mesmo as empresas nacionais mais robustas*". E a revista contextualiza, dizendo que o modelo fechado criara um parque industrial vigoroso, mas ultrapassado:

> **O que se deseja no país não é isso**. **Todos querem** que o Brasil dê um adeus rápido a suas misérias e acabe com as iniqüidades como a que mantém 60 milhões de pessoas no limite da fome. Para isso, **ninguém discorda**, é preciso tornar sua máquina produtiva e comercial mais eficiente. Uma das maneiras de dar a virada é empurrar o país para as vizinhanças do Primeiro Mundo, através da derrubada das barreiras comerciais. **Espera-se que dê certo**. O que não adianta é os empresários não se mexerem e o governo espalhar pitos indiscriminadamente. 'Não é hora de pito. **É hora de um entendimento para resolver o que temos para resolver'**, diz o empresário paulista Emerson Kapaz.[459]

Está colocada a necessidade de "entendimento", por parte de líderes empresariais, E neste momento, claro também está o lado de *Veja*, dando voz àqueles que percebiam o que "todos queriam" para "o país". A síntese da situação está no amarramento:

> O modelo fechado, muito bom durante algum tempo, tornou-se de repente antiquado para um mundo que afiou sua indústria na briga comercial dentro de um mercado amplo, com fronteiras semi-abertas. É nesse mundo que o produto brasileiro tem dificuldades de concorrer. Pergunta-se, agora, se valerá a pena abrir de repente o mercado e expor a fragilidade acumulada ao tacape de grupos estrangeiros fortíssimos. O que **o Brasil pretende** com sua nova política industrial é comprar e vender em outros países para **dinamizar sua economia, melhorar a qualidade de sua mão-de-obra e gerar riqueza** capaz de atrair para uma vida decente as faixas marginalizadas da população. Como meta também está o fornecimento de mercadorias de mais qualidade e por preços menores à população. É esse o quadro dentro do qual se examinam, hoje, as perspectivas brasileiras para

---

457 Idem, p. 82 e 83.

458 A fala aparece no interior da reportagem, remetendo a uma reunião ministerial, ficando claro que a revista editou no destaque. A fala seria: "a minha preocupação é de que a inflação caia, que junto com ela vão cair algumas empresas que não revisaram seus custos e suas margens de lucro e não deram atenção à necessidade de se tornarem o mais rapidamente possível eficientes". Idem, p. 83.

459 Idem. Grifos meus. A revista não diz, mas Capaz era um dos líderes do PNBE – Pensamento Nacional das Bases Empresariais, que articulava e organizava a atuação empresarial, com relação às políticas econômicas, como uma das dissidências da FIESP. Ver: BIANCHI, Álvaro. Hegemonia em construção: a trajetória do PNBE. São Paulo, Xamã, 2001.

> os próximos anos. Conta-se, de um lado do teorema, com um governo inexperiente nessas questões, **mas dotado de uma linha de cuja essência ninguém discorda**. A **determinação do governo** em fazê-la funcionar é outra coisa a seu favor. Do lado oposto, encontra-se um **empresariado sem projeto a longo prazo**.[460]

Portanto, *Veja* está sintetizando, mostrando os lados das questões. O "mundo rico" estaria se colocando como uma possibilidade para "o Brasil". Embora os sujeitos sejam indefinidos, não deixa de arrematar seus discurso populista: seria bom para "a população", acenando inclusive com uma "vida mais decente". Se o governo não estava dando o rumo, de algo não se podia duvidar, a "essência de sua linha", que vinha sendo tantas vezes demonstrada pela revista, contrapondo agora que os próprios empresários não teriam um projeto próprio. E aponta uma saída que busca atender aos interesses do grande capital externo, alertando agora para os ajustes que o governo teria que fazer nesse sentido:

> A saída é aceitar a idéia da modernização com todos os sacrifícios e riscos que ela traz, mas fazer a viagem com cuidado. Os produtos brasileiros, numa boa medida, mostram-se incapazes de competir com os estrangeiros, porque são gravados por excesso de tributação. Custos financeiros estratosféricos e taxa de câmbio que o governo mantém baixa com receio de aumentar a inflação. Na guerra contra a ineficiência não se pode esquecer desses problemas, sob pena de semear o vento da reforma e colher a calmaria do fracasso.[461]

Portanto, caberia ao governo realizar mudanças que tornassem o mercado mais atrativo à "competição internacional". Quanto ao empresariado, a revista gastaria as suas sete páginas seguintes para explicar suas deficiências: "*Um soco na letargia: mal preparado, acomodado e sovina nos investimentos, o empresariado brasileiro terá de turbinar os motores para concorrer com os estrangeiros*".[462] As primeiras quatro páginas mostram os "problemas", como a existência de concorrência dos oligopólios, os encargos sociais, os custos de transporte. Diante disso, a conclusão:

> O problema de abrir a economia, neste momento, ao mercado externo sem que essa abertura seja feita com um enorme cuidado é quebrar de vez uma coisa que ainda tem remendo, se bem que difícil. Um estudo do Banco Mundial que analisou dezenove economias que passaram por um processo de abertura concluiu que a operação dá certo em determinadas condições. Duas delas são essenciais. A abertura deve ser **completa e rápida**. Isso, o governo Collor parece estar disposto a fazer. A outra condição é que o ambiente econômico do país que se abre ao

---

460 Idem. Grifos meus.
461 Idem.
462 Idem, p. 84.

> comércio internacional deve estar, pelo menos, numa situação de serenidade. E disso o Brasil está longe.[463]

Outro subtítulo da reportagem segue na mesma ordem de questões, apontando agora para as mudanças do gerenciamento empresarial para mudar a "*marcha emperrada: o Brasil parte para a competição do mercado mundial com uma máquina industrial ineficiente, com produtos caros e de pouca qualidade*".[464] Ao pé das duas páginas há um infográfico que aponta as mudanças que seriam necessárias. Há um desenho de um suposto empresário saltando obstáculos até chegar ao último, fazendo sinal de vitória. A tabela abaixo reproduz o texto.

TABELA 3: Indústria brasileira e gerenciamento

Uma indústria que precisa se mexer Para agüentar a competição internacional, os industriais brasileiros necessitam de treino pesado. Veja os principais obstáculos que eles terão de saltar					
INVESTIMENTOS	MÃO-DE-OBRA	DESPERDÍCIO	ESTOQUES	BUROCRACIA	GOVERNO
No Brasil, os investimentos em máquinas e equipamentos modernos são minúsculos. A maioria das fábricas de tecidos – um dos setores mais atrasados da economia -, por exemplo, trabalha com máquinas idênticas às que usava há trinta anos	A mão-de-obra brasileira não recebe treinamento adequado. Em geral, as pessoas começam a trabalhar sem ter noção dos serviços que irão executar. Por isso, o Brasil é o campeão dos defeitos. A cada milhão de peças fabricadas, 25.000 são defeituosas	O que se desperdiça na construção de seis edifícios de dez andares é suficiente para construir, no Brasil, outro prédio do mesmo tamanho. Os níveis de desperdício, no país, estão entre os mais altos de todo o mundo	No Brasil, as empresas se habituaram a trabalhar com estoque suficientes para mantê-las em funcionamento por até três meses. Isso é sinal de atraso. Nos países desenvolvidos, os estoques duram três ou quatro dias	Há chefes demais nas empresas brasileiras. Para uma ordem sair do presidente e chegar ao operário, ela passa por vários diretores, gerentes e encarregados. No Japão, entre o presidente e um operário há, em geral, mais dois níveis hierárquicos – e só	O governo brasileiro também atrapalha a produtividade. Interfere nos preços, restringia as importações, desajusta o câmbio, faz com que se gaste em burocracia. Países em que o governo interfere pouco possuem industrias mais competitivas

FONTE: *Veja*, 7/11/1990, Marcha emperrada, p. 88 e 89.

463 Idem, p. 87. Grifos meus.
464 Idem, p. 88.

Estava colocada a necessidade de novas formas de gerenciamento empresarial. E em torno disso a revista teria uma atuação permanente ao longo da década, sempre apoiando as medidas de abertura da economia, pressionando os empresários e naturalizando as mudanças necessárias, apontando novas formas de "comportamento" do capital e também do trabalho. A pressão se dá nos dois lados: o governo e os empresários. Há, na seqüência da reportagem, um "teste da competição", feito "*a pedido de VEJA, por técnicos em qualidade e produtividade da consultoria Coopers & Lybrand*", e na soma do resultado, "*se você fez 80 pontos ou menos, pode contratar um bom advogado, pois* ***sua empresa irá à falência*** *mais cedo ou mais tarde*".[465] Com tudo isto se enfatiza o duelo que estaria colocado entre governo e empresários, a revista - que aparece como neutra - está defendendo os interesses que estariam também nos planos do governo, ou seja, o capital externo. Por isso aponta para as medidas dadas como urgentes ao empresariado brasileiro para se "modernizarem", pois, por essa justificação, apenas os melhores sobreviveriam.

Diretamente ligado a isto, mostra como algo "inexorável" a abertura de mercado, criticando duramente os empresários que "*durante anos queixaram-se da interferência do Estado na economia*",[466] e que, agora que o governo a abandonava, estavam descontentes. Agora ela chamava de hipócritas aqueles que estariam "*atacando todo o projeto de renovação econômica*", e que não conseguiram perceber que "*é preciso trabalhar* ***sem o amparo do Estado*** *e as multas da roleta financeira. O livre mercado implica competição, risco, busca permanente da excelência e racionalização da produção. Tanto quanto no passado, essas verdades continuam a ter validade*".[467] Nesse momento *Veja* está agindo no sentido explicativo, educativo, com relação aos empresários que não se apercebiam da máxima da "competição", que previa a livre entrada de produtos estrangeiros no país. Diante dessas

---

465 Idem, p. 90. Grifos meus. Nesta mesma edição há uma publicidade de página dupla do grupo Brasilinvest, e do Banco Transcontinental: "NÓS INVESTIMOS NO BRASIL. O Brasilinvest traz as melhores oportunidades no mundo para o país, intermediando e orientando fusões, implantando novas tecnologias, ajudando a promover a modernização do Brasil, contando com sócios em treze países. É o caso Bom Bril e Cica. Com o apoio do Brasilinvest, o Grupo Ferruzzi confirma sua confiança no país, ampliando a sua presença através da associação das duas empresas. O Brasilinvest também participa ativamente do programa de privatizações, incentivando o uso [de] recursos obtidos pela conversão da dívida externa brasileira. O Brasilinvest atua em diversos setores da economia: agroindústria, telecomunicações, banco e imobiliário. É um grupo de empresas com um patrimônio líquido superior a 100 milhões de dólares". Publicidade veiculada em Veja, 7/11/1990, p. 78 – 79.
466 Hipocrisia e juros nas alturas. Carta ao Leitor. Veja. 7/11/1990, p. 29.
467 Idem. Grifos meus.

posições, o próprio governo balançava de acordo com a correlação de forças. E coube a *Veja* então lembrar-lhes seus compromissos, sendo extremamente crítica: "*está ficando cada vez mais difícil decifrar os desígnios do governo (...) Ele assumiu com um programa de abertura da economia brasileira, de privatização e de diminuição da presença do Estado na vida produtiva*".[468] Portanto,

> Ao Estado, nos planos do governo, caberia cuidar dos serviços essenciais para a população e de algumas obras de infra-estrutura. Desde a posse, o governo deu passos no sentido de concretizar esse programa. Mas foram passos tímidos e, o que é pior, trôpegos e ziguezagueantes.[469]

A polêmica se deu em torno das dúbias posições do governo com relação a fixar ou não preços para os carros Lada, importados. Da mesma forma, comenta um questionário enviado pelo governo às empresas sobre seus números e funcionamento, o que é visto pela revista como um "*afã de imiscuir-se, bisbilhotar e controlar a atividade privada*". Ao que conclui: "*a arquibancada está pasma*".[470] Na seqüência poderemos observar que mesmo nos embates políticos que acabariam levando ao impeachment de Collor, esta posição foi mantida e a revista buscou sempre desviar o problema político para o rumo econômico. Mas, antes, cabe ressaltar a questão da privatização, elemento do programa que causaria maior controvérsia e resistência. Ou seja, o apoio ao governo somente se dava na medida em que este se comportava de acordo com o projeto em comum.

3.3.2. Os embates pelas privatizações

Veja desenvolveu uma verdadeira campanha para demonstrar como o Estado brasileiro "estava falido", a exemplo do que fizera antes das eleições. Ela estabelecia os problemas, e definia que a única solução seria a privatização. O alvo dessa vez era o programa pró-álcool, dizendo que

> A origem do problema **é simples**. O governo, com suas **conhecidas deficiências**, cuida da importação, da prospecção e do refino do petróleo, edita regras para os plantadores de cana-de-açúcar, mete-se na distribuição de ambas as coisas, impõe

---

468 O governo quer ser goleiro e gandula. Carta ao Leitor. Veja. 2/1/1991, p. 17.
469 Idem.
470 O atraso protegido numa redoma. Carta ao Leitor. Veja. 19/6/1991. p. 19. De forma semelhante fora tratada a questão da reserva de mercado no campo da informática, vista como uma medida "esquerdista tortuosa". Uma ilusão que acabou em filas. Carta ao Leitor. Veja. 14/2/1990, p. 23.

> os preços que acha adequados, resolve se os carros beberão com mais prazer um litro de gasolina pura ou se o álcool será mais indicado. Quando toda a fabulosa montagem vem abaixo, não aparece ninguém para consolar os que foram lubridiados.[471]

A conclusão é óbvia, do ponto de vista da revista:

> Toda vez que o Estado tenta deixar suas atividades próprias para exercer funções estranhas a **sua natureza** o resultado é sempre o mesmo. Durante sete décadas, tentou-se a experiência de substituir as oscilações e os riscos do mercado pelo planejamento centralizado da economia na União Soviética, onde a idéia foi perseguida por mais tempo, e o resultado da experiência é conhecido. No Brasil, **país curioso** que ainda não atingiu o estágio de plena economia capitalista, um sistema Proalcool parece ter sido gerado dentro de um daqueles planos qüinqüenais soviéticos.[472]

Aqui há um novo parâmetro: a fase do capitalismo passa a substitui o próprio, como se toda a história brasileira não estivesse também sob o sistema do capital. Ao mesmo tempo, continuaram os embates pelas reformas do Estado, inclusive promovendo novas "reportagens investigativas" com o fim de mostrar problemas de estatais. Essas reportagens têm um fim claro, a defesa dos processos de privatização:

> Nas estatais, há produtividade baixa, incompetência e um ideário corporativista que propicia privilégios de todo o tipo. Não é necessário, em absoluto, que o Estado esteja à frente de atividades que, entregues à iniciativa privada, poderiam trabalhar e render resultados muito melhores. A saída óbvia para a ineficiência das estatais inúteis é privatizá-las, e é essa a postura defendida pelo governo do presidente Fernando Collor.[473]

Para isso, seriam necessárias medidas no campo político, como a reforma da Constituição: "*não há no Brasil de hoje idéia mais surrada de que é preciso mudar vários artigos da Constituição. Igualmente não há idéia mais correta*", pois "*só diminuindo o Estado, tornando-o mais eficaz, e acabando com os privilégios corporativos o país poderá*

---

471 Idem. Grifos meus.

472 Idem. Grifos meus. Demarca-se o distanciamento entre quem fala e "esse país", curioso, portanto, que lhe é estranho.

473 A privatização sem recursos públicos. Carta ao Leitor. Veja. 31/10/1990, p. 27. Com o intuito de aprofundar essas questões, em novembro de 1990 realizou-se o III Fórum Nacional, que "ensejou, por um lado, uma conclusão relevante, a de que é possível, pela troca de idéias e pela negociação, chegar a consenso, em nível de estratégias, em favor do crescimento sustentado. Por outro lado, contudo, ficou claro que o Brasil ainda não demonstrara ser capaz de negociar uma política de estabilização, nem um programa de reformas sociais, tornando-se, assim, difícil obter a desejada conciliação do crescimento sustentado com a democracia de massas". Os temas versaram entre "modernização do estado" e privatização. www.inae.org.br

deslanchar no rumo do progresso".[474] Ou seja, *Veja* "lembra" ao presidente o que ele mesmo defende, ou deveria defender. A discussão não poderia ser "ideológica", mas "técnica", "objetiva", colocando "*os números sobre a mesa. Que fizessem as contas dos custos e dos benefícios que cada uma das emendas reformadas traria para o país*".[475]

Quando se tratou da privatização da Usiminas, o editorial foi muito elucidativo. Antes de tudo, a cobrança: "*para um governo que nos seus discursos triunfalistas prometeu privatizar uma estatal por mês, os dezoito meses transcorridos entre a posse e o leilão certamente não são motivo de nenhum orgulho*".[476] Mas, *Veja* tira algumas lições desse caso: a primeira delas, de que "*a realidade é bem mais espinhosa do que as intenções programáticas*",[477] referindo-se a indefinições de preços e formas de leilão, e não às mobilizações populares contrárias à privatização. Disso tira uma "segunda lição": "*apesar de a privatização ser o instrumento usado em todo o mundo para reduzir o tamanho do Estado, torná-lo mais ágil e melhorar o desempenho das ex-estatais, no Brasil ainda há uma resistência enorme a ela*".[478] A revista chega a afirmar que "*em teoria,* ***todos*** *são a favor da privatização*".[479] Justamente por não ser assim que ela disputa essa idéia, e para isso a coloca como inexorável. Mas, segundo a revista, o problema seria apenas que alguns desejavam manter o status quo pois "*estavam acostumados a viver à sombra do estatismo*", e esses inclusive "*têm o direito a se mobilizar pra que nada mude*". Portanto, *Veja* seria a verdadeira defensora dos "interesses nacionais", pois aqueles que se mobilizaram e manifestaram contra a privatização são definidos por ela como defensores de interesses corporativos. Por isso ela se sente à vontade para concluir:

> O que **não se pode admitir** é que os interesses localizados comprometam uma iniciativa que, potencialmente, trará benefícios para o país como um todo. A privatização não é a solução para os males da economia brasileira nem trará o condão de melhorar a vida da população de uma hora para outra. Mas a experiência internacional ensina que a estatização desenfreada **emperra o progresso**.[480]

---

474 Informações para mudar a Constituição. Carta ao Leitor. Veja. 4/9/1991, p. 27.
475 Idem. A questão da reforma da Previdência já havia sido tratada anteriormente. O assalto ao Estado enorme e frágil. Carta ao Leitor. Veja. 3/4/1991, p. 15.
476 Os interesses em jogo na privatização. Carta ao Leitor. Veja. 25/9/1991, p. 29.
477 Idem.
478 Idem.
479 Idem. Grifos meus.
480 Idem. Grifos meus.

Na edição seguinte, comentando as manifestações que buscavam impedir a realização do leilão, o editorial, que reforça a capa, foi rico em adjetivos: "***arruaça ameaçadora*** *que pretendeu evitar a privatização através da força bruta*"; "*com* ***pontapés e cusparadas****, mastros de bandeira improvisados e ovos, a* ***turba*** *que se postou na entrada da bolsa carioca atacou indiscriminadamente os homens que estavam de terno e gravata*"; "*até quem não ia ao leilão foi agredido pelos* ***boçais***"; "*em vez de garantir os direitos democráticos de reunião e de ir e vir, com a sua ausência o governo fluminense cerrou fileiras com os* ***baderneiros***".[481] As expressões grifadas mostram a intenção de descaracterizar as posições em contrário. A partir disso, a ameaça repressiva do Estado é legitimada:

> Socialmente, o Brasil passa por uma quadra difícil. Há miséria, inflação, salários baixos e uma sensação de desesperança que se espalha cada vez mais. Vive-se uma situação que, principalmente nas grandes cidades, é potencialmente explosiva. Não ajuda nem um pouco para solucionar as dificuldades que lideranças políticas e sindicais ajam irresponsavelmente, como fizeram na terça-feira passada. As agressões e a intimidação física são o caminho mais seguro para que a força se imponha e **a democracia seja ameaçada**.[482]

O Leilão da Usiminas foi uma das formas de privatização do público ocorrida no governo Collor, permitindo ao setor privado assumir a frente no processo de acumulação. A partir da expedição de moedas podres por parte do Estado, usadas para o pagamento, repassou-se uma "*empresa financeiramente saudável, produtivamente viável, colocada estrategicamente na cadeia de relações interindustriais da economia brasileira, sendo uma das três principais – e a melhor delas – siderúrgica de alto forno*".[483] Justamente por saber que não era consensual essa atitude, embora afirmasse sê-la, desqualificando os opositores da privatização, *Veja* publicou o que chamou de "*debate ideológico: derrubado o Muro de Berlim, o que restou, com última fronteira do confronto das ideologias, foi a questão da privatização*".[484] Mais uma vez ela afirma estar debatendo, quando está apresentando apenas a sua posição. A argumentação diz que "*a grande fronteira entre capitalismo e comunismo,*

---

481 Agressões contra a democracia. Carta ao Leitor. Veja. 2/10/1991, p. 17. Grifos meus.
482 Idem. Grifos meus. Mais uma vez está colocada a ameaça de retomada do regime que "foi para casa". Ou seja, defende que se a sociedade não "se comportar" deve perder o "direito à democracia".
483 OLIVEIRA, op. cit., p. 74.
484 Debate ideológico. Veja. 2/10/1991. Na capa da revista há uma fotografia de um manifestante dando um pontapé em um "investidor" que supostamente se dirigia ao leilão.

desde 1989, não existe mais, por desistência de um dos contentores".[485] Assim, não haveria alternativas, coloca-se a suposta inexorabilidade da questão. Dentre as poucas pessoas citadas no debate está o então deputado do Rio de Janeiro, César Maia, que diz que "*os dinossauros estão de volta*", "*referindo-se aos que são contra a privatização*". Ou seja, mesmo a revista intitulando a matéria de "debate", o argumento é que "*na maior parte do mundo, na verdade, este é um debate que já foi*". Ou ainda, para que fique mais claro, a privatização "*virou febre*: *na maior parte dos* ***países que contam***, *a privatização, como o conservacionismo ecológico, virou uma evidência em si, como se derivasse da natureza das coisas*".[486] Implícita está a competição entre os países, para definir os "países que contam"... Por outro lado, ao supostamente apresentar um argumento contrário, ela cita um dirigente da Convergência Socialista, Ciro Garcia: "*eu sou contra privatizar porque sou contra a propriedade privada*",[487] o que a permite dizer que "*é difícil angariar argumentos*", e que essa fala ocorre porque ele "*é um dos poucos que ainda conservam a fé original esquerdista*". Somente no âmbito da crença e da irracionalidade se poderia "ser contra". No entanto, embora *Veja* diga que essa seria a única alternativa, ela sabe que de fato isso não está dado, e chega finalmente ao seu objetivo, que é alertar que "*a privatização como qualquer manobra política de algum porte, precisa de consenso.* ***Precisa de uma opinião pública que a ampare e impulsione***".[488] Por isso a revista assume a função de "criar essa opinião": "*o importante é* ***construir uma onda de opinião pública*** *que crie a atmosfera propícia ao processo, e condição fundamental para isso é mantê-lo à distância do clima de favorecimento e corrupção que hoje envolve a vida brasileira*".[489] Nada mais propício à sua prática de que buscar justificação na "opinião pública", que serve para justificar tudo aquilo que quer. E é a isso que está chamando todos os interessados e beneficiados, alertando-os da necessidade de criarem a opinião pública favorável, e nisso a revista está investindo. Esse é um programa que estaria acima das ligações de *Veja* com o governo em curso, sua posição se manteria firme apontando este caminho.

---

485 Idem, p. 24.
486 Idem, p. 25. Grifos meus.
487 Idem, p. 26.
488 Idem, p. 27. Grifos meus.
489 Idem. Grifos meus.

3.3.3 Governo e crise na implantação do projeto

A posição com relação ao governo continuou sendo demarcada pelo apoio ao projeto, em alguns momentos, "alertando ao presidente" sobre as reformas, apoiando a substituição de ministério, indicando caminhos. Mas chegamos a uma questão central do ponto de vista da própria história da revista: seu papel no caso do impeachment de Collor. É correto dizer que a revista acabou investindo em reportagens, que acabaram contribuindo para o debate político e para os apoios necessários à derrubada do presidente. Mas o mais correto é separarmos a relação da revista com o governo em três momentos: a criação do mito de Collor que, como vimos, não foi uma opção simples, somente se deu depois de ter havido a definição por parte de grupos políticos que acabaram se convencendo que Collor seria a única candidatura capaz de vencer Lula. A partir daí *Veja* agiu no sentido de construir a imagem do presidente.[490] Ele próprio se revelaria um presidente "midiático", criando inúmeras situações que permitiam essa visão. A imprensa, de um modo geral, deu cobertura às peripécias do presidente: andando de jet-ski, fazendo exercícios físicos, lutas marciais, usando "camisetas-mensagem", pilotando caças e Ferraris, entre outras.

Quando o caso Collor, que redundaria no impeachment, estourou, a questão da corrupção do governo já era amplamente discutida na imprensa, inclusive na própria revista. Mas a posição editorial de *Veja* resistiu a ela, inclusive criticando a "*abundância*" de denúncias, que "*vem gerando a banalização*: *contra a insensibilidade em relação à corrupção,* ***a imprensa pouco pode fazer****. Quanto mais ela grita que há gente roubando, menos impressão causa*".[491] Caberia apenas à Justiça a ação nesse sentido: "***quando um corrupto for para a cadeia, a onda de denúncias refluirá****.* ***O país estará melhor****,* ***até porque diminuirão as reportagens sobre corrupção***".[492] Ou seja, efetivamente a imprensa deveria se ocupar de outros problemas, deixar isso de lado. Seria bom prender alguém, o exemplo estaria dado e as coisas seguiriam sua "ordem natural".

---

490 André Carvalho mostrou que após muitas capas "construindo o mito", a capa da edição de 25/4/1990 teve o sentido de "congelar" a imagem do presidente "quase estadista". A capa traz uma gravura retratando Collor, com a manchete: COMO COLLOR DECIDE: a influência do temperamento do presidente no cotidiano do país. Com esta capa "legitimava o mito Collor nas características inerentes de valorização da imagem, reservada aos quadros desenhados a mão. Isso é comprovado pelo fato de a revista ter demorado quase sete meses para trazer Collor de volta à sua capa. (...) Preferiu manter a imagem do presidente mitificada". CARVALHO, op. cit., p. 193.
491 A imprensa e a maré da corrupção. Carta ao Leitor. Veja. 24/7/1991, p. 15. Grifos meus.
492 Idem. Grifos meus.

A leitura dos editorais nos mostra também que *Veja* resistiu enquanto pôde em dar encaminhamento prático às investigações, tendo ela enfatizando sempre a necessidade de manter a governabilidade. Mesmo depois de já estar envolvida no caso, participando das investigações e sendo levada às provas,[493] ela publicou editoriais de apoio ao governo e mesmo ao Congresso, incitando uma solução amigável. Essa fase conciliatória é caracterizada pela busca do entendimento, apoio inclusive ao PFL, e a qualquer medida que pudesse resolver de forma não traumática mantendo o rumo econômico, embora se referisse aos "outros" como a "turma do abafo". A revista chegou a entrevistar o presidente, dizendo que "esse governo é bom", mostrando-o de forma positiva, para que a crise fosse superada de "forma segura", isto é, mantendo-se os pontos fundamentais de seu programa político-econômico.

Se compararmos essa posição com as elaborações posteriores da revista, sobre o seu papel de denúncia à corrupção e ao governo, perceberemos uma grande mudança. *Veja* se auto-glorifica por ter contribuído com o impeachment do presidente, o que não deixa de ser verdade, mas apenas na terceira fase desse processo. Como conseqüência disso, a bibliografia disponível sobre o tema dá conta apenas de dois momentos: a construção do mito de Collor e depois a sua destruição, tidos como fatos jornalísticos de maior relevância, nos quais a imprensa usou todo seu poder de competição, investigação e avanço técnico. A atuação da revista é chamada de "collorgate", em alusão ao Wattergate,[494] fato marcante da consolidação do papel liberal da imprensa enquanto "quarto poder" (sempre com isso ocultando seus interesses concretos em investigar ou não os fatos, e neste caso, de até onde é possível resistir aos fatos). O que chamamos atenção é que existiu uma dessintonia entre o trabalho de investigação jornalística da revista, que foi em grande parte levada a isso pelo trabalho da revista Istoé, como apontam os estudos citados, e sua linha editorial, que muito resistiu a enfatizar a crise política. Se ela vigiou o poder foi para manter nele o andamento de seu próprio projeto.

---

493 No sentido de que as provas vinham mesmo até a revista. Por exemplo, Pedro Collor, ao dar o depoimento que seria relevante nos rumos da CPI, o fez para a revista, a partir da credibilidade pública que esta teria. O contexto não permitiu à revista ficar alheia a isso, mesmo porque sua principal concorrente à época, a revista Istoé, estava investindo bastante no caso. Embora tenha que ser lido sempre de forma crítica, um bom relato dos embates e dificuldades investigativas encontradas pelos jornalistas nesse processo está em: CONTI, op. cit.

494 Posição difundida, por exemplo, por Bernardo Kucinski. A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo, Perseu Abramo, 1998, p. 170.

O que os editoriais, em conjunto com as reportagens, nos permitem perceber que entre um momento e outro houve essa posição fundamental que foi, em nome da manutenção do programa político e econômico em curso, a tentativa de manter a governabilidade e o rumo que vinha sendo dado a qualquer custo. Lembre-se que a revista vinha sendo sistemática na sua campanha de ataque às estatais, e ao funcionalismo; favorável à abertura do capital externo; apontando rumos aos empresários "nacionais", e isso se mantém, na medida do possível, em meio aos próprios embates políticos. A tabela abaixo destaca algumas das capas de 1991 e 1992 e ajuda a perceber melhor a atuação da revista:

TABELA 4: Principais assuntos de Veja no contexto de crise do governo Collor

Data	Manchete de CAPA	Imagem de CAPA	Tarjeta de Capa	Reportagem (destaque meu)
2/1/1991	FLÓRIDA. A febre dos negócios no paraíso do lazer	Fotografia de uma praia e prédios na Flórida		**O bode jurídico**. A inflação beira os 20% e o governo vê na Constituição o novo bode expiatório por não ter matado o tigre da inflação
6/2/1991	Plano Collor II. Deu errado. Começa outra vez. Congelamento de preços e salários, tarifaço, fim da indexação, mudanças nos aluguéis, nas mensalidades escolares, tablita etc. etc. etc.	Fotografia de Zélia Cardoso, apreensiva	A dura guerra no deserto	**Collor dispara um segundo tiro no tigre**. A primeira bala deixou o bicho solto e acabou acertando o pé de um governo que, dez meses depois, começa tudo de novo
10/4/1991	O ASSALTO À PREVIDÊNCIA. O sistema previdenciário tornou-se um paraíso para os ladrões – e só uma reforma radical poderá salvá-lo	Figura de suposta espiã com notas de dinheiro ao fundo	Espiritismo. A classe média entra em transe	**Banquete com o dinheiro dos pobres**. O governo fracassa na caça aos marajás e traz à tona a tragédia da Previdência, um ninho de ladrões que paga pensões miseráveis
8/5/1991	O SUICÍDIO DAS ELITES. Como o Brasil queima seu futuro em universidades perdulárias e ruins	Desenho de um diploma que é uma bomba dinamite	ERIS. A ameaça de prisão	**Zélia contra a parede**. A ministra da Economia enfrenta uma parada dura contra Egberto Baptista, que ressuscita o espectro de Cabral
15/5/1991	A TRAMA QUE DERRUBOU ZÉLIA	Fotografia de Zélia sendo abraçada por Collor. Ao fundo, Marcilio M Moreira	Amador Aguiar. A briga pela herança	**Com a fala mansa**. Tímido por temperamento e pacato por profissão, Marcílio recebe a missão de acender uma economia apagada há dez anos
19/6/1991	O LIXO DA RESERVA DE MERCADO. Porque os computadores brasileiros são tão ruins	Desenho de um lixo com computadores dentro	Exclusivo. Bush fala a VEJA	**Nocaute tecnológico**. Durante dezesseis anos a reserva de mercado produziu computadores ultrapassados, mas agora o Congresso pode acabar com essa deformação
3/7/1991	A REPÚBLICA DE ALAGOAS. Como a turma de Collor está fazendo e acontecendo	Gravura sobre quadro Deodoro entrega à nação a bandeira da República, onde os personagens são substituídos por Collor e alguns de seus assessores		**A República que invadiu o Brasil**. Não há recessão que impeça o progresso e os bons negócios na terra de Fernando Collor
10/7/1991	TROVOADA NO PLANALTO. Collor se apóia nos militares para pressionar o Congresso.	Foto de Collor entre militares	Ecologia. Qual o verdadeiro problema brasileiro	**Baionetas no ar**. Com deputados e soldados indóceis, Collor e os ministros militares consumam um casamento de conveniências contra o Congresso
17/7/1991	Especial. A SEGUNDA REVOLUÇÃO RUSSA	Ocarinas com dirigentes russos	Collor. Nervos a flor da pele	**Nervos à flor da pele**. Collor dá sinais de que anda irritado e cansado, e, provocado por manifestantes na descida da rampa, reage com um gesto obsceno

21/8/1991	O CASAMENTO EM CRISE	Montagem sobre a tela O Grito, em que Collor e Rosane Collor aparecem separados	Jogo do bicho. Drogas e assassinatos	**Turbulência no casal presidencial**. Collor tira a aliança, faz uma descortesia com Rosane e exibe dificuldades domésticas
4/9/1991	ESCÂNDALO NA LBA	Foto de Rosane chorando	A explosão dos juros	**Um desempenho alarmante**. O balanço de Melhores e Maiores [de Exame] mostra que a recessão foi feia, mas quem investiu certo cresceu em 1990
11/9/1991	COLLOR ESGOTADO. Isolado e sem credibilidade, o presidente sai em busca de apoio	Foto de Collor suando		**Todo mundo entendeu**. Os políticos e o próprio Collor já entendem que se tudo continuar do jeito que está o governo vai parar no fundo do poço
18/9/1991	CORRUPÇÃO. A roubalheira atrapalha o entendimento	Fofo de duas mãos se cumprimentando sob uma maleta cheia de dólares	PC Farias fala a Veja: "querem me pegar para Cristo"	**Diálogo de surdos**. Os políticos não se entendem, mas o resultado de tanta conversa pode ser um novo começo para o governo Collor
2/10/1991	Privatização. ESTRÉIA COM CUSPIDAS E PONTAPÉS	Foto de um manifestante chutando o traseiro de um "investidor"	O desabafo de Rosane: "o amor não acabou"	**A praça da bagunça**. O leilão da Usiminas é derrubado em meio a um festival de selvageria
23/10/1991	O LIVRO ESCANDALOSO DE ZÉLIA. Em suas memórias picantes, a ex-ministra dá detalhes íntimos de sua aventura com Bernardo Cabral	Desenho com diálogo do livro		**A máfia dos anões**. Os sete parlamentares que mandam no orçamento fecham um acordo com o governo e fazem a sua festa com o Erário
30/10/1991	FARDAS MILIONÁRIAS. O caso da concorrência fraudada com os uniformes do Exército	Foto de Gal Tinoco sob anúncio de classificados		**As fardas milionárias de Tinoco**. Numa licitação com vencedores já conhecidos, a cúpula do Exército compra uniforme superfaturado
6/11/1991	SIM, O BRASIL TEM JEITO	Fotos de várias pessoas com frases que confirmam a manchete		**A terça-feira negra**. Numa semana nervosa, o país temeu uma hiper, falou num novo pacotaço e até escalou substitutos para o ministro Marcilio
20/11/1991	ENSINO BÁSICO. As opções para resolver o problema que está na raiz do atraso brasileiro	Foto de carteiras de uma escolha bem velhas	A conexão brasileira no escândalo do BCCI	**Conexão brasileira**. O embaixador Sérgio Correia da Costa aparece como testa-de-ferro do BCCI no Brasil, o banco envolvido com tráfico de drogas e armas
4/12/1991	MIAMI S/A. o Eldorado dos investimentos da classe média brasileira	Foto de uma mala com desenho que alude a Miami	Bernardo Cabral: "sou um romântico"	**Túnel interminável**. Collor diz que o país continuará na pior até o próximo ano, enquanto uma pesquisa mostra que Congresso não acredita no presidente
11/12/1991	O ESTILO MARCÍLIO E SEUS EFEITOS. Arrocho, desemprego, afagos do FMI e a	Foto de Marcílio	Alceni. Pedalando na lama	**As marcas do estilo Marcílio**. Alguns êxitos iniciais começam a trazer mais confiança no ministro da

	promessa de fim do sufoco			Economia
15/1/1992	TRAPALHADA NO CONGRESSO. O caso do plágio nos artigos de Collor	Foto de Collor "plagiada" por jornal	Novos ricos. A cultura do exibicionismo	**Riqueza deslumbrada**. O Brasil da crise produz uma safra de novos milionários que faz do exibicionismo compulsivo seu passatempo favorito
22/1/1992	JÁ VAI TARDE. Enfim, o governo s livra do ministro que piorou a Previdência	Foto de Magri	Itália. A alegre gastança	**O pelego sai do paraíso**. Emparedado pelos aposentados e pelo Congresso, Collor abre o debate sobre a Previdência e afasta Magri das honras e delícias do ministério
29/1/1992	A VITÓRIA DOS PROFISSIONAIS. Collor detona seus ministros-podres e se recompõe com os políticos da velha guarda	Foto de A C Magalhães	AIDS. A vida com o vírus enquanto a doença não vem	**Faxina em casa**. Collor demite Alceni e Chiarelli, cria um ministério para Bornhausen e convoca o PFL para dar um novo desenho político ao governo
19/2/1992	BOATO. O vírus da fofoca e da maldade contamina o país	Desenho de pessoas falando		**Um novo gerente**. Santana resistiu, mas Marcílio assumiu o controle dos reajustes das tarifas estatais depois do susto com os preços de janeiro
11/3/1992	ESCLUSIVO. A fita em que Magri admite ter recebido 30.000 dólares de propina e tenta corromper um subordinado	Foto de Magri	Porque Cláudio Humberto deixa o Planalto	**A cena do crime**. Na fita gravada, Magri admite que recebeu uma propina de 30.000 dólares e tenta montar um esquema para roubar a Previdência
18/3/1992	RECESSÃO. O que acontece com o seu emprego. Com o pior desempenho dos últimos vinte anos, as empresas encolhem, fecham departamentos e decidem quais funções irão sobreviver	Desenho de indicadores econômicos e pessoas caindo como chuva	Magri. Quem deu os 30.000 dólares	**O dinheiro do esgoto**. A verba, a obra e a lógica apontam para a empreiteira Odebrecht como principal suspeita de ter dado 30.000 dólares ao ex-ministro Magri
25/3/1992	Exclusivo: Collor fala sobre saúde, PC Farias, futuro	Foto de Collor falando	Magri: a loira de Genebra	(da capa) Sobre sua saúde: "estou com 75 quilos, meu peso ideal. É o peso de quando eu tinha 20 anos". Paulo César Farias: "os meus inimigos eu conheço e deles me protejo; dos meus amigos, só Deus me ajudando". Seu futuro: "cumprir meu mandato até o fim. Não serei candidato a presidente, nem a deputado, nem a senador".
1/4/1992	O MELHOR SUSTO DO ANO. Carros mais baratos	Foto de carros	Lobistas. Como eles influenciam os poderosos	**À sombra dos amigos**. No mundo do lobby em Brasília criou-se a treva entre a pressão legítima e a corrupção pura, onde proliferam os lobisomens da mala preta
8/4/1992	ELES NÃO USAM JET-SKI. O governo muda de cara	Fotografia de Jorge Bornhausem	Engesa: a estatização do prejuízo	**Em choro nem vela**. Com a maior vassourada ministerial do século, Collor derruba um governo moído pela corrupção e chama uma turma que não usa jet-ski

15/4/1992	O QUE MUDA COM ESTA TURMA	Desenho de Collor e ministros como escoteiros, com tucanos voando	Peru. Liberalismo na marra	**De volta para o futuro**. Com idas e vindas, Collor monta o ministério de seu segundo governo [sic] com uma equipe de políticos veteranos
29/4/1992	BANG! A ciência desvenda o mistério da explosão que criou o universo	Desenho de uma explosão	Especial. Vícios e virtudes do Congresso	**O poder do Congresso**. Que casa é essa, que mistura a virtude de será sede da democracia com os variados vícios da prática política?
6/5/1992	RUIM COM ELE, PIOR SEM ELE. Os impasses da política econômica	Foto de Marcílio	EUA. A revolta negra	**À procura de mágica**. Os políticos buscam de novo alguém que resolva a inflação aumentando os gastos públicos para promover o crescimento
13/5/1992	A MÁFIA DOS PORTOS. "Vai correr sangue". A resposta dos estivadores à modernização das docas	Foto de estivadores conversando	Exclusivo. Os tentáculos de PC Farias no exterior. O dossiê de Pedro Collor	**Água fria no nervo do mercado**. Depois de alguma turbulência, o mercado se acalma, mas a situação ainda é difícil
20/5/1992	EXCLUSIVO. O imposto de Renda de PC Farias de 1987 a 1991. o choque entre a riqueza aparente e os ganhos declarados	Foto de PC Farias	As novas denúncias de Pedro Collor	**Frenesi liberalista**. O liberalismo está na moda no Brasil, mas poucos sabem o que a doutrina significa, e alguns acham que ela prega o enfraquecimento do Estado
27/5/1992	PEDRO COLLOR CONTA TUDO. O vídeo e a entrevista com os ataques do irmão do presidente	Foto de Pedro Collor		**Uma limpeza geral**. Numa fita de vídeo, Pedro Collor fala sobre os negócios de PC, o pedido de empréstimo à Vasp e de cocaína
3/6/1992	O MUNDO SE ENCONTRA NO RIO. Estrelas, temas e brigas da maior conferência ecológica da História	foto do Corcovado iluminado com um mapa heliográfico		**O acordão nacional**. o Planalto, os governadores, Pedro Collor e até PC Farias se unem para proteger o presidente e crucificar o seu tesoureiro de campanha
17/6/1992	MOTTA VIEGA – Exclusivo. "O governo não terminará limpo". O ex-presidente da Petrobras devassa o esquema paralelo de PC no Planalto	Foto de Veiga e PC	A maracutaia da venda da Manchete	**A máfia vai à greve**. Os sindicatos param os portos de todo o país para forçar o Congresso a meter privilégios garantidos por uma lei quase sexagenária
24/6/1992	Renan Calheiros – Exclusivo. "Collor sabia". O ex-líder do governo diz que denunciou várias vezes ao presidente as delinqüências de PC	Foto de Collor com um alvo na cabeça em que aparece Calheiros		**O índice político**. O mercado financeiro reflete a crise política numa semana nervosa, enquanto Marcílio tenta separar PC Farias da inflação
1/7/1992	NO QUE VAI DAR A CRISE. ( ) Impeachment, ( ) renúncia, ( ) parlamentarismo já, ( ) Collor continua, forte, (x) Collor continua, fraco	Foto de Itamar "empurrando" Collor	Corrupção. Funcionário de Fleury tenta subornar jornalistas	**Quem está vencendo**. A CPI se emabaralha em meio as denúncias, a Receita não encerra a auditoria nas contas de PC Farias e a turma do abafa ganha terreno na crise

8/7/1992	AS PROVAS. O carro usado pelos filhos do presidente Fernando Collor pertence a PC Farias. Um funcionário de PC depositou Cr$18.968.000,00 na conta da secretária que pagava as despesas do presidente	Cópias de documentos	Deputado José Serra "a renúncia é a saída"	**O sindicato do poder**. As denúncias contra PC Farias encostam em Collor, e o Planalto manobra para garantir sua própria sobrevivência – custe o que custar
15/7/1992	O PISTOLEIRO DO PLANALTO. O presidente do Banco do Brasil ameaça empresários e políticos	Fotomontagem de Coutinho com chapéu de cangaceiro	Dívida externa. Um bom acordo	**Até que enfim**. O Brasil fecha acordo com os bancos privados, reduz sua dívida externa e volta a fazer parte do circuito financeiro internacional
29/7/1992	O CÍRCULO SE FECHA: os cheques do esquema PC	Foto de Collor e PC (cada metade é um pedaço da moeda)	Olimpíada. A força do Brasil	**Safra de dólares**. As empresas brasileiras duplicam suas exportações e apostam no comércio internacional para poder competir com os estrangeiros
5/8/1992	A FARSA URUGUAIA	Fotografia de Cláudio Vieira	Pedro Luiz Rodrigues. O porta-voz se demite	**Aposta-se o mandato**. Convencido de que perdeu na CPI; o governo se empenha em jogar logo a decisão do impeachment na Câmara para o PFL decidir se Collor fica
12/8/1992	A EXPLOSÃO DO VÔLEI	Foto de lance de jogo	O assalto do PFL	**Mandato no balcão**. Enrolado nas investigações da CPI, Collor convoca o fisiologismo do PFL e os serviços de Marcílio para barrar o impeachment e ficar no cargo
19/8/1992	ANJOS REBELDES. Colegiais na rua pedem a saída de Collor	Foto de manifestação	O sucesso da inteligência	**A vitória da graça e da inteligência**. Jô Soares faz se deu programa de entrevistas a melhor atração da TV brasileira
26/8/1992	O BRASIL RENUNCIA A COLLOR. A voz do povo chega ao Congresso	Desenho de Collor sem rosto	Fleury quer 1 milhão nas ruas pelo impeachment. É o fim: Collor e PC sacaram na véspera do confisco	**As vozes da guerra**. O governador Fleury decide se mobilizar pelo impeachment do presidente Collor e planeja colocar 1 milhão nas ruas de São Paulo
2/9/1992	A GUERRA DO IMPEACHMENT. Collor parte para o contra-ataque. O PFL entra em pane. Cresce a pressão pela renúncia	Foto de mãos pintadas de verde e amarelo		**Collor sai do bunker**. Com desfalque de votos para barrar o impeachment, o presidente arregaça as mangas para ganhar votos e vai á TV dizer que não renuncia
23/9/1992	CAFAJESTADAS NA FASE FINAL. Palavrões. Compra de votos. Ataque ao Congresso	Desenho de ampulheta pela qual passa o rosto de Collor		**A carta da histeria**. Com o discurso mais chulo e ofensivo da história dos presidentes brasileiros, Collor tenta jogar a crise na fogueira do confronto. **A turma do atraso contra-ataca**. Às vésperas do

				fim da reserva da informática, cresce a pressão por novos privilégios e favores
30/9/1992	CHEGOU A HORA	Fotografia de Collor caminhando de costas		**Collor tenta controlar a debandada**. Os amigos abandonam o navio e o governo organiza a fuga do plenário na votação do impeachment
30/9/1992	CAIU! A revolução que derrubou Collor. O estouro da quadrilha que tomou o Planalto. O que muda no Brasil de Itamar Franco	Foto de Collor cabisbaixo	Edição Histórica. Extra.	**Página virada**. Collor perde por 441 votos e anuncia, através de Célio Borja, que não renuncia e que irá colaborar na transição para Itamar

FONTE: *Veja* de 1991 e 1992. O destaque das reportagens, não necessariamente de capa, mostra a diversidade de assuntos, para além dos temas políticos.

A crise do governo Collor agrava-se com a falência do seu plano econômico, mas *Veja* continuou a pautá-lo em meio à própria crise. O que já vinha desde que os rumos econômicos estavam sendo abandonados. Diante disso, *Veja* alertava sobre a necessidade de que o governo deixasse de lado "sua arrogância" e pudesse "*reconhecer, com humildade que sem os brasileiros (suas instituições, partidos, líderes, oposições) é impossível melhorá-lo* (...) ***Sozinho, o Planalto só conseguirá aprofundar as dificuldades***".[495] A ameaça ao poder estava claramente colocada, e é dada como evidente, apontando uma solução conciliadora: "*sabe-se o que não dá certo, e que os problemas só poderão ser resolvidos em conjunto, com a maioria da sociedade brasileira se engajando nessa tarefa* (...) *em um grande esforço político*".[496] Seus esforços foram em parte atendidos, quando Collor enviou ao Congresso o "Projetão", "antes tarde do que nunca", mostrando "boa vontade" do governo, que "*chamava a sociedade para o debate*", elogiando nesses termos de inegável apoio: "*o governo enfatiza o seu próprio propósito de varrer para a lata de lixo da História o paroquialismo, o clientelismo, o cartorialismo, o fisiologismo, o protecionismo e outros 'ismos' do* ***credo estatizante***".[497] Mas a revista continuava em alerta, pois o governo mantinha "*espasmos intervencionistas*". E "*se durante o debate do Projetão o governo pautar suas ações pelo que nele está escrito, estará demonstrado com atos que se pode confiar nas suas intenções*".[498] Essas intenções são a própria especificação do programa que mantinha a revista ligada ao governo: "*fim do monopólio estatal do petróleo, energia e telecomunicações, da estabilidade para o funcionalismo público, da aposentaria por tempo de serviço e do ensino público superior gratuito. São idéias boas... para as transformações estruturais de que o país tanto precisa*".[499] Nesse sentido, as críticas ao governo são sempre amenizadas, e as medidas de abertura, elogiadas.

É com o sentido de aprofundar as reformas que é noticiada a substituição de Zélia de Mello por Marcílio Marques Moreira (que é membro do Fórum Nacional). Mais uma vez, o espaço é ocupado para repetir as linhas programáticas, enfatizando que "*a ministra deu alguns passos importantes para regulamentar a economia, incentivar a competitividade industrial,*

---

495 Sozinho, o governo não pode nada. Carta ao Leitor. Veja. 6/2/1991, p. 23. Grifos meus.
496 A crise da economia e a via política. Carta ao Leitor. Veja. 27/2/1991, p. 17.
497 Coerência entre atos e idéias. Carta ao Leitor. 20/3/1991. Veja. p. 23. Grifos meus.
498 Idem.
499 Idem.

abrir o Brasil ao capital e à concorrência internacional e iniciou o processo de privatização das estatais", e completa seu encaminhamento: "*não se deve retroceder desses passos*".[500] E não seria este o sentido da proposta do novo ministro que teria a "*fala mansa: tímido por temperamento e pacato por profissão, Marcílio recebe a missão de acender uma economia apagada há dez anos*".[501]

O que realmente importava eram as reformas. *Veja* se refere ao fato de que "*falam em ingovernabilidade e crise*" mas "explica": "*o raciocínio faz sentido, mas é preciso definir com precisão o que cada termo significa para se entender o que está em jogo*".[502] Por mais que houvesse uma crise política, havia que perceber: "*a extrema dificuldade do Planalto em governar,* ***em transformar o seu programa de reformas numa política coerente****, capaz de ganhar adeptos e ser aprovada no Congresso*".[503] Nesse momento de crise e pressões, a revista faz o papel de esclarecer, acalmar os ânimos, e defender o programa do governo:

> Para o brasileiro que acompanha a movimentação dos políticos, os prognósticos dos economistas e a opinião de empresários, intelectuais e sindicalistas, o Brasil parece estar prestes a explodir. Na semana passada, por exemplo, políticos experimentados vieram a público para fazer um diagnóstico sombrio: o país vive a sua pior crise em mais de meio século. **Bobagem**. As instituições democráticas estão preservadas, a liberdade não foi minimamente arranhada e a possibilidade de um colapso do regime é uma hipótese fora de cogitação. No terreno econômico, igualmente, **o básico está preservado**. As empresas estão abertas, os salários são pagos todos os meses e **não há hordas de esfomeados pelas ruas**. Quanto à corrupção, **chega a ser ofensivo** dizer que o país passa por uma crise de degradação moral porque as denúncias envolvem setores do governo. Ofensivo para com as dezenas de milhões de brasileiros que trabalham e vivem honestamente.[504]

Mais uma vez, a justificação última da revista é a "população pobre", que estaria alheia a tudo e necessitava representação. No momento, o que importava era o rumo econômico:

> O que há no Brasil é uma situação bastante difícil, que é a imensa expectativa criada em torno dela. Ninguém nega que a economia vai mal, que o governo não conseguiu implantar suas reformas e se encontra sem credibilidade e que há quadrilhas de corruptos assaltando o Estado. Com um pouco de realismo fica fácil perceber que esses problemas, apesar de graves, **podem ser resolvidos**. **O país é maior que a crise, tem força o bastante pra encontrar o seu rumo**. Para que isso aconteça, no entanto, **é preciso**

---

500 Pra preservar o que foi feito de bom. Carta ao Leitor. Veja. 15/5/1991, p. 13.
501 Com a fala mansa. Veja. 15/5/1991, p. 20.
502 O entendimento e o espectro da crise. Carta ao Leitor. 11/9/1991. Veja. p. 17.
503 Idem. Grifos meus.
504 A sinistrose em torno da crise. Carta ao Leitor. Veja. 18/9/1991, p. 17. Grifos meus.

> **vontade**. Ficar falando que o Brasil está no fundo do poço é criar uma expectativa catastrofista. E a sinistrose apocalíptica só serve para levar à catástrofe.[505]

Não foi a única vez que se recorreu a idéia de "otimismo" contra os "pessimistas", sendo essa uma de suas táticas: apoiar-se nesse argumento quando a situação, sobretudo econômica, mostrava-se fora de controle como estava ocorrendo com a falta de rumo político no governo. A crise se colocou de forma sistemática, e pode ser acompanhada na seqüência de reportagens. Observe-se que se trata do problema econômico e da capacidade do governo articular politicamente o programa de "abertura". A manchete é clara: "***todo mundo entendeu**: os políticos e o próprio Collor já entendem que se tudo continuar do jeito que está o governo vai parar no fundo do poço*".[506] Mas, a conclusão, com a qual se inicia era que "*na semana passada chegou-se a um entendimento nacional*", que estaria dado por um "*frentão político de aparência horripilante*". O que importava era que "*Collor passou a limpo seu ministério. Reclamou da falta de quadros para governar e se declarou aberto a sugestões*", lembrando que "*também já chegara a oferecer duas cadeiras de seu governo ao PSDB, uma delas destinada a Fernando Henrique e a outra ao deputado José Serra*".[507] Citava-se então Tasso Jereissati, ativamente envolvido nas negociações: "***não adianta ter um Ministério da Economia de excelente qualidade e todo o resto do governo medíocre.** Tem de ter hegemonia dentro do governo. Hegemonia pelo alto nível, eficiência e moralidade*".[508] Portanto, o diagnóstico era certeiro, a necessidade de hegemonia centrada no programa econômico em curso. Se o presidente estava aberto a sugestões, essa era a principal. Havia um diagnóstico de crise, mas ressaltava, o país não estava "ingovernável": "*o Congresso está funcionando e as liberdades públicas estão de pé.* ***Nem há agitação nas fábricas*** *nem conspiração nos quartéis*".[509] A revista relembrava que Collor representava a promessa política que mais havia

---

505 Idem.
506 Todo mundo entendeu. Veja. 11/9/1991, p. 22. A capa desta revista foi muito significativa: "Collor esgotado: isolado e sem credibilidade, o presidente sai em busca de apoio". A fotografia mostra o rosto suado do presidente, e era uma foto de arquivo tirada justamente no período de exibicionismo de suas atividades físicas. Aqui o suor toma outro sentido, deixa de ser a força para ser a fraqueza, como aponta Carvalho (op. cit, p. 203.). Mas, é importante que se atente para o fato de que embora o fundo seja crítico ao presidente, como mostram as demais capas sobre a República das Alagoas e os escândalos da LBA (ver tabela), a busca de apoio é o mais importante para a revista.
507 Idem, p. 23.
508 Idem. Grifos meus.
509 Idem, p. 26. Grifos meus.

chamado "*atenção do governo americano*", mas que estava rapidamente perdendo lugar para o mexicano Carlos Salinas de Gortari e para o argentino Carlos Menem, que "*já conta com a simpatia americana. É um nome em ascensão*".[510] Portanto, o entendimento, com a contribuição passível de hegemonia seria o caminho. Mas havia um problema, estampado em manchete de capa: "*corrupção: a roubalheira* ***atrapalha o entendimento***".[511] Era necessário, para eles, um consenso rápido.

Muito relevante na busca deste entendimento foi a capa que anunciava "*sim, o Brasil tem jeito*", em que aparecem as fotografias e falas de 23 pessoas argumentando em torno desta idéia central. Dentre elas, a primeira é o presidente da república: "*os brasileiros precisam confiar na sua própria capacidade de mudar*", e a última de Newton Cruz: "*é preciso fazer um conselho de notáveis para governar. O presidente é infantil*", mais uma vez trazendo a ameaça velada dos militares. Mas há que perceber a artimanha da revista, que havia insistido na necessidade de formar uma "opinião pública" sobre os rumos do projeto em curso. E é justamente isso que ela faz ao colocar essa série de pessoas falando. No conjunto da reportagem são citadas e mostradas algumas das pessoas ouvidas pela revista. Com a grande quantidade de falas, nenhuma delas pode ser entendida como mais importante que a outra, são todas equivalentes. Portanto, elas estão aqui apenas para legitimar a palavra da própria revista: "*o país continua confiante: depois da terça-feira de tumulto financeiro, quase 200 brasileiros dizem que o Brasil vai melhorar*".[512] Trata-se de rebater especificamente a crise financeira, e para isso se traz o "otimismo brasileiro". A crise está pautada, mas se busca sobretudo superá-la:

> O Brasil tem jeito por **motivos óbvios**. Neste país imenso vivem 155 milhões de **pessoas que trabalham pesado para melhorar de vida**. Construíram cidades imensas, abriram estradas, semearam os campos e têm aguçado sentido de nacionalidade: como diz o poeta, todos lembramos que aqui passaram sambas imortais, que aqui sangraram nossos pés, que aqui sambaram nossos pais. Neste século, **até o final dos anos 70**, o Brasil foi um dos países que mais cresceram em todo o planeta. Intui-se até que, **comparado com outros países**, os problemas brasileiros não são tão atrozes. **A União Soviética não sabe sequer qual país é. A**

---

510 Idem, p. 27.
511 Capa. Veja. 18/9/1991. O destaque ficava para PC Farias, na tarjeta: "querem me pegar para Cristo".
512 O país continua confiante. Veja. 6/11/1991, p. 18. Na seqüência, há a reportagem sobre a "Terça-feira negra: numa semana nervosa, o país temeu uma hiper, falou num novo pacotaço e até escalou substitutos para o ministro Marcílio". Veja. Antenor Nascimento Neto. A idéia continuava sendo acalmar os ânimos, pois tudo teria sido fruto de um "espasmo típico de um país que anda à beira de um ataque de nervos". P. 23.

> **China tem superpopulação e não tem democracia. Há fome e Aids na África**. Se o Brasil não é o fim do mundo, e todos acham que o país tem jeito, quem são os responsáveis pela crise? E qual seria a saída do atraso?[513]

E aqui, na abertura da reportagem, é justamente ao próprio presidente Collor que se dá a palavra: "*o país precisa hoje, mais do que nunca, da confiança dos brasileiros em sua própria capacidade de mudar para melhor*". O que temos é uma seqüência de senso comum cuidadosamente amarrada pela revista. Primeiro, a ode ao "brasileiro" que seria trabalhador por natureza e "quer melhorar de vida", o que traz o senso de nacionalidade, como se uma vida melhor não fosse um sentido próprio à humanidade. E é nos anos 70, ou seja, nos marcos da ditadura, que estaria o auge do otimismo. A comparação com os "comunistas" é válida para mostrar o acerto do capitalismo. E a África é um exemplo do que não se quer ser, mesmo que com isso se oculte a fome e a Aids do Brasil. A idéia central é amarrada pelo presidente em crise: a capacidade de mudar.

Do ponto de vista econômico, tudo se resolveria, como mostram os elogios ao Ministro Marcílio, em sintonia com o programa em curso, quando da assinatura de novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, a ponto de receber uma capa sobre "*o estilo Marcílio e seus efeitos: arrocho, desemprego, afagos do FMI e promessa de fim do sufoco*".[514] Não se tratava de questionar o acordo e seus termos, mas se o Brasil iria ou não cumpri-lo. Aqui também se busca mostrar que a situação "mudou": "*quando o Brasil recorreu pela primeira vez ao FMI, no começo da década de 80, o Fundo era visto como um demônio estrangeiro que iria controlar a economia do país à revelia dos brasileiros*".[515] Agora, "*o FMI parecia ter caído nos braços do governo brasileiro e o governo parecia inebriado com o FMI*".[516] Para convencer da "justeza" da medida, ela traz a fala de dois ex-ministros dos governos militares:

> 'O Marcilio está tranqüilizando os agentes da economia tanto aqui como lá fora. O Brasil deixa de ser uma casa de loucos, que fazem experiências a cada ano, usando cobaias humanas', diz o professor **Mário Henrique Simonsen**.
>
> 'Ele está fazendo o serviço direitinho. Só o fato de não ter recorrido ao congelamento já é uma grande coisa', diz o deputado **Roberto Campos**, 'mas falta

---

513 Idem, p. 20. Grifos meus.
514 Capa. Veja. 11/12/1991.
515 Nos braços do FMI. Veja. 11/12/1991. p, 30.
516 Idem.

> energia na liberalização da economia. Se isso viesse mais rápido, a recessão duraria um tempo menor e nós sofreríamos menos', diz o ex-ministro.[517]

Para completar, chama-se a atenção de que esses ajustes fariam com que o governo batesse "*em políticos que, por ideologia ou antiguidade de pensamento, resistem a acabar com as reservas de mercado (como a da informática) ou ao programa de privatização*".[518] Ou seja, se retoma todos os pontos programáticos neoliberais: privatização, abertura de mercado, ingerência externa na política.

Mesmo depois de ter se envolvido diretamente nas denúncias de corrupção do governo Collor, como apontam as capas listadas na tabela,[519] *Veja* continua pregando a mesma solução: "*fazer reformas profundas para que o país possa progredir*", "*o Estado deve intervir menos na economia, as restrições à entrada de investimentos estrangeiros devem ser reduzidas e é preciso incentivar a livre negociação entre empresas e trabalhadores*".[520] Mais que isso, para *Veja*, seria necessário que o Congresso e o governo se conscientizassem de que teriam que "***pagar um preço**. É necessário enfrentar os interesses de alguns para beneficiar outros. Isso implica arcar com a impopularidade junto a alguns setores e quebrar resistências*".[521] Está clara a tentativa permanente de "buscar entendimento", chegando a um "bom termo" sobre a situação nacional, em nome do seu projeto, em que pese a progressiva ampliação de sua cobertura jornalística sobre os casos de corrupção.

---

517 Idem, p. 31 e 33.

518 Idem, p. 34. Na capa de 19/6/1991 a manchete foi: "O lixo da reserva de mercado: porque os computadores brasileiros são tão ruins". Nesta matéria, a reportagem trazia "Nocaute tecnológico: durante dezesseis anos a reserva de mercado produziu computadores ultrapassados, mas agora o Congresso pode acabar com essa deformação". (p. 36.) Além de a abertura para multinacionais ser naturalizada, essa assertiva está longe de ser uma "notícia". Ela é, de fato, uma ação política de Veja indicando o que o Congresso Nacional deveria fazer.

519 No caso específico das denúncias de superfaturamento de fardas pelo general do Exército, Carlos Tinoco, interpelou diretamente a direção da revista ameaçando "tomar procedimentos que julgar convenientes", o que levou ao pronunciamento do Presidente do Grupo Abril, Roberto Civita de que "VEJA não faz campanhas nem age com a intenção de denegrir instituições". Resposta ao general Tinoco. Carta ao Leitor. Veja. 6/11/1991, p. 17.

520 O preço a pagar pelas reformas. Carta ao Leitor. Veja. 4/12/1991, p. 23.

521 Idem. Grifos meus. É também com o sentido de apoiar Collor e seu "espírito reformista" que Veja critica os jornais que mostraram o plágio do texto de José Guilherme Merquior. Seus textos foram publicados pela Folha de São Paulo, assinados por Collor. Segundo a revista, a "cola", não passou de um "escorregão". O que ressalta é que "é uma pena. O país **poderia estar agora discutindo de maneira elevada a proposta do social-liberalismo apresentada pelo presidente**" [sic]. Uma boa discussão foi perdida. Carta ao Leitor. Veja. 15/1/1991, p. 17. Grifos meus.

É dessa época a realização do IV Fórum Nacional, que teve como estrutura o estudo das "reformas políticas" e a atuação do Congresso Nacional. No seu texto de introdução da publicação do Fórum, Velloso dizia:

> **Engana-se quem pensa ser esta uma sociedade sem rumo ou um governo sem rumo**. A despeito de certas resistências, somos um país em transição, acidentada, para a modernidade. A maioria da população, inclusive grandes contingentes de trabalhadores, apóia o **projeto de modernidade** (revisão do Estado, privatização, competitividade, modernização das relações econômicas, inserção na economia internacional).[522]

São evidentes as afinidades entre esse discurso e o encaminhamento editorial de *Veja*. Mas a cobertura jornalística de outros órgãos de imprensa e da própria revista acabam se atendo ao "problema maior", a corrupção. Embora essa seja uma prática comum, ela requer alguns cuidados, os quais Collor e sua equipe não estavam seguindo. Mas isso não poderia ser dito por *Veja*, e resultava que - ao que tudo indica - aqueles que o corromperam acabaram se voltando contra ele. Quando a situação piorou, como no caso da crise da Previdência, que redundou na demissão do ministro Magri, *Veja* mostrou-se satisfeita com o fato de que o problema da Previdência estava sendo discutido, projetando sua reforma.[523] Estaria sendo apresentada uma solução para que se deixasse o fato de lado, pois como ela mesmo havia dito, "prenda-se alguém" que o problema se resolveria. É desse período a publicação das fitas degravadas pelo jornalista Mario Rosa, que acabariam por levar à queda do Magri de seu cargo, o que no editorial é visto apenas como um "*brilhante trabalho de investigação*",[524] e não como algo que desacreditava mais ainda o governo. Da mesma forma foi tratada a demissão de Alceni Guerra do Ministério da Saúde,[525] momento em que a revista contribui sobremaneira para personalizar nele a corrupção, apontando com isso alguém também passível de ser punido exemplarmente.

---

522 VELLOSO, J P R. Introdução geral: Como evitar uma nova 'década perdida'. In VELLOSO (Org), op cit, 1992, p. viii. Grifos meus.
523 O que há de bom na crise da Previdência. Carta ao Leitor. Veja. 22/1/1992, p. 15.
524 O repórter e a fita da corrupção. Carta ao Leitor. Veja. 11/3/1992, p. 17.
525 Na mesma edição em que se informava que o Brasil estava "nos braços do FMI", (p. 30), se arrolavam as fraudes do Ministério da Saúde: "enxoval completo: as irregularidades de Alceni com bicicletas, guarda-chuvas, filtros, nebulizadores, mochilas, geladeiras freezers etc". Veja. 11/12/1991, p. 38.

3.4. CRISE E IMPEACHMENT DE COLLOR

3.4.1. Segurando a onda: em nome do projeto

No ano de 1992 há uma nova seqüência de reportagens buscando retomar a rota do programa. Dentre elas, uma capa alertava sobre o "*boato: o vírus da fofoca e da maldade contamina o país*".[526] A gravidade era explicada na reportagem: "*a fogueira da maldade: o Brasil mergulha numa onda de boatos que mexe com a vida de artistas, chega ao Planalto e desaba no pregão da bolsa*".[527] Também com esse sentido, outra ação se salvamento foi a retomada da escalada midiática de Collor, dando-lhe oportunidade de ser entrevistado, mostrando-o como um "novo Collor". O editorial discorre sobre o fotógrafo Orlando Britto, especialista em fotografias "do poder", anunciando entrevista exclusiva com o presidente naquela edição,[528] sob o título de "***esse governo é bom***", outro indício claro da "confiança necessária". A apresentação da entrevista dava conta de que "*há um presidente diferente daquele do passado. Como ele mesmo admite na entrevista, está mais amadurecido. O presidente acha que o caso Magri foi absurdamente reprovável, garante que não quer ser reeleito e diz que está com o peso ideal*".[529] Da mesma forma, legitima a afirmação de Collor de que "*a imprensa tem um papel vital*", sendo "*os seus olhos e ouvidos*". Refere-se a uma entrevista coletiva concedida por ele após reforma ministerial, elogiando-o pelo fato de que "*não se furtou a nenhuma pergunta*".[530] Legitima também a pretensão de inocência do presidente: "*foi através desses olhos e ouvidos que o presidente pode aquilatar a extensão do estrago que alguns de seus auxiliares mais próximos estavam perpetrando* (....) *a existência de uma imprensa livre ajuda o governo a tomar suas decisões, por mais duras e espinhosas que*

---

526 Capa. Veja. 19/2/1992.
527 A fogueira da maldade. Veja. 19/2/1992, p. 58,
528 As buscas das melhores imagens do poder. Carta ao Leitor. Veja. 25/3/1992, p. 17. A interpretação do "presidente midiático", no sentido de que manipulou a mídia a seu favor, é de Emiliano José, que mostra que nesse momento de crise Collor ficou um tempo afastado da imprensa, como forma de preservar sua imagem. Coube à Veja trazê-lo de volta, com essa entrevista, pautando a sua saúde, sua crise conjugal, e dando-o espaço para falar sobre "sua inocência".
529 Fernando Collor de Mello. Esse governo é bom. Veja. 25/3/1992. Entrevistado por Eduardo Oinegue e Mario Sergio Conti.
530 Os olhos e ouvidos do presidente. Carta ao Leitor. Veja. 8/4/1992, p. 17.

elas sejam".[531] Portanto, nessa perspectiva, os "estragos" não prosseguiriam, agora que o presidente teria sido "informado" pela imprensa.

Seria o momento de superar essas dificuldades, como indica uma fotografia do presidente fazendo musculação com uma camiseta com os dizeres: "*Luta e serve aprende e adianta-se*". Continuava a busca por mostrar que se puniriam alguns culpados,[532] e pautando a economia, apontando para a recessão e a necessidade de novas formas de gerenciamento empresarial.[533] Ao mesmo tempo em que noticiava atuação de lobistas no Congresso,[534] a revista dava capa para "*o melhor susto do ano: carros mais baratos*".[535]

Um ânimo renovado se mostraria com a aliança com o PFL, em que uma nova recomposição ministerial trouxera os grandes nomes deste partido para compor o Ministério de Collor, o que seria também uma tentativa de uso do poder do partido para freiar as investigações em curso. Era um forte aliado nas medidas que "precisavam ser tomadas", em um contexto que incluía novas imposições do Fundo Monetário Internacional. Diante disso há a inarredável defesa do programa e de certos ministros, com a tolerância e defesa do conjunto do governo, desde que mantido programa. A posição é, portanto, de amenizar a crise, aprofundando o programa, que deveria de certa forma ser salvo da ruína de Collor. Neste momento, a revista se recoloca na posição ambivalente, do alto, apóia medidas neste sentido. Para *Veja*, com destaque de capa, a aliança com o PFL foi considerado um "*sinal de iniciativa*".[536] A partir daí o "rumo" se consolidava, na semana seguinte, quando o governo fechara outro acordo com o FMI:

> Há evidências de que, em sua crise de adolescência, **o Brasil está amadurecendo**. (...) Entendeu, com o **andamento da privatização, que a alienação de estatais deve ser encarada como um processo contábil e não como uma manobra**

---

531 Idem.
532 Como indica a reportagem da tarjeta: "Magri: quem deu os 30.000 dólares". Capa. Veja. 18/3/1992.
533 A reportagem indicava as mudanças que os "novos trabalhadores" deveriam sofrer, as novas profissões "em alta", como "sair do atoleiro", enfim, questões centrais ao programa econômico em curso e que seriam retomadas com toda ênfase quando a crise política passasse. Choque no emprego. Veja. 18/3/1992, p. 78.
534 Há um verdadeiro manual de como agem os lobistas: um quadro mostra quem são os "mais influentes de Brasília"; outro "como fazer amigos", em nove passos; e outro a "escolha dos presentes", em dez passos. Tudo isso é naturalizado, há conhecimento de todo esse esquema, ele é noticiado em sua superficialidade, apenas alertando para seus "excessos". À sombra dos amigos. Veja. 1/4/1992, p. 22.
535 Capa. Veja. 1/4/1992.
536 Collor retoma a iniciativa. Carta ao Leitor. Veja. 29/1/1992, p. 17. Há uma seqüência de capas de apoio à aproximação com o PFL: A vitória dos profissionais: Collor detona seus ministros-podres e se recompõe com os políticos da velha-guarda, 29/1/1992, com fotografia de Antonio Carlos Magalhães.

> **ideológica**, a ponto de discutir-se hoje sem espanto a privatização da própria Petrobrás, sacrossanta instituição do nacionalismo brasileiro que viceja nos braços do monopólio. Na semana passada foi a vez do Fundo Monetário Internacional.[537]

Assim, em meio à crise política do governo Collor, *Veja* o mostrava "retomando a iniciativa", o que via como um "bom começo", "rompendo preconceitos", voltando à sua bateria de otimismo:

> Parece que o país descobriu afinal que **o FMI não é um agente sádico do capitalismo internacional** que pressiona os países para que torturem seus cidadãos com programas recessivos. Quem faz o programa é o país candidato ao aval do Fundo. Como o FMI é um respeitado auditor de contas, quem recebe seu aval sai com um selo de qualidade na lapela e credencia-se à reintegração no sistema financeiro internacional. **É um bom começo**.[538]

O que devia prevalecer seria o acordo com o FMI. A revista ainda desprezava o ex-ministro Funaro, que "*gostava de mostrar que tinha aquilo roxo, quando se tratava de negociar com as finanças internacionais*".[539] E faz isso usando uma expressão que foi popularizada por Collor, colocando-se portanto no campo de diálogo e proximidade com ele. O acordo se insere na nova fase de relacionamento com o Fundo, de "*rearranjos internos, profundos e duradouros*",[540] incluindo-se o controle da inflação, o corte do superávit e a diminuição dos investimentos sociais.

Aqui já tínhamos o papel articulador do "*alemão* [que] *vai à luta: depois da chuva de ministros desempregados, Bornhausen se afirma como o principal articulador político do Planalto*".[541] Na seqüência, a capa anunciava "*O que muda com essa turma"*,[542] com um

---

537 O fim do velho preconceito. Carta ao Leitor. Veja. 5/2/1992, p. 15. Grifos meus.
538 Idem. Grifos meus.
539 Idem. Dílson Funaro em 1985 substituiu Francisco Dornelles no Ministério da Economia, anunciando a suspensão do pagamento de juros sobre a dívida, redundando em moratória em 1987. A relação com o FMI só se tornou mais amena com a sua substituição por Luiz Carlos Bresser Pereira, em abril de 1987. Com Marcílio Moreira seria então iniciada a "nova fase do relacionamento do Brasil com a comunidade internacional", de progressiva oficialização dos programas do FMI. Dados podem ser encontrados em: ALMEIDA, Paulo Roberto. O Brasil e o FMI de 1944 a 2002: um relacionamento feito de altos e baixos. www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1-1/brasilfmi.htm, consulta em 25/12/2003.
540 "No campo macroeconômico, a relação do FMI com os países periféricos inclui três pontos inegociáveis: a) metas de superávit primário, mesmo às custas de contrair gastos sociais imprescindíveis, de modo a assegurar a transferência de recursos da sociedade para os credores; b) políticas monetárias contracionistas, voltadas para reduzir o consumo e o investimento interno; c) plena liberdade de movimentação de capitais, para que a transferência desses recursos ao exterior não enfrente obstáculo". BENJAMIN, César e RIBEIRO, Romulo T. As relações do Brasil com o FMI. www.outrobrasil.net. Consultado em 25/12/2003.
541 O Alemão vai à luta. Veja. 8/4/1992, p. 22. Além de mostrar sua biografia, mostrando seus vínculos com os governo militares e sua aproximação com Tancredo Neves, destaca-se a sua citação: "finalmente a UDN chegou

desenho da equipe de governo, com Collor à frente, todos vestidos de escoteiros, e dois tucanos ao fundo. O título da reportagem central é sintomático: "*De volta para o futuro: com idas e vindas, Collor monta o ministério de seu segundo governo* [sic] *com uma equipe de políticos veteranos*".[543] Portanto, eram ex-ministros da ditadura que dariam o "salto para o futuro" com Collor, segundo indicava *Veja*. Esta tinha sido a "alternativa b", posto que o PSDB não aceitara compor o centro do Ministério.[544] Para a revista se tratava de um "segundo governo": "*um governo caiu e* ***outro tomará posse*** *esta semana – dentro da lei e conforme a melhor tradição das negociações políticas*".[545] Esse "novo governo" marcaria "diversas rupturas". Apesar de que nenhum deles "*freqüentou os palanques das diretas em 1984*", e seria um "ministério velho": "***nada disso tem importância****. Collor livrou-se de uma equipe em estado de necrose moral e política e tomou a única iniciativa que lhe restava – começar de novo*".[546] Mas, enfatizava *Veja*, faltava a mudança essencial: "*a reforma ministerial agita o governo, mas não melhora a eficiência da máquina estatal*".[547]

Diante de uma taxa de inflação de 25% ao mês, o editorial de *Veja* apontava para a questão econômica: "*o que fazer? Decretar que Marcílio falhou e pregar a sua saída do Ministério*"? Ao que responde: "*o mais sensato é* ***dar um outro crédito de confiança ao***

---

ao poder". Idem, p, 23. A capa tentava mostrar credibilidade: Eles não usam jet-ski: o governo muda de cara, 8/4/1992, com uma fotografia de Bornhausen, o "articulador político de Collor".

542 Capa. Veja. 15/4/1992.

543 De volta para o futuro. Veja. 15/4/1992, p. 18. Quadros mostram a origem dos ministros. Ângelo Calmon de Sá, que assumia como ministro-chefe da Secretaria do Desenvolvimento Regional, banqueiro, fora ministro da Indústria de Geisel de 1977 a 1979 e presidente do Banco do Brasil de 1974 a 1977, visto como o "grande premiado". Affonso Camargo assumia o Ministério dos Transportes, fora ministro das Comunicações de José Sarney. Pratini de Morais, foi ministro no governo de Médici, na pasta de Minas, Energias e Metalurgia. No Ministério do Trabalho assumia João Mellão Netto, que fora Secretário de Administração de Jânio Quadros. E por fim o "amigo de Marcílio", Celso Lafer, indicado para o Ministério das Relações Exteriores, filiado ao PSDB.

544 Há uma reportagem em que os "tucanos" são chamados de "**virtuosos ridículos**: num país onde os políticos aderem fácil, os **patéticos tucanos** decidem ficar fora do governo". Veja. 15/4/1992, p. 24. Grifos meus. A conclusão é dada pela palavra de ACM: "tiraram a roupa mas não fizeram amor", ao que a revista completa: "situação constrangedora, é certo, mas às vezes é inevitável". Idem, p. 25. Apesar das expressões "patéticos" e "ridículos", a revista compreende o medo de enfraquecimento do PSDB que teria levado a não aceitar ministérios, mesmo depois de todo envolvimento de Tasso Jereissati, que estava agindo como "ouvidor-mor" (11/9/1991, p. 25) dos entendimentos com o governo.

545 Idem, p. 19. Grifos meus.

546 Idem, p. 20. Grifos meus.

547 A mudança que falta. Veja. 15/4/1992, p. 26.

governo e à sua política econômica".[548] Reafirma-se mais uma vez o apoio ao presidente, mesmo sendo nesse período que *Veja* foi destacada pela revista norte-americana *Time*, em virtude de sua "*excelência editorial* (...) *sua cobertura política objetiva e equilibrada – uma relativa raridade no Brasil*".[549] Ainda nessa linha, *Veja* fez uma reportagem de capa sobre o processo de "*demissões seletivas*", em torno do "*aumento da produtividade*", "*incremento de eficiência*" e do "*uso de lucros no fomento da competitividade*".[550] Tudo isso se daria porque "*esses novos métodos empresariais de fazer face a dificuldades são a pedra de toque na economia internacional*".[551] Mesmo que isso causasse recessão, "*no final, muitas empresas brasileiras poderão estar numa situação melhor do que antes*".[552] A questão econômica e a adaptação da "nova ordem internacional", privilegiando a competitividade estava colocada acima da crise política.

O mais importante continuava sendo as reformas. Feita a reforma ministerial, cujo quadro "*não há nada que os desabone*", por serem "*homens experientes, melhor preparados*", após os problemas de "*notícias sobre malversação do dinheiro público*" que "*reduziram a credibilidade do governo a quase nada*", restava voltar ao projeto:

> Uma agenda ampla e espinhosa. Dela constam a reforma fiscal, a concessão de serviços públicos, a lei de propriedade industrial e a reformulação do sistema portuário. Todas essas mudanças são necessárias e prementes. **Não se pode perder tempo**. Cabe aos parlamentares, da situação e da oposição, começar a estudar e a discutir as reformas estruturais.[553]

Mas a pressão não se restringe a isso. *Veja* elabora, sob a coordenação de Roberto Pompeu de Toledo, uma reportagem de capa, na qual analisa a atuação do Congresso Nacional, concluindo que o mesmo possui "*mais virtudes que vícios*", tendo entre as virtudes "ser democrático", e entre os defeitos "organizar dissensos e consensos da sociedade brasileira". E informa que

---

548 A inflação e o voto de confiança. Carta ao Leitor. Veja. 19/2/1992, p. 19. Grifos meus. Marcílio, membro do Conselho Diretor do Fórum Nacional, voltaria a ser capa com o mesmo tema: Ruim com ele, pior sem ele: os impasses da política econômica, 6/5/1992. Veja.
549 Jornalismo de VEJA investigado por Time. Carta ao Leitor. Veja. 26/2/1992, p. 15.
550 Empresas mais ágeis e interesse público. Carta ao Leitor. Veja. 18/3/1992, p. 15.
551 Idem.
552 Idem.
553 A agenda de reformas no Congresso. Carta ao Leitor. Veja. 15/4/1992, p. 17. Grifos meus.

> VEJA publica neste momento a reportagem especial sobre o Congresso por acreditar que os leitores devem saber como funciona a instituição que, nas próximas semanas e meses, **deverá se posicionar sobre os projetos de reforma da economia elaborados pelo Executivo**. **A palavra acerca de questões vitais para o país está agora mais com o Congresso do que com o Executivo**.[554]

Com isso, conseguia-se inclusive desresponsabilizar o Executivo, pois o projeto entregue previa já as mudanças "modernizadoras". Enquanto isso, segue sua campanha de "informar" sobre a "*hora de fazer uma boa reforma*".[555] Ainda como se a situação fosse contornável, publica em reportagem de capa, "*uma radiografia dos portos*", em que argumenta se conviver com "*negligência, desperdício, obsolescência do equipamento e ócio ostensivo, características que conferem às docas uma ineficiência reconhecida por todos no Brasil*". Defende ainda que elas "*encarecem proibitivamente mercadorias importadas e exportadas, comprometendo a competitividade nacional*", para concluir pela necessidade da reforma em questão no Congresso, encaminhando sua privatização. Ao mesmo momento, se avaliava o mercado financeiro, lembrando que "*o erro está mais na avaliação subjetiva das pessoas*".[556]

Nesse mesmo contexto de instabilidade política, a revista publicou na seção *Idéias*, um texto de Mario Henrique Simonsen "*Frenesi liberalista: o liberalismo está na moda no Brasil, mas poucos sabem o que a doutrina significa, e alguns acham que ela prega o enfraquecimento do Estado*".[557] Didaticamente, o "professor" explicava o que seria o liberalismo, o neoliberalismo e suas implicações no Brasil. Assim ele inicia:

> O liberalismo **anda em moda no Brasil**, quer na vertente neoliberal que tanto encanta a direita, quer na do social-liberalismo que inspira o centro-esquerda. Nada mal após décadas de **intoxicação marxista**, durante as quais um intelectual brasileiro, para ser reconhecido com tal, precisava pontificar sobre determinismo histórico, luta de classe e, se possível, **fingir que havia digerido** os três livros de *O Capital*, de Karl Marx. Com a queda do Muro de Berlim e a implosão do império soviético, **os marxistas perderam o rumo**, diante da súbita depreciação de seu acervo intelectual. Como ninguém gosta de se intitular antiliberal, o evangelho do liberalismo entrou na crista da onda, e se transformou numa panacéia. **Todos agora**

---

554 O retrato de uma grande casa. Carta ao Leitor. Veja. 29/4/1992, p. 15. Grifos meus.
555 Uma radiografia dos portos. Carta ao Leitor. Veja. 13/5/1992, p. 15. A revista publicou, com chamada na tarjeta de capa (Especial: Vícios e virtudes do Congresso), uma reportagem sobre "o poder do Congresso: que casa é essa, que mistura a virtude de ser a sede da democracia com os variados vícios da prática política?". Veja. Roberto Pompeu de Toledo. 29/4/1992, p. 34.
556 Água fria no nervo do mercado. Veja. 13/5/1992, p. 74.
557 Frenesi liberalista. Mario Henrique Simonsen. Veja. 20/5/1992, p. 84.

> **professam o credo liberal**, ainda que poucos saibam o que é liberalismo e alguns acreditem que se trata de uma doutrina econômica baseada no enfraquecimento do Estado.[558]

E a isso, ele completava: "*pois o liberalismo é uma doutrina política, e não visa acabar com o Estado. O liberalismo procurar conciliar dois sentimentos humanos conflitantes, o desejo de ser livre e o desejo de viver em sociedade*". E a partir disso, explica as distinções que precisariam ser feitas, ainda que em termos apologéticos. Lembre-se que na publicação do texto de Merquior (plagiado por Collor) a posição da revista foi de lástima por não ter pautado o debate sobre o "social-liberalismo" pela "sociedade brasileira". O Estado, nesta perspectiva, deveria se ater a três aspectos: "*policiamento, justiça e defesa nacional*". A partir daí, Simonsen apresenta os pontos fracos dessa tese, colocada em cheque pelos princípios social-democratas, que veriam alguns problemas na sociedade para além do mercado. No limite, diz ele, o "social-liberalismo" é uma proposta vazia, pois não é capaz de quantificar quais seriam os limites para a atuação do Estado além desse básico. O problema maior seria sempre o "pendor social":

> Para o neoliberal, o social-liberal sem máquina de calcular no bolso e sem microcomputador na escrivaninha é um perigo público. Sua sensibilidade social acaba por levá-lo a sobrecarregar o Estado com funções que ele não pode exercer por falta de recursos. O resultado é o Estado fraco, incapaz de cumprir suas tarefas constitucionais. O exemplo que devemos guardar dessa catástrofe do social-liberalismo sem aritmética é a Constituição brasileira de 1988.[559]

Princípios como o de solidariedade seria um grave problema, pois apesar de poder "*impedir que um indivíduo cometa suicídio*", acabaria justificando "*a assistência do Estado aos desamparados*". E por fim, mais um problema, segundo ele, os neoliberais "*freqüentemente passam por cima de uma questão muito importante: boa parte do destino de um indivíduo depende do que lhe é fornecido em matéria de educação, saúde e nutrição durante a infância e a adolescência, período em que ele é juridicamente incapaz*", a saída neoliberal seria que "*os pais sabem melhor o que convém aos filhos do que o Estado*".[560] O grande problema, ele reconhecia, seria que se acabaria passando a culpa por herança, de pai para filho, e isso não seria possível nessa trama. Ele se mostrava desolado, pois seria difícil

---

558 Idem. Grifos meus.
559 Idem, p. 86.
560 Idem, p. 87.

fazer a defesa dos princípios diante destas críticas, que acabaria, inevitavelmente fazendo "*aceitar um avanço do social-liberalismo, desde que devidamente quantificado*". Por isso, "*a democracia exige um encolhimento do Estado. É nesse sentido que Hayek precisa ser lido com atenção pelos intelectuais brasileiros*". E a partir daí, se propõe a explicar, também didaticamente, o pensamento do austríaco. A matéria foi editada como uma reportagem, com fotografias de Margareth Thatcher e Ronald Reagan fazendo saudações, telas da guerra da Independência dos EUA e da Revolução Francesa, além de Gorbachev, Stalin, Felipe Gonzalez, Pinochet e Hayek. A tese é de que nada existiria de mais perfeito que o mercado, que teria suas funções erroneamente exercidas no âmbito do Estado: "*é preciso introduzir no circuito uma plêiade de burocratas para desempenhar o papel que os preços do mercado representam gratuitamente*".[561] E aqui há uma distinção fundamental: "*a democracia requer um Estado mais simples do que aquele que pode funcionar eficientemente na ditadura*".[562] Isso remete à justificação central na qual o autor quer chegar: "*quem está errado não são os políticos, que são seres humanos, mas o sistema que foi projetado para ser dirigido por super-homens*". E, no caso brasileiro, ele insiste, "*o Estado democrático precisa ser mais simples que o autoritário*". Assim se chega no sentido concreto da lição doutrinária:

> O que Hayek ensina de precioso não é o que se deve fazer – o Estado minimalista -, mas o que não se deve fazer, como a Constituição de 1988. Em vez de esperar a chegada de homens providenciais, o Brasil precisa transformar-se num país sistematicamente eficiente, capaz de prescindir desses super-homens. A **oportunidade única** é a **revisão constitucional** prevista para 1993, mas **não vale deixar para a última hora**.[563]

Assim se encerra o artigo. Está implícito que os militares deveriam ter cuidado de diminuir a estrutura do Estado antes que a ditadura acabasse, mas como não o fizeram, o preço pago foi a Constituição "social" de 1988. Em meio aos conflitos políticos, às tentativas de entendimento, às brigas partidárias, às manifestações populares pelo impeachment, a revista se adianta aos acontecimentos, antevisando um rumo para a consolidação de seu programa. Sua posição de estado maior permite isso de forma privilegiada, mantendo a coerência, para além dos conflitos partidários. E para isso, se utiliza uma rara manifestação de seu dileto formulador

---

561 Idem.
562 Idem, p. 88.
563 Idem, p, 89. Grifos meus.

/ intelectual, que didaticamente teoriza e explica a realidade. O programa deveria ganhar nova forma com a Reforma constitucional, que estava totalmente fora da pauta política naquele momento. Mas seria um campo muito forte de embates de *Veja* no ano seguinte.

3.4.2. Finalmente, não há entendimento e "Veja derruba Collor"

Apesar de terem sido feitas várias reportagens sobre o tema, apenas em 20/5/1992 comenta-se diretamente em editorial o "caso PC", sobre as provas que foram enviadas à revista pelo deputado José Dirceu, mas restringindo o problema à "*figura do empresário Paulo César Farias*".[564] A partir daqui se inicia o terceiro momento da relação de *Veja* com o processo de impeachment, mas ainda convivendo com as tentativas de conciliação. Na semana seguinte, fala sobre o "*depoimento que não se pode ignorar*", de Pedro Collor de Melo, afirmando que "*como a missão da imprensa é buscar a verdade, apurando os fatos com rigor, VEJA considera que vem cumprindo esse objetivo na cobertura do caso*".[565] Ou seja, para introduzir um depoimento que seria tão importante, há um pedido de desculpas: "*por mais que se lamente a dor pessoal e familiar*", teria se visto impelida a tomar uma posição e publicá-lo. A partir daí, e somente então, "*para o Brasil, importa agora, que as denúncias sejam investigadas até o fim pelas instituições competentes*".[566] Somente então o problema passou a fazer parte dos editoriais, mesmo que a contragosto, pois vem acompanhado de um certo desinteresse: "*é legítimo desejar que os temas da revista fossem mais amenos, ou nobres*".[567] Mas logo é transformado em forma de promoção por parte da própria revista,[568] chegando a ver as mobilizações populares como um "sentimento nobre" daqueles que "*pagam seus*

---

564 Outra surpresa no caso PC. Carta ao Leitor. Veja. 20/5/1992, p. 15. Os documentos relativos à CPI de PC Farias podem ser encontrados em: CARVALHOSA, Modesto. (Coord.). O livro negro da corrupção. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

565 Depoimento que não se pode ignorar. Carta ao Leitor. Veja. 27/5/1992, p. 15.

566 Mudanças radicais no sistema. Carta ao Leitor. Veja. 3/6/1992, p. 15. Nessa edição se noticia o destaque da imprensa internacional ao caso e à entrevista.

567 Notícias ruins nas horas impróprias. Carta ao Leitor. Veja. 10/6/1992, p. 15.

568 Veja conseguiu outras importantes fontes para o processo, incluindo-se uma entrevista com o ex-aliado de Collor, Renan Calheiros. (As instituições funcionam bem, Carta ao Leitor. Veja. 24/6/1992, p. 15.). Além disso, foi apenas a partir da entrevista de Pedro Collor que houve elementos para abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito.

impostos, detestam a corrupção e têm horror à hipocrisia" e "*em troca, usufruem de serviços públicos deploráveis*".[569]

Mas ainda nesse momento a revista apostava na possibilidade de rearticulação de forças em torno do presidente Collor, o que poderia ser proveitoso para o seu projeto político. Por isso publicou a capa sugestiva onde lançava a questão: *no que vai dar a crise*, e optava por "*Collor continua, fraco*", em detrimento de "*impeachment*", ou mesmo "*renúncia*".[570] Sintomaticamente a tarjeta da capa era: *CORRUPÇÃO. Funcionário de Fleury tenta subornar jornalistas*, ou seja, buscava desviar o foco da questão central. As páginas amarelas trazem a entrevista com o título: *Escola de corrupção,* onde se destacava que "***a demora da reforma fiscal pode ser um risco maior para as instituições do que um eventual impeachment***".[571] Em vários momentos a afirmação se repete com destaque, ainda que sob forma de citação: "*ninguém pode atirar a primeira pedra.* ***Somos todos corruptos***".[572] Ou seja, a posição está clara, deve-se deixar tudo como está, punir alguns casos exemplares e manter Collor no governo. Perceba-se que até o final da cobertura *Veja* continuou dando espaço para Paulo César Farias, dando a entender que a sua punição resolveria os problemas maiores.[573]

Agora era o momento de ruptura, o que levava ao elogio da própria imprensa que podia aparecer como "neutra", ou ainda, assumindo o posto de "quarto poder", que permitira dizer que "Veja derruba presidentes". E aqui ela se defende da sugestão de Marcos Coimbra de criação de uma CPI para investigar "*a ação deletéria da imprensa na estrutura social do país*".[574] Nesse momento está claro que as alianças com Collor e seu governo se rompiam. Não deixa de ser interessante a denúncia por parte do embaixador de Collor no sentido da ação da imprensa na estrutura social do país, rompendo assim os seus vínculos de proteção. Na capa dessa edição, além das provas de ligação entre PC Farias e Fernando Collor, que tinha suas

---

569 A indignação é um sentimento nobre. Carta ao Leitor. Veja. 1/7/1992, p. 15.
570 Capa. Veja. 1/7/1992. Ver anexo.
571 Eduardo Gianetti da Fonseca. **Escola de corrupção.** Veja. 1/7/1992. na apresentação da entrevista se diz que "o economista diz que a inflação estimula falta de ética e que, no Brasil de hoje, a riqueza e o lucro são vistos com desconfiança". Entrevistado por Ricardo Galuppo.
572 Frase atribuída a Mario Amato. Grifos meus. O dinheiro é seu. 1/7/1992. Veja. p, 26.
573 Na edição anterior à do impeachment, a revista dedicou duas páginas a PC: "A voz do vilão: PC Farias desmente o envolvimento com tráfico de drogas, conforma-se com o destino e aposta que não irá cumprir pena na prisão". Trata-se de uma entrevista em que ele pode opinar sobre vários temas, desde as acusações, ao seu "ressentimento", "misticismo" e "o futuro". Veja. 23/9/1992, p. 28.
574 A imprensa está trabalhando muito bem. Carta ao Leitor. Veja. 8/7/1992, p. 15.

contas pessoais pagas pelo empresário, lemos a tarjeta: "*Deputado José Serra: a renúncia é a saída*".[575] Ou seja, um aliado de *Veja*, aponta para a possibilidade de que Collor facilitasse as coisas e renunciasse.

Uma posição explícita de *Veja* favorável ao impeachment só foi tomada em editorial de 2 de setembro, um dia depois de começar a tramitar na Câmara dos Deputados o processo de impeachment do presidente. É justamente nesse período que se formou um "*governo de transição, por iniciativa dos Ministros Célio Borja, Jorge Bornhausen e Marcílio Marques Moreira, todo o Ministério assinou uma nota que, na prática, informava que a tripulação dispensava o comandante, e declarava permanecer no cargo apenas para garantir a governabilidade*".[576] Ou seja, dava-se a transição, mas também sob controle, tendo como central o poder jurídico, o PFL e Moreira, todos privatistas e pelo passado de suas agremiações políticas, dispostos a manter a guarda do poder a qualquer custo.

Veja agora era clara no sentido da impossibilidade da manutenção das alianças políticas. Em editorial de página inteira anunciava: "***O presidente deve sair*: *abriu-se um fosso irremediável entre o Brasil e Fernando Collor de Mello***".[577] Naquele momento dizia que ele "*não conta mais com o respeito dos brasileiros. Está sem condições de governar o país e representá-lo no exterior. Não tem credibilidade para apontar caminhos, exigir sacrifícios, forjar acordos, convencer um povo inteiro da necessidade premente de reformas estruturais*".[578] Ressalte-se aqui que não se fala em impeachment, mas em saída do presidente, ou seja, renúncia. O final dessa história já é conhecido, redundando no fim do governo de Fernando Collor. Definida a certeza em torno disso, a derrubada de Collor contou com a participação de *Veja* no sentido até mesmo do apoio às manifestações populares, ainda que interpretando-as a seu modo.[579]

---

575 Renúncia é acordo. Entrevistado por Paulo Moreira Leite. 8/7/1992. Veja. p. 7. "O líder do PSDB diz que Collor perdeu autoridade e que o governo se tornou incapaz de vencer a inflação e retomar o crescimento". Ou seja, o destaque é o projeto não avançado.

576 RODRIGUES, Alberto Tosi. O impeachment do Presidente Collor. www.politica.pro.br/art_tosi_imp.rtf, p. 30. Segundo o autor, desde agosto esses ministros teriam feito um pacto entre os "ministros de mãos limpas", visando "agir em conjunto diante da crise".

577 O presidente deve sair. Carta ao Leitor. Veja. 2/9/1992, p. 17.

578 Idem.

579 Como nas capas e suas respectivas reportagens: Anjos rebeldes: colegiais na rua pedem a saída de Collor, 19/8/1992; a guerra do impeachment: Collor parte para o contra-ataque, o PFL entra em pane, cresce a pressão pela renúncia, 2/9/1992. As mobilizações populares eram notadamente pelo impeachment, e não pela renúncia

A partir daqui, a ruptura foi total. *Veja* foi inclusive intimidada pelo presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho, que questionou empréstimos obtidos pela revista,[580] o que foi usado para auto-promoção. Mas a síntese da construção positiva em torno de si está na charge publicada junto ao editorial de 8 de julho, intitulado "*a imprensa está trabalhando bem*",[581] onde o presidente aparece dizendo que convocou uma reunião ministerial apenas para "*cancelar a assinatura de VEJA*". Mesmo entre pessoas críticas nesse momento cria-se uma aparência de consenso em torno do papel positivo da revista, como se percebe em outra charge de Luis Fernando Veríssimo, republicada em editorial de Veja, em que o personagem "Dudu, o alarmista", sai correndo, alarmado com a "*nova edição de Veja*".[582]

A revista publicou uma edição extra sobre o impeachment, em que Collor aparece na capa de costas, com a manchete: "CHEGOU A HORA", de "Collor sair". No mesmo dia, uma edição extra anunciava: "CAIU!". Ou seja, o "problema Collor" fora resolvido dentro da ordem. Restava agora os entendimentos no governo de Itamar Franco.

Com isso discordamos de que *Veja* tenha tomado posição para resolver um "dilema jornalístico", como defende Emiliano José.[583] Segundo ele, o padrão jornalístico teria falado mais alto e feito a revista tomar essa medida. A leitura aqui proposta mostra que a correlação de forças foi decisiva para tornar inviável a sustentação de Collor no poder, mas *Veja* buscou enquanto pôde manter isso no campo político. Os embates diários do processo no Congresso Nacional, mas sobretudo as mobilizações populares foram decisivas para levar à derrubada do presidente.[584] Não fosse isso talvez teria sido possível a Collor consolidar a rearticulação dos novos grupos em torno de seu projeto e manter a governabilidade. Nos parece que esta visão genérica é fruto da histórica leitura que faz a desvinculação entre o projeto mais amplo e a

---

como ainda busca induzir Veja ao falar em "pressão pela renúncia", tendo como fundo mãos pintadas de verde e amarelo de "caras-pintadas".

580 O jogo sujo da retaliação. Carta ao Leitor. Veja. 15/7/1992, p. 13. A revista publicou uma capa irônica com uma foto-montagem de Coutinho com um chapéu de cangaceiro e a manchete: O pistoleiro do Planalto: o presidente do Banco do Brasil ameaça empresários e políticos. 15/7/1992. Veja. A tarjeta insistia: DÍVIDA EXTERNA. Um bom acordo.

581 8/7/1992. Carta ao Leitor. Veja. P. 13. Está implícita aqui a consciência de que a cobertura do processo não foi exclusividade da revista a Abril, mas contou com outros órgãos, especialmente a revista IstoÉ. Aqui Veja busca construir a idéia de que sua "aliança" se daria com os demais órgãos jornalísticos em torno da "boa imprensa", apagando seus compromissos de classe que até aqui prevaleciam nos editoriais.

582 Charges em anexo.

583 JOSÉ, Emiliano. Op. cit., p. 55.

584 Como mostra: RODRIGUES, op. cit.

ação política da grande imprensa, que no mais das vezes é condescendente com a corrupção e favorecimentos pessoais, desde que seja permitida a hegemonia política em torno de um programa econômico e seus interesses de classe.

Veja seguiria comemorando o impeachment, atribuindo-lhe o significado que lhe pareceu mais adequado, ou seja, privilegiando seu papel na última parte do processo, como se desde sempre tivesse sido assim. Ainda nesse ano *Veja* criou para sua campanha publicitária um anúncio que buscava consolidar essa visão sobre os fatos: *uma revista é indispensável quando ela pertence a um só partido: o do leitor*, usando como referência justamente a "República de Alagoas".[585] Assim, a revista criou sobre si mesma uma versão que ressalta apenas um aspecto da sua posição com relação ao governo Collor. Oculta-se o seu posicionamento editorial, permanentemente repetido, de que o mais importante era a manutenção do governo em nome do projeto em comum. Também por isso, a revista encerra o ano com uma capa que busca consolidar o apagamento da história: o desenho de Collor com o terno de posse da presidência transformado em uma camisa de força em fundo verde e amarelo, e a legenda: "*1992: o ano glorioso em que nos livramos delle*".

3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

A atuação *partidária* de *Veja* delineou-se de forma mais explícita neste capítulo, perceptível na leitura sistemática do todo. Trata-se se uma atuação articulada, parte do "jogo da direita", com um conjunto expressivo da elite nacional em torno da manutenção de seus próprios interesses. Nesse momento centram-se na política de redimensionamento do Estado, das privatizações, e da abertura ao capital externo, o projeto neoliberal de forma mais ampla.

O impeachment de Collor, à luz dessa leitura, foi fruto de sua própria incapacidade de articular-se ao projeto, pois todas as ofertas foram feitas visando apagar seus "exageros" e "manter o rumo". Ao fim do processo, as mobilizações populares acabaram sendo decisivas para efetivar o impeachment. O peso desse processo e a participação de *Veja* pode ser sintetizado na publicidade (já citada) da própria revista. O texto diz que: "*Mesmo sendo imparcial e apartidária, Veja já mudou mais a história do país do que muito revolucionário*

585 Em anexo.

por aí. Veja. Os olhos do Brasil".[586] A fotografia mostra uma mulher, casada, lendo a revista relativa à capa em que "*Pedro Collor conta tudo*". Ou seja, esta é a atuação da revista com relação à história que ela quer consolidar, e não os seus elogios ao PFL, sua cobrança de rumo, seus alertas aos empresários. E faz isso se consolidando também como "*os olhos do Brasil*", aqueles que supostamente vigiam, que seriam capazes de representar todos os sentimentos do "sujeito Brasil" e que mostram ao leitor: "veja você". E além disso, a revista se distingue dos "revolucionários por aí", querendo fazer concluir que estes, enganados, não fariam história de fato, a própria revista, que seria muito mais ativa que revolucionários, "esquerdistas" ou "comunistas". Há a utilização de um instrumento de linguagem chamado denegação: a revista não pode negar que "faz história" concretamente. Mas diz isso de forma reinterpretada, se ocultando no mito de que é imparcial e apartidária, quando o que estamos aqui mostrando é seu caráter claramente partidário e portanto, sempre parcial, formulador e organizativo.

Existiu uma discrepância entre o jornalismo de *Veja*, expresso inclusive em suas capas, e em investimentos de reportagem em torno da crise política e impeachment de Collor. A linha editorial, enquanto foi possível, buscou um entendimento para a manutenção da governabilidade. A posição expressa em editorial desconsiderou os avanços das investigações jornalísticas que comprovavam o envolvimento do presidente com os esquemas de corrupção. Esse entendimento envolveu grupos que se colocaram no apoio do presidente, especialmente o PFL, mas também o PSDB que fez campanha pela renúncia de Collor, o que se esperava, arrefeceria as manifestações e manter tudo como estava. As posições formuladas em vista da organização do consenso e das medidas políticas nesse sentido estiveram em consonância com o Fórum Nacional.

As elaborações políticas expressas em reportagens, entrevistas, e publicações diversas estiveram em acordo com aquelas elaboradas pelo Fórum Nacional, que por sua vez teve seus membros e intelectuais prestigiados nas páginas de *Veja*, apontando-se para uma simbiose em termos de estado-maior da política nacional. Mas, isso não significa que *Veja* seja uma revista por definição "governista". A investigação sobre a cobertura do governo de Itamar Franco deverá mostrar isso, no próximo capítulo.

---

586 Peça publicitária veiculada em 15/9/1999. Em anexo.

CAPÍTULO 4
Governo de Itamar Franco: *Veja* segue *apontando caminhos*

O objeto desse capítulo é o posicionamento político de *Veja* durante o governo de Itamar Franco. A análise p arte do projeto político apresentado anteriormente, procurando perceber: o que a revista fez para que fosse colocado em prática? Como se configurou em um programa de ação? Qual foi o eixo da ação, se o Congresso Nacional ou o Executivo? A quais interesses de classe defendeu e a quais atacou.

Metodologicamente, prossegue a dificuldade de equilibrar uma forma de apresentar que a revista é tendenciosa, ou mesmo manipuladora, sem com isso rebater a tudo o que ela diz. Nos interessa o sentido mais amplo de sua ação. Neste capítulo analisamos os editoriais, mas o principal foco foram as matérias da revista. A seleção foi feita sempre buscando como a revista está posicionando frente ao rumo mais amplo do governo (a grande política), ou seja, a implementação das medidas de abertura, a reforma na Constituição, as privatizações. Todas as matérias políticas e econômicas foram lidas, mas delas buscamos destacar o que nos pareceu mais condizente com as questões que estamos procurando. Fatos subsidiários como a corrupção - altamente relevante, que gerou CPI inclusive - não foram aqui abordados, pois nos deslocariam do foco de análise.

Estava em questão consolidar um projeto em nível de governo, o que seria alcançado com o Plano Real. Durante o governo de Itamar Franco *Veja* permaneceu levando a diante o embasamento ideológico da construção de um "projeto nacional", exercendo as funções de cobrar, denunciar, exigir atitudes políticas. O programa de ação tem o eixo no modelo neoliberal, das privatizações, da abertura ao capital externo, mas também das mudanças dos hábitos de consumo e comportamento.

O capítulo se divide em três partes que não são fases, pois ocorrem paralelamente. Na primeira parte trata-se da cobertura da revista sobre o governo, apontando para a sua função vigilante, cobrando sempre as ações do governo. Mais que isso, a revista exigiu a elaboração de um projeto e um programa de ação. No segundo ponto constatamos que a própria revista assume o papel de propor um projeto para o governo, o que de resto ela já estava fazendo. Ela traz modelos, exige a reforma constitucional, explica como a mesma deve ser feita, interpreta o momento e o contexto. E no terceiro ponto, tratamos da atuação da revista na busca de consolidar o projeto que se iniciava com o Plano Real, construindo o apoio a candidatura de Fernando Henrique Cardoso e ajudando a elegê-lo.

4.1. VIGIAR E AMEAÇAR: A COBERTURA DO GOVERNO ITAMAR

4.1.1. Itamar Franco: um "governo pífio"?

Itamar Franco assumiu a Presidência da República em 2 de outubro de 1992. Eleito como vice-presidente na chapa de Fernando Collor, não existem em *Veja* registros significativos de sua presença no governo até aquela data, nem mesmo no período de campanha eleitoral. Diante de uma situação de descontrole econômico e político, gerado pelo impeachment, que desorganizou as relações de poder, a revista priorizou a retomada de controle dessas relações pelos políticos. A atuação da revista não foi de "espectadora" e "transmissora": auto proclamando-se neutra e vigilante, ela agiu de forma organizativa e muitas vezes dirigente. Esse mote repetido à exaustão, queria fazer supor que *Veja* era apenas um "espelho" da realidade, como se fosse um sujeito neutro, obscurecendo sua atuação *partidária*. A cobrança mirava o Executivo, cobrando dele definição de posições. Já na edição especial sobre o impeachment *Veja* cobrava de Franco:

> Cabe a Itamar Franco cumprir o programa com base no qual foi eleito. Um programa que visa pôr fim aos cartórios e ao protecionismo. Que **prega o desmonte do corporativismo e a privatização de empresas estatais que a iniciativa** [privada?] pode gerir de forma a aumentar a produtividade da economia brasileira. Sem a **modernização do Brasil não haverá como sairmos da miséria**.[587]

587 Lição de democracia. Carta ao leitor. Veja. 30/9/1992, p. 5. Grifos meus. Esse é o editorial da Edição Extra sobre o impeachment. Nela a revista relembra todas as capas que publicou sobre o tema. Já aqui há uma seleção

Se antes desvinculou Itamar Franco do governo para dar tom de naturalidade à sua posse, agora buscava atrelá-lo ao projeto desse mesmo governo. Utiliza para isso os mesmos recursos discursivos, apontando o seu programa como símbolo de modernidade, como se ele pudesse ser praticado em nome de todos que estariam supostamente preocupados com a miséria. Tendo em vista o processo do impeachment e seu desenlace, é possível supor que *Veja* ficou sem alternativas quanto ao apoio ao presidente. Existia um desejo popular de que houvesse novas eleições, o que sequer foi mencionado, porque fugia aos interesses expressos na revista. Desde o início se percebe a pouca proximidade de *Veja* com o novo presidente (a quem a revista havia dedicado até então pouca atenção)[588] e progressivamente, a discordância aberta com relação a suas práticas. O apoio oferecido é claramente delimitado desde o início pela cobrança, antevisando a marcação cerrada que o presidente teria de uma imprensa umbilicalmente comprometida com um projeto político. Como prova de sua "vigilância" e de que deveria ser levada em conta pelo novo governante, a própria editora Abril "comemorou" o impeachment, colorindo seu prédio de verde e amarelo e explicitando: "*a Abril comemora: o país quer mudanças*".[589] Portanto, a Abril se colocava como portadora de "todo o país", mesmo que com isso oculte os conflitos existentes no próprio impeachment. Produziu publicidade específica, mais uma vez apresentando-se como sujeito, retomando a simbologia da nacionalidade brasileira como amálgama do seu programa de ação, de forma demagógica: "*quanto a nós do grupo Abril, continuaremos com o Brasil, acreditando, investindo, imprimindo nossos princípios em nossas ações. Para que a árvore cresça para todos*".[590] A editora se coloca como não sendo parte do Brasil, se põe de fora para melhor poder cobrar: ela daria uma chance – implícita a ameaça - , e por enquanto, continuaria "com o Brasil".

---

no sentido que ela busca dar ao processo, só retomando as capas em que divulgava questões diretamente vinculadas ao impeachment. As que buscavam dissuadir dessa saída foram deixadas de fora.

588 Na edição especial sobre o impeachment há uma reportagem sobre o novo presidente, "um vice com fama de honesto e turrão". As arestas de Itamar. Veja. 30/9/1992, p. 12. Há outras referências a ele antes, mas não sobre o seu projeto político e programa de ação.

589 É preciso ao menos um programa. Carta ao leitor. Veja. 7/10/1992. Legenda da fotografia do prédio da Abril, em São Paulo, colorida de verde e amarelo. Quanto à votação do impeachment, a revista destacou alguns poucos deputados e senadores. Dentre estes, Roberto Campos, que saíra do hospital para votar e declarara: "foi uma sensação estranha ser aplaudido maciçamente num lugar onde estava habituado a ser vaiado". Idem, p. 56.

590 A primavera voltou. Publicidade da Abril. Veja. 7/10/1992. p. 59. A árvore, símbolo da editora, foi pintada de verde e amarelo, porque, "o verde voltou para a bandeira da dignidade e da esperança (...) um país que sai da lama como uma flor". Ainda assim, o "ponto de vista" que encerra a semana sob o título "lições de vida" é franqueado a PC Farias, que ganha a legenda: "aguardo, sereno e confiante, a manifestação da Justiça brasileira". p. 114.

A capa da primeira edição sob o governo, é taxativa: "*INÍCIO PÍFIO: Itamar monta um ministério de compadres*",[591] idéia corroborada no editorial: "*o presidente deve* ***apontar caminhos***", sendo essa a "*principal missão do presidente. Ele deve afirmar o que pretende fazer, argumentar em favor de suas idéias,* ***convencer a nação***".[592] Para a revista, ele "*monta um governo que decepciona a todos*",[593] portanto, ligando com a fala anterior, "ao país", e à Abril. A revista fala da "*cadeia de equívocos que marcou os passos de Itamar Franco desde que a crise explodiu*", e cobra que ele "*não preparou um programa, não definiu prioridades*".[594] Dentre os argumentos contrários a Franco estaria a sua "mineirice", assunto que rende três páginas do que seria uma "reportagem", com citações de cientistas políticos como Bolívar Lamounier e Cândido Mendes que conclui que o presidente "*possui a* ***excelência da mediocridade*** *para fazer um bom governo*".[595]

A cobrança por parte da revista permanece ao longo do ano: "*o presidente lança a itamaroxia, um estilo que trata problemas econômicos no varejo e mistura preocupação social com pura demagogia*".[596] A falta de apoio continua quando informa que "*governo aponta irregularidades nas indústrias cimenteiras e processa o cartel mais poderoso do país*".[597] Após a preparação prévia do terreno, apresentando a imagem de um presidente "caipira", *Veja* produziu uma matéria especial para definir "o que o governo deve fazer" com relação aos "ajustes que faltam", que seriam ajustes fiscais e reformas administrativas. Persiste a tensão com a Fiesp e, em função do clima de redefinições,

---

591 Manchete de capa. Veja. 7/10/1992, com uma fotografia de Itamar Franco apreensivo.
592 O presidente deve apontar caminhos. Carta ao leitor. Veja. 25/11/1992, p. 17. Grifos meus. O texto do editorial coloca-se como o intermediário de um "público" que supostamente não saberia o que pensar e Veja que explica, demarcado pelas expressões "reconheça-se que" ... "há dificuldades" (três vezes repetida); mas "constata-se que"... "o governo federal vem agindo de uma maneira que aumenta os problemas".
593 O Brasil cai na real. Veja. 7/10/1992, p. 34. A longa matéria demarca a posição de criticar os escolhidos por Franco, reafirmar a posição pela "abertura de mercado", lembrando inclusive da figura de José Serra, de forma decepcionada, pois o mesmo só teria sido chamado para a "mesa de negociação quando a vaga já fora preenchida". (Legenda da fotografia de Serra, p. 48.) Dentre as "acusações" contra o governo estaria o "complô da mineirice". O adjetivo representaria um "guarda-chuva agradável para quem o empunha, sob o qual se abrigam algumas virtudes, várias limitações e muitíssimas velhacarias". Complô da mineirice. Veja. 7/10/1992, p. 60.
594 O Brasil cai na real. Veja. 7/10/1992, p. 34.
595 Complô da mineirice, p. 62. Grifos meus.
596 A vitória da vaca. Veja. 11/11/1992, p. 90.
597 O abuso do cimento. Veja. 11/11/1992, p. 92. Nessa edição inicia a campanha de denúncias contra Orestes Quércia. A capa traz uma fotografia do político tem como manchete: O POLÍTICO DE 52 MILHÕES DE DÓLARES: a incrível história do jovem pobre que conseguiu fazer uma fortuna visível de multimilionário. Veja. 11/11/1992.

> Os **mauricinhos da Federação das Indústrias de São Paulo** (...) foram até Brasília conversar com o **chefe deles, Itamar Franco**. Falaram do bem do Brasil, em geral, e do aperto dos impostos em particular, sem perder a oportunidade de pedir a compreensão do presidente para os sonegadores da Fiesp, que querem uma moratória de dois anos.[598]

Com uma fotografia da reunião, não volta a se tocar no assunto. Mas fica registrada a suposta aproximação do governo com a Fiesp, tida pela revista como símbolo do atraso, que, portanto, deveria ser combatida. Segundo informa a revista, a Fiesp entregou um documento ao presidente que é "*um couro de tambor reberverando as mesmas idéias que o presidente vinha defendendo*".[599] Este seria um foco de dificuldades para a implementação do programa de abertura.

Quanto aos ajustes, *Veja* define de forma absoluta que "*não há virtualmente um único brasileiro de boa vontade que não o entenda como uma questão de vida ou morte para a organização do Estado*".[600] Diante da possibilidade de aumento de impostos, *Veja* buscou convencer de que isso seria um erro, como é expresso por José Serra: "*o risco é que o ajuste fiscal seja encarado como mais uma panacéia para todos os males*".[601] Também a partir dos cálculos do deputado conclui-se pela inocuidade da criação da IPMF, sendo "*o fim do sonho da reforma fácil*".[602]

No episódio da demissão do ministro da Fazenda, Gustavo Krausen, *Veja* tornou clara sua opinião sobre o presidente. A demissão teria sido provocada pela conversa com um professor que "*fala o que os políticos gostam de ouvir*", e "*não gosta de privatizações e já pregou no passado a utilidade de calotes em credores estrangeiros*".[603] Seria "*um economista de visão oposta a de Haddad e Krause, mas faz bastante o gênero intervencionista do presidente Itamar Franco, um político ávido por soluções rápidas*".[604] Isso levou a chamar o presidente de populista, porque estaria interessado apenas em medidas que agradassem à

---

598 Os ajustes que faltam. Veja. 2/12/1992, p. 74. Grifos meus.
599 Farol apagado. Veja. 6/1/1993, p. 69.
600 Os ajustes... op. cit.
601 Idem, p. 75. Além de Serra são ouvidos ainda Delfim Netto, Francisco Dornelles e Ives Gandra.
602 Idem, p. 77. Também nessa edição a revista noticia a modificação do projeto relativo aos portos brasileiros: "a bancada do atraso ancorou no Senado. (...) O projeto de modernização dos portos não poderá mais ser chamado por este nome", responsabilizando os "senadores conservadores, como o tucano Mario Covas e o petista Eduardo Suplicy" que "agiram para manter o fisiologismo". Assim, não foi vitorioso todo o empenho da revista no caso. Voto pela máfia. Veja. 2/12/1992, p. 89.
603 Conta fechada. Veja. 23/12/1992, p. 26.
604 Idem.

população, como a queda dos juros. Cita, inclusive, uma pesquisa do Ibope que "*revelou que sua popularidade aumentou. Todos os governos populistas são assim. Recebem aplausos na arrancada, como aconteceu com Salvador Allende, no Chile, e Alan García, no Peru. Um ano depois, a inflação explode, o PIB desaba, o abastecimento se deteriora e a insatisfação começa a se instalar*".[605] O tom de ameaça está no ar na referência a Allende, associado ao "intervencionismo" e "populismo" de Itamar.

No início do ano de 1993, a revista era obrigada a recuar, pois uma pesquisa de opinião demonstrava alta credibilidade em relação ao presidente a quem dava uma nova chance, como expressava no editorial: "*agora é mesmo pra valer*". Diz que vai considerar como um "ensaio" o período anterior, "*um treino que serviu para a prova da administração efetiva*".[606] Apresentava duas avaliações. Na primeira, desqualificava a Fiesp como subserviente e, em seguida, indica suas próprias reivindicações:

> O novo presidente conta com o apoio efetivo de um grupo de políticos, e os empresários da Fiesp já sinalizaram a confiança em sua capacidade para dirigir os rumos da economia, num gesto de óbvia bajulação que talvez indique mais um estado de subserviência e oportunismo do que propriamente uma concordância ideológica.[607]

Abaixo apresenta sua própria posição e demandas:

> Não se espera dele nenhum milagre. A expectativa é de que supere a hesitação das primeiras semanas, quando se prendeu ao varejo e omitiu-se nas metas. (...) Seria proveitoso para sua administração que ampliasse o círculo íntimo de ministros e amigos de que tem lançado mão para suas decisões, abrindo as portas desse clube fechado à influência de um **número maior e mais qualificado de consultores**. Não se pode esquecer a necessidade de prosseguir com a **abertura da economia**.[608]

Assim, sua posição se choca com a da Fiesp e com os encaminhamentos do presidente. A revista quer um "projeto claro", de "abertura da economia" e para isso, busca credenciar seus pares, ou seja, "consultores qualificados", aqueles que vinham sendo preparados em torno do projeto compartilhado. Já na capa, a revista assumia o papel dirigente, norteador: "O QUE É PRECISO PARA DAR CERTO",[609] corroborado pela manchete da matéria: "A HORA DA

---

605 Idem, p. 28.
606 Agora é mesmo para valer. Carta ao leitor. Veja. 6/1/1993, p. 15.
607 Idem.
608 Idem. Grifos meus.
609 Veja. Capa. 6/1/1993. A fotografia traz o presidente sorridente, pela primeira vez.

VERDADE: *na semana em que deixou a interinidade, Itamar Franco afastou o risco de choques econômicos e avisou que vai prosseguir nas reformas modernizadoras. São boas novas para o início de sua gestão, num momento em que o Brasil se livra do problema Collor de Mello e entra num ano decisivo*."[610] Como de costume, a matéria apresentou um quadro na parte inferior de quatro páginas da reportagem, com fotografias e frases de "pessoas públicas" que avaliavam a situação. Dentre elas, artistas, políticos e intelectuais. Destacam-se algumas falas que apontavam para caminhos em disputa:

> 'A modernização econômica e a modernização social podem vir juntas. É importante definir uma estratégia de desenvolvimento que permita que as altas tecnologias forneçam o investimento em capital humano'. João Paulo dos Reis Velloso.[611]
>
> 'É hora da revolução econômica e de enfrentar a *inflaids*, a inflação que não tem cura. Controle de gastos de Estados e municípios já é um passo. Já há projetos que limitam o pagamento de funcionários a 60% da receita.' José Serra.[612]

Demarcam-se os mesmos referentes: Serra e Fórum Nacional. Para concluir a matéria, insistia mais uma vez na definição de uma agenda, citando Simonsen e Delfim Netto, cujas posições aparecem como óbvias:

> Na agenda imediata da reorganização do Estado brasileiro há medidas de necessidade óbvia. Privatizar as empresas que transformaram o Estado em produtor de mercadorias é uma delas. Outra é acabar com o sistema fascista de organização dos portos nacionais, que dá prejuízo de 5 bilhões de dólares anuais ao país. É preciso insistir no programa de abertura ao comércio internacional. A essas providências somam-se a reforma fiscal e o combate à sonegação. 'A combinação dessas medidas vai ajudar a recuperar a capacidade financeira e administrativa do Estado', diz o economista Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda.[613]

É, portanto, enfática a defesa de posição, qualificando até de fascista aquela que seria uma posição contrária. Em sintonia estavam as palavras do presidente do Grupo Abril, Roberto Civita, que anunciava palavras de alento, reafirmando posição, também mostrada

---

610 A hora da verdade. Veja. 6/1/1993, p. 16.
611 Idem, p. 18.
612 Idem, p. 19
613 Idem, p. 22. Outro tema apontado seria o sistema político e as formas de representação, apontado por Delfim Netto. Essa é uma das questões principais discutidas pelo Fórum Nacional em 1992: "Como evitar uma nova 'década perdida': o Brasil e as reformas políticas". (VELLOSO, Coord. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992).

como inexorável: "*vamos continuar as mudanças*",[614] colocando-se como agente desse processo:

> Como praticamente o mundo inteiro já descobriu, as saídas são simples de enunciar e difíceis de implantar: precisamos estimular a competição e a eficiência, trocar o papel produtivo do Estado por um papel normativo e incentivar os investimentos no lugar da especulação. Precisamos, também, passar a sonegar menos e exigir que os governos roubem menos e desperdicem menos ainda.[615]

Por essa época ocorreu uma nova reunião do Fórum Nacional, novamente elogiada em *Veja*: "***oficina de idéias**: enquanto Itamar se preocupa com o ágio dos carros, fórum discute saídas para a crise econômica*".[616] A pauta que a revista ressalta é a inflação, apontando um ponto de polêmica com o governo: "*um grupo de pouco mais de 100 economistas, sociólogos e políticos, todos com um currículo de peso não pensa bem assim. (...) Anote-se a opinião comum desse clube: na altitude atual da inflação, guerrilhas setoriais contra os preços não funcionam*".[617] A revista apresenta o Fórum como a alternativa, cujo projeto deveria ser rapidamente aplicado.[618] E está devidamente contraposto ao governo e suas posições de proximidade com a Fiesp.

---

614 Roberto Civita. Vamos continuar as mudanças. Ponto de Vista. Veja. 6/1/1993, p. 78.

615 Idem. Civita enuncia uma série de medidas que deveriam ser tomadas pela imprensa, de manter-se como fiscalizadora; e pela população, de continuar cobrando, "incluindo todos os cara-pintadas que tanto contribuíram para a deposição do **presidente que nos traiu"**; alerta sobre a importância do Plebiscito e a legislação eleitoral; e também pela organização de associações que mobilizem para "varrer do cenário os políticos e empresários comprometidos com os tradicionais esquemas de privilégios e corrupção", denotando a decepção de Civita e a demarcação de que "o projeto de Collor".... estava correto. Grifos meus.

616 Oficina de idéias. Veja. 12/5/1993, p. 74. Uma fotografia mostra a reunião do Fórum. De fundo aparece uma faixa: "O BNDES dá boas vindas aos participantes do V Fórum Nacional". Idem. Tivemos neste período a realização do Plebiscito sobre forma e sistema de governo, esvaziado de peso político, recebeu pouca cobertura, embora a opção parlamentarista sempre ficasse guardada para momentos de dificuldades.

617 Idem. Segundo o INAE: "com o V Fórum Nacional, realizado em São Paulo (tema: As Bases do Desenvolvimento Moderno), **consolidou-se, no âmbito da instituição, proposta concreta de estratégia nacional de desenvolvimento**, a qual, na percepção dos membros do Inae/Fórum Nacional, emergiu gradualmente, nos primeiros anos da presente década, a partir da confluência de decisões e ações, públicas e privadas, muitas das quais apresentadas e discutidas nos quatro Fóruns anteriores. Durante a reunião, foram discutidos, nos seis painéis: 1) As precondições do crescimento: **estabilização e reforma do Estado**; 2) **Novo modelo de desenvolvimento para o Brasil**; 3) O novo modelo: aceleração do progresso técnico-científico; 4) O novo modelo: modernidade e pobreza; 5) O novo modelo: estratégias para nova inserção internacional do Brasil; e 6) O novo modelo: agenda de modernização e sistema político-institucional". www.inae.org.br. Grifos meus.

618 Dentre os seis livros relativos ao V Fórum, cabe referir um, de responsabilidade de João Paulo dos Reis Velloso (Inovação e sociedade: uma estratégia de desenvolvimento com eqüidade para o Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio, 1994), que sintetiza o novo modelo de desenvolvimento emergente no país, tal como visualizado pelo Inae/Fórum Nacional. www.inae.org.br. O livro é dividido em três partes que visavam pautar o debate político: inovação e sociedade: desenvolvimento com equidade; reforma fiscal, inflação e sociedade; reforma da Constituição: agenda mínima.

O clima de crise e de indefinição do governo estava sendo construído com denúncias de corrupção diversificadas[619] e de ausência de um "plano econômico eficiente". A revista buscou causar impacto, publicando uma capa sintomática: "A CRISE E O HOMEM: *o papel do presidente num Brasil sem rumo*".[620] Dessa vez são ouvidas 23 "personalidades" que opinavam se a crise era o não devida a Itamar Franco:

> 'Não. Itamar é efeito, não causa. E resulta de um projeto errado, que vem desde a Nova República e teve como conseqüência a Constituição de 1988'. Mario H. Simonsen, ex-ministro da Fazenda.[621]
>
> 'Sim, a crise é Itamar. Ele decide na hora errada, transmite insegurança e causa dispersão no governo. É um líder ruim com ministros capengas'. José Genoíno. Deputado.[622]
>
> 'Não. Nenhum presidente consegue agravar uma crise estrutural e antiga. A crise é herança e só a reforma do Estado pode resolvê-la.' Ibsen Pinheiro. Deputado Federal.[623]

A conclusão da revista é de que "*a crise é maior que o presidente: a maioria acha que Itamar só faz piorar o panorama do país, mas a saída cabe aos políticos*".[624] Portanto, seria esse um alerta ao Congresso Nacional. O governo era caracterizado pela revista como sendo de "*monotonia: hesitação, gosto em se apoiar nos amigos e não nos mais capazes, insegurança, ineficiência, demagogia e, fundamentalmente, ausência de prioridades*".[625] Atribui isso à falta de projeto, pois o governo era mostrado como tendo apoio "de todos", "*não há a rigor, oposição articulada contra Itamar*". Assim, "*as lideranças políticas não apenas são responsáveis pelo que ocorre no governo Itamar como devem agir para exorcizar o espectro da ruptura do quadro institucional, da desagregação, do salve-se quem puder*".[626] Implícita, a ameaça de golpe, diante desse "estado de coisas", e da inquietação dos

---

619 A corrupção se manteve como pauta para a revista, pois nesse período ocorreu uma CPI e várias outras denúncias públicas. Optamos por não abordar esse aspecto, mas está claro que ele contribui para formar uma falsa idéia de imparcialidade da imprensa, como foi visto no capítulo anterior.
620 Capa. Veja. 19/5/1993. Em anexo.
621 Você acha que Itamar está agravando a crise? 19/5/1993. Veja. p. 25
622 Idem, p. 21.
623 Idem, p. 23.
624 A crise é maior que o presidente. Veja. 25/11/1993, p. 20.
625 Idem, p. 21.
626 Idem, p. 22.

militares.[627] A revista simultaneamente define um "programa" como correspondendo à esquerda e o desmonta, para em seguida apontar os rumos "necessários", citando inclusive o caso exemplo:

> A esquerda na América Latina sempre se caracterizou pela defesa das três teses – a nacionalização das empresas estrangeiras, a estatização e a reforma agrária. Esse discurso entrou em pane e a esquerda, sem poder repeti-lo, não oferece uma alternativa consistente. A direita limita-se a repetir mecanicamente o credo do liberalismo. Daí o ecletismo do governo Itamar, que ziguezagueia em todas as direções. Não há uma maioria capaz de convencer que sua plataforma é correta, e com força para impor uma plataforma coerente. O acordo parece impossível. Mesmo assim, foi exatamente através do acordo político que a maioria dos países da América Latina realizou os ajustes econômico, venceu a inflação e voltou a crescer (veja reportagem à pág. 30).[628]

Repete então a argumentação de que "não há alternativas", apresentando como irrefutáveis essas afirmações. À guisa de comprovação, são explorados "exemplos" latino-americanos, especialmente o caso chileno, como se verá a seguir. *Veja* não localiza, no espectro político, a quem caberia liderar o processo na direção que sugeria. Percebe – e insiste em responsabilizar seus adversários – um quadro de recomposição de forças (disputa de hegemonia). Esta indefinição aparece: "*o governo conta com a participação dos maiores partidos brasileiros – PMDB, PFL, PT, PDT, PSDB – numa salada que junta conservadores, liberais, socialistas, centristas, esquerdistas e os amigos de Juiz de Fora*",[629] e mesmo assim não encontrava um "caminho". *Veja* tomava para si a função de apontá-lo, em complementação à ação dos partidos nacionais, colocando-se como dirigente. O grande problema, considerado o primeiro de todos, cuja resolução levaria a solucionar todos os demais, seria a inflação, mas "*as lideranças políticas, e também as sindicais e empresariais, não conseguem perceber isso*".[630] Como solução, lembrava mais uma vez o que defendia ser a necessidade de que o governo se cercasse de "bons assessores", citando o deputado José Serra, que

> Avalia que a situação do país é tenebrosa, mas ainda acredita que a saída é possível. Ele acha que, se o presidente tiver 'generosidade', poderá fazer uma reforma

627 Um quadro explica o "problema dos militares: o complô mundial contra os soldos: Brigadeiro diz que o colonialismo arrocha o salário da tropa", o que poderia levar à revolta e retomada de poder. Idem, p. 22-23.
628 Idem. E remete então, para a reportagem sobre os países latino-americanos, defendendo o "modelo chileno".
629 Idem.
630 Idem, p. 23.

> ministerial, convocando auxiliares mais capazes e livrando-se das nulidades. (...) Paralelamente, a revisão constitucional deveria ser feita de modo a garantir as condições políticas e a eficiência administrativa do próximo governo. (...) E, finalmente, considera que a eleição presidencial deve ser realizada em novas bases. (...) É preciso que os programas sejam sérios, realistas.[631]

Construída "a realidade", o programa deveria, claro, remeter a ela. E para isso, nada melhor do que "auxiliares mais capazes", ou seja, aqueles afinados com essa "nova realidade", que "a esquerda não consegue ver". A revisão constitucional não poderia ser esquecida: com ela se poderia "reformar o Estado" e "a tudo que o emperrava", como indicara Simonsen. Muito importante para consolidar esta visão seria a "*reportagem da página 30*", deslindando o "modelo chileno".[632]

4.1.2. O exemplo chileno

Em meio à crise política, na qual insistia na exigência de direção, a revista dá continuidade à tarefa de "apontar caminhos". Exemplificando as medidas que deveriam ser tomadas, o então editor-adjunto Tales Alvarenga realizou uma série de reportagens e entrevistas sobre o Chile, sintetizadas nas palavras do seu Ministro da Fazenda. Segundo este, em seu país "*a classe empresarial está no paraíso e a operária já faz muito tempo que saiu do inferno*".[633] Isso se deveria ao "*estímulo à competitividade através da abertura maior da economia*", e com a "*segurança aos empresários*", que levaria ao desenvolvimento de forma "automática".[634]

Em outra reportagem, Alvarenga se propunha a comparar o Brasil com outros países da América Latina. Ele definia que o Brasil é "o último da classe": "*o diagnóstico mais comum para o Brasil é de que vive uma crise. Pode estar em situação pior, uma lenta e* ***dolorosa africanização***".[635] Esse sujeito indefinido Brasil seria considerado como um "*peso morto para os vizinhos*: *'nos anos 80, nadamos contra a corrente do mundo desenvolvido. Agora que a*

---

631 Idem, p. 23.
632 Perceba-se que a opção metodológica deste capítulo levou em conta os indícios do que seria importante, a partir da leitura da própria revista. Não se procurou levantar toda a cobertura do governo Itamar, mas ver nela o que parecia ser a síntese da relação com ele estabelecida por Veja. Isso implica, evidentemente, em descarte de muitas outras matérias.
633 O negócio é crescer. Páginas Amarelas. Entrevista de Alejandro Foxley, por Tales Alvarenga. Veja. 31/3/1993, p. 7.
634 Idem, p. 8.
635 O último da classe. Tales Alvarenga. Veja. 19/5/1993, p. 30. Grifos meus.

América Latina vem crescendo estamos remando contra a corrente da região também', diz o deputado e economista tucano José Serra".[636] Desenvolve-se então a idéia do Chile como modelo:

> No Chile, que pulou do colo socialista de Salvador Allende para as patas do dobermann Augusto Pinochet, as pessoas de **todas as tendências** recitam hoje o mesmo kit a respeito da modernização. Há no Chile partidos de centro, de esquerda e de direita, muito bem estruturados. **Nenhum deles tem qualquer crítica** de maior volume sobre o modelo de economia de mercado imposto pelos economistas da ditadura Pinochet, que golpearam o estado cartorial contra a vontade da esquerda e **também da Fiesp de Santiago**. Naqueles tempos, a esquerda ia para a cadeia, o velho empresariado ia à falência e a economia do país ia melhorando devagar, com uma devastação nos direitos humanos e no campo social. No ano passado, o Chile teve 10,4% de crescimento do PIB. É o mais forte candidato a tigre na região. O povo está eufórico. Há menos desemprego, mais salário, investimento governamental em obras sociais e negócios novos brotando por toda parte.[637]

Mais uma vez, a Fiesp aparece como um alvo difuso. Nessa interpretação, a ditadura é considerada um bom negócio, pois teria possibilitado a unanimidade em torno da "modernização". O golpe militar, e a sangrenta ditadura, além de aparecerem como algo quase "natural", ficam assim plenamente absolvidos, considerando-se qualquer crítica uma "bobagem", como disse o editor: "*o passado está enterrado e ninguém vê motivo para não aproveitar as vantagens de um país em expansão*".[638] Tanto esquerda quanto direita, incluindo-se aqui os industriais entendidos como símbolo do atraso, estariam convencidas desses "acertos", a ponto de considerar o país como um "paraíso". O apoio seria total, pelo menos na fala de *Veja*, que mistura a todos, excluindo qualquer distinção de classe. O objetivo dessa matéria é convencer de que essa seria uma fórmula para o Brasil. E isso se torna mais claro na edição seguinte quando se explica, com maiores detalhes, o "paraíso chileno": "*hoje, não há mais associação entre ditadura e economia de mercado, como se chegou a fazer*

---

636 Idem.

637 Idem, p. 32. Grifos meus. Todos os casos latino-americanos são vistos como melhores que o brasileiro. O quadro é assim resumido: "o México fez seu ajuste sob a sustentação de um partido único, fortíssimo, o PRI. Sindicados, Congresso e lideranças empresariais são totalmente governistas e a oposição é irrelevante. (...) O Chile vai em frente, sem recair na demagogia. Na Argentina, o sistema político, menos eficiente que o chileno e mais democrático do que o mexicano, também gera maiorias estáveis. O povo argentino também se cansou da instabilidade. Pelo que se vê entre as lideranças nacionais de todos os setores, o Brasil dá a impressão de não se ter cansado ainda da confusão. **Acontece que se cansou**, e muito. Falta apenas que alguns senhores caiam na real". Idem, p. 33. Grifos meus. Mais uma vez, Veja fala em nome "do Brasil", que não inclui os "senhores" que deveriam "cair na Real".

638 Idem, p. 48.

tolamente no passado. Os chilenos se cansaram dessas bobagens".[639] O modelo de "abertura total" é explicado: tudo foi feito para ter "*eficiência para competir no mercado internacional. Passaram também a importar muito – tudo aquilo que não se fazia bem dentro do próprio país*".[640] As antigas culturas foram abandonadas, acabando com a indústria nacional, dando ênfase apenas às exportações,[641] pois "***há consenso na sociedade** sobre as regras do jogo da economia*".[642] Não bastaria aplicar essas mudanças, busca-se a aparência de consenso e para isso se aplica a fórmula, "*não há mais aquele caldeirão de conflitos ideológicos do passado*".[643]

A receita passaria pela privatização e pela abertura total ao capital externo, pois no Chile, conseguiram "*privatizar tudo o havia sido estatizado no governo socialista de Salvador Allende*".[644] Esse modelo "*ficará constrangedor para gigantes eternamente deitados em berço esplêndido*".[645] A privatização, que inclui a previdência social, seria a chave para o "futuro melhor", e "nem a CUT de Santiago quer voltar ao velho instituto estatal de aposentadoria". A "fórmula" é apontada como muito simples: "*caixa do governo em ordem, mercado desembaraçado, exportações e agilidade. Nada mais*".[646] A revista insiste, produzindo similitudes com o Brasil: "*as minas de cobre, hoje com peso de apenas 40% na pauta das exportações*", eram "*consideradas um setor 'estratégico', e tratadas com o mesmo patriotismo com que alguns políticos brasileiros reverenciam os poços de petróleo*", mas agora "*qualquer empresa, nacional ou estrangeira, pode abrir a sua, onde quiser*".[647] Reitera-se a falsa idéia

---

639 Um candidato a tigre mora do lado. Tales Alvarenga. Veja. 26/5/1993, p. 50. É impressionante a forma naturalizada com que o governo de Allende é retratado: "uma receita populista no velho estilo merengue, mesclada aos rigores do socialismo europeu", onde "havia filas para comprar gasolina, faltava comida e cigarro. Foram as mulheres chilenas que inventaram aquela coisa se sair às ruas batendo panelas, que as russas estão repetindo hoje. No último ano de Allende, num ambiente de greves e passeatas de protesto, havia desemprego e inflação de 600%. O golpe de Augusto Pinochet começou de manhã e às 4 horas da tarde o Chile já estava de farda". Idem, p. 52.
640 Idem, p. 51.
641 Alvarenga explica o modelo: "Fecharam-se todas as doze montadoras de carros que funcionavam no país, da mesma forma que passaram a chave no portão todas as fábricas de eletrodomésticos e até setores inteiros não conseguiram concorrer com os produtos importados. 'Desapareceram empresas que pareciam eternas' (...) Mas surgiram no lugar indústrias mais agressivas, mais adequadas". Idem, p. 51. Como "benefício" estaria a total dependência do país com relação a produtos importados de todo o gênero.
642 Idem, 50. Grifos meus.
643 Idem, p. 49.
644 Idem, 49.
645 Idem.
646 Idem, p. 50.
647 Idem, p. 52.

de liberdade de mercado como sendo para "qualquer um". E completa que no Chile, "*segundo o deputado José Serra*", "*nenhuma força significativa propõe mais mudanças nas relações de propriedade.* ***Ninguém*** *prega a estatização ou a reforma agrária, por exemplo*".[648] Em qualquer lugar, portanto, deve ser associado ao atraso, pois como conclui a reportagem: "*o Chile encontrou a rampa para subir e o Brasil até hoje a procura*".[649]

Nas páginas amarelas dessa mesma edição, a revista insiste e "destaca" que "*a saída é o comércio*". Entrevista Paul Krugman, autor da "teoria estratégica do comércio": "*o comércio internacional não é um jogo de soma zero. Ele é benéfico em si mesmo até para países no vermelho*",[650] o que reforça o modelo chileno para o país. Para consolidar o tema como exemplo para o Brasil, há uma tarjeta na capa: "*como o Chile saiu do buraco*" (a mesma capa em que FHC aparece como a "grande tacada", em contraposição a "Itamar em crise")[651].

Também como modelo era visto o caso argentino, país que "*tem planos de entrar no próximo século da forma como rompeu o século XX: com um pé cravado na prosperidade de um país desenvolvido*".[652] Os argentinos, segundo a revista "***vivem sob a magia do Plano Cavallo, o pacote que dolarizou a economia****, derrubou a inflação, deu estabilidade ao peso, a moeda local*".[653] O fato dessas medidas terem sido feitas por decreto é visto de forma "natural", pois "*o Congresso, mesmo fiel ao presidente, nem sempre se mostra a toda prova*".[654] Portanto, medidas autoritárias desde que no rumo por ela defendido, não seriam impeditivas. Sobre outras medidas como o confisco de economias e demissões, a revista considera que Menem "*deslanchou uma política de privatização e demitiu 90.000 funcionários da administração direta*", e que "*com a privatização que atingiu a* ***grande vaca sagrada****, a YPF, de petróleo, Menem* ***livrou-se*** *de outros 300.000 funcionários*".[655] Estabelece assim um modelo para o Brasil, com a almejada privatização da Petrobrás e a desejada redução do funcionalismo público, como se fossem a causa dos problemas nacionais, ocultando os interesses empresariais externos oligopolísticos. Em que pesem os

---

648 Idem. Grifos meus.
649 Idem, p. 53. Em outros momentos a economia aparece como modelo, como por exemplo, nas Páginas Amarelas de 16/3/1994, onde é entrevistado Eduardo Frei.
650 A saída é o comércio. Paul Krugman, entrevistado por Flavia Sekles. Veja. 26/5/1993, p. 7.
651 Ver no capítulo 2, tabela 10.
652 A virada dos pampas. Veja. André Petry. 11/8/1993, p. 48.
653 Idem.
654 Idem, p. 49.
655 Idem, p. 50. Grifos meus.

"problemas"[656] apontados, *Veja* conclui que "*o* ***sucesso de Cavallo*** *até aqui fez muitos economistas* ***queimarem a língua*** *com previsões de catástrofe*".[657] Mais uma vez, previsões para serem esquecidas. Neste exemplo temos a junção do pensamento único, a defesa da privatização, o desmantelamento das empresas tradicionais, o fim dos direitos empregatícios. É nesta ação concreta, nestes casos, que a revista explicita sua posição neoliberal, a cada embate.

4.1.3 produzindo FHC: a "grande tacada"

Em contraposição à capa anterior que mostrava Itamar Franco esperando para ser derrubado por uma onda, na edição seguinte há uma fotografia de Fernando Henrique Cardoso sorridente, fazendo um sinal de positivo, com a legenda: "*A GRANDE TACADA: o maior desafio de Fernando Henrique é a última chance de Itamar Franco*".[658] Cardoso é considerado "*o anjo da guarda do Planalto*", e "*a melhor notícia que o país já recebeu desde o impeachment de Fernando Collor*".[659] São muitos os elogios ao "*intelectual brilhante*", asseverando que "*o intelectual esquerdista ficou para trás*".[660] O clima de euforia procura avalizar FHC, ligando-o a José Serra, que vinha sendo o principal porta-voz do projeto "modernizador": "*os dois trocaram idéias sobre a formação da equipe da Fazenda*".[661] A revista esperava se aproximar do que almejava, ou seja, a indicação de "consultores qualificados" e "auxiliares competentes" para o governo, o que seria o pontapé inicial de seu projeto. Isso está expresso no editorial: "*a nomeação de Fernando Henrique Cardoso para o Ministério da Fazenda serviu para desanuviar o ambiente político e infundir a esperança em dias melhores*", pois ele "*é um intelectual de renome e um político capaz. Tem credibilidade no Congresso, no empresariado e nos meios sindicais*".[662] Só ele seria capaz de fazer "*as*

---

656 Quase sempre que fala em "problema", Veja se refere à sua própria posição, previamente estabelecida, indicando aquilo que ela quer modificar, que aparece como "problema": a previdência, o funcionalismo, a Constituição, etc.
657 Idem, p. 51. Grifos meus.
658 Capa. Veja. 26/5/1993. Capa. Em anexo.
659 O anjo da guarda do Planalto. Expedito Filho. Veja. 26/5/1993, p. 20. A matéria de seis páginas sobre a nomeação de Fernando Henrique Cardoso ao ministério da Fazenda narra longamente as conversas de bastidores para sua nomeação e traz um currículo do político.
660 Idem, p. 25.
661 Idem, p. 23.
662 Apoio e ajuda para melhorar o país. Carta ao leitor. Veja. 26/5/1993, p. 17.

reformas estruturais de que o Brasil tanto precisa".[663] Também esse sentido se expressa na realização do seminário organizado pela editora Abril "*Brasil em Exame: o que pode fazer o Brasil funcionar*": reitera ser necessária a "*colaboração do Congresso, das lideranças partidárias, dos governadores, dos empresários, dos sindicatos*".[664] Em complementação, na coluna de Elio Gaspari, lê-se: "*Fernando Henrique Cardoso quer ser presidente, e isso é ótimo*".[665]

Segue-se então uma série de manifestações elogiosas ao ministro, como na fala de Marcos Sá Correa que pedia: "*Decola, ministro: como o velociraptor de Spielberg, o programa econômico do ministro Fernando Henrique Cardoso é um prodígio de credibilidade*,"[666] misturando ficção e realidade, embora sem configurá-lo como um superman como fizera com Fernando Collor de Mello. A culpa pelas dificuldades agora era atribuída aos governadores de estado, considerados "*face oculta da inflação e do desgoverno*".[667] Além deles, os deputados que seriam promotores de "*romarias da gastança: enquanto estuda uma forma de cortar o orçamento, o ministro Fernando Henrique fica zonzo com as visitas dos deputados pidões*".[668] Como demonstração de apoio, a revista já havia designado uma equipe para passar "*uma semana no gabinete de Fernando Henrique, a sala onde todos pedem e pouquíssimos ajudam*".[669]

Veja, com suas críticas, empurra FHC a assumir o "projeto": "*com a inflação em alta e o presidente revoltado com os juros e os bancos, Fernando Henrique deixa de ser um ministro novo em folha*".[670] E mais adiante, ele "*eleva os impostos, corta gastos e deixa o ataque direto à inflação para mais tarde*".[671] No ar, planava a urgência de um plano econômico como solução. A dolarização, seguindo os modelos já aplicados no Chile e na Argentina, passava a ser discutida. A questão, nas palavras do editor de *Veja* era clara: "porque temos uma quase-

---

663 Idem. Grifos meus.
664 Idem.
665 O ministro é candidato. Elio Gaspari. Veja. 26/5/1993, p. 29.
666 Decola, ministro. Veja. 30/6/1993, p. 22.
667 Sócios da bagunça. Veja. 30/6/1993, p. 24.
668 Romaria da gastança. Veja. 9/6/1993, p. 84. Nessa mesma edição, a matéria de capa é sobre o "monstro" da inflação e as "alternativas para exterminá-lo", repetindo a tese neoliberal de que o único problema nacional era o combate à inflação.
669 Tensões e pressões. Expedito Filho. Veja. 28/7/1993, p. 25.
670 O ambiente mudou. Veja. 11/8/1993, p. 20.
671 Apostando em mais imposto. Veja. 1/12/1993, p. 28.

moeda, temos um quase-governo. E porque o brasileiro não quer viver num quase-país começa-se novamente a exigir providências. Uma delas, agora em moda, é a dolarização".[672] Essa medida, adequada ao capital financeiro, teria "o grande charme de nunca ter sido experimentada no Brasil. Apresenta ainda ampla folha corrida de bons serviços prestados em outros países". Além dessa cínica argumentação, há outros campos para explicação dos termos econômicos envolvidos no processo. Não parece haver sobre isso unanimidade, seus conselheiros alertam para os riscos: "o esquema argentino pode desorganizar toda a economia brasileira nas atuais condições. Bem ou mal, ela está ai funcionando",[673] foi a fala de José Serra. "Aquilo que começa com um carnaval de alegria e consumo pode acabar numa grande Quarta-Feira de Cinzas",[674] disse Mario Henrique Simonsen, indicando cautela e reiterando a posição de "receio contra choques", lembrando o "trauma" da "experiência fracassada do Plano Cruzado".[675] Diante das incertezas do novo plano que estava sendo elaborado, Veja designa Elio Gaspari para entrevistar nas páginas amarelas o ex-ministro Delfim Netto, em que pese sua posição não ser idêntica à da revista.[676] O objetivo parece ser colocar em xeque a equipe econômica, enfatizando a responsabilidade do presidente da República. Por isso Gaspari inicia a entrevista solicitando: "enumere as três maiores bobagens em circulação na política e na economia nacionais, com os nomes dos respectivos porta-vozes".[677] A conclusão é o próprio título da entrevista: "o choque vai fracassar". Com isso se delimita a posição contrária ao possível choque na economia e à dolarização, mas o medo era de houvesse um choque, e não da dolarização em si.[678] Há aqui a divergência entre os amigos, ou seja, o capital

---

672 O choque da moda. Tales Alvarenga. Veja. 1/9/1993, p. 81. Em um quadro destacado, a revista desafia e explica: "**Coisa para hombres**. Dolarização é coisa para hombres. (...) A dolarização de 1991, com Domingos Cavallo, é apenas a fachada de um plano de austeridade: corte de despesas, privatização selvagem, aperto em sonegador. Deu certo, até agora". Idem, p. 81.

673 Idem, p. 84.

674 Idem, p. 85.

675 Idem, p. 83.

676 Delfim Netto assume uma posição contrária ao "desmonte total do Estado", cobrando políticas de regulamentação, especialmente nas importações, que vê como prejudiciais à indústria nacional. Segundo ele, "estamos transformando um empresariado industrial numa classe comercial e os operários em párias". Gaspari, diante disso, associa o ex-ministro ao "discurso do PT" e "à CUT", pela insistência em que fala nos desempregados. O entrevistado faz questão de explicitar a diferença e exige o dissenso com o partido e a central sindical. O choque vai fracassar. Entrevista de Delfim Netto, entrevistado por Elio Gaspari. Veja. 15/9/1993, p. 10.

677 Idem, p. 7.

678 Em vários outros artigos a revista especulou sobre o plano econômico e as possibilidades de dolarização da economia, ouvindo economistas e mostrando que esse debate estava sendo feito entre os especialistas no assunto.

industrial e o capital financeiro, e a industrialização de serviços. Delfim não é um conselheiro principal, mas tem direito a expor a voz.

Outra matéria mostra a economia de forma mais positiva. Trata-se do prêmio oferecido pela revista da editora Abril, *Exame*, aos *Melhores e maiores* de 1993. A premiação contou com a presença do Ministro Fernando Henrique Cardoso que "*fez uma análise confiante no Brasil e reafirmou que não haverá choques na economia*". Roberto Civita sintetizou: "*a elite empresarial brasileira é corajosa, criativa e competente. Vinte anos de desmandos e sobressaltos não conseguiram detê-la*".[679] Os vínculos entre o empresariado, setores políticos e a editora, se tornam mais evidentes, havendo um tácito reconhecimento do peso que a editora tem em apontar os rumos da economia brasileira.

Em meio a esse debate, organizou-se um movimento chamado "Corta 30" (30% da inflação, 30 bilhões de déficit público, trinta tributos e 30% dos preços),[680] que comprou espaço publicitário em vários órgãos de imprensa nacional, e recebeu duas páginas de cobertura em *Veja*.[681] Segundo a revista informa, o grupo pertence ao Instituto Movimento Cidadão, "*mantido com doações, produz cartazes, camisetas e filmes de propaganda na TV*". O movimento contou com apoio de personalidades como "*o rabino-chefe do Brasil, Henry Sobel, o delegado Romeu Tuma, o ex-ministro Maílson da Nóbrega, deputados do PT como José Genoíno e José Dirceu, atores e televisão e etc.*"[682] O objetivo maior era pressionar o governo no sentido de medidas drásticas no combate à inflação, o que implica em deslocar dos problemas sociais e salariais para o controle monetário, seguindo o receituário de Chicago, dos EUA e do FMI. É nestes parâmetros que se propõe a construção do programa de ação.

4.1.4 O nascimento do Plano Real

Logo que o governo apresentou o seu novo plano econômico, *Veja* expressou seu pessimismo com relação aos parlamentares: "***um belo plano*** *que já nasceu furado: má*

Por exemplo: Na rota do choque. Veja. 7/7/1993, p.76. (tarjeta da capa: Fernando Henrique estuda a dolarização e a prefixação). Fica para depois. Veja. 27/10/1993, p. 116.
679 Maior e melhor. Veja. 1/9/1993, p. 87.
680 Solução já. Veja. 17/11/1993, p. 104.
681 Idem.
682 Idem.

vontade do Congresso e oposição de ministros militares esvaziam o pacote econômico".[683] Mas, buscando comprovar sua afirmação de que o plano "é bom", a revista faz um levantamento da "voz do ramo":

> 'É muito difícil ficar otimista com esse plano. Se o governo tivesse apoio político, seria mais fácil. Não é o caso do Brasil.' Jeffrey Sachs;
>
> 'É um plano civilizado. Muito bem feito'. Mario Henrique Simonsen;
>
> 'As chances de esse plano dar certo são próximas a zero.' Carlos Alberto Longo;
>
> 'O plano corre perigo porque o Congresso brasileiro é, por tradição, o maior impedimento à modernização do país.' Riordan Roett;
>
> 'É o melhor de todos os planos que já experimentamos.' **João Paulo dos Reis Velloso**;
>
> 'Levaram tanto tempo para fazer o plano e o que nos deram foi um remendo fiscal.' **Roberto Campos**;
>
> 'O aumento de impostos e a criação do fundo são bodes que o governo colocou na proposta para passar os cortes no orçamento.' Francisco Dornelles;
>
> 'Tecnicamente é bom. Mas é um programa para governo forte, não o Itamar Franco.' Maílson da Nóbrega;
>
> 'O governo não quer enfrentar o custo político da estabilização e assim não funciona.' Delfim Netto;
>
> '**O plano é bom**. Ficou devendo no capítulo da privatização.' Cláudio Considera.[684]

Dentre os entrevistados selecionados, a posição dos seis ex-ministros foi do otimismo total, de Simonsen, à crítica contundente de Delfim Netto. Mas a idéia que prevaleceu foi que "o plano é bom", "*melhor do que todos os planos que já experimentamos*", nas palavras do coordenador do Fórum Nacional, sempre citado pela revista. No geral, a crítica maior foi para os limites do peso político do governo Itamar em levar a diante as medidas. Doravante, ele passou a ser, de acordo com *Veja*, o "Plano de Fernando Henrique Cardoso". A partir daqui se consolida a associação entre a revista e FHC, diminuindo-se significativamente a figura do presidente.

---

683 Um belo plano que já nasceu furado. Veja. 15/12/1993, p. 114. Grifos meus.
684 Idem, p. 115. Grifos meus.

Apenas no final de 1993 a revista entrevistou o presidente Itamar Franco. A entrevista foi marcada pela hostilidade. Dentre as questões, perguntou-se o que ele achava do "plano do ministro", ao que o presidente respondeu que o plano era do governo. A repórter perguntou o motivo do presidente ter despachado no Rio de Janeiro e não em Brasília naquela semana, se isso seria sinal de alguma intranqüilidade, ao que ele respondeu: "*já lhe adianto que nunca pensei em renunciar ao cargo de presidente da República*". A repórter complementa: "*o senhor está cansado, com vontade de tirar umas férias*?" E insiste com outra pergunta: "*por que o senhor não sai de férias ou, pelo menos, tira alguns dias para descansar*? Outras questões são ainda mais hostis: "*existe mesmo a chamada República de Juiz de Fora*?"; ou ainda "*Em 1990 o senhor comprou uma caminhonete D-20. Como é essa história? O senhor tinha dinheiro para comprá-la*?".[685] Chama atenção o fato de que é raríssimo que a revista seja tão hostil ao entrevistado, ainda mais sendo o Presidente da República.[686] A revista já havia, nas edições anteriores, sugerido vários desfechos ao governo, incluindo a possibilidade de golpe ou renúncia do presidente, embora se assentassem em boatos sem fundamentação. O principal era alijar Itamar Franco e seu grupo mais próximo, buscando mostrar uma incapacidade e até mesmo infantilidade, como mostra a charge publicada à época do lançamento do plano Real, onde o presidente aparece como um bebê chorão sendo "cuidado" pelo seu ministro, Fernando Henrique Cardoso.[687]

No início de 1994, em meio a denúncias de corrupção, o Ponto de Vista de Roberto Civita insistia na necessidade de "*uma agenda mínima para 1994*".[688] Os destaques: "debelar a inflação"; "revisar a Constituição": "*deveríamos, também, aproveitar para dar mais um passo na* ***eliminação dos monopólios estatais*** *que impedem o desenvolvimento de sistemas* ***mais modernos e mais eficientes****, e abrir caminho para o redimensionamento e a racionalização de todo o confuso, inchado e* ***inoperante setor público***";[689] "continuar a faxina"; "votar bem": *está na hora de colocar novos talentos – honestos, inteligentes e de competência comprovada*

---

685 Idem, p. 31.
686 1994 será bom. Entrevista de Itamar Franco, por Silvania Dal Bosco. Veja. 22/12/1993, p. 28 a 33. (Observe-se que não se trata de páginas amarelas, é apenas uma entrevista no meio de uma matéria).
687 Em anexo.
688 Uma agenda mínima para 1994. Ponto de Vista. Roberto Civita. Veja. 5/1/1994, p. 102.
689 Idem.

– *em todos os escalões do governo*".[690] Some-se as duas idéias e se terá uma proposta de candidatura: alguém "capaz" e disposto a acabar com os "monopólios".

Quando, em maio de 1994 ocorreu a VI reunião do Fórum Nacional, realizada na cidade do Rio de Janeiro. O cenário político nacional, de conturbada reforma constitucional e planejamento eleitoral, não foi o tema do encontro, mas sim a projeção de um "*futuro melhor*": "*Modernidade e pobreza: a construção da modernidade econômico-social no Brasil*". Assim *Veja* sintetizou: "*Fora de Brasília: o governo está tonto, mas há gente pensando a sério num projeto para o Brasil*".[691] A tese era do otimismo para com o futuro. Nesse sentido, são ressaltados os números apresentados por Sérgio Abranches e a interpretação de Reis Velloso. O primeiro dizia que a indústria nacional melhorou, assim como os índices de urbanização e de educação. Já Velloso insistia em que "*as políticas sociais pouco funcionaram como forma de compensar a desigualdade da renda e a deixar o pobre deixar de ser pobre*".[692] Segundo a revista, foi como se "*a capital tivesse voltado provisoriamente para o Rio*".[693] Contra "*o mofo de Brasília*", ressaltava aqueles que, segundo ela, "*olham para um Brasil melhor no horizonte*".[694]

Para ter uma noção mais ampla do momento em que o Plano Real foi lançado, dois elementos precisam ser melhor analisados: a Reforma Constitucional e o processo eleitoral, pois eles explicitam o projeto político defendido por *Veja*. Não faremos aqui uma análise do Plano Real, que terá desdobramentos essenciais no governo de Fernando Henrique Cardoso. Nos ateremos aos aspectos eleitorais do Plano,[695] tomando como base que ele foi apresentado a partir da idéia "modernização" apregoada por *Veja* e pelo Fórum Nacional, ocultando seus fundamentos neoliberais.

A marcação contra os interesses da indústria se mantinha. E, no período final do governo de Franco, o alvo não era mais o governo, mas as organizações empresariais

---

690 Idem.
691 Fora de Brasília. Idéias. Veja. 4/5/1994, p. 96.
692 Idem.
693 Idem, p. 97.
694 Idem.
695 A título de exemplo, cita-se a matéria Dupla gestação. Veja. 29/6/1994, p. 38. Em período de preparação à campanha eleitoral, a revista faz um histórico de todo o Plano, suas dificuldades, a equipe econômica, sempre elogiando a alegada perspicácia de Fernando Henrique Cardoso e sua equipe, deixando claro que não poderia ser distinguido Plano Econômico e eleições, ou seja, que seria necessário dar continuidade à execução do projeto, elegendo-o.

associadas "ao atraso". Na edição de 2/11/1994, o tema é tratado em uma charge na seção Radar, que remete a uma matéria da seção Economia & Negócios. A charge mostra:

FONTE: *Veja*. 2/11/1994, p. 47 (Chico Caruso).

Ela não é auto explicativa, embora esteja claro o papel do governo (ministro Ciro Gomes), retirando "a moça" (moeda de um Real, em vias de prostituir-se), das mãos do bandido (Moreira Franco, da Fiesp). Na matéria, a posição fica mais clara: "***o entulho no porto**: burocratas e leis plantadas pelos lobbies nacionais atrapalham as importações e **o governo promete limpar a área***".[696] Nela se informa que o governo já havia baixado alíquotas de exportação "*para descobrir, espantado, que essa providência sozinha de pouco adianta*", completando que "***é inevitável concluir que existe uma conspiração contra os artigos importados***".[697] A explicação desta "conspiração" estaria na forma de organização dos portos (antiga batalha da revista). As conclusões repisam na mesma ordem de questões que *Veja* já vinha insistindo, como vimos no capítulo anterior: "*a indústria terá de produzir mais e melhor*".[698] Ao mesmo tempo em que critica os grandes empresários que estariam conspirando junto com a "burocracia dos portos", pressiona o governo: "*espera-se, para esta semana, uma medida provisória que facilite um pouco mais as importações*".[699] Aponta vários casos de grandes empresas, especialmente o Grupo Pão de Açúcar, que estaria "*cansado de amolação*"[700] por causa das dificuldades, prejudicando (supostamente) o consumidor. Além

696 O entulho no porto. Veja. 2/11/1994 p. 128.
697 Idem. Grifos meus.
698 Idem, p. 129.
699 Idem.
700 As críticas se referem às exigências de controle dos produtos, que precisariam ser testados em laboratórios antes de serem liberados, apesar do discurso de defesa (genérica) do consumo. Essas exigências são ironizadas: "o cidadão para importar cosméticos precisa ter cursado uma faculdade de Farmácia". Idem.

disso, "*quando o governo baixa as alíquotas para uma média apenas razoável a gritaria dos lobbies empresariais enche os céus da pátria, da Federação das Indústrias de São Paulo à Esplanada dos Ministérios*".[701] A conclusão reincide na cobrança: "*a burocracia foi montada nos anos 60 e 70 e tinha um papel estratégico. Nessas décadas, o país se fechou para garantir que as empresas instaladas nele tivessem um mercado cativo e pudessem crescer para, no futuro, competir na praça mundial. Pelo que se vê nos últimos movimentos do governo,* ***a hora chegou***".[702] Há uma coerente posição da revista, no sentido de que este seria o momento para acabar com qualquer barreira contra a abertura indiscriminada aos produtos estrangeiros, sob qualquer custo para a indústria brasileira. Não quer dizer que a associação dos empresários fosse um inimigo de classe, mas sim que a revista atacava qualquer empecilho que se colocasse à globalização neoliberal, que tinha que ser hegemônica. Neste caso, não seria mais necessário se indispor com o governo, pois o mesmo já estaria "no rumo". Apenas insiste em lembrá-lo de que "chegou a hora".

4.2 EXPLICITANDO O PROGRAMA

O projeto da revista já estava claro, sendo construído, debatido e avaliado no âmbito do Fórum Nacional. Mas a sua aplicabilidade política era forjada nos próprios embates, e aqui mais uma vez a revista aplica sua *ação partidária*. O centro desta atuação esteve na reforma constitucional, nas privatizações e na consolidação da idéia de que tudo estaria sendo feito em nome do que seria "moderno".

4.2.1 A revisão constitucional

Em consonância com a defesa da aplicação de um projeto e sua transformação em ação programática, *Veja* investiu na possibilidade de intervir na Revisão Constitucional. Ela já era tema de seus articuladores, como vimos no capítulo passado sendo defendido por Mario Henrique Simonsen. Embora ela não tenha alcançado os objetivos esperados, a reforma era uma possibilidade concreta de alteração institucional que permitiria a implementação da gestão neoliberal no Brasil. Essas mudanças acabariam sendo feitas de outras formas, ao longo

---

701 Idem, p. 130.
702 Idem. Grifos meus.

dos governos de Fernando Henrique Cardoso, sem o caráter formal de revisão. Mas *Veja* investiu nesta tentativa, promovendo uma série de matérias e "explicando" os rumos que deveriam ser tomados.

Retoma a retórica da "falta de rumos", mantendo seu papel de "indicar caminhos". Publica uma pesquisa "*com 417 parlamentares*", a qual "*indica que a revisão constitucional deve liberar a economia e desafogar o Estado*".[703] Ressalvava, porém que "*nenhuma alteração vai garantir a solução dos problemas a curto prazo, mas é melhor a sintonia com a situação mundial do que a visão fantasiosa da realidade, diz o deputado tucano José Serra*".[704] Estaria sendo estabelecido, segundo a revista, um novo parâmetro de ação dos congressistas, "*mais próximo ao do deputado Roberto Campos, do PPR*", que aparece como paradigma de um programa vitorioso:

> Isso significa facilitar a entrada de novos investimentos estrangeiros, restringir o monopólio da União em setores considerados estratégicos, como o petróleo, e diminuir os gastos do Estado onde a iniciativa privada pode mostrar-se mais ágil e competente, além de menos perdulária.[705]

Essa visão está plenamente em acordo com a posição do Fórum Nacional, que fora expressa por Reis Velloso. Segundo ele, a Constituição de 1988 era anacrônica, na medida em que fora elaborada em um período de mudanças no qual não ficara claro o "novo modelo". Principalmente, ela não correspondia a um "projeto nacional", não tinha uma "***visão futura que permitisse dispor de um senso de direção nacional***".[706] Com as mudanças nacionais e internacionais ocorridas, seria então possível propor um programa mínimo, cuidando para não chamá-lo de revisão, ressaltando apenas alguns reparos para "*a viabilização econômica nacional e a governabilidade*". Eles deveriam ser abertos para "*dar flexibilidade à negociação política*", e eram:

> 1) viabilização financeira da União, e, em particular, viabilização do orçamento da seguridade; 2) eliminação de discriminações contra a empresa estrangeira; 3)

703 A cabeça é outra. Veja. 21/4/1993, p. 80.
704 Idem.
705 Idem.
706 Idem. Grifos meus.

> revisão dos monopólios estatais; 4) eliminação de privilégios entre servidores públicos e trabalhadores privados, e dentro do sistema da previdência.[707]

Esses argumentos seriam em seguida repetidos por *Veja*. A revisão passou a ser discutida no Congresso em setembro de 1993, mas não sem contestação de parcelas da sociedade que se colocavam contrárias a ela. A revista era favorável à sua realização, e buscou convencer os deputados. Responsabilizava a esquerda "baderneira", as "*charangas do PT, PC do B e da UNE*", aliadas a "*uma bancada de esquerda interessada em impedir a revisão de qualquer maneira*",[708] pelas dificuldades. *Veja* chamava atenção para o que via como a desorganização da direita, que "*está tonta, não tem direção política nem coesão para agir*", já apontando para a falência da revisão, na medida em que as mudanças beneficiariam os eleitos nas eleições de 1994. Para ela, essa bancada ou não teria interesse, ou teria medo de tomar medidas impopulares. A explicação foi dada novamente por José Serra: "*somos favoráveis a uma revisão, só que todo mundo pensa que uma revisão pode melhorar a Carta. Isso não é obrigatório. Também pode piorá-la. E aí será uma grande chance que se perdeu*".[709] Portanto, seria necessário garantir consenso para daí sim investir na reforma. A revista ouve também Delfim Netto, que chama atenção de todos sobre a reforma: "*não se descobriu, até agora, um motivo racional capaz de levar 584 parlamentares autorizados a fazê-la* [a reforma] *a renunciar a uma autêntica chance do destino para repassá-la, sem mais nem menos, a seus sucessores, a serem eleitos em 1994*".[710] A revista prossegue no argumento, agora em tom de ameaça, acenando com uma eventual vitória da esquerda:

> Nos gabinetes dos grandes empresários, já de olho na sucessão presidencial, também existe outro cálculo. A unanimidade das pesquisas de opinião aponta Luis Inácio Lula da Silva como favorito à sucessão de Itamar. Ainda existe muito chão pela frente até a eleição, mas é difícil imaginar que, daqui a um ano, as siglas de

---

707 VELLOSO, J. P. R. Significação e espírito da revisão constitucional. In: VELLOSO. Inovação e sociedade, op. cit., p. 112 -114.
708 Acabou a fantasia. Veja. 29/9/1993, p. 18.
709 Idem, p. 19. Dos 45 deputados do PSDB, 15 posicionaram-se contra a revisão naquele momento. Posição de incerteza e medo de perder votações foi expressa no editorial da revista: "o bom senso recomenda que as alterações se limitem ao essencial". Hora de pensar no Brasil. Carta ao leitor. Veja. 6/10/1993, p. 17. Na semana seguinte foi entrevistado nas páginas amarelas Candido Mendes de Almeida, destacando: "a revisão constitucional pode ser uma armadilha". Estamos melhorando. Entrevistado por Arnaldo César. Veja. 13/10/1993, p. 7.
710 Acabou a fantasia, p. 18.

> esquerda tenham diminuído de tamanho. Nesse caso, por que deixar a revisão para mais tarde?[711]

Ou seja, a revista reitera o "risco da esquerda no poder",[712] temido pelos empresários, tentando sintonizar o Congresso com esse problema.[713] Na conclusão, explicita que "*dá-se como estabelecido que sem uma profunda reforma da Constituição o país não terá meios de derrubar a inflação nem de retomar o crescimento em bases consolidadas*".[714] O argumento, reconhece, é frágil eleitoralmente e acaba ficando para o futuro: "*é um pressuposto difícil de ser demonstrado. Pode ser útil quebrar o monopólio do Estado, mas não se vê de que maneira isso poderá funcionar como uma grande alavanca da economia em curto prazo*". Da mesma forma, a privatização "*apontou para um caminho político coerente com o que ocorre no mundo, mas seus maiores benefícios estão no futuro, não agora*".[715] Mais explicitamente, outras medidas "necessárias" - para *Veja* - seriam difíceis em vésperas de eleições: "*encarar a estabilidade dos funcionários públicos, modificar a Previdência, fincar medidas que permitam rebaixar os salários. Fazer isso em vésperas de eleição casada, em que se vai escolher presidente da República, senadores, governadores de Estado, deputados federais e estaduais? Esse pode ser um problema"*, como encerra a fala de Pedro Simon: "*a gente nunca sabe com quem vai contar*".[716]

A revista continuou brigando para vencer esse embate. Ela acompanhou os acontecimentos,[717] e a aprovação do imediato processo de revisão da Constituição, com todos os riscos possíveis. Mesmo sem estabelecer uma "*agenda mínima, ou seja, uma delimitação dos temas a ser atacados, como pretendia, entre outros, o deputado José Serra*",[718] a revisão

---

711 Idem.
712 A coluna de Elio Gaspari afinava-se com essa visão, aqui considerando o PT "experiente demais" a ponto de ser "esperto e inepto". (Um PT esperto e inepto. Elio Gaspari. Veja. 29/9/1993, p. 22).
713 Os entraves regimentais apontados por parte de deputados do PDT, foram considerados "golpe baixo" pela revista, e um "pretexto" que a "bancada 'obstruinte' esperava para armar o circo". Ou seja, esse não seria o momento de obedecer aos "formalismos da lei". Idem, p. 20.
714 Acabou a fantasia, p. 22.
715 Idem.
716 Idem.
717 Entre eles, a renúncia de Luis Eduardo Magalhães ao cargo de relator, "um gesto de nobreza", segundo a revista, que elabora um quadro sobre o novo relator, Nelson Jobim, elogiando seu preparo para o "estrelato". No seu currículo, aponta uma mácula: "em agosto do ano passado, quando o impeachment estava nas ruas, o deputado profetizou que o presidente não cairia". Oculta-se mais uma vez a posição da própria revista nesse passado recente, quando também ela apostava pela manutenção na capa "Collor fica, fraco". Sete temas de peso. Roberto Pompeu de Toledo. Veja. 6/10/1993, p. 22.
718 Idem, p. 23.

aconteceu. Para tentar coordenar a atuação "partidária", *Veja* preparou um *guia* onde buscou "*alinhar os sete temas que realmente contam*", através de "*um guia de como acompanhar os trabalhos, em suas linhas gerais. E também como não acompanhá-los*".[719] O guia deveria servir também para consulta e posicionamento dos próprios deputados, instados a iniciar imediatamente suas atividades revisoras.[720] Segundo a revista, a escolha dos temas que deveriam ser pautados, "*não se deve apenas ao arbítrio de VEJA, embora o arbítrio também tenha representado seu papel. Chegou-se a esse resultado depois de ouvidos políticos e acadêmicos, e compulsados os principais estudos produzidos nos últimos meses sobre a revisão*".[721] Os temas são praticamente os mesmos daqueles expressos por Reis Velloso:

> O pacto federativo. Ou seja, uma nova tentativa de distribuir com alguma racionalidade os encargos e receitas entre a União, os Estados e municípios; a reforma do sistema tributário; a reforma da previdência; a abertura para o capital estrangeiro; os monopólios estatais; a reforma política, englobando voto distrital, sistema partidário e que tais; a questão do funcionalismo, mormente no que concerne à estabilidade.[722]

Nas dez páginas seguintes a revista explica "como é hoje" e "como pode ficar" vários temas que, segundo ela, deveriam ser alterados na Constituição. Sua posição é a mesma que vinha apresentando ao longo dos anos, podendo aqui substanciar sua idéia do que seria a "modernização", ainda que sob limites que ela mesma já apontara, o período pré-eleitoral, que levaria a posições "populistas" do Congresso. Interessante observar ainda a listagem das "*sete questões de entediar*",[723] ou "*temas que se deve evitar para não morrer de tédio*":[724] "controle

---

719 Idem.

720 A revista lembra que na primeira semana seria discutido o regimento da revisão. Mesmo assim, ao noticiar a existência de um projeto, elaborado por Nelson Jobim, ela o dá como já aprovado, sem qualquer crítica ao seu caráter autoritário e concentrador de poder, especialmente se tratando da Constituição Federal. O projeto "prevê procedimentos curtos e grossos. As votações ocorrerão apenas em um turno, e não em dois, como na Constituinte. Deputados e senadores votarão todos juntos, e não uma Casa e depois a outra. Vale dizer que seus votos terão o mesmo peso, e que somando 293 votos – metade mais um do total – qualquer proposta estará aprovada. Não haverá comissões temáticas, mas apenas um time de cinco a oito relatores para assessorar Jobim, sem que lhes caiba uma área específica de atuação. Com isso concentra-se a discussão no plenário e evita-se a feudalização dos trabalhos". Idem, p. 23.

721 Idem, p. 22.

722 Idem. A relação de Veja com Velloso é tal que mesmo assuntos de sua vida privada são elevados a interesse público. Quando sua casa foi assaltada, a revista divulgou e fotografou a sua visita à prisão cumprimentando por entre as grades os assaltantes presos. O assalto fez com que ele, enquanto refém em seu apartamento tivesse ficado "uma hora estudando à força o programa do seminário Violência e crise que marcou para o dia 25 de abril no INAE, onde há anos promove debates sobre os problemas nacionais". O pacto social. Marcos Sá Correa. Veja. 9/2/1994, p. 28.

723 Idem, p. 30.

externo do Judiciário"; "limite de 12% nos juros"; "ensino público gratuito";[725] "Banco Central independente"; "unicidade sindical"; "medidas provisórias"; "revisão a cada cinco anos".

Na mesma edição é publicada uma matéria de quatro páginas sobre a possibilidade de "*uma chuva de dinheiro: inversões internacionais se multiplicam e começam a mudar o perfil do Terceiro Mundo*".[726] Aqui se reitera sua posição sobre um dos pontos centrais nas mudanças desejadas, ou "como pode ficar", embora isso apareça como matéria de puro interesse jornalístico:

> Elimina-se o conceito de 'empresa brasileira de capital nacional'; elimina-se qualquer tratamento diferenciado entre empresas de origens diversas; para efeito de atuação no Brasil, não importa a nacionalidade dos controladores ou dos detentores da maioria do capital, bastando que a empresa tenha sede no país; quebram-se as reservas de mercado das empresas brasileiras. Empresas de origem estrangeira passam a poder atuar em setores como mineração e saúde.[727]

A síntese da justificação, que lembra o modelo chileno antes exposto, é claramente apologética, além de preconceituosa e irreal:

> "Imperialistas, fora!" De Caracas a Calcutá, essa era uma palavra de ordem que se escutava em todos os idiomas até o início dos anos 70. Hoje, se o próprio termo já não estivesse em desuso, a frase seria outra: bem-vindo, imperialismo. De demônio sanguessuga e espoliador, o capital estrangeiro foi santificado num altar como o anjo da guarda do desenvolvimento, ferramenta indispensável para qualquer país que sonhe em tirar o pé do atraso. Não há quem não queira. Do Leste Europeu pós-comunista aos formigueiros humanos do Sudeste Asiático, todos fazem das tripas coração para conseguir ao menos uma lasquinha dos investimentos das multinacionais. E tem dinheiro à beça circulando pelo mundo em busca da missão intrínseca do capital: produzir mais dinheiro.[728]

---

724 Idem, p. 23.
725 A justificativa desse tema mostra que não há contradição em dizer que não seriam discutidos naquele momento, (posto que a revista os defende): "a determinação de que assim seja está entronizada o artigo 206, IV. Eis uma nova oportunidade para revê-lo, em face da gritante realidade de que as universidades públicas são redutos de estudantes ricos, mas provavelmente ainda mais uma vez não se terá coragem de fazê-lo". Idem, p. 30. Ou seja, apenas não era o momento adequado, a correlação de forças não permitiria atacar esse "problema", que ficaria guardado para outro momento.
726 Uma chuva de dinheiro. Izalco Sardengerg. Veja. 6/10/1993, p. 80.
727 Sete temas de peso, p. 28.
728 Uma chuva de dinheiro, p. 80.

Interessa observarmos o intuito de convencer, elevando a "exemplo absoluto" o que estaria ocorrendo nos países periféricos.[729] Embora sejam exemplos, e vistos de forma parcial, na medida em que não abordam as reais conseqüências sociais da inserção do capital estrangeiro nesses países, eles são absolutos, numa lógica totalitária: todos têm que fazer o mesmo. O fato de que essas benesses não se confirmarão enquanto modelo global dentro de pouco tempo (levando à derrocada do México e dos Tigres Asiáticos, por exemplo) não leva a revista a rever essas posições, ela apenas "esquece" o que disse, e deixa de citá-los como exemplo, mantendo entretanto sua pauta de ação.

Para tornar mais claras a sugestão para o Brasil, a revista cita o presidente do Banco de Boston no Brasil e diretor do comitê de investimentos estrangeiros da Câmara de Comércio Brasil-EUA, Henrique Meireles: "*nenhum país em desenvolvimento dispõe de poupança interna para manter um ritmo acelerado de crescimento, isso só se consegue com dinheiro de fora*".[730] Agora seria o momento da América Latina e do Extremo Oriente, porque, "*ao contrário do que se imaginava nos dias eufóricos da queda do Muro de Berlim, os países egressos do comunismo se revelaram uma decepção como focos de investimentos*".[731] E na América Latina, havia ainda exemplos "mais aplicados", como o México, "*aluno aplicado da* ***receita neoliberal***", e o Chile por ter "*a economia latino-americana mais aberta*".[732] Cita o ex-ministro João Sayad, para quem falta apenas "*estabilidade e regras do jogo claras. Se isso ocorrer, chove dinheiro no Brasil*",[733] o que corresponde ao desejo de reformar a Constituição e dar "*carinho nos gringos*", nos mais diferentes aspectos.[734] Todas essas falas estão em consonância com as que estão cotidianamente presentes nas páginas amarelas, conforme

---

729 O texto diz: "num mundo que parecia, há pouco tempo, fadado à inexorável divisão entre o clube dos ricos e o favelão dos pobres, a chuva de dinheiro em nações aparentemente irrecuperáveis vem revogando velhas noções sobre a desigualdade planetária". Idem.
730 Idem, p. 81.
731 Idem.
732 Idem, p. 82. Grifos meus.
733 Idem.
734 "Carinho nos gringos: a arte de encorajar os estrangeiros a investir" é o título do tópico sobre capitais dos "sete temas" a serem reformados na Constituição. Sete temas de peso, p. 28. Nessa mesma edição se anuncia outro aspecto desse mundo "globalizado", a negociação com o FMI: "nada na cartola: a equipe econômica volta da reunião anual do FMI sem resultados práticos e dá sinais de que ainda não tem uma receita contra a inflação". Veja. 6/10/1993. Apenas para se ter uma visão de como a "globalização" está intrínseca, nos diversos campos da publicação, observe-se a matéria de capa: "o Brasil na rota dos megashows: na órbita dos astros", sobre os espetáculos de Michael Jackson e Madonna no Brasil.

apontaremos no capítulo seis. São os diversos gerentes e intelectuais do capital, exigindo abertura econômica como forma do Brasil "dar certo".

Considerando pouco o empenho dos deputados nas votações, a revista faz uma longa reportagem em que aponta alguns dos poderosos interesses envolvidos no processo de revisão, os lobbies "*dispostos a gastar 100 milhões de dólares na defesa de seus interesses*",[735] apontando para o que considera "natural" compra de apoios e promessa de dinheiro para campanhas eleitorais em troca de votos na revisão. Segundo a revista, essa atividade é "*legítima, porque ajuda o parlamentar a decidir melhor*".[736] A questão a qual se direciona é o monopólio da Petrobrás. Por isso *Veja* enfatiza a importância da fase que deveria entrar em curso: "*serão discutidos os monopólios do Estado, as restrições ao capital estrangeiro, o sistema de previdência e a distribuição dos impostos entre a União, Estados e municípios*".[737] O mais importante a ressaltar são as estratégias de favores e privilégios oferecidos pelos lobbies, chegando a relatar uma oferta feita a Cardoso: "*alguns empresários foram a Brasília pedir o apoio de Fernando Henrique Cardoso a algumas idéias, que eram também as do ministro e de sua equipe. A intenção dos empresários era fazer uma aliança pública com o ministro para levar as idéias adiante*". Mas, indica com naturalidade que o ministro achou que poderia não pegar bem: "*um apoio explícito dos empresários poderia criar mais problemas do que trazer soluções. Era melhor receber o apoio à meia-luz*".[738] Portanto, esse tipo de negociação deveria, na medida do possível, respeitar regras, o que está em sintonia com a posição da revista com relação à corrupção durante o governo Collor, o problema era passar dos limites.

Segundo *Veja*, a revisão "não deu em nada", embora fosse indispensável ao projeto de abertura, atendendo aos interesses do capital externo, como foi tão reiterado. Agora restava apontar um responsável, o mesmo a quem ela havia elogiado: "*há um consenso de que a maneira como conduziu os trabalhos da revisão foi desastrosa. Jobim optou por reservar para si a tarefa de definir quais as propostas que seriam acatadas para apresentação em plenário.*

---

735 Milhões na revisão. Veja. Eliana Simonetti. 2/2/1994, p. 18.
736 Idem.
737 Idem, p. 19.
738 Idem, p. 23.

Se a revisão desse certo, seria a revisão do Jobim".[739] Com esse resultado, os parlamentares não perderiam seus votos, mas a revista insiste na implicação de longo prazo:

> O país é que perde. Sem algumas alterações na Constituição, o plano econômico do governo não se sustentará a longo prazo. Pela **engenharia populista da Carta de 1988**, o Estado é concebido de tal forma que a União estará sempre em déficit, já que tem mais despesas do que receitas em potencial, a Previdência está falida. O sistema tributário estimula a sonegação. (...) O capital estrangeiro está impedido de investir em setores vitais, como mineração, petróleo e telefonia. E a máquina administrativa tornou-se uma piada.[740]

Mas Veja não desanima e já avisava que iria esperar o próximo ano, quando "*sem a pressão de um ano eleitoral, a coisa pode sair*".[741] A opção assinalava a revisão na Constituição, mas sem o caráter de reforma, como viria a acontecer ao longo do governo de Cardoso.

4.2.2. Privatizações e abertura de capital

As "privatizações", ou venda de empresas públicas, têm sido um dos pontos centrais dos governos neoliberais. Sobre o tema, inúmeros textos e manifestos foram produzidos. Muitos são frutos de mobilizações sindicais ou de partidos de oposição, apontando para a importância de conscientização nacional acerca da gravidade do problema e das questões envolvidas na venda do patrimônio público.[742] No entanto, *Veja* desconsidera tais questões. A sua defesa da privatização é naturalizada, ela não produz explicações, utiliza-se sempre de bordões e de "falsos motivos", que nunca são debatidos (como por exemplo, o alegado prejuízo das estatais). Sempre são ouvidas as mesmas pessoas, cujas posições são as mesmas da revista, que aparecem de forma inequívoca e incontestável. Os que discutem e discordam da inexorabilidade da necessidade de venda das estatais são desconsiderados, ou vistos como "irracionais", apegados a ideais ultrapassados, em uma expressão em voga naquele momento,

---

739 Morte anunciada. Veja. 20/4/1994, p. 22.
740 Idem. Grifo meu. Mais uma vez, Veja ajuda a construir e depois destruir, como se não fora responsável por nada. A forma com que ela se refere a Jobim mostra isso. Segundo ela, Jobim "começou o ano de 1994 preparado pra brilhar. Saudado por seus pares e pela imprensa como uma das maiores sabedorias jurídicas do Congresso". Ela se utiliza do termo vago "a imprensa", apontando para um "sujeito", ao mesmo tempo em que se exclui dessa ação. O triste fim do deputado Jobim. Veja. 25/5/1994, p. 22.
741 Idem, p. 23.
742 Um rico exemplo de um movimento que não ganhou qualquer cobertura da mídia foi o que conseguiu reverter a já dada como certa privatização da Companhia Elétrica do Paraná, Copel, no ano 2000.

"dinossáuricos". Para buscar se legitimar, *Veja* dá impressão de verdade ao que não passa de uma posição em disputa, mas não quer que assim apareça. A busca de consenso leva a desqualificar aqueles que a ela se opõem, tornando sua posição "verdade absoluta". Ela seleciona quem vai ouvir; em seguida, apresenta uma maioria de favoráveis às suas posições, de preferência nomes já conhecidos (ou que ela própria ajuda a divulgar); mostra alguns (também direcionados) opositores (sobretudo se há divergências inter-empresariais). Para culminar, de vez em quando realiza matérias com francos opositores (mas sempre dentro do mesmo eixo de ação), quando, então, em nome do "consenso" já forjado, permite-se abusar dos adjetivos e das desqualificações.

Um recurso discursivo muito usado se expressa nas palavras de Simonsen: "*a intervenção estatal deve ser inversamente proporcional às liberdades democráticas*".[743] A atuação do Estado torna-se "intervenção", termo característico da ditadura, ao que contrapõe um vago ideal de "democracia". O fato do portador desse ideal "democrático" ser um ex-ministro da ditadura é silenciado, isto é, apagado da memória com a maior tranqüilidade.

A questão da privatização foi um dos maiores embates e cobrança acirrada de *Veja* com o governo Itamar Franco, mesmo tendo ele sido responsável pela venda de importantes empresas do patrimônio nacional. A revista exigia mais: o cumprimento total e imediato do programa de privatizações do governo Collor. O governo era assim caracterizado:

> Um livro com os pensamentos do governo Itamar sobre a venda das empresas estatais brasileiras poderia ter até 1000 páginas – todas em branco. (...) O governo está atordoado diante desse tema, ou o que é pior, gostaria de encerrar o programa de privatização, mas não tem coragem de dizer.[744]

Diante da informação de que o presidente buscaria ouvir o Congresso sobre as regras do processo, a revista foi taxativa: "*recorrer ao Parlamento a cada* ***ato rotineiro*** *(...)* ***é inútil***".[745] E a justificativa seria a "onda": "*é estranho defender a importância estratégica de uma fábrica de aço no Brasil, como fez na semana passada o presidente do BNDES, quando o*

---

743 Um rei para o Brasil. Mario Henrique Simonsen, entrevistado por Marcos Sá Correa. Veja. 20/1/1993. P. 9
744 Páginas em branco. Veja. 4/11/1992, p. 86. Aqui apresentaremos apenas alguns exemplos de cobertura das privatizações, aqueles que nos pareceram mais relevantes no período.
745 Idem. Grifos meus.

mundo inteiro anda na direção contrária".[746] Portanto, infere-se que para a revista, seria melhor que o governo decidisse e legislasse por decretos ou medidas provisórias.

Na privatização da siderúrgica Acesita, a revista insiste: "*o governo está tonto* (...) *precisa de rumo*".[747] Diante da manifestação do ministro das Minas Energias, questionando a necessidade da venda, *Veja* disse que suas idéias "*têm o dom jurássico do patriarca Dino da Silva Sauro, do seriado de televisão*".[748] As críticas da revista se estendem também ao que considera ser um "recurso baixo", as tentativas de barrar os leilões por via judicial.[749] Quando finalmente a siderúrgica foi vendida, foi considerada uma coisa boa "*para os contribuintes*", que "*se livraram de mais um sumidouro de dinheiro*".[750] As divergências sobre o ritmo e a extensão das privatizações eram camufladas sob a enxurrada de comentários desairosos sobre a personalidade do presidente: "***falta de firmeza do presidente Itamar Franco***: *a sensação que se tem pelas declarações de Brasília é que o governo vê as privatizações com grande desconfiança, gostaria mesmo de acabar com elas, mas não tem coragem de contrariar frontalmente um programa que já recebeu a aprovação do país inteiro*".[751] Portanto, nesses momentos, seria em nome de "todo o país" que a revista cobrava uma ação. Como prova da "má vontade do presidente", cita um suposto telefonema de Leonel Brizola que teria lhe recomendado voltar atrás nas privatizações, ao que teria respondido: "*não posso. Em outros tempos, até poderia concordar. Mas, se fizesse isso agora, quais seriam as manchetes da Folha de São Paulo, e de O Estado de São Paulo e O Globo*?".[752] Com isso apresenta o governo sob "más influências", mas ainda assim obrigado a pautar sua ação pela imprensa, explicitando seu papel de vigilante em relação à ação governamental, a partir de seu próprio programa, colocado como de interesse "de todos".

---

746 Idem, p. 87.
747 Paulino da Silva Sauro. Veja. 21/10/1992.
748 Idem.
749 Ela "informa" que "o quadro de advogados do BNDES teria recebido um recado informal de Brasília, para adotar uma postura menos ativa que no tempo de Eduardo Modiano, no caso de aparecer alguma liminar contrária a um leilão". Idem. Modiano que tinha a posição mais privatista no governo, participava das reuniões do Fórum Nacional. Ver: MODIANO, Eduardo. Um ajuste que leve à retomada do crescimento. In: VELLOSO. (Org.). As perspectivas do Brasil. Op. cit., p. 92-95.
750 Um leilão do barulho. Veja. 28/10/1992, p. 92.
751 Idem, p. 93. Grifos meus.
752 Idem.

Para rebater as críticas difusas quanto à forma da privatização, *Veja* citou um artigo da revista Exame, da coluna de Mario Henrique Simonsen: "é espúrio o argumento de que o governo nada lucrou com a privatização por ter trocado ativos valiosos por moedas podres. Podre é a cabeça de quem diz que o governo não precisava apressar-se em liquidar as debêntures de uma empresa extinta (...)" ou de que "a simples dissolução de uma holding estatal fosse capaz de apagar suas dívidas".[753] Para que ficasse clara a posição sobre a irrelevância da forma dos leilões e da polêmica questão da forma de pagamento, arrematava: "*é útil discutir a forma de pagamento nos leilões, mas isso não deve ser encarado como um fator essencial. Essencial é vender o patrimônio do governo que não está vinculado às funções obrigatórias do Estado*".[754] Seria necessário então "*aparar as gorduras do Estado*", apresentado como cabide de emprego, não hesitando em citar como exemplo o caso PC Farias: "*essas quadrilhas privatizaram o bem público em benefício do próprio bolso*", sem nenhuma relação com o tema.

Os olhos se voltavam para a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional. Para convencer dos "benefícios" da privatização, nesta mesma edição a revista recebeu seis páginas de publicidade da Usiminas privatizada: "*hoje, modernidade empresarial significa competitividade. Significa uma empresa capaz de evoluir tecnologicamente, sem perder de vista os ideais do bem comum*".[755] Quando, já no final do ano, o presidente prorrogou o prazo para o leilão de estatais, após denúncias contra o leilão da CSN,[756] a atitude da revista foi noticiar o fato e elaborar um quadro, sem citar fontes, onde se "esclarece" os problemas das estatais, que "*prestam serviço para um mau pagador que é o Estado*", e "*pagam um preço alto pelo fisiologisimo e pela má administração*". Dentre as empresas mais problemáticas, segundo a revista, estariam a Eletrobrás, a Itaipu, a Petrobrás, Telebrás e Vale do Rio Doce, que

---

753 Idem, p. 94.
754 Idem.
755 "Usiminas, 30 anos. Valorizando o homem e a qualidade". Publicidade em Veja, 28/10/1992, P. 44 a 49. Também a Acesita privatizada publicaria publicidade em Veja: "o melhor de nossa história ainda está para acontecer". (2/11/1994, p. 78 e 79).
756 A revista já havia criticado o "passo bêbado da privatização", que estaria em oposição a "muitas estatais afundadas em dívidas, gastando a rodo o dinheiro público". O passo bêbado da privatização. Carta ao leitor. Veja. 4/11/1992, p. 17.

gerariam um "*efeito nefasto sobre a inflação do país*".[757] Buscou-se ainda convencer que as empresas privatizadas estariam, agora sim, dando lucro ao Brasil, como em longa matéria que comemora o fim da "*ditadura do aço*", "*para alegria dos milhões de contribuintes*",[758] quando a Açominas foi privatizada, acabando com a participação do governo em empresas produtoras de aço. A revista quer convencer da necessidade de vender empresas lucrativas e de alto interesse empresarial ao capital externo, defende que esse seria o único e melhor caminho, e, além disso, preparar terreno para as privatizações no setor das telecomunicações.

Em março de 1993, *Veja* elogiava o "passo mais rápido" da privatização: "*o governo coloca duas estatais à venda e dá sinais de que o programa de privatização pode se acelerar*", o que seria sinal de "*uma boa notícia: o presidente está mudando de opinião*".[759] A posição de Franco que era, segundo *Veja* de se auto-atribuir um "*poder imperial de cancelar qualquer leilão*", agora seria a de "*arregaçar as mangas e privatizar*",[760] de acordo com as palavras do presidente da comissão de privatização, Franco Montoro Filho que é aqui a voz para dizer o que *Veja* quer. Sempre que há suspeita de alguma irregularidade e a suspensão, ainda que temporária, do leilão, a crítica é certa: "*de acordo com a decisão, [do governo] o Senado poderá interferir no processo de privatização sempre que tiver dúvidas sobre o preço da estatal. Essas providências diminuem o risco de irregularidades, mas tornam as vendas praticamente impossíveis*".[761] Em conclusão, cita Eduardo Modiano: "*nesse passinho (...) não vamos chegar a lugar nenhum*", mas, sempre completando: "*o contribuinte perdeu com atraso da venda*".[762] A metáfora do passo se vincula ao "rumo" que a revista está querendo imprimir ao programa de governo, especialmente à privatização. Como defende que o tem que ter um "rumo" (que ela diz qual deve ser), os passos deveriam caminhar: as privatizações seriam passos que avançariam neste sentido (também por isso o governo estaria "no rumo certo" a partir de FHC). As manifestações contrárias às privatizações são desqualificadas como

---

757 Um surto estatal. Veja. 23/12/1992, p. 93. O mesmo sentido tem a entrevista nas páginas amarelas do ministro da Administração: "parasitas do Estado: as estatais são sustentadas pelo contribuinte e completamente divorciadas da realidade do país". Romildo Canhim, entrevistado por Gustavo Paul, 19/1/1994, p. 7.
758 Cai a ditadura do aço. Veja. 15/9/1993, p. 36.
759 Passo mais rápido. Veja. 17/3/1993, p. 88.
760 Idem. Mesmo diante da suspeita de irregularidades nos processos de venda, a posição da revista não muda. No caso do leilão da Poliolefinas, que envolvia várias acusações de irregularidades, a revista conclui com as palavras de Montoro Filho: "o importante é que o leilão saiu". Um leilão de boatos. Veja. 24/3/1993, p. 82.
761 Uma a menos. Veja. 30/6/1993, p. 89.
762 Idem.

"badernas que estudantes e militantes ligados ao PT, ao PC do B e a outras facções estatizantes",[763] como no caso do leilão da Cosipa, no qual "pelo menos" "*não houve a irritante guerra de liminares que atrasava os leilões anteriores*".[764]

A cada estatal privatizada, a revista buscava mostrar o mesmo roteiro: os "baderneiros" de um lado, e do outro, os empresários que apesar de brigarem entre si, levariam ao melhor caminho para "a nação", pois estariam "*fechando ralos por onde somem dinheiro dos brasileiros*".[765] Os sujeitos são totalmente demarcados: "eles" são os baderneiros; "nós", os brasileiros. A venda seria algo tão proveitoso que mesmo os que a combatiam, na hora do leilão acabariam interessados no negócio, como teria ocorrido com a CSN, que teve a participação do fundo de pensões de seus funcionários: "*a venda da CSN, que ajudou a reduzir a dívida do governo, desperta a cobiça de quem combatia privatização*".[766] Destaca ainda um dado falacioso, que aparece sem maiores explicações: "*com a venda de vinte estatais até agora, o governo já arrecadou 5,6 bilhões de dólares em títulos. Isso foi usado para abater a dívida pública*".[767] A venda da estatal seria exemplar, pois, sendo ela "*um monumento à presença do Estado brasileiro na economia, os próximos leilões têm tudo para ser mais tranqüilos*".[768] Finalmente, quando a equipe econômica passa a ter maior influência de Cardoso, *Veja* anuncia: "*A ordem é vender: Pérsio Arida monta um programa radical de privatização*".[769]

Diretamente vinculado estava o tema do fim do monopólio brasileiro da exploração do petróleo. Apesar de uma correlação de forças que obstaculizava a venda da empresa, a revista fincava posição de acabar ou flexibilizar o monopólio. Em vários momentos a questão foi colocada, das mais diferentes formas, desde o questionamento a Margareth Thatcher até a crítica à campanha publicitária da Petrobras. O destaque das páginas amarelas de 2 de fevereiro buscava não deixar dúvidas: "*O MONOPÓLIO JÁ ERA: um dos maiores*

---

763 Usina de surpresas. Veja. 25/8/1993, p. 96.
764 Idem, p. 97.
765 A hora do lucro. Silvio Ferraz. Veja. 15/9/1993, p. 41.
766 O apetite inesperado. Veja. 14/4/1993, p. 90.
767 Idem. Esse texto está em destaque, em um quadro com fundo vermelho. No interior da matéria se esclarece que "pelos cálculos do vice-presidente do BNDES, Alexi Stephanenko, o governo deve abater através da privatização mais de 9 bilhões de dólares em sua dívida nos próximos meses". Ou seja, trata-se apenas de uma projeção.
768 Idem.
769 A ordem é vender. Veja. 29/9/1993, p. 102.

especialistas mundiais em petróleo explica por que o Estado deve sair de campo e enumera as vantagens da privatização".[770] A falta de argumentos é, entretanto, patente:

> *Veja*: O fato de o petróleo ser uma mercadoria estratégica justifica a preservação de uma estatal como a Petrobras dentro de um mercado fechado?
>
> *Yergin*: Antigamente, talvez sim. Hoje, a idéia da preservação de estatais de petróleo devido a seu caráter estratégico está perdendo força da Argentina à antiga União Soviética. A estatal do petróleo da Argentina foi o modelo para todas as estatais da região, e hoje o modelo foi privatizado. Os países estão interessados em melhorar o bem-estar nacional do ponto de vista econômico. O monopólio estatal não melhora a arrecadação do Estado, pelo contrário, tem efeito oposto: com os monopólios, o Estado perde dinheiro através de vários subsídios.[771]

Nas páginas amarelas, ao entrevistar a ex primeira-ministra da Inglaterra, a questão reaparecia. Em várias perguntas abordou-se formas de privatizar. Ao se referir à questão do petróleo, foi explícita:

> *Veja*: Mesmo entre os defensores da privatização no Brasil há quem acredite que o governo deve manter o monopólio estatal do petróleo, um bem estratégico. O exemplo clássico é a Guerra do Golfo, em que estava em jogo o controle de grandes reservas de petróleo.
>
> *Thatcher*: Eu diria que a Guerra do Golfo foi provocada por um ato de agressão. Não se pode permitir que a agressão renda frutos. Esse é ponto essencial. Resta o fato de que Saddam Hussein queria apropriar-se de 60% das reservas mundiais de petróleo. Mas esse é um bom argumento para desejar que nenhum governo tenha o monopólio do petróleo, e não contrário. Veja o exemplo dos Estados Unidos. O petróleo está todo sob controle de empresas privadas e o setor funciona bem.[772]

Ou seja, sugere que foi o monopólio estatal iraquiano que causou a guerra, e não os ataques militares dos EUA e Inglaterra. Além disso, se oculta que a abertura de capital implica na concentração, especialmente nas mãos de empresas de capital norte-americano, das reservas de petróleo mundial, fator essencial nas disputas geopolíticas também na década de 1990. A questão da Petrobras voltaria muitas vezes, pois continua sendo um dos objetivos de *Veja*. E as privatizações, da mesma forma, são acompanhadas e cobradas pela revista, nos termos aqui exemplificados.

---

770 O monopólio já era. Daniel Yergin entrevistado por Flavia Sekles. Veja. 2/2/1994, p. 7.
771 Idem. A questão da privatização da YPF, empresa argentina de petróleo já havia servido para a cantilena privatista, sendo sua venda considerada uma forma de parar de "sangrar a carteira dos cidadãos". Fim de estoque. Veja. 9/6/1993, p. 85.
772 A receita da leoa. Margareth Thatcher entrevistada por Marco Antonio Rezende. Veja. 9/3/1994, p. 10.

4.2.3 Resumindo o projeto: ser moderno é ser "global"

Buscou-se ao longo da análise mostrar as afinidades entre as idéias defendidas por *Veja* e seu projeto político, em consonância com a ordem do capital internacionalizado. Houve momentos em que a própria revista pontuou explicitamente as idéias e debates, a serem observados, acompanhando o cenário político nacional, relacionando-os às discussões do Fórum Nacional. A posição esteve em consonância com a do ex-ministro Roberto Campos, expresso através de citações feitas pela revista. Além dele, outros intelectuais orgânicos, os ex-ministros Mario Henrique Simonsen, Delfim Netto, João Paulo dos Reis Velloso; e também como intelectual, mas com ação política imediata, José Serra. A única possibilidade de um projeto discordante ter vez em *Veja* é através de material pago.[773] Mesmo assim, não é garantido que a revista aceite esse tipo de material, pois, para ela própria, o mercado tem limites e *Veja* se reserva o direito de definir os parâmetros da liberdade de imprensa nas suas páginas.[774]

Nesse período passou a ser usual a associação entre privatizar e "modernizar", em acordo com a tese da globalização. Da discussão promovida por *Veja*, torna-se clara a associação do neoliberalismo ao "*moderno*", como parte da ideologia da globalização, como mostra a publicação, na seção Idéias,[775] da questão: "*que é ser moderno*?" A matéria ouve vários intelectuais, com destaque para Luis Carlos Bresser Pereira, Betinho, José Serra, José Arthur Gianotti, Celso Lafer e Frei Betto. A conclusão é:

> Quando o governo Collor colocou em circulação a idéia de modernização e identificou-a com a internacionalização da economia e a concorrência, assim como a diminuição do Estado, agiu no sentido do progresso e da emancipação? É aqui que entra Itamar com suas suspeitas. Ora, como pode ser libertador ir ao encontro dos estrangeiros? Ou vender a Usiminas? 'Modernidade é a capacidade de arquivar idéias caras e adotar outras arriscadas', diz José Serra. Trata-se de uma definição

---

773 Caso da publicação e um material publicitário, de oito páginas do então governador do Paraná, Roberto Requião. Há um outro caminho: elementos para uma proposta para o crescimento. Governo do Paraná, 1992. (publicado das páginas 53 a 60 de Veja de 28/10/1992.)

774 Como no caso da matéria de capa contra Orestes Quércia, considerado o homem de "52 milhões de dólares". A revista negou-se a aceitar a resposta paga do político. Ver: GUSMÃO, Sérgio Buarque de. Jornalismo de investigação: o caso Quércia. São Paulo, Civilização Brasileira, 1994.

775 A seção idéias não é fixa. Ela só é publicada quando há algo de interesse da linha editorial e comumente trata de textos de instrução.

> que supõe um movimento mental, a ousadia de emancipar o pensamento. Alguns não chegam lá.[776]

O fato seria tão evidente que "*tirando Itamar e alguns poucos, o consenso é que a modernização impõe a internacionalização*". Para reafirmar, cita-se Fernando Henrique Cardoso: "*ou nos modernizamos da maneira que nos convém enquanto nação organizada ou as forças dominantes na economia mundial nos modernizam à maneira deles*".[777] Essa tese incluía uma observação: não deveria significar um "*abandono da questão social*", que seria a opção de "*alguns que estariam pensando: para que se preocupar com algo que fazia parte do repertório dos derrotados, os socialistas*?" Essa posição se assemelha em muito à exposta pelo Fórum Nacional enquanto "*consciência social brasileira" que chegou a falar em "opção preferencial pelos pobres*".[778] A "questão social" não deveria ser abandonada, sob pena de dar lugar às "*velhas utopias*",[779] ora, se "algo de verdadeiro" existia na fundamentação do comunismo,[780] isso exigiria a organização da classe dominante.

É também em torno da definição de "moderno" que se afirma que "*Itamar rema não só contra a corrente mas possivelmente também contra a História*", pois estaria apegado "*ao protecionismo, à substituição das importações e do robusto Estado que tudo patrocinava e todos empregava*", ou seja, "*ao velho projeto de modernização*".[781] Este projeto, portanto, tinha que aparecer como sendo a síntese histórica, aquilo para o qual toda a história até então tinha preparado. Há uma recusa a qualquer divergência, e isso é feito em nome de um termo

---

776 Que é ser moderno? Roberto Pompeu de Toledo. Veja. 14/10/1992, p. 86. No final de 1992, ao fazer um "balanço do ano", Veja caracterizava Collor como alguém que "negociava favores e acionava uma linha de montagem de barbaridades com a finalidade de roubar, enriquecer e, marginalmente, posar de modernizadora" (...) até que "a imprensa descobriu o que se passava e publicou". O grande problema então era evidenciado pela marginalidade da "modernização" de Collor. 1992. Collor enlouqueceu o Brasil. Veja. 30/12/1992, p. 32.
777 Idem.
778 VELLOSO, (coord). O Brasil e as reformas... p. xiii.
779 Em uma visão crítica, Frederic Jameson vê o uso da expressão "moderno" como um substituto da "falta de esperança" gerada com o "fim das utopias". (A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 33.) Modernidade seria então algo que permitiria a manutenção da esperança. Essa pode ser uma explicação para a proposição de José Serra de que "necessitamos uma utopia" apontada no capítulo anterior, consubstanciada agora no projeto "moderno".
780 Como observamos no anticomunismo dos anos 1930. A direita articulava a idéia da "ilusão comunista". Ou seja, a apuração do problema concreto (a exploração) poderia levar à "falsa idéia" de que deveria ser resolvida pelo conflito (a luta de classes). A existência de uma "solução comunista" ("repertório dos socialistas") deveria servir para que se percebesse que ele apresentava uma solução, mas que ela não passava de uma "ilusão". Nesse sentido, a manutenção de uma utopia é mesmo essencial. Ver: SILVA, Carla. Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros. Porto Alegre, Edipucrs, 2001.
781 Que é ser moderno, p. 86.

facilmente aceito no senso comum, o "moderno". No programa de *Veja*, tudo o que a isto se opusesse deveria ser considerado atrasado, anacrônico, passível de esquecimento ou superação. Com isso, se estabeleciam as bases para seu projeto.

4.3 O PROCESSO ELEITORAL

4.3.1 Em busca de um candidato à sucessão

A aceitação de Fernando Henrique Cardoso como nome de consenso dos grupos atrelados ao capital externo e ao modelo neoliberal não foi imediata. Antes de chegar a ela, outros nomes foram aventados, o que ocorreu seja pela possibilidade concreta de serem "criados" outros presidenciáveis, pois parece que havia alguma desconfiança quanto à capacidade de FHC ser eleito, vinculada à sua popularidade. Em alguns momentos foram apresentadas resistências à sua candidatura antes de seu lançamento, especialmente por parte dos demais partidos que também lançariam candidatos. Depois de lançada, o consenso em torno da candidatura é claro. O padrão de referência da revista permanece sendo José Serra, embora nesse momento não tenha sido sugerida a sua eleição.

É com o sentido de aventar possibilidades que se publicou uma reportagem de capa sobre o "exemplo" da capital do estado do Paraná: "*a capital de um país viável: Curitiba, um paraíso da classe média, faz 300 anos com a fama de melhor e mais inovadora cidade do país*".[782] O destaque é para o ex-prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, citado ao longo de toda a reportagem de oito páginas. Ele é considerado alguém que tem "*lampejos de genialidade*", um "*self-made man curitibano*", e uma "*esperança para o pleito presidencial de 1994 entre as elites*".[783] O próprio título da reportagem encerra esse objetivo: Curitiba é mostrada como "a capital de um país viável", desde que administrado da mesma forma.

Os casos de Paulo Maluf e de Orestes Quércia merecem observações a parte. Os dois não eram desejados como candidatos, aparentemente por causa das denúncias de corrupção nas quais os dois estavam envolvidos. Sobre eles a revista publicou uma série de matérias para desconstruir as possibilidades de suas candidaturas. Quanto a Maluf, o "*candidato preferido*

---

782 A capital de um país viável. Cidades. Laurentino Gomes e Marleth Silva. Veja. 31/3/1993, p. 68.
783 O chinês colecionador de idéias. Veja. 31/3/1993, p. 71.

do conservadorismo na sucessão",[784] *Veja* foi mais comedida, mas descartando-o como presidenciável após a divulgação do "*esquema Paubrasil*".[785] Ademais, o político teve um papel relevante na campanha, ao tomar para si a tarefa de produzir denúncias contra o candidato Lula.[786] Diante do pedido do senador Espiridião Amin de quebra do sigilo bancário de Lula, e de um questionário sobre finanças publicado na imprensa a revista completava: "*deveria ser endereçado a todos os políticos (...) lamentavelmente, uns 90% não teriam como respondê-lo sem mentir*".[787] Assim, mais uma vez se naturaliza como inevitável a prática de "maracutaias" diversas no Congresso Nacional. *Veja* teme, entretanto, a continuidade de brigas entre Maluf e Lula, levando-os a se auto-destruírem e depois se unirem "*para destruir um eventual candidato da terceira via*".[788]

No caso de Quércia, a revista agiu com mais indignação, também tendo como eixo a corrupção,[789] mas sempre apontando para o problema de que ele emperrava as possibilidades de surgir outro candidato no PMDB, seja Luis Antonio Fleury,[790] ou, o preferido, Antonio Britto.[791] Pouco antes da campanha eleitoral, a revista continuou dando cobertura à sua atuação que teria gerado um "*circo desastrado: ensaiando um estilo duro na TV, Quércia se descontrola, dá um show de truculência e se sai mal*".[792] Diante do perigo real do PMDB conseguir articular uma candidatura forte, a preferência ficaria para o neoliberal Britto.

As candidaturas "da direita" de Paulo Maluf, e "da esquerda" de Lula,[793] passam a ser o alvo central das críticas. Diante da inviabilidade de Maluf e da incompatibilidade com Lula,

---

784 A guerra Paubrasil. Veja. 28/7/1993, p. 29.
785 Esse caso envolvia denúncias de caixa 2 na campanha do candidato, envolvendo o pianista João Carlos Martins. Idem. Ver também: O esquema Paubrasil. Veja. 21/7/1993, p. 22.
786 Os argumentos contra Lula levantados pelo malufismo foram: ligação dele e da CUT numa "conexão de 50 milhões de dólares", o suposto enriquecimento do candidato petista, os estudos de sua filha em Paris. O primeiro caso foi alvo de reportagens em Veja e os outros dois, recorrentes no discurso da revista nos ataques ao candidato Lula, como se verá adiante.
787 Idem.
788 Idem, p. 30.
789 Inclusive com uma reportagem de capa, em que o rosto do político aparece todo estilhaçado, como um espelho quebrado, com a manchete: A QUEDA DE UM POLÍTICO: Quércia sai de cena com as denúncias de corrupção e o PMDB procura uma nova cara. Capa. Veja. 5/5/1993.
790 As negociações do partido foram acompanhadas pela revista, como no caso da indecisão entre Quércia e Fleury: o frango de Hong Kong. Veja. 18/8/1993, p. 26; Como bons amigos. Veja. 2/3/1994, p. 28.
791 Começo da lama. Veja. 16/2/1994, p. 23.
792 Veja. 27/7/1994, p. 40.
793 Quanto a Lula os argumentos contrários são de que ele usou um avião pago pela prefeitura de São Paulo quando Luiza Erundina era prefeita, e que sua filha morou em Paris "à custa de uma amiga herdeira da empreiteira Andrade Gutierrez", ao que Veja "explica" hipocritamente: "não se trata, nesse caso, de questões de

a revista alertava para a necessidade do consenso em torno de um novo nome, forjando um aparente centro ou "terceira via". Argumentou "a favor de Jatene", informando sobre sua origem, seus estudos, seu trabalho como secretário de Maluf, onde ele "*criou inúmeros postos de saúde e fez nomeações baseadas em critérios de competência, e não políticos*".[794] Apresenta ainda suas desculpas por ter feito pouco no governo Collor, que não lhe deu "*a tranqüilidade para fazer o que queria*". O "pedigree" de Jatene não deixa dúvidas quando a sua associação com sua associação com a direita. Ele seria uma alternativa embora tenha participado do governo do próprio Maluf, candidato que a revista não endossa, mantêm-se os vínculos de classe. Os empecilhos seriam sua inexperiência e falta de gosto pela política, mas *Veja* completava com a fala de Delfim Netto: "*ele pode fazer um programa enxuto (...) uma nova organização do Estado*"; e de A. C. Magalhães: "*Jatene pode tomar gosto e aprender a fazer campanha*".[795] Está assim dada a "notícia", que inclusive recebeu uma tarjeta na capa, com fotografia do candidato e texto: "*uma nova aposta na corrida presidencial*". Essa candidatura, no momento, não passaria de um balão de ensaio, aguardando resultados, e apontando para a incerteza.

A revista aferia as relações de força ao lançar a candidatura de Adib Jatene à presidência. O texto, de três páginas, é evidente especulação e defesa do amadurecimento do nome desse candidato "sem partido", sustentado por Delfim Netto (PPR) e Antonio Carlos Magalhães (PFL). São nomeadas e descartadas outras possíveis candidaturas do que seria uma terceira via, como: Jaime Lerner (novamente); Ibsen Pinheiro;[796] Antonio Britto;[797] e chegava

---

opinião psicológica, interpretação política ou superestrutura ideológica. Trata-se de fatos que, como recomenda o método marxista, pertencem à esfera da infra-estrutura, da vida material: a filha de um político brasileiro, Lula, viveu em Paris à custa do dinheiro de uma grande empreiteira. A esses fatos não cabem negativas. Cabe registro". Idem, p. 21.

794 Idem, p. 22.

795 Idem, p. 22.

796 Pinheiro saiu fortalecido do processo de impeachment de Collor e ganhou duas páginas, com ampla fotografia dele dominando uma bola de futebol: "Ibsen arma sua maior jogada", ele "quer fortalecer seu nome como candidato a primeiro-ministro num sistema parlamentarista. Que ninguém duvide: no dia em que isso acontecer, Silvio Tendler ou algum outro documentarista estará com sua câmera focada nele". Veja. 30/12/1992, p. 60. Mas, as coisas fugiram ao controle de Pinheiro, que acabaria sendo cassado, e recebeu uma capa da revista: "ATÉ TU, IBSEN? Um baluarte do Congresso naufraga em dólares suspeitos". Veja. Capa. 17/11/1993. Há uma longa reportagem sobre o envolvimento dele e outros deputados com corrupção. No índice, a revista usa a mesma fotografia do político, que agora parece estar sendo dominado pela bola de futebol.

797 Britto ganhara uma "reportagem" de cinco páginas: "a boa lista de mas: a Previdência não é nenhuma maravilha, mas o ministro Antonio Britto tornou-se uma unanimidade no governo Itamar e entre os aposentados". Eduardo Oinegue e Luis Costa Pinto. Veja. 31/2/1993, p. 20. Brito acabaria, em razão da força política de

finalmente em Fernando Henrique Cardoso "*que se tornaria imbatível caso conseguisse baixar a inflação, restabelecendo a credibilidade da moeda*".[798] Observe-se que não há um descarte de FHC, mas o estabelecimento de pré-condições. A conjuntura política era porém dinâmica, sendo necessária uma articulação imediata, pois os adversários já estavam em campo.

Da mesma forma como elegera Curitiba um modelo de cidade, a revista elaborou uma longa matéria de capa sobre o estado do Ceará, que seria quase "*um país independente*",[799] de tão destoante do cenário nacional dada a sua prosperidade. O objetivo aqui, mais que lançar um candidato, é credenciar o "modelo PSDB" de governo. Trataria-se da "*república tucana do Ceará*",[800] que estava sendo destacada até mesmo na imprensa internacional. Nas palavras de Tasso Jereissati, que como governador iniciara esse projeto, explicava que "*enfrentar a miséria absoluta era a única forma de tornar o capitalismo viável no Ceará*".[801] Uma pergunta, que teria sido feita pelo jornal *The Economist*, sintetiza o objetivo da reportagem: "*o que aconteceria com a economia brasileira se todo o Brasil experimentasse a mesma receita*?".[802] Ou seja, como anunciado na manchete de capa, seria "um exemplo", demarcado pelo fato de que "*a diferença é que o governo cearense procurou aplicar soluções que hoje são corriqueiras fora do Brasil. Enquanto isso, de José Sarney a Itamar Franco, o Brasil afundou-se num populismo caipira tão desastrado que o país andou para trás*".[803] O modelo seria o "corriqueiro": demissões de funcionários, abertura ao capital externo, administração "de qualidade", formas de garantir o desenvolvimento do capitalismo, e os interesses do capital, como expressou o ex-governador.

Tratava-se de organizar as forças em torno de um nome capaz de combater a candidatura de Luis Inácio Lula da Silva, que possuía um grande potencial eleitoral, seja acumulado de seu desempenho em 1989, seja pelo fato de que Collor - que o vencera naquelas eleições - sofrera o processo de impeachment por corrupção. Suas armas eleitorais eram,

---

Quércia, desistindo e candidatando-se ao governo do Rio Grande Sul. Eleito, seu governo colocou em prática o modelo neoliberal: privatização e utilização dos recursos do Estado para incentivos a empresas multinacionais.
798 Jatene terceira via. Veja. 4/8/1993, p. 20.
799 O agito cearense. Laurentino Gomes. Veja. 1/12/1993, p. 88. A manchete da capa foi: "O EXEMPLO DO CEARÁ: como o Estado escapou da crise".
800 Idem, P. 93.
801 Idem, p. 90.
802 Idem, p. 89.
803 Idem.

portanto, muito fortes, sobretudo diante da situação de pauperização e sucateamento dos serviços públicos pela qual o país passava. Por isso, era fundamental afinar-se com um nome, e Fernando Henrique Cardoso ainda parecia ser a opção mais adequada ao projeto comum. Ele "*é o candidato dos* ***sonhos do anti-Lula*** *com o charme único de quem agrada à Fiesp e ao FMI, já foi exilado na Sorbonne e tem alunos que fundaram o PT*".[804] São refeitas as pontes: com a Fisp (que é criticada mas jamais descartada); com os setores ligados ao capital externo / FMI (interesses diretos da revista); e com o que a revista está querendo caracterizar como esquerda (usando para FHC o mesmo adjetivo – charmoso – que costumava usar para Tony Blair). O quadro abaixo reproduz um box da reportagem:

Caça ao anti-Lula	
Uma pesquisa da Fato, Pesquisa e Jornalismo, PFJ, ouviu 52 pessoas, entre executivos, empresários e profissionais liberais. Os entrevistados disseram quais os candidatos com mais condições de derrotar o PT (em %)	
Fernando Henrique Cardoso	62
Antônio Britto	52
Orestes Quércia	14
Ciro Gomes	12
Luiz Antônio Fleury Filho	12
Paulo Maluf	10
Mário Covas	8
Antonio Carlos Magalhães	4
Jarbas Passarinho	4
Leonel Brizola	4
Obs.: a soma é superior a 100% porque cada entrevistado citou dois nomes	

TABELA 1: Caça ao anti Lula. *Veja*. 16/3/1994, p. 30.

Ou seja, Fernando Henrique desponta como o candidato preferido. E a disposição do seu partido em estabelecer a aliança com o PFL foi um fator determinante no consenso do seu nome. Embora não tenha sido automática a sintonia em torno da aliança entre PSDB e PFL, Cardoso a endossava. A revista menciona um certo estranhamento inicial, por parte dos dois partidos, mas ao final concluía que essa aliança era indiscutível, estava mais do que dada. Nas palavras de FHC: "*precisamos do apoio do PFL e dos partidos próximos*

804 Ele sempre pensou naquilo. Veja. 16/3/1994, p. 30. Grifos meus. Essa expressão invariavelmente aparecia, mesmo que sob outras palavras, no caso, Elio Gaspari, que falava nos que "vivem aprisionados pelo medo-do-Lula". Tancruf vem ai. Elio Gaspari. Veja. 16/3/1994, p. 35.

programaticamente".[805] O PFL, era definido simplesmente como "*uma sigla cujos integrantes passaram os últimos trinta anos fiéis a um único princípio – ter cargos no governo*".[806] Enquanto a definição sobre o PSDB era "*uma legenda formada por políticos e intelectuais perseguidos em 1964, que romperam com o PMDB fisiomilionário de Orestes Quércia quando se dizia que isso era futrica acadêmica, ex-comunistas e toda aquela galeria designada como 'centro-esquerda*".[807] Ou seja, a revista passa longe do essencial, apontado por Cardoso, a afinidade programática. Dessa definição pode-se interpretar que finalmente se trataria de um ajuste de contas histórico: os que perseguiam e os que eram perseguidos na ditadura agora esqueceriam o passado e "se uniriam pelo Brasil". Mas, nesse contexto ainda não estava definida a candidatura, e ela dependeria ainda de sua "*mágica surtir efeito*":

> O embuste consiste em armar uma candidatura de dentro para fora da máquina do governo, mas dando a impressão de que ela nasceu desinteressadamente, como um prêmio cívico por seu **excelente desempenho** no controle da economia. A maioria dos economistas acredita que, no mês em que o real for implantado, a inflação cairá a zero.[808]

Ou seja, a revista está praticamente dizendo: *vejam*, está aqui o candidato e ele possui muitos trunfos. A definição do nome do vice, no entanto, não foi fácil. Em vários momentos foi mencionado Luis Eduardo Magalhães para vice. No entanto, parece que o deputado não quis trocar o certo pelo duvidoso, pois não tinha certeza de que Fernando Henrique ("ruim de voto") fosse se eleger. Por isso também tratou de subsidiar o esforço de Cardoso para tornar-se um candidato mais popular, especialmente nos domínios da "pefelândia". O nome de Luis Eduardo Magalhães, preferido por FHC, esbarraria na dúvida dos políticos baianos: "*Antonio Carlos tem a mesma dúvida de seu filho Luis Eduardo: Fernando Henrique tem condições de vencer a eleição?*".[809] E na dúvida, melhor seria não arriscar a reeleição certa, o que foi finalmente a opção. Quando seu vice foi escolhido, a revista não gostou da escolha do

---

805 Ele sempre pensou naquilo, op. cit., p. 32.
806 Idem, p. 30.
807 Idem.
808 Idem, p. 30. Grifos meus. Ainda nessa matéria já se definem importantes apoios à candidatura de FHC, como o de Antonio Ermínio de Moraes, do grupo Votorantim, que "pediu a Maluf que desistisse da campanha para não ajudar o Lula". Idem, p. 35.
809 Idem, p. 23. Um box ao fim da página mostra que Fernando Henrique seria "bom de carona, ruim de voto: FHC disputou três eleições, sempre pelo MDB ou PMDB, na carona de Quércia ou do Plano Cruzado de Sarney", sendo que só foi eleito em 1986 para o Senado. Idem. Na edição seguinte permanecia o impasse com relação ao vice. E, segundo Veja, a indecisão do PFL se daria pela indefinição programática: "queremos um programa comum de governo", disse Luis Eduardo. O nome do vice. Veja. 13/4/1994, p. 34.

candidato "bom de copo", considerando um "*comportamento leviano e desatento à experiência histórica*". A revista insistia na a "biografia suja"[810] de Guilherme Palmeira, e quando este foi afastado por denúncias de corrupção, o alívio foi anunciado. A cobertura desse fato foi discreta, se comparada a do afastamento do vice de Lula, por denúncias muito menos comprometedoras.[811] A substituição por Marco Maciel foi apresentada como um alívio.

Embora tenha havido várias críticas a Cardoso, depois de decidida a sua candidatura e na ausência de outro nome das forças globalizadoras, *Veja* participa ativamente de sua construção, acompanhando a grande imprensa, de forma geral. Quando FHC finalmente se apresenta como candidato, ganha uma capa em que aparece pensativo e seus olhos refletem a imagem do Palácio do Planalto. A revista promove o que chama de "debate acadêmico": "*mal-estar ideal: acostumados à unanimidade política, os intelectuais de esquerda se embaraçam entre FHC e Lula*".[812] O objetivo é claro, mostrar que agora existiria uma opção para os "intelectuais", o voto no "príncipe dos sociólogos". A sintonia com Fernando Henrique é explícita, como mostra a charge que reproduz Cardoso sendo entrevistado no programa na televisão de Jô Soares,[813] também colunista da revista: "*o candidato do gogó*",[814] a ponto de

---

810 Ela aponta não apenas os traços de coronel nordestino, mas especialmente suas ligações com a "república alagoana": "ele nomeou Fernando Collor prefeito de Maceió, quando era governador, o que equivale a tê-lo introduzido na vida pública", entre outras denúncias de relações com Collor e de benefício "indireto" com o esquema PC. O vice e o vício. Veja. 11/5/1994, p. 48.

811 As denúncias contra Bisol eram: "acusado de apresentar quatro emendas ao Orçamento de 1994 para Buritis, onde tem uma fazenda. (....) Em julho de 1978, por indicação do seu amigo Sinval Guazelli, então governador, é promovido a desembargador. Aposenta-se sete meses depois. Em 1982 pede um empréstimo de 39.000 dólares à Caixa Estadual, em condições privilegiadas. Em 1983, como deputado estadual, faz dois empréstimos de pai para filho no Fundo de Previdência do Parlamentar. Empregou sua ex-nora, o irmão e o filho em cargos de assessoria". Segundo: Veja, 20/7/1994, p. 18, 19. Já as acusações contra Palmeira são: "destinou verbas do Orçamento de 1993 para erguer um hospital superfaturado em União dos Palmares (AL). O prédio já deveria estar pronto em 1991, mas não existe; incluiu nos orçamentos de 1992 e 1993 verbas para obras em duas rodovias no interior de Alagoas uma não anda. A outra nem projeto tem; no Orçamento de 1994 apresentou emenda de 5,2 milhões de reais para concluir o mercado municipal de Araparica (AL). O valor é três vezes maior que o pedido pela prefeitura da cidade". Segundo: Veja. 3/8/1994, p. 37.

812 Mal estar ideal. Veja. 6/4/1994, p. 32.

813 Ver charge em anexo, em que os outros candidatos aparecem como meros espectadores do "rei do talk show" que seria FHC. Jô Soares na época ainda tinha sua página semanal em Veja. Outras charges têm o mesmo sentido, como por exemplo: a) figura de Chico Caruso, onde Lula vestido de macacão, gordo e com chave de fendas na mão é esgrimado por FHC, com elegante uniforme de esgrima (26/1/1994, p. 41). B) figura de Chico Caruso que mostra Lula como um diabo, sentado, ao telefone e FHC, como um anjo tocando uma harpa (31/8/1994, p. 45).

814 Título da reportagem, onde se lê que ele aparece "na televisão dia sim e outro também, enquanto o candidato do PT quase não surge nela". P. 23.

"*entrar na campanha como segundo colocado*".[815] Os planos de Cardoso são apresentados como espontâneos. O candidato ideal seria inclusive desvencilhado de seu passado, pois teria realizado a façanha de:

> Acalmar Itamar, sempre disposto a dar palpites inoportunos no terreno econômico. Que tenha feito seu plano econômico para poder saltar mais alto. Que tenha lançado a URV três semanas antes de sair. Que a nova moeda, o real, esteja planejada para ir às ruas em junho, e que, pela estratégia de Fernando Henrique, em setembro, às vésperas da eleição, a inflação esteja lá embaixo, sem recessão. Todo o Brasil já está careca de saber dessa urdidura.[816]

São apresentados, portanto, argumentos para a campanha. O plano de estabilização monetária é apresentado como se derivasse unicamente de FHC e, mais ainda, considerado como natural que tenha sido elaborado exclusivamente para atender aos seus desejos, ou mais propriamente, à sua vaidade, pois "*Fernando Henrique é, em primeiro lugar, o candidato dos sonhos de si próprio*".[817] Desde o início, o plano seria a plataforma eleitoral. Além disso, o máximo de disputa em torno do plano que ela assume é o fato de gerar "debate acadêmico", pois ele (e sua equipe) "*não queria fazer algo que os deixasse mal entre seus pares na academia*".[818] Interessante ainda observar que essa matéria é feita a partir de um jantar do candidato em seu último dia como ministro e antes de sair em campanha. Detalhes do jantar são revelados, mostrando intimidade do candidato com um suposto repórter, embora em nenhum momento seja esclarecido quem a elaborou. Quando se volta ao assunto do vice e das discussões entre os partidos, *Veja* é clara: "*nenhum dos presentes ignorava que uma deliberação desse quilate será acertada no silêncio dos bastidores, cabendo aos convencionais apenas referendar um acordo firmado com antecedência*".[819] Demarca-se assim uma suposta diferença com o PT, que "perderia tempo" com plenárias para tomadas de decisão partidária.

---

815 O candidato do gogó. Veja. 6/4/1994, p. 20. Concretamente, a imprensa nacional vinha já fazendo sua campanha, como está ficando claro no caso de Veja, após a definição do candidato. Fez parte do jogo eleitoral essa suspense em torno do lançamento da candidatura.
816 Idem.
817 Ele sempre pensou naquilo, p. 30.
818 O candidato do gogó, p. 20.
819 Idem, p. 22.

4.3.2 Enfrentando o risco Lula

A revista adotou uma tripla tática com na campanha: a) insistir sobre o risco Lula, apontando-o como ameaça efetiva para a modernização. Isso permitiria soldar as alianças internas em torno de FHC e se configuraria como uma espécie de retórica da ameaça para o grande público; b) inflar a candidatura de FHC; c) desqualificar o PT como arcaico, rançoso, rancoroso e, finalmente, como incapaz.

A campanha foi marcada pela desqualificação da candidatura da esquerda, que havia sido aventada como principal "ameaça", ou seja, poderia vencer. Foram muitas as manifestações nesse sentido. Ao mesmo tempo em que alertava para o perigo, chamava atenção para a necessidade da organização das "elites" e da busca de consenso em torno de uma candidatura, que estaria assentado quando houvesse o fato político do Plano Real, como já apontado.

No início de 1994 *Veja* alertava: "*mortos-vivos tentam se mover: no fundo do poço do Ibope, os partidos entram na sucessão com um problema único: quem enfrenta Lula*?".[820] Assim, o único que não estaria "morto-vivo" seria Lula: "*o ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso tem de encarar a inflação antes de pensar na cadeira de Itamar Franco*".[821] Diante das indecisões, especialmente do PMDB, que teria levado à desistência do "bom administrador" Antonio Britto, a revista deixa muito claro:

> As elites ainda estão tontas com o ano eletrizante de 1993, em que Fernando Collor virou um exilado na Dinda, Maluf foi abalroado pelo caso Paubrasil, Quércia submergiu sob o peso de sua fortuna e não se conseguiu produzir alguém com chance de disputar o Planalto com o "sapo barbudo" do PT.[822]

Considera que o candidato do PT "goza de uma situação de conforto relativo", citando as palavras do editor do programa de Lula, César Benjamin, "*que foi colega do capitão Carlos Lamarca na organização terrorista [sic] MR-8*": "*o PT é a favor da moratória da dívida externa, de discutir o pagamento da dívida interna e de interromper o programa de privatização*". Ou seja, explicita o risco que o seu programa correria com a eleição de Lula, contrário a tudo o que vinha sendo defendido pela revista. Claro, ressalvava que "*cantar o*

---

820 Mortos-vivos tentam se mover. Veja. 12/1/1994, p. 18.
821 Idem.
822 Idem, p. 19.

resultado das urnas com nove meses de antecedência é astrologia pura", mas esclarecia que "*o certo é que até agora existe só Lula – e uma penca de esforçados desesperados para despontar como o candidato capaz de enfrentá-lo*".[823]

Inventa então modos variados de atacar o candidato do PT e o seu partido. Um deles, é a exploração das contradições do próprio partido e a existência de alas "radicais", além de ser despreparado.[824] Ao se referir à posição do PT com relação à reforma constitucional, conclui que "*para passar uma imagem palatável, o partido abandona a velha firmeza e começa a gaguejar nas indecisões*".[825]

A reportagem de capa "*Lula sozinho na estrada*" foi especialmente produzida para confundir o eleitor e alertar. O candidato aparece em fotografia posada, caminhando sozinho, com uma camiseta da "*caravana da cidadania*".[826] Embora ao longo da reportagem se diga que Lula "*vai para estrada, aplaca a direita e afaga a esquerda*", a imagem na capa (reforçada pela manchete) é de alguém solitário, sem apoio, despreparado. A sucessão era tão importante que a revista designou Elio Gaspari para a cobertura, acompanhando uma parte da caravana de Lula pelo Brasil. Caracterizava-se o candidato como "moderado", que "*salvo pela insubmissão vocabular ('cidadões', 'as leis não são cumprida'), Lula-89, nunca mais*".[827] A revista percebe e assinala uma certa mudança de rota, afastando-se do candidato de seu passado "radical", que passa a ser apenas passível de uma "*santa nostalgia*".[828] Mas não

---

823 Idem, p. 20.

824 Essa questão é muito explorada, inclusive quanto às mudanças de posição de Lula: "o [Lula] de 1972, que só queria xingar a GM", sem "olhar para a sociedade"; o "radical de 1989"; e o "moderado, de 1994". Luis Inácio Sinatra da Silva. Elio Gaspari. Veja. 2/3/1994, 20- 27.

825 O PT falou e disse. Veja. 23/2/1994, p. 28.

826 A revista já havia assumido uma postura totalmente crítica à primeira fase da caravana, chamando-a de "lamentável espetáculo de demagogia". O marketing da fome. Veja. 12/5/1993, p. 26.

827 Luis Inácio Sinatra da Silva. Elio Gaspari. Veja. 2/3/1994, p. 21. Gaspari abusa do saber gramatical como uma forma de domínio e poder, desqualificando o pensamento adversário. Por isso também ele ressalta a fala do deputado Adão Pretto, vinculado ao MST: "nós do PT votemu contra o fim da correção monetária". (idem, p. 25). É sintomático que alguém tão erudito como Gaspari oculte a existência de um vasto debate no campo da lingüística que aponta não apenas a correção de conteúdo da linguagem popular, mas muitas vezes a sua superioridade de forma. Ressalte-se que é uma prática da revista promover na edição a correção gramatical, e portanto, se não o fez aqui é pelo sentido político do fato. Ver, por exemplo: CARBONI, Florence e MAESTRI, Mario. A linguagem escravizada. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

828 O autor diz que, como a caravana estava na cidade gaúcha de Santana do Livramento, e chegou a cruzar a fronteira com a uruguaia Rivera, teria sido permitida uma "certa nostalgia", como "tocar Caminhando", com direito a "foices e martelos nas bandeiras": "santa nostalgia de um tempo em que as ruas de Rivera eram o caminho da liberdade" (idem, p. 22). É, portanto, ironicamente que Gaspari propõe que seja tratado o passado de perseguições do regime militar.

confia nisso, o fato de Lula ter um discurso mais moderado, pode ser apenas uma forma de dissimulação, como argumenta *Veja*, só ele definiria "*que faixas tocam o 94 ou o 72*":

> Lula quebrou a escrita de todas as campanhas presidenciais, inclusive a sua de 1989. Dividiu-se entre os grandes plantadores e os pobres assentados por programas governamentais e invasões, confundindo-se deliberadamente com os Sem-Terra. Lula 94 é capaz de fazer coisas que Lula 72 não fazia, mas a naturalidade com que se meteu nos caminhos de barro dos assentamentos indica que Lula recente é capaz de qualquer coisa que o de 1972 tenha feito.[829]

Após demarcar o candidato à sombra do MST, ou seja, capaz de radicalismos, lembrando mais uma vez dos riscos implícitos, chamando consenso, retoma o fio da argumentação:

> Lula está **sozinho na estrada**. Faltam sete meses para a eleição presidencial e ele está na frente, com 30% das preferências, diante de adversários amedrontados e ainda incapazes de **produzir candidato** com 20% de peso. Segundo o Mapa das Elites, um levantamento da consultoria Fato, Pesquisa e Jornalismo, a **taxa de medo a Lula** subiu de 54% em setembro para 80% no início de fevereiro.[830]

Veja apresenta Lula como o candidato capaz de tudo, inclusive sujar seus pés em um assentamento do MST.[831] E se insiste em dizer que ele "está sozinho", aqui fica claro que se trata do fato dele não ter concorrentes. Corre-se o risco do candidato "de pés sujos", e que fala "errado", ser eleito. Caberia aos amedrontados fazer alguma coisa: superar os 20%, produzir um candidato capaz de vencer o perigo. Afinal, os índices de medo nas elites, dados como algo natural, estavam altíssimos.

Ainda de Elio Gaspari, a candidatura Lula recebe uma coluna especial, inteiramente dedicada a falar sobre o "príncipe barbudo", que "*está no melhor dos mundos",* mas *"é muito mais frágil do que imaginam petistas e petófobos*".[832] As "graves" acusações contra o candidato seriam o fato de sua filha ter morado em Paris "*à custa de uma herdeira da Andrade Gutierrez*", e que seus filhos "*estudam na rede privada*". Mas Gaspari, que reproduz essa idéia, alerta para tomar cuidado: "*hoje, mistificações desse tipo produzirão uma verdadeira*

---

829 Idem, p. 26.
830 Idem, p. 20. Grifos meus.
831 Também o fato de Lula ter visitado o Museu do Contestado em Santa Catarina, é destacado. Em um box se explica o que foi o movimento, e que "hoje até se poderia falar no assunto" sem ser considerado "agitador". Mas Lula, dissimulado, depois de visitar o Museu, ao falar à população local, não tocou no assunto. Ou seja, aqui também ele seria "capaz de qualquer coisa".
832 O príncipe barbudo. Elio Gaspari. Veja. 27/4/1994, p. 37.

infelicidade: colocarão Lula no Planalto pela soma de suas fraquezas com os erros dos seus adversários".[833]

Finalmente, quando a candidatura de Lula é lançada, a notícia é "*Candidato cor-de-rosa: o PT mostra bandeira branca para os credores externos, dá sinal vermelho aos militantes e lança o Lula social-democrata*".[834] Mas a própria revista esclarece que não acredita nisso, pois segundo ela, "*O PT mostrou que é possível virar social-democrata em três dias*". E cita: "*eu não posso arrumar inimigos antes da hora, afirma Lula, que talvez imagine que conseguirá iludi-los pelo menos até a eleição*".[835] O candidato, assim, é apresentado como dissimulado, fingindo defender de um projeto que não seria o seu. E diante disso se buscará demarcar as diferenças.

No âmbito da campanha *Veja* publicou uma longa reportagem sobre a eleição de Vicente Paulo da Silva, Vicentinho, à presidência da CUT. O sentido é fomentar popularidade da figura de Vicentinho, "*o peão que a elite quer ouvir*",[836] que diz que "*o capital estrangeiro não deve ser discriminado. Não importa se a empresa é americana, japonesa ou alemã. Desde que respeite a peãozada brasileira, será bem-vinda*".[837] Isso ocorreria supostamente em oposição a Lula, considerado como pertencendo à tradição "esquerdista/radical" sindical. A revista insiste em que "os tempos são outros", que houve um "*amadurecimento do sindicalismo no Brasil*".[838] Já na abertura da reportagem, isso fica claro: "*se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, tivesse de escolher um personagem-símbolo das grandes transformações ocorridas no Brasil nos últimos quinze anos, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, caberia bem no papel*".[839] Simplificando, no momento em que um ex-metalúrgico apresentava chances concretas de se eleger presidente do Brasil, a revista escolhia como personalidade um outro operário, mais "afinado com o tempo atual", que diz que "*o*

---

833 Idem.
834 Candidato cor-de-rosa. Veja. 11/5/1994, p. 49.
835 Idem, p. 50.
836 Vicentinho já havia sido destaque na seção perfil: ele "é muito diferente de Lula. Lula foi líder sindical numa época em que os metalúrgicos do ABC paulista enfrentavam seus problemas na base da greve e do piquete. O sindicalista Vicentinho é um líder com a cabeça para o tempo em que os carros brasileiros serão tão bons quanto os importados, haverá robôs na linha de montagem e os operários trabalharão com computadores". O peão que a elite quer ouvir. Ricardo Galuppo. Veja. 21/10/1992, p. 88.
837 Idem, frase em destaque.
838 Aqui a revista cita Francisco Weffort, ouvido como "cientista político e um dos fundadores do PT". A nova cara do ABC. Especial. Laurentino Gomes. Veja. 25/5/1994, p. 43.
839 Idem.

papel dos sindicatos não é só brigar e fazer greve, deve também ajudar a encontrar soluções para os problemas".[840] Segundo *Veja*, "*ele surpreende porque escapa dos clichês das velhas lideranças da CUT e do PT, para quem todo empresário é explorador, toda lei salarial é arrochante e todo patrão é espúrio*". Dentro de suas práticas estaria o padrão de "modernidade", ou seja, da negociação, do incentivo ao capital externo. Mas a revista aponta diferenças e o conflito na CUT: "*as correntes minoritárias da CUT discordam deste tipo e negociação. 'A nossa perspectiva é a da luta de classes', diz o médico Sérgio Barroso. (...) Essas correntes também são contra o pagamento da dívida externa, a privatização das empresas estatais e o Mercosul*".[841] E para concluir, uma informação adicional: "*a maioria dos militantes dessas correntes radicais são funcionários públicos ou empregados de empresas estatais*". Percebe-se o uso das mesmas expressões usadas para caracterizar os embates por onde passava Lula, e a citação expressa do PT e suas correntes, o que permitia a associação entre a situação da CUT, ou do trabalho de forma mais ampla, com o cenário de "abertura" nacional. os velhos inimigos (o funcionalismo) representariam também um problema político.

Adiante na campanha, na semana em que FHC declarou que era "mulatinho", e portanto "tinha um pé na cozinha", a revista chamou atenção para a mudança no símbolo da campanha de Lula que "*adotou o verde-amarelo na marca de sua campanha e confinou o vermelho, célebre cor das esquerdas, a uma estrela*",[842] que "*foi importada pelos socialistas do PT das bandeiras dos extintos países comunistas*", e "*é vermelha*".[843] Na mesma reportagem comenta-se a fala do candidato FHC, de passagem. Diante da afirmação preconceituosa, *Veja* até reconhece que "não pegou bem". Para amenizar, desvia para a questão da estrela do PT. Sobretudo, publica uma charge totalmente tendenciosa e descabida em relação ao assunto que estava sendo tratado. No desenho aparecem as figuras de Orestes Quércia, fazendo um gesto com as mãos que simulam gatunice; Lula aparece mostrando sua mão defeituosa, faltando um dedo; já FHC aparece com a mão limpa, aberta, que era seu

---

840 Idem, p. 42.
841 Idem, p. 46. Por essa época a revista volta a atacar o "problema do MST", com uma reportagem que recebe tarjeta na capa: "agitação no campo". "Olhai as foices dos pobres da terra: com chefes cristão-comunistas e chefiados de pés no chão, os sem-terra são anacrônicos e atualíssimos". Especial. Veja. 1/6/1994. (70 - 75).
842 Festival furta-cor. Veja. 8/7/1994, p. 34.
843 Idem, p. 36.

símbolo de campanha. FHC segura um quadro negro (de professor) que identifica diretamente sua campanha: uma mão aberta com os dizeres "*emprego, agricultura, segurança, saúde, educação*".[844] Os outros candidatos sequer são identificados.

Em face das dificuldades de Cardoso na campanha, *Veja* faz-se porta-voz de sua reclamação de que estaria sendo "patrulhado", estaria difícil ele exercer a demagogia necessária para se popularizar. Por isso, mostra vários momentos da campanha, especialmente sua estadia no "*arraial da Pefelândia*",[845] que recebeu inclusive chamada de capa (na tarjeta). A revista aproveitava para elogiar projetos pefelistas no nordeste, e mostrar o candidato à vontade com os "coronéis baianos". Diferentemente do que fazia com Lula, diante das críticas, a revista deu espaço ao próprio Fernando Henrique defender-se e reforçar sua imagem de "adaptado" e capaz: "*se você disser: 'eu não me misturo', então é melhor não entrar na política. É preciso ter duas coisas: a força e a vontade de fazer. É como a sociedade muda. Se você sabe o que quer, os outros se alinham*".[846] E coloca um ponto final na questão da aliança com o PFL: "*do outro lado da cerca, o deputado José Serra, flor do tucanato paulista, irrita-se quando lhe colocam a questão para ele ultrapassada da aliança com o PFL: 'isso só é problema na cabeça dos jornalistas'*".[847]

Voltando ao "problema do PT", uma longa reportagem de capa explicita o medo e o perigo: "por que o partido de Lula brilha e assusta".[848] A reportagem completa: "*O PT BRILHA E TAMBÉM METE MEDO: como é o partido que empurra a caravana de Lula, promove agitação e está na frente das pesquisas*".[849] Primeiro a desqualificação (promove agitação), e a ameaça concreta (está na frente das pesquisas), portanto, mete mede, algo deveria ser feito por quem se sentia ameaçado, isto a revista alertava. Lula é visto como o "patrono e líder máximo" de um partido "*criado há catorze anos em um encontro de sindicalistas, intelectuais e esquerdistas num restaurante frango-com-polenta em São*

---

844 Charge em anexo.
845 Um tucano no arraial da Pefelândia. Roberto Pompeu de Toledo. Veja. 22/6/1994, p. 33.
846 Idem, p. 35. Na seqüência segue o "programa eleitoral" de Veja: "Não estaria alguém tentando enganar alguém na aliança entre PFL e PSDB? FHC responde: 'eu não estou dizendo uma palavra em que não acredite'. E na hora de formar o ministério, quanto isso custará em matéria de verbas ou nomeações? 'Nada. Não me comprometi com nada, e nomeio o ministério no dia seguinte". Idem, p. 36.
847 Idem, p. 36.
848 Veja. Manchete de capa. 15/6/1994.
849 O PT brilha e também mete medo. Veja. 15/6/1994, p. 38.

Bernardo do Campo".[850] Para tornar mais claros todos os riscos e o caráter perigoso de uma eleição de Lula, o diagnóstico é detalhado:

> Lula não é um candidato que tranqüiliza. Com um braço na CUT e outro nos sem-terra, o PT é um partido associado à idéia de desordem. Em caso de vitória de Lula, existe a possibilidade de elevação da temperatura social do país, com greves e invasões de terras numa escala como nunca se viu. Também não se sabe se Lula terá força política para governar, pois mesmo que dobre sua bancada no Congresso, seu partido estará em minoria e a legenda caminha na contracorrente das idéias dominantes no país e mesmo no mundo, o que torna difícil encontrar aliados para compor o governo. O PT é contra as privatizações de estatais e seu programa admite reestatizar empresas privatizadas. Diz que pretende estimular a geração de empregos retirando dinheiro estocado no mercado financeiro – o que só seria possível a partir de intervenção no mercado de matiz caloteiro.[851]

A posição está clara: o "país" estaria concretamente ameaçado pela desordem, pelo calote, pela fraqueza política. Sendo eleito esse candidato, mesmo que pela maioria de votos - que neste caso estariam de acordo com essas propostas - o país desses mesmos eleitores estaria ameaçado e posto na "contracorrente". Na longa matéria que se segue são traçados, a partir de alguns depoimentos, os perfis dos militantes e das correntes do PT, para concluir que

> O PT é **um partido confuso, que não sabe direito o que quer**. Que tem radicais, moderados, comunistas e católicos, estudantes que se tornaram prefeitos, sindicalistas que conquistaram um mandato parlamentar, trabalhadores horrorizados diante da possibilidade de voltar à produção um dia.[852]

Lula, por sua vez, também foi alvo de questionamentos, embora, ao contrário de FHC, não seja entrevistado nestes momentos de dúvida. A única explicação é que "*não dá para comparar nem com Getúlio Vargas nacionalista de 1950, nem com o João Goulart aventureiro levado ao Planalto depois da renúncia Jango em 1961*".[853] A comparação com

---

850 Idem.
851 Idem.
852 Idem, p. 41. Grifos meus. Nessa mesma edição a entrevista das páginas amarelas busca encaminhar para uma outra direção, a construção do sucesso do Plano Real. Sérgio Abranches entrevistado por Marcos Sa Correa diz: "O Brasil vai bem. O sociólogo afirma que o país real é melhor que o das estatísticas e diz que o candidato bom à Presidência é aquele que conseguir um governo de coalizão". Veja. 15/6/1994, p. 7.
853 Idem, p. 44. Repare-se a forma com que Jango, que foi eleito vice-presidente é tratado: um "aventureiro levado ao Planalto". Essa afirmação serve claramente para legitimar o golpe militar de 1964.

dois presidentes que foram vítimas de golpes não é ocasional,[854] fica como um alerta. E a conclusão igualmente alarmante:

> Se fosse o que não é, um partido bolchevique, o PT estaria mobilizando as massas para a tomada revolucionária do poder - a campanha presidencial seria um simples pretexto. No seu programa, estaria rabiscando a forma mais adequada de expropriar o capital, fazer a divisão socialista da propriedade privada e assentar a base do plano qüinqüenal que inauguraria a era do planejamento econômico e centralizado.
>
> Ocorre que o PT é um partido confuso-reformista, que agrada tanto a multidões de miseráveis quanto a setores empobrecidos da classe média, **todos eles dispostos a dizer não aos usos e costumes da política brasileira**. Seu maior problema talvez seja o de suas relações com as instituições democráticas.[855]

Aqui nos vemos diante de um ponto recorrente da argumentação da revista. *Veja* utilizou permanentemente próceres da ditadura, a qual em vários momentos busca naturalizar como uma simples forma a mais de governo, para propor encaminhamentos políticos, especialmente no campo econômico. Mas não apenas isso, ela consegue ainda associar às "camadas médias" e também aos "miseráveis" que votariam no PT, uma cultura anti-democrática, incapaz de conviver com a "democracia", coisa que os partidos que sustentaram a ditadura estariam conseguindo muito bem, como no caso do PFL que apresentava o candidato a vice-presidente de FHC.

A edição de 20 de julho demarca uma mudança de posição da revista na campanha, que passa a centrar-se em FHC. Diante da crise em torno do nome do candidato a vice-presidente de Lula, José Paulo Bisol, que já havia sido criticado,[856] lê-se a manchete: "*Bisol treme, fica e atrapalha: depois de uma sabatina de duas horas, a cúpula do PT decide fingir que tudo vai bem com o vice de Lula*".[857] Mas não foi só isso, além desse "vendaval interno" no PT, esse

---

854 Embora, evidentemente, Vargas tenha sido sujeito ativo do Golpe do Estado Novo. Mas aqui, nessa conjuntura, se remete ao Vargas "nacionalista" que acabou cometendo suicídio diante de conspirações e ameaças de golpe contra seu governo eleito.

855 Idem, p. 44- 45. Grifos meus. A argumentação assenta-se em fatos como a fala de Lula de que existiam "300 picaretas no Congresso", e que ele nunca disse "uma palavra de elogio ou mesmo defesa do Congresso". Idem, p. 45.

856 "O vice álpico de Lula: teatral e temperamental, Bisol faz campanha em tom messiânico e falando em álamos álbidos". Expedito Filho. Veja. 8/6/1994, p. 38.

857 Bisol treme, fica e atrapalha. Veja. 20/7/1994, p. 18. O problema da parcialidade na cobertura não era exclusividade de Veja, mas se colocava também para ela. A revista se dá conta do risco de tal tipo de abertura e chegou a publicar uma notícia indicando que "pesquisas mostram que jornais e TVs gostam mais de falar de Lula que de Fernando Henrique – mas quase sempre mal". Páginas de campanha. Veja. 27/7/1994, p. 43. Segundo ela, se existe problema, é com os outros, e ainda conclui: "o problema que se coloca para os jornais, as revistas e as emissoras de TV é terem autocrítica suficiente para evitar que suas eventuais preferências políticas tenham

seria o momento em que "*o Plano Real começa a surtir efeitos eleitorais*".[858] A partir daqui, a cobertura da campanha passa a ter como foco a figura de FHC.

4.3.3 Elegendo Fernando Henrique Cardoso

A partir de final de julho,[859] e mais ainda em inícios de agosto, quando FHC alcança Lula nas pesquisas, conforme fora previsto, a revista pretende "*entrar na cabeça dos eleitores*", e desvendar "*o laboratório dos candidatos*".[860] Basicamente, enfatiza a desestabilização do candidato Lula, que teria perdido sua identidade ao mudar suas propostas a partir das pesquisas eleitorais, como por exemplo:

> Muitos eleitores observaram que Lula 'enriqueceu como político'. O candidato tomou providências imediatas. Parou de fumar seus charutos – cubanos ou nacionais – em público. Outra observação é que, para muitos eleitores, o PT é um partido 'baderneiro'. Em função disso, o PT faz o possível para ficar longe da agitação sindical. Há um mês, quase não reagiu quando dois militantes da CUT foram assassinados no interior de São Paulo.[861]

Entre várias outras matérias desse tipo, lançavam-se diversas acusações contra o candidato petista.[862] Por sua vez, com relação a Cardoso na seção "*Plano Econômico",* se publicou: *"o real brilha na campanha e dá votos: animado com a estabilização da economia, o eleitorado vai às compras e infla a candidatura de FHC*".[863] O editorial comentava: "*a euforia está plenamente justificada*", mas, chamava atenção: "*O Plano Real é um primeiro passo, até aqui extremamente bem-sucedido, de uma série de medidas que poderão fazer o Brasil melhorar*".[864] Portanto, caberia aos eleitores confirmar essa expectativa nas urnas.

---

influência na cobertura dos fatos". Idem. Já as denúncias contra o candidato do PSDB, embora muito mas graves, foram diluídas em meio a várias outras reportagens de campanha. Ver: Na linha de tiro. Veja. 3/8/1994, p. 36.

858 Idem, p. 20. Na mesma edição, uma reportagem anuncia que "A estrela desce; as pesquisas mostram que o PSDB cresce nos estados enquanto o PT fica quase do mesmo tamanho". 20/7/1994. Veja. P. 22. O lançamento do Plano veio acompanhado de duas reportagens de capa: AS CHANCES DE DAR CERTO. Grátis Guia do Real. Tire todas as suas dúvidas sobre a nova moeda. Veja. Capa. 6/7/1994; PREPARE-SE! O que fazer na semana de estréia do real. Veja. Capa. 29/6/1994. Nessa mesma edição, a tarjeta traz uma fotografia de jogador de futebol Romário e o texto: "a arrancada brasileira", em nítida alusão cruzada ao Plano Real, exatamente como se fazia na ditadura militar.

859 Uma reportagem sobre os dois candidatos mostra Fernando Henrique Cardoso abanando, e tem a manchete: "Até o segundo turno". Veja. 13/7/1994, p. 20.

860 O laboratório dos candidatos. Veja. 3/8/1994, p. 28.

861 Idem, p. 29.

862 Como por exemplo: O triângulo amigo. Veja. 31/8/1994, p. 28.

863 O real brilha na campanha e dá votos. Veja. 31/8/1994, p. 32.

864 A sintonia fina no dia-a-dia. Carta ao leitor. Veja. 31/8/1994, p. 27.

Resumindo a campanha, a capa da véspera das eleições é clara. Um desenho mostra um eleitor difuso colocando seu voto na urna. Na cédula lê-se: "*pesquisa exclusiva. O QUE O ELEITOR QUER: ordem; continuidade; prudência. E O QUE NÃO QUER: salvador da pátria; pacotes; escândalos*".[865] Ao longo da revista se assume um tom de complacência com o candidato Lula, mantendo a euforia com Cardoso. Em síntese, o problema de Lula seria que "não deixariam ele governar", como apontam as frases a seguir, citadas com destaque na matéria. Destacamos dois boxes de comentários. No box "*o povo diz que o governo de **FHC** seria tranqüilo...*":

> 'Não é o candidato dos meus sonhos, mas voto nele porque não agüento mais mudanças.'
>
> 'Pode não fazer maravilhas, mas sinto que, se for ele, vai ser uma coisa mais tranqüila. Não vai nos colocar numa situação perigosa.'
>
> 'Lula poderia ser uma solução ou o fim. Não estou a fim de arriscar.'
>
> 'Se tudo der certo, aí sim, posso votar em Lula.'
>
> 'É o mais cabeça.'
>
> 'É bonitão.'
>
> 'Se fosse bicho seria um urso simpático. Se fosse carro, seria Tempra.'[866]

No box "*acha que não deixariam **Lula** governar...*":

> 'Fico uma tremenda expectativa. Quero votar no Lula, mas ouço muito comentário de que, se ele ganhar, seis meses depois os militares tomam conta.'
>
> 'Se tivesse começado a campanha dizendo que poderia fazer um governo melhor porque a inflação baixou, não teria perdido votos.'
>
> 'As pessoas gostariam de votar nele, mas os tubarões não o deixariam governar.'
>
> 'Se fosse bicho, seria lagartixa. Se fosse carro, seria Fusca.'[867]

---

865 Capa. Veja. 5/10/1994.
866 Eles têm o país na ponta da língua. Marcos Sá Correa. Veja. 5/10/1994, p. 31.
867 Idem, p. 32. os boxes da matéria são: "o povo diz que o governo de FHC seria tranqüilo" (34); "... acha que não deixariam Lula governar." (35); "exagera o poder da Rede Globo" (36); "... pensa que Collor foi traído..." (36); "... diz que Ricupero foi uma vítima..." (37); "... que o povo é a melhor coisa do país..." (37); "... fala que o Real é um sucesso..." (38); "... vê o esporte como redenção..." (39); "... tem respeito pela esquerda..." (40); "... e admiração pela direita" (40).

Esses são dados de pesquisa encomendada pela revista à empresa Retrato. São flagrantes as posições induzidas, ressaltadas pela forma da edição. E a síntese do resultado que abre a reportagem, feita pela responsável pela empresa de pesquisa, não deixa dúvidas no seu sentido:

> Onde houver nesta semana um X ao lado do nome de Fernando Henrique Cardoso, leia-se 'o brasileiro quer ter direito de dormir, acordar e sair de casa sem surpresas, sem salvadores da pátria, mas com políticos confiáveis que lhe tragam a solução de problemas práticos'.[868]

Politicamente, o quadro seria também bastante simples: os brasileiros teriam "respeito pela esquerda" e "admiração pela direita". No entanto, nas frases selecionadas para cada item, não é exatamente o que se percebe:

> ... Tem respeito pela esquerda ...
>
> 'O PT tem uns radicais, a gente não pode nem abrir a boca para conversar com eles.'
>
> 'Só não gosto quando o PT diz que vai distribuir tudo, que vai tirar de uns para dar para os outros.'
>
> 'É um partido dos trabalhadores, todos nós somos trabalhadores. Mas não apoiamos porque sabemos que vai ser difícil ele terminar o mandato.'[869]

E quanto à direita, com citações aos governos militares, se encerra assim: "*direitista é quem faz tudo certinho. Esquerdista vive querendo te passar a perna*".[870]

Ao final, o resultado foi a eleição de Cardoso já no primeiro turno. *Veja*, na edição seguinte, comemora o triunfo com palavras simples: "O PRESIDENTE", que aparece sorrindo e acenando com a mão. A longa matéria narra momentos da campanha e da biografia do eleito.[871] O contentamento era tal que até Itamar Franco acabaria recebendo uma capa elogiosa: OS ANOS ITAMAR: o balanço de um presidente que deixou o Brasil melhor, sua contribuição positiva sendo justamente.... FHC.[872] A avaliação da revista:

---

868 Idem, p. 32.
869 Idem, p. 40.
870 Idem.
871 Atrás da cena, FHC afia as armas do seu triunfo. Expedito Filho. Veja. 12/10/1994. (28 a 58).
872 Capa. Veja. 16/11/1994.

> Houve uma vez um presidente que, de início desacreditado, considerado provinciano e despreparado para o cargo, surpreendeu com uma administração honesta e competente e marcou o início da recuperação de um país castigado por uma série de administrações ineptas e corruptas. Sua realização máxima foi dar início à estabilização da economia. Graças ao bom termo a que conduziu o mandato, conseguiu eleger seu sucessor, propiciando ao país uma das mais tranqüilas mudanças de comando da História.[873]

Ao mesmo tempo, ao longo do texto são repetidas as críticas de despreparo, provincialismo, etc. Tanto assim, que mesmo os seus "acertos" são considerados um desvio: "*a arte de acertar, sendo Itamar: ele tinha deficiências que prenunciavam que daria errado, mas prevaleceram as virtudes*".[874] Em uma legenda se sintetiza: "*FHC salvou-lhe o governo; em troca, Itamar deu um governo a FHC*".[875] *Veja* desde já expunha sua posição, de manter elogios e de já prenunciar uma continuidade, chamando já Cardoso de "*rei Fernando Henrique I*".[876] A euforia chegou a tal ponto que ao final de 1994, a revista propunha a todos carregar no peito os dizeres "*Eu vivi 1994: o ano que ninguém vai querer esquecer*", [877] e outro, da mesma série: "*Veja faz uma retrospectiva positiva de um ano que está terminando e projeções otimistas de um ano que vai começar. E não é que Veja tenha mudado sua forma de analisar os fatos.* ***Os fatos é que mudaram****. Veja edição do no. Veja. Indispensável*".[878] Também a última edição do ano é taxativa com a manchete: ÊTA ANO BOM, onde aparecem fotografias de muitas pessoas sorrindo, cobertas por uma tinta amarela, cor nacional.[879]

Antes de encerrar o ano, porém, uma batalha precisava ser vencida, como anunciado na tarjeta da capa: "*a guerra de Serra*", com uma fotografia do político. O objetivo da reportagem é claro, lembrar ao presidente, e aos demais membros do governo, quem deveria ser considerado o "segundo homem": "*todo mundo acha que ele só vai mandar menos que o*

---

873 Enfim, um presidente que deu certo. Roberto Pompeu de Toledo. Veja. 16/11/1994, p. 34.
874 Idem, p. 41.
875 Idem.
876 Corrida ao poder. Silvio Ferraz. Veja. 30/11/1994, p. 34. Uma das medidas elogiadas, fruto já do trabalho de FHC seria a reportagem de capa que anunciava "O Natal gordo dos importados".
877 A publicidade da revista traz um bóton com essa expressão. 12/12/1994. Ver anexo. Interessante observar que no mesmo período a empresa Philips veiculou uma peça publicitária com o seguinte texto: "**are you ready for 95**? Brasil. Um país a caminho do 1º mundo. Philips. Há 70 anos acreditando e investindo nesse país". A figura mostra um mapa mundo da cor amarela, em que o Brasil, em verde, foi retirado da América do Sul e faz uma ponte entre América do Norte e Europa. A sintonia entre revista e anunciante (os eletrônicos são os terceiros anunciantes da revista) é clara. Esta é a edição de final de ano em que Veja comemora "Êta ano bom!", e o otimismo com o governo que se iniciaria é evidente.
878 Na peça seguinte, há outro bóton: "Eu acredito 1995". 19/12/1994.
879 Capa. Veja. 28/12/1994.

próprio presidente".[880] Ao ressaltar suas realizações, a revista diz que até no plano Real ele foi o responsável por "*um bom rascunho para as discussões iniciais*".[881] Afinal, "*Serra é um dos mais completos políticos de sua geração*".[882] Por isso, ele seria imprescindível, tanto que ele mesmo "teve que aceitar" o cargo para o Ministério do Planejamento, para não "*dar a impressão de que não estava interessado no sucesso do governo*".[883] Pois, segundo a argumentação da revista, isso seria um desastre total. Em síntese, Serra "*não pára nunca. No governo, até a lábia astuta de Fernando Henrique terá dificuldade em fazer Serra parar*".[884] Está feita a ameaça: FHC apesar de sua vaidade, tinha que entender que precisava de Serra, e que sem ele, tudo pode dar errado, mesmo que para isso deva mexer no ministério da Economia, responsável pela manutenção do Plano Real.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

No início, a relação de *Veja* com o governo foi algo cautelosa, asseverando ao presidente votos de confiança, construindo uma visão otimista sobre os rumos do país, apontando para a necessidade de "um projeto" e vigiando sua atuação. Em nenhum momento são questionadas as ligações de Itamar Franco com Collor, eleito na mesma chapa eleitoral: estava em jogo empossar Franco para excluir outras possibilidades, como novas eleições. Franco é tratado como alguém "não corrupto", "de boas intenções". Progressivamente porém será apresentado como "incapaz para o cargo que ocupa". Essa modificação responde a dois motivos: o alardeado, superficial, seria sua suposta inaptidão política; outro, efetivo, deriva da discordância de algumas posições de Franco que dificultavam o processo privatizador. A revista buscou então desqualificar os setores que se aproximam do presidente com propostas contrárias ao privilegiamento do capital externo, especialmente a Fiesp. Além disso, ao longo de todo o período procura desqualificar "a esquerda", que saira beneficiária do processo popular do impeachment.

---

880 Serra chega forte e assusta. Veja. 21/12/1994, p. 32.
881 Idem, p. 34.
882 Idem.
883 A revista chega a comparar sua situação com a de Delfim Netto, que acabara desestabilizando o ministério de Mario Henrique Simonsen, no governo Figueiredo. Mostra assim que foi "um erro" colocar alguém como Delfim, num "ministério de segunda linha". E por isso, aposta na queda rápida de Pedro Malan, que ficaria bem com um cargo "na representação do Brasil no FMI". Idem, p. 34.
884 Idem.

Em nível programático mantém-se permanente cobrança da existência de um "programa" pela revista com relação ao governo. Implícita está a cobrança e fiscalização do programa de privatização. Se, ao apoiar Itamar Franco, a revista o desvinculou de Collor, quando se trata do projeto, enfatizava a necessidade de sua continuidade, procurando comprometer Franco com o neoliberalismo. Qualquer desvio foi duramente criticado. A posição com relação ao governo foi alterada pela presença de Fernando Henrique Cardoso no Ministério da Fazenda e pela satisfação com o seu programa, que para *Veja* elevava Cardoso à condição de "presidente real". Posteriormente, seria o candidato apoiado para a sucessão e eleito. Desde meados de 1993 discutia-se na revista a sucessão presidencial. Embora a posse de Fernando Henrique Cardoso no Ministério tenha sido apresentada como a "salvação", outras possibilidades para a presidência foram avaliadas. O Plano Real e a clareza em torno do neoliberalismo, acabaram por levar ao posicionamento claro em 1994 pelo candidato afinado com essas idéias.

O apoio de *Veja* à candidatura de Fernando Henrique Cardoso não foi automático. A revista testou outros candidatos, tendo como referência a possibilidade de aliança com setores conservadores, especialmente o PFL. Avaliou também a possibilidade de uma candidatura dentro do PMDB, que possibilitasse a ampliação de alianças da direita. José Serra era o político de maior prestígio para *Veja*, sempre privilegiado em suas páginas. Mas não foi sequer mencionado como candidato em potencial, talvez por conta de sua baixa expressão eleitoral, ou pelo seu próprio projeto naquele momento, não temos elementos para avaliar. Mas desde o início do governo Itamar, e explicitamente na fase de organização do governo Cardoso, a revista insistia sobre a urgência de consolidar a força política de Serra. Ele foi, nesse período, o político mais alinhado com o projeto político da revista e do Fórum Nacional, apresentando-se sempre como um possível intelectual orgânico dos grupos representados nesses fóruns.

O que havia desde o início como certo era a necessidade de diluir a candidatura Lula, encontrar o "anti-Lula". Por isso, escolhido FHC como candidato, o apoio foi total e irrestrito.

O governo Franco esteve também marcado por vários casos de corrupção. Mais uma vez a postura de *Veja* foi a de resistir a dar cobertura, em seguida, reclamar uma punição exemplar, e dar o caso como "encerrado" o mais cedo possível, para voltar à tona com seu projeto.

A forma com que defendeu a reforma constitucional, em plena crise política, porque ela seria talvez uma grande chance de aprovar as reformas que vinham senod defendidas, o que se tornava mais arriscado diante da possibilidade de vitória do candidato de esquerda nas eleições. Para *Veja*, a defesa de seu projeto continuava estando acima das questões da "pequena política". A revista agiu também como organizadora e dirigente inclusive dos políticos.

Em termos de forma também há características muito marcantes: o pouco apuro com relação às fontes; a extensiva citação de "assessores do governo", criando citações que não podem ser verificadas; a divulgação de boatos e intrigas sem fundamentos, contribuindo para a instabilidade política, atingindo até mesmo o Presidente da República. E a escolha pelas mesmas e repetitivas fontes "autorizadas" que concordam com as idéias centrais da revista: José Serra, Mario Henrique Simonsen, João Paulo Reis Velloso, entre outros.

A revista inteira integrou-se à defesa de seu projeto: reportagens, colunas de opinião, charges. Incorporar à análise esses espaços da revista mostrou que não é apenas na Carta ao Leitor que se apresenta o "ponto de vista" de *Veja*, este atravessa o conjunto da publicação.

Ao mesmo tempo, as organizações de classe continuavam a ter divulgação por parte da revista, sobretudo o Fórum Nacional e seus intelectuais orgânicos. A revista elabora os "debates" para discutir questões relacionadas ao modelo econômico a adotar, em consonância com as discussões do Fórum. A defesa desse projeto consubstancia-se em três momentos especiais: a reforma constitucional, o acompanhamento das privatizações e as eleições de Fernando Henrique Cardoso à presidência. A satisfação com a eleição se vincula com a promessa de que as medidas neoliberais seriam aplicadas no governo.

CAPÍTULO 5
Veja e FHC: a globalização do Brasil

O objetivo desse capítulo é compreender as relações da revista *Veja* com os governos de Fernando Henrique Cardoso - FHC, utilizando-se do mesmo parâmetro dos capítulos anteriores: a ação política *partidária* da revista nos temas nacionais. A ação é semelhante, ou seja, *Veja* segue apontando os "rumos nacionais", que desta vez estavam mais em acordo com o governo em curso. A sintonia não retira a existência de embates e discordâncias pontuais. E aqui se aprofunda outra faceta de sua ação: o policiamento, a cobrança permanente da aplicação das medidas acordadas.

O fato de se tratar de um período mais longo colocou algumas dificuldades. Para realizar a análise, foi necessário fazer previamente o levantamento de todas as matérias publicadas em *Veja* no período de 1995 a 2002, para podermos selecionar aquilo que mais expressasse o caminho político e econômico defendido por *Veja*, seu projeto e seu programa. Inicialmente selecionamos quais seriam os grandes temas do período, relacionados à política brasileira, especialmente em suas implicações econômicas. Os temas foram: Plano Real, Crises do capital (México, Ásia), Reformas neoliberais, privatizações; processos eleitorais. A partir disso, foi feito o levantamento da revista, que nos mostrou que esses temas foram tratados sobretudo na seção *Brasil* e *Economia & Negócios*. Foram então selecionadas aquelas que diziam respeito aos temas, e buscou-se acompanhar a cobertura a cada edição, descartando-se as aparições de menor relevância, ou apenas referindo a sua existência. A preocupação não era reproduzir a narração do fato, mas o sentido da interpretação apresentado pela revista. Por exemplo, a crise mexicana é de grande relevância para a temática geral da tese. Mas interessa o sentido geral da crise, a forma com que a revista deu a conhecer sobre ela (os momentos em que foi divulgada, as implicações para o Brasil, o silenciamento sobre as

causas estruturais). Também foram consultadas as Páginas Amarelas, apontando alguns momentos em que os temas eixo foram trazidos pela revista. A referência às capas foi feita para mostrar a relevância do tema para a própria revista, mesmo que não tenham sido exploradas na íntegra todas as reportagens. Também encontramos referências aos temas em outras matérias gerais, como na seção "idéias". Vários temas foram descartados, ainda que indiretamente se relacionem com a posição da revista em relação ao funcionamento da política econômica brasileiro. Por exemplo, o tema da corrupção e suas implicações: CPI, desvios, etc, não foi abordado. Da mesma forma, questões partidárias só nos interessaram na medida em que diziam respeito ao programa sendo colocado em prática. O vasto campo do que chamaríamos de "mundo do comportamento", que se refere ao consumo e a padrões de vida, que foram fortemente redimensionados com as reformas neoliberais e com o Plano Real, será objeto de um capítulo à parte, por isso não foi tratado aqui.

Ao longo do período evidencia-se a existência de contradições que não podem ser ocultadas, e precisaram ser equacionadas, ainda que de forma parcial. As crises do capital no México, nos Tigres Asiáticos e na Rússia, disparam um efeito dominó que as faz respingar no Brasil e abalar o Plano Real. Aquele mundo que fora projetado enquanto se "apontava o caminho" fica explícito como um campo de instabilidade no qual o processo político desenrola-se.

O capítulo estrutura-se em quatro grandes eixos que se interligam. O primeiro deles é o Plano Real, a face brasileira do neoliberalismo. A cobertura é demarcada por seu caráter propagandístico. A crise mexicana é o segundo aspecto, indicando que o plano foi permanentemente confrontado pela instabilidade já instaurada quando da consolidação do governo de Fernando Henrique Cardoso. A contradição entre propaganda e realidade faz parte de todas as matérias sobre o Plano, até que a crise atingisse o Brasil e não mais permitisse ocultá-la, quando ocorreu a maxi-desvalorização da moeda nacional. A defesa do Plano seria colocada acima de tudo. Isso leva à justificação de novas reformas da Constituição e novamente à defesa das privatizações, analisadas na terceira parte. No período ocorreram dois processos eleitorais presidenciais, os quais serão analisados no quarto eixo do capítulo. Esses processos assumiram um peso crucial, pois poderiam pôr em risco a manutenção do programa neoliberal. Encerrando a análise, apresentaremos a permanência da contradição fundamental - o trabalho - mostrando a repressão aos movimentos de trabalhadores organizados. A hipótese

de fundo mantém-se: a concretização da ação *partidária* de *Veja,* de apontar caminhos, desdobra-se em gerenciar, policiar, ensinar pedagogicamente em torno do programa por ela defendido.

5.1 O PLANO REAL

O discurso de *Veja* com relação ao Plano Real repete o mesmo do governo: aparece como um golpe de mestre dos economistas e políticos brasileiros. No entanto, diferentes estudos apontam para os vínculos entre o Plano e o neoliberalismo. O elo de ligação evidente seria o Consenso de Washington,[885] que estaria nas "*impressões digitais do Plano*".[886] Dentre as medidas que deveriam ser "consensualmente" seguidas pelos países do Terceiro Mundo estava a submissão ao controle macroeconômico dos organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial. Mas não é dessa forma que ele aparece em *Veja.* Em suas páginas essas medidas são vistas de forma quase "mágica". Expressões como "modernidade", "abertura", "reforma", por si só deveriam ser compreendidas como positivas, e mais que isso, inexoráveis, dadas pelo "rumo natural das coisas". A revista promove a vulgarização deliberada dessas idéias, apresentadas como inevitáveis.

Há no Plano um paradoxo próprio do neoliberalismo, pois as medidas necessitam sempre da intervenção estatal, seja na política, seja na economia, por mais que o ideário liberal se sustentasse em uma suposta em soberania do mercado. Foi através de atos governamentais, especialmente a partir de medidas provisórias - muitas vezes enfrentando resistências do Congresso Nacional - que se impuseram políticas essenciais aos interesses do capital externo, e acabou beneficiando o capital financeiro, implementando também outras reformas.[887] Há

---

885 Mesmo autores que não buscam uma perspectiva crítica apontam essas ligações, como faz, por exemplo, Maria Rita Loureiro: "como é sabido, as orientações contidas no chamado Consenso de Washington que têm presidido as reformas econômicas e os programas de estabilização monetária em diversos países da América Latina, inclusive o Plano Real, no Brasil, sustentam-se no seguinte tripé: ajuste fiscal e financeiro do Estado, isto é, equilíbrio das despesas com as receitas e redução da dívida pública; privatização das empresas estatais, como forma de reequilibrar as finanças públicas, através da redução do estoque da dívida pública e do serviço dessa dívida; abertura do mercado, para restituir a capacidade competitiva das empresas longamente protegidas, estimulando ganhos de eficiência e, conseqüentemente, a queda de preços".. Os economistas no governo: gestão econômica e democracia. Rio de Janeiro, FGV, 1997. p. 105.

886 Expressão de Paulo Nogueira Batista Júnior. A economia como ela é. São Paulo, Boitempo, 2001, p. 117.

887 É elucidativa a metáfora usada por Armando Boito Jr: "podemos pensar os pilares da política neoliberal como uma série de três círculos concêntricos: a) o círculo externo e maior representando a política de desregulamentação do mercado de trabalho e supressão dos direitos sociais; b) o círculo intermediário

elementos convergentes: a política de reformas, especialmente de desregulamentação; a privatização; ambas asseguradas por práticas autoritárias, seja a repressão aos movimentos sociais, seja os maiores poderes auto-atribuídos pelo poder Executivo. E o amálgama indissociado disso é a fundamentação ideológica expressa na "globalização". Como cada um dos setores burgueses acaba lucrando com o processo, a hegemonia consegue ser estabelecida, ainda que mediante muitas disputas e conflitos.

Em torno desse programa aglutinador foi eleito Fernando Henrique Cardoso, criando condições políticas para consolidar o projeto que vinha sendo construído ao longo dos governos de Itamar Franco e Collor. O programa neoliberal no Brasil, embora atenda a uma lógica geral externa, contém elementos específicos – como o controle da inflação e a idéia de estabilidade – que permitiram generalizá-lo como se respondesse às inquietações nacionais. Sua contrapartida social era silenciada: desemprego, endividamento, desmantelamento das organizações de trabalhadores.[888] Está embutido no plano o privilégio ao capital financeiro, embora num contexto de competição intercapitalista; não visa ao crescimento industrial, no sentido de reversão em investimentos, mas apenas ao aumento do capital. O Plano sustenta-se em medidas como: controle da inflação; controle do déficit público; privatizações. Tem-se como conseqüência a alta da taxa de juros, o que, numa situação de ancoragem no dólar, multiplica a dívida externa. Também o controle do trabalho sem mantém e aprofunda através da busca por desmantelar o movimento sindical e acabar com possibilidades de greves, que foram duramente reprimidas.

A abordagem da cobertura do Plano Real levará em conta a dicotomia entre a propaganda, realizada em termos editoriais pela revista, e as contradições da realidade que se colocam permanentemente. Por isso optamos aqui por inserir o plano no contexto das crises do capital que ocorreram ao longo da década de 1990. Com isso será possível situar no contexto até mesmo a propaganda, partindo do que já vimos no capítulo anterior sobre os primórdios do Plano, durante o governo de Itamar Franco, de alta empolgação e otimismo, que acabaram

---

representando a política de privatização e c) o círculo menor central da figura representando a abertura comercial e a desregulamentação financeira". Cada um dos círculos atinge a diferentes frações da burguesia, permitindo a implantação das diferentes ordens de medidas. BOITO JR, Armando. Política neoliberal e sindicalismo no Brasil. São Paulo, Xamã, 1999, p. 50-51.

888 Ver, por exemplo: OURIQUES, Nildo. Plano Real: estabilização monetária e estratégia recolonizadora. In: BIANCHI, et. Al. A crise brasileira e o governo FHC. São Paulo, Xamã, 1997.

sendo peça central na eleição de Fernando Henrique Cardoso. A crise do México é a marca inicial desse processo.

5.1.1 A crise do México: um espectro ronda o Plano Real

A crise no México demarca o início do ano de 1995 e do governo de FHC. Ela aponta para a impossibilidade de manutenção do atrelamento das moedas nacionais ao dólar, e escancara as conseqüências da "globalização", com a total desresponsabilização do capital com as relações sociais que engendra. Essa seria uma das muitas ameaças permanentes ao andamento de um plano como o Real, que já nasce sob a égide da instabilidade. No entanto, não é assim que ele aparece em *Veja*. Nas suas construções, a crise mexicana é remetida exclusivamente à "ineficiência" do país. Nada é dito sobre o fato de que anteriormente a própria revista mostrara o país como um grande modelo a ser seguido, considerado o "***tigre mexicano****: o México se acerta com sua reforma econômica, atrai uma ducha de dinheiro e prepara-se para o mercado comum com os EUA e o Canadá*".[889] Sobre isso, o silenciamento temporário é a solução habitual da revista.

Veja tentou afastar qualquer possibilidade de "contaminação" da economia brasileira, mesmo que se tratasse das mesmas medidas que defendia para o Brasil: "*o terremoto mexicano fustiga a economia argentina mas tem poucas chances de atingir o Brasil*".[890] Antes da crise, a visão era distinta, Brasil e México teriam pontos em comum, refletindo o mesmo projeto macroeconômico: "*novos governos, dos quais esperava-se uma reforma profunda na máquina do Estado, privatização de empresas estatais e o combate à corrupção*".[891] Paradoxalmente *Veja* aponta a solução, para "*evitar o destino do México*", no aprofundamento das medidas que lá causaram a crise: "*a reforma fiscal, que já foi discutida e adiada tantas vezes, terá de ser feita. A privatização das estatais terá de ser acelerada. O mercado de câmbio, deverá ser ainda mais livre*".[892]

---

889 O tigre mexicano. Veja. Antenor Nascimento Neto. 25/12/1991, p. 68 a 73.
890 Os ecos da crise cucaracha. Veja. 4/1/1995, p. 78.
891 Idem.
892 Idem, p. 79.

A "ressaca" seria uma lástima porque poria "*fim às fantasias de riqueza*",[893] reduzindo a crise à má administração, pois o presidente "*estabilizou o país, privatizou 1000 estatais e abriu a economia*". Mas... "*Por vaidade, recusou-se a desvalorizar o peso",*[894] deixando para o novo presidente a tarefa que teria sido mal encaminhada. Quando a crise chegou às bolsas no Brasil, a revista pontificava sobre os supostos erros que deveriam ser evitados. A crise se deveria *"à alma volúvel do Brasil (...) Parece que é Lula quem está no governo*".[895] Haveria um pessimismo injustificado, pois, nas palavras do presidente do Banco Central, "*qualquer comparação com o México é indevida. Tradução: no Brasil, o preço do dólar não está amarrado ao real por decreto*".[896]

A revista utiliza outro argumento, que teria levado à crise no México, o "*estelionato eleitoral*",[897] pois primeiro Zedillo elegeu-se para somente depois anunciar o que já sabia, a necessidade de desvalorização do peso. O programa, diz *Veja*, "*vinha necessitando de ajustes há algum tempo e o governo não quis fazê-los em 1994*". Em 1998, quando Fernando Henrique Cardoso age de forma similar, o discurso sobre estelionato eleitoral seria apagado, como veremos.

Ainda que atravessando forte abalo das bolsas brasileiras, o clima que se buscava para o Brasil era de otimismo, a ponto da reportagem de capa anunciar "*o verão do desafogo: o Real e o clima de otimismo levam 11 milhões de brasileiros às praias*".[898] Mas a revista patrulha de perto seu programa e assim encerra a matéria: "*as reformas que o governo* ***precisa fazer*** *na máquina pública para ajustar a arrecadação e os gastos a uma economia estável. Se esses ajustes não forem feitos, o Brasil pode ser o México mais cedo do que se pensa*".[899]

Para que não ficassem dúvidas de que "a culpa é deles", *Veja* apontava a saída: "*caberá ao hesitante Zedillo fazer o que seus poderosos antecessores só conseguiram temporariamente e ainda assim por meio de artifícios que custaram caro: reformar a*

---

893 Ressaca de tequila. Veja. Eurípedes Alcântara. 11/1/1995, p. 38.
894 Idem, p. 40.
895 O alarme das bolsas. Veja. 18/1/1995, p. 20.
896 Idem, p. 21.
897 Idem, p. 21. É importante que guardemos esse argumento para analisar a forma que Veja trata a desvalorização do Real, que ocorreria apenas depois da posse de FHC em seu segundo governo, processo idêntico ao mexicano.
898 Capa. Veja. 18/1/1995.
899 O alarme das bolsas, p. 23. Grifos meus.

burocracia estatal, segurar o peso e não deixar a inflação disparar".[900] As medidas são semelhantes às que aponta para o Brasil. Ao falar sobre o México, o alvo de *Veja* é o cenário nacional. Mais que isso, agora os interesses do capital representados no México teriam que buscar outro país, e *Veja* estava a oferecer o "seu":

> Há uma montanha de dinheiro, de 1 trilhão de dólares, que procura investimentos em títulos da dívida nos mercados emergentes (...) o Brasil é bem menos vulnerável a um saque súbito de dinheiro. (...) O Brasil é o país com melhor situação entre as economias americanas (....). Os mais otimistas acreditam que passado o susto inicial, os investidores estrangeiros vão tomar decisões de modo mais seletivo e, numa comparação global, o Brasil sai-se muito bem. [Mas atenção, isso tudo exigiria sacrifícios brasileiros]: 'colocar a casa em ordem, **enxugar gastos públicos, privatizar estatais e exportar mais'**.[901]

Veja publicou ainda uma capa em que aparece uma caveira com um sombreiro, e lê-se: *"México em transe: a vida depois da quebradeira*".[902] O mais importante era mostrar "exemplos", de pessoas que foram vítimas da crise e acabaram perdendo seus bens, os "*cidadãos comuns pegos no contrapé pelo turbilhão* ***imprevisível*** *das finanças globalizadas*".[903] Não obstante, a crise é dramática e *Veja*, ainda que não apresente suas razões, tem que mostrá-la, como na manchete da capa: "*DINHEIRO: a crise do México, a queda do dólar, a falência do Barings: sistema financeiro que movimenta trilhões de dólares por dia ao redor do planeta*".[904] Há a tentativa de explicar, ao seu modo, os problemas da globalização, que não aparecem como sistêmicos. Apenas quando o efeito dominó não podia mais ser negado o mundo das finanças estaria descobrindo essa complementaridade, de forma "*concreta, palpável e assustadora*".[905] A matéria apresenta quadros sobre "rota de fuga", "buracos negríssimos", "dialeto do dinheiro". De forma simplificadora, ilustra os principais movimentos do capital financeiro, objetivando mostrar como os países periféricos são vistos como um vasto campo de oportunidades para Wall Street. Mas eles teriam que "saber se

---

900 Idem, p. 34.
901 Idem, p. 35 e 37. Grifos meus. Lembre-se que antes das eleições, o Brasil era considerado o país do atraso, sendo o "modelo chileno" o único passível de progresso. Mas agora, a situação se invertia, pois os rumos já estavam acertados. Ao Chile Veja remete apenas para informar que aquele país possui "medidas muito eficientes" para impedir a saída desenfreada de dólares de sua economia, sem no entanto reivindicá-las para o Brasil.
902 Capa. Veja. 8/3/1995.
903 Depois da queda. 8/3/1995. Veja. p. 38. Grifos meus.
904 Com um fundo preto, a palavra dinheiro aparece sob uma fogueira e desmanchando-se em fogo. Capa. Veja. 29/3/1995.
905 O capital que derrubou as fronteiras. Veja. Eurípedes Alcântara. 29/3/1995, p. 94.

comportar", pois "*há um ano, o México era aplaudido como a vitrine no neoliberalismo global*",[906] e agora... estava diante desse triste quadro. É como se a própria revista não dito o mesmo quando mostrava aquele país como vitrine.

Uma das soluções seria a necessidade de redimensionar as agências internacionais: "*os antigos fiscais do mundo capitalista, como o FMI, o Banco Mundial e mesmo os bancos privados, hoje são a parte fraca, sem força para impor seus pontos de vista*".[907] Assim *Veja* exigia maior poder de retaliação e controle desses órgãos que têm se caracterizado por destruir as soberanias nacionais dos países periféricos, pois para ela o que importa é o "rumo inexorável" da "globalização", elogiando a força do sistema do capital, especialmente na forma financeira, e apresenta a receita: "*não há dúvida de que os países devem procurar defender-se dos exageros e riscos do capital especulativo. A maneira mais eficiente é não depender dele para o básico*". Trata-se de um capital pedagógico, "exigente", e tem por característica "impor uma disciplina rígida aos que o recebem, sejam empresas ou governos", por isso "é tão temido".[908] Assim, o predomínio do capital financeiro e a inserção subordinada à ordem internacional deixam de ser uma relação social, e passam a dado apriorístico, sobre o qual haveria escassas informações. Não se lhe conhece o rosto, mas se deve obedecer aos seus desígnios, como mostram os exemplos de George Soros que "*perdeu 600 milhões de dólares, em fevereiro de 1994, apostando errado no mercado de moedas. Achou que o dólar se valorizaria em relação ao iene. Soros continua ativo no negócio de derivativos*".[909] Ou seja, sugere encarar tudo isso com naturalidade, um dia se perde outro se ganha, acima de tudo estaria o perfil do investidor corajoso que resulta vencedor.

O caso do México é relegado ao esquecimento até 2001, quando sua adesão ao Nafta é avaliada como uma notícia alvissareira, adequada ao projeto em curso: "***México, o rei dos emergentes**: o país se torna a maior economia da América Latina e dá provas de que é possível prosperar com o livre comércio*".[910] Simplesmente não ha história nem processo

---

906 Idem, p. 96.
907 Idem, p. 97.
908 Idem, p. 103.
909 Idem, p, 99. Esse é o "verbete George Soros" que aparece no quadro "buracos negríssimos: o que aconteceu com os investidores que sofreram grandes perdas em apostas no mercado financeiro".
910 México, o rei dos emergentes. Veja. 27/3/2002, p. 106. Sem maiores discussões, o acordo de submissão aos Estados Unidos, Nafta, seria o caminho mexicano a ser seguido pelos demais países latino-americanos: "O

nessa forma de narrativa. Importa exclusivamente a lição ideológica: prosperidade para alguns com "livre comércio", ainda que às custas da maioria da população. A esta restaria ser criativa, "se virar".

O rumo apontado continuava o mesmo, incontrolável: "*países tão diferentes como a Espanha e a Finlândia enfrentam taxas de desemprego de quase 20%, enquanto os pequenos tigres da Ásia, como Cingapura, Taiwan e Hong Kong, ou alguns aprendizes como Malásia e Tailândia, são apontados como modelo de agressividade econômica*".[911] Logo adiante a quebra de países asiáticos seriam apresentadas com igual surpresa por *Veja*. Para que não restassem dúvidas do que concluir disso, a revista destacou um quadro, no final do texto:

> Paul Johnson desencoraja os países em desenvolvimento a procurar imitar os modelos econômicos europeus. Segundo ele, os países da Europa Continental estão sofrendo com sua indecisão em abraçar o capitalismo. Enquanto a Inglaterra atrai cada vez mais capital estrangeiro para financiar seu desenvolvimento, economias como a da França e da Alemanha vivem às voltas com problemas de desemprego e raquitismo, que as impedem de crescer num ritmo comparável com suas necessidades.[912]

A revista simultaneamente mostra e dissimula a lógica desigual do desenvolvimento do capitalismo, e os fundamentos da divisão internacional do trabalho. Por isso mesmo a "*alternativa européia*", enquanto uma "*alternativa ao capitalismo americano*" deve ser vista como algo enganoso, pois "*não se trata de um modelo para os países em desenvolvimento*", que devem, isso sim, seguir como complementares ao capitalismo central como o exemplo neoliberal inglês.

Nessa seqüência de matérias a posição da revista culpa estritamente o México pela crise, variando entre responsabilizar o governo e em alertar que respingaria no Brasil, que é sempre o alvo da ação. Embora a argumentação defenda um modelo "global", é sempre uma dada configuração nacional que a pauta, aquela nação "moderna", conforme os parâmetros que já analisamos na elaboração do Fórum Nacional. Outros abalos e crises gerais da economia aconteceriam durante as gestões de Cardoso, pois essas crises são faces da forma de expansão do capital no atual período histórico. Mas isso em *Veja* não aparecia como sistêmico, o

---

México encontrou o caminho do desenvolvimento ao se aliar aos Estados Unidos numa área de livre comércio". Os quatro amigos. Veja. Raul Juste Lores. 29/8/2001, p. 48.
911 A roda global. Veja. Antenor Nascimento Neto. 3/4/1996.
912 Idem, p. 165.

problema é mostrado como localizado. O mais importante seria não pôr em risco o neoliberalismo do Plano Real, por isso a solução apontada é aprofundar medidas semelhantes às que geraram a crise no México.

5.1.2. O Real diante da crise

Com a crise mexicana, ficou mais evidente a existência de divergências no seio da equipe do plano, como mostra o "debate" que a revista divulgou: "*âncora e câmbio são as chaves do programa de estabilização do governo... durante sua elaboração, muito se discutiu se a âncora do plano deveria ser cambial, monetária, salarial ou outra qualquer*". E refere um seminário organizado pelo Banco Pactual, "*para investidores estrangeiros*", apontando que "*não chegaram a conclusão alguma*":

O economista Affonso Celso Pastore, estrela do encontro, apresentou um estudo feito com sua colega, Maria Cristina Pinotti, segundo o qual há uma defasagem de 25% entre a atual cotação do real frente ao dólar e sua cotação adequada. Estaríamos rumando para a mexicanização. Para Pastore, só um míope irá discordar.[913]

A revista completa que Gustavo Franco, então diretor do Banco Central, "*tem 1,2 grau de miopia em cada olho e não concorda com Pastore*". E apresenta seu argumento de que "não há defasagem alguma". Como os dois discutem no seminário, a revista informa ainda que "estão na briga" Mario Henrique Simonsen, Delfim Netto, Carlos Langoni, Jeffrey Sachs e João Sayad, "entre outros". E completa:

Teimoso mas convencido de que a técnica lhe dá razão, Franco diz que o câmbio fica assim e ponto final. 'Se precisar transigir, estou fora', disse a um amigo. Sua permanência no Banco Central é urticária para exportador, mas, na opinião de um assessor do governo, importante para o plano. Sua saída sugeriria uma máxi ou seqüenciais minidesvalorizações. Em outras palavras, o Pano Real tem nova âncora, a âncora gustavista.[914]

---

913 Gustavo, a âncora. Veja. Eduardo Oinegue. 1/2/1995, p. 92. Esse tema foi tratado também no Fórum Nacional pelos mesmos autores. Ver: PASTORE, Affonso Celso e PINOTTI, Maria Cristina. Câmbio e inflação. In:.VELLOSO, J P R. (Coord). O Real e o futuro da economia. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
914 Gustavo, a âncora, op. cit.

O "debate" envolve também José Serra (Planejamento) e Edmar Bacha (BNDES), e a conclusão vem nas palavras de FHC: "*Esse Gustavo é um gênio*".[915] Segundo o autor do texto, a ele se deve a criação da URV, a qual "*no Brasil, convertida em real, é até o momento um sucesso absoluto*".[916] O mais importante seriam as relações entre o governo e o Congresso Nacional: o Congresso "tem que colaborar" com as medidas a serem implementadas. Em reunião do Fórum Nacional, Ricupero expressava o mesmo: "*criticou-se muito a prática de reeditar indefinidamente medidas provisórias, mas não se consegue do Congresso a decisão de aprovar,* ***obrigando à reedição****. Temos algumas medidas que estão na décima edição*".[917] Está muito claro o limite da democracia, apontando a direção do programa: o Congresso Nacional tem que fazer o que está sendo indicado.

Uma longa reportagem de capa aponta um abalo no Plano Real, que estaria entre dois caminhos: "*quebradeira, juros loucos, recessão x inflação baixa, estabilidade e crescimento*".[918] Um tom maniqueísta acompanha toda a reportagem, como em um quadro em que opiniões são classificadas com "sol radiante", "sol com nuvens" e "tempestade", prevalecendo a primeira opção, destacando Mario Henrique Simonsen: "*o plano vai indo muito mais para bem do que para mal. Se houver recessão, vai ser mínima*".[919] Aponta para a necessidade de contenção do consumo, como se a crise resultasse do descontrole gerado nas contas pessoais "da classe média", com a compra de produtos importados, uso de cheque especial e cartão de crédito. A referência é direta ao caso mexicano, onde a população "não soube se controlar" e afundou a economia. No entanto, são exatamente essas as medidas que vinham sendo elogiadas e incentivadas por *Veja*, como veremos ao analisar a formação de padrões de consumo. Por fim, se esclarece que a alteração na banda de câmbio promovida pelo governo foi sugestão de Serra, que "*convenceu Fernando Henrique no feriado de Corpus Christi*".[920] E a análise conclui que embora seja "*possível que algumas empresas até quebrem,*

---

915 Idem, p. 93. Perceba-se as fontes da "reportagem": um amigo, um assessor do governo, ou seja, sem qualquer condições de verificabilidade.
916 Idem.
917 Ricupero, op. cit, p. 14. Grifos meus. Ele completa: "não é demais insistir em obter aprovação explícita, não porque juridicamente ela fosse necessária. É claro que, se não houver outro recurso, teremos de reeditar outra vez a medida e continuaremos assim até que se encontre uma solução. Mas não é o ideal. O ideal, na verdade, o espírito da nossa ordem constitucional, é que haja uma aprovação explícita". Idem.
918 Capa. Veja. 28/6/1995.
919 Sombrio, mas nem tanto. Veja. 28/6/1995, p. 41.
920 Onde fica o problema. Veja. 28/6/1995, p. 39.

como já começou a ocorrer" é necessário "*uma cota adicional de sacrifício*".[921] Leia-se, entre outras coisas: "*as reformas da Constituição, no capítulo da ordem econômica, vão mudar o quadro de fuga de capital e trazer o dinheiro de volta. É desejável agora acelerar as privatizações para abater a dívida interna e liberar o orçamento para educação e saúde*".[922]

Para que não ficassem dúvidas do sentido dos "progressos" do Plano Real, a revista faz uma matéria, com fotografia da ministra Dorothea Werneck comprando uma Coca Cola:

No mundo inteiro as pessoas compram refrigerantes, cigarros e jornais em máquinas, usando cédulas ou moedas. O Brasil era uma das exceções. Como a moeda se desvalorizava diariamente, os brasileiros eram obrigados a comprar fichas para usar na máquina de refrigerante ou para brincar no fliperama. Na semana passada começaram a ser adaptadas as 6.000 máquinas automáticas de refrigerante para funcionar com dinheiro de verdade, e não mais com as fichinhas do tempo da superinflação. Para comprar uma lata de refrigerante, basta enfiar uma cédula de 1 real nas máquinas do refrigerante e receber uma moeda de 25 centavos de troco. É um sinal de que a moeda está forte, pode ser levada a sério, e de que as empresas não esperam um surto inflacionário pela frente.[923]

Uma ministra vinculada à Coca Cola não teria tanta importância, pois até a indicação de um banqueiro para a chefia do BNDES é tida como algo normal, embora aponte claramente que Luiz Carlos Mendonça de Barros "*passará a dominar informações privilegiadas do governo*".[924] A única estranheza apontada é o fato dele ter "*trocado o milhão pelo tostão*", ou seja, abdicado de seus lucros pelo salário público. Mas completa que, à frente do BNDES, ele "*passará a ser detentor de informações preciosas, como o andamento de um processo de privatização, a avaliação de uma empresa estatal ou o valor de um empréstimo feito a esta ou aquela empresa privada. Por uma informação dessas, alguns banqueiros entregariam o dedo*",[925] ao que *Veja* complementa com a fala de Delfim Netto: "*alguém que ganhe o que Luiz Carlos recebia no Matrix pode procurar algo que lhe dê satisfação. Não precisa ser escravo do dinheiro*".[926] Assim, ficaria tudo certo, seria apenas uma questão de dedicação,

---

921 Idem, p. 41.
922 Idem.
923 Adeus às fichinhas. Veja. 12/6/1995, p. 104.
924 Os irmãos Matrix chegam ao poder. Veja. 18/10/1995, p. 34.
925 Idem, p. 36.
926 Idem.

quase "amor à pátria", ao que ainda se completa com a informação sobre a íntima amizade entre Barros e José Serra.

Também neste momento se mostram incertezas no governo diante da instabilidade externa. Aponta ainda para a necessidade de centralizar o Congresso com o programa de reformas constitucionais. E para a necessidade de apertar o cinto, exigindo mais uma dose de sacrifício da população.

5.1.2 O Real de propaganda: mudança de mentalidade

Voltando à análise do Plano, a posição de *Veja* se mantinha otimista, ocultando as questões sistêmicas. O Plano "*continua surpreendendo*".[927] Depois "do susto", "*o consumidor, mesmo o que tem dinheiro, mudou seu comportamento. Agora, depois de catorze meses de moeda estável, já é possível ter noção do que está caro ou barato e por isso a pessoa pode tomar a decisão de comprar ou esperar para comprar com mais eficiência*".[928] A "mudança de mentalidade" proposta pelo Fórum Nacional está pautada ao longo das reportagens, de forma mais ou menos velada, constituindo-se como parte do amálgama do projeto: aquilo que faz com que cada um sinta-se beneficiado e co-responsável por ele. Essa mudança é trabalhada de forma intermitente e permanente.

Para consolidar a pretendida mentalidade, *Veja* propõe-se a explicar o que seria o sujeito homogêneo o "*brasileiro*". Fez isso em uma pesquisa "exclusiva": "***o que o brasileiro pensa que é****: uma pesquisa nacional mostra que seu caráter mudou, sua auto-avaliação é positiva e ele superou os mitos antigos do malandro cordial e do grande derrotado*".[929] Segundo a matéria "o brasileiro" pensa que seria "*um povo trabalhador, esforçado, sério, honesto, confiável, orgulhoso e otimista acerca do futuro do país*".[930] Portanto, não quer dizer que o seja, fica resguardado o direito de *Veja* dizer que ela é quem sabe. A conclusão da longa e otimista matéria foi que "o brasileiro" estaria "*cansado de bagunça"* e de "*desorganização e deseja ser mais sério*".[931] A população, genericamente qualificada, "*está num processo de*

927 A inflação mais baixa em vinte anos. Veja. 13/9/1995, p. 94.
928 Idem, p. 95.
929 Capa. Veja. 10/1/1996.
930 O brasileiro segundo ele mesmo. Veja. Ricardo Grinbaum. 10/1/1996, p. 48. A imagem da capa é um espelho onde aparece um sorriso, com fundo verde, amarelo e azul.
931 Idem, p. 56.

auto-crítica dirigido a seus defeitos, quer mudar e prosperar num país mais justo. Será bom que aqueles que comandam o país, dirigem empresas e fazem leis tomem a sério essa aspiração. Assim, o Brasil ficará melhor para todos".[932] Isso tudo porque o "velho sistema" - do "jeitinho" e da "pessoalidade" - "*dificulta o acesso das pessoas às benesses do capitalismo, como ocorre em outros países*".[933] Assim, seria necessário superar esses sinais de "atraso" para finalmente poder aproveitar os benefícios do sistema, que aparece como algo onde a igualdade de condições e "oportunidades" imperaria para todos, seria apenas uma questão se "superação pessoal". Nem tudo estaria resolvido ainda, mas se vivia, segundo o argumento, uma transição. Alguns problemas estariam sendo superados, como a exigência de cumprimento de horários. Outros levariam ainda algum tempo, como a natural "preguiça" que levaria os brasileiros a considerarem o trabalho "*um fardo*",[934] o que é atribuído aos anos de escravidão. Segundo a revista, os empresários já vinham fazendo seu dever de casa e, agora, era a vez da população enfim adequar-se ao modelo de competitividade proposta. Há portanto um motivo pragmático na alegada mentalidade: estabelecer padrões de comportamento, inclusive com relação às relações de trabalho.

Essa matéria é complementada por outra, também de capa: "*quem manda no Brasil: pesquisa exclusiva: a elite elege as 20 pessoas mais influentes do país; os 20 mais segundo o povão; por que o Brasil odeia seus grupos dirigentes*".[935] As "elites" não gostavam de ser identificadas enquanto tal. *Veja* explicava:

A verdade é que o Brasil tem uma elite perfeitamente identificável pela fortuna, pelos negócios, pelo poder que desfruta na política, no sindicalismo ou nos meios de comunicação – e essa elite está hoje numa posição defensiva, a ponto da dissimulação. Rasgou sua carteirinha de identidade.[936]

Com isso, não se questiona a origem do capital. Existiriam algumas razões profundas nesse comportamento, que seriam compreensíveis, e dentre elas, o fato de que embora "*a economia, desde o Plano Real está mais aprumada*", "*como um todo, o país continua na*

---

932 Idem, p. 57.
933 Idem.
934 Idem, p. 55.
935 Capa. Veja. 26/6/1996. A imagem da capa é o desenho de um tubarão, também com as cores da bandeira nacional.
936 As elites no inferno astral. Veja. Antenor Nascimento e Ricardo Grinbaum. 26/6/1996, p. 35.

pindaíba". Então, *"uma vez que há liberdade democrática associada a um tempo de dificuldades, é natural que se aponte para as mazelas com um dedo e a para as elites com o outro*". Ou ainda, nas palavras do citado cientista político Amaury de Souza, "*o problema é que a elite se sente mal estando tão bem num país cheio de miseráveis como o Brasil*" o que faz *Veja* concluir: "*ser elite, portanto, é carregar uma dose de culpa pelo fosso social*". Fundamentalmente, a revista quer mostrar que não se pode "*culpar a elite por tudo*",[937] o problema seria "de cada um", isto é, daqueles mesmos "brasileiros" que já teriam se apercebido de que precisam "superar o atraso". Por isso, *Veja* aponta o que seriam os "mitos a respeito da elite". O primeiro deles seria a existência de "pactos", que segundo uma visão corrente teriam permitido que "*no decorrer da História, acumularam riquezas e só deram ao povo as calorias necessárias ao trabalho*".[938] Ao que explica que os pactos aconteceram, mas "*não têm o formato de reuniões conspiratórias*". Por exemplo, em troca da ditadura de Vargas, os trabalhadores "*ganharam o salário mínimo, a carteira de trabalho e a CLT*". No governo de FHC, novamente o "pacto conspiratório" estaria colocado, referindo-se à "acusação" pelo PT de que a aliança do PFL com o PSDB teria esse caráter. Mas a explicação é dada pelo ex-ministro Maílson da Nóbrega: "*a esquerda parece pensar que a elite é um movimento organizado, com sede, estatuto e ata de reunião*".[939] A dominação, portanto, tem que aparecer como natural.

Outro mito seria o da "auto-reprodução" das elites, tese também destruída por *Veja*, afinal, aqui também o Brasil estaria "melhorando", pois a sua elite seria formada por muitas pessoas de origem "humilde", reforçando-se o mito dos "desbravadores". São apontados alguns (para ela, pequenos) problemas: "*há uma desigualdade gritante de renda, está certo. Existem miseráveis, correto. O país poderia fazer muito mais pelo seu povo, e não faz. Isso também é verdade. Não é menos correto que, na sua bagagem, o Brasil carrega o peso de três séculos como sociedade escravocrata, sem mobilidade social*",[940] mas finalmente, a idéia que quer fixar, embora irracional, "as coisas estariam melhorando". Perceba-se que "o país"

---

937 Cita Bolívar Lamounier: "é confortável jogar a culpa dos problemas brasileiros num ente poderoso chamado elite". Idem, p. 36. Outros problemas para a elite, segundo Veja, seriam o envolvimento de seus pares em escândalos; e ainda a "popularidade que a idéia de popular" teria atingindo na nação brasileira, que faria com que as pessoas estivessem pensando que "o que vem de baixo" seria "bom e puro".
938 Idem.
939 Idem.
940 Idem, p. 38.

poderia fazer muito pelo "seu povo". Não há classes, de forma alguma, embora elas até apareçam do discurso, há uma vaga idéia de uma unidade auto-explicativa: o "país", que deve ser consertado pela "elite":

Todo processo de desenvolvimento econômico tem as suas linhas de erro, e no Brasil não é diferente. (...) Fazia parte de um 'modelo de desenvolvimento' que só agora está sendo contestado. Esse modelo também contribuiu para a concentração de renda. Tudo isso está em discussão hoje em dia. A elite está fazendo sua autocrítica. Se ela encerrar a fase de auto-recriminação e assumir com clareza o seu papel dirigente, melhorarão as chances de o país reencontrar o caminho da prosperidade.[941]

Após apontar o papel de direção, nas páginas seguintes encontra-se "*um projeto para o Brasil: a elite agora acha que para o país se desenvolver é preciso diminuir a pobreza e investir em educação*",[942] e tem como ilustração a fotografia de um menino trabalhador de minas de carvão: "*um problema social que nos últimos tempos preocupa a elite*". Esse projeto, agora *Veja* "explica" - até mesmo para a elite - existiria, mesmo que não fosse transparente: "*a elite brasileira, que se julga tão incapaz quando olha no espelho, tem prioridades bem definidas para o país*". Ou seja, mesmo não havendo "unidade", há projeto, é isso que *Veja* quer ressaltar:

Ao contrário do que se imagina, sua preocupação não está mais ligada às aspirações do passado, em que o governo era visto como construtor de estradas e hidrelétricas, financiador de empresas e protetor da economia. Hoje, conforme o instituto Fato, Pesquisa e Jornalismo, a atenção dos caciques brasileiros está focada no combate à má distribuição de renda e à injustiça social.[943]

Ou seja, voltamos à "modernidade tríplice" de Reis Velloso, amálgama do "novo modelo de desenvolvimento", que requer uma "*postura maleável*", seja com relação à entrada de capital estrangeiro, seja à taxação de remessas de lucros para o exterior, "*uma discussão que já mobilizou multidões. Saiu de moda*". E mais: "*os amantes das reservas de mercado também não têm motivos para se alegrar: uma quantidade ínfima quer barrar os investimentos estrangeiros como forma de favorecer o desenvolvimento da indústria nacional.*

---

941 Idem, p. 39.
942 Um projeto para o Brasil. Veja. 26/6/1996. p. 40.
943 Idem.

As pessoas ***simplesmente pararam de acreditar que essas coisas fazem sentido***".[944] Não seria possível ficar de fora das "novas tendências", quem estivesse na condição de elite deveria perceber que para resolver o problema da miséria, a solução seria mesmo aprofundar a "concorrência de produtos estrangeiros", parar de "proteger as indústrias têxteis", vender as empresas nacionais, ou seja, uma "*mudança de atitude*":

A equidade é o tema do momento. Nesse ponto, o susto das elites encontra forte apoio no povo, que tem preocupações semelhantes quanto à questão da miséria. E isso é muito bom para o Brasil. Se a miséria continuar instalada em volta dos **bolsões de riqueza**, a discutida modernidade será apenas uma maquilagem grotesca.[945]

A necessidade de tomar uma atitude, incorporar o programa, perceber que um caminho estava sendo apontado se vinculava ao papel que a revista colocava para si. Em muitos momentos esse tema, especialmente o da miséria como um risco de cercar os "bolsões de riqueza", seria recolocado, como voltaremos a discutir.

Ainda em termos de propaganda, há um texto encomendado de Joelmir Beting: "OS PÁRIAS DO QUATRILHÃO: temos a renda mais concentrada do mundo. Porque metade dos brasileiros viveu trinta anos com correção monetária. A outra metade, com corrosão inflacionária".[946] Esse texto, para ser lido nos feriados de final de ano, seria um daqueles que deveriam ser guardados e talvez discutidos. Há momentos em que fica explícita a atuação pedagógica: articular, formular, propor interpretações que são "para ficar", para atingir um número mais amplo de leitores, como neste caso.[947] Fazem parte das táticas de disseminação da essência do programa de "reforma intelectual e moral" da revista. No texto de Beting, inclusive, são citadas outras matérias da revista, mostrando uma ação intelectual articulada e sistemática.

Seu principal elemento articulador é o medo, ou ainda, a ameaça: da pobreza, da miséria. O seu objetivo é explicar porque "somos os piores", de acordo com um ranqueamento do Banco Mundial, mas apontar o Plano Real como sendo o grande momento de toda a

---

944 Idem. Grifos meus.
945 Idem.
946 Os párias do quatrilhão. Veja. Joelmir Beting. 25/12/1996, p. 154.
947 Nas palavras do editor, trata-se de uma "edição fora de série (...) que tem por objetivo oferecer um leque de leitura agradável e variada para o leitor aproveitar o tempo livre dos feriados". Edição especial para as festas. Veja. Carta ao Leitor. 25/12/1996, p. 7.

história brasileira. Depois de muitas explicações, o autor concorda com Lamounier sobre o "*nosso infantilismo intelectual. É confortável jogar a culpar dos nossos problemas num ente tão poderoso quanto esotérico chamado elite. Que agora também pode ser chamado de globalização*".[948] O problema estaria na "cultura inflacionária": "*desfibrador moral de empresas, negócios e indivíduos, na sentença do apóstolo do liberalismo econômico (...), Hayek*".[949] Depois de passar boa parte da literatura sociológica, como a teoria da dependência, e a todos refutar, o problema seria essa "cultura": "*tanto assim que intelectuais de esquerda e dirigentes sindicais, posseiros do distributivismo por decreto, condenaram sistematicamente toda e qualquer tentativa de desindexação da economia*".[950] Citando o antropólogo Roberto Da Matta, completa: "*caso único no mundo, o Brasil é o país do Carnaval, do futebol e da correção monetária*". Segundo o autor, "*fora da minha coluna de jornal (...) encontrei uma única referência sobre a aliança criminosa entre indexação e desigualdade*", citação esta de Marcos Sá Correa. A epopéia segue: "***Bingo! E o milagre se fez**. Na noite de 30 de junho de 1994, metade dos brasileiros foi dormir com moeda podre, completamente podre, e acordou no dia seguinte com moeda forte, mais forte, até hoje, que o próprio real*".[951] Portanto, o "mundo novo" se iniciaria a partir de então, passando por cima de todo o passado de erros: "*o resto é o que se sabe e o que se sente. O Plano Real vai consolidando o mais profundo processo de redistribuição de renda do capitalismo. (...) Gente que nunca tinha visto um bife num Brasil que ainda tem boi que nunca viu gente. (..) Na renda, não somos mais o lixo do mundo*".[952] O objetivo seria mais uma vez consolidar a propaganda sobre o plano e o governo.

Essa propaganda é subliminar, pois aparece como se fosse reportagem jornalística. Elas têm três elementos centrais: o forjamento de uma mentalidade que busca reformar um comportamento das relações de trabalho; mostrar para as "elites" que elas precisam fazer concessões diante do quadro de aumento da miserabilidade; consolidar o Real como o grande milagre da história nacional. A estes elementos se soma aquele que seria o mais popular símbolo do Plano, segundo *Veja*: a figura do próprio Presidente da República.

---

948 Idem, p. 159.
949 Idem, p. 161.
950 Idem, p. 163.
951 Idem. Grifos meus.
952 Idem, p. 164.

5.1.3 O Presidente "do rumo certo"

> *"Antigamente falavam: Ah, o frango foi o herói do Real, depois foi o iogurte, agora eu acho que é a dentadura. Vai ver os pobres botando dente. Isso não é para rir, isso é verdade, isso é um avanço imenso, a pessoa poder cuidar de si. Isso é o Plano Real e isso me comove*". Fernando Henrique Cardoso.[953]

A figura de Fernando Henrique Cardoso poderia ser o eixo da análise da cobertura de *Veja* sobre o período. Já vimos no capítulo anterior como a revista atribuiu a ele o suposto mérito de ter colocado o país "no rumo certo". E isso se mantém de forma inarredável, mesmo que existam eventuais críticas ao governo. FHC é, em *Veja*, a maior peça de propaganda do Plano e, por conseguinte, dos ideais neoliberais. "*O Brasil está com rumo certo*", foi o título de uma entrevista exclusiva realizada por Paulo Moreira Leite e Tales Alvarenga. O tom é claro desde o início:

> VEJA - Como o senhor avalia seu governo, um ano depois? FHC: Do mesmo jeito que via inicialmente. O Brasil está com rumo, as coisas estão-se organizando de uma maneira adequada. Mantenho aquela frase, que é fácil governar o Brasil. É ter paciência, ter persistência e não ser arrogante.[954]

Na página ao lado, onde há uma fotografia de página inteira do sorridente presidente, duas frases aparecem em destaque em letras grandes:

> Não dá para chamar de conservador um governo em que o povo está comendo melhor e os banqueiros estão com dificuldades [sic]. Eu tomei uma decisão: mostrar que há rumo, que não se faz ziguezague, que não há susto nem surpresas.[955]

Portanto, a expressão propagandística que diz que "o Brasil tem rumo", repetida inúmeras vezes por *Veja*, é tomada do próprio presidente. Chama atenção ainda que o mesmo governo que criou o Proer fala em dificuldades para os bancos. Os entrevistadores perguntam: "*mas o Proer deu uma ajuda aos banqueiros...*" E a resposta: "*pela primeira vez bens de banqueiros se tornaram indisponíveis, inclusive de minha família, ainda que indiretamente*",

---

953 Frase em destaque da reportagem: "**A vez do cimento**: FHC falou em dentadura, mas na nova fase do Real o que cresce é a construção". Veja. David Friedlander e Roger Ferreira. 10/9/1997, p. 118-19.
954 "O Brasil está com rumo". Veja. Entrevista de Fernando Henrique Cardoso, por Paulo Moreira Leite e Tales Alvarenga. 17/1/1996, p. 20. A trajetória política de FHC pode ser encontrada em: MARTINS, Elaine de Almeida. O agudo acorde do violino: governabilidade e estabilidade na gestão Fernando Henrique Cardoso. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Niterói, UFF, 2002.
955 Idem, p. 21.

ao que os entrevistadores completam, entre parênteses e em itálico: "*Paulo Henrique Cardoso, filho do presidente, é casado com uma das herdeiras do Banco Nacional, adquirido pelo Unibanco*".[956] Assim, o Proer é reduzido a uma simples "ajuda", ressaltando-se na frase em destaque as "dificuldades" que os banqueiros estariam passando.[957] Ao longo da entrevista, os temas caros à revista são comentados, como privatização, MST, corrupção. Ao final, uma pergunta filosofa: "*o senhor sente medo quando pensa no futuro*?" A resposta simplifica e naturaliza a exclusão, além de estar no campo do "mundo admirável":

> Não acho que vai ser um **horroroso mundo novo**. A sociedade tem muito mais capacidade de inovar do que se pensa. Num momento da transição, todo mundo vê a tragédia. Depois, a sociedade reage. No percurso alguns sofrem, e sofrem muito, alguns podem ficar fora do jogo. Certamente o número de horas de trabalho vai diminuir. A criminalidade vai aumentar.[958]

O tom é alarmista, pessimista, e que mostra o acirramento dos conflitos sociais. Mas isso não teve importância para o entrevistador, que passou logo para outra pergunta: "*o que o senhor gosta de fazer como presidente*?".[959] O presidente da República, aquele que estava mostrando "o rumo", apelava para a criatividade da "sociedade", que iria mais uma vez resolver por si própria os problemas criados pelo sistema econômico.

Essa entrevista chama atenção também pela sua complementação. Com as mesmas cores e fundo azul, uma matéria da revista, traz na seqüência uma síntese do governo "*Um ano depois: em um ano de governo, FHC nocauteou a cultura inflacionária, promoveu reformas e*

---

956 Idem. Há uma vasta quantidade de matéria sobre os bancos, as vendas e fusões ocorridas ao longo do governo, como por exemplo, o caso do Bamerindus, acompanhado por várias reportagens, como: Um presente chamado Bamerindus. Veja, 27/8/1997. Infelizmente, por questão de espaço não haverá como abordá-los aqui. Os números dessa ação "salva bancos" são espantosos, na cifra de dezenas de bilhões de dólares usados pelo Banco Central. Ver: ROCHA, Ronald. Os cartórios e a miséria da crítica neoliberal. Práxis. n.5, p. 24. Mas além disso, várias medidas foram tomadas que acabaram por beneficiar os bancos, desde a alteração do horário dos pregões das bolsas de valores à redução ou mesmo isenção de impostos sobre transações financeiras. Ver: MINELLA, Ary César. Elites financeiras, sistema financeiro e governo FHC. In: RAMPINELLI e OURIQUES (Orgs.) op. cit., p. 178-180.

957 "O grande beneficiário da nova gestão econômica foi o setor financeiro. As altas taxas de juros fizeram a festa dos bancos nacionais e internacionais. Mas além dos juros altos o governo viabilizou uma série de reformas que visavam favorecer o capital financeiro: mudança do horário de funcionamento do mercado de ações para adequá-lo ao mercado internacional; redução, em dezembro de 1995, do imposto sobre o lucro líquido das instituições financeiras de 30% para 18%; liberação das tarifas bancárias em 1996, permitindo que os bancos compensassem o fim do imposto inflacionário; novas regras para a assistência financeira aos bancos múltiplos com carteira comercial, bancos comerciais e caixas econômicas; e criação do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer)". BIANCHI. Álvaro. Hegemonia em construção: a trajetória do PNBE. São Paulo, Xamã, 2001, p. 148-9.

958 O Brasil está com rumo, p. 27. Grifos meus.

959 Idem.

conseguiu um índice inédito de aprovação da população".[960] O texto gira em torno de que "não há alternativas": "*ninguém se atreve mais, hoje em dia, a defender confisco e congelamento, sob pena de parecer intelectualmente retardado. Ninguém mais acha que monopólio estatal é coisa santificada e capital estrangeiro algo a evitar*".[961] Mas, a revista, depois de reiterar elogios, mostra-se inconformada com o que considera o lento ritmo das privatizações, criticando o "*corporativismo*" da CUT que "*protesta contra a reforma da Previdência*".[962] Um breve histórico é elucidativo do "elevado momento" nacional:

> Faça-se a crítica que se desejar ao presidente da República, mas **reconheça-se que** ele imprime um **rumo ao seu governo**, coisa que parece banal mas não é. Jânio Quadros, um **alucinado** na Presidência, **nunca teve rumo algum**, a não ser promover pirotecnia política. João Goulart, um **homem fraco**, governou dividido no seu íntimo e também **dividiu o país**. **Nada há a dizer sobre os governos militares**, que devem ser avaliados por outros critérios. **Seu rumo era o da ditadura**. Quanto a Sarney e Collor, os fatos ainda estão frescos para mostrar o desastre em que se meteram. O primeiro foi o regente da Década Perdida. O segundo foi o homem que deixou o país alegre duas vezes: quando entrou e quando saiu. Por fim, Itamar Franco, que teve um início pífio (...) recuperou-se espetacularmente, com as escoras que o Plano Real colocou nas fundações estremecidas do seu governo.[963]

Já quanto a Cardoso, o que *Veja* quer consolidar é a idéia de que "*desde Juscelino Kubitschek, nenhum presidente deu mais esperança ao Brasil".*[964] O conjunto do texto é transparente: apenas Cardoso teria sido bom para o Brasil, "*reconheça-se*". Todos os outros são desqualificados. Jango, a exemplo do que diria também sobre Lula, é visto como alguém que "*dividiu o país*", ou seja, não alguém que estava numa situação em que o país estava de fato dividido. Com isso também se permite atribuir à sua "fraqueza" o golpe militar que derrubou.

---

960 Um ano depois. Veja. 17/1/1996, p. 28.
961 Idem.
962 Idem, p. 30. Na entrevista com o presidente a revista tratou dos motivos da "lentidão", concluindo que "ou você prepara o Estado, ou não tem como privatizar no serviço público", nas palavras de Cardoso. Ou seja, legitima-se a necessidade de mais investimentos públicos para vender as empresas em melhores condições ao capital externo. (p. 26).
963 Idem, p. 31.
964 Idem. As associações com Kubitschek foram uma forma de alimentar uma visão "positiva" do presidente. A comparação mostraria, no entanto, que o período de FHC seria ainda melhor: "pelos índices econômicos, está melhor agora. O que não existe é a euforia dos anos JK, não há uma ilusão poderosa como a de Brasília sendo construída no cerrado, nem o consolo da bossa nova. O Brasil ficou menos alegre e mais realista". "Os anos dourados: as semelhanças e a grande diferença entre 1957 e 1997, os anos em que se registraram os menores índices de inflação". Veja. Eliana Simonetti. 20/8/1997, p. 110.

O fato de Cardoso ser um homem culto foi explorado por *Veja* sempre que possível, como na "*conversa na biblioteca*", onde teria sido "*quase como se o professor, por algumas horas, se substituísse ao presidente*".[965] O tom é de elogio despudorado "*AS RAZÕES DO PRESIDENTE: o sociólogo Fernando Henrique expõe a doutrina do governo Fernando Henrique*".[966] Nesta longa entrevista, com muitas fotografias e citações, há várias digressões, como "notas de rodapé",[967] em que os nomes e fatos citados por FHC são demonstrados, explicados pelo editor, como: teoria da dependência; MST; Gilberto Freyre; Antonio Gramsci. O Presidente destaca sua caracterização da esquerda:

> Num famoso artigo, 'Americanismo e fordismo', Gramsci faz uma crítica da esquerda, dizendo: a matriz do pensamento da esquerda, toda esquerda, mesmo a social-democracia, é marxista-leninista-estatizante. Ele injeta então o que hoje seria chamado de liberalismo – os valores de liberdade, dinamismo, responsabilidade individual. E diz: 'não é possível, tem gente aqui na Itália que se aposenta aos 25 anos'; 'com esse corporativismo não é possível avançar'. Gramsci! Então, seja qual for a origem dos que estão pensando o progressismo hoje, são gramscianos.[968]

Cardoso usa a expressão "marxista-leninista-estatizante" como uma conotação de atraso, sem contundo, explicitar o que está querendo nomear com isso. Depois, atribui a Gramsci a defesa do liberalismo, como se isso fosse uma invenção dos dias atuais, e não fosse justamente esse um dos eixos do intelectual italiano: a luta contra o liberalismo. Com isso é possível dizer que essas expressões "liberdade, dinamismo, responsabilidade individual", que claramente nas palavras de Cardoso estão no âmbito liberal, estariam no eixo do pensamento de Gramsci, com esse mesmo sentido. E por fim, é como se Gramsci estivesse pregando uma

---

965 Conversa na biblioteca. Carta ao Leitor. Veja. 10/9/1997, p. 7. Também as viagens do presidente são vistas como um grande "serviço à nação", sempre exaltando a suposta superioridade do presidente, buscando mostrá-lo como um "chefe-de-estado". O exemplo é explícito: "Em estado de graça. Em viagem à Europa, FHC esbanja intimidade com os poderosos. O país agradece. O eleitorado aplaude. O presidente está habituado a fazer sucesso em viagens ao exterior. Na semana passada, superou-se. Seu giro de seis dias pela Europa enfileirou alguns recordes. Na Espanha fez o discurso mais elogiado entre quinze chefes de estado que debatiam sobre autoritarismo e democracia. Na França (...) foi interrompido nove vezes por aplausos, inclusive da esquerda francesa. (...)". Em estado de graça. Veja. Maurício Lima. 7/11/2001, p. 54. Mas, de concreto, nada se informa sobre a aplaudida fala do presidente. Apenas se conclui, citando Fernando Abrucio, que "ele é o homem certo, com homens certos, na hora certa". (Idem, p. 56).

966 As razões do presidente. Veja. Roberto Pompeu de Toledo. 10/9/1997, p. 22 a 33.

967 Nesta entrevista quando o presidente se referiu ao Proer o fez de forma a desqualificar o discurso de Lula: "não sabem o que dizem", reproduzindo suposta fala de Lula: "o Proer é para salvar banqueiro", conclui: "Não é possível que haja gente que, em certos momentos não sente comigo – não para concordar, mas para perguntar porque se fez isso ou aquilo, para criticar melhor". E a revista faz uma nota de rodapé simplesmente traduzindo a sigla do Programa, agora sem qualquer sobra de crítica. Idem, p. 30.

968 Idem, p. 28.

peça de propaganda das divulgadas em *Veja* a favor da Reforma da Previdência. A própria expressão "progresso", nesse caso, assemelha-se a "modernidade" que vemos sendo incutida pelo Fórum Nacional e por *Veja*. Ao ser questionado sobre as "críticas inteligentes ao governo", Cardoso completa:

> A atitude mental da oposição, quer seja de esquerda, direita ou centro, que não entende que o fundamento da radicalidade da democracia – à la Habermas, se quiser – é colocar as questões na arena pública e argumentar, ir à raiz, tentar convencer... quem não entende isso não entende como se faz uma política moderna de esquerda – não gosto da palavra "moderna", mas enfim, uma política que faça avançar.[969]

O problema portanto, não seria o padrão do moderno, mas o de "evitar o atraso": "o problema não é ser de esquerda, direita, liberal, social-democrata ou conservador. É ser atrasado. Tem que haver um aggiornamento. Muita gente percebeu isso e faz críticas nessa direção".[970] Adiante nesse argumento o então presidente realiza uma reversão dos termos, característica da batalha discursiva ideológica. Primeiramente, distinguindo-se daqueles que são diretamente associados à direita, mas que fariam "críticas inteligentes" ao governo: "*Roberto Campos também faz, mas pelo outro lado. Não concordo. Ele é liberal. Quer realmente que o Estado diminua*".[971] O presidente Cardoso, convidado por *Veja*, atua como intelectual, a ponto de dizer que FHC estaria falando como sociólogo o que o habilitaria a desvendar a "doutrina" do presidente, ficando claro que as duas coisas se misturam.

Na entrevista, o presidente define a si próprio como sendo de esquerda, o que permite a possibilidade de estabelecimento de um pacto social. Pelo menos é isso que se subentende da cobertura da visita de Fidel Castro ao Brasil, na qual a revista destaca que FHC "*há algum tempo tem arrastado asa para a esquerda, tentando atraí-la para o diálogo*".[972] Tenta-se desqualificar a figura de Lula, que teria sido criticado por Fidel, figura "*insuspeita quanto à ideologia de esquerda*", embora não se esclareçam quais seriam as críticas. A intenção é mostrar a "esquerda" como radical e fechada ao diálogo, como símbolo de atraso: "*até agora, todos os apoios que Fernando Henrique colhe lá fora de políticos moderados ou à esquerda,* ***de Tony Blair a Fidel Castro****, serviram mais para desacreditar o PT do que, propriamente,*

---

969 Idem, p. 29.
970 Idem, p. 29.
971 Idem, p. 28.
972 A dança da sedução. Veja. 28/10/1998, p. 42.

para convencê-lo a ter uma relação mais próxima com o governo".[973] Isso dificultava o pacto cujo alvo seria "*desarmar a turma do PT e adjacências*":

A idéia de promover um entendimento político em função do inimigo externo, que está rondando o Brasil desde o afundamento da Rússia e que exige providências do Planalto e do Congresso, provavelmente terá o mesmo destino das tentativas de pacto nacional feitas pelo presidente José Sarney nos tempos da inflação incontrolável.[974]

Segundo *Veja*, só restaria contar com a "inteligência" do presidente para reagir à crise, aprofundando as medidas que a geraram. Em vários outros momentos Cardoso ocupou as capas da revista e entrevistas,[975] além das páginas amarelas,[976] como já havia feito no início do ano eleitoral, apontando "*o que os brasileiros pensam de FHC*".[977] E a revista apontava um caminho para sua campanha: "*A contradição de FHC: pesquisa diz que o presidente é bom para cuidar da economia, mas não cuida do social*".[978] A figura do presidente seria um parâmetro inabalável de avaliação do Plano Real para *Veja*, mesmo que por vezes houvesse divergências pontuais com relação à sua ação.

Como síntese, o presidente Cardoso teve um papel propagandístico importante. Ele assume várias funções intelectuais: é referência, formula, organiza, executa. E isso em plena sintonia com a revista, que complementa, dá espaço, explica. Primeiro, associa a esquerda existente ao atraso; depois, diz que a verdadeira esquerda seria o presidente, que é então associado ao que seria moderno.

---

973 Idem, p. 44. Grifos meus.
974 Idem.
975 Como a entrevista: "*Viagem às idéias do líder nas pesquisas*". *Veja*. 24 de agosto de 1994.
976 "**Em busca da saída**. Fernando Henrique não esconde que aceitaria participar do governo sob determinadas condições. O senador do PSDB explica que o Brasil vive uma crise grave, defende um entendimento nacional e diz que Collor faz um governo de palavras". Veja. Expedito Filho. 4/9/1991. "**A utopia realista.** É um político de idéias que acerta mais do que erra. O senador tucano prega um acordo de responsabilidade nacional e admite a extinção do PSDB numa reorganização partidária". Veja. André Petry. 22/5/1992. "**Reeleição é difícil**. Não vê a hora de o Congresso acabar de votar as reformas. O presidente diz que a CPI está sendo boa para o país, afirma que o Proer acabou e defende o fim do sigilo bancário". Veja. André Petry e Expedito Filho. 9/4/1997. "**Fim do sufoco**. O presidente recorda esse período ruim, analisa seu governo e fala do futuro. FHC diz que 1999 foi o seu pior ano na Presidência, mas acha que a retomada do crescimento já começou". Veja. Expedito Filho e Guilherme Barros. 22/12/1999.
977 Tarjeta da Capa. Veja. 4/3/1998. O editorial também anunciava: O que o Brasil pensa dele. Veja. Carta ao Leitor. 4/3/1998, p. 7.
978 A contradição de FHC. Veja. Ernesto Bernardes e Expedito Filho. 4/3/1998, p. 22.

5.2. O REAL DE *VEJA*: "FESTA" E "TERREMOTOS" DA GLOBALIZAÇÃO

Apesar de todas as manifestações de apoio irrestrito à globalização, e ao Plano Real apresentados em termos predominantemente otimistas, a realidade continuava impondo problemas sérios, não estavam previstos pelo discurso propagandístico. Crises atacaram em cheio os países mais frágeis e a revista agiu diante disso mantendo um padrão de esquizofrenia: o problema estava colocado e não tinha solução; ao mesmo tempo, procurava culpados imediatos e apontava soluções paliativas até que o mercado resolvesse por si os problemas.

5.2.1. Tigres Asiáticos, Rússia, e o imbatível Real

Persiste a naturalização do sistema, mesmo em momentos de crise. Em matéria de capa a revista pautou a "*GLOBALIZAÇÃO: desemprego, ansiedade, riqueza e outras promessas da* ***revolução*** *que está derrubando fronteiras e lançando o capitalismo numa velocidade jamais vista*".[979] No texto enfatiza que essa "*roda global*" é um fenômeno que "*provoca tanto medo*": "*o mundo não é mais como foi o de papai. Ouve-se falar num momento que as grandes corporações americanas estão demitindo dezenas de milhares de trabalhadores de olhos azuis e transferindo suas operações para* ***países morenos****, de mão-de-obra mais barata*".[980] Além de asseverar a inevitabilidade, traz o medo, sentimento necessário, fazendo com que as pessoas percebam que devem seguir os passos apontados pelos "explicadores" da realidade, como vai sendo reiterado: "*não é tanto a ameaça real, mas a sensação de que ela existe*".[981]

Na crise, nenhuma crítica ao Real seria aceita. Quando foram divulgadas críticas do economista Rudiger Dornbusch, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), ao plano, apontando problemas sérios, inclusive estabelecendo prazo para o fim da indexação do dólar, ele foi chamado de delirante e divulgador de "atrocidades".[982] Para usar uma expressão de *Veja*, ele "fez o que não se faz", não fazia parte das regras do jogo apresentar críticas públicas. O texto mais uma vez insiste em que o único problema efetivo seria o "ritmo das

---

979 Capa. Veja. 3/4/1996. Grifos meus.
980 A roda global. Veja. Antenor Nascimento Neto. 3/4/1996, p. 80. Grifos meus.
981 Idem, p. 81.
982 O Unabomber do Real. Veja. 12/6/1996, p. 34. As expressões são retiradas das falas em destaque de Roberto Campos e Armínio Fraga.

reformas". Por isso, reafirma o caminho para um "novo mundo", em outra matéria, em que cita Jeffrey Sachs: "*o planeta trombou com um asteróide chamado globalização. Não existe mais. O que sobrou depois choque é o* ***novo mundo****. (...) Goste-se ou não é este o ambiente que o Brasil tem de inserir-se para continuar no jogo*".[983] Repete mais uma vez a cantilena da privatização, do "enxugamento de custos" e da "modernização da economia".

Acompanham essas matérias as notícias sobre a euforia das bolsas de valores, saudadas e incentivadas pela revista, como na capa: "*AS AÇÕES FAZEM A FESTA: quem investiu na bolsa ou em fundo de ações ganhou até 60% neste ano*".[984] A reportagem dá o tom da "*festa do investidor: até os rapazes que trabalham nos bancos de investimento estão impressionados com as bolsas de valores*".[985] A bolsa "*está um esplendor, cresce com o dinheiro da dona de casa e do banco americano, e seu rendimento esmaga a poupança, o dólar, o CDB*".[986] O exemplo viria dos países "desenvolvidos": "*em países como o Japão e os Estados Unidos, o investimento em ações é esporte nacional. O americano tem o hábito de ir comprando ações ao longo dos anos para complementar a renda na hora da aposentadoria. (...) No Brasil,* ***a moda*** *já começou*".[987] Com isso, se reforça uma visão positiva do mercado de capitais e da especulação financeira e busca criar novos investidores, incentivando os fundos de pensão sugerindo "participar da festa". O otimismo é complementado pelo quadro geral traçado:

> O estouro da bolsa ocorre contra um pano de fundo muito especial da economia brasileira. Vive-se uma época em que o país está sendo apalpado pelos investidores estrangeiros como uma mercadoria nova na prateleira. Eles observam uma moeda estável, crescimento consecutivo nos últimos três anos, privatizações bilionárias, uma população com renda para elevar o consumo. Os investimentos na bolsa, boa parte deles vinda do exterior, são um aspecto desse ambiente econômico. Outro é a dose de investimentos diretos que o Brasil está recebendo. Esse dinheiro é aplicado em novas fábricas, pesquisa e melhoria de produtos, empresas que prestam serviço. O país parado e desorientado nos anos 80 está decolando em meados dos 90.[988]

---

983 Como uma ostra. Veja. 12/6/1996, p. 106. Grifos meus.
984 Capa. Veja. 18/6/1997.
985 A festa do investidor. Veja. David Friedlander e Ricardo Grinbaum. 18/6/1997, p. 132.
986 Idem, p. 134.
987 Idem, p. 135. Grifos meus. Em reportagem de capa anterior, dez páginas foram gastas para indicar: "FAÇA SUA APOSTA: quais são, quanto rendem e qual é o risco dos fundos de investimentos que o mercado financeiro oferece". Faça sua aposta. Veja. Antenor Nascimento e Ricardo Grinbaum. 29/1/2997, p. 98 -107. Na matéria são analisados casos de pessoas que possuíam dinheiro para investir e consultores deram pareceres sobre elas.
988 Idem, p. 137.

Diante dessas falácias de que os investimentos fariam a economia crescer, inclusive a indústria, se amarrava o leitor para que ele confiasse e se tornasse também um fiador do capital. Na seqüência, outra matéria com mais seis páginas, anunciava: "*ATENÇÃO: DÓLARES POUSANDO: os fatores que estão atraindo investimentos são os mesmos que tornam a bolsa atraente a longo prazo*".[989] O quadro é o mesmo, de um país que "*levantou vôo*": "*há estatais gigantescas no Brasil, bancos e indústrias para comprar, oportunidades que estão atraindo corporações com marca mundial*", o que significaria, evidentemente, apenas coisas positivas. A revista é explícita em sua dupla função: fazer propaganda para o capital externo do seu produto, ou seja, o país, ao mesmo tempo em que faz propaganda do capital para o seu leitor:

> A imagem, nesses centros financeiros do Primeiro Mundo, é a de uma fronteira na América Latina com muitas oportunidades e promessas de lucros. Por isso, não há grande banco que não esteja apresentando a pasta Brasil a seus clientes. Os investidores estão respondendo. Além do dinheiro que mandaram para as bolsas, estão enviando um Boeing de dólares para comprar ou montar fábricas, bancos, supermercados.[990]

Não há qualquer alusão a problemas que esses dólares causariam. Ao contrário, são apresentados como uma dádiva. A revista coloca-se ao lado da criação de condições mais apropriadas ao capital. Riscos, nesse processo, apenas os que ameaçam o próprio capital:

> Os riscos estão sendo ponderados pelos que investem no país. Por enquanto, não há sinal de preocupação. Se a estabilidade e o investimento continuarem, dá para fazer um exercício de imaginação muito otimista a respeito do futuro. Os empresários estão chegando, com suas fábricas modernas, não vão querer estradas ruins, pontes que racham, telefones que não funcionam. Precisarão de operários com maior escolaridade. Uma rede de assistência médica razoavelmente eficaz torna-se uma necessidade, não apenas uma promessa de campanha política.[991]

Caberia ao governo brasileiro criar condições para esses investimentos. Quando Gustavo Franco - que posteriormente viria a ser colunista da revista - assumiu a presidência do Banco Central, a notícia da reportagem de capa[992] foi: "*ATREVIDO E FRANCO: com estilo extremado e petulante, Gustavo Franco, personificação da política neoliberal, assume a*

---

989 Atenção: dólares pousando. Veja. Antenor Nascimento Neto e João Sorima Neto. 18/6/1997. p. 138.
990 Idem.
991 Idem, p. 143. A reportagem aponta brevemente alguns riscos nacionais, indicando a necessidade de resolver o déficit público e a balança comercial.
992 Seu rosto estampa a capa, com a manchete: O liberal linha-dura. Capa. Veja. 6/8/1997.

presidência do Banco Central".[993] Depois de mostrá-lo como "bom pai", "intelectual" e de estilo galã, as opiniões mostram divergências quanto ao seu comportamento no governo:

> O divisor de águas que Gustavo carrega está grudado nele. É um dos pais da política cambial e da abertura dos portos às importações. O indiscutível destemor com que defende esses itens-chave é que atiça a chuvarada de pedras. Delfim Neto (...) acha que Franco é o irresponsável que quer transformar o país num entreposto, como Hong Kong, à custa do sucateamento de parte da indústria nacional e do genocídio de empregos. (...) Alfinetou que 'o presidente nomeou Franco porque é refém da política dele'. [Serra o vê como] um daqueles economistas que acham a vida real uma irrelevância. Para a esquerda, ele é o Lúcifer do neoliberalismo verde-amarelo.[994]

A nomeação de Franco já era um sinal do "inevitável", que antes era inominável e não tardou a aparecer nas próprias palavras da revista: "*CHOQUE DE REALIDADE: com o susto na bolsa, perda de reservas e aumento nos juros, o Brasil percebe que é vulnerável*".[995] Agora *Veja* centrava o sujeito no "Brasil", portanto, todos deveriam pagar a conta. Mas, interessante, a revista se desreponsabiliza e atribui apenas ao governo a visão anterior de otimismo sobre o país. Ao fazer isso, mostra uma vez mais a posição de seu discurso:

> Para que as pessoas compreendessem com mais clareza a lógica do Plano Real, em 1994 o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso comparou várias vezes o Brasil ao México. No final daquele mesmo ano, o México foi à lona e os tucanos mudaram o discurso, passando a explicar que o México e Brasil nada tinham em comum. Agora, depois que a Tailândia ruiu e Hong Kong mostrou que é um tigre de papel, a idéia de vender o Brasil como uma ilha invulnerável continua produzindo comparações otimistas em Brasília. O que se repete por lá é que o Brasil está guarnecido por uma muralha contra ataques especulativos ao real, como disse o próprio presidente Fernando Henrique na semana passada. Nos últimos dez dias, no entanto, a bolsa de valores brasileira sofreu uma das maiores quedas de sua história, uma torrente de dólares fugiu para o exterior e uma onda de pânico varreu o mercado financeiro nacional, que afundou mais do que qualquer outro balcão de papéis espalhados pelo planeta. O desastre demonstra que não importa se o Brasil se parece ou não com o México, ou se ele é diferente ou não da Ásia. Importa, isso sim, que o Brasil foi o país que pior se saiu na crise que começou na semana passada. Pior: por mais que o discurso oficial insista em mostrar o real como um super-herói do capitalismo globalizado, o país pode muito bem naufragar num ataque especulativo contra sua moeda, como já ocorreu no México ou na Tailândia. Essa é a sombria realidade em que o Brasil acabou de entrar.[996]

---

993 Atrevido e franco. Veja. Flavio Pinheiro, 6/8/1997, p. 115 a 121.
994 Idem, p. 116.
995 Choque de realidade. Veja. Altair Thury Filho e Felipe Patury. 5/11/1997, p. 26.
996 Idem. O problema da crise asiática foi acompanhado também por outras matérias: **"O dia em que o Tigre miou**. Sob o risco de quebrar, forçada pelos investidores estrangeiros, a Tailândia desvaloriza a moeda e ajusta a

Agora, portanto, a "bomba" deveria cair nas mãos do governo, indo por terra o discurso anti-intervencionista neoliberal, embora a revista ressalvasse que "o país não tem culpa", o problema seria a "*nuvem escura de maus presságios*", que provocaria "*pânico*".[997] A explicação vem simplificada na fala do ex-ministro Maílson da Nóbrega: "*na hora da incerteza, o capital sai da posição de risco e vai até para debaixo do colchão, se isso lhe parece um investimento seguro*",[998] embora no momento em que incentivava os investimentos nas bolsas isso não tenha sido dito. O problema era explicado novamente pela revista em termos da balança comercial, das contas públicas e do câmbio, enunciando a preocupação de que só poderia ser resolvido "*depois das eleições do próximo ano*", portanto ficando "*ainda mais à mercê da dolarização selvagem*".[999] A própria revista lembra do problema eleitoral, de forma invertida do que criticara com relação ao México, onde situação semelhante (de deixar a reforma cambial para depois das eleições) fora chamada de "estelionato eleitoral".

O que fora apresentado como adequação racional à globalização torna-se agora o seu contrário. O presidente do Banco Central assim justificava sua impotência: "*estamos no meio de uma tempestade e é mais difícil pilotar o avião nessas condições. Não dá para entender essa crise porque ela não tem lógica*".[1000] Na metáfora, a revista e o governo continuam afinados, indicando agora a "irracionalidade" do problema que antes não era sequer cogitado, apesar das inúmeras denúncias quanto às práticas neoliberais de diferentes setores sociais. Ainda assim, a revista reforça o acerto do programa: "*a crise só não abalou aquele tipo de investidor que aplica em caderneta de poupança e se contenta com um rendimento de 6% ao ano*".[1001] O argumento da revista é especioso: perdeu quem já ganhou muito. Encobre assim as perdas sociais (de quem já vinha sofrendo os efeitos da globalização), isto é, da maioria da

---

economia". Veja. Antenor Nascimento Neto. 9/7/1997, p. 102. "**A boiada nervosa**. Os grandes vendem para realizar lucros, assustando os menores, a Ásia se embrulha no susto e a bolsa despenca". Veja. João Sorima Neto e Felipe Patury. 23/7/1997, p. 90. "**Da Ásia à América**. A crise em Hong Kong derruba as principais bolsas do mundo e dá um susto nos investidores do Brasil". Veja. David Friedlander e Ricardo Grinbaum. 29/10/1997, p. 116. "**Cofre vazio**. A descoberta de que Coréia não tem como pagar suas dívidas derruba as bolsas de novo". Veja. 17/12/1997, p. 119. "**A crise da prosperidade**. Atingido pelos problemas na Ásia, o Japão prepara uma reforma econômica". Veja. João Sorima Neto. 3/12/1997, p. 120. "**Tigre sem garras**. Ao aceitar superempréstimo do FMI, a Coréia do Sul dá adeus a seu modelo econômico". Veja. Lizia Bydloski. 10/12/1997, p. 46.

997 Idem, p. 27.

998 Idem.

999 Idem, p. 29.

1000 Idem, p. 30.

1001 Idem, p. 31.

população, sob as perdas de alguns dos principais empresários do país. E quem não perdeu é mostrado como alguém que "se contenta com pouco". Na mesma página aparecem as personificações do capital e suas perdas, que em outros termos indicam possibilidades de ganho: Kati Braga, 12 milhões; Jorge Lehman, 100 milhões; Olavo Setúbal, 58 milhões; Rolim Amaro, 8 milhões; Benjamin Steinbruch: 11 milhões; Abílio Diniz: 86 milhões. Ao leitor fica a mensagem: felizes daqueles que podem perder milhões assim, pois em outra situação, ganhariam outros tantos, como encerra a reportagem, nas palavras de Steinbruch: "*com a derrubada dos preços, vai haver muita oportunidade de comprar empresas boas por um bom preço, diz ele, procurando ver o lado rosa da crise*".[1002] Mais uma vez, seria necessária a superação de qualquer limite que se colocasse no caminho da liberdade de mercado.

Outras quatro páginas explicam a "*semana em que todos os mercados se chocaram na confusão globalizada*":[1003] De novo, a imagem é de um mundo em que não se distingue ficção e realidade: "*pelo mundo afora, como que comandadas por um supervilão de desenho animado, as bolsas de valores foram sendo derrubadas uma a uma*".[1004] E, atribuindo aos outros o entusiasmo, demonstra surpresa: "*as conexões entre os mercados se mostraram bem mais fortes do que supunham mesmo os mais ardentes entusiastas da globalização*",[1005] excluindo-se qualquer responsabilidade, tudo atribuindo ao "imprevisível": "*ninguém suspeitava que o mundo financeiro coubesse numa sala, resumiu o consultor James Grant*".[1006] A conclusão parcial é de que "*foi um encontro da irracionalidade dos especuladores com o que resta de racionalidade no mundo real*".[1007] O panorama geral é assim traçado:

> A economia mundial vai bem. Os Estados Unidos vivem um período especialmente glorioso, sem inflação, com déficits fiscais rumo a zero, altos níveis de emprego e taxa anual de crescimento estável e apontando para cima. A Europa, depois de anos

---

1002 Idem, p. 33. Também para acalmar os riscos, a revista publica dois quadros: "como será o ataque ao Real" e "Como proteger o dinheiro". p. 32 e 33. Como "curiosidade", com o mesmo logotipo, a revista publica ao final uma matéria ao estilo de Caras: "noites de brilhantes e caviar: enquanto o real dançava, os ricos dançavam o baile da Ilha Fiscal-Manhattan". Veja. Eduardo Junqueira e Marcelo Camacho. 5/11/1997, P. 38. Aqui a "notícia" indica que (apenas) nesse momento de crise, seria excêntrica uma festa de gala regada a caviar e brilhantes.
1003 Dow Hang Jones Seng. Veja. Eurípedes Alcântara. 5/11/1997, p. 34.
1004 Idem.
1005 Idem.
1006 Idem.
1007 Idem, p. 35.

> de estagnação, dá os primeiros sinais de que suas economias nacionais estão sendo revitalizadas. A Inglaterra, com o thatcherismo transfigurado em Tony Blair, é uma **jóia de estabilidade e prosperidade**. Os países asiáticos, vencido o bombardeio da crise atual, devem emergir com crescimento menos veloz, mas mesmo assim, acreditava-se largamente na semana passada, longe da recessão. O Brasil, e os vizinhos da América Latina, **deixados em paz pela conjuntura mundial**, podem continuar administrando seus problemas e crescendo sem inflação por tempo indeterminado. O único foco de real preocupação no mundo é o Japão. A segunda mais poderosa locomotiva da economia mundial há cinco anos não consegue engatar a segunda marcha. "Os japoneses têm sérios problemas estruturais, que se recusam, por tradição e travas políticas, a abordar", diz Paul Krugman.[1008]

Encontrou-se alguém para colocar a culpa, ainda que de forma pouco convincente, a ele é atribuído o problema da "recusa a avançar", e se conclui no fim por um "*alívio momentâneo*". Apesar da irracionalidade constatada, todos os países e continentes, geradores ou não da crise, deveriam manter o rumo, sem qualquer necessidade de alteração. Na seqüência, instaura-se o debate sobre a necessidade de desvalorização cambial. No entanto, como a própria revista já havia adiantado, as eleições seriam um limite.[1009] A capa da revista era assustadora: "*HÁ LUZ NO FIM DO TÚNEL?: os efeitos do pacote; as perspectivas para 1998*".[1010] Após sete páginas de explicações sobre o contexto e opiniões de políticos diversos, a revista publica um ensaio de Paul Krugman, explicando "*o que destrói a saúde das moedas no mercado global*".[1011] Estava também em questão a mudança de padrões de referência da revista. Diante do Brasil já globalizado, seus referentes de discussão deixavam de ser prioritariamente nacionais, vindo diretamente dos elaboradores internacionais do neoliberalismo. As críticas sobre o governo procuram apresentar alguns personagens como despreparados, desconhecedores da realidade, mas no conjunto seria o melhor rumo possível.

Foi exemplar a manifestação de Antonio Ermínio de Moraes, que recebeu seis páginas da revista por ter aberto o capital do Grupo Votorantin, inclusive para investidores estrangeiros. A manchete era clara: "*sou nacionalista, mas não sou burro*".[1012] São

---

1008 Idem. Grifos meus.
1009 Como é discutido em: "A SEMANA DA ESPUMA ASSASSINA: aflito, o governo vive dia de desavenças, queda de popularidade e sensação de impotência". Veja. Expedito Filho. 19/11/1997. p. 32.
1010 Capa. Veja. 19/11/1997.
1011 O que destrói a saúde das moedas no mercado global. Veja. Ensaio. Paul Krugman, 19/11/1997, p. 46. Não temos como aqui discutir essas matérias e as posições apresentadas. Interessa-nos somente mostrar a posição da revista em termos gerais, ou seja, de disseminação do pânico e da incerteza, exigindo, urgentemente uma posição por parte do governo, e vendo como ameaçada a própria possibilidade de reeleição.
1012 "Sou nacionalista mas não sou burro". Veja. Eliana Simonetti. 3/6/1998, p. 136.

evidenciados os limites da "nação" para o conjunto do capital e, em parte, a derrota do setor industrial frente à especulação internacional: "*eu não quero abraçar o mundo, mas se ficar parado o trator passa por cima de mim*".[1013] Para a revista, eis o bom exemplo, o mais tradicional capital nacional se rendia ao mercado de ações e ao capital estrangeiro.

Mas o pânico resistia a sair de cena. No início do ano aparecia o "fantasma" asiático, especialmente da Indonésia, que "*quebrada, desobedece ao FMI e provoca uma onda de pânico que desvaloriza a moeda e derruba a bolsa*".[1014] E depois, o "furacão russo": "*o furacão vermelho: com a economia fora de controle, a Rússia pede moratória e empurra o mundo para um estado de ansiedade e desconfiança*".[1015] Para a revista, o problema seria contido pelas grandes potências pois a Rússia seria uma ameaça mais ideológica do que econômica:

> O que traz calafrios a respeito da desorientação russa é a questão política. Um quinto da população ainda é comunista de carteirinha. O Parlamento é dominado por comunistas e pediu na quinta-feira a renúncia de Ieltsin. O país carrega bombas atômicas, submarinos nucleares e um Exército que ainda mete medo. Por isso, em Washington, Londres, Paris e Bonn, o rolo russo é tratado como uma questão de segurança, e não propriamente de economia. O que não se quer é que um desequilibrado aproveite a confusão e assuma o comando. Essa particularidade se transformou numa esperança. A crise provavelmente será detida com a ajuda dos países ricos do Ocidente.[1016]

A associação do comunismo com o desequilíbrio não surtiu efeito, até porque o que estava gerando a crise era o sistema do capital. Na semana seguinte *Veja* enunciava "*o terror que vem da Rússia*: *Moscou detona uma nova crise mundial com calote de 32 bilhões de dólares*".[1017] Desta vez foi mais fácil encontrar um culpado: o presidente Boris Ieltsin. Ironicamente, informa que ele "*em apenas seis meses*" teria feito "*o que em setenta anos de comunismo Stalin, Kruschev e Brejnev não conseguiram: fez tremer o capitalismo*".[1018] E completa: "*por São Jorge, o que Ieltsin fez?* ***O que não se faz.*** *Há duas semanas ele declarou*

1013 Idem.
1014 Mais um fantasma na Ásia. Veja. 14/1/1998, p. 66. Mais uma vez o problema aparece simplificado e reduzido: "o problema asiático começou com uma especulação intensa nas bolsas de valores, no câmbio e no setor de imóveis". Idem. P. 67. Ou seja, esses fatos não seriam conseqüências de opções anteriormente tomadas, mas os próprios geradores dos problemas atuais.
1015 O furacão vermelho. Veja. Eliana Simonetti. 26/8/1998, p. 52.
1016 Idem, p. 54.
1017 O terror que vem da Rússia. Veja. Antenor Nascimento Neto. 2/9/1998, p. 120.
1018 Idem.

moratória da dívida externa das empresas privadas russas".[1019] A gravidade do caso é sintetizada na suposta traição do presidente russo aos que "*acreditaram na modernização do país*". Torna-se evidente o principal fantasma a exorcizar: o não pagamento das dívidas externas dos países dependentes. Para enfatizar a gravidade, apela para uma visão instrumentalizada da própria história russa:

> A implosão financeira deixa a Rússia, na véspera da virada do milênio, em situação parecida com a qual iniciou sua trágica jornada neste século XX: instável, conturbada, incerta quanto ao futuro, cercada de ameaças. A História tem ensinado que, no caso da Rússia, as piores previsões não só se concretizam mas se superam, ultrapassam os limites do que a mente mais sombria poderia antecipar. (...) A revolução comunista, nascida das mais nobres esperanças, virou o sugadouro inimaginável que tragou inimigos, adversários, simpatizantes, militantes e uma vasta massa de infelizes apanhados na encruzilhada da História.[1020]

Aonde quer chegar a matéria? Para ela, havia um risco de "assombração" supostamente pairando no ar com a Rússia "*derretendo no meio do palco*", como se fora um espetáculo, mas o receituário segue prescrevendo o que fazer: "***o que o FMI manda***".[1021] O problema de fundo era novamente o efeito dominó:

> O mundo tem mecanismos financeiros muito avançados e a globalização econômica gerou o sentimento de que os países precisam se apoiar, porque se um quebra, carrega os outros para o fundo da piscina. Os países desenvolvidos têm-se desdobrado para apoiar os emergentes e até países ricos em dificuldades momentâneas, como o Japão. A esperança está aí.[1022]

Em comum para *Veja* e FHC ficava a dúvida quanto à capacidade de controlar a crise brasileira, mas o objetivo primeiro era ganhar as eleições. Para acalmar os ânimos, *Veja* cita uma avaliação publicada no *The Wall Street Journal*, que praticamente reproduz o bordão da revista: "*o Brasil está no rumo certo e não pode ser comparado à Rússia ou à Venezuela*". Na semana seguinte, o tema retorna, elogiando que "***o Brasil vai ao ataque**: fuga maciça de dólares e pânico na bolsa provocam alta dos juros e pacote fiscal*".[1023] O suposto ataque contrasta com a capa que indica: "*FUGA DE DÓLARES*".[1024] Aqui a solução, após mostrar a catástrofe mundial, mais uma vez aparece: "*as reformas constitucionais que já foram adiadas*

1019 Idem, p. 121. Grifos meus.
1020 Idem, p. 122.
1021 Idem, p. 123. Grifos meus.
1022 Idem, p. 126.
1023 O Brasil vai ao ataque. Veja. David Friedlander e Felipe Patury. 9/9/1998, p. 108.
1024 Capa. Veja. 9/9/1998.

por tanto tempo se tornam urgentes".[1025] Assim, *Veja* endossa a reforma fiscal do governo, que embora aparentasse estar agindo por pânico, "*não é isso. O governo ainda tem pleno domínio da situação e está se valendo de instrumentos ortodoxos consagrados*".[1026] A crise é mostrada mais uma vez como um fenômeno natural, dessa vez como um "*furacão que está varrendo o mundo e já feriu profundamente o mercado financeiro*".[1027] Por isso, a revista ouve algumas personalidades para apresentarem suas "receitas". Dentre eles, em quadros destacados com suas fotografias: George Soros e Paul Krugman. O desalento é a marca do momento: "*parece que os líderes mundiais encolheram e não têm mais poder de brecar os problemas globais*".[1028] Independentemente do tamanho da crise, a conclusão é pelo aprofundamento do programa neoliberal brasileiro: "*há um ditado em economia segundo o qual a melhor maneira de impedir a entrada de capital é dificultar a sua saída. O Brasil, por mais pressionado que se tenha sentido na semana passada, não cogitou reagir dessa maneira. É um sinal alentador de maturidade e de que continua no jogo do capitalismo global*".[1029] Portanto, os termos de acordo entre a revista e o governo se mantinham: apesar da devastação social, não se poderia cogitar, de forma alguma, restrições à livre circulação do capital, ou seja, o sentido efetivo da globalização do Brasil. O sacrifício de "toda a população" era a palavra de ordem, pois "*o mundo está engessado numa fase difícil*".[1030]

Neste momento ocorreu uma ameaça de demissão do Ministro da Saúde, José Serra, que teria se aproveitado da situação para garantir uma posição melhor no governo futuro, criticando a falta de verbas para a saúde. Mas ele foi mantido no governo, embora, para *Veja*, ele tenha "passado dos limites", em um momento difícil para o governo, apontando problemas de "*relações no coração do tucanato*".[1031] A posição que deveria prevalecer era a de Malan "*mais afinado com o presidente*". Até Gustavo Franco a essa altura era acusado de

---

1025 Idem.
1026 Idem, p. 109.
1027 Idem, p. 110.
1028 Idem. Soros fora exaltado também como "o profeta bilionário da agitação: George Soros, o especulador que quer melhorar o mundo, doa meio bilhão de dólares à Rússia". Veja. Jaime Klintowitz. 29/10/1997, p. 52.
1029 Idem, p. 113.
1030 Tempo quente. Veja. Eliana Simonetti. 21/10/1998, p. 125.
1031 "Vou demitir o Serra". Veja. Expedito Filho e Felipe Patury. 11/11/1998, p. 58.

"*insensibilidade social*", por ser a "*orquídea da estufa neoliberal do governo*".[1032] Para manter o programa, era hora de aumentar a propaganda, e não de fazer críticas plausíveis.

É justamente para a "ajuda preventiva do FMI" que esse discurso se voltou. O Brasil é apresentado como a salvação de vários países, pois se o país tombasse e "*fosse forçado a uma desvalorização do câmbio, talvez a decretar moratória interna e externa, geraria um desastre na América Latina*".[1033] Afinal de contas, "*o apoio ao Brasil, certamente, ajudará a esfriar mais o nervosismo dos investidores estrangeiros*".[1034] Matérias insistiam agora que "*o risco ainda existe*",[1035] elogiando a aprovação pelo Senado da "ajuda" do FMI, e, sobretudo, elogiando o ministro Malan por enfatizar que ainda haveria riscos. Ou seja, por reforçar a necessidade de "ajuda preventiva". O senador Jorge Bornhausen assumiu a linha de frente, sugerindo que o governo "*liquide todo o patrimônio que lhe resta – Petrobras, Correios, Infraero, Banco do Brasil – para quitar uma parte da dívida*". A revista arremata com as palavras de Roberto Campos, "*defensor dessa idéia há décadas, adianta que a privatização radical reduziria a dívida do país em um terço e lhe daria crédito no mercado internacional*".[1036] *Veja* vai ainda mais longe, insistindo que apenas as privatizações não iriam resolver, lembrando o programa total: reformar a Constituição, acabar com a Previdência e os gastos públicos, aprofundar cada vez mais a incorporação subalternizada ao imperialismo.

5.2.2. A crise neoliberal do "globalizado" Real

Frente à crise, *Veja* e seu grupo hesitam quanto à maxi-desvalorização do Real. Em capa que lembra o desespero e o medo, utilizando a simbologia de um barquinho feito com uma nota de um Real a enfrentar um redemoinho em alto mar. A revista pergunta: "*manobra correta ou desastre à vista*?".[1037] Com uma diagramação diferente da habitual, a manchete da reportagem é: "*O BRASIL PISCOU: em atraso com as reformas e pego pela síndrome Itamar,*

1032 Idem, p. 60.
1033 Um cheque de 41 bi. Veja. Felipe Patury e Cíntia Valentini. 18/11/1998, p. 132.
1034 Idem, p. 133. E para completar o convencimento, noticiava as intenções de "investimento" das multinacionais como Monsanto, Lucent e Motorola. Idem, p. 134.
1035 O risco ainda existe. Veja. Felipe Patury e João Sorima Neto. 16/12/1998, p. 173.
1036 Idem, p. 173.
1037 Capa. Veja. 20/1/1998. Ver tabela 10 do capítulo 2, em que se mostra que essa capa é uma repetição de outra, publicada em 5/12/1990, em que a recessão levou também à dúvida e desespero à capa da revista.

o governo perde credibilidade rapidamente e libera o câmbio".[1038] O texto em destaque é taxativo: "*há poucas dúvidas de que a euforia inicial possa azedar caso o Brasil não consiga aprovar as reformas no Congresso*".[1039] Ou seja, o que a revista prega deve ser encarado como exigência para "o Brasil". Para além do Congresso, o país teria que se virar para aprovar as reformas, e foi tornado, num passe de retórica, responsável pela crise, posto ter "piscado". Diante disso, é do Congresso Nacional que se cobra responsabilidade. O problema é exposto de forma didática, e uma única solução é exigida:

> Nunca se esteve diante de opções tão secas, tão cruas. A decisão do caminho a tomar depende agora do Congresso, a quem **cabe aprovar o ajuste fiscal**, que dará ao governo os meios de reduzir sua dívida interna, baixar os juros e **depender menos do capital estrangeiro**. A falta de acerto nas contas públicas é a principal fonte de desconfiança no país, o fator pelo qual os investidores estão sacando seu dinheiro. O problema foi adiado e camuflado durante os quatro anos e meio do Plano Real. (...) A outra opção é **arrebentar o Brasil**.[1040]

Diante da crise externa, *Veja* propõe aumentar ainda mais os vínculos de dependência, negando a lógica globalizada e atribuindo a culpa a um único problema interno: "*a chance do país é mudar rapidamente a percepção dos investidores a respeito de sua seriedade. O governo lançará a chumbada na semana que vem, reapresentando ao Congresso a medida provisória que cobra contribuição dos servidores aposentados. Com otimismo, o anzol fisga o investidor. Mas não é hora de ser muito otimista*".[1041] Ou seja, a globalização deve a todo momento reafirmar os interesses externos (os investidores), o que deveria justificar mais uma cobrança à população, para recobrar o respeito. A cada vez o foco da revista culpabiliza a população e reduz o problema a uma única medida, neste caso, a cobrança de contribuição dos inativos, embora a revista já alerte que isso não seria fácil e demandaria empenho de seus aliados. Evidentemente na hipótese de consegui-lo, logo mostraria que não era ainda suficiente, seria necessário cada vez mais aprofundar as reformas neoliberais, ainda que na retórica se dissesse que o interesse era diminuir a dependência do capital externo. Mais uma vez, a revista hipoteca seu apoio ao governo:

1038 O Brasil piscou. Veja. Eurípedes Alcântara. 20/1/1999, p. 32.
1039 Idem.
1040 A âncora virou anzol. Veja. Antenor Nascimento Neto. 20/1/1999, p. 35. Grifos meus.
1041 Idem, p. 36.

> Critica-se hoje o governo por não ter feito um ajuste tranqüilizador do câmbio no passado, quando o ambiente internacional era mais ameno. Do empresário da Fiesp que sofre com os juros altos ao operário que a Ford demitiu, todos atualmente apontam a rigidez cambial e monetária dos últimos anos como a responsável por todo o padecimento do Brasil. Esquecem-se assim os ganhos do Plano Real.[1042]

Os ganhos elencados, nomeando inclusive a Fiesp, são uma evidente tentativa de cobrar responsabilidade dos supostamente beneficiados com o plano, e a chamada "classe média" era instada a fazer de tudo agora para apoiar o ajuste fiscal. Na seqüência, sem apresentar interpretação efetivamente contraditória, a revista dedica quatro páginas sobre as relações entre os ministros e o presidente, com ênfase para a tristeza de Gustavo Franco, substituído por Pedro Malan. Noticia sua carta de despedida e coisas do gênero, uma verdadeira rede de intrigas e fofocas, ainda complementada por outras duas reportagens. A primeira, sobre FHC: "*ELE ESTÁ ABATIDO: desde que decidiu mudar o câmbio, FHC está vivendo seus piores dias no poder*";[1043] a segunda: "*ELE ESTÁ RADIANTE: as notícias alarmantes estão soando como música aos ouvidos de Itamar Franco*".[1044] A ênfase, no primeiro caso é ao fato de FHC, que seria o primeiro presidente com "*bom humor espantoso desde Juscelino Kubitschek*",[1045] estaria com dificuldades "*na ausência de amigos e interlocutores próximos*".[1046] E por isso, necessitaria reforçar seu time de conselheiros.

O problema geral se agravava, mas a revista buscou dar uma lição de otimismo com a capa "*BEM VINDO AO SÉCULO XXI: a globalização afunda ou enriquece os países e antecipa como será a educação, o emprego e a economia no mundo que vem aí*".[1047] Portanto, a globalização (sem sujeitos) aparece como o próprio sujeito da história, substituindo a ação humana. O texto é recheado de infográficos didáticos e no final há um quadro de "perguntas e respostas". A idéia geral apresentada é de que a única solução possível para a crise seria

---

1042 Idem, p. 36-7. Os ganhos seriam: "o real favoreceu tremendamente o consumo. O brasileiro comprou geladeira nova, reforçou a dieta com frango e iogurte, a classe média empanturrou-se com novos modelos de automóvel. A estabilidade da moeda trouxe para o Brasil 56 bilhões de dólares em investimentos diretos em apenas quatro anos. O país, que sumiu do mapa econômico nos anos 80, reapareceu rapidamente como a grande aposta financeira da América Latina. Portanto, uma parte do plano funcionou de maneira admirável, e por muito tempo. Um de seus principais benefícios foi mostrar aos brasileiros o sabor de viver sem inflação. Aí se nota porque não era possível abrir mão da âncora cambial antes".
1043 Ele está abatido. Veja. Expedito Filho. 20/1/1999, p. 42.
1044 Ele está radiante. Veja. Mario Sabino. 20/1/1999, p. 44.
1045 Ele está abatido, p. 42.
1046 Idem, p. 43.
1047 Capa. Veja. 27/1/1999.

aprofundar o processo de "globalização". São mencionados milhões de trabalhadores que perderam seus empregos, aos quais só restaria esperar que "o Brasil melhorasse"; e a "classe média" continuaria tendo na globalização e no apoio ao governo sua única alternativa.

Nesse momento, a utilização de expressões como "os brasileiros", "o Brasil", oculta quem de fato lucrou e continuaria lucrando, e quem são os que deveriam apenas aguardar o desenrolar da história. Para isso, o processo é apresentado como natural, a globalização vindo junto com os ventos oceânicos: "*os brasileiros já vinham tomando contato há cinco anos com os ventos da globalização, que sopraram por aqui trazendo produtos importados e modernização, mas também um certo grau permanente de instabilidade e um aumento lento do desemprego*".[1048] Mas, como produziu um rombo de 40 bilhões de dólares, "*o Brasil está diante de um futuro desconhecido*". Aqui o sujeito abstrato é "o Brasil", buscando responsabilizar os "entraves nacionais": "*na economia globalizada, os países têm telhado de vidro. São permanentemente vigiados*". O processo de naturalização se completa quando esse país é transformado num corpo hospitalizado, passível de contaminação: "*se eles* [os países] *descuidam de suas contas públicas, fazem acionar os alarmes da selva financeira global. E, para horror dos países conectados com a vítima principal de um ataque especulativo, o sarampo se espalha em todas as direções*".[1049] Haveria que aprender a lidar com isso, pois "*em tempos de calmaria, a globalização provoca mudanças positivas. Em seus tempos de crise, arrasa economias frágeis*". E ninguém deveria deixar-se enganar achando que poderia sair disso sozinho, pois "*é vã a esperança de que o Brasil possa criar suas próprias regras de convívio ou escapar ileso do clube global, cujo ingresso buscou com sofreguidão nos últimos cinco anos*".[1050]

Dados dessa "sofreguidão" são mostrados, chegando à conclusão de que é preciso "apertar o cerco ao atraso": "***o país*** *deixou que esse processo de* ***destruição criativa*** *mandasse*

1048 A vida globalizada. Veja. Eurípedes Alcântara. 27/1/1999, p. 48.
1049 Idem.
1050 Idem. Os dados que a própria revista apresenta são alarmantes: "mais de 100.000 pessoas perderam o emprego ao cabo do processo de privatização das estatais. Dez anos atrás havia 1 milhão de bancários no país. Sobraram 470.000 – e, no ritmo de automação das agências, prevê-se que só restarão 300.000. O país modernizou a fórceps seu parque industrial, tornando obsoletos setores inteiros da economia sem chance de competir internacionalmente, como os têxteis e os calçados. Só nesses dois setores 2 milhões de operários foram para a rua nos últimos anos". Idem.

pelo ralo, ao todo, 4 milhões de empregos".[1051] Portanto, "todos os brasileiros" seriam os responsáveis por esse "avanço", "*em nome de não deixar fechar o atalho que a globalização abre rumo ao futuro*".[1052] A ideologia vai cada vez amarrando mais os leitores "beneficiados": "*imenso progresso foi efetivamente alcançado. (...) Os esforços dos brasileiros para entrar no vagão da modernidade tem sido notável. As pessoas grudaram-se à tela do computador e debruçaram-se na Internet como uma janela para o futuro*".[1053] Por esse argumento, o que importa então é se preparar para o futuro, e não resolver o problema presente. A tecnologia, a mesma que desemprega, aparece como uma panacéia. Expressões como a do professor da Fundação Getúlio Vargas, Luiz Carlos Cabrera, complementam: "*o brasileiro decidiu mesmo se tornar mais internacional nos últimos anos*". E passa então ao reino da fantasia, onde se esquecem os milhões de desempregados e, no qual cada um por si, "investiria" em si próprio para não "ficar pra trás".[1054] Ao explicar a "*máquina da globalização*", a revista destaca "*soluções já apontadas e porque não funcionam*":

> REVERTER A GLOBALIZAÇÃO. Significaria a volta da inflação, retrocesso tecnológico e diminuição do comércio internacional, com empobrecimento dos países emergentes como o Brasil; CRIAÇÃO DE UMA ONU DAS FINANÇAS. Embora louvável, a idéia é politicamente inviável. É impossível fazer com que 180 países concordem sobre assuntos econômicos; O IMPOSTO GLOBAL. A taxação de capitais teria duas funções: reduzir a velocidade com que entram e saem dos países e formar um gigantesco fundo de socorro. Existem dificuldades legais e duvida-se de sua eficiência.[1055]

Ora, dizer que é impossível que "180 países concordem" é um argumento de forte autoritarismo, na medida em que está submetendo uma idéia (a globalização), que deve ser seguida por TODOS, mas que não pode ser discutida por 180. Tudo deve girar em torno da inevitabilidade das mudanças. E ao mesmo tempo, é com a incerteza que se deve contar: "*a globalização pode produzir o bem ou o mal nas economias nacionais quase instantaneamente*".[1056] Evidente que, sendo este um dos limites da incontrolabilidade do capital, previsões não seriam mesmo úteis, e isso aparece de forma totalmente naturalizada,

---

1051 Idem, p. 49. Grifos meus.
1052 Idem.
1053 Idem.
1054 Estas soluções estão em sintonia com a educação dirigida ao gerenciamento do capital que veremos no próximo capítulo, e também com o "mundo admirável" que discutiremos no oitavo capítulo.
1055 Idem, p. 51.
1056 Idem, p. 52.

sem sujeito: o mal ou o bem é fruto de um fenômeno sobre o qual não se tem qualquer ingerência. O problema da fuga de capitais é resolvido pela fala do ex-ministro Roberto Campos, remetendo mais uma vez para a mesma lógica: "*a única maneira de domar o ímpeto de fuga do capital especulativo é sanear as contas do governo e* ***privatizar com fúria***".[1057] Para reafirmar a inevitabilidade dessas medidas, completa: "*os economistas e especialistas no assunto, de diversos matizes ideológicos, ouvidos por VEJA são quase unânimes em afirmar que a inserção do Brasil no processo de globalização não pode ser revertido*".[1058] *Veja* cita o exemplo dos países asiáticos, que "*mudaram drasticamente seu perfil. De nações de pescadores e plantadores de arroz, transformaram-se em exportadores de artigos e componentes eletrônicos de alta tecnologia*".[1059] E agrega: "*a transformação foi obra da ação bruta do mercado, e não fruto de custosas engenharias de assistência social e intervencionismo na economia, fato que irrita grandemente os analistas de esquerda*".[1060] As principais medidas do receituário neoliberal estão aqui expressas: a privatização; a liberação do fluxo internacional do capital; o atrelamento das economias locais ao dólar; a redução de impostos para indústrias e bancos; a desregulamentação do trabalho. Tudo isso tem um sentido prático, e a revista está no embate para convencer sobre a necessidade de medidas políticas que implementem-nas.

A crise continuava, obrigando *Veja* a publicar nova capa sobre o tema: "ATÉ ONDE VAI O PÂNICO", onde aparece a figura da nota de real com o rosto cheio de hematomas e curativos. O receituário da revista permanece idêntico mas a novidade dessa matéria foi tentar aproveitar a situação de crise para privatizar com fúria: "*talvez seja hora de vender o Banco do Brasil*".[1061] Mais adiante, prepara novo balão de ensaio, ao mencionar que o governo estaria estudando "*a possibilidade de privatizar imediatamente a Petrobras*".[1062] Nesse contexto qualquer desvio entre os aliados desse projeto seria duramente criticado. Quando Paul Krugman liderou a suspeita de que Armínio Fraga, diretor do Banco Central, passara informações privilegiadas a George Soros, o intelectual até então elogiado foi reduzido a um

---

1057 Idem. Grifos meus.
1058 Idem, p. 53.
1059 Idem, p. 52.
1060 Idem, p. 50.
1061 O dólar poderá ceder. Veja. Antenor Nascimento e João Sorima. 3/2/1999, p. 36. As palavras são atribuídas a "um banqueiro paulista".
1062 No caldeirão da bruxa. Veja. Expedito Filho e Felipe Patury. 3/2/999, p. 43.

"*acadêmico que dá uma de repórter atrapalhado e acusa sem provas*".[1063] Ainda assim, a revista procura limpá-lo, pois ele próprio teria assumido que "*escrevi o que não poderia ter passado de um comentário na hora do cafezinho*".[1064] Seria preciso, portanto, manter as aparências, pois a toda hora se noticiava as dificuldades de "toda a população". Não se podia tornar explícitos os interesses que lucravam com isso.

A crise foi tratada de forma superficial, um fenômeno natural como qualquer outro, que não seria fruto de decisões políticas, mas de casualidades históricas. Além de não mostrar esses fatos como resultantes dos limites das medidas neoliberais, ao não discuti-los, *Veja* se permite seguir apontando caminhos, que passam, para ela, no aprofundamento das medidas que geraram a crise. A saída acabaria sendo aprofundar as reformas do Estado, como discutiremos a seguir.

5.3 APROFUNDANDO AS REFORMAS EM CURSO

Para além das crises, o discurso privatizante se mantinha e de forma circular, a própria crise é apresentada como uma justificativa a mais nesse sentido. O cunho autoritário no âmbito da relação entre os poderes explicita-se: o Congresso Nacional seria fonte de mal-estar no governo, mesmo que aquele estivesse respaldado na Constituição, "teimando" em promover questionamentos, o que dificultava as reformas. Especial atenção ganham os deputados e organizações "de esquerda", tratados como símbolo do atraso, do radicalismo ou mesmo de "burrice". Os dois elementos de análise permanecem sendo as reformas constitucionais e as privatizações. Selecionamos na revista as matérias que nos pareceram mais significativas de sua posição.

5.3.1. Reformar a Constituição

Durante o governo de FHC aprofundaram-se privatização e abertura de mercado, inclusive com a quebra do monopólio da Petrobrás na exploração do petróleo, temas que, nos governos de Fernando Collor e Itamar Franco, a revista defendeu de forma virulenta. Com o

---

1063 O furo de Krugman. Veja. Eurípedes Alcântara. 24/2/1999, p. 44.
1064 Idem, p. 45. Mais adiante Gustavo Franco publicou uma resenha de três páginas do novo livro de Krugman, arrasando com ele. Assim deveriam ser tratados os incautos, pelo menos até que se redimam. "**Quanta fantasia!**". Veja. Gustavo Franco. 21/4/1999, p. 126.

governo aliado de FHC, a revista comemorou uma vitória, mas como sempre, queria mais, pois, para ela, o ideal seria a privatização da empresa. O tom do editorial era claro: "*o futuro e a página virada da História*", informando que "*sem muito choro nem vela, a Câmara derrubou mais um pilar do nacionalismo de tintura getulista*".[1065] As supostas benesses da privatização existiriam "*mesmo que o cidadão comum*" não as sentisse em seu cotidiano. Conclui, de forma otimista:

O Brasil mudou, está mudando. A criação do real, as privatizações, a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a Presidência, a aprovação dos primeiros itens da reforma constitucional e o fim do monopólio das telecomunicações e da Petrobrás formam uma continuidade de mudanças. Mudanças coerentes entre si, e apontando num mesmo sentido – o da estabilidade econômica, da abertura do país à competição internacional, da saída do Estado de setores inteiros da vida nacional. Juntas, elas mostram que há uma **mentalidade nova no Brasil de hoje**, bastante diferente da existente, por exemplo, durante o período da Assembléia Constituinte, em 1988, nos governos de Jose Sarney e Fernando Collor. No futuro, quando os historiadores estudarem o atual período, poderão vir a escolher a data de quarta-feira passada como o símbolo maior das modificações profundas que, afinal, viraram uma página e definiram o **novo perfil do país**.[1066]

A história é mostrada não como um processo, mas como algo que remete para o futuro, ainda que este não tenha ainda ocorrido. Esse texto sintetiza a relação entre *Veja*, o governo, o Congresso e o seu projeto. E também com o Fórum Nacional, onde Sergio Abranches, colaborador da revista e autor do principal texto do Fórum sobre o tema, chamava atenção para a necessidade de "*atualização de valores*", e dos "*modelos mentais*", que deveriam se adequar à "*absorção das mudanças no ambiente nacional e internacional e a construção de novos padrões*".[1067] O texto de cobertura da revista segue esse mesmo tom, com vários momentos de ridicularização dos movimentos de oposição, como quando se refere a uma manifestação contrária de "*um grupo de sem-terra, que estava de folga entre uma e outra*

1065 O futuro e a página virada da História. Carta ao Leitor. Veja. 14/6/1995, p. 29. A fotografia que acompanha o editorial mostra a alegria dos deputados comemorando.
1066 Idem. Grifos meus.
1067 ABRANCHES, Sergio. O Brasil na fronteira global: desafios imediatos de primeiro grau. (Primeira Parte). In: VELLOSO, J P R (Coor.) Governabilidade e reformas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p. 23.

visita ao Incra".[1068] Chama a atenção ainda a publicação de outro texto sobre "*a força do petróleo: a epopéia do combustível que transformou o século 20*".[1069] Trata-se de uma complementação da matéria, apresentando uma certa visão sobre o petróleo, que aparece como sendo a única fonte de energia viável, descrevendo redes de intriga e poder em torno dele ao longo do século XX.[1070] Esse texto tem um fundo pedagógico, é o típico texto para realmente "ficar na história", ou seja, ser recortado por professores de ensino fundamental, e ser utilizado como recurso didático, com frases lapidares como "*no fundo, a energia do homem é que é fonte inesgotável*".[1071] O argumento central é que a empresa só foi criada, assim como o monopólio estatal, por um erro – ou ignorância – política. Tratava-se de ter "pulso firme" na atualidade e não se deixar convencer pela maioria, pois segundo sua argumentação, o monopólio estatal só existiu porque em 1951 "*até os parlamentares da banda de música da UDN quiseram ficar de bem com o povão e concordaram com a idéia*".[1072] Ou seja, agora, o Congresso deveria fazer a história, mesmo que o "cidadão comum" ainda não fosse capaz de compreendê-la.

Pouco tempo depois, a revista dedicou-se a comentar e aumentar uma fala do Presidente da República, que disse em encontro de seu partido que "*eu disse a vida inteira uma coisa que sempre me custou muito: para ser de esquerda* ***não é preciso ser burro****, é preciso ter sentido do mundo e não ficar dogmaticamente aferrado a palavras*".[1073] A revista complementa, ouvindo Wanderley Guilherme dos Santos: "*ninguém precisa ser burro para ser de esquerda, da mesma maneira que não precisa ser burro para ser presidente da*

1068 "Era uma vez o monopólio da Petrobrás: o governo ganha fácil e abre caminho para mudar a produção do petróleo no Brasil". Veja. 14/6/1995, p. 30.
1069 Manchete de capa. Veja. 14/7/1995.
1070 O motor do século e do capitalismo: em 130 anos, o petróleo ergueu fortunas, moveu nações e povos e moldou a civilização atual. Veja. André Petry. 14/6/1995, p. 34.
1071 Idem, p. 39.
1072 Idem, p. 38. Mais adiante a revista publicou uma longa e furiosa matéria sobre a Petrobras, com o sentido de exigir a demissão do presidente da estatal. Isso porque a empresa teria tornado letra morta o "direito de outras empresas", consolidando seu monopólio. A revista chega a falar na constituição da República Federativa da Petrobras. Interessante que quando fala das grandes corporações que concentram poder econômico a postura da revista é bastante distinta. A empresa estaria, enfim "contrariando a política do presidente Fernando Henrique. A ordem em Brasília é vender estatais e aplicar o dinheiro e a energia do Estado em suas funções básicas. A Petrobras vai contra a corrente". p. 111. "Por baixo do pano: com uma esperteza digna de espanto, a Petrobras aumenta seu poder e mantém o monopólio". Veja. Antenor Nascimento Neto. 1/10/1997. p. 106 a 111. Mas levaria tempo para que esse objetivo fosse alcançado. A matéria: "A fera domada: como o governo finalmente assumiu o controle da Petrobras", finalmente noticia a queda do presidente da estatal. Veja. Silvio Ferraz, 31/3/1999, p. 110.
1073 Briga em família. Veja. 12/7/1995, p. 35. Grifos meus.

República ou ministro de Estado, ***como este governo está mostrando muito bem***".[1074] Mais uma vez, é demarcada uma suposta oposição entre o "inteligente governo", (que seria a verdadeira esquerda), e a esquerda "real". Delimita-se a mensagem que quer fixar, de forma maniqueísta: "esquerda = burro x governo = inteligente", e esses seriam "novos padrões" de "valores".

Também campo de embates foram as reformas administrativa e fiscal, ou, segundo *Veja*, "*da batalha* [pelo] *direito de demitir funcionários públicos e criar impostos*".[1075] Em conclusão, e apontada a baixa resistência do Congresso Nacional: "*a experiência das reformas constitucionais mostra que toda vez que o governo enviou um projeto de reforma ao Congresso ouviram-se críticas pesadas e profecias de que acabaria sendo derrotado em plenário. Na hora da votação, o Planalto só obteve vitórias folgadas*".[1076] Confirmando a expectativa, assim que o projeto foi ganhando apoio, o texto ficou mais explícito: "*nem o autor das emendas constitucionais contra privilégios do funcionalismo acreditava que elas zarpassem com vento a favor*",[1077] noticiando que o autor, Bresser Pereira, vinha sendo aplaudido por onde palestrava sobre o projeto.

Na medida em que o projeto avançava, *Veja* voltava à sua campanha contra o "*monstro na administração pública brasileira*", completando que "*todos os meses, ele entra em ação e puxa para cima a folha salarial dos servidores públicos*".[1078] Seria necessário "*esquartejar o monstro invisível e dar um mínimo de racionalidade ao serviço público*": "*o projeto derruba totens do funcionalismo, como a estabilidade no emprego, permitindo demissão por excesso de gente, contenção de despesa ou incompetência*". E complementa, dizendo que essa votação "*cutucou o vespeiro dos servidores, que se agita sempre que o assunto é limar as vantagens exageradas*".[1079] Assim, ao mesmo tempo que em nome da racionalidade, estigmatiza o funcionalismo, *Veja* insiste na anormalidade que seria um trabalhador ter direitos assegurados, colocando no mesmo campo a possibilidade de demissão por "incompetência" ou por "vantagens exageradas", ficando a seu critério definir o que as caracterizaria. Não é citado

---

1074 Idem.
1075 A ordem da casa. Veja. 30/8/1995, p. 38.
1076 Idem, p. 39.
1077 O susto vem aí. Veja. 13/9/1995, p. 34.
1078 Ataque ao monstro. Veja. 1/11/1995, p. 36.
1079 Idem.

qualquer estudo que permita argumentar sobre essas questões, somente a fala de *Veja*. A revista se presta apenas a demonstrar algumas disparidades, efetivas, comparando os salários de um coronel e de um soldado, que submete sua família a ser fotografada e ter sua vida exposta.[1080] São casos em que o particular serve para generalizar sobre o todo. A revista investe em mostrar a existência de "marajás" que vivem "no reino dos salários fabulosos". O destaque da matéria fala em "*truques e malandragens dos marajás do funcionalismo que criam os contracheques de até 162.000 reais*",[1081] com a fotografia de um senhor, procurador aposentado, que estaria recebendo esse salário. Apenas no interior da matéria descobre-se que, embora o seu contracheque seja desse valor, ele percebe R$24.000,00. Depois disso, esclarece que esse valor é uma exorbitância, mas é o mais alto contra-cheque e que jamais o seu portador recebeu esse valor. Mas, ao leitor da manchete, o que fica é a primeira, e talvez única, impressão.

No início de 1996, o presidente do Grupo Abril fazia suas avaliações e prognósticos sobre o tema: "*o país deu um passo gigante no ano passado, ao fazer as primeiras reformas constitucionais que eliminaram os monopólios estatais e a discriminação do capital estrangeiro*", mas, completava ele, "***precisa, agora, completar o trabalho*** *com a aprovação da reforma tributária, previdenciária e administrativa*".[1082] O papel de *Veja* nesse processo seria, segundo suas palavras, apontar o que de fato seria essencial: "*além de manter seus leitores permanentemente bem informados, intelectualmente estimulados e freqüentemente fascinados, VEJA pretende continuar buscando destilar* ***a essência do que é realmente essencial****. Espero que você concorde que estamos conseguindo fazer isso*".[1083] Ou seja, é como uma missão que se explicita a ação programática da revista, "destilando a essência do essencial", que estamos vendo qual seria. E sempre se cobrava mais, era preciso "completar o trabalho", ou seja, aprofundar as reformas.

A aprovação da reforma administrativa, que estabeleceu teto para a aposentadoria, acabou com a estabilidade e a isonomia salarial, criando a chamada "Lei Camata", foi apresentada como "*júbilo do governo*", que estava "*no auge do entusiasmo*", em que até

1080 De bolsos cheios x de bolsos vazios. Veja. 1/11/1995, p. 39.
1081 No reino dos salários fabulosos. Veja. 8/11/1995, p. 30.
1082 Roberto Civita. Ponto de Vista. No caminho certo. Veja. 3/1/1996, p. 102.
1083 Idem. Ele complementava o "diálogo" com o leitor: "Escreva-me diretamente a respeito, sempre que julgar oportuno". Grifos meus.

mesmo "*Pedro Malan quebrou seu voto de silêncio para dizer que se tratava de excelente notícia*".[1084] A imagem que ilustrou a matéria foi de um grupo de crianças em aula, observando um grande globo (símbolo da "globalização") com a legenda: "*escola pública: quanto maior a gordura, maior o risco*". Portanto, o que estava sendo defendido era o enxugamento do Estado, o abandono de suas funções básicas no campo administrativo, o atrelamento de suas funções a setores externos.

A Reforma da Previdência foi aprovada aos poucos, e consumiu um grande investimento de campanha de *Veja*, que buscou aliar a outras reformas das leis trabalhistas. Menciona um projeto "*há dez meses encalacrado no Congresso Nacional (...) começou a andar*", e elogia a participação do "independente" Vicentinho: "*Ele participou das negociações do acordo, endossou a maioria das propostas, que classificou de positivas, e criticado pela bancada do PT, respondeu que os parlamentares petistas estavam com ciúme*".[1085] Em ato considerado como de "independência" com relação a seu "*padrinho, Lula*", ele teria sido o responsável pela retomada da discussão do projeto. A justificativa da revista para a defesa do projeto é que "*com a crise na Previdência, o brasileiro só vai poder concretizar o direito a uma velhice amparada se se adequar a uma realidade mundial*".[1086] Assim, ajuda a consolidar a noção de que a previdência estaria em crise, que seria solucionada com a privatização. Acabam-se as chances de transformar a realidade, "o brasileiro" deveria adaptar-se a ela. Esse amplo sujeito, "o brasileiro", deveria entender a necessidade de abandonar a idéia de uma previdência pública e se preparar para a complementação privada da aposentadoria.[1087]

Como mais uma forma de pressionar, *Veja* publica uma "pesquisa exclusiva" em que diz provar que "*o Congresso é a favor das reformas*". Chega a afirmar que "*poucas vezes houve tanta sintonia entre o executivo, o Legislativo e a opinião pública*".[1088] A revista diz que ao votar nas propostas do Executivo, o Congresso estaria "atento nos eleitores", portanto,

---

1084 Júbilo no governo. Veja. Leonel Rocha. 26/11/1997, p. 42.
1085 A reforma começa a andar. Veja. 24/1/1996, p. 20. Como sinal de gratificação, e também para reforçar o argumento, Veja concede a Vicentinho as páginas amarelas da edição seguinte: "uma pedra no sapato". 31/1/1996. Entrevistado por Expedito Filho. Sua frase em destaque é: "sou socialista, mas não sou besta. Me preocupa a Maria, o João, não Lênin, Trotsky ou Marx". P. 7.
1086 A reforma começa a andar, p. 23.
1087 Como a revista já havia expresso na reportagem de capa: APOSENTADORIA. Qual é o problema. O que o governo quer fazer. Como planejar desde já o seu futuro. Veja. capa. 22/2/1995.
1088 O Congresso diz sim. Veja. 22/2/1996, p. 28.

tenta fechar um círculo de ação. Por isso, informa que o Presidente "*chamou ao seu gabinete um verdadeiro Estado Maior da República (...) queria saber a opinião de todo mundo sobre o texto das propostas que mandaria ao Congresso*".[1089] Procede-se então uma análise das possibilidades de aprovação das principais reformas, sempre citando Marcos Coimbra, presidente do Vox Populi, que lembrava a "*sensibilidade da opinião pública*".[1090] Na edição seguinte, propõe uma verdadeira agenda ao Congresso, partindo da alegada necessidade de regulamentação das reformas já aprovadas, e de novas reformas. Assim, propõe: "*março: Previdência, Fundo de estabilização, telefonia celular, patentes; abril: CPMF, reforma administrativa; maio, Petrobrás e Telebrás; junho: reforma tributária e leis trabalhistas*".[1091] Essa agenda é bem parecida com a já proposta na Reforma de 1994. Novamente aponta para limites e possibilidades de serem efetivadas, mas agora, sem fazer o alarde de chamar de Reforma Constitucional, poderia ser mais fácil.

Pautada a questão, o governo se articulou, trocou favores, comprou votos,[1092] ameaçou,[1093] até que reformas, muito aquém das desejadas por *Veja* - mas alcançadas também por seus esforços – foram aprovadas. As aposentadorias absurdas dos políticos, por exemplo, foram mantidas como sempre estiveram.[1094] A revista alegou que a reforma "*caminhou com uma perna só*".[1095] Mas este seria um preço (manter as aposentadorias dos políticos), já que como a revista estava mostrando, mesmo o governo tinha que fazer concessões - mas estas só podiam se dar no campo político, jamais no social. O fato de a revista ter apontado essas negociações por parte do governo é compreensível na medida em que as mesmas não surtiram

---

1089 Idem, p. 29. Seria composto pelos presidentes da Câmara, Luis Eduardo Magalhães; do Senado, José Sarney; e pelos ministros Nelson Jobim, José Serra, Pedro Malan, Reinhold Stephanes, Sergio Motta, Clovis Carvalho e Bresser Pereira; e pelo vice-presidente, Marco Maciel.
1090 Idem.
1091 Temporada decisiva. Veja. 28/2/1996, p. 20.
1092 Como mostra a reportagem: Foi dando que FHC recebeu: "oferecendo mel e fel no balcão do Congresso, o Planalto arquiva a CPI e aprova a reforma da Previdência". Veja. 27/3/1996, p. 30. Dentre as doações, acabaria por ser definido um ministério para o PPB e verbas e favores para a bancada do Acre, que havia se posicionado contra na primeira votação, negociadas diretamente com o presidente.
1093 A ameaça foi em torno da realização de uma CPI dos bancos, que não era efetivo desejo do governo, mas teve poder de persuasão.
1094 "Eles não usam INSS: para aprovar a mudança na Previdência, o governo conta com a força da bancada do pijama, que tem 141 integrantes e pensões de até 19.000 reais". Veja. 6/3/1996, p. 20.
1095 Com uma perna só. Veja. 20/3/1996, p. 36.

os efeitos desejados, sendo finalmente considerada uma "*oportunidade jogada na lata do lixo*".[1096]

Encerrada essa rodada de reformas, *Veja* faz um balanço, para que não houvesse desânimo, pois "*para quem acha que as reformas estão demorando, o Brasil já promoveu nada menos que treze mudanças na Constituição de 1988 – algumas importantes*".[1097] A consonância com a revista é comprovada pela propaganda do governo brasileiro nas suas páginas. São seis páginas para argumentar que "*Sem reformas não há desenvolvimento*".[1098] E nesta tecla a revista seguiria insistindo.

5.3.1.1 Reafirmando o funcionalismo como inimigo

Quando o Senado aprovou a reforma (parcial) na Previdência, as críticas da revista permaneceram. Apesar de falar em uma "*velhice em revisão*", *Veja* considerou a medida "*limitada e contraditória*".[1099] Já o fim da estabilidade no emprego aos servidores públicos foi comemorado como "*o fim de uma era*", explicando que "*em geral* ***os brasileiros não gostam de funcionários públicos, que acham preguiçosos e ineficientes***".[1100] Portanto, funcionários públicos não seriam brasileiros, no esforço discursivo da revista para delimitar territórios. Explicita ainda mais onde deveriam ser aprofundados os cortes, dando uma "*pista sobre a área onde a navalha vai cortar fundo*":[1101]

> Hoje, os salários são bons entre os servidores menos qualificados, como porteiros, motoristas ou secretárias, se comparados com a miséria salarial que esse tipo de trabalhadores recebe na iniciativa privada. Mas são magros entre os executivos e profissionais qualificados – a tal ponto que, para impedir uma revoada de ministros de Estado, o governo Fernando Henrique concedeu reajuste em seus salários em mais de 30%. Caso contrário, teria de administrar o real com calouros de economia.[1102]

1096 Oportunidade jogada na lata do lixo. Veja. 3/4/1996, p. 20.
1097 Reformas já. Veja. 3/7/1996, p. 52. Dentre elas: "cria o Fundo Social de Emergência; fim do monopólio estatal no setor de resseguros; acaba com o monopólio da PETROBRÁS; derruba o monopólio estatal das telecomunicações".
1098 Publicidade do Governo Federal em Veja. 10/4/1996.
1099 Velhice em revisão. Veja. Leonel Rocha. 1/10/1997, p. 24.
1100 Fim de uma era. Veja. Leonel Rocha, 3/12/1997, p. 38. Grifos meus.
1101 Idem.
1102 Idem, p. 40. Segundo Biondi, ao decidir criar esses cargos de assessores especiais, "com salários diferenciados e, para não ser acusado de estar criando 'marajás', mexeu como sempre seus pauzinhos, entregou a uma revista de circulação nacional tabelas e informações sobre salários governamentais, comparados com os salários, para as mesmas funções, pagos por bancos e empresas privadas, com diferenças, para mais, de 100% a

O padrão para o funcionalismo deveria ser o mais baixo possível, mantendo-os "não qualificados". Já os "profissionais qualificados", aqueles que detêm as técnicas de gerenciar o trabalho, esses sim devem ser "reconhecidos" (perceba-se: não seriam privilégios...). Para estes, mesmo um aumento de ganhos em torno de 30% é plenamente justificado. O fato deles serem em sua maioria agentes de empresas externas e terem outros ganhos, inclusive a partir de informações estatais, não pesa na balança de *Veja*, e sequer é mencionado.

Quando a reforma da Previdência voltou à discussão, e houve manifestações contrárias, a revista exultava. Após argumentar que a previdência era falida por natureza, remendava que "*diante da encrenca, o projeto aprovado é tímido*".[1103] Mas impressionante é o fechamento da questão:

> Durante o processo de votação da emenda, **a imprensa denunciou** fartamente que o governo liberou entre 20 milhões e 40 milhões de reais em verbas para contar com o apoio dos deputados mais resistentes. Para quem não está muito familiarizado com a lógica do funcionamento de Brasília, pode parecer que o Palácio entregou 40 milhões de reais para os políticos colocarem no bolso, em troca de votações favoráveis aos ocupantes do governo. **O que aconteceu**, **na verdade**, é que o governo autorizou a liberação de verbas para a execução de obras nos municípios onde têm base políticos que apoiaram a votação. Pode-se **passar horas discutindo** aspectos éticos em torno desse procedimento, mas não se pode confundi-lo diretamente com corrupção. Do ponto de vista exclusivamente aritmético, no entanto, ainda que o Planalto tivesse jogado os 40 milhões de reais no Lago Paranoá, de Brasília, estaria gastando o equivalente ao prejuízo que a Previdência dá em apenas cinco dias. **Ficou barato**.[1104]

Portanto, para que seus objetivos fossem alcançados, tudo valia, tudo seria admissível. Questões éticas e morais são reduzidas a retórica, "jogar conversa fora". Também por isso a revista "explica o que aconteceu de verdade", pois pretende convencer de que somente ela sabe como o poder "realmente funciona". E muito mais que isso, ela sabe, diferentemente "da imprensa", que são os outros, polemistas, detalhistas, que não sabem "o que realmente importa". *Veja*, aqui está claro, não quer ser confundida com os outros despreparados, desconhecedores da verdade e do "rumo certo". Ou seja, a marcação é cerrada em torno do

---

200%. A revista não teve dúvidas: divulgou o material em página dupla". A essa altura caberia questionar se não teria sido da revista a sugestão para tal ato do governo. BIONDI. Aloysio. O Brasil privatizado. Ed. Especial. São Paulo, Perseu Abramo, 2001. p. 52.

1103 Primeiro passo. Veja. Leonel Rocha e Ricardo Balthazar. 18/2/1998, p. 20. Entre outras coisas, o projeto previa a obrigatoriedade de idade mínima para aposentadoria, independente de tempo de serviço, além do teto de valor de pagamento.

1104 Idem, p. 23. Grifos meus.

projeto em vigor. Em momento algum pode-se dizer que "a [grande] imprensa" tenha sido contrária às reformas, como bem mostra o trabalho de Francisco C. P. Fonseca sobre os grandes jornais e seu peso na implementação das reformas neoliberais. Mas isso não basta para *Veja*, que desqualifica o jornalismo quando dele discorda, impondo suas próprias concepções. Ao se demarcar da imprensa – não se confundindo com ela – demonstra seu papel de agente político e ilustra que tipo de "jornalismo" realiza. Estava clara a posição de que essa reforma fora insuficiente, e nisso *Veja* iria insistir até que finalmente outra mais ampla fosse alcançada, embora isso fuja de nosso marco temporal, nesse interregno manteve-se sua campanha: "*O GRUDE DA PREVIDÊNCIA: porque o novo salário mínimo não pôde passar da casa de 151 reais*".[1105]

Está explícita a posição de *Veja*, que se coloca como mais conhecedora da realidade que "os brasileiros", e que o restante da imprensa. O alvo que permite encaminhar suas investidas é o funcionalismo público, que sintetizaria o "atraso" colocado como sinônimo daquilo que ela combate. Outro aspecto dessas reformas são as campanhas pelas privatizações, que seguem o que já vimos durante o governo Collor e Itamar Franco.

5.3.2 O passo da privatização

A venda das empresas públicas, suavizada discursivamente pelo nome de privatização, passava a ser questão central no projeto da revista e do governo. A justificativa dada seria a necessidade de "livrar" o Estado e o "bolso do cidadão" desse "pesado fardo" que vinha onerando o país e impedindo investimentos sociais. No entanto, a venda das estatais mostrou que não foram gerados esses tais investimentos, dadas as formas com que as vendas foram efetivadas. Pouco se enfatizou na versão "oficial" o motivo efetivo dessas vendas, ou seja, os interesses do grande capital[1106] que viria a comprar essas empresas e ficar com seus lucros. As privatizações atingiram setores fundamentais como siderurgia e energia, que passariam às mãos do setor privado, sendo regido por sua lógica, ou seja, o lucro e a necessária exploração

---

1105 O grude da Previdência. Veja. Sandra Brasil. 29/3/2000, p. 52. A fotografia que ilustra a matéria mostra um "passo" (alusão ao "passo da privatização") grudado no chão por uma goma como chiclete, mais uma vez apontando para as idéias fixas da revista.

1106 Entre outras vantagens, "transfere aos conglomerados privados um conjunto de vantagens historicamente acumuladas: capital fixo, experiência produtiva, organização, controle estratégico de mercado e imagem". ROCHA, Ronald. op. cit. p. 18.

do trabalho. O governo brasileiro, para ajudar os compradores, investiu milhões antes de vender, assumiu dívidas, entregando empresas com caixas positivos, demitindo funcionários previamente e arcando com os custos, financiando os compradores, enfim, em alguns casos "pagando" a venda, como mostra o citado estudo de Aloysio Biondi.

Mas também o setor financeiro sofreu grandes alterações, especialmente com a privatização de bancos estaduais. O discurso de *Veja* sobre as privatizações manteve a mesma linha já vista nos capítulos anteriores, com o agravante de que agora era mais fácil exigir "velocidade" nas vendas, evitando qualquer debate sério. Finalmente, segundo ela, "*o governo conseguiu sair do marasmo no terreno das privatizações. Retomou uma* ***providência vital*** *para a estabilização econômica e apagou a impressão de que o ninho tucano hesitava diante da venda de estatais com medo de críticas do bloco de esquerda*".[1107] Essa posição estaria clara no momento em que o governo chegava a demitir um assessor que teria feito críticas ao programa, segundo o assessor: "*o governo está fazendo uma lavagem cerebral na opinião pública porque deixa de ressaltar a importância das estatais*". A revista retruca: "*o que Sobrinho se esqueceu de dizer no seu artigo é que o governo não tem dinheiro para escolas, hospitais, polícia e Justiça porque gasta com empresas estatais deficitárias – e nada recebe das que são lucrativas*".[1108] A própria revista encarrega-se da defesa agressiva de todos os atos do governo. Observe-se que uma fala contradizendo o projeto como a desse assessor somente apareceu porque derivou de crise interna; se viesse de algum grupo de trabalhadores estaria desde já descartada como defesa de "privilégios". A privatização deveria retomar o "passo desejado", com a nomeação de Jose Serra para chefiar o programa de "desestatização": "*estamos fazendo todo o possível para privatizar em alta velocidade*".[1109]

A venda que recebeu maior cobertura de *Veja*, foi a da Vale do Rio Doce, a "*estatal brasileira mais cobiçada no mundo*", e que poderia se constituir na "*maior operação do gênero na América Latina*".[1110] Nenhuma palavra sobre porque então vender uma empresa com tal interesse, pois para isso teria que chamar atenção para os benefícios ao capital estrangeiro. Mas a revista obrigou-se a tomar mais cuidados, considerando se tratar da "*mais*

1107 Uma oferta de bilhões. Veja. 3/5/1995, p. 36. Grifos meus.
1108 Idem, p. 37.
1109 Idem, p. 36.
1110 O preço da Vale. Veja. 18/10/1995, p. 108.

rentável e mais eficiente empresa estatal brasileira".[1111] Mesmo prevendo problemas, esclarece que "*não há nenhuma dúvida de que toda a turbulência que cerca a empresa é produto do interesse de algumas pessoas em tumultuar o processo de privatização*", portanto escapa da discussão e acusa as críticas de serem ideologizadas (como se a da revista não fosse), apontando para o interior do próprio governo: "*quando se anunciou a descoberta da mina de ouro, por exemplo, ministros do governo se levantaram para dizer que a estatal não deveria ser mais vendida, ou que ela estaria valendo muito mais do que se imagina, o que* ***não passa de uma bobagem***".[1112] Não queira o leitor saber porquê, pois não há explicações. Apenas a complementação ambígua, que é quase um aviso para o governo:

O governo não tem nenhuma obrigação de privatizar a Vale. Ela é uma boa empresa, que não pesa sobre os cofres públicos. Pode permanecer estatal, o problema é que ela está no programa oficial de privatização e há investidores se preparando – e inclusive gastando dinheiro – para entrar no processo de venda. Não é bom sinal que o governo permaneça em cima do muro, hesitante sobre a vantagem ou desvantagem de vender a Vale.[1113]

Está dado o recado dos "investidores". Embora esclareça que essa empresa pública "até poderia" ser conservada, afirma que a credibilidade externa (sempre ela) seria abalada. Tudo deveria apontar para "o rumo". A venda da VRD não poderia continuar com esse nível de valorização, pois o preço ficaria muito alto, era necessário barateá-la, desvalorizá-la. Convenientemente, o presidente do BNDES apresentou um documento questionando a eficiência da empresa, permitindo a manchete: "***os pés de barro do ídolo de ferro****: o BNDES divulga no Senado números que apresentam a Vale como uma empresa medíocre*".[1114] No texto, não é exatamente isso que se diz:

Num depoimento do Senado, apresentou números que mostram que a Vale é uma empresa fraca quando comparada a companhias do mesmo ramo e do mesmo porte no exterior. Para os idólatras da Vale, que agitam sua eficiência como argumento para não vendê-

---

1111 Mais turbulência na Vale. Veja. 21/2/1996, p. 59.
1112 Idem. Biondi traz alguns dados sobre essa privatização, apontando absurdos como o fato de que a empresa foi vendida com 0,7 bilhões em caixa; e que, para amainar críticas sobre as jazidas recém descobertas, emitiu títulos "garantindo que, quando as jazidas entrassem em exploração, o Tesouro participaria dos lucros resultados da produção de minério", mas "não participará do aumento do valor do patrimônio da Vale". BIONDI, op. cit. P. 78 e 58.
1113 Idem.
1114 Os pés de barro do ídolo de ferro. Veja. Antenor Nascimento Neto. 15/5/1996, p. 108.

la, isso soa como uma heresia. O BNDES usou dados de um estudo da Merrill Lynch, consultoria empresarial americana, que fez um diagnóstico da estatal. O documento, em sua íntegra, não foi divulgado. É possível que lá existam outras cartas reveladoras sobre a Vale.[1115]

Qual a credibilidade de um texto dessa natureza? O que há de concreto é uma fala, mencionando relatório de um grupo possivelmente relacionado a interessados na compra, documento que sequer é tornado público, que passa a ser a fonte da argumentação de *Veja*. Para completar, a cobrança:

FHC vendeu menos estatais que Collor. Até Itamar Franco, que não podia ouvir falar de privatização, se desfez de mais empresas. Sem um piloto firme orientando o programa de privatização, o ambiente ficou mesmo anárquico. (...) No Congresso, apareceu uma novidade do arco-da-velha. O senador Edison Lobão sugeriu que se permita a utilização de títulos emitidos em 1902, com valor corrigido, na compra de empresas estatais. Para quem tem títulos emitidos pelo governo para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, será um negocião.[1116]

Veja dedicou-se com maior afinco ao tema, na edição seguinte. Uma reportagem de cinco páginas propõe contar "*a epopéia do gigante de ferro: como o Brasil fundou e fez crescer a Vale do Rio Doce, a jóia mais reluzente da coroa estatal*", onde os mesmos argumentos são repetidos,[1117] sem apresentar qualquer opinião discordante. O patrulhamento persistiu. Quando o leilão foi marcado e ocorreram interpelações judiciais, mais uma vez a revista "denunciou" a "***folia judicial**: o leilão da Vale do Rio Doce se enrosca num cipoal de ações e ninguém sabe mais quando sai*".[1118] O tom predominante foi de patrulha: "*o leilão da Vale sai ou não sai*?", criticando o "*tom emocional inteiramente desnecessário*" dos defensores da empresa, pois o que estaria em jogo seria "*apenas a mudança de controle de uma mineradora*". A revista ataca abertamente, relembrando os obstáculos superados e exigindo mais: "*o primeiro e o mais forte, o político foi vencido em 1994 quando as urnas elegeram o programa de governo de Fernando Henrique Cardoso, no qual estava prevista a*

1115 Idem.
1116 Idem, p. 109. Um quadro aponta para o número de empresas vendidas por cada governo, e os respectivos valores arrecadados (em bilhões de dólares), segundo Veja. "Collor: 16 / 4; Itamar, 17 / 4,1; 11, 1,1". Idem, p. 108.
1117 A epopéia do gigante de ferro. Especial. Veja. Expedito Filho. 22/5/1996, p. 76.
1118 Folia judicial. Veja. Sandra Brasil e Leonel Rocha. 7/5/1997, p. 32.

privatização das companhias estatais".[1119] As liminares apontavam vários problemas com relação à venda, mas as críticas ao neoliberalismo seriam escamoteadas: "*a turma que se opõe à venda da Vale foi esperta e pegou os advogados do BNDES num equívoco geográfico*", pouco importava. A questão, diz *Veja*, "*é obviamente ideológica*", como se também não o fosse o conjunto de seus textos. Dessa vez a revista criticava diretamente o fato das interpelações e parecia ter certeza de que elas estariam fadadas ao fracasso. Assim, confiante em seus aliados políticos, permite-se sugerir o próximo passo: "*o problema não está nos indivíduos (...) o problema está na legislação que permite o exagero nesse campo*".[1120] Apontava um limite a "essa democracia que aí está", o que deveria ser evitado na próxima oportunidade, ajustando a Constituição. No final do artigo apenas aponta alguns dos problemas que levaram às liminares: "*além de reclamar da incerteza do preço mínimo e da divulgação do edital, a ação afirma* ***entre outros argumentos*** *que o governo está vendendo riquezas da Vale sem ter uma avaliação prévia do que vai entregar aos futuros donos da companhia*".[1121] Não há contraditório nem qualquer comentário, tampouco apresenta os "outros" argumentos.

Idêntico tratamento recebeu a privatização no setor elétrico e nas telecomunicações, especialmente da telefonia celular, esta usada como símbolo de modernidade e crescimento nacional, uma verdadeira "revolução",[1122] que além de atender aos interesses do capital externo, seria usado extensivamente com fins eleitorais. Nesse campo o Grupo Abril tinha interesses diretos.[1123] Por isso elogia as privatizações do estado de São Paulo, que estariam em "*alta voltagem: coloca à venda três companhias elétricas, num negócio avaliado em 11 bilhões de reais*".[1124] Depois de discorrer sobre o sucateamento destas empresas, a conclusão:

> No mundo - praxe que vale também para o Brasil -, as tarifas de empresas de energia privatizadas recebem um pequeno aumento no início e depois, durante cinco anos, acompanham a inflação. Em seguida os governos começam a reduzi-las.

1119 Idem, p. 33.
1120 Idem, p. 34.
1121 Idem, p. 35. Grifos meus.
1122 "**A linha ficou livre**: a privatização da telefonia celular abre caminho para investimentos de 45 bilhões de dólares e revoluciona o serviço de telecomunicações". Veja. 24/7/1996, p. 118.
1123 Como por exemplo, pela participação da Abril na Direct TV no uso de satélites, com o grupo norte-americano Hughes, o que só foi possível com a privatização das comunicações. Cfe: LIMA, Venicio. MÍDIA: teoria e política. São Paulo Perseu Abramo, 2001, p. 127.
1124 Privatização em alta voltagem. Veja. Ricardo Grinbaum. 8/10/1997, p. 122.

> (...) A principal vantagem das vendas dessas empresas é passar para a iniciativa privada a tarefa de melhorá-las e alargá-las, permitindo que os países usem seu orçamento **para outras coisas**.[1125]

Quais as outras coisas, a quem deveria o governo financiar é uma incógnita (apesar do discurso esporádico de que seriam investimentos sociais). O aumento de preços seria uma questão de praxe, de "boas maneiras". Depois, talvez o governo teria poderes para diminuí-los (provavelmente não contaria com o apoio de *Veja*). Semelhantes argumentos foram usados para a venda da Telebrás, que nas próprias manchetes de *Veja* aparece como "oferta gigante" e "maior do mundo". *Veja* reapresenta a idéia de que o atraso desse setor ("*padrão africano*") se deveria ao fato de serem estatais, silenciando sobre os fatores que impediam investimentos, entre outras, a falta de reajuste de tarifas e a proibição, desde 1989, de que o BNDES, banco oficial criado para o desenvolvimento, realizasse empréstimos a empresas estatais.[1126] Repisa que "*a privatização é uma boa notícia, mas a melhor, para o consumidor, virá depois*".[1127] A revista exultava pelo fato de que o preço fixado pelo governo ficara em 13,4 bilhões de reais, calculando um ágio "*de até 2,6 bilhões*",[1128] repetindo mais uma vez o argumento de que "*nas mãos da União, não tem dinheiro para investir na expansão da rede*", ocultando que, em plena crise cambial, o governo investiu pesado na empresa antes de vendê-la:

> Em 1996 e 1997, já decidida a privatização, o governo investiu 16 bilhões de reais no sistema Telebrás e, no primeiro semestre de 1998, às portas do leilão realizado em julho, mais 5 bilhões de reais. No total, 21 bilhões de reais, praticamente mais de duas vezes e meia (250%) os 8,8 bilhões de reais recebidos de entrada pela sua privatização.[1129]

Tudo isso foi possível pela ação do governo, que permitiu que os preços fossem calculados por consultorias diretamente interessadas nas compras, criando condições especiais para o capital externo. Além disso, deixou recursos em caixa e estoques enormes para os compradores, o que não aparece nos preços de venda, como também não aparecem os lucros

---

1125 Idem, p. 123. Grifos meus.
1126 Ver: BIONDI, op. cit., p. 46. Mas Veja investiu muito em mostrar a falência das estatais, como no caso: "Sujeira sob o tapete: levantamento mostra o desperdício e a corrupção que imperavam nas empresas estatais recém-privatizadas". Veja. Roger Ferreira e Raquel Almeida. 6/8/1997, p. 66.
1127 Oferta gigante. Veja. Ricardo Grinbaum. 29/10/1997, p. 122.
1128 A maior do mundo. Veja. João Sorima Neto. 17/6/1998, p. 129.
1129 BIONDI, op. cit., p. 53.

presumidos (para os compradores) após esses investimentos feitos pelo próprio governo.[1130] A imagem que prevaleceu foi a da capa da edição de 29/7/1998. Um garçom abre uma bandeja de prata em que é "servido" um telefone. A manchete: "*vai sobrar telefone: como a venda da Telebrás, o meganegócio do fim do século, deve aumentar a oferta de linhas e melhorar o serviço*".[1131] Embora não seja possível aqui mostrar toda a cobertura de *Veja* sobre as privatizações - citamos apenas alguns casos - seu sentido está apontado, de vigilância do capital internacional e de quase simbiose com a atuação do governo FHC. Como apontou Biondi, "*sem sombra de dúvida, os meios de comunicação, com seu apoio incondicional às privatizações, foram um aliado poderoso*".[1132] Mais que isso, os interesses pareciam se confundir, na manipulação das informações sem debates, acompanhada de frases de efeito, típicas de marketing.

5.4. O REAL X "A VOLTA AO PASSADO"

O risco da inflação foi sempre a ameaça brandida para justificar a manutenção do Plano Real.[1133] Domar o dragão teria um custo a ser pago pela maioria: "*o pacote linha-dura do governo vai provocar mais desemprego e recessão para evitar o pior do males: a inflação*".[1134] Seu papel de formadora de "mentalidade" deveria agora produzir a apassivação perante a tragédia social: "*pela primeira vez, o Brasil inteiro está consciente de que essas mudanças são necessárias. Pela primeira vez, todas elas estão contempladas em projetos já elaborados, alguns tramitando no Congresso. São sinais de que, afinal, a cirurgia poderá finalmente ser feita. Se não for, é bom preparar o espírito*".[1135] Independente do custo social, a revista segue na sua obsessão: "*depois de vencer a pior fase da crise,* [do real] *o governo tem*

1130 A revista buscou mostrar como uma grande vantagem que as privatizações tenham tido a participação externa, como nos exemplos: "**Quem tem medo dos estrangeiros**: a venda do Banco Bozano e de outras empresas a investidores internacionais reacende o nacionalismo". Veja. César Nogueira. 26/1/2000, p. 134. "**Yes, nós temos Banespa**: a participação de estrangeiros no leilão do banco paulista pode elevar o preço em 1 bilhão de reais, mas ainda há quem prefira que eles sejam mantidos fora do negócio". Veja. Eliana Simonetti, 16/2/2000, p. 116.
1131 Capa. Veja. 29/7/1998. Anexo.
1132 Idem, p. 37.
1133 Essa questão foi tema de várias capas de Veja, não apenas no período estudado.
1134 O custo de domar o dragão. Veja. David Friedlander e João Sorima Neto. 10/3/1999, p. 38.
1135 Idem, p. 41. Entre as medidas estariam: o aumento da taxa de juros para 45% ao ano; aumento de cobrança de taxas bancárias; "ampliação" da cobrança do imposto sobre operações financeiras; aumento dos combustíveis; aumento da CPMF. Mais uma vez, medidas que beneficiam diretamente o setor bancário e especulativo.

uma chance de ouro para fazer as reformas".[1136] O "*esforço fiscal"* asseguraria, na propaganda, *"que a economia deslanche em bases saudáveis no ano que vem*".[1137] O termo saudável remete à garantia de lucros e a revista nada tem a oferecer à população a não ser a contenção salarial, o desemprego e... a miragem do consumo.

Reaparecem conflitos no interior do governo, e desde logo *Veja* posiciona-se: "*de volta ao passado: debate entre 'monetaristas' e 'desenvolvimentistas' esconde uma luta pelo poder que ameaça levar o país ao retrocesso*".[1138] O problema seria que "*assim que alguns números positivos sobre a recuperação apareceram nos boletins, um tipo de pensamento econômico voltou à carga. É preciso crescer, crescer a qualquer custo, pois o país tem dívidas sociais a resgatar, má distribuição de renda, desemprego e pobreza*".[1139] No entanto, "explica" a revista, essa idéia seria simpática, e apenas isso. Ela "*tem cheiro de naftalina. Pior. É venenosa como naftalina*". Mais adiante no artigo se explica melhor: "*a política do ministro Malan é abençoada no exterior entre aqueles que emprestam dinheiro ao país ou estão internando dólares para construir fábricas*".[1140] A conclusão cita Scheikman, professor da Universidade de Chicago: "*a melhor maneira de gerar crescimento é cortar os gastos do governo. Assim, ele pára de tomar emprestado e* ***sobra dinheiro para a iniciativa privada, a juros baixos***".[1141] A revista elogiara o "empréstimo preventivo" do FMI como uma medida necessária. Mas fica aqui evidente onde deveriam ser aplicados "gastos do governo", isto é, na "iniciativa privada", ai sim, a "juros baixos". Não há dúvidas sobre a quem isso interessa, nem sobre a política de promoção de interesses da revista – o capital financeiro se alimenta antes e, em seguida, os demais setores. Os trabalhadores eram convocados apenas para o sacrifício.

O conflito no interior do governo persistia e houve a queda de Clovis Carvalho, substituído por Alcides Tápias no Ministério do Desenvolvimento. As diferenças reaparecem.

1136 A calmaria do Real. Veja. Franco Iacomini. 21/4/1999, p. 124. O que não é dito aqui é que foi o acordo com o FMI que submeteu o país ao seu controle, sem impedir o colapso da política cambial, fazendo com que "o mercado" impusesse a maxi-desvalorização. A queda do PIB, a regressão média dos ocupados e o aumento do desemprego são resultados dessas medidas. Para Veja importa apenas atentar para a "calmaria". Vários documentos permitem essa crítica, como por exemplo: "Cinco anos do Plano Real". Dieese. (disponível em www.dieese.org.br/esp/real5ano.html, consultado em 5/10/2003).
1137 Idem.
1138 De volta ao passado. Veja. Antenor Nascimento Neto. 26/5/1999, p. 134.
1139 Idem.
1140 Idem, p. 137.
1141 Idem, 138. Grifos meus.

Inicialmente a revista elogia Tápias por ser um "*executivo experimentado (...) um negociador habilidoso, acostumado com acordos delicados*".[1142] Seria preciso discipliná-lo rapidamente e, quatro meses depois, a revista alardeava que ele teria cometido um erro, pois sob orientação de Tápis, Calabi estaria dando uma "*orientação auri-verde ao BNDES*".[1143] O Banco Nacional de Desenvolvimento iria privilegiar o capital nacional, ao invés do internacional como vinha fazendo desde o governo Collor. O que torna essa operação "complicada", diz a matéria é que "*há o* ***risco de os estrangeiros interpretarem esses movimentos como um gesto inamistoso***".[1144] Finalmente a manchete "*Porque Calabi caiu: Tápias vai a FHC e consegue a demissão de Andréa Calabi por achar que ele conduzia o BNDES de forma imprópria".*[1145] Alcançado o intuito, trata de apagar os rastros de sua posição e a revista diz que "*na imprensa, o episódio foi também colocado no contexto de uma batalha entre neonacionalistas e simpatizantes do capital estrangeiro. As duas alegações são falsas*".[1146] Novamente, a revista pretende distanciar-se "da imprensa", colocando-se como superior, como expressão da verdade, quando fora ela própria quem iniciou as acusações furiosas contra o "nacionalista". Agora, vencida a batalha, quer descaracterizar a ação ideológica. Acima de tudo, *Veja* defendia a "*chuva de dólares: o Brasil bate recorde em investimento estrangeiro, e os nacionalistas se assustam*".[1147] A matéria tem a capa em que se pergunta: "*a ameaça do capital estrangeiro é real*?".[1148] A resposta de *Veja* é sabida, e ela continua a agir sistematicamente, sustentando ou derrubando membros do governo, defendendo sua "idéia fixa". Afinal, "o que os estrangeiros vão pensar?"

É de supor que esse tenha sido um período de fartos lucros para *Veja* e seus aliados, pois, apesar do discurso permanente sobre os riscos de inflação, o otimismo em torno da economia permanecia. O otimismo porém não esquece da indução à apatia. A "globalização"

1142 A equipe é de Malan. Veja. César Nogueira e Expedito Filho. 15/9/1999, p. 38.
1143 O grito de Calabi. Veja. Leandra Peres. 19/1/2000, p. 42. Na gravura, Calabi aparece em trajes de Dom Pedro I.
1144 Idem, p. 43. Grifos meus.
1145 Porque Calabi caiu. Veja. Policarpo Junior e Expedito Filho. 1/3/2000, p. 35.
1146 Idem. A outra alegação, que a que a revista assume é de que ele "falava pouco com Tápias".
1147 Chuva de dólares. Veja. 2/2/2000, p. 116.
1148 Capa. Veja. 2/2/2000. Anexo. A figura mostra um peixe grande, com bandeiras das grandes potências quase engolindo um peixinho com ar de esnobe, com a bandeira do Brasil. Lembre-se que estavam em processo as privatizações como a do Banco Bozano onde a revista perguntava: "quem tem medo dos estrangeiros?" Veja. César Nogueira. 26/1/2000, p. 134.

parece, na narrativa de *Veja,* ser um mundo à parte no "país do Real", onde por mais que existam baques, sempre venceria a "força brasileira", inexplicável do ponto de vista racional, como aponta a reportagem de capa:

> **Tinha tudo para dar errado**. A vizinha Argentina está à beira do colapso. Os preços do petróleo dispararam no mercado internacional. E, para completar, os Estados Unidos deixam o mundo em suspenso pela prosaica razão de que não conseguem definir quem governará o país nos próximos quatro anos. As bolsas de valores de todo o mundo, como sempre acontece nessas situações, andaram tendo tremeliques assustadores. Com um cenário tão negativo, seria de esperar que no Brasil os empresários já estivessem esbravejando contra a queda das vendas, os economistas fazendo projeções apocalípticas e os trabalhadores calculando quanto teriam de economizar para não sucumbir à crise. Nada disso está ocorrendo. Em meio a toda essa turbulência, a economia brasileira vive, desde junho, um confortável período de estabilidade, o qual permite prever que o país terá o melhor Natal dos últimos cinco anos.[1149]

Como uma peça publicitária, a matéria apresenta nas suas dez páginas, oito com produtos que "serão vendidos", com suas qualidades e preços, como geladeiras, televisores, eletrônicos diversos, brinquedos e produtos de luxo. A "*confiança no futuro imediato da economia brasileira*" estaria assegurada pela "*quantidade de compras a prazo previstas*".[1150] Em todo caso, *Veja* fez sua parte para que as previsões otimistas se confirmassem, divulgando o espírito de consumo natalino, apontando opções de compras, citando consultores diversos que realmente comprovavam que "todos vão consumir". Mas esse é mais um momento também para envolver a "toda a sociedade" no programa neoliberal:

> A agenda brasileira para este ano será a do ajuste fiscal e das reformas do Estado, única saída para fazer com que a economia se desenvolva em bases mais sólidas a partir do ano 2000. Portanto, devem-se esperar doze meses de cortes e sacrifícios. Prevê-se uma queda do PIB da ordem de 2%. Os otimistas acreditam que 1% de queda pode ser uma meta viável. Isso se o cenário mundial ficar estável e as medidas do ajuste fiscal forem aprovadas pelo Congresso. Só dessa forma a

---

1149 O melhor Natal do real. Veja. Consuelo Dieguez. 6/12/2000, p. 142. Grifos meus.

1150 Idem, p. 151. Os produtos e marcas "noticiados" são: espumante prosseco, Tosti e Bisol; DVD D-12, Gradiente; Dual Time (relógio), Casio; Microondas, LG; CD Sandy e Junior, Universal; Palm IIIe, Palm Inc; The Sims, Electronic Arts; Celular, Motorola; Camisetas, Hering; Barbie, Mattel; vestido, Zoomp; Micrro System, JVC; tênis, Nike; microcomputador, Itautec; óculos de sol, Ventura e Ray-ban; Patinete, Tech Deck; refrigerador, Electrolux; brinquedo, Estrela; TV, Toshiba; brinquedo, Nintendo; videokê, Raf. As proximidades com os principais anunciantes de Veja, apontados no segundo capítulo, são evidentes.

> confiança do investidor estrangeiro pode restabelecer-se, permitindo ao governo baixar os juros.[1151]

Ou seja, fica para um futuro remoto a esperança de que "todos melhores", mas deixa claro os interesses a defender: o capital financeiro e os investidores estrangeiros. A revista empenha-se em amarrar toda a sociedade brasileira com este compromisso. Ao final do ano, mantida a crise se teria ao menos "*uma festa gorda a preço baixo*".[1152] O importante é manter a ilusão de que todos enfim podem comprar e que estariam "no rumo certo": "*não se pode esperar que os brasileiros fiquem muito ricos, por um passe de mágica, de um ano para outro*".[1153] Isso é válido apenas para alguns, enquanto se mantenha a ilusão de que alguma riqueza existe com o poder de compra, da moeda (mas não das pessoas).

O país teria finalmente aprendido as "*lições do abismo: FHC vive sua melhor semana do segundo mandato e descobre que* ***não é assim tão fácil governar o país***".[1154] Afinal, a realidade se mostraria complexa e "imprevisível", um mundo mais "real" do que o "Real de propaganda". Mas um mundo de fantasia ainda define o presidente:

> FHC não mudou sua rotina. Atualmente, dorme com quatro livros em sua cabeceira. (...) Enfrenta dois autores que tratam da globalização, os americanos Dani Rodrik e Jonah D Levy. Estes foram presentes de Pedro Malan. Da fase amarga de 1999, FHC carrega uma mágoa: o fato de Lula ter encabeçado a campanha 'Fora FHC'. E uma suspeita: não acredita na ascensão de Ciro Gomes como candidato a presidente. Acha que, na reta final, a história se repetirá com o aparecimento de um candidato do ninho tucano para disputar com Lula.[1155]

A revista está na alcova do presidente, e suas opiniões continuam afinadas, um portando a voz do outro. As indefinições e acertos partidários pareciam sob controle. Assim, o fato do governo confundir-se com o PFL não era apresentado como um problema: "*PSDB, mas pode chamar de PFL*".[1156] A revista justificava o governo e, para ela, os parlamentares do PSDB não estariam sendo levados por um "*jogo parlamentar superficial e egoísta submetendo*

1151 "Um ano cinza: a euforia no Natal melhora as perspectivas para 1999, mas não dissipa todas as sombras". Veja. João Sorima Neto e Cíntia Valentini. 6/1/1999, p. 80.
1152 "Uma festa gorda a preço baixo: preocupadas com o preço, as pessoas estão comprando mais e gastando menos". Veja. Paula Pacheco e Marcelo Camacho. 15/12/1999, p. 132. No capítulo oito será explorado o lado do consumo do plano, enfatizando o aspecto essencial disso para consolidar a "nova mentalidade" que foi expressa como necessária a essa "nova ordem".
1153 Idem.
1154 Lições do abismo. Veja. Expedito Filho. 27/10/1999, p. 38. Grifos meus.
1155 Idem, p. 39.
1156 PSDB, mas pode chamar de PFL. Veja. Expedito Filho, 23/2/2000, p. 40.

suas convicções às conveniências do momento".[1157] Citando o cientista político Sérgio Fausto, conclui:

> 'A maioria não está a serviço de uma agenda qualquer', diz Fausto. Segundo ele, as características do sistema político-partidário não foram obstáculos para mudanças decisivas, como a privatização das estatais, a abertura do mercado para o capital estrangeiro, o fim da estabilidade do funcionalismo público e o começo das reformas do sistema previdenciário. Ou seja, tudo está bem quando acaba bem. Mais ou menos...[1158]

O suporte ao Plano Real foi mantido ao longo de todo o período de sua existência. A revista mantém o otimismo, ressaltando as supostas benesses para o capital, ou seja, os grandes empresários que tiveram muitas novas possibilidades com o Plano neoliberal no Brasil. A isso se soma sua ação nos processos eleitorais que elegeram FHC.

5.5. PROCESSOS ELEITORAIS

5.5.1. Eleições de 1998: o candidato Real

O apoio da revista à candidatura de Fernando Henrique Cardoso à reeleição foi explícito, como já indica o sistemático apoio dado ao presidente e a seu projeto, como estamos vendo ao longo do capítulo. A ação de *Veja* não foi isolada, pois procurava dirigir a grande imprensa. O estudo de Vitor Cunha diagnosticou que a imprensa "*como um dos juízes da disputa, marca pênaltis inexistentes, fecha os olhos para faltas violentas e não apita impedimentos flagrantes. (...) Fernando Henrique Cardoso é, com graus variados de paixão ou pragmatismo, apoiado de forma esmagadora por sete dos principais veículos da mídia impressa brasileira*".[1159] É questionável que se trate de "pecados" ou "descuido", embora

---

1157 Idem, p. 42.

1158 Idem. Na página ao lado apresentava a preocupação com a possibilidade de Ciro Gomes crescer como candidato a presidente: "**Querido da elite**. Ciro Gomes é o candidato preferido entre os eleitores das classes A e B". Veja. 23/2/2000, p. 43.

1159 CUNHA, Victor Paolozzi Sérvulo. Ah, eu tô maluco! A torcida organizada de "O Estado de São Paulo", "Folha de São Paulo", "O Globo", "Jornal do Brasil", "Época", "Isto É" e "Veja" por FHC e seus pecados na cobertura na eleição presidencial de 1998. Tese de Doutorado. Ciências da Comunicação. ECA-USP, 2002. p. 167. Os oito "pecados" apontados pelo autor foram: 1. dar tratamento desigual aos candidatos; 2. misturar opinião com fatos; 3. ser dependente das autoridades para conseguir pautas e manter atitude pouco crítica em relação ao governo; 4. ser viciada em temas de apelo sensacionalista, ignorando aqueles que têm real importância; 5. desprezar os fatos para explorar as notícias baseadas apenas em declarações e especulações; 6.

esteja claro que o pensamento único ligando imprensa e governo FHC era apresentado de forma amena, como pecadilho. Essas ações, no caso de *Veja*, são deliberadas, planejadas, vigiadas e escamoteadas no papel de "explicadora" das notícias da semana, de patrulhadora dos que ameaçavam se afastar da pauta traçada e de cão de guarda dos interesses financeiros associados ao capital internacional.

A reeleição em 1998 foi pautada claramente a partir de declarações de FHC especulando se "*não seria democrático competir*"?[1160] Esse assunto mostra o oficialismo de *Veja* de forma inequívoca. Ela organizou um questionário com sete perguntas sobre o tema que enviou ao presidente. Em seguida,

VEJA também colocou as mesmas questões para ministros, políticos e mesmo estudiosos da História recente do Brasil. Com as respostas, foi montado o guia sobre tudo o que você queria saber sobre reeleição, mas não tinha tempo nem paciência para perguntar. Ou seja, o guia – ao contrário dos discursos de políticos – é curto e direto. **Aproveite**.[1161]

Esse "guia" é composto de quinze perguntas e respostas, distribuídas em três páginas. Nas duas centrais há uma grande foto-montagem de FHC passando a faixa presidencial para FHC. O estilo das perguntas e respostas, segue o modelo:

A reeleição é uma prioridade do presidente? 'Não', respondeu Fernando Henrique. 'Prioritário é limpar a pauta das reformas e manter a inflação em baixa e o crescimento em alta'. (Teria sido divertido se o presidente respondesse algo como: 'Sim, durmo e acordo pensando na reeleição', mas aí ele não seria um político). [sic][1162]

Por mais estranha que pareça, é esta a formulação da matéria, consolidando as justificativas para a reeleição. No texto - "guia", segundo a revista - casuísmo seria tentarem impedir FHC de se candidatar só porque ele estava querendo mudar a Constituição para este intuito e era também candidato à reeleição. A candidatura de FHC foi assim apresentada em editorial como se emanasse de "opinião": "*parece espalhar-se na opinião pública a sensação*

---

ouvir poucas fontes; 7. reconhecer apenas a voz dos poderosos; 8. não ouvir o outro lado e não ter critérios estabelecidos para determinar a necessidade de buscar a versão das partes atacadas. Extraído das p. 168 e 169.

1160 "**Saiu o projeto 001**: Fernando Henrique tratava da reeleição antes mesmo da vitória, em 1994, e assim nasceu uma proposta para deixá-lo no Planalto até 2002". Veja. 174/1996, p. 32. Segue-se um "ensaio" de Roberto P Toledo: Ficar ou ir embora. O texto apresenta argumentos "a favor e contra" como: "quatro anos é pouco x oito anos é muito". P. 37.

1161 FHC x FHC= FHC2. Mônica Bergamo. Veja. 16/10/1996, p. 34. Grifos meus.

1162 Idem, p. 35.

de que se vota na Câmara a possibilidade de conceder um segundo mandato ao ***atual ocupante do Planalto***".[1163] E repete:

O que se está discutindo é a possibilidade de Fernando Henrique Cardoso concorrer de novo ao mesmo cargo, submetendo-se ao voto do povo. Nas **pesquisas de opinião pública**, a tese da reeleição é majoritária. Há no país uma tendência a se considerar que os quatro anos, nas circunstâncias atuais e **com o atual ocupante do Planalto**, são **tempo curto demais** para consolidar o clima de estabilidade que o país vem conquistando. Pensa isso o cidadão comum que é ouvido pelos institutos. **Acha o mesmo quem analisar** as perspectivas de maciços investimentos no país graças à diminuição significativa das incertezas econômicas.[1164]

Os interesses do capital externo estão, mais uma vez, em jogo, como mostra o editor. Assim, reforça-se a posição quanto ao atual governo: especificamente para ele seria pouco tempo apenas quatro anos. Portanto, já antecipava e definia a "eleição prévia", pois a justificativa da reeleição era unicamente tornar possível eleger o candidato (e não que ele concorresse às eleições simplesmente).

Finalmente, aprovada a reeleição, Fernando Henrique foi apresentado como o "*CANDIDATO REAL: FHC se prepara para outra campanha ancorado na moeda*".[1165] Ou seja, já no título se constrói a expressão polissêmica: ele seria real, efetivo; real como um príncipe; ele seria a própria moeda. Somente ele teria chances e traria consigo tudo o que de supostamente bom existiria no Plano Real. A matéria serviu para dizer o que ele "vai fazer": "*fará balanços sistemáticos das vantagens produzidas pelo fim da inflação galopante, falará da melhoria na vida dos brasileiros mais pobres, do frango à dentadura, e acrescentará uma promessa: no seu segundo mandato, se consegui-lo, vai aliar estabilidade a desenvolvimento econômico*".[1166] A expressão "se conseguir" acaba tendo um duplo sentido: se conseguir o mandato; mas também se conseguir, iria fazer o que estava prometendo. O problema da crise financeira se coloca, mas já se antevia a solução com o próprio presidente: "[se] *esperava uma*

1163 Um tabu que pode cair. Veja. Carta ao Leitor. 15/1/1997, p. 7. Com o mesmo sentido, a "reportagem" era enfática: "o que está em jogo: fala-se em reeleição porque o eventual beneficiado com ela **está de bem com o povo**". Veja. Tales Alvarenga. 15/1/1997, p. 25. Grifos meus.
1164 Hora de fechar o bazar. Veja. Carta ao Leitor. 9/1/1997, p. 7.
1165 Candidato Real. Veja. Expedito Filho, 7/1/1998, p. 24.
1166 Idem.

crise de liquidez no mundo globalizado, mas estimava que ela só viria em 1999, quando já teria garantido seu segundo mandato".[1167]

Tudo o que ele "diz que vai fazer" aparece como verdade em *Veja*: "*dirá que o Brasil está passando por uma transformação, em que caem as vagas na indústria e aumentam no setor de serviços*".[1168] Assim, legitima a sua fala e rebate o que Lula vai dizer, pois em outra matéria[1169] (e não aqui, para evitar o debate direto), a revista mencionará que o desemprego seria um dos temas principais do candidato da oposição, e problema não solucionado no programa de governo de FHC. A consolidação e o avanço do programa neoliberal estava em jogo, embora isso não devesse ser aberto na campanha, segundo *Veja*:

Até agora, o projeto mais interessante em confecção está nas mãos do economista André Lara Resende, um dos pais do Plano Real. Trata-se de um projeto para **privatizar a Previdência Social**, mas é uma idéia que o presidente pretende colocar em prática no segundo governo, e **não deve** usá-la como bandeira de campanha, até porque o tema tende mais a espantar votos do que a atraí-los.[1170]

Atenção, estava alertando *Veja*, o projeto "é interessante", mas o governo "não deve" torná-lo muito conhecido. Isso arriscaria espantar eleitores. Portanto, o que em outros momentos seria chamado de estelionato eleitoral, era agora incentivado pela revista. A sua peculiar noção de democracia, portanto, é evidenciada: não importa que as pessoas não saibam no que votam, importa que votem, assegurando a manutenção do programa. Isso reforça, por circularidade, o fato de que em outra situação tenha dito que as privatizações eram inquestionáveis porque os eleitores tinham votado "nesse projeto", como vimos no caso da venda da Vale do Rio Doce.

Além disso, a revista via como legítimo, positivo mesmo, o fato de que o presidente usaria o seu cargo para fazer campanha: "*aproveitará para viajar de norte a sul do país inaugurando obras do programa Brasil em Ação, que toca 42 projetos, o que é uma forma tanto de aparecer para o eleitorado como de ajudar a combater o pessimismo, mostrando que*

1167 Idem.
1168 Idem, p. 25.
1169 Um fio de esperança. Veja. Joaquim de Carvalho. 7/1/1998, p. 26.
1170 Idem, p. 25. Grifos meus.

o Brasil está vivo e construindo riquezas".[1171] Eis a idéia que *Veja* pretende consolidar: esse é o homem que constrói riquezas para o país, a sua vitória teria que ser garantida, como concordavam todas as fontes citadas na matéria.[1172] Nesta mesma edição a revista reforça a idéia em uma outra reportagem: "*UM COMEÇO DIFERENTE: reeleição e prestígio de Fernando Henrique dão o ritmo da campanha de 1998*".[1173] A diferença seria que "*o eleitorado poderá optar por manter os atuais ocupantes dos cargos executivos , reelegendo-os*".[1174] Se reitera a idéia fixa, como será feito em vários momentos, mostrando o programa oficial como "notícia": "*A CAMPANHA ESTÁ NAS RUAS. Fernando Henrique inaugura 42 obras, monta o QG da reeleição e se prepara para os ataques da oposição*".[1175]

Por outro lado, a desqualificação do principal candidato que ameaçaria FHC era constante e crescente. Com destaque, a revista anunciava, em março: "*Entre o ser o e não ser: Lula admite desânimo na disputa pela Presidência e fala dos danos pessoais que a política lhe trouxe*".[1176] Enfatiza o desânimo e apresenta frases rancorosas da vida pessoal do candidato. Em abril, destaca uma feição triste e preocupada de Lula, para anunciar que ele "*passou a semana em crise*", completando que "*Lula voltou a falar em desistir da disputa*".[1177] Na seqüência, a indução – Lula já seria um candidato sem novidade: "*pesquisas mostram que o eleitor quer novidades, mas não as encontra nos candidatos da oposição*", por isso, a manchete: "*PROCURA-SE UM CANDIDATO*".[1178] A explicação vem com a palavra de Marcos Coimbra: "*Fernando Henrique* ***está aí, à espera da reeleição****. Lula e Enéas concorrem pela terceira vez*!" E ainda, completa *Veja*: "*Ciro Gomes, o único debutante na eleição presidencial, chegou a provocar algum alvoroço, mas o eleitor* ***logo percebeu*** *que ele*

1171 Idem, p. 26.
1172 As fontes são adequadas ao modelo de propaganda governamental: "um cacique do PFL", "um auxiliar do governo", "um ministro".
1173 Um começo diferente. Veja. Laura Capriglione. 7/1/1998, p. 22.
1174 Idem.
1175 A campanha está nas ruas. Veja. Expedito Filho. 25/2/1998, p. 20. Um quadro demarca que "**Enquanto isso, na oposição**... é tempo de orações". Idem.
1176 Entre o ser e o não ser. Veja. Thais Oyama. 11/3/1998, p. 28. O fato é retomado na semana seguinte: "Suspense petista. Lula jura que não, mas é grande o temor no PT de que ele renuncie á candidatura". Veja. Cíntia Campos. 18/3/1998, p. 28.
1177 "**Trombada no PT**: com a aliança dos partidos de oposição ruindo, Lula ameaça desistir da candidatura". Veja. 6/4/1998, p. 34.
1178 Procura-se um candidato. Veja. Eduardo Oinegue e Ernesto Bernardes. 20/5/1998, p. 44.

apenas criticava o governo, sem apresentar idéias novas. ***O entusiasmo morreu***".[1179] Portanto, tudo era orquestradamente apresentado. Apesar da pesquisa apontar que os eleitores gostariam de eleger um candidato de oposição, a revista – em maio – lembra que "não havia alternativas", pois a única diferença logo "se mostrou" igual às outras. Restava confirmar que FHC estava apenas "à espera da reeleição". Até porque, "*o Lula de hoje, em tempos sem inflação, está murcho. (...) Por duas vezes ameaçou desistir, desanimado com a falta de apoio*".[1180]

E a todas essas, FHC "*Volta ao palanque: FHC festeja os quatro anos do real e a oposição diz que tudo não passa de marketing eleitoral*".[1181] Obrigada a apresentar as críticas de Lula, que diz que o Plano "*meteu o país numa 'enrascada', que se traduz pela conjunção de juros altos, abertura das fronteiras comerciais e a necessidade permanente de atrair capital estrangeiro*". *Veja*, por sua vez "explica" que

O que o Palácio do Planalto está fazendo é reavivar na memória coletiva os benefícios do real na forma de moedas de roupa nova. Se o governo tucano ganha um empurrão eleitoral com isso, o que se pode dizer é que **tem todo o direito de se apossar da taça, pois fez um gol de placa** quando inventou o Plano Real. O Brasil hoje, muito melhor do que o Brasil anterior à nova moeda, ainda tem problemas revoltantes na área social e navega entre icebergs no plano do equilíbrio fiscal. A oposição provavelmente pareceria bem mais apetecível aos eleitores se apontasse soluções para esses problemas graves que nos restam.[1182]

É como se os "graves problemas" pudessem ser resolvidos sem tocar no sistema e no programa. Mas fica a postura de criticar a oposição por "não apresentar propostas", e, quando as apresenta desqualificá-las sumariamente.[1183] A revista acompanha também o desenrolar da conjuntura e das pesquisas. Em junho publicou uma matéria de capa: "*LULA ENTRA NO JOGO*".[1184] No texto, explica que:

O Lula da eleição deste ano é diferente do Lula que disputou com FHC em 1994. (...) O Lula de 1994 não mandava no PT, um partido formado por dezenas de alas esquerdistas. O

1179 Idem.
1180 Idem, p. 46.
1181 Volta ao palanque. Veja. 8/7/1998, p. 48.
1182 Idem. Grifos meus.
1183 Como no caso crucial do emprego: "A bandeira do emprego: FHC promete criar 7,8 milhões de empregos. Lula, 15 milhões. Dá para acreditar?". Veja. Leonel Rocha e Ricardo Balthazar. 2/9/1998, p. 38.
1184 Capa. Veja. 10/6/1998. Uma fotografia mostra o candidato fazendo embaixadinha com uma bola de futebol.

Lula de 1998 tem um controle que os críticos internos comparam ao do cacique maior do PFL. 'Lula é o ACM do PT. Não no sentido caudilhesco, mas do comando de partido', diz o deputado petista Milton Temer, da ala radical.[1185]

E complementa com a fala do ex-ministro Maílson da Nóbrega: "*seu programa econômico tem incoerências muito grandes. Está mais próximo da esquerda européia dos anos 50 do que do primeiro-ministro inglês Tony Blair (...) Isso* ***pode assustar*** *a classe média que é conservadora e hoje já representa mais da metade do eleitorado*".[1186] Este é, portanto, o ponto principal a ser entendido pela própria classe média a respeito do candidato: a desqualificação, o atraso, a inadequação.[1187] Tudo isso *deve* assustar a classe média que portanto, *não deve* votar no candidato. Não se trata de argumentação em torno do programa, e sim do posicionamento de um ex-ministro, que aparece como indissociado do processo político, "neutro".

Para consolidar a vitória de seu candidato, a manchete anunciava: "*pode ser no primeiro turno: pesquisa mostra que o presidente está a 3 pontos de ganhar a eleição já em outubro*".[1188] Há aqui o sentido de criar certa confusão no eleitor, insistindo de que FHC só "espera" a reeleição. Pois, embora ele aqui seja candidato, é tratado como "presidente", portanto, tudo fica como está, em seus "devidos lugares". Finalmente, segundo *Veja*, Lula teria divulgado seu plano de governo, e a cobertura é uma tentativa de consolidar a tendência das pesquisas: "***Plano pela metade****: Lula divulga um programa que não conta para onde vai o Brasil caso ele ganhe as eleições*".[1189] E destacava: "*nenhum programa de governo consegue ser exato, mas o Partido dos Trabalhadores abusa do direito de ser vago em suas intenções*".[1190] Resumidamente, é esse o sentido da "cobertura" de *Veja*, desqualificar a oposição, mantendo-se coerente com a defesa do governo, como ela já vinha fazendo. Sua cobertura mais parece uma peça de propaganda do governo federal. O resultado é conhecido,

---

1185 "Cabeça a cabeça: Lula empata com FHC e esquenta a disputa eleitoral". Veja. Expedito Filho e Policarpo Junior. 10/6/1998, p. 42.
1186 Idem. Grifos meus.
1187 Outros aspectos, como forma de financiamento e apoios às candidaturas são também tratados, como as reportagens: Começou a guerra. Veja. 17/6/1998, p. 44; Leonel e o poste. Veja. Consuelo Dieguez. 24/6/1998, p. 44.
1188 Pode ser no primeiro turno. Veja. 1/7/1998, p. 44.
1189 Plano pela metade. Veja. Ricardo Balthazar. 8/7/1998, p. 50.
1190 Idem.

Fernando Henrique foi eleito, com o aval de *Veja* para seguir aplicando o programa que ambos compartilhavam.

5.5.2. Eleições 2002: cadê o anti-Lula?

As eleições de 2002 se deram em um contexto distinto. O Plano Real já sofrera desgastes devido ao acirramento das dificuldades sociais derivadas das políticas neoliberais. A tendência eleitoral parecia ser a de escolher um candidato que mudasse finalmente o rumo. A revista tentaria amenizar a tendência oposicionista e procuraria uma desculpa na incapacidade do PSDB conseguir um nome que agregasse votos: "*Não passam de 6%. Pesquisas mostram que candidatos do PSDB à Presidência são feito tucanos*. *Só voam baixo*."[1191] Por isso já mencionava a "*inquietação no ninho: tucanos começam a exibir os primeiros sinais de apreensão com o desempenho de Serra nas pesquisas*".[1192] *Veja* insiste, entretanto, que "*a insatisfação de alguns tucanos só se explica pela impaciência, talvez até pela má vontade, pois o desempenho de Serra faltando menos de seis meses para o pleito, é plenamente satisfatório. **Na verdade, é ótimo***".[1193] Reafirmando o otimismo, a revista estampava "***O V da vitória**. A vitória do marketing: Rita entra como vice de Serra, cuja candidatura começa a superar a má fase*".[1194] Discorre sobre a "jovem e bonita" candidata, em complemento à outra matéria, em que a candidata é ricamente adjetivada (linda, vaidosa, ousada, ex-miss, encantos, imbatível): "*estranha no ninho tucano: filha de agricultor que queria ser modelo, Rita Camata aposta no social*".[1195]

Além de apresentar denúncias contra o PT,[1196] a revista apresenta sua campanha como uma "história da carochinha": "***Lulalice no país das maravilhas**: as metas do PT são generosas. Mas algumas são realizáveis só no campo da fantasia. Assim como algumas de Garotinho, Ciro Gomes e também o tucano José Serra*".[1197] As propostas "irrealizáveis" seriam: "*assegurar que o produto interno bruto cresça em média 5% ao ano, dobrar o salário*

1191 Só voam baixo Veja. Daniela Pinheiro. 31/5/2000, p. 48.
1192 Inquietação no ninho. Veja. 1/5/2002, p. 44.
1193 Idem, p. 45. Grifos meus.
1194 O V da vitória. Veja. 29/5/2002, p. 38.
1195 Estranha no ninho tucano. Veja. Thais Oyama. 29/5/2002, p. 40.
1196 O dinheiro de Santo André. Veja. 26/6/2002, p. 44. Apesar de ser uma matéria de apenas três páginas, ela recebeu a tarjeta de capa: "o caso da propina que envolve o PT".
1197 Lulalice no país das maravilhas. Veja. Mario Sabino. 31/7/2002, p. 30.

mínimo no prazo de quatro anos, reduzir a jornada semanal de 44 para quarenta horas (sem redução de salário), gerar 10 milhões de postos de trabalho".[1198] Estaria certo, segundo *Veja* que "*em política, a demagogia costuma ser um elogio que o vício presta ao pragmatismo*".[1199] Mas tanto assim seria exagero.

Interessante perceber quando se diagnosticam os problemas para os quais "não há solução": "*a situação especialmente delicada por que passa o Brasil, em que se conjugam queda de renda, estagnação produtiva, desemprego crônico e pobreza*".[1200] Para *Veja*, neles não há responsabilidades a serem apuradas, isso tudo aparece como obra do tempo, dos fatos, da história sem sujeitos, de uma natureza das coisas. Os candidatos, entre eles Lula, usariam "*fórmulas como 'vontade política', 'política industrial', ou desprivatização do Estado (a mais nova invenção de Lulalice),*". Mas, arrebata o autor da matéria de *Veja* que elas "*são tão efetivas para promover mudanças quanto '**abracadraba, leite de cabra, um dois, três**'*". Para *Veja,* "*o crescimento do Brasil é emperrado por causa do excesso de governo, e não por falta dele*".[1201] Esse argumento, aliás, não se renova, embora a revista acuse a esquerda de "bater sempre na mesma tecla". O autor completava: "*como o Leviatã brasiliense ainda continua desdentado (gasta muito mais do que arrecada), ele recorre a empréstimos bancários, pagando juros acachapantes que se tornam referência e encarecem o crédito ao setor produtivo. É possível um país crescer dessa forma*?"[1202] A mesma retórica anterior, como se não fizesse parte central da política econômica a manutenção da alta taxa de juros, essencial para atrair o capital externo especulativo para o país. Mantém-se a ideológica promessa do "crescimento", apresentado como se tivesse relação com melhorar a "distribuição". Seriamente, *Veja* expõe sua doutrina:

A Alice no país das Maravilhas tinha um biscoito mágico que a fazia aumentar e diminuir de tamanho. Já que não existe esse tipo de aditivo na vida real, a única maneira de um candidato aumentar a sua estatura, caso seja eleito, é encolhendo o tamanho do Estado. A

1198 Idem.
1199 Idem.
1200 Idem, p. 31.
1201 Idem. Grifos meus.
1202 Idem.

conseqüência seria uma maior circulação de riquezas e a multiplicação da capacidade de investimento da iniciativa privada – o que resultaria em mais empregos.[1203]

Veja era sarcástica com Lula, mas era a revista quem defendia o "conto de fadas", um mundo em que a iniciativa privada iria investir, gerar crescimento, emprego e renda, quando ocorria justamente o contrário disso, o Estado investindo em áreas que permitem o capital se multiplicar mais facilmente, como os casos das privatizações bem mostraram. A questão fundamental, agora, seria enquadrar Lula, empurrando-o para posições mais compatíveis com o programa neoliberal, portanto, Lula tinha que aprender pois: "*o capitalismo de Lulalice, enfim, não dá nem para brincar de Banco Imobiliário*".[1204] Portanto, se Lula crescesse nas pesquisas e continuasse com chances de se eleger, seria urgente definir suas funções e levá-lo a mudar suas posições "radicais" como aumentar o salário mínimo, criar empregos e diminuir a jornada de trabalho. O problema se agravava porque, para Serra "*a situação piorou*".[1205] *Veja* produziria também os parâmetros que deveriam guiar o eleitor:

Em 1998, o eleitor desejava manter a estabilidade e entendeu que deveria dar um crédito ao presidente, reelegendo-o. Agora, os eleitores querem escolher alguém que tenha capacidade de manter os avanços dos dois governos de FHC e produzir outros, especialmente na área social.[1206]

É relevante lembrar que o aprofundamento da crise do sistema do capital, especialmente na Argentina, estava sendo acompanhado por outras matérias da revista.[1207] A eleição de um candidato alinhado era apresentada como necessária, e por isso uma jogada de impacto foi a cobertura da "crise do mercado" com relação ao "risco Lula". A capa da revista apontava: "*porque Lula assusta o mercado*",[1208] e anunciava: "*a crise explodiu antes da hora: a possibilidade de o Brasil virar uma Argentina é remota. Mas é isso que anda por trás do nervosismo do mercado nas últimas semanas*".[1209] Longamente se explicava a situação, atrelando os problemas econômicos aos riscos da eleição de Lula: "*até quem deveria estar*

1203 Idem.
1204 Idem. Os outros candidatos são também descartados pela sua "radicalidade": Garotinho e Ciro Gomes.
1205 A situação piorou para ele. Veja. Mauricio Lima e Sandra Brasil. 31/7/2002, p. 34.
1206 Idem, p. 37.
1207 A vitória dos ricos na globalização. Veja. Eurípides Alcântara e Eduardo Salgado, p. 96. O império está nu. Veja. Eurípides Alcântara e Raul Juste Lores. 31/7/2001, p. 86.
1208 Capa. Veja. 19/6/2002.
1209 A crise explodiu antes da hora. Veja. Eurípides Alcântara. 19/6/2002, p. 37.

esconjurando o desastre, como o presidente Fernando Henrique e o ministro da Fazenda Pedro Malan, admitiu essa hipótese, mesmo com claros objetivo eleitorais. 'Se um presidente incompetente for eleito, podemos ter a mesma sorte da Argentina', disse FHC".[1210] Nesta conjuntura os dados da dívida não podiam ser disfarçados "*a dívida pública brasileira de 685 bilhões de reais, ou 55% do PIB*", mas foram reduzidos a uma acusação entre os lados da disputa eleitoral, não merecendo maiores apurações da revista, ao contrário: "*no jogo eleitoral passado (...) a dívida tinha o mesmo tamanho e poucos duvidavam da capacidade do Brasil de administrá-la*".[1211] Portanto, esse assunto seria descartado.

E a revista completa a ameaça com "aparente neutralidade": "*o fato de que há nervosismo eleitoral com a liderança de Lula nas pesquisas – esse é o principal ingrediente da preocupação – não torna menos dramática a agitação dos mercados. Ela é real, ela antecipa o quadro econômico que eventualmente ocorrerá no ano que vem*".[1212] *Veja* continua o patrulhamento, retomando o mote da "imagem exterior": "*o Brasil passou de novo por aquela liturgia humilhante de crise globalizada, com o rebaixamento do crédito brasileiro. O JP Morgan (...) chegou a colocar o Brasil atrás apenas da quebrada Argentina e da paupérrima Nigéria, um dos países mais corruptos e atrasados do mundo*".[1213] Não por acaso a analogia era com um jogo de futebol: "*parece uma daquelas jogadas infelizes da seleção brasileira*".[1214] O poder do banco norte-americano de julgar o país é apresentado como a "regra do jogo". E nós estaríamos tão mal, quase perdendo para a Argentina (mesmo quebrada, é a Argentina...), e para um "país africano". O texto é alarmante, comparando os riscos do Brasil com o dos outros países, aprofundando temores sem a possibilidade da vitória da oposição: "*aplicar dinheiro no caldeirão colombiano é duas vezes mais seguro que investir no gigante eternamente deitado em berço esplêndido*".[1215] O problema maior estaria no

---

1210 A crise explodiu antes da hora. Veja. 19/6/2002, p. 37.
1211 Idem.
1212 Idem, p. 38. Em outra matéria Veja explica os necessários "cuidados com o dinheiro no vendaval: os conselhos dos consultores de finanças para enfrentar a crise do momento". Veja. Luis Henrique Amaral e Sandra Brasil. 19/6/2002, p. 48. Os conselhos são: o que pode ser adiado: férias, compra de imóvel, dólar, negócio próprio, carro novo; o que deve ser reavaliado: curso no exterior, financiamento; o que é mais seguro: aposentadoria, educação, renda diária, casa própria, bolsa. Ou seja, além de manter coerência com o plano neoliberal, apresenta um programa apassivador para o mundo da classe média.
1213 A crise explodiu antes da hora, p. 37.
1214 Idem, p. 37.
1215 Idem, p. 39.

"irracionalismo do mercado", diante da ameaça eleitoral de Lula, que estaria agindo "*por instinto*", comportando-se "*como manadas. Baixam a cabeça e seguem o rebanho*":

> No derrotismo, o medo toma conta e o desastre parece iminente. 'A turbulência no Brasil tem suas causas nas incertezas políticas em relação às eleições de outubro', disse John Taylor, subsecretário do Tesouro dos Estados unidos. O FMI manifestou a mesmíssima opinião. Nem um nem outro chegou a apontar claramente Lula como o fator gerador de incerteza. Esse papel coube ao megainvestidor George Soros, cujo nome e as crises parecem andar juntos. '**O mercado vai impor José Serra'**, disse Soros ao jornal *Folha de São Paulo*. O que ele quis dizer é simples. A eleição de Lula, segundo Soros, estrangularia os investimentos externos e levaria ao Brasil à moratória antes da posse do novo presidente.[1216]

Os leitores de *Veja* eram duplamente adestrados: depois da seqüência de explicação, encerrada pela própria revista ("*o que ele quis dizer é simples*"), somente caberia concluir que "em time que está ganhando não se mexe". E aparece mais uma vez como "regra do jogo" a suposta imposição do mercado sobre a política nacional. A citação é longa mas muito elucidativa da didática do medo e da ameaça utilizada por *Veja*:

> Enquanto o Brasil depender de dinheiro estrangeiro para fechar as contas, o país estará vulnerável aos humores do mercado. Em ano eleitoral, sempre que houver a possibilidade de ganhar um candidato propenso a quebrar as regras do jogo do antecessor, essa vulnerabilidade vai aumentar. No caso atual, **o que fazer?** Os tucanos no governo deveriam segurar o jogo eleitoral **antes que ele ponha em risco a estabilidade conquistada com sacrifícios**. O PT deveria **parar de brincar de socialismo do século passado** e assumir suas **responsabilidades de partido com chances de governar** um país complexo como o Brasil. Questão dos especuladores... Bem, eles vão continuar fazendo o que sempre fizeram: procurar fragilidades em busca do lucro fácil. Nem toda boa vontade do PT ou do Vaticano conseguirá mudar a natureza dos mercados. O componente especulativo faz parte de sua natureza. Existem certas regras sem as quais o capitalismo não funciona de **forma apropriada**. A principal delas é a previsibilidade do mercado. (...) Para ser previsível, **a economia de um país deve garantir que nada mudará** nas regras vigentes e nos contratos assinados. E precisa se comprometer com a estabilização, a austeridade e a responsabilidade fiscal o princípio da previsibilidade e as bases do capitalismo sadio se evaporam quando surgem documentos como o que o PT produziu falando em 'ruptura necessária' hoje em dia, a diferença entre um governo 'de esquerda' e um 'de direita' pode ser a que quiserem seus protagonistas, mas **nenhum dos dois tem a liberdade de contrariar princípios básicos universalmente aceitos como sadios**.[1217]

1216 Idem, p. 39. Grifos meus.
1217 Idem, p. 40-41. Grifos meus.

As "regras do jogo" devem ser intocadas, no mundo de *Veja* "não há alternativas". Nada poderia surgir fora dos padrões estabelecidos e qualquer discordância seria considerada "brincadeira" e irresponsável. As regras estão postas e, na primeira possibilidade o partido governista deveria tomar as rédeas e manter o que foi alcançado para o que *Veja* muito se empenhou. As garantias para o capital precisavam ser imediatamente asseguradas, isto está muito claro. Também por isso, encerra com a fala de Luiz Carlos Mendonça de Barros: "*câmbio e taxa de juros não podem ser debatidos ideologicamente*", ao que a revista completa: "***O PT pode ir se preparando***".[1218] Portanto, era isso e pronto, não se poderia "inventar" mais nada.

O fim da história estava decretado na prática. Apesar de ser *think tank*, *Veja* não tinha meios para assegurar uma vitória de FHC. Adotaria então uma dupla estratégia: fazer a campanha ostensiva do candidato José Serra e bloquear previamente eventuais iniciativas oposicionistas de Lula. Em outros termos, produzir um anti-Lula, mesmo que este fosse o próprio Lula. A revista repisa na tecla usada nas outras eleições: "*a luta para ser o anti-Lula*", em reportagem cuja capa perguntava: "*quem vai ser o anti-Lula?*".[1219] Era como se esse papel histórico existisse simplesmente esperando alguém para ocupá-lo, mesmo que fosse ocupado pelo próprio Lula, mas a isso a revista não se conformou facilmente.[1220] A campanha seguiu, com muita pressão por parte da revista e José Serra conseguiu alcançar o segundo turno, mas quando não havia mesmo chances de se eleger, o alvo foram os "radicais", que representariam a "esquerda oculta e dissimulada" do PT. Mas desse tema trataremos no último capítulo, quando analisaremos o conjunto das manifestações contrárias à organização dos trabalhadores por parte de *Veja*.

A chave para compreender a eleição deve ser buscada em um momento anterior. Na eleição de 1989 nos referimos à crise de hegemonia do campo dominante e percebemos as influências do Fórum Nacional para apontar caminhos. A revista *Veja* assumiu o papel de divulgar esse projeto, propagandeá-lo, fazer o possível para convencer de sua necessidade e depois fiscalizar sua implementação. Em nenhum momento *Veja* baixou a guarda. A síntese

---

1218 Idem. Grifos meus.
1219 "**A luta para ser o anti-Lula**: Ciro Gomes e José Serra já estiveram lado a lado no PSDB. Agora, são inimigos e travam uma guerra aberta por uma vaga no segundo turno". Veja. 17/7/2002, p. 38.
1220 A postura da revista com relação a Lula e ao PT precisa ser melhor discutida, pois é central para entender a desconstrução de alternativas por parte da revista. Voltaremos a este tema no último capítulo da tese.

dessa atuação pode ser vista na matéria "*o teste da eleição: artigo de cientista político entregue a FHC por Olavo Setúbal fala dos riscos para a democracia após 2002*".[1221] Nela se narra que

> Na semana passada, um grupo de dez pesos-pesados da economia, como Lázaro Brandão, do Bradesco, Olavo Setúbal, do Itaú, e Jorge Gerdau, convidou o presidente para uma conversa genérica sobre o Brasil. Os presentes receberam do anfitrião, Olavo Setúbal, um artigo escrito pelo cientista político Fábio Wanderley Reis, da UFMG. Intitulado 'Brasil ao quadrado? Democracia, subversão e reforma', o texto do professor propõe uma discussão madura a respeito da solidez institucional do país. Diz ele a certa altura: 'Creio haver boas razões para reservas quanto à perspectiva de que um Lula ou assemelhado assuma o poder presidencial e o exerça sem mais até o momento de transferi-lo ao sucessor. Falta a nossa democracia passar por este teste'.[1222]

A revista complementa a informação, apontando para a "incompreensão" daqueles que logo viram nisso uma "conspiração":

> Sempre que ocorre uma reunião como a da semana passada, nas condições em que ela se deu, juntando um pedaço do PIB brasileiro com o presidente da República, sob os vapores de um texto acadêmico que define as candidaturas de esquerda como um 'teste para a democracia', há grande probabilidade de que alguém aponte o encontro como algo conspiratório, foi o que ocorreu no fim da semana passada.[1223]

As "acusações" eram especialmente de Ciro Gomes, que associou o encontro a uma reunião da Operação Bandeirantes que, conforme explicou a revista foi uma "*organização paramilitar criada em 1969 com a ajuda financeira de empresários para combater a luta armada*". A resposta vem nas palavras do presidente Cardoso "*eu estive na Oban. Fui encapuzado lá, ele (Ciro) não tem autoridade moral para falar nisso*".[1224] Para completar a revista explica o "absurdo" das acusações:

> Essa discussão, descabida e grosseira, pode ser resultado da disputa eleitoral. Nem assim insultos como os proferidos por Ciro Gomes se justificam. Fernando Henrique conversa com artistas, intelectuais, sindicalistas e economistas. Também fala freqüentemente com empresários. **Nada alarmante que tenha reunido representantes de 10% do PIB nacional num jantar para falar de política e das perspectivas do governo de fazer seu sucessor**.[1225]

1221 O teste da eleição. Veja. 25/7/2001, p. 40.
1222 Idem.
1223 Idem.
1224 Idem, p. 41.
1225 Idem. Grifos meus.

E na opinião dos empresários, segundo *Veja*, "*o governo FHC tem certas características que gostariam de ver repetidas numa futura administração, entre elas o respeito pelo equilíbrio fiscal, a batalha contra a inflação e a intenção de* ***modernizar o país***".[1226] Ora, já observamos que esse é o lema conjunto do Fórum Nacional e de *Veja*. Após dar a palavra aos empresários, de admitir a minguada chance de Serra, explica que, afinal, a "*repercussão do encontro deveu-se mais ao trabalho acadêmico do professor*" que Setúbal "*distribuiu antes do jantar mas que não chegou a ser analisado pelo grupo. O estudo não é inédito nem foi desenvolvido a pedido de empresários. Foi apresentado em maio, num* ***fórum de debates organizado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso***".[1227] Assim, voltamos diretamente ao Fórum, e a revista minuciosamente explica a posição:

> A democracia vai bem, mas ainda não passou pela prova final, que consiste em repetidas sucessões, sem crise. 'A oposição ainda não chegou ao poder. Só depois que isso acontecer poderemos ter uma impressão exata a respeito de como a sociedade vai reagir', diz ele. O professor faz algumas observações perturbadoras. Um governo de oposição conseguiria formar uma base no Congresso para superar as divergências políticas e governar com eficiência? **A população estaria disposta a tolerar um governo inoperante e amarrado diante do Congresso**? O que conclui Reis, e boa parte dos cientistas políticos, é que talvez **a resposta para esta última pergunta seja negativa**. (...) A verdade é que os três últimos presidentes que tentaram governar sem o congresso, Jânio Quadros, João Goulart e Fernando Collor, acabaram fora antes do tempo previsto.[1228]

E segue-se a mesma discussão já feita anteriormente sobre "governabilidade", exemplificando com o "problema" da Venezuela do "*coronel Hugo Chávez*". O intrigante nessa afirmação de princípios é que a cobertura da revista no período Collor apontou exatamente para o fato de que não foi a falta de apoio do Congresso que derrubou Collor. Embora este órgão tenha votado seu impeachment, antes de chegar a essa medida extrema, fizera o possível para reverter a situação e manter a "ordem", inclusive com a formação de um ministério do PFL. Os fatores que levaram ao impeachment extrapolaram as manobras protelatórias do Congresso para manter o presidente no poder. Além disso, mais uma vez é uma vaga população que aparece como sujeito dessa hipotética "história futura" que está sendo apresentada como ameaçada pela revista. Os interesses efetivos ficaram explícitos:

1226 Idem. Grifos meus.
1227 Idem. Grifos meus.
1228 Idem, p. 42. Grifos meus.

aqueles senhores que "detêm 10% do PIB nacional". Em complementaridade, um "informe publicitário" de oito páginas, do Governo Federal, BNDES e Banco do Brasil mostra o "*Real: o caminho da prosperidade*". Os "problemas sucessórios", a relação com o Congresso e a "governabilidade" (termo que aparecerá sempre de forma ambivalente, contendo uma ameaça implícita de golpe ou deposição do governo eleito, caso não se comporte conforme a agenda previamente traçada) continuam sendo assuntos discutidos e encaminhados em conjunto com o "fórum de debates do ex-ministro", o Fórum Nacional.

5.6. CONCLUSÕES PARCIAIS

A *ação partidária* materializou-se em vários momentos da atuação de *Veja*. Suas articulações mais amplas remeteram à configuração de seu Estado Maior: o Fórum Nacional, que se manteve como articulador das elaborações teóricas sobre a realidade brasileira. Estava de fundo a implantação de práticas neoliberais: a desregulamentação, a privatização, a abertura com garantias para o capital externo, as reformas constitucionais, e a deslegitimação de propostas de esquerda. Nos momentos de inflexão, as referências continuam sendo as do Fórum Nacional, o que não implica na inexistência de outros aparelhos privados de construção de hegemonia, incluindo-se de outros órgãos de imprensa. A ação dos lobbies, por exemplo, deu-se de forma paralela, vinculadas a outras formas de organização que não podem ser desprezadas e atendendo a cada uma das leis e projetos discutidos em nível nacional.[1229]

A gestão do Plano Real foi a face nacional do ideário neoliberal. A sua implantação no governo de Cardoso se deu desde sempre sob a égide da crise do capital (crise do México, da Rússia, da Ásia...). Por isso também o caráter propagandístico do plano foi sempre ressaltado. O seu suposto sucesso foi, sempre que possível, associado à "classe média", para quem a propaganda de *Veja* tem efeito mais imediato. E aqui se coloca também a figura pública do próprio presidente, sempre admirado pela revista, não como uma idolatria qualquer, mas pela personificação de um conjunto de idéias e práticas: um passado difusamente confundido com a esquerda; uma conversão total à "globalização"; a arrogância intelectual disfarçada de

---

1229 Como por exemplo, o movimento Ação Empresarial que se organizou para defender seus interesses quanto à "modernização da legislação portuária", cf: DINIZ, Eli e BOSCHI, Renato. O Legislativo como arena de interesses organizados: a atuação dos lobbies empresariais. In: Lócus: revista de história. Juiz de Fora, vol. 5, n. 1, p. 7-32, 1999, p. 23.

aguçado senso de humor; a autoridade mantida por atos de extremo autoritarismo, coroados com sua fotografia vestido de soldado na capa de *Veja*, como veremos no próximo capítulo.

As eleições foram a face do tipo de democracia de todo esse processo histórico: um "teste para a democracia". Em 1998, com a reeleição de Cardoso, o projeto ganhou nova vida, as privatizações e desregulamentação se aceleraram, os bancos lucraram como nunca. Mas em 2002 isso se tornou insustentável, e o grupo que estava no poder não conseguiu hegemonia para a manutenção de seu projeto, que passaria a ser administrado por outro.

As contradições do capital estiveram sempre presentes. Desde a posse de Cardoso, acompanhada pela crise do México e nervosamente pela "redescoberta das praias" brasileiras pelos felizes brasileiros do presidente Cardoso, até as crises mais graves da Ásia, da Rússia, do próprio Real, e por fim da Argentina. O que prevaleceu sempre foram os interesses do capital externo, discursivamente tido como panacéia, mas diretamente atendendo os interesses mais amplos: dos oligopólios e do capital financeiro, interesses estes incontestavelmente defendidos por *Veja*.

CAPÍTULO 6
GERENCIAMENTO DO CAPITAL:
construindo a "globalização"

A forma com que *Veja* se posicionou em relação à configuração do sistema capitalista nos anos 1990 é um ponto central para compreendermos o seu posicionamento editorial e sua atuação política. O programa que a revista defendeu é o próprio sistema sócio-metabólico do capital. Há nos anos 1990 a consolidação da tendência ao maior peso do setor financeiro do capital, nos parâmetros neoliberais, mas tendo que enfrentar também suas contradições.

Este capítulo tem dois objetivos: o primeiro é mostrar as construções discursivas de *Veja* acerca da "nova ordem", percebendo que a "*fumaça da globalização*"[1230] serve para desistoricizar o processo, que aparece como inexorável e portador do "moderno". Existe uma ação sistemática que busca convencer em torno da inevitabilidade e acerto dessa opção. O segundo objetivo é apontar outras formas com que a revista participou ativamente do processo neoliberal, para além da ação política já analisada. Trata-se de sua ação no sentido gerencial, indicando caminhos, mostrando modelos, exaltando a própria ordem do capital: suas personificações, suas empresas. O desemprego é tratado através do "medo da perda do emprego", para o qual sistematicamente a revista aponta suas receitas; a reestruturação produtiva aparece como uma inevitabilidade, assim como as reformas trabalhistas; a repressão aos trabalhadores é apoiada pela revista. Essas medidas defendidas têm que enfrentar também os inevitáveis riscos do sistema (crises, política externa, etc). Por isso *Veja* articula seu

---

1230 Expressão utilizada por Paulo Nogueira Batista Júnior. A economia como ela é... São Paulo, Boitempo, 2001.

discurso apologético com as formas com que propõe o "novo homem", o "novo trabalhador", que deve apenas "adaptar-se" às mudanças que aparecem como naturais.

Os porta-vozes do neoliberalismo são privilegiados, com o sentido de gerenciar o capital. A análise busca um amarramento que está em sintonia com a construção política desse processo, reforçando que a construção do consenso se deu na prática e nas suas contradições. Ao longo de toda a década, a cada embate político e revés econômico, há novas reportagens, novas entrevistas, novas busca de convencimento, que se completam com o quadro político em análise, sempre buscando consolidar a visão do capital. Aqui aparecem também conflitos com o centro do imperialismo, os Estados Unidos, na medida em que aquele país se colocou, em alguns momentos, contrário à livre expansão do capital, através de suas práticas protecionistas. Mas mais importante, daquele país, enquanto centro financeiro mundial, surgiram ameaças concretas de abalo ao sistema, nas crises da bolsa, no escândalo da Enron e da WordCom. Mais uma vez a revista gira em torno de si mesma, sem discutir o âmago da questão, como se estivesse sempre "jogando o capital pra frente", o livre mercado a tudo regularia, embora a exigência pelo próprio capital financeiro de mecanismos de regulação tenha mostrado alguns pontos nevrálgicos do sistema.

Essa análise se completará com os próximos capítulos da tese, em que serão discutidas: as formas de consolidação do imperialismo na década de 1990; o papel essencial do mundo do consumo e da mercadoria como parte indissociável do projeto econômico; os embates de classe, que são sistematicamente desqualificados pela revista, mesmo que ela própria não consiga omitir limites incontroláveis do sistema do capital.

6.1. GLOBALIZAÇÃO JUSTIFICANDO O PROGRAMA NEOLIBERAL

A "globalização" em *Veja* aparece como um fenômeno natural. Mas ela é fruto de opções tomadas com relação ao sistema econômico e político, tanto em nível local como mundial. Há um duplo movimento: no sentido de reprodução material do capital; no estabelecimento de consenso em torno de tudo que envolva esse processo, buscando destruir, relegar ao esquecimento ou desqualificar toda e qualquer contestação e idéias discordantes. O reordenamento da gestão do capital é uma resposta à queda do padrão de acumulação e reprodução, que passaria a privilegiar o capital rentista, e as conseqüências sociais geram

explosivos conflitos e reações. A busca da hegemonia neoliberal tem a função de superar os limites ao capital. E respalda-se na coerção, posto que a classe trabalhadora estará sendo atingida pela recessão proveniente das crises, o que também leva a diversas investidas para desmantelar a organização sindical. A grande imprensa dos anos 1990, e mais propriamente *Veja*, buscou amenizar, desistoricizar, justificar as mudanças que deveriam ser implementadas em nível político e econômico, sempre em nome da "inexorável globalização".

6.1.1 Globalização em Veja: sem conflitos nem contradições

Nas páginas de *Veja*, a narração da história objetiva ocultar os conflitos e as contradições, apontando para uma aparência de harmonia em que restaria aos sujeitos históricos se conformarem. Em matéria que objetivou explicar didaticamente "*o que é a globalização, que provoca tanto medo e o que se pode esperar dela*", a revista diagnosticou o que seria o "fenômeno". Para isso, rebate os críticos, embora sem nomeá-los e dar-lhes a palavra:

> A globalização é uma mudança de intensidade na indústria, no comércio, nas comunicações e nos transportes **que nem deveria estar provocando debate**. Seus primeiros movimentos começaram há décadas e o resultado final era perfeitamente previsível. O que se vê, no entanto, é a elevação de uma onda moral de indignação contra os efeitos da globalização, como se ela resultasse de uma opção ideológica (da direita, no caso) para acumular mais capital à custa do sofrimento dos trabalhadores. Trata-se de uma interpretação **perfeitamente cretina** de um movimento econômico a respeito do qual **não cabe ficar contra ou a favor**, para adotá-lo ou não de acordo com as preferências de cada um.[1231]

Um dos métodos recorrentes de imposição do Pensamento Único é a desqualificação: só os cretinos pensariam de forma diversa. *Veja* não pode negar a existência dos "críticos", mas não os nomeia, e muito menos lhes dá direito à voz, pois seu objetivo é controlar suas idéias. A revista caracteriza três elementos centrais na globalização, sempre naturalizando-os. O primeiro seria a suposta falência do Estado:

> O que se vê hoje é o Estado sem fundos para investir e as corporações com dinheiro saindo pela janela. Imagina-se freqüentemente que a onda de privatização que se espalha pelo mundo seja resultado de uma opção ideológica. Não é. Os governos

1231 A roda global. Veja. Antenor Nascimento Neto. 3/4/1996. Grifos meus.

> vendem suas usinas, estradas e serviços porque não têm mais dinheiro para bancar investimentos nessas coisas, e o setor privado tem.[1232]

Trata-se da supremacia do grande capital, que impõe como decorrência direta a necessidade de privatização para assegurar divisas a serem repatriadas. *Veja* sugere que o dinheiro está pronto para entrar no país e oculta a massa de saída de recursos, que é o intuito efetivo do tal "capital volátil", justificando sua posição pela suposta ineficácia do Estado. A segunda característica seria "a indústria". As dez maiores corporações teriam mais da metade de seus funcionários em unidades fora do país de origem, "*e 61% do seu faturamento é obtido em operações no estrangeiro*". Isso é explicado em função da mão-de-obra mais barata oferecida por esses países periféricos. Em consonância com a necessidade de privatizar, se "*no passado, quem fazia as grandes decisões econômicas eram os governos. Agora são as empresas*". Se antes as empresas corriam atrás do governo, agora caberia a este "correr atrás delas", evidentemente se submetendo a tudo o que elas impusessem. Isso seria feito em nome de uma suposta geração de emprego. Está também oculto o verdadeiro movimento: os governos devem perder sentido para a maioria da população, para ajustar-se a seus verdadeiros patrões. A única política social deve ser a do capital: apela-se então para uma suposta geração de emprego e novamente se oculta a oligopolização, força matriz do processo.

Por fim, o terceiro elemento seria "o consumidor", que "naturalmente" consome mercadorias produzidas em vários lugares diferentes, "*é um produto sem pátria, sem carteira de identidade, sem sotaque identificável*", gerando um "*mesmo padrão de consumo, comportamento, aspirações*". Novamente o econômico é visto como um ponto de partida para a "mudança de mentalidade" apontada pelos apologistas neoliberais: "*quando se fala em globalização, tende-se a destacar os aspectos da produção de riquezas e do consumo. Isso é apenas o primeiro resultado da mudança. Os processos anteriores de aceleração econômica sempre provocaram alterações em outros setores da atividade humana*".[1233] A economia se autonomiza – ela própria é apresentada como a geradora da riqueza, agindo num vácuo sem homens, numa velocidade incontrolável, com uma lógica à qual só resta obedecer. O que, como e porque se gera essa riqueza, as relações sociais de produção envolvidas estão fora de

---

1232 Idem.
1233 Idem.

questão ("não cabe ficar contra ou a favor"). Ao governo compete "fazer sua parte", "arrumar a casa", receber essas empresas, que, do início ao fim, expressam o inexorável.[1234]

Estamos diante da supremacia absoluta do econômico, apresentado como algo dissociado da sociedade, determinando a história. De acordo com *Veja*: "*o processo econômico sempre sofreu suas crises de adaptação, mas as próprias crises sempre produziram soluções*".[1235] *Veja* faz uma leitura da história como derivação do econômico, sendo um fenômeno autônomo, sem sujeitos e conflitos no próprio capitalismo, como se a economia fosse apenas um domínio específico de gráficos e dados estatísticos.

Qualquer oposição à globalização para *Veja* é apenas um "aborrecimento intelectual", o que se coaduna com as frases em destaque do ex-ministro Delfim Netto, que busca também uma ressignificação histórica:

> A globalização é a **revolução do fim do século**. Com ela, a conjuntura social e política das nações passa a ser desimportante na definição de investimentos. **O indivíduo torna-se uma peça** na engrenagem da corporação. Os países **precisam se ajustar** para permanecer **competitivos** numa economia global - e aí não podem ter mais impostos, mais encargos ou mais inflação que os outros. Antônio Delfim Netto.[1236]

Há uma relevante substituição de expressão e de sentidos. A revolução, que teria "morrido com o comunismo", resiste a morrer e é projetada, em *Veja*, para o processo econômico. Os Estados Unidos são estrategicamente apresentados como o "coração da economia global" - novamente a economia é mostrada como algo desvinculado da estrutura social - o que levaria enfim ao fim de interesses nacionais: "*observado de seu ângulo histórico, o esforço econômico tendeu para superação das fronteiras*". Em outro paradoxo, à centralidade dos Estados Unidos se agrega a suposição do fim do Estado (os governos, enfim, devem se dobrar unicamente ao capitalismo) e da nação, com o *american way of life* tornando-se o padrão universal. Mas os paradoxos e inversões não acabam aqui: o internacionalismo dos

---

1234 De forma exemplar, elogia-se o então governador do Paraná, Jaime Lerner que "sussurrou a melhor oferta" no ouvido da "dama francesa" e venceu outros governadores, levando para o estado uma fábrica da Renault: "numa dimensão muito mais ampla e mais rica, é exatamente isso que está acontecendo por todo o mundo". Idem. Ou seja, o modelo neoliberal elogia a intervenção direta do Estado na economia, o que seria uma contradição não fosse o fato de que é exatamente função do Estado atender à lógica do grande capital.

1235 Idem.

1236 Idem. Outras pessoas que deram suas posições foram: Fernando Henrique Cardoso, Sérgio Abranches, Paulo Paiva, Vicente Paulo da Silva, Maria da Conceição Tavares, Paulo Nogueira Batista Junior. A única crítica efetiva elaborada foi o risco do aumento do desemprego.

trabalhadores é travestido agora pela internacionalização do capital. A revista recupera o sentido positivo (profundamente ancorado em diferentes setores sociais) das demandas da esquerda, invertendo-lhe o sentido. Revolução, somente se for do capital e a internacionalização seria triste paródia, traduzindo agora a competição desenfreada dos trabalhadores e não sua união.

Então, a história seria regida por tendências, que viriam "*desde que a primeira aldeia fez o primeiro contato com a aldeia vizinha*",[1237] como um processo originalmente determinado. Não há alternativa no futuro, nem no passado arbitrariamente recortado por *Veja*. O lugar reservado ao trabalho – o desemprego ou a adaptação – e aos países periféricos é ajustar-se aos imperativos da economia, sem sequer esperar que tais ajustes assegurem melhores condições sociais. Em 1996, o imperativo econômico reinava absoluto em *Veja*, mas trazia poucas promessas:

> No mundo do trabalho internacionalizado, o que mais há é desemprego. E quem fica à margem desse novo giro do capitalismo está condenado ao **atraso e à miséria**. Mas **quem se adapta** a ele nem por isso se sai bem. Vide o México, que cumpriu à risca a receita ortodoxa para integrar sua economia ao mundo avançado, no contrapé, foi à lona e quebrou.[1238]

O clima dessa reportagem é a instauração do medo, todos devem "se adaptar", senão, o futuro seria ainda mais incerto. A instrumentalização da história se evidencia, pois são totalmente ocultadas as visões da própria revista sobre o caso mexicano quando ele era visto como modelo, quando *Veja* (em 1990) dizia que "*o presidente mexicano está derrotando o dragão do atraso com doses ousadas de liberalismo*",[1239] vimos no capítulo anterior que durante a crise mexicana essa versão sobre a "ousadia" é abandonada, retornando quando a crise passou.

Em dezembro de 2000, em alusão ao final do milênio, *Veja* publicou uma edição especial em que dezesseis autores foram convidados para "*analisar o mundo na virada do século*".[1240] Entre eles, destacamos Thomas Friedman e Paul Johnson.[1241] Friedman, colunista

---

1237 A força da aldeia. Roberto Pompeu de Toledo. Idem.
1238 Idem. Grifos meus.
1239 Salinas, o arauto da modernidad. Veja. Elio Gaspari. 28/2/1990, p. 42.
1240 Às portas do século XXI. Veja. 100 fatos que marcaram o ano 2000. 27/12/2000.
1241 Entre outros como: Kishore Mahbunani, Domingos Cavallo, Jared Diamond, Henry Petrosky.

de assuntos internacionais do *New York Times*, foi convidado a responder dez perguntas sobre a globalização. Segundo ele, o homem "*torna-se imediatamente um animal global*":

Tem de ser assim. Isso é uma ideologia? Isso é uma coisa que eu estou defendendo? Ou será que não passa da **conseqüência de uma tecnologia** que agora pode conectar todo o mundo ao redor da Terra de modo antes inimaginável? E isso se aplica também a todas as tecnologias que derrubaram os muros em torno do planeta. **A globalização é justamente o resultado da derrubada desses muros**.[1242]

Nessa visão é a própria tecnologia (em abstrato, como o capital) dispensando a ação humana. Ela teria o poder de "derrubar muros", ou seja, o "atraso" - em alusão ao Muro de Berlim / comunismo - ou qualquer outra barreira. Não basta apontar um caminho, tem que colocá-lo como sendo o único possível. Nessa visão, somente nações "atrasadas" como a Síria e o Iraque (porque não têm McDonald's) não "se integrariam", o que seria o motivo de alimentarem "guerras tribais". A isso completa que "*o importante é saber que de agora em diante* ***só existe um caminho a ser seguido****, o da* ***camisa-de-força dourada***".[1243] Mas, ele alertava da persistência de um problema, as "desigualdades sociais": "*se você tem elites que são tão egoístas a ponto de ignorar completamente aqueles que em meu livro eu chamo de 'os que não têm nada', 'não sabem nada', ou 'que foram deixados para trás', cedo ou tarde* ***eles irão atrás de você***".[1244] Está claramente exposto o sentido da fala, de que a luta de classes permanece, e que portanto, seria necessário tomar algumas precauções, até porque "*os pobres têm um grande potencial, uma grande capacidade produtiva que está sendo desperdiçada se continuarem à margem do mercado*". Ou seja contra a luta de classes o argumento central era o mercado. Perguntado sobre o risco de totalitarismo dessas idéias, ele remenda com um discurso apologético anticomunista:

O socialismo foi um sistema maravilhoso para fazer todo mundo igualmente pobre. Não existe sistema melhor no mundo para isso. Já o capitalismo **torna as pessoas desigualmente ricas**, ele tem a própria brutalidade, mas é um sistema que pode ser moderado. A resposta não é **retroceder ao socialismo**, mas aprender a **calibrar o capitalismo num mundo global**: seja redistribuindo renda, seja, muito mais importante que isso, promovendo a

---

1242 Idem, p. 92. Grifos meus.
1243 Idem. Grifos meus.
1244 Idem. Grifos meus.

educação entre os despossuídos. Digamos que eu precisasse emagrecer 10 quilos. Nesse caso, será que o mais inteligente seria eu cortar minha cabeça? **Regredir ao socialismo equivale em inteligência a pedir a uma pessoa em regime que perca 10 quilos e ela decida simplesmente cortar a cabeça**.[1245]

O principal a reafirmar era a destruição discursiva da possibilidade de alternativas ao capitalismo. Recoloca o tema da história, agora equiparada a velharia, ao que já não existe. O socialismo (ou qualquer contestação do capitalismo) foi maravilhoso (não o era anteriormente), mas acabou (tristeza) e ainda bem, pois socializa a penúria. Argumento semelhante está no outro texto em destaque, de Paul Johnson, aquele que "*despeja regularmente suas críticas demolidoras às esquerdas*", para destacar que "***a humanidade tem capitalismo no sangue***".[1246] O capitalismo é apresentado como a própria essência da história, como aparece destacado em um quadro:

> É uma pena que se tenha cunhado a palavra 'capitalismo', porque ela é enganadora. O capitalismo não é um sistema sonhado por filósofos, políticos ou economistas e depois posto em prática por decisão de governos. **Trata-se de um evento natural, uma peça orgânica no progresso humano**.[1247]

Associado ao argumento da engrenagem, agora é a própria história, o próprio capitalismo que aparece como um fenômeno, não da história, mas de uma suposta "evolução natural". A história deixa de ser contraditoriamente construída pelos homens, para tornar-se um fenômeno natural que existiria para além do homem, voltado para o seu "bem". Em consonância com isso ele argumenta, também em destaque por *Veja*, que:

> É impossível apontar qualquer ato do nascente governo americano, na época da fundação dos Estados Unidos e durante muitas décadas, que fomentasse diretamente o capitalismo. O que ele promovia era a **liberdade econômica e política** – e foi a liberdade que propiciou ao capitalismo na América um **parto absolutamente natural**.[1248]

Não foi por falta de opção que *Veja* trouxe Friedman e Johnson para suas páginas, em edição especial de final de milênio, mas sim em função de sua atuação organizativa e midiática em prol de um modelo concreto de capitalismo, o neoliberal. Essas concepções

---

1245 Idem, p. 93. Grifos meus.
1246 Paul Johnson. A humanidade tem capitalismo no sangue. Veja. 27/12/2000, p. 162.
1247 Idem. Grifos meus.
1248 Idem, p. 165. Grifos meus.

acerca da globalização são exemplares[1249] e dizem respeito a todo o processo histórico vivido, e a revista está buscando convencer sobre sua inevitabilidade, como fica claro na tabela abaixo, construída a partir das páginas amarelas, que dão uma idéia da repetição dessas idéias e personagens.[1250]

TABELA 1: Os porta-vozes da "nova ordem mundial"

Lech Walessa. **Venceu a civilização**. 21/3/1990. Personagem chave na luta que culminou o fim do regime comunista na Polônia. / O líder do Solidariedade acha que a derrota do comunismo é definitiva, mas admite que a transição é bem mais difícil do que imaginava.

Francis Fukuyama. **Rumo à nova ordem**. 27/2/1991. Virou assunto de coquetéis, e vários litros de tinta foram gastos em jornais e revistas do mundo inteiro para reproduzir, aplaudir e, principalmente, criticar o intelectual. / Para o teórico do fim da História, a paz e a estabilidade mundial dependem mais da unificação européia do que da guerra no Golfo.

Frank Carlucci. **Palavras de elite**. 12/6/1991. Homem de todos os instrumentos, ele é o retrato do quadro bem sucedido da elite americana. / O ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos fala sobre o futuro da União Soviética, a nova ordem mundial e seu agitado passado diplomático.

George Bush. **O futuro será melhor**. 19/6/1991. Ele tem uma sorte dos diabos. Sorte, competência e capacidade de liderança insuspeitada por quem houve (sic) pela 1ª vez sua voz um tanto esganiçada. / O presidente americano garante que tudo vai bem nas relações com o Brasil e promete transformar o continente num exemplo para o mundo.

John Updike. **A história continua**. 4/3/1992. Grande escritor; salvo pelo apoio que deu à guerra do Vietnã, a trajetória de Updike confunde-se com a do liberalismo americano. / Às vésperas de chegar ao Brasil, o escritor americano se diz perdido com o fim da Guerra Fria e acha que a idéia de revolução só acabará com o fim da pobreza.

James Buchanan. **Democracia tem limite**. 14/4/1993. Ele é o que se pode chamar de sólido conservador. / O economista americano, Nobel de 1986, critica o Estado benfeitor e diz que prefere a Constituição à democracia.

Margareth Thatcher. **A receita da leoa**. 9/3/1994. Thatcher reivindica também, com razão, um papel relevante na última pá de cal no comunismo e na arrogância de Saddam Hussein (...) A Inglaterra está mais moderna e com a economia mais ágil. / A líder que pilotou a revolução liberal na Inglaterra dá o roteiro da privatização e mostra porque governo não produz riqueza.

Maria de Lurdes Pintassilgo. **O que é progresso**. 31/8/1994. Propõe nada menos que uma completa revisão das Nações Unidas, um reordenamento do mercado livre, uma reavaliação do conceito de progresso e de modernidade científica. / Estamos vivendo a transição de um mundo bipolar (comunismo versus capitalismo) para o mundo multipolar, no qual todo um leque de países considerados atrasados possa desempenhar um papel ativo nos equilíbrios internacionais.

Adam Przeworski. **O futuro será melhor**. 18/10/1995. É um acadêmico de esquerda que vê o futuro com otimismo. Afirma que o comunismo está morto, a globalização financeira matou a social democracia e ceifou o poder do movimento sindical, e o

---

1249 Muitas outras matérias com o mesmo sentido podem ser encontradas na revista, embora não tenha sido possível quantificá-las. A recorrência nas páginas amarelas, ainda que não quantificada, reforça a importância da pauta para a revista.

1250 As tabelas desse capítulo foram construídas a partir dos textos de apresentação e lide das páginas amarelas, que são escritos ou pelo entrevistador ou pelo editor da revista. Buscou-se na apresentação as frases que mais correspondiam ao motivo que levou a pessoa a ser entrevistada. Pequenas alterações podem ter sido feitas para manter a concordância. Destacamos nas 704 páginas amarelas do período aquelas que melhor ilustravam as posições da revista sobre os temas que estamos discutindo.

desemprego industrial veio para ficar. / O sociólogo polonês afirma que os gastos sociais dão lucro e, com a tecnologia, a humanidade poderá trabalhar menos e consumir mais.
Claus Offe. **O novo poder**. 8/4/1998. Acredita que a era das ideologias terminou, que a diminuição exagerada do Estado pode ser um risco para a democracia e que está em curso uma gigantesca reforma nas relações do cidadão com o governo. Ao lado do Estado e do mercado, entidades comunitárias como as ONGs e as igrejas vão formar uma nova ordem social. / Diz que as ideologias acabaram e que o Estado, a liberdade de mercado e as ONGs vão formar a nova ordem social.
Anthony Giddens. **Há uma alternativa**. 30/9/1998. Tony Blair pode até não ser sociólogo, mas foi buscar entre os sociólogos o seu principal mentor. É um acadêmico respeitado. O que realmente o uniu a Blair foi um projeto político: a "terceira via". A tal "via" pretende ser uma alternativa tanto ao neoliberalismo quanto à social-democracia. / Conselheiro de Tony Blair, o sociólogo inglês diz que esquerda e direita têm propostas inviáveis e defende a "terceira via".
Mike Moore. **Abaixo as barreiras**. 14/6/2000. Ocupa um cargo-chave na era da globalização, é diretor-geral da Organização Mundial do Comércio. / Virou uma das vítimas prediletas das ONGs, que vivem acusando-o de ser o arauto do capitalismo selvagem.
Bill Lewis. **Razões de otimismo**. 19/7/2000. Está entre as pessoas que mais minuciosamente conhecem a economia mundial. / Coordenador de pesquisas econômicas da McKinsey diz que a globalização e o progresso econômico beneficiam ricos e pobres.
Helmut Schmidt. **Dá para controlar**. 21/2/2001. O ex-chanceler alemão propõe um controle do fluxo de capital financeiro e diz que lutar contra a globalização é inútil. / É um dos pais da social-democracia, foi também um profeta da unificação européia, cujo processo ele visualizou muito antes de outros líderes. Com a Guerra Fria no auge, Schmidt realizou a façanha de aproximar a então Alemanha Ocidental da União Soviética sem se distanciar dos Estados Unidos.
Horst Koehler. **O bode expiatório**. 13/6/2001. Chefão do FMI diz que a culpa é dos governos, mas virou moda acusar a instituição por todos os problemas do mundo. / É o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), a instituição que as ONGs escolheram como inimigo número 1.
Tony Blair. **Caos não é socialismo**. 8/8/2001. Primeiro-ministro inglês diz que a busca de justiça social e o apoio à iniciativa privada andam lado a lado. / O Primeiro Mundo estaria órfão de líderes carismáticos não fosse Tony Blair, primeiro-ministro da Inglaterra desde 1997. Advogado, ex-cantor amador de rock, aficionado das peladas de fim de semana, ele se transformou na nova cara do socialismo amigo dos negócios que passou a ser conhecido como terceira via. Ao chegar ao poder, depois de dezoito anos de governo conservador, Blair também arejou a política inglesa. No plano dos costumes, abriu espaço para homossexuais e deficientes físicos em seu ministério. No manejo da economia, não mexeu nas privatizações realizadas pela primeira-ministra conservadora Margaret Thatcher, mas fez pesados investimentos em saúde e educação. Nestes quatro anos de governo (ele foi reeleito com facilidade em junho), Blair tem-se esforçado para criar um clima favorável à iniciativa privada e atrair investimentos.
Henry Kissinger. **É mais difícil agora**. 15/8/2001. Ex-secretário de Estado diz que o mundo hoje é mais complexo do que foi na Guerra Fria, pois não há um inimigo claro. / Por quase uma década, ditou as linhas mestras da política externa americana.
Michael Bailey. **Não basta dar comida**. 22/5/2002. Dirigente de ONG inglesa defende novas regras econômicas que beneficiem países pobres. / É especialista em incomodar empresas e governos dos países ricos em defesa dos pobres do Terceiro Mundo. Ele é coordenador de comércio e investimentos da organização não-governamental Oxfam, uma das maiores do mundo, com atuação em 88 países e orçamento anual de 600 milhões de dólares. Com seu trabalho, Bailey, de 48 anos, pretende convencer os governantes e a população dos países ricos de que caridade, comida e boas intenções não são suficientes para vencer a miséria e a fome da África, da Ásia e da América Latina.
John Helliwell. **Democracia é luxo**. 4/9/2002. Economista canadense diz que o regime democrático pode custar caro para países pobres, mas que as pessoas estão dispostas a pagar o preço. / Produziu um trabalho polêmico, que já serviu de

> combustível para debates nos principais centros de pesquisa especializados no assunto.
> Nicholas F. Brady. **Não existe plano B**. 9/10/2002. O ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, que negociou no passado a dívida de 1,3 trilhão de dólares dos emergentes, diz que um plano de salvação hoje seria impossível. / É uma lenda viva no mercado financeiro. Como secretário do Tesouro dos Estados Unidos no fim dos anos 80 e começo dos 90, ele convenceu o então presidente George Bush, pai do atual, a fazer um plano de renegociação coletiva da dívida externa dos países em desenvolvimento. O rombo passava um pouco de 1,3 trilhão de dólares. Assim foi montado o Plano Brady, que permitiu aos países endividados trocar seus papéis desacreditados no mercado por outros garantidos pelo Tesouro americano, os chamados Brady Bonds. Ele tem vocação para bombeiro, mas ele não enxerga no atual cenário a mesma oportunidade de alongamento das dívidas patrocinado por ele no passado. Antes de fazer seu plano famoso, Brady foi escalado, em 1987, pelo então presidente Ronald Reagan para presidir a força de trabalho federal encarregada de reordenar os negócios com ações em Wall Street, que se recuperava de um crash. Brady, que visita o Brasil freqüentemente, é sócio majoritário da Darby Overseas, empresa fundada em 1994 com o objetivo de investir na América Latina.

FONTE: Páginas Amarelas de *Veja*. (reprodução de texto da edição da revista: lide, apresentação e título).

A seqüência desses entrevistados, os assuntos e seus posicionamentos são sintomáticos de um ponto de vista em comum. A convergência se dá mesmo que existam divergências entre eles, seus focos de ação e suas propostas sejam diferenciados. Na edição de *Veja* todos convergem para um mesmo sentido: a idealização do mundo globalizado, a instalação de uma "nova ordem mundial", que aponta para a "vitória natural" do capitalismo. Suas intervenções não são apenas apologéticas, mas buscam apontar um caminho concreto, querendo convencer da inevitabilidade de suas idéias, o que levaria a que medidas fossem tomadas para implementá-las.

Não são quaisquer depoentes esses ouvidos pela revista. Trata-se de "vozes autorizadas", que incluem grandes nomes mundiais como o presidente dos Estados Unidos e dos primeiro-ministros britânico Thatcher e Tony Blair; além deles, há intelectuais de renome mundial, e que têm vínculos orgânicos com vários estados-maiores da dominação. Há uma seqüência histórica nessas falas. No início, um "caminho para a nova ordem", em que não se tinha ainda certeza se efetivamente "o comunismo morreu". Então, o tema é abordado sob vários enfoques, para alardear a nova conclusão positiva que "o capitalismo deu certo", "a história continua" e "o futuro será melhor". Mas como essa realidade não se tornou harmônica, e apontou suas contradições, a solução foi acirrar o discurso de que os benefícios do processo seriam "para todos", igualando ricos e pobres na competição, de forma natural, desde que competitiva.

Não é apenas esse o sentido da globalização presente nestas falas. Ela está diretamente relacionada ao gerenciamento do capital, onde essas mesmas idéias chaves se repetem, com o sentido da organização. Há uma preocupação da revista em explicar, didaticamente, as formas da "globalização", reiterando caminhos para as reformas que são propostas em termos de política nacional, e que querem configurar alterações no gerenciamento do capital.

6.2 OS GERENTES DO CAPITAL "GLOBALIZADO"

Um dos elementos centrais que estamos tangenciando, que complementa a ação política *partidária*, é o próprio gerenciamento do capital. Ou seja, a atuação dos interlocutores da sistematização dessas idéias em termos práticos. Um espaço privilegiado para essa análise são também as páginas amarelas de *Veja*. Nelas existe uma ação sistemática em torno do projeto, como já apontamos nos capítulos anteriores, e que é complexa, que une falas que possuem um sentido convergente. A revista conta com interlocutores internacionais – os setores econômicos – que serão fartamente apresentados nas páginas amarelas. Sua função é pedagógica – devem corroborar, pelo exemplo de sucesso ou, simplesmente através de lições de cunho neocolonial, com o programa proposto pelo grupo Abril.

Há aqui o papel explícito de intelectual coletivo orgânico da globalização financeirizada cumprido por *Veja*. Ela agrupa ao falar, ordena os temas, convoca os depoentes e, para melhor dirigir, resume em três linhas o que interessa que os leitores retenham. A atuação se divide em: a) atitude pedagógica e sistematização da organização: explicações sobre as mudanças em curso; modelos a serem seguidos; exemplos de empresas multinacionais; b) ação política: manifestos e informações sobre projetos em curso buscando a redefinição dos papéis do Estado; c) defesa de cunho ideológico: busca do convencimento; simplificação de "exemplos históricos"; busca de exemplos de empresários bem sucedidos e lições de otimismo. Encontramos o que poderia ser sintetizado como uma "educação continuada" do mundo do capital. Esses textos são dirigidos para os gerenciadores, que expõem o caminho obrigatório para a adequação às novas mudanças necessárias à ordem. São economistas, advogados, empresários, assessores diversos sendo entrevistados, alguns dos quais são também citados em várias reportagens da revista.

Além disso, essas falas se agregam àquelas dos membros de governos, legisladores, administradores, que foram o foco de análise da segunda parte da tese, configurando uma ação conjunta. No mundo neoliberal, os limites entre esses cargos e os responsáveis pela execução da ordem do capital são cada vez mais estreitos. Nas tabelas dessa seção, foram selecionadas as principais entrevistas que ilustram os posicionamentos específicos, sempre citando o texto da própria revista nas definições.[1251]

6.2.1 Lições para o Brasil

Há uma ação sistemática dos agentes que falam em nome da ordem do capital. Em sua maioria são empresários gerenciadores, economistas sobretudo, que apontam para os caminhos a serem seguidos, em complementaridade com os capítulos sobre as relações de *Veja* e os diferentes governos neoliberais. Na primeira tabela a ordem mundial é abordada como um todo, reforçando as idéias chaves: competição, riscos, necessidade de "mudança de hábitos", mostrando o contexto no qual o Brasil deve mudar, e reforçando a "ordem". Há a utilização de expressões recorrentes, girando em torno das práticas neoliberal: competição, especulação, lições de sucesso. E essas falas não são de quaisquer defensores do capital, mas daqueles que têm um alto poder de inserção e articulação, muitos dos estados maiores mundiais. Elas convergem no sentido da necessidade de que, em nível nacional, se efetivem as mudanças necessárias para a "nova ordem". Em termos políticos, a defesa dessa organização do capital é vinculada diretamente às mudanças e ao projeto que vinha sendo implementado. Os mesmos gerentes produzem intervenções que dizem respeito diretamente à política nacional e aos entraves à abertura irrestrita, como percebemos nas entrevistas selecionadas na tabela abaixo, em que intelectuais e gerentes, nacionais e internacionais dizem quais devem ser as metas para o Brasil.

TABELA 2: A liberalização do Brasil

	Jean-Luc Lagardére. **O risco constrói**. 5/7/1989. Duas palavras estão riscadas do seu vocabulário: especulação e derrota. Um grande industrial europeu fala do papel dos empresários, analisa as relações entre dinheiro e poder **e diz que o Brasil tem jeito.** Jeffrey Sachs. **Receita de país sério**. 26/7/1989. Se tornou um desses **nomes**

1251 Para ter uma dimensão mais clara do percentual desses temas com relação ao total das páginas amarelas, ver as tabelas do capítulo dois. Embora nem todas as entrevistas que tratem de temas correlatos aos deste capítulo estejam citadas aqui, o número é bastante expressivo: são 99 entrevistas, sob um total de 704, ou seja, 14%. A elas se somam as capas e matérias da revista, que não são aqui contabilizadas.

reluzentes que rompem as barreiras do mundo acadêmico para se tornarem comentados em círculos leigos. O economista americano **diz que o Brasil deve** parar de emitir dinheiro, elevar as tarifas públicas e cobrar imposto dos ricos.
Cezar Rogério Valente. **Chega de acusações**. 4/10/1989. Transformou-se, no meio empresarial, num dos **mais combativos porta-vozes da desestatização da economia brasileira**. O empresário gaúcho diz que os homens de negócios não são responsáveis pela inflação e que o agente da crise se chama governo.
Cesare Romiti. **É preciso coragem**. 13/12/1989. Conhecido no meio empresarial italiano como "o duro", pela obstinação que põe em prática suas idéias administrativas. O presidente executivo da Fiat italiana, um dos maiores grupos empresariais europeus, diz que para sair da crise **o Brasil precisa abrir a economia.**
John Kenneth Galbraith. **A voz da experiência**. 20/6/1990. Aclamado como um dos maiores economistas deste século. / O veterano economista americano vê o Brasil com esperança, **explica o fim do comunismo e diz que o capitalismo deu certo.**
Ary Oswaldo Mattos Filho. **A bolsa no conserto**. 17/4/1991. Sua função é sempre policiar os negócios com ações. / O "**xerife" das bolsas** de valores brasileiras compara esse mercado a um paciente na UTI e estuda medidas ousadas para revitalizá-lo.
Willian Arthur Jackson. **Problemas tropicais**. 27/6/1990. É um peregrino da Esso com larga experiência em Terceiro Mundo. / O presidente da Esso reclama da burocracia, **pede normas mais claras** e conta que a matriz não entende a economia brasileira.
Carlo de Benedetti. **Dinheiro não tem cor**. 21/8/1991. Ele tem o terceiro patrimônio pessoal da Itália. / O presidente da Olivetti vem ao Brasil para anunciar novos investimentos, mas quer **garantias sobre as regras do jogo e liberdade de mercado.**
John Naisbitt. **O mundo tem jeito**. 25/12/1991. Vive de rastrear tendências no mundo dos negócios e de tentar encontrar os caminhos que as sociedades em todo o mundo estão escolhendo para chegar ao futuro. / O economista americano anuncia uma fase de prosperidade global e **diz que o Brasil pode crescer mais que os Tigres Asiáticos.**
Rudolf Höhn. **Tempos modernos**. 1/1/1992. Conduziu os destinos da empresa num dos períodos mais hostis a ela em toda sua história. / Sem o experimentalismo na economia, **o Brasil vai entrar nos eixos e pode crescer tanto quanto o México** e o Chile, aposta o presidente da IBM do Brasil.
Arthur Ryan. **Um prumo melhor**. 15/1/1992. Sorridente, alto, loiro, o americano Arthur Ryan teria todas as razões do mundo para aborrecer-se com o Brasil. / O presidente mundial do banco Chase **diz que o Brasil está consertando sua economia** e dá uma nota 9 para o desempenho de Marcílio.
Carl Horst Hahn. **Bom é na China**. 10/6/1992. Idealizou e tem a missão de levar adiante o programa de expansão da quarta maior fabricante de automóveis do mundo. / O presidente mundial da Volks diz que **a instabilidade da economia impede investimentos maiores no Brasil.**
Daniel Yergin. **O monopólio já era**. 2/2/1994. Seus livros sempre saem do forno na **hora certa.** Sua conclusão: **a privatização total ou a abertura do mercado petrolífero brasileiro traria grandes benefícios para o país. /** Um dos maiores especialistas mundiais em petróleo explica porque o Estado deve sair de campo e enumera as vantagens da privatização.
Paulo Cunha. **Sai da frente**. 10/8/1994. Entre seus pares é ouvido com atenção toda vez que se pronuncia. Suas opiniões também chamam atenção aos governantes. / O presidente do grupo Ultra diz sempre que, **se todos participarem, o Brasil pode crescer e ocupar posição entre os países desenvolvidos.**
Merton Miller. **O mundo ficou melhor**. 17/8/1994. O maior especialista acadêmico do mercado de ações. / O professor americano, prêmio Nobel de Economia, diz que a globalização do mercado torna a riqueza acessível para países como Brasil.
Albert Otto Hirschman. **A tocha muda de mãos**. 11/1/995. **É hoje um dos mais respeitados cientistas políticos do mundo**. O professor dos tucanos é aquele raro tipo de intelectual que pode ser considerado um pensador original. / Mestre de FHC, José Serra e Pedro Malan diz que agora **o progresso se dirige à América Latina**.
Rudiger Dornbusch. **Desculpa furada**. 6/11/1996. **Quando ele fala, os mercados escutam. /** O economista do MIT diz que o Brasil não voltará a crescer se o governo

ficar só se vangloriando de ter baixado a inflação.
Olavo Setúbal. **Mudança radical.** 20/11/1996. Não abre mão de influenciar na política Brasileira. / O patriarca do Itaú diz que o Brasil melhorou muito e **critica os empresários que reclamam do ritmo da abertura.**
Alice Rivlin. **É fácil enriquecer**. 26/8/1998. É a mãe de todas as reformas. Ela elevou ao nível da **obsessão a necessidade de controlar gastos públicos e equilibrar as contas dos governos**, que se tornariam uma tendência planetária na década seguinte. / **A mais poderosa economista americana** fala de crises mas garante que os países pobres nunca estiveram tão próximos da prosperidade.
Eugênio Staub. **Nós mudamos**. 9/12/1998. É coordenador do Instituto de Estudos para o desenvolvimento Industrial, Iedi, uma associação de grandes empresários brasileiros. Esses empresários giraram seu discurso em 180 graus. **Ficaram astutos**. / O dono da Gradiente diz que os empresários não querem subsídios nem dinheiro a fundo perdido, mas diálogo com o governo.
Paul Krugman. **Falar agora é fácil**. 5/5/1996. Há três anos ele já sobressaía na cena acadêmica americana como **o mais brilhante e polêmico pensador econômico americano**, atraindo na mesma medida inveja e elogios. / A nova estrela da economia diz que ninguém poderia saber o momento ideal nem a conveniência de desvalorizar o real.
Larry Summers. **A era das certezas**. 19/1/2000. Ao ser indicado foi recebido com uma mistura de alívio e receio. / O secretário de Tesouro dos Estados Unidos diz que o mundo voltará a crescer e **que o Brasil está no caminho certo.**
Kenneth Maxwell. **O futuro chegou**. 28/2/2001. O historiador inglês acha que a hora do Brasil é esta, mas o país precisa de negociadores melhores para a guerra do comércio global. / Sempre que as nações ricas querem deslindar algum mistério a respeito do Brasil chamam o historiador inglês de 60 anos. Por suas credenciais, foi convocado há cerca de um ano para chefiar uma força-tarefa de intelectuais que tinham como objetivo esmiuçar as relações entre Brasil e Estados Unidos. O estudo, financiado pelo prestigiado *Council of Foreign Relations*, foi endereçado ao presidente George W. Bush como contribuição para ele entender e dialogar com o Brasil. É um documento polêmico. Foi produzido por uma entidade que não tem ligações nem recebe verbas do governo americano. Maxwell e seu grupo expõem aos olhos dos americanos um Brasil que Washington deveria encarar com mais interesse do que faz, no sentido de alargar o intercâmbio comercial das duas nações.
Jeffrey Sachs. **Receita para crescer**. 18/7/2001. Economista de Harvard diz que o Brasil **só melhorará quando exportar produtos de alta tecnologia**. / O professor de comércio internacional da Universidade Harvard é um dos economistas mais influentes do mundo. Segundo ele, o Brasil só poderá exibir altos índices de crescimento econômico com uma mudança na atitude nacional em relação ao mundo. Argumenta que os empresários brasileiros deveriam olhar mais para os mercados externos, em busca de oportunidades de exportação, enquanto o governo precisaria investir pesadamente em educação e na atração de companhias de alta tecnologia. Sugere que o governo crie uma estratégia tecnológica e diz que a sociedade brasileira deveria colocar-se como meta ter metade dos jovens nas universidades em 2020.
Michael Porter. **O ritmo ainda é lento**. 5/12/2001. O americano especialista em economias emergentes **diz que o Brasil é um país notável, mas precisa tornar-se mais eficiente. /** Sem alarde, a empresa americana de consultoria Monitor Group, que **tem entre seus sócios o guru um dos mais requisitados em todo o mundo,** instalou, recentemente, uma filial em São Paulo. Especializada em economias emergentes, com mais de 700 consultores espalhados por trinta cidades no globo, a Monitor enxerga boas oportunidades no Brasil.
Robert Zoellick. **O czar do comércio.** 24/4/2002. Americano afirma que não há contradição entre os EUA pregarem o livre comércio e adotarem medidas protecionistas. / É o principal **assessor do presidente George W. Bush** para assuntos de comércio e o negociador-chefe de seu país em todas as questões envolvendo os negócios internacionais. Ou seja, é o **homem com quem o Brasil deve discutir as barreiras americanas às exportações brasileiras**. Em qualquer ocasião, ele defende a tese de que a integração econômica não apenas é a base da prosperidade, mas também da democracia e da liberdade. Em visita ao Brasil na semana passada, precisou de toda a sua habilidade para justificar a proteção dada

pelo governo Bush aos fabricantes americanos de aço, que desencadeou protestos no mundo inteiro. Aos 48 anos, ele vive com a mulher na região de Washington e tem como passatempo correr.

FONTE: Páginas Amarelas de *Veja*. Grifos meus. (reprodução de texto da edição da revista: lide, apresentação e título).

Estas falas se constituem verdadeiras intervenções políticas. Elas visam a ação concreta, articulando o mundo mais amplo, a idéia da "globalização" e as mudanças necessárias para o mundo empresarial, ou seja, para o capital. Os porta-vozes provêm de organizações estatais ou empresariais, experientes na aplicação dessas medidas "custe o que custar". São portadores da exigência de abertura para os interesses do capital transnacional, definindo as mudanças que o Brasil deve fazer para que o capital tenha livre trânsito no país. As questões centrais são as formas de controle das contas públicas, as privatizações e a abertura total ao capital externo, ou seja, o padrão neoliberal de gestão.

Elas acompanham de perto os processos políticos nacionais, como no exemplo da entrevista do presidente da Fiat, que nas vésperas das eleições presidenciais de 1989 dizia, em nome de "*um dos maiores grupos empresariais europeus"*, que *"para sair da crise* ***o Brasil precisa abrir a economia*****"**.[1252] E depois, seguem um sistemático acompanhamento e avaliação do próprio governo Collor, onde se avaliava que "está melhorando", mas exigindo garantias para o capital externo se instalar, projetando que o Brasil poderia até crescer "mais que os Tigres Asiáticos", ou seja, sem qualquer visão sobre os previsíveis riscos desse tipo de crescimento. Esse acompanhamento persiste no governo de Itamar Franco, como expresso na fala de Yergin, "***a privatização total ou a abertura do mercado petrolífero brasileiro traria grandes benefícios para o país*****"**, que busca interferir indiretamente no processo de privatização da Petrobrás. A mesma atitude se repete com relação aos governos de Cardoso, sempre cobrando maior ênfase na desregulamentação e liberalização, ainda que mostrando alguns conflitos internos na forma dessa abertura, mas apontando os avanços dos empresários que "ficaram astutos". A mensagem que prevalece é o otimismo, o que só seria possível se o país se mantivesse "no rumo", como vimos ser repetido inúmeras vezes na defesa do governo de Cardoso.

1252 Cesare Romiti. É preciso coragem. Páginas Amarelas. Veja. 13/12/1989.

6.2.2 O modelo transnacional

Como estamos observando, é sistemático o uso das páginas amarelas para dar voz às grandes empresas capitalistas, seus intelectuais e gerenciadores, para combater os entraves ao capital internacional no cenário brasileiro, e defender a idéia de que essa seria também uma solução para os "problemas nacionais", difundindo a ideologia de que a riqueza e o capital trariam como num passe de mágica a solução para os demais problemas nacionais. As falas são igualmente explícitas quanto ao sentido da abertura econômica indiscrimidada, tendo em comum o fato de serem de representantes diretos, proprietários, executivos, presidentes de algumas das maiores empresas transnacionais e que proclamam lições de otimismo para uma vida social em crise. Por isso se reforçam os exemplos e os caminhos, como se observa na tabela abaixo, que também reproduz, como as demais deste capítulo, o texto da própria revista.

TABELA 3: Gerentes transnacionais e capitalistas: exemplos bem sucedidos e lições para a adversidade

Michel Pinot. **Um estilo premiado**. 30/5/1990. Vai realizar a proeza de sair de executivo de uma multinacional filial brasileira direto para a organização geral da organização. / O Carrefour dobra de tamanho em cinco anos, seu presidente é promovido para a direção mundial do grupo e diz que investirá mais no Brasil.

Bill Gates. **Palavra de bilionário**. 1/4/1992. É o homem mais rico dos Estados Unidos, o milionário mais excêntrico e o gênio mais produtivo. / Homem mais rico de seu país aos 36 anos, o gênio da informática liga pouco para o dinheiro e prevê a troca do computador pessoal por telas de uso público.

Luciano Benetton. **Achei a mina de ouro**. 18/8/1993. O ex-vendedor de magazine comanda a maior fábrica de roupas do planeta. / O dono da maior indústria de roupas do mundo fala de negócios e boas idéias, de sua propaganda de alto impacto, do Brasil e de Cuba.

John Smith Jr. **Economia de guerra**. 10/11/1993. Assumiu a presidência da GM no ano passado por imposição dos acionistas que, atônitos, viam sumir pelo ralo um gigante que faturou 123 bilhões de dólares em 1991... / O presidente mundial da General Motors diz que foi um erro pedir proteção contra os japoneses e só a eficiência salvou a empresa.

Antonio Ermínio de Moraes. **Ser rico é duro**. 2/3/1994. Quem diria. O empresário AEM, um dos homens mais ricos do Brasil, com uma fortuna de 1,5 bilhão de dólares, à frente de quase uma centena de empresas, que faturam 3,2 bilhões de dólares no ano passado, um sujeito sério e sisudo, virou um artista. / O dono da Votorantim escreve uma peça de teatro sobre as agruras da vida de empresário e diz que votará em Fernando Henrique para presidente.

Bill Gates. **A estrada do futuro**. 13/9/1995. (As páginas amarelas são ocupadas por oito paginas, de trechos do livro de Gates, que também ganhou a capa da revista).

Steven Ballmer. **Outro paranóico**. 19/2/1997. Discorreu sobre a Internet, o futuro da computação e a importância de ter paranóia em relação à competição. / Apontado por Bill Gates como seu sucessor, o principal executivo da Microsoft diz que Internet ainda demora a dar lucro.

Edson Vaz Musa. **Lições da queda**. 12/11/1997. É um especialista em dificuldades. Reputado como o executivo brasileiro de maior projeção internacional quando dirigiu por dez anos a Rhodia... Hoje vende seus serviços de timoneiro para empresas problemáticas. / O empresário diz que as reformas do governo são tímidas e que o real só será estável quando o brasileiro economizar.

Douglas Ivester. **O mundo tem sede**. 20/10/1999. O destino jogou no colo dele um enorme desafio – ser o sucessor do lendário presidente mundial da Coca Cola. / O

presidente mundial da Coca-Cola prega o otimismo e diz que a economia global vai decolar em breve.

Nobuyuki Idei. **O pai da invenção**. 23/5/2001. Sucessor de Morita na Sony promete revolucionar o conceito de lazer e criar robôs para ser amigos eletrônicos das pessoas. / A Sony é responsável por três dos cinco eletrônicos que arrasaram nas prateleiras das lojas nos últimos cinqüenta anos. Hoje, essa corporação gigantesca, com 180.000 funcionários em sessenta países e faturamento anual de 58,5 bilhões de dólares.

Michael Bloomberg. **Eu quero Nova York**. 11/7/2001. O bilionário dono da Bloomberg quer ser o próximo prefeito de Nova York bancando a campanha com o próprio dinheiro. / Aos 59 anos, não satisfeito em possuir uma fortuna estimada em 4 bilhões de dólares, pilotar o próprio helicóptero, chefiar 7.200 funcionários e abastecer a cada minuto os mercados financeiros de mais de 100 países com informações de sua agência de notícias econômicas e políticas on-line, quer ser o próximo prefeito de Nova York.

Andrea Jung. **Beleza sem fronteira**. 1/8/2001. A presidente da Avon conta que a vaidade é o bem mais globalizado do mundo, não importam a cor, o país ou a renda das pessoas. / Como mãe, a canadense tem duas preocupações. Uma delas é que sua filha adolescente não se sinta melhor do que as outras por causa do dinheiro e do poder que mamãe possui.

Richard Wagoner Junior. **Só gigantes sobrevivem**. 20/2/2002. Em pouco tempo de trabalho, recolocou a GM na liderança do setor. / O presidente da General Motors, líder mundial na fabricação de carros, diz que as multinacionais não querem dominar o mundo, mas a tendência é que elas se tornem cada vez maiores.

Marc Lewis. **O sucesso do pecador**. 13/3/2002. Sua fortuna é estimada em 14 milhões de dólares. Mas não vai optar pela vida mansa, pois é viciado em trabalho. Dono de uma cadeia de restaurantes e de uma empresa de marketing esportivo, Lewis lançou há duas semanas um livro que se tornou fenômeno de vendas na Inglaterra. Em *Sin to Win* (Pecar para Vencer), defende que o segredo do sucesso é cometer os sete pecados capitais. Para ele, orgulho, preguiça, luxúria, gula, avareza, inveja e ira são características de pessoas bem-sucedidas. Em 2000, teve a conta bancária turbinada pela venda da Web Marketing, sua agência de publicidade, por 30 milhões de dólares.

David Neeleman. **Voar bem e barato**. 15/5/2002. Em meio à crise mundial da aviação, o brasileiro que dirige a americana JetBlue tem um modelo vitorioso que combina tarifa baixa e bons serviços. / O céu parece estar azul para pouquíssimas empresas, entre elas a JetBlue Airways, com sede no aeroporto JFK, em Nova York, que decolou seu primeiro avião em fevereiro de 2000. Hoje a companhia tem 27 jatos Airbus A320, todos idênticos, e um lema: cobrar sempre a metade do que cobram as concorrentes. No mês passado, a JetBlue deu um passo formidável e em geral arriscado. Ela abriu o capital na Bolsa de Valores de Nova York. Foi um sucesso. As ações galoparam 67% logo no primeiro dia, um recorde em Wall Street desde o estouro da bolha de internet em 2000.

Michael Dell. **O mago do computador**. 26/6/2002. O dono da maior empresa de PCs do mundo fala de novidades e dá dicas para o Brasil se tornar uma plataforma de exportação. / Fundou a Dell Computer Corporation em 1984, aos 20 anos, com o investimento de míseros 1.000 dólares. Hoje comanda um império que fatura 31,2 bilhões de dólares por ano, valor comparável ao PIB de um país pequeno, como o Marrocos. Com uma fortuna avaliada em 11 bilhões de dólares, está colocado em 18º lugar no ranking mundial dos bilionários. Mesmo com a responsabilidade de administrar 34 800 funcionários, aos 37 anos Dell não perdeu o ar jovial.

Jay Berman. **Chega de pirataria**. 17/7/2002. O presidente da associação internacional de companhias de discos diz que o comércio clandestino saiu de controle no Brasil e pede reação enérgica do governo. / Em meados do mês passado, o americano, presidente da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, em inglês), associação que representa os interesses das maiores gravadoras do mundo, desembarcou no Brasil para pedir empenho do governo na luta contra a pirataria. "As gravadoras multinacionais estão chegando à conclusão de que não vale a pena investir no Brasil", lamenta.

FONTE: Páginas Amarelas de *Veja*. (reprodução de texto da edição da revista: lide, apresentação e título).

Semana a semana essas idéias são naturalizadas nas páginas de *Veja*.[1253] Os interesses das empresas transnacionais são apresentados como sendo os da própria "nação brasileira". Essas falas têm como objetivos: valorizar os exemplos de capitalistas bem sucedidos, e repetir que apesar das adversidades (eufemismo para falar da verdadeira barbárie no Brasil, com o aprofundamento das já gritantes desigualdades) há que persistir e seguir na abertura subalternizada de mercados; mostrar os avanços tecnológicos como remédio para todos os males (sem falar dos males que ela gera) e de estimular a reprodução do próprio capital, citando os milhões de dólares acumulados e a reversão ao capital financeiro como medidas certas para o sucesso; mostrar como exigências naturais aquelas necessárias ao capital, como no caso explícito da indústria fonográfica. Com isso, diz estar em sintonia com o "mundo globalizado", seus padrões de consumo e de organização do trabalho, pois há também o sentido de gerenciamento das novas organizações do trabalho, especialmente da formação dos novos executivos, que esse "novo mundo" enseja.

O corolário disso no Brasil seria a venda das empresas brasileiras para o capital externo, sempre apresentadas como vantajosas, como exemplo da Arisco.[1254] Disso *Veja* conclui que a "burguesia brasileira" seria mais conservadora e estaria deixando de reinvestir seu capital para viver de rendas. Em uma "pesquisa exclusiva", a revista deu manchete de capa:

> Destino dado pelos empresários brasileiros ao dinheiro que ganharam com a venda de suas empresas às multinacionais: 62% depositaram todo o capital no banco, e vivem de juros; 20% viraram "empregados" das companhias que possuíam; 18% abriram uma nova empresa, aplicando apenas 30% do capital que receberam com a venda.[1255]

Os dados são bastante enfáticos, e ajudam a perceber a dimensão da abertura do capital nacional:

> Nos últimos seis anos, 1.100 empresas privadas brasileiras foram compradas por multinacionais. A história do capitalismo registra poucos processos de transferência de controle tão intensos quanto esse, num prazo tão curto houve vendas em 34 setores da economia, entre os quais a agroindústria, alimentação, autopeças, embalagens, eletroeletrônicos, produtos químicos, metalurgia, supermercados,

---

1253 Se tomarmos apenas as entrevistas citadas neste capítulo, teremos que no período pesquisado, a cada sete semanas, uma forma diversa de gerenciamento foi trazida por Veja, apenas nas páginas amarelas.
1254 O tempero deu certo. Veja. David Friedlander e Franco Iacomini. 1/7/1998, p. 140.
1255 Capa. Veja. 24/5/2000.

> tecelagem. Símbolos da indústria brasileira como a Cofap, a Metal Leve, a Arisco e a Arno passaram a ostentar, respectivamente, bandeira italiana, alemã, americana e francesa. O processo de troca de controle produziu efeitos variados sobre a economia.[1256]

A principal conseqüência apontada, a partir do direcionamento do capital por parte dos antigos proprietários é que: "*criou-se assim, uma situação paradoxal. O empresário estrangeiro, freqüentemente acusado de rapinar a riqueza pátria, injetou uma quantia gigantesca na economia brasileira para adquirir as fábricas. Já o empresário brasileiro pegou o grosso do dinheiro, depositou no banco e está vivendo de renda*".[1257] Observe-se que não encontramos nenhuma pesquisa da revista que buscasse mostrar as mudanças nas condições de produção que esse capital passou a impor às antigas empresas brasileiras, os lobbies com relação à legislação e à política econômica e as formas de remessas de lucro. Interessa a ela apenas mostrar a "rapinagem", que ocorreria "ao contrário" do discurso corrente, pelo próprio empresário brasileiro, enquanto o capital estrangeiro seria o que atuaria produtivamente.

Esta apresentação ideológica oculta várias manifestações sociais contrárias à abertura de capital daqueles que a rejeitam como um todo,[1258] ou dos que criticam a forma ampla com que se deu. Neste campo estariam diversos setores da burguesia brasileira. A revista está respondendo a um problema que ela própria já havia colocado ao falar da "*Chuva de dólares: o Brasil bate recorde em investimento estrangeiro, e os nacionalistas se assustam*".[1259] A expressão "nacionalista" adquire cunho negativo dado pela revista como aquilo que se seria contra "a modernidade":

> Os neonacionalistas brasileiros estão à esquerda de Fidel Castro. É uma posição desconfortável. Irracional ou não, fora de época, saudosista ou nostálgica, é inegável que o nacionalismo está flutuando numa maré montante no Brasil neste arvorecer do terceiro milênio. Banqueiros reclamam da internacionalização do sistema financeiro. Industriais levantam a bandeira brasileira contra concorrentes externos que se instalam no país. E também bradam contra a liberação da importação de produtos alienígenas. É um movimento curioso porque é liderado por

---

1256 Está quase tudo a juros no banco. Veja. Daniela Pinheiro e Eduardo Oinegue. 24/5/2000, p. 42.
1257 Idem, p. 43.
1258 É relevante lembrar que neste momento histórico ganhava força a consigna "Fora FHC! Fora FMI!", assumida por boa parte dos movimentos sociais.
1259 Chuva de dólares. Veja. 2/2/2000, p. 116.

> gente esclarecida, empreendedores capazes, que construíram a potência industrial e financeira é o Brasil do ano 2000.[1260]

Fica explícito que esse projeto por ela defendido não responde aos interesses de todo o capital, mas das parcelas diretamente vinculadas ao capital externo. As reformas trabalhistas e a reconfiguração do trabalho, estas sim atendem ao conjunto da burguesia, o que permite unificá-las sob os padrões de hegemonia mais amplos. Os setores beneficiados com esta política ficam ainda mais visíveis ao percebermos quais são as personificações do capital exaltadas, principalmente dirigentes das grandes corporações multinacionais, que são os principais nomes privilegiados nas páginas amarelas.[1261]

6.2.3. As personificações do capital

> O capital precisa de personificações que façam a mediação (e a imposição) de seus imperativos objetivos como ordens conscientemente exeqüíveis sobre o sujeito real do processo de produção.[1262]

Os grandes capitalistas sao expostos por *Veja* como sendo verdadeiros exemplos de pessoas que "deram certo", "alcançaram o sucesso", o que ocorre em sintonia com a naturalização da riqueza e do "mundo dos ricos", que veremos no capítulo oito. A tabela abaixo mostra alguns desses casos destacados nas capas por *Veja*,[1263] o que está em complementação com as demais seções da revista.

TABELA 4: Exemplos de homens "de sucesso" (em matérias e / ou matérias e capa)

CAPA (quando se refere à reportagem)	**REPORTAGEM**
O MICREIRO DE 13 BILHÕES DE DOLARES. Aos 39 anos,	O HOMEM QUE FICOU RICO VENDENDO IDÉIAS. Embalando imaginação e talento em disquetes, o micreiro Bill Gates junta 13 bilhões de dólares e se torna o maior bilionário do mundo.

1260 Idem, p. 118.
1261 O que se dá sempre em conjunto e complementação com o "mundo do espetáculo", como veremos no capítulo oito.
1262 MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp, 2002. p. 126.
1263 Os dados apresentados no capítulo dois mostram que capitalistas e grandes empresários foram capa da revista 67 vezes no período da pesquisa (9,37% do total de 715). Isso significaria que se essas capas estivessem em seqüência, 16,75 meses, ou mais de um ano e 4 meses.

o gênio dos computadores Bill Gates vira o homem mais rico do mundo.	Eurípedes Alcântara, 12/7/1995
A IMINÊNCIA PARDA DA ECONOMIA. O estilo imperial do comandante do Bradesco, Lázaro Brandão, que aconselha ministros e pode salvar ou quebrar empresários. Exclusivo. O Bradesco anunciará o maior lucro da história da empresa privada no Brasil	O IMPERADOR DO BRADESCO. Quem é Lázaro Brandão, chefe da empresa privada de maior lucro na História do país. David Friedlander. 22/1/1997
	O HOMEM DA VALE. Quem é Benjamin Steinbruch, o empresário que arrematou a superestatal brasileira. David Friedlander e Virginie Leite. 14/5/1997
	SALÁRIOS DE 1 MILHÃO. O Brasil já tem um time de executivos que recebem contracheques milionários. Leonardo Loyola. 9/6/1999
	A SAGA BILIONÁRIA DOS SAFRA. Doente, Edmond Safra, o megabanqueiro naturalizado brasileiro, vende seu império. Eliana Simonetti, 19/5/1999
	FINAL TRÁGICO. Um dos maiores banqueiros do mundo, Edmond Safra morre asfixiado num assalto. Eliana Simonetti, 8/12/1999
LIÇÕES DE VIDA DO EMPRESÁRIO MAIS BEM-SUCEDIDO DO MUNDO. Chega ao Brasil a autobiografia	O CAPITAL SEGUNDO JACK. O mais influente líder empresarial do século XX lança sua autobiografia, um manual de sobervivência na selva do capitalismo escrito por seu mais feroz competidor. Eurípedes Alcântara. 12/9/2001.

	de Jack Welch, o executivo do século. O mais esperado livro de negócios da história é um manual do sucesso pessoal e profissional. Tarjeta: Exclusivo. Jack Welch fala a VEJA

FONTE: Capas e reportagens de *Veja*. Reprodução de textos da revista.

A trajetória desses "homens de sucesso" mostra um cinismo peculiar: "*sou um homem de negócios apenas 10% do tempo. Não colocaria essa qualificação no meu cartão de visitas*",[1264] é uma das frases de destaque de Bill Gates que já fora entrevistado nas páginas amarelas. Este é um espaço também para a fetichização dos processos produtivos. Há um quadro que explica o "*valor da idéia*", e o "*valor da matéria*" apresentando a "*gramática quase humana*" que transforma a idéia na venda de um produto. Na narração desse processo cujo único sujeito atuante identificável é a Microsoft, o trabalhador é subsituído pela empresa:

> 1. Petróleo e minérios de ferro são extraídos; 2. O petróleo é refinado e o minério de ferro passa por um processo de concentração e purificação; 3. Do petróleo extrai-se o benzeno e do minério vêm o aço e uma substância oxidável que... 4. Servirão de matéria-prima para os disquetes. Com derivados do petróleo fabricam-se as partes plásticas do disquete, com aço são feitas as partes móveis e com a substância oxidável, a superfície de gavação; 5. A Microsoft grava em quinze disquetes os milhões de linhas do código do programa Windows 95; 6. Os disquetes são montados, embalados e despachados para as lojas; 7. São necessários 19,5 dólares para fabricar os quinze disquetes em que stá gravado o conteúdo do programa Windows 95.[1265]

Tudo é ordenado para convencer que o preço é muito baixo, depois de tanta transformação que a matéria sofreu. Todo o processo de produção aparece quase autônomo: extrai-se, refina-se, servem, são feitas... de fato, o único sujeito nomeado é "a empresa", como

---

1264 O homem que ficou rico vendendo idéias. Veja. Eurípedes Alcântara. 12/7/1995, p. 86.

1265 Idem, p. 90-91. Para uma visão crítica das relações de trabalho na Microsoft ver: KLEIN, Naomi. Sem logo. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003. A autora mostra que a maior parte do trabalho na empresa se sustenta em trabalhadores temporários e terceirizado, em situações precárias, que não têm os mesmos direitos trabalhistas que os efetivos "produtores de idéias" da empresa. Cap. 10: Ameaças e trabalho temporário: do trabalho a troco de nada à "nação do agente livre".

se ela sim, "gravasse" e possibilitasse a maravilha teconológica aos seres humanos que, por "tão pouco", poderiam adquiri-la. Exatamente a suposta perda da base material da produção que a revista quer ressaltar, mostrando uma produção sem sujeito, como se isso fosse possível, o que é mais uma forma de mostrar esas "leis" como naturais. Há um tom de otimismo, que pode ser visto também na fusão entre a AOL e a Time Warner, "*o maior negócio da história do capitalismo*",[1266] trazendo a idéia de que esses negócios vão sempre crescendo, ultrapassando sempre seus próprios limites. E novamente traz o que seria um darwinismo: "*pela escala biológica da selva do capialismo, o comprador deveria ter sido a quase centenária Time Warner*", mas "*o mouse que ruge da nova economia engoliu o leão da economia tradicional e antecipou o futuro*".[1267] Tudo é disposto de forma a confirmar a tese da globalização, como se a realidade passasse a se conformar com tal teoria:

> Junto com a internet, estaria sendo criado também um modo de produção e de distribuição de riqueza completamente distinto das formas de fazer dinheiro conhecidas e aperfeiçoadas pela humanidade no decorrer do século que terminou. Tinha-se a base teórica e uma série de evidências aqui e ali, inclusive um número crescente de negociações em torno da rede. Havia uma sensação no ar de que algo muito sério estava ocorrendo nas engrenagens planetárias. O que faltava era um irrefutável exemplo material, um acontecimento que pudesse ser encarado como um divisor de águas entre o velho e o novo.[1268]

Assim, a realidade passa a ser definida a partir de um exemplo. Nesse universo das corporações, estaríamos portanto diante de um "novo mundo", e sem sujeitos. As "engrenagens do planeta" seriam movidas por essas forças, e não mais por seres humanos, por lutas sociais ou por conflitos de classe. Este tema envolve os interesses diretos do grupo Abril, que usa fibras óticas para a transmissão de internet a cabo pelo seu provedor Ajato, e também por associação com o Grupo Folha, na manutenção do provedor de acesso UOL.[1269]

Também relevante é a reportagem sobre Jack Welch, propaganda explícita de sua biografia lançada no Brasil (portadora de muitas "lições"). Segundo a narração, ninguém poderia escapar dele:

> Quem não gosta de computador pode muito bem viver sem nunca colocar as mãos em um produto da Microsoft de Bill Gates. Para aqueles que não tomam

---

1266 O mouse que ruge. Veja. Ricardo Galuppo. 19/1/2000, p. 98.
1267 Idem, p. 99.
1268 Idem, p. 100. Grifos meus.
1269 Dados da própria reportagem, p. 100 e 101.

> refrigerante, Coca Cola pode ser apenas um rótulo onipresente mas distante. Do império Disney fogem as pessoas indiferentes aos orelhões do Mickey. Os carros europeus, japoneses e coreanos há tempos vendem mais que os americanos da Ford e da General Motors. Ninguém escapa, porém, de Jack Welch e sua General Elctric, reiventada por ele, são atualmente os símbolos mais acabados da força do capitalismo e da supremacia do estilo de vida americano no planeta.[1270]

Reitera-se, mais uma vez, todos os preceitos do sistema do capital. Para *Veja*, não há como escapar dele, não há para onde fugir: "*quem quer que acenda uma lâmpada, faça uma ligação telefônica, coloque uma garrafa de vinho branco na geladeira, ligue a televisão, viaje de avião a jato ou precise fazer um raio X de um osso terá interagido com um produto GE*".[1271] Este homem, visto como "um em um milhão", é mostrado como um exemplo a ser seguido. E a explicação para a sua singularidade estaria no fato simples de que ele "*entendeu a alma humana*".[1272] Portanto, se colocaria acima de todos os ensinamentos gerenciais, ele teria o dom de conhecer, de fato, o que seria a "essência humana". E esta, como mostrou a citação acima, estaria inevitavelmente vinculada ao consumo e às corporações. Mais que isso, como num "supermercado que vende palavras", a capa, a matéria e uma entrevista, há quadros que destacam as idéias do capitalista:

> "O erro é do jogo. Trágico é não tentar".[1273]
>
> "Sinceramente, o Brasil e a América Latina estão marcando passo. Outras regiões são muito mais dinâmicas".[1274]
>
> "Mudanças não ocorrem simplesmente com slogans e discursos. Elas só acontecem quando se colocam as pessoas certas nos lugares certos".[1275]
>
> "Gerenciar pessoas é garantir que ninguém tem a segurança de ficar no topo para sempre. Todos devem conquistar continuamente seu lugar ao sol e demonstrar a toda hora que fazem jus à posição".[1276]

1270 O capital segundo Jack. Veja. Eurípedes Alcântara. 12/9/2001, p. 111.
1271 Idem. Cuidadosamente, o autor "esqueceu" de se referir aos mortos nas guerras do século XX, vítimas de armas que também usam da tecnologia GE, como aponta, por exemplo: KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, EDUSC, 2001.
1272 O capital segundo... p. 114.
1273 Idem, p. 118. Para além da apologia, os modelos são circunstanciais. Quando a crise das bolsas atinge em cheio as grandes corporações em 2002, Jack Welch é citado pela revista como um exemplo que já precisaria mudar: "o culto à personalidade do líder empresarial acabou. As decisões tendem a ser colegiadas e transparentes". O império está nu. Veja. Eurípedes Alcântara e Raul Juste Lores. 31//2002, p. 91.
1274 Idem.
1275 Idem, p. 116.
1276 Idem, p. 117.

Essas frases de efeito costuram um sentido claro: lições sobre como gerenciar o capital à luz dos "novos tempos". Corroboram para a consolidação das grandes corporações, em sintonia com a posição de *Veja*. Nos capítulos anteriores vimos que uma das justificativas para as privatizações de empresas públicas brasileiras sempre foi a crítica ao seu poder de monopólio, ilustrado pelo caso da Petrobras. A formação de verdadeiros oligopólios por parte do grande capital, no entanto, é vista como o único caminho possível, elogiando sobretudo as suas personificações, ligadas ao grande capital, à informática, ao capital bancário e financeiro, à indústria do aço e do entretenimento.

6.2.4 As corporações, ou o elogio dos monopólios

As personificações do capital têm também um sentido idealizador, ao permitir atribuir à ação de "grandes homens" a manutenção da acumulação (que nunca aparece como tal). Um exemplo disso está na notícia sobre a criação do Citigroup, "*o maior negócio de todos os tempos*", nascido da união do Citicorp e do Travelers que "*unem-se para formar a instituição financeira mais poderosa do planeta*".[1277] A narrativa, que traz no título a comparação com o *Superman*:

> Quando John Reed, presidente do Citicorp, e Sanford ("Sandy") Weill, seu colega do Travelers Group, começaram a explicar como as duas empresas pretendem unir-se para formar o maior conglomerado financeiro do mundo (...) a transação valia 70 bilhões de dólares. Quando acabaram de falar, menos de duas horas depois, o preço das ações das duas companhias tinha subido e, somadas, elas valiam 83 bilhões de dólares.[1278]

Os dados mostram a espantosa concentração que esse grupo viria a exercer: "*terá 100 milhões de clientes em mais de uma centena de países e administrará 700 bilhões de dólares em depósitos e investimentos. Se fosse um país, o Citigroup seria um dos mais populosos e ricos do planeta*".[1279] Estes fatos nos dão a dimensão da idéia cara à "globalização" de que o

---

1277 É um pássaro? Um avião? Não. É o CITIGROUP. Veja. Eurípedes Alcântara. 15/4/1998, p. 110. A reportagem traz dados sobre outras fusões bilionárias, por ordem de valores: 41 bilhões, WorldCom x MCI (telecomunicações, 1997); 34 bilhões, Mitsubishi Bank x Banco de Tóquio (finanças, 1996); 31 bilhões, Kohlberg Kravis Roberts x RJR Nabisco (alimentos, 1988); 30 bilhões, Sandoz x Ciba-Geigy (remédios, 1996); 23 bilhões, Bell Atlantic x Nynex (telecomunicações, 1996); 19 bilhões, Disney x ABC (entretenimento, 1995); 14 bilhões, Boeing x McDonell Douglas (aviação, 1996); 13 bilhões, Chase Manhattan x Chemical Bank (finanças, 1996); 7,5 bilhões, Time Warner x Turner Broadcasting (entretenimento, 1996).
1278 Idem.
1279 Idem, p. 111.

mundo não teria mais fronteiras para o capital. Assim, toda a discussão política sobre regras e legislação nacionais perderia o sentido, caducaria, pois esses novos "gerentes" exigem total liberdade de locomoção. Isso não implica em abandonar o Estado, que nos países periféricos tem papel essencial de assegurar medidas de proteção ao bom acolhimento deste capital externo.

Ao noticiar a fusão entre a Chrysller e a Mercedes, a "*maior fusão de grupos industriais da história*", é a mesma jutificativa reaparece: "*lógica da globalização impele as empresas maiores e melhores a comprar as menores ou mais atrasadas*".[1280] Essas fusões foram uma resposta à queda de lucros das multinacionais, com elas seria possível racionalizar a produção e manter os lucros: "*o futuro é esse*". E por isso, conclui:

> Houve um tempo em que as fusões de empresas eram malvistas por pessoas que temiam monopólios e oligopólios. A impressão geral era de que somente num universo completamente fragmentado as empresas competiriam entre si e proporcionariam aos consumidores produtos de melhor qualidade por menos preço. Isso está mudando. **Hoje se sabe que empresas maiores conseguem ser mais eficientes**. Um estudo feito pela McKinsey descobriu que, com apenas cinco empresas em cada setor, operando mundialmente, a competição está assegurada. É por essa trilha que a indústria automobilística está enveredando. Se todo esse processo trouxer vantagens para o consumidor, será ótimo.[1281]

E assim o artigo é concluido. A exaltação das corporações e de seu próprio discurso, indispensável para imposição do padrão de acumulação internacionalizado e para a pela atuação do mercado financeiro. Infere-se ainda que, afinal, é até possível não haver os tais "benefícios para o consumidor". O imperativo das grandes empresas pelo lucro faz com que "o hoje" indique "o futuro", tentando com isso fazer caducar a ação dos demais sujeitos históricos e em última análise, reduzindo a humanidade à escrava do lucro.

Quando ocorreu a fusão entre as indústrias de cerveja Brahma e Antactica não foi diferente a reação da revista. Desta vez, havia um outro determinante:

> Há uma espécie de relógio correndo, que **acelera inevitavelmente as fusões**. O relógio atende pelo nome de Alca. (...) Cairão as barreiras tarifárias entre os países (...) quem não produzir como gente grande corre o risco de ser varrido do mapa.

1280 Gigantes na pista. Veja. Eliana Simonetti. 13/5/1998, p. 117.
1281 Idem. Grifos meus. Também sobre a fusão das indústrias automobilísticas: "Só para os maiores: a aliança entre a GM e Fiat e a compra da Land Rover pela Ford aceleram a concentração na indústria automobilística". Veja. Nilson Vargas. 22/3/2000, p. 134.

> (...) O futuro vem acompanhado de uma **competição darwiniana**. Só os maiores, mais fortes e mais eficientes sobrevivem.[1282]

Os interesses imperialistas seguem sendo apresentados como prioritários. A Alca aparece como inevitável, ao que os países teriam apenas que se adaptar. De resto há uma visão sobre a América Latina totalmente marcada pelos desígnios do mercado: "*a América Latina tem quatro destaques: Brasil, México, Argentina e Chile. Os outros são os outros. E vêm muito atrás*".[1283] É como se o subcontinente estivesse em uma disputa, interempresarial onde somente os vencedores (na proporção de lucros oferecidos às grandes corporações) devessem ser levados em conta. Os perdedores deveriam pagar o preço por terem "optado ficar de fora da globalização", usando uma linguagem própria da revista; e "*só os afoitos se atrevem a prescrever uma receita única para todos os países da região*".[1284] Infere-se, portanto, que a exclusão e a "africanização" de partes do continente seriam inevitáveis.

Mais de uma vez a revista nos permite perceber o que ela chama de "*Planeta S.A: na virada do século, as corporações se juntam, rompem fronteiras e revolucionam a economia*".[1285] O quadro apresenta os dados:

TABELA 5: "AS DEZ MAIORES EMPRESAS DO MUNDO"

As dez maiores empresas do mundo * Elas formam um continente que produz 1,3 trilhão de dólares e emrpega 2 milhões de pessoas				
EMPRESA	**PAÍS**	**SETOR**	**Faturamento em 1997 (em dólares)**	
General Motors	EUA	automóveis	178 bilhões	Seu faturamento é quase duas vezes o PIB de Cingapura
Ford Motor	EUA	automóveis	153 bilhões	Tem 363.000 funcionários. É mais do que o efetivo do Exército brasileiro
Mitsui	Japão	Química/máquinas/aço	142 bilhões	Faturou mais de três vezes o total das reservas brasileiras
Mitsubishi	Japão	Elétrico/eletrônico/ máquinas	128 bilhões	Seu faturamento é maior do que toda a riqueza produzida pelos 10 milhões de habitantes de Portugal
Royal Dutch / Shell Group	Inglaterra / Holanda	Petróleo/química/aviação	128 bilhões	Em 1997, lucrou 7 bilhões de dólares, quase o patrimônio do Banco do Brasil
Itochu	Japão	Aviação/química/ alimentação/construçã	126 bilhões	Sua produção industrial é bem maior que o PIB chileno

1282 Na guerra global. Veja. Lauro Jardim, 7/7/1999, p. 129. Grifos meus.
1283 Os quatro amigos. Veja. Raul Juste Lores, 29/8/2001. p. 48.
1284 Idem, p. 50.
1285 Planeta S.A. Veja. Antenor Nascimento e João Sorima Neto. 7/7/1999, p. 136.

		o		
Exxon	EUA	Petróleo/ química	122 bilhões	Com o lucro de 1997 (8,4 bilhões de dólares), compraria mais da metade do sistema Telebras
Wal-Mart	EUA	Varejo	119 bilhões	Vende duas vezes mais do que o Brasil arrecadou com exportações em todo o ano passado
Marubeni	Japão	Química/têxtil/energia	111 bilhões	Seu faturamento é quase igual ao total das exportações de Taiwan, o poderoso Tigre Asiático
Sumitomo	Japão	Metalurgia/química/ máquinas	102 bilhões	Sua produção industrial é equivalente ao que o México, com 95 milhões de habitantes, gasta num ano com importações
Fonte: Fortune * Nao incluídos os bancos. VEJA. 7/7/1999, p. 136-137. (Reprodução de texto da revista).				

Se o mundo pertence às empresas, o papel de *Veja* é consolidar o mundo das marcas. Uma gravura mostra o globo terrestre com bandeiras dos grandes conglomerados fincados nos seus países de origem. A revista apresenta como espantosa e generosa a cifra de dois milhões de pessoas, supostamente empregadas direta ou indiretamente nessas empresas. Oculta que esse é um número irrisório diante de uma população de 5 bilhões de habitantes, universo envolvido por essas mesmas empresas. A quinta coluna mostra comparações que apontam para o alto poder dessas empresas, que permite à revista afirmar que esse seria um mundo "*marcado por corporações que são economicamente mais fortes do que países, a quem cabe a decisão de dar emprego ou tirá-lo*".[1286] Portanto, a isso deve o mundo se conformar. As Bolsas de Valores, e o presidente do Banco Central dos EUA, Alan Greespan seriam os únicos indicadores de "segurança" dessas empresas, dessas "*mudanças rápidas, drásticas a ponto de causar tontura*".[1287] Há problemas, admite *Veja*, encerrando a reportagem: "*o principal é o desemprego causado pelas inovações tecnológicas. Mas, fazendo-se as ponderações, e com otimismo, pode-se esperar algo melhor*".[1288] A mensagem de otimismo prevalece, mas a isto se soma a explícitação mais enfática das formas de gerenciar essas mudanças.

1286 Idem, p. 137.
1287 Idem, p. 138.
1288 Idem, p. 139.

6.2.5 Novas formas de gerenciamento

Além de formular e agir politicamente, um dos objetivos centrais de *Veja* é falar para os gerentes do capital. Existe aqui uma distinção: a quem ela convoca e a quem ela se destina. Ela aglutina e consolida os grupos ligados diretamente à globalização – grandes empresas e empresários e / ou banqueiros. A revista é a expressão destes interesses mas eles não são o seu público alvo, prioritário, pois estes contam com think tanks e publicações especializadas, inclusive do grupo Abril (como a revista *Exame* e *Você S/A*). *Veja* tem como alvo educar e formar os gestores intermediários do capital – ela dedica-se aos empregados / gestores, aos funcionários em cargos de chefia, adestrando-os para as exigências do capital. Há, de sobra, outros alvos, para os quais não temos uma definição clara, mas que são aquelas pessoas que se identificam com a revista como portadora de informações, e não como um instrumento de ação política.

Portanto, o interlocutor de *Veja* não é a massa de trabalhadores operários brasileiros, mas sim os agentes imediatos que os coordenam. São aqueles que precisam introjetar as necessidades do capital, vestir a camiseta da empresa, adotar a lógica da competição, agir de acordo com o mercado. A revista repete *ad nauseam* que é independente, mas em suas páginas estão assegurados, seguindo uma lógica muito controlada, espaços para aqueles gerentes do capital, da sociedade política e civil, que explicam e defendem os interesses do capital. A construção do consenso necessita que os diferentes setores dominantes convirjam para um mesmo sentido, ainda que respeitando os conflitos internos. Essas pessoas agem enquanto representantes de grupos organizados na sociedade que são chamados para opinar e encaminhar os rumos nacionais, ou seja, como intelectuais orgânicos. Claro que entre eles existem posições divergentes, com formas diferenciadas de encarar o cenário político e econômico, e que são porta-vozes de projetos distintos, mas há um elemento para os quais todos eles convergem: a centralidade da organização acumulação do capital. Para isso, é necessário a aceitação de algumas premissas, como a naturalização do processo, sua inevitabilidade, e seus "acertos". É com esse sentido que vemos as matérias sobre o "problema do emprego" em *Veja*. Há uma ação da revista muito consistente no sentido da organização concreta de uma camada de "trabalhadores", os chamados executivos empresariais, deixando de lado a "questão social". A lição que deve prevalecer é o otimismo, as iniciativas pessoais, a

"dedicação" e o "esforço individual", como únicas alternativas. O restante deve ser "problema do governo". Se oculta de todas as formas que a reprodução do capital se dá de forma incontrolável: seja da sua necessidade ilimitadas de se reproduzir, pois se trata de "*um modo de controle sociometabólico que pode e deve se constituir – para atingir sua forma plenamente desenvolvida – num sistema global, demolindo todos os obstáculos que estiverem no caminho*",[1289] seja mesmo nas arrasadoras conseqüências que ele vai deixando atrás de si. Neste caso, o desemprego como portador da miséria, da fome, da violência. Mas a ideologia da globalização busca ocultar esses fatores, o que se expressa em *Veja*, como veremos nos casos abaixo.

Um exemplo da prática da revista está na edição seguinte à eleição de FHC à presidência, em que *Veja* anunciava entrar em campo para atacar o "problema" do "*fim do emprego*" e a necessidade de criar um "*novo profissional*", explicando "*o que fazer para se manter num mercado de trabalho em mutação*".[1290] Desde logo se busca convencer da existência de uma "verdadeira revolução" que estaria ocorrendo:

> No passado até que era fácil. O cidadão, com seu canudo universitário debaixo do braço, conseguia emprego em alguma firma, ajeitava-se na escrivaninha e esperava pela promoção por tempo de serviço. Trabalhar em firma não era complicado. Não gastava neurônio, porque pensar era tarefa do chefe. Não havia risco porque as decisões fundamentais vinham do patrão e toda a tribo apenas obedecia. As exigências eram poucas. (...) Esqueça essa firma em preto e branco, porque ela acabou. Esqueça também esse tipo de emprego. Nos últimos quinze anos, as empresas mudaram tão radicalmente que os especialistas em administração se referem a esse período como anos revolucionários.[1291]

O passo inicial é fundar uma visão sobre o passado em que tudo era fácil, tranqüilo, inerte: os trabalhadores não precisariam fazer muito para manter seu emprego. A partir daí, se busca construir o presente como algo totalmente novo, que teria vida própria, ao que cada um deveria se adaptar. Seria uma ***revolução***, mas na qual os indivíduos seriam apenas espectadores:

1289 MÉSZÁROS. Op. cit. p. 102

1290 19/10/1994. Veja. Manchete de capa, em que aparece uma fotografia de um antigo escritório, repleto de funcionários, abarrotado de papéis. O editorial dessa edição já enfatizava que o Congresso Nacional precisava fazer alguma coisa, nem que fosse "organizar a agenda das reformas constitucionais". Lento lusco-fusco da transição. Carta ao Leitor. Veja. 19/10/1994, p. 27. Evidentemente que um tema desses não poderia ser pautado antes das eleições, pois poderia prejudicar seu candidato.

1291 A revolução que liquidou o emprego. Veja. 19/10/1994, p. 88.

> Tudo o que se refere ao emprego mudou na mesma **intensidade revolucionária**. A assiduidade, a pontualidade e o tempo de serviço já não são qualidades sagradas na empresa de hoje. A obediência canina virou defeito e falar inglês tornou-se um item fundamental. Sem ele, dificilmente alguém alcança uma boa posição. O mundo do trabalho tornou-se mais difícil, mais complexo, e quem se comporta segundo padrões antigos se arrisca a ingressar nos gráficos de desemprego do IBGE. Até porque as empresas se reciclaram em busca de produtividade e estão funcionando melhor com menos empregados.[1292]

A justificativa aparente da matéria seria a necessidade de que os pais percebessem que precisam mudar a educação de seus filhos, adaptando-se a essas "novidades". Afinal, esse seria o padrão de "revolução" dos "novos tempos". De fundo, é a própria organização do trabalho que está em questão. A idéia central é a de que as empresas "perdem braços" mas "ganham eficiência", justificando o desemprego e incitando a concorrência entre os trabalhadores:

> É uma constatação óbvia, não uma surpresa, a mudança ocorrida no trabalho neste século. Galpões lotados de empregados fazendo trabalho manual foram substituídos por linhas de produção automáticas, até em fábricas de bolachas do interior. Nos escritórios e nos bancos, aquela turma sisuda que ficava o dia inteiro empilhando, colando, arquivando e despachando, com três assinaturas em cada folha de papel, está há muito tempo aposentada. A eletrônica acabou com tudo isso. **Parece a velha evolução natural das coisas.** O empregado aceita o computador, o fax, o telefone sem a telefonista, mas o resto fica do mesmo jeito, não é? Não, não é mais assim. O mundo do velho emprego está acabando. Pode ser difícil encarar o fato, mas o emprego para toda a vida, aquele conceito de emprego que impregnou a experiência dos pais e avós dessa geração, isso tende ao desaparecimento.[1293]

Não basta constatar a mudança, mas é essencial colocá-la como natural, evolutiva mesmo. Inventa-se um processo histórico adequado aos seus objetivos. O alvo central é o trabalho burocratizado, organizativo, gerente, mas que deveria perceber que as mudanças teriam ocorrido em todos os lugares, "até na fábrica de bolachas". Isso leva às regras básicas de sobrevivência, para que esse trabalhador deixasse de ser um ser que "*atravessa o dia bovinamente*",[1294] pois mesmo "*entrando atrasado na ciranda internacional*",

> Nesse mundo transnacional, de economia globalizada, intensificou-se a competição. Os empresários, acostumados a um ninho mais macio, rangeram os dentes. Mas tiveram de entrar na corrida para não desaparecer. **Foi aí que surgiu** toda essa mania de renovação de que **o cidadão comum toma conhecimento pelo jornal**

1292 Idem. Grifos meus.
1293 Idem, p. 90. Grifos meus.
1294 Idem.

> através de expressões como reengenharia, qualidade total, corte de níveis hierárquicos e outras preciosidades da linguagem empresarial. **Se esse jargão ainda não entrou no seu raio de interesse, comece a preocupar-se**.[1295]

Essas mudanças são dadas a conhecer pela revista, que busca levar a uma alteração de comportamento do leitor, que deveria se preocupar e mudar. Como constatou o estudo de Nildo Hernandes, a noção de "medo" da perda de emprego é marca sempre presente dessas matérias.[1296] E é por isso que *Veja* segue explicando minuciosamente as mudanças incutidas nos tópicos: "reengenharia pessoal", "onda de demissões", "executivo morto", "escola eficiente", traçando o "perfil do novo profissional". Existiria, segundo a revista, a necessidade premente de "se atualizar": "*a velocidade empresarial tornou-se impressionante, e o executivo lerdo morre na competição. 'Só haverá dois tipos de administradores – os rápidos e os mortos', disse David Vice, da Northern Telecon, numa frase citada por Tom Peter, um guru da administração.*"[1297] Para concluir, volta-se à compartimentação, como se essas mudanças tivessem que ser aprendidas aos poucos, por setores:

> Com seu exército de **milhões de desdentados**, o Brasil tem uma perna na África e outra no mercado moderno. Para o pedaço iletrado e subempregado, essas esquisitices de renovação gerencial nada significarão. A esses é preciso dar uma colocação minimamente decente, carteira assinada, alguma assistência social – e nada de conversa sobre economia globalizada. Numa faixa intermediária, o assunto também é tão inacessível quanto o idioma javanês. Por muito tempo, o ambiente de trabalho continuará igual na forja do subúrbio em São Paulo, na confecção de roupas populares em Blumenau e na fábrica de alpercatas em Caruaru, Pernambuco. Mas muitas empresas de grande e até média envergadura já descobriram que a única forma de enfrentar a concorrência brava que está aí é fazer – já – produtos melhores e mais baratos. Quem trabalha num lugar assim pode ter certeza de que a hora da reciclagem chegou.[1298]

Aqui fica claro que não é o operário "desdentado" que interessa a *Veja*, mas sim aqueles que vão organizar a sua exploração. Não é a eles que a revista está se dirigindo, mas àqueles que vão organizar esse processo. Ou seja, mais importante do que o problema individual do medo de cada executivo que pode "morrer", é a consciência coletiva de que eles

---

1295 Idem, p. 91. Grifos meus.
1296 HERNADES, Nilton. A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica. Dissertação de Mestrado em Lingüística. USP, 2001. Ver também: GRUN, Roberto. O medo do desemprego e as mudanças no universo simbólico das classes médias brasileiras. REIS, Elisa. Et Al. (Org.) Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 127-141.
1297 A revolução que liquidou..., op. cit., p. 93.
1298 Idem. Grifos meus.

têm que colocar em prática essas medidas. É com esse sentido que encontramos nas páginas amarelas, reiteradas vezes, temas como os expressos na tabela abaixo.[1299]

TABELA 6: Novo gerenciamento empresarial

John Donahue. **A saída é competir**. 21/2/1990. Leciona um curso sobre as relações entre o governo e o empresariado e, depois de três anos de pesquisas, acaba de publicar o livro A decisão da Privatização. O professor de Harvard diz que privatizar as estatais não garante sua eficiência – é preciso que elas também tenham concorrentes.
Edzard Reuter. **As regras da aldeia**. 21/11/1990. No mercado sem fronteiras, é necessária a colaboração entre patrões e empregados, diz o presidente da Daimler-Benz, a maior empresa alemã.
Domenico de Masi. **A força das idéias.** 28/11/1990. É uma espécie de papa mundial de uma especialidade relativamente nova e que abre enormes perspectivas de investigação e ação para nações e empresas: criatividade aplicada. Diz que a criatividade dá mais poder e dinheiro aos países e às empresas do que fabricar carros e geladeiras.
Jorge Noda. **A curva da História.** 3/6/1992. Trabalham o máximo que podem, guardam quase tudo o que ganham e sonham com o dia em que voltarão com um patrimônio lhes dê paz. Aqui não tem pacote e o salário digno vale o sacrifício, diz engenheiro nissei que saiu de São Paulo para ser operário no Japão.
Paul Krugman. **A saída é o comércio**. 26/5/1993. **Considerado uma das estrelas de maior brilho entre os melhores economistas do** [seu] **país. /** O professor do MIT mostra que **a competição entre países gera riquezas mesmo para quem perde** e diz que só a produtividade pode salvar as economias.
Lester Thurow. **Competir é cooperar**. 24/11/1993. Acordou os americanos para a questão da competitividade. / O economista que fez a cabeça de Clinton diz que **é normal um país roubar empregos de outro** e não vê saída para a prosperidade fora do livre mercado.
Vicente Falconi Campos. **A virada vem aí**. 22/12/1993. Sua especialidade são os programas de qualidade total nas empresas, um recurso da administração moderna que está revolucionando a economia mundial neste final de século. / Consultor diz que, apesar da crise, há uma revolução silenciosa na indústria brasileira e prevê um surto de crescimento acelerado no país.
João Bosco Lodi. **Abaixo os gurus**. 22/3/1995. Chama a atenção por nadar contra a corrente. Tem ojeriza a modismo, teorias novidadeiras que a cada semana propõem uma nova "revolução" empresarial e gurus que cobram fortunas em seminários para executivos e depois saem de cena tão depressa como surgiram. / O consultor paulista investe contra os modismos da administração e lembra aos empresários que a tarefa de pensar é insubstituível.
Adele S Simmons. **A dama do dinheiro**. 10/5/1995. Tem assento tanto em conselhos diretores de grandes empresas quanto em fóruns globais para repensar o mundo. / Para a presidente de uma das maiores fundações dos Estados Unidos, a MacArthur, o **perigo maior não é alguém fugir com a verba recebida. É não arriscar.**
Simon Franco. **Não pare de estudar.** 28/2/1996. O administrador recebe todo mês cerca de 900 currículos de executivos atrás de emprego. O caçador de executivo dá dicas para o primeiro emprego e explica como as grandes empresas pagam salários milionários.
Roldo Goi Júnior. **Ser chato é um perigo.** 6/3/1996. Além de falar dos malas que atulham os escritórios, ele é um especialista em detectar os chatos que vicejam além das fronteiras do trabalho. "Vivemos cercado de chatos, mas o mundo não lhes pertence", tranqüiliza. O treinador de executivos diz que chatice representa um risco profissional e explica o que faz de alguém um mala-sem-alça.
George Soros. **A riqueza não dura para sempre**. 1/5/1996. É o mais famoso, competitivo, agressivo, imitado, criticado e temido investidor do mundo.
José Pastore. **É hora de acordar.** 17/7/1998. Estuda computação e robótica para entender os efeitos da tecnologia no emprego. É um entusiasta da educação como ferramenta para resolver problemas. / O especialista em trabalho diz que a sociedade deve mobilizar-se para acabar com a tragédia do desemprego.
Maria Aparecida Rhein Schirato. **Empresa não é mãe**. 14/4/1999. O seu estilo, seja como professora de pós-graduação, seja como consultora de empresas, tem pouco de lero-lero. / Uma pesquisadora das relações trabalho-empregado fala da "cultura do crachá" e considera falido o modelo da empresa que cuida de tudo.
Reinaldo Polito. **Alto e bom som.** 23/6/1999. Tem reunido em 24 anos de estudos um arsenal de truques capaz de transformar qualquer pessoa em boa oradora. / O profissional que ensina as pessoas a falar em público revela truques que podem ser úteis no trabalho e no cotidiano.

1299 Tomando apenas essa tabela, temos 25 entrevistas com este tema que totalizariam 3,55% das páginas amarelas. Mas esta tabela é ilustrativa, não dá conta da totalidade de entrevistas que têm o sentido de gerenciamento. Tomando como base a tabela do segundo capítulo, que indica a presença de 97 "Economistas, advogados, consultores, especialistas, conselheiros" (13,78% das pg am), teríamos que ampliá-la, o que não fizemos por razão do espaço que ocuparia, e porque o sentido desta ação gerencial pode ser percebido também nas demais tabelas deste capítulo (que somam 99 entrevistas).

David Landes. **A ética da riqueza.** 22/3/2000. Para ele, a humanidade se divide em duas classes: a dos que vivem para trabalhar e a dos que trabalham para sobreviver. / Diz que as tradições de um povo são tão importantes para a economia quanto os recursos naturais.
Shere Hite. **Sexo no trabalho**. 29/3/2000. É a autora feminista mais lida do mundo. Sexóloga americana diz que namoro no escritório é natural e inevitável. Pode até melhorar a produtividade.
Robert Wong. **O fuzil de ouro**. 24/1/2001. Um tiro certeiro deste caçador de talentos pode fazer um executivo ganhar mais de 1 milhão de reais por ano. / É um dos mais destacados caçadores de talentos no Brasil, ou headhunter, em inglês, como se costuma usar no mercado. Grandes companhias contratam seus serviços para selecionar executivos de primeiríssimo escalão, cujos salários anuais podem passar de 1 milhão de reais.
James Waldroop. **Lições do fracasso**. 6/6/2001. Professor de Harvard diz que erros evitáveis de comportamento e estilo são os grandes inimigos do sucesso na vida profissional. / Descreve uma dúzia de tipos de comportamento que podem levar um executivo bem-sucedido a beijar a lona.
Carlos Ghosn. **O matador de custos.** 21/11/2001. Ele demitiu 20.000 no Japão, a terra do emprego vitalício, salvou a Nissan da falência e agora é tratado como um herói do capitalismo. / É o executivo brasileiro mais bem-sucedido do capitalismo global. Das 21.000 demissões anunciadas em 1999, quando ele assumiu a montadora, 20.000 já foram feitas. A maioria no Japão, a terra do emprego vitalício. Três fábricas foram fechadas em março deste ano e outras duas encerrarão as atividades em março de 2002. Ele chegou a ser chamado de matador de empregos e recebeu cartas anônimas de pessoas ameaçando atentar contra sua vida. "Aos poucos, as pessoas foram percebendo que não havia alternativa a não ser fazer cortes", diz ele. Com os resultados surpreendentes, passou de vilão a herói. Os apelidos agora são outros. Ghosn é chamado de "quebra-gelo", "matador de custos", "artista da virada", "supercomputador" e, finalmente, de "seven eleven", numa alusão às catorze horas de trabalho por dia que ele se impõe.
Michael Porter. **O ritmo ainda é lento**. 5/12/2001. Ele é um dos gurus mais requisitados do mundo, instalou, recentemente uma filial em São Paulo. / O americano especialista em economias emergentes diz que o Brasil é um país notável, mas precisa tornar-se mais eficiente.
Domenico de Masi. **O ócio é preciso.** Sociólogo italiano, 27/3/2002. Ficou conhecido em todo o mundo ao pregar o ócio como solução para os problemas existenciais e econômicos da humanidade. Prega horas livres como estímulo à criatividade lamenta o desperdício de tempo nos reality shows.
Martin Sorrell. "**O stress é essencial"**. 8/5/2002. O inglês de 57 anos, tornou-se uma lenda no mundo dos negócios. Em 1985, aos 40 anos, largou o emprego no setor financeiro de uma agência de publicidade para comprar a WPP, uma empresa de cestas de supermercado. Funcionava numa saleta apertada no centro de Londres e tinha dois empregados. Dezesseis anos depois, viu-se dono de um império na área da propaganda. A WPP é hoje a maior empresa de marketing do mundo. Ele tem 45 agências de publicidade – entre as quais a Ogilvy, a J.W. Thompson e a Young & Rubicam, que estão entre as maiores do Brasil e do mundo –, mais 35 empresas de marketing e pesquisa, com faturamento anual de 70 bilhões de dólares.
Sharon Franquemont. **O mundo é dos visionários.** 29/5/2002. Psicóloga americana diz que, no século XXI, o uso da intuição é fundamental para se dar bem no trabalho e no amor. / A psicóloga americana resolveu seguir sua intuição. Abandonou as aulas de inglês, espanhol e história, que dava a alunos do ensino médio, para ensinar as pessoas a desenvolver a intuição. Tanto se empenhou que conseguiu transformar a intuição em matéria do curso de psicologia da Universidade John F. Kennedy, na cidade de Orinda, na Califórnia. Há quase trinta anos dedicando-se ao assunto, hoje Sharon dá dicas de como a intuição pode ser usada para aprofundar relacionamentos, administrar melhor o tempo e tomar decisões com eficiência. Suas teorias já foram ouvidas por funcionários do governo americano, profissionais da educação e dirigentes de grandes corporações, como Intel, Procter & Gamble e AT&T.
James Campbell Quick. **Use o stress a seu favor**. 18/9/2002. O homem que definiu o atleta corporativo diz que tensão e ansiedade ajudam você a trabalhar. / Ph.D. em administração de empresas, é o pioneiro no controle do stress no ambiente de trabalho. Professor de comportamento organizacional da Universidade do Texas e editor do principal jornal de psicologia e saúde no trabalho, Quick leva à risca as teses que defende – e elas rezam que o stress, até certo ponto, tem de ser cultivado, não eliminado. É dele a teoria de que, para ser bem-sucedido na carreira profissional, a pessoa deve definir-se como um atleta corporativo.

FONTE: Páginas Amarelas de *Veja*. (reprodução de texto da edição da revista: lide, apresentação e título).

O que temos nesta tabela é a junção de vários dos "ensinamentos" aos quais os "executivos" devem se submeter, como forma de garantir a eficácia do capital e do controle do trabalho. São exemplos concretos, como o do nissei que vive num mundo em que "vale a pena o sacrifício". E os níveis de exigência são os maiores possíveis, incluindo-se aí, o stress essencial, (contrapondo-se ao ócio apresentado dois meses antes), pois apenas ele seria capaz

de permitir naturalizar a função de demitir, "cortar gastos", enfim, reorganizar, "fazer o que tem que ser feito", mesmo que isso implique em demissões em massa. Grande parte desses entrevistados é destacada por publicarem livros, proferirem palestras e dar cursos, inclusive no Brasil. *Veja* os seleciona para entrevistar, destacando essas idéias "inovadoras". São afirmados os princípios que devem fundamentar essas relações, e que devem ser conhecidos por todos, em sintonia com o conjunto da revista.[1300] Esses executivos não devem se colocar o problema das relações sociais que estão aqui envolvidas, isso é problema para ser discutido em outro nível, seja assistencial, governamental, e em último caso, da repressão assegurada pelo Estado. Para eles, importa fixar que sempre existiu e sempre vai continuar existindo o "exército de milhões de desdentados".

No mesmo sentido existem inúmeras matérias, especialmente na seção Economia & Negócios, mas não apenas nela, em que se propõem alternativas de novas ocupações para esses gerentes desempregados e de modelos de empresas que "dão certo". O sistema de franquias é uma das soluções preferidas, pois elas "*abrem perspectivas de independência e remuneração num tempo em que arrumar um bom emprego está cada vez mais difícil*".[1301] E para mostrar que clima seria propício, o corte no preço do sanduíche da rede de lanchonetes McDonald's serviu como referência:

> A notícia é boa não só para o bolso dos fãs do sanduíche; também é animadora numa análise mais geral sobre a economia do país. Primeiro porque o Big Mac não é um produto qualquer. (...) Seu preço transformou-se num indicador econômico. (...) Esse índice é considerado pelos economistas do mundo inteiro uma boa referência de preços e da saúde das economias nacionais. É usado até como indicador do ajuste cambial das moedas.[1302]

São análises que têm como fim o otimismo. Neste caso, o pano de fundo é a aparente onda de sucesso gerada pelo plano Real, mesmo tendo sido brutalmente desvalorizado, pois sua manutenção fazia parte de uma fundamentação externa. Interessava, no caso de um ano eleitoral, manter a aparência de "globalização que só dá certo".

1300 Essas entrevistas estão lado a lado com outras matérias da revista que têm o mesmo sentido, como por exemplo: "O negócio das pale$tras: ele é ótimo: uma centena de profissionais fatura em conjunto 15 milhões de dólares por ano. Tudo em nome da reciclagem". Veja. Cristina Poles. 6/12/2000, p. 76 a 81. E, na mesma edição: "A comédia da vida corporativa: o lado caricato nas grandes empresas do país, com personagens (quase) de carne e osso". Veja. 6/12/2000, p. 124 a 128.
1301 O sistema que gera patrões. Veja. Roger Ferreira. 29/5/1997, p. 109.
1302 Um corte nos preços. Veja. Eliana Simonetti e Franco Iacomini. 22/4/1998, p. 108.

6.3. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, REFORMA TRABALHISTA E REPRESSÃO

Uma das faces do gerenciamento dos interesses da reprodução do capital é a reestruturação produtiva. Aqui a ação de *Veja* foi especialmente seletiva, escolhendo a quem dar voz, em que momento, e de que forma. A revista faz isso o tempo todo, mas nem sempre é fácil perceber as razões imediatas das escolhas. Neste caso, e nas reformas do trabalho, as opções foram mais explícitas, pois apenas deu voz àqueles que reproduziam seu próprio programa. Há, portanto, uma ligação direta entre a ação *partidária*, que buscava influenciar o Congresso Nacional para a aprovação de reformas, ao mesmo tempo em que há a busca de estabelecimento de consenso, que é dirigida a uma camada mais ampla da sociedade. E quando se tratou de greves, agregadas às tentativas de desmantelamento dos movimentos sindicais - que é um dos eixos do programa neoliberal -, a atuação de *Veja* se manteve coerente, aplaudindo o legítimo exercício da violência pelo Estado, que nesse contexto é defendido como benfeitor de toda a sociedade.

6.3.1 O gerenciamento da reestruturação produtiva

Quando o assunto foi o trabalho assalariado, a forma de tratamento da revista foi muito mais rigorosa na escolha dos porta-vozes. Esse não é um espaço para associações de trabalhadores, não está "em disputa". São muito claramente definidas as regras para estar nas páginas de *Veja:* ou dizendo o que ela quer ouvir, ou sendo sumariamente detratado por ela. A revista escolhe muito cuidadosamente quem são os porta-vozes do trabalho, e igualmente, em que momento, em que contexto e com que edição lhes dá a palavra, que a eles é franqueada apenas quando estiverem em acordo com as necessidades do projeto, para defenderem a desregulamentação das leis trabalhistas, a reforma da previdência, a inadequação da atividade sindical; ou para mostrá-los como irresponsáveis, descompromissados, baderneiros, como veremos no nosso último capítulo. A tabela abaixo apresenta alguns dos poucos casos em que representantes do Estado ou dos trabalhadores pautaram o problema. Para montá-la, percorremos detidamente a tabela total de entrevistados das páginas amarelas buscando

aqueles que poderiam estar falando "em nome dos trabalhadores", e encontramos apenas estes doze nomes,[1303] ainda que não sejam propriamente trabalhadores.

TABELA 7: Trabalho e trabalhadores destacados nas páginas amarelas

ENTREVISTA	ATUAÇÃO
Alencar Rossi. **Um poder atômico.** 1/3/1989. Advogado dono de uma vasta experiência sindical, diz que hoje o poder sindical está para as relações trabalhistas como a bomba atômica para um conflito armado. / Diz que os sindicatos ganharam grande capacidade de fogo e terão que usá-la com cuidado.	Assessor trabalhista da Federação dos Bancos
Vicente Paulo da Silva. **A grana está curta.** 13/12/1991. "Além de Lula, meus ídolos são Jesus Cristo e Rosa Luxemburgo".	Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo
Jose Piñera. **Velhice mais segura.** 29/7/1992. O Chile colocou a previdência em ordem. O sistema foi transferido do Estado para a iniciativa privada e está funcionando bem. / O pai do modelo chileno de aposentadoria diz que a previdência não funciona na mão do Estado e defende que o Brasil deve seguir o exemplo de seu país.	Ex-ministro do Trabalho do Chile
José Marcio Camargo. **Negociar é bom.** 21/6/1995. Tá correndo cada vez mais na contramão. / O economista do PT defende livre negociação dos salários e diz que a Justiça do Trabalho e a CLT alimentam o ciclo da pobreza no Brasil.	Economista do PT
Vicente Paulo da Silva. **Uma pedra no sapato**. 31/1/1996. Virou novamente o centro das atenções no país – e desta vez não foi por causa de greve. Contrariando o PT e outros partidos de esquerda, Vicentinho entra na reforma da Previdência e diz que não se dobra a pressões. "Sou socialista mas não sou besta. Me preocupa a Maria, o João, não Lênin, Trotsky ou Marx".	Presidente da CUT
Osmar Gonçalves de Oliveira. **Asfalto selvagem**. 26/3/1997. Fala da vida dura dos caminhoneiros e dos riscos que muitos expõem a si mesmos e aos outros. Atenção: ao volante do caminhão à sua frente pode estar um dopado. O alerta é do presidente do sindicato dos caminhoneiros.	Presidente do Sindicato de Caminhoneiros
João Pedro Stedile. **O povo tem raiva**. 6/8/1997. Quer derrubar o modelo econômico neoliberal do governo. Para o dirigente do MST, o governo de Fernando Henrique vai entrar para a História como o que mais agravou a questão social.	MST
Romano Prodi. **É hora de mudar.** 4/3/1998. Fez mudanças inimagináveis na até então desacreditada Itália. Primeiro, botou a economia nos eixos. Com a inflação reduzida e déficit público sob controle, a Itália está entre os primeiros países credenciados a adotar o euro. O segundo passo inclui as privatizações, reforma na Previdência Social, adoção de contratos e jornadas flexíveis de trabalho e desregulamentação da economia, para tornar as empresas mais competitivas. Nesta quarta-feira se encontra no Palácio do Planalto com o presidente Fernando Henrique Cardoso. / Diz que só um Estado eficiente e livre do corporativismo é capaz de promover justiça social e crescimento.	Primeiro ministro italiano
Luiz Marinho. **Uma CUT diferente.** 25/3/1998. Quem puxa conversa na rua com ele pode tomá-lo por um microempresário, um bancário ou um professor. Ele é diferente do esteriótipo do militante da Central Única dos Trabalhadores. Calmo e ponderado, ele expõe suas idéias com clareza, e elas não batem com o discurso padronizado da esquerda. Ele acredita que existe um desemprego estrutural, acha que existe muita picaretagem no movimento sindical e defende mudanças nas relações trabalhistas, que no Brasil ainda são reguladas por leis do tempo de Getúlio Vargas. / Líder dos metalúrgicos acha que a modernização das fábricas é inevitável e diz que há sindicatos demais no país.	Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC
Edward Amadeo. **Dá um calafrio.** 15/4/1998. Na reforma ministerial, nenhum partido quis indicar candidatos à vaga. A alternativa do governo foi convocar um técnico, que chega carregando na bagagem um diploma da Universidade Harvard e a disposição de trabalhar duro. / O novo ministro do Trabalho admite que uma parte do desemprego é inevitável, mas diz que as coisas vão melhorar.	Ministro do Trabalho
José Pastore. **É hora de acordar**. 17/6/1998. Estuda computação e robótica para entender os efeitos da tecnologia no emprego. É um entusiasta da educação como ferramenta para resolver problemas. O especialista em trabalho diz que a sociedade deve mobilizar-se para	Especialista em trabalho

1303 O percentual ficaria em torno de 1,70% dos entrevistados.

acabar com a tragédia do desemprego. Eliana Simonetti.	
Jaime Amorim. **Apelo às armas**. 7/10/1998. O principal líder do movimento em Pernambuco admitiu, pela primeira vez que sua organização poderá recorrer à luta armada para forçar a ocupação de fazendas. Líder dos sem-terra diz que o movimento é contra a violência, mas admite uso da luta armada em algumas circunstâncias. Juliana de Mari.	MST

FONTE: Páginas amarelas de *Veja*. (reprodução de texto da edição da revista: lide, apresentação e título e definição de atuação)

Buscamos nas entrevistas (no seu título, entrevistado e lide), os momentos em que o tema do trabalho ou dos trabalhadores foi enfatizado, o que nos leva a chamar atenção para a origem dos entrevistados: eles são representantes de sindicatos, e da sociedade política, inclusive do Estado. A intenção era mostrar os representantes de entidades de trabalhadores. Claro que o tema do desemprego foi direta ou indiretamente tratado por outros entrevistados, como apontam as demais tabelas deste capítulo, onde se mostra que o gerenciamento do capital sempre tem a preocupação de organizar o trabalho. Mas aqui buscávamos a centralidade da questão do trabalho. E conclui-se que são em número inexpressivo (1,70%). A fala do presidente do sindicato dos caminhoneiros sequer discute questões gerais, e sim um problema da categoria, alertando à sociedade. Quanto a Stédile e a Jaime Amorim, foram listados aqui por representarem uma organização que tem no seu próprio nome a questão do trabalho. Como veremos no último capítulo, o MST é enfatizado e combatido pela revista sobretudo por ser um "movimento social". As demais falas ou são de "especialistas" ou de agentes da sociedade política.

Excetuando a fala de Stédile e Amorim (politizadas), e de Osmar (genérica), as falas são claras quanto aos seus próprios papéis, de encaminhar a reorganização do mundo do trabalho no sentido da desregulamentação, das reformas, da ruptura com as "antigas amarras", enfim, com a implementação, a partir de sua própria de ação, do gerenciamento dos interesses do capitalismo neoliberal. Esse é um espaço que busca ditar uma forma de ação até mesmo para o movimento sindical, a partir da escolha de porta-vozes que se adequassem ao ponto de vista neoliberal. Portanto, não é um espaço em que a palavra seja concedida à classe trabalhadora.

O estudo de Nilton Hernandes mostrou, analisando cinco reportagens de *Veja*, que o "*discurso do emprego na globalização*" busca difundir seis idéias distintas e inter-relacionadas:

> 1. Os Estados Unidos são padrão a ser seguido, modelo de comparação ou ainda geradores de um fato muito significativo que deixa implícita sua superioridade; 2. Globalização e as novas tecnologias que mudaram o mercado de trabalho são um fato consumado, inquestionável; 3. Quem não aceitar as novas exigências do 'mercado' sofre ameaças; 4. A adaptação do trabalhador é apresentada como única saída de sobrevivência; 5. A educação para o 'mercado' aparece como meta prioritária; 6. VEJA mostra como deve ser o trabalhador globalizado 'modelo'.[1304]

Em termos gerais, essas motivações básicas da revista permanecem ao longo do tempo, atendendo a conjunturas específicas e suas contradições. Além de "criar o novo trabalhador", inclusive apontando para quais profissões deveriam ser incentivadas. A revista busca consolidar uma situação histórica, conformando seu leitor a ela. Ou seja, diante do desemprego, *Veja* age no sentido de que "aqueles empregos que sobraram" possam ser palmo a palmo disputados, inclusive por seus leitores. A questão é colocada como se o "desemprego estrutural" fosse uma novidade, e não algo inerente ao capitalismo. E para isso busca "qualificar" através de seus textos, como se isso fosse a "chave do sucesso". A própria publicidade de *Veja* apontava: "*não é curriculum, mas é vitae*". A sua função é disseminar o medo (da "inevitável" perda do emprego), apontando que a saída deveria ser individual, ou seja, dada pelo esforço de cada um de se atualizar, se "reciclar", se "adaptar" à "nova ordem". A questão é realmente importante para a revista, como se pode concluir na tabela abaixo em que são elencadas as principais reportagens de capa em que o tema apareceu nos últimos anos:

TABELA 8: Emprego e desemprego nas capas e reportagens

CAPA	REPORTAGEM
AS PROFISSÕES AM ALTA. As habilidades que as empresas valorizam; o que está mudando nas carreiras tradicionais; o destino das vocações no novo mercado de trabalho	O QUE ESTÁ MUDANDO NAS PROFISSÕES. O processo de ajuste das empresas alterou profundamente as habilidades que se cobram dos candidatos a emprego. 15/9/1993
O FIM DO EMPREGO E O NOVO PROFISSIONAL. O que fazer para se manter num mercado em mutação	A REVOLUÇÃO QUE LIQUIDOU O EMPREGO. Como manter ou conseguir trabalho num mundo cada vez mais exigente e competitivo. 19/10/1994
APOSENTADORIA. Qual é o problema. O que o governo quer fazer. Como planejar desde já seu futuro	MEXENDO COM O GIGANTE: a reforma da Previdência é difícil, mas o governo quer mudar já para evitar uma crise futura. 22/2/1995
COMO GANHAR DINHEIRO NO BRASIL DO REAL. Os problemas do emprego no Brasil e no mundo; quais são as profissões do futuro e onde estão os maiores salários; funções em alta e em baixa; porque as aplicações financeiras ficarão cada vez menos atraentes; onde estão as boas oportunidades de negócios	O QUE ESTÁ HAVENDO COM SEU EMPREGO. Tema de um debate confuso e emocional no Brasil, o desemprego que assusta o mundo também cria novas oportunidades no Real. 7/2/1996
GLOBALIZAÇÃO: desemprego, ansiedade, riqueza e outras promessas da revolução que está derrubando fronteiras e lançando o capitalismo numa velocidade	A RODA GLOBAL. O que é a globalização, que provoca tanto medo, e o que se pode esperar dela. Antenor Nascimento Neto. 3/4/1996

1304 HERNANDES. Op. cit. p. 124 a 130.

jamais vista	
O DESAFIO DO EMPREGO. Além de escolaridade maio, línguas e computador, as empresas ainda querem capacidade de decisão, desembaraço e ambição	O FUNIL ESTREITOU. As habilidades tradicionais já não bastam para arranjar emprego na economia reformada. Antenor Nascimento e Roger Ferreira. 4/12/1996
PROFISSÕES. As mais promissoras; as congestionadas; como escolher a sua	NAVEGANDO NUM MAR DE PROFISSÕES. Como se orientar entre carreiras em alta, outras em queda livre e um grupo que não sai do lugar. Izalco Sardenberg e Karina Pastore. 20/8/1997
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL. A nova descoberta nas empresas e escolas: o sucesso depende mais dos sentimentos que do QI	QUANDO A EMOÇÃO É INTELIGÊNCIA. Empresas e escolas aderem à tese de que o sucesso depende mais dos sentimentos do que QI. Arlete Salvador e Laura Capriglione. 15/1/1997
ONDE ESTÃO OS EMPREGOS: os novos pólos de crescimento e as oportunidades que eles oferecem	A ANGÚSTIA DO PRIMEIRO EMPREGO. Os temores e as esperanças de 2 milhões de jovens que estão chegando ao mercado de trabalho. Geraldo Mayrinck. 19/2/1997
VOCÊ TEM MEDO DE PERDER O EMPREGO? O risco disso acontecer no Brasil está cada vez maior com a globalização e a quebra da Ásia	ASSOMBRAÇÃO NACIONAL. O aumento acelerado das demissões começa a provocar inquietação no Brasil. Eliana Simonetti e Ricardo Grinbaum. 11/2/1998
A CHAVE DO EMPREGO. Como a educação abre novas oportunidades; cada ano de estudo aumenta em 15% o salário; as profissões que estão em alta e em baixa	ESTUDAR VALE OURO. Pesquisa mostra até onde a escola aumenta a chance de conseguir emprego, multiplica o salário e garante o sucesso na carreira. Alice Granato, 23/9/1998
VITÓRIA CONTRA A TIMIDEZ: novas técnicas ajudam a falar em público, enfrentar inibições no trabalho e vencer a insegurança social	A REBELIÃO DOS TÍMIDOS. Sergio Ruiz Luz e Alice Granato. 26/5/1999
MAIS LAZER MENOS TRABALHO? ESQUECE. A tecnologia e os sindicatos prometiam reduzir as horas de batente. Deu o contrário	TEMPOS MODERNOS. O expediente das 8 às 5, grande conquista do sindicalismo, já era. Empurradas pela concorrência, as pessoas estão trabalhando cada vez mais. Aida Veiga. 5/4/2000
A VIDA SEM PATRÃO. O Brasil tem mais gente trabalhando sem carteira do que empregada; as vantagens de trabalhar por conta própria; as receitas de quem acertou e os alertas de quem fracassou; teste: você se daria bem sem patrão?	A VIDA SEM PATRÃO. A maioria das pessoas no Brasil já trabalha sem carteira assinada e isso não é sinal de empobrecimento. Muita gente está tentando ganhar a vida por conta própria. Lia Abbud, 20/6/2001
ÓCIO BEM PAGO: Planos de previdência privada viram atração para gente de 30 a 40 anos. 3,7 milhões de brasileiros já aderiram; quem fez revela os sonhos para uma vida mansa depois dos 60; como depositar 500 reais todo mês e, no futuro, garantir uma renda de 7000 reais sem trabalhar; negócios das seguradoras crescem 40% ao ano	QUANDO EU ME APOSENTAR.... Planos de previdência privada atraem cada vez mais pessoas de 30 a 40 anos de idade em busca de segurança e boa vida no futuro. Flaminio Fantini e Maurício Oliveira. 1/8/2001
A RECEITA DOS VENCEDORES. Pessoas que realizaram o sonho de abrir o próprio negócio contam como conseguiram triunfar num país onde sete de cada dez empresas quebram antes de cinco anos	COMO E PORQUE ELES VENCERAM. O sucesso dos pequenos empresários que conseguiram superar as altas taxas de mortalidade dos novos negócios no Brasil. Adriana Carvalho e Denise Ramiso. 3/4/2002

FONTE: Reportagens de capa de *Veja*. A primeira coluna se refere às manchetes de capa. A segunda aos títulos e lides das respectivas matérias.

Mais uma vez se trata da "vitória" como fruto da ação individual, do "espírito empreendedor", mas cuidadosamente associada à ameaça e ao medo de perder o emprego, sendo que *Veja* se contrapunha como a "garantia de sucesso". É fundamental perceber que essas matérias são entrecruzadas com todas as páginas amarelas e demais seções que tratam dos temas correlatos: executivos de sucesso, personificações do capital, "falência da ação sindical". Nesse mesmo sentido existem muitas matérias sobre a suposta necessidade de

desregulamentação das relações de trabalho e mais propriamente o combate às greves e quaisquer outras manifestações políticas dos trabalhadores organizados. As demissões, a flexibilização das leis trabalhistas, os contratos de trabalho temporários deveriam ser vistos como solução para todos os "problemas". Mas nada disso prescinde da ação repressora do Estado, como no caso concreto da utilização do Exército para combater a greve dos petroleiros no governo de Fernando Henrique Cardoso, como discutiremos a seguir.

Note-se também que a questão do trabalho é diretamente vinculada à questão previdenciária. E para o público de *Veja*, não deve restar dúvida da inevitabilidade da suposta falência da previdência pública. E por outra, a felicidade e uma "vida segura" estaria assegurada pela previdência privada. Ao lançar essas idéias, as páginas que abrem uma das reportagens mostram exemplos concretos, todos eles de artistas, cantores ou jogadores de futebol (que estão fora do mundo da produção e constituem o "mundo do espetáculo"), que aderiram à previdência privada: "*por motivos bem diferentes, eles fizeram e estão gostando*".[1305] A realidade deveria portanto se espelhar no mundo do espetáculo.

Mas as contradições são inescapáveis. E nesse campo o problema do "trabalho informal" talvez seja o mais grave. Por isso há reportagens sobre a "vida sem patrão", que mostra pessoas que "*realizam sonhos*",[1306] apontando para a "*radiografia do sucesso*".[1307] Nas páginas internas, sem receber chamada de capa, o problema se coloca de outra maneira: "*o drama silencioso dos sem-carteira: trabalhadores informais já são 41 milhões e se transformaram num problema maior que o desemprego*".[1308] Em termos amplos, a solução passaria por formas de "*legalizar as pessoas que empregam"*, afinal, *"os brasileiros habituaram-se a vê-los como um mal necessário*".[1309]

O sentido dessas matérias é apontar alternativas para que os próprios trabalhadores encontrem soluções para o desemprego. Parte da constatação de que o "mercado encolheu" e

---

1305 Quando eu me aposentar... Veja. Flamínio Fantini e Mauricio Oliveira. 1/8/2001, p. 104 e 105. As fotografias mostram os "felizes" Carlos Moreno, Cássia Kiss, Caio Blat, Hortência, Marcelinho Carioca, Gianecchini, Tereza Seiblitz e Frejat que "quer seguir na música sem a pressão de hoje".
1306 A vida sem patrão. Veja. Lia Abbud. 20/6/2001, p. 109.
1307 Como e porque eles venceram. Veja. Adriana Carvalho e Denise Ramiro, 3/4/2002, p. 92. As oito páginas da reportagem dos "vencedores" está envolta em uma borda que representa uma cédula verde de dinheiro, reforçando a idéia de "sucesso". O tema já recebera reportagem de capa: "O Brasil subterrâneo. Como 30 milhões de brasileiros produzem 200 bilhões de dólares por ano na economia informal". Veja. 6/9/1995.
1308 O drama silencioso dos sem-carteira. Veja. Consuelo Dieguez, 18/10/2000, p. 18.
1309 Idem.

que, portanto, não são "*motivos românticos de uma vida sem patrão*" que "*puxam esses novos empresários*":[1310] "*o maior motor do empreendimento pessoal não é um movimento de atração, mas de expulsão*".[1311] Os exemplos são de pessoas "contempladas" com Planos de Demissão Voluntária, demitidos pelo setor bancário ou poucos "sonhadores". Além disso, circula em termo dos riscos, deixando claro que, para ter sucesso, é necessário muito capital, algo em torno de "*70% de suas economias apenas para capital de giro*".[1312] Ou seja, são exemplos, mas não é um estímulo para a ampla formação de novos capitalistas. Outro problema se coloca, que seria o alto custo "do emprego" no Brasil, que precisaria urgentemente "reformar" suas leis para flexibilizar as relações de trabalho.

A segunda reportagem é mais sistemática, fruto de uma pesquisa da própria revista. Nela são explorados exemplos concretos: uma ex-secretária de uma multinacional; um ex-empregado da Petrobras que aderiu ao PDV; uma mulher cuja profissão "desapareceu" e junto com outros colegas do banco em que trabalhava, "reagiu" e montou seu próprio negócio. Portanto, embora o destaque de capa seja para os "vencedores", não é o "sonho de não ter patrão" que embasa essas experiências. Há também o exemplo de uma "sonhadora": "*não se pode esquecer, é claro, que um sem-número de iniciativas nasce da intuição e da realização de sonhos que não cabem em planilhas, projetos estruturados por consultores ou algo que o valha. É essa a graça (e engrenagem importante) do capitalismo*".[1313] Nesse caso, haveria que contar com uma herança, a sorte, ou alguém que proporcionasse o capital, portanto, o fator sorte (imponderável) era decisivo. E além desses casos, há bastante destaque para as incubadoras industriais voltadas à exportação. São casos em que universidades auxiliam os pequenos empreendedores, "*nas áreas de software, produtos eletroeletrônicos, telecomunicações e automação*",[1314] ou seja, setores essenciais na atual fase do capitalismo. Assim, desonera a pesquisa privada, utiliza-se do serviço público (embora não se diga que se trata de universidades públicas), e deixa-se o erro e o desacerto para os "pequenos" que,

---

1310 A vida sem patrão, p. 110.
1311 Idem, p. 111.
1312 Idem, p. 113.
1313 Como e porque eles venceram, p. 93. As regras para serem citados na reportagem foram: "ser dono de um negócio que superou os cinco anos de existência; ter começado a vida profissional como empregado; não ter contado com um grande sócio capitalista para abrir a empresa". Idem, p. 89.
1314 Idem, p. 94.

quando tiverem "boas idéias", poderiam então vendê-las aos grandes capitalistas. Para concluir:

> Não se esqueça de que o trabalho sem patrão é fruto de uma revolução que começou no final dos anos 70. Nos últimos vinte anos, o modelo de gerenciamento das empresas passou por uma reviravolta. A produtividade cresceu em ritmo alucinante. Hoje nas empresas na vanguarda da tecnologia, um único trabalhador produz o mesmo que 25 deles há duas décadas o fenômeno de diminuição do emprego formal e aumento das iniciativas econômicas individuais é mundial.[1315]

Mais uma vez o processo é naturalizado, tido como inevitável. Restaria ao trabalhador a adaptação: ou trabalha muito mais e recebe menos, ou entrega seus serviços, sob novas formas ao capital,[1316] ou é sumariamente excluído. Colado a isso, a idealização da realidade passada do mundo do trabalho, onde a exploração desaparece. Diante da constatação de que havia prognósticos anteriores e que "as pessoas" trabalhariam menos e teriam mais tempos para outras atividades (como fora enfatizado nas entrevistas com De Masi), a revista diz que foi o contrário que aconteceu: para que pudessem manter seus postos de trabalho "tiveram que" (como se fosse inevitável) aumentar o trabalho e reduzir os "ganhos" do trabalhador:

> A explicação dos especialistas, vejam só, é a diminuição crescente do **emprego confortável do passado** [sic], aquele que durava por toda a vida útil e **exigia pouco do funcionário**. Numa simplificação de um processo intricado, a economia globalizada da última década, principalmente, pôs contra a parede empresas lotadas de mão-de-obra habituada ao padrão oito-às-cinco. Lançadas numa competição feroz, adotaram a prática do melhor resultado ao menor custo possível.[1317]

A decorrência seria evidente, já que "*o americano não esquece o que passou*", em alusão a que "*morre de medo de ir para a rua*", teria que haver uma readequação, como mostraria o modelo norte-americano. Até mesmo a manutenção das 44 horas de trabalho é considerada fora de questionamento, pois seria fruto de uma época em que "*ainda se pensava que o futuro era trabalhar cada vez menos e ganhar cada vez mais*".[1318] A solução apontada seria aumentar a carga horária, mas não formalmente, e sim, como fruto do esforço de cada um para manter seu posto de trabalho. Qualquer atitude em contrário seria não "subversiva", mas simplesmente "fora do tempo", como se conclui ao narrar a redução da jornada na França,

---

1315 Idem, p. 95.
1316 Como também pelas franquias, que são mostradas nas páginas 94 e 95.
1317 Tempos modernos. Veja. Aida Veiga. 5/4/2000, p. 124. Grifos meus.
1318 Idem, p. 125.

que esperava criar mais empregos com isso: "*vão esperar sentados*".[1319] A conseqüência, para o Brasil, além de várias medidas concretas como o "banco de horas" seria que os trabalhadores "*podem querer manter as noites e os finais de semana livres. Mas, se quiserem manter também o emprego**, terão de ser mais produtivos, ou aceitar um contracheque menor***",[1320] como "ensina" um professor da Universidade de Harvard. Em conclusão, a reportagem aponta ainda que, afinal, a gestão desse "novo trabalhador" já estaria a caminho:

> Isso quer dizer que está todo mundo infeliz e descontente? De jeito nenhum. (...) A socióloga (...) da Universidade de Berkeley descobriu que, mesmo quando a companhia oferece condições para seus funcionários irem embora mais cedo, a maioria prefere ficar. Eles gostam da camaradagem do escritório e do reconhecimento que lá recebem. Mais ainda: preferem trabalho no escritório a enfrentar as obrigações domésticas.[1321]

Portanto, não haveria espaço nesse mundo para qualquer resquício de vida política. A ação humana é reduzida ao seu trabalho, em condições cada vez mais exploradoras, cujo efeito é fazer com que o trabalhador "*se entenda dentro da engrenagem, mas não se entenda dentro da engrenagem fortemente cifrada pela alienação*".[1322] É o próprio trabalhador que deve desejar essa exploração, que lhe daria "reconhecimento" e identidade, rompendo com a possibilidade de identidade de classe. Lembremos mais uma vez que, em termos gerais, esse trabalhador não é, via de regra, o operário de fábrica, e sim aqueles que gerenciam o operário. Nesse campo que a revista tem sua ação concreta. E aqui a introjeção das necessidades do capital e a negação de suas contradições como espaço de luta é parte do embate de *Veja*. Seu papel foi o de educar os gerentes do capital (em seus diversos níveis), para que eles fizessem "o que tem que ser feito": demissões, competição, cortes arbitrários, etc. Outras formas de contornar essas dificuldades serão encontrados no "mundo do espetáculo" que, como veremos no capítulo oito, além de levar à criação de um mundo de fantasias, é também a criação de necessidades que atrelam esses sujeitos ao capital pelo estabelecimento de novos padrões de "marcação" e de consumo.

1319 Idem. Essa questão havia sido noticiada com toda hostilidade: "outra de francês: governo Jospin atropela negociação e implanta semana de 35 horas". Veja. Lizia Bydlowski. 22/10/1997, p. 51.
1320 Idem, p. 126. Grifos meus.
1321 Idem, p. 129.
1322 THOMAZ JUNIOR. Antonio. Entrevista coletiva. Fronteiras. Dossiê Relações de trabalho. Marechal Candido Rondon, Ano IV, n. 8, maio/2000, p. 15.

6.3.2 As reformas trabalhistas

A campanha das reformas se completa com a redução dos direitos trabalhistas. Muitos elogios foram dedicados ao acordo celebrado entre a Força Sindical e a Fiesp, que previa o "contrato especial de trabalho". O governo brasileiro era instado a "*promover uma cirurgia na legislação trabalhista*",[1323] reduzindo o "custo Brasil". O fato de que esse acordo infringia direitos e era inconstitucional foi tratado com naturalidade, afinal, um trabalho de três meses, com redução de direitos para quem estava desempregado era apresentado como "*até uma bênção*", e portanto... "*o governo trabalha com a certeza de que será inevitável promover mudanças na legislação trabalhista*".[1324]

Na mesma linha seguiu a cobertura dos acordos no setor automotivo, firmado pela Força Sindical: "*para evitar o desemprego, quebra-se o gesso do salário: em troca de garantia do emprego, trabalhadores rompem uma tradição de cinqüenta anos e aceitam ganhar menos*".[1325] O salário dos trabalhadores era apresentado como o grande culpado. A expressão "tradição" denota algo ultrapassado e serve para substituir "direito", e o salário ao invés de ser um pagamento, é mostrado como uma dádiva, é visto como um "ganho" (e não como pagamento em troca de sua força de trabalho). O tom de ameaça é permanente e "*as pessoas precisam pensar no que aconteceu em São Paulo na semana passada porque é provável que em breve tenham de enfrentar o dilema dos metalúrgicos*".[1326] Ao sugerir que os entraves adviriam da CLT, completa: "*há dois problemas com essa maçaroca. Ela torna a contratação difícil, onerosa e empurra os trabalhadores para a informalidade. O segundo problema é sua velhice*".[1327] As mudanças da economia (que aparece como algo fetichizado, sem sujeito) exigiriam as alterações legais, como comprovariam os caos dos Estados Unidos, Nova Zelândia, Japão e Holanda. *Veja* cita José Pastore para quem no Brasil há "absurdos": "*essa legislação dourada dá a impressão de proteger os trabalhadores. 'Na realidade, ela torna o custo do trabalho formal tão alto que seu efeito é o de reduzir a oferta de emprego',*

1323 Acerto do barulho. Veja. 21/2/1996, p. 18.
1324 Idem, p. 21. Mesmo a Fiesp, segundo a revista, apontou críticas ao projeto, que viu como "quebra-galho", "longe de atacar o problema". P. 20. Mas, para Veja, essa seria apenas uma "boa solução". O assunto volta com Vicentinho: "o projeto é cortar os custos". Veja. 3/4/1996, p. 20.
1325 Quebra-se o gesso do salário. Veja. 17/12/1997, p. 36.
1326 Idem, p. 37.
1327 Idem.

diz Pastore".[1328] O alerta estava dado para "*o brasileiro, principalmente o de classe média (...) chegou a hora de se preocupar com o assunto. E chegou de repente, porque o brilho da faca está no ar neste final de ano*".[1329] Com isso, se responsabiliza o trabalhador (seu salário e seus direitos) pelo desemprego; seu público leitor está sendo preparado agora – que a crise atinge a classe média – para, talvez, apertar os cintos em prol de uma modernização abstrata. Além disso, trata-se de fortalecer os elos subalternos da dominação – *Veja* fornece os argumentos da "inevitabilidade" do sofrimento àqueles que, em pequenas funções de mando, deverão exercer diretamente as tarefas concretas. São os pequenos empresários e funcionários de seção de Recursos Humanos, por exemplo, que enfrentariam, condoídos, a tarefa das demissões e de fomentar a competição entre os trabalhadores, deveriam estar convictos de que não havia alternativa.

O quadro pintado é apocalíptico, "*um fenômeno que está atormentando o mundo inteiro e cresce sem controle aparente*".[1330] Esse fenômeno, como algo natural, tudo explicaria:

O esforço para reduzir custos, inclusive os do trabalho, é geral entre as empresas industriais e de serviços, está causando modificações velozes e destruindo o padrão de emprego. Um exemplo clássico, citado pelos economistas, é o da Nike, a fabricante de tênis e equipamentos esportivos. A sede da Nike é nos estados Unidos, mas lá não há produção física. A Nike faz o cadarço em um país, a sola em outro e monta o conjunto num terceiro. Espalhando a produção, aproveita os preços melhores. Para uma empresa assim, encargos de 102%, proibição de reduzir salários, castigo altíssimo na hora de demitir, são estorvos. Aquele que defende rigidez total nesses pontos precisa pensar que isso não ajuda o emprego.[1331]

Assim, Nike, *Veja* e financistas empresários se transformam em um bloco compacto, defendendo um mesmo discurso. Precisou, para isso, convencer os próprios trabalhadores, ou, como *Veja*, os que exercem as funções intermediárias. A inversão é completa: os trabalhadores são responsabilizados pelo próprio desemprego; parecem ser desnecessários. O papel do

---

1328 Idem, p. 38.
1329 Idem, p. 39.
1330 Idem.
1331 Idem, p. 40. Sempre que há demissões em massa, são divulgadas da mesma forma, como inevitáveis: "Demissão no ABC. A Volks vai reformar uma velha fábrica e milhares de operários podem perder o emprego." Veja. João Sorima Neto e Roger Ferreira. 10/12/1997, p. 122.

capital – figurado pela Nike[1332] – sequer é ocultado e, como pano de fundo, a competição desenfreada imposta aos trabalhadores no plano internacional, como se fosse algo inescapável.

6.3.3 A greve dos petroleiros: derrotar o movimento sindical

Tomaremos como exemplo a greve dos petroleiros ocorrida em 1995, mas não foi a único momento em que a crítica aberta ou a indiferença se traduz em apoio à repressão.[1333] Ela pode ser percebida em vários outros momentos,[1334] e quando possível, associadas à suposta "falência do Estado",[1335] alguns dos quais voltaremos a abordar em nosso capítulo nove.

Em matéria de capa, *Veja* deu cobertura à greve dos petroleiros. Em homenagem à "firmeza" do presidente, uma fotomontagem na capa o colocou fardado e com capacete do exército, com a manchete: FHC PEITA A CUT. A homenagem se justifica porque o presidente "teve peito" de mandar o Exército ocupar as refinarias de petróleo para garantir que fura-greves pudessem manter o trabalho sendo realizado. *Veja* explica que em 1988 a invasão do Exército numa refinaria causou três mortos, o que poderia fazer com que hoje o ato fosse considerado impopular, mas "*ao contrário de agora, a greve de 1988 não havia sido declarada ilegal. Isso dá agora ao presidente a certeza de que não está sendo autoritário. 'Estou cumprindo a Constituição', disse Fernando Henrique Cardoso a Veja*".[1336] A justificativa apresentada foi "*garantir os direitos de quem se dispunha a trabalhar*". O autoritarismo será, agora, permanentemente defendido pela revista, e a Constituição

---

1332 A revista defende o perverso modelo da Nike, para a qual importa apenas vender sua marca, deixando o processo produtivo às "regulamentações do mercado". KLEIN. Op. cit. O aspecto de construção da marca será retomado no nosso capítulo nove, como algo essencial nesse processo.

1333 Por exemplo, no caso do assassinato de três pessoas em uma ocupação: "Sem teto e sem vida. Três invasores morrem ao serem despejados de uma área do governo". Veja. André Barros e Bruno Paes Manso. 28/5/1997. A questão é reduzida à irresponsabilidade da polícia. Mas para que não houvesse maior alarde, ela foi procedida de outra página da revista, em destaque: "A voz estridente do bode expiatório". Veja. 28/5/1997, p. 29, em que há uma fotografia de João Pedro Stédile e se diz que ele estaria incitando à desordem. Assim, uma coisa (a ameaça do MST) acabaria justificando a outra (a morte dos "sem teto que viraram sem vida").

1334 Como por exemplo, na cobertura da greve da polícia militar, em que lemos o alívio da revista quando acabou, e "com derrota": "**enfim, derrotados**. Tasso infiltra arapongas, encara a PM e vence a greve em Fortaleza". Veja. Manoel Fernandes. 6/8/1997, p. 26.

1335 Como no caso da greve da PM em Alagoas: "Dia de caos nas Alagoas. A PM derruba o governador e deixa a dúvida: porque o Estado piora cada vez mais?". Veja. Manoel Fernandes e Laura Capriglione. 23/7/1997, p. 24.

1336 A posição da revista vinha sendo consolidada nas emsnas anteriores, como: "FHC encara a CUT: o governo joga duro com a greve da Petrobras e força os petroleiros a correr atrás de uma saída honrosa". Veja. 24/5/1995, p. 32. O Planalto sacou primeiro. Veja. 31/5/1995, p. 20.

justificaria tais ações. *Veja* completa, explicando que o presidente estaria mais que correto em sua atitude:

Ainda assim, usar o Exército não é algo que se faça com tranqüilidade. O recurso militar se explica pelo objetivo do presidente: vencer, de maneira acachapante, a única oposição organizada ao seu governo, a CUT. Para um governo que pretende acabar com a indexação salarial, extinguir privilégios do funcionalismo público e mexer nas aposentadorias, derrotar o setor mais forte do sindicalismo é uma **condição quase que obrigatória**.[1337]

A narração usa o tom de guerra: "*na manhã de sábado, a derrota da CUT parecia eminente e inevitável. Os petroleiros ainda não se haviam rendido (...)*". A idéia prossegue, de que, derrotados, os petroleiros poderiam até vir a receber parte dos salários dos dias parados "*só não conseguirão esconder que se meteram numa greve* ***pesadamente prejudicial à população mais pobre****, obrigada a passar até seis horas na fila para comprar gás*".[1338] Mais uma vez, *Veja* se coloca como porta-voz da população pobre, incitando a divisão entre os trabalhadores. Os elogios a FHC, por outro lado, não são poupados: "*mostrou firmeza, coerência e até competência para acabar com uma greve*". Ou seja, ao contrário do "exemplo mexicano", FHC soube como lidar com "descontentes". Mas há ainda um que de ironia:

Na linha dos piquetes, nem a cacicaria [sic] da CUT fez muita força pelos petroleiros. Além de raspar a cabeça, a melhor idéia que o presidente da entidade teve para estimular o movimento foi dizer, no meio de um congestionamento de trânsito, que os trabalhadores deveriam encontrar outras formas de reivindicar além de fazer greve.[1339]

A revista felicitava-se com a inépcia de Vicentinho, presidente da CUT. Ele deveria, pela sua lógica, ter impedido que a situação chegasse àquele ponto. O problema maior, no entanto, era o movimento se mostrando maior que sua "liderança". A importância dessa greve era evidente. Segundo a revista, com apoio de "*pelo menos dois terços da população, o governo já comemora uma vitória que pode iniciar a ruptura de um equilíbrio de forças que subsiste na política brasileira desde o fim do governo Figueiredo, quando se criou um movimento sindical forte e todos os governos foram obrigados, dessa ou daquela forma, a*

1337 Idem. Grifos meus.
1338 Idem, p. 22. Grifos meus.
1339 Idem, p. 22.

sentar para negociar com o outro lado".[1340] Todos os meios são justificados pela revista para dobrar o movimento sindical aos "novos tempos". E *Veja* alardeia, a partir das declarações do ministro das Minas e Energias Raimundo Brito, a fórmula do sucesso da submissão do movimento. Trata-se de difundir o medo entre os trabalhadores e ensinar aos empresários tímidos como fazer. Segundo a revista, Brito "*esclarece que nesse conflito se empregou até uma técnica terrorista no delicado momento em que o governo resolveu demitir 67 funcionários*":

Na hora de fazer a lista de quem ia ser mandado embora, escolheram-se os piqueteiros, os líderes da greve e também aqueles funcionários exemplares, antigos e de bom desempenho, que nunca faltam ao trabalho – a não ser quando quem pede é o sindicato. 'O segredo dessa estratégia é **semear o medo da demissão em todo mundo**. Numa refinaria todos se conhecem. Se um funcionário exemplar é demitido, quem está em dúvida quanto à determinação do governo vai pensar duas vezes antes de aderir', relatou Brito a um colega do governo.[1341]

Usando sua prática de não explicitar fontes, a revista explicita como devem ser tratados os trabalhadores insubmissos, a luz de práticas que ela própria classifica de "terroristas". Mais ainda, elogia a tática dura do governo, que enfrentou os trabalhadores desde o início, citando novamente o presidente da República: "*em greve de estatal é assim: se a gente faz corpo mole na primeira, depois não recobra as forças. Eles sugam tudo. E não vou além da lei, ou acima dela*".[1342] As ações articuladas do governo contaram ainda com a participação do ministro do Planejamento, José Serra, que estudou e pôs prática várias medidas anti-greve, inclusive autorizando o ministro Brito a "*confeccionar sua lista terrorista*",[1343] e colocá-la em prática assim que a greve foi considerada ilegal. Imediatamente, processou-se a busca de "fura-greves", na lista dos recém-aposentados da Petrobrás, que receberam treinamento para as atividades, recebendo um

Tratamento confortável e discreto. Pela manhã, muitos usufruíram do direito de um banho de sol à beira da piscina. Mais tarde, ouviam palestras e explicações num auditório.

1340 Idem, p. 23.
1341 Idem, p. 23. Grifos meus.
1342 Idem, p. 24.
1343 Idem, p. 25.

Antes do anoitecer eram conduzidos às refinarias nas quais estavam escalados para trabalhar e, sem que os grevistas percebessem, podiam conhecer no próprio local os instrumentos que teriam que operar.[1344]

Todas as mordomias eram justificadas para que os empregados se sentissem confortáveis no papel de fura-greve. A conclusão da revista é rica em significados. Somente no último parágrafo ela toca nas motivações da greve, contra a privatização da exploração do petróleo. A explícita crítica ao caráter político da greve aponta a direção política da revista: os trabalhadores terão que defrontar-se com ela caso se manifestem com relação ao quadro político que envolve seu trabalho. A ação do governo – autoritária, terrorista e usando de meios ilegítimos – é abertamente defendida:

Nem pelos petroleiros nem pelo governo, a greve foi uma disputa salarial. Os próprios líderes dos sindicatos reconhecem que poderiam ter cruzado os braços em janeiro, julho ou agosto, mas preferiram iniciar a paralisação em maio porque estavam de olho num acontecimento político de maior relevância – a revisão da Constituição, em que questão do monopólio do petróleo estará em debate – e calculavam que sob essa circunstância teriam mais chances de ser atendidos. O problema do governo nunca foi gastar mais ou menos com os trabalhadores. Se atendesse todas as reivindicações dos sindicatos, o governo gastaria cerca de meio bilhão de dólares.[1345]

Finalmente, ridicularizava os grevistas, desviando o problema para uma questão sem qualquer sentido, reiterando a importância de quebrar o movimento sindical:

Entre as reivindicações, havia uma hilariante: auxílio-saúde para ex-sogros. Ou seja, se o funcionário se divorciava, o pai da ex-mulher tinha direito ao benefício. Meio bilhão de dólares é um bom dinheiro – mas muito menos do que irá custa o pacto do Planalto com os ruralistas que não querem pagar a trabalhadores. Ou menos do que o Tesouro perde com as atuais taxas de juros. **O que interessava ao governo era vencer uma prova de força. E isso Fernando Henrique conseguiu**.[1346]

O mais importante foi dobrar os trabalhadores, pois, como está explícito, o governo poderia ter atendido às reivindicações sem maiores problemas. E houve espaço para elogios a

---

1344 Idem, p. 26.
1345 Idem, p. 27.
1346 Idem. Grifos meus.

José Serra, destacado no quadro "*o amigo que anda na frente*". Ele "*está sempre por perto, ou mesmo à frente, das medidas de maior impacto do governo*",[1347] ressaltando algumas intervenções do ministro em "momentos decisivos" para o governo, sendo agora sua função "ocupar-se dos salários". Muito a propósito, na página seguinte, a matéria anunciava "*o primeiro passo: os deputados aprovam a quebra do monopólio das telecomunicações, numa reforma que toca o cidadão de perto*".[1348] Antes de mais nada, a revista imprime a direção fundamental do momento, as mudanças constitucionais, que não deveriam ter a participação dos trabalhadores. Finalmente, com o fim da greve, a revista comemora e debocha: "*derrotados e quebrados: o governo comemora o fim da greve, o PT e a CUT se desmoralizam e para os petroleiros resta o pior dessa derrota histórica: pagar a conta*".[1349] O tratamento dispensado à greve reafirma que o neoliberalismo não é apenas uma "doutrina", mas uma forma de organização, dos setores dominantes que impõe o atrelamento do movimento sindical. Como escreveu Bianchi, "*a greve terminou com uma derrota clara dos petroleiros. Depois dela, a reforma constitucional deslanchou, aprovando em tempo recorde as emendas referentes ao capítulo sobre a ordem econômica*".[1350] A revista seguia obedecendo à risca seu papel, dirigindo e homogeneizando os diferentes setores empresariais ao mesmo tempo em que legitimava e naturalizava a desqualificação dos trabalhadores e de suas organizações.

6.4 CONTRADIÇÕES DO SISTEMA

As contradições do sistema do capital persistem em se manter presentes, mas *Veja* sempre fez o possível para negá-las, apagá-las ou ressignificá-las. Sobretudo o desemprego, a miséria, a violência, são elementos que discursivamente a revista, ao tratar da "globalização" buscou minimizar, como voltaremos a discutir.[1351] Mas há momentos em que a situação fica mais difícil de ser escamoteada, porque tratam do centro nevrálgico do sistema do capital em

---

1347 Idem, p. 24.
1348 O primeiro passo. Veja. 31/5/1995, p. 28.
1349 Derrotados e quebrados. Veja. 7/6/1995, p. 38.
1350 BIANCHI, Álvaro. Neoliberalismo e resistência operária no governo FHC. In: BIANCHI. Álvaro. (et al). A crise brasileira e o governo FHC. São Paulo, Xamã, 1997Op. cit., p. 118.
1351 No capítulo nove discutiremos algumas manifestações da incontrolabilidade do capital: a miséria, a questão ecológica e a violência.

sua atual fase: o centro rentista que sobrevive da supervalorização financeira e, em complementação, exige o aprofundamento das medidas neoliberais nos países periféricos (entre outras, o aumento das taxas de juros e o pagamento da dívida externa).

Nesses momentos a revista retoma a retórica da ameaça, disseminando o medo. Imagens da natureza, especialmente o mar, são usadas figurativamente com esse sentido: o maremoto, as ondas, nuvens negras, tempestade, furacão, como formas eficientes de naturalizar os problemas. Assim foram tratadas as crises relativas à chamada "bolha financeira" gerada no sistema Nasdaq no início do milênio. Os escândalos financeiros, ao abalarem as corporações, obrigaram a questionar alguns de seus aspectos, ainda que superficialmente, para recolocar em ordem o seu funcionamento. A saída foi a defesa de medidas regulacionistas, ainda que provisoriamente. Depois de uma série de reportagens exaltando o "gigante americano",[1352] as crises foram apresentadas como inevitáveis, aparecendo como expressão "da natureza":

> Não está sendo fácil conviver com a nova economia mundial. Se antes eram bem protegidas pelas suas fronteiras nacionais, pelo seu governo e pelo banco central, as pessoas estão sentindo que uma janela se abriu. Por ela podem entrar bilhões de dólares que estufam os lucros na bolsa e plantam fábricas e empregos. Mas o dinheiro pode também sair numa ventania só.[1353]

Na apologia, se mantém a "felicidade norte-americana", e sua generalização só dependeria dos países periféricos cumprirem sua parte: "*resta saber se os governos desses países vão fazer as reformas de base necessárias para consertar sua economia. Não fosse por isso, o mundo para os americanos seria hoje* ***quase perfeito***".[1354] Mais uma vez, esse processo aparece como natural, assim como a própria economia:

> Agora as mudanças aconteceram antes que os governantes consigam perceber (...) e será assim por muito tempo, pois a economia está num processo de torção como nunca ocorreu. No princípio, a globalização era percebida pelo crescimento do comércio internacional. (...) depois, os capitais passaram a transitar pelos mercados como se as fronteiras não existissem. Seu movimento cresceu tanto, e o volume de

---

1352 Entre outras: "Os EUA quebram um tabu. Os americanos provam que é possível combinar crescimento forte com estabilidade econômica". Veja. Eurípedes Alcântara. 4/6/1997, p. 118. "**Felicidade se compra**. Sob Bill Clinton, os Estados Unidos experimentam o maior período de prosperidade de toda a sua história". Veja. 2/2/2000, p. 50.

1353 "Um dilema global: o mundo discute uma fórmula para beneficiar-se do capital internacional sem correr grandes riscos". Veja. Antenor Nascimento Neto. 24/9/1997, p. 122.

1354 "A força do império aumentou. Com um salto tecnológico e o governo sob controle, os Estados Unidos ainda prosperam enquanto a Ásia cambaleia". Veja. 14/1/1998, p. 32. Grifos meus.

> dinheiro é tamanho, que o poder dos investidores se tornou imbatível. Se antes a política de juros e de câmbio de um país era atribuição soberana do governo, agora ela depende também do seu investidor. Ganha-se ou perde-se emprego por uma decisão tomada do outro lado do oceano. O movimento de mercadorias e capitais foi a primeira fase da globalização. A segunda fase, marcada pelas megafusões de empresas, acaba de apresentar-se. E promete causar desmaios.[1355]

Esse texto, embora apologista, aponta questões nodais do sistema: como devem agir os países periféricos, seu lugar no sistema, as suas fases, os interesses e necessidades do capital, as conseqüências sociais. Só resta à humanidade se adaptar e aguardar. A conjuntura remetia às crises que aprofundaram as fusões dos conglomerados. Aos países periféricos a revista repisava a única opção: assegurar a gestão plena dos agentes externos, FMI sobretudo, nas suas economias. No caso brasileiro, essa passaria a ser a ordem do governo eleito em 1998, como visto no capítulo anterior. Há, em conseqüência disso, uma valorização do mercado financeiro, sobretudo voltado às empresas de informática, redes e comunicações, que tinham suas ações centralizadas no pregão da Nasdaq. E, sem fazer relação entre a exaltação e a queda, a revista teve que noticiar "*a semana em que Bill Gates perdeu: a condenação da Microsoft dá choque no mercado americano de ações de alta tecnologia.* ***Mas foi só um susto***".[1356] Na semana seguinte, novamente há o "*susto na Disney das ações: enquanto seu prédio vira atração turística em Nova York, a Nasdaq tem a pior semana de sua história*".[1357] Outros problemas viriam a se manifestar, até chegar nos escândalos como o da Enron em 2001. *Veja* se recusa a enfrentar que esse sistema se sustenta em uma permissividade financeira a toda prova, parte da total liberdade do mercado. A supervalorização das ações alcançada pela maquilagem contábil de balanços, entre outras ilegalidades, ocorreu com o envolvimento de vários setores do capital, inclusive de grandes bancos e das grandes empresas exaltadas pela revista,[1358] e portanto, não podem ser vistas como "casos isolados".

1355 "Em alta rotação. A globalização acelera, muda de cara e deixa o mundo inteiro perplexo". Veja. Eliana Simonetti. 27/5/1998, p. 133.
1356 A semana em que Bill Gates perdeu. Veja. Roberta Paduan. 12/4/2000, p. 126. Grifos meus.
1357 Susto na Disney das ações. Veja. Ângela Pimenta e Roberta Paduan. 19/4/2000, p. 128.
1358 Uma extensa pesquisa da revista Reportagem mostra que gigantes como Xerox e General Electric estiveram direta ou indiretamente envolvidas nas irregularidades que sustentavam a supervalorização dessas empresas no mercado acionário. Ver: "Sob suspeita: os escândalos da Enron, WorldCom e outras grandes empresas deixam os investidores de orelha em pé e levam pânico às Bolsas. Mas as causas do mergulho das ações vêm de antes e são mais profundas". Reportagem. Maryse Farhi e Marcos Cintra. N.35, agosto de 2002, p. 25.

A forma com que *Veja* equaciona isso é simplista, defendendo o aprofundamento do processo momentaneamente em compasso de espera: "*a vitória dos ricos na globalização. As regras do jogo do capitalismo global* ***por enquanto*** *favoreceram muito mais os países industrializados do que as nações em desenvolvimento*".[1359] É como se a humanidade tivesse sido criada para esse fim último: "*a globalização começou no mesmo instante em que o ser humano passou a se locomover em torno do mundo, mas seus contornos ficariam mais claros e espantosos durante a última década*".[1360] O problema mais sério era uma sensação geral de exclusão por parte dos "países pobres", e isso precisaria de uma resposta: "*os governos não abandonaram inteiramente seu papel de agentes econômicos e o liberalismo foi implantado no planeta apenas até certo ponto – o ponto que atende prioritariamente aos interesses dos países ricos*".[1361] Muito adequadamente, a idéia de "nação" serve agora para ocultar os interesses do capital. Nesse momento – e convenientemente - , não seriam seus interesses que estavam em jogo e apenas o dos países, que seriam protecionistas, mesmo apontando que "*as corporações multinacionais com filiais em todos os cantos do planeta podem ser administradas via Internet a um custo mínimo*".[1362] Disso não se tira conclusões sociais, mas todos seriam fatos inevitáveis, "*ele produz riqueza, mas também miséria. Outra de suas características é a* ***obrigação de aceitá-lo, quer se goste, quer não***".[1363] E, alertava a revista que seria necessário cumprir tudo à risca, para não "ocorrer como na Rússia", "*que tem padrão quase africano*". O exemplo estava próximo: "*os vizinhos de Buenos Aires julgaram possível entrar na festa da globalização sem o traje apropriado do ajuste das contas públicas. O país foi duramente castigado*".[1364] Mais uma vez, a promessa impagável de que esse processo traria, em algum momento investimentos e crescimento: "*nos países pobres, o dinheiro necessário para criar empresas e empregos é escasso. Por isso eles são tão*

1359 A vitória dos ricos na globalização. Veja. Eurípedes Alcântara e Eduardo Salgado. 29/5/2002, p. 96. Grifos meus. Nesta reportagem é referido um documento do Banco Mundial para reforçar a idéia. Interessante observar que este mesmo documento foi publicado no Brasil, e suas "lições" são idênticas, inclusive em termos discursivos com as aqui defendidas por Veja. A ideologia dos "países ricos" levaria à necessidade de que a globalização "traga mais pobres para dentro do processo, e não regrida à mentalidade limitada e ao nacionalismo estreito dos anos 1930", de acordo com o documento. Ver: WORLD BANK. Globalização, crescimento e pobreza. São Paulo, Futura, 2003, p. 212.
1360 A vitória dos países ricos.... p. 97.
1361 Idem.
1362 Idem.
1363 Idem, p. 98. Grifos meus.
1364 Idem.

dependentes dos humores dos donos do capital. A globalização tornou países antes fechados como ostras mais transparentes e, portanto, mais aceitáveis como portos de destino do capital mundial".[1365] Está implícito que o porto não é um lugar de longas estadias, portanto, mantêm-se as ameaças: há que cumprir as ordens. *Veja* avança no sentido de dourar a pílula do sistema, como se o problema fosse o "*capitalismo popular*"[1366] norte-americano, cujo centro estava abalado, gerando grandes riscos: "*o mais preocupante dos problemas atuais é a crise de confiança no mais robusto dos pilares do tripé do capitalismo global, a formidável galáxia financeira dos Estados Unidos*".[1367] Mas, acalma a revista, "*o tom alarmante dos críticos são as modernas trombetas do apocalipse. Elas sempre soaram para o capitalismo em toda sua história. A crise final do capitalismo é uma das mais cultivadas utopias de seus adversários*".[1368] Seguindo seu próprio raciocínio, se trataria da "evolução natural" da humanidade, que desde sempre teria caminhado para este "estágio superior", que sofreria abalos também naturais, arrematando: "*a globalização, longe de ser mais um processo de dominação, como foi a colonização, é uma conquista de toda a humanidade. Uma conquista que precisa ser reinventada a cada dia*".[1369] Mais uma vez, caberia ao próprio capital superar esses limites.

Na seqüência, outra reportagem explicava: "*a luta para entrar na festa: não existe conspiração dos países ricos para penalizar as nações em desenvolvimento mas poucas conseguiram colher os frutos da globalização*".[1370] A mesma idéia é explicitada, reiterando que a globalização seria "um período" em que "*as pessoas que produziram seu sustento com as próprias mãos foram penalizadas*".[1371] E novamente o caso argentino estaria como prova de que "não há alternativas": "*a Argentina se tornou um pária da comunidade financeira*

1365 Idem.
1366 Porque se funda nos investimentos da população nas bolsas de valores, a qual foi a principal perdedora com a queda das bolsas. Veja vinha defendendo medidas como esta para o Brasil propondo "encontrar um meio para popularizar a bolsa de valores é muito saudável para qualquer economia moderna". "Os novos donos: a frenética busca por ações em troca de parte do FGTS é um passo, pequeno ainda, rumo a uma forma incipiente de **capitalismo popular** no Brasil". Veja. 27/3/2002, p. 108. Grifos meus.
1367 A vitória dos ricos... op. cit, p. 101.
1368 Idem, p. 102.
1369 Idem.
1370 A luta para entrar na festa. Veja. Denise Ramiro e Lucila Soares. 29/5/2002, p. 104. A capa da revista era assustadora: PODE O BRASIL VIRAR UMA ARGENTINA?
1371 Idem, p. 105.

internacional mesmo tendo seguido quase todo o receituário neoliberal".[1372] Apesar de todo o empenho em acatar as imposições, ela "*ainda assim naufragou. A verdade é a Argentina se esqueceu de um detalhe. Não fez talvez a reforma mais decisiva de todas*".[1373] Conclui citando Domingos Cavallo, que dizia que "*a globalização é como um clube. Cheio de regras e exigências. Os sócios rebeldes são expulsos com frieza*".[1374] Mas a última e ameaçadora palavra é dada a José Alexandre Scheikman: "*cenário externo pode ficar ainda pior*".[1375] Em contexto eleitoral, valia a ameaça e a tentativa de mostrar que, qualquer governo eleito, teria que manter "o rumo", citando para isso, alguém capaz de auxiliar nesses caminhos.

6.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

A atuação de *Veja* analisada neste capítulo apontou para a identificação do núcleo central de sua atuação: o ideário da "globalização", que tem sido uma forma de justificar o programa neoliberal. Essas interpretações seriam fundamentais para embasar a atuação junto à sociedade política, pois essas idéias são transformadas em pressupostos teóricos de ação: a ideologia da globalização como inexorável fase pela qual a humanidade passa. Com isso, se retiram os sujeitos sociais, a ação concreta em torno da gestão do capital, que aparece como algo natural. Apontou-se claramente a existência de uma ação sistemática que buscou convencer em torno da inevitabilidade e acerto dessa opção, em detrimento de qualquer pensamento divergente.

Assim, o programa ideológico e político defendido em *Veja* tem características notoriamente "globalizantes", mas os interesses defendidos são claramente do capital, nomeadamente o financeiro. O caráter empresarial da editora Abril nasceu e se desenvolveu

---

1372 Idem, p. 106.
1373 Idem, p. 107. Não fica claro na matéria qual seria o problema central, aponta que se deveriam à "autonomia de algumas províncias", que não se submetiam ao poder central; ao número de funcionários públicos, "tantos quanto Cuba, uma nação socialista"; e à paridade com o dólar.
1374 Idem. Interessante lembrar que Cavallo era, no início da década de 1990, um grande modelo apresentado por Veja.
1375 Idem. Scheikman aparece em destaque, em um quadro em que analisa a situação. Observe-se que ele, que vinha constantemente sendo referido em Veja, inclusive nas páginas amarelas (José Alexandre Scheinkman. **Educar é crescer**. Veja. Páginas Amarelas. Entrevistado por Franco Iacomini. 3/2/1999.) Ele seria o responsável pela recuperação da "agenda perdida", que daria o sentido neoliberal ao governo de Lula da Silva. Ver: "O programa que não veio do PT: o documento de Palocci nasceu da Agenda Perdida, de José Alexandre Scheikman, da Universidade de Princeton". Reportagem. Oficina de Informações. Mario Ferreira Presser. N. 44, maio/2003, p. 29.

voltado a interesses internacionais, tendendo para a oligopolização da mídia. Os dois aspectos são indissociados: *Veja* se coloca como interlocutora de um projeto que diz ser nacional, age como orientadora dos gerenciadores desse projeto em nível nacional, mas seus interesses vão além de qualquer nacionalidade. Não se trata apenas de considerarmos que as posições de *Veja* podem ser enquadradas no neoliberalismo, mas também de percebermos em sua cobertura a defesa didática, visando ao adestramento de seus leitores sobre a inevitabilidade do sistema do capital em todas as suas implicações, especialmente enquanto política aplicável à conjuntura nacional. O termo adestramento se justifica: não se trata de um convencimento a partir de argumentos, cercado por um efetivo controle e por um debate contraditório. *Veja* repete e repisa incansavelmente o mesmo chavão, ajustando-o segundo as conveniências conjunturais do grupo do qual apresenta-se como um efetivo *partido*.

Trata-se do conjunto de revistas da Abril, especialmente *Veja,* agindo, de forma articulada com o grande capital, e a grande imprensa mundial como "*o* Financial Times*, intelectual orgânico do capital financeiro internacional*".[1376] E os embates políticos para a hegemonia deste programa são muitos, como apontado na segunda seção deste estudo. Ao mesmo tempo, a ação de gerenciamento em torno das necessidades do capital ficou explicitada. Esses intelectuais e gerentes que ocuparam as páginas amarelas ou foram citados nas matérias e colunas convergiram nesse sentido. Atuaram dentro dos conflitos nacionais e dos obstáculos colocados à implementação dessas práticas, seja na legislação, seja na "mentalidade empresarial", seja na formação de profissionais capacitados para a nova forma de gestão. Tudo isso está em consonância com os embates políticos propriamente ditos, nos diferentes governos que implementaram o neoliberalismo no Brasil.

1376 BORON, Atílio. A nova ordem imperial e como desmontá-la. In: SEOANE, José e TADDEI, Emilio. (Orgs.) Resistências mundiais. De Seattle a Porto Alegre. Petrópolis, Vozes, 2001. p. 44.

CAPÍTULO 7:
NOVA ORDEM MUNDIAL IMPERIALISTA:
A cobertura internacional DE VEJA

Neste capítulo serão analisados temas da cobertura internacional de *Veja*,que se constitui um dos eixos da ação pedagógica da revista. No período em análise, de 1989 a 2002, ocorreu uma reconfiguração do que se convencionou chamar de "nova ordem mundial". Trata-se da manutenção das relações imperialistas após o final da Guerra Fria, em que os Estados Unidos assumem papel preponderante em termos de poderio militar, embora sua ação se dê em aliança direta com as demais forças imperiais. São distintos os conflitos deste período. No início da década se objetiva a criação do consenso em torno de que a Guerra Fria acabara, e que o comunismo teria terminado, não apenas enquanto experiência concreta, mas também como projeto político. A isso se soma o papel de gendarme ocupado pelos EUA, que assumem a dianteira da OTAN, como forma de consolidar seu poder, assumindo posturas de confronto com a ONU. Isso demarca de distintas formas os exemplos que vamos explorar das intervenções no Kosovo, no Timor Leste e na Indonésia. O programa político e econômico norte-americano busca definir como as nações deveriam ser tratadas: amigas ou inimigas. A partir disso, deveria ser estabelecida toda a engrenagem de dominação: segurança, dívidas externas, relação com FMI, com Banco Mundial, etc.

A maior parte da cobertura internacional de *Veja* é fruto de material adquirido nas Agências de Notícias. Raras vezes a revista enviou correspondentes a locais estrangeiros. Este mundo é narrado a partir dessas matérias como um cenário, articulado pelas grandes potências, no qual os diversos países devem se enquadrar, sendo sempre colocados como exemplos para o Brasil. A imprensa, no caso a *Veja*, tem um papel fundamental nesse processo, que é o de desinformar, a partir da divulgação de fontes viciadas na origem, que, sob a aparência de

seriedade – pois quase sempre são "oficiais" - contribuem para naturalizar a ordem de expansão da globalização. É por isso que o referencial do *modelo de propaganda* será útil nesse momento da análise.

A cobertura, que faz seleção dos materiais externos, tem dois níveis: a seção *Internacional*, com matérias que variam de uma coluna a várias páginas; e a seção que existiu até o final da década de 1990, *Notas Internacionais*, que era composta de uma página de pequenas notas sobre o mundo inteiro, sendo também um espaço para especulações, charges e curiosidades diversas. Nesses espaços, a revista defende calorosamente a "nova ordem", sempre apontando para a sua inevitabilidade em nome da "globalização".

Para realizar a análise não seria possível dar conta de toda a cobertura. Por isso, optamos por alguns estudos de caso. Neles se apontam situações de distintas coberturas, que denotam diferentes interesses imperialistas, sejam os econômicos diretos, seja de consolidação de poder. Serão analisadas as matérias sobre: o Kosovo; o Timor Leste; a Indonésia. Esses casos foram escolhidos porque encontramos sobre ele referência crítica na obra de Noam Chomsky, que se utiliza como uma das fontes principais a imprensa internacional, e propõe o *modelo de propaganda* que nos apareceu adequado. Será possível estabelecer algumas comparações da cobertura de *Veja* com aquela analisada pelo autor. E também será analisada parte da cobertura dada ao continente africano. Como ponto máximo de expressão da posição pró-imperialista de *Veja*, analisaremos a cobertura do 11 de setembro e a invasão ao Afeganistão.

7.1 O MODELO DE PROPAGANDA

Para estudar a cobertura jornalística internacional de *Veja*, remetemos ao "*modelo de propaganda*", que explica como a "mídia principal" trata a política interna e externa norte-americana. Ela foi, nas últimas décadas, majoritariamente submissa e acrítica com relação aos interesses do governo estadunidense. Como conseqüência, reproduz-se uma lógica expansionista e imperialista, ajudando a consolidar o suposto direito dos EUA de intervirem pela força, para combater o "comunismo", o "terrorismo", ou qualquer outra resistência que considere como "perigo" à sua dominação. Ao fazer isso, os interesses defendidos pelos grandes veículos da mídia norte-americana são sempre os dos "detentores do poder". O

discurso da neutralidade é a cada vez mais representativo da dominação de classes e imperialista.

A imprensa tem um papel específico que é o da sistemática propaganda no sentido da manutenção "*de um mundo de má distribuição de renda e de importantes conflitos de interesse de classe*".[1377] Os autores chamam atenção para o fato de que nada disso é evidente, nem mesmo para pesquisadores. A busca pela "informação" por parte do leitor, mesmo aquele com senso crítico, acaba se deparando com dados que têm aparência de verdade. Ou seja, mesmo quem é capaz de filtrar a ironia e a ausência de efetivo contraditório, dificilmente alcança criticar a lógica manipuladora mais profunda da construção da notícia, o que se aplica sobretudo nos noticiários internacionais sobre os quais há um domínio muito mais reduzido dos conteúdos. Se existe algum nível de crítica à imprensa presente no senso comum, o corriqueiro é existir um grau maior de credibilidade com relação às "notícias" internacionais, e que se pense que "pelo menos" elas seriam mais confiáveis, tendo em vista o maior distanciamento com relação às realidades em questão.

A propaganda sistemática utiliza-se de alguns mecanismos que permitem selecionar o que será ou não será notícia, além de como essas notícias serão divulgadas. Trata-se dos "filtros", aos quais são submetidas previamente as publicações: porte, propriedade e orientação para os lucros da mídia de massa;[1378] licença da propaganda para fazer negócios;[1379] concentração em fontes de mídia de massa;[1380] bateria de reações negativas e os

---

1377 HERMAN, Edward S. e CHOMSKY, Noam. A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia. São Paulo, Futura, 2003. p. 61. Esse aspecto da atuação da imprensa não exclui os demais, como a atuação partidária e a formação pedagógica, que não são contempladas por esse modelo, que privilegia a manipulação. Mas é ele que melhor explica a difusão de notícias internacionais, que remetem ao Estado Maior e às relações oligopolísticas da mídia, discutido no nosso primeiro capítulo.

1378 Trata-se da "limitação da propriedade da mídia com algum alcance substancial devido à necessidade de um grande investimento" (Cherman e Chomsky, op. cit. p. 64), o que se coaduna com o que discutimos anteriormente sobre os limites da liberdade de expressão, na medida em que os interesses empresariais se colocam na própria produção e distribuição do material jornalístico.

1379 São os inegáveis poderes dos anunciantes diante do órgão de imprensa, que se recusam a anunciar aquilo que vá contra a sua lógica de venda. Esse é um mecanismo que permite controlar, de várias formas, inclusive a fala dos adversários.

1380 "A mídia de massa é levada a um relacionamento simbiótico com as poderosas fontes de informação pela necessidade econômica e pela reciprocidade de interesse" (Idem, p. 77), o que leva a reduzir o leque de fontes, e o que é pior, utilizar fontes previamente controladas e programadas por órgãos governamentais. As fontes oficiais possuem também os seus "especialistas financiados" que se difundem nos órgãos de imprensa nas colunas de opinião, com o aval de algumas universidades e fundações que repetem sempre as "palavras autorizadas".

fiscais de cumprimento[1381]; anticomunismo como mecanismo de controle.[1382] Como resultado final, esse modelo "*traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder são capazes de filtrar as notícias adequadas para serem impressas, marginaliza as opiniões contrárias e permite que o governo e os interesses privados dominantes transmitam suas mensagens ao público*".[1383] Assim, as notícias sobre tudo aquilo que envolva os Estados Unidos e suas relações externas já chegam filtradas, o que ganha ainda mais um refinamento local, na medida que interesses específicos estão em jogo. São envolvidos, na origem, os agentes do processo de disseminação do capital, as multinacionais, transnacionais, a indústria armamentista, os interesses nos recursos naturais, enfim, tudo que diga respeito à acumulação capitalista, e aos conflitos intra-imperialistas.

Há ainda alguns recursos que podem ser observados, a classificação das vítimas em "merecedoras" e "não merecedoras", buscando "*concentrar nas vítimas das potências inimigas e esquecer as vítimas de nossos amigos*"; o tratamento dado a nações "amigas" ou não.[1384] Talvez o mais explícito exemplo de tratamento de vítimas seja a diferença de tratamento dado aos mortos "americanos" do World Trade Center, contra os afegãos assassinados pelas tropas norte-americanas na Guerra de Bush, mas essa lógica se reproduz toda a cobertura. Além disso, a escolha das fontes leva à prévia seleção daqueles que terão direito à voz e da forma com que isso deve aparecer.

A cobertura Internacional da grande imprensa mundial costuma também desvincular os aspectos econômicos envolvidos nos conflitos políticos, "*dado o singular papel que desempenham as indústrias de armamento e de petróleo na economia estadunidense, como fatores dinamizadores em tempos de crises e como grandes pilares de sua hegemonia mundial nas esferas geopolítica, comercial e, mais indiretamente, monetária e financeira*".[1385] Os

---

1381 Essas baterias seguem a mesma lógica, e possuem órgãos especializados para denunciarem sempre que a mídia se desvirtuar, mesmo que por alguns instantes da lógica do consenso. Eles agem ou por processo judiciais, ou por ações de "monitores" com interesses específicos. São institutos ou centros de mídia que agem como think tank.

1382 O filtro final é a ideologia do anticomunismo, à qual dedicaremos maior atenção adiante. É necessário considerar que a publicação de Herman e Chomsky foi escrita ainda no contexto da Guerra Fria, mas isso não invalida a constatação dessa ideologia ainda hoje.

1383 Idem p, 62.

1384 Idem, p. 91.

1385 GIORDANO, Eduardo. La representación de los conflictos bélicos em la información económica. Voces y culturas, n. 17, 1 sem 2001, Madri. p. 78. Tradução livre.

organismos de crédito internacional, "*ao impor suas políticas de austeridade e de recorte dos gastos sociais considerados 'improdutivos*'," e ao impor suas exigências na esfera econômica, "*também criam as condições internas para a explosão de conflitos sociais, através da decomposição do tecido social*".[1386]

Ao observarmos os posicionamentos tomados pela imprensa dos Estados Unidos, a partir desse modelo, as semelhanças com as posições assumidas por *Veja* nos casos que vamos analisar não podem ser vistas como coincidência. A revista reproduz o mesmo modelo e muitas vezes, os mesmos textos[1387], as mesmas capas, os mesmos especiais. Aqui nos deparamos também com a influência das agências transnacionais de notícias, que se constituem em verdadeiros "*juízes da realidade*",[1388] definindo o que deve ou não ser conhecido, fechando a circuito da comunicação.[1389]

A análise que se seguirá tratará de alguns casos específicos de temas internacionais noticiados em *Veja*. Optou-se por aqueles que pareceram mais adequados à nossa problematização. Serão analisados casos que mostram diferentes tratamentos dados aos conflitos internos e à interferência norte-americana, gerando distinções do tratamento das "vítimas", dos "culpados" e da própria história, tendo como ponto inicial o fim da Guerra Fria e a "nova ordem". Os primeiros casos se referem a conflitos que permitem perceber a tônica do poderio e da intervenção norte-americana nos anos 1990, e as diferentes formas com que foram tratados: Kosovo; Timor Leste; Indonésia. Essa opção se deve também ao fato de encontramos na obra de Chomsky subsídios para a análise. Brevemente trataremos da cobertura sobre o continente africano, pois é muito marcante a forma com que o "padrão africano" é utilizado por *Veja* para mostrar os "avanços" brasileiros, sempre comparados superficialmente, ao que ocorre na África. O último caso se relaciona ao "mundo árabe" e ao

---

1386 Idem, p. 79.
1387 Embora isso não seja apontado nas reportagens específicas, exceto nos créditos fotográficos. Não buscamos a comparação com outras revistas como Times e Neewsweek, o que provavelmente nos mostraria casos de simples traduções. Há casos, como os especiais de final de ano, que detectamos a simples tradução. Veja utiliza os serviços internacionais da Associated Press, Agence France Presse e Reuters.
1388 SOMAVIA, Juan. A estrutura transnacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, Fernando Reyes (org.) A informação na nova ordem internacional. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. P. 38.
1389 Envolvendo: "informações conformes à racionalidade própria do sistema capitalista"; interesses dos veículos locais, vinculados às estruturas de poder locais, que por sua vez se vinculam ao poder transnacional; a publicidade; a manutenção do padrão de consumo, a exemplo dos países centrais. SOMAVIA, op. cit., p. 43 e 44.

papel do petróleo,[1390] analisando a cobertura dos atentados de 11 de setembro e a Guerra de Bush no Afeganistão, quando os Estados Unidos voltam a se consolidar como o centro da segurança mundial. Mas antes disso, trataremos brevemente do discurso ideológico de *Veja* sobre o fim da guerra fria e das ideologias.

7. 2 A GUERRA FRIA ACABOU MAS AINDA HÁ UM XERIFE

No início da década de 1990 houve a aceleração do modelo neoliberal de expansão do capitalismo. E para naturalizá-lo, foram publicados vários textos. As mudanças geradas pelo "fim da Guerra Fria" aceleraram o processo de desregulamentação e de supremacia do capital financeiro. A queda do muro e o "fim do comunismo", foram usados com o fim ideológico da manutenção da hegemonia da ordem do capital, especialmente para acelerar a abertura de novos mercados e o fim de fronteiras restritivas ao capital financeiro.

Além disso, a Guerra Fria teve um peso essencial para a manutenção do poderio norte-americano. Foram muitos os esforços dos Estados Unidos em manter viva a iminência de um "perigo" que ameaçaria toda a humanidade para com isso justificar o seu poderio militar que lhe garantiu equilíbrio econômico e a reprodução do capitalismo financeiro. Por isso reiteradas vezes se negaram a discutir a destruição do armamento nuclear propostas pela URSS, por exemplo.[1391] Predominou a difusão de uma "ideologia defensiva", naturalizando o sistema norte-americano de organização social e poder, cabendo aos Estados Unidos o papel de "defensor do mundo ocidental", o que respondia diretamente aos interesses do capital.[1392] A conseqüência imediata foi a manutenção do modelo de propaganda em torno da necessidade da existência de um "xerife mundial", o que se manteve após a Guerra Fria com a criação de novos inimigos, especialmente os árabes "fundamentalistas" e o narcotráfico, o que é feito com a mesma lógica "fria", de construção de inimigos e convencimento da "opinião pública".

A questão da Guerra Fria também diz respeito a uma formulação ideológica que permitiu incutir a lógica do pensamento único, ou seja, a idéia da existência de um "vencedor

---

1390 Nossa intenção inicial era abarcar também a Guerra do Golfo, e a questão Palestina como síntese da situação do Oriente Médio, pois há um vasto material sobre isso em Veja. Isso não possível por limites de tempo e extensão do trabalho.
1391 Essas propostas de destruição do arsenal nuclear são documentadas em: CHOMSKY, Noam. Contendo a democracia. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003. Ver especialmente introdução, capítulo 1 e 2.
1392 Idem, p. 31.

histórico", que seria o capitalismo. Junto a isso, a idéia de que as ideologias acabaram, o que é parte do caráter ideológico dessa construção. Ao extremo isso permite até mesmo suprimir a expressão capitalismo, que passa a ser vista como a própria "natureza histórica". Por outro lado, tem-se o ocultamento do processo de expansão e mundialização do capital, naturalizando o papel dos Estados Unidos nesse processo. Na edição de 30 anos da revista, *Veja* apresentava:

> A grande marca destes trinta anos de noticiário internacional é a agonia e morte do regime comunista. **Em função do comunismo, o mundo se dividiu**, selaram-se alianças, países foram invadidos, guerreou-se e matou-se muito. Num belo dia, ao final de um processo de esgarçamento do regime que começou nos anos 60, o Muro de Berlim desabou e a Guerra Fria acabou.[1393]

A fala, que reproduz uma visão amplamente difundida na imprensa internacional, apresenta o comunismo como o único responsável pela Guerra Fria, avalizando o discurso norte-americano de "defesa" do mundo ocidental. Seu fim seria natural, o muro "desabou" (sozinho?) e a "guerra acabou". A resistência norte-americana em acabar de vez com a Guerra Fria, é defendida por *Veja*, pois seu fim dificultaria ao poder norte-americano falar em nome da defesa mundial. Em 1989, ao noticiar uma viagem à França do líder soviético, a revista diz que Gorbatchev "surpreendeu" "*ao tirar da manga o anúncio de que a União Soviética está disposta a fazer cortes unilaterais no arsenal de mísseis nucleares táticos que mantém em território de países aliados da Europa Oriental se o bloco ocidental concordar em negociar a total eliminação dessas armas a médio prazo*". Mas, esclarece a revista, "*nos Estados Unidos, o presidente George Bush apressou-se em rejeitar a idéia de eliminação total dos mísseis*".[1394] No mesmo sentido, relata que

> No dia em que os alemães dançaram sobre os escombros de concreto (de má qualidade) do Muro de Berlim, 9 de novembro de 1989, o presidente George Bush passou quase todo o dia calado. (...) Diante das câmaras de TV foi tão lacônico que parecia contrariado. Para um presidente que disputa espaço na imprensa anunciando que não quer mais comer brócolis, perder a oportunidade de dançar sobre o Muro chegava a ser inexplicável. (...) Só agora se sabe por que.[1395]

1393 Internacional. Veja. Especial – 30 anos, p. 17. Grifos meus. É sintomático que essa edição especial, onde são analisados os 30 anos em que a revista existiu, seja "baseada na edição comemorativa de 75 anos da revista Time", conforme é indicado nos créditos.
1394 Estrela sem brilho. União Soviética. Veja. 12/7/1989, p. 54.
1395 Paradoxo americano. Estados Unidos. Veja. 23/5/1990, p. 42.

Nada se diz sobre o prejuízo que representaria o fim da Guerra Fria, com a eliminação do inimigo consensual. Ao contrário, a revista endossa a ação norte-americana, por compreender que G. Bush deveria agir doravante como "guardião da paz mundial". A fórmula seria expressa pela primeira vez em 1990 (o "paradoxo") e repisada inúmeras vezes. O inimigo em xeque é apresentado simultaneamente como ameaçador. Gorbatchev teria respondido a Bush em termos ambíguos: "*não estava para brincadeira e sugeria a Bush que moderasse a reação americana*". De um lado, a revista apresenta Gorbatchev como um duro e, em seguida, o apresentava como o derrotado ao pedir que Bush "*cuidasse do comportamento do chanceler alemão Helmut Kohl. Na noite seguinte o serviço estava feito. A polícia da Alemanha Ocidental tomava conta dos fundos do Muro esburacado, impedindo que ele fosse transformado numa reedição bicentenária da Bastilha*".[1396] O problema maior seria, de acordo com um editor da revista *Foreign Policy*, a eliminação do "*maior princípio de aglutinação da máquina de política externa americana: o anticomunismo*".[1397] O surgimento de uma nova época para os EUA, no momento em que a competição econômica com Alemanha e Japão passava a ser cada vez mais acirrada. A política externa norte-americana, é apresentada como triunfante: "*o Muro caiu e os comunistas foram enxotados*".[1398] Eles são apresentados como os vencedores, e a revista admite suas restrições ao fortalecimento da Alemanha a caminho da unificação. Assim, a presença militar norte-americana na Europa continuaria sendo justificada, para "manter a segurança européia".

Uma charge mostra duas mãos se cumprimentando. Na mão esquerda, forte, lê-se na manga do casaco Otan. Na mão direita, magra e com o terno puído, lê-se Pacto de Varsóvia. Essa mão tem seus dedos quebrados e jogados fora pela forte mão da Otan.[1399] A charge se completa com a reportagem na mesma edição que enuncia a "*paz sacramentada: líderes de 34 países fazem em Paris o enterro da Guerra Fria e traçam o roteiro da nova Europa*".[1400] Lemos que

---

1396 Idem.
1397 Idem, p. 44.
1398 Paradoxo... p. 43.
1399 Veja. NI. 28/11/1990, p. 55. Créditos: TOM 1990 cartoonists & writers syndicate. (Será assinalada a seção Notas Internacionais – NI – por se tratar de um texto mais sucinto, distinto das demais seções).
1400 A paz sacramentada. Veja. 28/11/1990, p. 52.

> A Carta de Paris, assinada ao final da Conferência para a Segurança e Cooperação da Europa, sacramenta definitivamente o fim da Guerra Fria, reduz de forma drástica os arsenais militares no Velho Mundo e proclama a democracia como a única forma de governo aceitável tanto no Leste como no Oeste.[1401]

Que tipo de democracia é uma questão que não era colocada. A mesma matéria apresenta um quadro que mostra Bush na Arábia, comemorando o dia de ação de Graças com seus soldados e avisando que não iriam se retirar enquanto Saddam estiver no Kuwait. Ou seja, a revista endossa a produção de um "novo inimigo", admitindo que esta seria a forma de manter o domínio mundial, de forma semelhante à da guerra fria, permitindo assim manter o poderio norte-americano pela manutenção de uma de suas maiores indústrias, a bélica, apoiando sua ação enquanto "xerife do mundo".

As avaliações ambivalentes de *Veja* continuam: "*o urso soviético, antes tão assustador, vai ganhando a aparência de um bichinho de pelúcia atolado até a garganta em seus próprios problemas*",[1402] o que conduzia os EUA a admitirem que "*já não necessitam tanto do escudo militar sob o qual, ao longo dessas quatro décadas, a Europa Ocidental se protegeu do fantasma de uma invasão soviética: a Otan, ponta-de-lança da influência americana no continente*".[1403] No entanto, a manutenção da OTAN seria defendida por *Veja* com o argumento de manter a paz norte-americana diante da Europa Unificada, como se verá nos conflitos do Bálcãs. A posição dos EUA de que seus soldados iriam permanecer na Europa, segundo *Veja*, "*pode ser interpretada como* ***garantia tranqüilizadora e reafirmação de direitos adquiridos***".[1404] Assim, chegava ao cúmulo de considerar como "*chover no molhado*" a afirmação de Bush de que "*os Estados Unidos são uma potência européia* [sic]*, no sentido político, econômico e militar*", aplaudindo o fato de que "*nenhum governo europeu se atreve a colocar em xeque a presença americana*".[1405]

Anos depois, em 1998, demonstrando aonde chegaria a estratégia ambivalente posta em prática pelos EUA e endossada por *Veja*, a coluna de Marcos de Sá Correa comentava o discurso do presidente Bill Clinton aos alunos da Universidade de Moscou: "*na platéia, de olhos cravados no americano, estudantes russos, herdeiros de repúblicas arruinadas, sob o*

1401 Idem.
1402 Mapa do novo mundo. Veja. 16/5/1990, p. 34.
1403 Idem.
1404 Idem, p. 35. Grifos meus.
1405 Idem.

palco, a crise mundial. ***Todos se comportam como adultos***".[1406] Para Correa, ainda apesar de ainda encontrarem adversidades, os russos deveriam aprender a superá-las pois "*os sete anos que os russos levaram para fazer do capitalismo e da democracia a atual mixórdia se reduzem a uma vírgula da História*". Completaria a fórmula, citando Clinton: "*acho que é bom lembrar-lhes que quando a Rússia* ***optou pela liberdade*** *não ficou subentendido que ela só deveria beneficiar os jovens e os bem educados, os ricos e os bem relacionados*".[1407] A grande potência com o apoio entusiástico de *Veja*, "dá aula" de filantropia capitalista, para o "velho urso". Os temas clássicos do socialismo são caricaturados pelos EUA, apresentados como atentos aos problemas sociais, enquanto os russos teriam "pervertido" o capitalismo. Essa linguagem que se apropria da fala do outro, que pretende inverter os sinais políticos, por sua ambivalência retórica, foi sempre repetida por *Veja*.

Quando a França realizou testes nucleares, a revista deu três páginas de cobertura, criticando os franceses.[1408] Selecionando, como sempre, algumas reações mundiais, *Veja* citou Thomas Friedman, do NYT, falando sobre os protestos de moradores próximos: "*o que você faria se alguém que vive do outro lado da cidade viesse, um belo dia, fazer um teste com um fertilizante tóxico bem ao lado do jardim de sua casa*?"[1409] e completava:

> Por trás da teimosia de Chirac, está o seu apego à noção da França como uma 'grande potência', um dos pilares do pensamento de Charles de Gaulle, seu antigo mentor. 'A capacidade de dissuasão nuclear garante nossa independência', disse o ministro da defesa (...) Do lado oposto, está a afirmação, em escala mundial, de uma **nova idéia de soberania**, segundo a qual o espaço destinado a cada povo não se limita às fronteiras no mapa, mas inclui o ar que se respira, a água dos oceanos que banham tantas praias e a cadeia alimentar. Por esse conceito emergente – o da 'soberania ambiental' – defendido pelo antecessor de Chirac, François Miterrand, quando quis dar lições ao Brasil sobre a preservação da Amazônia, o planeta inteiro é moradia comum da humanidade. Mas alguns condôminos, como se sabe, acham que têm mais direitos do que os outros.[1410]

A crítica a essa nova soberania não se aplicaria aos Estados Unidos, se opõe a ela. Os EUA teriam "mais direitos que os outros", inclusive por possuir arsenal capaz de destruição

---

1406 Livre dos marketeiros. Veja. Opinião. Marcos de Sá Correa. 9/9/1998, p. 37. Grifos meus.
1407 Idem. Grifos meus.
1408 Sozinho contra o mundo. Veja. 13/9/1995, p. 45.
1409 Idem.
1410 Idem, p. 46. Grifos meus.

planetária. O seu poderio militar aparece como inevitável e necessário.[1411] Ao longo da década de 1990 o seu predomínio seria cada vez mais naturalizado, a ponto de ser considerado o "eixo natural do mundo", em detrimento de qualquer outro, como se observará com relação aos atentados de 11 de setembro de 2001.

Ao entrevistar George Kennan, "pai da Guerra Fria", a revista tornou clara a sua posição de concordância com o papel dos Estados Unidos e da necessidade de uma política "defensiva":

> Foi ele quem convenceu Washington de que a conciliação e a apaziguamento não funcionariam com os comunistas. Propôs uma política de 'contenção' dos avanços comunistas no mundo, concluindo que os soviéticos cederiam sempre que confrontados com a firmeza necessária.[1412]

Kennan justificava o papel norte-americano que deveria agora "*resolver uma questão interna mas que diz respeito ao mundo todo, dado o nosso poderio*", isto é, "*o aprimoramento de nossas deficiências como civilização, a manutenção de uma sociedade capaz de inspirar o mundo*".[1413] Com isso, a revista reitera o papel de modelo para o mundo. Não aparecia em *Veja* que o modelo neoliberal foi arquitetado como "*um sistema global que viesse ao encontro de seus interesses*", conforme o Consenso de Washington, pelos "*senhores da economia privada, em geral empresas gigantescas que controlam a maior parte da economia internacional e têm meios de ditar a formulação de políticas e a estruturação do pensamento e opinião*".[1414] É por isso que Kennan, em documentos também secretos, não citados por *Veja*, dizia que deviam "*parar de falar de objetivos vagos e pouco realistas como os direitos humanos, a elevação do nível de vida e a democratização e tratar de usar conceitos claros de poder, desembaraçados de frases idealistas, ainda que tais expressões sejam perfeitas, até*

1411 Apenas em maio de 2002 foi estabelecido um acordo formal entre Rússia e EUA visando à diminuição de arsenal nuclear, ainda que mantendo altíssimo poder de destruição. Mas Veja justificava a existência de uma cláusula que permitia rompimento do acordo: "os americanos querem ter essa liberdade porque temem a ascensão de um governo russo contrário aos Estados Unidos e o aumento do arsenal nuclear chinês no futuro. Ou seja, sempre se pode recomeçar a corrida armamentista". Um novo adeus às armas. Veja. Eduardo Salgado. 22/5/2002, p. 113.
1412 Um século trágico. George Kennan. Veja. Entrevista por Eurípedes Alcântara. 10/12/1997.
1413 Idem.
1414 CHOMSKY. O lucro ou as pessoas. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2002, P. 22

obrigatórias, nos discursos públicos".[1415] Ou seja, o poder norte-americano deve prevalecer ainda que com disfarces, eventualmente adotando fórmulas edulcorantes.

A ênfase dada por *Veja* à "vitória dos EUA" na Guerra Fria abriu caminho para a retórica do fim de qualquer alternativa, impondo-se o modelo neoliberal e a "globalização" em suas implicações políticas e econômicas. Por ocasião dos dez anos da queda do Muro, a revista retoma a questão, afirmando que o mundo estaria "***mais democrático, próspero e seguro***":

> Quando caiu o muro (...) nos Estados Unidos, o presidente George Bush, ao saber da notícia, conseguiu apenas murmurar uma frase: 'estou muito satisfeito'. Até hoje, é instado a responder porque não fez um pronunciamento mais condizente com a importância do acontecimento e de seu cargo. Talvez fosse bom demais para ser verdade. Ou talvez o medo tenha falado mais alto. Naquela noite, acabava a Guerra Fria e o comunismo estava sendo varrido do mapa da Europa. Mas os derrotados tinham armas nucleares e reconhecidos mal bofes. Eram o 'império do mal', no palavreado hollywoodiano do antecessor de Bush, Ronald Reagan. O momento podia simbolizar o **triunfo da liberdade** ou a abertura de um buraco negro nuclear que tragaria todo o planeta. A primeira alternativa se provou a mais correta.[1416]

Na verdade, remenda *Veja*, "*ambos os regimes caíram de podre antes de ser varridos por qualquer rebelião das massas*". Mesmo que a história não tenha acabado, "*de um lado e de outro, contudo, abriu-se um vazio onde antes havia utopias. Se elas fazem falta, o tempo dirá. Em muitos sentidos, a História apenas começou*",[1417] e encerra a reportagem com fotografia da derrubada do muro de Berlim e de estátuas alusivas a líderes do Leste. Democracia, liberdade e segurança são unicamente associados ao projeto de hegemonia em curso, apresentado como uma nova utopia. Os Estados Unidos se colocaram como os arautos dessa "ordem", mesmo que seja pelo poder da força militar, e a manutenção de seu poder imperialista, seriam sempre justificados por *Veja* em nome dos "valores democráticos / ocidentais". Esse discurso apoiou a reconfiguração da hegemonia norte-americana, causa defendida a ponto de parecer como "natural" em *Veja.*

1415 Citado por CHOMSKY, op cit, p. 23.
1416 Dez anos de liberdade. Veja. Marcio Ferrari. 17/11/1999. Grifos meus.
1417 Idem, p. 53.

7.3. KOSOVO, TIMOR LESTE E INDONÉSIA

Os casos que serão analisados neste tópico reproduzem o mesmo sentido da idéia de uma nova ordem, globalizada, que obrigaria a todos se enquadrarem. Os três casos têm intensidade e formas diferenciadas. O primeiro é o teste para o novo papel dos Estados Unidos e da Otan como guardiões dos "valores ocidentais", elegendo um inimigo comum e criando a justificação da "ajuda humanitária" para levar a diante invasões. O segundo é o caso do Timor Leste, em que se ignorou os massacres por parte da Indonésia, até que a situação fosse insustentável. O terceiro é o da Indonésia, no qual a crise e o crescimento das oposições, são apresentadas como frutos de desvios de um ditador.

7.3.1. Kosovo: justificando a ação da Otan e dos EUA

Embora tenha havido ao longo da década matérias sobre os diferentes conflitos de na Iugoslávia, que receberam cobertura em *Veja*, nossa análise privilegiará o período de 1999 e os conflitos relativos ao Kosovo,[1418] quando houve maior envolvimento da Otan. Essa guerra constitui um marco em termos de ingerência externa e de unidade de interesses entre Estados Unidos e da União Européia. Em 1998 iniciou-se uma campanha deliberada para justificar a ação das forças militares da Otan no território kosovar. As matérias falam em "*carnificinas*", "*enterros coletivos*", "*rivalidades tribais*" e "*sangue que se anuncia*".[1419] Mostram-se fotografias de corpos mutilados, crianças mortas e outras atrocidades, definindo que "*o massacre é horripilante*", frutos da "*brutalidade dos sérvios comandados pelo presidente Slobodan Milosevic*",[1420] para concluir que

> Foi somente um envio de tropas internacionais que pôs fim à guerra na Bósnia, onde os sérvios inauguraram a política de limpeza étnica, a expulsão e o extermínio das populações não-sérvias. Pressionados pela enormidade dos crimes, mas relutantes em intervir no vespeiro, os países da Otan discutem agora se vale a pena castigar os sérvios com bombardeios de advertência. A história se repete.[1421]

1418 Sobre o tema, ver: SOARES, Jurandir. Iugoslávia: Guerra Civil e desintegração. Porto Alegre, Novo Século, 1999.
1419 O horror está de volta. Veja. 18/3/1998. p. 34 e 35.
1420 Reprise do horror. Veja. 7/10/1998. p. 77.
1421 Idem.

Veja não disse que justamente nesse período houve um cessar fogo e a formação de uma Missão de Verificação de inspetores da ONU no Kosovo, que produziu vários relatórios expressando uma outra visão dos acontecimentos. Segundo os relatórios, as questões "tribais" seriam muito complexas, envolvendo também os sérvios que em grande parte não tinham interesse em permanecer em território kosovar.[1422] Mas o principal fator levantado nos relatórios, que sempre enfatizaram que a situação militar estava sob controle, com alguns focos de perigo, foi a ação do KLA, Exército de Libertação da Albânia. Segundo os chanceleres da União Européia, este grupo tinha uma "deliberada campanha de provocação", intensificando suas ações militares. Chomsky cita documento com falas de líderes kosovares albaneses dizendo que "*qualquer ação armada que tomarmos provocará retaliação contra a população civil*" porque "*quanto mais civis forem mortos, maior será a chance de intervenção*".[1423] Segundo o relato do ministro britânico da Defesa, em informe à Câmara dos Comuns, "*o KLA foi responsável por mais mortes no Kosovo do que as autoridades iugoslávias*",[1424] situação até março de 1999, antes dos bombardeios. Existem relatos na imprensa britânica de agentes da CIA supervisionando a ação do KLA, visando "*tornar os ataques aéreos inevitáveis*",[1425] atendendo a "*obstinação das potências ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, em impor a presença no território kosovar (...) que, como se sabia muito bem, Belgrado se oporia*".[1426]

Os ataques da Otan ao Kosovo, iniciados em abril de 1999, demonstraram constituir-se numa tragédia, iniciando uma guerra de tipo imperialista acompanhada de massacres da população, que resistia. Mas, *Veja* apresenta a agressão como uma tentativa de "*prevenir uma catástrofe humanitária*". Diz a revista que o ataque "*acelerou a tragédia que pretendia evitar*", como se efetivamente fosse possível evitar uma tragédia com ataques aéreos contra a população civil. De forma casual, ela informa que

---

1422 Não se enunciam aqui as diferenças históricas entre esses grupos e as suas razões independentistas. Mesmo sendo históricas as lutas desses territórios, não é essa a discussão ensejada pela revista. Ver: FERNANDEZ, Jorge Christian. Kosovo: anatomia de uma crise. In: RIBEIRO (org.). Contrapontos: ensaios de História contemporânea. Porto Alegre, Folha da História, 1999. p. 55.
1423 Apud CHOMSKY, Noam. Uma nova geração define o limite. Os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares. São Paulo, Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 119.
1424 Idem, p. 120.
1425 Idem.
1426 RAMONET. Ignácio. Guerras do século XXI: novos temores e novas ameaças. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 124.

> Os estrategistas americanos contavam incentivar o Exército, sob o ataque que vem do céu, e se livrar do Slobodan Milosevic. Outro erro, pois os sérvios uniram-se à sombra do presidente para defender a pátria, e o encrenqueiro dos Bálcãs estava fortalecido politicamente.[1427]

Valores nacionais fora dos países desenvolvidos só aparecem como aberrações, extremismos, ou anacronismo: "*o que a aliança militar formada pelos dezenove países mais ricos e poderosos do Ocidente pode fazer se os sérvios não dançam conforme a música?*".[1428] Além de criticar os sérvios,[1429] *Veja* legitima os ataques, inclusive atribuindo sua responsabilidade a "grupos", sem citá-los ou explicitar de quem fala:

> O ataque aéreo punitivo começou inspirado por objetivos nobres, com o apoio de políticos socialistas, e social-democratas, intelectuais de escol, militantes verdes e organizações humanitárias – os mesmos que, durante anos criticaram a omissão dos governos europeus e dos Estados Unidos diante das atrocidades cometidas por Milosevic na Bósnia.[1430]

Busca convencer de que seria a mesma intervenção que a ocorrida na Bósnia em 1995, onde "*vinte dias foram suficientes*", mas a resistência teria surpreendido:

> Por que, raciocinava-se, os sérvios se arriscariam a defender, sob bombas, a inviolabilidade da soberania nacional num lugar como Kosovo, com metade do tamanho do Sergipe, sem a maior relevância estratégica ou econômica e com 90% da população louca para se livrar deles? A resposta está sendo dada na prática: porque eles precisam. E porque querem.[1431]

Outras fontes indicam uma visão oposta a esta sobre o cenário internacional com relação ao Kosovo, começando pela idéia da "intervenção humanitária". Segundo a Declaração da Cúpula Meridional do Grupo dos 77, seria necessário rejeitar o "*chamado 'direito' à intervenção humanitária*", que não passa do "*imperialismo tradicional de roupa nova*".[1432] Nas palavras de Nelson Mandela:

> Os agressores deram um chute na ONU, inaugurando uma era na qual o poder é a razão. Ninguém deve se deixar levar pela ilusão de que o objetivo da Otan era

---

1427 Tragédia de erros. Veja. 7/4/1999, p. 50.
1428 Idem, p. 51.
1429 Também Ramonet indica que os ataques "obrigaram os democratas sérvios hostis ao regime a reagirem como patriotas e a abafarem as suas críticas contra Milosevic". Op. cit., p. 130.
1430 Tragédia de erros, P. 52.
1431 Idem.
1432 Documento citado em: CHOMSKY. Uma nova geração define o limite. p. 11.

> defender os kosovares. Se estivessem realmente preocupados com a proteção dos oprimidos, poderiam ter defendido, por exemplo, os miseráveis curdos.[1433]

Mas, para o *modelo de propaganda*, a justificativa para os ataques passa a ser a "limpeza étnica" dos sérvios com relação aos kosovares, embora a revista conclua que "*não há como verificar a veracidade das notícias sobre atrocidades*".[1434] Nada do que foi publicado sobre esse assunto podia ser verificado, pois além de não abrir espaço para opiniões contrárias, o material citado deriva apenas de fontes oficiais. Mas a revista só levantou questionamentos quando se tratava de fontes sérvias, como quando mencionou kosovares refugiados mortos vítimas do bombardeiro aéreo, *Veja* duvidava: "*se a conseqüência do ataque equivocado foi mesmo mais de setenta mortos, como alardeou o governo de Belgrado, não se sabe".*[1435] Quando a fonte é o governo dos EUA não há qualquer estranhamento nem a implícita qualificação das vítimas, sugerindo que o número foi "alarde" do governo. A revista resume todos os dados sérvios a uma questão de "propaganda". Em contrapartida, se satisfaz com a explicação da Otan de que o bombardeio foi fruto do erro de um piloto, permitindo assim que se encontre um culpado. O ato, para *Veja*, "*é altamente contestável, mas tem vantagens de limitar as responsabilidades*".[1436] As arbitrariedades cometidas pelas forças invasoras se explicam pelo fato, não dito pela revista, de que essa foi uma guerra experimental. Para *Veja*, esta foi uma guerra "*pós-moderna*", - gentil e generosa -, na qual os grandes do mundo se sacrificaram pelos povos, de forma exemplar e onde ocorreram "*ataques cirúrgicos que mostram como serão os conflitos no século 21*"[1437]:

> Esta é uma guerra de um novo tipo, uma guerra do século XXI (travada contra um inimigo que tem modelos de pensamento plasmados no século XIV). **Uma guerra pós-moderna**: os países mais ricos e desenvolvidos do mundo se unem e constatam que o presidente de uma pequena nação está abusando barbaramente de uma parcela de sua própria população. Eles não têm grandes interesses geopolíticos, menos ainda econômicos, em jogo. **Mas o vilão pratica suas maldades num rincão conturbado da Europa, perto demais da civilização ocidental**.[1438]

1433 Idem, p. 13.
1434 Tragédia de erros, p. 53.
1435 "Erros acontecem". Veja. 21/4/999, p. 52. Observe-se que essas reportagens não possuem autoria, indicando que se trata de utilização de fontes de Agências de Notícias.
1436 Idem, p. 53.
1437 Conforme a capa da edição 1593, de 14/4/1999, que mostra na capa a fotografia manipulada de "refugiados albaneses na Macedônia".
1438 O inferno da Guerra Pós-moderna. Veja. 14/4/1999, p. 48. Grifos meus.

Veja desconsidera totalmente os conflitos internos, em nome da "limpeza étnica", que provêm do Estado-Maior dos EUA, que a posteriori, disse que a intervenção teve o sentido de "*garantir a estabilidade da Europa Oriental, impedir a limpeza étnica e garantir a credibilidade da Otan*".[1439] Chomsky chama atenção para o fato de que "*os crimes ocorreram depois que os bombardeios começaram: não foram a causa, mas – é difícil negá-lo – conseqüência*".[1440] Procurando compreender a guerra a partir de outras fontes, veremos que existem outros interesses em jogo, também silenciados pela revista:

> Kosovo representou um importante teste para diversos equipamentos militares novos e para verificar a obsolescência de outros aparelhos antigos. Também representou uma aceleração da corrida armamentista dos EUA, que desde o fim da Guerra Fria, encontrava-se a 'meio vapor'. A introdução de novos sistemas informatizados, de armamentos de 'destruição localizada com precisão cirúrgica', além de aviões Stealth F-117 e o B-2, capazes de evitar a detecção por radar, e uma profusão de mísseis e sistemas de armas e comunicações guiados por satélite, são testemunhos incontestes desta nova corrida armamentista.[1441]

Naquele momento essas tecnologias apareciam como novidade, e foram testadas ao longo da década, demonstrando a sua capacidade de fazer milhares de vítimas civis. Para *Veja*, os possíveis erros não deveriam deslegitimar o agressor: "*o perigo da seqüência de erros vitimando inocentes é lançar a* ***suspeita, mesmo que infundada****, de que os Estados Unidos e seus aliados europeus estão perdendo o controle por não conseguir derrotar a capacidade de resistência dos sérvios, de início tão subestimada*".[1442] Essa argumentação admite que todos os meios seriam válidos para a guerra e para o convencimento, sobretudo porque, segundo a propaganda, os dois lados buscariam convencer de que "*o inimigo é um novo Hitler e que estão firmes no caminho da vitória*".[1443]

Em outra matéria são relatadas algumas atitudes da Otan, que, segundo a revista, às vésperas do seu aniversário "*distribuiu lembrancinhas*: *bombardeou uma das residências oficiais do presidente Slobodan Milosevic e a sede do partido governista (...); incinerou os*

1439 CHOMSKY. Uma nova geração define o limite. p. 37.
1440 Idem, p. 109
1441 FERNANDEZ, op. cit., p. 60.
1442 Erros acontecem, op. cit, p. 53. Grifos meus. Temos aqui a legitimação da Doutrina Clinton, segundo a qual, nas palavras do presidente Clinton, publicadas no Wall Street Journal, em 1999: "se alguém perseguir civis inocentes e tentar matá-los por causa de sua raça, de suas origens étnicas ou de sua religião, nós o deteremos se isso estiver ao nosso alcance". Apud CHOMSKY. Uma nova geração define o limite. p. 9.
1443 Erros acontecem... Idem.

estúdios da TV estatal iugoslava, o que resultou na previsível morte de civis e reles seis horas de interrupção da programação".[1444] *Veja* orgulha-se do traço irônico da cobertura,[1445] e aqui podemos dimensionar seu sentido, pois acaba sendo uma forma de não discutir a questão a sério, ao mesmo tempo em que se resguarda asseverando que "informou" e até de forma "crítica". Sua posição pró-EUA se mantém ao subentender a culpa pelos bombardeios, como sendo dos próprios agredidos, na medida em que diz que a guerra tem o propósito de "*enquadrar um país da periferia da Europa que atormenta uma parte de sua própria população*".[1446]

Os bombardeiros não alcançaram os resultados esperados, abalando a credibilidade da Otan. *Veja* apoiaria, por isso, o ataque por tropas terrestres ampliando a guerra, atribuindo ao presidente dos EUA essa proposta.[1447] Segundo *Veja*, "*pairando acima de tudo está o homem a quem realmente compete tomar as decisões: o presidente Bill Clinton, um comandante-chefe que vem se revelando indeciso, talvez na esperança de que em algum momento os bombardeiros façam o serviço sozinho*".[1448] E é sobre essa indecisão que se velam as críticas, *Veja* quer defender "*um fim necessário, porém melancólico para a 'guerra justa'*."[1449]

A virulência dos ataques levou a questionamentos internacionais sobre a ação da Otan, logo desviados para as ações reativas dos sérvios, construindo-se a "hitlerização" de Milosevic. A cobertura de *Veja* adota inclusive a linguagem dos agressores: "*se quiserem negociar a paz, os aliados ocidentais terão de engolir Milosevic, o homem comparado pelo presidente Bill Clinton e pelo primeiro ministro Tony Blair, para efeitos de propaganda, a Adolf Hitler*".[1450] As únicas fontes citadas são as falas do presidente dos Estados Unidos e do primeiro-ministro da Inglaterra, sendo tomadas suas posições como verdades. Na fala de *Veja*, Milosevic torna-se o único responsável pelos bombardeiros da Otan e pela destruição da economia sérvia. Esta prática reaparecerá em outros casos, como a guerra no Afeganistão e posteriormente na invasão do Iraque. *Veja* jamais questiona as razões da invasão, imputando

---

1444 Bodas de sangue. Veja. 28/4/1999. p. 54.
1445 Como foi demonstrado no capítulo dois.
1446 Idem.
1447 Com relação a isso comenta a revista: "com guerreiros tão relutantes, não é de se estranhar que todo mundo esteja correndo para fazer a paz". A briga é entre eles. Veja. 26/5/1999, p. 55.
1448 Idem, p. 54.
1449 Idem, p. 55.
1450 O que fazer com ele. Veja. 5/5/1999, p. 52.

aos líderes políticos dos países invadidos a responsabilidade pela força imperialista encabeçada pelos EUA, como no exemplo, em que a revista imputa a Molosevic:

> Como líder máximo do nacionalismo sérvio, foi responsável pela morte de mais de 250.000 pessoas na repressão à independência da Croácia e da Bósnia. Ressuscitou, direta ou indiretamente, as imagens mais atrozes do século: massacres, hordas de refugiados, campo de concentração. Atacado pelos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e outros países da linha de frente da aliança militar ocidental, reagiu com ferocidade **tragicamente imprevista** e pôs nos campos de refugiados das nações vizinhas mais de 700.000 kosovares de etnia albanesa. O que fazer com esse homem?[1451]

Impossível dizer que isso tudo era "imprevisto", senão pela cínica justificativa de que "não se esperava reação". Existe ainda um elemento fundamental do qual *Veja* passa longe. Trata-se das comprovadas atuações do KLA, que recebeu treinamento militar norte-americano, e que junto com a rede Al-Qaeda organizou e promoveu o tráfico de drogas na região, local estratégico para entrada na Europa.[1452]

O final dos conflitos foi comemorado, porém ainda assim "*fica no ar*" que o Exército de Libertação do Kosovo "*quer vingança*", destacando os conflitos internos e a brutalidade dos envolvidos, justificando a ação das forças "civilizadoras".[1453] Por fim, anunciou que "*o povo desarmado conseguiu em poucos dias o que dois meses de bombardeios pelas maiores potências militares do planeta, no ano passado não fizeram*",[1454] citando uma frase de Trotsky: "*o revolucionário russo que algo entendia do assunto: as revoluções são impossíveis até que se tornem inevitáveis*", para concluir que "*com dez anos de atraso, foi-se o último dirigente comunista europeu*". O novo governo, no entanto, não é o que *Veja* gostaria: "*ninguém imagine, porém, um político moderno, antenado com tempos globalizantes e disposto a abrir mão dos princípios que são artigos de fé para os sérvios*".[1455] Após relembrar os processos de desintegração iugoslava, ocorrido no início da década de 1990, *Veja* conclui reiterando o argumento da boa vontade dos "países civilizados":

1451 O que fazer com ele, p.52. Grifos meus.
1452 Essas operações são documentadas. Segundo Chossudovsky "os documentos do Congresso confirmam que o Senado e a Câmara de Representantes tinham conhecimento da relação do governo com o terrorismo internacional." Com o sentido de manter esses negócios, a secretária de Estado Madelaine Albright "empenhou-se na construção de uma legitimidade política para o KLA". CHOSSUDOVSKY, Michel. As pistas do 'osamagate'. Cadernos Le Monde Diplomatique, n. 3, janeiro 2002, P. 16.
1453 Agora, a vez deles. Veja. 16/6/1999, p. 55.
1454 Idem.
1455 Idem, p. 54.

> A situação mudou quando Milosevic começou a exercer a mesma brutalidade em Kosovo, província onde muçulmanos de etnia albanesa são maioria. Horrorizados com a perspectiva de um novo banho de sangue, americanos e europeus reunidos na Otan, a aliança militar ocidental, desencadearam a campanha aérea que durou onze semanas. Milosevic capitulou e hoje a província é protetorado internacional sob a supervisão da ONU.[1456]

Essa cobertura reproduzia uma lógica externa, segundo a qual os kosovares aparecem como "vítimas merecedoras" de proteção enquanto se ocultam os crimes albaneses (e seus vínculos com os EUA) como forma de incriminar apenas as tropas sérvias, sobretudo pelo comando de Milosevic. Há uma inversão da ordem dos fatos, fazendo crer que havia uma "guerra étnica" incontrolável antes da invasão da Otan. Os sérvios "comandados por um Hitler" tornam-se os "inimigos da civilização". A ação da Otan era plenamente justificada, Veja se esmerando em apontar a necessidade de maior eficiência nas investidas militares, reproduzindo a lógica doutrinária da expansão norte-americana. Os motivos relacionados à venda de armas, treinamento e tráfico de drogas são totalmente ocultados. As fontes utilizadas provêm das agências internacionais, que por sua vez reproduzem o modelo de propaganda: fontes oficiais, controladas pelo Departamento de Estado, tomando para si o papel de dizer o que os "inimigos" pensam; o fato de que estava "derrubado finalmente o comunismo"; e que agora iniciaria a batalha pela inserção nos "tempos globalizantes". E, de forma distinta, a mesma lógica esteve presente nas coberturas do Timor Leste e Indonésia.

7.3.2. O ocaso do Timor Leste

Diferentemente do caso do Kosovo, há poucas referências sobre o Timor Leste em *Veja*, embora o massacre da população por parte da Indonésia tenha sido sistemáticos nas últimas décadas. Algumas poucas Notas Internacionais fizeram alusão apenas em torno da "boa vontade" dos indonésios, deixando claro que se tinha conhecimento das "*200.000 mortes em 23 anos*". Infere-se que o silêncio sobre esses massacres foi uma opção. Mas agora, em 1998, para *Veja*, "*para o mundo, Timor será o* ***teste das intenções democráticas*** *no novo governo indonésio*".[1457] A notícia seguinte também era otimista, indicando a formação de

---

1456 Idem.
1457 Sinais de boa vontade. Veja. NI. 5/8/1998, p. 56. Grifos meus.

"*uma comissão para estudar uma solução pacífica para o conflito*",[1458] visto apenas como um problema entre Indonésia e Portugal.

Logo após a realização de uma consulta popular sobre a independência, em setembro de 1999, desencadeou-se aberta repressão, perseguição e morte sumária dos timorenses pela polícia Indonésia e seus milicianos, treinados pelos Estados Unidos. *Veja* publicou duas páginas sobre o Timor Leste, onde lê-se que:

> Cenário número 1: o Timor Leste, metade de uma ilha perdida nos confins da Indonésia, é totalmente abandonado à própria sorte. Em vez de independência sonhada e votada pela maioria de seus habitantes, consuma-se a matança, a repressão, o domínio. **Muito triste**. Cenário número 2: **as grandes potências não suportam a selvageria**, resolvem interferir, os militares indonésios reagem.[1459]

Interpretações como essa foram comuns na imprensa mundial, como se apenas naquele momento as "grandes potências" tomassem conhecimento das atrocidades indonésias.[1460] Mas é estranha a existência de uma "matança" sem que se esclareça quem mata e quem morre, e o porquê disso. Ironicamente, a revista avalia os cenários, para concluir pela salvação dos povos oprimidos: as grandes potências que se penalizam e intervêm para acabar com a "tristeza". O exército indonésio ocupava o Timor Leste desde 1975, com apoio norte-americano. Apenas depois das denúncias provindas da Anistia Internacional e clérigos, além de setores da imprensa australiana, se conseguiu tornar públicas as atrocidades cometidas no país. E os relatórios dos denunciantes mostram que o massacre contou com a aquiescência dessas mesmas grandes potências. O que as levou a agir nesse momento foram outros fatores, como a estabilidade da região; os custos do extermínio; as repercussões que finalmente estavam tendo algumas denúncias no Congresso norte-americano após aqueles relatórios; a pressão na ONU por impedir apoio à Indonésia, entre outros.[1461] Assim, não se diz que "*a catástrofe humana do Timor Leste não foi 'produto da negligência' das democracias liberais. Foi, substancialmente, criação delas*."[1462]

1458 Paz, aos poucos. Veja. NI, 22/7/1998, p. 54. Não é dito na nota que os timorenses não aceitaram participar dessa comissão, que na prática significava a legitimação da anexação de seu território pela Indonésia.
1459 Ao deus dará. Veja. 15/9/1999, p. 56. Grifos meus.
1460 "Praticamente todas as discussões se limitam ao cenário de que 'a violência no Timor Leste foi provocada pelo' referendo de 30 de agosto (...)". CHOMSKY. Uma nova geração define o limite. Op. cit., p. 68.
1461 Idem, especialmente capítulo 2.
1462 Idem, p. 28.

Ao analisarem a cobertura do *The New York Times* sobre o tema, Chomsky e Herman mostraram que o jornal alegou que "*a Indonésia invadiu* [o Timor] *em meio a uma guerra civil, quando na verdade aquela guerra civil havia acabado bem antes da invasão*".[1463] A matança levada a cabo pelo domínio indonésio que teve seu pico em 1977-78 foi "*uma chacina que em outra parte teria sido rotulada de genocídio*", mas que

> Embora a Indonésia ocupasse o Timor Leste, violando as disposições da ONU em vigor até a retirada induzida em 1999, os repórteres do jornal repetidamente se referiam ao Timor Leste como uma 'província em disputa' e a resistência timorense como 'separatista' internalizando e explicitamente legitimando a agressão e a ocupação.[1464]

Exatamente como ocorreria em *Veja*, o jornal não discutiu o caráter da intervenção da Indonésia no Timor. Apenas fez uma distinção, visando legitimar seu apoio a Suharto e não mais a Saddam Hussein:

> Diferenciou Suharto e o Saddan Hussein pós-1990 – antes de 1990 Saddan era aliado dos EUA -, dizendo que o 'sr. Suharto não está armazenando antraz nem ameaçando invadir a Austrália'. Ou seja, a invasão de Suharto, suas matanças em massa e sua longa e ilegal ocupação do Timor Leste recebem peso zero, e sua chacina de algo em torno de 500 mil e dois milhões de pessoas na Indonésia há alguns anos também não é mencionada. Isso nos diz tudo que precisamos saber sobre como bons e maus genocidas são tratados pelo sistema de propaganda ocidental.[1465]

Também para *Veja*, a responsabilidade era da vítima que queria independência. Segundo a revista, os timorenses "*caíram numa misteriosa armadilha*" ao votarem pela independência, porque desencadearam com isso a repressão, que na sua versão se devia aos milicianos e "*à indiferença, quando não da colaboração, dos soldados indonésios que deveriam garantir a ordem*".[1466] A culpa repousa sobre a figura do presidente Habibie, que talvez tenha "*prometido o que não podia cumprir ou achasse que não perderia o controle sobre as Forças Armadas*".[1467] Ou seja, por essa versão, não há massacre político, mas "apenas" descontrole e insubordinação dos soldados. A explicação histórica remonta à Guerra Fria, quando "*as potências ocidentais olhavam para o outro lado: a Indonésia era um vital*

1463 Chomsky e Herman, p. 42.
1464 Idem, p. 42.
1465 Idem.
1466 Ao deus dará. Veja. op. cit.
1467 Idem.

bastião anticomunista na Ásia".[1468] Repare-se que não são nomeadas quais as potências, tampouco há referência aos massacres perpetrados em nome do anticomunismo. Os "*guerrilheiros maltrapilhos e líderes políticos*" do Timor Leste, segundo a revista "*misturavam maoísmo a uma variante local da teologia da libertação*", mas por serem pequenos, "se fazia a eles vistas grossas". Interessante observar que a própria revista menciona um número de 200.000 mortos em duas décadas de lutas, mostrando como ela valora de forma totalmente desigual aos das nações "amigas".[1469] Até então eles teriam sido "vítimas merecedoras", mas agora, "*para os poderosos do mundo, assistir ao massacre em curso não é muito confortável*".

Veja chega a dizer que a Indonésia "não é nenhum Kosovo", admitindo que esse último poderia, sem maiores problemas, ser destroçado. Ao reduzir a questão ao seu aspecto econômico, à inserção na economia global, relembra que a Indonésia "*tem imensos investimentos ocidentais e desempenha papel-chave como uma das economias asiáticas em desesperada tentativa de repercussão depois do abalo de 1997*."[1470] Como prova disso, lembra que os Estados Unidos já tinham ameaçado rever a promessa de empréstimos do FMI, caso os conflitos não fossem resolvidos. Segundo Chomsky, falando sobre 1998,

> Nessa época Suharto tinha cometido alguns delitos reais, e portanto deixara de ser 'nosso homem': ele perdera o controle do país depois da crise financeira, e estava demorando a pôr em prática severos programas do FMI. A rolagem da dívida tinha sido garantida ao 'indonésio moderado' depois que ele assumiu o poder, mas não aos 200 milhões de indonésios que agora são obrigados a pagar as imensas dívidas acumuladas por Suharto (...) que chegam a mais de 140% do PIB".[1471]

Somente agora *Veja* apoiaria a luta do Timor Leste. Em nenhum momento ela comenta o processo histórico, o que faz parte do silenciamento planejado em torno da ocupação Indonésia e suas atrocidades, como ressalta Anversa:

> O anticomunismo militante e a importância estratégica da Indonésia no contexto da Guerra Fria; sua importância econômica, com suas riquezas naturais, seu potencial de mercado consumidor e a política econômica de Suharto extremamente favorável

---

1468 Idem. P. 57.
1469 Dados da revista indicam uma população, em 1999, de 800.00 habitantes
1470 Idem.
1471 CHOMSKY. Uma nova geração. op. cit., p. 93.

> aos capitais externos; os interesses dos vendedores de armas; por fim, a riqueza petrolífera do Timor Gap.[1472]

Enquanto isso, as provas dos massacres do povo timorense literalmente apodreciam ou foram varridas pelas chuvas, nada foi feito para apurar e comprovar as mortes. A posição norte-americana foi de que "*os indonésios deviam julgar a si mesmos*", mesmo motivo para dizer que "*as forças armadas indonésias têm a responsabilidade de controlar as milícias*", mesmo sendo aquelas que "*estavam organizando, armando e dirigindo*".[1473] Mesmo com pressão da ONU, os recursos para apurar estes fatos não chegaram. Cabe lembrar que enquanto "*o Kosovo estava atulhado de policiais e médicos-legistas dos Estados Unidos e de outros países, na esperança de descobrirem atrocidades em larga escala. No Timor Leste, em comparação, é importante que os registros sejam ocultados*".[1474]

Na cobertura de *Veja* não há em nenhum momento referência ao longo processo de luta pela independência do jugo português, proclamada em 1975, no contexto de descolonização da década de 1960. Tampouco há referência ao pouco caso feito por Portugal, que se retirou do Timor abrindo caminho para os indonésios. O golpe que resultou no domínio indonésio é apresentado como natural, reconhecendo apenas a declaração da Indonésia, em junho de 1976, que o Timor Leste seria a sua 27ª província.[1475] Esse domínio se obteve reprimindo ampla resistência timorense e foi sustentado pelo envio de armas norte-americanas, além da Holanda, Austrália, Espanha e República Federal da Alemanha. Os interesses econômicos se delineavam, na medida em que "*em 1993 foi assinado um acordo entre Austrália e Indonésia para explorar uma jazida de petróleo descoberta no mar de Timor. Com isso, a motivação econômica da anexação fascista começava a ficar clara*".[1476]

Portanto, esta cobertura é bastante distinta daquela sobre o Kosovo. Mas a lógica é a mesma: resguardar os interesses imperialistas. A ligação com resquícios de comunismo justificaria que até então os problemas tenham sido resolvidos internamente, mesmo que sob

---

1472 ANVERSA, Gerson Luis Albrecht. Timor Leste: a auto-determinação é filha da coragem. In: RIBEIRO (ORG). op. cit. p. 73.
1473 CHOMSKY. Uma nova geração. Op. cit. 83. O autor cita fontes do Departamento de Estado norte-americano.
1474 Idem, p.70.
1475 JURQUET, Jacques. Anexação fascista de Timor-Leste. In. PERRAULT, Gilles (Org.). O livro negro do capitalismo. Rio de Janeiro, Record, 2000, p. 195.
1476 Idem, p. 201.

massacre da população. Essas vítimas não era merecedoras de "proteção humanitária", o que ocorre apenas em último caso, e mesmo assim, sem qualquer responsabilização dos agressores. Tudo isso está diretamente relacionado com o papel da Indonésia no cenário da "nova ordem".

7.3.3 Indonésia: massacre naturalizado e crise do capital

Quando se trata da Indonésia, o interesse da mídia internacional é bem mais amplo. Chomsky e Herman chamaram a atenção para os diferentes tratamentos que receberam as figuras de Pol Pot e Suharto pela grande imprensa:

> Pol Pot foi descrito nos editoriais e nas colunas de notícias em abril de 1998 como 'enlouquecido', 'assassino', 'criminoso de guerra', 'assassino em massa', 'encharcado de sangue', e como tendo arquitetado um 'reino de terror' e 'genocídio'. Mas, em 1998 e 1999 (...) quando Suharto era ocasionalmente descrito como 'ditador' e como dirigindo um regime 'autoritário', jamais era tido como um 'matador', 'assassino em massa' ou responsável por 'genocídios'. O duplo padrão terminológico é mantido em toda a mídia principal.[1477]

No entanto, os dados sobre a perseguição e morte de comunistas após o golpe de estado que teve o apoio norte-americano e levou Suharto ao poder, em 1966, apontam uma cifra entre 500.000 e 1.000.000 de vítimas,[1478] sendo que as medidas de repressão a aumentaram em manifestações paralelas à aproximação com os Estados Unidos. Segundo Jurcquet, "*os presidentes americanos Nixon e Ford visitaram a Indonésia em 1969 e 1975. Note-se que, doze horas depois dessa visita, o exército indonésio lançava uma violenta agressão ao Estado independente de Timor-Leste*".[1479] Foi freqüente a ajuda militar de milhões de dólares enviadas pelos Estados Unidos ao país, além de acordos com o FMI em apoio às políticas de Suharto, entre as quais a permissão aos EUA para exploração do petróleo indonésio, especialmente no Timor Leste.

A Indonésia aparece no noticiário em razão de negativa do FMI em financiar o governo do país, jamais dos crimes de seu governo. Segundo *Veja*, "*para sair da bancarrota, o FMI*

1477 Chomsky e Herman, op. cit., p. 40.
1478 JURQUET, Jacques. Genocídio anticomunista na Indonésia. In: PERRAULT, op. cit, p. 182 e segs.
1479 Idem, p. 187.

exige o fim da corrupção e das negociatas que favoreceram a prole de Suharto".[1480] Ao noticiar a crise asiática e as manifestações populares contra o governo, *Veja* deu como informação "nova" que ele, desde 1966 quando "*tomou o poder (...) matou meio milhão de pessoas*".[1481] O que importava era a situação econômica, tão grave que, segundo a própria revista, "*o velho general assinou com o FMI um acordo com cheiro de rendição*".[1482] O problema seria apenas a corrupção, coisa que "o FMI quer resolver", condicionando por isso "*o empréstimo* [de 43 bilhões de dólares] *a medidas de austeridade e ao fim do protecionismo*".[1483] Leia-se com isso, políticas neoliberais. A corrupção era assinalada como o problema efetivo, existindo um "capitalismo entre amigos", na Indonésia, o qual viria obstaculizando a implementação do neoliberalismo. Era hora de se livrar de Suharto pois ele

> É um produto da Guerra Fria que sobreviveu à sua própria utilidade. Duas décadas atrás, os Estados Unidos fecharam os olhos quando ele anexou a ex-colônia portuguesa de Timor Leste e matou metade da população. atualmente, os americanos criticam o ditador ate por não seguir à risca o receituário do FMI.[1484]

O círculo se fecha, mostrando a sustentação norte-americana de Suharto no contexto da Guerra Fria, embora silencie sobre a fúria anticomunista que deixou "meio milhão de mortos". O caso do Timor aparece como um acessório, e a revista indica o que realmente importa: o não cumprimento das normas do FMI, reiterando a "autonomia" dessa entidade controlada pelos norte-americanos, dizendo que "*o FMI exige que o presidente moralize a economia cortando a própria carne*".[1485] Quando a crise se tornou insustentável, se noticiou que "*a frustração popular com as medidas saneadoras, exigidas pelo FMI para liberar os empréstimos que pretendiam resgatar o país da crise, já estava dirigida contra o próprio autocrata*".[1486] Um dos elementos que o sustentava no poder era a "promessa de desenvolvimento econômico", que se mostrava infundada diante da conjuntura. *Veja*, a priori, assume como seu o ponto de vista do FMI e já se prepara de antemão para as rebeliões populares, atribuindo-as desde já ao ditador.

1480 Negócios de família. Veja. NI. 4/2/1998, p. 33. Uma fotografia mostra a família de Suharto, indicando nepotismo e a corrupção de cada um.
1481 Roubo em família. Veja. 25/2/1998, p. 28.
1482 Idem.
1483 Idem.
1484 Idem, p. 29.
1485 Idem.
1486 Cenas dos últimos dias. Veja. 20/5/1998, p. 55.

Com a renúncia do presidente, repete os mesmos argumentos, mas acrescenta alguns elementos, especialmente o fato "normal" de que "*os Estados Unidos mandaram o recado: estava na hora de dizer adeus. O bilhete azul foi apresentado, como é comum nessas circunstâncias, pelo dono dos tanques, o general Wiranto*".[1487] *Veja* se preocupou apenas com o fato de que o seu substituto era o vice-presidente, "um gastador". Novamente fazia suas as palavras dos EUA/FMI: "*ele precisa cortar gastos para receber uma ajuda de 40 bilhões de dólares do FMI*".[1488] A explicação para a crise econômica é a mesma já repisada para outros contextos: "*a economia cresceu espetacularmente nas últimas décadas, mas o país foi colhido, em meados do ano passado, pelo anjo exterminador e globalizado, que detecta fraquezas por trás de belas fachadas e baixa sempre a foice sem piedade*".[1489] E, claro, nenhuma palavra sobre o fato de que os pareceres EUA/FMI se contentaram com as "fachadas" e indicaram os países asiáticos como modelo. A partir daqui gerou-se uma onda de eclosões sociais, "*um curto-circuito, na definição do presidente Fernando Henrique Cardoso*".[1490] Para completar, a revista sintetiza que Suharto era um "*remanescente dos tempos em que os generais se dedicavam a matar comunistas e traçar grandiosos projetos de desenvolvimento nacional*".[1491] O assassínio é naturalizado, e a cobrança se mantém: "*se a Indonésia ainda não recebeu 40 bilhões de dólares do pacote de ajuda do FMI, é porque Suharto não suportava a idéia de cortar os subsídios que faziam a alegria de seus amigos e da própria família*".[1492] A receita neoliberal e o "anjo globalizador"; a naturalização do anticomunismo e dos golpes militares; o perigo da população nas ruas; a corrupção como defeito que levava aos "clubes de amigos"; os "desvios" de homens de mau-caráter; esses elementos são usados para tudo explicar e definir para a postura a ser tomada pelo país para, finalmente, receber o dinheiro do FMI, submetendo-se a todas as suas imposições. Diante disso, retomamos Chomsky, quando diz que:

> Pode-se comparar a reação no ocidente esclarecido aos planos da Indonésia e aos da Sérvia sobre limpeza étnica e destruição em larga escala. No primeiro caso, explícita, conhecida, descartada; no segundo 'descoberta' duas semanas depois que

---

1487 Acabou! Veja. Jaime Klintowitz. 27/5/1998, p. 58.
1488 Idem, p. 56.
1489 Idem, p. 57.
1490 Idem. Não se esclarece o contexto da fala do presidente.
1491 Idem, p. 58.
1492 Idem.

> os bombardeiros começaram e provavelmente fabricada, apesar de, indubitavelmente, tais planos existirem. No primeiro caso, a responsabilidade da 'nova geração'; no segundo, a responsabilidade atribuída a um inimigo oficial para justificar o bombardeio.[1493]

O *modelo de propaganda* foi seguido à risca por *Veja*, na medida em que privilegiou as fontes oficiais norte-americanas. Esse uso, além de pouco cauteloso e nada crítico, reproduziu o padrão da hegemonia norte-americana e o modelo neoliberal nas páginas da revista. Os três casos analisados (Kosovo, Timor e Indonésia) mostram uma prática coerente, com características um pouco diferenciadas. Em consonância com o papel dos Estados Unidos na "nova ordem", todas as barreiras precisariam ser rompidas e os espaços abertos à "globalização". O caso africano será analisado à parte, mas também se enquadra nessa lógica geral. Mas, quando se tratou de ataques ao centro do Império, o tratamento das vítimas foi bastante diferenciado, e a punição exigida de forma implacável.

7.4. ÁFRICA: TERRA DE AVENTURAS, GUERRAS, FOME, INIMIGOS...

"[o 'presidente' Bush] acha que a África é um país, não um continente".[1494]

Quando buscamos elencar os momentos em que *Veja* tratou do continente africano é possível estabelecer quase que uma tipologia das possibilidades de notícias. A África, no mais das vezes é tratada como um grande país. A visão geral é de homogeneidade em torno de tragédias, miséria, guerras e fome. Há praticamente quatro possibilidades de algo referente à África ser publicado: curiosidades; tragédias, fome, guerra tribais; "perigo comunista" ou fundamentalista; interesses dos investidores externos.[1495] Além disso, são recorrentes as referências ao continente para demarcar uma suposta superioridade brasileira, em virtude de "a África ser mais atrasada". Este elemento é essencial para consolidar a idéia de que existiria, finalmente, algo em piores condições que o Brasil e seus baixos índices de educação, saúde, saneamento, etc, resultantes de políticas que somente privilegiam os interesses do capital. Um exemplo de "algo pior" é essencial para isso.

1493 CHOMSKY. Uma nova geração. Op. cit., p. 86.
1494 MOORE, Michael. Stupid White men. 4ª ed. São Paulo, Francis, 2003, p. 115.
1495 Este último, por ser em escala muito pequena, não será analisado aqui.

7.4.1 As preconceituosas curiosidades das notas internacionais

A África é em geral apresentada em *Veja* como um todo, um lugar "imune à democracia", onde existiriam vários elementos de uma cultura que lembraria o período medieval, ou mesmo períodos ainda mais longínquos (como a pré-história); curiosamente não há referências à África como "berço da humanidade", ou mesmo à cultura egípcia faraônica a não ser de forma muito esparsa. Muitas matérias apareceram nas Notas Internacionais, onde os textos são pequenos, em torno de 400 caracteres. Não há seqüência histórica, eventos, em geral, trágicos, aparecem e desaparecem das notas, esporadicamente, como fenômenos naturais, como no exemplo:

> Se alguém acreditou nas promessas de democracia na Nigéria, foi por ingenuidade. O ditador Sani Abacha, sem nenhuma surpresa, é candidato único às próximas eleições presidenciais. Desde que tomou o poder, em 1993, o general promete entregar o governo a um civil. A quatro meses das eleições, a oposição está convocando os nigerianos a boicotar as urnas. Sem adversários, assessores de Abacha dizem que o pleito é o desperdício de recursos.[1496]

O general Abacha voltaria a aparecer nas notas internacionais, mas apenas quando sua morte é noticiada, o que aparece como uma piada macabra:

> **O general e a pílula**. O ditador nigeriano Sani Abacha morreu por ter ido, digamos, com muita sede ao pote. Pelo menos é o que afirma o jornal espanhol ABC. Abacha teria tomado Viagra, a pílula contra a impotência, sem saber que ela pode causar graves efeitos colaterais a doentes do coração, como ele. Segundo o jornal, o general, de 54 anos, ficou muito entusiasmado pelo medicamento assim que soube de sua existência. No último dia 8, morreu de ataque cardíaco nos braços de sua oitava esposa.[1497]

Além de marcar o estranhamento, ao mencionar sobre a "oitava" mulher, junto à pequena fotografia do general, aparece uma foto da pílula azul do Viagra, como uma publicidade subliminar. Telegráficas, essas notas mesclam as questões políticas com curiosidades, algo perversas, como no caso da nota com título "banana em fuga":

> O governo do Zimbábue pediu à polícia do vizinho Botsuana que localize e prenda o ex-presidente Canaan Banana, considerado culpado de acusações de sodomia na última quinta-feira. Banana, pastor metodista, casado, quatro filhos, pode ser condenado a 22 anos de prisão. No Zimbábue, homossexualismo é crime. Testemunharam contra ele um guarda costas, um cozinheiro e um jardineiro. O caso

---

1496 Um general sem rival. Veja, NI, 29/4/1998, p. 49.
1497 O general e a pílula. Veja, NI, 8/7/1998, p. 61.

> veio a público quando, julgado pelo assassinato de um colega, um policial disse em juízo que reagira ao ser chamado de 'esposa do presidente'.[1498]

A revista reitera preconceitos, o que também ocorre em notícias mais longas, como no caso de matéria de duas páginas que afirma que "*a serviço da máfia nigeriana, pencas de africanos levam cocaína do Brasil no próprio corpo*".[1499] Por que chamar esse agrupamento de "penca"? São bem distintas as formas com que seriam tratadas pessoas de "países civilizados", e estes são apenas exemplos que pinçamos ao longo do período de análise. Mas há ainda um elemento político importante que poderia levar a notícias sobre algum país africano: seu envolvimento com o comunismo e a luta "terceiro-mundista".

7.4.2 O "nefasto comunismo" e "terceiro-mundismo" africanos

A situação dos países africanos diante da "nova ordem" foi mencionada ao longo de toda a década, quase sempre *en passant* e para estabelecer comparações. Sempre que possível, *Veja* associou o "atraso africano" ao "atraso comunista", especialmente cubano, como no quadro "na corda bamba", onde aparecem esses verbetes:

> **Fidel Castro, de Cuba**. Inimigo ferrenho da Perestroika, o último ditador latino-americano corre o risco de perder a mesada de 10 milhões de dólares por dia que recebe de Moscou. Para se distrair, esbraveja contra as transmissões piratas da TV Marti.
>
> **Mobutu Sese Seko, do Zaire**. Em apuros depois da descoberta de sua conta secreta de 3 bilhões de dólares na Suíça, o ditador prometeu eleições livres e o fim do partido único. Mesmo assim o Banco Mundial pensa em cortar toda a ajuda ao Zaire.[1500]

Na nota sobre Fidel há uma fotografia onde ele está com a cabeça abaixada e mão na testa, com uma aparência preocupada. O que se demarca é o desacerto do "comunismo", que não teria projeto próprio. E seguir, a reiteração do padrão ocidental que teria vencido a guerra fria, impondo a "democracia" e as eleições como solução mundial. Associa-se, a partir disso, no exemplo, o ditador Mobuto a Fidel Castro e o "seu regime". De fundo, há uma forte insistência naqueles que seriam os elementos de "atraso africano" nas manifestações chamadas por *Veja* de "terceiro-mundistas". Em linhas gerais, busca mostrar que sempre que houve

---

1498 Banana em fuga. Veja, NI, 2/12/1998, p. 58.
1499 Barriga de aluguel. Veja. 26/6/1996, p. 96.
1500 Na corda bamba. Veja. NI, 18/4/1990, p. 41.

alguma tentativa de organização política, ela teria se dado por vieses "errados", ou seja, por influências "comunistas". Além disso, seriam ainda "fundamentalistas". São muitos os esforços para apresentar opções políticas das quais *Veja* discorda como anacrônicas, como nessa nota:

> Conferência de países não alinhados hoje em dia só chama a atenção se tiver Nelson Mandela como anfitrião. E que anfitrião. O presidente sul-africano descreveu Fidel Castro como um de seus melhores amigos e convocou Yasser Arafat a mediar a paz entre a guerrilha e o governo da Colômbia.[1501]

Junto à nota há duas fotografias, de Mandela, de braços abertos entre Fidel Castro e Arafat. Aqui *Veja* define o que chama ou não atenção, o que deve ou não ser noticiado, e o caso da ligação entre os líderes políticos era um alerta de riscos que se corria, segundo a revista. Essas ligações perpassam outros países africanos, que teriam que superar as "más influências", sejam ideológicas, sejam "tribais":

> Depois de dezesseis anos de guerra civil, os moçambicanos foram às urnas para as primeiras eleições democráticas do país. (...) Outra ex-colônia portuguesa, Angola, também tentou terminar sua guerra civil com a realização de eleições. Deu tudo errado: os perdedores não aceitaram o resultado das urnas e o conflito recomeçou. Como em Angola, a guerra moçambicana tinha **verniz ideológico**, porém, as raízes repousavam em rivalidades tribais. Agora o fantasma do fracasso angolano ronda as eleições em Moçambique.[1502]

Em algumas matérias são feitas também associações com os "inimigos preferenciais", do capitalismo, como Pol Pot e Stálin, e também com Milosevic:

> A violência do regime do coronel Mengistu contra seu próprio povo só tem paralelo em horror com a matança de Pol Pot no Camboja e com a União Soviética sob Stálin. Os três ditadores compartilharam a mesma cruel determinação na implantação do que diziam ser o comunismo em países agrícolas, sem dar a mínima ao custo humano da empreitada. Se forem conduzidos com correção, os julgamentos etíopes poderão servir de modelo para processos similares contra criminosos de guerra em Ruanda, no Camboja e na ex-Iugoslávia.[1503]

Segundo a revista, "*as provas contra o regime marxista incluem 300.000 documentos oficiais apreendidos, entre eles minutas de reuniões nas quais se tramavam assassinatos e*

1501 Veja, NI, 9/9/1998, p. 51.
1502 Eleições intranqüilas. Veja. NI, 2/11/1994, p. 54. Grifos meus.
1503 Passado de horrores. Veja. 21/12/94, p. 50.

sessões de tortura registradas em vídeo".[1504] Há então a associação direta com o "Terror Vermelho": "*100.000 suspeitos de atividades 'contra-revolucionárias', principalmente estudantes, foram presos, torturados e assassinados*".[1505] Como forma de reforço, na página ao lado, nas Notas Internacionais, aparece uma charge com o desenho de Fidel Castro, num bote inflável, sozinho no mar. O bote está furado e começa a esvaziar...[1506] Mais uma vez, Castro é associado aos "riscos" africanos.

Também as guerras são associadas ao comunismo. Em reportagem de cinco páginas sobre o "país das cabeças cortadas", a única fundamentação histórica para os massacres civis na Argélia é a associação com a independência, em 1962, quando

> A Argélia galvanizou a simpatia da esquerda mundial, pela Frente de Libertação Nacional, líderes com aura de austeridade e bandeiras terceiro-mundistas. Com uma economia de comando, como era obrigatório entre a esquerda na época, e uma renda razoável de petróleo.[1507]

Daí relata o autoritarismo "comunista", que teria dado lugar aos fundamentalismos. Como resultado, durante a "abertura democrática", na realização das eleições, os fundamentalistas se elegeram. Hoje haveria a matança brutal e sanguinária, seja pelos fundamentalistas, seja pelo próprio Exército. Nenhuma fonte é citada, mas a origem do problema fica associada apenas ao "autoritarismo comunista".

7.4.3. As fomes bíblicas

As fomes receberam maior atenção da cobertura, mas sempre sem seqüência e esporádicas. Ao que parece, as guerras só são noticiadas quando geram a tragédia da fome e levam aos processos de "ajuda humanitária", ou quando os interesses norte-americanos estão diretamente relacionados, como no caso da Libéria. Nesse caso, se lembra da "*guerra tribal desfechada por um ditador bem armado e sentado em cima de um mar de petróleo, Saddan Hussein, do Iraque, arrastou as grandes potências para a beira de um conflito e está*

1504 Idem.
1505 Idem.
1506 Veja. NI. 21/12/1994, p. 52. O crédito da charge é de Don Wright Tribune Media services. Na mesma página, uma notinha com a manchete "a esquerda está em pânico", sobre as eleições na França.
1507 No país dos cabeças cortadas. Veja. 7/1/1998, p. 36.

estremecendo o planeta inteiro".[1508] Definida a culpa de Hussein, informa que novamente os Estados Unidos "tiveram que intervir", mesmo já tendo "esse problema" também no Iraque:

> Enquanto isso, uma outra briga entre tribos, travada num país pobre, com um território de menos de 120.000 quilômetros quadrados e importância geopolítica zero, se arrasta na costa ocidental da África. Em sete de meses de luta na Libéria, pelo menos 5.000 pessoas já morreram, em boa parte civis, massacrados com a truculência habitual nesses casos. Há duas semanas atarefado com a crise no Golfo Pérsico, o presidente George Bush despachou um contingente de fuzileiros navais para resgatar 160 cidadãos americanos que corriam riscos na Libéria. Foi o atestado final de ingovernabilidade do país.[1509]

Portanto, mais uma vez se vislumbra um lugar de desordem, de animalismo e brutalidade. Caberia às nações "civilizadas" intervirem, mas minimizando os interesses efetivos, pois se repete que este lugar geopoliticamente nulo. A África, definitivamente é retratada como um lugar onde "*viver costuma ser uma experiência perigosa*".[1510]

O caso de Ruanda acabou recebendo um pouco mais de atenção da imprensa mundial, mas isso apenas em virtude da quantidade de mortos. É necessário passar dos milhares para receberem qualquer divulgação. Como *Veja* mesmo admite: "*foi preciso que dois presidentes morressem juntos dentro de um avião para que o resto do mundo esquecesse por um instante a Bósnia e voltasse os olhos para uma das grandes tragédias da África moderna*".[1511] Ao finalmente noticiar o fato deixa bem claro como a África deveria ser tratada, ao dizer que "*até um mês atrás... Ruanda era lembrada pela* A Montanha dos Gorilas", aludindo a um filme que foi filmado lá, ou então às *"fascinantes aventuras nas selvas, ou ainda os pigmeus, outra raridade local*".[1512] Mas hoje, noticia que a "*versão africana da limpeza étnica trucida 200.000 pessoas e faz 1,7 milhão de refugiados*". Repare-se que é exatamente esta a forma com que a revista tratou a questão, portanto, ela não vê nada de errado nesta forma de cobertura, apenas a constata. Essa "guerra tribal", levaria a mais vinganças, gerando uma tragédia de "proporções bíblicas", ou seja, não se trataria de algo "deste tempo". *Veja* informa ainda que "*são pessoas recém-saídas de casa, ainda sem o ar famélico e os ossos à mostra dos*

1508 Uma tragédia africana. Veja. 22/8/1990, p. 48.
1509 Idem.
1510 É o que diz Veja ao descrever Kinasha, a capital do Congo. Arrastão na África. Veja. 2/9/1998.
1511 Tragédia africana. Veja. Internacional. 3/4/94, p. 43. O lide informa que "assassinato de dois chefes de Estado reacende a violência étnica e provoca banho de sangue", referindo-se à derrubada do avião em que estavam os presidentes de Ruanda e de Burundi, os dois hutus.
1512 Os campos da morte em Ruanda. Veja. 18/5/1994, p. 31.

somalianos e etíopes que comoveram o Ocidente e inspiraram canções e operações humanitárias". Portanto, não se esperasse um espetáculo como aquele por ora, mas: "*o destino dessa gente está traçado*". Isso porque, não havia remédios, água potável nem condições básicas de higiene nos acampamentos, "*a população será presa fácil de epidemias de cólera, malária e tifo. As organizações humanitárias só teriam como lidar com as necessidades mais básicas se houvesse uma operação de enormes proporções, como a que salvou os curdos refugiados do Iraque de Saddan Hussein*".[1513] E para isso nada estava sendo feito, portanto, os espectadores (leitores) teriam que aguardar o desenrolar dos fatos. Ao apresentar a situação remete ao "*padrão da desgraça africana: um efeito perverso da política colonial praticada pelas potências ocidentais na primeira metade do século*", portanto, algo do passado, (perceba-se: passado europeu, não norte-americano), sem vinculação com a "nova ordem" pois esta seria apenas "democrática". Para concluir, lembra-se que "*na semana passada, em que se assistiu a duas mudanças extraordinárias, e durante muito tempo, consideradas impossíveis – a posse de um presidente negro na África do Sul e o início de uma administração palestina dos territórios ocupados por Israel -, Ruanda continuava mergulhada no coração das trevas*".[1514] Ou seja, quando o mundo ocidental começava a achar que a África começava a caminhar "no caminho certo", apareciam os ruandeses para mostrar que ainda não... é como fruto de tribalismo irracional, que eles voltavam às notícias. A preocupação "humanitária" com a tragédia não significou, no entanto, que o fato deixasse de ser tratado como uma curiosidade a mais, como se fora uma cobertura esportiva: "*os pontos quentes do planeta tiveram novidades também tórridas na semana passada, quando o jogo do interfere ou não interfere esboçado pelas grandes potências passou por realinhamentos. O esquenta-esfria estava assim*":

> **Ruanda**. Esquentou muito: a intervenção já começou. Com autorização do Conselho de Segurança da ONU, 500 soldados franceses acamparam na fronteira com o Zaire. Outros 2000 estão a caminho. A operação militar quer proteger a população civil, dizimada pela guerra tribal. [1515]

1513 Idem. Não encontramos referências de Veja informando que o massacre dos curdos não foi obra exclusiva de Saddan Hussein, ocultando a ação turca e o uso das armas e apoio logístico norte-americano.
1514 Idem, p. 35.
1515 De olho no quintal alheio. Veja. NI, 29/6/94. p. 51.

Se a intervenção no Kosovo e no Iraque foram aplaudidas, aqui a possibilidade de intervenção é reduzida a uma questão de "*interesse no quintal alheio*". Em todo caso, o fato merece uma matéria de maior fôlego, com grandes fotografias do flagelo humano. A associação com os antigos "inimigos" se faz presente. Os números em Ruanda são assustadores, mais de 1 milhão de mortos em dois meses, 4 milhões de refugiados, crianças abandonadas, pelos dados dos Médicos Sem Fronteiras, citados pela própria revista. Há aqui uma branda crítica ao governo norte-americano "*que resistiu durante meses às pressões para enviar ajuda à Ruanda, deu seu sinal verde para a Operação Apoiar a Esperança, que enviará 4.000 soldados dos Estados Unidos à região dos refugiados, em missão humanitária*".[1516] Mesmo a guerra tendo acabado, não foram enviados alimentos nem remédios, e a população agora estava com medo de voltar às casas, além de serem presas fáceis de doenças. Intervenções militares não resolveriam esses problemas. Mas, é importante para *Veja* associar:

> O mundo inteiro é testemunha de um holocausto em solo africano, **comparável aos horrores do stalinismo na década de 1930** ou ao extermínio dos judeus pelos nazistas na II Guerra. Naquela época não havia televisão e as informações circulavam com dificuldades. Desta vez, ninguém poderá dizer que não sabia.[1517]

Para completar a argumentação, há um quadro, onde se faz um "*ranking do horror. A mortandade e o êxodo em Ruanda ocorreram em menos tempo do que qualquer tragédia semelhante desde a I Guerra*":

Tabela 1. "GENOCÍDIOS", segundo *Veja*

País	**Fato Histórico**	**Período**	**Quantidade de mortos**
China	Revolução Cultural	1966-76	20 milhões
URSS	Expurgos stalinistas	1936/53	20 milhões
Europa	Holocausto nazista	1933/45	11 milhões
Paquistão	Perseguição a bengaleses	9 meses em 1971	3 milhões
Camboja	Campos de extermínio	1975 / 79	1,6 milhão
Ruanda	Conflitos de hutus e tutsis	3 meses em 1994	1 milhão
Indonésia	Massacre de comunistas	1965-66	500.000
Bósnia	"faxina étnica	1992/94	200.000

Fonte: Newsweek. O horror nos campos do apocalipse. *Veja*. Internacional. 3/8/94.

Partindo do *modelo de propaganda*, o filtro anticomunista tem o maior peso. *Veja* já havia caracterizado Serra Leoa de forma semelhante: "*não são movidos por ideologia ou*

1516 O horror nos campos do apocalipse. Veja. 3/8/94. p. 46.
1517 Idem. Grifos meus.

rivalidade tribais, como é comum nos conflitos africanos". Antes dos ataques seria "*um país que até o inicio da década se mantinha mais ou menos resignado ao abandono, convivendo com uma exuberância de recursos tipicamente africana. Seus diamantes são um convite a aventureiros dos quatro cantos do mundo*".[1518] Temos aqui todos os principais elementos caracterizadores dos conflitos: o fato de que lá não há "problemas ideológicos" (eles seriam externos); de que estavam conformados com o abandono, portanto, não precisavam ser "notícia"; que possuem uma paisagem exuberante, (assim como a de Ruanda, lembra "aventuras"); e que possui diamantes, um diferencial que pode significar maior peso ao país. Complementar a esse esquema, a nota:

> **Repeteco da miséria**. A Etiópia sofre com a seca, o gado está morrendo e a plantação perdida. Enquanto isso, o governo desperdiça 1 milhão de dólares por dia na guerra coma Eritréia. Todo mundo sabe no que isso vai dar: fotos comoventes de pessoas reduzidas a pele e osso e apelos à caridade internacional.[1519]

Mais uma vez, banaliza a forma de tratamento dados pela grande imprensa e o repete. Outro caso em que a África aparece, de forma muito semelhante, é o do Sudão. Após apresentar os dados, com fotografias de mulheres e crianças em pele e osso, bebês subnutridos, e um país miserável, informava, como fenômeno totalmente novo, que "*milhares de sudaneses morreram de fome nas últimas semanas e 350.000 estão à beira da completa inanição*", conclui-se que se está diante de um "*mundo de horrores que se imaginava banido da História da humanidade*".[1520] Não se diz aqui, mas a única possibilidade de achar que "a humanidade" estaria imune a isso, seria ignorando o continente africano, em nome da "nova ordem mundial", que busca apagar discursivamente as contradições inerentes ao capitalismo. Enquanto pode esta imprensa relega ao esquecimento esses fatos. E quando isso não é mais possível, os noticia, de forma parcial, buscando responsabilizar pelas "mazelas" a mesma ordem de fatores: as más influências políticas, a irracionalidade, a miséria, tudo devidamente naturalizado. Acima de tudo, há que esquecer ou ocultar os interesses imperialistas que ainda existem sobre a África.

1518 "manga curta ou comprida?" Veja. 27/1/1999, p. 55.
1519 Veja. NI, 26/4/2000, p. 54. A nota é acompanhada de uma foto de uma mulher com uma criança no colo e uma paisagem desértica onde se vê ossos de animais mortos.
1520 Tragédia conhecida. Veja. 22/4/1998. p. 45. "Guerra civil e seca prolongada ameaçam matar de fome 4 milhões de sudaneses".

O que *Veja* considera relevante é publicar um quadro idêntico ao anterior: "*pela mão do homem. As grandes fomes que mataram milhões nos últimos quarenta anos tiveram mais a ver com a ação do homem do que com as forças da natureza. Veja as piores crises*". Os dados apontam para a China, com 30 milhões de mortos, pelo "*fracasso do Grande Salto para a frente de Mao"*; Nigéria, Etiópia, Somália e Coréia do Norte, devido "*a anos seguidos de enchentes devastaram a frágil economia do último bastião stalinista na Ásia*".[1521] Três meses depois, o tema reaparece, agora como "*a praga africana. Por que o Sudão está morrendo de fome outra vez*". São fotografias horríveis, de pessoas famélicas, algumas mortas, supostamente de fome. E novamente o discurso da globalização oculta o papel histórico africano: "***não é tarefa simples encaixar uma fome de dimensões bíblicas na economia globalizada às vésperas do século XXI***. *Se o mundo está abarrotado de alimentos, como podem os africanos, com dolorosa freqüência, ser vistos morrendo à mingua*?"[1522]. Não existem explicações para isso, seria uma opção dos africanos, que vivem em situação anacrônica "bíblica" e não queriam se "globalizar". A posição se repete em frases como "*dói saber que toda essa desgraça é produto da ação humana*".[1523] Os africanos seriam, portanto, responsáveis por esse "desagradável espetáculo". E, que fique claro, o problema não seria falta de "ajuda humanitária":

> O desafio maior não é tanto conseguir donativos nos países ricos, mas fazer a comida chegar aos necessitados. Nada chega aos famintos se os rebeldes não forem subornados. Nenhum avião pousa com alimentos se o governo não autorizar. A África era mais simples de entender quando se podia atribuir suas tragédias à rapina dos colonizadores europeus. **A única mão ocidental atualmente no conflito sudanês é a que tenta entregar comida**.[1524]

Os processo coloniais, para *Veja*, não teria deixado seqüelas, reiterando que "*as mazelas africanas foram por décadas atribuídas à herança perversa do colonialismo e às elites alimentadas pelos interesses das superpotências. Quase uma década depois do fim da Guerra Fria,* ***essas desculpas não servem mais****. Nenhuma potência ocidental demonstra*

1521 Idem, p. 46. Dois meses depois, há uma Nota, onde se informa o "Preço da liberdade": "um grupo cristão da Suíça está comprando escravos no Sudão para libertá-los. O traficante Ahmed, na foto com sua carga de cativos, membros da etnia dinka capturados, vendeu uma mulher com dois filhos pelo equivalente a 212 dólares". Veja. NI, 17/6/1998. p. 65.
1522 A praga africana. Veja. 29/7/1998, p. 52. Grifos meus.
1523 Idem, p. 53.
1524 Idem. Grifos meus.

interesse em sustentar ditadores africanos".[1525] Portanto, a história aqui é apontada como uma simples desculpa discursiva (esquerdista). Enfim, as condições para a "globalização" eram impostas: as "nações democráticas" exigiam "respeito aos direitos humanos", eleições democráticas e auditoria no destino do dinheiro para ter ajuda humanitária. Se isso não fosse cumprido, com ênfase nos dois primeiros itens, não haveria ajuda. Seria uma lição moral que os africanos tivessem aprendido que precisam dessa forma de democracia e da proteção das "nações amigas". Prova disso seria que

> Meio século atrás, os países asiáticos, recém-saídos da situação de colônia, eram tão pobres como os africanos. Se hoje os asiáticos se tornaram modelos de desenvolvimento e fazem parte da economia global, **porque os africanos ainda estão mais ocupados em matar os vizinhos que pertencem a uma tribo diferente?**[1526]

Trata-se da exigência de que "aprendam a ser civilizados", porque só isso os salvaria... A África é reduzida a pura irracionalidade, não há alternativas a não ser dobrar-se à globalização, inexistindo causas estruturais. Estas são de antemão reduzidas a "desculpas terceiro-mundistas". O argumento não para por aí, há uma relevante comparação, que mostra a distinção entre as formas de tratar as "vítimas":

> O conflito na Iugoslávia mostrou como nacionalismos mal resolvidos podem explodir de forma sangrenta **mesmo no coração da Europa**. A diferença é que, terminada a luta, as repúblicas dos Bálcãs voltaram à estabilidade social. Isso não ocorre na África. Não há explicações simples para o fato de o continente, **apesar de toda ajuda estrangeira**, ter trafegado na **direção contrária ao restante do mundo**, mergulhando cada vez mais fundo na pobreza, na fome crônica e na desarrumação econômica. A indiferença da caciqueria sudanesa com o seu próprio povo é a melhor pista para entender essa tragédia.[1527]

As comparações foram claras, os europeus também tiveram algumas recaídas, mas já se recuperaram, até mesmo os asiáticos conseguiram portanto, cabia à África aplicar as regras. Aliás, lembra *Veja*, "*o autoritarismo também foi norma na América Latina*". Mas o caso africano é tratado como crônico, um "*círculo vicioso. Pobreza tem o feito perverso de gerar mais pobreza. A criança africana que passa fome e não vai à escola não será um adulto preparado para o mundo em mutação*". Mas existe um problema central, remetendo mais uma

---

1525 Idem. Grifos meus.
1526 Idem. Grifos meus.
1527 Idem, p. 54.

vez ao modelo ocidental: "*falta à maioria da África a tradição das instituições sólidas, sobre as quais se pode construir um* ***país de verdade***".[1528] Infere-se que para *Veja*, esses territórios não são países, o que só ocorreria no dia em que forem "democráticos", nos padrões que ela está estabelecendo. Como conseqüência, teriam que agüentar que "***o resto do mundo, que não vê o continente nem sequer como mercado consumidor, simplesmente lhe deu as costas****. Só volta a se interessar quando as fotos de miseráveis se tornam chocantes demais para ser ignoradas*".[1529] Tudo é reduzido à lógica do mercado, mais uma vez. E a cobertura de *Veja* mostrou que a revista sabe bem como isso funciona, pois momentos como esses obrigam-na a voltar seus olhos que tudo vêem para esse lugar onde "é arriscado viver".

7.4.4. A África não é aqui...

A África serve também para demarcar supostas diferenças entre o continente e o Brasil, uma espécie de contra-exemplo que serviria para que os brasileiros entendessem que o Brasil poderia ter problemas, mas não é "nenhuma África...". Perde-se a própria história brasileira (e sua origem africana), mas perde-se também a história presente, a forma excludente da globalização. Sempre que se pretende dar tons de otimismo às políticas neoliberais no Brasil, naturalizando-as, algum "exemplo" africano é lembrado para lembrar que, afinal, há algo pior. A história africana e reduzida a prestar de exemplos para o restante do mundo, como ilustram os exemplos abaixo, em que o continente é adjetivado:

> [A globalização é] uma dança da qual todos os países, queiram ou não, estão participando, a menos que sejam uma Ruanda ou um Zimbábue. Os EUA são, no entanto, a locomotiva do processo.1530

> Alguns gostariam de participar do jogo da globalização, mas são tão frágeis que não conseguem. É o caso das desesperadas nações africanas, pelas quais as empresas globalizadas não demonstram interesse algum.1531

1528 Idem. Grifos meus.
1529 Idem. Grifos meus. Há ainda um problema importante relacionado ao Sudão. Trata-se da mísera cobertura que recebeu a explosão pelos Estados Unidos da fábrica de remédios, que amenizava o problema de milhares de pessoas vítimas da guerra, das doenças e da fome. Os atentados ocorreram semanas depois dessa reportagem de Veja. Mas a revista não julgou conveniente lembrar dessas vítimas, e seria coerente com isso quando o problema voltou à tona após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, como será discutido.
1530 Susto no Império americano. Veja. Eliana Simonetti, Isabela Boscov e Ricardo Galuppo. 26/4/2000, p. 46. Grifos meus.
1531 Tudo que é sólido se desmancha no ar. Eliana Simonetti. Veja. 25/7/2001, p. 49. Grifos meus.

> Um estudo da Fundação Heritage, nos Estados Unidos, mostra que os países mais pobres do mundo são justamente aqueles que se excluíram do processo de globalização. São nações, quase todas da África, que não importam, não exportam, não atraem capital nem têm moeda transnacional.1532

A adjetivação é explícita: ser uma Ruanda significa estar desconectado com o mundo. É também sinônimo de desespero. Mais que isso, são nações que "não importam", e importar aqui tem o duplo sentido: importar produtos, portanto, estarem conectados, serem economicamente ativos, atenderem à lógica do mercado; se nada disso fazem, não importam, não despertam "*interesse algum*". Isso explica a forma com que suas tragédias são tratadas, com descaso e como espetáculo de sensibilização mundial esporádica. Além disso, é como se esses países tivessem se auto-excluído, sem cogitar o fato de que efetivamente eles cumprem uma função aos moldes coloniais na globalização: mão-de-obra barata – muitas vezes escrava; matérias-primas baratas em oposição às baixas ou nulas reservas de direito sobre suas riquezas naturais e total dependência tecnológica.

Em outra situação, *Veja* se compadece do presidente Fernando Henrique Cardoso, que estaria irritado com a "*irracionalidade dos mercados financeiros*". Este é um dos muitos exemplos do uso do "padrão africano": "[o presidente] *deu publicidade a uma série de números favoráveis sobre a economia real e as finanças públicas do país, cuja análise isenta, segundo o presidente, só poderia conduzir a um diagnóstico positivo sobre o Brasil*". Mas, ressente-se o editor, ousam comparar o país à África:

> O que se vê são avaliações desastrosas vindas de fora igualando a 11ª economia do mundo à de nações **de padrão africano**. Essas avaliações trazem como conseqüência nefasta imediata o estrangulamento do crédito externo às empresas brasileiras 'como nunca se viu, nem mesmo no período da moratória da dívida externa nos anos 80', como lembrou o presidente.[1533]

Ao longo da tese podemos observar vários outros exemplos em que essa suposta comparação é estabelecida (suposta porque não são apresentados e conferidos dados concretos). Quando se trata da miséria no Brasil, mais uma vez se define como referência a fome africana, que já seria um paradigma mundial:

> (...) é vítima de um tipo de desnutrição conhecida como kwashiorkor, palavra importada da África (...) De tão presente na África, tem definições em vários

---

1532 A grande fogueira das bobagens. Veja. Eurípedes Alcântara. 4/10/2000, p. 194. Grifos meus.
1533 O presidente e os mercados. Veja. Carta ao leitor, 28/8/2002, p. 9.

> dialetos tribais. Não se sabe ainda quais serão os candidatos a presidente, mas já se sabe qual será o maior desafio do novo governo: reduzir esse contingente de **padrão africano**.[1534]

O que temos é a criação de um "padrão discursivo" para definir o que seria "África", que passa a ser usado como adjetivo, tudo que é ruim, vergonhoso, atrasado é associado ao "**padrão africano**". O termo serve como exemplo (de tudo o que não queremos), e ao mesmo tempo como ameaça (de que nos tornemos iguais a eles). É como se a África tivesse "escolhido" ficar para traz. Essa idéia é importante para que se possa reforçar sempre que nós (que estaríamos *em desenvolvimento*), não podemos parar sob o risco de retroceder, como se nada disso tivesse história, é portanto uma outra face do pensamento único de que "não há alternativas". Neste caso a alternativa seria o *risco africano*. É como se o sistema ao mesmo tempo em que não poderia ser responsabilizado por esta situação, pudesse prescindir da existência do continente e suas condições de miséria que além de permitir exportar "mão-de-obra", permite explorar suas riquezas naturais.

7.5. OS LUCRATIVOS ATENTADOS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

7.5.1. O interesse midiático: mais um espetáculo

A quantidade de material publicado por *Veja* relacionado aos ataques de 11 de setembro é fora do comum. No período estudado esse foi o tema com a maior seqüência ininterrupta de cobertura total, apenas equiparável à cobertura do impeachment de Fernando Collor de Mello. Por isso não poderíamos deixar de estudá-lo e buscar compreender o seu sentido com relação à posição histórica de *Veja*. A tabela abaixo nos dimensiona a expressividade da cobertura do tema, relacionando as cinco primeiras edições, em que a cobertura teve a seqüência de seis capas ininterruptas.

Tabela 1. O 11 de setembro em *Veja* (total de páginas)

	1.Editorial	2.Capa	

1534 O paradoxo da miséria. Veja. Ricardo Mendonça. 23/1/2002, p. 85. Grifos meus.

19/9	1	1	
26/9	1	1	
3/10	1	1	
10/10	0	1	
17/10	0	1	
24/10	0	1	
Total	**3**	**6**	

Observações:
São tabuladas as ocorrências em que se tratou do tema "11 de setembro" nas diferentes seções de *Veja* logo após os atentados, em **número de páginas**. A coluna 3 se refere a cartas de leitores da revista; a coluna 4 se refere às seções Ponto de Vista, Em foco ou outras; A coluna 6 se refere a matérias específicas sobre o tema; a cobertura total é a soma da coluna 1+2+3+4+5+6; a coluna 8 se refere ao total de páginas da revista (inclui publicidade e matérias sobre outros temas).

É altamente expressivo que mais de 30% da revista durante seis semanas seguidas tenha sido dedicado ao tema. Não é comum que as diferentes seções da revista tratem do mesmo tema, nem mesmo entre páginas amarelas e capas, o que só ocorre em algumas situações especiais.[1535] Normalmente, as seções tratam de temas distintos, e é só no conjunto da revista durante um período mais amplo que conseguimos perceber a sua unidade. Mas neste caso o tema foi tratado com especial interesse - aparentemente jornalístico. A análise nos mostra que muito pouco havia de informação, em detrimento de reprodução de matérias preconceituosas e pró-imperialistas. Duas observações de autores que analisaram essa cobertura dão idéia do seu tom apologético. Para Arbex Jr, *Veja* ganharia "*o grande troféu do preconceito contra o Islã, de parcialidade no tom das 'reportagens' e de percepção colonizada pelos interesses estratégicos da Casa Branca*".[1536] Também nesse sentido, Luiz Magalhães avalia:

> Tudo bem que o semanário da Editora Abril tenha como um de seus mais caros valores a economia de mercado. Nada contra. Também não há nenhum problema no fato de a revista acreditar na 'justiça' e na ampla mobilidade social do capitalismo. É o direito dos acionistas da empresa que edita Veja. A família Civita, proprietária da Abril, acredita nesses valores há muito tempo e tem o direito de compartilhar com os seus leitores as suas graves preocupações com a ameaça que paira sobre os EUA e 'todo o mundo ocidental'. Nada disto, portanto, incomoda. O que incomoda na Veja é a editorialização das reportagens que apresenta aos seus leitores. Não basta o editorial. É preciso convencer o público de que Veja tem razão. Sempre.[1537]

1535 Exceções, de revistas que tratam sobre um único tema, seriam as edições especiais, mas essas não costumam ser completas, pois não incluem outros assuntos ou páginas amarelas, como na edição do impeachment, ou da morte de Ayrton Senna, por exemplo.
1536 ARBEX Jr. José. O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo, Casa Amarela, 2003. P. 69.
1537 MAGALHÃES. Luiz Antonio. "Terror e preconceito - O que incomoda na revista Veja". Observatório da Imprensa. 19 set de 2001. www.obsertavoriodaimprensa.com.br.

O fato dos atos terroristas terem tido alto impacto midiático faz parte da sua própria existência, pois eles reproduzem a lógica da indústria cultural, imitando os filmes hollywoodianos.[1538] Isso contribuiu para que muito do que foi dito e visto sobre os atentados fosse pura desinformação, pois importava preencher páginas e tempo com aqueles fatos que abalaram o mundo, ainda que pela mera repetição de imagens. Ao mesmo tempo em que havia um interesse comercial da mídia em vender, houve um interesse mais amplo do Departamento de Estado estadunidense em desinformar, fazendo com que a mídia reproduza sua propaganda, abrindo espaço para a aprovação de todos os seus atos. O que se buscou a todo custo ocultar foi o fato de que a existência de Bin Laden e dos atentados foi a melhor coisa que aconteceu para reafirmar o poder dos Estados Unidos nesse início de século, como disse Dowbor, "*se Bin Laden não existisse, seria necessário inventá-lo*".[1539] Na avaliação de Arbex Jr, foram muitos os lucros dos Estados Unidos com os atentados: a legimitidade conquistada por Bush, que de "impostor", passa a ser visto como "estadista"; a globalização, pois o movimento anti-globalização torna-se alvo prioritário da repressão e criminalização dos movimentos sociais; o petróleo, pois forjou-se "*o pretexto para um intervenção em grande escala na região, certamente impensável até 11 de setembro*";[1540] a geopolítica, consolidando uma estratégia de longa data de deslegitimação da ONU; a indústria armamentista, que ganha evidente novo fôlego com as novas investidas do império.

Os atentados acabaram transformando-se em um bom negócio midiático. Segundo editorial:

> Nunca um assunto estampado na capa de VEJA atraiu tanto a atenção dos leitores quanto os atentados terroristas a Nova York e Washington. Com exceção do número de lançamento da revista, em setembro de 1968, a edição da semana passada ultrapassou todos os recordes históricos de procura nos pontos-de-venda do país. Mais de 400.000 exemplares foram vendidos nas bancas. A edição esgotou-se no fim de semana. Em muitas capitais, no sábado à tarde já não se podia mais achar VEJA. Com isso, a circulação total da revista (...) ultrapassou a casa de 1,3 milhão de exemplares.[1541]

1538 Como observou Octavio Ianni, essas cenas revelam que "a cultura do terrorismo é uma criação permanente, altamente lucrativa, da indústria cultural". IANNI, Octavio. Sociologia do terrorismo. in DOWBOR, Ladislau (org), et al. Estados Unidos: a supremacia contestada. São Paulo, Cortez, 2003, p. 23.
1539 DOWBOR. EUA: novos rumos? In DOWBOR, op. cit., p. 45.
1540 ARBEX Jr, p. 63.
1541 Um porto seguro para o leitor. Veja. Carta ao leitor. 26/9/2001, p. 31.

A revista diz se orgulhar de ter conseguido "*informar com exatidão e analisar* ***com profundidade e sem rodeios as reais dimensões da tragédia que mudou o curso da história mundial***".[1542] Desejava com isso consolidar a posição de uma nova-nova ordem, baseada na superficialidade apresentada como "profundidade". Se colocava no papel de "*um porto seguro de informações exatas e análises da grave situação de guerra em que a ousadia sem limites do terror colocou o planeta*".[1543] Embora efetivamente muitas páginas tenham sido publicadas, poucas informações são de fato apresentadas, prevalecendo a apologia, reprodutora do discurso do Pentágono.

A análise buscará mostrar as linhas gerais da cobertura da revista. Ver-se-á a prática comum do modelo de propaganda de uma forma mais explícita, onde afirmações que causaram polêmica mesmo nos EUA, em *Veja* aparecem como indiscutíveis apresentando os EUA como vítima absoluta.

7.5.2. A "guerra justa" e a mudança da ordem mundial

"*Ou estão do nosso lado ou do lado dos terroristas*".
George W. Bush

Na capa da primeira edição após 11 de setembro, se enunciava: O IMPÉRIO VULNERÁVEL. As manchetes sensacionalistas anunciavam a tônica da interpretação da revista: "*os americanos prometem acabar com os países que abrigam terroristas*"; "*a perícia dos pilotos suicidas*"; "*Ocidente x Oriente: choque de civilizações*"; "*o medo da recessão mundial*". A revista firmaria seu credo na Carta ao Leitor, "*o que incomoda o terror*":

> O verdadeiro alvo visado pelos terroristas que atacaram Nova York e Washington na semana passada não foram as torres gêmeas do sul de Manhattan nem o edifício do Pentágono. O atentado foi cometido contra um sistema social e econômico que, mesmo longe da perfeição, é o **mais justo e livre** que a humanidade conseguiu fazer funcionar ininterruptamente até hoje. Não foi um ataque de Davi contra Golias. Nem um grito dos excluídos do Terceiro Mundo que, de modo trágico mas efetivo, se fez ouvir no império. Foi uma agressão perpetrada contra os mais caros e mais frágeis valores ocidentais: a **democracia e a economia de mercado**.[1544]

1542 Idem. Grifos meus.
1543 Idem.
1544 O que incomoda o terror. Carta ao leitor. Veja. 19/9/2001. p. 9. Grifos meus.

A própria revista proclama os valores supremos e mais justos que até hoje a humanidade logrou alcançar: o capitalismo sob hegemonia dos EUA. Define quais são os responsáveis pelos atentados e interpreta quais seriam suas supostas motivações:

> O que realmente incomoda a ponto da exasperação os fundamentalistas, apontados como os principais suspeitos da autoria dos atentados, não é só a arrogância americana ou seu apoio ao Estado de Israel. O que os radicais não toleram, mais que tudo, é a modernidade. É a existência de uma sociedade em que os justos podem viver **sem ser incomodados** e os pobres têm possibilidades reais de **atingir a prosperidade com o fruto de seu trabalho**. Esse é o verdadeiro anátema dos terroristas que atacaram os Estados Unidos. Eles são enviados da morte, da elite teocrática, medieval, tirânica que exerce o poder absoluto em seus feudos. Para eles, a democracia é satânica. Por isso tem que ser combatida e destruída.[1545]

O agente amalgamador de toda a pregação é a modernidade capitalista, que supostamente garante aos que trabalham – retomando a ética protestante em desuso – usufruírem seus frutos. A democracia é convocada ao final, como acessório dissociado das relações sociais de exploração e reduzido a um ato individual.

ESTE MUNDO NUNCA MAIS SERÁ O MESMO. Esta é a manchete em página dupla, com fundo azul, dando destaque à foto das duas torres gêmeas do WTC, abrindo a cobertura. A explicação aponta a ameaça que representaria ao mundo os atentados contra a potência norte-americana: "*depois dos atentados de Nova York e Washington, mudam o conceito de terrorismo e a forma com que o terror será combatido, enquanto os americanos descobrem que também são vulneráveis*".[1546] Isso justificaria uma alteração completa no "andamento do mundo", cuja regra vigente seria a nova ordem instaurada por George Bush, mantendo entretanto conformidade com o que vimos sobre a década de 1990:

> Dez anos atrás, depois do colapso da União Soviética, o presidente George Bush, pai de George W., anunciou uma nova ordem mundial, cuja base era o triunfo dos valores americanos e da democracia liberal. Parecia que o derradeiro desafio da humanidade era promover o comércio global.[1547]

O apoio à "guerra contra o terrorismo", e a escolha do Afeganistão como alvo não foi unânime como *Veja* quis fazer parecer. Muitas manifestações contrárias foram sistematicamente ignoradas por *Veja*. A revista não teve dúvidas, desde o início, da

---

1545 Idem. Grifos meus.
1546 Este mundo nunca mais será o mesmo. Veja. 19/9/2001, p. 46 e 47.
1547 A descoberta da vulnerabilidade. Veja. 19/9/2001, p. 50.

necessidade de guerra e, enfaticamente para ela "*o momento pertence aos guerreiros*".[1548] Uma guerra desta natureza, sem um adversário claro, só poderia sustentar-se pela definição mais ampla possível dos inimigos, mesmo que para isso tivesse que utilizar métodos "antigos": "*a vitória não virá num único ataque, afirma Samuel Berger, presidente do Conselho de Segurança Nacional do governo Bill Clinton. É preciso desencadear uma guerra fria ao terror*".[1549] Ou seja, começava a ficar mais explícita a continuidade das práticas da guerra fria, e para que ficasse claro, a revista explicava que "*como Israel, os Estados Unidos estão ansiosos para demonstrar que os ataques sempre serão defendidos*".[1550] A guerra vaga é justificada por resposta a uma ofensa aos "valores superiores", legitimando-se na prática do terror de Estado do governo israelense, o que passa a ser visto como razão definitiva.

O inimigo era apresentado como invisível e poderia estar em qualquer lugar, agindo sorrateiramente, daí a necessidade de encontrar um culpado visível que justificasse o ataque, no que a imprensa teve papel fundamental, convencendo e mobilizando a "opinião pública".[1551] Assim, logo que o Secretário de Estado Collin Powell definiu Osama Bin Laden como o principal suspeito, *Veja* explicou que dificuldades seriam encontradas, pois a luta seria contra "o atraso": "*ataques aéreos não seriam decisivos naquele país arruinado por mais de duas décadas de guerra civil e pela insana política que retornou aos costumes medievais implantados pelo Taliban*",[1552] ou seja, não poderia ser uma repetição da experiência em Kosovo.

7.5.3 Criando a "opinião pública"

A "opinião pública" é utilizada para justificar a amplitude do ataque projetado: "*diante do horror da destruição em Nova York, é improvável que o governo ou a opinião pública fiquem satisfeitos com uma simples retaliação aqui ou ali*".[1553] O apoio deveria ser de todos, indiscriminadamente, pois "*com o **fim das ideologias** e depois dos atentados, **o planeta** está*

1548 Idem, p. 52.
1549 Idem, p. 53.
1550 Idem.
1551 Ramonet mostrou que importância da criação de um culpado, que ajuda a desviar da questão em si e ajuda a tranqüilizar, o que facilita a encaminhar a punição. RAMOET, Ignácio. A tirania da comunicação. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 95.
1552 A descoberta... op. cit..
1553 Idem.

agora obcecado pela segurança".[1554] Anuncia-se que os Estados Unidos dariam prioridade aos aliados "*que os ajudem na manutenção da ordem*", e criticava veladamente: "*nesse tipo de questão, o Brasil geralmente fica de fora*".[1555]

Veja citava as palavras do presidente dos EUA avaliando os agressores como "*covardes que não mostram a cara*".[1556] Em seguida, lançou dados sobre a espionagem norte-americana, que aparecem como naturais, não se aplicando a lógica da "covardia": "*os americanos gastam 30 bilhões de dólares por ano em inteligência, e só a CIA, o serviço de espionagem, tem 2.000 agentes no exterior. O sistema caríssimo de vigilância eletrônica por satélites é capaz de fazer fotos tão detalhadas que se podem identificar pontas de cigarros jogadas fora pelos guerrilheiros no Afeganistão*".[1557] E não se comenta a incoerência de que com todos esses gastos a "inteligência" não tenha sido capaz de impedir os atentados. Importava que essa seria uma "*guerra suja e longa*".[1558]

A necessidade de provas para justificar o ataque ao Afeganistão tornava-se dispensável, mesmo que causasse algum incômodo no mundo diplomático. O dever de apresentação de algo plausível levou Tony Blair a tornar públicas as supostas provas de envolvimento da rede Al Qaeda e de Bin Laden. Absolutamente nada de concreto foi descrito. Mas, se acrescentava que "*a imprensa americana e a CNN*" teriam registros de depósitos bancários de membros da rede terrorista, e teriam gravado um diálogo telefônico entre "*dois terroristas ligados a Osama Bin Laden"* em que *"ambos comemoravam o sucesso dos atentados*".[1559] Assim, uma reportagem, que sequer apresenta algo de concreto, suprimiria a necessidade de comprovação. Para concluir essa questão, a revista citou uma entrevista de Colin Powell no NYT, em que ele disse que "*mesmo que as provas de participação do terrorista nos atentados não fossem conclusivas, os americanos teriam o* ***direito de caçá-los****, pelo seu passivo de crimes contra os Estados Unidos e contra a civilização*", ao que completou a revista: "***que a caçada seja bem sucedida*** *– e não esmague apenas a cabeça do*

1554 Idem. Grifos meus. Aqui até o "planeta" é usado para defender como deve agir a "opinião pública".
1555 Idem.
1556 Idem, p. 54.
1557 Idem.
1558 A guerra será suja e longa. Veja. 26/9/2001. p. 44.
1559 Os tentáculos de Bin Laden. Veja. 10/10/2001, p. 44 e 45.

monstro, mas também seus tentáculos".[1560] Assim, dispensavam-se provas, justificava-se a "caçada", tendo como fontes falas do governo da Inglaterra, dos Estados Unidos e da CNN, substitutos de qualquer posição contrária. Duas semanas depois, o editorial continuava com o mesmo tema, assim definindo a situação mundial:

> Há sensação de que a ousadia do terror em atacar o palco mais cosmopolita do mundo, Nova York, e o centro nervoso da defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, **tirou o planeta dos eixos** – e ele ainda **não voltou à normalidade**. Os efeitos traumáticos dessa nova ordem podem ser sentidos não apenas nas altas esferas da política e da diplomacia mundiais, mas no cotidiano das pessoas. As duas edições passadas de VEJA e a que agora chega às mãos dos leitores refletem esse clima de mudança permanente.[1561]

O objetivo de "dar sentido aos fatos", demanda a guerra para "colocar o planeta nos eixos", enunciando que há "*uma questão da qual quase todo mundo fugiu: a existência de* ***guerras justas****, de batalhas que* ***precisam ser lutadas****, um conceito que o próprio Vaticano reafirmou na semana passada*".[1562] Portanto, o Vaticano, alvo de críticas em outros momentos pela revista,[1563] serviu para justificar a guerra, remontando inclusive às Cruzadas medievais, na idéia de "guerra justa" contra os infiéis, que devia ser lutada a qualquer preço.

7.5.4 Ligações perigosas: Bush e Bin Laden, parceiros no petróleo

Uma questão fundamental sobre a qual simplesmente passou ao largo na cobertura de *Veja*, que é ação imperialista estadunidense, mais propriamente a sua ação no Oriente Médio visando o controle das reservas de petróleo. O interesse dos grupos que sustentam Bush é inegável, e foi o fundamento da invasão do Afeganistão, e da satanização de Bin Laden, mas isso não foi sequer questionado, ocultando que:

> Os grandes grupos que agem junto com os americanos na região incluem Chevron Texaco, Exxon Móbil, BP, PLC e Halliburton. O maior investidor e British Petroleum, o que explica em boa parte o entusiasmo de Blair de fazer os militares ingleses lutar contra Bin Laden e sobretudo acompanhar as entradas norte-americanas na região.[1564]

A aproximação dos EUA com países como Quirquistão, Cazaquistão e a Geórgia, segundo *Veja*, se restringia a dizer que "*o comportamento dos EUA no cenário internacional é*

1560 Idem, p. 48. Grifos meus.
1561 A permanência da notícia. Carta ao leitor. Veja. 3/10/2001. p. 31. Grifos meus.
1562 Idem. Grifos meus.
1563 Como veremos no capítulo oito e nove.
1564 DOWBOR. Op. Cit. p. 44.

que os novos amigos que o país vem fazendo (...) acabarão tomando o espaço econômico de países como México, Argentina ou Brasil, que vinham se esforçado há tempos para atrair investimentos americanos". Ainda "*segundo esse raciocínio, a derrocada do comunismo tinha deixado vários dos ex-Estados soviéticos à deriva*", mas agora, "*ter um inimigo para dividir com os EUA virou um grande negócio*".[1565]

Veja não diz que "*a família Bush tem as empresas de petróleo como principal base de apoio político*", e se o Afeganistão tem importância reduzida com relação ao petróleo, sua invasão permitiria "*a pretexto de combater o terrorismo (...) instalar as bases nos países limítrofes: Quirdiquistão, Usbequistão, Azerbaijão e outras repúblicas soviéticas*".[1566] Portanto, é "*um país cuja localização geográfica é vital, justamente por ser a região de passagem entre o Oriente Médio e a Ásia Central*".[1567]

Ligado a isso, há que lembrar as ligações de Bin Laden com a CIA em ações do "*tráfico de drogas do Triângulo Dourado (Afeganistão e Paquistão), [que] concretizaram-se na Ásia Central, no Cáucaso e nos Bálcãs*", tendo servido o aparelho militar, controlado pela CIA na região como catalisador da desintegração da União Soviética. O governo Clinton foi cúmplice de várias dessas organizações, inclusive os *freedom fighters*, de Bin Laden, conforme indicam documentos oficiais. Mais que isso, "*há evidências de que a CIA nunca cortou vínculos com a Rede Militante Islâmica*".[1568] Michael Moore levantou em suas obras recentes várias comprovações das ligações entre as famílias Laden e Bush.[1569]

Estamos buscando que existem outras fontes, outras posições de pesquisadores desta área que permitiriam pelo menos contestar essas posições da revista. Mas em *Veja*, sua posição aparece mais uma vez como sendo a verdade inabalável, sustentada pelo que ela chama de *fato*, que sustentaria a "informação". Não há, mais uma vez, espaço para o contraditório. Os interesses empresariais e ligações entre governo e grupos "terroristas" eram de conhecimento público, e facilmente se transformariam em matéria jornalística. Mas *Veja*

1565 Os novos amigos dos EUA. Veja. 17/10/2001, p. 106.
1566 DOWBOR, op. Cit., p. 43.
1567 ARBEX, op. Cit., p. 63.
1568 CHOSSUDOWSKY. P. 14 e 15. Outros textos divulgados pela Internet dão conta dessas associações de Laden com a CIA e com a família Bush, dentre eles: PISSIONI, Francesco. Bush y Bin Laden, sócios en los negócios y amigos íntimos. www.sodepaz.org/actualidade/bushbinladen.html (25/9/2001).
1569 MOORE, op. cit.

optou por desviar a questão, chamando atenção apenas para a necessidade de "amigos dos EUA", talvez até colaborar na guerra, para deles receber contratos.

7.5.5 Os inimigos desprezíveis da "civilização"

Do lado errado de novo.[1570]

Embora não tenham sido apresentadas provas, houve a definição dos culpados por parte do governo estadunidense e de *Veja*. O fato de que Bin Laden teria se rejubilado com os atentados e de que houve algumas manifestações no Oriente Médio também nesse sentido, foram suficientes para a atribuição de culpa, até porque o seu passado já os condenaria por isso. Dessa forma, tudo o que pudesse ser associado com os culpados oficiais, passou a ser visto como inimigo: "afegãos", "árabes", "islamismo", entre outros. Sempre essas definições são taxativas, dispensando uma conceituação historicamente fundamentada, o que pode ser visto nas palavras usadas para classificar os "inimigos": "*homem das cavernas*",[1571] "*muçulmanos fanáticos*",[1572] "*caçados como trogloditas pré-históricos*",[1573] "*fundamentalistas*",[1574] "*moram numa toca*",[1575] "*terrorista notório*",[1576] "*fascismo islâmico*".[1577] Nesse sentido, o "*chefão do terrorismo*"[1578] é também definido como "*dono de uma mente privilegiada*" e coordenador de uma "*corte de fanáticos*".[1579]

Sem esclarecer a origem da informação, *Veja* definiu quais seriam as intenções do grupo de Bin Laden:

> Os objetivos dessa multinacional sinistra [sic] são, num primeiro instante, a derrubada, nos países muçulmanos, de todos os governos considerados pró-ocidentais. Depois todas essas nações se uniriam num grande império governado exclusivamente pelos dogmas do Corão. Essas idéias fazem de Osama Bin Laden, idealizador e chefão da Al Qaeda, uma personalidade tão delirante quanto o ditador

---

1570 Definição de Veja para os afegãos que apoiaram Bin Laden. 17/10/2001, p. 86.
1571 O cerco aos homens das cavernas. Veja. 10/10/2001. p. 36.
1572 Idem.
1573 Idem, p. 37.
1574 O que querem os fundamentalistas. Veja. 10/10/2001, p. 51.
1575 Os tentáculos de Bin Laden. Veja. 10/10/2001. p. 47.
1576 Idem.
1577 A ratoeira está armada. Veja. 3/10/2001, p. 46.
1578 Os tentáculos, p. 43.
1579 A ratoeira está armada. Veja. 3/10/2001. p. 49.

> nazista Adolf Hitler ou o ratinho Cérebro do desenho animado, aquele que acorda todas as manhãs com a obsessão de dominar o mundo.[1580]

O império evidente dos EUA inventa impérios de papel como inimigos. O problema estaria na formação de um "império", novamente associando o inimigo a Hitler, como já fizera com Milosevic. Depois de traçar tal quadro e diante da impossibilidade de sustentá-lo, restava desmoralizar Bin Laden, comparando seus planos a de um personagem de desenho animado. Também com esse sentido, criticava que "*os mulás controlam a vida social, política, militar e econômica do país.* ***Definem comportamentos, estabelecem quem são os inimigos e amigos do país***".[1581] Perceba-se que foi justamente em razão do fato de os EUA estarem definindo seus inimigos naqueles que os criticavam por definirem padrões de comportamento para o mundo e serem imperialistas que *Veja* comprou sua causa, apoiando de forma inconteste o padrão estadunidense.

A forma como foi definido que o mulá Mahamed Omar seria um dos líderes da Al Qaeda também é elucidativa do tratamento dado a esses inimigos. *Veja* diz que o "*chefão gosta de sentar ao volante de um carro parado e brincar de motorista. Com a boca, simula o ronco do motor e o som da buzina, do jeito que fazem crianças de 6 anos: roam, bibi, fonfon*".[1582] A fonte dessa "informação" seria o seu ex-médico, refugiado no Paquistão, "*cujo nome não foi divulgado porque isso ajudaria a identificar seus familiares no Afeganistão*".[1583] A definição sobre "*um dos mais intrigantes personagens do momento*", como se tratasse de alguma telenovela, mostrava que esse "fanático religioso" que "*conduziu um país miserável a um conflito militar com os Estados Unidos é um doido varrido*".[1584] Nessa formulação, não seriam os EUA a invadir o Afeganistão, e sim os afegãos que conduziriam o país à guerra.

Justificando a dificuldade em descobrir previamente a ação inimiga, a revista explicava que "*para um homem-bomba na Palestina basta enrolar explosivos em torno da cintura e*

1580 Os tentáculos de Bin Laden. Veja. 10/10/2001, p. 46.
1581 O vírus anti-EUA. Veja. 3/10/2001, p. 56. Grifos meus.
1582 O Mulá Bibi Fonfon. Veja. 17/10/2001, p. 60.
1583 Idem.
1584 Idem. A explicação para essa doideira seria ele "ter encravado no cérebro fragmentos do míssel soviético que arrancou seu olho direito, em 1989". P. 61.

procurar vítimas indefesas entre os israelenses".[1585] Uma suposta facilidade para morrer dos palestinos, os contrapunha aos "indefesos israelenses". E prossegue com muita precisão: "*há notícias de que Bin Laden está particularmente irritado com o apoio de Washington a Israel*".[1586] A propaganda se completa dizendo que ele teria acabado de ***"Destruir** com seu atentado insano as **reservas de simpatia mundial em relação ao povo palestino**. Pode-se até dizer que a partir de agora os americanos **devem** mostrar-se mais compreensivos diante da brutal reação israelense ao terrorismo islâmico"*.[1587] O verbo *dever* pode expressar uma hipótese como também uma obrigação, uma exigência. Não está claro qual o sentido de sua utilização aqui, mas indica que haverá mais ação militar israelense contra o povo palestino, com apoio estadunidense, e exige-se a anuência de todos, pois "as reservas de simpatia" para com os palestinos estariam destruídas. Conclui a revista alertando que "*o que os fundamentalistas não suportam em Israel*", é "*o fato de o Estado judeu ser a presença ocidental mais perto de suas mesquitas*",[1588] explicando o que a ocidentalidade significaria: "*princípios básicos, notadamente a **liberdade** política e individual*".[1589]

Continuando com a imprecisão conceitual, associando a todos no mesmo amálgama, *Veja* explica a ação dos muçulmanos, "*pelo menos sua minoria radical*":

> Tem uma disposição fanática para matar e morrer e se une num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, em sua opinião, um país satânico. Em sua visão, atacar o demônio americano garante ao fiel um lugar de honra no paraíso. Como se pode lidar com terroristas cujo objetivo é retornar ao século VIII? Eles não fazem exigências, não pedem dinheiro para libertar reféns, só querem ver sangue.[1590]

Diante disso, um Bin Laden (irracional e sanguinário) é transformado no "*inimigo número 1 da América*", ou ainda "*um outro pesadelo produzido pelo mundo islâmico*".[1591] O

1585 A descoberta da vulnerabilidade. Veja. 19/9/2001. p. 56. Há uma grande fotografia ilustrando a página, com a legenda: "palestinos comemoram atentados contra os americanos em um campo de refugiados no Líbano: alegria com a desgraça do 'grande satã'."
1586 Idem, p. 57.
1587 Idem, p. 58. Grifos meus. A questão palestina foi discutida também em: O eterno sobrevivente. Veja. 24/10/2001, p. 61. Aqui, se deu voz a Ariel Sharon: "no que me diz respeito, a era de Arafat acabou". Idem, p. 64.
1588 Idem. Esse argumento voltou reiteradas vezes em outras reportagens que afirmam que "seu [de Bin Laden] alimento é o apoio americano a Israel". O inimigo número 1 da América. Veja. 19/9/2001, p. 70.
1589 Idem. Certamente não se refere à liberdade israelense de atirar impunemente mísseis contra a população palestina.
1590 Idem, p. 57.
1591 O inimigo número 1 da América. Veja. 19/9/2001, p. 68.

fato dele ter recebido treinamento militar dos EUA aparece como "ironia", e não como conseqüência da política de intervenções em nações soberanas justificadas pela fúria expansionista estadunidense. Depois de discorrer rapidamente sobre as práticas de Bin Laden e da Al Qaeda, a revista sintetiza: "*mesmo se não for responsável pelo ataque infame ao World Trade Center e ao Pentágono, Osama Bin Laden tem uma folha corrida que justifica sua fama e as novas terríveis suspeitas que agora pesam sobre ele*".[1592] Ou seja, ainda que pudesse ser inocente mereceria ser castigado. Seu currículo permitiria acusá-lo de qualquer coisa, exatamente a mesma argumentação, com quase as mesmas palavras de Collin Powell, citadas anteriormente.

Os afegãos, por sua vez, "*vivem como animais*" e seriam o "*país que mais produz refugiados no mundo*".[1593] Esse é um raro momento em que se comenta a questão dos refugiados dos afegãos, vítimas dos ataques dos EUA. *Veja* se excede e menciona que "*toda ajuda humanitária oferecida (...) tem se revelado incapaz de evitar as cenas trágicas que fazem parte do cotidiano dos acampamentos*".[1594] Nada diz sobre a forma dessa ajuda, que jogava alimentos envoltos em panfletos pró-EUA, condenada até por ONGs como a Médicos sem Fronteiras, que a considerou uma "*manipulação inadmissível da ajuda humanitária: seria muito mais generoso não os matar, não bombardear as instalações militares, ministérios ou centros de comunicação*".[1595] *Veja* reproduzia o cinismo da "ajuda humanitária" que segue aos mísseis.

Os sauditas, de forma geral, foram definidos como "*pobres pés-sujos, gente ignorante e fanatizada por seus líderes religiosos*".[1596] A revista justifica de antemão represálias contra tais "bárbaros": "*agora, de novo, muita gente nos países muçulmanos está ficando do* ***lado errado****. Do lado, inevitavelmente, do perdedor*".[1597] Mais uma vez repete que há "um lado certo", que fica evidente quando esboça uma crítica aos "ricos" que não seriam "tão manobrados", mas que "*teriam perdido suas fortunas, seu estilo de vida e até seu país caso os*

1592 Idem, p. 72.
1593 Vivendo como animais. Veja. 17/10/2001, p. 78.
1594 Idem, p. 80.
1595 Desde el cielo la generosidad envenenada. Lanzar misiles y comida al mismo tiempo no es ser generoso, como pretende Bush, es ser cínico. Jordi Raich, CCS. Analista de Médicos Sin Fronteras. www.msf.org.br/mhome.asp (20/11/2001).
1596 Do lado errado de novo. Veja. 17/10/2001, p. 86.
1597 Idem, p. 90. Grifos meus.

Estados Unidos não os salvassem da gula territorial do iraquiano Saddam Hussein. No entanto, eles esqueceram disso", e veriam em Bin Laden um "*defensor da causa árabe contra os americanos maus*".[1598] Mais uma vez, refere-se à Guerra do Golfo como se ela tivesse sido planejada por Hussein, e não tivesse nada a ver com a expansão estadunidense para o controle do petróleo da região.

O mercenarismo reaparece na imagem projetada sobre os afegãos. A corrupção, denunciada em outros momentos, é aqui estimulada. Para *Veja*, convenientemente, seriam corrompidos apenas os miseráveis que se vendem, eliminando o problema moral para os que corrompem à força de dinheiro e bombas. Ao tratar da "reconstrução" do Afeganistão, quando apenas iniciavam os ataques terrestres, além de informar de Collin Powell "*combinou com os paquistaneses como será o futuro governo do Afeganistão*", mais uma vez passando por cima da ONU, sem questionamento da revista, explicou que

> A CIA está tentando conquistar o apoio dos chefes tribais patanes para essa solução. Não é tão difícil quanto parece, pois tradicionalmente eles **lutam por quem paga melhor** ou tem maior chance de vencer. Os americanos apostam que **é apenas questão de acertar o preço** e os próprios afegãos entregarão Osama Bin Laden e seus terroristas.[1599]

Argumento semelhante seria usado em 2003 quando da nova investida no Iraque feita pelos EUA, quando se disse que os estadunidensess seriam recebidos com festa pela população local. Nada disso se revelou verdadeiro, e até hoje (junho de 2004) Bin Laden não foi entregue pelos afegãos, mesmo sendo apenas uma "questão de preço". Para *Veja*, qualquer questionamento passa a ser suspeito de antiamericanismo, expressão que serve muito bem para não entrar no mérito da questão. Até mesmo a autorização para utilização pela CIA de métodos ilegais de tortura é considerada como "*barreiras éticas suspensas em nome da necessidade de derrotar o terrorismo*",[1600] como mais uma dificuldade a mais a ser superada: "*o desafio agora é fazer com que os agentes voltem a pisar na lama e produzir resultados. Mesmo que seja à moda antiga. A moda antiga é a dos golpes de Estado, dos assassinatos e chantagens*".[1601]

1598 Idem.
1599 A luta olho no olho. Veja. 24/10/2001, p. 58. Grifos meus
1600 Os espiões voltam à lama. Veja. 17/10/2001, p. 98.
1601 Idem, p. 100.

A caracterização do inimigo não estaria completa sem a recorrência do antigo "perigo comunista", o que *Veja* faria na matéria de cinco páginas na qual define Bin Laden como "*o Che Guevara do Islã*". Inicialmente, apresenta seu histórico e biografia mostrando que há muito tempo planejava uma ação grandiosa contra os EUA. É descrito como um herói do Oriente Médio, "*assim como o revolucionário comunista, o terrorista tem seu rosto e frases estampados em pôsteres e camisetas*".[1602] Tirando essa associação, nada mais é dito que vincule os dois personagens, olhando porém a manchete e as fotografias mostrando pôsteres, livros e fitas sendo vendidos com a imagem de Bin Laden, a revista procurar produzir a associação com o "comunismo".

7.5.6 O terrorismo que serve aos EUA

Não sem propósito, *Veja* se eximiu de definir, apesar de tantas páginas publicadas, afinal o que é o terrorismo. É de 1998 a definição mais clara que encontramos em suas páginas, quando se referia à Palestina:

> Ato de violência política ligado a uma causa bem identificada e provida de certa racionalidade. (...) Pode-se classificar como terrorista toda a atrocidade contra civis – mas isso também é amplo demais para uma definição. Essas questões, contudo, parecem ter ficado bizantinas com a substituição do terrorismo clássico, ideológico e bem localizado territorialmente por uma nova forma, errática e letal, ligada quase sempre a razões indecifráveis. (...) O objetivo do terrorismo dos anos 90 é quase sempre o próprio terror. Não se pretende libertar a Palestina ou obter a independência do País Basco – só provocar um ato quase de ira divina.[1603]

A primeira parte da definição remete ao terrorismo "clássico", à qual se contrapõe a segunda, que remete ao "fundamentalismo", do "terror pelo terror", o que lhe permite eliminar qualquer racionalidade dos atos, inclusive negando-lhes o sentido político de que se revestem como a libertação palestina. Como apontou Chomsky, qualquer definição mais séria de terrorismo obrigaria a enquadrar os Estados Unidos:

> Vale lembrar – particularmente por se tratar de um dado que foi sistematicamente ocultado – que os EUA são o único país que já foi condenado por terrorismo

---

1602 O Che Guevara do Islã. Veja. 26/9/2001, p. 62.
1603 O horror inesperado. Veja. 12/8/1998, p. 49.

> internacional pela Corte Mundial e que já vetou uma resolução do Conselho de Segurança que exigia que eles respeitassem as leis internacionais.[1604]

O mesmo autor diz que nos manuais militares estadunidenses "*define-se como terror a utilização calculada, para fins políticos ou religiosos, da violência, da intimidação, da coerção ou do medo*".[1605] Ou seja, a definição dos próprios EUA corresponde à sua prática nos países que têm subjugado ao longo do século XX. Essas questões são totalmente ocultadas por *Veja*. Esse ocultamento é fortemente respaldado pela ideologia, criada pela própria revista (como mais um inimigo) do "antiamericanismo". O "fundamentalismo" dos próprios Estados Unidos jamais é questionado. O jornalista norte-americano Scowen, ao discutir a questão, cita uma fala do presidente Truman a respeito da bomba atômica que é auto-explicativa: "*agradecemos a Deus por [a bomba] ter vindo a nós em vez de nossos inimigos; e oramos para que Ele nos guie para usá-la à Sua maneira e com Seus propósitos*".[1606] E o autor conclui que "*sob as mesmas circunstâncias, Bin Laden não usaria outras palavras*".

7.5.7 E os emissores das Armas Biológicas?

Não poderíamos deixar de fazer referência à chamada Guerra Biológica que seria supostamente levada a acabo pelos "terroristas afegãos", instaurando o "*pânico, a insegurança, a desordem*"[1607]:

> Para as autoridades americanas, esse novo ataque terrorista foi tão desconcertante como os dos aviões, ocorrido há um mês. Agentes do FBI foram morar nas sedes regionais dos correios. Em uma semana de trabalho, não divulgaram nenhuma descoberta importante.[1608]

A matéria foi destacada na capa, com a fotografia de um bombeiro vestido com uma roupa de proteção parecendo um traje de astronauta, com as manchetes:

> ANTHRAX. O MAL INVISÍVEL: a guerra covarde com bactérias pode estar apenas começando; detector de metais na Praça de São Pedro, metralhadoras na Torre Eiffel e mísseis para proteger usinas nucleares na Europa; o terror nos

---

1604 CHOMSKY. Noam. 11 de setembro. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. P. 49. O autor discute também a lei de definição de terrorismo nos EUA, que permitiria também enquadrar o país na mesma.
1605 CHOMSKY, Noam. A arma dos poderosos. Cadernos Le Monde Diplomatique. N. 3., janeiro de 2002. p. 6.
1606 SCOWEN. Peter. O livro negro dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003. p. 151.
1607 O mal invisível. Veja. 24/10/2001, p. 48.
1608 Idem.

> correios transtorna a economia e o estilo de vida nos EUA; a tensão entre israelenses e palestinos abre outro front da guerra.[1609]

A reportagem estranha o fato de que "*é a primeira vez que o terrorismo recorre com sucesso às armas biológicas*".[1610] Aqui se remete ao inimigo indefinido, sendo subentendida a culpa dos terroristas tantas vezes explicado. Uma onda de histeria formou-se em relação ao antraz, o pó químico, criado em laboratório, que pode levar á morte em minutos. Mas muito pouco foi elucidado sobre ele, apenas que não há indícios de vínculos desses atos com a rede Al Qaeda. Pelo contrário, há fortes indícios de que se tratou de um movimento da ultra-direita estadunidense, que nada mais fez do que usar de armas químicas que o seu país já tinha utilizado em ataques militares, mesmo contra populações civis. Depois de fomentado o pânico, o tema foi silenciado. Não se falaria mais nisso, sem maiores explicações.

7.5.8 O eixo natural do mundo x o "antiamericanismo"

Para consolidar sua posição, a revista "*trata em profundidade da questão do antiamericanismo, fenômeno complexo, multifacetado mas real*", que seria

> O uso político que foi feito desse sentimento pelos tradicionais adversários dos Estados Unidos e pelos inconformados com a dispersão do estilo de vida americano pelo mundo. A reportagem de fundo mostra que a manipulação demagógica do antiamericanismo tentou transformar a vítima em culpada pelo atentado terrorista.[1611]

Assim, *Veja* também propõe que qualquer questionamento histórico da responsabilidade dos EUA pelo terrorismo seria um ato de "adversário da civilização" similar ao terrorismo. *Veja* propagandeia que o mundo "*deve voltar ao **eixo natural***",[1612] isto é, com os ESUA no centro. Qualquer um que se colocasse contra a "guerra justa" apontado como alguém que "*habituados a uma automática reação antiamericana, não conseguem conceber uma situação na qual a superpotência seja vítima";* ou como *"bem intencionados e mal informados*".[1613] A propaganda pró-estadunidense de *Veja* ainda apela para uma suposta

---

1609 Capa. Veja. 24/10/2001. A grafia usada pela revista será mantida em citações textuais, mesmo existindo grafia dicionarizada em português.
1610 Idem, p. 50.
1611 Idem.
1612 A tragédia reordena o mundo. Veja. 10/10/2001, p. 92.
1613 Quando a guerra é justa. Veja. 3/10/2001. p. 65.

"independência": "informar" que "*um país agredido tem o direito de revidar*".[1614] Sem outras formas para justificar a guerra, recai em um discurso ideológico desistorizado, desconectando a conjuntura de todo o passado. A revista já havia indicado aos movimentos de "*oposição à globalização (...) ambientalista, de minorias, das ONGs e sindicatos*", que eles deveriam englobar em suas lutas "*o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial*".[1615] Agora a tônica era de indignação pela "reação antiamericana", publicando uma fotografia de mais de uma página com a legenda: "*face americana. Jovens franceses quebram um McDonald's no interior do país no ano passado: a antiglobalização mira nos Estados Unidos*".[1616] Uma imagem mostra pés pisando na bandeira dos EUA, e define essa atitude como doentia e contagiosa: "*o vírus anti-EUA*". E assim argumentava:

> Em tempos de paz, o antiamericanismo no Ocidente é uma postura inofensiva, adotada por gente que veste jeans, toma Coca Cola, come hambúrguer e manda os filhos para os parques da Disney World. Nas conversas dessas pessoas, os americanos são descritos como senhores do mundo mas superficiais, imersos numa cultura consumista e tosca quando comparada aos supostos refinamentos do estilo europeu.[1617]

Então, as manifestações contrárias à guerra são reduzidas ao "antiamericanismo" de uma classe média que gostava mesmo de consumir as benesses do mundo do consumo. Assim caricaturizadas as manifestações anti-capitalistas, *Veja* admite que "em tempos de paz" seriam compatíveis com o sistema. Agora, a revista exigia uma postura mais "responsável":

> Nos dias que se seguiram ao assassinato de milhares de trabalhadores, predominantemente americanos, mas também de dezenas de outras nacionalidades, no ataque terrorista às torres gêmeas em NY, o uso político dessa ideologia perdeu a inocência de que habitualmente se reveste. Mal se contaram os mortos nos atentados e já viajava pelo mundo a idéia de que os EUA foram, em última análise, os causadores da tragédia que se abateu sobre eles. Por mais graves que tenham sido os erro e **até os crimes** cometidos pelos americanos em sua expansão imperial no decorrer do século que se encerrou, as críticas de que foram alvo em

---

1614 Idem, p. 66. Mesmo que isso seja um processo seletivo, como se veria no caso de agressão ao Iraque em 2003, que agredido, deveria entregar armas.
1615 A descoberta da vulnerabilidade. Veja. 19/9/2001, p. 58.
1616 O vírus anti-EUA. Veja. 3/10/2001. p. 58 e 59. O exemplo francês não foi escolhido ao acaso. Como veremos no próximo capítulo, a idéia de anti-americanismo é uma forma de reduzir as manifestações anti-capitalistas a um fenômeno de xenofobia francesa.
1617 Idem, p. 56-7.

> demonstrações pelas capitais do mundo na semana passada eram elas próprias um **atentado ao bom senso**.[1618]

Para explicar esse posicionamento a revista faz um histórico do que teria sido a intervenção no século XX dos EUA, mas, de fato, elabora uma meta-narrativa ficcional. Assim destaca que "*foram os caipiras da América que em três oportunidades no século que passou salvaram a refinada civilização européia do caos*".[1619] E prossegue: "*antes que século acabasse, os americanos liquidaram, sem violência, outro regime bárbaro, o comunismo soviético*".[1620] *Veja* esqueceu que havia dito que o "comunismo caiu sozinho", e também não há maiores explicações sobre esse papel estadunidense na derrubada do comunismo, embora é óbvio que não se trata de referência ao Kosovo, Timor, América Central ou aos embargos a Cuba e Iraque. A ironia sobre a "refinada Europa" indica que o poder da força militar foi fundamental, como se as nações européias também não tivessem elas próprias passado até o século XX consolidando suas conquistas através de guerras imperialistas.

Veja diz ainda que certamente "não atraem simpatia" alguns "problemas" como a negação em assinar o tratado de Kioto pelos EUA, mas ressalta que "*é um tapa na diplomacia mundial o governo americano levar criminosos de guerra a tribunais internacionais, como fez recentemente com o ex-presidente da Iugoslávia*".[1621] Além de não haver comentários sobre os "crimes dos EUA", passa em branco o fato desse país se recusar a aderir ao Tribunal Penal Internacional para julgar crimes de guerra. E como fonte dessas considerações, citava "*o inglês Bryan Appleyard, autor de um artigo sobre o tema publicado pelo jornal londrino* The Sunday Times *e reproduzido no Brasil pelo jornal* O Estado de São Paulo", que reduzia "*o antiamericanismo a um problema de Londres e Paris, sendo resultado de um pouco de irracionalidade, modismo e ignorância mesmo*". A partir daí, *Veja* completa que "*pode-se acrescentar um outro ingrediente, a* ***inveja pura e simples****. (...) Os americanos são hoje os* ***mais inteligentes****,* ***mais educados*** *e* ***cultos povos do planeta***".[1622] A uma fonte casual,

---

1618 Idem. Grifos meus.
1619 Idem, p. 63. Esses momentos seriam: a I e II Guerra Mundial e o Plano Marshall.
1620 Idem.
1621 O vírus anti-EUA, p. 62. Refere-se ao tribunal eventual, sob o qual os EUA teriam total controle. Mais uma vez se legitima o "bode expiatório", com a criminalização daqueles que os EUA querem condenar, no caso de Milosevic, que serviu para ocultar os interesses estadunidenses no tráfico de drogas e armas na invasão do Kosovo, como visto.
1622 Idem, p. 63. Grifos meus.

criticando o suposto irracionalismo europeu, se reduz toda e qualquer manifestação anti-capitalista. Mesmo que existissem "*erros passados*" dos EUA, pois "*não existem impérios inocentes*", esses "*não deveriam pairar sobre eles como uma condenação perpétua. Ao menos na hora do luto*".[1623] Segundo, caberia aos Estados Unidos definirem, enfim, o que seria feito. *Veja* se antecipa para sugerir um "reordenamento mundial":

> Ainda é cedo para saber se os atentados de 11 de setembro aos Estados Unidos também vão produzir um reordenamento qualquer ou se tudo voltará a ser como antes quando o trauma passar. A sensação que se tem depois de quase um mês dos atos terroristas é de que o mundo continua fora do seu **eixo natural**. Alguma coisa se alterou no **mecanismo que rege as coisas**.[1624]

Claro que, para *Veja*, esse "eixo natural" somente poderia ser os EUA à frente do processo de "livre mercado".

7.5.9 Os rápidos e os lentos: legitimando a direitização

> "*Quando eu disse que não há negociação, quis dizer que não há negociação*".
> G. Bush, recusando proposta do Talibã para entregar Laden a um país neutro.[1625]

Qualquer contestação era apresentada como "antiamericanismo", portanto, inaceitável. Aqueles que se colocavam contra a postura belicista estadunidense eram vistos como impatriotas, "do lado errado": a revista vestia a camisa do "ou estão conosco ou com os terroristas". Estamos diante do progressivo processo de direitização dos Estados Unidos, que não é discutido por *Veja*.[1626] A revista chega a negar qualquer possibilidade de manifestação contrária aos interesses estadunidenses, participando de uma verdadeira campanha que teve como foco a indignação com as manifestações pela paz; a exaltação à conversão de "ex-esquerdistas"; e de ofensas diretas aos intelectuais que questionaram as motivações dos

---

1623 Idem. O luto americano deveria ser respeitado. Mas quando se referia a vítimas afegãs, eram tratadas como um dado a mais a ser contabilizado: "a morte de civis não é apenas um dano colateral de péssima repercussão, mas pode ser o início de uma incansável rixa com a família do morto". O míssel e o barbudo. Veja. 17/10/2001, p. 55.
1624 A tragédia reordena o mundo. Veja. 10/10/2001, p. 92. Grifos meus.
1625 Veja Essa. Veja. 24/10/2001, p. 44.
1626 Ianni caracterizou esse período como de "evidentes ingredientes nazifascistas. Reduzem-se ou eliminam-se direitos democráticos conquistados desde difíceis lutas sociais e acentuam-se os controles jurídico-políticos, militares e policiais sobre indivíduos e coletividades, organizações sociais e movimentos sociais: em geral compreendendo intolerâncias étnicas, religiosas e outras, desde a xenofobia e o etnicismo ao racismo e fundamentalismo calvinista secularizado. Esse é o clima em que florescem as atividades, organizações, movimentos e correntes nazifascistas". In: DOWBOR, op. Cit., p. 22.

atentados. Para poder levar essa posição adiante, foi necessário ocultar a história, mas isso já era prática corrente.

Ao noticiar, ainda que vagamente, as manifestações pela paz, o mesmo estilo adjetivo foi utilizado, considerando os questionamentos uma "*obtusidade moral*". Inicialmente se esclarecia que havia uma "*confusão conceitual*", pois "*a guerra (a resposta americana à agressão, que possivelmente nem terá o formato de um confronto convencional) é colocada no mesmo nível que o terrorismo, quando não é considerada pior ainda*".[1627] O que é um argumento sério, pois não há justificativa para fazer guerra contra uma nação na medida em que os ataques foram realizados por um grupo, é deixado fora de questão:

> O uso de crianças inocentes, de **artistas cabeça oca** e de ingênuos em geral não obscureceu um fato: no estado de **embotamento moral** propiciado por tal inversão de valores, praticamente desapareceram as manifestações de pesar, como exigiria o mais elementar sentimento de humanidade, pelas **mais de 6.000 pessoas** imoladas na fúria terrorista.[1628]

A postura generalizada nos EUA após os ataques de 11 de setembro foi a negação de qualquer possibilidade de questionamento das motivações dos atos terroristas, pelo menos na imprensa. Mas existiram vozes dissonantes, que de antemão foram tratadas pela mídia como traidores, levando a muitos casos de demissões ou retratações públicas.[1629] A supervalorização do fato, como no dado impreciso e duplicado do número de vítimas, busca atingir o sentimento do senso comum. No Brasil, coube à imprensa, especialmente à *Veja*, o papel de reproduzir essa mesma apologia,[1630] chegando a afirmar que "nasce uma nova geração", formada por universitários que estariam "*contrariando uma velha tradição que os colocava na faixa dos críticos implacáveis do governo*".[1631]

Em perfeita sintonia com a guinada direitizante nos EUA, *Veja* prepara matéria para dizer que "*surpreendentemente*", as "*universidades mais críticas como Berkeley e Harvard*"

1627 Quando a guerra é justa. Veja. 3/10/2001. p. 64.
1628 Idem. Grifos meus. O número oficial de mortos nos atentados ficou em torno de 3.000. Mesmo que o erro tenha sido ocasionado por um dado parcial que era o disponível, em nenhum momento encontramos uma correção ou nova "informação" desse dado em Veja, pois a supervalorização da quantidade de mortos era essencial para a sua tática de apoio à guerra.
1629 Alguns desses casos são narrados por SCOWEN, op. Cit., capítulo 1.
1630 A cobertura de outros órgãos de imprensa foi parcialmente analisada em ARBEX, op. Cit.
1631 Nasce uma nova geração. Veja. 10/10/2001, p. 77.

tiveram postura "*a favor de uma ação militar contra os autores dos atentados terroristas*".[1632] Uma pesquisa em Harvard teria mostrado que "*69% dos alunos aprovariam uma investida militar contra os terroristas*" e que "*quatro entre dez estudantes se alistariam numa unidade militar caso o governo precisasse deles*". Mas, ressaltava a revista, o jornal dos estudantes lamentou "*o fato de que foram poucos os alunos que se disseram prontos para vestir uma farda*".[1633] O importante é a seqüência de caracterização do campus, informando que ali "*as primeiras feministas queimaram seus sutiã*s", "*os hippies fumaram seus primeiros cigarros de maconha*", e coisas do tipo, para definir a universidade como um local contestador e de um "*esquerdismo acadêmico*", tendo sido "*declarada áreas livres pelos intelectuais*".[1634] Esses estudantes inclusive participaram de movimentos contra "a globalização", mas agora teriam percebido a "nova ordem", como disse o aluno que "*entenderia as 'razões de estado' de uma lei anti-terror que limitasse as liberdades civis*".[1635]

Produzidos os estudantes belicistas, tratava-se de desqualificar os professores resistentes.[1636] Destacam-se intelectuais como Edward Said, Susan Sontag e Noam Chomsky. *Veja* diria que

> A batalha das palavras envolve dois lados: os **rápidos** e os **lentos**. Os rápidos são aqueles que captaram as dimensões da mudança provocada pelos ataques. Perceberam que noções perfeitamente aceitáveis no mundo pré-atentados **não se aplicavam mais depois deles**. Os lentos, tanto conservadores quanto liberais, não assimilaram e continuam a rodar o mesmo programa mental que tinham antes.[1637]

Entre os "lentos" estaria Edward Said, "*o mais conhecido intelectual palestino*", apresentado como um caso clássico de "confusão" gerada pela nova situação. Segundo a revista, "*escrevendo no piloto automático, afirmou que o 11 de setembro se transformou numa enorme propaganda em benefício de Sharon*". *Veja* corrige: "*Errado. Bush falou na semana*

1632 Idem.
1633 Idem, p. 77.
1634 Idem, p. 78.
1635 Idem.
1636 Um dado relevante que a revista não fornece foi a existência de listas de denúncias contra alunos e professores que se manifestaram céticos com relação à intervenção militar, ou questionaram a autoria dos atentados, ou ainda mais grave, buscaram suas razões, apontando para o histórico de atentados cometidos pelo governo estadunidense. Essas práticas obscurantistas foram totalmente ignoradas por Veja. Sobre isso há relatos em SCOWEN, op. Cit., capítulo 1.
1637 Intelectuais em guerra. Veja. 10/10/2001, p. 84. Grifos meus.

passada. Pela primeira vez, na eventual criação de um Estado palestino, o tipo de assunto que provoca apoplexia em gente como Sharon",[1638] e completava:

> Quem achava que a religião muçulmana seria lançada na vala comum do terrorismo (com reações de horror entre a esquerda, de gáudio para os direitistas lentos) ficou sem ter o que falar diante das insistentes loas tecidas pelo presidente caipira à fé dos seguidores do profeta Maomé.
>
> **Você, caro leitor, está condoído pela sorte dos pobres afegãos que agora engrossam as fileiras dos refugiados?** Donald Rumsfeld, o super-falcão do Departamento de Defesa, também ficou de 'coração partido' e lá se foram 320 milhões de dólares dos EUA para ajudar os flagelados afegãos.[1639]

A revista não deixa espaço para o leitor pensar, e reitera de forma irônica que os "pobres afegãos estariam sendo atendidos pela "ajuda humanitária", após terem seu país arrasado pelos mísseis estadunidenses. O problema maior seriam as "flexibilidades" dos "lentos" que poderia levá-los a questionar as atitudes do Império. É também por isso que ela narra um episódio que envolveu Rod Dreher, colunista do New York Post, e Susan Sontag. Segundo *Veja*, "*tantas manifestações de flexibilidade não bastaram para impressionar a escritora Susan Sontag, que insistiu com todas as letras que o atentado foi uma conseqüência direta das ações e alianças americanas*". Diante disso, Dreher

> Escreveu que gostaria de atravessar a ponte do Brooklin, em NY, de pés descalços sobre cacos de vidro, até o apartamento de Sontag, **agarrá-la pelo pescoço**, **arrastá-la** ao WTC e fazê-la repetir o que havia escrito diante dos bombeiros que trabalharam nos escombros dos prédios.[1640]

Assim deviam ser tratados os que discordavam do consenso por essa imprensa. Esse fechamento parece remeter ao tratamento dado ao leitor de *Veja*, pois se a revista deixou entrever a existência de um debate verdadeiro, o fez de forma a desqualificar os contestadores.

Como constatou Peter Scowen, que escreveu seu livro buscando compreender as razões dos atentados (que não foi citado em *Veja)*, mesmo sem romper com a idéia de superioridade de sua "liberdade e democracia", constatou que:

> 'Relativismo moral' e 'dúvidas' não serviam; o patriotismo exacerbado e cego estava na ordem do dia. Questionar os Estados Unidos e seu governo ou examinar

---

1638 Idem.
1639 Idem. Grifos meus.
1640 Idem. Grifos meus.

> as causas primárias era, de alguma forma, falta de 'clareza'; insistir na condição quase sagrada do país era considerado pensar claramente.[1641]

Isso indica que a posição de *Veja* seguia exatamente a mesma posição patriota dominante nos EUA, como se observa em matéria que envolveu o lingüista e analista Noam Chomsky. A crítica partiu do jornalista Christopher Hitchens, que "*foi para a briga com um artigo no qual metralhou o chamado relativismo moral dos intelectuais para os quais, de maneira bem resumida, 'os Estados Unidos estão colhendo o que plantaram'*."[1642] Ele acusou de "cretinos morais" e "estúpidos" aqueles que não viam que os Estados Unidos também "fazem a coisa certa". Segundo *Veja*, "*seus mísseis têm endereço certo: o lingüista Noam Chomsky e sua turma.* ***Ícone da esquerda e último refúgio dos preguiçosos*** *(todo mundo bate a sua porta quando quer uma crítica invariável a qualquer iniciativa do governo americano), o professor ficou patentemente ao lado dos lentos*".[1643] Segundo a reportagem, Chomsky

> Não mudou seu discurso em nada, insistindo em equiparar os atentados suicidas que pulverizaram quase 6.000 pessoas nos Estados Unidos ao bombardeio de uma fábrica de remédios no Sudão, desfechado em 1998 a mando do então presidente Bill Clinton, numa desastrada tentativa de punir colaboradores de Osama Bin Laden.
>
> Chomsky sustentou, delirantemente, que o bombardeio provocou 'milhões' de mortes – depois reduziu para 'dezena de milhares' e disse que eram vítimas da falta de remédios que teriam sido produzidos caso Clinton não tivesse bombardeado a fábrica. Para se ter uma idéia da discrepância, o ataque americano em si não matou ninguém.[1644]

Por uma contorção, o ataque estadunidense "desastrado", continua justificado pela revista. Outras fontes não citadas por ela mostram que o ato contra a fábrica sudanesa tem exatamente as mesmas características de um atentado terrorista, ou seja, um míssel, disparado a 1,6 mil quilômetros de distância, contra uma fábrica que produzia remédios para malária e outras doenças do tipo numa nação totalmente arrasada por uma guerra civil onde grassava a fome e a miséria, como a própria revista teve oportunidade de mostrar em momentos anteriores, como já vimos. Chomssky e outros analistas efetivamente apontavam muitos milhares as vítimas indiretas daquele ato, ao mesmo tempo em que enunciavam a inexistência

---

1641 SCOWEN, op. Cit., p. 19. O autor comenta com maiores detalhes a perseguição a Sontag.
1642 Intelectuais em guerra, p. 84.
1643 Idem. Grifos meus.
1644 Idem, p. 85.

de relação entre Bin Laden e a fábrica bombardeada, tampouco a produção de armas químicas.[1645] Mas ao leitor de *Veja* foi vetado o acesso a esses dados "irrelevantes", com a revista repetindo a fala oficial estadunidense de que foi um ato contra o terrorismo.

Veja havia noticiado brevemente, o "engano" do bombardeio, atribuindo-o aos problemas internos do governo Clinton, em plena ameaça de impeachment, que teria levado a destruir a fábrica de remédios, pela alegação de que ali existiria a fabricação de gases venenosos.[1646] As suspeitas, segundo a revista, eram de que ali "funcionava, clandestinamente, um laboratório de armas químicas. Como evidência, o governo americano disse ter em seu poder amostras do solo da fábrica", e que ela "*funcionava com investimentos do saudita Osama Bin Laden, elevado pelos Estados Unidos à condição de Satânico Dr No – como no filme de James Bond – do terrorismo*".[1647] Embora mostre brevemente as manifestações de repúdio por parte dos sudaneses e informe o fato de que o local foi totalmente disponibilizado para investigações, já naquele momento a postura foi de total desprezo da revista pelas vítimas e pelas decorrências do ato. Afinal, *Veja* perfilava no combate ao "terrorismo" e a fábrica poderia ser uma ameaça; essas seriam portanto "vítimas merecedoras". Não houve tampouco cobrança de desculpas ou de reparação às vítimas.[1648]

Dois anos antes do 11 de setembro, ocorreram ataques a embaixadas dos EUA na África, quando Osama Bin Laden foi acusado de ser o responsável, mas naquele momento *Veja* dizia que "*suspeitar automaticamente de que grandes atentados terroristas tenham origem no Oriente Médio passou a ser não só preconceituoso como tolo desde que um*

1645 Considerando as pessoas que morreram diretamente em virtude da falta dos remédios que deixaram de ser produzidos a preço acessível; o fato de que organizações de ajuda se retiraram do território, deixando a população sem assistência e envio de alimentos; o fato de que naquele momento estavam muito adiantadas as negociações para o fim da guerra civil, sendo tudo perdido com o atentado. Isso sem se referir ao fato de que o governo sudanês ofereceu relatórios e assistência sobre a rede de Bin Laden, o que foi desprezado pelo governo Clinton que preferiu o ataque. Talvez, se naquele momento tivesse sido aceito, a rede não teria conseguido planejar os atentados de 11 de setembro. Ver sobre isso: CHOMSKY. 11 de setembro, op. Cit e SCOWEN, op. Cit (capítulo 2).

1646 Deu a louca no império. Veja. 26/8/1998. A reportagem de dez páginas e capa, dedica um quadro – 55 linhas – ao atentado, aqui chamado de "ataque". O restante foi dedicado ao caso Levinsky- Clinton. A reportagem foi publicada na seção "Sexo".

1647 Desmanche moral. Veja. 2/9/1998, p. 48. O comentário também se resumiu a um quadro em um texto que falava sobre o caso do presidente com a estagiária.

1648 As investigações e auditorias internacionais mostraram que não houve qualquer indício de produção de armas no local. Cfe SCOWEN e CHOMSKY, que apontam as fontes comprobatórias.

americano da gema explodiu um edifício público em Oklahoma, com 168 mortos."[1649] Essa avaliação, pertinente em 1998 não seria sequer lembrada em 2001. Importava agora uma mensagem tranqüilizadora, para legitimar a ação do terror de Estado. Por isso, na cobertura, além de menosprezar Chomsky, citava Salman Rushdie:

> Devemos concordar no que importa: beijar em lugares públicos, sanduíches de bacon, roupas decotadas, literatura, generosidade, água, uma distribuição mais equânime dos recursos do mundo, filmes, música, liberdade de pensamento, beleza e amor.[1650]

Essa era a mensagem final, como um soma, uma droga tranqüilizante do "admirável [novo] mundo" de *Veja*. A suposta vitória das forças "civilizadoras" foi comemorada pela revista. Sarcasticamente, publicou uma reportagem no final de 1998 onde junto à manchete aparece sob uma fotografia de homens esfarrapados mortos, e um soldado da Aliança do Norte armado, põe a bota sobre o rosto de um talibã morto estirado no chão: "ONDE ESTÃO OS FEROZES GUERREIROS DO AFEGANISTÃO?".[1651] Na seqüência, a revista explicava que, diante da continuidade da guerra, seria quase certo que logo pegariam Bin Laden, e que seria importante possuir dados sobre o seu DNA, pois "*é difícil identificar uma pessoa morta por bomba*".[1652] E informava que a única saída seria a identificação através de sua mãe, ao que, ironicamente pergunta: "*como reagirá quando a CIA bater à porta de seu palácio pedindo ajuda para identificar o corpo do filho?*".[1653] E assim encerra a matéria, novamente mostrando que o tratamento a essas vítimas (no caso de Laden, projeção de que seria vítima) nem de longe se compara àquele que "o mundo todo" teria "a obrigação" de dar às vítimas do WTC.

Esta foi a tônica geral desta cobertura, marcada pela repetição das mesmas idéias que buscavam legitimar uma mesma ação: a expansão imperialista estadunidense. O tom era monocórdio, com o uso de imagens chocantes, manchetes garrafais, reproduzindo um sensacionalismo muito marcante. Pouco tempo depois, fugindo do período desta análise, a revista mudaria de posição, passando a criticar aqueles que fizeram sensacionalismo e defenderam acima de tudo os EUA. Não significa que ela tenha revisto sua posição que, como

---

1649 Em busca do autor. Veja. 19/9/1998, p. 53. Mesmo assim, há uma fotografia de Bin Laden com a legenda: o milionário por trás da rede do terror. P. 52. Ver também: O horror inesperado. Veja. 12/8/1998, p. 48-9.
1650 Intelectuais em guerra, p. 58.
1651 Onde estão os ferozes guerreiros do Afeganistão? Veja. 5/12/2001, p. 49 e 50.
1652 Procura-se o DNA dos Laden. Veja. 5/12/1998, p. 53.
1653 Idem.

vimos em outros casos neste capítulo, é às vezes relegada ao esquecimento por ela própria. Simplesmente assume uma nova posição e passa a ser crítica da antiga como se não fosse antes defendida por ela mesma.

7.6. CONCLUSÕES PARCIAIS

A cobertura sobre o 11 de setembro está em contraste com a forma com que os outros "inimigos" haviam sido tratados. Tanto no caso do Kosovo, do Timor e da Indonésia, a lógica do modelo de propaganda imperava: a escolha dos inimigos tinha como referência a identificação ou contestação à lógica imperial; as vítimas seriam merecedoras ou não dos ataques, dependendo de sua vontade para se "civilizar"; as fontes citadas foram as oficiais, muitas vezes do próprio Departamento de Estado dos EUA; o espaço para visões divergentes inexistia nas páginas de *Veja*. Por isso tentamos trazer, ainda que de forma deficiente, alguns estudos que, se não dão conta da complexidade dos temas em questão, apontam para a existência de trabalhos sérios que obrigariam a revista a pelo menos amenizar suas posições absolutas.

No caso do 11 de setembro, toda essa lógica ficou ainda mais explícita. As referências a países africanos mais uma vez indicam o preconceito, a ausência de autonomia, a reprodução de um mundo de barbárie e irracionalidade. Os "islâmicos", genericamente definidos pela revista, passam a ocupar o posto de "inimigos da civilização ocidental". E os EUA, transfigurados em grande vítima indefesa, seriam os portadores de todos os valores dessa suposta civilização superior. Em função disto, qualquer contestação deveria, para *Veja*, ser destruída.

Neste capítulo foram mais recorrentes nossas referências ao "leitor" de *Veja*. Isso porque estas matérias têm o cunho mais pedagógico / ideológico, buscando a produção de um senso comum social em torno delas. A revista buscou o tempo todo o controle de quais seriam as formas de pensar, utilizando-se para isso referenciais externos sobre a realidade internacional. E a forma com que fez isso nos permite questionar o caráter informativo dessa seção de *Veja*, em que pese sabermos que esta é uma das seções às quais recorrem muitas vezes professores dos diferentes níveis de ensino, na ilusão de que a partir deste instrumento

estariam se “atualizando” e informando. A atualização possível a partir dessas matérias é a do nível de desinformação e de formação de senso comum reprodutor da legitimação imperialista.

CAPÍTULO 8
A INCONTROLÁVEL REALIDADE x O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE *VEJA*

O objetivo desse capítulo é analisar temas abordados em grande quantidade por *Veja* que não se inserem, à primeira vista, no campo político ou econômico. São os temas atinentes à "cultura" e comportamento, o que chamaremos de "mundo do espetáculo", na falta de um termo mais adequado. Mas é apenas como aparência que eles podem ser considerados fora do âmbito da economia política, posto que são essenciais para a manutenção e reprodução do sistema do capital. Essa discussão se refere à hipótese da elaboração de uma ***contra-reforma moral e intelectual***, agindo no sentido de definir um ***estilo de vida***, central para o projeto político e econômico gestado em *Veja*.

A análise da revista no seu todo nos obrigou a relacionar este tema com outro, por ser ele uma das faces do mundo real que se busca ocultar no mundo do espetáculo: os preceitos da incontrolabilidade do capital. São os elementos reais que o discurso apologético não tem como negar, e sobre eles tenta impor um pensamento homogeneizador e impedir a percepção do seu sentido contraditório: a única voz ouvida deve ser a sua e de seus agentes autorizados. O capitalismo persegue gerando miséria, violência, devastação, de forma cada vez mais ampliada. Isso não pode ser sempre negado, porque são limites do próprio sistema. E contra eles é proposto um mundo de aparente harmonia, o *mundo do espetáculo*.

Analisaremos o *mundo do espetáculo* como uma das formas de ocultar essa realidade, e esta é uma das funções deste mundo. Mais que isso, ele faz parte indissociada da definição dos padrões de gerenciamento do capital. Os gerentes do neoliberalismo precisam aprender que para se manterem na corda bamba em que estão colocadas suas ocupações, precisam também moldar seus estilos de vida. Os padrões de consumo e de abundância a serem almejados por cada um desses gerentes, e a introjeção da competição, são criados neste mundo. Ou seja, além

de aprenderem a "fazer o que tem que ser feito" (demitir, exercer autoridade a partir de parâmetros externos), têm que também internalizar a face "cultural" do neoliberalismo (consumo exacerbado, novas tecnologias, padronização do corpo e da saúde, etc) como sendo sua forma de vida. O neoliberalismo não poderia existir sem essas formas de coerção e convencimento.

Pelos dados levantados no capítulo dois, o tema "*sociedade do espetáculo e indústria cultural*" tem enorme relevância para a revista, distribuído da seguinte forma: editoriais: 78 (10,9%); capas, 303 (42,38%); páginas amarelas: 199 (27,83%). Portanto, o tema aparece com alto peso em toda a revista. As capas são o principal veículo de divulgação desse tema, mas ele aparece também em várias outras matérias. Não foi possível fazer o levantamento e tabulação de todas as matérias sobre o tema na revista, o que demandaria um Banco de Dados para este fim. O critério de seleção foi, a partir da leitura exploratória, definir quais seriam os sub-temas principais, de acordo com a problemática de pesquisa. A partir daí, selecionamos aquelas matérias que melhor representavam os temas em análise, cuidando de mostrar algumas outras recorrências, o que foi feito em citações ou tabelas. Demos ênfase àquelas matérias que tenham sido tema de capa, porque têm com isso maior relevância para a revista, embora tenham sido citadas também outras matérias. Para que o capítulo não ficasse muito extenso, as tabelas apresentadas neste capítulo não dão conta de todas as capas sobre os temas em análise, mas de uma parte ilustrativa (em alguns casos quase total), exceto quando explicitado o contrário.

8.1. O "ADMIRÁVEL" X O "INCONTROLÁVEL": ESPETACULARIZAÇÃO DA REALIDADE

Uma explicação simples para a recorrência do tema do *espetáculo* seria o fato de que eles possuem um forte apelo mercadológico, e que portanto, estariam relacionados com a necessidade de venda da própria revista. Talvez em decorrência, uma segunda explicação adviria do peso dos anunciantes da revista, pois em grande parte as matérias de cunho cultural e comportamental trazem novos produtos a serem consumidos, produtos esses que são os anunciados na própria revista (e em alguns casos, trata-se de publicidade disfarçada, embora isso fuja à nossa análise). Essas duas explicações estão corretas e se complementam, mas são

insuficientes. A elas se soma o fato de que *Veja* é uma síntese do mercado segmentado de revistas da editora Abril. Ela pauta um pouco de cada um dos temas centrais das demais revistas: economia, televisão, esportes, mulheres, adolescentes, homens. É por poder tratar de todos eles que *Veja* tem um peso maior, com abrangência mais ampla, alcançando também leitores das outras revistas do Grupo Abril,[1654] além de consumidores de outras mídias, inclusive a televisão.

É necessário interrogar mais a fundo o problema, buscando suas motivações econômicas e políticas. Assim teremos uma percepção mais complexa da contraditória realidade brasileira descrita, analisada e influenciada por *Veja*. Trata-se de um conjunto de práticas, vinculado à criação do consumidor e da própria necessidade, mas também do controle social. A revista empenha-se em forjar uma visão de mundo, através de uma *contra reforma moral e intelectual*,[1655] que se vincula à criação de um novo **estilo de vida** profundamente **marcado**[1656] pelo mundo do *branding*[1657] da publicidade.

A partir dos anos 1990, a novidade estaria por conta dos padrões de comportamento social diante das mudanças que o neoliberalismo trazia às diferentes classes sociais. Novos produtos foram criados, ganhando novos significados,[1658] o que só foi possível com as novas

---

1654 Não cremos, como Mira Celeste, que a editora produza as revistas para atender à "segmentação social" pré-existente, como se a mídia apenas respondesse a uma mudança espontânea e "externa" da sociedade. Pelo contrário, as revistas contribuem de forma enfática para a fragmentação da sociedade e a perda da perspectiva coletiva. Ver: MIRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo, Olho d`água, FAPESP, 2001.

1655 O que pode ocorrer no momento em que nem o Estado nem a Igreja, nem a escola conseguem ser "centro ativo e permanentemente ativo de uma cultura própria". GRAMSCI. Antonio. Caderno 22 (1934): Americanismo e fordismo. In: Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. Vl 4, p. 48.

1656 Expressão do sentido de identidade criada a partir da "marca". O conceito de "marcado" é definido por Naomi Klein, que inclusive fala em "**marcado mundo novo**", também em alusão ao "admirável mundo" engendrado pela produção de marcas. KLEIN, Naomi. Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003.

1657 O branding é a afinidade que a marca almeja: o forjamento da identidade pessoal a partir do seu uso (o produto fica em segundo plano) e para isso são voltados os investimentos das corporações que deixam de se preocupar em produzir "coisas", passando a vender "sentimentos". Com isso, é possível alcançar "em suas encarnações mais autênticas e avançadas, a transcendência corporativa". (Klein, p. 45). Ou seja, as corporações passam a ser vistas (para os consumidores) como necessárias, aparecendo elas mesmo fetichizadas. Pouco importa as conseqüências sociais, e as mudanças no mundo do trabalho que foram necessárias para que milhões de dólares fossem investidos em propaganda e não na produção. O que importa é preparar consumidores para que sintam necessidade do consumo da marca e, em decorrência, legitimem as condições para que isso seja possível (práticas neoliberais).

1658 Como por exemplo, os telefones celulares, que levaram a muitas mudanças nas relações sociais. Mas isso só ocorreu quando pode ser altamente lucrativo ao capital, sendo também mais uma forma de legitimar a necessidade de privatização da telefonia.

relações sociais estabelecidas. Para o pleno estabelecimento do novo estilo de vida marcado, era preciso um regime político e econômico adequado, "liberalizado", "desregulamentado", admitindo a criação, em zonas periféricas do mundo de "zonas de exportação" que permitissem que se pague o mínimo possível pela produção da "coisa" que vai ser vendida.[1659] A partir daí, as marcas são infladas, por milhões de dólares de investimento, sendo vendidas no mundo "admirável" por preços exorbitantes, consumidas pelos leitores que aprendem, também nos editoriais, entrevistas e matérias, a precisar disso para que se considerem socialmente reconhecidos.

Esse é um processo relativamente conhecido dos críticos da publicidade e da cultura da mídia.[1660] A publicidade está presente em todos os veículos da mídia, e em todos eles contribui para a formação desse "estilo de vida". No caso da Abril, e de *Veja*, isso está em sintonia direta com a sua linha editorial, ajudando a criar esses consumidores de marca. Importa não apenas o consumo em si: essa publicidade é a síntese do processo "globalizado", e demanda a desregulamentação das relações de trabalho, a denúncia das conquistas sociais e sua redução no âmbito do Estado, o discurso do fim das "ideologias", um "novo homem". É um sistema que se retro-alimenta, que em *Veja* tem uma possibilidade ampla de ser percebido, porque nela todos os aspectos da vida estão em questão: político, econômico, cultural. Esse mundo "admirável" é criado para as "castas superiores", capazes de consumir essas marcas, legitimando plenamente idéias como o "darwinismo social", naturalizando a desigualdade. Por isso a metáfora do *admirável mundo novo*[1661] acompanha esse tema. Mas ela é indissociada do *incontrolável*.

Trata-se, nos moldes da indústria cultural, da criação de necessidade e do consumidor e a redução de todos os aspectos da vida ao status de mercadoria (ou ao máximo possível).[1662]

1659 Como Klein mostra em sua obra, ao investigar os trabalhadores dessas zonas, mostrando suas degradantes condições de trabalho militarizado, que em muito se assemelham aos campos de concentração e de trabalhos forçados. Os chamados "Tigres Asiáticos", incluindo-se a Indonésia (discutida no capítulo anterior), foram os primeiros a receber essas zonas de produção, transformadas em zonas sem nacionalidade, sem lei nem impostos, onde o que importa é a produção de coisas que serão, fora dali, marcadas, gerando cada vez mais lucro.

1660 Como: QUESSADA, Dominique. O poder da publicidade na sociedade consumida pelas marcas: como a globalização impõe produtos, sonhos e ilusões. São Paulo, Futura, 2003. Outros autores mostram as ligações das empresas publicitárias no mundo das corporações e oligopólios, como discutiremos adiante.

1661 Esta metáfora foi várias usada por Veja para definir ao mundo globalizado, e é uma distorção de: HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. 15ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1987.

1662 Com isso não se nega a possibilidade de que o consumidor possa ter um papel ativo, inclusive revertendo a lógica da publicidade como também mostra Klein ao estudar as práticas de "culture jamming". Outros autores

No caso do capital "globalizado" essa ação não se restringe a produtos, mas ao próprio capital, pois a partir da gestão do comportamento, estamos diante da própria criação de investidores, seja das previdências privadas, dos fundos de pensão, das ações na bolsa de valores, como já foi possível perceber nos capítulos anteriores. Também os gerentes necessitam modificar seus estilos vidas, a partir desses novos padrões para alcançarem o "sucesso profissional": precisam ler os livros "corretos", moldar o corpo de forma "correta", usar as drogas indicadas, portar os celulares "noticiados", etc. Além de ter ambição cada vez maior, e se comportar de forma competitiva sempre.

O alvo deste tema são os consumidores de toda "cultura da mídia": cinema, televisão, moda, e com muita ênfase a indústria farmacêutica, diretamente ligada à "indústria da vaidade". Consome-se o produto e o estilo de vida que sua publicidade[1663] propõe. *Veja* contribui para a criação desse "mundo admirável" e dele depende. Mas justamente aqui se coloca de forma inegável a incontrolabilidade do mundo do capital e a divisão de classes cada vez mais acirrada, embora nada disso possa aparecer desta forma. Esse mundo "admirável" não pode existir sem que se compreenda o próprio funcionamento do sistema do capital, sua tendência a acumular sempre mais, deixando atrás de si um rastro de miséria e penúria. Diante disso, o capital, seus apologistas e divulgadores, apresentam uma aparência de equilíbrio em uma realidade irremediavelmente incontrolável. Por isso essas duas questões são discutidas no mesmo capítulo. Buscamos abarcar a contradição entre o *admirável* e o *incontrolável* e as formas de lidar com ela. A construção do mundo admirável: a criação de novos padrões de comportamento e de consumo. Em contraste, a incontrolabilidade: as provas cabais de que essa realidade não se sustenta em si mesma, e que gera o mundo do desajuste, do êxodo, da violência e da miséria. Mais uma vez o discurso de que "não há alternativas" nem "ideologias", mostra sua ideologia e busca contribuir para a falência dos movimentos sociais, outro pilar necessário do neoliberalismo. O mundo "admirável" não pode existir para todos, a

---

também trabalham com a perspectiva de "consumidores cidadãos", como Canclini ou Jesus Barbedo (ver bibliografia). Parece-nos que uma posição não necessariamente exclui a outra, mas o que nos interessa no momento é a criação e disseminação dessa lógica publicitária.

1663 É relevante lembrar que não se trata apenas de publicidade abertamente paga. O caso da indústria farmacêutica é um exemplo gritante de como os interesses das corporações sustentam matérias que têm como função exclusivamente o consumo de novas drogas. (Embora não tenhamos dados sobre a relação direta das empresas, a produção e a publicação das matérias). A aceitação social disso, no entanto, faz lembrar também do "admirável mundo novo", onde homens e mulheres precisam de pílulas de soma, uma droga que permite aceitar o mundo tal como ele se apresenta.

não ser como um sonho, um desejo inalcançável para a maioria. É o mundo da elite, dos "melhores"; aqueles que não alcançam o "sucesso" são considerados incapazes, destreinados, incompetentes. Com isso se oculta que esse sistema é por natureza excludente e desigual, posto que se sustenta na exploração da maior parcela da humanidade.

A incontrolabilidade do capital é inexorável, pois para ele não existem mecanismos de controle, ele precisa se reproduzir de forma ampliada, devastando todos os limites ou obstáculos. Àqueles que encarnam o papel social de sua personificação somente resta criar as condições de expansão indefinida do capital, cuidando de estabelecer controle sobre os agentes sociais que resultam arrasados pelas conseqüências do avanço da sua ampliação. No mundo atual, neoliberal, teríamos alcançado um "*modo de controle metabólico ao poder de dominância absoluta como sistema global plenamente estendido".*[1664] Ocorre o aumento da fragmentação, de muitas formas: "*a produção e seu controle estão radicalmente isolados entre si e diametralmente opostos*", cada vez mais separando as fases da produção; "*a produção e o consumo adquirem uma independência e uma existência separada extremamente problemáticas*",[1665] pois aqueles que produzem não são os que consomem; e "*os novos microcosmos do sistema do capital combinam-se em alguma espécie de conjunto administrável, de maneira que o capital social total seja capaz de penetrar – porque tem de penetrar – no domínio da circulação global*".[1666] Separando e dividindo o mundo artificialmente, refeita a divisão internacional do trabalho, a falta de vínculos entre a produção e o produtor será mostrada pelos seus apologistas como fator positivo, ocultando a dependência completa daqueles microcosmos que se transformaram em função da expansão do capital. Ou seja, por mais que se fale em globalização, os trabalhadores não podem ter consciência do internacionalismo de seu próprio trabalho, das conseqüências sociais dessas divisões, e por conseqüência, de sua luta. Em termos concretos, terminada a etapa de estadia do capital (seja uma empresa produtiva, seja a prestação de serviços como o turismo, por exemplo) em determinado lugar, ele passa adiante, sem qualquer responsabilização por ter destruído as economias locais pré-existentes. A outra face dessa questão é a realidade social,

---

1664 MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp, 2002. (Edição Original inglesa de 1995). p. 101.
1665 Idem, p. 109.
1666 Idem, p. 105.

que não pode ser negada. As conseqüências dessa expansão são arrasadoras. Mas as explicações ideológicas, como as de *Veja,* para os grandes problemas sociais gerados pela expansão desenfreada do capital não podem dar conta da sua complexidade e o sistema busca sempre responsabilizar os próprios indivíduos pela sua miséria.

Diante disso, esse capítulo está dividido em duas partes. Na primeira delas, analisamos o "incontrolável mundo" que *Veja* quer ocultar, as formas deste ocultamento e suas conseqüências. No segundo momento, analisamos a construção do "admirável mundo novo" através da fetichização da tecnologia, da mistificação do mundo e da criação de seres consumidores resumidos nas "tribos" de adolescentes. Trata-se da construção do reino da fantasia e da abundância, onde se mostra que "tudo é possível", para alguns, tendo como modelo os "bem sucedidos". Ao apresentar várias matérias sobre os ricos, famosos e milionários, a revista mantém o sonho da abundância. Em paralelo, as mudanças de comportamento que levam a novos padrões de consumo: no campo da organização familiar, sexual, da "beleza", dos esportes, etc.

8. 2 DIFERENTES NÍVEIS DE INCONTROLABILIDADE: MEGALÓPOLES, VIOLÊNCIA, QUESTÃO ECOLÓGICA, MISÉRIA

A incontrolabilidade pode ser percebida em vários elementos sociais, alguns dos quais analisaremos: as megalópoles, a miséria, a violência. O controle das massas de miseráveis gerados pelo sistema é necessário para o capital. Mas as dificuldades geradas pela expansão do capital não se restringem à miséria, elas são bem mais amplas, atingem a organização social em megalópoles, atinge a própria manutenção do planeta (a ecologia) e todos estes são fatores desencadeadores de violência. Portanto, isso é pautado não porque haja uma preocupação com os miseráveis, mas sim porque traz conseqüências para todos, seja no âmbito do controle (que precisa aumentar), seja do descontrole (da violência "que brota"). Esses são alguns dos temas abordados por Mészáros para "testar" a impossibilidade de restringir a ação de luta às margens deixadas pelo capital, e são também recorrentes nas páginas de *Veja*, e acreditamos que sempre com um mesmo sentido: manter padrões de controle (seja das conseqüências diretas,

visível na devastação ecológica,[1667] por exemplo; seja da luta dos oprimidos sociais) decorrentes de um processo incontrolável do capital. A análise se baseia em alguns exemplos, pois estes temas estão presentes em vários outros momentos da revista, alguns deles citados ao longo da tese.

8.2.1 Problemas de megalópoles: a retomada do malthusianismo

Ao mesmo tempo em que é necessária a concentração de pessoas em centros urbanos, sob a ordem capitalista - e isso é sempre incentivado – geram-se problemas insolúveis que precisam ser amenizados.[1668] Ao abordar o problema das grandes cidades, em editorial que anuncia a matéria, a posição era que mesmo que existissem problemas, tudo ficaria pior se os trabalhadores resolvessem se manifestar. Não haveria lugar para manifestações porque causariam muito transtorno, e os problemas, afinal, seriam insolúveis:

> Na terça-feira passada, a prefeitura de São Paulo foi cercada por 2.000 ônibus vazios. O trânsito parou e, sem condução para chegar ao trabalho, 700.000 paulistanos tiveram mais um dia de desgaste. Foi a 71ª manifestação de motoristas e cobradores só neste ano e um exemplo dos **transtornos que atormentam a vida dos moradores da maior cidade brasileira**, obrigados a conviver com enchentes periódicas, poluição, congestionamentos, altos índices de criminalidade e alto desemprego. É inútil atribuir todos esses problemas a um prefeito ou a um governador. O caos e a decadência do padrão de vida nas megalópoles do Terceiro Mundo, como São Paulo, são um **fenômeno mundial**.[1669]

A manifestação dos trabalhadores é associada aos fenômenos "da natureza" como enchentes e poluição, como se eles fossem mesmo naturais e não fruto da ação humana. Consolida isso ao dizer que o Estado não pode dar conta disso sozinho, o caos "*é um fenômeno mundial*", portanto, não teria agente gerador, é mostrado como um fenômeno próprio da natureza. Pelo contrário, completa que "*cidade grande, em si, não é sinônimo de problema agudo. Ao contrário, a metrópole concentra mais empregos, oferece vida cultural mais intensa e tem uma rede de serviços que é impossível encontrar em centros menores. Mas quando uma cidade de Terceiro Mundo tem população grande demais é* ***inevitável que uma***

1667 Há várias recorrências sobre a ecologia em Veja, seja em matérias de capa, nas páginas amarelas e editoriais, mas optamos neste momento por não analisar este material, justamente em virtude de sua quantidade.
1668 Embora a revista tenha tratado em alguns momentos da "volta para o interior" e as vantagens das cidades menores.
1669 O desafio das cidades gigantes. Carta ao leitor. Veja. 28/7/1999, p. 9. Grifos meus.

série de contratempos perturbe a vida de seus moradores".[1670] E como consolo, faz-se a comparação com outros continentes, lembrando que, afinal, há gente em pior situação que a nossa: "***o problema brasileiro é muito menos agudo que o verificado em algumas cidades da Ásia e da África***. *Aqui já se vive uma desconcentração relativa do crescimento e os índices de aumento populacional são muito menores. No entanto, o inchaço em algumas capitais brasileiras continua aí como um desafio*".[1671] Esses contratempos sao vistos como pequenos obstáculos que precisariam ser pulados, nao resolvidos porque dentro desta mesma ordem isso não teria como ser feito. A comparação com os países "mais pobres" apenas reforça que seria possível conviver com esses problemas.

A revista apresenta uma explicação para o inquientante aumento populacional: "*nesta semana a Índia terá 1 bilhão de pessoas. É isso mesmo: um em cada seis habitantes do planeta mora num país cuja área equivale a pouco mais de um terço do território brasileiro.* ***O número de indianos triplicou*** *em apenas cinco décadas*".[1672] Essa multiplicação aparece de forma quase autônoma, é o número que triplica, só em última instância se lembrará que se trata de seres humanos, de condições fomentadas pelo sistema. O problema, segundo *Veja*, é um escândalo:

> A Índia, em sua **escandalosa multiplicação populacional**, é apenas parte de um problema planetário. Dentro de mais dois meses, em outubro próximo, a população mundial atingirá a cifra de 6 bilhões de pessoas, o dobro de quarenta anos atrás. Mais preocupante: a explosão populacional é um fenômeno inversamente proporcional à riqueza das nações. Os países desenvolvidos têm população estável ou cadente para dividir entre si uma renda cada vez mais alta. Os miseráveis, **aparentemente conformados com o pesadelo das grandes massas analfabetas, doentes e mal alimentadas**, têm cada vez mais seres humanos para compartilhar a escassez.[1673]

Além de descrever essa população como uma *massa amorfa*, ao estilo do início do século XIX, o argumento é malthusiano, onde a responsabilidade do problema incumbe às vítimas. Não há solução, pois os miseráveis nada fariam a não ser procriar e aumentar a própria miséria. Nos dias atuais, remete a explicações de que não é possível manter previdência social, e entre outras coisas, não seria possível ter casa e saneamento para todos

---

1670 Idem. Grifos meus.
1671 Idem. Grifos meus.
1672 O caos da multidão. Carta ao leitor. Veja. 11/8/1999, p. 9. Grifos meus.
1673 Idem. Grifos meus.

em virtude da quantidade "escandalosa" de pessoas. Pela argumentação de *Veja*, os "números mostram isso". A responsabilidade do problema incumbiria às vítimas. Nao há solução, pois os miseráveis nada fariam a não ser... procriar e aumentar a própria miséria. Meszaros critica semelhante pensamento, por propor "*os alicerces de uma forma extremamente conservadora e alarmista de abordar o problema do aumento da população*",[1674] transformando "*a relação historicamente distinta numa relação numérica abstrata*". Esse argumento desloca a análise da forma destrutiva do sistema socioeconômico historicamente estabelecido, o qual devasta tanto a natureza quanto a população, para penalizar a própria população.[1675] Não há solução apenas a manutenção da ordem estabelecida. O círculo é vicioso – aprofundar as condições que produzem a miséria e, em seguida, penalizá-la. Mas *Veja* não pára aí – introduz, em texto sobre tema geral, o programa político neoliberal em curso no Brasil, defendendo o fim das aposentadorias:

> **População demais** cria pressão crescente sobre os recursos naturais, como as florestas e as reservas de água potável. Faltam empregos, falham os programas públicos de saúde e torna-se **impensável uma Previdência como a que existe no Brasil atualmente, garantindo aposentadorias**. A poluição aumenta, o caos urbano se intensifica e os países super-povoados, em uma palavra, **podem tornar-se ingovernáveis**. Como a Índia, que já tem meio bilhão de analfabetos e 320 milhões de pessoas vivendo na miséria. O Brasil, perto disso, é um país invejável.[1676]

Como sempre, a revista traz um exemplo de algum país que estaria em situação mais difícil, esquecendo do seu discurso sobre globalização que deveria levar à co-responsabilização. O nacionalismo é mantido como argumento subliminar de convencimento. O malthusianismo é atualizado na suposta impossibilidade da manutenção de qualquer ação estatal no sentido de garantir condições de subsistência, e este é um elemento extremo da posição neoliberal. É também uma solução neoliberal que é mostrada como "única alternativa": acabar com sistemas de previdência, responsabilizando o próprio "indivíduo" pela sua sobrevivência, (e em outros momentos, defendendo que neste mundo não possa haver ação coletiva). O risco mais grave estava colocado: tornar-se ingovernável, por isso o

---

1674 Meszaros, op. cit., p. 310.
1675 Idem, p. 311. Para Malthus, citado por Meszaros, "os seres humanos não têm nem podem ter o direito à subsistência quando seu trabalho não puder comprá-la. (...) A causa principal e permanente da pobreza tem pouca ou nenhuma relação com as formas de governo ou com a divisão desigual da propriedade". Idem, p. 312.
1676 O caos da multidão, op. cit. Grifos meus.

problema não podia ser menosprezado e mesmo os neoliberais teriam que buscar soluções mediadoras.

8.2.4 Miséria no mundo do consumo

"Podíamos ter 100 milhões de pessoas no consumo de massa, mas só temos metade disso".[1677]

A questão da miséria, que é central nos problemas incontroláveis, foi tema de várias matérias de *Veja* ao longo os anos. As contradições inerentes à lógica de reprodução do capital não podem ser negadas, e são configuradas enquanto "perigos". Mas *Veja* "fala" no lugar das vozes divergentes ao invés de lhes conceder espaços e deslegitima toda e qualquer organização autônoma. Não é possível silenciar o tema; o crescimento das desigualdades em todo o mundo é apresentado, inclusive, pelas agências internacionais do capital.

Tratado de forma genérica e abstrata, o problema da miséria passaria pela intervenção de organismos internacionais, mas mesmo aqui a revista mostra a questão como sendo um detalhe da globalização: "*não é mau que os técnicos do FMI e do Bird passem a se preocupar com a miséria* ***que ainda existe*** *num mundo cada vez mais rico*".[1678] A miséria é vista como um resíduo, algo que "ainda não foi colocado no lugar" depois da mudança "global". É esse argumento que passa a ser desenvolvido, com o apoio de leituras de documentos do Bird:

> Pelo diagnóstico do Banco Mundial, desde 1995 o número de pessoas vivendo na miséria absoluta cresceu de 1 bilhão para 1,2 bilhão. Prova do fracasso da globalização? Não. Quando se compara esse número com o crescimento da população como um todo, descobre-se que **a pobreza cresceu num ritmo menor**.[1679]

A revista inverte a conclusão em novo malabarismo, sugerindo que:

> Nos últimos cinco anos, pelo menos 200 milhões de pessoas foram tiradas do atoleiro da pobreza pelos benefícios da liberalização do comércio e do aumento dos investimentos estrangeiros em países pobres. Ou seja, **sem a globalização o número de terráqueos miseráveis poderia ter chegado a 1,4 bilhão**.[1680]

1677 O quadro explica tudo. Veja. Felipe Patury e Luis Henrique Amaral. 3/4/2002, p. 99. A frase em destaque é de Horácio Lafer Piva, presidente da Fiesp.
1678 A grande fogueira das bobagens. Veja. Eurípedes Alcântara. 4/10/2000, p. 192. Grifos meus.
1679 Idem, p. 193. Grifos meus.
1680 Idem. Grifos meus.

Não há dados de como esses terráqueos teriam sido "tirados do atoleiro", mas se informa que "*a reunião de Praga decidiu abater 16 bilhões de dólares da dívida total de dez dos países mais miseráveis do mundo*", o que, se for estendido a outros miseráveis "*já é um começo, uma tentativa de quebrar o vergonhoso processo de concentração da riqueza mundial*".[1681] O que gerou essa miséria não entra em pauta. Quando observarmos a forma com que os países do mundo periférico são tratados, vemos que a miséria é vista como fruto de problemas internos, quase sempre advindos de "maus líderes". Falar entretanto das causas decorrentes dessa mesma lógica "mundializadora", e imperialista, é inaceitável para *Veja* que, sem argumentos, rebate com adjetivações: "conversa mole", discurso ultrapassado, sumariamente desqualificado.

A própria miséria será positivada por *Veja* pois, efeito da globalização, permitiria o desenvolvimento individual em um mundo mais aberto. O mais significativo seria "*a súbita expansão do comércio mundial, que cresceu quinze vezes em volume nos últimos vinte anos*"; "*o enorme fluxo de capital rumo aos mercados emergentes"*; e ainda "*a eclosão de zonas de alta tecnologia, a redução dos custos das comunicações e o* ***aumento das migrações*** *de moradores dos países pobres em busca de melhores condições de vida no Primeiro Mundo*".[1682] Ou seja, os próprios êxodos, com seu cortejo de xenofobia, gerador de mais miséria e extermínio, são apresentados de forma positiva. Em nova inversão, o aumento da miséria seria uma forma de resolver os problemas da miséria, mais uma vez, jogando aos indivíduos isolados a responsabilidade de resolver as contradições do sistema.

Já o ponto negativo, segundo a revista, seria simplesmente o fato de que "*aumentou a incerteza econômica. Os países e as pessoas sentem-se mais temerosas diante das crises globais*". Mas, alerta o editor: "***nenhuma das facetas acima, boas ou ruins, pode ser responsabilizada pela manutenção da miséria nos grotões abandonados do mundo****, especialmente África, América Latina e sul da Ásia*".[1683] Ele reitera que: "*Ao contrário. Um estudo do Banco Mundial sobre as populações que sobrevivem com menos de 1 dólar por dia – pessoas absolutamente miseráveis – mostra uma evolução constante, embora desigual, no*

1681 Idem. O que é totalmente insignificante diante dos montantes das dívidas externas.
1682 Idem.
1683 Idem. Grifos meus.

período da decolagem da globalização econômica".[1684] E apresenta dados nesse sentido, dizendo que nos países dos Tigres Asiáticos a miséria absoluta diminuiu pela metade; que nos países do Norte da África e do Oriente Médio, "*a população miserável é hoje um terço do que era há dez anos*", e que "*mesmo na África Subsaariana, onde a miséria é milenar, o número de indigentes diminuiu um pouco. A América Latina, tristemente, ficou onde sempre esteve: com cerca de 15% da população classificada como paupérrima*". As origens dos dados não são apontadas, tampouco da informação sobre a "fome milenar".[1685] Um dos fatores da diminuição do número de indigentes tem a ver com o número de mortos em guerras e doenças que assolam o continente africano desde o início do processo de "mundialização", mas isso não é tratado, porque suscitaria as razões das guerras e a origem das armas e o seu sentido imperialista. Mas é importante para *Veja* não esquecer das influências do fim do "comunismo": "*na Europa, a miséria cresceu em razão da chegada de imigrantes e da* ***entrada dos pobres dos esfacelados satélites soviéticos***",[1686] esquecendo convenientemente que linhas acima tinha defendido essa mesma mobilidade como possibilidade de "busca de perspectivas".

As torções argumentativas pretendem tratar a "pobreza" como algo aquém do processo, não como conseqüência direta da política econômica. De forma explícita, ela é vista como um problema de "capacitação", algo que traz insegurança aos ricos e "faz mal aos negócios":

> A pobreza tem sido tema cada vez mais presente na preocupação das pessoas. Primeiro porque ela parece **estar mais visível** e quem vive nas grandes cidades se sente **inseguro e desconfortável** diante do sofrimento dos miseráveis. Depois porque a pobreza **prejudica os negócios**. As grandes empresas transnacionais sabem que estão **deixando de usufruir um mercado consumidor mundial de mais de 1 bilhão de pessoas**. E também porque não é possível garantir a estabilidade mundial se há países escandalosamente pobres e outros obscenamente ricos – e alguns dos pobres estão equipados com armas de destruição em massa.[1687]

1684 Idem.

1685 Há um quadro, montado a partir do Bird, onde se mostram alguns dados para concluir que "a miséria diminui lentamente". No caso da África Subsaariana, temos: 1987:46,6; 1990: 47,7; 1993: 49,7; 1996: 48,5; 1998: 46,3 (porcentagem da população que vive com menos de 1 dólar por dia). Dizer que o aumento numérico significa diminuição da miséria é dar o parâmetro de que tipo de apresentação desse problema está sendo proposto.

1686 Idem. Também com o sentido de amenizar o problema, temos a matéria: "**Cai mais um número**: "um estudo aponta o exagero das pesquisas sobre o déficit habitacional e revela que há 10 milhões de sem-teto a menos do que se imaginava" Veja. 29/3/95, p. 54-55.

1687 As raízes da nova pobreza são antigas. Veja. Eliana Simonetti, 22/9/1999, p. 124. Grifos meus.

Veja reduz o problema a duas ordens de razões. Na primeira, indivíduos incapazes: "*numa época de tantas conquistas tecnológicas, de triunfo absoluto do capitalismo e da democracia sobre as economias centralizadas e os governos ditatoriais comunistas*".[1688] Na segunda, de forma apologética, a escassez de capitalismo explicaria a miséria. A inversão dos termos do problema é agora completada e a revista produziu o ângulo para criticar mais uma vez quem segundo ela própria não mais existe – o comunismo. Como fuga, restaria indicar onde exatamente cresceria a pobreza, concluindo que a Rússia seria o pior lugar, pois "*como se sabe, ficou completamente caótica. Ali o comunismo acabou e o capitalismo ainda não começou*". Outro lugar seria a África meridional, região que "***não conseguiu ainda ingresso no sistema capitalista***. *Ao contrário, muitos países ali estão regredindo para o estado tribal*".[1689] O processo de exploração colonial e imperialista ao qual a África foi submetida desapareceu da história que lhes configura o mundo atual. E também por isso, o que está de fundo é a ameaça de violência, seja da população que se revolta, seja do terror do Estado. É como se isso não fosse parte necessária do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. Com isso, se refunda a ilusão de que o capitalismo é algo necessariamente bom, que traz o "progresso", e que todos têm possibilidades nele. As lições que *Veja* ressalta a partir do relatório do Bird são claras no sentido de aprofundar as reformas neoliberais:

> A experiência de crescimento econômico baseada na substituição de importações e na restrição ao comércio exterior com **barreiras tarifárias foi um sucesso no passado** (...) se esgotou e **não pode mais ser repetida**;
>
> A mundialização da economia, com as decisões de investimento centralizadas nos países ricos, é um **fato da vida**. Para participar da globalização não basta querer, é preciso ser aceito na festa;
>
> Não se ganha nem se perde automaticamente com a globalização. O sucesso ou fracasso vai depender de como cada país se preparou para a nova realidade;
>
> Os países que ganharam mais são justamente aqueles em que o **estado é menor** que a economia e não produz déficits; a mais interessante das conclusões é que **ficar no meio do caminho é mau negócio**. Países como o Brasil, que **fizeram reformas acanhadas ou inacabadas**, tendem a **sofrer muito no regime globalizado**. Diz

1688 Idem.
1689 Idem, p. 125. Grifos meus.

> Peter Woicke, vice-presidente executivo do Banco Mundial: 'infelizmente, **a conclusão da metade das reformas não produz a metade dos resultados**'.[1690]

Mais uma vez, a revista repete: se não se alcançaram ainda as promessas neoliberais de cura de todos os males, é porque o receituário não foi totalmente aplicado. Portanto, a submissão e a espera de que no fim tudo terminaria bem, fundamentavam o texto da revista. A *ação partidária* da revista no sentido da implementação de reformas no Brasil é incessante e atravessa monotonamente, todas as seções e artigos da revista. Há momentos em que a questão é colocada de forma ainda mais explícita:

> Há razões de sobra, além do óbvio **constrangimento moral**, para tentar de vez minorar esse problema, do ponto de vista econômico, a pobreza extrema e inelutável **reduz a competitividade do país** e restringe suas possibilidades de mover a economia pela força do mercado interno. Mas a verdade cruel é que, nas contas macroeconômicas, **a questão da miséria absoluta é apenas um detalhe,** a porção mais pobre da pirâmide, os miseráveis, não produz e pouco consome. Ou seja, os miseráveis nem entram na equação econômica de um país moderno. Teoricamente, **a economia pode muito bem funcionar sem que se leve em conta sua existência**.[1691]

Para além da clareza do papel que o "mundo globalizado" atribui a esse bilhão de pessoas que pouco importa (*é apenas um detalhe*), *Veja*, coloca alguns "paradoxos". O primeiro deles seria o da riqueza conjugada com a pobreza, ao que se complementa: "***as bolhas de miseráveis parecem ter paredes de aço*** *no país. Parecem inexpugnáveis. Elas sobrevivem intactas, indiferentes aos progressos que o país experimenta a sua volta*".[1692] A revista inverte duplamente a lógica da miséria, ao falar de "bolhas de pobreza", cria um mundo ao revés da própria evidência empírica. As desigualdades no Brasil se traduzem espacialmente por belos e cuidados bairros ricos (bolhas) cercados por um mar de casebres e de favelas que, num passe de retórica, é reduzido a uma bolha. Em seguida, inverte a causalidade, que passa a ser atribuída à indiferença das próprias vítimas. O remédio deveria ser a mobilidade social competitiva, mas que a maioria parece não ser capaz, o que é atribuído

---

1690 Idem.
1691 O paradoxo da miséria. Ricardo Mendonça. Veja. 23/1/2002. p. 87. A matéria, de 12 páginas e fundo branco, foi assunto de capa da revista. Possui cuidadosas fotografias em preto e branco, de Pedro Martinelli, onde crianças famintas aparecem carregando ossos de animais mortos, dormindo em esteiras no chão ou catando lixo junto com animais.
1692 Idem. Grifos meus.

à falta de "capacitação": "***por que os miseráveis não entram nessa roda*** *ascendente?* ***Por que não se qualificam*** *sequer para os degraus mais baixos da engrenagem?*".[1693]

O segundo paradoxo seria o fato de que, segundo *Veja*, o governo tem se esforçado, mas não consegue resolver o problema. Os exemplos seriam positivos, como o programa Comunidade Solidária, que juntaria governo e "sociedade civil", ONGs, terceiro setor, enfim, pessoas que ajudam a "*tornar menos sofrida a vida de doentes, menores e idosos abandonados ou miseráveis*".[1694] Mas "*infelizmente, tal apoio não basta para reverter os indicadores sociais.*" Aqui se produziu a ponte para novamente defender o aprofundamento do neoliberalismo: "*os estudiosos afirmam que a taxa de miséria só entrará em queda quando a economia voltar a crescer com mais força*".[1695] A "economia" é mais uma vez apresentada como algo neutro, desvinculado de todo o mais. Insiste em que "*crescimento, associado a um modelo de distribuição de renda, pode transformar por completo uma nação*". Para que não pairem dúvidas, a revista ouve o ex-ministro de Collor, Maílson da Nóbrega, que explica que não se trata de novos impostos: "*impostos para erradicar a pobreza tiram a competitividade das empresas, diminuem o potencial de crescimento do país, reduzem a renda e o número de postos de trabalho*".[1696] O paradoxo é esquecido e o programa neoliberal retomado. A pobreza deve pagar para sair da pobreza, eliminando-se o ensino público. A discussão sobre a pobreza desloca-se para a defesa da privatização: "*60% dos recursos gastos com educação se destinam às universidades estatais, onde estudam os mais favorecidos*". A educação, por si só, resolveria todos os problemas, mas não investindo nas (já sucateadas) universidades públicas brasileiras, e sim exatamente ao contrário, privatizando-as. *Veja* convoca mais um de seus experts, um professor da PUCRJ, José Marcio Camargo, que "*arrisca um cálculo*":

> Se o Congresso Nacional aprovasse uma reforma da Previdência (...) e obrigasse os estudantes ricos das universidades do governo a pagar mensalidade, isso liberaria 50 bilhões de reais para atender os pobres. Os recursos sociais deveriam ser apropriados pelos pobres, mas acontece justamente o contrário, afirma Camargo. Fica a sugestão aos candidatos ao governo nesse ano de eleições presidenciais.[1697]

1693 Idem, p. 88. Grifos meus.
1694 Idem, p. 89.
1695 Idem, p. 90.
1696 Idem.
1697 Idem, p. 91. Grifos meus.

Fica claro o objetivo da reportagem de explicar aos candidatos e eleitores o que devem fazer para acabar com problema da pobreza: acabar com a Previdência, e cobrar mensalidades nas Universidades públicas. Aliás, na Carta ao Leitor se chamou atenção para a reportagem indicando que a miséria "resiste" e é "onipresente". A reportagem, segundo o diretor de redação "*é ainda mais valiosa por ter se mantido* ***desapegada de ideologias mistificadoras*** *e das falsas soluções radicais que elas propõem*".[1698] As inversões e contorções de *Veja* tornam-se num passe de mágica, livres de catarata ideológica que as caracteriza; a impiedosa e ilimitada defesa radical do neoliberalismo precisa adjetivar como radicais os que lhe opõem resistência.

Outro indicativo da ação partidária explícita aparece na página ao lado, onde se encontra o índice da revista, com três fotografias: 1. Uma criança sendo banhada por uma água fria jogada de uma panela: "*apesar dos avanços, os bolsões de miséria resistem*"; 2. José Serra, candidato do governo à presidência, tendo atrás de si duas bandeiras do Brasil estilizadas: "*Serra se prepara para o confronto com Roseana*"; 3. Uma mulher elegante que lê um livro sorrindo: "*a primeira-dama Maria Lucia Alckimin: luz própria*". A associação é direta entre os positivos: tanto a figura elegante da esposa do governador, como o candidato de dedo em riste, "preparado", parte integrante dos "avanços" que só não acabaram com a miséria porque "ela resiste". Os dados apresentados a seguir são escandalosos: "*1% da população, a parcela mais rica, detém a mesma quantidade de recursos que os 50% mais pobres*". A solução de *Veja* foi apresentada: votar em José Serra. Assim conclui: "*com a palavra, os candidatos*".[1699] *Veja* se comporta como elaboradora de pauta política, articulando (preocupação dos órgãos internacionais como o FMI e o Banco Mundial) para a extensão da miséria e seu controle, com a política nacional, apontando inclusive o candidato.

Nessa mesma matéria há uma fotografia de página inteira de pessoas catando lixo junto com cachorros e burros. Na legenda, lê-se: "*vivendo como animais. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos à condição*

1698 A miséria é de todos nós. Veja. Carta ao leitor. 23/1/2002, p. 9. Grifos meus.
1699 Idem, p. 93. Junto à conclusão, um quadro com uma fotografia de uma cena de seca no Nordeste e escravas do século XIX, e um texto faz um "histórico da miséria", concluindo: "**foi sempre assim**. Com uma singela exceção: o período inicial do Plano Real, quando milhões de pobres se beneficiaram do fim do imposto inflacionário e passaram a ter renda mínima para a sobrevivência". Grifos meus.

subumana. Seu único horizonte passa a ser a luta feroz pela sobrevivência".[1700] E complementa, citando o ex-ministro Delfim Netto, que essas disparidades são "*moralmente inaceitáveis*". Mas a revista queria dizer que as soluções não poderiam "vir de fora". Embora elogiasse que os organismos internacionais "finalmente estariam percebendo o problema", não concordava que eles tivessem criticado a fome no Brasil. Especialmente, quando a partir disso há um uso político, feito pelo PFL. Segundo *Veja*, "*o discurso sobre o grito dos pobres, feito por um durão do FMI, comoveu muitos brasileiros no Congresso e na imprensa e serviu de pretexto para uma nova rodada de críticas contra o programa de ajuste e reformas que o governo está promovendo*". E complementa, com a maior naturalidade que "*foi preciso que, em Washington, alertado para as repercussões de seu discurso no Brasil, Michel Camdessus explicasse que não era nada disso que estava falando. Segundo Camdessus,* ***o equilíbrio nas contas continua a ser prioridade nos países emergentes****. Quanto ao Brasil, o* ***país está sendo bem-sucedido*** *na tentativa de equilibrar-se após as crises que sofreu*".[1701] *Veja* "explica" como realmente funciona o problema:

> **A questão da pobreza é mais complexa**. Não há receita alguma de órgão financeiro ou de entidade benemerente capaz de resolvê-la com facilidade. Países emergentes que se empenharem com vigor no combate às desigualdades sociais poderão diminui-las, mas nunca no prazo curto. Países miseráveis, como muitos da África, talvez nem consigam fazer isso sozinhos, sem ajuda externa.[1702]

Para que não restassem dúvidas, a revista esmiuçava ainda mais a orientação:

> **O que o FMI está dizendo é que até ele acha que a fase da tolerância está esgotada.** É preciso fazer alguma coisa para evitar que haja no mundo tamanha diferença entre um belga e um ugandense. Encontrar a fórmula certa para que esse projeto tenha sucesso é muito complicado.[1703]

1700 O paradoxo da miséria, p. 88 e 89.
1701 Idem. Nesse contexto o Fórum Nacional também discutiu o problema, tanto da "pobreza", como da violência, garantindo espaço para o senador Antonio Carlos Magalhães, que expôs sua "proposta para combater a pobreza". Ver: VELLOSO, João Paulo dos Reis e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. (Coord). Pobreza, cidadania e segurança. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.
1702 O desafio do 3º Milênio. Veja. 6/10/1999. Grifos meus.
1703 Idem. Grifos meus.

Esse "fenômeno" estava sendo estudado por "grandes teóricos" de Harvard[1704]: David Landes, Jeffrey Sachs e Francis Fukuyama. As suas conclusões foram de que "*além de motivos conhecidos, como escassez de riquezas naturais, governos com administrações desequilibradas e falta de oportunidades de negócios, os países pobres sofrem por uma razão menos palpável:* ***eles têm uma mentalidade que não favorece o enriquecimento****, uma espécie de cultura de pobreza".*[1705] Essa conclusão, tida como indiscutível, gerou um pequeno problema, se seria ou não lícito, instituições internacionais interferirem para "*promover a mudança da mentalidade dos povos*", como se isso não acontecesse desde os processos de domínio espanhol e português, no caso da América Latina. Chega-se a desenvolver a tese do subdesenvolvimento como questão "*de espírito*":

> 'Mais do que qualquer dos fatores que influenciam o desenvolvimento dos países, é principalmente **a cultura que explica** por que alguns se desenvolvem mais rápida e homogeneamente que outros', diz o economista Lawrence Harrison, professor em Harvard e autor do livro *Subdesenvolvimento é um* ***estado de espírito***.[1706]

O grande problema seria a "mania" dos subdesenvolvidos recorrerem ao Estado, citando-se "*o caso dos colombianos que produziam flores e exportavam para EUA. Dinamarqueses entraram no mercado e colombianos ficaram esperando subsídios do governo. O que aconteceu? Quebraram*". Ressalva-se que no Brasil a situação não é tão ruim, pois embora cresça a distância entre ricos e pobres, "*muita gente melhorou, pode* ***freqüentar supermercado****, pode viajar pro exterior*".[1707] Comprar alimentos no supermercado é apresentado como equivalente à possibilidade de viajar para o exterior. Essa é uma forma de deslocar a questão central que está sendo discutida, ou seja, a miséria, lembrando que enfim, a condição de vida da classe média, estaria melhorando, ainda que a solução permanecesse no campo do consumo. Interessante observar a trajetória da matéria. Ela é uma resposta, a partir da intervenção do FMI a manifestações de preocupação e apresentação de alternativas ao problema, no Congresso Brasileiro. Independentemente do caráter dessa proposta, está clara a atuação partidária de *Veja*: preservar orientações externas.

1704 Em 22/3/1995 a revista cobriu em duas páginas o encontro da "turma dos vencedores", egressos de Harvard, o que "mostra o quanto vale um diploma das melhores escolas americanas". O destaque ficou para o ex-ministro João Paulo Reis Velloso. P. 91 e 92.
1705 O desafio, op. cit. Grifos meus.
1706 Idem. Grifos meus.
1707 Idem.

8.2.3 Violência: o medo do "fosso social"

Como conseqüência do mundo incontrolável, do aumento populacional "desenfreado", e da miséria, temos a violência, que em *Veja* parece ser um problema apenas contra as camadas ricas da sociedade: seqüestros, insegurança nas grandes cidades e condomínios, enfim, tudo o que diga respeito às classes médias altas. Os pobres, por outro lado, são, para a revista, os que geram o problema. As capas que trataram disso não deixam dúvidas: seqüestros, violência urbana, presídios, tráfico, drogas, massacres, criminosos.

A cobertura da questão das drogas já foi parcialmente estudada.[1708] Elas são via de regra associadas pela revista ao crime. Em alguns momentos, quando se refere a consumidores que podem ser seus leitores, trata o problema como sendo uma questão de saúde. Também aqui o critério para definir um drogado é socialmente seletivo. Em várias oportunidades, seja nas entrevistas, seja nas matérias, alguns personagens (sobretudo artistas) assumem o uso de drogas e relatam experiências, sem receber críticas por parte da revista, o que nos dá indício da hipocrisia com que o problema é tratado. Quando trata de pobres, é crime, é desvio, é tráfico; quando trata daqueles que mantêm a espetacularização, é "fase da vida" e "aprendizado".

Mais importante é a manutenção de um clima de medo e a delimitação de territórios. Cecília Coimbra conclui, ao estudar a cobertura da imprensa sobre a chamada Operação Rio, que a violência urbana é por esses veículos banalizada e naturalizada, buscando a espetacularização de fatos que, no discurso, deixam de ser complexos, pois deles se busca apenas o homogêneo, a repetição, a emoção.[1709] Isso ajuda a entender também os motivos de tanta violência nas capas da revista. Mas além disso, a autora aponta um outro elemento essencial, que é a delimitação de sujeitos e espaços sociais: as "classes perigosas" e o "território dos pobres", o que nos ajuda a compreender também, no nosso caso, a construção do "território dos ricos". Assim, no mundo da pobreza, "*aqueles que, por não conseguirem ser 'domesticados', docilizados e tornados produtivos, são mostrados como 'perigo social', 'fardo social' e, por extensão, dispensáveis*".[1710] Sendo assim, são configurados pela narrativa da imprensa dois territórios, que não devem se misturar, e o "território dos pobres", aparece

---

1708 SPARANO, Marcos. A repressão às "drogas" nas páginas de Veja (1968-1982). Dissertação de Mestrado em História. UFF, Niterói, 2002.
1709 COIMBRA, Cecília. Operação Rio: o mito das classes perigosas. Um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro, Oficina do Autor. Niterói, Intertexto. 2001.
1710 Idem. P. 250.

sempre da forma mais homogênea possível, ao contrário do "território dos ricos", que como se verá, merece muita atenção por parte de *Veja*. Esses territórios, são espaços delimitados pela violência, o que se adequa perfeitamente à naturalização do sistema capitalista: os bandidos seriam aqueles que não aceitam as coisas como "elas realmente são", questionam a "desigualdade natural".

A realidade social que produz a desigualdade jamais é analisada por *Veja*, que se limita a constatar sua existência. Dois são, portanto, os movimentos principais da revista – difundir o medo, o que corresponde a demandar mais e mais repressão (punição), e definir quem são as pessoas que merecem proteção (socialmente seletiva). A síntese disso pode ser vista neste editorial, que denuncia a "*criminalidade impune*":

> Um clima de pânico vem se alastrando entre as camadas que vivem em **situação de maior conforto** nas grandes cidades brasileiras. O crime anônimo da periferia, cometido em botequins e barracos amarfanhados, **nunca foi tão numeroso e cruel**. Mas esse tipo de crime contra os humildes passa **relativamente desapercebido**. O que está assustando o brasileiro dos **bairros melhores** é que o assalto e o homicídio agora ocorrem também **em seu território**, numa freqüência crescente e decididamente bárbara. Este crime sai na televisão, é comentado nos **círculos influentes**, tem a capacidade de **por em movimento uma onda de medo** que parece envolver **toda a sociedade**.[1711]

A revista apresenta a existência massiva de crimes anônimos nas periferias e condoe-se do silêncio generalizado que pesa sobre eles. Ato contínuo, deixa-os novamente no esquecimento. Pedagogicamente, *Veja* instila um sentimento vago e difuso de dó, de piedade com os silenciados, sem precisar mencionar as condições efetivas de tais problemas. Estes não mais poderão dizer que *Veja* deles não se ocupa (ainda que seja o que de fato ocorre) e deverão ser conduzidos a participar do medo segundo o molde forjado para os setores dominantes. Isso significa que deverão ser convencidos (ainda que pela filantropização invertida) da urgência do aumento da repressão a incidir sobre eles próprios.

A revista assume - implicitamente - que os crimes corriqueiros, de botequim, crimes pobres, pouco importam, pois não estão nas suas páginas, ou ainda, não estão nas suas páginas porque pouco importam. Enfim, eles não importam mesmo para a revista. Isso está "*desapercebido*". O modelo do sofrimento diante da violência é o dos "*bairros melhores*" (ou seja, o "território dos ricos"). A revista, aliás, admite que os bairros mais ricos são,

---

1711 Criminalidade impune. Carta ao leitor. Veja. 17/3/1999, p. 9. Grifos meus.

necessariamente, os melhores, naturalizando a desigualdade. Esses crimes que "saem na televisão" (como se apenas a televisão fizesse isso e não a própria *Veja*), acionariam a "opinião pública", entrando nos "círculos influentes", pondo em movimento a onda de medo. É isso de fato o que ocorre – o medo dos ricos deverá tornar-se o medo de todos. Lembre-se que a onda é uma imagem sempre associada ao medo em *Veja*. Essa onda se refere àqueles que "realmente importam", devendo mobilizar "toda a sociedade". Ou seja, o crime pobre não deve mobilizar a sociedade; apenas o crime contra os melhores lugares. Ao seguir na questão, o discurso torna ainda mais explícito o problema social:

> Não admira que o brasileiro **de posses** tenha começado a fugir. Já é possível conseguir uma blindagem simples dos vidros do carro por 24.000 reais. **As pessoas** foram morar em prédios e condomínios vigiados por aparelhagem eletrônica. **É compreensível**. Não há muitos lugares no mundo onde uma pessoa corra tanto risco de assalto na rua como nas grandes cidades brasileiras. Não vendo providências em andamento capazes de **alterar a lei da selva** em que é condenado a viver, **o cidadão** trata de criar suas próprias defesas. Não se conseguirá vitória eficaz contra a criminalidade, no entanto, sem soluções coletivas.[1712]

A violência maior foi deixada totalmente de lado – a violência do desemprego (e suas causas), da falta de transporte, saúde, educação, do racismo e da discriminação. Assim, o fenômeno justifica a repressão e a militarização dos bairros elegantes. A incontrolabilidade está presente, ainda que de fundo, na argumentação, pois a revista sabe que sob essa mesma forma de organização social, o problema da violência não seria resolvido. Voltamos à naturalização do darwinismo e *Veja* remete a uma "*lei das selvas*", que não pode, como as outras leis, ser alterada em gabinetes. Ela lida com problemas que descontextualizados aparecem como justificativa para a repressão e a criação de leis mais duras. Mantém a linguagem jurídica, e lembra-se que "*é compreensível*", que as pessoas "*de posses*" (portanto, "de bem"...) sejam "*condenadas*" a buscar proteção. Mas a revista alerta que é necessário agir "coletivamente", ou seja, reunir os interesses de classe em torno do problema, pois, afinal, o que justifica a ação dessas pessoas é o fato de viverem em *"bairros melhores"* e terem *"posses"*. E a ação deve levar em conta que

> A criminalidade é um processo complexo. Como pano de fundo, ela repousa no fosso social cavado entre ricos e miseráveis com a complacência da elite. Seus elementos circunstanciais são a perda dos valores familiares em aglomerados

1712 Idem. Grifos meus.

> desumanos que se formam nas franjas das grandes capitais, a droga, o álcool e a falta de políticas de prevenção do crime. A polícia é inepta, muitas vezes corrupta, em certos casos mais delinqüente do que os bandidos. A sociedade precisa convencer-se de que chegou a hora de iniciar uma cruzada contra a criminalidade no Brasil, atacando todas as suas pontas, com a conscientização da coletividade para o alcance dessa meta.[1713]

Aqui, tem que reconhecer, é complexo, e é um problema de uma sociedade de classes. Mas claro que não pode expressar desta forma. Portanto, atribui o problema ao "*fosso social cavado entre ricos e miseráveis*", quem cavou, como e porque são questões não abordadas. E ainda remete a uma "elite", como se essa existisse fora da realidade, observando, e não usufruindo do resultado da acumulação que gera o "fosso social". Não há solução, a não ser a pura mistificação.

Uma saída para os "problemas da globalização" quando eles não podem ser ocultados, dadas suas contradições enormes e insolúveis, são as explicações teleológicas, os textos fantasiosos e a mistificação da realidade, o que se amplia em momentos de crise. Por esse caminho se inventa solução para tudo, para a miséria, o desemprego, através da imaginação de que "o mundo não é tão ruim assim", só os pessimistas e fracassados veriam diferente, como é o caso de *um futuro cor de rosa*. A base da matéria de cunho propagandístico é um único livro, a partir do qual se extrai conclusões sobre tudo, trata-se de uma "coletânea de ensaios", organizada pelo jornalista Ronald Bailey, intitulada *The True State of the Planet*. Na síntese da matéria, tudo é visto de forma generalizadora e simplificadora. Há um quadro com os dez itens que mostrariam que "*apesar da crise, pesquisadores sustentam que a humanidade está entrando num período de abundância e prosperidade*".[1714] Esse quadro é transposto por círculos onde aparecem mapas, indústria, natureza e produção, todos sobrepostos por um par de óculos de lentes cor de rosa (além de mandar *ver*, define que tudo deve ser "cor de rosa"). Essas "idéias" deveriam substituir qualquer observação científica. O mundo traçado é só otimismo:

> 1. A produção de alimentos aumenta mais rápido que a população. Comer também está **ficando mais barato**; 2. A temida bomba populacional foi desativada. A adesão dos países pobres ao controle de natalidade pode resultar na diminuição da população mundial a partir de 2035; 3. As reservas comprovadas de **recursos naturais vêm aumentando**, há tecnologias cada vez mais eficientes para aproveitá-

---

1713 Idem. Grifos meus.
1714 Um futuro cor-de-rosa. Veja. Idéias. Ricardo Villela. 9/9/1998, p. 74.

> las e o preço das matérias-primas tem diminuído; 4. Desenvolvimento é sinônimo de limpeza. O ar nos países ricos **está cada vez mais limpo**; 5. As pessoas **estão vivendo mais e melhor**. A expectativa média de vida dobrou neste século, enquanto a mortalidade infantil foi reduzida em 60% desde os anos 50; 6. A humanidade está cada vez mais rica. A renda per capita mundial mais que dobrou desde 1950. No Brasil, triplicou. Mesmo na África, o crescimento foi de 60%; 7. Apesar das previsões alarmistas, até agora **não existem provas científicas definitivas do aquecimento global**. Não há evidências de que seja resultado da atividade humana; 8. A escassez de água do planeta **será resolvida pela reciclagem**; 9. Um terço de toda área terrestre do planeta permanece ocupada pela vegetação antiga; 10. A extinção de animais atingiu seu ápice na década de 30, quando mais de 50 espécies desapareceram do planeta. Desde então, o ritmo diminuiu.[1715]

E podemos deitar e dormir tranqüilos, apesar da "*crise financeira global e do pânico espalhado pelo terremoto das bolsas*".[1716] A economia ao mesmo tempo em que criou a crise, vai resolvê-la sozinha. O único problema seria psicológico, pois muitas pessoas manteriam posições pessimistas. Outra matéria desqualificava duramente os críticos dessa apologia. Em plena crise financeira mundial, e ano eleitoral no Brasil, *Veja* produz um mundo virtual e ataca os críticos, por serem "derrotistas", ou "do contra", e por acharem que "*quanto pior...*", melhor. Sua função seria explicar "*o que faz as pessoas acharem que tudo vai dar errado, mesmo que as coisas estejam melhorando*".[1717] Assim argumenta:

> Com exceção dos raros países em guerra e dos bolsos de miséria da África, a vida é hoje mais segura, pacífica, saudável e próspera para a maioria das pessoas do que em qualquer outro momento anterior da História do planeta. Um a um os profetas do caos, da escassez e do desastre global **foram sendo desmentidos pela realidade**.[1718]

Todas as previsões e diagnósticos que alertaram sobre riscos como o fim de reservas naturais, a escassez de metais ou a guerra nuclear teriam sido eliminados, mas "*no entanto, a derrota dos **pregadores do apocalipse** não provocou redução sensível do pessimismo*".[1719] Isso não seria um problema histórico, posto que a "realidade" parece ser um fenômeno natural e não construção humana, o que permite falar em "*uso deliberado ou não, que muita gente faz do pessimismo*". É citado um advogado californiano, que elaborou um livro sobre como "*o*

1715 Idem, p. 74 e 75. Grifos meus.
1716 Idem, p. 74.
1717 Quanto pior... Veja. 18/3/1998. p. 92.
1718 Idem.
1719 Idem. Grifos meus.

pessimismo, a paranóia e uma imprensa descontrolada estariam nos levando ao desastre", repetindo o senso comum de que "*o ser humano parece ser o único animal capaz de procurar motivos para sofrer*".[1720] O texto e os autores selecionados, com os quais a revista concorda pelas expressões "pura verdade" ou simplesmente "verdade", sintetiza: "*o único desastre humano, político e econômico real da Ásia continua sendo a Coréia do Norte, o fóssil moribundo do comunismo*".[1721] *Veja* aproveita para apontar reflexos nacionais nesse "problema":

> Os bispos brasileiros acabam de divulgar o documento da Campanha da Fraternidade de 1998, no qual escreve o seguinte: 'como é possível neste contexto crescente de miséria, insegurança, instabilidade, ausência de pai ou mãe, garantir aos filhos e às filhas as bases de uma personalidade equilibrada e segura, de uma educação adequada e os horizontes de uma vida digna, participativa e de esperança?' Ora, ora, se até os bispos estão mergulhados no pessimismo, como esperar que as outras pessoas tenham pensamentos positivos?[1722]

Para a revista, os grandes problemas sociais em curso devem ser reduzidos e tratados de forma "positiva", sem história. Nem mesmo o reformismo católico pode ser aceito na lógica de *Veja*. A crise é naturalizada, reduzida a mera questão psicológica: "*coletivamente as pessoas tendem a expressar uma insatisfação psicológica qualquer – com razão ou sem ela*", assim "*uma nação, classe social ou família que se livre de um problema maior vai logo engrandecer os problemas menores*".[1723] Seria uma predisposição de alguns "pessimistas" estarem sempre prontos a acreditarem em um "desastre global". Desta vez aquilo que não pode ser solucionado é jogado para o campo do irracional. todos deveriam entender e agir da forma com q os "olhos cor de rosa" propunham.

Em seguida abordaremos um outro mundo narrado e construído por *Veja* e que em absoluto, não tem relações com este. Nele nada do que foi visto aqui aparecerá. Pelo contrário, a criação do mundo admirável busca ocultar, superar a existência de conflitos sociais. Pela formulação de *Veja*, portanto, esses problemas devem ser pulados (como obstáculos), pois não têm solução. Caberia à massa que "pouco importa" resolver por si mesma seus problemas. Afinal, se reproduzem porque querem, na fala da revista. Ao mesmo tempo em que tudo isso é

1720 Idem, p. 94.
1721 Idem.
1722 Idem.
1723 Quanto pior... p. 95.

usado como justificativa para aprofundar as medidas neoliberais (fim da aposentadoria, por exemplo). São definidos os lugares sociais (territórios) de cada um. O alvo da revista, aquele que quer moldar não são os miseráveis, e sim a "elite", o *admirável homem novo*.

8.3 O "NOVO HOMEM" NO "ADMIRÁVEL MUNDO NOVO"

A idéia de um "novo homem" e de uma "nova realidade" tem sido historicamente apropriada pela ideologia capitalista, o que foi feito de forma exemplar pelo nazismo e pelo fascismo. Não há como existir uma "nova realidade" se a base da sociedade, suas relações de produção, seu sistema produtivo permanecerem inalterados. Mas isso pouco importa para esse ideário, que viu no advento de 1989 o "fim do comunismo" e se sentiu à vontade para falar, mais uma vez em "novo mundo". O que se quer chamar atenção é que o capitalismo necessita adaptar o ser humano às suas necessidades, a exemplo do que foi constatado por Gramsci no início do século XX: "*na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar* ***um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho*** *e de processo produtivo*".[1724] E, no mundo do final do século 21, se colocava de novo essa necessidade. Além das já discutidas mudanças no campo do trabalho e do gerenciamento do capital, houve também mudanças no campo da tecnologia, das relações sociais, da família, articuladoras de novos padrões de consumo, necessárias para consolidar a "nova ordem". E para isso, a ação de *Veja* foi clara no sentido da formação de uma *contra-reforma moral e intelectual* e da criação de um novo **estilo de vida**. Nessa construção, é o mundo que define o homem, e não o contrário. Ou seja, ao invés de propor que o homem poderá transformar o mundo, diz que o mundo está mudado (por forças "naturais", como vimos no capítulo seis), portanto, caberia ao homem apenas se adaptar a ele. Por isso a definição deste "novo mundo" já traz o que apresenta como sendo o papel do "novo homem".

8.3.1 Tecnologia: computadores, Internet, telefone celular...

As inovações tecnológicas formariam, segundo *Veja*, um "mundo admirável", numa clara alusão à obra de Aldous Huxley. O fato deste mundo ser descrito pelo autor de forma

---

1724 GRAMSCI, vl. 4. op. cit. p. 248. Grifos meus.

crítica e angustiada é revertido pela revista em algo simplesmente positivo, sem contudo remeter diretamente à obra. A revista se nutre apenas do senso comum e lida com o desconhecimento ou esquecimento sobre o efetivo sentido da obra. Huxley narra o mundo no futuro, onde os homens seriam produzidos em laboratório, de onde já sairiam (apenas) com os gens necessários para o trabalho que iriam desenvolver, constituindo-se verdadeiras castas. Esse processo de criar homens previamente manipulados em laboratório seria "*um dos principais instrumentos da estabilidade social*".[1725] Em *Veja*, nada disso está colocado, há apenas a fetichização da técnica, em que é autonomizada, e somente traria o bem "para todos". Assim, a revista sintetiza sua "missão" com relação a esse processo:

> No mundo de hoje, sofre-se um bombardeio inédito de informações. Caem as fronteiras entre os países, terremotos financeiros afundam regiões inteiras como acaba de suceder na Ásia, os computadores invadem a intimidade das empresas e das famílias e, como decorrência do acúmulo vertiginoso de conhecimentos na área científica, alguns doutores já se dizem capazes de clonar seres humanos. **Apresentar o que é mais interessante e de maior relevo nessa voragem de acontecimentos** é a tarefa semanal da redação de VEJA. Seu objetivo é oferecer ao leitor um **panorama cada vez mais denso, rico e interessante do que anda acontecendo em nosso admirável mundo novo**.[1726]

A revista apresenta, portanto, um mundo que se transforma sozinho, ela apenas escolheria o que narrar sobre ele, supondo um leitor atordoado e apassivado, ao qual apenas sobraria a tarefa de observar e ser "informado". A caracterização do mundo é ao mesmo tempo exagerada e otimista: "admirável", onde a própria inteligência humana seria transformada. Como indicam capas como essa: "*O PODER DA MENTE. O aumento das informações e das exigências na escola e no trabalho está elevando o nível de inteligência da humanidade. Mas é preciso saber aproveitar a máquina do cérebro*".[1727] "*O PODER DA MENTE. Estudos recentes mostram que o cérebro melhora muito quando é exercitado; manter atividades intelectuais aumenta a longevidade e evita doenças da velhice*". 19/8/1998. "*INTELIGÊNCIA EMOCIONAL. A nova descoberta nas empresas e escolas: o sucesso depende mais dos sentimentos que do QI*".[1728]

1725 HUXLEY, op. cit. P. 5.
1726 O admirável mundo novo. Carta ao leitor. Veja. 22/4/1998, p. 7. Grifos meus.
1727 O poder da mente. Veja. 27/6/2001.
1728 Inteligência emocional. Veja. 15/1/1997. E ainda: Como funciona o cérebro das crianças (20/3/1996); O cérebro contra o computador (7/5/1997); Um gênio em casa (16/12/1998); Os segredos dos gênios do vestibular (27/2/2002).

Dentre todas as inovações e avanços tecnológicos, é sobre o uso do microcomputador e da Internet que a revista promove maior impacto, publicando alguns números especiais sobre isso. O computador pessoal é uma peça essencial para percebermos a fetichização. "*Computador: você ainda vai ter um*", foi manchete de capa.[1729] Ele é mostrado como algo capaz de mudar a vida das pessoas sem fazer qualquer relação com as implicações disso na criação do próprio computador: "*poucas inovações produziram impactos tão decisivos na vida das pessoas quanto o computador. Da maneira de trabalhar à forma de estudar e se divertir, tudo mudou. Por isso, esse é um assunto que sempre mereceu muita atenção de VEJA*".[1730] Ele aparece mudando também a própria revista: "*Como seria natural, a revolução tecnológica acabou por modificar a própria VEJA em muitos aspectos*".[1731] Ao longo dos anos, especiais como este se transformaram em uma forma contendente de publicidade destes produtos.[1732]

A Internet é a seqüência desse avanço e a revista apresenta uma realidade em que quem nao possuísse acesso deveria se sentir excluído, pois ela passa a ser o símbolo da "aldeia global". A revista se prontifica, novamente a guiar seus "frágeis leitores" a encontrar o que procuram e estarem aptos a consumir os produtos mais "eficientes". Assim justifica ter investido em edições especiais:

> A internet oferece inúmeras oportunidades de mudança e melhoria na vida das pessoas, mas, dependendo da forma como é usada, também pode ser uma grande fonte de angústia. Estima-se que já exista 1 bilhão de páginas disponíveis na rede mundial de computadores. Como encontrar o que se procura nessa selva virtual? Por essa razão, VEJA tem feito um esforço permanente para ajudar o leitor a entender as transformações relacionadas à internet, e também a aproveitá-las da melhor forma possível.[1733]

1729 Veja. Capa. 7/4/1993.

1730 As novidades de VEJA on line. Carta ao leitor. Veja. 8/3/2000, p. 9.

1731 Idem. Isso seria dado por mudanças no site da revista, que teriam como objetivo "facilitar a comunicação dos leitores com a revista. Fóruns de discussão, pesquisas e testes interativos possibilitam aos leitores manifestar sua opinião sobre variados temas, fazer críticas e dar sugestões".

1732 Ver, por exemplo, a edição, que foge do período de nossa análise, indicando a continuidade da relevância do tema: Natal Digital. Veja. Edição Especial n. 37. Novembro de 2004. As manchetes de capa seguem explicitando o caráter mercadológico: "A DECISÃO DA COMPRA. O que vale a pena comprar já e o que ainda terá preços e modelos melhores nos próximos meses; COMO ESCOLHER, o caminho para comprar celulares que têm TV, câmeras que tocam música e games que enviam e-mail; LANÇAMENTOS. Quando chegam ao Brasil os aparelhos que já fazem sucesso no Primeiro Mundo".

1733 Um guia do mundo digital. Carta ao leitor. Veja. 23/8/2000, p. 9. Há que lembrar que a Abril é uma das sócias do provedor UOL, portanto, tem interesses diretos na disseminação da Internet.

A intenção dessa edição especial mostra também a revista agindo no sentido do gerenciamento, de educar os seus leitores, para que acompanhem a evolução do "mundo digital", mais uma vez naturalizado e alarmante:

> Com 114 páginas e mais de vinte reportagens, este número especial tem uma dupla função. A primeira é **mostrar o que está acontecendo** no mundo e na economia como decorrência da revolução tecnológica. A internet passou por um terremoto nos últimos meses. A queda das ações das empresas virtuais na bolsa Nasdaq provocou uma onda de temor e especulações sobre o futuro dos negócios na rede. Uma reportagem mostra que **poucos vão sobreviver**. Isso, porém, não significa o fim da Internet. Ao contrário. A rede está mais forte do que nunca. Já há mais de 240 milhões de pessoas conectadas a ela e seu futuro é muito promissor em determinadas áreas.[1734]

Assim, ao dizer que poucos vão sobreviver, naturaliza-se a falência como fruto da incompetência individual, e o sistema ganha vida própria, sem sujeito. Aos indivíduos resta se defender da melhor forma possível, ou seja, consumindo esse produto. A revista segue na ambivalência, ao mesmo tempo efatizando que as possibilidades de enriquecimento com ela são para poucos, e mostrando os milionários formados a partir da Internet, incitando seus leitores a sonharem com esse caminho. Em matéria de capa, onde aparece um jovem "empresário" da Internet "domando um mouse", há a manchete: "milion@rios.com.br".[1735] A matéria reforça: "*FiqueiRico.com.br: com boas idéias dos investidores de risco, a Internet brasileira copia o modelo americano e produz seus milionários*".[1736] Traz uma seqüência de casos "bem sucedidos", como o do garoto de 17 anos, que posou para a capa e foi entrevistado, por ser o criador do site de busca Aonde. Pouco tempo depois, o exemplo é externo, com "*o mago da Internet: aos 31 anos, o americano Jerry Yang é para a Internet o que Henry Ford foi para os carros e Bill Gates para a era dos computadores pessoais*".[1737] Segundo a reportagem, ele tem um "*click de Midas: chega ao Brasil o criador do site mais visitado da rede e um dos empresários-símbolo do século XXI*".[1738] A própria revista estabelece comparações espantosas, no mundo da Internet, ao se referir à empresa Priceline, "*um serviço de venda de passagens e pacotes turísticos, tocada por apenas 190 funcionários.*

1734 Idem. Grifos meus.
1735 Capa. Veja. 23/2/2000.
1736 FiqueiRicocom.br. Veja. Roberta Paduam, 23/2/2000, p. 12.
1737 Capa. Veja. 15/3/2000.
1738 Click de Midas. Veja. Ricardo Galuppo e Manoel Fernandes. 15/3/2000, p. 114.

Suas ações foram lançadas na bolsa há apenas um ano. Ela vale hoje quase 14 bilhões de dólares", mais do que o dobro da empresa norte-americana de aviação Delta Airlines, fundada em 1929 e que "*vale 'apenas' 6 bilhões de dólares. A companhia aérea que transporta milhões de pessoas pelos quatro cantos do mundo vale, portanto, menos da metade da recém-nascida Priceline e seus computadores ligados na internet*".[1739] Embora apresente essa comparação, a disparidade entre as duas empresas, suas características, a geração de emprego, o fundamento social são mostradas como face "natural" da "nova ordem". A revista não explica em que se baseia para a definição do valor, o que decerto levaria às formas do capital financeiro e especulativo. Simplesmente reforça que esses empreendedores como modelos que já conquistaram "*um lugar na história do século XXI*". Os dados apresentados sao imediatamente naturalizados:

> O Yahoo! Parece ser nos Estados Unidos o mais sólido ponto de encontro entre o velho e o novo mundo. Na década passada, cerca de 150 ações ancoravam os índices de valorização da Bolsa de Nova York. Eram ações de fábricas de automóveis, de grandes redes de varejo, de companhias de petróleo, de indústrias químicas, de bancos e de todas as empresas convencionais, que ocupam prédios com placas na porta e produzem ou vendem mercadorias que se podem tocar com a mão. Para a cotação do mercado de ações subir ou cair de forma significativa naquela época era preciso que houvesse um movimento brusco e na mesma direção com os preços de dezenas de papéis ao mesmo tempo. Hoje em dia, a direção do índice da maior bolsa de valores do mundo depende de apenas uma dúzia de ações, todas elas de empresas de alta tecnologia. A queda ou a alta de duas ou três delas é suficiente para determinar o fechamento em alta ou em baixa.[1740]

Assim sendo, não há o que questionar sobre a forma de funcionamento desse sistema. Ele é assim e pronto. O que importa é o estabelecimento de novos padrões de consumo, como encerra a revista com a publicidade das Lojas Americanas, em que há um desenho de um homem sorridente, apontando o dedo diretamente para o leitor, com o texto: "*A partir de agora, tudo o que falta em casa você encontra em casa. Chegou! Americanas.com*".[1741] A "aldeia global" estaria então se concretizando.

No momento seguinte a revista aponta incertezas e ameaças, sem fazer qualquer referência à posição anterior, mas relembrando a importância da concorrência, para a qual somente os melhores estariam preparados: "*o homem mau da Internet. O inimigo histórico de*

1739 Idem.
1740 Idem, p. 117.
1741 Publicidade. Contracapa. Veja. (DM9)

Bill Gates diz que apenas uma em cada mil empresas virtuais vai sobreviver".[1742] O tema da reportagem é o "*profeta do caos, Larry Ellison: do alto de sua montanha de 50 bilhões de dólares e da fama de enxergar longe e ser o homem mau do Vale do Silício, o presidente da Oracle prevê um terremoto na internet*".[1743] Depois de descrever sua fortuna, sua "vida de playboy",[1744] *Veja* repisa que os pequenos vão mesmo desaparecer do mercado, assim como a "era" do computador pessoal, que seria substituída por uma em que "*a Internet chega pelo telefone, pelo celular, por aparelhos simples e baratos*",[1745] portanto, criando novos produtos, exigindo mais uma vez mudar as vidas dos seus consumidores.

Diante desse "*maravilhoso mundo*" cheio de oportunidades desenhado por *Veja*, em que convivem a tecnologia e a possibilidade de ficar biliardário, imiscui-se outra dura realidade, como enuncia a apresentação da matéria sobre trabalho escravo:

> Os brasileiros que percorrem as grandes cidades de metrô, usam telefone celular, acessam a Internet e fazem compras em shopping centers, já ouviram falar das agruras que perseguem seus **compatriotas nos grotões do Brasil**. Mas nada se compara ao que se lerá numa reportagem especial desta edição. (...) Suas histórias são uma chaga inadmissível no Brasil que bate às portas do terceiro milênio.[1746]

Há um choque entre o presumido leitor de *Veja*, aquele que vive no *mundo admirável* e o homem das cavernas, o dos "grotões" do Brasil, o qual é necessário conhecer, ainda que mantendo a distância claramente marcada pela expressão "já ouviram falar" (de uma realidade distante e diversa). A revista jamais falará da inextricável relação de dependência entre esse "mundo admirável" e os "compatriotas" grotescos. Matérias como essa deixam entrever a existência de uma realidade incontrolável, mas isso a revista não ressalta. Para ela o importante é demarcar territórios, para poder conviver com essas "chagas históricas". Nem mesmo a crise que abalaria as bolsas e o sistema Nasdaq, ao qual referimos no capítulo seis, abalariam o rumo "natural" do predomínio da tecnologia, sempre respeitando os "territórios" e funções sociais arbitrariamente definidas por *Veja*.

1742 Capa. Veja. 18/10/2000.
1743 Larry Ellison. O profeta do caos. Veja. Eurípides Alcântara. 18/10/2000, p. 113.
1744 Sua fortuna era estimada em 60 bilhões de dólares. Idem, p. 114.
1745 Idem, p. 116. Na seqüência, a seção Economia & Negócios anunciava a falência da empresa antes elogiada, Priceline. Sem maiores comentários se noticia que foi vítima de um "prejuízo milionário", em função da má administração. O caos. Veja. Eliana Simonetti. 18/10/2000, p. 118.
1746 O horror da escravidão. Carta ao leitor. Veja. 24/3/1999, p. 7. Grifos meus.

8.3.2 As tribos, o shopping center, o McDonald's

Para a manutenção dos padrões de comportamento, pensamento e consumo, um elemento fundamental é a padronização e homogeneização. Por isso *Veja* divulga a idéia da existência de "grupos": o das mulheres, o dos homens, o dos homossexuais, dos adolescentes. Há uma segmentação das pessoas como no mercado: fatias de consumidores. É preciso, entretanto, que tais pessoas se reconheçam em seus "grupos" de consumo e essa é a tarefa da revista: produzir uma identificação padronizada. Os adolescentes são mostrados como "tribos", como enuncia a capa: "*A TRIBO. Uma pesquisa exclusiva em 26 países mostra que os jovens de todo o mundo* ***querem as mesmas coisas***".[1747] Essa idéia retoma uma tendência mundial de tratamento da adolescência, que traz consigo a perda do indivíduo, que passa a ser visto apenas como alguém a mais na "tribo", o que é reforçado por *Veja* na matéria e no editorial. O perfil, dos jovens, seria esse:

> Eles se acham engraçados e originais. Confiam em si mesmos – e desconfiam dos políticos até a ponta do cordão cuidadosamente desamarrado do tênis. Querem terminar os estudos, ter sucesso na carreira. O dinheiro não é tudo, mas **contam com uma vida confortável, uma boa casa, uma família feliz**. Adoram televisão, ouvem pirâmides intermináveis de CD, saem muito com os amigos. Não estão com a cabeça para longas reflexões filosóficas. Usam jeans e camiseta, bem descontraídos – e de preferência de boas etiquetas. Devoram hambúrgueres e dedilham computadores com presteza.[1748]

Disso, conclui a revista: são todos iguais, seja no Japão, na Rússia, na França ou no Brasil. Aliás, em um mundo fácil, confortável e irresponsável como esse deve ser mesmo bem mais fácil de se viver. Embora a revista apresente os dados dessa pesquisa, que foi feita exatamente para traçar padrões de consumo - permitindo criar novos produtos -, ela não ressalta que esse mundo *admirável* é claramente delimitado pelos padrões econômicos que permitem o consumo, o que para *Veja* consta como apenas um dado ("*são jovens de classe A e B*"). A idéia que se reforça é a da homogeneização, mas que não pode aparecer como pura questão de consumo: "*o interesse da pesquisa, no entanto, ultrapassa as fronteiras da padronização do consumo. Os jovens de classe média alta demonstram uma impressionante unanimidade de aspirações. Não estão interessados em expressar rebeldia nem em deflagrar*

1747 Capa. Veja. 19/4/1995. Grifos meus.
1748 O planeta teen. Veja. 19/4/1995, p. 106. Grifos meus.

movimentos de contestação".[1749] *Veja* quer exorcizar 1968; exorcizar a participação jovem – inclusive dos filhos da elite – em políticas contestadoras. Os jovens devem sonhar apenas com um mundo melhor, desde que em suas roupas de marca, nos shopping e ligados nos seus celulares.

O que importa é formação da "*geração shopping center*",[1750] necessitando se manter ligada ao "*nome da marca*",[1751] McDonald's, Coca-Cola, Nike, e algumas outras, constituindo o verdadeiro Mc'World:

> Uma América que se projeta em um futuro moldado por forças econômicas, tecnológicas e ecológicas que exigem integração e uniformização. Um futuro reunindo todos os países em um vasto parque de temática mundial, colocado totalmente em rede pelas tecnologias da informação, pelas trocas comerciais e pela indústria do espetáculo.[1752]

Além de estabelecer padrões de consumo, se mantêm níveis importantes de ambição por parte daqueles que ainda não alcançaram esse poder, e aqui não importa o valor de uso, apenas o valor de troca, sintetizado pela marca consumida, mais que isso, desejada, vivida. Se o consumo é efêmero, tanto melhor, pois assim há sempre um novo objetivo imediato para cada indivíduo. O ato do consumo é mostrado isoladamente, anulando a totalidade do processo de produção, de circulação, de distribuição; seu horizonte é a marca. Em conseqüência, suas implicações políticas são obscurecidas. Além disso, a revista reforça o peso que os jovens e adolescentes no âmbito familiar para a definição dos padrões de consumo. Eles seriam mais abertos para as "novidades", e é para eles que muitas famílias se estruturam visando alcançar "o melhor", sempre em termos de consumo. Mesmo as crianças possuem um peso maior que o

---

1749 Idem, p. 108.

1750 Como mostra, por exemplo Beatriz Sarlo: "O shopping é um artefato perfeitamente adequado à hipótese do nomadismo contemporâneo". Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1997. p. 19. Também Naomi Klein ajuda a compreender o peso do shopping center, na medida em que ele se transformou no lugar dos encontros, chegando a substituir a "praça pública". São portanto, mecanismos a mais na progressiva privatização ocorrida ao longo dos anos 1990. (Klein, op. cit., "sem espaço").

1751 Como mostra também Fontenelle, "a implosão constante de todas as formas resulta em uma cultura descartável, na qual a marca aparece como 'ilusão de forma'. Em outras palavras, ao imenso vazio que se abre em função dessa cultura descartável pautada, predominantemente, pelo 'valor de troca' corresponde a produção incessante de imagens com as quais o capitalismo contemporâneo procura dar conta de tal vazio". E ainda que "o sujeito contemporâneo, 'racionalmente' não acredita nas marcas exceto na existência do vazio que elas prometem preencher com suas imagens". FONTENELLE, Isleide Arruda. O nome da marca: McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo, Boitempo, 2002.

1752 BARBER, Benjamin R. Cultura McWorld. In: MORAES, Dênis de (org.) Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003, p. 42.

dos adultos na definição desses padrões. Há, de fato o "*conceito do mercado adolescente global – um caleidoscópio de faces multiétnicas fundindo-se umas nas outras*",[1753] e a "visão MTV" (do Grupo Abril, no Brasil), nesse sentido é essencial, pois permite que sejam vistos como "*uma tribo de adolescentes nômades globais trocando cultura*",[1754] constituindo um mercado cada vez mais homogêneo. Essas imagens são reforçadas sempre que se fala na "cultura dos adolescentes",[1755] inclusive nas edições especiais de *Veja* sobre o tema.

8.4 O "NOVO MUNDO ADMIRÁVEL": REINO DE FANTASIA E ABUNDÂNCIA

Este modo de vida que está sendo criado possui vínculos de classe e implicações na consolidação de uma dada perspectiva do capitalismo, reforçando a idéia da desigual natural, buscando recuperar seu suposto "espírito" como eixo motor da ação humana. Supõe a manutenção de altos padrões de consumo, com a transformação do ser humano em consumidor, mas agora o próprio corpo torna-se mercadoria, na medida em que ele é um objeto passível de mudanças através de cirurgias, ginásticas, drogas diversas. Da mesma forma, as relações familiares são reestruturadas, com novas perspectivas para o casamento, a sexualidade e o papel econômico das mulheres. Mantendo seu papel histórico, especialmente no que diz respeito às camadas mais altas da sociedade, a família se mantém como um bastião da ordem e da propriedade, mas tem que se adaptar aos "novos tempos".

8.4.1 Os "podres de rico": a exibição da abundância

> *"*A reabilitação prática do luxo representa um imperativo estrutural objetivo do sistema do capital na qualidade de novo regulador do sociometabolismo*".*[1756]

1753 KLEIN, op. cit., p. 144. A autora mostra também que foi o público adolescente, nessa perspectiva, que salvou a publicidade de uma grande crise sofrida no início dos anos 1990. (p. 92).
1754 Idem, p. 145. A MTV no Brasil é vinculada ao grupo Abril, que inclusive edita uma revista que atinge o mesmo público da televisão: MTV. Sobre o papel da MTV na cultura jovem, ver também: KELLNER. op. cit. O autor estuda alguns programas da MTV norte-americana, assim como fenômenos da cultura jovem, entre os quais a série de desenhos animados Beavis and Butt-Head, que foi veiculada pela MTV.
1755 No próximo capítulo se verá que dessa cultura, para Veja, não pode fazer parte a atuação política, como fica claro na forma da cobertura das manifestações anti-capitalistas.
1756 Meszaros. Op. cit., p. 643.

Falar em milionários e em pessoas "podres de ricas" é algo a que *Veja* habituou seu leitor. Não apenas nas matérias de capa aqui destacadas, mas em vários momentos ao longo de suas páginas. Não é à toa que uma parte de seus anunciantes são divulgadores de produtos de luxo: joalherias e relojoarias de luxo, whiskies escoceses de várias marcas, carros importados. Ao mesmo tempo, a publicidade serve para manter a ambição daqueles que não podem comprá-los.

O sentido mais amplo desse tema é indicar os caminhos "ideológicos do capitalismo". A revista precisa dizer que sim, existem pessoas muito ricas e que sim, é possível a "qualquer um" chegar lá, desde que para isso cumpra alguns pré-requisitos. O argumento recorrente é que antes a riqueza dependia de herança ou de muito trabalho; agora, existiriam outras formas (legais) de alcançá-la, e a fama e sucesso poderiam ser caminhos imediatos, seja pela televisão, seja pelo futebol, seja pela música. A revista lembra que isso não se coloca para todos, mas como numa loteria, insiste em que todos deveriam tentar. O tema foi várias vezes pautado pela revista, como mostra a tabela a seguir, que cita as principais capas sobre o tema.[1757]

TABELA 1: RICOS E MILIONÁRIOS nas capas de *Veja*

Data	Texto da capa
25/9/1991	XUXA. A loirinha de 19 milhões de dólares. A primeira brasileira a entrar na lista dos 40 artistas mais ricos do mundo.
4/10/1995	OS NOVOS MILIONÁRIOS. Como ficou rica em pouco tempo a classe que está substituindo os velhos donos do dinheiro
20/12/1995	AS CASAS DOS BRASILEIROS PODRES DE RICOS. Suítes com dois elevadores, piscinas de água mineral e pias banhadas a ouro
12/6/1996	ESTRELAS MILIONÁRIAS. Quanto ganham os vinte artistas mais bem pagos do Brasil. Gugu Liberato (R$1,5 milhão por mês), Roberto Carlos (R$1,1 milhão) e Xuxa (R$1 milhão)
15/9/1999	EMERGENTES DA TV. A popularização dos programas cria uma nova classe de milionários
27/10/1999	POR QUE ELES FAZEM CARIDADE. Ricos, famosos e empresas aderem a um movimento que já ajuda 9 milhões de pessoas
12/1/2000	A INDÚSTRIA DA FAMA. Como funciona o sistema que cria celebridades da noite para o dia
12/7/2000	OS RICOS. Quantos são os milionários brasileiros por Estado, profissão e sexo; o que a classe alta pensa do país, dos pobres e de si mesma; a loja onde roupas chegam a ter o preço de um apartamento
23/2/2000	MILION@RIOS.COM.BR. Os desbravadores da internet brasileira domam o mercado on-line e fazem fortunas na rede
27/3/2002	A LOIRAÇA DE 250 MILHÕES. Como Xuxa se tornou a artista mais rica do Brasil

1757 Há outras capas correlatas, como a dos capitalistas e empresários bem sucedidos, algumas das quais foram citadas no capítulo seis.

FONTE: Manchetes de Capas de *Veja*

Embora a maioria das capas traga celebridades do mundo do espetáculo, o que está em foco é a riqueza e seus hábitos. Destacar a curiosidade sobre as "celebridades" já muito conhecidas, deixa na sombra as relações de produção e de poder nas quais se inserem, e permite alimentar de forma mais constante o sonho irrealizável. A sorte figura como o fator principal. O talento, nesse sentido, é um fator freqüentemente manipulado. Não é a ambição que a revista suscita (ou se o faz é secundário), ainda que queira mobilizar tal sentido. É a frustração acoplada à fuga da realidade – o cotidiano do gerente, medíocre, é substituído pela curiosidade mórbida, tipo papparazzi ou voyeur, sobre as casas nas quais jamais entrará, mas deverá respeitar. *Veja* se dá ao luxo de ironizar os novos-ricos na oscilação entre alta cultura "nobiliárquica" e despreendida, e o mundo da mercantilização quase abjeta; ironia que aparece aos dominantes – subalternos como o "mantenha-se no seu lugar".

Importa o desapego total, a introjeção da necessidade do capital superar quaisquer limites que se coloquem à sua frente, indicando uma nova forma de gestão do capital. A revista fala então da criação de uma "nova classe", constatando que "*a riqueza brasileira muda de mãos*":[1758]

> Atenção, há novidades na calçada. Uma nova elite que criou fortuna nos últimos vinte ou trinta anos está aparecendo para fazer companhia à velha. Com rostos ainda desconhecidos da maioria dos brasileiros, seus integrantes têm o **talento de sempre para ganhar dinheiro**, mas o exercem de forma diferente. São mais rápidos, menos sentimentais e muitas vezes implacáveis. Em vez se apegar ao velho negócio da família, vendem a empresa sem remorso se alguém oferecer o preço certo. Em lugar de esperar a fidelidade dos empregados, querem apenas sua eficiência – pagam muito pelo talento e demitem muito quando há falta dele. Não esperam proteção do governo e não passam perto de entidades patronais como a Fiesp.[1759]

Portanto, é a gestão neoliberal típica dos "novos ricos" que constitui o novo modo de ser. De forma simplificadora, a riqueza derivaria de um "talento" (específico: não hesitar diante de nada na competição. Para enriquecer, vale tudo): "*os lerdos perdem o lugar*".[1760] Vários exemplos são apresentados ao longo das vinte páginas de matéria, que pode ser sintetizada na frase em destaque: "*o importante não é competir. **É vencer**. Esse é o **lema***

1758 Os donos do dinheiro eram assim... e hoje estão assim. Veja. 4/10/1995, p. 93.
1759 Idem, p. 95. Grifos meus.
1760 Idem.

darwiniano *de muitos empresários de hoje*".[1761] Portanto, que fique claro: para *Veja*, esse é o lema dos "vencedores". Assim os exemplos vão sendo elencados:

> Muitos empresários tradicionais dormiram no início dos anos 80 e acordaram só em 1993 imaginando que estavam no mesmo mundo. Fabricantes de tecidos da cidade paulista de Americana, com teares de cinqüenta anos atrás, foram apanhados de surpresa pelo pano mais barato importado da Ásia e quebraram.[1762]

Dessa forma simplista a revista naturaliza a divisão internacional do trabalho e a separação entre produção e consumo. Não são colocados aqui todos os embates políticos pela abertura de mercado que foram discutidos nos capítulos anteriores. Trata-se apenas da "adaptação" dos empresários ao "novo mundo globalizado". Nesse sentido, a revista busca explicar esse suposto ímpeto frente ao capitalismo de alguns "empreendedores":

> Ainda está para ser cientificamente definido o **motor mental** que faz um capitalista ser como é. Muito já se disse sobre as relações do capitalista com os trabalhadores. Karl Marx **fez a fama** com esse tipo de análise, **até que chegou 1989**. Mas sobre a **alma do capitalista**, sobre seu **anabolizante espiritual**, isso ainda espera por estudos mais profundos. Há teorias, no entanto. O ex-ministro Delfim Netto, numa abordagem mais elaborada, acha que o capitalismo é uma válvula de escape formidável para acomodar a gana de poder de alguns espécimes do gênero humano. Onde não há capitalismo, como no Iraque, surge um Saddan Hussein, argumenta Delfim.[1763]

Ao falar em alma e espírito do capitalismo, muito apropriadamente se deixa de falar de sua razão de ser, o capital. E da mesma forma, o sistema do capital é deixado de lado, como que se não existisse, como se não fosse ele incontrolável e levasse à obrigação de que esses "capitalistas" tenham esse "espírito" para se manterem enquanto detentores do próprio capital. E junto com isso, a livre apropriação de Marx, que "ganhou fama" analisando o problema, mas, - e aí a revista veste a camisa do "fim da história" - isso teria acabado em 1989, como se a exploração, as relações de trabalho, a mais valia e a acumulação que são a essência da riqueza e do capital tivessem acabado em 1989, mesmo sendo justamente a "nova riqueza" o seu objeto. É como se essa riqueza se plantasse em novas bases e não na secular exploração e acumulação. A única explicação fora disso, é mesmo espiritual, como o próprio Delfim Netto

---

1761 Idem, p. 100 – 101. Grifos meus.
1762 Idem, p. 96.
1763 Idem, p. 99.Grifos meus.

enunciou. Seguindo nos exemplos, a revista é um pouco mais explícita sobre a caracterização dessa nova elite:

> A elite empresarial mais antiga cresceu num ambiente em que as empresas eram altamente subsidiadas pelo governo, com financiamentos ou com contratos, ou então protegidas da competição estrangeira. Isso criou um cacoete. (...) **A nova elite não conta com subsídio, bate de frente com a concorrência externa**, briga pelos clientes, paga bem e exige resultados dos funcionários que contrata, e **abre o capital na bolsa para ampliar o negócio com o dinheiro de terceiros**.[1764]

Assim, o zelo pela abertura ao capital externo se mantém, seja na concorrência em nível de produtos, seja na possibilidade de que ele tenha participação como acionista das empresas nacionais. E o modelo está de acordo com o que *Veja* sempre pregou. Para reforçar a exigência de um comportamento capitalista, outro exemplo:

> Os empresários costumam apresentar suas realizações como resultado de trabalho duro. Isso, além de ser uma ingenuidade, ofende os trabalhadores da construção civil e os que descarregam caminhões de feijão no mercado, gente que passa o dia trabalhando sem jamais ficar rica. A questão é outra. '**Quando termino um negócio, crio motivação para ter um outro desafio logo à frente**', diz Salim Mattar.[1765]

Ser elite – e milionária – não deriva do trabalho, mas de uma "alma", um "espírito", uma agilidade que só alguns detêm, para "criar" o desafio de reproduzir o capital, isto é, a exploração do sobretrabalho alheio. É disso que o capital precisa e é isso que *Veja* explica. Ela admite inclusive que não é o trabalho que convive com a riqueza. O importante é alertar: quem quer "crescer", não pode parar nunca, deve enfrentar os desafios, e depois criar outros, e mais outros... se assim não o fizerem, serão passados adiante, o capital será personificado por outros.

Como complementação, alimenta-se o mundo da fantasia e da ambição, com outra capa sobre as mansões desses mesmos milionários, publicada em outra matéria de onze páginas: "***os templos da nova riqueza****: marca dos milionários dos anos 90, surgem em todo o país mansões*

1764 Idem, p. 105. Grifos meus.

1765 Idem, p. 109. Grifos meus. Também com o sentido de mostrar "dificuldades dos ricos", a revista publica a reportagem: "Os bilionários ficaram menor ricos. O Brasil tem oito bilionários na nova lista da Forbes, que mostra uma diminuição da fortuna no topo da pirâmide social". Veja. Murilo Ramos. 6/3/2002, p. 94.

que surpreendem pelo exagero no preço, no tamanho e no luxo".[1766] Mas esse mundo encantado, em que há banheiros banhados a ouro e tudo o que se possa imaginar em termos de luxo, não é apenas privilégio dos empresários, ele pertence também ao "mundo dos artistas" (deixando em segundo plano o fato de que esses acabam agindo também como empresários, sobretudo na venda de suas **marcas**). Nesse campo, para *Veja*, há maior possibilidade de ascensão, seria uma questão "de sorte".[1767] Esses novos ricos são mais conhecidos,[1768] e mantêm de forma mais viva a possibilidade de que surjam novos novos-ricos.[1769] E eles também fazem "boas ações", praticando caridade, pois afinal de contas:

> Transparece por pertencer a um grupo de poucos que têm muito num país onde muitos têm quase nada. Afinal, a maioria dos famosos que hoje doam construiu sua fortuna há pouco tempo, sendo catapultada quase instantaneamente pela carreira artística de uma vida modesta para a riqueza.[1770]

Dando continuidade ao mundo dos ricos, a revista publica nova capa sobre "OS RICOS". O texto de apresentação sintetiza "um mundo" à parte, e por isso está em destaque.

1766 Os templos da nova riqueza. Veja. David Friedlander. 20/12/1995, p. 68. Esses ricos aparecem também como construtores de "castelos no ar: os ricaços do Brasil viajam em jatos que têm cama, cozinha, escritório e até peças banhadas a ouro". Veja. Karina Pastore. 8/1/1997, p. 56 a 63.
1767 Como mostra a reportagem sobre as "estrelas milionárias": os ricos e famosos: quem são os vinte que mais faturam no meio artístico no Brasil, quanto eles ganham e como chegaram ao topo. Veja. Neuza Sanches e Ângela Pimenta. 12/6/1996, p. 134 a 139. O exemplo ressaltado é o dos ex-plantadores de tomate, Leandro e Leonardo, que se tornaram milionários "da noite para o dia". Idem, p. 137.
1768 Como também expressa: "a era das celebridades: elas são famosas por ser famosas". Explodem de um dia para o outro. O público as adora". Veja. Isabela Boscov. 12/1/2000, p. 106.
1769 "A nova cara da tv: popularíssimos e disputados pelas emissoras, os apresentadores ganham fortuna e viram estrelas". Veja. Ricardo Valladares. 15/9/1999, p. 112 a 119.
1770 Novas faces do bem. Veja. Ronaldo França e Marcelo Carneiro. 27/10/1999, p. 155.

UMA VISITA AO MUNDO DOS BRASILEIROS RICOS

Nas próximas páginas, VEJA descortina um mundo de que se fala muito e do qual se conhece pouco – o dos ricos brasileiros. É um mundo que na sua porção mais exclusiva é cercado por altos muros, carros blindados, seguranças parrudos e mistério no que se refere a cifras. Para retratá-lo com a nitidez possível, seguiram-se três caminhos. O primeiro mostra quantos são os milionários brasileiros por Estado, profissão e sexo. As informações são provenientes do cruzamento de dados da Receita Federal. O segundo revela o que pensa a respeito do Brasil – e de si próprio – o 0,01% da população que se encontra na cumeeira da pirâmide social. Por último, numa reportagem que se inscreve no plano da metáfora, o leitor é convidado a entrar no mundo que gira em torno da boutique Daslu, em São Paulo, a loja mais cara do Brasil.

O lugar-comum recita que, num país pobre como o Brasil, a existência de gente rica constitui em si um absurdo, quase uma anomalia da natureza. A riqueza, entre nós, é vista com desconfiança. Não por acaso os brasileiros aprendem desde cedo que "dinheiro é sujo" e, ao referir-se a um endinheirado, dizem que ele é '**podre de rico**'. Um tratado poderia ser escrito a partir dessas duas expressões. Elas sintetizam os vícios do processo de acumulação brasileiro. Na época da colônia, era a cobiça pura e simples que motivava os que aqui comercializavam ouro e traficavam escravos. No Império, enriquecer significava usufruir as benesses distribuídas pelo aparato burocrático da corte. Na República, o Estado onipresente concentrou ainda mais a renda nas mãos de uns poucos privilegiados e, nos seus desvãos, grassou a ladroagem. Roubar, explorar, vender-se, acumpliciar-se, locupletar-se – tais são os verbos que rimam com dinheiro na cabeça dos brasileiros.

De fato, **há razões de sobra para as nossas reservas em relação à riqueza**. **É saudável, no entanto, mudar de perspectiva**, e não só porque há muitos exemplos de fortuna laboriosamente construída no Brasil. **O absurdo, diga-se com todas as letras, é haver gente pobre quando é possível ser rico**. Por origem histórica ou distorção ideológica, não importa, o país atola-se num modelo que desestimula o trabalho e a produção – **as fontes da riqueza que dignifica e orgulha um homem**. Como escreveu há quase um século o sociólogo alemão Max Weber, ao analisar a ética protestante que alicerçou o capitalismo anglo-saxão, 'a riqueza, como o empreendimento de um dever vocacional, não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada'.

Num jogo com regras limpas, **a busca da fortuna vitamina a sociedade e tonifica os valores morais**. O resultado disso são **ricos sem medo – e vergonha – de ser ricos, e um povo que vê na riqueza um exemplo a ser seguido**. 'Ser notado, servido, tratado com simpatia e aprovação, esses são os benefícios a que um homem rico pode aspirar', resumiu o economista e filósofo escocês Adam Smith, autor do clássico *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*.

Veja. 12/7/2000. p. 100. Grifos meus.

Esse texto não poderia ser resumido, pela clareza da relação entre o projeto político e o comportamento em relação a ele apregoado por *Veja*. Ele se atribui o papel de historicizar a riqueza, professando uma fé, plenamente em acordo com o que norteia toda a: o "*espírito do capitalismo*",[1771] assumindo uma visão que remete a Weber e a Adam Smith. Na longa matéria, inicialmente se caracteriza a acumulação,[1772] que mostra a desigualdade, mas que, pela lógica já exposta, seria uma questão de capacidade, pois "é um absurdo ser pobre quando se pode ser rico"... Assim explica:

> A acumulação de riqueza é um fenômeno tão antigo quanto a própria história humana. Com exceção das experiências fracassadas dos países de economia socialista, **não existe um único exemplo de civilização em que a acumulação de riqueza tenha sido feita de forma igualitária e simultânea para todas as pessoas**. **Sempre houve** um vizinho com mais boi do que o outro, alguém com mais terra, mais trigo ou menos galinhas. Esse também **sempre foi** um indicador da pujança de uma economia. Quanto maior e mais veloz for a acumulação de riqueza, mais forte a economia de um país. (....) 'Nenhuma sociedade cuja maior parte de seus membros é de pobres e miseráveis pode ser próspera e feliz', ditava Adam Smith, autor do clássico *A Riqueza das Nações.*[1773]

A constatação da desigualdade e da exploração de uma maioria por uma minoria é definida pela revista como "a coisa mais natural do mundo", mesmo que para sustentar isso tenha que passar por cima de uma vasta discussão histórica e historiográfica sobre as sociedades pré-capitalistas. A conclusão de que "*o Brasil tem pobres demais e ricos de menos*",[1774] levou à publicação de uma matéria que se propõe a mostrar "*o que eles pensam: numa pesquisa exclusiva, os ricos falam de seus símbolos, valores e da* ***sensação de culpa*** *por viver num país com tantos pobres".*[1775] Mais uma vez, a naturalização é trazida, agora na voz das "vítimas da riqueza". O autor da reportagem explica: "*num país com a superpopulação de pobres, a riqueza pode ser motivo de constrangimento para os ricos – pelo menos quando*

1771 Mesmo que aqui o espírito do capitalismo contemple o oposto do que sugeriu Weber, no sentido da "poupança" e "economia". Como apontou Meszaros, essas são duas faces da tendência contraditória de desenvolvimento do capitalismo. Op cit., p. 653.
1772 Que evidentemente, para Veja, é vista apenas como capacidade de acumular riqueza, ocultando o caráter intrínseco de exploração e da mais valia historicamente contida nesse processo.
1773 Eles aos olhos do Leão. Veja. César Nogueira. 12/7/2000, p. 104. Grifos meus.
1774 Conclusão textual da revista. p. 105.
1775 O que eles pensam. Veja. César Nogueira. 12/7/2000, p. 106. Grifos meus.

*estão fora de **seu ambiente***".[1776] Delimitado o "território dos ricos" (aquele que volta e meia é invadido pelos bolsões de miséria), se explica o problema:

> Um traço previsível veio à tona quando eles trataram de dimensionar sua responsabilidade social. **A maioria afirmou sentir-se desconfortável por ter dinheiro num país com tantos pobres**. 'A população menos favorecida nos olha como gente que desperdiça demais, esnoba demais. A distância entre nós é muito grande', afirma um empresário de 32 anos. '**Os pobres não vêem a elite com bons olhos**. Ela representa tudo de ruim para eles', acrescenta um médico de 46 anos.[1777]

A delimitação de territórios se mantém. O repórter explica: essas não são pessoas que nasceram ricas, mas "trabalharam para isso". É por isso que criticam "*uma minoria de socialites que gostam de aparecer. Essa gente seria a responsável pela imagem negativa da elite*." Os relatos mostram como, mesmo com esse "senso crítico", eles gostam de ostentar produtos que os demarcam, como relógios e carros de luxo. E para consolidar essa visão sobre como os pobres seriam injustos por discriminá-los, uma nova explicação:

> Na visão dos ricos, os pobres tendem a estar nessas condições basicamente por dois motivos. O primeiro está associado à **negligência ou à indolência**. Acham que os pobres poderiam estar melhor de vida se fossem **mais dedicados ao trabalho**, tivessem maior envolvimento com aquilo que fazem e valorizassem **mais a disciplina e a determinação**. 'O povo brasileiro é **muito acomodado'**, afirma uma arquiteta de 44 anos. 'A criança morre na fila do INPS e a mãe atribui à vontade de Deus. É **muito conformismo**'. O segundo motivo é menos palpável: a **força do destino**.[1778]

Esse tom revoltante não é de ironia, a publicação não realizou nenhuma contraposição, nem apresentou uma outra forma de ver, assim como não analisou o fenômeno. Está em plena consonância com o que vimos analisando as megalópoles e a miséria: esses pobres seriam naturalmente conformistas e ignorantes, por isso sofrem... A revista dá voz a um empresário que reafirma isto. Confirma-se seu pluralismo de fachada que, a rigor, limita-se a dizer o mesmo sob inúmeras roupagens. Isso demonstra a parcialidade da percepção da revista. A edição correspondeu plenamente aos seus objetivos: consolidar o mundo capitalista com uma questão de oportunidade e capacidade. Ao trabalhador resta se esforçar mais, ver o que pode fazer para produzir mais em menos tempo, enfim, deixar de ser "tão acomodado". É essa a imagem que *Veja* apregoa. E o "mundo dos ricos" segue sendo mostrado, em seis páginas em

---

1776 Idem. Grifos meus.
1777 Idem. Grifos meus.
1778 Idem, p. 107.

que se revela como funciona a butique mais cara do país, onde vestidos custam o preço de um apartamento. O "mundo dos ricos" paira no ar – sem chão social, naturalizando as relações de classe, fruto das capacidades individuais, o que o liga intrinsecamente ao mundo do espetáculo.

8.4.2 O mundo dos artistas e do espetáculo

> "O mundo presente e ausente que o espetáculo *faz ver* é o mundo da mercadoria dominando tudo o que já é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao *afastamento* dos homens entre si e em relação a tudo que produzem".[1779]

A realidade que *Veja* quer *fazer ver* está nitidamente inserida no mundo espetacular, o da televisão, do cinema, dos mega-shows, da publicidade, ou seja, daqueles elementos cujo objetivo é exaltar a mercadoria[1780] no dia-a-dia, afirmá-la como necessária ao nosso "modo de vida". Por isso estamos usando genericamente a expressão "mundo do espetáculo". Ela encerra o obscurecimento das relações sociais - o que é fruto também da separação entre os produtores e o resultado do seu trabalho - agindo no sentido de promover sempre novas configurações de valor, e estimulando a perda do valor de uso. Esse é o papel do que poderíamos definir também como "*cultura da mídia*":

> Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de 'nós' e 'eles'. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que

---

1779 DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997. P. 28.

1780 Enquanto um "objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa". MARX, livro I, vl, 1. p. 45.

> ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje.[1781]

Cabe à mídia a formulação dessa *contra-reforma moral e intelectual* que ajusta os indivíduos contemporâneos às exigências do capital. Para além das possibilidades de romper com a manipulação e maniqueísmo que comumente está presente nos discursos midiáticos, não há como negar que eles possuem um sentido específico que, como estamos observando em *Veja*, pode ser apreendido por análises empíricas. Neles pode-se perceber que "*imagens, fragmentos e as narrativas estão saturadas de ideologia e de significações polissêmicas*".[1782] A revista, indissoluvelmente ligada ao mundo mais amplo da mídia, reproduz algumas de suas características: a profusão de imagens, a mistura da realidade com o mundo virtual e imaginário, a fragmentação dos acontecimentos narrados, a pouca precisão histórica, o alto peso do discurso publicitário e da construção da marca.

Ao nos determos nas capas das revistas percebemos que personagens de televisão, artistas, ricos e políticos ocupam o mesmo espaço, com o mesmo status histórico. Ali são homogeneizados na "fama", seja o presidente da república, seja a apresentadora de programas infantis. E essa mistura se estende para toda a revista, sendo que muitas vezes a vida dos artistas[1783] e a realidade espetacular que os cerca é a que mais interessa. Isso é facilmente depreendido pela quantidade de capas que encontramos sobre o mundo da mídia. Trata-se de artistas de tv, esportistas, personagens de carnaval, personagens de "corte", baixa literatura, modelos fotográficas.[1784] A título de exemplo, cita-se algumas que complementam as já citadas neste capítulo.[1785]

TABELA 2: O mundo do espetáculo nas capas de Veja

1781 KELLNER, Douglas. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, EDUSC, 2001, p. 9.

1782 Idem, p. 302.

1783 Como nos casos já citados de Xuxa ou de Vera Fischer, dentre outras. Mas também de estrelas internacionais como Tom Cruise: "Belo e poderoso". Veja. Capa. 21/6/2000. As próprias trajetórias dos filmes produzidos em Hollywood ou na Disney são privilegiadas em detrimento da história nacional, por exemplo.

1784 Os temas que não são em analisados em separado, aparecem nesta ordem nas capas de Veja: carnaval: 6 (0,84%); corte (princesa Diana): 4 (0,56%); baixa literatura (livro de Zélia Cardoso de Melo, Contos de Natal, Paulo Francis, etc): 6 (0,84%%); história (Colombo, família imperial, Hiroshima, escravidão, Che Guevara, Canudos e pré-história): 7 (0,98 %).

1785 Para que se tenha uma noção da relevância do tema, localizamos nas capas da revista 50 (cinqüenta) ocorrências de pauta relativas a televisão, cinema, shows televisionados, celebridades, modelos, etc, o que nos daria 6,99% das capas. Este tema se complementa com os demais. Por exemplo, os esportes como espetáculos também televisionados, que aqui não estão computados.

Data	Manchete	
12/6/1991	SBT contra Globo. A VIRADA DO DRAMALHÃO MEXICANO	televisão
23/6/1993	SPIELBERG. O gênio de Hollywood ressuscita os dinossauros	Hollywood
1/9/1993	O FURACÃO LOIRO AOS 40 (Vera Fischer)	Atriz brasileira
16/3/1994	HOLOCAUSTO. Num grande filme, Spielberg mostra toda a barbárie nazista	Hollywood
19/3/1997	GUERRA NAS ESTRELAS. A VOLTA. O filme que mudou a história do cinema	Hollywood
14/1/1998	TITANIC. A tragédia que ninguém esquece vira o grande filme do verão	Hollywood
18/3/1998	O RATINHO QUE RUGE. Quem é o novo fenômeno da TV brasileira e como ele assusta dos concorrentes	Televisão
22/4/1998	NOVIDADES NO REINO DA FANTASIA. Com a inauguração do maior parque da Disney e a estréia de outras atrações, Orlando será a sensação das férias deste ano	Disneylândia
17/2/1999	FAMA E BELEZA. Plástica, malhação e outros truques das celebridades para ficar bonitas	Fama
14/7/1999	SONHO DE MODELO. O fascínio, as ilusões e os perigos da profissão que nove entre dez meninas desejam seguir	Modelos / moda
1/12/1999	A NÚMERO 1. As aventuras de Gisele Bunchen, a gaúcha de 19 anos que chegou ao topo do mundo da moda	Modelo / moda
21/6/2000	BELO E PODEROSO. Tom Cruise de Missão Impossível, e quem dá as cartas em Hollywood	Ator de Hollywood
10/1/2001	NOS LAÇOS DA NOVELA. Porque 32 milhões de brasileiros assistem à novela das 8 da Globo, o maior sucesso das telenovelas nos últimos anos	televisão

Fonte: Capas de Veja sobre o "mundo do espetáculo"

Esse mundo mostrado nas páginas de *Veja* ressalta ainda mais tudo aquilo que remete à homogeneização, ao sucesso fácil, ao poder do dinheiro e à transformação dos indivíduos em mercadorias, que podem ou não ser compradas, dependendo de fatores que variam a cada caso. Em conjunto, essas matérias remetem a esse mundo espetacularizado, por *Veja* considerado *admirável,* o *reino da diversão*,[1786] onde não existem relações sociais, apenas os interesses de cada indivíduo, e em que os modelos são vistos nas telas e nas passarelas para serem imitados na vida real. Para isso age em conjunto as demais revistas do grupo Abril, que têm especificidades, como por exemplo: *Contigo* acompanha a vida dos artistas e modelos[1787] e o desenrolar das novelas; *Caras* apresenta o glamour, a aparência de felicidade a todos os momentos em seus castelos. Nas palavras de *Veja*, é como se esse mundo se auto-reproduzisse:

1786 Como indica a matéria: "O reino da diversão: o maior parque da Disney lidera as novidades de Orlando neste ano". Veja. Marcelo Camacho. 22/4/1998, p. 95. A reportagem tem um forte caráter propagandístico com relação à Disney, tendo sempre como eixo o "reino da fantasia".

1787 O mundo das modelos é também acompanhado por Veja, que destaca Gisele Bunschen, mas também as garotas e buscam seguir o "modelo de sucesso". "Ursinho e salto alto: como é a vida das meninas que, cada vez mais cedo, lutam para vencer nas passarelas". Veja. Daniela Pinheiro e Thais Oyama. 14/7/1999, p. 110.

> A celebridade é um espécime típico do século XX que, nos últimos tempos, vem se reproduzindo com espantosa velocidade nos quatro cantos do planeta. O que caracteriza uma celebridade é que ela **não depende de algum mérito tradicional para ter alcançado fama e fortuna**. Não precisa exibir no currículo realizações extraordinárias, como o físico Albert Einstein, que criou a teoria da relatividade, ou Pelé, o maior atleta do século. Como define o historiador americano Daniel Boorstin, a celebridade é famosa por ser famosa, e ponto final.[1788]

As celebridades só precisariam então "estar na mídia", o que é um evidente círculo vicioso, pois são as redes de TV e editoras que definem o que deve estar na mídia e têm o controle muito estrito, especialmente dos padrões de renovação do seu plantel de pessoas capazes de chamar atenção. O fenômeno dos reality shows, nesse sentido, é uma exacerbação disso, como indica a própria reportagem de capa "*Gente na gaiola*",[1789] sobre o programa Casa dos Artistas. Essas matérias são acompanhadas de perto pela recorrência dos atores nas páginas amarelas da revista, alimentando ainda mais o interesse midiático por essas figuras. Nesse sentido não há diferença entre os astros de TV e esportistas alçados à fama, como Ronaldinho, Romário, Gustavo Kurten, entre outros.[1790] Eles se transformam também em participantes desse mundo da mídia, especialmente das colunas sociais e ações beneméritas, que como já visto, são uma forma de se desculparem socialmente por terem "subido na vida", já que esse ideal não pode ser alcançado por todos.

Apesar da inegável concorrência entre as diferentes empresas de comunicação e até mesmo entre a televisão e as revistas, elas convivem de forma complementar na construção desse mundo. Eventuais posturas de crítica da revista com relação a determinados programas, sempre colocam como legítimo o papel da televisão no sentido do entretenimento, especialmente as telenovelas. Ora a revista remete a um público de camadas mais baixas,[1791] ora de camada mais alta,[1792] dando a idéia de que as novelas, enfim, fazem parte da cultura

---

1788 A era das celebridades. Veja. Isabela Boscov. 12/1/2000, p. 108. Grifos meus.
1789 Veja. Capa. 21/11/2001.
1790 Há uma grande recorrência dos esportes nas Páginas Amarelas e nas capas da revista, indicando que o tema merece ser aprofundado. Estiveram presentes em 18 capas da revista (2,52%), além das edições especiais sobre Olimpíadas e Copa do Mundo. Indicativos para o estudo da transformação dos esportes em parte do espetáculo midiático são: CHESNEAUX, Jean. Modernidade mundo. Petrópolis, Vozes. 1995 e BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
1791 Como na análise que fez do sucesso na novela mexicana exibida pelo SBT, Carrossel, que "fala de problemas do dia-a-dia do público: o do menino que não fez a lição de casa, do pai que não tem dinheiro para comprar uma bola de futebol para o filho". Carrossel mexicano. Veja. 12/6/1991, p. 80.
1792 Ao falar da novela de Carlos Manoel, Laços de família: "em suas novelas não há uma disparidade grande entre ricos e pobres. Todos são mais ou menos remediados, mais ou menos parecidos com o grosso dos

brasileira de forma homogeneizadora. Em comum, ao reproduzir os dramas das telenovelas e discuti-los, a emoção é o principal sentimento mobilizado, o que acaba sendo transferido para outros espaços da imprensa, especialmente os informativos.[1793]

As críticas da revista se estendem a problemas como "o sexo e as crianças na TV", e a programas de auditório como *Ratinho Livre*, em que pessoas são submetidas a situações de humilhação pública. No primeiro caso, o tema de certa forma entra em contradição com toda a alegada mudança de costumes que estaria ocorrendo a partir dos anos 1990, que tornaria a sexualidade um tema mais corriqueiro. A revista cobra uma postura da televisão:

> As emissoras gostam de invocar a liberdade de expressão para que ninguém venha intrometer-se em seu trabalho, o que é correto. A liberdade é mesmo a causa mais bela que existe. Isso não elimina, no entanto, a necessidade de um debate sobre a função que a televisão exerce. É uma discussão que poderia melhorar a própria televisão, abrindo caminhos mais criativos do que o simples apelo sexual discriminado.[1794]

No entanto, o seu próprio papel e sua "função" estariam fora de questão, como se não fossem parte do mesmo processo. Interessante observar dois elementos contraditórios presentes na matéria elaborada da revista. Ao fazer sua pesquisa que indicou a quantidade de cenas consideradas de "*cunho sexual, VEJA considera tanto o que foi exibido na programação como nos intervalos comerciais*".[1795] Ou seja, é todo o contexto mais amplo da cultura da mídia que conta, o que, portanto, deveria ser aplicado às fotografias publicadas na revista ao "noticiar" as novelas, por exemplo, assim como à publicidade veiculada em suas páginas. Mas a crítica permite à revista dizer que desligar a TV e fazer outros programas "*pode ser uma ótima idéia, pois existem coisas muito mais interessantes no mundo do que uma tela de*

---

telespectadores das novelas da Globo". A novela que hipnotiza o país. Veja. João Gabriel de Lima e Marcelo Camacho. 10/1/2001.

1793 Gera-se o que Ramonet chama de hiperemoção: "'Se a emoção que vocês sentem ao ver o telejornal é verdadeira, a informação é verdadeira'. Isto deu credibilidade à idéia de que a informação – não importa que informação – sempre é simplificável, redutível, capaz de converter-se em espetáculo de massa e decompor-se num certo número de segmentos-emoções. Isto se baseia na idéia, hoje tão na moda, de que existiria uma 'inteligência emocional'." A tirania da comunicação. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 22.

1794 Erotismo liberado para menores. Veja. 26/7/1995. p. 92. A posição expressa no editorial foi de que caberia ao órgão de imprensa "estabelecer seus próprios limites, de maneira a não permitir que **cenas chocantes** sejam levadas ao ar". Sexo nos meios de comunicação. Carta ao leitor. Veja. 26/7/1995. p. 29. Grifos meus. O tema já havia sido tratado em reportagem de capa: "sexo e violência na TV:o impacto nas crianças". Veja. Capa. 4/7/1990.

1795 Idem, p. 86.

TV",[1796] no que, "ler revistas" aparece como opção, e dessa vez "neutra". O segundo elemento que coloca em xeque o papel mais nocivo da televisão com relação à revista, é a forma com que são abordados os próprios temas "polêmicos". Ao referir que a televisão mostrou cenas que "induziam" que um personagem era homossexual, a revista comenta:

> A TV coloca questões **impróprias para uma criança**. Sob a condição de ser mantida no anonimato, uma mãe descreveu a VEJA sua insegurança no momento em que sua filha de 7 anos assistiu uma cena em que se insinuava uma relação entre duas **mulheres homossexuais**. 'Ela queria saber como era possível ter prazer assim, e eu tive de explicar, dar detalhes, **foi horrível'**.[1797]

Ou seja, o que é considerado "cunho sexual" na verdade tem um fundamento moral profundo. Se existiria um elemento educativo ao retratar a diferença na televisão, ela é aqui reforçada pela revista como algo também impróprio para crianças, "horrível" e "chocante", algo que, portanto, tem que ser escondido, tanto assim que a mãe somente aceitou contá-lo sob garantia de anonimato. Mostra-se assim uma contradição entre o mundo em mutação que a revista tanto insiste em mostrar, e a forma com que ela trata essas supostas "mudanças". Seu papel continua sendo o de reforçar preconceitos e estigmas. Ao tratar do programa do Ratinho, a revista relembra que:

> No início da década, o fenômeno da 'mexicanização' assustou críticos e estudiosos da televisão. Num momento em que a programação das emissoras brasileiras parecia apontar para um nível de qualidade superior, com bons programas jornalísticos e novelas que tentavam discutir a realidade social do país, surgiram os folhetins eletrônicos mexicanos, dos quais o mais famosos era o **insuportável Carrossel**. Baratos, com enredos lacriminosos, eles conquistaram um público que, pelo menos na teoria, havia sido educado para consumir produtos televisivos mais bem-acabados.[1798]

Não há portanto, uma linha de coerência sobre a posição específica da programação da televisão e aquilo que ela representaria no momento em que foi transmitida. De novo, o paradoxo do mundo *clean* e tecnológico da *Globo*, agora apresentado como se fosse alta cultura, contraposta à "baixa e pobre" emoção da televisão mexicana. O problema seria que os

---

1796 Idem, p. 88.
1797 Idem, p. 88. Grifos meus.
1798 O novo fenômeno da TV. Veja. 18/3/1998, p. 125. Grifos meus. Interessante observar que quando realizou a comparação entre a novela mexicana e a brasileira O Dono do mundo da TV Globo exibida na época, a revista elencou cinco vantagens da novela mexicana, com ênfase à falta de violência e sensualidade e ao fato de que retratava a realidade do dia a dia, como já citado, o que a transformaria em um programa mais adequado às crianças. Carrossel mexicano. Veja. 12/6/1991, p. 78 a 84.

filhos da elite vêem a mesma televisão, o que seria sanado com a generalização da TV a cabo, posteriormente, segmentando socialmente o acesso à TV. A televisão e os programas "jornalísticos" deveriam educar e mesmo politizar, desde que no "rumo certo" da globalização, à população, discutindo sua realidade social, como conclui a reportagem:

> Hoje a qualidade está ficando péssima porque os programadores estão sendo programados pela audiência. Não se sabe onde vai parar esse processo. É um tema no qual o país deve pensar. A televisão entra na casa de todo mundo. O ideal é que, sendo tão invasiva, tão presente, ela não exista apenas para enriquecer seus proprietários e suas estrelas por meio da deseducação do público.[1799]

Assim, se produz a idéia de que é o público que quer esse tipo de programa, sem analisar os porquês, o que remeteria a pensar a própria formação social, o peso do pensamento de extrema direita,[1800] a desigualdade social. Não, a solução que a revista apresenta é que "o país" (sujeito amplo que não define responsabilidade) "pense" sobre o problema. Caberia à "imprensa séria" o papel de educar verdadeiramente a população, como se essa imprensa estivesse acima daquela, popularesca, que a Abril também publica. A imprensa dos anos 1990 corresponde a essa caracterização, tão bem definida por Ramonet como a "*tirania da comunicação*".

A cobertura de *Veja* sobre a televisão tem pelo menos dois sentidos. O primeiro deles é a consolidação da idéia da "fama" como algo palpável e possível de ser alcançado, embora "por poucos". Esse mundo está em tudo: na moda que se veste, no penteado que se usa, nos produtos que se compra. Se não é possível ser um astro, pode-se ao menos parecer com ele. O segundo, é reafirmar seu próprio papel "educativo", e ao mesmo tempo exercendo o "quarto poder" da imprensa e dos meios de comunicação na medida em que estaria denunciando os abusos dos outros – a televisão. *Veja* procura projetar sua própria imagem – arbitrária e paradoxal – como modelo para as emissoras de televisão. De fundo, a manutenção dos preconceitos e estigmas sociais, que são inseridos no mundo mais amplo do "comportamento" socialmente aceito, como discutiremos a seguir.

1799 Idem. Argumento semelhante sobre o "papel dos programadores" é expresso por Eugenio Bucci, o crítico de TV da revista, em coluna que acompanha a reportagem: O pior do povo. Tempo de TV. Veja. 18/3/1998, p. 126.

1800 Na medida em que são elementos como a violência e o apelo à pena de morte, assim como uma moral exacerbada, que fundamentam as atitudes das pessoas expostas em programas como o de Ratinho.

8.4.3 Novos padrões de comportamento e de consumo da "classe média"

Em vários momentos, *Veja* pautou o problema dos "novos costumes", que têm atrás de si novos padrões de organização familiar e de consumo. Eles têm como alvo a classe média, especialmente em ascensão, o setor pequeno numericamente mas endinheirado. Todos sofrem as alterações derivadas da exacerbação da competitividade nas relações de trabalho, de família, sociais. Devem, pois, adequar-se ao *admirável mundo*, de preferência seguindo padrões conservadores. A tabela abaixo indica os temas das capas relativas a comportamento, que se complementam com as demais citadas no capítulo:

Tabela: Família e comportamento

Data	Manchete da capa de Veja
31/10/1990	Feras radicais: o que pensa e quer o adolescente brasileiro
5/7/1991	Nova família da classe média
27/11/1991	Guia de modos para os anos 90: bons costumes
19/4/1995	A tribo (adolescência)
19/7/1995	A conta cara da classe média
11/10/1995	Mamãe coragem (mulheres "chefes" de casa)
30/7/1997	Sem tempo para os filhos
17/12/1997	Gravidez sem casamento
5/8/1998	Medo de avião
17/3/1999	Filhos em divórcios
26/5/1999	A vitória contra a timidez
16/6/1999	Limites na educação dos filhos
11/8/1999	Casamento: hora de investir e hora de desistir
22/3/2000	Separação: iniciativa das mulheres
14/6/2000	Traição e ciúme
13/6/2001	Divórcio & dinheiro
25/7/2001	O fantasma da solidão
16/1/2002	Traição e culpa
20/2/2002	Os três desejos da classe média: Plano de saúde, educação, previdência privada
31/7/2002	Culpa: porque esse sentimento se tornou um dos tormentos da vida moderna
14/8/2002	E você (...) tem carisma?

FONTE: Veja. (manchete principal de capa)

Estas capas[1801] tratam dos vários temas correlatos à "nova família", às mudanças de costume que *Veja* está ajudando a consolidar. Ainda no início da década, uma capa anunciava a "*selva dos novos costumes: um guia de bons modos para os anos 90 – do escritório ao motel*".[1802] A matéria estava preocupada com uma "*nova etiqueta: tudo o que se precisa saber*

1801 Ao todo temos 21 capas (2,94% do total). Mas esses assuntos estão em sintonia direta com os demais: sexualidade, vaidade, saúde.
1802 Capa. Veja. 27/11/1991.

sobre o comportamento socialmente correto dos anos 90 num guia prático".[1803] As questões que estariam a inquietar "a todos" são assim resumidas:

> Seu filho adolescente leva a namorada para passar o fim de semana na casa de praia. Ambos presumem que vão dormir no mesmo quarto. Você aceita e se sente pouco à vontade ou resiste e desagrada uma hóspede e seu filho? De que forma se relacionar com o sexo oposto no ambiente de trabalho se as cantadas inconvenientes podem acabar na Justiça, conforme a Lei n. 1886? Num mundo onde as constantes novidades vão desde as engenhosas eletrônicas até as normas de comportamento sexual, está cada vez mais difícil saber como agir de maneira civilizada e elegante. Bom senso, educação elementar e respeito pelo próximo são evidentemente a base de tudo – mas não bastam.[1804]

Quanto à sexualidade dos adolescentes, sugere que é necessário, acima de tudo, manter as aparências. Os pais deveriam proibir que dormissem no mesmo quarto mas "*ignorar o tráfego noturno no corredor*".[1805] Quanto ao assédio sexual seria preciso alertar aos senhores empresários que suas atitudes deveriam mudar, mas admitindo relações amorosas "consensuais". Igualmente relevante é o fundamento sobre as maneiras "consensuais" de tratamento:

> As boas maneiras transitam no mundo das aparências e quem acha que, nas relações sociais, pode dispensá-las deve ter passado os últimos vinte anos no planeta Marte ou no paraíso perdido da contracultura. Existe um jeito "certo" de se relacionar em sociedade, produto do ambiente em que se transita e de um certo consenso criado em torno do bem-estar geral.[1806]

Essas formas de comportamento estão politicamente delimitadas, elas não se coadunam com a "perdida contracultura". Há que se defender o comportamento estipulado e padronizado pela revista, ainda que não se diga onde e como ele foi "convencionado". Também é intrigante que entre os consultores ouvidos pela revista para elaborar seu guia está uma atriz que interpretava uma personagem na novela *O dono do mundo*, onde a mesma tinha o papel de consultora social. Ela diz como se deve agir diante do fax do escritório, evitando usá-lo para fins pessoais.[1807] A revista informa que na novela "*o autor Gilberto Braga dá seguimento à sua tradicional missão civilizatória através de aulas de comportamento em sociedade à turma*

1803 A nova etiqueta. Veja. 27/11/1991, p. 50. O "guia" é ilustrado por cartuns de Angeli.
1804 Idem.
1805 Idem, p. 53. O conselho vem de uma consultora de "boas maneiras" do The Washington Post.
1806 Idem.
1807 Idem, p. 52.

dos novos ricos".[1808] Mais uma vez, *Veja* mistura realidade e ficção, envolvendo os leitores no mundo do espetáculo, e fica clara a afinidade entre a ação do autor de "civilizar" e da revista que publica aqui seu próprio guia. Além desses novos costumes estava também uma nova situação familiar: o maior número de divórcios, da profissionalização da mulher, famílias com menor número de filhos,[1809] problema dos filhos de pais separados,[1810] viagens para o exterior que essas novas famílias podem fazer.

Destacam-se as reportagens sobre os divórcios. Em duas ocasiões o tema foi pautado em duas capas, já no final da década, em que se manteve uma postura conservadora e preconceituosa. Ao tentar explicar o aumento dos divórcios e o peso das mulheres nessa decisão, a reportagem perguntava: "*estariam as mulheres, **como sempre**, complicando as coisas*?".[1811] A idéia sugerida é de que homens e mulheres seriam seres totalmente diferentes, regidos por normas e racionalidades distintas, impossíveis de conviver: "*a questão é velha como a humanidade e, no entanto, atualíssima: a constatação de que o sexo oposto é exatamente isso – **oposto***".[1812] Não há uma questão social, não há uma humanidade comum, mas uma afronta: homens x mulheres. E por aí seguem as distinções: homens são de um jeito, mulheres de outro, sempre homogeneizando,[1813] recorrendo à ciência, chega-se ao problema biológico, hormonal. Assim, "*juntem-se as **diferenças de fabricação**, digamos, com as que eles e elas vão acumulando à medida que crescem, e está feita a bolha que faz desandar a*

1808 Idem, p. 51.

1809 Como indica a matéria: "Sociedade limitada. A mulher no trabalho e a diminuição do número de filhos criam um novo ambiente doméstico que muda a face da família de classe média". Veja. 5/6/1991. (72 a 77). Embora o tom da reportagem seja informativo, com dados provenientes de pesquisa que a revista fez junto a escolas privadas, apontando melhorias na vida dessa camada social, a capa mantinha o preconceito com relação às mulheres: com uma fotografia de uma menina indecisa, a manchete era: "menos filhos, mães no trabalho". Ao longo da década o tema foi ampliado para "pais sem tempo para os filhos" e voltou às páginas de Veja em outras ocasiões.

1810 UNIDOS PELO DIVÓRCIO. Como se relacionam pais e filhos nos 14 milhões de famílias brasileiras formadas por segundos e terceiros casamentos. Capa. Veja. 17/3/1999.

1811 Até que o casamento os separe. Veja. Thais Oyama e Lizia Blowski. 22/3/2000, p. 121. Grifos meus.

1812 Idem. Grifos meus. Essa questão esteve relativamente presente nas capas de Veja: Viva a diferença: a ciência mostra o papel do cérebro no comportamento do homem e da mulher, (22/3/1995); As mulheres do ano, (24/12/1997); Os homens que se cuidem, (25/2/1998); Sozinhas elas prosperam, eles murcham, (30/8/2000); Elas venceram, (8/11/2000); Prazer: a vez da mulher, (30/5/2001); Homem. O super herói fragilizado, (22/8/2001).

1813 Os argumentos são nesse estilo: "mulheres têm dificuldade de pedir ajuda, os homens de dá-la". E completa: "por mais rasa e simplista que seja, a lista bate em teclas conhecidíssimas. A mulher é intuitiva, criativa, enquanto o homem é objetivo. Trata-se de uma diferença genética, **darwiniana**, resume o psicanalista carioca Luiz Alberto Py". Idem, p. 122. Grifos meus.

maioria dos casamentos".[1814] Ao historiar esse processo, *Veja* se inquieta, pois "*o casamento funda relações de parentesco, funda toda a sociedade*", citando uma antropóloga em texto de 1948, e complementando: "*assim foi por muito tempo e, nesse contexto, os homens dominavam e as mulheres se acomodavam. Às poucas que se atreviam a subverter essa regra restava o estigma de 'desquitada' e os olhares poucos simpáticos da vizinhança*".[1815] Além de naturalizar o preconceito, pois intui que "todas as mulheres eram dominadas", legitima que as que rompiam sofriam estigma, pois "era assim e pronto", nesta história da humanidade que se inicia nos anos 1940.

As mudanças levariam ao maior número de divórcios porque, conforme explicado na reportagem, haveria até um manual e uma fórmula que permitia ver quando os casamentos não "dão certo". É simples repetição de senso comum, chegando a afirmar que "*brigar é a sina de homens e mulheres, bichos diferentes, quando perdem a vontade de encontrar a fórmula da vida em comum*", mas não quer dizer que "*eles e elas não querem mais viver juntos. Querem sim, e continuam se casando sem parar*", porque, "*diferenças à parte, namorar é preciso"*.[1816] A matéria pode parecer irrelevante, mas mostra o padrão de abordagem da revista. Trata-se de uma matéria de capa que ocupou seis páginas, ouvindo "consultores", advogados e psicólogos. Por fim, a lição moral que permanece é que independente dos desígnios biológicos, a monogamia é a solução. *Veja* se defronta com um problema e o trata de forma leviana e moralizante. A base da família burguesa se liquefaz mercantilmente: há o risco da diluição moral (a família) e as lutas pelas heranças se agravam. Incapaz de tomar posição ou de ter um projeto social capaz de superar a estreiteza da família burguesa; tendo fomentado a luta jurídica como lógica e moralmente correspondente a qualquer contrato (inclusive o de casamento), *Veja* se limita a repetir fórmulas preconceituosas e contraditórias. O mercado dissolve a moral na qual se sustenta e por isso, defende a família e os divórcios; a monogamia, a hipocrisia.

O problema do divórcio foi retomado, sob novo enfoque, bem mais econômico.[1817] Desta vez, a reportagem se enreda em uma quantidade grande de fofocas envolvendo "ricos e

---

1814 Idem, p. 123. Grifos meus.
1815 Idem.
1816 Idem, p. 125.
1817 Isso não quer dizer que o tema não tenha sido abordado também em outras matérias.

milionários" e os valores de seus processos de separação. A forma com que a revista os trata é de uma certa indignação com os valores, como se ela própria não divulgasse a existência desse "mundo dos ricos". O que a indignou foi o fato de que essas pessoas pudessem ir à Justiça exigir seus "direitos", o que é tratado como "*gana cada vez mais escancarada com que os cônjuges se enfrentam nos tribunais para se depenarem mutuamente*".[1818] Por exemplo, narra-se o caso de uma separação em que o homem era executivo na empresa da família e foi demitido por causa da separação. Ele acionou a Justiça e exigiu os valores de seus serviços a várias empresas do grupo da família para os quais supostamente não fora remunerado. As somas são estrondosas, na ordem de milhões de reais. E a revista conclui dando voz a alguém conhecido dos envolvidos: "*Ser genro não é emprego, comenta, em tom de lamento, uma pessoa ligada à [ex-mulher]*".[1819] Assim como este, a revista narra casos de mulheres que pedem pensão no valor de 35.000 reais, por exemplo. O papel da revista neste caso, além de fomentar fofocas,[1820] é instruir com relação a ações judiciais. Há um guia de como fazer acordos e contratar os mais eficientes advogados para não colocar em risco patrimônio e capital.

Talvez a síntese do pensamento mais tradicional sobre as relações familiares esteja na reportagem sobre a paixão, "medida cientificamente". O recado é claro: "*é possível manter o sexo, a cumplicidade e o afeto muito além da euforia dos primeiros tempos*", ou seja, é possível manter um casamento, mesmo que, segundo a revista, não exista "paixão". Com isso se mantêm os padrões de planejamento, de poupança e mesmo de investimento que apenas um casal é capaz de fazer, e traz consigo outros elementos ajustadores (educação, religião, etc). Uma pessoa sozinha estaria mais preocupada em gastar, consumir, viajar, o que não deixa de ser importante, mas é necessário a existência da poupança e da estabilidade, indispensáveis para a manutenção do pensamento conservador.[1821]

1818 Duelo na separação conjugal. Veja. 13/6/2001, p. 122.
1819 Idem, p. 125.
1820 A reportagem é rica em expressões como "comenta-se que"... tiveram "caso tórrido de amor", da forma mais preconceituosa possível.
1821 Como indica a reportagem de capa: "O FANTASMA DA SOLIDÃO: Milhões de brasileiros vivem sós. Eles já formam um mercado à parte, com serviços e comodidades especiais. Mas o que fazer quando bate a tristeza?" 25/7/2001. Capa. Veja. Após elencar algumas vantagens de viver sozinho, inclusive com depoimentos, a revista conclui que há um verdadeiro fantasma a atormentar essas pessoas, e encerra a reportagem narrando a tristeza de pessoas velhas que vivem em asilos e encaram "da melhor forma possível um dos piores pesadelos de

Para o estabelecimento de novos comportamentos dessas famílias, existem também produtos especialmente sendo oferecidos, ligados ao turismo,[1822] como os resorts,[1823] e as viagens "de férias";[1824] além dos diversos aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos, sistematicamente anunciados em *Veja*. Mas também parece interessar a essa classe média a possibilidade de viver e fazer negócios no exterior, como indicam as reportagens de capa: "*Flórida: a febre dos negócios no paraíso do lazer*",[1825] ou ainda o "*grande êxodo: como é a vida dos 600 mil brasileiros que partiram para o Primeiro Mundo*".[1826] O fascínio por Miami também ganhou duas capas da revista: "*Miami: Eldorado dos investimentos da classe média*",[1827] e "*Miami: a metrópole brasileira* [sic] *que mais cresce*".[1828]

É também esse o público dos "***Três desejos da classe média**: planos de saúde; educação; previdência privada. Esses itens passaram à frente da casa própria, do carro e do telefone*".[1829] A matéria define em sete páginas quais seriam os comportamentos e desejos da classe média: "*até pouco tempo atrás, a prioridade era comprar a casa própria, o carro e o telefone. Agora, priorizam-se a educação, os planos de saúde e a previdência privada*".[1830] Todos esses "desejos" são na verdade expressão da angústia e insegurança da maioria da população, gerados pela privatização, o alto custo da saúde e da educação, o fim de um

---

quem mora sozinho: o de terminar seus dias num asilo de velhos". Solidão. Lição de casa: aprender a viver só". Veja. 25/7/1001. Alda Veiga. P. 108.

1822 O turismo de classe média é um tema que pode ser explorado em Veja. Apenas nas capas da revista, encontramos sete ocorrências do tema: nordeste (2); cidades brasileiras "de inverno"; Pantanal; reveillon de 2000; resorts; compras.

1823 Como é enunciado na capa de 13/12/2000: ILHAS DA FANTASIA. A explosão dos resorts no Brasil; os sete mais estrelados para as férias de verão; quanto cobram e o que oferecem, cuja reportagem "os resorts vão esquentar o verão" tem 12 páginas. (Gisela Sekeff e Leonardo Coutinho, p. 100 a 115). As páginas são recheadas de publicidade de locadoras de automóveis, produtos para piscina, câmeras fotográficas, entre outros artigos, entre elas, a própria Walt Disney.

1824 Viagens que seriam para "desestressar", mantendo claramente a divisão entre trabalho (feito durante o ano todo) e lazer (feito em um pacote de dez dias por ano). Não é diferente do que foi observado na publicidade dos anos 1960. (FIGUEIREDO. Anna Cristina Camargo Moraes. Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec, USP, 1998).

1825 Capa. Veja. 2/1/1991.

1826 Capa. Veja. 7/8/1991.

1827 Capa. Veja. 1/12/1991.

1828 Capa. Veja. 17/7/1996

1829 Capa. Veja. 20/2/2002. O tema da classe média já havia sido capa enfatizando o descontrole de aumentos de preços ocorridos logo no início do Plano Real, na reportagem: "Os preços muito loucos da era do real. Uma pesquisa mostra que serviços e produtos de classe média subiram mais que a inflação". Veja. 19/7/1995. A matéria teve a capa: "A conta cara da classe média".

1830 Os desejos da classe média. Veja. Felipe Patury. 20/2/2002. p. 98.

horizonte universalizante. Mas em *Veja*, é como "desejo que aparecem". Eles estão em consonância com as reformas neoliberais: a telefonia celular (privatizada), e a almejada privatização tanto da saúde (que já ocorre na prática), com a própria previdência, contribuindo assim para naturalizar a ineficiência do serviço público.

Também com o sentido de inserção no mundo do espetáculo, a indústria e comércio da moda ganham status de uma "*revolução popular*", na medida em que "*grandes redes põem estilo fashion ao alcance de todas*".[1831] A explicação mostra os elos que fazem na produção dessa indústria: "*os modelos são escolhidos por equipe afiada, cujo critério principal é detectar o que há de mais moderno em matéria de roupas e acessórios e adaptá-los, em versões popularíssimas, às suas faixas de clientes*".[1832] Assim, da mesma forma que em que há um público para a Daslu, há um público fiel às lojas Renner e C&A. Sintomática de todas essas mudanças é a seção Guia, criada pela revista. Nela há análise de questões práticas como o comportamento dos filhos, taxas escolares, dicas de viagens, dicas de saúde e de ginástica, além de lições para a carreira[1833] e de economia. Os padrões são sempre taxativos, dizendo como se vestir, e como transformar sua aparência para "ter sucesso",[1834] como visto também acima. Esse padrão é complementado com a definição de um comportamento sexual, assim como pela indústria da vaidade, outras faces do mundo "do espetáculo".

8.4.4 A nova "classe média"

Existe ainda, por parte da revista, uma atenção especial para o que seria a "classe média". Há dois aspectos a ressaltar. O primeiro é a difusão idéia de que a "vida está melhor"; e o segundo, de que "qualquer um" pode chegar a ser classe média, diluindo a pobreza, a partir de níveis maiores de consumo, no ideário próprio da classe média.

1831 Viva a revolução popular. Veja. Bel Moherdaui. 13/6/2001, p. 68.
1832 Idem, p. 69.
1833 Como neste exemplo, as dicas são de como se comportar na festa de fim de ano da empresa "para **evitar que a reputação cuidadosamente construída durante o ano** desmorone em poucas horas: valorize sua presença. Não seja o primeiro a chegar nem o último a sair. Não embarque na discussão apaixonada de temas polêmicos, como religião, política e sexo". Veja. Para usar. 20/12/2000, p. 201. Grifos meus.
1834 Também mostra isso a reportagem: "Milagres acontecem: com manuais e assessoria, homens e mulheres cuidam da aparência para **subir na vida**". Veja. Milagres acontecem. Dagmar Serpa, 19/8/1998, p. 78 a 80. Grifos meus.

Esse seria um dos públicos-alvo da revista, e mais propriamente alvo da imposição de uma realidade "espetacular" como um objetivo de vida. Há também um público "indireto", que *Veja* não considera como seus "leitores", mas que são ligados aos seus leitores, a quem apenas se refere para dizer que as coisas "estão melhorando". Seriam os serviçais, garçons, empregadas domésticas, enfim, aqueles que servem à elite que *Veja* propõe-se a criar. Além de sugerir que a vida está melhorando, mostra-os também como potenciais consumidores de produtos e serviços ofertados, ou seja, das novas franquias, dos eletrodomésticos, de produtos eletrônicos.

Para as camadas mais baixas, também é importante manter a construção da ilusão de que com o neoliberalismo, a vida está muito melhor. Também por isso, os produtos caros vendidos a partir do mundo do espetáculo encontram similares mais baratos para a maioria da população, mesmo que no comércio paralelo. A revista estimula inclusive a ilusão de que eles podem, comprando as novidades, se entender como membros da classe média, e não mais simplesmente "pobres". A eles se busca convencer da inclusão, ao divulgar a expansão de produtos "importados" pelas lojas de R$1,99. *Veja* nem cogita comentar as alterações na economia (tanto internas – o desemprego; como externas - as condições em que eles são produzidos) para que esses produtos tenham chegado ao Brasil. O que importa, para *Veja*: "*1,99 e todo mundo ganha: as lojas barateiras já são 16.500 no Brasil e vendem 4,5 bilhões de reais por ano em quinquilharias*".[1835] O que ressalta é a "salvação (da miséria) pelo consumo", como se não se tratasse da necessária inserção desses indivíduos no mundo do capital, atendendo às suas necessidades, abrangendo um novo padrão de consumo: "*dinheiro no bolso do pobre: num novo milagre econômico, as pessoas mais pobres estão consumindo mais e o* ***fosso social ficou menor***".[1836] Ou seja, comprar quinquilharias resolveria o problema, e este ato é apresentado como o único fator de "distribuição de renda". Exalta-se o fato de que essas pessoas "*estão comprando coisas e gastando como nunca*",[1837] sendo que a "*mola importante para o salto do consumo foi o crédito*".[1838] Assim, se estabelece uma nova forma

---

1835 1,99 e todo mundo ganha. Veja. Adriana Carvalho e Denise Ramiro. 6/3/2002, p. 97. Um paralelo disso é a capa da revista Exame: COMO VENDER PARA POBRE: o que as grandes empresas estão fazendo para conquistar um mercado que consome 372 bilhões de reais por ano. 1/10/2003.
1836 Dinheiro no bolso do pobre. Veja. Antenor Nascimento. 18/12/1996.
1837 Idem, p. 49.
1838 Idem, p. 51.

de comportamento, em que o crédito é visto como necessário, atrelando o trabalhador ao capital financeiro, na forma de seu dependente. A inadimplência, os juros escorchantes, o desemprego e a impossibilidade de cumprir os pagamentos, não é discutida. Pelo contrário, ainda catalisa o ganho político: "*quem parcela em dois, três ou cinco anos não está esperando novo desaprumo econômico*".[1839] Para a revista, "o próprio mercado" sempre resolveria eventuais problemas. A própria inserção social e os padrões de liberdade e até "auto-estima" são, nessa visão, dados pelo mercado. Segundo a conclusão da revista,

> Quando o Brasil estancou a inflação e conseguiu mantê-la dominada por dois anos, sem precisar de congelamento de preço ou do purgativo da recessão, o cenário acendeu a atenção dos investidores estrangeiros. Ao se descobrir que essa estabilidade monetária era acompanhada de sinais de expansão econômica, as multinacionais começaram a desembarcar aqui em cascata. (...) O Brasil, de lugar de esquecido pelo dinheiro internacional, passou a ser o receptor significativo de dólares. Já é o país em que a indústria automobilística internacional está colocando mais dinheiro em todo o mundo. A expansão do consumo nas classes mais pobres é outro sinal promissor de que as coisas estão andando para o **lado certo**. Juntando tudo isso, dá para imaginar que **o Brasil já colocou o primeiro sapato no vestíbulo de um novo ciclo de crescimento econômico**. A mudança na renda é uma das setas que apontam para essa direção.[1840]

Assim, a revista justifica qualquer medida econômica, e política voltada para a abertura mercantil irrestrita e para a financeirização.[1841] Essa defesa do modelo econômico e a criação de um comportamento adequado a ele foi construída ao longo dos anos na revista, como mostra a reportagem de 1997 "*até que não vai mal: pesquisa mostra quem é e como está vivendo a classe média brasileira*".[1842] Segundo a reportagem, existe mesmo um senso comum sobre essa camada social:

> Quando se fala em classe média brasileira, as opiniões costumam ser definitivas: ela é politicamente reacionária, conservadora em matéria de valores morais e vive em estado de eterna insatisfação. A realidade, como de costume, é muito mais

---

1839 Idem. Entre os novos produtos consumidos estão também revistas, como a Ana Maria, da editora Azul (associada Abril). A revista busca o público nas empregadas domésticas que seriam capazes de gastar R$1,50 por semana para conhecer o mundo do espetáculo. (Idem, p. 55.)
1840 Idem, p. 55. Grifos meus.
1841 "O crescimento como tal deve se tornar um valor em si mesmo (mais que isso, o paradigma de valor), sem examinar a natureza do crescimento proposto na situação dada e, muito menos, suas implicações humanas a longo prazo". Meszaros. Op. cit., p. 658.
1842 Até que não vai mal. Veja. Glenda Mezarobba. 22/10/1997, p. 74.

> matizada, conforme indicam os resultados de uma pesquisa encomendada por Veja ao Instituto Vox Populi, de Belo Horizonte.[1843]

Ou seja, mais uma vez, a revista encomenda uma pesquisa que, além de servir para a sua matéria, tem um sentido claro de pesquisar qual o seu público leitor, e especialmente seus níveis de consumo, como vai ficando explícito nas "matizes" que a reportagem explora. Há, inclusive, uma tabela que permite ao leitor conferir "*a que classe você pertence*", onde os fatores que importam são os bens de consumo e o grau de instrução do "chefe da casa". O tema tem relevância porque "*todos os países que alcançaram alto grau de desenvolvimento econômico e humano têm o grosso de seus habitantes situado na classe média*".[1844] E mais que isso, "*ele é o grande público da mídia e também o eleitorado que tem de ser mais diretamente trabalhado e mobilizado pelos políticos*". A ligação é explicitada pela própria revista, resumida na repetição de um grande otimismo:

> Assim se compreende que como a classe média é exatamente igual aos outros segmentos e pensa com o bolso, e quando o bolso está recheado as mazelas sociais ficam em segundo plano, este estado de espírito positivo pode ser creditado ao fim da inflação galopante, conquista mais expressiva do Plano Real. Não é a toa que o presidente Fernando Henrique Cardoso é um dos brasileiros mais admirados pelas pessoas ouvidas na pesquisa, rivalizando com Pelé.[1845]

O mais importante nessa pesquisa, segundo a revista, seria que aponta para "*uma conexão entre a renda, o nível de escolaridade e o tipo de ocupação do público pesquisado*",[1846] citando um professor da USP: "*a ocupação tem uma correlação importante com os* ***valores da pessoa****, e estes acabam determinando o seu consumo*", e compara "*um metalúrgico com um médico. Eles podem até ter a mesma renda, mas certamente têm* ***estilo de vida*** *completamente diferentes. Ou seja, de um ângulo eminentemente sociológico, pertenceriam a classes distintas*".[1847] O que a revista quer ressaltar é a existência de novos "estilos de vida", sobre os quais ela própria (afinal, foi quem encomendou a pesquisa), a publicidade, e os políticos, devem planejar suas intervenções. E para complementar o fundamento econômico e político desse "novo comportamento", citam-se os medos dessa

---

1843 Idem.
1844 Idem, p. 75.
1845 Idem, p. 74.
1846 Idem, p. 76.
1847 Idem. Grifos meus.

"nova classe": "*a protagonista do pesadelo de 70% dos entrevistados é a aposentadoria minguada*".[1848] A revista capta a angústia – legítima – e a transforma em mercado, apontando mais uma vez, para a necessidade de planos privados de aposentadoria, pois: "*o futuro – historicamente, não há segmento mais preocupado com ele do que a classe média*". A isso se soma a preocupação com a educação, que aparece como panacéia de todos os problemas sociais, bem como o emprego, citado sem maiores destaques. A conclusão, após apresentar dados sobre comportamento,[1849] é que

> 'O resultado está de acordo com o padrão neoconservador americano, que é favorável a maior liberdade no que se refere às opções individuais, mas contrário a mudanças nas regras patrimoniais'. A **classe média continua em marcha com a família**, mas já discorda dos representantes majoritários de Deus. N´Ele, no entanto, 98% de seus integrantes acreditam.[1850]

Portanto, se no início da matéria foi avisado que "há matizes", mas o que devia ficar marcado está no parágrafo final, que mostra uma classe média "sempre alerta", em contínua "marcha pela família", lembrando mais uma vez a sua responsabilidade de classe acima de qualquer coisa. Consolida-se uma classe aberta a um novo estilo de vida, ao qual "qualquer um" pode alcançar, ou pelo menos almejar. E como conseqüência, devem também partilhar uma visão de mundo, reiteradamente conservadora.

8.4.5 Saúde, questão sexual e os novos somas

A saúde, como um todo, tem um peso relevante para a revista e, via de regra, é tratada com o sentido amplo da espetacularização, das grandes descobertas científicas ou de remédios, dos avanços da genética, das dietas e gordura, das drogas.[1851]

A definição dos novos padrões de comportamento se desdobra em vários outros elementos, sempre objetivando a manutenção da ordem social. O controle sexual tem sido uma peça chave no controle do trabalho no sistema do capital. No contexto estudado por Gramsci,

---

1848 Idem, p. 77.
1849 Tais como o medo das drogas, que "ganham até da repulsa às invasões de terra promovidas pelo MST, condenadas por 75% dos entrevistados e apoiadas por 21%"; do aborto e da união homossexual.
1850 Idem. Grifos meus. A frase entre aspas é atribuída a Luis Felipe Alencastro.
1851 Um levantamento das capas de Veja sobre as vezes em que o tema da saúde, genericamente falando, foi tratado apresenta os seguintes dados: Doenças, 20; Genética / idade, 9; Dieta, 5; Remédios, 5; drogas, 5; Vaidade / beleza, 6; Remédio de dieta, 3; Medicina, 3; Medicina alternativa, 1; Cirurgia plástica, 2; aborto, 1; plano de saúde, 2. Total: 61. (Não estão incluídas as questões sexuais, que são também relativas à saúde). Temos portanto, 8,54% das capas sobre o tema.

em que o padrão do trabalho era dado pelo mecanicismo fordista e pela racionalização taylorista ele observou que "*esses novos métodos exigem uma rígida disciplina dos instintos sexuais (do sistema nervoso), ou seja, um fortalecimento da 'família' em sentido amplo (não desta ou daquela forma do sistema familiar), de regulamentação e da estabilidade das relações sexuais*".[1852] Também Reich percebeu isso nas suas observações empíricas.[1853] Esses dois autores atentam para a relevância que o tema da sexualidade tem nas relações de trabalho e na organização social, o que não se modificou nos dias atuais, mesmo que com novos padrões de comportamento.

O sexo e a satisfação sexual trazem consigo também toda uma gama de novos produtos, da indústria farmacêutica e da medicina de uma forma mais ampla, por isso essas notícias abrangem também doenças "modernas" como o stress, ensinando a "conviver com ele". A questão da sexualidade e algumas de suas decorrências sociais foi pautada várias vezes, como mostra a tabela abaixo.

TABELA 5: A questão sexual nas capas de Veja

Data	Manchete
12/5/1993	O QUE É SER GAY NO BRASIL
4/8/1993	ELAS QUEREM MAIS SEXO E PRAZER
24/1/1996	A ANGÚSTIA DO MACHO. Inseguro diante da mulher, preocupado com a forma física e o desempenho sexual, o homem está acuado
23/10/1996	SEXO, TÉDIO E CASAMENTO
1/4/1998	A PÍLULA MILAGROSA. Foi aprovado o remédio que resolve até 80% da impotência sexual
6/1/1999	GUERRA DOS SEXOS. O que as mulheres não gostam nos homens e os homens detestam nas mulheres
24/2/1999	SEXO, DROGAS, COMIDA, CIGARRO E BEBIDA. A luta de milhões de brasileiros para se livrar da dependência
26/1/2000	SEXO. A HORA DE COMEÇAR. Como os pais estão lidando com a iniciação amorosa dos filhos adolescentes
16/2/200	GAYS: desafios
24/5/2000	SEXO DEPOIS DOS 40. vaidade, vida mais saudável e a medicina ajudam homens e mulheres na cama
21/3/2001	PESQUISA Exclusiva. O BRASILEIRO DIZ QUE É FELIZ NA CAMA. Mas debaixo dos lençóis... 47% não sentem vontade de fazer sexo; 30% das mulheres não têm orgasmos; 47% dos homens sofrem de algum grau de impotência; 57% têm ou tiveram ejaculação precoce; 25% dos casados traem a mulher.
30/5/2001	PRAZER. A VEZ DA MULHER. Ciência desvenda os problemas sexuais femininos e resolve muitos
22/8/2001	HOMEM. O super herói fragilizado. Estudos recentes mostram que a grande angústia masculina é enquadrar-se na imagem do macho: seguro, frio, corajoso, bem-sucedido, agressivo e provedor
13/2/2002	SUA IDADE SEXUAL. Novos remédios e tratamentos ajudam mulheres e homens a ter uma

1852 GRAMSCI, vl. 4. op. cit., p. 264.
1853 REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

	vida amorosa mais ativa, satisfatória e por mais tempo; um teste para saber se você está acima ou abaixo do padrão de desempenho de sua idade; pesquisa em catorze capitais mostra que os jovens estão sexualmente ainda mais precoces e ousados
5/6/2002	QUANTO TEMPO DURA A PAIXÃO. E O QUE FAZER QUANDO ELA ACABA. A ciência explica porque o encantamento dura pouco. Mas é possível manter o sexo, a cumplicidade e o afeto muito além da euforia dos primeiros tempos.
28/8/2002	EM BUSCA DO DESEJO. Falta de vontade é um problema sexual cada vez mais comum. Como a ciência e a terapia podem ajudar

Fonte: Capas de Veja sobre a "questão sexual"

A questão tem um peso relevante, mas não mais que as demais relacionadas à saúde. As capas apresentadas nesta tabela são a totalidade das que foram publicadas diretamente relativas ao tema.[1854] Ou seja, 16 capas, (2,24% de 715 capas). Portanto, é uma questão presente, mas não fundamental. Também não é com uma perspectiva socialmente totalizadora que a revista aborda a questão, e sim do ponto de vista da performance e do sucesso, portanto, homogeneizada a partir desses critérios. A sexualidade jamais é percebida como algo intrínseco ao ser humano e simultaneamente, social, portanto, essencial para a sua construção enquanto sujeito histórico, mas sim algo que permite uma performance e que pode ser controlada por drogas as mais diversas. A criação do Viagra, "a pílula milagrosa" contra a impotência masculina, mereceu uma capa da revista, onde não há qualquer contra-indicação ou alerta sobre os seus riscos. Parece que pesam mais os interesses da indústria farmacêutica.[1855] É impressionante como a sexualidade, sobretudo para pessoas acima de 35 anos, está condicionada a esta indústria. O tema "*prazer: a vez da mulher*", esteve na matéria de oito páginas, foi cuidadosamente editorada com fotografias em preto e branco de mulheres em poses sensuais. Trata-se de uma pesquisa realizada no Hospital das Clínicas de São Paulo "*e patrocinada pelo laboratório Pfizer*".[1856] A idéia central para ter "muito prazer", é: "*com terapias e drogas que aumentam o desejo e estimulam o orgasmo, a ciência avança no campo até recentemente inexplorado da satisfação sexual das mulheres*".[1857] O exemplo que pauta a reportagem é o sucesso da "pílula azul", que devolveu o "*brilho nos olhos*" dos homens. Mas, explica a revista, o problema da mulher é mais complexo, pois se trata de uma "*orquestra*

1854 Há casos que são correlatos, ou mesmo que a palavra sexo aparece na manchete, mas que não é o tema central, como a capa "sexo na Casa Branca", que trata de uma questão política.
1855 Outras pílulas são constantemente divulgadas, não apenas em reportagens de capa como: "Nova dose de prazer: droga de ação mais rápida que Viagra é a terceira geração de remédios para impotência". Veja. Karina Pastore. 19/4/2000, p. 84.
1856 Muito prazer. Veja. 30/5/2001. Thais Oyama. P. 102.
1857 Idem.

hormonal muito mais intrincada e flutuante que a masculina".[1858] Mesmo assim a solução é simples, basta confiar na ciência (leia-se indústria farmacêutica). É isso que indicam os remédios apresentados no quadro "***orgasmo em pílulas***".[1859] Essa reportagem se assemelha a outra, também de capa, em que a "ciência da mulher" já havia sido tratada pela revista. O tom foi mostrar que mulheres acima de 35 anos podem manter "aparência, vigor e saúde da juventude", mostrando vários modelos de mulheres que fizeram verdadeiras transformações em seus corpos.[1860] Essas seriam "*mulheres que se cuidam com as mais modernas técnicas da estética e recursos da medicina*".[1861] Portanto, é uma questão de "opção" de cada uma, pois a medicina coloca à disposição "de todos" esses avanços, que incluem prótese de silicone, lipoaspiração, plástica, retirada de bolsas de gorduras, peeling a laser, além é claro de drogas como Xenical e Reductil. Tudo ao alcance de "qualquer uma", e pelas páginas de *Veja*, "*sem contra-indicações*".[1862]

O tema não se restringe às mulheres. Em outra reportagem a revista pauta o "*sexo depois dos 40*". Ao final das sete páginas, iniciadas com fotografias de personagens de cinema famosos que "apesar de velhos", viveram romances, e seguidas com dicas de várias pessoas "reais", apresenta-se em um quadro o "***arsenal da meia-idade***":

> Para eles: Viagra, Uprima, Vasomax, Regitina e Herivyl combatem a disfunção erétil; Propecia e Rogaine previnem a calvície. Para elas: reposição de estrógeno, Eros, Ácido hialurônico. Para os dois: comprimidos de testoreterona, antidepressivos Prozac, Aropax e outras '**pílulas da felicidade'**. Xenical, emagrecedor de alta eficiência. Botox, injeção que paralisa músculos e elimina rugas; vitamina C e E; creme de ácido retinóico.[1863]

E no quadro, para completar, há a fotografia das drogas receitadas por *Veja*, como se bastasse procurar a felicidade em pílulas... Tudo parece muito eficiente, sem contra-indicações e garantido, como atestam os exemplos de pessoas felizes ilustradas na revista. Esse tema é inseparável da questão da aparência e da vaidade que traz a possibilidade de "transformação", como veremos a seguir. Fica já consolidado o peso dos "somas" diários, que, como o homem

---

1858 Idem, p. 104.
1859 Idem, p. 107. Grifos meus. No quadro são divulgados cinco drogas, com as respectivas fotografias.
1860 Na idade da beleza. Veja. Cristina Poles, Monica Gailewitch, Sandra Boccia. 8/3/2000, p. 80.
1861 Idem.
1862 Ao apresentar os "remédios para emagrecer", a revista diz que eles causam dependência química, mas ressalta: "aumenta a sensação de saciedade, sem os riscos das anfetaminas. O Xenical atua apenas no intestino, reduzindo em 30% o total de gordura ingerido". Idem, p. 87.
1863 Idem, p. 124. Grifos meus.

do "admirável mundo novo", deve usar, agora não apenas para não ter preocupações, mas também para tornar o seu corpo um permanente laboratório da indústria química.

8.4.6 O mundo é dos muito magros e capazes de "se transformar em outras pessoas"

A "indústria da vaidade" em *Veja*, está em complementação com o "mundo do espetáculo" e com a (falta de) "satisfação sexual". A aparência passa a ser o bem mais precioso pelo qual os indivíduos devem lutar. Qualquer coisa que seja feita para melhorá-la, é válida. O sentido disso, não é muito difícil de ser apreendido: consome tempo, dedicação, interesses, de uma quantidade enorme de pessoas que, enquanto se preocupam e dedicam, passam a filtrar sua visão de mundo a partir desses padrões. Em última análise, estão prontas para serem os novos homens e mulheres que a nova organização do trabalho (especialmente o seu lado gerenciador do capital) necessita. A tabela abaixo, montada a partir das capas sobre saúde,[1864] permite dimensionar a relevância do tema para a revista.

TABELA 4: O "corpo perfeito" nas capas de Veja

Data	Manchete	
21/1/1990	A VOLTA DA ALEGRIA DE COMER. A ciência derruba mitos sobre o açúcar, o sal e o colesterol.	Dieta / remédios
30/6/1993	VITAMINAS. O poder das superdoses	Vitaminas
21/12/1994	GORDURA. As novidades da medicina para ficar magro comendo bem	Dieta / remédios
5/7/1995	A BATALHA COMEÇA AOS 40. Hormônios, ginástica, cosméticos – como as mulheres estão enfrentando a menopausa	Menopausa / estética
23/8/1995	A CONSTRUÇÃO DA BELEZA. Como as novas técnicas de malhação, plástica e outros truques estéticos estão ajudando a mudar o corpo das pessoas	Ginástica
18/10/1995	OS SEGREDOS DA BOA FORMA. Numa avaliação de 30 esportes, o que eles podem fazer pelo seu corpo	Ginástica
27/11/1996	GORDURA TEM REMÉDIO. As novas drogas que combatem a obesidade	Remédios / gordura
8/1/1997	PRONTOS PARA O VERÃO. Como as novas técnicas de ginástica estão esculpindo os músculos nas academias	Ginástica
24/9/1997	O GOLPE NOS GORDOS. A condenação dos remédios para emagrecer. O que vem aí contra a gordura	Remédios
4/2/1998	O MEDO DA BALANÇA. Por que as pessoas se torturam tanto para emagrecer. A gordura não faz tão mal à saúde quanto parece	Dieta
21/10/1998	COMER SEM ENGORDAR!!!! Chegou a pílula que reduz em 30% a absorção de gorduras	Remédio
8/9/1999	A IDADE REAL. O teste que mostra sua verdadeira idade biológica; quantos anos você pode ganhar com mudanças de hábitos	Genética
19/4/2000	A GUERRA DAS DIETAS. O regime que proíbe carboidratos e libera o consumo de gordura provoca uma batalha entre os médicos	Dieta
17/1/2001	DE CARA NOVA. Com operações mais baratas, alternativas de conserto	Cirurgia plástica

1864 Ou seja, a partir dos dados antes apresentados de 61 capas sobre saúde.

	para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica	
13/9/2000	O LABORATÓRIO DO CORPO. As lições dos atletas sobre saúde cardíaca, peso, nutrição, longevidade e bem-estar	Ginástica
8/3/2000	A CIÊNCIA DA MULHER. Como as descobertas da medicina e da estética tornaram a maturidade uma fase exuberante na vida das mulheres	Genética
28/2/2001	DIETA SEM FOME. Contra a corrente da medicina tradicional, os regimes de baixos carboidratos estão de volta. Motivo? Funcionam	Dieta
28/11/2001	A CIÊNCIA DA BOA FORMA. Depois de anos de estudos sobre o efeito da ginástica, os especialistas ensinam como melhorar seu corpo em poucos meses	Ginástica
6/3/2002	OS EXAGEROS DA PLÁSTICA. Os avanços da cirurgia estética são incríveis, mas é preciso evitar excessos	Cirurgia plástica

Fonte: Capas de Veja sobre a "indústria da beleza"

Não se trata, nessas matérias, de um bem estar coletivo, ou de uma compreensão ampla da saúde. O que está em questão é a imposição de um padrão de aparência que traduz uma inserção social. O fracasso é sintetizado nos "gordos" e sua vergonha da balança, o que é também um fator gerador de medo (de engordar, de envelhecer, de ter celulite...). Qualquer forma de intervenção é vista como sempre positiva, somente se deve cuidar os "exageros", mas a plástica é bem vinda, pois permite a "transformação".[1865] O "não há alternativas" da vida social, como o feitiço, vira-se contra o feiticeiro – é preciso transformar, a qualquer custo, o corpo. As razões sociais – da obesidade e da anorexia, por exemplo, - do enrijecimento dos corpos, não interessa à *Veja*. Em contrapartida, estimula a culpa singular pelas distâncias entre os corpos reais e os dos manequins produzidos pelas câmaras para pôr à venda uma tecnologia da adaptação do corpo a um novo molde.

Os remédios, afinal, não fazem "tanto mal",[1866] e são divulgados pela revista em matérias que mais parecem material de propaganda dos laboratórios que fabricam essas

---

1865 Em período que foge a essa análise foram publicadas reportagens de capa como: "O MILAGRE DA TRANSFORMAÇÃO. Plásticas em grande escala realizam o sonho de **virar 'outra pessoa'**.". Veja. Capa. 14/7/2004. Grifos meus.

1866 Também o Redux foi divulgado quando do seu lançamento, com reportagem de capa: "**Gordura tem remédio**: depois da era das bruxarias, um medicamento assume o posto de maior aliado do gordo na hora da dieta". A matéria traz os indefectíveis exemplos de pessoas que o usaram e "mudaram de vida".Um infográfico "explica" em números: "O risco das drogas: o risco de alguém morrer vitimado por hipertensão pulmonar, uma reação adversa associada à dexfenfluramina, a droga ativa do Redux e de outros inibidores do apetite é de **18 chances por milhão**. Compare as chances de: uma pessoa qualquer morrer de PPH mesmo sem estar tomando drogas para emagrecer: **2 por milhão**. De morrer atingido por um raio: **1 em milhão**. De acertar na Sena: **1 em 16 milhões**". Então, parece ser um "negócio seguro", pois os riscos se equivalem às chances de ganhar na loteria... Gordura tem remédio. Veja. Eurípedes Alcântara, 27/11/1996, p. 75.

drogas.[1867] São insignificantes ou mesmo inexistentes as reportagens sobre problemas como bulimia, anorexia, cirurgias plásticas que não deram certo, o que só é feito quando envolve alguma pessoa famosa.[1868] Além disso, esse tema se estende a outras atividades para "manter a forma", como mostra a trajetória da reportagem de capa que dá "*a ciência da boa forma*":

> Se você está sozinho no quarto, fique à vontade e vá para a frente do espelho. **Esta é a hora da verdade**. Muito provavelmente **você não está contente com o que vê**. Os pneuzinhos nos flancos, o abdome flácido, os braços finos, as pernas rechonchudas – nada disso combina com a imagem que gostaria de ter e desfilar na praia ou na piscina. Mas não desanime. **Dá para melhorar bastante seu corpo** se você se dispuser a malhar imediatamente.[1869]

Há uma interpelação direta do indivíduo que lê a revista, que deve agir imediatamente. Primeiro, se observando e percebendo que "não está contente com o que vê", essa é "a verdade". É, portanto, um problema de imagem. A descrição é desanimadora, e "não combina com a imagem" que se quer. Mas não se trata de uma questão simples, pois é a imagem que vai "desfilar". Assim como modelos fotográficas, o leitor deve querer se expor, estar na passarela, pois esse é um mundo em que o mais importante é "ser visto". Mas, enfim, não deve desanimar, desde que esteja disposto a seguir a "receita" que a revista desenvolve nas páginas seguintes. Ao encerrar, diante dos riscos de desânimo com tantas dificuldades, exercícios, academia, esteira, restrição alimentar, *Veja* dá uma dica certeira: "*se você* ***competir consigo mesmo*** *na ginástica, tudo fica mais fácil. Crie objetivos a ser superados. E não fique com vergonha de avaliar os resultados ao espelho. É o tipo de narcisismo estimulante*".[1870] Assim, basta trazer os ensinamentos do mundo empresarial, e ter aqui também objetivos a serem superados. A competição é introjetada como necessária para a "vitória". O emprego da metáfora do espelho ("*Veja*!"), que permite "ver o espetáculo", avaliar os resultados, isola o indivíduo diante de si próprio, narcísico e impotente. Define-o como um ser competitivo, que

---

1867 O lançamento da droga Xenical também ganhou a capa da revista, que usou fotos de celebridades com dificuldade para se manter magras como modelo. "A pílula que faz a dieta: aprovado pelo Ministério da Saúde um remédio para emagrecer sem os efeitos colaterais dos antigos". Veja. Glenda Mezarobba e Fernando Luna. 21/10/1998, p. 112.

1868 O caso da lipoaspiração de Claudia Liz que levou a modelo ao coma cerebral é o mais conhecido. Esse é um exemplo de como a cobertura no campo da medicina é irresponsável. Veja atribuiu à clínica que fez a cirurgia falta de cuidado, culpando-a pelo ocorrido. Segundo investigou Nassif, nada disso se confirmou, e serviu apenas para promover a figura de um determinado médico. NASSIF, Luis. O jornalismo dos anos 90. São Paulo, Futura, 2003. p. 143 – 153.

1869 Receita para entrar em forma rápido. Veja. Anna Paula Buchalla. 28/11/2001, p. 126. Grifos meus.

1870 Idem, p. 132. Grifos meus.

depende como a propaganda de uma imagem a exibir e, com isso substitui a "liberdade" de ser pela escravidão do "parecer".

A revista "empurra" esses temas para o leitor, procura obrigá-lo a fazer algo. Afinal "você não está contente com o que vê". Além disso, a transformação do corpo em si é uma espécie de mercadoria, na medida em que ele pode ou não possibilitar a ascensão a lugares sociais. Como os demais temas deste capítulo, não é apenas nas capas, aqui destacadas, que esses temas aparecem, mas também em pequenas matérias, em algumas entrevistas e nos "exemplos" dos artistas. Mesmo que haja alguma indicação para "evitar excessos",[1871] ao lado estão os inúmeros exemplos de modelos e artistas magérrimas que fazem o maior "sucesso", ou de artistas "gordinhas" que fizeram uma dieta qualquer e agora "estão muito mais felizes".[1872] Também são exemplos, o tempo todo, aqueles que são os verdadeiros modelos.[1873]

Há uma imposição de uma determinada estética, tida como indispensável para que se alcance o sucesso: seja profissional (como se vestir para uma entrevista), seja amoroso, seja de aceitação social, ao que se submetem todos os níveis da aparência da moda, mesmo que seja da cor do cabelo[1874] ou da pele.[1875] Tudo em perfeita consonância com os "novos padrões" de organização social: famílias menores, divórcios popularizados, pessoas que "se informam" com as novas tecnologias, trabalhadores que precisam se adaptar à nova realidade, que *Veja*

1871 Como no caso da reportagem de capa "OS EXAGEROS DA PLÁSTICA. Os avanços da cirurgia estética são incríveis, mas é preciso evitar excessos". 6/3/2002. Mas essa preocupação está dada pelo risco de que o remendo fique pior que o original que se quis modificar. O exemplo citado é sempre o do cantor Michael Jackson.

1872 A seção Gente da revista é riquíssima nesse sentido. São duas páginas de fofocas e de divulgação de atos das "celebridades". Da mesma forma, a seção Veja essa, publica "frases da semana" e vem sendo acompanhada sempre em cada uma de suas páginas com uma frase de alguma mulher / célebre, com poucas roupas, de biquíni ou mesmo semi-nuas e sempre com "corpos perfeitos".

1873 Um exemplo: a reportagem da "receita para entrar em forma" é precedida de das duas paginas da seção Gente. Nela há uma fotografia de Gisele Bundchen nua sob lençóis brancos. E ao lado, uma fotografia foca de baixo para cima Luana Piovani dançando de saia curta, e ainda Ivete Sangalo e Vera Fischer de vestidos justos e curtos. Ou seja, as modelos "reais" são reafirmadas para inferiorizar o leitor. Veja. Gente. 28/11/2001, p. 124.

1874 Como mostra a reportagem: "O padrão nórdico: no país que já pertenceu às morenas, a loirice virou um estilo, um **jeito de vencer na vida**". Nas duas páginas há fotografias de nove mulheres que "venceram na vida" e são loiras ("oxigenadas"), todas vestidas de preto: Adriane Galisteu, Carla Perez, Eliana, Jackeline, Angélica, Ana Maria Braga, Hebe Camargo, Xuxa e Cléo. Veja. O padrão nórdico. 7/6/2000, p. 96 e 97. Grifos meus.

1875 Em Veja o preconceito racial também é reduzido a uma questão de "sucesso" e consumo, como indica as capas: "DO PRECONCEITO AO SUCESSO: quem venceu e **chegou lá**". Capa. Veja. 24/6/1998. Grifos meus. Ou seja, o objetivo dessas pessoas seria o sucesso, ele seria definidor de identidade e essa a forma de afirmação social. O tema é também abordado de forma mais diretamente econômica, ou seja, do potencial consumidor dessas pessoas: "CLASSE MÉDIA NEGRA: advogados, professores, médicos, vendedores, empresários. Já são 8 milhões e **movimentam 50 bilhões de reais por ano**". Capa. Veja. 18/8/1999. Grifos meus.

está ajudando a c=riar. O aspecto de "enformar-se /amoldar-se" está plenamente caracterizado na proposta da revista com relação a este tema.

8.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

As discussões realizadas neste capítulo remetem ao cerne do papel que a editora Abril e a revista *Veja* têm desempenhado na história recente nacional. O mundo "do espetáculo", a "cultura da mídia", o *branding*, são as formas contemporâneas de forjamento da contra-reforma intelectual e moral necessária às transformações do sistema de reprodução do sistema do capital.

Mais uma vez estamos diante de uma ação enquanto sujeito histórico e político. Não é uma ação isolada, e sim, em consonância com um sistema que envolve a imprensa, a indústria cultural, a publicidade e as grandes corporações de forma indissolúvel. Assim como foi visto nos primórdios da Editora Abril, em que o surgimento das revistas atendiam ao contexto de implantação das multinacionais, nos anos 1990 essas revistas se adequaram às novas realidades das mega-empresas. Atuaram na construção das marcas e de novos padrões de consumo, trazendo consigo sempre uma visão de mundo política, moral e intelectual.

Mas essa ação, embora tenha elementos que lembrem uma prática totalitária, não se reduz a isso. Ela sempre encontra resistências. Não apenas nos movimentos sociais que se organizam, em grupos que se conscientizam e realizam boicotes, ou em pessoas que simplesmente não lêem esses veículos. A resistência maior tem sido a da própria realidade, que diferentemente do que *Veja* quer mostrar, não é harmônica e não traz condições para todos, nem mesmo para os "mais capazes". Por mais que o discurso dessa "imprensa" busque ser arrasador e incontestável, ele tem em si as contradições do capital. Faz parte das funções de *Veja* da luta de classes mostrar a realidade dessa forma "cor de rosa".

Não se trata de uma relação maniqueísta em que a revista manipularia seus leitores. Pelo contrário, trata-se de fazer com isso faça sentido para cada um e seja introjetado como modelo de comportamento cotidiano. São lições pedagógicas que visam amarrar aqueles que estão no topo do processo produtivos: os gerentes, os proprietários, os que organizam e dão as ordens. Eles precisam aprender que esse *mundo admirável* criado por *Veja* é *indispensável* para o bom andamento de seus negócios e de seus lucros.

CAPÍTULO 9
PARA VEJA NÃO PODE HAVER ALTERNATIVA

O objetivo desse capítulo é discutir as formas pelas quais *Veja* dissemina a ideologia neoliberal de que "não há alternativas" com relação àquelas que seriam alternativas concretas: as esquerdas, os movimentos sociais e de contestação. Ao contrário do que diz o discurso sobre o qual está tentando criar senso comum, não é para o trabalho, mas para o capital que de fato não há alternativas a não ser o aprofundamento das condições de exploração que garantam sua reprodução e acumulação. Em momento algum os movimentos de contestação, rebeldia, indignação, deixaram de estar presentes na história recente. Justamente por tentar alcançar o controle sobre os trabalhadores, a batalha neoliberal se deu também no campo dos sentidos, buscando com isso apresentar como uma terra-arrasada o que existia antes de si.

Veja teve papel essencial, enquanto porta-voz da nova ordem internacional neoliberal (e na nova visão de mundo e contra-reforma moral e intelectual), como nos parece ter ficado claro ao longo da tese. No capítulo anterior vimos a força que forjar um novo "estilo de vida" teve nesse processo. Aqui analisaremos as contradições que jamais podem ser eliminadas no sistema do capital. Por isso seus apologistas travam uma batalha ideológica, para se colocarem como portadores da verdade, não apenas do projeto que defendem, mas também do de seus adversários.

Seguindo preceitos propagandísticos, *Veja* quer convencer de que a única liberdade possível é a oferecida pelas mercadorias, portanto, a liberdade de comprar, de escolher os produtos e serviços. Dizer que não há alternativas é dizer que não se tem liberdade, portanto, trata-se de uma prática totalitária da revista. Esta prática se completa com a repetição infinita

dos mesmos bordões, das mesmas expressões e idéias, que sempre aparecem como únicas e corretas.

A forma mais imediata de destruir seus adversários é dizer que não há alternativas, que o comunismo morreu, etc. Se ao longo do século XX o comunismo era apresentado como um erro grave ou uma ilusão, agora nem mais isso se lhe permitia, mas seu espectro persiste... Incontáveis vezes *Veja* precisou decretar a sua morte, fim, falência. A TINA (*There is no alternative*, frase consolidada por Margareth Thatcher), apresentou-se, mais uma vez, como o fim sonhado por *Veja*. Um aspecto importante da argumentação dessa tese é a desconstrução da esquerda brasileira, da figura de Lula, do PT e das esquerdas latino-americanas em geral. Não é apenas no campo das idéias que esse discurso quer mostrar que não existem alternativas, mas também no mundo concreto. Por isso, todo e qualquer movimento social contestador tem que ser raivosamente atacado: a ação de religiosos militantes, a ação do MST, as lutas sociais latino-americanas, e por fim, o mundo da militância social. Esta última será posteriormente "revertida" e recuperada na filantropização.

Ao longo da década de 1990 ocorreram inúmeras atividades de contestação ao capitalismo em todo o planeta. Elas foram mais ou menos conscientes da relação entre os problemas específicos e o sistema como um todo. E foram mais ou menos propositivas ou mais ou menos radicais, com maior ou menor clareza de que para resolvê-las o próprio sistema teria que ser destruído. Indubitavelmente, foram movimentos que cresceram e sobre eles o capital e a mídia se abateram: para desqualificá-los, para cooptá-los, para reprimi-los. Há um acúmulo imenso de grupos, propostas, organizações, espalhados pelo planeta, que fizeram parte do que a mídia batizou de "anti-globalização". O central para *Veja* é manter a idéia de que "não há alternativas", especialmente com relação ao espírito de contestação. Por isso, por exemplo, 1968 deve ser cristalizado, congelado na memória, guardando consigo os "rompantes de juventude" e a rebeldia. Sobre esses dilemas fundamentais, que foram em vários momentos tangenciados ao longo da tese, tratará esse capítulo. Buscaremos agora em *Veja* a dimensão mais explícita da luta de classes ao longo dos anos 1990.

9. 1 UMA ALTERNATIVA PARA *VEJA*: "TERCEIRA VIA"

A principal linha política destacada nesse contexto por *Veja* é a chamada Terceira Via, que não passa de uma nova roupagem para a implantação das medidas neoliberais, utilizando-se para isso uma vaga justificativa social.[1876] Essa linha foi o referencial para negar a possibilidade de um projeto de esquerda. E serviu também para dizer que o projeto em curso teria cunho esquerdista. Por isso há uma associação direta entre a vaga idéia de terceira via, que não se constitui enquanto um projeto concreto, e a revista, que por sua vez associa o presidente FHC a esta idéia. O Fórum Nacional, por sua vez, também se referia à essa vaga programática para justificar sua preocupação "social".

Ou seja, a revista dizia que as esquerdas não existiam mais ou que estavam deslegitimadas (arcaicas), portanto caberia à nova leva de "políticos sociais" esse espaço (os modernos). Se gestava a construção de uma "esquerda" comportada e moderna a chamada Terceira Via. Embora seja vista como uma nova visão e proposta política, nada mais é do que uma face a mais do neoliberalismo, não se constituindo em projeto distinto, a não ser em termos de discurso, que diz existir uma vaga justificativa social.[1877] *Veja* abriu espaço para essa proposta ao debater a "globalização", sempre que possível associando Fernando Henrique Cardoso a ela. Se as esquerdas não existiam mais ou estavam deslegitimadas - como insistia a revista - caberia à nova leva de "políticos sociais" ocupar esse espaço, e isso seria demonstração de serem "modernos". São freqüentes as referências e elogios ao que seria essa "via", e a associação, pela própria revista, de sua proposta com o neoliberalismo.

Em matéria de capa, *Veja* anunciou o fim do governo da Primeira Ministra Britânica Margareth Thatcher: "*a queda da guerreira: acaba o reinado de onze anos que mudou a Inglaterra e mexeu com as idéias do mundo*".[1878] A sua ação era apresentada como "*uma revolução que se espalhou pelo mundo*", na qual "*acabou-se uma era na qual, guiada pela*

1876 A vitória do "menino do futuro", Tony Blair, expressava um abandono do passado trabalhista-reformista, "era preciso buscar, no interior da 'esquerda' as condições de continuidade da política (em sentido amplo) vigente na fase do neoliberalismo". ANTUNES, Ricardo. A "terceira Via" de "Tory" Blair: a outra face do neoliberalismo inglês. Outubro, 1999, n.3, p. 38.

1877 A vitória do "menino do futuro", Tony Blair, expressava um abandono do passado trabalhista-reformista, "era preciso buscar, no interior da 'esquerda' as condições de continuidade da política (em sentido amplo) vigente na fase do neoliberalismo". ANTUNES, Ricardo. A "terceira Via" de "Tory" Blair: a outra face do neoliberalismo inglês. Outubro, 1999, n.3, p. 38.

1878 Manchete de capa, acompanhada de fotografia da ex-ministra. 28/11/1990.

convicção absoluta de que a ingerência do Estado na economia e na sociedade é o mal e o mérito individual é o bem".[1879] Eis o diagnóstico apresentado:

> Arrancou a Grã Bretanha a fórceps da decadência econômica, empunhou a bandeira liberal, cujo apelo **se espalhou pelo mundo inteiro**, e liderou uma **contra-revolução paradoxalmente revolucionária**. (...) Junto com Ronald Reagan, ela deu o tom conservador dos anos 80. E, mais que o ex-presidente americano, radicalizou na postura neoliberal: enfrentou e quebrou os sindicatos, foi à guerra contra a Argentina para garantir a posse das ridículas Ilhas Malvinas, **privatizou empresas e abalou os alicerces do Estado britânico provedor e perdulário**.[1880]

Além dessa definição, há algo a mais que se busca ressaltar: "a *'economia é o método, o objetivo é **mudar a alma'**, disse ela, para indicar a **revolução espiritual** que tinha em mente*".[1881] Portanto, a *mudança de mentalidade* apregoada pelo Fórum Nacional mais uma vez se colocava. Essas mudanças seriam fruto de uma verdade tão evidente, que independentemente de posicionamento ideológico se deveria concordar com ela:

> 'Ela sempre levantou as questões fundamentais. O que é a sociedade? Qual é a pertinência do papel do Estado? Qual é o papel do indivíduo? Qual a função do mercado? Era fantástico'. Encanta-se Martin Jacques, da *Marxism Today*. Para alguém de esquerda, era impossível não ter uma certa afinidade com a senhora Thatcher. Esse tipo de projeto de reforma de toda a sociedade normalmente pertence à esquerda.[1882]

Se sugere uma fusão entre conservadorismo thatcheriano e pensamento de esquerda, o qual se teria esgotado. Caberia ao projeto conservador encabeçar doravante as reformas, até então uma reivindicação da esquerda. Também por isso, *Veja* vê como injusta a reação do Partido Conservador contra Thatcher, e faz uma projeção

> Os inimigos só se sentiram com força suficiente para sair da retaguarda para apunhalar Thatcher depois que ela aniquilou, possivelmente para todo o sempre, a ideologia de seus adversários trabalhistas - ou, numa expressão que com certeza ela detestaria, uma vez cumprido seu "papel histórico". E Maggie jamais deixou dúvidas sobre qual era esse papel, a partir do momento em que assumiu o poder anunciando que iria 'matar o socialismo' – em sua versão britânica, uma mistura de Estado de bem-estar social sem recursos suficientes para pagar a conta com poder sindical levado ao paroxismo.[1883]

1879 A guerreira indomável sai de cena. Veja. 28/11/1990, p. 46.
1880 Idem, p. 47. Grifos meus.
1881 Idem, p. 48. grifos meus.
1882 Idem, p. 51.
1883 Idem, p. 50.

Ainda não estava resolvida, embora fosse planejada, a conversão do trabalhismo ao mesmo ideário conservador neoliberal, procurando se legitimar em torno de uma vaga idéia de "esquerda". Ao comentar as vitórias de Tony Blair, Gerhard Schroeder, Lionel Jospin e Massimo D'Alema nas eleições européias, conclui que a União Européia caiu "nas mãos da esquerda". Segundo a revista, porém, isso ocorreria sob novos valores, pois "*depois de impor suas idéias ao mundo, a esquerda européia adotou a política de resolver problemas*".[1884] Ao mesmo tempo em que se subentende que "o comunismo" não seria capaz disso, identificando um caminho novo para as esquerdas mundiais:

> Nenhum desses novos governos se encaixa no velho molde a esquerda européia. **Nenhum deles é ideológico**. Alguns deles são acusados de ter largado mão não só da ideologia como também dos princípios. Seus rivais conservadores alegremente apontam isso como evidência de que a direita conquistou a esquerda. Estão enganados. É evidente que a esquerda conquistou a direita.[1885]

Esse processo seria fruto de "*reações às modernas crises de identidade, de valor individual e de propósito na sociedade – mas são respostas insatisfatórias. Tais questões não são abertas à solução política, e quando trazidas à arena política, convidam respostas demagógicas ou absolutistas*". A separação entre a vida social e a política era estimulada, como se as opções nada tivessem a ver com as vidas singulares. A política deveria atentar apenas a questões do tipo: "*como vai continuar funcionando o estado de bem-estar social*", esclarecendo-se que isso "*não tem nada a ver com princípios*", o que leva a afirmar que "*a diversidade, o pragmatismo e a falta de ideologia da esquerda que está no poder na Europa Ocidental são qualidades positivas. Demonstram como* ***nos distanciamos do passado ruim***."[1886] Esse passado ruim, claro, seria qualquer expressão socialista.

O tema de uma "alternativa" é trazido na entrevista de Anthony Giddens, que o recupera – contra o lema thatcheriano do "*there is no alternative*" – porém forjando-o como continuidade. Ele explica quais seriam os objetivos da Terceira Via: "*a reforma do Estado, a revitalização da sociedade civil, a criação de fórmulas para o desenvolvimento sustentado, a preocupação com uma nova política internacional*", concluindo que é isso o que políticos

---

1884 Gente que faz. Veja. William Plaff. 11/11/1998, p. 70.
1885 Idem, p. 71. Grifos meus.
1886 Idem. Grifos meus.

como Blair, Jospin, Romano Prodi e "*por que não?, Fernando Henrique Cardoso*"[1887] estariam colocando em prática. Nessa visão, não se decreta a morte da esquerda, mas sim o fato de que ela assim como a direita tradicional "*não apresenta propostas viáveis*". Não é objetivo aqui discutir essa proposta, mas mostrar como será privilegiada por *Veja*, constituindo sua atuação *partidária*. Esta persiste, de forma ampla, defendendo o modelo neoliberal e a reforma do Estado; de modo mais direto, a reforma da previdência e as privatizações. Por isso, cita Giddens, enfatizando a importância da "*responsabilidade do indivíduo*":

> Até agora, só o lado negativo da previdência foi enfatizado: em caso de 'acidente', o Estado proporciona uma rede de segurança para o cidadão. Pensamos sempre em sujeitos passivos, aguardando sua pensão sob as asas do Estado. (...) Em vez de prover subsistência econômica, o Estado deve investir em capital humano sempre que possível. E, ao garantir direitos para o cidadão, deve fazer com que eles venham acompanhados de responsabilidades. A saúde, por exemplo, já não pode ser tratada como algo puramente passivo, sobre a qual a pessoa não tem nenhum controle: **sabemos o bastante a respeito da influência da alimentação ou do estilo de vida sobre nosso organismo para julgar que toda doença é um azar externo que se abateu sobre nós**.[1888]

Portanto, não haveria razões para um sistema público de saúde, o que é uma forma um pouco diferente de repetir o que já fora dito ao avaliar a miséria como uma "escolha" e a impropriedade do sistema de aposentadorias públicas. Também as questões ecológicas deveriam ser revistas, pois "a sociedade tecnológica é irreversível", sendo assim, "*de um ponto de vista filosófico - e digo isso sem nenhum cinismo -, temos de nos esforçar para ver a destruição da natureza sob um signo positivo*".[1889] Tendo esses preceitos neoliberais como pressupostos referenciais, quando são discutidas políticas globais a opção é dar como certa e incontestável a necessidade de acabar com "estado de bem estar social". No entanto, quando se discutem "questões sociais", a análise deixa de lado os aspectos estruturais. Assim, por exemplo, em reunião dos líderes da Terceira Via, ela é definida como uma "*busca de uma alternativa entre o liberalismo dos governos dos Estados Unidos e a social-democracia*":

1887 Há uma alternativa. Anthony Giddens. Veja. Entrevistado por Carlos Graieb. 30/9/1998. As credenciais apresentadas são que "Tony Blair, primeiro-ministro da Inglaterra, pode até não ser sociólogo, mas foi buscar entre os sociólogos o seu principal mentor". Ora, pode-se ler que, se Blair tinha um defeito - o de não ser sociólogo como FHC - estaria suprindo-o através de Giddens.
1888 Idem.
1889 Idem.

> A idéia é um sistema aberto aos ditames do livre mercado, mas com a preservação do Estado na compensação de injustiças e no socorro aos menos afortunados. Longe de ser uma ideologia bem definida (...) responde à necessidade de se chegar a alguns consensos diante das drásticas mudanças pelas quais o mundo passou nos últimos dez anos, que resultaram numa economia globalizada cujo poder não tem rival em nenhum governo isolado.[1890]

A própria notícia enuncia as contradições expostas pelos presidentes, como Bill Clinton falando em "*globalização com feições humanas*", ou Jospin falando em "*estatismo social-democrata*". Mas, para que não restem dúvidas, a revista pretende falar em nome de todos: "*até mesmo os esquerdistas mais empedernidos concedem em que o sistema de bem-estar social, apesar de todo o conforto que propiciou, hoje estimula a improdutividade, com a generosidade de suas aposentadorias e do auxílio desemprego*".[1891] Para reafirmar a inevitabilidade da solução, arremata dizendo que se alguém como o "charmoso" Tony Blair[1892] pode governar tranqüilamente, é só porque "*herdou um país com as contas em ordem, fruto do liberalismo quase draconiano da ex-primeira ministra Margareth Thatcher*". A síntese da solução seria que "*o equilíbrio das contas do Estado é precondição para a criação de empregos e que a educação é o motor do crescimento*".[1893] Nessa mesma edição, nas páginas amarelas o entrevistado foi James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial, que elogia "*a ênfase dada à educação*" por FHC e Paulo Renato, seu Ministro da Educação.[1894] Isso nos lembra a conclusão da revista a partir de Blair e Thatcher: "*a proposta de modernizar não apenas as instituições, mas também a atitude das pessoas em relação a suas responsabilidades sociais*".[1895]

Há a tentativa de definir o programa neoliberal como sendo "de esquerda", ao mesmo tempo reforçando a defesa do fim do estado de bem estar social. Isso é apresentado como

---

1890 Em busca do atalho. Veja. 1/12/1999, p. 56. Um dos objetivos da reportagem é elogiar a presença de Fernando Henrique Cardoso na reunião, que teria sido o único presidente a apresentar propostas "que persistiram depois do fim do encontro", como o controle do capital financeiro. Não há qualquer informação detalhando essa proposta.
1891 Idem, p. 57.
1892 Essa adjetivação com relação ao primeiro ministro britânico foi recorrente, chegando a titular duas reportagens diferentes, no mesmo ano: O charme do clone cor-de-rosa. Veja. Izalco Sardenberg. 7/5/1997, com o lide: "exausta após dezoito anos de conservadorismo, a Inglaterra coloca o moderado Tony Blair no governo", p. 40-42; O charme do reformista radical. Veja. Izalco Sardenberg. 8/10/1997, com o lide: "exibindo imagem e idéias de político pós-moderno, o primeiro-ministro Tony Blair bate recorde de popularidade na Inglaterra e inicia a reforma do estado do bem-estar social", p. 40-41.
1893 Em busca do atalho, p. 56.
1894 A vez dos pobres. James Wolfensohn. Veja. Entrevistado por Alexandre Mansur. 1/12/1999, p. 12.
1895 O charme do reformista, p. 41.

única possibilidade, sendo um "melhoramento" de todas as experiências históricas existentes, o que é expresso em "*a esquerda conquistou a direita*". Em outro momento a revista reitera: "*social é o ajuste: teses sociais fazem sucesso na viagem de FHC à Europa, mas o equilíbrio fiscal é a melhor forma de distribuição de renda*".[1896] O eixo da matéria, além de elogiar o presidente brasileiro, mostrando fotografias animadas com os grandes líderes mundiais ("*sempre à vontade entre os grandes do mundo*"[1897]), é rebater a tese de que todos os problemas são culpa "*desse neoliberalismo que está aí*". E explica "*algumas razões pelas quais o neoliberalismo é prática desconhecida no Brasil*". Dentre as justificativas, por exemplo: "*é anedótico falar em neoliberalismo num país cuja moeda não tem conversabilidade e todas as remessas para o exterior são mediadas pelo Banco Central. O neoliberalismo exige liberdade total de pagamentos internos e externos com moeda local forte e conversível*".[1898] A revista, em sua defesa do neoliberalismo, assinala o horizonte de seu programa ao Brasil, mas além disso, toma-o como um bloco homogêneo e não o apresenta como uma forma de gerenciamento do capital que se adapta às realidades locais. Para ela, o que importa é refutar os rótulos que a desagradam, inclusive criticando o "discurso da Terceira Via", que "*lidam com slogans de indiscutível apelo eleitoral. Criticam o 'capitalismo selvagem, neoliberal e globalizante'. Afinal,* ***existe alguém por aí favorável ao capitalismo selvagem***?".[1899] A idéia que acabaria prevalecendo é a expressa por Roberto Campos, que mostra que não há uma filiação à esta via que não se constitui enquanto um partido (organizador, formulador, sistemático), mas seu discurso serviria como "confortável slogan": "*não representam receitas operacionais, mas seriam úteis no sentido de conter a hubris dos partidários do mercado e aliviar os estatólatras*".[1900] Isso porque, no mundo atual "*é surpreendentemente estreita, numa economia globalizada, a margem de manobra dos estadistas no exercício concreto do governo, tendo de curvar-se aos reclamos políticos sem desrespeitar a eficiência do mercado. Em maior ou menor grau, todos* ***são obrigados*** *a praticar a vetusta política do violino: "segurar com esquerda e tocar com a direita*".[1901]

1896 Social é o ajuste. Veja. 14/6/2000, p. 40.
1897 Idem, p. 41.
1898 Idem, p. 40.
1899 Idem, p. 41.
1900 A terceira via. Roberto Campos. Veja. 10/6/1998, p. 21.
1901 Idem. Grifos meus.

Essa definição de uma proposta "alternativa" que defende que "não há alternativa" esteve presente ao longo dos principais embates políticos travados por *Veja* ao longo do período de análise. Essas matérias, que se referem diretamente à alternativa neoliberal não são, entretanto, o principal mecanismo de construção de consenso em torno dela. A hegemonia deste projeto foi sendo cotidianamente construída, em conjunto com a sociedade política e civil em seus embates concretos, como nos mostraram os capítulos anteriores. Não é apenas em textos de caráter doutrinário que se busca convencer sobre esta alternativa.

Veja teve também uma ação concreta, visando desconstituir, deslegitimar, desorganizar, se colocar no lugar daqueles partidos de trabalhadores, formais ou não. Por isso, o anticomunismo perseguiu sendo um filtro sempre presente. As associações com algo externo, que teria o respaldo de "dar certo" no "primeiro mundo" visavam também permitir que a própria revista se colocasse como alternativa, ao menos em termos de formulação de visão de mundo para os movimentos sociais, sobretudo seus simpatizantes, talvez possíveis leitores da revista.

9. 2 NEGAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS: NOVA FACE DO ANTICOMUNISMO

A desqualificação das alternativas ao capitalismo é parte indissociável de todo o projeto político e econômico apoiado pelo Grupo Abril. As tentativas de descaracterizar a existência de alternativas são muitas, e usam estratégias mais diversas. Justamente por saber que a realidade não é como descreve e repete à exaustão, e conhecer a existência de alternativas, *Veja* atua também no sentido de deslegitimar alternativas. a começar por o que possa ser vinculado ao comunismo, que persiste como uma hipérbole: se não existisse, seria necessário inventá-lo...

Diante disso, utiliza-se de dois recursos práticos: no primeiro, a reiteração, por vários caminhos de que "não há alternativa"; no segundo, o combate no plano das idéias, visando uma ação política em torno da suposta falência do comunismo e tudo que a ele se vincula.

9.2.1 Mais do mesmo: "não há alternativa"...

No capítulo seis mostramos que para *Veja*, o capitalismo "*está no sangue da humanidade*". A partir disso, construiu justificação para suas intervenções gerenciando o capital, as empresas, o lucro, a reestruturação produtiva. No capítulo sete, vimos que a ideologia do fim da guerra fria ajudou a legitimar o papel dos Estados Unidos como gendarme mundial, contribuindo para a consolidação ou modificação de sentido dos novos agentes de dominação: a OTAN, a ONU, o FMI, o Banco Mundial. Para *Veja*, o fim da Guerra Fria teria levado ao fim das ideologias, consolidando o fato de que não há alternativas. Corolário disso seria o fim das esquerdas, que teriam sido enterradas junto com o comunismo. A revista arroga-se então o direito de dizer o que é a esquerda, o seu projeto, e os seus limites, insistindo sempre para sua falência. Há um embaralhamento que visa confundir, constituindo um amálgama confuso em torno de idéias centrais para ação política, especialmente no campo da esquerda: o socialismo, o comunismo, o marxismo. Não contentes em expor sua visão como a única possível, os editores de *Veja* buscam no campo do inimigo os elementos para legitimar seu programa neoliberal.

A construção de um projeto de hegemonia necessita fundar uma interpretação da História, e nesse caso, da História mundial. Com esse intuito se constroem versões sobre o que representaria o "fim da Guerra Fria", enunciando o próprio "fim da História". Talvez o nome mais conhecido nesse aspecto tenha sido o de Francis Fukuyama, e a sua entrevista às páginas amarelas contribuiu para a disseminação de sua propaganda.[1902] Ele não foi porém o único, sendo sistemática a presença de formuladores desse projeto, o que permitiu à *Veja* costurar uma unidade ideológica a ser servida a seus leitores. A exemplo da grande imprensa mundial, repete incansavelmente que "*não há alternativa*".[1903] Essa mesma idéia é expressa por João Paulo dos Reis Velloso: "*há um certo equívoco de algumas forças de oposição ao ficarem*

1902 **Rumo à nova ordem.** Veja. 27/2/1991. Francis Fukuyama, entrevistado por Flavia Sekles. A apresentação da revista: **"**Virou assunto de coquetéis, e vários litros de tinta foram gastos em jornais e revistas do mundo inteiro para reproduzir, aplaudir e, principalmente, criticar o intelectual."

1903 Meszaros diz que, aumentado as contradições entre capital e trabalho, a conseqüência é o reforço do imperativo do funcionamento do sistema, diminuindo suas margens, "por isso a máxima de que NÃO HÁ ALTERNATIVAS se torna axioma, indiscutível do sistema do capital, pelo mundo afora". MÉSZAROS, I. P. 217.

atrás de um modelo alternativo. ***Não existe um modelo alternativo***".[1904] Ao mesmo tempo, amarra isso com um compromisso político, ao discutir o problema do desemprego, que diz ser apenas conjuntural e que "*a melhor forma de reduzir o impacto da reestruturação sobre o emprego é flexibilizando as relações de trabalho*", apresentando portanto o desemprego como "uma conquista dos trabalhadores". Para fundir isso, avalia: "*É uma situação que lembra a emergência da primeira Revolução Industrial,* ***quando Marx dizia que tudo que era sólido se dissolvia no ar****. Tudo está sendo transformado. Precisamos ter alternativas para enfrentar essas mudanças*".[1905] Ao mesmo tempo em que afirma que "não há alternativas", diz que deve "haver alternativas", mas essas são muito específicas e se referem exatamente a criar condições para que a globalização seja finalizada, pois ela "***é um fato da vida****. Nós é que temos de torná-la positiva*". Naturalizando as "desigualdades", aponta para que se deve "*dar prioridade ao ensino fundamental*", pois esta seria a forma privilegiada de "*responder aos desafios do mundo globalizado*". Caberia às universidades, portanto, "*fazer convênios com a iniciativa privada*", pois "*o Estado, sozinho, não tem mais condições de alavancar o desenvolvimento*".[1906] E assim acaba a entrevista, fechando o cerco em torno da lógica neoliberal, fazendo uma alusão a Marx.

A descaracterização da esquerda prevalece. Na entrevista sob título "*a voz da direita*", destaca: "*Sem medo de ser feliz, o historiador Paul Johnson cutuca ainda mais as* ***feridas da esquerda****, que* ***perdeu o rumo da História***".[1907] Dois aspectos se destacam. O primeiro, o uso do jargão "*sem medo de ser feliz*", sabidamente um slogan de campanha do Partido dos Trabalhadores. Assim, o editor da entrevista fez questão de trazer para a direita o que seria a "verdadeira coragem". A esquerda é (des)qualificada como quem "*perdeu o rumo da história*". Ao lado da fotografia sorridente, lê-se a frase: "*é bom que os EUA se interessem pelo mundo. Eles devem ser uma espécie de* ***polícia global***",[1908] o que está plenamente de

---

1904 Não há via alternativa. João Paulo dos Reis Veloso. Veja. Entrevistado por Consuelo Dieguez. 13/5/1998, p. 14. A revista credencia o entrevistado de forma positiva, mostrando sua atuação como intelectual orgânico: "o Fórum Nacional que ele comanda é um **território neutro**, no qual as idéias são discutidas num clima de cordialidade rara no país. São quatro dias de debates, que, ano após ano, conseguem antecipar a agenda dos próximos desafios do Brasil". P. 11. Grifos meus.
1905 Idem. Grifos meus.
1906 Idem, p. 15. Grifos meus.
1907 A voz da direita. Paul Johnson. Veja. Entrevista por Carlos Graieb. 11/3/1998, p. 9. Grifos meus.
1908 Idem. Grifos meus.

acordo com a lógica do fim da Guerra Fria que já foi discutida. Mas, além da atribuição de descarrilamento à esquerda, o olho da segunda página destaca:

> **Marx foi um embusteiro que distorcia fatos**. Seu legado foi conduzir um país rico como a Rússia à pobreza. Derivou todas as teorias de Hegel, assim como os nazistas. Todos os sistemas totalitários do século XX foram de esquerda, embora alguns na superfície parecessem de direita.[1909]

A conclusão exibe a razão pela qual essa entrevista foi publicada, taxativamente: "*Johnson adora fustigar a esquerda*".[1910] Também por isso, *Veja* traça o perfil de outras personalidades que contribuam para enfatizar o abandono de qualquer ideário de esquerda. Com esse sentido, a entrevista de Adam Przeworski foi sintomaticamente intitulada "*o futuro será melhor*". Ele é apresentado como: "*um acadêmico de esquerda que vê o futuro com otimismo.* ***Afirma que o comunismo está morto****, a globalização financeira matou a social-democracia e ceifou o poder do movimento sindical, e o desemprego industrial veio para ficar*".[1911] Como contraponto, para "explicar a globalização", *Veja* destacou uma figura muito representativa, George Soros. Foram duas entrevistas nas páginas amarelas;[1912] reportagem de divulgação de sua "obra filantrópica";[1913] e até texto seu, onde ele "*explica o que é a sociedade aberta e por que a considera tão importante*".[1914] Soros ocupou um papel de destaque entre os intelectuais orgânicos que esteve afinado com o projeto delineado e patrulhado por *Veja*.[1915]

Em outro momento, ao apresentar "*as primeiras avaliações dos dez séculos em que vivemos perigosamente*", são destacados personagens como Michelangelo, Einstein e até o coelho Pernalonga. A figura de destaque, no entanto, é Gen Gis Khan, que é convenientemente ajustado "à nova ordem", em oposição aos que "perderam":

1909 Idem, p. 10. Grifos meus.
1910 Idem, p. 9.
1911 O futuro será melhor. Adam Przeworski. Veja. 18/10/95, p. 7. Grifos meus.
1912 1/5/1996. George Soros. **A riqueza não dura para sempre**. Entrevistado por Eurípedes Alcântara. **Assim vai quebrar**. George Soros. Veja. 6/1/1999, Entrevistado por Lauro Jardim.
1913 O profeta bilionário da agitação. Veja. Dinheiro. Jaime Klintowitz. 29/10/1997, p. 52 a 55. Em resumo, a posição de Veja é: "George Soros, o especulador que **quer melhorar o mundo**, doa meio bilhão de dólares à Rússia", p. 52. Ele também foi entrevistado nas páginas amarelas em 1/5/1996, destacando que "a riqueza não dura para sempre". (Eurípedes Alcântara). Grifos meus.
1914 Por uma sociedade global aberta. George Soros. Veja. Idéias. 24/12/1997, p. 88 a 92.
1915 No caso de Soros, ele ao mesmo tempo em que representa seus próprios interesses, atua como indicador de caminho, publicando textos, fazendo análises, o que nos permite portanto, qualificá-lo como gerente e intelectual do projeto em curso.

> Além do império globalizado e de uma invasão tão traumatizante na China que a mergulhou no horror ao estrangeiro e no isolacionismo, os mongóis ainda incentivaram indiretamente o capitalismo. Como? A peste negra, vinda do Oriente, dizimou um terço da população européia. A mortandade foi tanta que aumentou o valor da mão-de-obra e sacudiu as bases do feudalismo. Um argumento no qual nem Karl Marx pensaria – mas esse, coitado, perdeu definitivamente a chance de entrar na lista do milênio.[1916]

Essa insistência em acabar com as alternativas induz a pensar de maneira única a realidade presente, o que é necessário para fundar o consenso e manter a dominação, que é ocultada por essa falsa unidade.[1917] Por isso, há a busca permanente em desqualificar a "esquerda", sua história e seu projeto, colocando a si mesma como portadora do projeto vencedor. E o que pode parecer mais estranho, apresentar em alguns momentos o seu projeto como sendo de "esquerda", como forma de se colocar como agente principal da história. Isso permite à revista se apresentar como isenta junto a um público difuso. *Veja* procura capturar as simpatias com a esquerda que, nesse contexto, ela própria tantas vezes apresenta como "sem alternativas", travestindo-se de "esquerda possível".

9.2.2 As muitas mortes do comunismo

A forma como *Veja* tratou ao longo dos anos a questão do comunismo, em si própria, mereceria maior aprofundamento.[1918] Foi inclusive esse o tema que nos atraiu para o estudo da revista. O "problema do comunismo" e as práticas anticomunistas estão presentes na revista a todo o tempo, sempre negando a existência da possibilidade de um projeto de sociedade diferente do seu próprio. Por isso ampliamos a pesquisa para compreender melhor o projeto de *Veja*, sua amplitude, implicações e contradições.

A exemplo do que já observamos ao estudar a imprensa no início do século XX, o anticomunismo se estende a todos os movimentos sociais, a organizações de trabalhadores, a partidos políticos, enfim, a qualquer organização que questione a ordem liberal burguesa.[1919] Esse discurso se enfraquece no momento em que, em ao menos em tese o "comunismo

---

1916 Homem dos mil anos. Veja. Milênio. 10/1/1996, p. 33. Grifos meus.
1917 A partir de uma leitura de GRAMSCI, p. 96, vl. 2.
1918 Como os casos da dissolução do socialismo real no Leste Europeu, a URSS, a Alemanha. Essas histórias receberam cobertura da revista, mas não será possível aqui analisá-las em separado, apenas no contexto mais geral.
1919 SILVA, Carla Luciana. Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001. Coleção História, 41.

acabou". A ausência do inimigo construído é intolerável e, assim, ele não deixa de existir, apenas se reconfigura na idéia de que "não há alternativas". E é justamente porque alternativas se criam apesar de tudo, a todo momento, que esse discurso reaparece, ampliando suas formas. Os resquícios do que se identifica com o comunismo são sempre rastreados, adjetivados e desqualificados.

Decretar a morte do comunismo foi um objetivo fixo, e por isso falamos em "muitas mortes do comunismo". Por exemplo, a revista anuncia "***o último prego no caixão**: no derradeiro lance da Guerra Fria, Rússia aceita expansão da Otan em troca de ajuda econômica*".[1920] Nesse sentido também, a literatura anticomunista foi acompanhada pela revista, trazendo resenhas de livros que "*dão nova interpretação ao bolchevismo*".[1921] Segundo a revista, a obra *Uma história concisa da Revolução Russa*, do "historiador americano" Richard Pipes "*para os admiradores do falecido regime, é um verdadeiro presente de grego*".[1922] Traz daí uma idéia central, a de que o comunismo real sempre seria um regime de manipulação, (o que é transposto para a ação política da esquerda):

> Em realidades adversas que cresce a importância de **grupelhos de profissionais da atividade revolucionária**, que usam a população como **massa de manobra** e pregam a idéia de que a política é uma **atividade moral**, na qual não existe espaço para compromissos. [a população faminta tinha] uma visão política incipiente e mais baseada no bolso do que na consciência – e, por essa razão, uma massa ideal para servir de **bucha de canhão para os revolucionários**.[1923]

A caracterização do que seria o regime dada pelo autor diz o que faziam os revolucionários, o povo, a política, se colocando como seus intérpretes, tidos como "massa de manobra". A revista traz a antecipação da "notícia" da publicação do *Livro Negro do Comunismo*, divulgado antes mesmo de sua publicação no Brasil. O objetivo dessa "reportagem / resenha" é trazer elementos que contribuam para criminalizar a esquerda, os movimentos sociais, a luta de classes, o que é feito através de expressões tais como: "*o objetivo era erradicar classes sociais inteiras, os dirigentes comunistas escolheram a maioria das vítimas entre seus próprios compatriotas*".[1924] A tônica do livro, que busca servir de

---

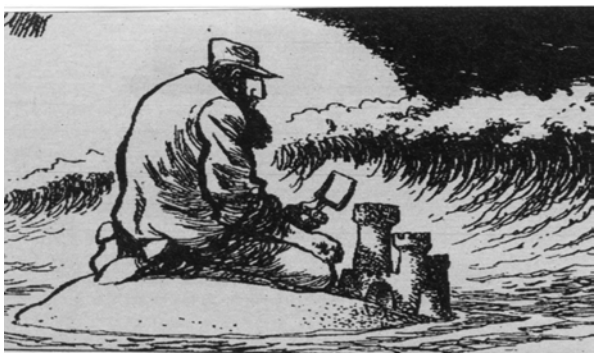
1920 O último prego no caixão. Veja. Izalco Sardenberg. 4/6/1997, p. 34.
1921 Golpe trágico. Veja. Manoel Francisco Brito. 29/10/1997, p. 131.
1922 Idem.
1923 Idem. Grifos meus.
1924 Terror vermelho. Veja. 4/2/1998. Izalco Sardenberg. P. 58.

referência, é a criminalização: "*o* ***crime é intrínseco ao comunismo*** *e não apenas um instrumento de Estado ou um desvio stalinista de uma ideologia de princípios humanitários*".[1925] Essa a idéia central que passa a ser repisada em qualquer cobertura de mobilizações sociais e de países identificados com o comunismo ou socialismo.

9.2.3 O paradigmático caso cubano

O comunismo tem peso especial quando se trata da América Latina, e também do continente africano,[1926] evidentemente, onde estão os países com maior potencial de identificação com o caso brasileiro em virtude da maior exploração histórica do capitalismo. O "problema" do comunismo na América Latina, para *Veja*, tem seu paradigma em Cuba. Mas, ao longo da década ele também apareceu, na medida em que o neoliberalismo se acirrou, em outros casos concretos: Venezuela e Argentina, além dos "fantasmas" sempre presentes como Nicarágua e El Salvador.

Os ataques de *Veja* a Cuba, Fidel Castro e tudo que diga respeito ao país foram sistemáticos ao longo de todo o período estudado. São incontáveis as "notas internacionais", charges e frases destacadas sobre o tema, e analisaremos aqui apenas uma amostragem desse material, como a charge abaixo:



FONTE: *Veja*. NI, 7/2/1990, p. 49. Crédito: Oliplan / Universal / Presse Sindicate.

O desenho mostra Fidel Castro, na beira da praia construindo um castelo de areia, enquanto as ondas vêm em sua direção. Mais uma vez, temos o perigo das ondas, que ameaça um "império" supostamente construído de areia e na beira da praia, portanto, denotando a inabilidade de seu construtor. A impressão que se tem é que Fidel está sentado em uma

---

1925 Idem, p. 59. Grifos meus.
1926 O viés anticomunista na cobertura sobre o continente africano já foi discutido no capítulo sete.

pequena porção de terra, que transforma Cuba em uma "ilha muito pequena", e contrastante com seu "dominador", que aparece em escala muito maior. Essa idéia persiste em muitos outros momentos. Para demonstrar o atraso e a impropriedade do país, o discurso se refere à marca (aquilo que Cuba não ofereceria ao seu povo e seria a maior benesse do mundo "desenvolvido"): "*em Cuba* ***não temos McDonald's****, mas* ***ninguém morre de fome****.* ***Comeremos capim*** *se for necessário para defender nossa* ***revolução****"*.[1927] No país, o atraso seria necessário, quase que por uma teimosia: a defesa da revolução, que aqui é apresentada esvaziada de sentidos.

Com a derrocada da URSS, em vários momentos *Veja* decretou o fim do regime cubano, considerando-a como uma questão de tempo, invocada e adiada ao longo de toda a década. Para isso, a infantilização, a traição, a comparação com uma doença foram utilizadas. Uma matéria anuncia o fim: "***Adios, muchachos****. Moscou retira tropas de Cuba e corta a mesada ao regime de Fidel Castro, que se prepara para um final apocalíptico de penúria e isolamento"*.[1928] E explica:

> Quando os Estados Unidos espirram, a América Latina pega um resfriado. Mas quando a União Soviética entra em convulsão, Cuba se prepara para **entrar na UTI**. Na semana passada, as **portas de emergência** foram escancaradas com estrondo. Na trilha da avalanche que derrubou o comunismo na terra de Lênin, o presidente cubano Fidel Castro **soube pela imprensa** que Moscou decidiu retirar suas tropas estacionadas na ilha desde os anos 60 – decisão que o presidente Mikhail Gorbachev comunicou ao secretário americano, James Baker, sem se preocupar em avisar previamente os ex-aliados.[1929]

Assim se caracteriza a doença terminal, da qual Cuba não poderia sobreviver. Para cumular, noticia-se a traição do antigo aliado que teria dado à imprensa a informação em primeira mão. O horizonte seria indefectivelmente de atraso, não como fruto de uma situação histórica, mas de uma escolha de Fidel Castro, (e não dos cubanos):

> O governo cubano ficou compreensivelmente chocado com a descortesia, mas não surpreso. Na ilha caribenha não há mais ilusões sobre o relacionamento de pai para filho que ajudou a sustentar Cuba durante trinta anos. Como um **filho mimado** que perde as regalias, o regime de Fidel precisa aprender a se virar **sem a mesada** e se prepara para sobreviver num **cenário apocalíptico**. A conta, naturalmente, será paga pelo povo cubano. Quando a União Soviética cortar o fornecimento de

---

1927 Elises Estrada, embaixador cubano em Argel. Veja. NI, 28/2/1990, p. 53.
1928 Adios, muchachos. Veja. 18/9/1991, p?
1929 Idem.

> petróleo barato, no próximo ano, a ilha do socialismo **planeja** retroceder à época pré-industrial, voltar a carroças e ao fogo a lenha, mas vai continuar resistindo às reformas democráticas.[1930]

Outro momento marcante da relação com Cuba é a espetacularização da descoberta dos restos mortais de Che Guevara. O tema recebeu uma matéria de capa, comentada em editorial, cujo título principal foi "***O triunfo final de Che**: com a busca de seus ossos, ressurgem as idéias e as aventuras do guerrilheiro mitológico*".[1931] A reportagem, para a qual foi designada Dorrit Harazim (esposa de Elio Gaspari), foi cuidadosamente editada com fotografias que mostram a "marcação" de Guevara, sua transformação em mito e produto da indústria cultural. O próprio título da matéria encerra seu sentido: o triunfo de um guerrilheiro só poderia existir depois de sua morte. Sua luta inglória teria levado à perda do indivíduo, reduzido a uma situação animalesca. A descrição sugere o horror da vida real de Che, apresentado como um homem acuado, animalizado:

> Deixara pra trás hábitos como tomar banho – em seu diário, registra o recorde de seis meses sem se lavar – e dormir em camas. (...) Foi **caçado como bicho** numa caatinga boliviana que lembra mais o cenário da morte do brasileiro Carlos Lamarca, na mata rala do sertão baiano, do que a do libertador cubano José Martí, apanhado por uma bala perdida durante uma batalha.[1932]

Após o retrato que sugere uma vida repugnante, conclui que: "*sua guerrilha fracassou, mas não é próprio das guerrilhas triunfar. Salvo exceções, como em Cuba, guerrilhas nascem e morrem à margem do poder formal*".[1933] Ao final de dez páginas, ela se produz uma figura de Che como um produto, um modelo de comportamento totalmente despolitizado:

> Che Guevara tinha tudo para se tornar imortal: era bonito, destemido e morreu jovem, defendendo conceitos igualmente jovens, como a solidariedade e justiça social. Sonhou com um novo homem para o século XXI e viveu como o 'homem mais completo do século XX', segundo a clássica definição de Jean-Paul Sartre. Foi radical, moralista e conseqüente. Ícone da geração dos anos 60, **ironicamente nunca chegou a usar jeans** – passou direto da calça de pano ao uniforme de guerrilheiro. (...) **Virou moda**, em suma, e, como ensina o historiador inglês Eric

---

1930 Idem. Grifos meus. Na mesma edição, uma charge mostra Fidel diante da estátua de Lênin derrubada dizendo "papai, você me dá minha mesada?" (Veja, 18/9/1991, p. 44).
1931 O triunfo final de Che. Veja. Dorrit Harazim. 9/7/1997, p. 88.
1932 Idem, p. 93. Grifos meus. A idéia da falência do seu projeto é reforçada ao longo da reportagem: "Sua cruzada para inflamar a América Latina com a centelha da revolução tinha chegado ao fim, antes mesmo de deslanchar. Era um homem em andrajos, doente, faminto, exaurido e encurralado naquele fiapo de rio cercado de penhascos, caatinga e pedras de todos os lados". Idem, p. 95.
1933 Idem.

> Hobsbawm, 'a moda é freqüentemente profética'. Sobretudo, na mesma linhagem de James Dean, John Lennon ou Jimi Hendrix, foi um herói cuja vida e juventude se encerraram ao mesmo tempo, abruptamente, congelando o mito.[1934]

A associação de Guevara com os ícones do consumo e da cultura de massas busca reduzi-lo a parte desse mesmo processo, tanto que se demarca a "ironia" dele nunca ter usado jeans, como se rebeldes devessem se espelhar em James Dean.

No final da década há uma pequena mudança na cobertura sobre Cuba. Embora persistam as notícias sobre fugas e dissidências,[1935] se anuncia também a "abertura": "*Cuba vive um momento de exuberante fé no futuro do capitalismo*".[1936] Entre outras explicações se ressalta: "*o frescor da circulação do dólar pela economia informal transmite uma estranha sensação de vitalidade e normalidade como se Cuba tivesse, finalmente, despertado de um pesadelo*".[1937] Assim, a transformação se daria por uma verdadeira adoração ao dólar, como expresso no título: "o sabor da vida está no dólar". Mais uma vez, se trataria de uma "opção", agora não mais de Fidel mas da Ilha que teria enfim despertado, para conviver com o sistema do capital, através do "*santo milagreiro"*, o dólar. Nenhuma palavra sobre o boicote econômico norte-americano, que só aparece no final, como um "*mote para os discursos de Fidel*":

> É cômodo para Fidel colocar a culpa de todos os problemas do país num histórico, poderoso e vizinho inimigo, os Estados Unidos. Na realidade, o embargo traz alguns **pequenos problemas** [sic] para as entidades assistenciais internacionais que não podem comprar o remédio de que necessitam. (...) O embargo, **é óbvio**, não tem um efeito tão danoso como querem fazer crer os dirigentes cubanos.[1938]

É óbvio, e pronto, eis o argumento do editor. Para ele, o "pequeno problema" não passa de invenção dos dirigentes. Mais que isso, seu efeito prático se daria apenas sobre as

---

1934 Idem, p. 97. Na edição seguinte, como parte do espetáculo, finalmente se noticia o achado: "**A última viagem**: Cuba prepara honras militares para receber o que resta do 'Comandante' que partiu há trinta anos." Dorrit Harazim. Veja. 16/7/1997, p. 32. Mais uma vez, insiste na morte como fim de todo revolucionário: ele "partiu há trinta anos", e "volta agora", "ignorando-se", ironicamente o fato de estar morto, vítima das forças militares bolivianas.

1935 Como: "A seleção fugiu: atletas do beisebol cubano escapam em busca de dólares e liberdade". Veja. 25/3/1998, p. 43. Ou: "No paredón: filha de Fidel Castro dispara contra o pai e o comunismo em suas memórias". Veja. Rodolfo Konder. 22/4/1998, p. 127.

1936 "Sabor de vida em dólar: moeda forte e negócios agitam a ilha de Fidel". Veja. Eurípedes Alcântara. 21/1/1998, p. 32.

1937 Idem, p. 34.

1938 Idem, p. 37. Grifos meus.

beneficientes entidades que atuam em Cuba,[1939] aproveitando para desacreditar, *en passant*, o elogiado programa de saúde cubano.

Cuba foi notícia também quando da aproximação com o Papa, considerada "*a última cartada*",[1940] ou também para noticiar a existência de prostituição. Também foram noticias tentativas de fuga da Ilha, dizendo até mesmo que elas são incentivadas pelo governo cubano.[1941] Um tema que recebeu atenção especial foi o país como atração turística: "*sol barato em Cuba: com bons hotéis e preços em conta, a ilha oferece oportunidade de ver* ***outro mundo***".[1942] Ou seja, um "outro mundo", apresentado como um zoológico, como uma aldeia congelada no tempo onde se vai, paga-se barato, se usufrui da natureza, e se volta para o mundo "de verdade":

> Cuba tem a seu favor mais de 300 praias de areia branca e mar cristalino e infra-estrutura hoteleira com resorts de nível internacional. O **charme adicional** da visita a Cuba fica por conta da **condição insólita** do país – um **derradeiro dinossauro comunista**, arredio a reformas econômicas e à abertura política, mas que ninguém sabe até quando resistirá.[1943]

A tônica é de sempre o fim iminente de Cuba socialista. Assim, sugere a existência de uma busca desesperada de "abertura", deduzida dos "*sonhos dos cubanos comuns: tênis da moda, MTV e McDonald's*". Ao que a revista acrescenta, generosamente: "*Melhores relações comerciais são uma oportunidade única para ambos os lados*".[1944] As dificuldades nos padrões de consumo no interior do país são anunciadas para o pretendente à viagem: "*o número reduzido de restaurantes espalhados pela ilha. Talvez esteja aí o grande glamour da viagem: a sensação de estar num lugar hoje ainda mais diferente de qualquer outro do mundo.* ***É ver antes que acabe***".[1945] Portanto, como no mundo do selvagem, em *Admirável*

1939 Esse tema foi brevemente abordado ao referir as benesses do presidente Bill Clinton, que "autoriza vôos diretos entre os dois países com propósitos humanitários, o que inclui a remessa de remédios. (...) É um aceno de **boa vontade e tanto**". Embargo fica mais leve. Veja. (Box). 25/3/1998, p. 43. Grifos meus.
1940 "Última cartada: Fidel Castro vai ao papa para tentar romper o isolamento político e econômico". Veja. 27/11/1996, p. 54.
1941 "**Muralha flutuante**: com os cubanos fugindo em massa pelo mar, os Estados Unidos fecham os portões, mas não conseguem deter o êxodo, que é estimulado por Fidel". Veja. Flavia Sekles, 31/8/1994, p. 46.
1942 Sol barato em Cuba. Veja. Juliana de Mari. 8/12/1999, p. 64. Grifos meus.
1943 Idem. Grifos meus.
1944 Idem, p. 65.
1945 Idem. Esse recurso como forma de exclusão da possibilidade comunista está presente em vários outros momentos. O capitalismo, por este recurso passa a ser "o mundo", como na expressão "a Rússia deu as costas ao mundo durante mais de setenta anos (...)". Socorro no último instante. Veja. João Sorima Neto. 22/7/1998, p. 46.

mundo novo, a alternativa aparece como o exótico, que, neste caso, teria vida curta. Podemos inferir que, inconscientemente, *Veja* se dá conta de que todos os outros lugares são iguais, resultado da homogeneidade imposta pelo sistema do capital. Cuba, nessa limitada perspectiva, é apresentada como a *terra do selvagem*: é bom que se saiba de sua existência e que alguns tenham o direito de visitá-la, mas no caso real, a aposta é pelo seu fim eminente.

9.3 MISTICISMO X AÇÃO POLÍTICA: A ALTERNATIVA DE *VEJA*

Dentro da defesa de que "não há alternativas" há espaço para a proposição de saídas místicas, que seriam mais adequadas à nova ordem e ao mundo globalizado e "sem ideologia", segundo os precursores do mundo "globalizado". Estas matérias se agregam àquelas sobre auto-ajuda, que seriam outras formas de propor a ação individual como forma de ação, em detrimento da ação política e coletiva.[1946] Em contraposição, *Veja* também busca deslegitimar a ação histórica de qualquer movimento de cunho religioso que se agregue à ação política. Por isso, propõe uma reinterpretação sobre o papel das Comunidades Eclesiais de Base. Em complementação, associa às CEBs o MST e a ambos busca deslegitimar, defendendo a franca repressão a este último movimento.

9.3.1 "Paulo Coelho é bom" e os Carismáticos "levantam a poeira"

No final do século existiram várias manifestações de movimentos irracionalistas. Este é outro aspecto da ideologia do fim da história e das ideologias. Se colocam também como contraposição a qualquer organização de luta dos próprios trabalhadores. É esse o contexto descrito por Ignácio Ramonet:

> A crise econômica atual, por sua brutalidade, provoca aqui e ali efeitos de pânico e desvario. No momento em que a racionalidade pela qual, em princípio, determinadas sociedades são dominadas, patina ou sofre distorções, seus cidadãos são tentados a recorrer a formas de pensamento pré-racionalista, voltam à superstição, ao esoterismo, e aceitam acreditar nas varinhas mágicas de transformar o chumbo em ouro e os sapos em príncipe. Um número cada vez maior de cidadãos, que se sentem ameaçados por uma modernização tecnológica brutal e forçada, experimentam rancores antimodernistas. E constata-se que a atual racionalidade

---

1946Sobre auto-ajuda, ver: RÜDIGER, Francisco. Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre, EDUFRGS, 1996.

> econômica que despreza o homem favorece a progressão de um irracionalismo social.[1947]

Trata-se, portanto, do mesmo contexto que estamos analisando: o temor do avanço tecnológico levaria ao caminho irracional dos indivíduos para se "salvarem", se ressituarem diante das mudanças que aparecem desistoricizadas. A crise econômica reforça a necessidade de espaços de aparente comunhão, em que as desiguldades sejam entendidas como desígnio divinos, e que a ação individualista seja contemplada, o que pode ser feito pela leitura de Paulo Coelho, mas também pela participação dos cultos carismáticos. Pode também ser convertida em elogio ao consumo, em outros espaços.

Por isso o mundo narrado e construído por *Veja* não estaria completo sem o seu lado místico, fenômeno acompanhado cuidadosamente pela revista, que fala em uma verdadeira "***maré de misticismo**: com Paulo Coelho à frente, uma nova onda de magos, bruxos e videntes cruza superstição e espiritualidade para fazer a cabeça dos brasileiros*".[1948] O eixo da reportagem é a figura de Coelho, "*o mago nas alturas: com **livros defeituosos**, mas atraentes, o esotérico Paulo Coelho torna-se o escritor mais vendido do país, que experimenta uma forte vaga mística*".[1949] A matéria é sarcástica com a obra, questionando seu valor, especialmente pelo fato de que ele sequer "*foi resenhado pela imprensa*",[1950] e teve um crescimento "independente". Mas, a explicação da revista para o sucesso aponta para uma "*mudança de mentalidade*", e foi trazida na palavra de Octávio Velho:

> Mais do que modismo, as pessoas estão buscando preencher lacunas deixadas pelas igrejas tradicionais e pelo fim das utopias de esquerda. As pessoas têm muita dificuldade em se conformar com a banalidade cotidiana e sentem necessidade de buscar novas formas de transcendência.[1951]

Assim, a abordagem do tema se reduz a repetir o fim de qualquer alternativa, a inexistência de programa "de esquerda" e sugerir a necessidade de uma "nova moral". Ao

---

1947 Ascensão do irracional. In: RAMONET, Ignácio. Geopolítica do Caos. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 80. Embora seja necessário perceber que esse fenômeno não tem mais tanta influência, pelo menos em alguns meios em disputa pelos movimentos sociais: a "perda de impacto social e ideológico da ficção coelhiana ocorre no preciso momento em que se esgota o dinamismo das promessas neoliberais, sob o calor de uma sociedade mundial esgaçada pela crise econômica, desemprego, racismo, guerra, individualismo, etc". MAESTRI, Mario. Por que Paulo Coelho teve sucesso. Porto Alegre, AGE, 1999. p. 103.
1948 Capa. Veja. 22/8/1990.
1949 O mago nas alturas. Veja. 22/8/1990, p. 56. Grifos meus.
1950 Idem, p. 59.
1951 Idem, p. 60. Grifos meus.

mesmo tempo, diz que isso se deve à inquietude das pessoas, que "têm dificuldade de se acomodar", embora não seja discutida essa contradição. Três seriam as decorrências dessa situação: a consolidação de Paulo Coelho como fenômeno editorial, pregando o conformismo social, pelo que passaria a ser tratado com mais animosidade pela revista; a emergência de outros focos de misticismo, como a Restauração Carismática da Igreja Católica; a sistemática construção da idéia de que não há alternativas no campo material e da ação concreta, insistindo na suposta falência dos movimentos sociais.

Paulo Coelho foi capa e entrevistado nas páginas amarelas algumas vezes. A primeira entrevista ainda traz uma clara ironia no título: "***Há bruxos picaretas****": anda levitando de felicidade. O autor que mais vende livros no país diz que há falsos magos por aí, garante que sabe fazer chover, mas não quer e pede que não o chamem de guru.*"[1952] Já se denota uma mudança entre ele e os outros. Embora a revista seja irônica, ela sabe que não há como controlar todos os bruxos, e concorda em dizer que existem os "picaretas", mesmo que, talvez, quisesse inserir nisso o próprio autor da frase. Mas Coelho, isso é o que importa, está agindo no sentido de uma nova visão de mundo, e por isso a revista acabaria se aproximando dele. Em 1998 ele ganhou outra capa, explorando seu lado yuppie, em que aparece em fotografia posada: "*PAULO COELHO. 20 milhões de livros vendidos em 74 países; o sucesso entre os famosos do mundo; o passado com as drogas; as internações psiquiátricas nos anos 60*".[1953] A reportagem mostra o "*planeta Paulo Coelho: como o mago açoitado pela crítica se transformou no escritor brasileiro mais vendido ao redor do mundo*".[1954] Embora não reconheça que ela própria fora hostil ao autor, insiste no seu baixo status como "escritor": "*os integrantes do Ministério da Cultura, por exemplo, não acham que Paulo Coelho mereça essa qualificação, tanto que não o convidaram para a delegação que representou o país oficialmente no Salão do Livro de Paris*".[1955] Há, portanto, uma postura de incredulidade da revista, mesmo mostrando um gráfico em que aparecem os 20 milhões de livros vendidos pelo "mago". Ao mesmo tempo, divulga o fato de ter sido convidado para palestrar no Fórum Econômico de Davos, o mostra junto com o Papa, dando entrevistas em televisão canadense,

---

1952 Há bruxos picaretas. Paulo Coelho entrevistado por Eliane Azevedo. Veja. 3/8/1994. Grifos meus.
1953 Capa. Veja. 15/4/1998.
1954 O planeta Paulo Coelho. Veja. Marcelo Camacho. 15/4/1998, p. 94.
1955 Idem, p. 94.

recebendo a Comanda das Artes e das Letras da França, além de trazer vários depoimentos de pessoas que o lêem. Segundo a revista, tudo isso denota um interesse pelo misticismo, mas sobretudo se deve a um grande golpe de marketing.[1956] *Veja* vai cada vez mais se conformando com o sucesso, até integrar o autor como defensor da ordem que ambos defendem. É por isso que meses depois, entrevista o Ministro da Cultura brasileiro, a quem dá a oportunidade de remissão, pois segundo publicou a revista, o Ministério não apoiava o mago. O título da entrevista do ministro não deixa dúvidas do caráter de resposta: "***Paulo Coelho é bom***".[1957] Diante disso, melhor se conformar e aceitar o papel de Coelho: "***chega de mágica****. Menos mago e mais interessado em prestígio, Paulo Coelho diz que telepatia é 'sacal' e se proclama de vanguarda. Fama e fortuna já tem de sobra.* ***Agora, quer respeito***".[1958] Segue-se um novo momento em que Coelho apareceria em matérias ou na capa como benfeitor de crianças, em suas ações de caridade.[1959]

A questão do misticismo tem um ponto de ambivalência na relação com a Igreja Católica. Paulo Coelho é a mercantilização da arte e da religião. A elite quer ter o verniz da cultura, de uma alta cultura literária que, evidentemente, Coelho não alcança. Em nome dessa elite, *Veja* ironiza o mago que, não obstante, corresponde exatamente aos padrões de eficiência mercantil e competitividade global que a revista apregoa. A elite desejosa da alta cultura terá de se satisfazer com a sub-cultura que produz e, assim, *Veja* acabará admitindo – via mercado – Paulo Coelho. O caso das igrejas messiânicas / pentecostais é similar. Já o *affair* Igreja Católica é radicalmente diferente. Enfim, a alta elite volta a definir para a ralé qual deve ser a verdadeira fé... E ela se apresenta como apolítica, contraposta aos "esquerdistas" anteriores. Por isso *Veja* divulga o ascenso dos carismáticos da Igreja Católica. A revista busca refutar o lado político da Igreja,[1960] ressaltando a importância dos valores "místicos": "*A RESSURREIÇÃO DA FÉ: como os católicos carismáticos reagem ao avanço dos*

1956 Idem, p. 97.
1957 Francisco Weffort. Paulo Coelho é bom. Entrevistado por João Gabriel de Lima. Veja. 2/12/1998. Grifos meus.
1958 Chega de mágica. Paulo Coelho entrevistado por Thais Oyama. Veja. 22/8/2001. Grifos meus.
1959 Como: "Por que eles fazem caridade. Ricos, famosos e empresas aderem a um movimento que já ajuda 9 milhões de pessoas". Veja. Capa. 27/10/1999.
1960 Voltaremos a discutir o tema no capítulo 9.

evangélicos".[1961] A ênfase é o caráter conciliador do movimento: "***ricos e pobres**, elegantes e desvalidos lotam as missas da Renovação Carismática e mudam a cara da Igreja*".[1962] As fotografias mostram momentos de "transe": igrejas cheias, milionários trajando roupas de grife ao lado de pobres com roupas surradas, concluindo que "*a elite brasileira, auto-declarada apostólica e romana há cinco séculos, sucumbe aos encantos da Renovação Carismática*".[1963] O recado é:

> Os carismáticos estão sacudindo a poeira do catolicismo. [O Papa] sempre deixou clara sua insatisfação com o discurso esquerdista que os clérigos católicos adotaram em países como o Brasil, sob a bandeira de 'opção preferencial pelos pobres'. O 'padre passeata', segundo a imagem impagável do dramaturgo Nelson Rodrigues, apoiou invasões de terra, estimulou o crescimento do PT, e até freiras se sentiram à vontade para fazer a defesa apaixonada do aborto. **Com a redemocratização do país, as comunidades eclesiais de base, onde essa corrente se abrigava, sofreu um esvaziamento total**.[1964]

Dito isso, se explica a cobertura e o apoio da revista ao movimento. Além disso, foi enunciado na capa que se trata de uma "*reação aos evangélicos*",[1965] sobre os quais se infere que a revista não tem simpatia, talvez por não poder controlá-los, o que demandaria melhores investigações. A figura do *popstar* líder dos carismáticos também é destacada: "*Uma estrela no altar: jovem, bonito e carismático, o padre Marcelo Rossi atrai multidões e renova a Igreja Católica no país*".[1966] Essas matérias têm um sentido de manter a idéia de que existem lugares sociais distintos, dependendo das condições sociais de cada um. Assim, se há uma sociedade "naturalmente desigual", e se há até "territórios dos ricos" e "território dos pobres", é importante que existam alguns espaços de "comunhão" onde aparentemente se dissolvam as desigualdades de forma transcendental, e a Igreja é um desses, de forma privilegiada.

1961 Capa. Veja. 8/4/1998. Observe-se que a edição seguinte, de 15/4/1998 teve como capa Paulo Coelho, ou seja, a própria revista busca aproximar as duas questões.
1962 Católicos em transe. Veja. Thais Oyama e Samarone Lima. 8/4/1998, p. 92.
1963 Idem. Além de mostrar as jóias religiosas, como terços de pérola e medalhas de ouro, a revista mostra alguns dos pedidos feitos em homilia pelos padres, como: "câncer, Aids, falências – sim, falências!, [sic] problemas hormonais e digestivos". Idem, p. 96.
1964 Idem, p. 95. Grifos meus.
1965 Não será possível aqui abordar esse tema. Mas a revista publicou várias reportagens, inclusive de capa, e entrevistas com membros de igrejas evangélicas, com destaque para Edir Macedo. Seria necessário aprofundar isso, mas parece claro o caráter de anunciar o perigo dessa expansão no Brasil, que é feita à revelia das empresas de comunicação tradicionais (Globo, Folha, Abril).
1966 Uma estrela no altar. Veja. Eduardo Junqueira. 4/11/1998, p. 114. A manchete da capa, atrás da fotografia do padre foi: "O FENÔMENO. Ele reúne meio milhão de fiéis por mês em suas missas, vendeu 450.000 discos e se tornou uma celebridade no rádio e na tv".

Sobretudo se ela reforça essa desigualdade, ao mesmo tempo em que prega a necessidade de novos bens (e acumulação), ambição e conformidade social. O que nos parece claro é que tudo aquilo que não é capaz de controlar, a revista trata com restrições. Em nenhum momento buscou discutir a fundo as motivações do sucesso de um autor medíocre e simplificador como Paulo Coelho.[1967] O misticismo (tanto o de Coelho, como o dos Carismáticos) se coloca como uma das formas de unificar a prática ideológica da revista, especialmente combatendo a militância política contestadora.

9.3.2 Combatendo a Igreja militante

Na batalha de difamação a qualquer movimento ou associação que não se coadune com os preceitos defendidos pela revista, ela usa todos os espaços para reiterar o que seria a globalização e o neoliberalismo, sempre enfatizando suas vantagens, rebatendo os que apresentem qualquer posição crítica. Um dos alvos dessa campanha é a Igreja Católica. Neste sentido, a Renovação Carismática seria colocada como contraposição aos "padres vermelhos". Repetidas vezes busca deslegitimar a ação da CNBB, insistindo na falência das Comunidades Eclesiais de Base.[1968] Esse tipo de informe adjetivado é ocasional, e somente publicado porque está em acordo com a linha da revista. Observa-se, assim, a despreocupação em noticiar, a revista limitando-se simplesmente a pinçar os fatos que estão em acordo com sua posição editorial.

Assim, excepcionalmente, a revista analisou e criticou a cartilha da Campanha da Fraternidade promovida pela CNBB em 1999. Segundo *Veja*, a CNBB seguiria "*a moda dos aiatolás*": é "*contra a tecnologia*", e por isso rebateu um por um os tópicos da cartilha, "explicando a verdade". O capital especulativo, visto na cartilha como "desligado da produção", segundo *Veja*, "*é apenas uma ferramenta, como qualquer outra. Financia países*

1967 "Repleta de adágios, aforismos e histórias simplistas, embebidas nos lugares comuns e nos clichês tradicionais, a ficção inicial de Paulo Coelho tem igualmente uma importante função de auto-ajuda. Ela permite que leitores desmoralizados por um quotidiano miserável sonhem com a conquista rápida e mágica da felicidade. Esoterismo da modernidade senil propõe aos leitores formas fáceis e ao alcance de todos de intervir positivamente sobre si mesmos e sobre o mundo social, na procura sobretudo de vantagens materiais e pessoais. Trata-se de uma via mágica ao universo virtual da sociedade de consumo". MAESTRI. Op. cit. p. 102.

1968 Veja tem adotado uma postura permanente de desqualificação da Igreja Católica, sobretudo os resquícios da Teologia da Libertação e a Opção pelos Pobres, o que é demonstrado em: MACHADO, Maria Eunice de Godoy. Análise do discurso da Revista Veja acerca da Igreja Católica no Brasil: estudo da concepção da igreja Católica nas reportagens da Revista Veja, publicadas entre julho de 1998 e julho de 1999. Mestrado ECA/USP, 2002.

em desenvolvimento. Se fazem mau uso desse capital, o problema é deles".[1969] *Veja* é explícita na defesa do capital financeiro e o isenta de qualquer responsabilidade sobre eventuais problemas, apresentados como uma questão interna, pois "alguns países" não saberiam "usar o capital".

O neoliberalismo é denunciado na cartilha como a supremacia do lucro e do mercado, ao que *Veja* rebate, também de forma taxativa: "*neoliberalismo na verdade é apenas o novo nome do velho capitalismo, a* ***melhor maneira de criar riqueza e de distribuí-la***".[1970] A "abertura econômica indiscriminada", criticada pela campanha, é defendida pela revista como algo "um pouco mais complexo": "*a abertura derrubou a inflação e trouxe investimentos ao Brasil. Não há consenso entre os economistas sobre se ela foi indiscriminada ou não*". De forma simplista, se desculpa na "falta de consenso" entre "os economistas" para não discutir o problema, caracterizando o academicismo como um escudo usado pela revista sempre que necessário. Para *Veja*, somente interessa o fato de que "trouxe investimentos", esquecendo convenientemente do desemprego, do recuo do parque industrial e da perda de soberania.

A questão mais preocupante, segundo a cartilha, é a dívida externa que "*impede investimentos no campo social*". A isso também *Veja* rebate com a velha fórmula: "*Mas: o que impede investimentos no campo social é o buraco no caixa do governo, não a dívida externa. O caminho mais curto para quebrar o país seria deixar de pagá-la*".[1971] A tautologia é gritante: o "buraco nas contas" é gerado pela dívida, mas não se fala da causa, apenas da conseqüência. A solução seria manter a mesma lógica, aprofundando o endividamento, o pagamento da dívida não deveria ser sequer questionado. A tautologia permite à *Veja* voltar ao bordão: privatizar. O último ponto da cartilha seria "o pecado", ao que *Veja* conclui: "*nesse ponto, a igreja entra em seu ramo específico de conhecimento, que é o sobrenatural. Não há o que discutir*".[1972] Há uma crítica incisiva à CNBB, a par de um sarcasmo típico da revista.

1969 À moda dos aiatolás. Veja. Brasil. Antenor Nascimento Neto. 24/2/1999, p. 47.
1970 Idem. Grifos meus.
1971 Idem.
1972 Idem.

Na cartilha, da CNBB há ainda outras propostas, como o aumento de cota para sacoleiros, ou seja, um maior incentivo ao comércio informal, justificando que "*não temos uma proposta técnica, mas uma proposta ética*".[1973] Esse é o mote para a revista concluir:

> Análises éticas é o que não falta a respeito dos problemas econômicos. Faltam exatamente as soluções técnicas. Os documentos da CNBB não costumam representar perigo para a economia, muito menos quando tratam de roças comunitárias. Mas desta vez o colégio dos bispos **foi longe demais** ao propor um calote da dívida. Tomara que as ovelhas não ouçam.[1974]

Assim, em tom ameaçador, criticando a "ousadia" do "colégio de bispos", encerra-se a matéria político-propagandística. Provando, mais uma vez, seu caráter de desinformação seletiva, *Veja* omitia o fato de que a Igreja naquele ano fez parte da organização de um plebiscito nacional que inquiriu a opinião da população sobre o pagamento ou não da dívida, e que a opção majoritária foi pela necessidade imediata de não pagamento.[1975] A própria cartilha fazia parte de um projeto que criticava pontos do projeto hegemônico defendido por *Veja*. Por isso, a CNBB deveria ser isolada da Igreja e tratada como qualquer organização social opositora, ou seja, desqualificada e deslegitimada. Trata-se, portanto, de mais um embate partidário de *Veja*, obscurecendo o debate e a organização popular, retomando a lógica da manutenção do sistema global.

Em matéria anterior, *Veja* havia anunciado que "***Deus ganhou**: as comunidades eclesiais abandonam a política e adotam o misticismo para reaver adeptos*".[1976] A revista tomava casos particulares e a partir deles generalizava. Algumas pessoas foram ouvidas, concluindo que:

> Com a queda do Muro de Berlim, o ideal socialista que animava as lideranças das CEBs se esvaziou. Seus militantes perceberam que o lado de lá estava longe de ser um paraíso, os bispos conservadores passaram a dominar a cena e movimentos como a Renovação Carismática começaram a atrair cada vez mais seguidores.[1977]

Mais uma vez, a realidade simplificada se confunde com o mundo do espetáculo: os sujeitos são tratados como atores de uma peça qualquer, que, de repente teriam se dado conta de seus erros. As CEBs, nessa interpretação teriam sido "*uma trincheira*", para a esquerda,

---

1973 Idem, p. 48.
1974 Idem. Grifos meus.
1975 Dados....
1976 E Deus ganhou. Veja. Eduardo Junqueira. 30/7/1997, p. 62.
1977 Idem.

"*um ambiente propício para divulgar sua ideologia", onde "a cartilha marxista foi substituída pela Bíblia*".[1978] Aponta-se então para a espiritualização dos fiéis, cuja "*maratona de orações serviu para que fizessem um diagnóstico sobre as reais aspirações dos moradores da região, hoje bem distantes de* ***ideais messiânicos revolucionários***".[1979] A revista imediatamente se colocava como porta-voz dessa nova tendência, o alvo político evidente é a despolitização social. Por isso, cita uma pessoa que teria sido militante na década de 1970: "*ele já não mostra mais nenhum entusiasmo. 'A gente vai conseguindo as coisas e se acomoda'.*"[1980] *Veja* mostra ainda casos de fiéis "revoltosos", que tentaram se colocar contra essa tendência, apontando para seu indefectível fracasso. A posição que deveria predominar é a mesma: "*um número cada vez maior de bispos prefere incentivar os movimentos de caráter místico em detrimento das CEBs, cujos líderes ainda são chamados de caciques vermelhos, uma referência à* ***militância comunista***".[1981] A luta atravessa a Igreja, mas somente uma parcela está afinada com a posição de *Veja*: mística, desarticuladora, conformada, anticomunista.

9.3.3 O ódio ao MST x o ódio do MST

"**Novos mártires.**"[1982]

Mais do que o PT e a Igreja, o alvo prioritário de *Veja* nos anos 1990 foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, em todas as suas manifestações e figuras públicas. Nesse caso não há uma tentativa de cooptação, ou de diálogo, como se vê com relação ao PT, em que a revista busca em vários momentos apontar linhas de ação. Também não há uma via despolitizadadora como a Renovação Carismática colocada em oposição à CNBB. No caso do MST, a crítica é permanente.

A forma pela qual *Veja* se relaciona com o MST é tão facciosa que mesmo aqueles que não são propriamente partidários desse movimento percebem os "exageros" da revista. Ela busca difundir um profundo ódio ao movimento, e para isso se utiliza da retórica de que ele

---

1978 Idem.
1979 Idem. O exemplo citado é de um bairro católico da Zona Sul de São Paulo. Grifos meus.
1980 Idem, p. 63.
1981 Idem. Grifos meus.
1982 Manchete de matéria sobre o assassinato de cinco trabalhadores rurais sem terra. Veja. 1/12/2004, p. 44.

seria um movimento que "prega o ódio". *Veja* não possui alternativas para oferecer, a não ser sua desmoralização ou a exigência de submissão completa ao governo. O que resta é apenas o discurso ideológico da "propriedade", que embute os "costumes", a "ordem", e sempre que possível, associa a crítica também à parcela da Igreja que incentiva o movimento (os preceitos religiosos "verdadeiros" seriam ligados à fé e não à luta política). Daqui derivam as diversas tentativas de criminalizar o movimento. Há também a tentativa de mostrar a divisão do próprio movimento, destacando a figura de José Rainha, e João Pedro Stédile, cada um ocupando em diferentes momentos o posto de "mais radical".

A preocupação com o movimento pela revista tornou-se maior depois do massacre de Eldorado de Carajás, mas não por denúncia dos assassinatos, e sim na perspectiva de sistemática difamação do movimento. Antes disso, o silêncio era a principal tática, como de resto, a qualquer movimento social, ao não falar sobre ele, era como se não existisse. Embora o marco seja o massacre, ao invés de investigar o caso, denunciar e exigir punição, a revista busca, de várias formas, associar o próprio movimento ao crime, à "baderna", caracterizando-o como um "*caso de polícia*".[1983] Arbex Junior mostrou que existiu uma ação deliberada e articulada da grande imprensa, no sentido de desagregação e descaracterização do movimento.[1984]

Por se tratar de um movimento de enorme relevância social, a revista agiu também no sentido de dar a conhecer suas práticas e projetos, mais de uma vez enviando repórteres para assentamentos. Também abriu duas páginas amarelas ao movimento. Na primeira delas, João Pedro Stédile foi entrevistado por Expedito Filho, em 6/8/1997. O título da edição foi taxativo: "***O povo tem raiva***". E a apresentação dizia que ele "*Quer derrubar o modelo econômico neoliberal do governo*", portanto, este seria um inimigo, e bastante ousado, afinal, quer derrubar o modelo, que aqui é claramente atribuído ao governo. Em seguida, ameniza: "*para o dirigente do MST, o governo de Fernando Henrique vai entrar para a História como o que mais agravou a questão social*". Pouco tempo depois, novamente para demonstrar os riscos

---

1983 Como mostrou SOUZA, Eduardo Ferreira de. O discurso de "VEJA" e o MST: do silêncio à satanização. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUCSP, 2001. Outros autores também têm essa perspectiva: "Ao forjar a aproximação semântica das palavras baderna e socialismo, a revista Veja esvazia o sentido histórico dos movimentos sociais". PEREIRA, Wellington. As mídias e as linguagens totalitárias. (http://cocc.ubi.pt/pag/pereira-wellington-midiologia.html. consultado em 31/8/2004).

1984 O autor cita episódios que envolvem a revisa Época e o jornal Folha de São Paulo, que criaram junto com o governo brasileiro "provas" de criminalização do movimento. ARBEX JR, op. Cit., p. 156.

que se corria, afinal, já estava declarada a "raiva do povo", Jaime Amorim foi entrevistado, e a manchete não deixa dúvida do que a revista quer mostrar e a forma com que caracteriza o movimento: "***Apelo às armas***". A apresentação completa: "*O principal líder do movimento em Pernambuco admitiu, pela primeira vez que sua organização poderá recorrer à luta armada para forçar a ocupação de fazendas*". O mesmo é dito de outra forma: "*Líder dos sem-terra diz que o movimento é contra a violência, mas admite uso da luta armada em algumas circunstâncias*."[1985] Essas entrevistas têm o fim de alertar sobre os supostos perigos que "a sociedade brasileira" correria. Elas se somam às várias e insistentes matérias difamadoras do movimento que vêm sendo publicadas pela revista e que não teríamos aqui como analisá-las na sua íntegra. Buscamos apenas mostrar o sentido geral da preocupação de *Veja* com o movimento. Seu papel é duplo: além de "denunciar o perigo", também difama, desmoraliza, descaracteriza não apenas o MST, mas qualquer possibilidade de organização autônoma dos trabalhadores, pois elas constituem na prática a comprovação de que o discurso de que não há alternativas é uma farsa. A revista além disso tudo, busca caracterizar o movimento como disseminador de ódio (quebra a suposta harmonia da sociedade, é inconformista, prega a luta), e joga sobre ele, estendendo à sociedade, uma carga de desconfiança, medo, rancor e ódio.

Para *Veja*, o MST é, de fato, um "***caso de polícia***".[1986] Há uma tripla atuação: ajudar o governo a combater o movimento, criando uma opinião pública contra ele; associar o movimento a alas radicais do Partido dos Trabalhadores; mostrar que a organização leva, inevitavelmente, à reação de fazendeiros que, "sem alternativas", acabam assassinando sem-terras. Assim a revista apresenta o "corriqueiro fato" de mais dois assassinatos (que aliás, na revista sempre são chamados de "mortes", nunca de *assassinatos*):

> De uns tempos para cá, a reforma agrária vem saindo dos limites em que deveria ficar, o de problema social, para invadir áreas estranhas à sua natureza. O debate está deixando de girar em torno do número de hectares desapropriados, da quantidade de assentados, do tamanho do latifúndio ou da produtividade dos assentamentos. Agora, quando o assunto é reforma agrária, fala-se de coisa muito diferente. Invasões de terras como arma de pressão política são uma delas. Mortos e feridos em conflitos rurais são outra. Os fazendeiros estão criando milícias para barrar invasores. Até os militares já desembarcaram no tema da reforma agrária. Na semana passada, depois do assassinato a tiros de dois líderes dos sem-terra no sul do Pará, a região mais explosiva de conflitos agrários do país, o governo federal convocou a Polícia Federal e o Exército, que deslocou 500 homens para controlar os ânimos na região. Em protesto contra as mortes, o Movimento dos Sem-Terra, MST, apelou mais uma vez para a ilegalidade. Mobilizou 25.000 famílias e invadiu 26 fazendas em cinco Estados. A tática

1985 Páginas Amarelas. Veja. Entrevistado por Juliana de Mari, em 7/10/1998.
1986 Caso de polícia. Ricardo Balthazar. Veja. 8/4/1998.

agressiva do MST é antiga: só neste ano, seus militantes já fizeram mais de cinqüenta invasões e podem chegar a 500 até o fim do ano, o triplo do ano passado.

A novidade é que os fazendeiros, que já foram muito ativos quando a União Democrática Ruralista, UDR, estava no auge de sua mobilização, no fim da década de 80, estão também caindo na ilegalidade. Em São Paulo e no Paraná, fazendeiros montaram grupos armados para enfrentar os sem-terra. No Nordeste e no Norte, os donos de terra têm contratado pistoleiros para matar os invasores. No sul do Pará, depois dos dois assassinatos da semana passada, a Justiça pediu a prisão preventiva de onze suspeitos de envolvimento no crime — todos fazendeiros que até o final da semana passada estavam foragidos. "Enquanto durar o clima de violência, saem de cena o Incra e o Ministério da Política Fundiária e entram a Polícia Federal e o Exército", diz o presidente do Incra, Milton Seligman. A situação é delicada porque os dois lados decidiram violar a lei. O mais desconcertante é que essa radicalização ocorre justamente no período em que mais se fez pela partilha da terra no país. O governo Fernando Henrique assentou 187.000 famílias em três anos, mais do que todos os governos anteriores somados. Uma conclusão possível: a própria oferta crescente de lotes estimula a expansão e a agressividade do MST.
Desfraldando bandeiras vermelhas e ocupando terras, o MST ganhou visibilidade no país. A classe média dos centros urbanos, que não perde nada com a desapropriação de fazendeiros, sempre viu a reforma agrária com simpatia, mas há muitos aspectos do movimento que o morador das cidades não conhece. Um deles: muitas invasões não são feitas por sem-terra. Os dois mortos no sul do Pará tinham terra e crédito do governo. Irritado com a participação nas invasões de gente que já tem um pedaço de chão para plantar, o ministro da Política Fundiária, Raul Jungmann, denunciou na semana passada que existem pelo menos 47 líderes do MST que já ganharam terra mas continuam invadindo a propriedade alheia. Entre eles, estão Gilmar Mauro, um dos caciques do movimento, e José Rainha Júnior, que fez fama promovendo invasões no Pontal do Paranapanema, no interior de São Paulo.

FONTE: *Veja*. Caso de polícia. 8/4/1998.

A primeira coisa a ressaltar é que a reforma agrária, para a revista, não pode ser entendida como algo complexo, ela seria um problema social, portanto, sem qualquer vinculação política ou econômica. É importante manter o movimento neste campo, criando-se a ilusão de que ele não tem estas implicações e que, portanto, para resolver seus problemas, a única solução seriam medidas "do governo", que deveriam ser passivamente aguardadas. Em seguida, noticia a atuação de uma direita extremada, "*os fazendeiros estão criando milícias para barrar invasores*". Isso gera "*mortos e feridos*". Mas, de forma impressionante, o resultado seria que "*em protesto contra as mortes*", o MST "*apelou mais uma vez para a ilegalidade*". Portanto, para *Veja*, ilegal é o movimento, não os que cometeram assassinatos, que são mostrados como uma conseqüência natural. Mais adiante ela remenda, que isso levaria a UDR a "*cair na ilegalidade*". Há uma confusão de causa e efeito. Se a revista diz que em reação às mortes (assassinatos), o MST protesta, como pode dizer que a reação leva a UDR a cair na ilegalidade? A única solução é pensar que os assassinatos não seriam *ilegais* (para usar um parâmetro de julgamento da própria revista). O passo seguinte é a defesa do governo, que vem acompanhada de um quadro em destaque:

O governo assentou 187.000 famílias nos últimos três anos
Hoje, o MST tem 63.000 famílias acampadas em fazendas ou beira de estradas, esperando por assentamento.
Só na semana passada, o MST invadiu 26 fazendas. Este número pode chegar a 500 até o fim do ano
O governo tem 4 milhões de hectares de terra para distribuir, área equivalente à da Suíça

FONTE: *Veja*. Caso de polícia. 8/4/1998.

A defesa do governo é assintosa, mas não descuida de alertar para o que considera um exagero: "*a própria oferta crescente de lotes estimula a expansão e a* ***agressividade do MST***". O movimento, nunca contente, ficaria agressivo agora não em reação às mortes (assassinatos), mas à própria benesse governamental. Infere-se que como uma criança que recebe o presente paterno, ele nunca se satisfaz e vai avançando sempre mais nas exigências. A função precípua da revista vem em seguida: "*a classe média dos centros urbanos,* ***que não perde nada com a desapropriação de fazendeiros****, sempre viu a reforma agrária com simpatia, mas há muitos aspectos do movimento que* ***o morador das cidades não conhece***".[1987] Há um chamado de atenção explícito, a revista chama a união de classe: se a classe média não estava se dando conta, os proprietários estavam sendo prejudicados, era necessária solidariedade. Complacente, *Veja* se dá conta de que quem apóia o movimento *não conhece* a realidade. Portanto, esta seria sua função, dar a conhecer.

Começa anunciando que o movimento tem vínculos *partidários*. No PT "*existem alas que condenam o movimento*". Fica aqui o alerta, para a ala que não apóia o MST, de que este elemento estaria em jogo também no processo eleitoral e que portanto, eles deveriam reagir, e jamais mudarem de opinião.

Ainda em conclusão, a história é simplificada, justamente dizendo que a reforma agrária é um "*tema complexo*": "*ao longo da História, sempre gerou violência e mortes*". Finalmente, o esforço discursivo chega onde queria: o agente da violência passa a ser a própria reforma agrária, ela geraria violência. Mais que isso, é a organização que se quer atacar, e por isso, se constata a passividade do governo, que cria uma armadilha "*deixando o movimento se enforcar com a própria corda: quanto mais o MST radicalizar, menos apoio terá da sociedade*", a revista insiste nisso, é necessário criar opinião pública a este respeito. E perceba-se novamente, é o movimento que radicaliza, não os assassinos (estes apenas reagem, portanto?). Anunciando a nova forma de fazer distribuição de assentamentos por sorteio,

1987 Idem. Grifos meus.

conclui que esta é "uma tentativa de quebrar o monopólio dos grupos organizados, e quem sabe, pacificar o campo". Portanto, é a organização que é mostrada, em última instância, como a responsável por todos os males. Na seqüência dessa matéria, dois meses depois, a revista publicou a capa diabolizando João Pedro Stédile,[1988] denotando a nova forma de tratamento que revista queria imprimir ao movimento:

> Devido à persistência com que o MST se mantém fiel ao objetivo que o originou – a reforma agrária – a estratégia que prevaleceu e se mantém atualmente foi a satanização. Nela a revista procurou induzir os seus leitores a associarem os membros da entidade a párias sociais e seus objetivos a algo que não faz mais sentido nos dias de hoje. Mesmo nessa fase há momentos em que o atrelamento de *Veja* ao discurso do poder é mais evidente, como no uso da palavra *baderna*. Em outros momentos esta ligação surge de forma mais sutil como no uso de certos verbos introdutores de opinião. Porém, em todas as fases, o *discurso da notícia* é cuidadosamente tratado. Nota-se, em alguns momentos a repetição exaustiva de palavras, expressões e mesmo períodos inteiros (...) no sentido de melhor fixá-lo na mente do receptor.[1989]

A manchete da matéria é quase auto-explicativa: "*O QUE ELES QUEREM: os dirigentes do MST dizem que não querem só terra e falam em revolução e socialismo*".[1990] Ou seja, agora *Veja* iria explicar, efetivamente, para a classe média que, enganada, apoiava o movimento, qual era a sua verdadeira face (por isso o Diabo na capa...). A longa matéria tem a finalidade de encaminhar para uma nova opinião pública, pois como disse o citado ministro Raul Jungman: "*O MST conquistou o país após o episódio de Eldorado de Carajás*", mas agora, "*a opinião pública, sobretudo a classe média, está ficando assustada*", reitera-se a sintonia entre governo e revista, apontando um "avanço" para a posição da classe média sobre a gravidade do "problema".

É como problema mesmo que o MST é tratado. Após várias páginas em que busca mostrar uma "confusão ideológica" do movimento, inclusive citando documentos "em poder do governo", sem esclarecer como teve acesso a eles, e citando um documento do movimento datado de 1991 para "provar" que ele era revolucionário e socialista. Denota-se uma rede de informações eficiente da revista. O "problema" é apontado mais uma vez para a organização, mas também para a suposta anacronia das "soluções":

1988 "A esquerda com raiva" é a manchete da capa que traz uma fotografia de Stédile diabolizado. 3/6/1998.
1989 SOUZA, op. cit. P. 99.
1990 O que eles querem. André Petry e Eduardo Oinegue. Veja. 3/6/1998.

> Sendo a reforma agrária uma questão **meramente social e não agrícola**, há uma multidão de pobres que **prefere** ir tentar a sorte no campo em vez de ficar inchando as favelas urbanas. **O problema é a estratégia adotada por seus líderes**. A cientista política Maria Hermínia Tavares de Almeida, da Universidade de São Paulo, analisou o texto *A Reforma Agrária Necessária*, uma das referências teóricas do MST. O texto traz uma proposta de reforma agrária e as medidas que o movimento considera fundamentais para a construção de uma nova sociedade. Na opinião da professora, os objetivos descritos no texto são absolutamente desejáveis: trabalho para todos, alimentação farta, justiça social, igualdade de direitos, entre outros. '**É o reino dos céus na terra. Ninguém pode ser contra isso. O problema é a fórmula anacrônica que eles pregam para chegar aos objetivos**', afirma. Para Maria Hermínia, o MST defende um **socialismo revolucionário fora de época, deslocado, inviável**. 'Falam como se nada tivesse ocorrido no mundo nas últimas décadas. Fingem ignorar que esse modelo não deu certo em nenhum dos lugares em que foi implantado'.[1991]

O problema da miséria aqui é referência de fundo. Os pobres miseráveis podem "preferir" ficar na cidade ou ir pro campo. Em qualquer opção, para *Veja*, sua atitude não pode vir a ser de organização de lutas. Após acusar ostensivamente o movimento de ser "ideológico", a revista publica essa conclusão (a matéria se encerra assim), que assume a aparência de "verdade científica". Todo o problema se resumiria ao fato de coisas supostas que "ocorreram nas últimas décadas", que comprovariam a anacronia da proposta do movimento. Que coisas eram estas não foi dito, fica subentendido. Sem explicação, consolidando o senso comum, fica fácil a "comprovação" da inviabilidade da proposta. Mas, importante a ressalva inicial: ninguém é contra "*o reino dos céus na terra*". Embora a revista aponte, ainda que vagamente, que o movimento tem uma proposta concreta para atingir seus objetivos, é como utopia (impossível de ser realizado) que ele deve ser consolidado.

Esta foi uma bandeira permanente e crescente de *Veja* nas últimas décadas. Seu alvo principal foi criar opinião pública contrária ao movimento, ao mesmo tempo em que apoiou as medidas governamentais, seja a forma de (não) fazer reforma agrária, seja a repressão. A principal repressão é tacitamente apoiada pela revista é a dos próprios fazendeiros e seus assassinos grupos pára-militares. A epígrafe deste tópico mostra a permanência dessa posição. Em 2004, sob o governo Lula, novos sem-terra foram assassinados e a revista deu a manchete: "novos mártires", o que é sintomático da posição idêntica àquela de Raul Jungman, endossada

---

1991 Idem. Grifos meus.

por *Veja*: as mortes seriam incentivo para que o movimento ganhasse apoio popular. Por isso, concordarmos plenamente com a posição de Gustavo Barreto, quando ele aponta os

> Principais métodos da elite na disputa de hegemonia: 1. cooptação de lideranças dos movimentos sociais (oferta de cargos e facilidades, entre outras coisas); 2. Criminalização dos movimentos sociais por meio de notícias difamatórias 3. Personificação de seus líderes como forma de torná-los presas fáceis e, assim, começar uma campanha de desmoralização política; 4. Divisão interna dos movimentos sociais e da esquerda; 5. Repressão, quando "necessário". Exemplo: quando "ameaça a democracia" (eufemismo para "desafia a hegemonia e o poder constituído").[1992]

Estes elementos estão presentes na cobertura da *Veja* sobre os movimentos sociais, especialmente o MST. Com relação à cooptação, o que vemos não é a cooptação direta da revista, mas ela apontando para o fato de que o movimento seria cooptado pelo governo (seja via Incra, seja pelo seu "desejo de poder"). A criminalização está explícita, embora seus manifestantes sejam assassinados, os sem terra organizados é que são mostrados como os criminosos. Há uma busca de personalizar para facilitar o ataque: Stédile e José Rainha são os alvos principais, e com isso aponta para uma divisão no próprio movimento, e da esquerda de forma mais ampla. O apoio tácito e explícito à repressão é marca indelével da postura de *Veja* com relação ao movimento.

9. 4 OS MOVIMENTOS "ANTI-GLOBALIZAÇÃO"

Toda a prática discursiva de *Veja* busca mostrar o mundo capitalista de forma naturalizada, descaracterizando as luta sociais e apresentando um mundo fictício onde apenas o esforço individual (ou a sorte) apareça como alternativa às dificuldades do mundo "globalizado". A opção preferencial da revista com relação a tudo o que fuja dessa lógica é o simples ocultamento, ou seja, o silêncio sobre os movimentos contestatórios. Há momentos porém em que eles não podem ser silenciados, dada a sua ressonância conjuntural, e o impacto de suas ações.

Veja mantém, em consonância com uma linha da imprensa internacional mais ampla, um misto de alerta e de descaracterização dos movimentos sociais, que tem sido

---

1992 BARRETO, Gustavo. É preciso um esforço concentrado na estratégia de contra-hegemonia", diz MST. Disponível em: www.piratininga.org.br, consultado em 20/12/2004.

historicamente a tônica dessas coberturas.[1993] Ao narrar a história presente / capitalista, não há como ignorar o tempo todo as luta sociais, e isso se torna muito forte com relação aos movimentos anti-capitalistas, ou "antiglobalização" como quer *Veja*. Quando não tem como ignorá-los, a revista produz versões simplistas segundo uma lógica que reproduz o "modelo de propaganda". Também aqui procura implantar mais um espaço de controle, na medida em que busca impor uma visão unilateral sobre os supostos desacertos dos movimentos sociais, sugerindo sua criminalização.

No decorrer da década de 1990, em diversos pontos do planeta, ocorreu o amadurecimento de vários movimentos no sentido da necessidade da luta contra a lógica neoliberal, (muitos deles com sentido claramente anti-capitalistas), buscando a efetivação de medidas concretas nesse sentido. A maior novidade desses movimentos talvez tenha sido a forma de sua organização, não mais centrada em partidos e sindicatos, mas em especificidades, como o movimento de mulheres, o ecologista, o homossexual, e muitos outros. Essas especificidades não colocaram necessariamente esses grupos contrários à compreensão de uma lógica mais ampla na qual essas lutas se incluem, ou seja, não excluíram o seu caráter de classe. No entanto, *Veja* teve um papel fundamental na tentativa de reforçar a fragmentação desses movimentos. Ocultava-se e buscava atribuir-lhes a negação da realidade mais ampla (anticapitalista) na qual se inserem como campo de luta conjunta, em procedimento que semeia a confusão e a desinformação. Analisaremos a seguir a cobertura de *Veja* de alguns fatos marcantes no campo das lutas sociais da década de 1990.

1993 Esse processo nem é exclusivamente brasileiro, nem é novo. Ele pode ser visto na cobertura de movimentos contestatórios dos anos 1960, onde nos Estados Unidos, os Students for a Democracy Society foram tratados pelo The New York Times (e por outros jornais norte-americanos) de forma análoga a que vemos nos anos 1990 em Veja: o acompanhamento do grupo (inclusive com infiltração), a notícia somente publicada quando é interesse do jornal, a desqualificação e despolitização de suas posições, o ocultamento das causas reais das manifestações (com alusão apenas aos atos "fora da ordem"), a desconexão. Ver, sobre isso: TODD. The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley. University of California press, 1980. cap. 2. Versions of SDS, p. 32-77. Trad. MTGF de Albuquerque e FFLA de Albuquerque. Rev. Tecn. de Afonso de Albuquerque (xerox).

9.4.1. "Rebeldes sem causa" de um "utópico 1968"

O primeiro passo é a descaracterização da mobilização. A rebeldia é atacada por vários pontos, iniciando com a caracterização dos jovens, que em consonância com o visto no capítulo anterior, são mostrados como pacatos, despolitizados e consumidores:

De tempo em tempo VEJA revisita com reportagens especiais os jovens, o mais **agitado pedaço da sociedade brasileira**. Com as pistas principais fornecidas por pesquisas de comportamento conduzidas por universidades, **agências de publicidade** e institutos de **opinião pública** que cuidam periodicamente de aferir a temperatura de ebulição da juventude e sua força transformadora no país, os repórteres da revista traçam suas próprias redes de coletas de indicadores. O resultado dessas investidas é surpreendentemente rico. Os jovens formam sempre um painel cheio de nuances, desafiador e irrequieto, sobre o qual se torna quase impossível colar rótulos. A reportagem de capa de maio de 1984 mostrou uma maioria de jovens, especialmente os habitantes das grandes cidades do país, **muito menos rebelde politicamente do que se presumia**. Outra reportagem, feita quase dois anos depois, traçou um retrato do adolescente brasileiro, cuja fisionomia mostrou-se também para surpresa de muitos, **ponderada e responsável** no terreno dos costumes. Eles, ao contrário do que parecia mais natural, repetiam os avós e não os pais, estes, sim, nostálgicos de uma época de **liberalidade excessiva.**

A excursão jornalística dos repórteres produziu, também com a ajuda de uma pesquisa recém-concluída por uma das maiores agências de propaganda do país, a McCann-Erickson, um instantâneo da juventude do país. O retrato é o de uma massa humana que ingressa precocemente nas atribuições da cidadania - que antes de completar 18 anos se prepara para escolher pelo voto um presidente da República, já usa cheques e cartões de crédito e dirige o carro dos pais não apenas com habilidade, mas com **responsabilidade e cuidado**. São os herdeiros de gerações que lutaram pela emancipação política e comportamental e que **agora afirmam-se principalmente pelo consumo e cuja pátria são os shopping centers.** (...) Como nas reportagens anteriores, os jovens entrevistados deram **um viva à diferença**.[1994]

Em plena sintonia com a perspectiva que apresentamos no capítulo anterior, *Veja* mostra a juventude dos anos 1990 como sendo alienada, alheia à mobilização. O vício da

---

1994 O ensaio dos jovens para o ano 2000, Carta ao Leitor. Veja. 9/8/1989, p. 43.

matéria é seu ponto de partida – não há divisões nem diferenças na categoria "juventude". A pesquisa (endossada pelo editor) incide sobre os jovens filhos da elite – com carros, cartões de crédito e vida nos shopping – e é generealizada, de forma abusiva, a toda a juventude. A essa juventude só interessaria o consumo. Figuras revolucionárias, nesse sentido também são reduzidas a mercadorias, bens passíveis de consumo, como já apontado no caso de Che Guevara.[1995]

Na cobertura sobre maio de 1968, na passagem dos seus trinta anos, em *Veja* se retiraram os agentes históricos, diluídos pelo tempo: "*o negro furou o bloqueio racista na sociedade americana nos anos 60. A mulher começou a invadir fábricas (...)*".[1996] O objetivo é dizer que "*a rebeldia de trinta anos atrás cristalizou-se num belo álbum de retratos em preto-e-branco*".[1997] Por isso, a edição reproduz um álbum de fotografias envelhecidas. A matéria repisa que rebeldia é coisa do passado, dos "tempos de 1968", hoje aqueles sujeitos são "*executivos circunspectos, por um instante fantasiados de roqueiros*".[1998] As "*coisas de 1968 incluíam audácia criadora e, às vezes, a escolha que destrói*",[1999] a remissão às drogas, sugere que as lutas se reduzissem a isso. A revista adota uma dupla linguagem. De um lado, desmerece as reivindicações e as lutas sociais de 1968 como sendo fruto de arrombos de juventude. Assim, procura postar-se numa posição paternal e compreensiva frente ao que define como período passageiro da vida, aparentemente pronta a integrar no rebanho dos globalizados os egressos que "tomaram juízo", como os exemplos que apresenta de ex-militantes. Mas *Veja* não pode admitir tanta generosidade compreensiva e, como um "pai turrão", parte para a agressão – os "meninos" são simultaneamente apresentados como falsos libertários, como totalitários e perigosos, justificando a posteriori a repressão sobre eles e, em extensão, a repressão a qualquer movimento contestador. A desistorização é uma marca:

> Sem outras referências que trabalhassem sua imaginação, os jovens de 68 eram nostálgicos tanto dos mitos revolucionários da Comuna de Paris de 1871 quanto dos brancaleônicos brigadistas internacionais da Guerra Civil Espanhola de 1936, e fascinados pelos mitos de então. É um paradoxo. Os meninos libertários de 68

1995 Houve uma tendência mundial da publicidade em utilizar símbolos da esquerda, revertendo seu sentido. Ver: VIDELIER, Philippe. Los anúncios revolucionários del capital. La usurpación comercial de los símbolos de lucha política. Voces y culturas. Revista de comunicacion. N. 17, 1º sem 2001. Barcelona. (111-124).
1996 1968. Veja. Laura Capriglione. 6/5/1998, p. 74.
1997 Idem.
1998 Idem, p. 76.
1999 Idem, p. 80.

> exaltavam violentas ditaduras totalitárias, mas ninguém parecia importar-se muito com isso.[2000]

Toda a reflexão histórica ligada à Comuna de Paris e da resistência espanhola é esvaziada. Como de praxe, mostra o movimento social sem processo histórico. A complementação é típica do argumento de autoridade / intolerante: "*nao é rebelde quem quer. É quem pode*", sempre repetido por *Veja* qd o tema é a contestação social. Dsetila a noção de uma esquerda "*voluntarista*",[2001] que não saberia do que estava tratando, argumento retomado para as contesações da década de 1990. O fechamento da matéria é impressionante:

> "A esquerda era autoritária e policialesca. Depois de 68, ela ficou mais tolerante", analisa o professor Otaviano de Fiore, trotskista em 1968 e hoje secretário do Ministério da Cultura. Em 1968, a ditadura venceu. Na eleição de 1974, o país teve a primeira chance de se manifestar com alguma liberdade e golpeou o regime duramente. Em 1984, por fim, os fantasmas de 68 foram enterrados.[2002]

O processo histórico é montado e encaixado para suas conveniências: a esquerda era autoritária, o que justificaria a ditadura, que apenas "venceu". A luta contra a ditadura é resumida às eleições – sob vigência da tortura e do AI-5 – de 1974; o colégio eleitoral de 1984 deveria enterrar não a ditadura mas qualquer contestação.

9.4.2. Movimentos e globalização

Os movimentos de contestação ao capitalismo ocorridos nos anos 1990 muitas vezes apareceram na seção Economia & Negócios. Aqui as mobilizações são sintetizadas por *Veja* como: "*muito barulho, pouco juízo e nenhuma razão*".[2003] Segundo a revista, desde que "*virou moda*", "*em nome do combate à mundialização da economia, espezinhar com tomatadas, tortas e barricadas incendiárias os engravatados do FMI, os do Banco Mundial e os ministros de Finanças*",[2004] algumas mudanças ocorreram, e "*as dúvidas sobre os benefícios da globalização vem dominando os debates dessas reuniões*".[2005] Segundo ela, "alguns especialistas", estariam vendo "*nessa mudança sinais de que a gritaria das ruas pode estar*

2000 Idem, p. 83.
2001 Idem, p. 88.
2002 Revolta na periferia. André Petry. Veja. (reportagem complementar). 6/5/1998. Grifos meus.
2003 A grande fogueira das bobagens. Veja. E&N. Eurípedes Alcântara. 4/10/2000, p. 192.
2004 Idem.
2005 Idem.

sendo ouvida". O problema seria o fato de que os "*arquitetos de políticas públicas são de alguma forma eleitos*", eles seriam "*facilmente intimidados por manifestações*". Ou seja, a democracia aparece aqui claramente como um incômodo, ao que arremata: "*isso 'poderá acabar empurrando-os de volta ao populismo irresponsável', diz o economista americano Stephan Moore, presidente do Clube para o Crescimento Econômico*".[2006] Esse "populismo" seria expresso nos "nacionalismos", no "fechamento da economia" resumida por *Veja* em "*namoro com a inflação e as reservas de mercado*". Essa mistura de coisas de ordens diferentes é sintetizada numa nova fórmula: o "***capitalismo ostra*** *que predominou quase todo o século e que foi criador de boa parte da pobreza de que se acusa agora a globalização por não conseguir debelar*".[2007] Como a revista, em seu papel de partido deve, acima de tudo, impor sua visão de mundo, não parece ter problemas com argumento contraditório, desde que úteis à sua causa. Assim, ora a globalização é o capitalismo, ora era recurso discursivo característico, apresenta a globalização como uma novidade. Ela aparece como se fosse um outro sistema de produção, que teria ainda que resolver os problemas deixados pelo "velho sistema".

Insiste no argumento trazendo agora a fala da "*reputada revista inglesa The Economist*", que "*enxergou um risco não desprezível de que histeria das ruas possa acabar levando os governos e organismos internacionais a sufocar o capitalismo global, na tentativa de fazer uma acomodação política com o clamor dos manifestantes*". Mas seria um retrocesso, dizendo que isso "já aconteceu antes":

Entre 1840 e 1914 o mundo viveu um processo de globalização ainda mais radical que o atual. Nem sequer existiam passaportes. Pessoas, mercadorias e capital viajavam livremente. A festa acabou com a paranóia nacionalista cujo ápice foi a I Guerra Mundial. Seria uma pena se houvesse um retrocesso nesse momento.[2008]

A revista sugere e endossa eventuais medidas repressoras a esses movimentos, porque eles é que seriam retrógrados, "querem voltar no tempo", instaurando um mundo onde os nacionalismos xenófobos se colocam no lugar de um "mundo livre". O que não se explica são os motivos que fizeram esse mundo "livre": o mercado que necessitava de pessoas que

---

2006 Idem.
2007 Idem. Grifos meus.
2008 Idem.

pudessem cruzar fronteiras e servir de mão de obra barata em condições de total submissão e exploração. Está de fundo a idéia de que enfim, o que todos - tanto o movimento quanto o mercado - queriam era a "globalização", como voltará a ser argumentado a seguir.

9.4.3. Seattle e outras manifestações

A cobertura de *Veja* dos protestos ocorridos em Seattle contra a reunião da Organização Mundial do Comércio em novembro de 1999[2009] se assemelha à dos principais jornais norte-americanos. As quatro páginas da reportagem, na seção E&N, na semana seguinte da reunião, enfatizaram a conferência da OMC e quase desconsideram as manifestações, voltando ao assunto na semana seguinte. A idéia força veiculada pela mídia internacional de que "*somente uns fanáticos defendem uma crítica radical contra a OMC, que em realidade representa a maior esperança de futuro para o mundo*",[2010] era reproduzida em *Veja*.

A exemplo da cobertura norte-americana, os protestos são minimizados, descontextualizados e simplificados. Assim expressa *Veja*, reduzindo os manifestantes e suas reivindicações ao rótulo de "neoprotecionistas": "*o mais novo filhote econômico a pular na praça se chama neoprotecionismo e suas fantasias variadas, de sindicalista a ecologista. Foi essa gente que armou barraca e fez baderna na cidade americana de Seattle*".[2011] Ou seja, *Veja* elege um ponto que para ela é essencial, da liberação de mercado e busca legitimar-se a partir do movimento, distorcendo suas reivindicações. O sentido é semelhante à cobertura do *New York Times*, que buscou descaracterizar as manifestações, atribuindo-lhes a defesa da "*necessidade de reformar os procedimentos e os valores da OMC*".[2012] Na revista brasileira, nem se entrou no mérito das manifestações, sendo os manifestantes reduzidos a "sindicalistas

---

2009 Esse movimento foi o que teve maior impacto midiático, mas os protestos não iniciaram com ele: "nos quatro anos antes dos protestos de Seattle e Washington, eventos de eixo semelhantes convergiam do lado de fora de reuniões de cúpula da OMC, do G-7 e da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico em Auckland, Vancouver, Manila, Birmingham, Londres, Genebra, Kuala Lumpur e Colônia. Cada um desses protestos em massa foi organizado de acordo com os princípios da descentralização coordenada". KLEIN, Naomi. Cercas e janelas: na linha de frente do debate sobre globalização. São Paulo, Rio de Janeiro, Record. 2003, p. 45.
2010 SOLOMON, William. El tratamiento periodístico de las protestas contra la OMC em Seattle. Voces y culturas. Revista de Comunicación. N. 17, 1 semestre 2001, p. 43. O autor observou como síntese da cobertura do New York Time (NYT) e do Los Angeles Times (LAT) essa "idéia força" central. Ele constatou a publicação de 22 reportagens e editoriais no LAT e 35 no NYT.
2011Cai a máscara dos ricos. Veja. E&N. César Nogueira. 8/12/1999, p. 184.
2012 Editorial LAT, 2/12/1999. Apud SOLOMON, p. 45.

e ecologistas", sem dar a mínima informação sobre a quantidade de pessoas e a força das manifestações. Preferiu-se reduzir a questão ao protecionismo simplesmente, o que justificaria inclusive o tratamento no tópico E&N. A reportagem diz que "infelizmente", as mudanças no campo do comércio internacional são muito lentas, e a OMC não estaria conseguindo dar conta, ainda, das disputas entre os países. E conclui que "*outra prova de que o protecionismo não acaba da noite para o dia é o cerco físico que os manifestantes armaram em Seattle na semana passada. É ignorância bastante para ocupar os diplomatas por décadas*".[2013]

Veja aplastra a questão, sugerindo que todos os manifestantes compartilhavam uma única opinião, semelhante à definição de que eles eram "*ocupantes de uma arca de Noé que argumentam que a Terra é plana*".[2014] O editorial do *Los Angeles Times* foi também explícito na defesa do interesses do capital, dizendo que aquela virulência dos movimentos "*sem dúvida, cai bem a certo público* (....) *mas muitos membros do público americano médio provavelmente se darão conta muito rápido* (...) *de que o propósito de incrementar os benefícios empresariais é uma meta que a gente compartilha com a direção empresarial*".[2015] O jornal está chamando atenção para o fato de que também a classe média, que forma parte dos manifestantes, tem interesse no lucro e que portanto, cedo ou tarde teria que abandonar o discurso radical.

As falas dos delegados da OMC foram destacadas nos jornais norte-americanos, que alegam que os manifestantes "não entenderam bem do que se trata": "*se os manifestantes chegassem a entender corretamente o conceito de 'livre comércio', então apoiariam a OMC. (...) Esta gente não entende as vantagens do livre comércio para os países em via de desenvolvimento, disse um delegado alemão*".[2016] Argumento semelhante foi desenvolvido pela revista brasileira.

Veja, na edição seguinte, publicou cinco páginas, tendo como ênfase os movimentos de protesto, assim resumidos: "*Um novo tipo de rebeldia, capaz de reunir no mesmo barco ambientalistas, operários e produtores de queijo roquefort, desafia um inimigo comum, a*

2013 Cai a máscara... Op. cit., p. 187.
2014 NYT, 1/12/1999, p. 1, apud Salomon, p. 44.
2015 LAT, 5/1/99, apud Solomon, p. 44.
2016 NYT, 1/12/99, p. 14, apud Solomon, p. 45.

globalização".[2017] A revista ao mesmo tempo em que promove a estigmatização,[2018] reduz o movimento a um "saco de gatos", pois "*todo mundo tinha algo para dizer nas ruas de Seattle*".[2019] E, como vimos no caso brasileiro, é sempre um problema para *Veja* as manifestações que são abertas "a todos", porque incluem "desdentados e mendigos".

As fotografias da polícia com metralhadoras, como de resto a repressão contra a população, ganham destaque e são totalmente naturalizadas. O único comentário é que elas servem "*para proteger a OMC*".[2020] A lógica da "baderna" é retomada: "*Quando alguns mais afoitos começam a depredar lojas e foram contidos pela polícia, podia-se pensar no renascimento de uma militância ao estilo anos 60.* ***Não é bem assim***".[2021] Didaticamente, *Veja* desenrola seu argumento sintetizado no "saco de gatos", sobre o fato de que, segundo ela, esses militantes "*têm dinheiro e tempo suficiente para se dedicar a uma semana de festival contestatório*", onde são submetidos a "*pouquíssimo risco*".[2022] Assim, segundo a revista, esses militantes seriam provenientes de "classes abastadas", fazendo alusão ao que ela já nomeara de "**rebeldes sem causa**". Igualmente, reitera a visão de um movimento desarticulado, sem qualquer unidade, que acaba sendo reduzido a uma lógica retrógrada:

> Não é difícil entender o sentimento de perda de controle num mundo em rápida transformação, turbinado pelo capitalismo global. Não é a primeira vez que uma parcela grande da população treme diante de uma novidade com poder de revolucionar seu modo de vida. Dois séculos atrás, muita gente temeu que a Revolução Industrial fosse por fim ao trabalho manual, aos valores e a culturas tradicionais. Nada disso ocorreu.[2023]

A imprensa internacional procurará naturalizar, além da repressão, a própria lógica da OMC e de seus membros. Com essa finalidade desenvolve uma linguagem específica. O *Los Angeles Times* perguntava*: "quem diabos eram?"* e apontava para "*uma série de grupos com interesses específicos, diferentemente dos delegados da OMC, que se supõe representem a*

2017 Revolução versão 99. Veja. Internacional. Rogério Simões, 15/12/99.
2018 Apenas para exemplificar, em quatro páginas de texto, cinco vezes referiu-se ironicamente ao movimento homossexual, assim adjetivando: "lésbicas radicais", "lésbicas de peito nu", "lésbicas militantes", "vingadoras lésbicas" e "lésbicas que produzem espetáculo do topless".
2019 Revolução.... Saco de Gatos, p. 64.
2020 Salomon, p. 66. A polícia usou armas como gás pimenta e gás lacrimogêneo, além de balas de borracha, que ferem, cegam e podem levar à morte.
2021 Idem, p. 63. Grifos meus.
2022 Idem, p. 64.
2023 Idem, p. 66.

praticamente todos os povos do mundo".[2024] Ao mesmo tempo em que qualifica a ordem do capital, "representantes" a oposição, homogeneizada como *anarquista.*[2025] Não se interessa em compreender e apontar para as especificidades dos manifestantes, pois, são caracterizados de forma preconceituosa, o convém a essa média minimizar sua importância. Para isso o epíteto de "anarquista" serve:

> Há certa ironia numa rebelião que junta gente preocupada com o bem-estar das tartarugas e sindicalistas dispostos a erguer barricadas para defender seu ganha-pão. Sem falar que entrou no mesmo barco uma versão mais radical e desesperada do anarquismo.[2026]

Ao mesmo tempo em que cria uma interpretação para o movimento sindical, trata o movimento ecologista de forma pejorativa, naturalizando a própria degradação da natureza, sem assim nomeá-la.

Veja usaria a mesma lógica ao dizer que o movimento "não estava entendendo bem as coisas", aliás, já expressa pelo "não é bem assim". A massa, repetidas vezes é tratada de forma distante por *Veja*, que presume sua ignorância para facilitar o combate, tanto ideológico como fisicamente repressivo, que a revista endossa. Apresenta, pedagogicamente, os benefícios que a massa deveria louvar para, ato contínuo, desqualificá-la:

> Quando se priva uma nação dos benefícios do comércio internacional ou se impede que nela se instale uma nova indústria, o que se está fazendo é condená-la a continuar pobre. Por ser pobre, ela continuará dilapidando seu patrimônio humano e ambiental. É um círculo vicioso, que escapa à **massa ululante nas ruas**, mas é perfeitamente entendido pelos engravatados.[2027]

Veja não pode se furtar entretanto ao registro de que há algo no ar, ao mostrar as manifestações relativas à campanha pelo não pagamento da dívida externa, o que denota que esse não é um movimento isolado, que portanto, há organização e movimentação social, o que é assim tratado na matéria:

> Em junho, uma multidão saiu às ruas de Londres para defender o perdão da dívida externa dos países mais pobres, uma das bandeiras mais populares da atualidade, com o apoio desde o papa João Paulo II até Bono, o líder da banda de rock U2. O

2024 Solomon, p. 43, citando: Los Angeles Times, 3/12/1999, p. 1.
2025 Como o faz o New York Times em 3/12/1999, p. 1. Solomon, 44.
2026 Revolução.... op. cit., p. 66. No quadro que acompanha a reportagem, "um anarquismo de banda de música", há fotos, entre outros, de Noam Chomsky, "crítico contumaz do capitalismo".
2027 Revolução, op. cit., p. 65. Grifos meus.

> protesto, batizado de 'Carnaval contra o capitalismo', descambou em violência, com 46 feridos e seis indiciados.[2028]

Essa forma de cobertura também segue a lógica mais ampla da grande imprensa mundial. Os movimentos sociais são noticiados, sempre de forma desfavorável: ou de forma anedótica, e nesse campo entram as várias formas de preconceito "comportamental"; ou a partir de elementos que os mostrem como violentos buscando a sua criminalização, para, em contraposição, legitimar a ação repressiva policial.

No caso da Consulta Popular sobre a dívida externa,[2029] Carlos Zeller constatou na Espanha a baixíssima cobertura dada pelos jornais *La Vanguardia* e *El País*. A sua análise mostra que a cobertura se ateve a problemas legais, vinculados à permissão para a realização ou a alguns incidentes ocorridos em protestos e manifestações populares. Foge aos interesses da grande imprensa mostrar a organização dos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que passa longe de seus interesses realizar o efetivo debate das causas e fundamentos econômicos e sociais, no caso, a Dívida Externa dos países do Terceiro Mundo,[2030] sendo a naturalização das relações capitalistas o único caminho. O autor mostra que a consulta foi feita com tempo prévio de debates, discussões, produção de textos, que poderiam ter sido utilizados também pelos jornalistas para produzirem esse debate, mesmo que defendendo pontos de vista opostos. No entanto, nem a existência dos debates foi noticiada. Nem de longe a importância do movimento de Seattle foi noticiada em *Veja*. As manifestações impediriam a plena realização das reuniões e deliberações do encontro da OMC.

Para além disso, há uma carga simbólica muito grande no fato de que foi uma reunião de movimentos, onde os manifestantes se organizaram previamente não apenas no sentido da preparação política, da compreensão dos debates, mas da articulação alternativa, e tudo isso "no coração do capitalismo", expressando "*a convergência do movimento sindical dos Estados Unidos com sindicatos estrangeiros e com diversos movimentos sociais materializados nas*

2028 Idem, p. 66.
2029 Que organizou plebiscitos populares sobre se os países deveriam ou não seguir pagando as dívidas. A organização levantava dados que mostravam que essas dívidas já foram pagas inúmeras vezes, buscando mobilizar contra o pagamento. No Brasil, a consulta foi organizada pela CNBB e criticada por Veja, como apresentamos acima.
2030 ZELLER, Carlos. La consulta sobre la deuda externa em la prensa de referencia. In: Voces y culturas. Revista de Comunicación. N. 17, 1 semestre 2001.51-65.

ruas".[2031] Seoane e Taddei dizem inclusive que Seattle fundou um novo movimento social, e até uma nova Internacional, o que é um evidente exagero. É inegável, no entanto, que a partir daí, Seattle passou a ser um referencial importante, e várias outras atividades articuladas se seguiram, mas a cobertura seguiu o mesmo perfil.

Em fevereiro de 2000, na reunião do Fundo Monetário Internacional em Bangcoc, a cobertura de *Veja* se dividiu em dois pontos: o primeiro, do poderio econômico mundial; o segundo dava conta da existência de manifestos contra a globalização. A fotografia em destaque é de Michel Camdessus, presidente do FMI, limpando seu rosto após ter recebido uma torta de morango na face. Comenta *Veja* de forma irônica que

> O agressor, um americano militante de uma organização especializada em lambuzar de glacê o rosto dos próceres da globalização, **esqueceu que** nos últimos tempos o FMI tem defendido a idéia de que os governos não podem desprezar o combate à pobreza.[2032]

O sarcasmo é uma forma de passar desapercebido o fato de que *Veja* está falando em nome do personagem da notícia. Ao invés de entrevistar e ouvir o ponto de vista do militante em questão, ela avalia e conclui que ele "esqueceu" que o FMI se preocupava com os "pobres do mundo". *Veja* não apenas "esquece" mas também oculta que isso é, na verdade uma falta de opção por parte do próprio capital.

A produção de efeitos midiáticos também interfere na cobertura. Como exemplo, uma reunião do FMI e do Banco Mundial em abril de 2000 em Washington foi reduzida a uma simples menção em reportagem sobre o avanço do poder norte-americano. Mesmo assim, a cobertura é taxativa em desqualificar a posição dos manifestantes: "*sindicalistas protestavam nas ruas contra a transferência de fábricas e empregos para os países pobres, e integrantes das ONGs pediam mais ajuda às nações miseráveis do planeta. A primeira alegação é* ***uma tolice***".[2033] Compreende-se a caracterização de "tolice" ao recolocar o caráter da globalização

---

2031 SEOANE, José e TADDEI, Emilio. De Seattle a Porto Alegre – passado, presente e futuro do movimento antimundialização neoliberal. P. 163. in: SEOANE, José e TADDEI, Emilio. (Orgs.) Resistências mundiais. De Seattle a Porto Alegre. Petrópolis, Vozes, 2001.
2032 Uma fatia do bolo. Veja. E&N. Eliana Simonetti. 23/2/2000, p. 122. Grifos meus.
2033 Susto no Império americano. Veja. Internacional. Eliana Simonetti, Isabela Boscov e Ricardo Galuppo. 26/4/2000, p. 46. Grifos meus.

"*inescapável, tem muitas vantagens e produz alguns cadáveres por onde passa*".[2034] Esse seria um desses "fatos da vida" com os quais os seres humanos devem se acostumar, como enunciara Velloso.

Alguns mecanismos de desmoralização dos manifestantes e de reducionismos da causa anti-globalização podem ser encontrados na cobertura que *Veja* produziu sobre o julgamento de José Bové. Antes de mais nada, a cobertura divide[2035] o tema com o da liberação do consumo de drogas em Portugal, o que constitui uma forma de associação com o uso de drogas. Ainda no campo da associação, a fotografia que predomina na página mostra o terreno em volta da torre Eiffel invadido por muitas vacas e pessoas, todos sentados ou parados. O julgamento em si é reduzido a uma única questão: o anti-americanismo específico dos franceses. *Veja* anuncia Bové como o "*queridinho da França por defender duas causas populares no país – ele se opõe à globalização e à influência americana*".[2036] Assim, o seu julgamento teria sido "*de mentirinha*", porque "*45% dos franceses apoiavam o* ***depredador***".[2037] Para explicar o ocorrido, a revista diz que Bové "*é mesmo um herói nacional*", porque "*mais de 30.000 fãs reuniram-se em torno do tribunal para aplaudi-lo. As razões que o levaram a atacar o McDonalds são o que menos importa. A lanchonete emprega 30.000 franceses e compra todos os ingredientes de produtores locais*".[2038] Assim, ficariam elas por elas, o número de manifestantes se iguala ao número de pessoas diretamente "beneficiadas", segundo a revista, pela presença da lanchonete norte-americana. Tudo isso é atribuído ao "*sentimento antiamericano arraigado que tem tudo a ver com a xenofobia e o sentimento de decadência dominantes na França. Os franceses têm dificuldade de engolir a influência da língua inglesa e da cultura americana no mundo*".[2039] Ou seja, *Veja* apresenta o problema como uma inveja francesa pelo avanço da "cultura" norte-americana, descaracterizando completamente a luta anti-globalização. É com esse mesmo sentido que acusa Bové de defender uma causa que prejudicaria os agricultores brasileiros, relativa aos

---

2034 Idem. É impressionante o cinismo da afirmação, pois essa é uma das principais denúncias dos movimentos anti-capitalistas, um sistema "produtor de cadáveres" (Klein, op. Cit., p. 78).
2035 Uma página mais um terço para Bové, e os outros dois terços para as drogas.
2036 O herói do foie gras. Veja. Internacional, 12/7/2000, p. 52.
2037 Idem, grifos meus.
2038 Idem.
2039 Idem, p. 53.

subsídios do governo francês aos produtos agrícolas da Europa, "*com isso os agricultores brasileiros ficam mais pobres e Bové põe mais dinheiro no bolso*".[2040]

Com a clássica tática da repetição, *Veja* repisa essa imagem dos franceses, na edição seguinte, quando dedicou uma página para explicar a sua "mania de protestos". Paris, segundo *Veja*, além das atrações turísticas como a culinária, agora de destaca pela quantidade de *manif: "qualquer coisa é motivo para botar o bloco de descontentes na rua. Protesta-se contra o preço (baixo) do tomate, a favor dos argelinos que migraram, contra os argelinos que imigraram, e todo dia há alguém reivindicando aumento de salário".*[2041] A revista publica um box com um "manual da manifestação", onde se resume que

> Há quatro passeatas por dia, em média, em Paris. Os protestos têm local e hora marcados. Confrontos com a polícia são raros. Apenas um manifestante foi morto em quarenta anos. Quando precisam intervir, os guardas agem com rigor, mas não usam armas de fogo. Para inibir os mais exaltados, a polícia costuma filmar os manifestantes.[2042]

Apesar de mostrar a organização e o "pacifismo" dos parisienses, a revista reduz suas práticas a atração turística,[2043] sem fundamentação histórica e sobretudo, sem qualquer vínculo com os movimentos anti-capitalistas em curso.

9.4.4. Gênova e a "radicalização" da repressão

Em agosto de 2001 se reuniram em Gênova em torno de 150.000 manifestantes para protestar contra a reunião do G-7. O impacto da repressão foi tamanho que circularam o mundo todo as imagens da violência bárbara, resultando inclusive no assassinato de um jovem manifestante, o que em *Veja* é citado sem comentários. A cobertura de *Veja* seguiu ao seu padrão habitual: "*tudo que é sólido se desmancha no ar. Karl Marx via a globalização com otimismo. Os rebeldes atuais querem dissolvê-la na base do grito*".[2044] Primeiro passo, *Veja* se coloca mais uma vez como intérprete do pensamento de Marx, "ensinando" aos manifestantes qual seria seu real sentido, a exemplo do embaixador da Estônia em Seattle: "*Eu sou socialista.*

2040 Idem.
2041 Mania de protesto. Veja. Internacional. 19/7/2000, p. 53.
2042 Idem.
2043 Também aqui a página do lado foi cuidadosamente escolhida, e trata de uma outra "excentricidade" européia: "a longa festa dos 100 anos da rainha-mãe, a figura mais popular da realeza inglesa". É a vovozinha! Veja. Internacional, 19/7/2000, p. 52.
2044 Tudo que é sólido se desmancha no ar. Eliana Gianella Simonetti. Veja. Internacional. 25/7/2001, p. 47.

Vocês estão equivocados".[2045] Ao mesmo tempo, os "rebeldes" não teriam organização, a sua única arma seria o "grito". Há uma clara alusão ao dito popular "resolver as coisas no grito", ou seja, sem fazer nada, apenas esperando que seus adversários se assustem e as coisas se modifiquem a seu favor.

Mas, há algumas outras informações. Segundo a repórter, "*o governo italiano pôs 15.000 policiais nas ruas. Murou o centro com placas de metal. Hospedou os líderes dos oito países industrializados (o G8) num navio blindado e munido de equipamentos antimísseis* (...)". No caminho do porto até o local das reuniões "*postaram-se atiradores de elite*".[2046] O relato da violência é seco, sem maiores explicações: "*ocorreram os primeiros confrontos entre rebeldes e policiais. Um rapaz morreu com um tiro na cabeça*".[2047] Nenhuma informação adicional, nenhum comentário. A não ser, a seqüência didatizante que novamente repete aos manifestantes a natureza do seu erro:

> Na agenda do encontro do G-8 estavam propostas para melhorar as condições de vida dos países mais pobres do mundo: a eliminação de barreiras às importações, o perdão da dívida externa, a criação de um fundo internacional de combate à Aids (...) Além da elevação do nível educacional dos povos.[2048]

O raciocínio subjacente é que se os manifestantes não tivessem aparecido, todos os problemas do mundo teriam sido resolvidos. Mais uma vez não há a exposição das plataformas dos manifestantes, embora diga que eles são os mesmos. Novamente, há uma clara tendência a se apropriar do sentido das manifestações, mas sem aventar que as soluções seriam distintas. Lastima, pois, que o movimento é que não queria discutir os problemas reais. Assim sintetiza a autora: "*as preocupações da turma dos oito ricos* ***diferiam pouco das reivindicações dos revoltosos****, mas não houve conversa entre os dois grupos*".[2049] *Veja* dá voz ainda ao ministro das Relações Exteriores da Itália: "*estou consternado porque as demandas feitas pelo povo são na maioria válidas e porque estamos trabalhando nelas*".[2050] Mas o aprofundamento da lógica repressiva vem da própria revista:

2045 LAT, 1/12/199, apud Solomon, p. 45.
2046 Idem, p. 47.
2047 Idem.
2048 Idem, p. 48.
2049 Idem. Grifos meus.
2050 Tudo que é sólido... p. 48.

> A questão está ficando séria. Líderes eleitos pela população de seu país e comandantes de **organizações internacionais de ajuda aos necessitados** (como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional) estão sendo **intimidados pela turba que transita pelo planeta** para marcar presença em cada reunião destinada a discutir os rumos da globalização.[2051]

A justificativa contra as manifestações é global: a eleição justificaria qualquer ação governamental, mesmo contra a oposição massiva. Ressalte-se a definição do FMI e Banco Mundial: órgãos de ajuda aos necessitados, jamais um instrumento nas mãos das potências mundiais. E por fim, a inconformidade com a mobilização, caracterizada como uma "turba" errante, que nada faz na vida além de incomodar aos que realmente trabalham pelo bem da humanidade.[2052]

Um detalhe significativo, na versão da revista os "poderosos" é que são intimidados, ainda que sejam eles os portadores dos navios antimísseis, muros de metal e baterias de atiradores de elite, a tal ponto de não haver uma palavra de lastima contra a morte de um manifestante. Aos manifestantes é imputada a anti-democracia, o fato de "*se oporem ao livre debate*", nas palavras de um consultor do Bird, melhor explicado pela revista: "*estão tentando impedir o debate democrático à base de pancada*".[2053] Há aqui duas grandes falácias: quem atirou e matou não foram os manifestantes, mas a polícia que apenas protegia os interesses dos países e do comércio; dizer que os debates do Banco Mundial são democráticos só pode ser justificável pela lógica de efetivamente os dois lados querem a mesma coisa no processo. É uma forma de atribuir ao Banco o poder de ser o palco para resolução de todos os problemas sociais, deslegitimando uma vez mais a luta organizada e a própria realidade, pois ignora que as solução possíveis do Banco Mundial são sempre paliativas.

A matéria retoma a argumentação autoritária – paternalista de forma dual em dois aspectos. No ângulo paternal, aponta os benefícios da "*existência de gente que pensa diferente*", pois fora disso se seria "totalitário". Para "provar" que o debate é um "*caminho*

2051 Idem. Grifos meus.
2052 Há aqui uma falácia, como aponta Ellen Wood: "os integrantes dos movimentos anticapitalistas são freqüentemente criticados por saberem apenas contra o que lutam e não a favor do que lutam. Acredito que o contrário seja a verdade: a maioria sabe perfeitamente a favor do que luta – por exemplo, por justiça social, paz, democracia e um meio ambiente sustentável – mas tem menos claro contra o que, especificamente, precisa lutar para alcançar esses objetivos", por desconhecerem na integridade os mecanismos de reprodução e ampliação do capital. WOOD, Ellen Meiksins. O que é (anti)capitalismo? Crítica marxista. Revan, 17, nov/2003, p. 37.
2053 Idem.

para o progresso", (como se houvesse debate) cita os "*jovens rebeldes e sem juízo*" que levaram a mudanças de costumes nos anos 1960 e os jovens que engrossaram as "*marchas de cabeludos*" que levaram ao fim da Guerra do Vietnã. Em seguida e sem transição adota o tom autoritário:

> Desde o Muro de Berlim, quando se tornaram indesmentíveis o atraso, a poluição e a ignorância produzidos por regimes fechados, **há consenso** em torno da idéia de que democracia, a **abertura dos mercados** e a **liberdade de expressão** produzem riqueza e promovem a **evolução dos povos** em todos os campos.[2054]

O que esse discurso busca esconder é justamente a inexistência do consenso em torno dessas questões, mostrada pelas manifestações anti-globalização. Se há consenso é que problemas existem, a globalização "não é perfeita". Novamente, a revista utiliza um discurso adversário, deturpando-o: "*em seu* Manifesto Comunista*, escrito em 1848, Karl Marx considerava a globalização um movimento revolucionário altamente positivo e libertário*".[2055] Segue-se uma avaliação das possibilidades da globalização, listando países mais ou menos beneficiados, com exemplificações sem fundamentação, como: "*alguns implesmente decretaram que ficarão fechadas por opção ideológica, como a Coréia do Norte, uma ostra devastada pelo atraso, pela fome e pelo fetiche comunista*".[2056] Como contraponto, *Veja* apresenta as idéias de Antonio Negri, autor do "***manifesto comunista dos tempos modernos***".[2057] Para a revista, "*a globalização é a chance que a humanidade tem de assumir a cidadania global, livre das amarras dos Estados nacionais. Lamentavelmente, os que pensam como Negri são minoria*".[2058] Isso porque, segundo a revista "***a grande massa é radical*** *e tem* ***idéias anacrônicas***".[2059]

A "massa" ora é apresentada como ignorante, ora como radical, mas também como "*uma multidão de jovens manipulados*".[2060] Ao mesmo tempo, os redatores repetem que é "indiscutível" o "fato", que a globalização é o único caminho, atacando os que pensam diferentemente, desqualificando suas lutas, colocando-os no nível da manipulação, fora do

---

2054 Idem.
2055 Idem.
2056 Idem, p. 49.
2057 Idem. Grifos meus.
2058 Idem.
2059 Apresenta então o que seria o "papa" desses movimentos, John Zerzan, e José Bové, com descrições também sem fundamentação. P. 49. Grifos meus.
2060 Idem, p. 50.

tempo e distorcendo para isso, o próprio referencial de análise dos manifestantes. A conclusão da reportagem é expressão da contradição central que não se resolve no âmbito do sistema do capital. Diz a autora que

> A globalização **não é o paraíso**. É, por assim dizer, um mal menor. Tem de ser aperfeiçoada. Intelectuais e ativistas que demonstram ter **tanta disposição para marchas e quebra-quebras** poderiam aproveitar essa energia para reformas **mais úteis**. Poderiam buscar, com outros grupos preocupados com o destino do planeta, formas de melhorar o mundo. **E pôr mãos à obra**.[2061]

Sempre que se refere aos protestos em Gênova a marca maior é essa: a organização e persistência dos grupos manifestantes (intelectuais que não trabalham), colocados em oposição àqueles que "realmente lutam" e "põem mãos à obra" por um "mundo melhor" (a OMC, o FMI). Em nenhum momento a revista mostrou qualquer indício de que os manifestantes tenham usado de violência, ao mesmo tempo em que apresentou as armas da polícia e justificou com naturalidade o seu uso.[2062] Na edição seguinte, apresenta uma matéria de duas páginas com algumas fotografias chocantes de pessoas ensangüentadas e concluindo com uma certa "lição aos europeus", ironicamente: "*é natural que eles estejam em estado de choque: acabaram de descobrir que seus filhos também podem ser torturados*".[2063] Essa é a tônica da reportagem, informar que os europeus também teriam dado motivos para a repressão. Isso é apresentado como rotineiro, como um sarcasmo grosseiro do terceiro mundo, acostumado que deveria estar com a repressão e a tortura policial.

O posicionamento quanto à repressão permanece o mesmo da reportagem anterior: "*a polícia tem a obrigação de garantir a ordem pública durante manifestações. É igualmente legítimo que reaja com violência proporcional à usada pelos manifestantes*".[2064] Em nenhum momento argumenta porque eles foram presos, nem apresenta nada que indique violência da parte dos manifestantes. A prisão é naturalizada: estavam protestando. Só somos informados de que "*uma minoria seria constituída de* ***arruaceiros assumidos, anarquistas e pós-punks,***

2061 Idem, p. 50.
2062 A revista apresenta aqui um "quadro de batalhas" entre manifestantes e a polícia.
2063 Europa em choque: seus jovens foram torturados. Veja. 1/8/2001. Internacional. Raul Juste Lores, p. 53.
2064 Idem, p. 52.

que estavam lá para ***provocar a polícia***".[2065] Embora haja o uso do verbo no condicional, não são apresentados indícios da origem dessa suspeita.

Mais uma vez *Veja* incorre na caracterização dos manifestantes, coerente coma as anteriores: "*o Fórum Social reuniu esquerdistas que pediam o perdão da dívida externa de países pobres (reivindicação atendida em parte pelo G-7), hippies temporões, católicos de esquerda e grupos pacifistas.* ***Com suas críticas genéricas ao capitalismo e às grandes corporações***."[2066] Foram "*a Gênova em busca de uma causa nobre para defender – direitos humanos, fim do trabalho infantil, combate à pobreza e melhor distribuição de renda no planeta*".[2067] Em nenhum momento se explicita quais foram as reivindicações atendidas, o funcionamento do G-7, o que aconteceu nas reuniões e a própria forma com que são organizadas. O objetivo é retirar dos protestos qualquer sentido. Novamente expressa que esses movimentos são coisas de "ex-hippies", que não têm muito o que fazer. Seriam pessoas que não tinham objetivos, na medida em que "*foram a Gênova em busca de uma causa*". Para quem não sabe nada sobre o movimento, dá-se a impressão de que se trata de um circo ou um espetáculo qualquer do qual participaram jovens de classe média que não tinham nada melhor pra fazer. Assim, *Veja* oculta a organização, os sindicatos, ONGs, grupos diversos e, em última análise, se esconde a organização e consciência anticapitalistas dessas pessoas.

Em *Veja* há uma efetiva manipulação da informação. A revista arroga o direito de falar em nome de movimentos adversários, usando inclusive parte de seu próprio discurso para deslegitimá-lo. Diz querer a mesma coisa e lastima que o movimento "radical", não está "aberto para discutir". Obscurece o crescente fechamento de formas de debate e discussão, abertos apenas aos que dele se beneficiam.

9.5 *VEJA* E O PARTIDO DOS TRABALHADORES: MUDANÇAS HISTÓRICAS

O tratamento dado por *Veja* à esquerda brasileira esteve centrado, de 1989 a 2002, no PT, com ênfase à figura pública de Lula. A participação do PT nas disputas eleitorais foi um

---

2065 Idem, p. 53.
2066 Idem. Grifos meus.
2067 Idem, p. 53.

elemento fundamental no espectro político nacional, e corresponde ao recorte temporal desta tese. Trata-se da relação entre a revista e as transformações que o partido sofreu ao longo da década, apontando para a eficiência que o discurso de que "não há alternativas" foi sendo trazido para ação política concreta da própria esquerda.

Veja atua como partido, isto é, deve ao mesmo tempo consolidar a união de seu próprio grupo, expandir suas bases de apoio e atacar o inimigo / adversário. Esse conjunto de ações – permanentes – mudam de configuração e de conteúdos segundo as diferentes conjunturas. No caso de Lula, a revista desliza de papéis. Nas primeiras eleições, ela é francamente terrorista e constrói a estratégia de campanha a ser adotada por Collor, estratégia velha: agrupar os seus aliados (os grandes proprietários) reduzindo seus atritos internos em nome de uma ameaça que a revista define e apregoa. Não faltam tais ameaças e, para que tenham mais consistência, *Veja* procura disseminar o medo entre os "proprietários" em geral. Com isso, apaga as diferenças brutais entre o 0,01% da população de quem ela é de fato porta-voz e o restante, procurando aterrorizar a todos.

Essa ação ameaçadora será mantida depois, mas matizada, pois se mostra insuficiente. As disparidades sociais persistem, o PT continua crescendo eleitoralmente. Assim, sem abandonar a primeira tática, a revista adota outras duas, em dois momentos subseqüentes. a) dividir o partido e estimular a interlocução com sua elite, com a cúpula, inventando e aproveitando brechas, aprofundando-as. Ao ter tais interlocutores, o PT já é, ao mesmo tempo, um partido "como os outros" e um partido perigoso (bolsões radicais"); b) pedagogizar as elites do PT, ensiná-las a domar seus radicais. Isso é exatamente o que a própria revista – como partido – vem fazendo com seus próprios radicais de direita, que devem ser mantidos (com os dentes afiados), mas não aparecem muito. A diferença é que, no receituário para o PT, este deve "quebrar os dentes" de seus radicais, expurgá-los. Frente à perspectiva de uma radicalização popular ultrapassando o próprio PT *Veja* adotará ainda mais uma tática, "temperando" o conjunto: definir (isto é, organizar seu grupo aliado para a resistência) o que o PT não poderá fazer. Dada a docilidade com que as "elites" do PT administram o bloqueio, *Veja* pode ir adiante e definir o que deveria fazer.

A existência de contradições no interior da esquerda e a permanência de ideais revolucionários fizeram com que a revista tenha tido como pano de fundo de suas críticas a existência de "radicais" no partido. Parece possível crer que esse comportamento da revista

contribuiu em alguma maneira para a direitização do próprio partido. No contexto da "globalização" os partidos cada vez mais se utilizaram da mídia para construir sua plataforma política, e no caso da "esquerda" isso não foi diferente. Noções como a de "opinião pública" foram utilizadas como desculpas para mudança de comportamento e mesmo de programa. Ciente disso, *Veja* sempre buscou incitar essa fragilidade política, explorando as contradições e buscando pautar o próprio movimento político. Além disso, em todos os processos eleitorais, a revista contribuiu ainda para a construção de candidatos "**anti-Lula**", como vimos nos capítulos anteriores.

9.5.1. O PT que mete medo, para Veja

Como já apontamos, a posição da revista com relação ao PT nas eleições de 1989 foi de hostilidade e contrariedade. A demonstração do que "realmente queria" o candidato serviu para a denúncia da ameaça que o mesmo representaria. Com esse sentido se publicou a reportagem de capa: "***a hipótese de Lula**: o candidato do PT divide o eleitorado com suas propostas econômicas e acende uma discussão sobre os rumos do capitalismo no país*".[2068] Perceba-se nesse enunciado que ele aponta claramente para uma possibilidade, portanto, está alertando aos leitores que ela poderia se concretizar. Feito isso, se diz que "Lula divide o eleitorado", e portanto, o problema seria ele. Com isso se omite a possibilidade de que o eleitorado estivesse realmente dividido, expressando um momento político de tendência para a esquerda, e que Lula fosse apenas expressão disso. Ao contrário, se personaliza a questão, pois assim é mais fácil controlá-la. E por fim, aparece o próprio capitalismo como estando ameaçado na "hipótese Lula". Ele seria, de acordo com a revista "*uma grande e nervosa novidade*".[2069] A caracterização do candidato está dada pela estranheza: "*nunca houve um candidato, um partido como o PT*": "*em que, entre várias correntes, se abrigam sindicalistas*

2068 A hipótese de Lula. Veja. 29/11/1989, p. 52. Grifos meus. A reportagem se insere em uma série de outras, inclusive nesse próprio número da revista, que, por contraposição, tentavam ver em Collor um candidato ideal, como já discutimos no capítulo quatro.

2069 Idem. A revista constrói indiretamente a possibilidade de vitória. Para isso seria necessário "promover uma virada nas últimas três semanas"... e "derrotar" o outro candidato. É como se fosse apenas a continuação de uma partida anterior: "é verdade que existem pelo menos 12 milhões de brasileiros que **torcem pela vitória** do candidato Luis Inácio Lula da Silva, tanto que **foram capazes** de lhe dar seus votos no primeiro turno". Idem. Grifos meus. Está evidente o desprezo pelo candidato, demarcado pela expressão "foram capazes", que mostra a improbabilidade de que isso ocorresse, atribuindo aos que votaram uma "aposta", a exemplo da que se faz em corridas de cavalo.

com variados ***graus de agressividade, líderes grevistas*** *e* ***seitas esquerdistas*** *que adoram fazer* ***elogios ao sandinismo*** *da Nicarágua,* ***ao comunismo cubano de Fidel*** *Castro e à* ***luta de classes***", que pudesse "*passar a administrar a máquina do governo federal*".[2070] Portanto, a "agressividade", que é uma face da violência, está nomeada e junto com ela, os demais elementos historicamente associados ao comunismo: os grevistas, as seitas esquerdistas, a luta de classes. Tudo isso estaria embutido na hipótese.

A explicação para a chegada desse candidato ao segundo turno eleitoral tenta fugir de uma posição política, colocando como algo totalmente inesperado, mesmo para seus eleitores. Por isso, o tom foi demonstrar o perigo que se corria, como quem diz "é hora de acordar" e "corrigir o erro":

> Pode-se apostar que até semana passada a grande maioria da população brasileira nunca tinha sequer imaginado amanhecer, em 16 de março de 1990, com Luis Inácio Lula da Silva sentado no gabinete do 3º andar do Palácio do Planalto e o PT com a responsabilidade concreta de decidir como deve funcionar a oitava maior economia do Ocidente.[2071]

Ainda que apontando o perigo como uma "*hipótese minoritária*", e lembrando que "*ninguém pode adivinhar, com antecedência, o que irá ocorrer*", alerta:

> Lula se transformou no maior **pólo de ansiedade** política jamais vivido por todos os brasileiros que não partilham de suas receitas para consertar o país, ou mesmo, têm puro e simples **horror a elas**. Aquela fatia da população que é **dona do próprio negócio** tem a impressão de que **vai ficar muito mais difícil trabalhar, investir e ganhar dinheiro** caso a hipótese Lula se transforme no presidente Lula. As pessoas que conseguiram formar um pequeno patrimônio ao fim de uma vida de trabalho, mesmo que seja uma casa posta para alugar, perguntam-se **o que pode lhes acontecer**. Há advogados querendo saber **se sua clientela terá dinheiro no bolso para pagar seus honorários**. Profissionais bem-sucedidos alimentam dúvidas sobre a **possibilidade de ficar sem as promoções que esperam** (...) Grandes empresários temem que Lula **atrapalhe seus negócios** (...) Há enfim, quem esteja convencido de que as propostas do candidato do PT para promover uma distribuição-relâmpago da renda e buscar o bem-estar social através de portarias ministeriais possam **levar a economia a uma quebradeira geral**.[2072]

Depois disso, se os leitores da revista, advogados, empresários, pequenos proprietários, não tivessem se dado conta dos riscos que estariam supostamente correndo, certamente ficariam em alerta. Ficavam muito claros agora os riscos que se corria. As justificativas

---

2070 Idem. Grifos meus.
2071 Idem.
2072 Idem. P. 53. Grifos meus.

seguem, de forma que parece até uma ironia histórica: "*uma decisiva peculiaridade, porém, torna Lula um candidato muito diferente de Collor de Mello, qualquer que venha a ser o destino que as urnas reservem a ambos e ao país que um deles terá de governar por cinco anos*".[2073] A distinção seria que, em toda a história brasileira de eleições, de todos os candidatos, "*nenhum deles significava qualquer tipo de ruptura com a ordem geral das coisas*", o que portanto ocorreria na "hipótese Lula".

Alguns elementos são apontados no box "*os empresários e o PT*" mostram os principais "medos" atribuídos a Lula, alguns dos quais seriam postos em prática por Collor.[2074] Estavam claramente marcados os interesses do capital:

> O maior **temor dos industriais** é o de que o governo Lula venha a **taxar exageradamente os lucros**, **aumentar os salários** e punir certos setores com mais burocracia e impostos. Diante disso, os industriais poderiam ser levados a **diminuir seus investimentos**; o que **preocupa** as **multinacionais** é a lei de **remessas de lucros** ao exterior. Se elas forem reduzidas ou cortadas a zero, as empresas já instaladas no Brasil poderão **diminuir seus investimentos**, e as que pretendem vir para cá poderão optar por outros países; o maior **temor dos bancos** com um governo petista será o aumento dos impostos no setor financeiro e também a **suspensão do pagamento da dívida externa**. Esta última idéia provocaria o **corte instantâneo** das linhas de crédito que os bancos nacionais têm com os estrangeiros. Dessa forma, os bancos teriam seus caixas minguados, não poderiam fazer empréstimos e acabariam com **seus lucros sacrificados**; os **fazendeiros se assustam** com a proposta de reforma agrária do PT, que propõe mexer **até mesmo na Constituição** para poder picotar as chamadas terras produtivas.[2075]

Se antes destacava os riscos para o grande capital chamando-lhes atenção para o "perigo", agora eram os "pequenos e médios", que estavam sendo alertados para formarem uma união empresarial. A falácia de que o Brasil perderia investimentos é o elemento que permite popularizar a defesa das multinacionais, como se elas não exigissem, ao contrário, que o Estado criasse condições com seus próprios recursos para a sua manutenção. A defesa do capital bancário (principal anunciante da revista) é explícita, sem meias palavras: o que está em questão é o risco de que seu lucro diminua, isso não poderia nem ser cogitado.[2076] E por

---

2073 Idem.
2074 Idem. "No comércio, o maior temor é o de que o governo do PT decrete o congelamento de preços, que faria os produtos desaparecerem das prateleiras e, com eles, os fregueses".
2075 Idem. Box: os empresários e o PT. Grifos meus.
2076 Adiante se destaca a palavra de André Andrade Vieira, dono do Bamerindus: "não acredito na vitória do PT, mas, se por acaso o Lula for vencedor, viriam **dias negros** para o país". Idem. Grifos meus. p. 54. Além do teor racista da afirmação, o que se destaca é a ameaça, que se daria não apenas para os bancos, mas ara "o país".

fim, o que pode parecer ironia: a ameaça de que o PT poderia "reformar a Constituição". Esse foi, como vimos, o ponto central que a revista usou para atacar ao PT (e a esquerda em geral) ao longo dos anos 1990, acusando-lhes de conservadores e retrógrados por se apegarem à "defesa da Constituição". Os governos neoliberais, entretanto, tiveram a reforma da Constituição uma arma permanente, com todo o apoio e exigência de *Veja*. Portanto, a questão para a revista não era reformar, mas sim quais reformas deveriam ser feitas.

Ainda na caracterização do candidato, um "detalhe" interessante. Após dizer que ele seria completamente diferente de tudo que a política nacional conhecia, a revista completava:

> Talvez se pudesse dizer, exagerando, que Lula tem um remoto **parentesco mental** com o ex-presidente João Goulart, derrubado pelo golpe de 1964. A diferença é que Jango se dizia nacionalista, era latifundiário e fizera carreira como ministro do Trabalho. Lula se diz **socialista**, é um ex-retirante que fez carreira como líder sindical e tem sido o adversário principal de todos os ministros do Trabalho que encontrou pela frente.[2077]

Ora, não há exagero em inferir-se que a ameaça, portanto, seria muito maior com Lula do que fora com Jango, que teve por fim ser "derrubado pelo golpe". A "reportagem" segue em mais cinco páginas com o mesmo teor. As vozes destacadas são as de grandes empresários, que reafirmam os riscos anunciados pela revista. Há ainda uma tabela em que são analisados os itens do programa do candidato Lula, onde a própria revista avalia e o critica.[2078] A lógica do capital está mais do que explicitada, e serve para justificar também a opção capitalista. Os valores se impõem, quando a revista traz os gastos das empresas multinacionais, na ordem de bilhões de dólares, anunciando a impossibilidade de "parar o capital":

> A idéia de que uma vitória de Lula seja capaz de provocar, em poucos meses, a paralisia total dos negócios do país esbarra também numa dificuldade técnica. Diariamente há milhares de empresários comprando mercadorias, fincando estacas para colocar de pé um edifício e tomando dinheiro emprestado para ampliar seus investimentos – num processo permanente que **força nenhuma é capaz de interromper**.[2079]

Ao longo dos anos, a revista manteve posição análoga a esta, embora com nuances distintas. Conforme o projeto neoliberal ia sendo implementado, mais a revista afirmava a

---

2077 Idem. Grifos meus.
2078 Idem, p. 54 e 55. "Como pode ficar a economia com o PT". A tabela consta de "proposta", "intenção", "efeito", "comentário" sobre os temas: salário mínimo, tabelamento dos lucros, dívida externa, reforma agrária, dívida interna, estatais, aumento de impostos; aumento real de salários.
2079 Idem, p. 57. Grifos meus.

falta de alternativas. Em momentos de maior tensão social sempre se encontrou formas de associar o PT a idéias gerais como baderna, bagunça, desordem, em detrimento de mobilização, organização, militância.

9.5.2. Uma esquerda sem rumos, segundo Veja

Para consolidar a idéia de que, mais uma vez, "não há alternativas", *Veja*, procurava elementos que permitissem sustentar isso a partir dos atos da própria esquerda. Assim, concluía que "*a esquerda latino-americana procura e* ***não encontra alternativa ao neoliberalismo***",[2080] e por isso, a revista permiti-se decretar o "*tombo à direita*".[2081] O texto, que "noticia" o Foro de São Paulo inicia em tom de alerta: "*a esquerda já participa do governo de três dos 33 países da América Latina e do Caribe* (...)", e na seqüência, mostra que essa esquerda não seria mais "tão perigosa": "*desde que abandonaram as armas, ex-partidos guerrilheiros têm crescido no continente, mas nem por isso o socialismo é um tema de consenso entre os políticos que militam desse lado do espectro ideológico*".[2082] Coloca-se então os parâmetros que essa esquerda teria, obrigatoriamente que respeitar indicando que o Foro

> Comprovou que, derrubado o Muro de Berlim, a esquerda tombou para a direita. As duas maiores estrelas do encontro deram o tom da discussão. '***Não sou de esquerda***', disse o líder do Partido da Revolução Democrática do México, Cuahtémoc Cárdenas. (...) '***Não sou nem nunca fui socialista***', diz Luiz Inácio Lula da Silva, o líder do PT. '*Como posso ser a favor de um regime no qual quem produzir oito garrafas de cerveja ganhará o mesmo que quem produz dez*?'.[2083]

A elite está circunscrita, a revista se torna também pedagógica e diz o que a esquerda deve ser. A revista está trazendo a público exatamente aquilo que ela quer que eles digam: que não são socialistas, que o socialismo morreu como possibilidade histórica. Por isso também faz um breve histórico da esquerda latino-americana e suas transformações, ressaltando o caso de El Salvador: "*Como manda o* ***novo figurino das esquerdas****, o ex-partido guerrilheiro procurou as* ***multinacionais*** *de seu país, entre as quais a AT&T e a Texaco, para garantir*

2080 Idem, grifos meus.
2081 Tombo à direita. Veja. Joaquim de Carvalho. 13/8/1997, p. 37.
2082 Idem.
2083 Idem. Grifos meus.

que, em caso de vitória nas eleições, seus investimentos estarão seguros".[2084] Perceba-se que aqui também se reduz a opção política a um problema de tendência, de moda: um "novo figurino". Estava dada uma lição para uma eventual vitória de Lula, que tempos depois acabaria tomando idêntica atitude. Quanto ao encontro propriamente dito, não há informações, ficando demarcado apenas que "*a esquerda procura e não encontra alternativa ao neoliberalismo*",[2085] portanto, infere-se, ela não existe...

Já vimos ao longo dos capítulos da segunda parte da tese que sempre que houve qualquer manifestação de organização política e social contra a implementação das reformas neoliberais, a associação ao PT esteve presente (e em alguns casos também ao PDT, especialmente no governo de Itamar Franco). As batalhas contra a privatização tiveram esse sentido, mas não foram as únicas demonstrações de que a luta de classes esteve presente nesse período. A revista decide então ajudar a controlar os radicais. Por isso, mais uma vez, a revista buscou associar os movimentos de massas populares que se manifestaram de forma "baderneira", ao PT: "***O PT perdeu o controle****: Com quebra-quebra em Brasília, oposição perde oportunidade de crescer enquanto FHC está em baixa*".[2086] A narrativa reduz tudo a um problema eleitoral: "*era uma oportunidade de ouro para o oposição. (...) As pesquisas eleitorais, que durante meses apontaram vitória de FHC no primeiro turno, voltaram a indicar a necessidade de uma segunda rodada*".[2087] Mas, "*contra esse pano de fundo positivo para a legenda petista, a* ***turma da bandeira vermelha*** *partiu animada para a manifestação*".[2088] A homogeneização permanece: todos os manifestantes são reduzidos a um mesmo campo, que pode ser controlado, e para isso também, discursivamente é trazido para o campo eleitoral. Segue: "*o pretexto era o desemprego. O objetivo real: reforçar a candidatura de Lula. A coisa começou cheia de promessas, mas acabou num* ***quebra-quebra*** *generalizado: meia hora de pancadaria*".[2089] O resultado: "*na contabilidade final, os efeitos sobre a opinião pública foram tão negativos que ameaçam roubar da oposição vantagens que havia obtido*

2084 Idem. Grifos meus.
2085 Semelhante posição já fora explicitada em três páginas de reportagem da semana anterior: "**A esquerda festeja o seu herói**: Cuauhtémoc Cárdenas, que derrotou o PRI mexicano nas urnas, é a estrela de fórum organizado pelo PT". Jaime Klintowitz. Veja. 6/8/1997. p. 32 a 34.
2086 O PT perdeu o controle. Esdras Paiva. Veja. 27/5/1998, p. 50.
2087 Idem.
2088 Idem. Grifos meus.
2089 Idem. Grifos meus.

com os erros do presidente".[2090] Na seqüência, se define a "*batelada de manifestações que a esquerda organiza em todo o país para fazer decolar a campanha e Lula*". Mas, ao longo das três páginas do texto, são ouvidas pessoas que simplesmente não sabiam o que estavam fazendo em Brasília, ou que foram para "encontrar amigos": "***vim só borboletear por aqui. Aproveitei porque ainda não conhecia Brasília***",[2091] é a frase atribuída a um servidor da UFMG. Assim se explicita, da própria revista, o horror às massas e aversão à própria realidade do país. Uma visão da sociedade na qual a participação política só pode ser exercida por pessoas "de bem", ou seja, limpas, consumidoras, freqüentadoras de bons dentistas:

> Como um retrato do Brasil, a Esplanada foi tomada por **gente que nem sabia o que fazia ali**, gente que queria um pedaço de terra, grupos de punks com penteados exóticos, adolescentes de classe média, professores universitários em greve, desempregados, **desdentados**, pipoqueiros. Homens, mulheres, negros, brancos e mestiços, hippies e engravatados. **Até mendigos** engrossavam a manifestação.[2092]

As idéias centrais são claras: a divisão social, tendo de fundo mais uma vez os "territórios" de cada um. Brasília, nesse caso, não poderia ser freqüentada por mendigos nem desdentados, muito menos por punks. Não seriam essas pessoas que constituiriam a tão alegada "sociedade" em nome da qual *Veja* defende seu projeto. Ao mesmo tempo, junto ao preconceito peculiar da revista, todas essas pessoas, que "não sabem o que querem", não são associadas a uma organização (que é efetiva),[2093] mas caracterizadas simplesmente como uma massa de manobra de um partido político.

9.5.3. Veja consolidando um Lula light

No final da década consolida-se o que já ficara mais claro nas eleições de 1998, uma menor animosidade de *Veja* para com o partido, embora sistematicamente contrária a ele. O que muda é o tom da gravidade que ele ameaçaria caso vencesse as eleições. *Veja* define quem deve ser o PT (quem deve sair) e como deve se comportar.

A capa de 4/7/2001 trouxe a manchete: "*LULA LIGHT: na tentativa de parecer simpático e escapar da quarta derrota, o candidato do PT fala agora em fazer alianças*

2090 Idem.
2091 Idem, p. 51. Grifos meus.
2092 Idem.
2093 As organizações nomeadas pela revista são "os sem-teto, sem-terra e sem emprego até a ala militante da Igreja católica e o PSTU". Idem. Todos aqui reduzidos, pela revista, a figurantes de um palco eleitoral.

amplas e em defender a estabilidade da moeda". Aqui ele não passa ainda de um "risco", mas se delimita que ele está ficando mais adaptado, apontando para medidas "necessárias". Embora demarcado pelo fracasso, no corpo do texto se explica que "*as perspectivas de Lula chegar ao Palácio do Planalto estão mais fortes do que nunca estiveram*".[2094] As mudanças no perfil do candidato são demonstradas em um box:

LULA ATRAVÉS DOS TEMPOS Uma coletânea de frases mostra a **evolução** no discurso do presidenciável	
Junho 1981	'Além de o PT ser um partido de esquerda, é um partido que tem um objetivo socialista.'
Julho 1985	'Não podemos, não queremos e não devemos pagar a dívida externa.'
Jan. 1986	'Quando chegarmos ao socialismo vamos dizer como ele será.'
Nov. 1988	'O PT passaria a ter problemas se abrigasse tendências de direita.'
Jan. 1989	'Nossa posição é clara: nós teremos de suspender o pagamento da dívida externa.'
Maio 1989	'Onde tiver um terreno vazio o trabalhador sem moradia deve invadir.'
Fev 1994	'Sou contra a maneira como os empresários querem a privatização. O que eles querem é pegar empresas que existem e que são rentáveis.'
Maio 1998	'Podemos fazer alianças sem nos prostituir.'
Fev 2000	'O PT não está propondo o calote das dívidas externa e interna. Nós queremos, sim, a auditoria da dívida externa.'
Maio 2001	'Quando questionamos a privatização não é por princípio, e sim questão de necessidade ou não. Temos várias empresas que deveriam ter sido privatizadas e outras que não deveriam.'
Junho 2001	'Eu acho que essa discussão numa campanha eleitoral, capitalismo e socialismo, está defasada e fora de época.'
Junho 2001	'Existem contratos que não podem deixar de ser cumpridos, mas isso não significa que sejamos obrigados a concordar com eles.'

FONTE: *Veja*. 4/7/2001, p. 40 e 41. (Grifos meus).

Embora demarque ainda ambigüidade no candidato, já mostra que ele abandonou elementos que inicialmente eram tidos como imutáveis, especialmente o objetivo do socialismo. A ênfase passa ser o caminho para a governabilidade, os contratos, que, mesmo que não se concorde com eles, deveriam ser cumpridos. Acompanham essas frases as informações sobre encontros com empresários, inclusive com grandes banqueiros; possibilidades de alianças, inclusive com o PL. Mas, explica revista, "há limites":

> Não se pode esperar que um petista se entusiasme de coração com privatização, enxugamento da máquina estatal, reforma da Previdência e combate árduo ao déficit público, como foi ou está sendo feito nos países mais avançados. O petista vive num claustro cheio de divisões e seitas e, na maioria dos casos, carrega um passado de militância em favor de um modelo de sociedade que deixou de existir com a queda do Muro e Berlim, em 1989. O que parece claro é que as correntes dominantes do PT aprenderam alguma coisa com as mudanças ocorridas no mundo

2094 A quarta tentativa. Veja. Alexandre Secco e Rubens Valente. 4/7/2001, p. 39.

> e com as derrotas consecutivas na corrida presidencial. A legenda **aposentou o sonho socialista** como bandeira pública e optou pela defesa de um Estado que faça ajustes no modelo neoliberal. A ala dominante no PT atual pode até sonhar com um igualitarismo utópico, mas faz isso apenas fora do expediente de trabalho. De segunda a sexta, aprendeu **a separar a fantasia de realidade**.[2095]

A adaptação e transformação do projeto político está clara, ainda que com limites colocados: nesse momento não se poderia esperar, "de um petista", "grandes avanços" como a reforma da Previdência, porque isso ainda seria considerado um acordo de prostituição, inferindo-se das palavras citadas de Lula. Mas está delimitado que mesmo que exista um "sentimento" com relação a um outro projeto (socialista), ele seria inviável, pois "deixou de existir". Assim, esses militantes se contentariam, segundo a revista, com o mundo da fantasia, conscientes de que isso não poderia ser aplicado à vida real, ao seu trabalho. Teriam, portanto, que deixar de pensar nisso para "**evoluir**".

Mesmo que existam "os radicais", *Veja* reconhece e valoriza a "*existência de caciques*": "*agora ganhou peso a decisão de uma cúpula*", permitindo acabar com as "*intermináveis assembléias*".[2096] Separa a elite, com quer o diálogo. Aponta-se ainda assim para a imaturidade, de forma pedagógica:

> O sonho do PT, em resumo, é administrar um país em que o governo faça investimentos maciços em áreas sociais, conceda subsídios a setores que julgue necessário estimular e, ao mesmo tempo, tenha contas equilibradas; e um país que seja atraente para os investidores estrangeiros. **Não dá para fazer tudo isso ao mesmo tempo**. A conta não fecha. (...) O mundo real tem suas complicações, que os petistas não parecem perceber quando fazem chover suas críticas sobre os administradores do governo tucano.[2097]

Veja, mais uma vez, "explica": não dá para fazer isso..., lembrando que os tucanos, esses sim, estariam certos, vivendo em um mundo "real". Em torno disso, se argumenta com os exemplos históricos, como o fracasso da tentativa de "socialismo radical" de Mitterrand na França, ao bem sucedido moderado Tony Blair na Inglaterra, como se fossem expressão de um mesmo conjunto, apontando para impossibilidade andar "*na contra-mão da história*", para concluir que "*há muitas diferenças entre as diversas linhas políticas e econômicas adotadas atualmente, mas o mundo já não admite discussões em torno de questões lógicas. 'A Boeing e*

2095 Idem, p. 42. Grifos meus.
2096 Idem.
2097 Idem, p. 43. Grifos meus.

a Airbus fazem aviões diferentes, mas todas as aeronaves que saem das fábricas têm asa. Ninguém debate isso porque sem ela o equipamento não voa', afirma Marcos Coimbra".[2098] E partindo disso, a revista sintetiza: "*as* ***lideranças mais lúcidas*** *do Partido dos Trabalhadores sabem disso, mas como* ***a legenda não é monolítica*** *e é preciso agradar à militância mais à esquerda, a realidade acaba produzindo* ***esquizofrenias***",[2099] dentre as quais, segundo a revista, estaria o programa econômico, que já fora feito para ser modificado, um "ensaio inicial". Estava colocada a missão de isolar os "radicais", o que poderia ser feito em ação conjunta com as "lúcidas lideranças".

Está de fundo a idéia de que o partido "*se adaptou às novas exigências* ***do eleitorado***",[2100] pelo menos no seu discurso. Mas justamente aí está um ponto de contradição e perigo. O "risco" de nova queda para a esquerda estava colocado, pois o eleitorado parecia mais à esquerda do que o PT, pelas próprias pesquisas da revista. Mais uma vez se busca contornar o problema de que o que determina não é o candidato, mas sim o eleitor, também aqui considerado "militância". Por isso o alerta vem em outro quadro:

ACREDITE, é o Brasil **Pesquisa do Ibope mostra a simpatia dos brasileiros a bandeiras do PT**		
	CONCORDA	DISCORDA
O Brasil precisa de maior presença do Estado na economia	78%	11%
O país necessita de uma revolução socialista para resolver seus problemas	55%	32%
O socialismo deveria ser implantado no Brasil	50%	33%
O governo deve estatizar as empresas particulares de determinados setores estratégicos	49%	36%
Fonte: Cepac Pesquisa e Comunicação Ltda. (*Veja*. 4/7/2001. p. 43)		

A própria revista explica que "socialismo" não é "socialismo", como se verificou ao aprofundar a pesquisa, pois: "*como 'socialismo' e 'revolução socialista' estão associados a idéias complexas e um tanto exóticas para andarem na cabeça dos brasileiros comuns, a CNI encomendou uma pesquisa qualificada para decifrar a compreensão popular das expressões*".[2101] A conclusão é:

2098 Idem, p. 45.
2099 Idem. Dentre os problemas apontados está a "governabilidade", mais uma vez citando Sergio Abranches, que vinha discutindo o tema também no Fórum Nacional como visto no capítulo cinco.
2100 Nas palavras de José Graziano da Silva. Idem. Grifos meus.
2101 Idem, p. 40. A CNI foi a responsável pela encomenda das pesquisas ao Ibope.

> Ouvidas 600 pessoas, representantes de todos os segmentos do eleitorado, chegou-se à conclusão previsível de que 'socialismo', na acepção popular, **nada tem a ver com marxismo**, Mao Tse-Tung ou Che Guevara. Para os brasileiros ouvidos na pesquisa do Ibope, **socialismo é sinônimo de 'união', 'amizade', 'comunhão', 'partilha', 'respeito', 'solidariedade' e 'justiça'**. Da mesma forma, '**revolução socialista' não tem nenhum parentesco com Cuba nem com a guerrilha do Araguaia**. Conforme o levantamento, trata-se de uma 'mudança social', 'ampliação das oportunidades de emprego', 'diminuição da corrupção'.[2102]

A revista ajusta a pesquisa a seus interesses, esvazia seu contudo para retomá-lo. Afinal, essas seriam "idéias exóticas". Em todo caso, seria necessário encontrar um candidato forte, que propusesse esses objetivos genéricos como união, solidariedade e justiça. Mas nesse momento, parecia que José Serra não poderia exercer sua função, devido aos altos índices de rejeição.[2103]

No andamento da campanha, depois de serem lançadas várias candidaturas de direita e da revista questionar, aflita "*quem vai ser o anti-Lula*?",[2104] os números continuavam mostrando a tendência de vitória do PT. Por isso várias capas têm sentido de questionar isso, seja indiretamente, como: "*De onde vem o poder do presidente: a história mostra que o sucesso de um governo depende principalmente das* ***qualidades individuais*** *do ocupante do cargo*"[2105]; ou diretas, em que alertava para os "riscos" que se corria: "*porque Lula assusta o mercado*"[2106]; "*o PT está preparado para a presidência*?"[2107]; "*O que querem os radicais do PT*: *entre os petistas, 30% são de alas revolucionárias. Ficaram silenciosos durante a campanha. Se Lula ganhar,* ***vão cobrar*** *a fatura.* ***O PT diz que não paga***".[2108] Ou seja, os radicais são colocados na capa da revista às vésperas das eleições, denotando mais uma vez a divisão, estabelecendo o conflito interno do partido que, naquele momento, não se imagina no que resultaria. Assim, enuncia o editorial:

2102 Idem. Grifos meus.
2103 Idem. Isso segundo pesquisa do Ibope, que apontava Serra junto com Itamar com o maior índice de rejeição: 54%.
2104 Manchete de capa. Veja. 17/7/2002. Candidatura de Roseana Sarney estava sendo produzida pela mídia, mas também por ela foi "encolhida" até a retirada de seu nome do pleito. Ver as capas: "O fenômeno Roseana", 14/11/2001 e "A candidata que encolheu", 13/3/2002.
2105 Veja. Capa. 12/6/2002.
2106 Veja. Capa. 22/5/2002. Um gráfico mostra a subida da intenção de voto em Lula e o crescimento do "risco Brasil", com uma fotografia de Lula olhando, apreensivo.
2107 Capa. Veja. 25/9/2002. A montagem traz o Palácio do Planalto e uma estrela do PT pairando no ar com uma faixa presidencial.
2108 Capa. Veja. 23/10/2002. Grifos meus.

> A reportagem mostra como o PT foi empurrando os radicais para as bordas, diminuindo sua influência nas decisões partidárias, a ponto de concorrer nas atuais eleições com uma plataforma de centro-esquerda. Tendo se apresentado aos eleitores com uma roupagem moderada, o PT, no entanto, manteve os radicais encastelados em seus quadros. O partido de Lula evitou a manobra clássica feita pelas esquerdas européias, por exemplo, de, ao migrar para o centro do espectro ideológico, **fazer autocrítica e expurgar os extremistas**. A reportagem apresenta os custos que essa opção pode vir a trazer para Lula caso ele seja eleito. E revela sua estratégia para evitar que os radicais atrapalhem seu governo.[2109]

Mais uma vez, a análise da revista está em sintonia com o que viria a acontecer. Primeiramente, mostrou que o partido precisava ainda para manter a militância e agradar uma parcela do eleitorado, manter um discurso "radical", inclusive no processo eleitoral. Mas, já anunciava a necessidade de "expurgo"[2110] a exemplo do ocorrido na Europa, desses parlamentares que "*se irritam com o discurso light do PT*".[2111] Não que isso já estivesse dado, as eleições não haviam ocorrido ainda, mas a análise, por mais que quisesse mudar a realidade, não poderia fazê-lo. Uma vez mais, a revista acaba adiantando uma postura do partido.

Esse episódio, às vésperas das eleições gerou alguns protestos contra a revista em sites especializados em crítica à mídia. Ao comentar as cartas recebidas sobre esta edição em que alertava que "*Vai ser preciso segurar: marxistas, leninistas e trotskistas que compõem o coração radical do PT se preparam para cobrar sua fatura caso Lula seja eleito*", Tales Alvarenga, o editor diz: "*foram 964 comentários.* Veja *gostaria de registrar com orgulho que a reportagem não mereceu um único reparo factual dos leitores que escreveram contra ou a favor de sua publicação*".[2112] Essa fala nos remete à análise de Bethania Mariani: "*cabe ao discurso jornalístico organizar e ordenar cotidianamente os acontecimentos, de modo a mostrar que pode haver mais de uma opinião / explicação para o fato em questão, mas nunca um fato diferente do que foi relatado*". Ou seja, "*a 'objetividade' dos fatos, isto é, sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir*

2109 À espera do novo presidente. Veja. Carta ao Leitor. 23/10/2002, p. 9. Grifos meus.
2110 O que ocorreria em 2004, quando três deputados e uma senadora "radicais" foram expulsos por votarem contra a Reforma da Previdência imposta pelo governo de Lula. Justamente a reforma que havia sido considerada tão necessária por Veja, e sobre qual tinha duvidas de que seria feita sob o comando do PT.
2111 Título dado à entrevista da senadora Heloísa Helena: "O discurso light do PT me irrita". Veja. 23/10/2002, p. 42 e 43.
2112 A utopia real. Veja. Carta ao leitor. 30/10/2002, p. 9. Em atitude inédita, a revista registra esse comentário, com a reprodução da capa ao pé da Carta ao Leitor, reservada para o editorial.

de um imaginário já constituído".[2113] O que fez o editor da *Veja* foi justamente se resguardar "nos fatos", que coincidem com a suposta realidade da existência de radicais, marxistas, "jurássicos", que vão ser, segundo ele, um "problema" a ser superado pelo governo petista. Mas, muito relevante é observarmos o relato do professor Antonio Ozaí da Silva, pesquisador das tendências partidárias. O mesmo foi consultado pela revista antes da publicação da reportagem, e aceitou se manifestar desde que respondendo a perguntas por escrito. Como ele tinha conhecimento sobre o tema, suas respostas não foram adequadas à ideologização da revista e sequer foram referidas, pois ela "*não encontrou argumentos para reforçar a leitura* ***factual*** *que fez*".[2114] Assim é fácil construir "fatos inabaláveis", como concluiu Ozai, "*é emblemático como esse tipo de imprensa trata a esquerda: em seu discurso pretensamente democrático aceita a crítica, desde que restrita a certos padrões e limites; quem escapa a esse figurino é assemelhado ao mal, ao cão tinhoso*".[2115]

Embora não tenha sido possível aqui dar conta de todas as matérias que a revista tratou do tema, (lembrando que foi também analisado nos capítulos anteriores os processos eleitorais), há o fechamento de um ciclo histórico. A revista se manteve coerente com a postura anticomunista, mesmo que o partido tenha mudado. A postura de *Veja* se manteve a mesma, embora distinta: inicialmente foi uma postura de crítica total, a partir da explicitação do seu próprio programa, definindo a diferença com relação ao que era proposto pelo PT. Depois, apontando a divisão interna do partido, buscando resgatar aqueles que lhe pareciam próximos ao seu próprio projeto. Para ela, seria necessário extirpar completamente todo e qualquer resquício de pensamento crítico.[2116]

2113 MARIANI, Bethânia. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro, Revan, 1998. P. 63.
2114 (ver título). SILVA, Antonio Ozaí. Revista espaço acadêmico. Ano II, n.18, nov/2002. p. 4. (www.espacoacademico.com.br). Grifos do autor, que transcreve a entrevista que não foi publicada pela revista.
2115 Idem, p. 2.
2116 A continuação desse processo mostraria que esse é um caminho sem fim: quanto mais o partido cede, mais as exigências aumentam, sem deixar qualquer margem de ação. Isso só reforça a postura de Veja, que de fato, não é governista por definição, mas apóia qualquer governo, desde que ele esteja em consonância com seu projeto neoliberal.

9. 6 CONCLUSÕES PARCIAIS

É certo que muitos outros exemplos poderiam ter sido explorados, e que eles se ligam de forma inextricável com os contextos políticos que já foram analisados. É certo também que outros espaços da revista estão em complementação às argumentações aqui demonstradas: as páginas amarelas, as pequenas seções como "radar", "sobe e desce", "perfil", "notas internacionais", tiveram o fim precípuo de desconstruir qualquer possibilidade de alternativa no campo das idéias ou da ação ao longo dos anos 1990. Mas, espera-se que, em termos gerais tenha sido possível mostrar a interligação com as linhas políticas dessa ideologia.

Inicialmente, pelo enfrentamento da incontrolabilidade do capital, que faz com que a dura realidade insista em ser dura, e que se coloque como possível justificativa para a existência de contestação social. Mas o tempo todo se busca amainar, controlar, minimizar, tirando a complexidade, perdendo a noção de processo, personificando.

A destruição ideológica das alternativas foi o elemento central que esteve como objetivo final, constituindo-se face da luta de classes contemporânea. E por isso, a epígrafe do capítulo é sua melhor síntese: a repressão cada vez mais acirrada que tem se visto desde os anos 1990 é uma reação à cada vez mais desesperada necessidade e concretude da mobilização social, consciente e anticapitalista. Não há alternativa: não há mais tempo de ter medo, chega de vãs esperanças desmobilizadoras.

Por isso concluímos com o título do capítulo: *Para Veja não pode haver alternativa*. Não há alternativa para a revista do ponto de vista do seu projeto político. Por mais que tenha havido mudanças programáticas, adaptáveis às conjunturas, sua posição sempre se manteve coerente com o projeto neoliberal. Aqui desenvolvemos um dos aspectos disso, que foram as elaborações da revista contra os movimentos sociais, para os quais a revista não permite que haja alternativa. Mas como a realidade é diversa, e as alternativas se criam pelos diversos movimentos, organizações, partidos, que se colocam contra a ordem vigente, a revista rebate no seu discurso monocórdio, chamando atenção de seus aliados de classe, especialmente a classe média. Ao mesmo tempo, defende e exige a repressão e usa todas as táticas que estão ao seu alcance para deslegitimar os movimentos.

CONCLUSÕES

A revista *Veja* age como *partido político*, na acepção gramsciana do termo. Suas táticas para alcançar tal objetivo são: formulação, organização e policiamento.

O SUJEITO VEJA

É parte da ação pedagógica da revista a constituição do *sujeito Veja*, que permeou toda a tese. Ele permite que a revista se aproprie do trabalho jornalístico, que é editado, e passa a ser a posição *de Veja*, tanto no sentido de que o sujeito que aparece nas matérias é *Veja*, e não os jornalistas (mesmo quando assinam), como porque os textos são refeitos, dando sempre o sentido que as editorias definem. Esse sujeito é a base da caracterização liberal da própria revista, que se vincula às noções de: opinião pública, responsabilidade social, quarto poder.

Veja diz ter a responsabilidade de narrar o presente, avaliá-lo, selecionar o que importa, sintetizar, explicar... Além disso, diz ser capaz de demonstrar o que seria a opinião pública. Ela quer ser a síntese do que seria bom para "os brasileiros", o "Brasil", "a sociedade". E como se coloca enquanto portadora, abrindo espaços para divulgar essa opinião pública, *Veja* também diz portar o que seriam os interesses "da nação". Não importa que em mais de um momento a revista tenha deixado claro que ela mesma forma opinião pública, onde sua atuação tem um peso crucial. O que prevalece é a sua posição como portadora dos "interesses da sociedade". De fundo, trata-se da formulação do senso comum sobre a realidade, massificando, simplificando, manipulando.

Mas mesmo que exista este "sujeito", *Veja* se coloca como um sujeito à parte do processo histórico. Ao falar "em nome da sociedade", é como se ela própria não fosse parte da

sociedade que, por sua vez, é quem forma o próprio Estado. Na sua definição, esses sujeitos são estanques e separados. Desta separação artificial deriva a noção de quarto poder, como se a imprensa, que não faria parte da sociedade, não estivesse representada também no Estado, não fosse uma empresa que tem interesses econômicos e de classe. Este veículo de imprensa quer mostrar-se não apenas como neutro e independente, mas fora do processo, sem vínculos, sem projetos. Por isso é tão cara a idéia de que ela seria o quarto poder, aquele que vigiaria os demais poderes. A concepção gramsciana que estamos trabalhando não nos permite fazer esta divisão estanque, pois no sistema capitalista Estado e sociedade se confundem, e os poderes convergem para um mesmo sentido, a dominação de classes. A análise da postura de *Veja* ao longo dos anos 1990 nos mostrou que é correto dizermos que ela vigia o poder. O erro está em dizer que faz isso "em nome de todos". Se a imprensa vigia, e faz isso com muita propriedade, o faz em nome de um programa e um projeto muito bem definido por ela, seus estados maiores e think tanks.

FORMULAÇÃO

Assim como ocorre com os demais partidos políticos, existe para *Veja* um projeto e um programa de ação que são estabelecidos em conjunto com outros grupos. A revista assume o papel de Estado Maior de um projeto discutido no âmbito do Fórum Nacional, entidade vinculada ao Instituto de Altos Estudos, coordenado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso. Dele fazem parte remanescentes de vários grupos de organização da direita que se articularam em torno de um projeto, vinculados ao complexo IPES/IBAD/ESG e posteriormente ao Movimento Democrático Brasileiro. Eles foram a base intelectual do projeto econômico posto em prática pela ditadura militar. Após a democratização, o Fórum se colocou como portador do moderno e de um programa para o Brasil. Sua atuação foi paralela à do Partido da Social Democracia Brasileira, o PSDB. As duas agremiações compartilham alguns membros de direção, com destaque para Fernando Henrique Cardoso.

O Fórum propunha, em inícios de 1990 a prática de um *aggiornamento*, que constituiria uma *contra-reforma moral e intelectual*, resumida na sua teorização sobre o "moderno". Seu projeto buscava sintetizar a experiência do *reaganomics* e *thatcherism* para a realidade brasileira. Em torno disso, buscou fundar a noção reiterada de que "*não há*

alternativas". Estabeleceu-se uma luta constante para apontar rumos e caminhos, assumindo papel dirigente diante das crises políticas que envolviam outros grupos: os partidos formais, o Congresso Nacional, outros grupos articuladores. Buscava, portanto, administrar os conflitos intra-classe dominante, apontando uma direção para a dominação, sistematizando a coerção e defendendo formas de repressão.

Justamente por ser um instrumento de defesa incondicional da abertura da economia *Veja* se coloca como portadora dos "interesses nacionais". Em vários momentos buscou legitimar-se "na sociedade", na "opinião pública", no "país", para colocar-se como intérprete de quais seriam esses interesses. Sua linha editorial se coloca contra todo e qualquer elemento impeditivo do processo de desregulamentação. Mas, mais do que combater os movimentos sociais - o que também faz - combate as manifestações do "atraso". Os sujeitos do atraso por ela nomeados são: os "defensores do Estado", que seria sempre ineficiente; os industriais defensores do que seria, segundo ela, a atrasada indústria nacional; os movimentos sociais e trabalhadores organizados em "estruturas sindicais falidas". *Veja* se constitui, se expande e se sustenta dessa forma: colocando-se como defensora do que ela chama de interesses nacionais, mas desde sempre vinculada a um projeto do capital, sem fronteiras e que tem na fase em análise um estágio de expansão e ampliação de sua atuação.

A atuação se deu por dentro das disputas internas, em seus múltiplos aspectos: político, cultural e comportamental. Mas a dominação se colocava sobretudo como econômica, pois se reiterava a necessidade de estabelecimento de consenso em torno do projeto, utilizando táticas de convencimento que propunham um padrão de pensamento para o qual a única verdade permitida é o mercado. Ele moveria tanto a macroeconomia como as razões dos indivíduos isolados, "em qualquer lugar do mundo globalizado". Como aponta Ramonet, o pensamento único reproduz um economicismo vulgar, e nos parece que faz isso de forma que nem os manuais economicistas soviéticos se atreveriam. Cria-se uma visão de mundo pela qual a ação humana sempre deve buscar o lucro, a vantagem, o ganho pecuniário. E para isso, os sujeitos alvo (gerentes) devem conhecer uma série de regras, que são didática e repetidamente ensinadas por *Veja*. Essa visão de mundo deve ser compartilhada, e o pensamento único é a sua forma de expressão: não basta apresentar sua visão, é preciso colocá-la como a única possível, destruindo o contraditório. A revista *Veja* se colocou como portadora desses ideais.

A sintonia de projeto e programa entre a revista e o Fórum Nacional são nítidas, e remetem ainda a outros estados maiores de nível internacional.

OS INTERESSES DA REVISTA

Não nos propomos averiguar quem constitui o público leitor da revista, pois as fontes pesquisadas não nos permitem isso. É possível, e nos interessa, apontar quem são os destinatários, ou ainda, os interlocutores a quem a revista indica estar se referindo em suas falas e a quem prioritariamente se dirige. Para isso é necessário dar conta de duas ordens de questões: a quem a revista diz que fala; a quem ela fala, que não é necessariamente o "público leitor" assinante. O primeiro campo estará presente ao longo da tese, quando percebermos a revista dizendo que seu público é a "elite do país", ou ainda a "classe média". Há um respaldo de parte da literatura disponível que defendem que a revista fala para "a classe média". Nossa hipótese é de que *Veja* busca sim atingir uma ampla categoria de leitores dos setores médios, incluídos aqueles que estão no seio da reestruturação produtiva e necessitam aprender a moldar novas formas de trabalho. São esses também os sujeitos das novas formas de comportamento e consumo englobados na "sociedade do espetáculo". Esse é o público alvo do gerenciamento em torno dos interesses do capital: as reengenharias, as adequações ao desemprego estrutural, que devem aparecer sempre como um desafio pessoal.

Mas a revista não se restringe a esse público. Ela tem uma ação sistemática de diálogo com a sociedade política e civil. Além de tentar pautar temas que seriam discutidos no Congresso, ela busca propor e encaminhar soluções concretas para os problemas políticos e econômicos que estão colocados nos diferentes contextos. Assim, *Veja* preparou suas campanhas sobre os grandes temas: a "desmoralização" do serviço público; a "falência das estatais"; as reformas constitucionais; a abertura de capitais. Ao mesmo tempo em que buscava o apoio de seus leitores em troca de sua "informação", cobrava uma postura concreta do Congresso Nacional e do Poder Executivo.

Ha uma coerência de raciocínio no que fundamenta a posição da revista, que é dada sempre pelos interesses de abertura de capital, privatizações, oligopolização, enfim, os interesses do capital financeirizado que constituiu o cerne do neoliberalismo e que, muitas vezes, são os próprios anunciantes da revista. Mas não nos parece que seja uma relação

automática de defesa dos anunciantes, e sim uma coerência entre quem anuncia e a linha editorial. Não é o fato de "ser empresa" que define a razão se ser de *Veja* e faz com que ela "diga o que os anunciantes querem", e sim o fato se ser *partido*, de estar a serviço concreto dos interesses do capital que anuncia (que também são os seus) que se constitui na maior conta publicitária do mercado brasileiro de revistas.

As posições programáticas não são criadas pela própria revista. Ela dialoga com amplos setores políticos e sociais: empresários, capitalistas, gerentes, que constituem o Estado Maior desse programa neoliberal, e que buscaremos localizar no espectro político nacional. Um de seus agentes foi o Fórum Nacional, entidade vinculada ao Instituto de Altos Estudos, coordenado por João Paulo dos Reis Velloso, que foi ministro durante a Ditadura. O Fórum tem papel de intelectual coletivo, reunindo os mais diversos membros da sociedade civil e política, incluindo-se empresários e governantes, e contando com financiamento do grande capital. Eles se reúnem, divulgam pesquisas previamente encomendadas a seus intelectuais, debatem, publicam e propõem encaminhamentos necessários à "nova ordem". Assim agiram ao longo da década de 1990, o que foi plenamente apoiado e divulgado por *Veja*, em continuidade à ação gerenciadora dos membros desse grupo, muitos deles advindos do complexo Ipes/Ibad/ESG,[2117] e, no período da abertura, do Movimento da Convergência Democrática,[2118] portanto, portadores de um programa que há muito vinha sendo implementado no país: a abertura ao capital associado, o fim das restrições ao capital externo, a transformação de parcela da empresa nacional em parte dos conglomerados transnacionais.

AÇÃO POLÍTICA PARTIDÁRIA

A ação *partidária* se deu no embate político que quis obrigar o Congresso Nacional e o Executivo a aprovarem leis de desregulamentação e abertura ao capital externo. Com relação a eles, há uma permanente cobrança de atuação. Para isso, *Veja* busca criar uma opinião pública (de toda a sociedade) que lhe dê sustentação, muitas vezes chamando atenção do governo e do Parlamento para a necessidade de que eles, em conjunto com a revista, façam isso: criem

---

2117 Ver: DREIFUSS, René. A internacional capitalista: estratégias e táticas do empresariado transnacional. 1918-1986. Espaço e tempo, Rio de Janeiro, 1986.
2118 Sobre essas organizações orgânicas e sua ligação com o Fórum Nacional, trataremos no terceiro capítulo.

opinião pública para aprovar seus projetos. Em alguns momentos a revista propõe mostrar o que faz o próprio Congresso, ao ponto de fazer pesquisa de opinião sobre o que "o Congresso pensa" acerca de determinados assuntos, ou seja, pressionando sobre as possibilidades de aprovação dos projetos em sintonia com o seu e denunciando aqueles "atrasados" que não se colocavam em pleno acordo com as medidas globalizantes. Também o Executivo recebe marcação cerrada. Além de entrevistas, (e no caso de Fernando Henrique Cardoso, *Veja* foi uma tribuna aberta para ele), há também espaços de opinião cedidos a outros intelectuais em sintonia com o projeto, seja nas páginas amarelas, seja nas seções assinadas ou em outros espaços editoriais.

Embora a sintonia com Fernando Henrique Cardoso seja indiscutível, seria um erro definir *Veja* como governista, pois o apoio aos governos que ela oferece está em relação direta com o cumprimento de determinadas condições por ela estabelecidas. A relação da revista com os diferentes governos brasileiros teve uma linha de coerência inarredável em torno de seu programa, com embates permanentes na busca de sua aplicação. Mesmo quando há apoio, a cobrança é permanente e sistemática contra quaisquer desvios. Sua ação chega a ser de policiamento, denunciando em suas páginas qualquer medida contra o programa em curso, ou ainda buscando desestabilizar medidas governamentais, como foi prática durante o governo de Itamar Franco.

Durante o governo Collor se iniciaram essas práticas, em consonância com o crescimento de vendas da revista. O impeachment viria a dar impulso à propaganda da revista pregando sua suposta independência. No entanto, foi demonstrado que a sua atuação foi sistemática em torno da manutenção de Collor no governo, em nome da governabilidade e da estabilidade, imprescindíveis para o aprofundamento do programa neoliberal. Apenas quando se tornou insustentável, às vésperas do impeachment *Veja* solicitou a renúncia do presidente. A preocupação que se colocava era empossar Itamar Franco, evitando riscos de mobilizações populares que exigiam novas eleições. Mas isso sequer apareceu nas páginas da revista.

Durante o governo de Itamar Franco, a posição da revista se manteve coerente. Embora Franco tenha sido eleito no mesmo processo eleitoral que Collor, a revista quando se decidiu pela defesa do impeachment, apoiou incontestavelmente a nomeação de Franco. Já no governo, buscou vincular o novo presidente com o mesmo projeto que estava sendo posto em prática e fora parcialmente interrompido pelas denúncias de corrupção. Embora Franco

coloque em práticas importantes medidas neoliberais, dando continuidade ao programa de privatizações, *Veja* foi extremamente crítica com ele, e não conseguiu estabelecer um diálogo da mesma forma que o fizera com Collor. Denuncia várias vezes a proximidade do governo com setores "atrasados", especialmente a FIESP, que estaria querendo "voltar no tempo" defendendo uma política industrial. Foi com uma marcação cerrada que a revista seguiu os passos do governo e sua aproximação com estes setores. Das suas medidas a primeira elogiada por *Veja* foi a escolha de Cardoso para o Ministério da Fazenda, seguido da criação do Plano Real. A partir daí, passa a tratar como interlocutor não o presidente, mas o Ministro, a quem faz o possível para eleger sucessor.

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso há convergência de interesses e posições entre o governo e a revista. É insuficiente dizer que o presidente era influenciado pela revista; tampouco o contrário resolve. Há um sentido dirigente compartilhado pelos dois (embora não formalmente), que são vinculados ao mesmo think tank, o Fórum Nacional, e é relevante lembrar que FHC era do Conselho Fundador do Fórum Nacional. Foi neste governo que se consolidou a opção neoliberal. E foi nele também que ocorreram as grandes crises do capital: mexicana, asiática, russa, brasileira. Nestes momentos de dificuldades, a revista se colocou ao lado do governo, apoiando sempre suas medidas. A solução para os problemas gerados pela aplicação das medidas neoliberais apresentada foi sempre o aprofundamento dessas mesmas medidas.

GERENCIAMENTO

Um dos eixos norteadores de ação de *Veja* foi o gerenciamento do capital. Foram sistemáticas as ações para formar os organizadores das mudanças necessárias à ordem neoliberal. Trata-se de ensinamentos àqueles que seriam os pequenos e médios gerentes dessas medidas, que precisam aprender e introjetar as ordens, tornando-se capazes de acreditar que a única saída é a demissão, o enxugamento de postos de trabalho, o fim de direitos e o aumento de obrigações por parte dos trabalhadores que eles administram. Essa ação se dá em conjunto com os outros veículos da Editora Abril, que complementa esses ensinamentos com a revista *Exame*, por exemplo.

Os porta-vozes do neoliberalismo foram sempre privilegiados, com o sentido de gerenciar o capital. Ao longo de toda a década, a cada embate político e revés econômico, houve novas matérias, novas entrevistas, buscando convencimento, que se completam com o quadro político geral, com *Veja* sempre buscando "apontar o rumo". Aparecem conflitos com o centro do imperialismo, os Estados Unidos, enquanto centro financeiro mundial. Lá surgiram ameaças concretas de abalo ao sistema, nas crises da bolsa, no escândalo da Enron e da WordCom. Mais uma vez a revista girou em torno de si mesma, sem discutir o âmago da questão, como se estivesse sempre "jogando o capital pra frente", o livre mercado a tudo regularia, embora a exigência pelo próprio capital financeiro de mecanismos de regulação tenha mostrado alguns pontos nevrálgicos do sistema.

AÇÃO PEDAGÓGICA

Outro eixo da ação de *Veja* é a atuação pedagógica, imprenscindível a um partido que propõe formular e organizar e necessita transformar o seu projeto em senso comum. A revista tem assumido para si uma dupla responsabilidade: a atuação como educadora continuada, que tem como alvo os profissionais já formados ou em formação (nível superior); a atuação visando ampliar seu público através de projetos diretamente voltados ao público estudante (fundamental e médio). Em certa medida, trata-se da mídia assumindo para si o papel da escola, ou ainda, complementando o seu papel de educar para o capital. Por isso também há uma sistemática definição sobre a história vivida, que deve ter sempre o sentido da naturalização das relações de exploração.

Este sentido pedagógico nos parece que se centra em dois aspectos, lembrando sempre que esta é uma das funções precípuas do intelectual coletivo que é o partido político. O primeiro deles é a cobertura internacional da revista. O segundo é a ação cobertura "cultural", que propõe a formulação de um *admirável mundo novo*. Neste sentido, *Veja* pode se constituir uma excelente fonte para o estudo do senso comum formado nos anos 1990.

A cobertura internacional tem um papel altamente relevante na construção da credibilidade jornalística da revista. Não se trata da seriedade jornalística, mas na crença disseminada de que as notícias internacionais seriam mais neutras e que neste campo *Veja* seria ao menos portadora de informações. Quando fatos relevantes no cenário internacional

acontecem, há indícios de que a vendagem da revista aumenta, como ocorreu nos episódio de 11 de setembro. E esta cobertura tem também uma grande aceitação para a "atualização" dos professores do ensino fundamental e médio, que encontram na revista uma forma mais fácil e passível de ser levada à sala de aula, sobre os fenômenos da história imediata. Aqui também ela aparece como neutra, portadora da "notícia". No entanto, o que a pesquisa nos mostrou é que a cobertura de *Veja* sobre acontecimentos internacionais atendem ao modelo de propaganda: o privilégio de fontes oficiais, as razões do império como naturalmente hegemônicas, o controle das vozes dissonantes, o anticomunismo acirrado. Os diferentes casos analisados demonstraram uma coerência com a preservação da hegemonia norte-americana como gendarme mundial, vista como indispensável para a manutenção dos padrões de acumulação e reprodução do capital.

A formulação de um "admirável mundo novo" é o outro eixo de ação pedagógica. Os temas "culturais" são indissociados da economia política, posto que são essenciais para a manutenção e reprodução do sistema do capital. Eles permitem a elaboração de uma ***contra-reforma moral e intelectual***, agindo no sentido de definir um ***estilo de vida***, central para o projeto político e econômico gestado em *Veja*. Ao mesmo tempo, foram uma forma de ocultar os aspectos contraditórios da realidade, os elementos que o discurso apologético não tem como negar, e sobre eles tenta impor um pensamento homogeneizador e impedir a percepção do seu sentido contraditório: a única voz ouvida deve ser a sua e de seus agentes autorizados. Os temas das megalópoles, da miséria, da violência, são reduzidos em sua importância social, sendo apresentados como resultado de opções individuais. E é neste campo que a revista busca intervir, pois evidentemente, não está se dirigindo aos próprios miseráveis. Contra essa realidade é proposto um mundo de aparente harmonia, o *mundo do espetáculo*. A homogeneização é proposta nos diversos níveis de consumo: tecnologia, saúde, esporte, cultura, família. Todos são redutíveis a mercadorias na opção de vida que é apresentada como única possível por *Veja*.

REPRESSÃO E DESLIGITIMAÇÃO DE MOVIMENTOS

Mas, a ação pedagógica e partidária tem ainda um aspecto central: a coerção e a defesa irrestrita da repressão. Ela exige que o Estado cumpra seu papel policial, pertinente à sua

forma capitalista. Um dos eixos do Estado neoliberal é o reforço de sua ação policial, o desmantelamento dos movimentos sindicais, a cooptação dos movimentos sociais. Para isso há uma ação sistemática no sentido de desmoralizar a ação coletiva dos trabalhadores. A destruição ideológica das alternativas foi o elemento central na atuação da revista com relação aos movimentos e às lutas sociais. Por isso *Para Veja não pode haver alternativa*, do ponto de vista do seu projeto político. Por mais que tenha havido mudanças programáticas, adaptáveis às conjunturas, sua posição sempre se manteve coerente com o projeto neoliberal. Mas as alternativas se criam pelos diversos movimentos, organizações, partidos, que se colocam contra a ordem vigente, aos quais a revista rebate no seu discurso monocórdio, chamando atenção de seus aliados de classe, especialmente a classe média. Ao mesmo tempo, defende e exige a repressão e usa todas as táticas que estão ao seu alcance para deslegitimar os movimentos. Ela vai criando uma interpretação da história dos movimentos, permanentemente, dizendo que está noticiando e apresentando a verdade. Relega ao esquecimento o que quer ocultar, deturpa e manipula quando não pode esconder.

ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA DO TEMA: OS CAPÍTULOS

Os capítulos foram divididos em três partes. Na primeira parte foi feita uma introdução ao tema, com um apanhado histórico e a apresentação do objeto de pesquisa em si. No primeiro capítulo, "*imprensa, capitalismo e hegemonia: Veja na História Nacional*" discutindo as formas de apreender o objeto *Veja* a partir da concepção dita liberal da imprensa, com a qual a revista se identifica. A partir disto, se historiciza o surgimento da revista e de sua editora, mostrando que estiveram vinculadas à implantação do capital externo e das multinacionais de comunicação. Desde aquele momento, se colocaram como instrumento de uma dada visão de mundo. Era o contexto da Guerra Fria e do anticomunismo que amalgamavam o discurso acerca da realidade narrada e vivida, o que progressivamente vai sendo modificado para o discurso da "globalização". Essas mudanças são acompanhadas pelo progresso tecnológico editorial, que torna as empresas de comunicação cada vez mais dependentes do capital.

No capítulo dois *Veja definindo o que deve ser história* apresentamos a revista já no contexto deste estudo. Foram apresentadas as principais seções da revista: Carta ao Leitor

(editorial); Capas e Páginas Amarelas, quantificando quais seriam as principais características editoriais da revista. A atuação política e a criação do mundo do espetáculo foram o eixo principal da publicação nos seus distintos espaços editoriais. A análise dos editoriais nos permitiu uma relevante conclusão, a de que eles são o principal espaço para a criação do "sujeito / Veja", que permite ocultar a ação partidária da revista. Por isso, ao longo da tese sempre que há referência à "revista" ou à "Veja" é a esse sujeito, intelectual orgânico coletivo que estaremos nos referindo. O levantamento dos anunciantes da revista mostrou o peso preferencial do capital financeiro privado. Este viria a ser também um dos principais interesses defendidos pela revista ao propor e defender a implantação do modelo neoliberal.

Na segunda parte da tese tratamos do *projeto em curso e seus embates políticos*. O projeto, e seu programa político, propôs a consolidação dos preceitos neoliberais na forma possível a partir das próprias lutas políticas e sociais concretas do período. Trata-se, portanto, da dinâmica da construção de hegemonia. No capítulo três *O projeto e a sociedade política: em busca de entendimento no governo Collor.* Os parâmetros da redução da ação do Estado e sua "modernização" eram delineados e apresentados como inevitáveis. A eleição, os pacotes econômicos, a inépcia governamental, a inabilidade dos acordos intra-classe escamoteados na corrupção fizeram com que o impeachment acontecesse. No entanto, a revista teve uma atuação concreta na tentativa de que não fosse usada essa ação extrema. Quando isso não foi mais possível, foi também decisiva para a queda do presidente, e também do controle da "transição" e posse do vice-presidente. Neste capítulo apresentamos ainda o Fórum Nacional e seu papel apontando caminhos que visavam a construção da hegemonia.

No capítulo quatro, *O governo Itamar Franco: ajustando o projeto*, tivemos os embates da revista com relação ao governo que, ainda que mantendo em termos gerais o rumo neoliberal, colocava a ele alguns entraves. Além disso, a relação com o poder político foi dificultada, restando à revista a sistemática cobrança de atuação do Congresso Nacional. A tentativa de Reforma Constitucional foi o embate central por parte de *Veja*, que sistematizou propostas do Fórum Nacional, apresentando um Guia ao Congresso e à sociedade do que deveria ser feito e de que forma. Altamente relevante foi a escolha de Fernando Henrique Cardoso ao Ministério da Fazenda, solução vista com alívio pela revista. Com a criação do Plano Real, FHC passaria a ser o candidato da salvação, posto que as outras tentativas se

mostrariam infrutíferas, e enfim teria afinidade de programa, acenando com compromisso de classe.

No quinto capítulo, esses compromissos se consolidam, ao abordar os dois governos Cardoso: *Veja e FHC: a "globalização do Brasil"*. Mas, os conflitos e as contradições estiveram colados o tempo inteiro no governo, e na reelaboração programática. Desde que o governo tomou posse a crise do México apontava para abalos na configuração do capital internacional: arrasando o México, se deslocaria para outros lugares. E esse deslocamento é acompanhado como algo natural, apresentando-se o Brasil como uma possibilidade de "alocação" para esse capital. Mas para isso, se explicavam quais seriam as mudanças necessárias: privatizações, desregulamentação, reformas.

Na terceira parte da tese buscamos as outras formas de expressão desse discurso e programa, que possui uma indissociável relação entre economia, política e cultura. No capítulo seis se discute o *gerenciamento do capital: construindo a globalização*. Dois são os alvos: a construção da idéia de que "não há alternativas" para mostrar como naturais as opções tomadas. E por outra, a atuação no sentido do gerenciamento, que tem como alvo a reestruturação produtiva.

No capítulo sete, *nova ordem imperialista: a cobertura internacional de Veja*, se traz um elemento fundamental para a consolidação do discurso que se buscava hegemonizar, que são as relações imperialistas apreendidas na cobertura internacional da revista. Era necessário consolidar a visão de que mesmo sem Guerra Fria, riscos existiam e que um país em especial, centro financeiro e militar mundial, deveria exercer o papel de gendarme mundial. Para isso, os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 contribuíram de forma imbatível, e tornaram explícitas as filiações com o centro do capitalismo de *Veja*. Mas, a prévia leitura das formas de intervenção dos EUA em outros conflitos internacionais mostrou que elas deveriam atender a uma hierarquia própria, consolidada no "modelo de propaganda" imperial.

No oitavo capítulo se deslinda a construção do *admirável mundo novo de Veja*, que dá sustentação ao programa de contra-reforma moral e intelectual de todo o programa neoliberal: a criação de um novo homem, um novo consumidor, que vive com referenciais no "mundo do espetáculo". As distinções de classe são apagadas, o ideário liberal é assumido como a forma natural de resolução de qualquer conflito. Para esse ideário, a razão de ser, que deve dar base ao trabalho, é a vontade e necessidade de consumir sempre novas mercadorias.

No último capítulo desta parte e da tese se questionou, afinal, *para quem não há alternativas*? Se buscou agrupar uma série de questões que dizem respeito às contradições inerentes ao processo vivido e que são ocultadas no discurso de que "não há alternativa". No primeiro momento, a incontrolabilidade do capital gerando problemas cruciais: a miséria, a violência, o descontrole ecológico. E no segundo quadro, as lutas concretas, sociais, políticas, rebeldes ou revolucionárias que ocorreram ao longo deste período. Novamente o discurso da revista buscava desconstituir a oposição e a contradição, disseminando o medo, a apatia, a conformação social.

Por fim, um comentário se faz necessário sobre a eficiência técnica e discursiva da revista *Veja*. O padrão de qualidade por ela imposto faz com que sua aceitação mercadológica seja muito ampla. Esse padrão está vinculado a um controle estrito de tudo o que é publicado, com altos investimentos na edição da revista, que faz com que seja garantido o sentido geral do seu projeto em suas distintas seções.

A repetição, recurso pedagógico totalitário, é usada sistemática e reiteradas vezes de forma redundante, cansativa, monótona. O mesmo é dito de formas parecidas incansáveis vezes e sob vários aspectos. O convencimento acerca da aparência que é colocada como sendo a realidade histórica é a tônica de *Veja*. As duas técnicas são seu eixo: desinformação e passividade. Por isso iniciamos e concluímos com epígrafes que apontam esta ação. Ao propor *ver*, o apassivamento dos sujeitos é o objetivo final da revista. É como se com isso colocasse mordaças nos sujeitos que vivem a história que ela narra e conforma. Ela fala por eles, que devem apenas observar, jamais agir.

ODA A LA MORDAZA

NO CREO EN VOS
Mordaza
pero voy a decirte
por qué no creo

ya ves
ahora no digo
no hoy
ni ay

y sin embargo
igual destapo el verbo
respiro el grito
y armo la blasfemia

pienso
luego insisto

hago inventario
de tu alegre pálpito de la miseria
de tu crueldad sin muchas ilusiones
de tu ira lustrada
de tu miedo
porque mordaza
vos
sos muchísimo más que un trapo sucio
sos la mano tembleque que te ayuda
sos el dueño flagrante de esa mano
y hasta el dueño canalla de tu dueño

porque mordaza
sos muchisimo más que un trapo sucio
con gusto a boca libre y a puteada
sos la ley malviviente del sistema
sos la flor bienmuriente de la infamia

Pienso
luego insisto

a tu custodia quedan mis labios apretados
quedan mis incisivos
colmillos
y molares
queda mi lengua
queda mi discurso
pero no queda en cambio mi garganta

en mi garganta empiezo
por lo pronto
a ser libre
a veces trago la saliva amarga
pero no trago mi rencor sagrado

mordaza bárbara
mordaza ingenua
crees que no voy a hablar
pero sí hablo
solamente con ser
y con estar

Pienso
luego insisto

qué me importa callar
si hablamos todos
por todas partes las paredes
y por todos los signos
qué me importa callar
si ya sabés
oscura
qué me importa callar
si ya sabés
mordaza
lo que voy a decirte
porquería.

Mario BENEDETTI

BIBLIOGRAFIA

Verbetes em Dicionários e Enciclopédia

Lavabre, Marie-Claire. *Anticommunisme*. In: Dictionnaire critique du Marxisme. LABICA, Georges et BENSUSSAN, Gérard. (Dir). Paris, Presses Universitaires de France.12ª ed.

VELAZQUEZ, Muza Clara Chaves e KUSHNIR, Beatriz. *Veja*. In: Dicionário histórico-bibliográfico brasileiro pós 1930. Coordenação: Alzira Alves de Abreu (et al). Ed. Rev. E atual. Rio de Janeiro, EFGV, CPDOC, 2001, 5v.

Livros e Capítulos de Livros

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

ALVEAL, Carmen. *Os desbravadores*: e a construção do Brasil industrial. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Anpocs, 1994.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa, Estado Autoritário* (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru, EDUSC, 1999.

ARBEX JR. José. *O jornalismo canalha*: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo, Casa Amarela, 2003.

ARBEX JR. José. *Showrnalismo*: a notícia como espetáculo. São Paulo, Casa Amarela, 2001.

ASSMANN, Hugo (et al). *A Trilateral*: nova fase do capitalismo mundial. Petrópolis, Vozes, 1979.

BATISTA JR. Paulo Nogueira. *A economia como ela é...* São Paulo, Boitempo, 2001.

BERTRAND, Claude-Jean. *A deontologia das mídias*. Bauru, EDUSC, 1999.

BIANCHI, Álvaro. (et al). *A crise brasileira e o governo FHC*. São Paulo, Xamã, 1997.

BIANCHI. Álvaro. *Hegemonia em construção*: a trajetória do PNBE. São Paulo, Xamã, 2001.

BIONDI. Aloysio. *O Brasil privatizado*. Ed. Especial. São Paulo, Perseu Abramo, 2001.

BOCAYUVA, Pedro Claudio Cunca (Org.). *Afinal, que país é este?* Rio de Janeiro, DP & A, 1999.

BOITO JR, Armando. *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: Michel J M Thiollent. *Crítica metodológica, investigação social & enquete operária*. 5ª ed. São Paulo, Polis, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos*: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

CAREY, John. *Os intelectuais e as massas*. São Paulo, Ars Poética, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo*: imprensa paulista 1920-1945, São Paulo: Brasiliense, 1989. 258p.

CHESNAIS, François. Tobin or not Tobin? Porque tributar o capital financeiro internacional em apoio aos cidadãos. São Paulo, Unesp, 1999.

CHESNAIS, François. (Org.). *A mundialização financeira*: gênese, custos e riscos. São Paulo, Xamã, 1998.

CHESNEAUX, Jean. *Modernidade mundo*. Petrópolis, Vozes. 1995.

CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. São Paulo, Rio de Janeiro, Record, 2003.

CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Propaganda e consciência popular*. Entrevistas a David Barsamian. Bauru, EDUSC, 2003.

CHOMSKY, Noam. *Uma nova geração define o limite*: os verdadeiros critérios das potências ocidentais para suas intervenções militares. São Paulo, Rio de Janeiro, 2003.

COIMBRA, Cecília. *Operação Rio*: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Niterói, Intertexto, Oficina do Autor, 2001.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação*: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2002.

DEBORD. Guy. *A sociedade do espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto. 1997.

DOWBOR, Ladislau. IANNI, Octavio, ANTAS JR, Ricardo Mendes. (Orgs). *Estados Unidos*: a supremacia contestada. São Paulo, Cortez, 2003.

DREIFUSS, René Armand. *A época das perplexidades*: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

DREIFUSS, René. *A Internacional Capitalista*: estratégias e táticas do empresariado transnacional. 1918-1986. Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1986.

DREIFUSS, René. *O jogo da direita*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1989.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classes*. Petrópolis, Vozes, 1981.

FARO, J. S. *Revista Realidade*. 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre, Age / Ulbra, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação & Mídia impressa*: estudos sobre a AIDS. São Paulo, Hacker, 1999.

FIGUEIREDO. Anna Cristina Camargo Moraes. *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec, USP, 1998.

FLICHY, P. *Las multinacionales del audiovisual*. Por un analisis económico de los media. Barcelona, GG Mass Media, 1982.

FONTENELLE, Isleide Arruda. *O nome da marca*: McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo, Boitempo, 2002.

FONTES, Virginia. Propaganda y proyecto político en el Estado Novo. El departamiento de prensa y propaganda - DIP. In: ANSALDI, Waldo (Coor). *Calidoscópio latinoamericano*: imágenes históricas para un debate vigente. Buenos Aires, Ariel, 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*: para uma teoria marxista do jornalismo. 2ª ed. Brasília, Ortiz, 1989.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Vl. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Vl 3. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Vl. 2. Caderno 24 (1934). Jornalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Temas de cultura. Ação Católica, Americanismo e fordismo. Vl. 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

GUSMÃO, Sérgio Buarque de. *Jornalismo de investigação*: o caso Quércia. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1993.

HERMAN, Edward S. e CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público*: política e poder econômico no uso da mídia. São Paulo, Futura, 2003.

HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. 14ª ed. Porto Alegre, Ortiz, 1991.

HESTER, Al. As agências noticiosas ocidentais: problemas e oportunidades nas notícias internacionais. In: MATTA, Fernando Reyes. (Org.). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

HISRST, Paul e THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão*. 4ª edição. Petrópolis, Vozes, 2002.

HOUTART, François y POLET, François (cord.). *El outro Davos*: globalización de resistências y de luchas. México, Plaza y Valdes, 2001.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. 15ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1987. P. 5.

JAMESON, Frederic. *A cultura do dinheiro*: ensaios sobre a globalização. Petrópolis, Vozes, 2001.

JAMESON, Frederic. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e poder*: ligações perigosas. Edufba, Hucitec, Salvador, São Paulo, 1996.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, EDUSC, 2001.

KLEIN, Naomi. *Cercas e janelas*: na linha de frente do debate sobre globalização. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003.

KLEIN, Naomi. *Sem logo*: a tirania das marcas em um planeta vendido. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003.

KOTSCHO, Mara Nogueira. *A cabeça do brasileiro*: uma análise das pesquisas de opinião pública. Petrópolis, Vozes, 1986.

KOUTZII, Flavio. (Org.). *Nova República*: um balanço. Porto Alegre, L&PM, 1986.

KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*: ética no jornalismo brasileiro. São Paulo, Perseu Abramo. 1ª reimp. 1998.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda*: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo, Boitempo, 2004.

LAS sociedades multinacionales. Orígenes. Desarrollo. Influencia. Firmas. Historia. Estratégias. Grandes sectores. Barcelona, Noguer, 1977.

Le Monde Diplomatique. *Pensamiento crítico versus pensamiento único*. Edición Española. Madrid, Vegap, 1998.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Et all. *Em defesa do interesse nacional*: desinformação e alienação do patrimônio público. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

LIMA, Venício de. *Mídia*: teoria e política. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOPES, Dirceu Fernandes. PROENÇA, José Luiz. (Orgs) *Jornalismo investigativo*. São

Paulo, Publisher, 2003.
LOUREIRO, Maria Rita. *Os economistas no governo*: gestão econômica e democracia. Rio de Janeiro, FGV, 1997.
MAESTRI, Mario. *Por que Paulo Coelho teve sucesso*. Porto Alegre, AGE, 1999. P. 102.
MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa*: os comunistas no imaginário dos jornais. 1922-1989. São Paulo, Revan, 1998.
MARTIN-BARBEDO, Jesus. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.
MARX, Karl. *A liberdade de imprensa*. Porto Alegre, L&PM, 1980.
MARX, Karl. ENGELS, F. *A ideologia alemã* (Feuerbach). 11ª ed. São Paulo, Hucitec, 1999.
MARX, Karl. *O capital*. Crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital. V. II. São Paulo, Bertrand Brasil, 1987.
MATELLART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. 5a ed. São Paulo,Loyola, 2002.
MATTA, Fernando Reyes. A evolução histórica das agências transnacionais e notícias no sentido da dominação. In: MATTA, Fernando Reyes. (Org.). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Bauru, EDUSC, 2000.
MATTELART, Armand. *As multinacionais da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
MATTELART, Armand. *Comunicação-mundo*: história as idéias e das estratégias. Petrópolis, Vozes, 1994.
MATTELART, Armand. *Multinacionais e sistemas de comunicação*: os aparelhos ideológicos do imperialismo. São Paulo, Ciências Humanas, 1976.
MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2002.
MÉSZÁROS, István. *O século XXI*: socialismo ou barbárie. São Paulo, Boitempo, 2003.
MÉSZÁROS, István. *Para além do capital:* rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp, 2002. (Edição Original inglesa de 1995).
MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo, Olho d'água, FAPESP, 2001.
MIROW, Kurt Rodulf. *A ditadura dos cartéis* (anatomia de um subdesenvolvimento). São Paulo, Civilização Brasileira, 1978.
MOORE, Michael. *Stupid White men*: uma nação de idiotas. 4ª ed. São Paulo, Francis, 2003.
MOORE, Michael. *Cara, cadê o meu país?* São Paulo, Francis, 2004.
MORAES, Dênis de (Org.) *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande, Letra Livre, 1997.
MORAES, Dênis de. (org) *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2003.
MORAES, Dênis de. *O concreto e o virtual*: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
MORAES, Dênis de. *Planeta mídia*: tendências da comunicação na era global. Campo Grande, Letra livre, 1998.
MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em 'tempo real'*: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002.
MOTTA, Luiz Gonzaga. (Org). *Imprensa e poder*. Brasília, EDUnB; São Paulo, Imprensa

Oficial, 2002.
OLIVEIRA, Francisco de. *Collor*: a falsificação da ira. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
OLIVEIRA, Francisco de. *Os direitos do antivalor*: a economia política da hegemonia imperfeita. Petrópolis, Vozes, 1998.
OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. *O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo. 2003.
ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1988.
PAILLET, Marc. *Jornalismo*: O Quarto Poder. São Paulo, Brasiliense, 1986.
PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo, Record, 2000.
PETRAS, James. *Ensaios contra a ordem*. São Paulo, Scritta, 1995.
PETRAS, James. Os fundamentos do neoliberalismo. In: RAMPINELLI, Waldir José e OURIQUES, Nildo Domingos. *No fio da navalha*: críticas das reformas neoliberais de FHC. São Paulo, Xamã, 1997. 2ª ed.
PINTO, Milton José. *Comunicação & Discurso*. 2ª ed. São Paulo, Hacker, 2002.
POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. 4ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
QUESSADA, Dominique. *O poder da publicidade na sociedade consumida pelas marcas*: como a globalização impõe produtos, sonhos e ilusões. São Paulo, Futura, 2003.
RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
RAMONET, Ignácio. *Geopolítica do caos*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
RAMONET, Ignácio. *Guerras silenciosas*: novos temores e novas ameaças. Petrópolis, Vozes, 2003.
RAMONET, Ignácio. *Propagandas silenciosas*: massas, televisão, cinema. Petrópolis, Vozes, 2002.
RAMPINELLI, Waldir José e OURIQUES, Nildo Domingos. *No fio da navalha*: críticas das reformas neoliberais de FHC. 2ª ed. São Paulo, Xamã, 1997.
REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. História e pensamento único. In: *A memória e o ensino de história*. Santa Cruz do Sul, ANPUH/RS, 2000.
RÜDIGER, Francisco. *Fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno*. 2ª ed. Revista e ampliada. Porto Alegre, EDIPCRS, 2002. Coleção comunicação, 19.
RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre, EDUFRGS, 1996.
RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre, EDUFRGS, 1993.
SADER, Emir. e GENTILI, Pablo. (org.). *Pós-neoliberalismo II*. Que Estado para que democracia? 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2001.
SAES, Décio. *República do capital*: capitalismo e processo político no Brasil. Sp, Boitempo, 2001.
SANTOS, Theotonio dos. *Imperialismo e corporações multinacionais*. São Paulo, Paz e Terra, 1977.
SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1997.
SEOANE, José e TADDEI, Emilio. *Resistências mundiais*: de Seattle a Porto Alegre. Petrópolis, Vozes, 2001.
SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora*: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo, Summus, 1991.

SINGER, André. *Esquerda e direita no eleitorado Brasileiro*. São Paulo, EDUSP, FAPESP, 2000.

SOARES, Jurandir. *Iugoslávia*: Guerra Civil e desintegração. Porto Alegre, Novo Século, 1999.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*: uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis, Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, mídia e violência*. Porto Alegre, EDIPUCRS, FAMECOS, Sulina, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

SOMAVIA, Juan. A estrutura transnacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, Fernando Reyes. (Org.). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

SOSNOWSKI, S. E SCHWARTZ, J. (Orgs). *Brasil*: o trânsito da memória. São Paulo, EDUSP, 1994.

TALESE, Gay. *O reino e o poder*: uma história do New York Times. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento*: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TAVARES, Maria da Conceição. Globalização e estado nacional. In: GAMBINA, Julio. (Comp.). *La globalización económico-financeira*. Su impacto en América Latina. Buenos Aires. Clacso, 2002.

TODD. *Versões do SDS*. Primavera de 1965. The whole worls is watching: mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley (etc): University of Califórnia Press, 1980. cap. 2, Versions of SDS, spring 1965. (32-77). Tradução de MTGF de Albuquerque e FFL A de Albuquerque. Rev. Técnica de Afonso de Albuquerque.

TONUS, Loraci Hofmann. *Escola pública e imprensa neoliberal*: o caso da revista *Veja*. Curitiba, HD Livros, 2001.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Collor: a cocaína dos pobres*. A nova cara da direita. São Paulo, Ícone, 1989.

WAINBERG, Jacques. *Casa Grande e Senzala com antena parabólica*: telecomunicação e o Brasil. Porto Alegre, EDIPUCRS, Famecos, 2001.

HORVATH, Ricardo. *Revolución y periodismo*. Buenos Aires. Centro Cultural de la cooperación. 2003.

Artigos em Revistas e Revistas

AMARAL, Roberto. Imprensa e controle da opinião pública (informação e representação popular no mundo globalizado). *Comunicação & política*, v. VII, n. 3. (129 – 115).

ANTUNES, Ricardo. A “Terceira Via” de “Tory” Blair: a outra face do neoliberalismo inglês. *Outubro*, 1999, n.3, (31 – 52).

CHESNAIS, François. Mundialização do capital, regime de acumulação predominantemente financeira e programa de ruptura com o neoliberalismo. *Revista da sociedade brasileira de Economia política*. Rio de Janeiro. N. 1, v.1, 1997. (7 - 34).

DINIZ, Eli e BOSCHI, Renato. O Legislativo como arena de interesses organizados: a atuação dos *lobbies* empresariais. LOCUS: revista de história. Juiz de Fora, v. 5, n.1, 1999. (7 - 32).

FADUL, Anamaria. A internacionalização da mídia brasileira. *Comunicação & Sociedade*. Identidades comunicacionais. N. 30, 1998. (69 - 76).

FADUL, Anamaria. A internacionalização dos grupos de mídia no Brasil dos anos 90. *Comunicação e sociedade*, n. 29, 1998. (69 - 91).

FONSECA, Marília. O Banco Mundial e a justiça social no terceiro mundo. *Universidade e e sociedade*. Ano X, n.23, fev/2001. p. 14 - 20.

FONSECA, Virginia da Silveira. Os jornalistas e a legitimação da ideologia hegemônica. *Sociais e Humanas*. Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas. Santa Maria, v.11. n.2, dez/1998. (17 - 32).

PADRÓS, Enrique Serra. Ditaduras militares e neoliberalismo. Relações explícitas nos *descaminhos* da América Latina. *Ciências e Letras*. Porto Alegre. Especial, 16. 1996. (67-92).

PALHA, Cássia Rita Louro. Na hegemonia cultural de Antonio Gramsci, uma leitura da mídia televisiva, da História e da educação. *Métis*: história & cultura. V.1, n.1, jan/jun 2002. (11-23).

PEREIRA JR. Alfredo Eurico e MÜLLER, Karla Maria. Conotações ideológicas da expressão *acadêmico* na revista Veja. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 12, junho 2000. (111-125).

ROCHA, Ronald. Os cartórios e a miséria da crítica neoliberal. *Práxis*. Jul-ago-set 1997, n.9, ano IV. (5-35).

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Eleições e (idade) mídia no Brasil. *Universidade e Sociedade*. Ano XI, n.25, dez/2001. (55 – 63).

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Indústria cultural e cultura brasileira: pela utilização do conceito de hegemonia cultural. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro, n. 25, v.III, jul/80. (167-194).

Voces y culturas. Revista de comunicación. N.17, 1 semestre 2001. Periodismo, economia y debate público.

WOOD, Ellen Meiksins. O que é (anti)capitalismo? *Crítica marxista*. 17. Revan, nov/2003. (37-50).

Teses e Dissertações

ALBUQUERQUE, Afonso de. *A batalha pela presidência*. O horário gratuito de propaganda eleitoral na campanha de 1989. Doutorado em Comunicação e Cultura da UFRJ, 1996.

ALVES, Ronaldo Sávio Paes. *Legitimação, publicidade e dominação ideológica no governo Médici* (1969-1974): a participação da iniciativa privada no esforço de legitimação. Estudo de inserções publicitárias na mídia impressa. Dissertação de Mestrado em História, Niterói, UFF, 2000.

ARAGÃO, Daniella. *Novas mídias*: a síndrome do círculo vicioso: evolução e apropriação de modelos entre novas e velhas mídias. Mestrado ECA/USP, 2001.

BATISTA, Mônica Maria Rangel. *Política de comunicação e reordenação econômica das organizações Globo na era "neoliberal"*. Dissertação de Mestrado Comunicação, Imagem e Informação, UFF, 2000.

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa. *Desconcentração industrial regional no Brasil* (1985 – 1998): pausa ou retrocesso? Tese de Doutorado em Economia. Campinas, Unicamp, 2002.

CARVALHO, André Luiz Piva de. *Quadros maquiados: gênese e produção de sentido da imagem impressa em revistas tendo como modelo a narrativa das capas da revista VEJA enfocando Fernando Collor de Melo.* São Paulo. Dissertação de Mestrado – ECA/USP. 1998.

CARVALHO, Vanderlei Souza. *Imprensa e neoliberalismo no Brasil* (1995-1998): o posicionamento da revista Veja no primeiro governo FHC. Dissertação de Mestrado em Cultura, ideologia e representação política. Campinas, UNICAMP, 2004.

CUNHA, Vitor Paolozzi Sérvulo da. *Ah, eu tô maluco!* A torcida organizada de "O Estado de São Paulo", "O Globo", "Jornal do Brasil", "Época", "Isto É" e "Veja" por FHC e seus pecados na cobertura da eleição presidencial de 1998. Doutorado ECA/USP, 2002.

DIAS, Luiz Antonio. *O poder da imprensa e a imprensa do poder*: a *Folha de São Paulo* e o golpe de 1964. Dissertação em História. Assis, UNESP, 1993.

FERREIRA, Soraya Venegas. *A Imagem de Collor nas capas da revista VEJA – construção, consolidação e queda de um mito.* Dissertação de mestrado. UFRJ Rio de Janeiro. Eco. 1996.

FONSECA, Francisco César Pinto da. *A imprensa liberal na transição democrática* (1984-1987): projeto político e estratégias de convencimento. (revista *Visão* e jornal *O Estado de São Paulo*). Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Campinas, Unicamp, 1994.

FONSECA, Francisco César Pinto da. *Divulgadores e vulgarizadores*: a grande imprensa e a constituição da hegemonia ultraliberal no Brasil. Doutorado em História USP, 2001.

FREITAS, Jorge Roberto Martins. *A entrevista nas páginas amarelas da revista Veja*: a imagem do milagre econômico sob o ponto de vista do primeiro newmagazine brasileiro. Mestrado em Comunicação, UFRJ, 1989.

GAZZOTTI, Juliana. *Imprensa e ditadura*: a revista Veja e os governos militares (1968-1985). Mestrado em Ciências Sociais / Universidade Federal de São Carlos, 1998.

GENTIL, Rogério Henriques. *Reflexões sobre a importância política educacional das revistas*. Mestrado em Educação, 1999.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Um texto icônico-verbal por semana*: vendo / lendo capas de Veja. Dissertação ECA/USP, 1992.

HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização*: Uma análise semiótica. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001.

LONGO, Leila Souto de Castro. *A república dos velhacos*: o discurso e a verdade: uma análise semiológica da mídia impressa. Doutorado Comunicação, UFRJ, 1999.

MACHADO, Gustavo Viana. *A burguesia brasileira e a incorporação da agenda liberal nos anos 90*. Dissertação de Mestrado em Economia. Campinas, Unicamp, 2002.

MACHADO, Maria Eunice de Godoy. *Análise do discurso da Revista Veja acerca da Igreja Católica no Brasil:* estudo da concepção da igreja Católica nas reportagens da Revista Veja, publicadas entre julho de 1998 e julho de 1999. Mestrado ECA/USP, 2002.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. *Veja, Isto É, leia*: a imagem e a imagem (sic) nos discursos de capa das revistas Veja e Isto É: a disputa de sentido no episódio das mortes de Paulo César Farias e Suzana Marcolino. Mestrado em Comunicação, UFRJ, 1998.

MARTINS, Elaine de Almeida. *O agudo acorde do violino*: governabilidade e estabilidade na gestão Fernando Henrique Cardoso. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Niterói, UFF, 2002.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas*: ação e relação em Veja e Manchete. Mestrado ECA/USP, 1999.

PENNA, Maria Auxiliadora. *A greve universitária de 98 e o discurso jornalístico*. Dissertação em Letras, UFF, 1998.

PERES, Liege Socorro Albuquerque. *O período Collor*: análise da cobertura das revistas Veja e Isto é de antes da eleição presidencial até o impeachment. Mestrado Ciências Políticas USP, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro nos anos 50*. Tese de Doutorado, UFRJ, Escola de Comunicação, 2000.

SÁ, Roberto Boaventura da Silva. *A revista Veja na campanha eleitoral de 1989*: anúncios publicitários como extensão de textos jornalísticos. Doutorado, ECA/USP, 2002.

SILVEIRA, Caren Santos. *Aspectos de organicidade entre formas discursivas de oposição veiculadas na revista Veja nos anos 80*. Dissertação de Mestrado em História, Porto Alegre, PUCRS, 2003.

SOUZA, Eduardo Ferreira de. *O discurso de "VEJA" e o MST*: do silêncio à satanização. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUCSP. São Paulo, 2001.

SPARANO, Marcos. *A repressão às "drogas" nas páginas de Veja* (1968-1982). Niterói, Mestrado em História, UFF, 2002.

Monografias

AGUIAR. Leila Bianchi. "*Não se trata de uma ameaça, mas...*" Um estudo das declarações dos ministros militares durante o governo Sarney. Textos CPDOC, 34, 1999.

CARUSO, Danilo Spinola. *As bases de sustentação econômica dos veículos de comunicação de massa no Brasil.* Monografia de Conclusão de Curso. Niterói, UFF, 2003.

FROEDER, Lalisa. *Os limites da manipulação digital de imagens no jornalismo impresso*. Monografia de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Jornalismo PUCRS, junho de 2000.

MARTINS, Selma Duarte. *Veja e Caros Amigos*: um estudo sobre a grande imprensa e a imprensa alternativa. Trabalho de Conclusão de Curso. 2001. Marechal Candido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SILVA, Luciana Kraemer. *Uma análise sobre os eventos que marcaram o golpe de agosto na União Soviética em 1991* (através das revistas isto é Senhor, Veja, Time e Le Point). Monografia de Conclusão de Curso, Porto Alegre, FABICO / UFRGS, 1992.

Artigos em Periódicos de Imprensa e Internet

ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro "Quarto poder": imprensa e compromisso político no Brasil. Comunicação & Política & Cultura, p. 3.

ALMEIDA, Paulo Roberto. O Brasil e o FMI de 1944 a 2002: um relacionamento feito de altos e baixos. www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1-1/brasilfmi.htm

BENEDETTI, Mario. Poder político da informação. *Muito +*. São Paulo, nov/2001. (15)

BENJAMIN, César e RIBEIRO, Rômulo T. as relações do Brasil com o FMI. www.outrobrasil.net

CHOSSUDOVSKY, Michel. *As pistas do 'osamagate'*. Cadernos Le Monde Diplomatique, n. 3, janeiro 2002, (10 – 17).

Fórum: outro mundo em debate. Publisher Brasil, n.5, 2002.

FRONTEIRAS. Dossiê Relações de Trabalho. Ano IV, n. 8, maio / 2000. Marechal Candido Rondon.

LE monde diplomatique. Globalização e mundo do trabalho. Diplô Brasil. Caderno de Debates do LE monde diplomatique. N.1. setembro de 2000.

Lobato, Elvira. Mídia nacional acumula dívida de R$10 bi. FSP, Folha Dinheiro, 15/2/2004. Dívida da mídia brasileira. Renata de Freitas. Reuters. www.vieiraceneviva.com.br/imprensa/noticia_32.html.

MAESTRI, Mario e JAKOBKIND, Mario. A historiografia envergonhada. *La insígnia*. 3/5/2003.

MAGNO, Carlos. Entrevista com Mino Carta. *Muito +*. São Paulo, nov/2001. (14- 17).

MASCHINO, Maurice. Intelectuais da mídia, os novos reacionários. Cadernoi. (ultimosegundo.ig.com.br/home/cadernoi). Publicação autorizada do Diplô.

McCHESNEY, Robert. Nove irmãs nas comunicações. *Reportagem*. 6/1/2000.

PINTO, Lucio Flavio. O esquema Marinho. www.exactaexpress.br/globo.htm. Centro de Mídia Independente.

RAMONET, Ignácio. Os novos imperadores da mídia. *Le monde diplomatique*. Edição Brasileira, ano 3, n. 35. Editorial.

RODRIGUES, Alberto Tosi. O impeachment do Presidente Collor. www.politica.pro.br/art_tosi_imp.rtf

SOUZA, Ulysses Alves de. A história secreta de Veja. *Imprensa*, setembro 1988 (75-105.).

Sites de documentos na internet:

Abril: www.abril.com.br
Andes, Sindicato Nacional: www.andes.ogr.br
Dieese: www.dieese.org.br
Folha de São Paulo: www1folha.uol.com.br
Fórum Nacional: www.inae.org.br
Médicos Sem Fronteiras: www.msf.org.br
Mídia Dados: www.gm.org.br
Veja: www.veja.com.br

Outras fontes

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

BRADLEY, Duane. *A imprensa*: sua importância na democracia. Rio de Janeiro, Cruzeiro, 1966.

BUCCI. Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.
Cadernos de Jornalismo e Comunicação. Edições Jornal do Brasil, n.11, junho de 1968.
Cadernos de Jornalismo e Comunicação. Edições Jornal do Brasil, n.12, julho de 1968.
CAMPOS, Roberto. *Reflexões do crepúsculo*. Ensaios. Rio de Janeiro, Topbooks, 1991.
CARTA, Mino. *O castelo de âmbar*. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2000.
CHAGAS, Carmo; MAYRINCK, José Maria; PINHEIRO, Luiz Adolfo. *3 x 30*: os bastidores da imprensa brasileira. São Paulo, Círculo do Livro, 1992.
CLARET, Martins (Coord.). *O fenômeno Collor*. São Paulo, Martins Claret, 1989.
CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
COSTA, Caio Túlio. *O relógio de Pascal*: a experiência do primeiro ombudsman na imprensa brasileira. São Paulo, Siciliano, 1991.
COURTOIS, Stéphane. (et all). *O livro negro do comunismo*: crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
Declaração dos direitos do homem. A Revolução Francesa, 1789-1989. São Paulo, Editora Três, 1989, p. 146.
DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.
KANITZ, Stephen (org.), CASTRO, Cláudio de Moura, ALENCASTRO, Luiz Felipe, CAMPOS, Roberto. *Ponto de Vista*. São Paulo, Senac, 2000.
MANTEGA, Guido e REGO, José Marcio. *Conversas com economistas brasileiros II*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
NASSIF, Luis. *O jornalismo dos anos 90*. São Paulo, Futura, 2003.
POMAR, Wladimir. *Quase lá*: Lula, o susto das elites. São Paulo, Brasil Urgente, 1990.
Quem é quem na economia brasileira. Visão, São Paulo, 22/ago/1977.
Quem é quem na economia brasileira. Visão, São Paulo, 27/ago/1979.
Quem é quem na economia brasileira. Visão, São Paulo, 28/ago/1978.
Quem é quem na economia brasileira. Visão, São Paulo, 31/ago/1976.
RABELO, Genival. *O capital estrangeiro na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 196?
VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Brasil*: a solução positiva. São Paulo, Abril - TEC, 1978.
VEJA. *Reflexões para o futuro*. São Paulo, Abril, 1998.
WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*: memórias de um repórter. 6ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1987.
WORLD BANK. *Globalização, crescimento e pobreza*: a visão do Banco Mundial sobre os efeitos da globalização. São Paulo, Futura, 2003.

Publicações do Fórum Nacional

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *A crise brasileira e a modernização da sociedade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *A nova ordem internacional e a terceira revolução industrial*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.
VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *As perspectivas do Brasil e o novo governo*. São Paulo, Nobel, 1990.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *Estabilidade e crescimento*: os desafios do Real. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *Estratégia industrial e retomada do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *O Brasil e as reformas políticas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.) *O Real e o futuro da economia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. (Coord.). *O brasileiro no limiar do novo século*. vl. 2. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. (Coord.) *Governabilidade & Reformas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. (Coord.) *Modernidade e pobreza*. São Paulo, Nobel, 1994.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. FRITSCH, Winston. (Coord.) *A nova inserção internacional do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

VELLOSO, João Paulo dos Reis. *Inovação e sociedade*: uma estratégia de desenvolvimento com equidade para o Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

VELLOSO, João Paulo dos Reis e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. (Coord). Pobreza, cidadania e segurança. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.

ANEXOS: (Arquivo em separado na versão accrobat)